VICTOR HUGO

OS MISERÁVEIS

Centaur

PRIMEIRA PARTE — FANTINE

LIVRO PRIMEIRO — UM JUSTO

I — O abade Myriel

Em 1815, era bispo de Digne o reverendo Carlos Francisco Bemvindo Myriel, o qual contava setenta e cinco anos de idade, e que desde 1806 ocupava aquela diocese.

Embora seja estranho ao enredo desta história, não será demais referir, ainda que não seja senão para sermos exactos, os diversos boatos e conversas que tinham circulado a seu respeito, quando da sua chegada à diocese. Verdade ou não, o que se diz a respeito dos homens, ocupa muitas vezes na sua vida e, muito mais, no seu destino, um lugar tão importante como o mesmo que eles têm.

Segundo se dizia, Carlos Myriel era filho de um juiz da Relação de Aix (aristocracia de toga) que, tendo-o destinado para sucessor do cargo que exercia, o casara muito novo ainda, apenas com dezoito ou vinte anos, como é costume em famílias pertencentes à magistratura.

Apesar de casado, Carlos Myriel, pequeno de estatura, mas de agradável presença, elegante e muito espirituoso, dera, ao que constava, bastante que falar de si, por continuar dedicando a sua existência aos prazeres mundanos. Rebentou a revolução e os acontecimentos precipitaram-se rapidamente; as famílias dos magistrados dizimadas, expulsas, perseguidas, fugiram. Logo nos primeiros dias da revolução, Carlos Myriel emigrou para Itália, onde sua mulher sucumbiu, devido a uma afecção pulmonar de que há muito sofria, deixando-o sem descendência. Que se passou depois disto na vida de Carlos Myriel? Dar-se-ia o caso da ruína da antiga sociedade francesa, a decadência da própria família, os trágicos acontecimentos de 93, talvez ainda mais pavorosos para os emigrados que os viam de longe aumentados pelo terror, lhe terem feito germinar no espírito ideias de solidão e de renúncia? Teria sido no meio das afeições e distracções em que ocupava a vida, alcançado subitamente por algum desses terríveis e misteriosos golpes, que às vezes vão direitos ao coração e fazem derribar o homem que as catástrofes públicas, mesmo ferindo-lhe a existência e a fortuna, não seriam capazes de abalar? Era impossível dizê-lo; o que se sabia é que, quando regressou de Itália, vinha padre.

Em 1804, Carlos Myriel, já de idade avançada, era pároco da igreja de Brignolles e vivia na mais completa solidão.

Por ocasião da coroação teve de ir a Paris por causa de uma pequena pretensão, a que andava ligado o interesse da sua paróquia. Entre as pessoas de influência, cuja protecção solicitou em favor dos seus paroquianos, contava-

se o cardeal Tesch. Num dia em que o imperador foi visitar seu tio, encontrou-se na passagem com o digno eclesiástico, que aguardava na antecâmara ocasião oportuna para ser admitido à audiência. Napoleão, notando a insistência com que aquele velho o observava, voltou-se de repente e perguntou:

— Quem é este homem que não deixa de olhar para mim?

— Sire — disse Myriel — Vossa Majestade reparou num pobre insignificante, eu olho para um grande homem. Podemos ambos aproveitar.

Nessa mesma noite, o imperador perguntou ao cardeal o nome do abade e, pouco tempo depois, Carlos Myriel, surpreendido, recebeu a notícia de que havia sido nomeado bispo de Digne.

Até que ponto, porém, era verdade o que se dizia relativamente à primeira parte da existência daquele homem? Ninguém o sabia, porque poucas famílias haviam conhecido a dele antes da revolução.

Apesar de bispo e mesmo por o ser, Myriel teve de resignar-se à sorte de todas as pessoas que chegam a uma cidade pequena, onde é maior o número de bocas que falam do que cabeças que pensam. No fim de tudo, porém, as conversas em que o seu nome andava envolvido, não passavam de boatos.

Fosse como fosse, decorridos nove anos de episcopado e de residência em Digne, todos esses mexericos, que nos primeiros tempos são o objecto constante das conversas entre o povo das terras pequenas, caíram em tão profundo esquecimento, que já ninguém ousava repeti-los, nem sequer recordar-se deles.

O reverendo Myriel veio para Digne acompanhado de sua irmã Baptistina, mais nova do que ele dez anos e uma criada da mesma idade da irmã, chamada Magloire, a qual passara a exercer as duplas funções de criada grave da senhora e dispenseira do novo bispo.

Alta, magra, pálida, delicada e afável, Baptistina, embora se não pudesse chamar o tipo da mulher veneranda, porque para isso era necessário que fosse mãe, realizava, todavia, a mais completa expressão da palavra *respeitável.* Nunca fora bonita, mas a sua existência, que se resumia numa longa série de obras de caridade, revestira-se, por fim, de uma espécie de alvura luminosa que lhe dava, depois de velha, aquilo a que poderemos chamar a *beleza* da bondade. O que na sua mocidade fora magreza, tornou-se na velhice em transparência, através da qual, como de um véu, se entrevia um anjo. Era em si mesma mais que uma virgem, era uma alma. O seu vulto parecia feito de sombra; apenas o corpo necessário para determinar o sexo; era pequena porção de matéria contendo uma chama celeste; olhos grandes e sempre fitos no chão, um pretexto para uma alma andar na terra.

Magloire era uma velhinha baixa e muito gorda, sempre atarefada, sempre arquejante, não só por efeito da sua muita actividade, mas em consequência dos seus padecimentos asmáticos.

Apenas chegou a Digne, o novo prelado tomou posse do palácio episcopal, com todas as honras concedidas pelos decretos imperiais, que classificam o bispo imediatamente após o marechal de campo. O *maire* e o presidente foram logo cumprimentá-lo, e ele, por sua vez, fez o mesmo ao general e ao prefeito.

Depois de ver o novo prelado estabelecido no governo espiritual da diocese, a cidade esperou pelos seus actos.

II — O abade Myriel torna-se Monsenhor Bemvindo

O paço episcopal de Digne estava situado junto do hospital, era um vasto edifício de pedra de cantaria, mandado construir no princípio do século passado por Monsenhor Henrique Puget, doutor em teologia pela faculdade de Paris, abade de Simore e bispo de Digne em 1712.

Este edifício era um verdadeiro domicílio senhorial, em que tudo respirava grandeza; os aposentos particulares do bispo, os salões, os quartos, o amplo pátio de recreio com o seu claustro em volta, segundo a antiga moda florentina e as magníficas árvores do jardim.

Na sala de jantar, uma extensa e sumptuosa galeria no rés-do-chão, cujas janelas davam para os jardins, tivera lugar o solene banquete oferecido pelo bispo Puget em 29 de Julho de 1714, ao arcebispo príncipe de Embrun, Carlos Brulaít de Genlis, António de Mesgrigny, capuchinho, bispo de Grasse, Filipe de Vendome, grão-prior de França, abade de Santo Honorato de Lérins, Francisco de Berton de Grillon, bispo-barão de Vence, César de Sabran de Forcalquier, bispo e senhor de Glandeve e a Jean Soanen, da congregação do oratório, pregador ordinário do rei e bispo e senhor de Senez.

A sala achava-se decorada com os retratos destes sete reverendos personagens e em cima de uma mesa de mármore branco via-se gravada em letras de oiro a memorável data de 29 de Julho de 1714.

O hospital era um pequeno edifício de um só andar, com um jardinzinho.

Três dias depois da sua chegada, o bispo foi visitar o hospital. Terminada a visita, pediu ao director que o acompanhasse ao paço.

— Senhor director — perguntou-lhe — quantos doentes tem a seu cargo?

— Vinte e seis, Monsenhor.

— Foi os que contei — disse o bispo.

— As camas estão muito apertadas e juntas.

— Também reparei nisso.

— As enfermarias são muito pequenas e têm falta de arejamento.

— Também me pareceu.

— E o jardim mal chega para os convalescentes passearem quando está bom tempo.

— Assim é, com efeito.

— Em ocasiões de epidemias, como este ano, em que houve muitos casos de tifo, não sabemos como acomodar os doentes.

— Também me ocorreu isso.

— Mas, senhor bispo, não podemos fazer outra coisa senão resignarmo-nos — concluiu o director.

Esta conversa desenrolava-se na sala de jantar ou galeria do andar térreo.

Após um momento de silêncio, o bispo voltou-se de repente para o director e perguntou-lhe:

— Quantas camas lhe parece que poderão caber nesta sala?

— Na sala de jantar de V. Ex.ª?! — exclamou o director, estupefacto.

Entretanto, o bispo correu a vista pela sala, como quem mede e calcula as distâncias e disse como que falando consigo próprio:

— Podem aqui caber vinte camas à vontade! — E em seguida acrescentou, elevando a voz: — Senhor director, é evidente que há aqui um grande erro. O senhor tem vinte e seis pessoas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós aqui somos três e temos lugar para sessenta. Repito que há erro! O senhor ocupa a minha casa e eu vou ocupar a sua. Façamos, pois, a troca.

No dia seguinte, os vinte e seis pobres que naquela ocasião estavam doentes, eram transportados para o paço episcopal e o bispo mudava a sua residência para o hospital.

Myriel não possuía bens de fortuna, pois a revolução arruinara completamente a sua família. A irmã tinha uma pensão vitalícia de quinhentos francos, a qual, enquanto Myriel fora pároco, bastava às suas despesas pessoais, e ele, como bispo, recebia do Estado uma dotação de quinze mil francos. No mesmo dia em que fixou a sua residência na casa que era dantes o hospital, determinou duma vez para sempre o emprego desta quantia, escrito pelo seu próprio punho da seguinte maneira:

Distribuição das despesas da minha casa:
Para o seminário: 1500 francos
Congregação da missão: 100 francos
Para os lazaristas de Montdidier: 100 francos
Seminário das missões estrangeiras em Paris: 200 francos
Congregação do Espírito Santo: 150 francos
Estabelecimentos religiosos da Terra Santa: 100 francos
Sociedades de caridade maternal: 300 francos
Para a de Aries: 50 francos
Para melhoramentos das prisões: 400 francos

Para socorro e livramento de presos: 500 francos
Para livramento de pais de famílias presos por dívidas: 1000 francos
Gratificações aos mestres pobres da diocese: 2000 francos
Para socorro dos pobres dos Altos-Alpes: 100 francos
Congregação das irmãs de Digne, de Manosque e de Sisteron, para o ensino gratuito das raparigas indigentes: 1500 francos
Para os pobres: 6000 francos
Para a minha despesa pessoal: 1000 francos
Total: 15000 francos

Durante todo o tempo do seu episcopado, o virtuoso prelado não fez a menor alteração nestas disposições, a que ele, como se viu, dava o nome de *distribuição das despesas da minha casa.*

Baptistina aceitou com a mais completa submissão a vontade do irmão. Para a virtuosa senhora, Myriel era não só seu irmão, mas seu bispo, seu amigo segundo a natureza, seu superior segundo a igreja. Amava-o e venerava-o inteira e simplesmente. Obedecia, quando ele ordenava e aderia às suas menores vontades sem fazer a mais leve observação. A criada Magloire é que não Se conformou inteiramente com semelhante distribuição, por ver que o bispo *só* reservava para si mil francos, os quais, reunidos à pensão de Baptistina, perfaziam a soma de mil e quinhentos francos anuais, único rendimento com que os três tinham de viver.

E não só viviam, com efeito, como até quando algum pároco de aldeia vinha à cidade, o bispo ainda achava modo de hospedá-lo, graças à severa economia de Magloire e à inteligente administração de Baptistina.

Uma ocasião, três meses decorridos, depois da sua chegada a Digne, o bispo disse:

— Apesar de tudo, sabe Deus como eu vivo constrangido!

— Isso vejo eu! — exclamou Magloire. — Se Monsenhor nem ao menos requisitou à Câmara o subsídio que foi sempre costume dar aos bispos, para despesas na cidade e gastos de jornadas nas visitas do bispado!

— Parece-me que tem razão, Magloire — disse o bispo.

E fez a reclamação.

Passado algum tempo, a Câmara, tomando em consideração o seu requerimento, votava-lhe a quantia anual de três mil francos, sob a seguinte rubrica: *Subsídio ao senhor bispo para prover às despesas de estado e às das visitas pastorais.*

Não foi preciso mais para excitar as conversas da burguesia local, e para que, por essa ocasião, um senador do império, antigo membro do Conselho dos Quinhentos, partidário do dezoito brumário e provido numa pingue senatoria nas proximidades da cidade de Digne, escrevesse ao ministro dos cultos, Bigot de Préameneu, uma carta confidencial em termos irritados, da

qual extraímos as seguintes linhas, cuja autenticidade garantimos:

Carruagem para quê? Quererá andar de carruagem numa cidade que não chega a ter quatro mil habitantes? Despesas com a visita ao bispado? Em primeiro lugar, de que servem tais visitas? Em segundo lugar, como quer ele andar de carruagem numa terra montanhosa como esta, onde nem estradas há e só a cavalo se pode transitar? Se nem sequer a ponte de Duranc em Château-Arnoux, dá passagem a não ser a algum carro de bois? Os padres são todos assim, ávidos e avaros! Este, quando chegou aqui, apresentou-se como bom apóstolo; agora mostra-se como todos os outros, já precisa de carruagem, não dispensa o luxo dos bispos. Súcia de padrecas! Asseguro-lhe, senhor conde, que enquanto o imperador não nos livrar desta praga de carolas, as coisas não tomarão bom rumo. Abaixo o Papa! (Nesta época as relações com a Santa Sé andavam complicadas). *Eu sou por César e só por César! etc, etc.*

A concessão que tanto incomodou o senador, encheu de júbilo Magloire.

— Ora graças a Deus! — disse ela a Baptistina. — O senhor bispo começou a caridade pelos outros, mas lembrou-se, enfim, também de si. Agora já temos três mil francos.

Nesse mesmo dia, o bispo entregou a sua irmã uma nota concebida do seguinte modo:

Despesas para carruagem e visitas ao bispado:
Para dar caldo de carne aos doentes do hospital: 1500 francos
Para a Sociedade de Caridade Maternal de Aix: 250 francos
Para a Sociedade de Caridade Maternal de Draguignan: 250 francos
Para os enjeitados: 500 francos
Para os órfãos: 500 francos
Total: 3000 francos

Tal era o orçamento do bispo Myriel. Quanto aos rendimentos eventuais, como dispensas de proclamas, bênçãos de igrejas ou capelas, casamentos, dispensas de vários géneros, tão grande era o vigor com que o bispo o exigia dos ricos, como a facilidade com que o dava aos pobres.

Passado algum tempo, começaram a afluir as ofertas de dinheiro. Os que tinham e os que não tinham todos batiam à porta da residência episcopal, uns para dar, outros para receber a esmola que os primeiros iam depositar nas mãos do virtuoso prelado. Em menos de um ano tornou-se o tesoureiro de todos os benefícios e o provedor de toda a miséria. Avultadas quantias lhe passavam pelas mãos, mas nem por isso fez a menor alteração no seu modo de viver, acrescentando ao que lhe era indispensável a mais insignificante superfluidade. Pelo contrário, como há sempre mais miséria nas camadas inferiores do que fraternidade entre as superiores, o bispo dava tudo, por assim dizer, antes de o ter recebido. O dinheiro na sua mão era como água em terra sequiosa, por mais que recebesse achava-se sempre sem dinheiro. Nestas circunstâncias despojava-se até do que lhe era indispensável.

Guiados por uma espécie de afectuoso instinto, entre os nomes e apelidos do bispo, que, como é hábito, exarava no princípio das suas pastorais e

circulares, os pobres da terra escolheram aquele que lhes oferecia um sentido. Assim, pois, todos o designavam por Monsenhor Bemvindo, o que muito lhe agradava e que nós igualmente adoptamos.

— Gosto deste nome — dizia ele. — Bemvindo modifica o tratamento de Monsenhor.

Não é nossa pretensão dar como exacto o retrato que aqui traçamos; o que sabemos e nos limitamos a dizer é que ele é verdadeiro.

III — A bom bispo, mau bispado

Apesar de ter convertido a carruagem em esmolas, nem por isso deixava o bispo de fazer as suas visitas pastorais, visitas que na diocese de Digne eram infinitamente difíceis por causa das suas péssimas comunicações e da má natureza do terreno para quem viaja. Em toda adiocese, que se compõe de trinta e duas abadias, quarenta e um vicariatos e duzentos e oitenta e cinco curatos, não era empresa fácil, mas o prelado conseguiu levá-la a cabo.

Quando as visitas eram nas vizinhanças, ia a pé; na planície, ia num carrinho coberto de vimes e, na montanha, a cavalo. As duas mulheres acompanhavam-no sempre, excepto quando a jornada era em extremo difícil para elas, porque então ia sozinho.

Certo dia, entrou em Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento, porque a sua bolsa, naquela ocasião pouco abastecida, lhe não permitira outro modo de locomoção. O *maire* da cidade, recebendo-o à porta do paço, não ocultou o seu descontentamento vendo-o apear-se da insignificante cavalgadura, e alguns burgueses que se achavam também presentes chegaram até a rir.

— Senhor *maire,* e vós, senhores — disse o bispo — sei muito bem o que vos desagrada; acham que é demasiada soberba num pobre padre como eu servir-se para o seu transporte do mesmo meio que usou Jesus Cristo! Afirmo-lhes, porém, que o fiz por necessidade e não por vaidade.

Nas suas visitas, mostrava-se indulgente e afável com todos os que se lhe apresentavam. Conversava mais do que pregava. Não ia nunca muito longe buscar os argumentos e modelos que desejava apresentar. Aos habitantes de uma localidade citava os da localidade vizinha.

Nos cantões, cujos moradores se mostravam pouco compadecidos para com os necessitados, dizia:

— Vejam os habitantes de Briançon. Concederam aos indigentes, às viúvas e aos órfãos, licença de mandar ceifar as suas searas, três dias antes de mais ninguém. Por isso é uma terra abençoada por Deus. Só lá de cem em cem anos é que se ouve falar num assassínio.

Nas aldeias onde os pequenos lavradores se viam a braços com grandes

dificuldades para acudir ao serviço das colheitas, dizia:

— Olhai para o que fazem os de Embrun. Na ocasião das ceifas, se algum pai de família, que tem os filhos alistados no exército e as filhas a servir na cidade, adoece, vendo-se assim na impossibilidade de fazer a ceifa, o pároco recomenda-o na ocasião da prática, e no domingo, depois da missa, todos os habitantes da aldeia, homens, mulheres e crianças, se dirigem para o campo do pobre homem a fazer-lhe a colheita e a transportar-lhe a palha e o grão para a eira!

As famílias a quem questões de partilhas e outros interesses trazia em desunião, dizia:

— Olhai para os montanheses de Devolny, terra tão selvática que nem de cinquenta em cinquenta anos se ouve o cantar do rouxinol! Pois ali, quando morre o chefe de qualquer família, os rapazes vão procurar fortuna noutra parte e deixam todo o património às irmãs para que elas possam fazer bons casamentos.

Aos habitantes dos cantões, amigos de pleitos e questões que desbaratavam os seus haveres em papel selado, dizia:

— Olhai para aqueles bons aldeões de Queyras. É uma povoação de três mil almas e, louvado seja Deus, vivem como numa pequena república. Não sabem o que seja um juiz, um processo ou um escrivão. O *maire* é quem faz tudo. Reparte o imposto, colecta cada habitante o que em consciência lhe parece que deve pagar, julga todas as causas gratuitamente, preside às partilhas entre os membros de uma família sem cobrar emolumentos, profere sentenças sem levar nada às partes, e todos lhe obedecem, porque é um homem justo no meio de uma população de homens simples.

Nas aldeias em que não encontrava mestre-escola, dizia, citando ainda como exemplo os habitantes de Queyras:

— Quereis saber o que eles fazem? Como um lugar de doze ou quinze fogos não pode só por si sustentar um mestre, combinam-se com os habitantes de outros lugares e assim arranjam, cotizando-se entre si, mestres que vão de lugar em lugar, demorando-se oito dias aqui, dez além, dando lições a quem delas se quer aproveitar. Os mestres, andam de feira em feira, como eu mesmo já presenciei, e dão-se a conhecer segundo o número de penas que trazem na fita do chapéu. Os que só ensinam a ler, trazem uma pena; os que ensinam a ler e a contar, usam duas e os que ensinam a ler, a contar e latim, usam três e são considerados grandes sábios. É uma vergonha ficar toda a vida ignorante, fazei como os de Queyras.

Assim discursava o bom prelado, com gesto grave e paternal, inventando parábolas quando não tinha exemplos, conciso na frase, opulento em imagens,

persuasivo e convicto, singelo e eloquente, como outrora a eloquência de Jesus Cristo, convincente e persuasiva

IV — As palavras semelhantes às obras

Dotado de génio prazenteiro e afável, conversava e ria alegremente com todos e em especial com as duas mulheres, companheiras— únicas do seu modesto viver, a cujas inteligências adaptava as suas conversas Quando ria, o seu riso parecia o de uma criança.

Magloire tratava-o quase sempre por *minha grandeza.* Certa vez, o bispo levantou-se da sua poltrona e dirigiu-se à estante para tirar um livro, mas como era baixo e não pôde chegar-lhe, virou-se para a criada e disse-lhe:

— Magloire, traga-me uma cadeira, porque a *minha grandeza* não chega àquela prateleira.

Entre as visitas que o bispo de Digne recebia na sua residência episcopal, contava-se a da condessa de Lô, sua parente afastada

Todas as vezes que se encontravam, nunca aquela dama perdia a ocasião de lhe enumerar o que ela apelidava as *esperanças* dos seus três filhos Consistiam estas na próxima herança dos numerosos ascendentes da condessa, de quem seus filhos eram naturais herdeiros e que não prometiam longa duração. O mais novo, por morte de uma segunda tia, ficaria com um rendimento superior a cem mil francos, o segundo herdaria de um tio o título de duque; o mais velho sucederia ao avô no pariato.

O bispo, ordinariamente, limitava-se a escutar em silêncio as inofensivas e desculpáveis expansões do seu amor de mãe Todavia, numa das ocasiões em que a condessa de Lô repetia a enumeração de todas aquelas *heranças em perspectiva,* reparando no ar pensativo e distraído com que o prelado a escutava, interrompeu-se e disse-lhe um tanto despeitada:

— Que tem, meu primo? Parece que não presta atenção nenhuma ao que eu digo.

— Estou a pensar numa coisa singular que li — respondeu o bispo — e que segundo me parece, pertence a Santo Agostinho: «Ponde a vossa esperança naquele a quem ninguém substituiu.»

Outra vez, recebendo uma carta em que lhe participavam a morte de um fidalgo da terra, na qual, além das dignidades do defunto, pomposamente se ostentavam todas as qualificações feudais e nobiliárias dos seus parentes, exclamou:

— Que largas costas tem a morte! Como carrega, sem se queixar, tamanha carga de títulos, e que grande habilidade têm os homens para fazerem do túmulo instrumento da sua vaidade!

Quando se lhe apresentava ensejo, tinha sempre pronto um dito, que

encerrava um sentido sério.

Um ano, pela quaresma, chegou à cidade um eclesiástico ainda novo que pregou na catedral. O assunto do seu tema foi a caridade e discursou eloquentemente sobre o assunto. Convidou os ricos a auxiliarem os pobres, a fim de evitarem o inferno, que ele pintou o mais horroroso que pôde e alcançarem o paraíso, que mostrou com as cores mais deliciosas e agradáveis.

Entre o auditório, encontrava-se naquela ocasião um abastado negociante, chamado Géborand, o qual, depois de ter ganho dois milhões em empresas fabris, se retirara do comércio para se entregar com mais ou menos moderação ao tráfico usurário.

Nunca na sua vida, Géborand dera esmola a um infeliz, mas depois deste sermão viam-no, todos os domingos, aproximar-se das cinco ou seis velhas que mendigavam à porta da catedral e dar um soldo para elas repartirem entre si.

Um dia, indo o bispo a passar quando o negociante dava a uma das infelizes a costumada esmola, voltou-se para a irmã e disse-lhe, sorrindo:

— Ali está o senhor Géborand a comprar um soldo do paraíso!

Quando se tratava de caridade, não recuava mesmo diante de uma recusa, pois tinha sempre pronta qualquer resposta que obrigava a reflectir.

Uma vez, em certa reunião, tendo aberto um peditório para os pobres, aproximou-se do velho e avarento marquês de Champtercier, singular personagem que sabia o segredo de combinar o seu realismo exaltado com ideias ultra-voltarianas (esta variedade existiu) e disse-lhe, tocando-lhe no braço:

— E V. Ex.ª, senhor marquês, não contribui também?

O marquês voltou-se e respondeu com modo brusco:

— Eu também tenho os meus pobres, senhor bispo.

— Nesse caso, rogo-lhe que mos dê.

Um dia, na catedral, pregou este sermão:

> «Meus queridos irmãos e amados ouvintes, há em França um milhão e trezentas e vinte mil casas de habitação de camponeses, as quais só têm três aberturas; um milhão oitocentas e dezassete mil, que têm apenas duas, uma porta e uma janela; e, finalmente, trezentas e quarenta e seis mil cabanas, cuja única abertura é a porta. A causa disto é o denominado imposto das portas e janelas. Imaginai um montão de pessoas, uma família numerosa composta de velhos e crianças, vivendo juntas em cada um desses domicílios sem ar nem luz e pensai nas febres e epidemias a que isto pode dar origem! Oh, dá Deus o ar aos homens e a lei vende-lho! Não acuso a lei, mas bendigo a Deus! No Isera, no Var, nos altos e baixos Alpes, os camponeses, que nem carros de mão possuem, transportam os estrumes às costas; não têm candeeiros nem velas para os alumiar e para obterem luz queimam paus e fragmentos de cordas embebidos em resina. O mesmo acontecendo em todos os lugares do Alto Delfinado. Fabricam pão para seis meses e cosem-no com o estrume seco das vacas. No Inverno, corta-se o pão a machado e conservam-no de molho de um dia para o outro para se poder comer. Compadecei-vos, meus irmãos, vendo quantos infelizes sofrem em torno de vós!»

Provençal de nascimento, o bispo familiarizara-se com todos os dialectos das regiões meridionais. Falava com extrema facilidade tanto o do baixo Languedoc, como o dos Baixos Alpes e do Alto Delfinado. Isto agradava ao povo e contribuía bastante para lhe granjear simpatias. No campo, na cidade, ou na mais humilde choupana das montanhas, achava-se como em sua casa. Sabia dizer as coisas mais complicadas nalinguagem mais simples. Sabendo falar a todos, entrava em todas as almas.

Além disto, a todos tratava de igual modo, fossem das camadas superiores ou das inferiores. Jamais formulava juízo desfavorável a respeito do que quer que fosse ou condenava sem atender às circunstâncias. Costumava dizer:«Vejamos o caminho por onde a culpa passou».

Não obstante ser um *ex-pecador,* como a si mesmo se denominava, nunca professava as asperezas do rigorismo. A sua doutrina, que abertamente observava, a despeito da austeridade inflexível, podia, com pequena diferença, resumir-se no seguinte:

> «O homem tem sobre si a carne, que é o seu fardo e a sua tentação. Ela arrasta-o e ele cede-lhe. O seu dever é vigiá-la, contê-la, reprimi-la e não lhe obedecer senão na última extremidade. Essa obediência pode ainda ser culposa, mas a culpa assim é venial. É cair, mas cair de joelhos e por isso terminar em oração.»
>
> «Ser santo é uma excepção; a regra é ser justo. Errai, caí, pecai, mas sede justos».
>
> «Pecar o menos possível é o dever do homem, não pecar nunca é o sonho do anjo. Tudo o que é terrestre está sujeito ao pecado. O pecado é uma gravitação».

Quando via o tumultuoso alarido e a precipitada indignação de muitos, dizia, sorrindo:

— Basta ver a azáfama com que a hipocrisia se apressa a protestar e a pôr-se a salvo, para se conhecer que o fogo também lhe andou por casa!

Indulgente para com as mulheres e para com os pobres, sobre quem recai sempre o anátema da sociedade, costumava dizer:

— As faltas das mulheres, das crianças, dos servos, dos fracos, dos indigentes e dos ignorantes, são as faltas dos maridos, dos pais, dos amos, dos fortes, dos ricos e dos sábios

E continuava:

— Aos ignorantes, ensinai-lhes o mais que puderdes; a sociedade é a única culpada por não ministrar a instrução gratuita e torna-se responsável pelas trevas que produz. O pecado comete-se no meio da escuridão que envolve as

almas. O culpado não é o que peca, mas sim de quem produziu a sombra.

Como se vê, o prelado professava um singular e particular sistema de encarar as coisas, que desconfio tivesse aprendido no Evangelho.

Certa noite, numa reunião em que ele se encontrava, contou-se a história de um processo há pouco instaurado e que em breve ia entrar em julgamento. Levado pelo seu extremoso afecto a uma mulher que lhe dera um filho, certo desgraçado ao ver-se sem recursos, fabricou moeda falsa. Nessa época, o fabrico de moeda falsa era punido com pena de morte. A mulher fora presa na ocasião em que passava a primeira moeda fabricada por ele. Conservaram-na presa, mas não tendo provas contra ela, começaram a acusar o amante. Era ela a única pessoa que o podia perder, denunciando-o, mas não o fez, negando sempre. Nova insistência. A mesma negativa. O procurador teve então uma ideia. Disse-lhe que o amante lhe era infiel, e por meio de alguns fragmentos de cartas astuciosamente forjadas, persuadiu a infeliz de que o seu cúmplice a atraiçoava. Então num acesso de ciúme, ela denunciara o amante e confessara tudo. O homem estava perdido. Contava-se a história do infeliz, o qual em breve ia ser julgado em Aix com a sua cúmplice. Todos louvavam a admirável sagacidade do magistrado, que, pondo em acção o ciúme, fizera do ódio irromper a verdade e da vingança a justiça. O bispo escutara a narração em silêncio e depois de terminada, perguntou:

— Por quem vão ser julgados esse homem e essa mulher?

— Pelo tribunal.

— E quem julgará o procurador?

Um dia, deu-se em Digne um trágico acontecimento. Um homem foi condenado à morte por crime de homicídio. Era um desgraçado não inteiramente destituído de instrução e que antes de ser preso exercia o duplo mister de saltimbanco e escritor público. O seu processo prendeu aatenção de toda a cidade. Na véspera do dia fixado para a execução do criminoso, o capelão da cadeia adoeceu repentinamente. Era preciso um sacerdote que assistisse ao paciente nos seus últimos momentos, e recorreu-se ao pároco, o qual se recusou, dizendo:

— Isso não é comigo, nada tenho que fazer com condenados, não é esse o meu lugar... e de resto também estou doente.

Depois de lhe contarem a resposta do pároco, o bispo respondeu:

— O pároco tem razão, não é ele que compete ir, mas sim eu.

E, dizendo isto, dirigiu-se imediatamente à cadeia, entrou na cela do saltimbanco, chamou-o pelo nome, estendeu-lhe a mão e conversou com ele, passou o dia a seu lado, sem se lembrar de comer nem de dormir, orando a Deus pela alma do condenado e pedindo a este que intercedesse pela dela.

Disse-lhe as melhores verdades, que são as mais simples. Foi pai, irmão, amigo, bispo somente para o abençoar. Ensinou-lhe tudo, tranquilizando-o e consolando-o. Aquele homem ia morrer desesperado. A morte era para ele um abismo, a cujo limiar chegara forçado e à vista do qual recuava horrorizado e trémulo. Não era tão ignorante que se tornasse completamente indiferente, mas o violento abalo da sua condenação como que abrira algumas fendas, nesse véu chamado a vida, que nos separa do mistério das coisas. Até à chegada do bispo, por essas fatais aberturas, só via trevas; veio o bispo e apontou-lhe a claridade.

Quando, no dia seguinte, o vieram buscar para o conduzir ao cadafalso, o bispo, que não o tinha abandonado, acompanhou-o ao lugar do suplício, por entre os olhares da multidão, que o contemplava admirada, por vê-lo com o seu manto roxo e a cruz episcopal ao peito, ao lado do infeliz, com as mãos amarradas atrás das costas.

Tão prostrado e angustiado na véspera, o rosto do condenado mostrava-se agora iluminado por um resplandecente clarão de alegria. Reconciliado com a sua alma, entregava-se confiadamente a Deus. No momento em que o carrasco se preparava para descarregar o golpe fatal, o bispo abraçou-o pela última vez, dizendo-lhe:

— Meu filho, o que morre para satisfação da justiça dos homens, ressuscita em Deus; o que se vê repelido por seus irmãos, encontra abertos os braços do pai! Orai, crede, entrai na vida celeste, que Deus lá vos espera!

Quando desceu as escadas do cadafalso, o seu olhar fulgurava com uma estranha luz, que impunha respeito à multidão e a obrigava a dar-lhe passagem. Não sabemos qual das coisas era mais digna de admiração, se a sua palidez, se a sua serenidade. Ao entrar na sua modesta habitação, a que ele chamava, sorrindo, o seu palácio, disse à irmã:

— Acabei agora mesmo de celebrar pontificalmente.

Como quase sempre as coisas mais sublimes são também as menos compreendidas, não faltou na cidade quem, comentando o proceder do bispo, dissesse:

— Isso não passa de afectação !

Mas esta apreciação não saiu dos salões. O povo, pouco propenso a deitar malícia nas acções santas, admirava-o e mostrava-se comovido.

No que respeita ao bispo, a vista da guilhotina causou-lhe um abalo profundo, de que durante muito tempo não lhe foi possível restabelecer-se.

O aspecto do cadafalso, com efeito, quando se ergue tem qualquer coisa de alucinante. Pode mostrar-se indiferença em relação à pena de morte; podemos hesitar, não nos pronunciarmos claramente, enquanto com os nossos

próprios olhos não vemos uma guilhotina, mas, desde que a vimos, o abalo que nos causa é tão violento que temos de nos decidir ou pró ou contra. Admiram-na uns como Maistre, outro detestam-na como Becaria. A guilhotina é a expressão concentrada da lei; chama-se *vingança,* não é neutral nem nos permite sê-lo. Quem a vê sente percorrer-lhe no corpo o mais misterioso estremecimento. Em volta desse cutelo surgem todas as questões sociais como um ponto de interrogação. O cadafalso é uma visão, não é um madeiramento, uma máquina, um mecanismo inerte feito de pau, ferro e cordas. É uma espécie de ente dotado de não sei que sinistra iniciativa. Dir-se-ia que essa mola de madeira vê, que essa máquina ouve, que esse mecanismo compreende, que esse ferro e essas cordas têm uma vontade. A vista de um cadafalso faz embrenhar o espírito em sombrias cogitações, do meio das quais surge terrível e como que circundado dos espectros das suas vitimas. O cadafalso é o cúmplice do carrasco, nutre-se de carne e sangue humano. É uma espécie de monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro, um espectro que parece viver a horrorosa existência composta de todas as mortes que tem dado.

A impressão que semelhante vista causou no espírito do bispo foi tão profunda e horrível, que no dia seguinte e ainda daí por muitos dias, o bondoso prelado parecia visivelmente oprimido. A serenidade quase violenta do momento fúnebre havia desaparecido para dar lugar ao fantasma da justiça social que o perseguia e obcecava. Ele, que habitualmente voltava de todos os actos que ia desempenhar com tão radiante satisfação, agora quase parecia exprobar-se do que tinha feito. Às vezes punha-se a falar sozinho, balbuciando lúgubres monólogos. Eis um que a irmã, uma noite, ouviu e conservou de memória:

«Nunca supus que fosse uma coisa tão monstruosa! É um erro deixarmo-nos absorver pela lei divina, a ponto de olvidar inteiramente a lei humana. Matar só a Deus pertence! Com que direito tocam os homens nessa entidade desconhecida?»

Com o decorrer do tempo, estas impressões foram-se atenuando, até talvez se extinguirem. Todavia, houve quem notasse que o bispo, desde então, evitava passar pela praça onde tinham lugar as execuções. Podiam chamar o prelado a qualquer hora para ir confessar um enfermo ou assistir a um moribundo, que ele não ignorava ser este o seu dever mais sagrado, a sua missão mais sublime. As viúvas e os órfãos não precisavam de o chamar, porque ele lhes acudia voluntariamente. Sabia estar sentado durante horas inteiras a escutar silencioso e a animar com palavras de conforto o homem que perdera a mulher amada, ou a mãe que perdera o filho querido.

Admirável consolador! Os seus esforços não tendiam a fazer extinguir a dor pelo esquecimento, mas a engrandecê-la pela esperança!

— Atentai bem no modo como contemplais os mortos — dizia ele. — Não ocupeis o vosso pensamento com o que apodrece. Olhai fixamente e vereis no fundo do céu a chama viva do ente morto a quem amáveis.

Ele sabia que a crença era santa e por isso aconselhava e serenava o homem desesperado, apontando-lhe o homem resignado, e transformava a dor imóvel diante de uma sepultura, indicando-lhe a dor que fita os olhos no cintilar de uma estrela.

V — Como Monsenhor Bemvindo poupava as suas batinas

A vida íntima de Carlos Myriel assemelhava-se inteiramente à sua vida pública. Se fora dado a alguém observá-la de perto, ficaria impressionado com o grave e ao mesmo tempo gracioso espectáculo da pobreza voluntária em que vivia o bispo de Digne.

Como todos os velhos e como a maior parte dos pensadores, dormia pouco, mas profundamente. Pela manhã, após uma hora de recolhimento, dizia a sua missa na catedral ou no seu oratório particular e, assim que terminava esta tarefa diária, ia almoçar. O seu almoço consistia em algumas sopas de pão de centeio com leite, extraído de duas vacas que tinha em casa. Em seguida, dava princípio aos seus trabalhos.

Um bispo é um homem ocupadíssimo; tem de dar todos os dias audiências ao secretário da câmara eclesiástica, que habitualmente é um cónego, e a quase todos os seus vigários gerais. Além disto, tem de visitar congregações, conceder licenças, examinar uma completa livraria espiritual como catecismos, livros de horas, etc., escrever pastorais, compor as desavenças entre os párocos e as autoridades, dar expediente à correspondência eclesiástica e à civil, atender de um lado o estado, de outro a igreja; finalmente, mil coisas que lhe reclamam a atenção.

O tempo que lhe sobrava do breviário e do cumprimento de todos os seus encargos e obrigações, dedicava-o em primeiro lugar com os necessitados, com os enfermos e aflitos; e o que de tudo isto ainda lhe sobrava, aplicava-o ao trabalho, ora cavando a terra da sua horta, ora a ler, ou a escrever. A estas duas espécies de trabalho, designava-as com o mesmo nome: *jardinar.*

— O espírito é um jardim — costumava ele dizer.

Ao meio-dia, quando o dia estava ameno, saía e dava um passeio pela cidade ou pelos arrabaldes, visitando muitas vezes as casas dos pobres que deparava no caminho. Nada mais fácil do que encontrá-lo sozinho, absorto nas suas cogitações, de olhos fitos no chão, encostado à sua comprida bengala, agasalhado na sua acolchoada capa roxa, meias da mesma cor, grandes

sapatos e o seu chapéu de três bicos com uma grande borla de oiro em cada um. Onde quer que aparecesse, todos o festejavam. Dir-se-ia que a sua presença aquecia e iluminava. Por onde ele passava, velhos e crianças assomavam às portas, com o mesmo alvoroço com que sairiam a aquecer-se aos raios do sol. Ele abençoava o povo, o povo abençoava-o a ele, apontando a residência episcopal como o lugar em que todo o infortúnio acharia alivio e toda a necessidade socorro. Parava acada momento, gracejando com os rapazes e raparigas, sorrindo benevolamente para as mães e dando conselhos a todos. Enquanto tinha dinheiro, visitava os pobres; acabado ele, visitava os ricos.

Como queria que as batinas lhe durassem muito tempo, nunca saía a passear pela cidade senão com a capa roxa, o que de Verão não deixava de o incomodar.

Depois voltava a casa para jantar. O jantar assemelhava-se ao almoço.

Às oito e meia da noite, ceava em companhia da irmã, servidos por Magloire, que se conservava de pé por trás deles. Nada mais frugal do que esta refeição, excepto quando o bispo tinha algum hóspede, porque então Magloire arranjava pretexto para apresentar na mesa algum peixe ou alguma peça de caça. A isto, que se repetia sempre que havia hóspedes no paço, o bispo nada dizia. Fora destas ocasiões, as refeições habituais constavam sempre de legumes ou de alguma simples sopa. Deste frugal modo de viver originava-se o seguinte dito, já proverbial na cidade:

— Hóspede no paço édomingo gordo em casa de jornaleiro.

Depois da ceia, demorava-se ainda meia hora a conversar com Baptistina e com Magloire, recolhendo-se em seguida ao seu quarto, onde se punha a escrever em folhas soltas ou na margem de algum *in fólio.* Carlos Myriel era instruído e alguma coisa versado nas ciências, como o provam os cinco ou seis curiosos manuscritos por ele deixados, entre os quais se conta uma dissertação sobre o versículo do Génesis: *No princípio do mundo o espírito de Deus pairava sobre as águas.* Comeste versículo confronta o árabe que diz: *Sopravam os ventos de Deus.* Outro de Flávio José: *Um vento vindo do alto precipita-se sobre* a *terra.* E finalmente a paráfrase caldaica de Onkelos, onde se lê: *Um vento mandado por Deus soprava sobre a superfície das águas.* Noutra dissertação examina as obras teológicas de Hugo, bispo de Ptolomeida, tio em terceiro grau do autor deste livro, concluindo que se devem atribuir a esse bispo os diversos opúsculos publicados no século passado sob o pseudónimo de Barleycourt.

Às vezes, qualquer que fosse o livro que tivesse entre mãos, parava subitamente de ler e caía em profunda meditação, finda a qual se punha a

escrever algumas linhas, nas próprias páginas do volume, sem, muitas vezes, aquilo que escrevia ter relação alguma com o que dizia o livro. Temos a seguir uma nota escrita por ele na margem de um livro:

> *Correspondência de Lord Germai com os generais Clinton, Cornwalis e com os almirantes da estação da América. Versailles, em casa do livreiro Poinçoi; e em Paris, na do livreiro Pissot, cais dos Agostinhos.*

A nota diz:

> «Oh, vós quem sois!?
>
> «O Eclesiastes chama-vos Todo Poderoso; os Macabeus, Criador; a Epístola aos Éfesos, Liberdade; Baruch, Imensidade; os Salmos, Sabedoria e Verdade; Jean, Luz; o Livro dos Reis, Senhor; o Êxodo, Providência; o Levítico, Santidade; Esdras, Justiça; a criação, Deus; o homem, Pai; Salomão, porém, chama-vos Misericórdia, e é este o mais belo de todos os vossos nomes».

Às nove horas, as duas mulheres retiravam-se para os seus quartos, que ficavam no primeiro andar, deixando o bispo sozinho, até de madrugada, no rés-do-chão.

Agora é necessário dar a exacta ideia da habitação do bispo de Digne.

VI — Quem guardava a casa do prelado

A casa que o bispo habitava compunha-se de rés-do-chão e primeiro andar; o rés-do-chão era dividido em três salas, o andar superior em três quartos, por cima dos quais ficava um sótão. Nas traseiras da casa havia um pequeno jardim. As duas mulheres ocupavam o primeiro andar, o bispo o rés-do-chão. A primeira sala, cujas janelas deitavam para a rua, servia-lhe de sala de jantar, a segunda de quarto de dormir e a terceira de oratório. Não se podia sair deste sem passar pelo quarto de dormir, nem do quarto de dormir, sem passar pela sala de jantar. No fundo da sala que servia de oratório havia uma alcova fechada, com uma cama de reserva para os hóspedes, que o bispo oferecia aos párocos de aldeia que os seus próprios negócios ou as necessidades das suas paróquias obrigavam a vir a Digne.

A farmácia do hospital, pequeno compartimento ao fundo do jardim, servia de cozinha e dispensa.

Havia, além disso, também no jardim, um estábulo, que em tempos fora a cozinha do hospício e onde agora o bispo guardava duas vacas. Por pouco que fosse o leite que elas dessem, mesmo assim, todos os dias pela manhã, o prelado mandava entregar metade aos doentes do hospital, ao que ele chamava «pagar o seu dízimo».

Como o seu quarto, demasiadamente grande, era muito frio de Inverno e a lenha em Digne fica por elevado preço, lembrou-se de mandar fazer no estábulo das vacas um compartimento de madeira, onde passava as noites mais frias. Chamava-lhe ele o seu *salão de Inverno.*

Os móveis do salão de Inverno consistiam apenas, como os da sala de

jantar, numa mesa quadrada de pinho e quatro cadeiras de palhinha. Na sala de jantar apenas havia mais um velho bufete, pintado de vermelho. De um bufete igual, convenientemente adornado de toalhas e rendas de pouco custo, fizera o bispo o altar que decorava o oratório.

Por várias vezes, as confessadas ricas do bispo e outras devotas da cidade se haviam quotizado entre si para, à sua custa, lhe mandarem fazer no oratório um altar mais asseado, mas, de todas as vezes, o prelado dera o dinheiro aos pobres.

— O melhor de todos os altares é — dizia ele — é a alma de um infeliz agradecendo a Deus o alívio do seu infortúnio!

No oratório tinha dois genuflexórios de palhinha e no quarto de dormir uma cadeira de braços, também de palhinha. Quando acontecia sete ou oito pessoas virem-no visitar ao mesmo tempo, o prefeito, o general, o estado-maior do regimento que fazia a guarda da cidade, ou os alunos do seminário, era preciso ir ao estábulo buscar as cadeiras do salão de Inverno, os genuflexórios ao oratório e a cadeira de braços ao quarto de dormir, conseguindo-se, deste modo, reunir até onze assentos, se tantas eram as visitas. À medida que iam chegando, ia-se desguarnecendo de móveis cada sala.

Sucedia algumas vezes serem doze as visitas; então o bispo dissimulava o embaraço da situação, conservando-se em pé junto do fogão, se era de Inverno, ou passeando no jardim, se era de Verão.

Havia ainda na alcova uma cadeira de palhinha, mas como, além de ter o assento arrombado, só tinha três pernas, não podia servir senão encostando-a à parede. A senhora Baptistina tinha também no seu quarto uma grande poltrona com dourados, que já mal se conheciam, mas como a escada era demasiado estreita, não pudera ser conduzida para o primeiro andar, senão içando-a pela janela, resultando daí que não se podia contar com o seu auxílio para as ocasiões de apuro.

Baptistina tivera sempre a ambição de poder comprar uma mobília completa de acajú, para ornamentar devidamente aquela modesta casa Mas para tal ser-lhe-iam necessários, pelo menos, quinhentos francos, e vendo que durante cinco anos não conseguira economizar mais de cinquenta francos, renunciara tristemente ao seu projecto

Nada mais simples de imaginar do que o quarto de dormir do bispo. Uma janela rasgada, que deitava para o jardim; defronte, uma cama de ferro de hospital, com cortinado de sarja verde; junto da cama, encobertos por uma cortina, vários objectos de toucador, denunciando ainda os hábitos elegantes do homem de boa sociedade; duas portas, uma junto do fogão, que dava para

o oratório, a outra próxima da estante, dando para a casa de jantar. A estante, grande armário envidraçado cheio de livros; o fogão, guarnecido de madeira pintada a fingir mármore, quase sempre apagado, com trempe de ferro ornada de dois vasos cheios de plantas e embutidos, primitivamente prateados a fosco, o que constituía certo luxo episcopal; por cima do fogão via-se um crucifixo de cobre desprateado, assente sobre um pedaço de veludo preto já muito velho, num caixilho que fora dourado; junto da janela, uma espaçosa mesa com um tinteiro ao centro, pejada de volumosos livros e papéis em confusão. Ao pé da mesa a cadeira de palhinha e ao pé da cama um genuflexório, pertencente ao oratório.

De cada lado da cama, viam-se dois retratos em caixilhos ovais, pendurados na parede. Algumas inscrições gravadas em letras de oiro no fundo escuro de cada tela. por baixo das figuras, indicavam que os retratos representavam, um o abade de Chaliot, bispo de S. Cláudio, o outro, o abade Tourteau, vigário geral de Agde e abade de Grand-Champs, da ordem de Cister, na diocese de Chartres.

Quando o bispo fixara a sua residência naquela casa, que fora o hospital, encontrara ali aqueles retratos e deixara-os ficar no mesmo lugar, porque eram de sacerdotes e talvez de benfeitores, duas razões para que ele os respeitasse. Tudo o que ele sabia acerca destes dois personagens era que ambos tinham sido providos, um no seu bispado, outro no seu benefício, por nomeação régia datada do mesmo dia, 27 de Abril de 1785. Soubera esta circunstância por a ter encontrado escrita em caracteres que já mal se liam, num quadradinho de papel, amarelado pela acção do tempo, pregado com quatro obreias na parte posterior do retrato do abade de Grand-Champs, numa ocasião em que Magloire tirara os dois quadros para os limpar do pó.

Pendia da larga janela uma cortina de grosseiro tecido de lã muito antigo, que Magloire para evitar a despesa de uma nova, se viu na necessidade de lhe fazer uma grande costura no centro. Como a costura apresentava exactamente a forma de uma cruz, o bispo indicava-a às vezes, dizendo:

— Nunca houve costura com aspecto mais agradável.

Os quartos, tanto os do rés-do-chão como os do primeiro andar, eram todos caiados de branco, como era habitual nos hospitais e nos quartéis.

Muitos anos depois, porém, Magloire encontrou por baixo do papel caiado várias pinturas que ornavam o quarto de Baptistina. Antes de ser hospital, aquela casa fora centro de reunião dos burgueses e daí provinha a decoração. Os quartos eram ladrilhados de tijolos, que todas as semanas se lavavam, e aos pés de cada cama havia uma esteira. Numa palavra, a humilde habitação do bispo, a cargo das duas mulheres, respirava o perfume da mais esmerada

limpeza. Era o único luxo que ele consentia.

— Com isto não se tira nada aos pobres! — costumava ele dizer.

Convém, contudo, dizerque lhe restava ainda, do que outrora possuíra, seis talheres de prata e uma colher de sopa, que Magloire via todos os dias, com o maior prazer, reluzir sobre a alva toalha de linho grosso que cobria a mesa.

E já que aqui pintámos o bispo de Digne tal qual era, devemos acrescentar que mais de uma vez se lhe ouvira dizer:

— Há-de custar-me muito comer com um talher que não seja de prata!

A esta baixela acrescentaremos também dois castiçais de prata maciça, que herdara de uma tia. Estes castiçais que tinham duas velas de cera, figuravam habitualmente sobre o fogão. Quando havia algum hóspede, Magloire acendia as velas e colocava os castiçais sobre a mesa. No quarto do bispo, junto à cabeceira da cama, havia um pequeno armário onde Magloire todas as noites fechava os talheres, mas sem nunca tirar a chave.

O jardim, um tanto prejudicado pelas feias construções de que já falámos, era dividido por quatro caminhos em cruz, com um tanque no centro Ao longo do muro caiado que fechava o jardim, havia outro caminho que o circundava. Estas ruas eram separadas por canteiros orlados de buxo, em três dos quais Magloire cultivava legumes, ficando ainda outro, onde o bispo tinha as suas flores e onde plantara também algumas árvores de fruto.

Numa ocasião, a criada dissera ao bispo, sorrindo com ar de afectuosa malícia:

— Monsenhor, que de tudo tira proveito, não sei como tem no jardim um canteiro inutilizado. Não seria melhor semear nele alfaces em vez de flores?

— Está enganada, Magloire — respondeu ele. — O agradável é tão útil como o útil. — E, após um momento de silêncio, acrescentou: — Ou talvez mais.

O canteiro, que era dividido em quatro alegretes, ocupava a atenção do bispo, tanto como os seus livros. Sempre que podia, passava ali uma ou duas horas, cortando, sachando, mondando e lançando à terra novas sementes. Menos hostil com os insectos do que seria para desejar num jardineiro, o bispo também não tinha aspirações a botânico; desconhecia os grupos e as famílias, não se lembrando sequer de decidir entre Tournefort e o método natural, nem de tomar partido pelos utrículos contra os cotyledonios ou por Jussieu contra Limeu. Não estudava as plantas, amava as flores. Respeitava muito os sábios, respeitava ainda mais os ignorantes e, sem nunca deixar de respeitar uns e outros, no Verão regava todas as tardes os seus alegretes com um regador de lata pintado de verde.

Em toda a casa não havia uma só porta fechada à chave. A porta da sala de

jantar que dava saída para o largo da catedral, fora, em tempos, guarnecida de fechaduras e ferrolhos, como se fosse a porta de uma prisão. O bispo mandou tirar todas as fechaduras e daí em diante quer fosse noite, quer dia, a porta apenas ficava segura por um simples fecho. Quem quisesse abrir a porta, podia fazê-lo a qualquer hora.

Nos primeiros tempos, isto afligia as duas mulheres, mas o bispo dizia-lhes:

— Se quiserem mandem pôr ferrolhos nos vossos quartos.

Desde então, elas principiaram a participar da confiança do bispo ou, pelo menos, a mostrar que participavam. Apenas Magloire sentia, de tempos a tempos, renascer-lhe os receios. No que respeita ao prelado, podem dar-nos a explicação ou, pelo menos, indicação do seu pensamento, as seguintes linhas escritas por ele na margemde uma folha da Bíblia: «Eis a diferença: a porta do médico nunca deve estar fechada e a porta do sacerdote deve estar sempre aberta.»

Noutro livro intitulado *Filosofia da ciência médica* escrevera ele esta nota: «Tão médico sou eu como eles. Eles têm os seus enfermos, aos quais chamam doentes; eu tenho esses e os meus, a quem chamo desgraçados».

Noutra parte lia-se ainda: «Não pergunteis nunca o nome de quem vos pedir pousada Aquele que necessita de ocultar o seu nome, é quem mais carece de asilo».

Uma ocasião, um respeitável pároco, não sabemos bem se o de Couloubroux, se o de Pompierry, perguntou-lhe, talvez instigado por Magloire, se estava certo de não cometer, até certo ponto, uma imprudência, deixando de noite a porta aberta, à mercê de quem quisesse entrar, e se, finalmente, não receava consequências desagradáveis numa casa tão mal guardada.

O bispo, com serena gravidade, pôs-lhe a mão no ombro e disse-lhe:

— *Nisi Dominus custodierit domum, in vanum vigilante qui custodiunt earn.*

Dizendo isto, mudou logo de assunto.

O sacerdote, costumava ele dizer, tem tanta bravura como o militar. Com a diferença, acrescentava, que a nossa deve ser mais pacífica.

VII — Gravatte, o salteador

Vem a propósito aqui um facto que não devemos omitir, por ser um dos que melhor dão a conhecer o carácter do virtuoso bispo de Digne.

Depois de destroçada a quadrilha de Gaspar Bés, terrível bandido que infestara as gargantas de Olialles, refugiara-se na montanha com mais alguns salteadores que conseguiram escapar à justiça, um dos seus lugares-tenentes, chamado Gravatte. Conservando-se algum tempo oculto no condado de Nice, Gravatte entrou no Piemonte e, quando menos era esperado, reapareceu em França, do lado de Bercelonette, sendo visto primeiro em Jausiers e depois em

Tuiles. Oculto nas cavernas de Joug-de-l'Aigle, fazia frequentes incursões nos lugares e aldeias dos arredores, descendo pelos barrancos de Ubaye e do Ubayette.

Uma noite, chegou mesmo a entrar em Embrun, onde penetrou na catedral, roubando todos os objectos que se encontravam na sacristia. Os seus repetidos assaltos traziam a terra em contínuo e terrível sobressalto. Destacou-se um corpo de gendarmeria para o perseguir, mas foi trabalho baldado. Escapava-se sempre e até algumas vezes resistia às forças mandadas em sua perseguição.

No meio deste terror, chegou o bispo, que andava a fazer as suas visitas pelo distrito de Chastelar. O *maire* foi ao seu encontro e pretendeu convencê-lo de quanto seria prudente voltar para trás, pois Gravatte ocupava a montanha até para além do Arche. Tornava-se perigoso atravessá-la, mesmo com uma escolta, porque seria expor inutilmente a vida de três ou quatro pobres soldados.

— Por isso mesmo tenciono ir sem escolta — disse o bispo.

— Pois Monsenhor intenta semelhante coisa?! — exclamou o *maire.*

— De tal modo que recuso a companhia dos soldados e daqui a uma hora pôr-me-ei a caminho.

— Pois teima em partir?

— Porque não?

— Sozinho?

— Sim.

— Isso é uma temeridade, senhor bispo.

— Há três anos — replicou o bispo — que não visito o pequeno e humilde lugarejo da montanha, cujos habitantes e bons pastores, são todos meus amigos. A sua riqueza é uma cabra de cada rebanho de trinta que guardam; a sua indústria, é fazer bonitos cordões de lã de diversas cores e o seu divertimento, tocar árias montanhesas em flautins de seis buracos. Precisam de ouvir a palavra de Deus de tempos a tempos. Que haviam de dizer de um bispo medroso? Que diriam se eu lá não fosse?

— Mas, Monsenhor, e os salteadores?

— É verdade, tem razão. Se os encontrasse... Olhe que também devem ter necessidade de ouvir falar em Deus!

— É uma grande quadrilha! Um rebanho de lobos!

— Pois talvez seja desse rebanho, senhor *maire*, que Jesus queira que eu seja pastor. Quem sabe os desígnios da Providência?

— Podem roubá-lo, senhor bispo.

— Não tenho nada.

— Podem assassiná-lo!

— Ora! Com que fim fariam eles mal a um pobre sacerdote que vai a passar, ocupado unicamente em rezar as suas orações?

— Valha-me Deus! Que sucederá se os encontrar?

— Pedir-lhes-ei esmola para os meus pobres.

— Em nome do céu, Monsenhor, não exponha a sua vida!

— Pois é esse o seu temor, senhor *maire!* — atalhou o bispo. — Eu não ando no mundo para guardar a minha vida, mas sim para guardar as almas!

Ninguém o pôde fazer mudar de resolução. Apesar de todas as súplicas, partiu acompanhado apenas por um rapaz que se prestou a servir-lhe de guia.

A sua obstinada resistência deu muito que falar, deixando os ânimos sobressaltados em extremo. Desta vez não quis que a irmã nem Magloire o acompanhassem.

Atravessou a montanha montado numa mula e chegou são e salvo até aos pastores seus amigossem ter tido o menor encontro desagradável. Demorou-se quinze dias no meio deles, pregando, ensinando, moralizando, administrando os sacramentos.

Quando estava prestes a retirar-se, resolveu cantar pontificalmente um *Te-Deum* e comunicou a sua intenção ao cura. Mas surgiram graves dificuldades, pois não havia as insígnias episcopais que era mister. A modesta igreja paroquial apenas podia pôr à disposição do bispo alguns deteriorados paramentos de damasco, guarnecidos de galões falsos.

— Isso não será obstáculo, senhor cura — disse o bispo. — Anuncie na missa o nosso *Te-Deum,* que o mais sempre se há-de arranjar.

Procuraram-se paramentos em todas as igrejas dos arredores e reunidas as magnificências das humildes paróquias, mal chegavam para revestir convenientemente um chantre da catedral.

Achavam-se as coisas nestes apuros, quando à porta da residência paroquial chegaram dois cavaleiros desconhecidos que, depois de fazerem entrega de uma grande caixa de que eram portadores, tornaram a partir imediatamente. Aberta a caixa, viu-se que continha uma dalmática carregada de oiro, uma mitra guarnecida de diamantes, uma cruz arquiepiscopal, um báculo magnífico, todos os paramentos pontificais roubados um mês antes da sacristia de Nossa Senhora de Embrun. No fundo da caixa estava um papel em que se liam estas palavras: *Oferta de Gravatte a Monsenhor Bemvindo.*

— Eu bem dizia que tudo se havia de arranjar! — exclamou o bispo. Em seguida acrescentou, sorrindo: — A quem se contentava com a sobrepeliz de um simples cura, envia Deus um manto de arcebispo!

— Deus... ou o diabo! — murmurou o pároco, abanando a cabeça com um

sorriso de incredulidade.

O bispo fitou atentamente o pároco e replicou em tom austero:

— Foi Deus.

Quando voltou a Chastelar, de todos os lados, vinha gente à beira da estrada para o ver passar. Chegado à residência paroquial de Chastelar, encontrou a irmã e Magloire que o esperavam ali e, apenas as viu, exclamou:

— Então, eu não tinha razão? Vai um pobre sacerdote visitar os infelizes montanheses com as mãos vazias e volta de lá com elas cheias! Quando fui, levava apenas a minha confiança em Deus, e agora volto trazendo o tesouro de uma catedral!

À noite, antes de se deitar, disse ainda:

— Não tenhamos receio de ladrões e de assassinos. São muito pequenos os perigos exteriores. Devemos ter receio é de nós próprios! Os preconceitos e os vícios é que são os verdadeiros ladrões e os verdadeiros assassinos! Os maiores perigos são os que se acham dentro de nós mesmos. Que importa que a nossa cabeça ou a nossa bolsa esteja ameaçada? Não devemos temer senão o que nos ameaça a alma! — Depois, voltando-se para a irmã, acrescentou: — Minha irmã, o sacerdote não deve precaver-se contra o próximo. Aquilo que ele pratica é permitido por Deus. Limitemo-nos a implorar a bondade divina, quando nos julguemos ameaçados por qualquer perigo. Imploremo-la, não por nós, mas para que os nossos irmãos não caiam em tentação por nossa causa.

Todavia, os acontecimentos fora do comum, eram raros na sua existência. O modo de viver do bispo era quase sempre idêntico, passava a vida a fazer sempre as mesmas coisas nas mesmas ocasiões, de modo que um mês do seu ano assemelhava-se a uma hora do seu dia.

Quanto ao destino que levou o *tesouro* da catedral de Embrun, embaraçados nos veríamos se alguém nos perguntasse o que foi feito dele. Eram, na verdade, coisas muito ricas e tentadoras para não serem furtadas em proveito dos desvalidos. E demais, furtadas já elas tinham sido. Metade da aventura estava passada; o que faltava era mudar apenas a direcção do furto, fazendo-lhe dar mais uns passos para o lado dos pobres. Não afirmaremos, pois, coisa alguma a tal respeito. O que sabemos ao certo é que entre os papéis do bispo apareceu uma nota de certo modo obscura, que alude talvez a este assunto, e concebida nos seguintes termos: *O ponto consiste em saber se isto deve voltar para a catedral, ou ir para o hospital.*

VIII — Filosofia de sobremesa

O senador de que atrás falámos, era um homem entendido, que percorrera sempre o seu caminho com rectidão pouco atenta a todos os encontros que lhe servem de obstáculo e a que se chama consciência, fé, justiça e dever;

superior a semelhantes preconceitos, caminhara sempre direito ao seu fim, sem uma só vez se desviar da linha do seu adiantamento e interesses. Era um antigo procurador, não pervertido pela prosperidade nem dotado de mau coração, prestando com facilidade os serviços que podia em favor dos filhos, genros, parentes e até amigos; aproveitara sempre os ensejos da fortuna e o que a vida tem de melhor, sem se importar com mais nada, porque o contrário, no seu entender, era asneira. Espirituoso e instruído suficientemente para se julgar discípulo de Epicuro, não passando talvez de um produto de Pigault-Lebrun, ria-se com a maior satisfação e vontade das coisas infinitas e eternas e dos *desvarios do bom bispo,* chegando, por vezes, a fazê-lo com a mais prazenteira autoridade, na presença do próprio prelado.

Um dia, por ocasião de uma cerimónia semi-oficial, encontraram-se a jantar em casa do prefeito, Carlos Myriel e o conde de... (o senador). À sobremesa, o senador, um tanto prazenteiro, sem contudo perder a dignidade, exclamou:

— Senhor bispo, se não se importa, conversemos um bocado. Um senador e um bispo raramente conseguem fitar-se sem piscar os olhos. Nós somos dois agoureiros. Vou fazer-lhe uma revelação. Tenho um sistema filosófico propriamente meu.

— Faz muito bem — respondeu o bispo. — Conforme é a filosofia que professamos, assim é a cama que preparamos para nós próprios. A de V. Ex.ª deve ser de púrpura, senhor senador.

Este, mais animado, continuou:

— Sejamos bons rapazes!

— Pobres diabos, mesmo! — disse o bispo.

— Declaro-lhe — prosseguiu o senador — que o marquês de Argens, Pyrrhon, Hobbes e Naigeon, não são nenhuns parvos ridículos. Tenho na minha biblioteca todos os meus filósofos, magnificamente encadernados.

— Como V. Ex.ª, senhor conde — interrompeu o bispo.

O senador prosseguiu:

— Odeio Diderot! É um ideólogo, um declamador revolucionário, mas no íntimo mais crente em Deus e mais religioso do que Voltaire. Este escarnecia de Needham e não tinha razão, porque as enguias de Needham provam que Deus é inútil. Uma gota de vinagre numa colher de farinha amassada vale pelo *fiat lux.* Imaginem uma gota maior e uma colher de mais avantajadas dimensões e aí têm o mundo! O homem é a enguia! Neste caso, de que serve o Padre Eterno? Senhor bispo, não posso levar à paciência a hipótese Jeová. Só serve para emagrecer os que pensam demais. Abaixo, pois, esse grande Todo que me incomoda! Viva *Zero,* que me deixa tranquilo! Aqui entre nós, para não

ficar nada por dizer e confessar-me ao meu pastor, como devo: declaro-lhe que, por ora, tenho a cabeça no devido lugar, e não me sinto apaixonado pelo seu Jesus que prega por todos os cantos a renúncia e o sacrifício. Conselho de um avarento dado a mendigos. Renúncia, porquê? Sacrifício, a quem? Não é crível que um lobo se imole por outro lobo. Conservemo-nos como a natureza nos fez. Estamos no cume, seja também superior a nossa filosofia. De que serve estar no cimo, se a gente não vê um palmo adiante do nariz? Vivamos alegremente, porque na vida se cifra tudo! No outro futuro que dizem que o homem tem cá por cima, lá por baixo, em qualquer parte, isso escusam de pregar, porque não creio numa só palavra. Como me recomendam o sacrifício e a renúncia, devo meditar sobre todas as minhas acções e quebrar a cabeça para distinguir o bem do mal, o justo do injusto, e o lícito do ilícito Porquê? Porque terei de dar contas das minhas acções? Quando? Depois da minha morte. Que bonito sonho! Depois de eu morrer hão-de pegar-me nas botas! Falemos franco, nós que somos iniciados e que erguemos a túnica de Isis. Não há bem nem mal, há apenas vegetação. Procuremos a realidade, cavemos até ao fundo, que diabo! É necessário encontrar a verdade, cavemos até encontrá-la e tenhamos a certeza de que ela nos dará os mais requintados prazeres e que fará com que nos riamos do resto. Bem vê que sou quadrado na base. Senhor bispo, a imortalidade da alma não passa de um mito, uma promessa encantadora e mais nada! Que felicidade ser filho de Adão! Ser alma, ser anjo, ver-se a gente com asas azuis nas omoplatas, que deslumbrante perspectiva! Vamos, senhor bispo, ajude-me a memória, não foi Tertuliano quem disse que os bem-aventurados andarão de astro em astro? Ora aí tem! Seremos os gafanhotos das estrelas e ainda por cima gozaremos da presença de Deus. Que patarata é toda esta colecção de paraísos! Deus não passa de uma frioleira monstruosa! Por certo que eu não ia agora pôr-me a dizer isto nas colunas do *Monitor,* mas aqui entre amigos *inter pocula* posso dizê-lo. Sacrificar a terra pelo paraíso é largar a presa pela sombra! É extremamente estúpido ser logrado pelo infinito. O que sou eu senão uma porção do nada? Existia porventura antes de nascer? Não. Continuarei a existir depois de morto? Não. O que sou então? Um pouco de pó agregado por um organismo. Que devo fazer na terra? Posso escolher: sofrer ou gozar. Aonde me conduzirá o sofrimento? Ao nada. Mas terei sofrido. Aonde me levará o gozo? Ao nada. Mas terei gozado. Assim, pois, a minha escolha está feita. É indispensável dominar ou ser dominado. Prefiro dominar! É preferível ser martelo a ser bigorna. É esta a minha teoria. No fim de tudo isto está o coveiro, que é para nós o Pantheon e está tudo arrumado. *Finis.* Liquidação total. Some-se tudo para nunca mais aparecer. Creia-me, a morte é a morte e, por mais que me

digam, não posso deixar de rir quando penso nela. É uma invenção de amas de crianças; para estas é o *papão,* para os homens é Jeová! Além do túmulo, há a igualdade do nada. Sardanapalo ou Vicente de Paula, quem quer que tenhais sido, o mesmo nada vos caberá em sorte. Aqui está a verdade! Portanto, vivamos, dê por onde der. Façamos uso do nosso eu, enquanto o possuímos. Repito-lhe, senhor bispo, tenho a minha filosofia e os meus filósofos e não me deixo engrinaldar com patranhas. Todavia, alguma coisa hão-de ter os que rastejam na lama, os pés-descalços, os miseráveis. Dão-se-lhe a engolir as lendas, as quimeras, a alma, a imortalidade, o paraíso, as estrelas. E eles lá vão mastigando tudo. Quem não tem nada, tem Deus. Pouco é, mas valha-nos isso. Da minha parte não lhe ponho obstáculos, mas guardo Naigeon para mim. Quanto a Deus, deixo-o ao povo.

— Ora isso é que se chama falar! — exclamou o bispo, batendo as palmas. — Excelente! É realmente maravilhoso o seu materialismo, senhor conde! Quem o professa está livre de cair em logros; não se deixa desterrar estupidamente como Catão, nem apedrejar como Santo Estêvão, nem queimar vivo como Joana d'Arc! Quem consegue chegar a possuir tão admirável materialismo tem o prazer de conseguir a irresponsabilidade e adquirir a convicção de que tudo pode devorar sem susto, empregos, sinecuras, dignidades, palinódias lucrativas, traições úteis, saborosas capitulações de consciência e que descerá ao túmulo, depois de bem feita a digestão. Que agradável coisa! Eu não digo isto por V. Ex.ª, senhor senador. Todavia, não posso deixar de lhe dar os parabéns! Os fidalgos, como V. Ex.ª disse, têm uma filosofia própria, subtil, requintada, unicamente acessível aos ricos, óptimo condimento para guisar com todas as voluptuosidades da vida! É uma filosofia desenterrada das profundidades por investigadores especiais. Porém, magnates de bom coração, não levam a mal que a crença em Deus seja a filosofia do povo, do mesmo modo, por assim dizer, como a açorda é o peru do pobre.

IX — O carácter do irmão descrito pela irmã

Para dar ideia mais perfeita da vida íntima do bispo de Digne e do modo como as duas mulheres subordinavam os hábitos e intenções do prelado as suas acções, pensamentos e até instintos de mulheres assustadiças, sem que ele tivesse sequer o trabalho de falar para as exprimir, nada melhor do que transcrever uma carta escrita por Baptistina à viscondessa de Boischevron, sua amiga de infância.

Digne, 16 de Dezembro de 18...

Minha querida amiga:

Não se passa um só dia em que não falemos a seu respeito. Isto é um hábito antigo, mas, além disso, há ainda outra razão. Imagine que a Magloire andando a lavar e a limpar

os tectos e as *paredes da casa, fez uma grande descoberta; agora os nossos quartos forrados de papel antigo e caiado por cima, não fariam má figura num palácio do género do seu. Magloire rasgou todo o papel e encontrou por baixo uma infinidade de coisas.*

A minha sala, que não tem móveis, e de que nós nos servimos para estender roupa, tem quinze pés de altura e dezoito de largura. Vê-se agora que o tecto foi forrado de lona, no tempo em que isto era hospital, antigamente era pintado e dourado e tinha até trabalho de talha, enfim, um tecto à antiga. Porém, o que é digno de se ver é o meu quarto. Por baixo de uma camada muito densa de papéis colados, Magloire descobriu várias pinturas, as quais, sem serem boas, são muito suportáveis.

Uma representa Telemaco a ser armado cavaleiro por Minerva; outra representa-o nos jardins não sei de que... onde as damas romanas só iam uma vez. Como lhe hei-de dizer tudo? Tenho romanos e romanas (nesta passagem da carta há uma palavra ilegível) *e toda a sua comitiva. Magloire limpou e lavou tudo e este Verão, reparadas algumas pequenas avarias, o meu quarto ficou um verdadeiro museu. Encontrou também num canto do sótão, duas* consolas *muito antigas. Pediram doze francos para as restaurar, mas é preferível dar este dinheiro aos pobres, porque, afinal de contas, são dois objectos muito feios, que eu de boa vontade trocaria por uma mesa redonda de acajú.*

Eu continuo a ser muito feliz pela bondade de meu irmão. Dá tudo quanto tem aos pobres e enfermos. Os Invernos aqui são muito rigorosos, de maneira que é indispensável fazer alguma coisa pelos infelizes. Nós vivemos muito apoquentados, mas, graças a Deus, não temos falta de lenha nem de luz. Bem vê que estas coisas não são dadas a todos.

Meu irmão está habituado a certas coisas e diz sempre que um bispo deve ser como ele. Imagine que a porta da nossa casa nunca se fecha a chave. Meu irmão não tem medo de nada, nem mesmo de noite. Segundo ele diz, um sacerdote não deve ter medo.

Não quer que eu nem Magloire nos preocupemos por causa dele. Expõe-se aos maiores perigos e não podemos sequer demonstrar que isso nos assusta. É necessário saber compreendê-lo.

A chuva não o impede nunca de sair, chegando no Inverno a fazer longas jornadas a pé, debaixo de água, sem temer as estradas nem recear qualquer mau encontro.

O ano passado fez uma das suas excursões a um lugar infestado de salteadores e não quis que nós o acompanhássemos, demorando-se por lá quinze dias. Quando chegou a casa, sem que tivesse sofrido o menor incómodo e quando todos já o julgavam morto, disse-me: «Aqui está como me roubaram!». E abriu uma grande mala onde se encontravam todas as jóias da catedral de Embrun e que os ladrões lhe tinham dado. Desta vez, mas de modo que ninguém ouvisse, não pude deixar de ralhar com ele.

Ao princípio, assustava-me muito por ver como ele se metia aos perigos sem tomar qualquer medida de precaução, mas depois fui-me habituando. Recomendo sempre a Magloire que o não contrarie e que o deixe proceder como muito bem lhe apraz. Nestas ocasiões, retiro-me para o meu quarto, peço a Deus por ele e durmo descansada. Sinto-me tranquila, porque sei que não resistiria se lhe sucedesse alguma desgraça, iria reunir-me com meu irmão e meu bispo na presença de Deus. Magloire teve mais dificuldade do que e u em habituar-se ao que ela chamava «imprudência do senhor bispo», mas, por fim, também se habituou. Oramos ambas, assustadas às vezes, mas concluídas as nossas orações deitamo-nos e adormecemos. Na nossa casa podia entrar o próprio diabo sem que ninguém se lhe opusesse. Mas no fim de tudo, que podemos nós recear? Temos sempre connosco o mais forte. O diabo pode passar por ela, mas não entrará porque é habitada por Deus!

E é quanto me basta para viver sossegada. Meu irmão agora nem precisa de dizer-me a menor palavra. Sei o que ele quer, e entregamo-nos nas mãos da Providência.

Creio que não devo proceder de outro modo com um homem de inteligência tão sublime.

Obtive de meu irmão as informações que a minha amiga pretendia relativamente à

família de Faux, porque bem sabe que ele ainda não perdeu os bons sentimentos realistas que sempre teve, lembrando-se ainda de tudo. Efectivamente, é uma antiquíssima família da Bretanha. Há quinhentos anos, já existiam um Raul de Faux, um Jean de Faux e um Thomaz de Faux, todos fidalgos e um deles senhor de Rochefort. O último foi Guy Estêvão Alexandre, mestre de campo e não sei o quê na cavalaria ligeira da Bretanha. Sua filha, Maria Luísa, casou com Adriano Carlos de Gramont, filho do duque de Gramont, par de França, coronel das guardas francesas e tenente-general do exército. O nome desta família tem aparecido escrito de três modos: Faux, Fauq e Faouq.

Minha boa amiga, peço-lhe que nos recomende nas orações do seu santo parente o senhor cardeal. Quanto à sua querida Silvana, tem feito muito bem em não perder os curtos momentos que passa na sua companhia, para me escrever. Uma vez que ela tem saúde, trabalha segundo os desejos da minha amiga e me conserva a antiga afeição, é quanto desejo. Eu não passo mal, todavia, não sei porquê, estou cada vez mais magra.

Adeus. Está a acabar o papel, e por isso concluo, desejando-lhe todas as venturas.

Baptistina

P. S. — O seu sobrinho está lindo como os anjos. Sabe que em breve vai fazer cinco anos? Ontem, vendo passar um cavalo com umas Coelheiras, perguntou: « O que tem aquele cavalo nos joelhos?». É uma criança muito interessante. O irmão mais novo, passa horas seguidas a brincar, arrastando um cestinho velho, a que chama a sua carruagem.

Como se vê por esta carta, as duas mulheres sabiam afeiçoar-se ao modo de viver do bispo, com o talento particular da mulher que melhor compreende o homem do que ele próprio se compreende a si. O bispo de Digne sob o seu ar prazenteiro e cândido, que nada era capaz de alterar, praticava às vezes coisas sublimes, arrojadas e magníficas, com o modo mais natural e simples. As duas mulheres tremiam de susto, mas não lhe opunham resistência. Magloire arriscava às vezes uma observação, mas antes ou depois, nunca na mesma ocasião. Nunca o perturbavam na prática de qualquer acção por uma palavra ou sequer por um gesto. Em certos momentos, sem lhe ser necessário *a* ele dizê-lo nem se lembrar talvez de o fazer, tão completa era a sua simplicidade, conheciam elas vagamente que ele procedia como bispo e então eram apenas como que duas sombras, divagando pela casa. Serviam-no passivamente e, se para obedecer fosse necessário desaparecer, desapareciam. Por uma admirável delicadeza de instinto, conheciam que há solicitudes que incomodam. Assim, ainda que o supusessem em perigo, compreendiam-lhe, se não a intenção, pelo menos o génio, a ponto de não exercerem a menor vigilância sobre ele. Deixavam-no entregue a Deus.

Contudo, como acaba de ler-se, Baptistina dizia que a morte do irmão seria a morte dela, e Magloire, posto não o dissesse, também o sabia.

X — O bispo em presença de uma luz desconhecida

Em época pouco posterior à data transcrita nas páginas precedentes, o prelado fez uma coisa mais arriscada ainda, na opinião de toda a gente da cidade, do que a jornada pela montanha infestada de salteadores. Havia nos arrabaldes de Digne um homem que vivia inteiramente isolado da sociedade.

Esse homem, de nome G..., pronunciemos sem a menor hesitação a palavra terrível, era um antigo membro da Convenção Nacional.

Entre o povo de Digne, falava-se no convencional G... com uma espécie de terror. Um convencional! Alguém faz ideia exacta do que é essa coisa que existia no tempo em que todos se tratavam por tu e se chamavam uns aos outros cidadãos?

Esse homem era quase um monstro. Não votara a morte do rei, mas pouco menos. Era um meio-regicida, que fora *herói* do terror. Como fora possível que no estabelecimento dos príncipes legítimos, semelhante homem escapasse ao justo castigo dos seus crimes? Não queriam manchar as mãos no sangue dele? Muito bem. Mas deviam tê-lo expulso, desterrado para toda a vida, dando assim um exemplo, finalmente, etc., etc. Grasnar de gansos acerca do abutre.

E seria realmente um abutre o convencional G...? Decerto, a julgá-lo pela feroz solidão em que vivia. Não compreendido nos decretos de desterro, por não ter votado a morte do rei, fora-lhe concedido residir em França.

Ali habitava, pois, a três quartos de légua da cidade, fora do povoado, longe da estrada, no meio de um vale agreste, onde possuía, segundo diziam, um esconderijo. Não tinha vizinhos e ninguém passava por ali. O carreiro que, em tempo, conduzia ao vale, desaparecera coberto pela erva, depois que ele para ali fora residir. Falava-se daquele sítio como da mansão do carrasco. Todavia, o bispo lembrava-se dele, e de tempos a tempos, olhando para o horizonte, na direcção em que uma moita indicava o vale do antigo convencional, dizia para consigo: «Há ali uma alma que vive isolada». E, no fundo do seu pensamento, acrescentava: «O meu dever é ir visitá-la».

Todavia, cumpre confessá-lo, tal ideia, à primeira vista muito natural, após um momento de reflexão, apresentava-se-lhe como estranha, impossível e quase repulsiva, pois no seu íntimo participava da impressão geral, inspirando-lhe o homem, sem ele mesmo ter perfeita consciência disso, esse sentimento que defronta com o ódio, tão bem expresso pela palavra repulsão.

Contudo, deve o pastor fugir da ovelha sarnenta? Não. Mas que ovelha era aquela!

O bondoso bispo sentia-se perplexo. Algumas vezes foi até meio do caminho e voltou sempre para trás.

Um dia, espalhou-se na cidade a notícia de que um rapazinho que estava como criado do convencional viera à cidade em busca de um médico para ir ver o celerado ao seu covil, o qual acometido por um ataque apopléctico, estava moribundo, a tal ponto que se receava não passasse daquela noite

— Graças a Deus! — exclamaram alguns.

O bispo pegou na bengala, cobriu-se com o capote, não só por causa do mau estado da batina, como também pela aragem fresca da noite, que não tardaria a levantar-se e saiu.

Declinava o sol, quase a ponto de esconder-se, quando o bispo chegou ao lugar excomungado. Ao ver-se próximo do covil, o coração bateu-lhe em sobressalto. Saltou um valado, transpôs uma sebe, deu alguns passos resolutamente e, de repente, descobriu o esconderijo oculto por um matagal, no fundo do baldio.

Era uma pequena cabana, de aspecto pobre, mas aprazívele asseada, com toda a parte da frente coberta por uma ramada.

A entrada da porta, numa velha cadeira de rodas, estava sentado um homem de cabelos brancos e que parecia sorrir-se para os últimos raios de sol.

Junto do velho sentado, encontrava-se de pé um rapazito, tipo de pastor, apresentando-lhe uma tigela de leite.

Estava ainda o bispo a contemplar este quadro, quando ouviu a voz do velho que dizia:

— Obrigado, já não preciso de nada!

E desfitou os olhos do sol para os fixar, sorrindo, no rapazinho.

O bispo adiantou-se. Ao ruído dos seus passos, o velho voltou a cabeça, exprimindo na fisionomia a surpresa que se pode experimentar depois de tão prolongada existência.

— Desde que aqui estou é esta a primeira vez que alguém vem a minha casa — disse ele. — Quem é o senhor?

— Chamo-me Bemvindo Myriel — respondeu o bispo.

— Bemvindo Myriel... Já ouvi esse nome. Não é ao senhor que o povo chama Monsenhor Bemvindo?

— Exactamente.

O velho prosseguiu com ligeiro sorriso:

— Visto isso, é o meu bispo.

— Creio que sim

— Tenha a bondade de entrar.

O convencional estendeu a mão ao prelado, mas este fingiu não perceber e limitou-se a dizer:

— Vejo com prazer que me enganaram, visto realmente não parecer muito doente.

— Espero dentro em pouco ficar restabelecido — respondeu o velho. E, após uma curta pausa, acrescentou: — Não viverei mais de três horas.

O bispo fitou-o, admirado, e ele continuou:

— Tenho alguns conhecimentos de medicina, por isso conheço os sintomas da morte. Ontem tinha apenas os pés frios; hoje tenho também os joelhos e sinto que o frio me vai subindo para o meio do corpo; quando chegar ao coração, deixarei o mundo. A vista do sol é um belo espectáculo, não acha? Pedi que me trouxessem cá para fora porque queria vê-lo pela última vez. O senhor pode conversar, não me incomoda. Fez muito bem em vir assistir à morte de um homem. É bom que esse momento tenha testemunhas. Cada qual tem a sua mania, desejava viver até ao romper da aurora, mas sei que só me restam três horas para viver. Morrerei de noite, mas, no fim, que importa isso? Acabar é uma coisa simples. Não se necessita de dia para morrer. Paciência, morrerei à luz das estrelas. — E, voltando-se para o rapazinho, disse-lhe: — Vai descansar. Passaste a noite em claro, deves estar fatigado.

O rapazinho retirou-se e o velho, seguindo-o com a vista, acrescentou, como falando consigo mesmo:

— Quando eu morrer, estará ele a dormir. São dois sonos que não se estorvarão.

O bispo não estava comovido, como parece que deveria estar. Não julgava pressentir a presença de Deus naquele modo de morrer; digamos tudo porque as pequenas contradições das grandes almas devem ser apontadas como tudo o mais, ele que, sempre que se oferecia ocasião, ria jovialmente quando lhe davam o tratamento de Vossa Grandeza, sentiu-se um tanto ressentido de não ser tratado por Monsenhor, e esteve quase tentado a replicar: cidadão! Acometera-o uma veleidade de caprichosa familiaridade, muito vulgar nos médicos e nos padres, mas que nele não era natural. Pela primeira vez na sua vida, talvez, o bispo sentiu-se com severa disposição de espírito contra aquele homem que, apesar de convencional, de representante do povo, tinha sido um poderoso na terra.

Ao mesmo tempo que o convencional o contemplava com ar de modesta cordialidade, a que talveznão era de todo estranha a humildade própria do homem que sente aproximar-se o fim.

O bispo, posto que fosse habitualmente pouco curioso, porque, no seu entender, a curiosidade vive paredes meias com a ofensa, não se podia coibir de o examinaratentamente porque, por não provir de um sentimento de simpatia, a sua consciência lhe haveria decerto exprobrado, se tivesse lugar para com outro qualquer homem. No seu entender, porém, um convencional estava fora de todas as leis, mesmo da lei da caridade.

G..., com o seu aspecto sereno e firme, a voz vibrante e grave, era um octogenário dos que causam admiração ao fisiologista. A revolução foi fértil nesses homens proporcionados à época. Conhecia-se naquele velho o homem

de acção, que tão próximo da morte, conservava ainda todos os movimentos de saúde. Na sua vista segura, na voz firme, no robusto movimento dos ombros, parecia haver ainda energia de sobejo para repelir a morte. Azrael, o anjo maometano do sepulcro, teria retrocedido, julgando-se enganado na porta.

Aquele homem parecia morrer voluntariamente. A sua agonia parecia um acto espontâneo. Só as pernas tinham perdido o movimento, como se fosse por elas que a morte o tivesse agarrado. Os pés jaziam-lhe mortos e frios, mas a cabeça respirava-lhe toda a seiva da vida e parecia em perfeita lucidez. Naquele grave momento, G... assemelhava-se ao rei do conto oriental, cuja parte superior do corpo era de carne e a inferior de mármore. O bispo sentou-se numa pedra que viu próxima de si e principiou. O seu exórdio foi um *ex-abrupto.*

— Felicito-o — disse ele em tom de exprobração. — Creio que nem sempre votou a morte do rei.

O convencional pareceu não reparar no sentido oculto da palavra sempre e respondeu com a maior seriedade:

— Não me felicite, porque o que eu votei foi o fim do tirano.

Era a voz austera em presença da severidade.

— Não percebo o que quer dizer — tornou o bispo.

— Quero dizer que o tirano do homem é a ignorância, e que foi a sua morte o que eu votei. Foi esse tirano o autor da realeza, que é a autoridade tomada de ideias falsas, enquanto a ciência é a autoridade tomada da verdade das coisas. O homem só pela ciência deve ser governado.

— E pela consciência — acrescentou o bispo.

— É a mesma coisa. A consciência não é mais do que a quantidade de ciência inata que possuímos.

O bispo escutava, tomado de admiração, aquela linguagem inteiramente nova para ele.

O convencional prosseguiu:

— Quanto a Luís XVI, votei contra a morte dele. Não me julgo com direito de matar um homem, mas tenho o dever de exterminar o mal. Por isso votei o fim do tirano, isto é, o fim da prostituição para a mulher, o da escravidão para o homem, o das trevas para a criança. Votei isto, votando a república. Votei a fraternidade, a concórdia, a aurora. Trabalhei na queda dos erros e dos preconceitos, de cujo desmoronamento resulta sempre a luz. Fizemos cair a sociedade velha, vaso de misérias, que, ao derramar-se sobre o género humano, se converteu em uma de felicidade!

— Felicidade amarga! — retorquiu o bispo.

— Pode dizer felicidade perturbada; e hoje, depois desse fatal restabelecimento do passado chamado 1814, felicidade desaparecida. Desgraçadamente, reconheço, a obra ficou incompleta; demolimos o antigo regime nos factos, mas não pudemos exterminá-lo inteiramente nas ideias. Não basta destruir os abusos, é necessário modificar os costumes. Destruiu-se o moinho, mas ainda ficou o vento.

— Demolir pode ser que seja útil, mas desconfio sempre de demolições em que entra a cólera.

— O direito tem também a sua cólera, senhor bispo, e a cólera do direito é um elemento do progresso. Assim, digam o que disserem, a revolução francesa foi o maior passo que a humanidade tem dado depois do aparecimento de Cristo. Incompleta, concordo, mas sublime. Resolveu todas as incógnitas sociais, suavizou os espíritos, acalmou, pacificou, esclareceu; inundou a terra das ondas da civilização Foi portanto boa! A revolução francesa foi a santificação da humanidade.

O bispo não pôde conter-se e retorquiu:

— Sim? E 93?

O convencional endireitou-se na cadeira com solenidade quase lúgubre e exclamou com toda a energia possível a um moribundo:

— Aí vem com 93! Já estava à espera disso! Há mil e quinhentos anos principiou a formar-se uma nuvem que, ao cabo de quinze séculos, rebentou. E o senhor vem acusar o raio!

Apesar de tentar encobri-lo a si próprio, o bispo sentiu-se ferido, porém, respondeu, aparentando indiferença:

— O juiz fala em nome da justiça e o sacerdote em nome da religião, que é uma justiça mais elevada. O raio não deve enganar-se. — E olhando fixamente para o convencional, acrescentou: — E Luís XVII?

— Luís XVII? Ora vejamos. Quem é que o senhor lastima? É a criança inocente? Nesse caso, estamos de acordo, porque choro com o senhor. É a criança real? Peço que me deixe reflectir. Para mim, o irmão de Cartouche, menino inocente, atado à força por baixo dos braços e suspenso até o fazerem morrer, só pelo crime de ser irmão de Cartouche, não é facto menos doloroso do que o martírio porque passou o neto de Luís XV na torre do Templo, só pelo facto de ser neto de Luís XV.

— Eu é que não posso aceitar a aproximação de semelhantes nomes — disse o bispo.

— Mas por qual dos dois reclama? Por Cartouche ou por Luís XVII?

Seguiu-se um momento de silêncio. O bispo quase se arrependia de ter ido ali, porque se sentia estranhamente impressionado.

O convencional prosseguiu:

— Vejo que não gosta do rigor da verdade, senhor padre! Gostava Cristo, que pegava numa vara e varria o templo. O seu azorrague cheio de relâmpagos dizia bem rudes verdades. Quando exclamava: *Sinite parvulos,* não fazia distinção entre as crianças. Não teria escrúpulo de juntar o filho de Barrabás com o filho de Herodes. O tratamento de Alteza não serve de nada à inocência, porque tão augusta é coberta de andrajos como quando adornada de arminhos!

— É exacto — disse o bispo em voz baixa.

— Insisto, pois, na minha opinião — continuou o convencional. — Falou-se em Luís XVII, entendamo-nos, portanto. Devemos chorar sobre todos os inocentes, sobre todos os mártires, sobre todas as crianças, sejam filhos do povo, sejam filhos do rei? De acordo. Mas então, repito, é necessário retroceder muito além de 93, porque é antes de Luís XVII que as lágrimas devem começar a ser derramadas. Estou pronto a chorar com o senhor os filhos dos reis, contando que o senhor chore comigo, os filhos do povo!

— Eu choro por todos — disse o bispo.

— Igualmente! — exclamou G... — Mas se a balança deve inclinar para alguma parte, que seja antes para o lado dos filhos do povo, porque há mais tempo que sofrem!

Seguiu-se nova pausa, a qual foi interrompida pelo convencional. Firmou-se num dos cotovelos, apertou entre o polegar e o índice dobrado a pele da cara, com o gesto maquinal de quem interroga ou reflecte, e fitou no bispo um olhar perscrutador, que respirava toda a energia da agonia. Foi quase uma explosão.

— Sim, senhor bispo, há muito que o povo sofre! Mas faça o favor de dizer-me: o que pretendia ao vir interrogar-me e falar-me sobre Luís XVII, o senhor aquem eu nem sequer conheço? Desde que resido nesta terra, tenho vivido sempre aqui encerrado, sem companhia, sem ver ninguém, além desse rapazinho que me tem servido. O seu nome é verdade que o ouvi por duas ou três vezes e, devo dizê-lo, pronunciado com respeito, mas isso nada quer dizer; os homens astuciosos sabem perfeitamente como se lança poeira nos olhos do povo. É verdade, eu não ouvi o ruído da sua carruagem; deixou-a decerto oculta no arvoredo, à entrada do caminho que conduz aqui? Repito-lhe, não o conheço, disse-me que era o bispo, mas isso nada me adianta no conhecimento das suas qualidades morais. Em suma, o senhor é um bispo, quer dizer,um príncipe da Igreja, um desses homens que se cobrem de oiro e arminhos, vivem no fausto e nos regalos, cobram boas rendas, disfrutam bispados: por exemplo, o de Digne que tem de renda fixa quinze mil francos e

dez mil de emolumentos, soma vinte e cinco mil francos: é um desses homens que têm lacaios, mesa lauta, onde à sexta-feira se serve o melhor peixe; que rodeados de criados se pavoneiam em coches de gala e habitam palácios, tudo em nome de Jesus Cristo, que andava descalço! O senhor é um prelado, quer dizer, um homem com rendimentos, palácios, cavalos, lacaios, boa mesa, todas as sensualidades da vida, enfim, que possui como os outros e das quais como qualquer outro goza. Está muito bem, mas isso diz mais ou menos que o suficiente; não me esclarece sobre o seu valor intrínseco, essencial para quem, como o senhor, talvez, vem aqui com o intuito de me dar sabedoria e luz? Com quem estou a falar? Quem é o senhor?

O bispo inclinou a cabeça e respondeu:

— *Vermis sum.*

— Um verme de carruagem! — murmurou o convencional.

Chegara a sua vez de se mostrar altivo e o bispo humilde.

— Pois seja assim! — replicou o bispo suavemente. — Mas explique-me de que modo prova aminha carruagem, que deixei oculta entre o arvoredo, a minha boa mesa, o peixe que nela se serve à sexta-feira, o meu rendimento de vinte e cinco mil francos, o meu palácio e os meus lacaios, como é que tudo isto prova não ser a piedade uma virtude, a clemência um dever e que 93 não foi inexorável?

O convencional passou a mão pela fronte como que para afastar um pensamento e em seguida disse:

— Antes de lhe responder, peço-lhe que me perdoe a falta que cometi. O senhor está em minha casa, é meu hóspede, devo tratá-lo com cortesia. Discute as minhas ideias, devo limitar-me a combater os seus raciocínios. As suas riquezas, os seus gozos são outras tantas vantagens que eu tenho a meu favor no debate, mas de que parece mal servir-me Prometo, portanto, não o tornar a fazer.

— Agradeço-lhe a intenção — disse o bispo.

G... continuou:

— Voltemos à explicação que me pediu. Em que ponto estávamos? Dizia-me, se bem me lembro, que 93 foi inexorável.

— Inexorável, isso mesmo! — repetiu o bispo. — Que ideia faz de Marat batendo as palmas em frente da guilhotina?

— Que ideia faz de Bossuet entoando um *Te-Deum,* depois das dragonadas?

A resposta era cruel, mas foi direita ao alvo com a rigidez de uma ponta de aço. O bispo estremeceu e emudeceu, mas sentiu-se ofendido ao ouvir citar Bossuet de semelhante modo. Os espíritos mais esclarecidos têm os seus ídolos e às vezes como que se agastam com os desacatos da lógica.

O convencional principiava a respirar com dificuldade, a asma da agonia entrecortava-lhe já a voz; todavia, notava-se-lhe ainda nos olhos perfeita lucidez da alma e prosseguiu:

— Digamos ainda algumas palavras sobre o assunto, que desejo imenso. Tirando a revolução, que, tomada em geral, foi uma grande afirmativa humana, 93 é uma réplica. O senhor acha-a inexorável, mas que tem sido a monarquia? Carrier é um facínora, mas que nome dá a Montrevel? Fouquier-Finville é um miserável, mas que conceito forma de Lamoignon-Bâville? Maillard é uma criatura repugnante, mas que diz de Saulx Tavannes? O padre Duchesne é um homem feroz, mas que epíteto acha o senhor que merece o padre Letellier? Jourdan-Coup-Tête é um monstro, mas muito menos hediondo do que o marquês de Louvois. Lamento Maria Antonieta, arquiduquesa e rainha, mas lamento também aquela pobre mulher huguenote, que em 1685, no reinado de Luís o Grande, foi atada a um poste, nua até à cintura, com o filhinho que amamentava abandonado a alguma distância; o seio transbordava-lhe de leite e o coração de angústia; a infeliz criancinha, esfomeada e pálida, agonizava e gritava, sem poder colar os lábios naquele seio, e o algoz dizia à infeliz mãe: «Abjura!», dando-lhe aescolher entre a morte do filho e a da consciência. Que lhe parece este suplício de Tântalo acomodado a uma pobre mãe? Creia, senhor bispo, a revolução francesa teve as suas razões. A sua ira há-de encontrar absolvição no futuro. O resultado dela será um mundo melhor. Os seus golpes mais terríveis escondem um afago ao género humano. Mas não posso mais... fiz o meu... dever... a morte avizinha-se.

E, desfitando os olhos do bispo, concluiu o seu pensamento nestas poucas palavras:

— As brutalidades do progresso chamam-se revoluções! Depois delas terminadas todos reconhecem que o género humano foi severamente maltratado, mas que deu alguns passos em frente!

Mal suspeitava o convencional que, uns após outros, acabava de derrubar todos os redutos do espírito do bispo. Todavia, ainda um ficava de pé, e dele, supremo recurso da resistência de Monsenhor Bemvindo, saíram estas palavras, que deixava de novo transparecer toda a severidade de há pouco:

— O progresso deve crer em Deus. O bem não pode ter por servidora a impiedade. Mal vai ao género humano, se o ateísmo é seu guia!

O antigo representante do povo não respondeu. Sentiu um estremecimento, fitou os olhos no céu e duas lágrimas lhe deslizaram pelas faces lívidas. Depois, lentamente, em voz baixa, como que falando consigo mesmo, murmurou:

— Só tu, ó ideal, só tu existes!

O bispo sentiu uma inexplicável comoção.

Depois de alguns instantes de silêncio, o convencional ergueu um dedo para o céu, dizendo:

— O infinito existe, está bem! Se o infinito não tivesse um *eu, o eu* seria o seu limite e, portanto, não seria infinito, ou, por outras palavras, não existiria. Ora ele existe. Logo tem um *eu. O eu do* infinito é Deus!

Estas palavras foram proferidas em voz alta pelo moribundo, com o estremecimento do êxtase, como se estivesse vendo alguma coisa extraordinária. Apenas acabou de falar, fechou os olhos. O esforço que fizera extenuara-o. Era evidente que aquele homem acabava de viver num minuto as poucas horas que lhe restavam de vida. Chegara, enfim, o momento supremo.

O bispo compreendeu-o, compreendeu toda a urgência da ocasião e que fora ali como sacerdote. Passando então gradualmente do extremo da frieza à extrema comoção, contemplou aqueles olhos fechados, pegou na mão inerte e gelada do moribundo, dizendo-lhe:

— Esta hora pertence a Deus! Não acha que seria para lamentar que o nosso encontro não tivesse resultado?

A estas palavras, o convencional reabriu os olhos com aspecto de sombria gravidade.

— Senhor bispo — disse ele com lentidão, procedida talvez mais da dignidade de alma do que da falta de forças — tenho passado a minha vida na meditação, no estudo e na contemplação. Tinha sessenta anos quando fui chamado pelo meu país, para tomar parte na direcção dos seus negócios. Obedeci. Combati os abusos que nele se davam; havia tiranias, destruí-as; havia direitos e princípios, proclamei-os e professei-os. O território estava invadido, defendi-o; a França estava ameaçada, ofereci-lhe o meu sangue. Não era rico e fiquei pobre. Fui um dos senhores do Estado; os subterrâneos do Banco encontravam-se atulhados de dinheiro, a ponto de ser preciso escorar as paredes para não abaterem com o peso do oiro e da prata, e eu ia comer todos os dias a uma hospedaria da rua de l'Abre-Sec, onde se jantava por vinte e dois *sous.* Socorri os oprimidos, protegi os que sofriam. Rasguei as toalhas dos altares, é verdade, mas foi para ligar as feridas da pátria. Sustentei sempre o progresso da humanidade para a luz e opus-me algumas vezes ao progresso inexorável. Protegi sempre que me foi possível os meus próprios adversários; haja em vista o convento de urbanistas chamado de Santa Clara, situado no lugar de Petegben, na Flandres, exactamente onde os reis merovíngios possuíam o seu palácio de Verão, que eu salvei em 1793. Cumpri com o meu dever até onde pude e fiz o bem que me foi possível. No fim de

tudo isto, fui expulso, perseguido, escarnecido, conspurcado, amaldiçoado, proscrito. Passados já tantos anos e apesar dos meus cabelos brancos, muita gente se julga ainda com direito de me desprezar; para a multidão ignorante tenho rosto de condenado e eu resigno-me sem ódio ao isolamento do ódio. Agora, com oitenta e seis anos, vou morrer. Que pretende o senhor de mim?

— A sua bênção — disse o bispo, ajoelhando.

Quando o prelado ergueu a cabeça, sentiu-se impressionado pela augusta expressão do convencional. Aquele homem sublime havia expirado.

O bispo regressou a casa profundamente absorto nos seus pensamentos. Aquela noite passou-a a orar. No dia seguinte, alguns curiosos tentaram falar-lhe no convencional G...; o bispo, por única resposta, limitou-se a apontar-lhes para o céu. De então em diante, o prelado redobrou de afecto e comiseração para com os pequenos e os desvalidos.

A menor alusão ao «velho celerado G...» fazia-o cair em profunda meditação. Ninguém podia negar que a passagem daquele espírito pela frente do seu e que o reflexo daquela grande consciência sobre a sua, tinham contribuído para o aproximar da perfeição.

Como era de esperar, a «visita pastoral» ao antigo membro da Convenção deu que falar durante algum tempo aos ociosos da terra.

— É porventura à cabeceira de tal moribundo o lugar de um bispo? Era evidente não haver ali a esperança de conversão; todos os revolucionários são relapsos. Para que foi lá o bispo? Que tinha afazer em semelhante lugar? Sempre era preciso estar com muita vontade de ver como o diabo levava uma alma!

Certa ocasião, uma senhora já idosa, pertencente à classe que se julga espirituosa, disse-lhe:

— Andam todos ansiosos por saber quando recebe Vossa Grandeza o barrete vermelho.

— É uma cor muito viva — respondeu o bispo. — Felizmente, os que a desprezam nos barretes, veneram-na nos chapéus.

XI — Restrição

Seria erro concluir do que temos dito, que Monsenhor Bemvindo fosse um *bispo filósofo* ou *sacerdote patriota.* O seu encontro, a que se poderia chamar aliança, com o convencional G..., deixara-lhe apenas certo respeito pelas desgraças alheias, respeito que o tornara mais afectuoso ainda.

Apesar de Monsenhor Bemvindo não se ter dado nunca à política, vem a propósito indicar aqui, ainda que resumidamente, qual a sua atitude nos acontecimentos daquela época, se é que pelo espírito do bispo passou algum dia a lembrança de tomar tal atitude.

Voltemos, pois, alguns anos atrás.

Pouco tempo depois da elevação de Myriel ao episcopado, nomeou-o o imperador barão do império, bem como a vários outros bispos. Por ocasião da prisão do Papa, na noite de 5 para 6 de Julho de 1809, Myriel foi convidado por Napoleão a tomar parte no sínodo dos bispos de França e de Itália convocado em Paris. O sínodo efectuou-se na igreja de Nossa Senhora, reunindo-se a primeira vez a 15 de Junho de 1811, sob a presidência do cardeal Fesch. Myriel foi um dos noventa e cinco bispos que concorreram, porém, não assistiu senão a uma sessão e a três ou quatro conferências particulares. Bispo de uma diocese montanhesa, vivendo pobre e rusticamente no meio da natureza agreste, parece que levara ao centro daqueles eminentes personagens ideias que alteravam a temperatura da assembleia. Regressou, pois, a Digne, onde, sendo interrogado sobre o motivo do seu breve regresso, respondeu:

— Eu incomodava-os lá. A minha presença era para eles, por assim dizer, uma porta aberta pela qual lhes entrava o ar exterior.

Noutra ocasião, disse ainda:

— Então que querem? Aqueles senhores são príncipes e eu não passo de um pobre bispo aldeão.

O facto é que Myriel não fora bem recebido. Entre outras coisas singulares parece que, certo dia, encontrando-se em casa de um dos seus colegas mais qualificados, dissera irreflectidamente:

— Que lindos relógios! Que lindos tapetes! Que vistosas librés! Isto deve ser tudo muito importuno! Nunca consentiria que tais superfluidades me estivessem constantemente a ofender a vista, quando há tanta gente a morrer de fome e de frio.

O ódio ao luxo, seja dito de passagem, não seria ódio inteligente, porque traria consigo a decadência das artes. Todavia, entre os ministros da igreja, o luxo, a não ser em casos de representação ou ocasião de cerimónias, não deve ter cabimento, porque parece revelar hábitos na realidade pouco caritativos. Um sacerdote opulento é um contra-senso O dever do padre é velar junto dos pobres.

Será possível que o sacerdote possa estar em contínuo contacto com toda a espécie de privações, de infortúnios e indigências, sem ter sobre si próprio à semelhança do pó do trabalho, uma porção diminuta dessa santa miséria? Pode conceber-se que um homem colocado junto de um fogareiro não tenha calor? É crível que um operário que lida continuamente com uma fornalha não tenha nem um só cabelo crestado, nem uma unha enegrecida, nem uma baga de suor na testa, nem uma farrusca de carvão no rosto? A prova mais

concludente de caridade no padree sobretudo no bispo é a pobreza.

Era isto, sem dúvida, o que pensava o bispo de Digne.

Não se creia, porém, que Myriel sobre certos pontos delicados participasse do que nós chamamos «ideias do século». Intrometia-se pouco nas questões teológicas da época e não emitia opinião sobre as questões vitais da Igreja e do Estado; mas, se o apertassem muito, veriam que tinha mais de ultramontano do que de galicano. Visto que fazemos um retrato e nada desejamos ocultar somos obrigados a acrescentar que a decadência de Napoleão foi totalmente indiferente para o bispo. Desde 1813 por diante, aderiu ou aplaudiu todas as manifestações hostis contra o imperador, levando o extremo a não querer ir visitá-lo na ocasião do seu regresso da ilha de Elba e abstendo-se de ordenar na sua diocese preces públicas a favor dele por ocasião dos Cem Dias.

Além de sua irmã Baptistina, o bispo tinha dois irmãos, um general e outro prefeito, aos quais escrevia com frequência. Durante algum tempo mostrou-se severo para com o primeiro, porque, tendo o general um comando na Provença, na ocasião do desembarque em Cannas, se colocara à frente *de* mil e duzentos homens e perseguira o imperador mais como quem queria deixá-lo fugir do que alcançá-lo.

Monsenhor Bemvindo, teve, pois, também, a sua hora de espírito de partido, a sua nuvem, a sua hora de animosidade, em que a sombra das paixões da época perpassou por aquele grande e sereno espírito ocupado das coisas eternas. Tal homem, merecia, decerto, ser isento de opiniões políticas. Mas é necessário não se interpretar mal o nosso pensamento: não confundimos aquilo a que chamam *opiniões políticas*, coma grande aspiração ao progresso, com a sublime fé patriótica, democrática e humanitária, que hoje em dia deve constituir a essência de qualquer inteligência generosa.

Sem aprofundar as questões que só indirectamente se ligam com o assunto deste livro, diremos apenas: seria para desejar que o bondoso bispo nunca fosse realista nem que o seu olhar jamais se desviasse um só instante da serena contemplação em que, acima das ficções e dos ódios deste mundo, acima deste tempestuoso vai-vem das coisas humanas, se vê distintamente fulgurar a luz da verdade, da justiça e da caridade.

Embora reconheçamos que não foi para uma missão política que Deus criara o bispo Myriel, compreenderíamos e admiraríamos o seu proceder, se ele em nome do direito e da liberdade, protestasse e opusesse firme, vigorosa e justa resistência contra Napoleão no tempo da sua omnipotência. Todavia, o que nos agradava ver praticar contra os que sobem, desagrada-nos vê-lo praticar contra os que descem, porque não gostamos de combate senão

quando nele há perigo, e porque, para nós, seja no que for, os combatentes no princípio, são os únicos com direito de serem exterminadores no fim.

Quem não foi acusador acérrimo enquanto durou a prosperidade, deve calar-se na presença da decadência. O denunciante da vitória, é o único justiceiro legítimo da derrota. Quanto a nós, quando vemos que a obra é da Providência não nos intrometemos.

Em 1812 principiámos a sentir-nos desarmados. Em 1813, o cobarde rompimento do silêncio desse taciturno corpo legislativo que criou ânimo com as catástrofes, só merecia indignação; aplaudir seria um erro; em 1814, na presença desses marechais traidores, desse senado que caía de um para outro lado, insultando agora o que tinha divinizado, na presença da idolatria que abandonara o templo cuspindo no ídolo, era dever desviar a vista; em 1815, quando se preparavam grandes catástrofes, a cuja aproximação a França já estremecia; quando já vagamente começava a distinguir-se Waterloo desenrolado ante Napoleão, a dolorosa aclamação com que o exército e o povo saudava o condenado do destino nada tinha de risível e, salva qualquer reserva quanto ao déspota, um coração como o do bispo de Digne não devia talvez desconhecer quanto havia de augusto e de enternecedor no estreito abraço de uma grande nação e de um grande homem, à beira do abismo.

Exceptuando isto, o bispo Myriel era e foi em todas as circunstâncias, justo, verdadeiro, equitativo, inteligente, humano e digno; benéfico e benevolente, o que é ainda outra espécie de beneficência. Era um sacerdote, um sábio e um homem. Até mesmo, devemos confessá-lo, na opinião política que acabamos de exprobar-lhe e que estamos dispostos a julgar quase severamente, era tolerante e condescendente, talvez mais do que nós.

Havia na câmara um porteiro, ali colocado por Napoleão. Fora sargento da antiga guarda, legionário de Austerlitz, tão bonapartista como a águia do estandarte imperial. As vezes, irreflectidamente, o pobre homem proferia palavras que a lei, naquela época, qualificava de «sediciosas»: Desde que o perfil imperial desaparecera da cruz da Legião de Honra, nunca mais se vestira à *ordenança,* como ele dizia, para não se ver obrigado a pôr a sua condecoração. Tirara devotadamente a efígie imperial da cruz que Napoleão lhe dera, não querendo pôr coisa alguma no lugar dela.

— Antes morrer — dizia ele — do que trazer três sapos no coração!

Frequentes vezes e em voz alta costumava motejar de Luís XVIII.

— Velho gotoso com polainas de inglês! É melhor que volte para a Prússia com as suas barbas de bode! — dizia ele, reunindo com grande prazer na mesma imprecação as duas coisas que mais odiava, a Prússia e a Inglaterra.

Tantas coisas deste género proferiu que perdeu o emprego. Achou-se de

repente desempregado, sem pão para si, para a mulher e para os filhos. O bispo, sabendo isto, mandou-o chamar e, repreendendo-o brandamente, nomeou-o porteiro da catedral.

Em nove anos, a poder de acções piedosas e maneiras afáveis, o bispo Myriel granjeara na cidade de Digne uma espécie de afectuosa e filial veneração. O seu procedimento para com o imperador foi-lhe como que tacitamente perdoado pelo povo, bom e fraco rebanho que, se idolatrava o seu imperador, também amava o seu bispo.

XII — Solidão de Monsenhor Bemvindo

Há quase sempre em torno de um bispo tão grande quantidade de clérigos como de oficiais em volta de um general. Todas as carreiras têm seus aspirantes, que fazema corte aos que se encontram colocados nos lugares superiores. Não há potência que não tenha seu séquito, nem fortuna que não tenha seu cortejo. Em torno do presente esplêndido volteiam os especuladores do futuro. Toda a metrópole tem o seu estado-maior. Todo o bispo influente é cercado por um esquadrão de querubins seminaristas, que guarda e mantém a boa ordem no paço episcopal e faz sentinela em torno do prelado. Possuir as suas boas graças é meio caminho andado para um subdiaconato. Cada um faz o que pode para adiantar-se e o apostolado não desdenha o canonicato.

Do mesmo modo que há grandes influentes na política, assim há grandes influentes na igreja. São os bispos bem aceites no mundo social, ricos, desfrutadores de boas rendas, hábeis, que decerto sabem rezar, mas que também sabem solicitar, pouco escrupulosos em fazer esperar na sua antecâmara uma diocese inteira, traços de união entre a sacristia e a diplomacia, mais abades do que padres, mais prelados do que bispos. Felizes dos que se lhes aproximam! Homens de valimento incontroverso, fazem chover em torno de si, sobre os pretendentes seus apaniguados e sobre toda essa multidão de jovens que lhes sabem agradar os benefícios rendosos, as prebendas, as capelanias e as funções nas catedrais, enquanto esperam as dignidades episcopais. À proporção que eles avançam, adiantam-se também os seus satélites; é um completo sistema solar em movimento. Com o seu próprio esplendor purpureiam os que lhe ficam atrás. A sua prosperidade traduz-se, para os que os rodeiam, em proporções de pequeno vulto, porém ainda importantes. Quanto mais rendosa for a diocese para o patrono, tanto melhor será a abadia para o valido. E, depois, lá está Roma. Um bispo que sabe fazer-se arcebispo, um arcebispo que sabe chegar a cardeal, leva consigo o valido como conclavista, mete-o a caminho, e em pouco tempo ei-lo auditor, ei-lo camareiro, ei-lo monsenhor; da Grandeza à Eminência dista apenas um passo e entre a Eminência e a Santidade há somente o fumo de um escrutínio.

Não há solidéu que não sonhe com a tiara.

Hoje em dia o padre é o único homem que regularmente pode chegar a rei; e que rei!, rei supremo. Por isso, que viveiro de aspirações não é um seminário! Quantos meninos de coro, quantos seminaristas não trazem à cabeça a bilha de leite de Perrette! com que facilidade a ambição se intitula vocação! E quem sabe? Talvez por ser tão beata se intitule assim de boa fé, enganando-se a si própria!

Humilde, pobre, pouco conhecido, Monsenhor Bemvindo não pertencia ao número dos bispos influentes, o que se notava pela completa ausência de pretendentes à sua volta. Como se viu, fora mal recebido em Paris e, por consequência, longe andara sempre do pensamento de qualquer futuro pensar em consolidar-se junto do solitário ancião, uma só nascente ambição que tivesse a loucura de pretender medrar à sua sombra.

Os seus cónegos e vigários gerais eram em geral pobres criaturas, tão do povo como ele, como ele entaipados naquela diocese sem saída para o cardinalato e muito parecidos com o seu bispo.

Tão geralmente reconhecida era a impossibilidade de medrar à sombra de Monsenhor Bemvindo, que os ordenandos apenas saíam do seminário, tratavam de arranjar recomendação para os arcebispos de Aix ou de Auch, retirando-se logo, porque, enfim, cada qual o que deseja é adiantar-se, e um santo que vive no meio de uma excessiva abnegação é perigosa vizinhança, pode tornar-se contagiosa a sua pobreza incurável, paralisar as articulações do adiantamento aos que se lhe aproximam, exigir-lhes, em suma, maior desapego de si mesmos, do que aquele para que se acham dispostos. Por conseguinte, todos fogem de tão incomodativa virtude, e por isso se encontrava Monsenhor Bemvindo no maior isolamento. Vivemos numa sociedade extremamente sombria. Conseguir obter bom êxito, é o único título valioso no seio da corrupção.

Abominável coisa é o bom êxito, seja dito de passagem. A sua falsa parecença com o merecimento ilude os homens. Para o vulgo, o bom êxito equivale a supremacia. O bom êxito ilude a história. Só Tácito e Juvenal se lhe não submetem. Existe na época presente uma filosofia quase oficial, que envergou a libré do bom êxito e lhe faz o serviço da antecâmara. Fazei por serdes bem sucedidos, é a teoria. A prosperidade supre a capacidade. Ganhai na lotaria e sereis um homem hábil. A veneração é para quem triunfa. Nascei bem fadado, não queirais mais nada. Tende fortuna que o resto virá por si; sede feliz e julgar-vos-ão grande. Se pusermos de parte as cinco ou seis excepções imensas que fazem o esplendor de um século, a admiração contemporânea é apenas miopia. A doiradura também é oiro. Pouco importa

que não sejais ninguém, contanto que consigais alguma coisa. O vulgo é um Narciso velho, que se idolatra a si próprio e aplaude o vulgar. A faculdade sublime de ser Moisés, Esquilo, Dante, Miguel Angelo ou Napoleão, concede-a a multidão indistintamente e por unanimidade a quem atinge o fim a que se propôs, seja no que for. Transforme-se um tabelião em deputado, escreva um suposto Corneille *Tiridates,* possua qualquer eunuco um harém, ganhe um Prudhomme militar acidentalmente a batalha decisiva de uma época, invente um boticário solas de papelão para o exército do Sambre-et-Meuse e, vendendo-as por coiro, consiga arranjar um rendimento de quatrocentos mil francos, despose qualquer pobretão a usura e obtenha desse consórcio sete ou oito milhões, torne-se bispo um pregador fazendo citações que não percebe, seja o mordomo de uma casa opulenta tão rico ao deixar o seu lugar que o façam ministro das finanças, a tudo isto os homens chamarão expressões de génio, do mesmo modo que denominam belo o rosto de Mousqueton e majestoso o aspecto de Cláudio, confundindo com as constelações do abismo as estrelas que os gansos imprimem com as patas na superfície mole do lodaçal.

XIII — Quais eram as crenças do bispo

Debaixo do ponto de vista da ortodoxia, é inútil sondar o bispo de Digne Almas como a dele inspiram-nos todo o respeito. Deve acreditar-se na consciência do justo pelo que ela própria afirma. Ainda quando não fora senão porque nós, a respeito de certas naturezas, admitimos o desenvolvimento possível de todas as belezas da virtude humana numa crença diferente da nossa.

Quais eram os seus sentimentos a respeito de tal ou tal dogma, a respeito de tal ou tal mistério? Esses segredos do foro íntimo apenas o túmulo os conhece. Do que estamos certos é de que nunca as dificuldades da fé foram para ele transformadas em hipocrisia. Não há coisa alguma que faça apodrecer o diamante. «*Credo in Patrem»,* costumava ele repetir. Afora isto, as suas boas obras davam-lhe a satisfação que basta à consciência e que nos segreda: «Deus é contigo».

O que julgamos dever notar é que afora e, por assim dizer, acima da sua fé, o bispo possuía um excesso de amor. Era por isso, *quia multum amavit,* que o julgavam vulnerável os «homens sérios», as «pessoas sisudas», a «gente sensata», locuções predilectas do nosso mesquinho mundo em que o egoísmo recebe o santo e a senha do pedantismo. Que excesso de amor era esse?

Era uma benevolência serena, que abarcava todos os homens e às vezes chegava a estender-se até às coisas. Era afável para com todos e indulgente com as criaturas de Deus. Todo o homem, mesmo o mais bondoso, é dotado

de uma dureza irreflectida, que se expande contra os animais. O bispo de Digne não era dotado dessa dureza, aliás, peculiar a muitos sacerdotes. Não atingia o exagero do brâmane, mas parecia ter meditado naquelas palavras do Eclesiastes: «Quem sabe para onde vão as almas dos animais?».

As fealdades do aspecto, as disformidades do instinto, não o perturbavam nem indigitavam; pelo contrário, comoviam-no e quase o enterneciam. Parecia que, pensativo, procurava nelas, além da vida aparente, a causa, a explicação ou a desculpa; havia momentos em que parecia pedir a Deus comutações. Examinava sem cólera e com a atenção do linguista que decifra um palimpsesto, o caos que ainda existe na natureza. Este profundo meditar dava lugar a que ele às vezes proferisse ditos singulares. Uma manhã, andando a passear no jardim e supondo-se a sós, por isso que não via a irmã, que caminhava atrás dele, parou de súbito e, fitando um objecto que jazia no chão, o qual era nada menos que uma enorme aranha, negra, peluda, horrenda, murmurou, de modo que a irmã ouviu:

— Pobre animal! Que culpa tem ele de ser assim?

Porque razão havíamos de ocultar estas quase divinais criancices da bondade? São talvez puerilidades, mas puerilidades sublimes como as de S. Francisco de Assis e Marco Aurélio. Uma ocasião, torceu um pé só para não pisar uma formiga.

Assim vivia aquele homem justo. As vezes adormecia no jardim, e então nada mais venerando do que a figura do bom bispo.

Se dermos crédito às notícias que temos dos precedentes da sua vida, Monsenhor Bemvindo, na sua juventude e ainda mesmo no tempo da sua virilidade, foi homem de génio áspero e até violento.

A sua mansidão universal era mais resultado de uma grande convicção, que por entre os sucessos da vida se lhe fora lentamente infiltrando no coração e caindo na alma pensamento por pensamento, do que instinto da natureza A índole do homem pode como o rochedo, ser cavada por gotas de água, e essas concavidades nunca mais se desfazem, nunca mais se destroem. Em 1815, como nos parece já ter dito, contava ele setenta e cinco anos, mas parecia não ter mais de sessenta. Era baixo e um tanto gordo, gordura que combatia dando longos passeios a pé: tinha o andar firme e pouco se curvava, pormenor do qual nada pretendemos inferir; Gregório XVI, era desempenado e risonho aos oitenta anos, o que não obstava que fosse um mau bispo Monsenhor Bemvindo possuía o que o povo chama «um bonito rosto», porém, tão amável que fazia esquecer a beleza.

Quando conversava com aquela infantil alegria que constituía uma das suas graças, parecia que a sua jovialidade se comunicava a quem se encontrava

com ele e que todo ele respirava alegria. A frescura e rosado da tez, a alvura dos dentes, que ainda conservava todos e que mostrava quando ria, davam-lhe esse aspecto de franqueza e afabilidade, que faz com que se diga de um homem: «É um bom rapaz», e de um velho: «É um bom homem».

Foi essa a impressão que ele produziu em Napoleão. No primeiro momento e para quem o via pela primeira vez, não passava, efectivamente, de um bom homem, porém, decorridas algumas horas de permanência junto dele, por pouco expansivo que estivesse, via-o transfigurar-se lentamente, assumindo uma expressão veneranda; a sua fronte elevada e séria, que as cãs tornavam augusta, era também augusta pela meditação; a majestade sobressaía-lhe da bondade sem que *a* bondade cessasse de resplandecer: a sua vista produzia aimpressão que se sentiria ao ver um anjo, sorrindo, abrir lentamente as asas, sem deixar de sorrir. Um inexplicável respeito se apossava gradualmente do coração de quem o contemplava. Parecia a quem o via que tinha diante dos olhos uma dessas almas fortes, indulgentes e ricas de provações em que o pensamento é tão sublime, que não pode deixar de ser suave.

A oração, a celebração dos ofícios religiosos, a esmola, a consolação dos aflitos, *a* cultura de um canteiro, a fraternidade, a frugalidade, a hospitalidade, o desapego, a confiança, o estudo, o trabalho, ocupavam-lhe todos os momentos da existência «Ocupavam» é o termo próprio, porque, efectivamente, cada dia de existência do bispo não tinha um momento vago de bons pensamentos, de boas palavras e de boas obras.

Deixava, porém, de ser completo, se a chuva ou o frio o impedia de ir passear ao jardim uma ou duas horas antes de se deitar, depois de as duas mulheres se terem acomodado. Parecia ser para ele uma espécie de rito o preparar-se para o sono da meditação, na presença do grandioso espectáculo da noite. Às vezes, a hora bastante adiantada da noite, as duas mulheres, se acaso estavam acordadas, ouviam ainda o ruído dos seus vagarosos passos no jardim. Ali permanecia a sós consigo, em plácido recolhimento e adoração, comparando a serenidade do seu coração com a do éter, impressionado no meio das trevas pelos esplendores visíveis das constelações e pelos invisíveis esplendores de Deus, abrindo a alma aos pensamentos que descem do infinito.

Em tais momentos, oferecendo o coração à hora em que as flores nocturnas oferecem o seu perfume, aceso como uma lâmpada no meio da noite estrelada, enlevado no meio do cintilar universal da criação, nem ele mesmo saberia dizer o que se passava no seu espírito; sentia evaporar-se dele e descer sobre ele o que quer que fosse. Misteriosas permutações entre os abismos da alma e os abismos do universo!

Meditava sobre a grandeza e presença de Deus; sobre a eternidade futura:

mistério extraordinário; sobre a eternidade passada: mistério mais extraordinário ainda; em todos os infinitos que se lhe apresentavam ao espírito e que ele contemplava, sem pretender compreender o incompreensível. Não estudava Deus, admirava-o. Reflectia sobre esses magníficos encontros de átomos que produzem o aspecto da matéria, revelam as forças provando-as, criam as individualidades na unidade, as proporções na extensão, o inumerável no infinito; que, por meio da luz, produzem a beleza, e de cujo acabamento e constante renovação resulta a vida e a morte.

Sentava-se num banco de madeira, encostado a uma latada decrépita, e daí contemplava os outros através das sombras acanhadas e raquíticas das suas árvores de fruto. Aquele palmo de terra tão pobremente plantado, era-lhe caro e suficiente. Que mais necessitava o pobre velho, que dividia os ócios da sua existência, que tão curtos eram, entre a jardinagem de dia e a contemplação de noite? Aquele estreito recinto, com o céu por tecto, não lhe era bastante para poder adorar a Deus simultaneamente nas suas obras mais amenas e nas suas obras mais sublimes? Não era isto mais que suficiente? Um pequeno jardim para passear e a imensidade para meditar.

Que mais podia ele querer? A seus pés, o que podia ser cultivado e dar fruto; por cima da cabeça, o que se podia estudar, o que era assunto de profunda meditação; algumas flores na terra e todas as estrelas do céu.

XIV — O modo de pensar de Monsenhor Bemvindo

Mais uma palavra.

Como os pormenores desta natureza, especialmente na época actual, poderiam, para nos servirmos duma expressão actualmente em voga, dar ao bispo de Digne certa fisionomia «panteísta» e fazer acreditar, em seu desabono ou em seu elogio, que ele possuía alguma dessas filosofias pessoais, peculiares ao nosso século, que às vezes germinam nos espíritos solitários e vão gradualmente tomando vulto até fazer desaparecer as crenças religiosas, repetimos que ninguém, de entre as pessoas que conheceram Monsenhor Bemvindo, se julgou nunca autorizado a crer semelhante coisa. O que iluminava aquele homem era o coração. A sua sabedoria dava-lhe a luz que dele nasce.

Poucos sistemas e muitas obras. Não há indício de que ele aventurasse o espírito na averiguação de apocalipses. O apóstolo pode ser ousado, mas o bispo deve ser tímido. É natural que tivesse escrúpulo de sondar muito profundamente certos problemas, de algum modo reservados aos grandes e terríveis espíritos. Os pórticos do enigma inspiram terror religioso. Vemos aquelas sombrias portas abertas de par em par, porém, uma voz desconhecida nos diz, a nós, caminheiros desta vida, que não entremos. Desgraçado de

quem lá entrar!

Os génios, nas profundezas incomensuráveis da abstracção e da especulação pura, situados, por assim dizer, acima dos dogmas, expõem as suas ideias a Deus. O seu orar é uma audaciosa proposta de discussão. A sua oração interroga. Eis o que é a religião directa, cheia de ansiedade e responsabilidade para quem se aventura às suas escabrosidades.

A meditação humana não tem limites. Por sua conta e risco analisa e esquadrinha o seu próprio deslumbramento. Quase poderíamos dizer que, por uma espécie de fulgurante reacção, ela deslumbra também a natureza; o misterioso mundo que nos cerca, restitui o que recebe; é provável que os contempladores sejam contemplados. Seja como for, na terra há homens serão homens? que no fundo dos horizontes da meditação descobrem distintamente as alturas do absoluto e avistam a terrível montanha infinita.

Monsenhor Bemvindo não pertencia ao número desses homens; não era um génio. Para ele, seriam objecto de temor essas sublimidades, do cimo das quais alguns, como Swedenborg e Pascal, resvalaram na demência. Não há dúvida que essas loucuras têm sua utilidade moral e que por esses árduos caminhos é que o homem se aproxima da perfeição ideal, porém, o bispo seguia o caminho mais curto, o do Evangelho.

Ninguém dirá que ele tentava dar à sua murça as dobras do manto de Elias, que projectava algum raio do futuro sobre o tenebroso redemoinho dos acontecimentos ou que procurava transformar em chama o clarão das coisas; nada tinha de profeta nem de mago. Era uma alma amante, e nada mais.

É provável que dilatasse a oração até à aspiração sobrenatural, mas tão-pouco pode haver excesso em orar como em amar; e, se fosse heresia rezar sem ser pelos textos, hereges seriam Santa Teresa e S. Jerónimo.

Não recusava o seu auxílio nem aos que gemem nem aos que expiam. O Universo apresentava-se-lhe como que imensa enfermidade; por toda a parte sentia febre, por toda a parte auscultava sofrimento, e, sem pretender decifrar o enigma, diligenciava curar a ferida. O grandioso espectáculo das coisas criadas tornava-lhe mais intensamente compassiva a índole benfazeja. A sua constante ocupação era procurar para si próprio e inspirar aos outros o melhor modo de consolar e suavizar infortúnios alheios. Para o virtuoso sacerdote, era quanto existe um motivo permanente de tristeza, mas tristeza que se desvelava em consolações para com todos os infelizes.

Há homens que se ocupam na extracção do oiro; ele ocupava-se em extrair piedade. As suas minas eram a miséria universal, e o sofrimento tornava-se uma ocasião para ele mostrar sempre a sua natural bondade. *Amai-vos uns aos outros* eis toda a sua doutrina que ele plenamente executava e que fora

seu mais ardente desejo ver geralmente posta em prática.

Um dia, o homem que se julgava «filósofo», o tal senador que já conhecemos, disse-lhe:

— Ora veja o espectáculo que o mundo apresenta: a guerra de todos contra todos; o mais forte é o que tem razão. O tal *amai-vos uns aos outros* é um absurdo!

— Pois seja — respondeu o bispo, sem discutir — mas, nesse caso, a alma deve encerrar-se nela como a pérola dentro da concha!

E ele assim fazia. Vivia satisfeito, plenamente satisfeito com isso, sem se intrometer nessas maravilhosas questões que atraem e amedrontam, nas perspectivas insondáveis da abstracção, nos princípios da metafísica, em nenhuma dessas profundezas convergentes, aos olhos do apóstolo, para Deus, aos olhos do ateu para o nada; o destino, o bem e o mal, a guerra da criatura contra a criatura, a consciência do homem, o sonambulismo melancólico do animal, a transformação da morte, a recapitulação de existências encerradas num túmulo, a incompreensível filiação dos amores sucessivos do *eu* persistente, a essência, a substância, a alma, a natureza, a liberdade e a necessidade; problemas indecifráveis, densidades sinistras, sobre as quais se debruçam os arcanjos do espírito humano; abismos temerosos que Lucrécio, S. Paulo e Dante contemplam com esse olhar fulgurante que parece despontar estrelas no infinito em que se fixa. O bispo era apenas um homem que observava exteriormente as questões misteriosas, sem as perscrutar nem debater, nem se cansar a averiguá-las, um homem que respeitava os mistérios do incompreensível.

LIVRO SEGUNDO — A QUEDA

I — No fim de um dia de marcha

Num dos primeiros dias do mês de Outubro de 1815, uma hora antes do pôr-do-Sol, entrou na cidade de Digne um homem que viajava apé. Os raros habitantes que a essa hora se encontravam às janelas ou às portas de suas casas, observavam o viajante com uma espécie de inquietação. Seria, na verdade, difícil encontrar viandante de aspecto mais miserável.

Era um homem ainda no vigor da idade, de estatura mediana e robusto. Poderia ter, quando muito, quarenta e seis ou quarenta e oito anos. Escondia-lhe parte do rosto, crestado pelo sol e a escorrer em suor, um boné de pala de couro A camisa, de linho grosseiro e amarelado, apertada no pescoço por uma pequena âncora de prata, deixava-lhe a descoberto o peito cabeludo; trajava calças de cotim azul, muito velhas, coçadas, brancas num joelho e rotas no outro, uma esfarrapada blusa parda, tendo num dos cotovelos um remendo de pano verde, cosido com cordel. Servia-lhe de gravata um lenço torcido, enrolado em volta do pescoço. Calçava sapatos forrados, sem meias, e trazia às costas uma volumosa mochila de soldado, em bom estado e muito apertada, e na mão um enorme cajado nodoso. Afora isto, traziaa barba crescida, os cabelos eram raros e eriçados, mas parecia não terem sido cortados havia muito tempo.

O suor, o calor, a poeira, a viagem a pé, acrescentavam ainda uma estranha sordidez a este conjunto de andrajos.

Ninguém o conhecia. Era evidentemente um forasteiro. De onde viria? Do Meio Dia; talvez da beira-mar, pois entrava em Digne pela mesma rua onde, sete meses antes, tinham visto passar Napoleão, ao ir de Cannes para Paris. A julgar pelo cansaço de que dava mostras, aquele homem devia ter caminhado todo o dia. Algumas mulheres do antigo bairro situado à entrada da cidade tinham-no visto parar ao pé das árvores do *boulevard* Gassendi e beber água na fonte que fica na extremidade do passeio. Grande devia ser a sua sede, pois que, dali a cem passos, alguns rapazes, que foram atrás dele, viram-no beber novamente na fonte da praça do Mercado.

Chegando à esquina da rua de Poichevert, tomou à esquerda e principiou a caminhar em direcção à *mairie,* para onde entrou. Um quarto de hora depois, tornou a sair. À porta estava sentado um *gendarme*, no mesmo banco de pedra a que o general Dronot subira no dia 4 de Março, para ler à multidão assustada de Digne a proclamação datada do golfo Juan. O desconhecido tirou o boné e cumprimentou humildemente o *gendarme*.

Em vez de corresponder ao cumprimento, o soldado examinou-o com

atenção e, depois de o seguir algum tempo com a vista, entrou na *mairie.*

Havia então em Digne uma excelente estalagem, intitulada *A Cruz de Coíbas,* cujo proprietário era um tal Jacquin Labarre, homem de muita consideração na cidade, devido ao seu parentesco com outro Labarre, antigo soldado do regimento dos Guias e dono da estalagem dos *Três Delfins,* em Grenoble, a respeito da qual, por ocasião do desembarque do imperador, tinham corrido na terra numerosos boatos. Contava-se que, em Janeiro desse ano, o general Bertrand, disfarçado em carreteiro, fora ali repetidas vezes, distribuindo, por essa ocasião, a soldados e civis, auns a condecoração da Legião de Honra, a outros dinheiro às mãos cheias. A realidade é que, na sua chegada a Grenoble, o imperador recusara ir para o palácio da prefeitura e agradecera ao *maire*, dizendo:

— Vou para casa de um honrado camarada meu conhecido.

E foi hospedar-se na estalagem dos *Três Delfins.* Esta glória do Labarre dos *Três Delfins* reflectia-se a vinte e cinco léguas de distância sobre o Labarre da *Cruz de Coíbas.* Costumavam dizer na cidade, quando falavam dele:

— O primo do de Grenoble.

O desconhecido dirigiu-se, pois, para a estalagem que era a melhor da localidade, e entrou na cozinha, que dava imediatamente para a rua. Os fogões estavam todos acesos. No meio da cozinha, destacava-se a figura do estalajadeiro, que, exercendo conjuntamente as funções de cozinheiro, corria de um lado para o outro, atarefado nos aprestos de excelente jantar destinado aos carreteiros, que se ouviam conversar e rir com grande estrépito na sala próxima. Além dos coelhos e perdizes, cozinhados de diferentes maneiras, estavam também a ser preparadas duas grandes carpas da lagoa de Lauzet e uma truta da lagoa de Alloz.

O dono da estalagem sentindo abrir a porta e entrar mais um freguês, perguntou, sem tirar os olhos do que estava a fazer:

— Que deseja o senhor?

— Comer e dormir — respondeu o desconhecido.

— Nada mais fácil — tornou o estalajadeiro. E, voltando-se para o recém-chegado, examinou-o dos pés à cabeça e acrescentou: — Pagando!

O homem tirou da algibeira da blusa uma bolsa e respondeu:

— Eu tenho dinheiro.

— Nesse caso, estou às suas ordens.

O homem tornou a guardar a bolsa, tirou a mochila, encostou-a à porta e foi sentar-se num mocho, junto ao lume, sem largar da mão o cajado. As noites de Outubro em Digne são muito frias.

Entretanto, o estalajadeiro, andando de um lado para o outro, não deixava

de observar o recém-chegado.

— A que horas se janta?

— Daqui a pouco — respondeu o estalajadeiro.

Enquanto o desconhecido se aquecia, de costas voltadas para o digno estalajadeiro Jacquin Labarre, este tirou um lápis da algibeira, rasgou um bocado de um jornal, já antigo, que estava em cima de uma mesa ao pé da janela, escreveu uma ou duas linhas, dobrou-o e, sem o fechar, entregou-o a um rapazinho, que parecia servir-lhe, ao mesmo tempo, de ajudante de cozinha e moço de recados, disse-lhe algumas palavras ao ouvido e o rapaz partiu a correr em direcção à *mairie*.

O desconhecido, que não reparara em nada disto, tornou a perguntar:

— O jantar ainda levará muito tempo?

— Não tarda — respondeu o estalajadeiro.

Decorridos alguns minutos, voltou o rapazito. O estalajadeiro desdobrou rapidamente um papel que ele lhe trouxe, como quem esperava uma resposta, pareceu ler com atenção, em seguida abanou a cabeça e ficou um momento pensativo. Por fim, encaminhou-se para o viajante, que parecia embrenhado em fundas reflexões e disse-lhe:

— Senhor, não posso recolhê-lo.

— Porquê? — perguntou o homem, levantando-se. — Tem receio de que eu não pague? Se quer, pago adiantado. Já viu que tenho dinheiro.

— Não se trata disso.

— Mas então de que se trata?

— O senhor tem dinheiro.

— Tenho, bem viu.

— E eu não tenho quarto para lhe dar.

— Vou para a cavalariça — replicou tranquilamente o desconhecido.

— Não pode ser.

— Porquê?

— Porque é pequena para os cavalos que lá estão.

— Então dê-me qualquer canto do palheiro; basta-me um feixe de palha. Veremos isso depois de jantar.

— Mas eu não lhe posso dar de jantar.

Esta declaração, feita em tom comedido, mas com firmeza, pareceu muito grave ao desconhecido, que exclamou:

— Então não quer dar-me de comer? Caminhei desde o nascer do sol, estou morto de fome e de cansaço, depois de uma jornada de doze léguas; prontifico-me a pagar e não hei-de comer?

— Não tenho nada para lhe dar — respondeu o estalajadeiro.

O homem soltou uma gargalhada e, voltando-se para o lado dos fogões, exclamou:

— Não tem nada? E aquilo que ali está?

— Está tudo reservado.

— Para quem?

— Para os senhores carreteiros.

— Quantos são eles?

— Doze.

— Mas a comida que ali está chega para vinte.

— Eles querem tudo e já o pagaram adiantadamente.

O desconhecido tornou a sentar-se e disse, sem erguer a voz:

— Estou numa estalagem e tenho fome, portanto não saio daqui!

O estalajadeiro aproximou-se dele e disse-lhe num tom de voz que o fez estremecer:

— O melhor que tem a fazer é ir-se embora!

O forasteiro, que estava inclinado para o lume a aconchegar as brasas com a ponta do cajado, voltou-se de repente; porém, o estalajadeiro, sem lhe dar tempo a falar, olhou-o fixamente e disse-lhe em voz baixa:

— Vamos, nada de gastar palavras sem necessidade. Quer que lhe diga quem é? Chama-se Jean Valjean. Quando o vi entrar, desconfiei e mandei perguntar à *mairie* quem era você. Aqui está a resposta que me deram. Sabe ler?

Ao mesmo tempo que dizia isto, o estalajadeiro apresentou ao desconhecido o papel que o rapaz lhe trouxera. O homem percorreu-o rapidamente com a vista e o estalajadeiro, após uma pausa, continuou:

— Eu tenho por costume ser delicado para toda a gente. Por isso, peço-lhe novamente que se vá embora!

O forasteiro curvou a cabeça, pegou na mochila que tinha posto no chão e saiu da estalagem.

Encontrando-se na rua, caminhou ao acaso, cosendo-se com as casas, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma só vez. Se o tivesse feito, teria visto o estalajadeiro da *Cruz* de *Coíbas* no limiar da porta, rodeado por todos os hóspedes que se encontravam na estalagem e das pessoas que passavam na rua naquele momento, falando com vivacidade e apontando-o com o dedo; e, pelos olhares de desconfiança e susto daquele grupo, adivinharia que dentro de pouco tempo a sua chegada seria o assunto de todas as conversas na cidade.

Porém, ele não viu nada disto. Quem vai profundamente alheado na sua dor, não olha para trás, porque tem a certeza de ser acompanhado pela má

sorte que o persegue. Caminhou assim durante algum tempo, embrenhando-se em ruas que não conhecia, esquecendo a própria fadiga, como sucede sempre àqueles a quem a tristeza domina.

De repente, sentiu o aguilhão da fome. Como a noite se aproximasse, circunvagou a vista em torno de si a ver se descobria um albergue onde encontrasse pousada. A melhor estalagem estava-lhe vedada; o que procurava agora era uma humilde taberna ou algum pobre casebre. Divisou então uma luz ao fim da rua, e à claridade incerta do crepúsculo, notou vagamente um ramo de pinheiro pendurado de uma vara de ferro. Encaminhou-se para lá. Era, com efeito, uma taberna, na rua de Chaffaut.

O forasteiro parou um momento à porta, examinou pela vidraça o interior da taberna, alumiada por um candeeiro colocado em cima da mesa e por uma grande fogueira que ardia na chaminé, e viu alguns homens a beber e o taberneiro a aquecer-se ao lume, cuja chama fazia ferver uma panela de ferro pendurada num gancho.

Duas portas dão entrada para esta taberna, que é ao mesmo tempo uma espécie de estalagem. Uma deita para a rua, outra para um pequeno pátio que serve de estrumeira.

O viajante não ousou entrar pela porta da rua. Entrou para o pátio, tornou a parar, e, levantando timidamente o fecho, abriu a porta e entrou na taberna.

— Quem está aí? — perguntou o dono da casa.

— Um homem que quer comer e dormir.

— Com efeito, aqui há comida e dormida.

O homem entrou. Todos os que se encontravam a beber se voltaram. De um lado iluminava-o o clarão do candeeiro, do outro o reflexo da fogueira. Enquanto ele se deteve a desatar a mochila, os outros puseram-se a examiná-lo.

— Temos aqui lume, camarada — disse-lhe o taberneiro —, venha aquecer-se. A ceia, como vê, já ferve.

O homem obedeceu. Foi sentar-se junto da chaminé, estendendo para a fogueira os pés magoados de andar e respirando o apetitoso cheiro que se exalava da panela. O seu rosto, oculto em parte pela pala do boné, tomou uma vaga aparência de satisfação, a par do pungente aspecto que dá o hábito do sofrimento.

Tinha, contudo, um perfil firme, enérgico e triste. A sua fisionomia era singularmente composta; à primeira vista parecia humilde, mas analisada detidamente parecia severa. Os olhos brilhavam-lhe sob as sobrancelhas como o fogo sob a cinza.

Um dos homens que estavam sentados à mesa era um peixeiro, o qual,

antes de vir para a taberna da rua de Chaffaut, tinha ido deixar o cavalo na estalagem de Labarre. Quisera o acaso que ele, nesse mesmo dia pela manhã, encontrasse um desconhecido de mau aspecto, caminhando entre Brás d'Asse e... (Não nos lembra o nome. Creio que Escoublon). Ora, encontrando-o, o homem, que parecia vir já muito cansado, pedira-lhe que o deixasse ir um bocado a cavalo, ao que o peixeiro não respondeu, apressando o passo.

O mesmo peixeiro fazia parte, meia hora antes, do grupo que rodeava Jacquin Labarre, e ele próprio contara o desagradável encontro que tivera pela manhã, a quantos se encontravam na *Cruz de Coíbas.* Assim, pois, mesmo do lugar em que estava, fez um sinal imperceptível ao taberneiro, que se acercou dele, trocando ambos algumas palavras em voz baixa.

Entretanto, o forasteiro parecia mergulhado nas suas reflexões.

O taberneiro voltou para junto da chaminé, pôs subitamente a mão no ombro do desconhecido e disse-lhe:

— Trata de sair já daqui.

O homem voltou-se e respondeu com brandura:

— Também sabe?...

— Sei.

— Já na outra estalagem me não quiseram recolher.

— E nesta põem-te fora.

— Para onde quer que eu vá?

— Para onde quiseres!

O desconhecido pegou no cajado e na mochila e saiu.

Quando ele saiu, vários *rapazes* que o tinham seguido desde a *Cruz de Coíbas* e que pareciam estar à sua espera, começaram a atirar-lhe pedradas. Ele voltou-se para trás e ameaçou-os com o cajado; os rapazes dispersaram logo como um bando de estorninhos.

Continuando a caminhar passou em frente da cadeia. Da porta pendia uma corrente de ferro presa a uma sineta, puxou por ela.

Quase no mesmo instante, abriu-se um postigo.

— Senhor carcereiro — disse ele, tirando respeitosamente o boné — faz-me o favor de me recolher por esta noite?

— A cadeia não é estalagem! — respondeu uma voz. — Faça com que o prendam e para cá virá!

E acto contínuo fechou o postigo.

O desconhecido continuou a caminhar e entrou numa rua, orlada de jardins em quase toda a sua extensão, fechados apenas por sebes, o que a tornava mais alegre. Entre os jardins e as sebes avistou uma casinha branca de um só andar, através de cuja janela se via luz. Espreitou pela vidraça como fizera na

taberna. Era uma sala grande caiada de branco, com uma cama coberta por uma colcha de chita e um berço a um canto, algumas cadeiras de palhinha e uma espingarda de dois canos pendurada na parede. No meio da casa uma mesa com comida. Um candeeiro de latão alumiava a toalha de grosseiro linho branco, um cangirão de estanho, luzente como prata e cheio de vinho, uma terrina de barro escuro, que fumegava. A mesa estava sentado um homem de meia idade, rosto franco e alegre, brincando com uma criancinha que tinha nos joelhos. A curta distância via-se uma mulher, ainda nova, a amamentar outra criança. O pai e a criança riam muito, a mãe sorria.

O desconhecido quedou-se um instante a contemplar este sereno e risonho espectáculo. O que lhe iria no espírito? Só ele o poderia dizer. É natural que pensasse que uma casa onde havia alegria, devia ser hospitaleira e que onde via tanta felicidade talvez encontrasse alguma compaixão.

Bateu ao de leve na vidraça com os dedos.

Vendo que não fora ouvido, bateu segunda vez e ouviu então a mulher dizer:

— Parece-me que bateram.

— Eu não ouvi — respondeu o marido.

O homem tornou a bater.

O marido levantou-se, pegou no candeeiro, dirigiu-se para a porta e abriu-a.

Era um homem de elevada estatura, meio camponês, meio operário. Trazia um largo avental de couro que lhe subia até ao ombro esquerdo e sobre o qual lhe pendia à cintura, tão seguros como se estivessem num cabide, um martelo, um lenço vermelho e um polvorinho. A camisa, desapertada, deixava-lhe a descoberto o alvo e entroncado pescoço. Tinha sobrancelhas espessas, barba comprida, os olhos à flor do rosto e, além de tudo isto, esse ar de quem está em sua casa, que é uma coisa inexprimível.

— Peço-lhe que me desculpe de o ter incomodado — disse o desconhecido — mas poderia o senhor, pagando eu, dar-me um prato de sopa e um canto para dormir na barraca que está no jardim?

— Quem é você? — perguntou o dono da casa.

O homem respondeu:

— Venho de Puy Moisson. Caminhei todo o dia para vencer as doze léguas até aqui. Poderia fazer-me o que lhe pedi, pagando?

— Eu não tinha dúvida em recolher um homem de bem que me pagasse — disse o camponês. — Mas porque não vai para a estalagem?

— Não têm lugar.

— Não é possível! Hoje não é dia de mercado. Já foi à estalagem do

Labarre?

— Já, sim, senhor.

— E então?

O desconhecido respondeu com dificuldade:

— Não sei, não me quis receber.

— E já foi a uma estalagem que há na rua de Chaffaut?

Esta segunda pergunta aumentou extraordinariamente o embaraço do forasteiro, que balbuciou:

— Aí também não me quiseram dar pousada.

O rosto do dono da casa assumiu então uma expressão de desconfiança. Mirou novamente o desconhecido dos pés à cabeça e de repente exclamou com uma espécie de estremecimento:

— Será você o tal homem?

Dizendo isto, relanceou outro olhar para o desconhecido, deu três passos para trás, pousou o candeeiro em cima da mesa e lançou mão da espingarda, que se encontrava pendurada na parede.

Às palavras do camponês: «Será você o tal homem?», a mulher levantara-se, pegara nas criancinhas ao colo e refugiara-se precipitadamente atrás do marido, olhando aterrada o desconhecido, com o peito descoberto, o olhar desvairado, murmurando em voz baixa:

— É decerto um ladrão!

Tudo isto tivera lugar em menos tempo do que é necessário para o imaginar. Depois de examinar algum tempo o homem como quem examina uma víbora, o dono da casa voltou para a porta e disse:

— Vai-te daqui!

— Por caridade — disse o homem — dê-me ao menos um prato de sopa!

— Dou-te é um tiro — disse o camponês.

E em seguida fechou violentamente a porta. O desconhecido ouviu correr os ferrolhos e, decorrido um momento, fechou-se também a janela e ouviu ainda o ruído de uma tranca de ferro, com que a segurava.

A noite continuava a descer e a aragem fria dos Alpes aumentava de força. Ao clarão do dia expirante, o desconhecido avistou, num dos jardins que orlam a rua, uma espécie de cabana que lhe pareceu ser feita de feixes de feno. Saltou resolutamente uma grade de madeira e achou-se no jardim. Aproximou-se da cabana, que tinha por porta uma abertura estreita e pouco elevada, assemelhando-se aos abrigos que os cantoneiros constroem na beira das estradas. Supôs ser, efectivamente, a cabana de um cantoneiro; tinha frio e fome; não poderia matar a fome, mas ao menos tinha ali um abrigo contra o frio. De ordinário, estas cabanas não são ocupadas de noite.

Deitou-se de bruços e entrou para a cabana, onde encontrou calor e uma cama de palha. Conservou-se algum tempo deitado, sem poder fazer o menor movimento, tão fatigado ele estava, e em seguida, como a mochila que trazia às costas o incomodava, e era, além disso, um óptimo travesseiro, principiou a desatar uma das correias. Neste momento ouviu um rosnar feroz. Olhou. À entrada da cabana desenhava-se, no meio das trevas, a cabeça dum enorme mastim.

Abrigara-se na casinhota de um cão.

Dotado de prodigiosa força, o homem lançou mão do cajado, fez da mochila escudo contra a sanha do cão e saiu da casinhota como pôde, não sem ver aumentar os rasgões dos seus andrajos.

Saiu igualmente do jardim, mas recuando e obrigado, para conservar o mastim em respeito, a empregar o manejo do cajado que os mestres deste género de esgrima chamam «sarilho».

Quando conseguiu, não sem custo, sair do jardim e se encontrou outra vez na rua, só, sem abrigo, expulso até da miserável cabana, deixou-se cair sobre uma pedra, exclamando:

— Sou ainda menos que um cão!

Decorridos instantes, levantou-se e pôs-se de novo a caminho para fora da cidade, esperando encontrar nos campos alguma árvore ou algum moinho abandonado onde se abrigasse.

Caminhou assim durante algum tempo, com a cabeça pendida para o peito. Quando se viu longe de toda a espécie de habitação humana, ergueu a vista e olhou em torno de si. Estava no meio duma planície e diante dele erguia-se uma dessas pequenas colinas cobertas de palha cortada rente, as quais, depois da ceifa, parecem cabeças rapadas.

O horizonte estava escuro; não o escureciam somente as sombras da noite, mas as nuvens muito baixas, que pareciam apoiar-se na própria colina e que se elevavam vagarosamente, cobrindo o céu em toda a sua extensão. Todavia, como nesse momento a Lua estava quase a surgir do horizonte e no zénite flutuava ainda um resto de clarão crepuscular, essas nuvens formavam, no meio da atmosfera, uma espécie de abóbada esbranquiçada, da qual descia sobre a terra uma tal ou qual claridade.

A terra, por conseguinte, achava-se mais clara do que o céu, fenómeno essencialmente sinistro; e a colina, de acanhadas dimensões, desenhava-se vaga e esbranquiçada no tenebroso horizonte. Todo este conjunto era medonho, mesquinho, lúgubre e limitado. Quer na planície, quer na colina, não se via mais do que uma corpulenta árvore, agitando-se e ramalhando a pequena distância do viajante.

Este homem estava, evidentemente, muito longe de possuir os delicados hábitos de inteligência e espírito que nos tornam sensíveis aos aspectos misteriosos das coisas que nos cercam; todavia, aquele céu, aquela colina, aquela planície e aquela árvore respiravam tão profunda tristeza que, após um momento de imobilidade e meditação, o homem partiu subitamente pelo caminho que tinha trazido. Há ocasiões em que a natureza parece hostil.

Voltou para a cidade.

As portas de Digne estavam fechadas. Digne, que no tempo das guerras da religião resistiu a vários cercos, em 1815 era cercada por velhas muralhas flanqueadas de bastiões, que depois foram demolidas.

Passou por uma brecha e entrou na cidade.

Seriam oito horas, pouco mais ou menos. Como não conhecia as ruas, principiou outra vez a vaguear ao acaso.

Chegou assim à prefeitura, depois ao seminário. Ao passar pelo largo da catedral, ameaçou a igreja com o punho cerrado.

A esquina do largo fica a oficina de tipografia onde foram impressas as proclamações do imperador e da guarda imperial ao exército, trazidas da ilha de Elba e ditadas pelo próprio imperador.

Exausto de fadiga e perdida já a esperança de encontrar pousada, deitou-se no banco de pedra que fica à porta da tipografia.

Neste momento, uma senhora já idosa que vinha a sair da igreja, ao ver aquele homem deitado ali, perguntou-lhe:

— Que faz você aí, pobre homem?

— Bem vê que estou deitado — respondeu ele secamente.

A bondosa senhora, por certo bem digna de tal nome, era a marquesa de R.

— Neste banco? — tornou ela.

— Quem dezanove anos teve por cama uma tábua — disse o homem — pode muito bem passar a noite num colchão de pedra!

— Então foi soldado?

— É verdade, minha senhora, fui soldado.

— Porque não vai para a estalagem?

— Porque não tenho dinheiro.

— Valha-me Deus. Também não tenho comigo senão quatro soldos!

— Então dê-mos, sempre é alguma coisa!

O homem pegou no dinheiro e a marquesa continuou:

— Isso não chega para ir para a estalagem. Já lá foi pedir hospedagem? É impossível que possa ficar aqui toda a noite. Você por força há-de estar com frio e vontade de comer. Pode ser que o recolham por caridade.

— Já bati a todas as portas!

— E então?

— De toda a parte me repeliram.

A marquesa tocou-lhe então no braço e indicou-lhe do outro lado do largo, uma casinha branca pegada ao paço.

— Já bateu a todas as portas? — perguntou ela.

— A todas — respondeu o homem.

— E àquela também?

— Àquela não.

— Pois então vá lá.

II — A prudência aconselha a sabedoria

Nessa mesma noite, o bispo de Digne, depois do seu passeio pela cidade, recolhera-se e conservara-se fechado no seu quarto até muito tarde, ocupado com um grande estudo sobre os *Deveres,* que, infelizmente, ficou incompleto. Neste trabalho estudava ele quanto os santos padres e os doutores da igreja têm dito sobre tão importante matéria. O seu livro dividia-se em duas partes: a primeira tratava dos deveres de todos, a segunda dos deveres de cada um, segundo a classe a que pertence. Os deveres de todos são os principais. Há quatro que são os indicados por S. Mateus: deveres para com Deus (Mt VI), deveres para consigo próprio (Mt V, 29-30), deveres para com o próximo (Mt VII, 12), deveres para com as criaturas (Mt VI, 20-25). Quanto aos outros deveres, achara-os o bispo indicados e prescritos em diversas partes; aos soberanos e aos súbditos, na Epístola aos Romanos; aos magistrados, às esposas, às mães e aos mancebos, em S. Pedro; aos maridos, aos pais, aos filhos e aos criados, na Epístola aos Efésios; aos fiéis, na Epístola aos Hebreus; às virgens, na Epístola aos Coríntios. De todas estas prescrições formavam, à força de trabalho, um todo harmónico, que tencionava oferecer às almas.

Às oito horas estava ainda a trabalhar, escrevendo incòmodamente em quartos de papel, com um volumoso livro aberto sobre os joelhos, quando Magloire entrou, segundo o costume, para tirar a prata do armário junto do leito.

Um momento depois, calculando que a mesa estaria posta e que talvez a irmã estivesse à espera dele, fechou o livro, levantou-se e encaminhou-se para a sala de jantar.

A sala de jantar era uma sala oblonga, com fogão, uma porta para a rua, como já dissemos, e uma janela para o jardim.

Efectivamente, Magloire acabava de pôr a mesa. Ao mesmo tempo que andava neste serviço, conversava com Baptistina.

Sobre a mesa que ficava próxima do fogão estava colocado um candeeiro. No fogão crepitava uma boa fogueira.

Facilmente se pode imaginar o aspecto daquelas duas mulheres, ambas com mais de sessenta anos. Magloire, baixa, gorda e ágil; Baptistina, magra, débil, meiga, um pouco mais alta do que o irmão, trajando um vestido de seda cor de castanha, que era a cor da moda em 1806, o qual ela comprara em Paris nesse ano e que ainda lhe durava. Para nos servirmos de uma dessas locuções vulgares que têm o mérito de exprimir numa só frase uma ideia que mal se desenvolveria numa página, Magloire parecia uma *campónia* e Baptistina uma *fidalga.*

Magloire trazia uma touca branca de rufos na cabeça, um cordãozinho de oiro ao pescoço, único adereço feminino que havia em casa, um lenço preto posto por baixo de um vestido de lã preto, com mangas largas e curtas, um avental de chita de quadrados verdes e vermelhos, atado à cintura por uma fita verde, nos pés, sapatos grossos e meias amarelas, como as mulheres de Marselha.

O vestido de Baptistina era talhado pelos moldes de 1806: cinta curta, saia de pouca roda, mangas de dragonas com abas e botões. Uma touca especial ocultava-lhe os cabelos brancos.

Magloire tinha ar de inteligência, bondade e agilidade; os cantos da boca desigualmente contraídos, e o lábio superior mais grosso do que o inferior, davam-lhe uma expressão de orgulhosamente imperial. Enquanto o bispo não exprimia a sua vontade, ela falava resolutamente, com certa liberdade misturada de respeito, mas apenas ele a manifestava, obedecia-lhe tão submissamente como Baptistina.

Quanto a Baptistina, esta nem sequer abria a boca. Limitava-se a obedecer e a condescender. Ainda mesmo em nova, não fora bonita; tinha olhos grandes e azuis à flor do rosto, nariz comprido acavaletado; mas o seu aspecto indicava inefável bondade, fora predestinada para a mansidão. Mas a fé, a caridade e a esperança, estas três virtudes que reanimam a alma, foram gradualmente elevando essa mansidão a santidade. A natureza fizera-a ovelha, a religião fê-la anjo. Pobre santa! Doce recordação desvanecida!

Baptistina referiu tantas vezes, no decorrer do tempo, o que naquela noite se passou no paço, que muitas pessoas, que ainda hoje vivem, se recordam de todos os pormenores da narração.

Na ocasião em que o bispo entrou, Magloire falava com certa vivacidade. Conversava com Baptistina sobre um assunto que lhe era familiar e ao qual o bispo estava acostumado. Tratava-se da porta da rua.

Parece que, na ocasião em que saíra a fazer compras para a ceia, Magloire ouvira dizer certas coisas em diversos lugares. Falava-se de um homem de má catadura, de um vagabundo suspeito, que nesse dia tinha chegado à cidade,

onde decerto ainda permanecia; dizia-se que era provável que nessa noite quem se recolhesse tarde, tivesse algum mau encontro. Que a polícia era a culpada. Mas como não havia de ser assim, se o prefeito e o *maire,* por causa da sua inimizade, do que tratavam era de comprometer-se mutuamente, deixando andar tudo ao Deus dará? Que pertencia à gente prudente incumbir-se da polícia e guardar-se a si mesma, tendo o cuidado de fechar e *aferrolhar bem as portas.* Magloire acentuou muito estas últimas palavras, mas o bispo que vinha do seu quarto, onde sentira frio, sentou-se em frente do fogão a aquecer-se, com o pensamento, ao que parecia, distraído noutras coisas. Por consequência, passava desapercebida para ele a frase que Magloire acentuava de propósito. Repetiu-a. Então, Baptistina, querendo satisfazer Magloire, sem desgostar o irmão, aventurou-se a dizer timidamente:

— O irmão ouviu o que disse Magloire?

— Vagamente — respondeu o bispo.

Depois, voltando um pouco a cadeira, descansou as mãos nos joelhos e, erguendo para a velha criada o rosto cordial e risonho, a que o clarão da fogueira punha um tom insinuante, acrescentou:

— Então, o que há? Que sucedeu?

Magloire repetiu a história desde o princípio, exagerando-a até sem dar por isso. Era o caso que, àquela hora, se encontrava na cidade um vagabundo esfarrapado, uma espécie de mendigo, perigoso, o qual se apresentara a pedir pousada em casa de Jacquin Labarre, que não quisera recolhê-lo, e a quem tinham visto no *boulevard* Gassendi e andar a vaguear pelas ruas próximas ao anoitecer. Era uma espécie de malandrim com uma cara de meter medo.

— Sim? — disse o bispo.

A condescendência do prelado em interrogá-la animou Magloire, a quem, no seu entender, esta circunstância indicava que o bispo não estava longe de se assustar; portanto, prosseguiu com ar triunfante:

— É como lhe digo, Monsenhor. Tenho o pressentimento de que esta noite acontece alguma desgraça na cidade! E ainda para mais, a polícia deixa correr tudo sem tomar providências (repetição inútil). Viver numa terra montanhosa e nem sequer haver à noite lampiões pelas ruas! Se alguém sai, arrisca-se a uma desgraça na escuridão! A menina também é da minha opinião, Monsenhor.

— Eu? — atalhou Baptistina. — Eu não digo nada. O que o meu irmão fizer é sempre bem feito.

Magloire continuou, como se não tivesse ouvido o protesto:

— Dizíamos há pouco que esta casa está muito mal segura e que se Monsenhor o permitisse, eu iria ainda hoje chamar o serralheiro Paulino

Musebois para vir pôr os antigos fechos que a porta tinha; estão ali, é um instante. E digo que são precisos os fechos, ainda que não seja senão por esta noite, porque uma porta que para se abrir de fora basta levantar uma aldraba é de fazer a gente andar sempre em sobressalto; e, ainda para mais, Monsenhor tem o costume de mandar logo entrar, e lá pela noite morta nem é preciso pedir licença...

Neste momento bateram à porta com força.

— Entre quem é — disse o bispo.

III — Heroísmo da obediência passiva

A porta abriu-se.

Abriu-se de par em par, como se alguém a empurrasse com energia e resolução.

Entrou um homem.

Este homem já nós conhecemos. Era o forasteiro que vimos há pouco a divagar em busca de pousada.

Depois de entrar, deu um passo e parou, deixando atrás de si a porta aberta. Trazia a mochila às costas, o cajado na mão. A expressão do seu olhar era rude, atrevida, fatigada e violenta. Era uma aparição sinistra.

Magloire nem força teve para gritar. Estremeceu e ficou boquiaberta.

Baptistina voltou-se e, avistando o homem no momento em que ele entrava, fez menção de erguer-se, aterrada por semelhante visita. Depois, lentamente, voltou-se para o lado do fogão, fitou os olhos no irmão e a expressão do seu rosto tornou-se completamente serena.

O bispo fitava o desconhecido com aspecto tranquilo.

No momento em que ele abria a boca para perguntar sem dúvida ao recém-chegado o que desejava, o homem encostou-se ao cajado com ambas as mãos, olhou para o velho e para as duas mulheres e, sem esperar que o bispo falasse, disse em voz alta:

— Chamo-me Jean Valjean. Sou um forçado das galés, onde estive dezanove anos. Há quatro dias que fui posto em liberdade e vou a caminho de Pontarlier, que é o meu destino. Ainda não parei desde que saí de Toulon. Hoje andei doze léguas a pé. Cheguei aqui quase à noite e fui a uma estalagem onde não me quiseram recolher por causa do meu passaporte amarelo, que tinha apresentado na *mairie,* por não ter outro remédio. Fui a outra estalagem e disseram-me: «Põe-te daqui para fora!». Assim tenho andado de um lado para outro, sem ninguém me querer recolher. Bati à porta da cadeia e o carcereiro não ma quis abrir. Recolhi-me na casinhota dum cão, mas o cão mordeu-me e expulsou-me como o faria um homem. Pareceu-me que também sabia quem eu era Parti em direcção ao campo, com intenção de

dormir ao relento. O céu estava encoberto, e eu, lembrando-me que poderia chover e que Deus não estaria para obstar a que a chuva caísse, voltei para a cidade a fim de me abrigar no vão de alguma porta. Estava eu ali no largo, deitado em cima de um banco de pedra, quando uma senhora já idosa que ia a passar me indicou a sua casa e me disse: «Bata além!» Assim fiz. Agora, diga-me, o que é isto aqui? Se é uma estalagem, tenho dinheiro para pagar. Cento e nove francos e quinze soldos, que ganhei nas galés em dezanove anos com o meu trabalho. Que tem lá isso? Para que serve o dinheiro? Andei doze léguas a pé, estou estafado e tenho fome. Posso ficar?

— Magloire — disse o bispo — ponha mais um talher na mesa.

O homem deu três passos e continuou, aproximando-se da mesa em que estava o candeeiro e como se não tivesse percebido bem:

— Perdão, parece que não perceberam. Eu sou um forçado saído há pouco tempo das galés! — E, tirando do bolso uma grande folha de papel, abriu-a e prosseguiu: — Aqui está o meu passaporte. Amarelo como vêem, e que serve para me fazer expulsar de toda a parte aonde chego. Quer ler? Eu também sei ler, aprendi na prisão. Há lá uma escola para os que querem aprender. Oiça o que diz o passaporte: «Jean Valjean, forçado, natural de...» isto não interessa. «É posto em liberdade por ter concluído o tempo de galés, onde esteve dezanove anos. Cinco por crime de roubo com arrombamento, catorze por tentar evadir-se quatro vezes. É um homem perigosíssimo». Ora aqui está. Toda a gente me repeliu! O senhor faz-me o favor de me recolher? Se isto é uma estalagem, quer dar-me de comer e deixar-me dormir aí em qualquer canto, na estrebaria, por exemplo?

— Magloire — disse o bispo — ponha lençóis lavados na cama da alcova.

Magloire saiu imediatamente a pôr em execução as ordens do bispo. Este voltou-se para o desconhecido e disse-lhe:

— Sente-se, senhor, e aqueça-se. A ceia não tarda e, enquanto o senhor se demora a comer, a criada faz-lhe a cama.

Desta vez, o homem avaliou a situação em que se encontrava. A expressão do seu rosto, até então sombria e dura, transformou-se em estupefacção, dúvida e alegria, principiando a balbuciar como louco:

— Pois quê! O senhor não me põe fora, apesar de eu ser um forçado? Trata-me por senhor quando todos me tratam por tu, quando me tratam pior do que a um cão? Eu pensava que o senhor me expulsaria, por isso disse logo quem era. Oh, abençoada seja a santa mulher que me indicou a sua casa! Vou cear, vou dormir numa cama com colchão e lençóis, como toda a gente! Uma cama! Há dezanove anos que não sei o que é dormir numa cama! Com que então não me manda pôr fora daqui? Abençoados sejam, já que tanta bondade têm com

os desgraçados! Mas eu tenho dinheiro, hei-de recompensá-los bem. Queira desculpar, senhor estalajadeiro, mas como se chama? Olhe que não ficarei a dever nada. É estalajadeiro, não é?

— Eu sou um padre que mora aqui — disse o bispo.

— Padre! — replicou o homem. — Mas é um bom padre! Então não me leva dinheiro? É o cura desta grande igreja que está aqui ao pé? Que grande bruto eu sou! Ainda não tinha reparado no seu barrete.

Ao mesmo tempo que proferia estas palavras, o homem arrumava a um canto o cajado e a mochila, tornara a meter o passaporte no bolso e sentara-se. Após uma pequena pausa, continuou:

— O senhor cura tem bom coração, não me tratou com desprezo! Então não quer que eu lhe pague?

— Não — disse o bispo — guarde o seu dinheiro. Quanto tem? Parece que disse cento e nove francos?

— E quinze soldos — acrescentou o homem.

— Cento e nove francos e quinze soldos. E quanto tempo lhe levou a ganhar essa quantia?

— Dezanove anos.

— Dezanove anos! — O bispo suspirou profundamente.

O homem prosseguiu:

— Ainda não encetei o meu dinheiro. Em quatro dias só gastei vinte e cinco soldos, que ganhei a descarregar uns carros em Grasse. Uma vez que o senhor é padre, vou então contar-lhe. Lá nas galés tínhamos um capelão. E um dia vi um bispo ou um Monsenhor, como lhe chamam. Era o bispo de Majore, em Marselha. É o abade que governa em todos os abades. Perdão, o senhor é que sabe, eu disso não entendo. Disse missa num altar no meio da prisão, com uma coisa aguçada na cabeça, que parecia de oiro, e que reluzia à luz do sol. A ele mal o víamos. Como estava muito longe de nós, não percebemos o que ele disse. Então é que eu vi o que era um bispo.

Enquanto ele falava, o bispo levantara-se e fora fechar a porta, que tinha ficado aberta de par em par.

Magloire regressou, trazendo um talher que pôs sobre a mesa.

— Magloire — disse o bispo — ponha esse talher perto do lume. — E, voltando-se para o hóspede, acrescentou: — A aragem da noite nestas terras parece que corta. O senhor deve estar com frio?

Cada vez que o bispo pronunciava a palavra «senhor», com a sua voz de suave gravidade e o seu modo atencioso, o rosto do homem iluminava-se. O tratamento de «senhor» a um forçado é como que um copo de água a um náufrago da *Medusa.* A ignomínia tem sede de consideração.

— Este candeeiro dá tão pouca luz! — disse o bispo.

Magloire compreendeu e foi buscar acima do fogão do quarto do bispo os dois castiçais de prata, que acendeu e colocou em cima da mesa.

— Senhor cura — disse o homem — o senhor é cheio de bondade e por isso não me despreza. Recolhe-me em sua casa, manda acender os seus castiçais por meu respeito. Porém, eu já lhe disse donde venho e contei-lhe a minha desgraça.

O bispo, que se encontrava sentado junto dele, tocou-lhe brandamente na mão e disse:

— O senhor não precisava de dizer-me quem era. Esta casa não é minha, é de Jesus Cristo. Aquela porta não pergunta a quem entra se tem nome, mas sim se tem algum infortúnio. O senhor sofre, tem fome e sede, bem-vindo seja! Não me agradeça por isso, não diga que o recebo em minha casa. O dono desta casa não sou eu, é todo aquele que carece de asilo. Tudo quanto há nesta casa lhe pertence. Que necessidade tenho eu de saber o seu nome? Além disso, antes de mo dizer, já eu sabia o nome que lhe havia de dar.

O homem mostrou-se muito admirado.

— Na verdade? Pois já sabia como me chamava?

— Sabia — respondeu o bispo —; chama-se meu irmão.

— Olhe, senhor cura! — exclamou o homem. — Quando entrei nesta casa, vinha a morrer de fome; porém, o senhor tem tanta bondade, que eu já não sei o que sinto, passou-me tudo!

O bispo encarou-o, dizendo-lhe:

— Tem sofrido muito?

— Ora! A vestimenta vermelha, a grilheta ao pé, uma tábua por cama, calor, frio, trabalho, pancadas, corrente dobrada pela menor falta, calabouço por uma palavra, sempre acorrentado, ainda que estivesse doente e de cama! Os cães, senhor, ainda são mais felizes! Dezanove anos! E tenho quarenta e seis! Por fim, o passaporte amarelo. Aqui tem o que tenho sofrido!

— Sim — replicou o bispo — o senhor saiu de um lugar de tristeza. Mas lembre-se que haverá mais alegria no céu pelo rosto debulhado em lágrimas de um pecador arrependido, do que pela túnica branca de cem justos. Se saiu dessa mansão de dores com pensamentos de ódio e de cólera contra os homens, é digno de compaixão; se saiu com pensamentos de benevolência, de doçura e de paz, vale mais que qualquer de nós.

Entretanto, Magloire tinha posto a ceia na mesa; uma sopa feita de água, azeite, pão e sal, um bocado de toucinho, um pedaço de carne de carneiro, alguns figos, um pouco de queijo fresco e pão de centeio. A criada, de seu *motu proprio*, acrescentara uma garrafa de vinho velho de Mauves.

O rosto do bispo tomou repentinamente essa expressão jovial peculiar aos génios hospedeiros.

— Vamos para a mesa — disse ele com vivacidade, como tinha por costume quando algum estranho ceava na sua companhia. Fez sentar o homem à sua direita, e Baptistina, de todo tranquilizada e restabelecida do seu receio, tomou lugar à esquerda.

O bispo disse o *benedicite* e em seguida, como costumava, serviu ele mesmo a sopa. O homem principiou a comer avidamente.

De repente, o bispo exclamou:

— Parece-me que falta qualquer coisa na mesa!

Efectivamente, Magloire só tinha posto os três talheres necessários. Ora, era costume antigo, todas as vezes que o bispo tinha hóspedes, pôr na mesa os seis talheres de prata. Ostentação inocente, graciosa aparência de luxo, naquela casa agradável e severa, que elevava a pobreza até à dignidade, era uma espécie de criancice encantadora.

Magloire, compreendendo a observação, saiu sem dizer palavra e ao cabo de um momento, os três talheres reclamados pelo bispo brilhavam sobre a toalha, simetricamente colocados diante de cada um dos trêsconvivas.

IV — Pormenores sobre as queijeiras de Pontarlier

Chegados a este ponto, não podemos dar melhor ideia do que se passou naquela noite à mesa do bispo do que transcrevendo aqui a passagem de uma carta de Baptistina à condessa de Boischevron, na qual a conversa entre o forçado e o bispo é relatada com ingénua minuciosidade:

Este homem não prestava atenção a ninguém. Comia com voracidade de esfaimado. No fim da ceia, porém, disse a meu irmão:

— Senhor cura, isto é tudo bom de mais para mim, mas sempre lhe digo que os carreteiros que não quiseram deixar-me comer com eles, passam melhor do que o senhor!

Aqui para nós, a observação do homem quase me escandalizou. Meu irmão respondeu:

— Não admira, trabalham mais do que eu.

— Não é por isso — replicou o homem — é porque têm mais dinheiro. O senhor é pobre, bem vejo; talvez nem mesmo seja cura. Pois olhe, se Deus fosse justo, devia fazê-lo mais do que cura!

— Deus é mais do que justo! — disse meu irmão. E, passado um instante, acrescentou: — Então o senhor Jean Valjean vai para Pontarlier?

— Com itinerário obrigado.

Creio que foi assim que o homem disse. Em seguida continuou:

— Amanhã de madrugada, infalivelmente, tenho de pôr-me a caminho. Mal se pode andar agora. Se as noites estão frias, de dia não se pára com calor.

— Pois vai para uma excelente terra — prosseguiu meu irmão. — No tempo da revolução, ficando a minha família arruinada, refugiei-me primeiro em Franche-Conté, onde vivi algum tempo do meu trabalho. Tinha boa vontade, por isso achei sem dificuldade em que me ocupar. Há ali por onde escolher: fábricas de papel, de destilação, lagares de azeite, relojoarias, fábricas de aço, de cobre, e não menos de vinte oficinas de ferreiro, quatro das quais, as de Lods, Châttilon, Audincourt e Buere, são muito

consideráveis.

Parece-me não me enganar e que são estes os nomes que meu irmão citou. Depois, interrompendo-se, dirigiu-me a palavra:

— Ó irmã, não temos lá ainda alguns parentes?

— Tínhamos — respondi eu. — Entre outros, o senhor Lucenet, que era capitão dos guardas barreiras, no tempo do antigo regime.

— É verdade — continuou meu irmão — mas em 93 não havia parentes; ninguém podia contar senão com os seus braços, portanto lancei-me ao trabalho. Há em Pontarlier, para onde o senhor Valjean vai, uma indústria especial e muito agradável para quem a exerce. São as fábricas de queijos, a que lá chamam queijeiras.

Então meu irmão, sem deixar de instar com o homem para que comesse, passou a explicar-lhe minuciosamente o que são as queijeiras de Pontarlier, que se dividem em duas espécies: as grandes granjas, que pertencem a pessoas abastadas, e onde há quarenta ou cinquenta vacas, as quais produzem sete ou oito mil queijos cada Verão e as queijeiras de associação, que pertencem a montanheses pobres, que sustentam as suas vacas em comum e dividem depois os produtos. Estes últimos têm assoldadado um queijeiro, ao qual chamam grurin, que recebe o leite das vacas dos associados três vezes ao dia, tomando nota exacta da porção que pertence a cada um dos sócios. Por fins de Abril principia o trabalho das queijeiras e em meados de Junho é que os queijeiros conduzem as vacas à montanha.

O homem ia-se reanimando, à proporção que comia. Meu irmão fazia-lhe beber o excelente vinho de Mauves, que ele mesmo não bebe, porque diz que é vinho caro. Explicava-lhe estes pormenores com aquele ar prazenteiro que a minha amiga lhe conhece, entremeando as suas palavras de graciosas atenções para comigo. Quando falou no bom ofício de grurin, como se desejasse que o seu hóspede entendesse, sem que lho aconselhasse directamente, que seria bom recurso para ele.

Uma circunstância se deu que me fez impressão. O homem era o que já lhe disse. Pois meu irmão, não só durante a ceia, mas em todo o tempo que estiveram juntos antes de se recolherem, exceptuando algumas palavras a respeito de Jesus, quando ele entrou, não proferiu uma única palavra que pudesse recordar ao homem o que tinha sido, nem o que ele próprio era. Fora, na aparência, excelente ocasião de pregar um pouco e de fazer sentir ao forçado o predomínio do bispo, imprimindo-lhe assim a marca da passagem pela sua sede. Para qualquer outro que assim tivesse na mão aquele desgraçado, era bem cabida a ocasião de lhe dar, ao mesmo tempo, o alimento do corpo e do espírito, fazendo-lhe alguma admoestação com grande cabedal de moral e bons conselhos, ou de mostrar comiseração, exortando-o a comportar-se melhor para o futuro. Meu irmão nem sequer lhe perguntou de que terra era, nem a história da sua vida, pois nela se dera uma falta e meu irmão parecia que evitava quanto pudesse recordar-lha. A tal extremo levava isto, que uma vez, falando dos montanheses de Pontarlier que têm um suave trabalho perto do céu e que, acrescentava ele, são felizes porque são inocentes, calou-se de repente, receando que estapalavra, a seu pesar proferida, ofendesse o homem em alguma coisa.

À força de reflexão, parece-me ter compreendido o que se passava no coração de meu irmão. Ele entendia, sem dúvida, que o homem chamado Jean Valjean tinha em demasia presente no espírito a sua miséria, que o melhor seria distraí-lo dela e fazê-lo persuadir, embora por um só instante, que era uma pessoa como outra qualquer, tratando-o a ele como tratava a toda a gente.

Não acha, minha amiga, um não sei quê de evangélico nesta delicadeza que se abstém de práticas, de moral, de alusões, e não lhe parece que a melhor compaixão para com o homem que tem uma ferida é não lhe tocar nela? Pareceu-me ser este o motivo secreto por que meu irmão assim procedia.

Em todo o caso, o que posso assegurar, é que se ele teve todas estas ideias, nem a mim as deu a conhecer; conservou-se desde o princípio ao fim, segundo o seu costume,

ceando com o tal Jean Valjean com o mesmo ar e as mesmas atenções que teria, se se achasse presente o senhor Gedeão Preboste ou o prior da freguesia.

No fim, quando já estávamos na sobremesa, bateram à porta. Era a tia Gerbaud com o filhinho nos braços. Meu irmão beijou a criancinha na testa e pediu-me quinze soldos para os dar à tia Gerbaud. O homem quase não dava atenção ao que se passava. Não proferia uma só palavra e dava indícios de estar muito cansado. Apenas a pobre Gerbaud saiu, meu irmão deu graças e voltou-se depois para o homem, dizendo-lhe:

— Agora trate de descansar, que lhe há-de ser necessário.

Magloire levantou a mesa num instante e, entendendo que devíamos retirar-nos para deixar o hóspede à sua vontade, subimos ambas para os nossos quartos. Todavia, um instante depois, mandei Magloire ir deitar sobre a cama do pobre homem uma pele de cabrito montês da Floresta Negra, que eu tinha no meu quarto. As noites vão frias e a pele aquece muito. Pena é que ela esteja tão velha, tem-lhe caído o pêlo quase todo. Foi comprada por meu irmão no tempo em que ele esteve na Alemanha, em Tottlingen, próximo à nascente do Danúbio, assim como a faquinha de cabo de marfim de que me sirvo à mesa.

Magloire voltou logo a seguir e fomos ambas rezar na sala onde estendemos a roupa e depois recolhemo-nos aos nossos quartos sem proferir mais uma palavra.

V — Tranquilidade

Monsenhor Bemvindo, depois de se ter despedido da irmã, pegou num dos castiçais de prata que estavam em cima da mesa e entregou o outro ao seu hóspede, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Vou conduzi-lo ao seu quarto.

O homem seguiu-o.

Como acima dissemos, a casa era dividida de tal modo que para se passar para o oratório, em que ficava a alcova, ou sair dele, era necessário atravessar o quarto do bispo.

Na ocasião em que ambos o atravessavam, Magloire guardava os talheres de prata no armário que ficava à cabeceira da cama. Era o último serviço que fazia todas as noites antes de se ir deitar.

O bispo conduziu o hóspede à alcova, onde sevia uma cama preparada com toda a limpeza e uma mesinha, sobre a qual o homem pousou o castiçal.

— Ora vamos — disse-lhe o bispo — durma bem e pela manhã não se vá sem primeiro tomar uma chávena de leite quente das nossas vacas.

— Muito obrigado, senhor cura — respondeu o homem.

Mal proferira, porém, estas palavras cheias de serenidade, teve de repente e sem transição um movimento impetuoso, que gelaria de susto as duas boas mulheres, se dele fossem testemunhas. Ainda mesmo hoje é para nós difícil fixar a causa que, naquele momento, operava sobre ele. Seria acaso sua intenção fazer uma advertência ou uma ameaça? Teria obedecido a uma espécie de impulso instintivo e para ele mesmo obscuro? A verdade é que se voltou de repente para o velho, cruzou os braços e, fitando-o com um olhar selvagem, exclamou com voz rouca:

— Então recolhe-me em sua casa e dá-me um quarto assim tão próximo do seu? — E, interrompendo-se, acrescentou com um sorriso em que havia o que quer que fosse de monstruoso: — Já pensou bem? Quem lhe assegura que eu não seja um assassino?

— Isso só pertence a Deus! — respondeu o bispo.

Depois, com a maior gravidade, elevou os dois dedos da mão direita e, mexendo os lábios como quem reza ou fala consigo mesmo, abençoou o homem, que não seinclinou. Em seguida, e sem voltar a cabeça, dirigiu-se para o seu quarto.

Sempre que na alcova ficava alguém, Magloire tinha o cuidado de correr uma cortina que havia no oratório, ocultando assim inteiramente o altar. O bispo, ao passar por diante da cortina, ajoelhou e fez uma breve oração.

Um momento depois, encontrava-se a passear no quintal, meditando, contemplando, com a alma e o pensamento alheados nessas sublimes e misteriosas coisas que Deus mostra de noite aos olhos que velam.

Quanto ao hóspede, estava realmente tão cansado que nem se aproveitou dos lençóis lavados. Apagou a luz com um sopro das ventas, segundo o uso dos forçados e atirou-se vestido para cima da cama, adormecendo logo profundamente.

Batia meia-noite quando o bispo, interrompendo o seu costumado passeio no jardim, entrou no seu quarto.

Decorridos mais alguns minutos, a casa jazia no mais profundo silêncio.

VI — Jean Valjean

O hóspede do bispo acordou alta noite.

Jean Valjean era oriundo de uma pobre família de camponeses de Brie. Na sua infância não aprendera a ler. Depois de homem fizera-se podador em Taverolles. Sua mãe chamava-se Joana Mateus e seu pai Jean Valjean ou Vlajean, alcunha talvez formada pela contracção de *voilà Jean.*

Jean Valjean era dotado de carácter pensativo, sem ser triste, circunstância particular às naturezas afectuosas. No fim de tudo, porém, não passava de uma criatura dorminhoca e destituída de interesse, ao menos aparentemente. Perdera os pais ainda de tenra idade. A mãe morrera vítima de uma febre de leite mal tratada; o pai, que fora também podador, morrera em consequência de uma queda, caindo de uma árvore Não ficara a Jean Valjean senão uma irmã, mais velha do que ele, viúva, com sete filhos, entre rapazes e raparigas. A irmã tomou conta de Valjean, e enquanto o marido foi vivo conservou o irmão na sua companhia e sustentou-o. Mas o marido morreu A mais velha das sete criancinhas tinha oito anos, a mais nova doze meses Jean Valjean tinha completado vinte e cinco anos. Para as criancinhas substituiu o pai que

lhes faltara, e por sua vez passou a amparar a irmã que o amparara a ele. Esta mudança operou-se com amaior simplicidade, como se fora um dever, e até com certo orgulho da parte de Jean. Assim consumira a mocidade num trabalho rude e mal retribuído. Nunca lhe tinham conhecido afeição amorosa, nunca tivera tempo para se preocupar com o amor.

A noite recolhia a casa fatigado e comia a sua sopa sem proferir uma só palavra. Às vezes, sua irmã, quando ele estava a comer, tirava-lhe da tigela o melhor da ceia, isto é, o bocado de carne, de toucinho, ou o olho de couve, para dar a algum dos filhos; ele não deixava de comer, curvado sobre a mesa e com a cabeça quase metida na tigela, os compridos cabelos caídos para diante dos olhos, nem opunha resistência, parecendo não dar por coisa alguma.

Havia em Taverolles, próximo da habitação dos Valjeans, do outro lado do lugar, uma caseira chamada Maria Cláudia; às vezes, os filhos de Joana, quase sempre esfaimados, iam pedir em nome da mãe, uma porção de leite a Maria Cláudia e bebiam-no atrás de

algum valado ou na volta de qualquer caminho, arrancando-se tão sofregamente a bilha uns aos outros, que às vezes as rapariguinhas entornavam-no pelas roupas que traziam. Se a mãe tivesse conhecimento destes pequenos abusos de confiança, castigaria severamente os delinquentes. Jean Valjean, apesar dos seus modos bruscos, pagava o leite a Maria Cláudia às escondidas da mãe e as criancinhas não eram castigadas.

No tempo das podas, ganhava vinte e quatro soldos por dia; terminadas elas, ajustava-se como ceifeiro, como cavador, como moço de gado, como jornaleiro, enfim, fazia tudo o que podia. A irmã, pela sua parte, também não ficava ociosa. Mas que valia o trabalho de dois para sustentar um rancho de sete criancinhas? Era um triste grupo, que a miséria pouco a pouco foi abraçando e apertando no seu círculo de ferro. Chegou um Inverno muito rigoroso, em que Jean Valjean não encontrou que fazer. Ficou sem trabalho e a família sem pão. Sete criancinhas sem pão!

Num domingo à noite, preparava-se Maubert Isabeau, padeiro com estabelecimento no largo da igreja, em Taverolles, para se deitar, quando ouviu uma violenta pancada na vidraça gradeada da sua loja. Correu imediatamente para ali e chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita no vidro com um murro, pegar num pão e levá-lo. Isabeau saiu apressadamente e correu atrás do ladrão, que fugia como lhe permitiam as pernas, conseguindo alcançá-lo.

O ladrão largara o pão no caminho durante a corrida, mas tinha ainda o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.

Passava-se isto em 1795.

Jean Valjean foi levado aos tribunais daquele tempo «pelo crime de roubo nocturno com arrombamento, praticado numa casa habitada». Possuía uma espingarda de que se servia como o melhor atirador e exercia às vezes o mister de caçador furtivo. Tudo isto lhe foi prejudicial. Há contra os caçadores furtivos um preconceito legítimo. O caçador furtivo e o contrabandista vizinham paredes meias com o salteador. Contudo, seja dito de passagem, entre estas raças de homens e o medonho assassino das cidades há ainda um profundo abismo.

O caçador furtivo vive na floresta, o contrabandista na montanha ou no mar. As cidades produzem homens ferozes, porque produzem homens corruptos. A montanha, o mar e a floresta, produzem homens selvagens: desenvolvem a parte feroz, porém muitas vezes sem destruir a parte humana.

Jean Valjean foi considerado criminoso. Os termos do código eram formais. Existem na nossa civilização momentos terríveis: os momentos em que a penalidade é descarregada sobre um culpado. Que lúgubre momento aquele em que a sociedade se desvia e consuma o irreparável desamparo de uma criatura racional! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés.

A 22 de Abril de 1796, proclamava-se em Paris avitória de Montennotte, alcançada pelo general em chefe do exército de Itália, que a mensagem do Directório de Quinhentos, chama Bonaparte, e nesse mesmo dia saía de Bicêtre uma numerosa leva de forçados. Jean Valjean fazia parte dessa leva. Um antigo carcereiro daquela prisão, que conta hoje perto de oitenta anos, lembra-se ainda perfeitamente desse infeliz que foi acorrentado na extremidade do quarto cordão, no ângulo norte do pátio. Jazia sentado no chão como todos os outros e parecia não compreender mais nada além do horror da sua situação. É provável que por entre as vagas ideias da sua lamentável ignorância se lhe afigurasse excessivo o tormento que os homens lhe infligiam. Todo o tempo que lhe estiveram a soldar a argola da gotilha, pelo lado de trás, o que se fazia descarregando sobre o ferro grandes marteladas, o infeliz chorou sempre e, sufocado pelas lágrimas que lhe embargavam a voz, apenas de quando em quando se lhe ouvia dizer: «Eu era um pobre podador em Taverolles!» Ao dizer isto, no meio de contínuos soluços, levantava e baixava gradualmente a mão direita sete vezes, como se tocasse sucessivamente em sete cabeças desiguais, e por este gesto depreendia-se que o crime que cometera, fora para alimentar sete crianças.

Partiu para Toulon, onde chegou ao cabo de uma viagem de vinte e sete dias, num carro e com a corrente de forçado ao pescoço. Em Toulon vestiram-lhe a jaqueta vermelha, que constitui o trajo dos sentenciados às galés. Desde

então, tudo o que constituíra a sua existência até aí se desvaneceu, incluindo o nome; deixou de ser Jean Valjean para ser apenas um número, o 24601. E sua irmã? Que destino levou? Que destino levaram aquelas sete criancinhas? Quem se ocupa de semelhantes coisas? Perguntai ao tufão que passa para onde arremessou as folhas secas da pequena árvore serrada pelo pé.

É sempre a mesma história. Aquelas pobres criaturas de Deus, agora sem apoio, sem guia nem asilo, partiram ao acaso, talvez mesmo que cada qual pelo seu lado, e pouco a pouco se foram embrenhando nessa névoa frígida em que se perdem os destinos solitários, trevas espessas no meio das quais sucessivamente desaparecem tantas frontes assinaladas com o estigma do infortúnio, durante a triste peregrinação da humanidade. Abandonaram a terra que os viu nascer; o campanário da sua aldeia esqueceu-os; esqueceu-os o marco do campo que fora seu; no fim de alguns anos passados nas galés, até o próprio Jean Valjean os esqueceu. Naquele coração, onde existira uma ferida, ficara uma cicatriz. Eis tudo. Durante todo o tempo que esteve em Toulon, uma só vez ouviu falar da irmã. Foi pelos fins do seu quarto ano de cativeiro. Alguém que os conhecera na terra tinha visto a irmã. Residia em Paris, onde morava numa rua pobre das proximidades de S. Sulpício, chamada a rua de Geindre. Apenas tinha na sua companhia um filho, o mais novo de todos. Onde estavam os outros seis? Nem ela mesmo o saberia dizer. Todas as manhãs ia trabalhar para uma tipografia na rua do Sabot, n.º 3, onde exercia o mister de encadernadora, e onde tinha de estar às seis horas da manhã, hora que de Inverno ainda nem se conhece o dia. No mesmo edifício havia uma escola, para onde ela levava o filho, que tinha sete anos. Como ela, porém, entrava às seis horas, e a escola não se abria senão às sete, a pobre criança, a quem não consentiam entrada na tipografia, tinha de esperar uma hora cá fora, no Inverno, ao relento da noite, antes de principiar a aula. Todas as manhãs, os operários que passavam, viam a infeliz criança sentada no chão, pendendo com sono, e muitas vezes a dormir nalgum canto, acocorado e encostado ao seu cestinho.

Quando chovia, a porteira, compadecida do rapazinho, recolhia-o no seu cubículo, onde havia apenas uma enxerga, uma roda de fiar e duas cadeiras de pau; o pequeno deitava-se a um canto e adormecia abraçado ao gato para não ter tanto frio. Às sete horas abria-se a escola e ele lá se apresentava.

Eis o que disseram a Jean Valjean. Contaram-lhe isto um dia, foi um momento, um relâmpago, como uma janela repentinamente aberta sobre os destinos dos entes que ele tanto amava e que logo após se fechou. Depois disto não tornou a ouvir falar deles, foi aquela a última vez. Nada mais soube a seu respeito, nunca os tornou a ver, nem no decurso desta dolorosa história se

tornará a fazer menção a eles.

Nos fins do quarto ano, chegou a Jean Valjean a vez de se evadir, no que foi auxiliado pelos seus camaradas, como é costume de tão triste lugar. Evadiu-se e andou dois dias errante pelos campos, usufruindo a liberdade, se éser livre ver-se perseguido, voltar acabeça a todo o instante, estremecer ao menor ruído, ter medo de tudo, da chaminé que fumega, do homem que passa, do cão que ladra, do cavalo que galopa, da hora que bate, do dia porque se vê, da noite porque se não vê, da estrada, do atalho, do arvoredo, do sono.

Na noite do segundo dia, Jean Valjean era recapturado. Havia trinta e seis horas que não tinha comido nem bebido.

Em virtude deste novo delito, foi condenado pelo tribunal marítimo a uma prolongação de três anos, o que perfez oito anos.

Ao fim do sexto ano, chegou-lhe novamente ocasião de se evadir; aproveitou-se dela, mas não chegou a consumar a fuga. Apenas deram pela sua falta na ocasião da chamada, dispararam o tiro de peça do costume, e, apesar da escuridão da noite, deram com ele escondido debaixo da quilha de um navio em construção. Resistiu aos guardas que o prenderam.

Crime de evasão e rebelião.

Este novo delito, previsto pelo código especial, foi punido com um agravo de cinco anos, sendo dois de dupla grilheta. Treze anos.

No décimo ano, tentou a fuga novamente, porém, não foi mais feliz do que das outras vezes. Mais três anos por esta nova tentativa. Dezasseis anos.

Finalmente, no décimo terceiro ano, tentou mais uma vez evadir-se e foi novamente preso depois de quatro horas de liberdade. Três anos por estas quatro horas.

Em Outubro de 1815 foi posto em liberdade, tendo entrado em 1796, por ter quebrado um vidro e furtado um pão.

Permitam-nos aqui um parêntesis. É a segunda vez, nos seus estudos sobre a penalidade e sobre a condenação pela lei, que o autor deste livro encontra o roubo de um pão, como origem da catástrofe de um destino Cláudio Gueux roubara um pão; Jean Valjean tinha roubado um pão; segundo uma estatística inglesa, está provado que em Londres de cinco roubos quatro têm por causa imediata a fome.

Jean Valjean entrara para as galés soluçante e trémulo; saiu de lá impassível. Entrara angustiado, saiu sombrio.

Que se passara naquela alma?

VII — O interior do desespero

Vamos tentar descrevê-lo.

É indispensável que a sociedade olhe para estas coisas visto serem obra sua.

Jean Valjean era ignorante, mas não imbecil. Ardia ainda naquele homem a luz natural. O infortúnio, que traz consigo um tal ou qual clarão, aumentou a pouca claridade que havia naquele espírito. Não obstante o azorrague, a grilheta, o calaboiço, o trabalho incessante, o sol ardente das galés, a tarimba dos forçados, Jean Valjean concentrou-se na sua consciência e reflectiu.

Constituíra-se em tribunal e principiou por julgar-se a si próprio.

Reconheceu então que não era um inocente injustamente punido. Confessou a sós consigo que cometera uma acção violenta e repreensível; que talvez lhe não recusassem aquele pão, se o tivesse pedido; que, em todo o caso, sempre lhe fora melhor esperá-lo, ou da compaixão ou do trabalho; que não era, em suma, razão definitiva e sem réplica dizer-se: não é possível a espera quando se morre de fome. Primeiro, porque é raríssimo que alguém morra literalmente à fome; segundo, porque, feliz ou infelizmente, o homem é conformado de tal modo, que pode padecer muito e por espaço de muito tempo, sem morrer, quer física, quer moralmente; que devia, portanto, ter sofrido com resignação, o que mesmo teria sido melhor para aquelas pobres criancinhas; que fora por certo um acto de loucura nele, mesquinha criatura impotente, querer arcar com a sociedade a peito descoberto e imaginar que o roubo o podia tirar da miséria; que, finalmente, era má porta para sair da miséria aquela por onde se entra na infâmia e concluiu que procedera mal.

Depois fez a si próprio as seguintes perguntas:

Fora ele o único que procedera mal na sua fatal história? Antes de tudo, não era uma coisa grave que um trabalhador como ele não tivesse em que se ocupar; que um homem laborioso como ele não tivesse que comer? Em segundo lugar, confessada a culpa cometida, não fora bárbaro e desmesurado o castigo infligido? Não houvera maior abuso da parte da lei na pena do que da parte do criminoso na culpa? Não houvera excesso de peso no prato da balança que contém a expiação? O excesso do castigo não seria a aniquilação do delito e não daria em resultado inverter as situações, substituindo a culpa do delinquente pela culpa da repressão, fazendo do criminoso a vítima e do devedor credor e pondo definitivamente o direito da parte daquele mesmo que o violara? Aquele castigo, complicado com sucessivos agravos por tentativas de evasão, não viria a ser, por último, um atentado do mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o indivíduo, crime que recomeçara todos os dias, crime que durara dezanove anos?

Perguntou a si próprio se a sociedade humana podia ter o direito de fazer sofrer igualmente a todos os seus membros, num caso a sua desarrazoada imprevidência, noutro a sua previdente inexorabilidade, e de sequestrar para sempre a liberdade a um infeliz entre uma falta e um excesso: falta de

trabalho, excesso de castigo. Se não era exorbitante que a sociedade assim tratasse injustamente os seus membros mais mal contemplados na repartição dos bens que dá o acaso, e, por conseguinte, mais dignos de consideração.

Propostas e resolvidas estas questões, julgou a sociedade e condenou-a. Condenou-a ao seu ódio. Tornou-a responsável pela sorte que experimentava e pareceu-lhe que talvez não hesitasse em pedir-lhe contas algum dia. A si próprio afirmou que não havia equilíbrio entre o dano que causara e o dano que lhe causavam; concluiu, por fim, que o seu castigo não era, na verdade, uma injustiça, mas uma incontestável iniquidade.

A cólera pode ser louca e absurda; pode o homem sentir-se irritado sem forte motivo para isso, mas a indignação tem sempre por base uma razão poderosa. Jean Valjean sentia-se indignado.

Além disso, a sociedade humana nunca lhe fizera senão mal; nunca lhe conhecera senão o aspecto irado, chamado por ela a sua justiça, que mostra àqueles a quem fere. Nunca homem algum se achegara a ele senão para o maltratar. O contacto com eles fora-lhe sempre motivo de alguma dor. Nunca mais, depois da sua infância, morta sua mãe, perdida sua irmã, nunca mais encontrara uma palavra amiga, um olhar benévolo De sofrimento em sofrimento, chegara a pouco e pouco à convicção de que a vida é uma guerra, guerra em que o vencido era ele. A única arma que possuía era o seu ódio. Resolveu afiá-la nas galés e levá-la consigo quando dali saísse.

Havia em Toulon uma escola para os forçados, na qual se ensinava o essencial a alguns daqueles desgraçados que tinham boa vontade. Jean Valjean foi do número desses homens Frequentou a escola tendo quarenta anos e aprendeu a ler, a escrever e a contar. Sentiu que desenvolvendo a inteligência, fortificava o seu ódio. Em certos casos, a instrução e a luz podem servir para desenvolver a maldade.

Triste é dizê-lo, mas depois de ter julgado a sociedade que o fizera desgraçado, julgou a Providência, que estabelecera a sociedade e condenou-a também.

Assim, durante aqueles dezanove anos de tormentos e escravidão, aquela alma elevara-se e precipitara-se ao mesmo tempo. Por um lado recebera luz, pelo outro as trevas

Jean Valjean não era dotado de maus instintos. Quando entrou para as galés, ainda não tinha perdido a natural bondade. Lá condenou a sociedade e conheceu que se tornara mau; condenou a Providência e tornava-se ímpio.

Não podemos continuar sem reflectir um momento.

Em verdade, a natureza humana transforma-se assim tão completamente? O homem que saiu bom das mãos de Deus pode tornar-se mau entre as mãos

do homem? A alma pode ser integralmente transformada pelo destino e tornar-se má, sendo mau esse destino? O coração pode tornar-se disforme e contrair enfermidades incuráveis sobre a pressão de um desproporcionado infortúnio, como a coluna vertebral debaixo de uma abóbada extremamente baixa? Acaso não existe na alma de qualquer homem, acaso não existia na alma de Jean Valjean em particular, uma centelha primitiva, um elemento divino, incorruptível neste mundo, imortal no outro, que pode desenvolver o bem, acender e fazer fulgurar esplendorosamente e que jamais o mal pode extinguir inteiramente? Graves e obscuras perguntas, à última das quais qualquer fisiologista talvez respondesse negativamente e sem hesitação, se tivesse visto em Toulon, nas horas de repouso, que para Jean Valjean eram horas de melancólica meditação, sentado, de braços cruzados, em cima de algum dos poiais que servem para aamarração dos navios, com a extremidade inferior da grilheta suspensa da abertura do bolso, para não andar com ela de rastos, aquele forçado taciturno, grave, silencioso e pensativo, pária das leis que contemplava os homens com aspecto irado, condenado pela civilização, que contemplava o céu com severidade.

Por certo que o fisiologista teria visto naquele homem uma miséria irremediável; teria lamentado aquele enfermo produzido pela lei, mas nem sequer tentaria um tratamento; desviaria os olhos das cavernas que entrevisse naquela alma, e, como Dante fez da porta do inferno, riscaria daquela existência a palavra que o dedo de Deus, apesar de tudo, escreveu na fronte detodo o homem: «Esperança!»

Seria este estado da alma de Jean Valjean, tão perfeitamente claro para ele, como nós diligenciámos que o fosse para quem nos lê? Jean Valjean veria acaso distintamente após a sua formação e veria distintamente à medida que se tinham ido formando, todos os elementos de que se compunha a sua miséria moral? Teria esse homem rude e ignorante claro conhecimento da sucessão de ideias, mediante a qual gradualmente subira e descera até aos lúgubres aspectos que eram, havia já tantos anos, o interior horizonte do seu espírito? Teria perfeita consciência de quanto se passara nele e todas as suas sensações?

É o que não ousaremos dizer; é até o que não acreditamos. Jean Valjean era demasiadamente ignorante para que, mesmo após tão grandes infortúnios, se não desse na sua alma um grande vácuo. Havia ocasiões em que nem ele próprio sabia ao certo o que experimentava. Jean Valjean jazia no meio das trevas, sofria no meio das trevas, odiava no meio das trevas. Vivia por hábito no meio desta escuridão, às apalpadelas como um cego ou como um homem que sonha.

De tempos a tempos, originado nele ou produzido por uma causa exterior, era de súbito acometido por um acesso de cólera e que era como um requinte de sofrimento, um pálido e rápido fulgor que lhe iluminava todas as sinuosidades da alma, fazendo repentinamente despontar em torno dele para qualquer parte que lançasse a vista, os pavorosos precipícios e sombrias perspectivas do seu destino, ao clarão de uma medonha luz.

Extinto esse fulgor, envolvia-o de novo a escuridão e nem ele próprio sabia onde se encontrava.

O característico das punições desta natureza, nas quais domina o inexorável, isto é, o elemento embrutecedor, é transformarem gradualmente, por uma espécie de estúpida transfiguração, um homem num animal perigoso. Algumas vezes num animal feroz. Bastariam para provar esta singular acção exercida pela lei sobre a alma humana, as necessárias e pertinazes tentativas de evasão levadas a efeito por Jean Valjean Ele renovaria essas tentativas, tão completamente ineficazes e tolas, tantas vezes quantas se lhe oferecesse ensejo para as realizar,sem reflectir, por um só instante, nem no resultado nem nas experiências já feitas. Irrompia impetuoso, como o lobo que avista a janela aberta. Dizia-lhe o instinto: «Foge!» O raciocínio ter-lhe-ia decerto dito: «Não fujas!» Porém, diante de tão forte tentação, a razão desaparecia e ficava só o instinto. A besta era quem agia. Depois agarravam-no outra vez e as novas severidades que lhe infligiam apenas conseguiam torná-lo ainda mais bravio.

Uma particularidade se dava nele que não devemos omitir.

Jean Valjean era dotado de uma força física, a respeito da qual nenhum dos seus companheiros das galés o igualava. No trabalho de alar um cabo ou de puxar um cabrestante, valia por quatro homens. Levantava e conduzia muitas vezes às costas enormes pesos, substituindo quando era preciso o instrumento chamado «crie», que outrora tinha o nome de «orgueil», donde, seja dito de passagem, tomou nome a rua de Montorgueil. Em razão disto, os seus camaradas alcunharam-no de Jean-le-Cric. Uma ocasião, andando a fazer-se alguns reparos na varanda da casa da câmara de Toulon, uma das admiráveis cariátides de Puget que sustentam a varanda deslocou-se e esteve quase a vir a terra. Jean Valjean, que se encontrava próximo, deitou os ombros à cariátide e sustentou-a sozinho enquanto os outros operários não acudiram.

A sua destreza ultrapassava ainda o vigor de que era dotado. Certos forçados, perpétuos sonhadores de evasões, chegam a fazer da força e da destreza combinadas, verdadeira ciência. É a ciência dos músculos. Uma completa e misteriosa estatística é quotidianamente posta em prática pelos presos, eternos invejosos dos pássaros e das moscas. Trepar por uma vertical e

achar pontos de apoio onde apenas se via uma saliência, era um brinquedo para Jean Valjean. Dado o ângulo de uma parede, com a tensão das costas e das curvas das pernas, com os cotovelos e os calcanhares fincados nas asperezas da pedra, içava-se como por magia à altura de um terceiro andar. As vezes subia deste modo até ao telhado da prisão.

Jean Valjean falava pouco e nunca se ria. Era necessário uma comoção extraordinária para lhe arrancar, uma ou duas vezes por ano, aquele lúgubre riso do forçado, que é como que o eco de um rir infernal. Ao ver a expressão habitual do seu rosto, dir-se-ia que aquele homem trazia de contínuo os olhos fitos em alguma pavorosa visão. Andava, com efeito, absorto.

Por entre as confusas percepções de uma natureza incompleta e de uma inteligência atrofiada, Jean Valjean conhecia vagamente que pesava sobre ele o que quer que fosse de monstruoso. No meio da obscura e desmaiada penumbra em que se arrastava, de cada vez que voltava a cabeça e tentava elevar os olhos, via com terror misturado de raiva, surgir, erguer-se, elevar-se em alturas incomensuráveis, com horríveis escarpamentos, uma espécie de pavoroso montão de coisas, leis, preconceitos, homens e factos, cujos contornos mal distinguia, cuja aglomeração o amedrontava, e que não era nada mais do que essa maravilhosa pirâmide a que nós chamamos civilização.

No meio desse conjunto desigual e disforme, divisava aqui e além, ora próximo a ele, ora longe e em alturas inacessíveis, algum grupo, alguma saliência iluminada por um clarão mais vivo; aqui, por exemplo, o guarda-chusma com o seu azorrague, além o gendarme com o seu sabre, mais ao longe o arcebispo mitrado, mais acima ainda e no meio de uma como auréola resplandecente, o imperador coroado e coruscante. Parecia-lhe que esses longínquos esplendores, em vez de dissipar as trevas que o circundavam, as tornavam mais carregadas e fúnebres.

Tudo isso, leis, preconceitos, factos, homens, cruzava-se numa região superior, consoante o misterioso e complicado movimento que Deus imprime à civilização, caminhando por cima dele e esmagando-o com o que quer que era de serena crueldade e inexorável indiferença. Almas despenhadas no abismo do mais intenso infortúnio, homens infelizes perdidos no mais fundo desses limbos, para os quais ninguém deita os olhos, os réprobos da lei sentem sobre si todo o peso da sociedade humana, tão horrível para os que se acham de fora, tão terrível para os que se acham por baixo.

Vítima desta situação, Jean Valjean meditava. De que natureza poderiam ser as suas cogitações?

Se o grão de milho debaixo da mó pensasse, pensaria, sem dúvida, o que Jean Valjean pensava.

Todas estas coisas, realidades cheias de espectros, fantasmagorias cheias de realidade, tinham, por último, criado nele certo estado interior quase inexplicável.

Às vezes, no meio da sua tarefa de forçado, parava e punha-se a meditar. E então, a sua razão, conjuntamente mais aperfeiçoada e mais desorientada do que noutro tempo, revoltava-se contra o destino. Parecia-lhe absurdo quanto lhe tinha acontecido, afigurava-se-lhe impossível quanto o rodeava. Dizia no recôndito do seu pensamento: «Isto é um sonho». E olhava para o guarda-chusma que estacionava de pé a pequena distância dele; o guarda-chusma afigurava-se-lhe um fantasma; e, de repente, o fantasma descarregava-lhe uma chicotada.

Para ele mal existia a natureza visível. Não se ficaria muito longe da verdade, dizendo-se que para Jean Valjean não havia sol, nem amenos dias de Estio, nem céu límpido, nem frescas madrugadas de Abril. A única luz que, de ordinário, lhe iluminava a alma era um como clarão baço coado por ferros.

Resumindo, finalmente, o que pode ser resumido e traduzido por resultados positivos quanto acabamos de expor, limitar-nos-emos a dizer, que em dezanove anos, Jean Valjean, o inofensivo podador de Taverolles, o temível forçado de Toulon, tornara-se capaz, graças ao modo como as galés o tinham amoldado, de duas espécies de más acções: primeiro de uma má acção, rápida, irreflectida, filha do primeiro movimento, inteiramente instintiva, espécie de represálias pelo mal sofrido; segundo, de uma má acção, grave, considerada pesada em consciência e meditada com as falsas ideias que pode dar tão grande infortúnio. As suas premeditações passavam pelas três fases sucessivas, que só as naturezas de certa têmpera são capazes de percorrer: raciocínio, vontade, obstinação Tinha por instigadores a habitual indignação, a amargura da alma, o profundo conhecimento das iniquidades sofridas, a reacção mesmo contra os bons, contra os inocentes e os justos, se é que os havia.

A origem e o alvo de todos os seus pensamentos era o ódio contra a lei humana, ódio que, não sendo sustado no seu desenvolvimento por algum acaso providencial, se transforma, chegado certo tempo, em ódio contra a sociedade, depois em ódio contra a humanidade, em seguida em ódio contra a criação, e se traduz por um vago, incessante e brutal desejo de fazer mal, seja a quem for, a um ser animado qualquer.

A vista disto, não era, pois, sem razão, que o passaporte classificava Jean Valjean de «homem perigosíssimo». De ano para ano, aquela alma fora-se dissecando cada vez mais, lenta mas fatalmente. Para corações insensíveis, olhos enxutos Quando saiu das galés, havia dezanove anos que Jean Valjean

não vertera uma lágrima.

VIII — A onda e a sombra

Homem ao mar!

Que importa? O navio não pára. O vento é fresco e o navio tem um rumo que é obrigado a seguir. Não pode deter-se. Segue sempre.

O homem que caiu ao mar desaparece, torna a aparecer, mergulha, sobe à superfície, estende os braços, chama. Ninguém o ouve. O navio, balouçado pelas vagas, obedece ao impulso da manobra de quem o dirige; equipagem e passageiros nem sequer divisam já o homem submergido; a cabeça do infeliz é apenas um ponto escuro na imensidade do mar. No espaço retumbam os seus gritos desesperados ao ver o espectro daquela vela que lhe foge. Contempla-a, crava nela os olhos com frenesi. E ela afasta-se, vai decrescendo, vai-se esfumando, confundida no ambiente nebuloso do horizonte. Há pouco ainda que ele ia dentro desse navio, que fazia parte da sua equipagem, que passeava no convés com os outros, que tinha a sua parte de respiração e de sol, que era um vivo. Agora, que foi que sucedeu? Escorregou, caiu, acabou-se.

Ei-lo em luta com a voracidade da água. Tenta firmar os pés e não encontra um ponto de apoio; estende os braços e não encontra a que se apegar. As ondas revoltas e retalhadas pelo vento rodeiam-no medonhas. As vagas envolvem-no, sacudidas pelo vento em pavorosos escarcéus; as ondulações impetuosas e desencontradas do abismo fazem dele seu ludíbrio; a espuma das ondas fustiga-lhe a cara, como se fora a lava deste vulcão líquido, como se fora um escarro de pungente ironia atirado às faces do infeliz por aquele povoléu de vagas indómitas; a cada passo o dragão imenso abre as fauces de chofre e subverte-o, devora-o; e ele, de cada vez que mergulha, avista precipícios de trevas cerradas; medonhas vegetações desconhecidas o enleiam, emaranham-se-lhe nos pés, o atraem para si; sente que se torna abismo, faz parte da espuma, as vagas trazem-no aos repelões, bebe a amargura, o oceano porfia cobardemente no intento de o afogar, a imensidade zomba da sua agonia. Parece que toda aquela água lhe tem ódio.

E ele luta sempre! O infeliz tenta defender-se, tenta suster-se, esbraceja, emprega todos os esforços, consegue nadar Ele, pobre força de repente exausta, combate a que é inexaurível.

Onde está o navio? Muito longe. Mal se avista nas lívidas sombras do horizonte.

O vento continua em rajadas; a espuma das ondas vence-o. Ergue os olhos e vê apenas a lividez das nuvens. Presenceia agonizante o imenso delírio do mar e a vítima dessa demência é ele. No meio da sua angústia, ouve ruídos estranhos ao homem, que parecem provir não sei de que terrível região de

além da terra.

Por entre aquelas nuvens pairam aves, como os anjos por cima dos infortúnios humanos. Mas que podem fazer por ele? Voam, cantam, fendem os ares e ele agoniza. Vê-se sepultado por dois infinitos ao mesmo tempo: o oceano e o céu; um é o sepulcro, o outro a mortalha.

Desce a noite.

Já as forças lhe escasseiam, porque há umas poucas de horas que nada; o navio, esse vulto longínquo em que havia homens, desapareceu: o infeliz está só na medonha voragem crepuscular; mergulha, debate-se, sente por debaixo de si monstruosas e invisíveis vagas, chama e pede que lhe acudam.

Não há um só homem que o oiça. Onde está Deus?

Chama ainda, brada por socorro.

Nada no horizonte, nada no céu!

Implora à imensidade, às vagas, à alga marinha, ao escolho; é tudo surdo. Suplica à tempestade; a tempestade, imperturbável, só obedece ao infinito.

Em torno dele a escuridão, o nevoeiro, a solidão, tumulto tempestuoso e inconsciente, o redemoinho infinito das águas enfurecidas. Nele o horror e a fadiga. A seus pés o abismo incomensurável e nem um só ponto de apoio. Lembra-se das tenebrosas aventuras do cadáver no meio da escuridão ilimitada. Paralisado o frio sem fim. Crispam-se-lhe as mãos, fecha-as e apanha o nada.

Ventos, nuvens, turbilhões, lufadas, estrelas inúteis! Que fazer? Desesperado, cansado de lutar, entrega-se sem esperança, deixa-se arrastar, deixa-se despedaçar, adopta a resolução de morrer, e ei-lo que desaparece para sempre nas lúgubres profundidades do abismo.

Ó impiedosa marcha das sociedades humanas, em que se não dá atenção aos homens e às almas que se vão perdendo! Oceano que absorve sem remédio quanto a lei deixa cair! Sinistra desaparição do socorro! Ó morte moral!

O mar é a inexorável escuridão social a que a penalidade arremessa os seus condenados. O mar é a imensa miséria!

A alma que cai a este golfão pode tornar-se cadáver. Quem a ressuscitará?

IX — Novos agravos

Ao soar para Jean Valjean a hora da liberdade, em que ouviu ressoar esta frase extraordinária: «Estás livre!», foi para ele um momento inverosímil, um raio de fulgurante luz, um clarão da Verdadeira luz dos vivos, que subitamente o iluminou por dentro. Mas esse clarão em breve empalideceu. A ideia da liberdade deslumbrara-o; acreditara na possibilidade de uma vida nova, mas bem depressa teve ocasião de avaliar o que era a liberdade acompanhada de

um passaporte amarelo.

Quantas amarguras ainda o esperavam!

Calculara que o seu pecúlio, durante o tempo de permanência nas galés, deveria elevar-se a cento e sessenta francos. Deve contudo acrescentar-se, que se esquecera de fazer entrar nos seus cálculos o descanso forçado dos domingos e dias santos, o que, ao cabo de dezanove anos, produziam uma diminuição de vinte e quatro francos aproximadamente.

Fosse como fosse, a verdade é que, depois de diversas retenções locais, o seu pecúlio ficara reduzido a cento e nove francos e quinze soldos.

Nada tendo compreendido das contas que lhe haviam feito, julgou-se lesado, ou melhor dizendo, roubado.

No dia seguinte ao que foi posto em liberdade, vendo em Grasse, à porta de uma fábrica de destilação de flores de laranjeira, alguns homens a descarregar fardos de um carro, ofereceu também os seus serviços. Como o trabalho era urgente, admitiram-no imediatamente. Deitou mãos à obra. Era inteligente, robusto e desembaraçado; empregava tamanha diligência no trabalho, que o patrão se sentia satisfeito por o ter contratado.

Andava ele na sua nova ocupação, quando um *gendarme* que passava nesse momento, olhando-o atentamente, se lhe dirigiu, perguntando-lhe pelos papéis. Jean Valjean mostrou-lhe o passaporte amarelo e continuou a trabalhar. Pouco tempo antes havia indagado de um dos companheiros quanto ganhavam por aquele trabalho, ao que ele respondeu: «Trinta soldos». Quando anoiteceu e como no dia seguinte tinha de partir, apresentou-se ao dono da fábrica, pedindo que lhe pagasse. Este, sem lhe dirigir uma única palavra, deu-lhe vinte soldos. Jean Valjean reclamou, mas o dono da fábrica respondeu:

— Põe-te a andar,para ti é quanto basta!

Jean Valjean objectou ainda, mas o homem encarou-o fixamente, dizendo-lhe:

— Nas galés não ganhavas tanto!

Ainda desta vez se considerou roubado. A sociedade, o estado, roubara-o em grande escala, desfalcando-lhe os seus haveres. Agora chegara a vez ao indivíduo de o roubarem escala menor.

Liberdade não é alforria; o forçado sai das galés, mas é perseguido pela condenação. Eis o que lhe sucedera em Grasse. Já se viu o modo como foi recebido em Digne

X — O hóspede acordado

Soavam duas horas da manhã no relógio da catedral, quando Jean Valjean acordou.

O que o acordou foi justamente a boa cama que a bondade do bispo lhe

dera. Havia quase vinte anos que ele não dormia numa cama e, conquanto não se tivesse despido, a sensação de semelhante contraste fora em extremo nova para que deixasse de lhe perturbar o sono. Dormira mais de quatro horas. Fora o necessário para se recompor da fadiga, além de que estava habituado a descansar poucas horas.

Abriu os olhos, olhou um momento a escuridão que fazia em volta dele e fechou-os novamente para tornar a adormecer.

Quando muitas sensações diversas nos agitam durante o dia, quando o espírito se encontra a braços com numerosos motivos de preocupações, podemos adormecer, mas uma vez acordados, impossível será tornar a conciliar o sono, que vem com mais facilidade do que volta. Foi o que sucedeu a Jean Valjean. Como não pudesse tornar a adormecer, pôs-se a meditar Jean Valjean encontrava-se num desses momentos em que as ideias se nos amontoam confusamente no espírito. Sentia no cérebro uma espécie de vai-vém tumultuoso. As recordações do passado, as lembranças do presente, flutuavam-lhe em tropel, cruzavam-se confusamente nele, perdendo as formas, tomando vulto descomunal, para em seguida desaparecerem de súbito como que numa pouca de água lodacenta e agitada. Numerosos pensamentos lhe ocorriam ao espírito, porém havia um que *o* assaltava de contínuo e expelia todos os outros. Esse pensamento, digamo-lo já, era o dos seis talheres de prata e da colherde sopa que Magloire pusera na mesa e que lhe havia prendido a atenção.

Aqueles seis talheres de prata obcecavam-no Encontravam-se ali, a dois passos. Na ocasião em que ele passara pelo quarto imediato para vir para aquele em que se encontrava, vira a criada a arrumá-los num armário que ficava à cabeceira da cama do bispo.

Os talheres eram de prata maciça, juntamente com a colher de sopa, dariam, pelo menos, duzentos francos. O dobro do que ele tinha ganho em dezanove anos. É verdade que teria ganho mais, se a administração o não tivesse «roubado».

O seu espírito oscilou mais de uma hora em reflexões incessantes, entremeadas de certo esforço renitente. Neste momento, soaram três horas Jean Valjean reabriu os olhos, ergueu-se de chofre, estendeu o braço, procurou às apalpadelas a mochila, a qual tinha arrumado perto da cama, deixou pender as pernas, pousou os pés no chão e achou-se, quase sem saber como, sentado na beira da cama.

Após haver permanecido durante algum tempo nesta atitude, com ar pensativo, que teria parecido sinistra a quem assim o visse, acordado no meio da escuridão, numa casa em que todos dormiam, agachou-se de súbito,

descalçou os sapatos, pô-los cautelosamente no capacho ao pé da cama, voltou à primitiva posição pensativa e ficou imóvel.

No meio das suas pavorosas meditações, as ideias que acima indicamos tumultuavam-lhe de contínuo no cérebro, entravam, saíam, tornavam a entrar, oprimiam-no como se carregasse um peso sobre ele, no meio de tudo isto, ocorria-lhe maquinalmente ao espírito, com singular pertinácia, a lembrança de um forçado chamado Brevet que ele conhecera nas galés, que usava as calças seguras apenas por um suspensório de algodão trabalhado a agulha de meia. Não se lhe afastava do espírito o desenho em xadrez daquele suspensório.

Conservava-se, pois, nesta posição e permaneceria nela indefinidamente até amanhecer, se não ouvisse o som do relógio, dando um quarto ou meia hora.

Dir-se-ia que aquela badalada lhe dissera: «Vamos!», porque se pôs logo de pé, hesitou ainda um instante, escutou, e, sentindo o mais completo silêncio em casa, encaminhou-se cautelosamente para a janela, que apenas entrevia A noite não estava muito escura, mas no céu corriam algumas nuvens impelidas pelo vento. Este estado do firmamento produzia, fora, alternativas de sombra e claridade, eclipses, por assim dizer, totais, e em seguida momentos do mais límpido luar; dentro de casa havia uma espécie de crepúsculo. Este crepúsculo, intermitente em virtude das nuvens, mas suficiente para distinguir os objectos, assemelhava-se à baça claridade que penetra pelo respiradouro de um subterrâneo, no meio da qual se reflectem as sombras dos que passam.

Jean Valjean aproximou-se da janela e examinou-a. Não tinha grades, deitava para o jardim e, segundo o uso da terra, era apenas fechada por uma simples aldraba. Abriu-a, mas como no quarto penetrasse repentinamente uma rajada de vento frio, tornou logo a fechá-la, tendo previamente olhado para o jardim com olhar mais de investigação e estudo, do que de simples observação.

Viu neste exame que o jardim era cercado por um muro caiado, extremamente baixo e fácil de escalar. Além do muro, distinguiu a copa de algumas árvores igualmente espaçadas, o que indicava haver ali uma avenida ou rua arborizada.

Depois deste exame, fez um movimento como de quem tomou a sua resolução, dirigiu-se para a cama, pegou na mochila, abriu-a, revolveu-a, tirou de dentro qualquer coisa, que pôs em cima da cama, meteu os sapatos num bolso, atou o saco, deitou-o ao ombro, pôs o boné na cabeça, descendo a pala para os olhos, procurou o cajado às apalpadelas, foi pô-lo ao canto da janela, voltou outra vez para junto da cama e pegou resolutamente no objecto que

tinha poisado sobre ela, e que parecia uma barra de ferro curta, aguçada como um chuço numa das extremidades.

Seria difícil perceber na escuridão o fim para que fora assim preparado aquele pedaço de ferro. Seria para servir de alavanca? Seria para servir de maça?

Visto à claridade, reconhecer-se-ia que não era mais do que um instrumento de cabouqueiro. Como então empregavam às vezes os forçados em extrair pedras das altas colinas que circundavam Toulon, não era raro que tivessem à sua disposição ferramentas daquele género.

Pegou no ferro com a mão direita e encaminhou-se para a porta do quarto imediato que era o do bispo, contendo a respiração e abafando os passos para não ser pressentido. Chegado à porta, encontrou-a entreaberta. O bispo não a tinha fechado

XI — O que ele faz

Jean Valjean escutou. Nem o mais leve ruído. Empurrou a porta. Empurrou-a com *a* ponta dos dedos, ligeiramente, com a furtiva e inquieta delicadeza do gato que quer entrar.

A porta cedeu à pressão e fez um movimento imperceptível e silencioso, que alargou pouco mais a abertura. Deteve-se um momento, depois empurrou de novo a porta, desta vez com mais força.

A porta continuou a ceder silenciosa. A abertura era já suficientemente grande para que ele pudesse passar, mas uma mesa pequena, que formava com ela um ângulo, obstruía a entrada.

Jean Valjean reconheceu o obstáculo. Era necessário, custasse o que custasse, que a abertura se alargasse mais.

Decidiu-se e empurrou a porta pela terceira vez, mais energicamente do que das duas antecedentes. Desta vez, um dos gonzos, decerto enferrujado, soltou um grito rouco e prolongado no meio do silêncio.

Jean Valjean estremeceu. O ruído do gonzo soou-lhe aos ouvidos, estrondoso e tremendo, como a trombeta do juízo final.

Na fantástica exageração do primeiro momento, quase se lhe afigurou que aquele gonzo acabava de animar-se e assumir de repente vida terrível, latindo como um cão para avisar toda a gente e despertar os adormecidos.

Estacou, trémulo e desorientado, deixando-se cair das pontas dos pés sobre os calcanhares. As artérias temporais pulsavam-lhe com tal força, que as ouvia bater como dois martelos numa bigorna, afigurava-se-lhe que a respiração lhe saía do peito sussurrante, como uma rajada de vento saída de uma caverna. Parecia-lhe impossível que o horrível clamor daquele gonzo irritado não abalasse toda a casa, como medonho repelão de um terramoto; a porta

empurrada por ele assustara-se e clamara; o velho não tardaria a levantar-se, as duas mulheres não tardariam a gritar, não tardaria a acudir gente em socorro; antes de um quarto de hora, a cidade estaria em movimento e a gendarmaria a postos. Por um instante considerou-se perdido.

Deixou-se pois ficar onde estava, petrificado como a estátua de sal e sem se atrever *a* fazer o menor movimento. Decorreram alguns minutos. A porta abrira-se de par em par. Jean Valjean espreitou para dentro do quarto. O mais completo sossego. O rangido do gonzo enferrujado não despertara ninguém.

Estava passado este primeiro perigo, mas nem por isso era menos terrível o tumulto que ainda se agitava dentro dele.

Jean Valjean, porém, não recuou. Não recuara nem mesmo na ocasião em que se considerara perdido. Do que tratava agora era de operar com presteza. Avançou um passo e entrou no quarto.

Este jazia no mais profundo silêncio. Aqui e além divisavam-se algumas formas vagamente confusas, que, vistas à claridade, eram papéis espalhados por cima de uma mesa, *in-folios* abertos, muitos volumes amontoados sobre um banco, uma poltrona carregada de roupa, um genuflexório, objectos que, àquela hora, eram apenas vultos informes, branquejando por entre as trevas.

Jean Valjean continuou a caminhar com a maior precaução, para não esbarrar com os móveis. Do lado oposto do quarto, ouvia a igual e serena respiração do bispo adormecido. De súbito, parou, porque se encontrava junto da cama, onde tinha chegado mais depressa do que pensara.

A natureza, às vezes, nos seus efeitos e espectáculos, estabelece com as nossas acções uma espécie de correlação tão sombria e inteligente, que parece querer, por meio dela, fazer-nos reflectir e sondar-nos a nós próprios. Havia perto de meia hora que uma espessa nuvem cobria o céu. No momento em que Jean Valjean parou, em frente do leito, a nuvem rasgou-se, como se o fizesse de propósito, e um raio de luar, coando-se por entre a janela rasgada do quarto do bispo, veio subitamente iluminar o pálido rosto do prelado, que dormia serenamente. Resguardava-o do frio da noite, que nos Baixos Alpes se faz sentir com especial intensidade, uma camisola de lã escura, que lhe cobria os braços até aos pulsos. A cabeça debruçava-se-lhe sobre o travesseiro na atitude indolente do repouso; a mão, aquela mão de onde tinham saído tão boas e santas acções, pendia-lhe fora da roupa, ornada com o anel pastoral. O rosto iluminava-se-lhe de uma vaga expressão de satisfação, esperança e beatitude. Era mais do que sorriso, era quase irradiação. Respirava daquela fronte a inexprimível reverberação de uma luz que contempla um céu misterioso.

No momento em que o raio de luz se sobrepôs, por assim dizer, àquela

claridade interior, o vulto do bispo adormecido destacou-se como no meio de uma auréola, ficando, todavia, este espectáculo suave velado por uma luz mal distinta, mas inefável. A Lua no céu, o repouso da natureza, o jardim em perfeita quietação, a casa em completo sossego, a hora, a ocasião, o silêncio, tudo acrescentava um não sei quê de solene e indizível ao venerável repouso daquele homem, envolvendo, numa majestosa e serena auréola, aqueles cabelos brancos e os olhos fechados, afronte em que tudo era esperança e confiança, a cabeça de ancião e o sono infantil.

Havia naquele homem, sem que ele o suspeitasse, o que quer que fosse quase divino.

Jean Valjean conservou-se na sombra, de pé, imóvel, com a barra de ferro na mão, a braços com a mais estranha impressão. O aspecto daquele ancião coruscante apavorava-o. Nunca na sua vida vira coisa semelhante. O seu grande destemor amedrontava-o.

O mundo moral não possui mais grandioso espectáculo do que o de uma consciência perturbada e inquieta chegada à beira de uma má acção e contemplando o sono de um justo.

Esse sono, naquele isolamento e com um vizinho de semelhante estofo, tinha o que quer que fosse de sublime, que ele próprio sentia, vaga mas imperiosamente.

Ninguém, nem ele mesmo, pudera dizer o que dentro dele se passava. Para tentar avaliá-lo é necessário imaginar o que há de mais violento em presença do que há de mais suave. Nem no rosto se lhe pudera distinguir coisa alguma com certeza. Sentia uma espécie de assombro desvairado. Contemplava aquele vulto. Nada mais. Qual era o seu pensamento? Seria impossível adivinhá-lo. O que era evidente é que ele se achava impressionado e profundamente abalado. Mas de que natureza era esta comoção?

O seu olhar não se afastava do ancião. A única coisa que claramente deixara transparecer a atitude e a fisionomia dele era uma singular perplexidade. Dir-se-ia que hesitava entre dois abismos: entre o da perdição e o da salvação. Parecia prestes a esmagar aquela cabeça ou a beijar aquela mão.

Ao cabo de alguns instantes, levantou vagarosamente o braço esquerdo à altura da testa, tirou o boné, tornou a deixar cair o braço com a mesma lentidão e voltou à sua primitiva postura de contemplação, com o boné na mão esquerda, a barra de ferro na direita, os cabelos eriçados, a expressão do rosto selvática.

O bispo continuava a dormir com a maior serenidade sob aquele temeroso olhar.

O reflexo do luar tornava confusamente visível por cima do fogão o vulto do crucifixo, que parecia abrir os braços a ambos, com uma bênção para um e o perdão para o outro.

De repente, Jean Valjean pôs o boné na cabeça, caminhou rapidamente ao longo da cama, sem olhar para o bispo, direito ao armário, que ele entrevia junto à cabeceira. Feito isto, levantou a barra de ferro como para forçar a fechadura, mas viu nela a chave. Apenas abriu a portinhola, deparou-se-lhe logo o açafate em que estava a prata; pegou nele, atravessou o quarto a largas passadas, sem a menor precaução, indiferente ao ruído que poderia produzir, chegou à porta, entrou no oratório, abriu a janela, pegou no cajado, saltou para o jardim, meteu a prata na mochila, atirou para longe de si o açafate, transpôs o muro como o faria um tigre e fugiu.

XII — O bispo trabalha

No dia seguinte, ao nascer do sol, andando Monsenhor Bemvindo a passear no jardim, viu Magloire vir a correr na sua direcção com ar transtornado.

— Monsenhor! Monsenhor! — gritou ela. — Sabe onde está o açafate da prata?

— Sei — respondeu o bispo.

— Ora graças a Deus! — tornou ela. — Já não sabia o que pensar!

O bispo que naquele instante levantava o açafate de um alegrete, apresentou-o à senhora Magloire.

— Está aqui.

— Mas não tem nada dentro. E a prata?

— Ah! — replicou o bispo. — Era a prata que procurava? Não sei onde está.

— Jesus! Roubaram-na! Foi decerto o homem que cá ficou!

Num abrir e fechar de olhos, com a vivacidade própria de velha sagaz e bem conservada, Magloire correu ao oratório, entrou na alcova e voltou logo para junto do bispo. Este agachara-se havia um instante e contemplava com a maior tristeza um pé de cocleária de Guillons que o açafate tinha quebrado ao cair no meio do alegrete; ao ouvir, porém, os gritos de Magloire, ergueu-se.

— Ai, Monsenhor! O homem roubou a prata e fugiu! — Ao mesmo tempo que soltava esta exclamação, dirigiu o olhar para o muro, onde se viam os vestígios da escalada. — Olhe, foi por ali que ele fugiu! Saltou para a travessa de Cachefilet. Que crueldade! Roubar-nos a prata!

O bispoconservou-se por momentos silencioso; por fim, disse com a maior serenidade, erguendo os olhos para Magloire:

— Aquela prata pertencia-nos porventura?

Magloire ficou sem saber o que havia de responder.

Seguiu-se outra pausa, após a qual o bispo prosseguiu:

— Magloire, há muito tempo que eu era ilícito possuidor daquela prata, que pertencia de direito aos pobres. E quem era aquele homem? Não era, sem a menor dúvida, um pobre?

— Valha-me Nossa Senhora! — replicou Magloire. — Não falo por mim, nem pela senhora Baptistina, a nós não nos faz falta, mas com Monsenhor já não sucede o mesmo. Com que talher há-de comer agora?

O bispo encarou-a com ar de espanto e respondeu:

— Essa agora! Pois não há colheres de estanho?

Magloire encolheu os ombros.

— O estanho tem mau cheiro.

— Nesse caso, há os de ferro.

A criada fez uma careta expressiva, dizendo:

— O ferro tem muito mau sabor.

— Pois então, colheres de pau.

Daí por alguns instantes, o bispo estava a almoçar naquela mesma mesa em que Jean Valjean, no dia antecedente, estivera sentado. No decurso do almoço, Monsenhor Bemvindo notou, gracejando, a sua irmã, que não proferira palavra, e a Magloire, que resmungava surdamente, não ser preciso garfo nem colher, mesmo de pau, para molhar um pedaço de pão numa chávena de leite.

— Nunca se viu uma coisa assim! — dizia Magloire, andando de um para outro lado. — Recolher um homem daqueles e deitá-lo quase ao pé de si! Ainda devemos dar graças a Deus por só nos ter roubado! Parece-me que ainda sinto um estremecimento quando me lembro de semelhante coisa!

No instante em que obispo e a irmã se levantaram da mesa, bateram à porta.

— Entre — disse o bispo.

A porta abriu-se e um estranho e violento grupo assomou no limiar. Três homens traziam um quarto agarrado no meio deles. Os três eram *gendarmes*, o quarto era Jean Valjean.

Apenas em presença do bispo, o *gendarme* que parecia ser o comandante do grupo adiantou-se para ele, fazendo a continência militar e disse:

— Monsenhor...

Ouvindo este tratamento, Jean Valjean, que se mostrava sombrio e abatido, ergueu a cabeça com ar de estupefacção e murmurou:

— Monsenhor?! Pensei que era o cura...

— Silêncio! — ordenou um dos *gendarmes*. — É o senhor bispo.

Entretanto, Monsenhor Bemvindo aproximara-se dos homens com a presteza que lhe permitia a sua avançada idade e exclamou, com os olhos fitos

em Jean Valjean:

— Ah, então voltou?! Estimo muito tornar a vê-lo. Mas agora me lembro: eu também lhe dei os castiçais, que são de prata, como o resto, e que lhe podem render duzentos francos ou mais. Porque não os levou?

Jean Valjean abriu os olhos e encarou o venerável bispo com uma expressão que nenhuma linguagem poderia traduzir.

— Então é verdade o que este homem disse, Monsenhor? — perguntou o cabo que comandava os *gendarmes*. — Nós encontrámo-lo como quem ia a fugir e prendemo-lo como suspeito. Levava consigo esta prata...

— E disse-lhes — atalhou o bispo, sorrindo — que um pobre padre em casa de quem passara a noite lhos tinha dado? Os senhores não acreditaram e trouxeram-no aqui. Pois disse-lhes a verdade.

— Sendo assim, podemos deixá-lo ir? — perguntou o cabo.

— Sem dúvida — respondeu o bispo.

Os *gendarmes* largaram Jean Valjean, que recuou estupefacto.

— Então, estou livre?! — exclamou ele em voz quase inarticulada e como se falasse a dormir.

— Pois não ouviste? — disse um dos *gendarmes*.

— Meu amigo — tornou o bispo — não se vá embora sem levar os castiçais. Aqui os tem.

E, dirigindo-se ao fogão, pegou nos dois castiçais de prata e entregou-os a Jean Valjean.

As duas mulheres olhavam para tudo aquilo sem fazerem o menor gesto nem proferirem uma só palavra que pudesse contrariar o prelado.

Jean Valjean, que tremia como varas verdes, pegou maquinalmente nos dois castiçais, com ar desvairado.

— Agora — disse o bispo — vá em paz. É verdade, meu amigo, se voltar é escusado passar pelo jardim. Pode entrar e sair sempre pela porta da rua, que está fechada apenas por uma simples aldraba, seja de dia ou de noite. — E, em seguida, voltando-se para os *gendarmes*, acrescentou: — Os senhores podem retirar-se.

Os *gendarmes* saíram.

Jean Valjean sentiu-se como que prestes a desfalecer.

O bispo aproximou-se dele e disse-lhe em voz baixa:

— Não se esqueça nunca de que me prometeu empregar o dinheiro desta prata em tornar-se homem de bem.

Jean Valjean, que não se recordava de lhe ter prometido coisa alguma, ficou sem saber o que havia de dizer. Obispo, que acentuaramuito as suas palavras, acrescentou:

— Jean Valjean, meu irmão, lembre-se que já não pertence ao mal, mas sim ao bem. Resgatei a sua alma. Libertei-a dos maus pensamentos e do espírito de perdição para a dar a Deus.

XIII — O pequeno Gervásio

Jean Valjean saiu da cidade como se sesoubesse perseguido. Principiou a caminhar apressadamente pelo meio dos campos, seguindo todos os caminhos e atalhos que se lhe ofereciam, sem reparar que a cada instante voltava aos mesmos lugares por onde já tinha passado. Assim andou vagueando toda a manhã, sem comer nem ter fome. Um sem número de sensações desconhecidas o agitavam. Sentia uma espécie de ira, mas nem sabia contra quem. Impossível lhe seria dizer se as sensações que o agitavam eram de arrependimento ou humilhação. Às vezes sentia-se acometido por um singular enternecimento, que repelia, opondo-lhe o endurecimento dos seus últimos vinte anos. Semelhante estado afligia-o. Assustava-se ao ver como dentro dele se abalava essa espécie de pavorosa serenidade que a injustiça do seu infortúnio lhe havia dado. A si mesmo perguntava o que é que viria substituir isso. Preferia ter ido entre os gendarmes para a cadeia ao desfecho que as coisas haviam tido, porque não se veria tão agitado.

Posto que a estação fosse bastante adiantada, viam-se, todavia, aqui e além, por entre as sebes, algumas flores extemporâneas, cujo cheiro, ao passar, lhe suscitava recordações da infância, que se lhe tornavam insuportáveis, porque havia muito que elas o não tinham acometido. Inexprimíveis pensamentos se amontoaram assim nele durante o dia todo.

Ao declinar do sol no ocidente, *a* essa hora em que a sombra do mais pequeno seixo se estende desmesuradamente no chão, encontrava-se Jean Valjean sentado atrás de uma moita, numa extensa e escalvada planície, absolutamente deserta. No horizonte apenas se avistavam os Alpes. Nem o vulto de um só campanário de alguma aldeia longínqua. Jean Valjean achava-se a três léguas de Digne, pouco mais ou menos. A poucos passos distante da moita, passava um carreiro que cortava a planície.

No meio da sua meditação, que não pouco contribuiria para tornar os seus andrajos mais medonhos a qualquer pessoa que o encontrasse, ouviu um rumor alegre.

Voltou a cabeça e viu, caminhando pelo carreiro, um rapazinho saboiano, de dez anos, pouco mais ou menos, cantando com a sua sanfona ao lado. Era um desses rapazinhos simplórios e alegres, que andam de terra em terra, com as calcinhas rotas e os joelhos à mostra.

O saboiano interrompia de vez em quando a cantiga e parava para atirar ao ar algumas moedas que trazia namão e que constituíam talvez toda a sua

fortuna. Entre elas havia uma moeda de quarenta soldos.

Chegando ao pé da moita, o pequeno parou sem ver Jean Valjean e atirou ao ar o punhado de soldos que, até então, tinha aparado nas costas da mão com toda a destreza.

Desta feita, porém, escapou-lhe a moeda de quarenta soldos, que rolou por entre o mato até onde estava Jean Valjean. Este viu-a e pôs-lhe o pé em cima.

O pequeno, que seguira a moeda com os olhos e vira perfeitamente onde ela tinha ido parar, não deu o menor indício de admiração e caminhou direito ao homem.

Era um lugar absolutamente solitário. Desde ali até onde a vista podia alcançar, não se avistava vivalma, nem na planície nem no carreiro. Apenas se ouvia o chilrear de um ou outro bando de passarinhos que atravessavam o espaço.

O rapazinho estava de costas voltadas para o sol, que parecia pôr-lhe fios de oiro na cabeça e purpureava o rosto selvagem de Jean Valjean de um reflexo cor de sangue.

— O senhor faz favor de me dar o meu dinheiro? — disse o pequeno, com essa infantil resolução que se compõe de ignorância e inocência.

— Como te chamas? — perguntou-lhe Jean Valjean.

— Gervásio.

— Então põe-te a andar! — tornou Jean Valjean.

— Mas dê-me o meu dinheiro! — replicou o rapazinho.

Jean Valjean curvou a cabeça e não respondeu.

O pequeno repetiu:

— O meu dinheiro! Dê-me o meu dinheiro!

Jean Valjean parecia não ouvir. O pequeno agarrou-o pela gola da blusa e abanou-o, diligenciando ao mesmo tempo tirar-lhe o pesado sapato ferrado de cima da moeda de quarenta soldos.

— Dê-me o meu dinheiro! — exclamava a pobre criança, debulhada em lágrimas.

Jean Valjean, que se encontrava ainda sentado, levantou a cabeça, fitou na criança os olhos embaciados com uma espécie de pasmo, e, por fim, exclamou em voz terrível, lançando a mão ao cajado:

— Quem está aí?

— Sou eu, senhor, sou o Gervásio! Faça favor de tirar o pé, dê-me o meu dinheiro! — Em seguida exclamou irritado e com um gesto ameaçador, apesar da sua estatura: — Tira o pé ou não tira? Vá, deixe-se de brincadeiras, dê-me o dinheiro!

— Pois tu ainda aí estás, tratante? — disse-lhe Jean Valjean. E, erguendo-se

repentinamente, sem tirar o pé de cima da moeda, acrescentou: — Vais-te já embora, ou eu...

O rapazinho olhou para ele muito assustado, pondo-se a tremer como um vime e, ao cabo de alguns instantes de medrosa irresolução, deitou a fugir, correndo quanto podia, sem se atrever a olhar para trás nem a soltar um grito.

Todavia, a certa distância, cansado pela correria parou; e, apesar da sua abstracção, Jean Valjean ouviu-o soluçar.

Passados alguns instantes, o rapazinho tinha desaparecido. Era sol posto. A noite ia descendo gradualmente. Jean Valjean principiou a ver-se rodeado pelas sombras; não tinha comido nada em todo o dia, e era provável que tivesse fome.

Desde que o pequeno saboiano se afastara que se conservava de pé e sem mudar de atitude. A respiração elevava-lhe o peito com intervalos prolongados e incertos. O seu olhar, fito a dez ou doze passos de distância, parecia estudar com profunda atenção a forma de um caco de louça azul que jazia entre a erva. De repente, estremeceu, ao sentir a primeira impressão da aragem da noite.

Enterrou mais o boné na cabeça, sobrepôs e apertou maquinalmente a blusa, deu um passo e curvou-se para levantar do chão o cajado.

Nessa ocasião, avistou a moeda de quarenta soldos, que com o peso do pé quase enterrara no chão e que brilhava por entre as pedras.

— Que diabo é isto? — murmurou ele por entre dentes. Em seguida recuou três passos e parou, sem poder despregar os olhos daquele ponto que calcava com o pé havia um instante, como se aquele objecto que ali luzia no meio da obscuridade fosse um olho aberto fito nele.

Ao cabo de alguns minutos, caminhou convulsivamente em direcção à moeda de prata, apanhou-a, endireitou-se e pôs-se a olhar pela planície, espacejando a vista por todos os pontos do horizonte ao mesmo tempo, imóvel e trémulo como um animal feroz em busca de guarida.

Nada avistou, porém. A noite avizinhava-se, a planície jazia solitária, a aragem começava a tornar-se penetrante, grandes nuvens cor de cobre pairavam no meio da luz crepuscular.

Jean Valjean fez então um gesto como de quem repentinamente se lembra de uma coisa e principiou a caminhar rapidamente na direcção em que o rapazinho tinha desaparecido. Depois de ter dado uns trinta passos parou, olhou em volta de si e, não descobrindo nada, gritou com quanta força tinha:

— Gervásio! Gervásio!

Após isto, calou-se e esperou. Ninguém lhe respondeu. A planície jazia

deserta e melancolicamente silenciosa. Via-se rodeado pela imagem da extensão indeterminada. Em volta dele apenas havia sombra e silêncio, onde se lhe perdia a voz e o olhar.

Açoitava-lhe o rosto a brisa glacial, que dava aos objectos que o rodeavam uma espécie de vida lúgubre. Ao ver a incrível fúria com que alguns arbustos agitavam as pequeninas frondes, dir-se-ia que eles ameaçavam e perseguiam alguém.

Jean Valjean, após alguns instantes de muda expectativa, continuou a caminhar e em seguida a correr. De vez em quando, porém, parava e punha-se a gritar com voz de acento tão consternado como se não poderia ouvir outra:

— Gervásio! Gervásio!

Por certo que se o pequeno o tivesse ouvido, se esconderia cuidadosamente.

Nesse momento, avistando um padre que ia a cavalo, encaminhou-se para ele e perguntou-lhe:

— O senhor cura viu por aí um rapazinho?

Não respondeu o sacerdote.

— Um pequeno saboiano chamado Gervásio?

— Não vi ninguém.

Jean Valjean tirou de dentro da mochila duas moedas de cinco francos e entregou-as ao padre, dizendo-lhe:

— Aqui tem para os seus pobres, senhor cura. O rapazinho terá por aí uns dez anos e leva uma sanfona. É um desses saboianos que andam de terra em terra... o senhor cura bem sabe.

— Pois não o vi.

— Gervásio? O senhor cura sabe se ele é destas aldeias por aqui?

— Sendo como vossemecê diz, é algum rapazito estrangeiro. Passam numa terra, mas ninguém os conhece.

Jean Valjean tirou violentamente do saco outros dez francos e deu-os ao padre, dizendo-lhe:

— Aí tem mais para os pobres. — Depois acrescentou com aspecto alucinado: — Senhor cura, prenda-me, porque eu sou um ladrão!

O padre cravou as esporas no animal e deitou a fugir amedrontado.

Jean Valjean deitou igualmente a correr na direcção que primeiro levava.

Percorreu assim uma grande distância, chamando sempre, mas não encontrou ninguém. Por duas ou três vezes deitou a correr para uma ou outra coisa que se lhe afigurava uma pessoa deitada ou de cócoras, mas não encontrava mais do que alguma moita ou grande pedra. Finalmente, parou num ponto em que três caminhos se cruzavam, circunvagou a vista por longe à

claridade da Lua, que acabava de aparecer no horizonte e bradou pela derradeira vez:

— Gervásio! Gervásio! Gervásio!

Os seus gritos perderam-se sem acordar sequer um eco. Murmurou ainda, em voz fraca e quase inarticulada:

— Gervásio!

Foi esse o seu último esforço; os joelhos dobraram-se-lhe de súbito, como se alguma potência invisível o oprimisse repentinamente debaixo do peso da consciência da sua má acção, e caiu desfalecido para cima de uma pedra com as mãos metidas por entre os cabelos e a cara escondida entre os joelhos, exclamando:

— Sou um miserável!

Naquele momento, o coração não pôde ser superior à comoção que o alanceava e desatou a chorar. Era a primeira vez que chorava havia dezanove anos! Jean Valjean saíra de casa do bispo alheado de tudo aquilo em que pensara até então. Nem ele próprio podia explicar o que se passava dentro dele. Diligenciava reagir contra as suaves palavras do velho.

«Lembre-se que me prometeu tornar-se homem de bem. Resgatei a sua alma, arranquei-a ao espírito da perversidade e entrego-a a Deus».

A lembrança de tais palavras ocorria-lhe de contínuo ao espírito. A esta celeste indulgência, porém, opunha ele a soberba, que é em nós como que a fortaleza do mal. Conhecia confusamente que o perdão daquele padre era o maior assalto e o mais temível ataque que em dias da sua vida o tinha abalado; que o seu endurecimento seria definitivo, se resistisse a tamanha clemência; que, se cedesse, ser-lhe-ia necessário renunciar ao ódio de que as acções dos outros homens, ao cabo de muitos anos, lhe tinham, por fim, saturado a alma, e em que ele achava certo gosto; que, desta feita, era necessário vencer ou ser vencido e que uma luta colossal e definitiva estava travada entre a sua perversidade e a bondade daquele homem.

Na presença de todas estas considerações, Jean Valjean sentia-se como que embriagado. Caminhando assim, com aspecto desvairado, teria porventura percepção distinta do que poderia resultar da sua aventura de Digne? Ouviria de todos esses misteriosos zumbidos que advertem ou importunam o espírito em certos momentos da vida? Dir-lhe-ia acaso alguma voz ao ouvido que acabava de atravessar a hora solene do seu destino; que já não havia meio termo para ele; que se, desde então, não se tornasse o melhor dos homens, seria o pior; que necessitava, para assim dizer, elevar-se mais alto do que o bispo ou cair mais fundo do que o forçado; que, se quisesse tornar-se bom, havia de tornar-se anjo; que, se quisesse continuar perverso, havia de tornar-

se monstro?

Cumpre fazer ainda aqui a pergunta que noutra parte a nós próprios fizemos: Produziria tudo isto porventura no pensamento daquele homem uma tal ou qual sombra? É certo, como nós mesmo já dissemos, que o infortúnio faz a educação da inteligência; porém, no caso presente, éduvidoso que Jean Valjean se achasse em estado de discriminar quanto aqui apontamos. Se acaso ele tinha percepção de tais ideias, mais as entrevia do que via, e apenas serviam para lhe causar uma perturbação inexprimível e quase dolorosa. Ao sair dessa coisa disforme e negra chamada as galés, o bispo causara-lhe na alma a impressão molesta que lhe produziria nos olhos uma claridade muito intensa ao sair das trevas. A vida futura, a vida possível que actualmente se lhe oferecia, fulgurante e pura, enchia-o de temor e ansiedade Nem sabia bem que transformação era aquela. À semelhança de uma coruja que visse surgir de repente o sol, o forçado sentia-se ofuscado e quase que cego com o aspecto da virtude.

O que era certo e do que nem ele próprio duvidava, é que Jean Valjean já não era o mesmo homem, é que tudo nele se achava alterado, é que já não estava na mão dele fazer com que o bispo lhe não tivesse falado nem com que o não tivesse comovido.

Nesta disposição de espírito, encontrara Gervásio e roubara-lhe os quarenta soldos. Porquê? Decerto nem ele o soubera explicar. Seria um derradeiro efeito e como que um supremo esforço dos maus pensamentos com que saíra das galés, um resto de impulsão, um resultado do que em estática se denomina *força adquirida!* Era isso e talvez ainda menos do que isso.

Digamo-lo francamente: não fora ele quem roubara, não fora o homem, fora a besta, que por hábito e instinto, pusera estupidamente o pé em cima daquela moeda de prata, na mesma ocasião em que a inteligência se debatia no meio de tantas obsessões inauditas e desconhecidas. Quando a inteligência acordou e viu a acção do bruto, Jean Valjean recuou com angústia e soltou um grito de aflição.

É que, estranho fenómeno apenas possível na situação em que ele se achava, roubando o dinheiro àquela criança, praticara uma coisa de que já não era capaz.

Fosse como fosse, o certo é que esta sua última má acção produziu nele um efeito decisivo; atravessou rapidamente o caos que tinha na inteligência e dissipou-o, separou-lhe a luz das trevas e operou sobre a alma, no estado em que se achava, como certos reagentes químicos operam sobre uma mistura turva, precipitando um elemento e clarificando o outro.

No primeiro momento, antes de se examinar e de reflectir, alucinado e

como quem tenta fugir, fez toda a diligência para encontrar o pequeno, a fim de lhe restituir o dinheiro; porém, depois que viu a inutilidade e impotência dos seus esforços, parou, desesperado.

Na ocasião em que exclamou: «Sou um miserável!», aquele homem acabava de se ver tal qual era, e já se achava a tal ponto separado de si próprio, que se lhe afigurava já não ser mais do que um fantasma que tinha ali diante de si em carne e osso, de cajado na mão, com a blusa vestida e a mochila às costas, cheia de objectos roubados, de semblante resoluto e sombrio, com o pensamento cheio de abomináveis projectos, o medonho forçado Jean Valjean.

O excesso de infortúnio tornara-o até certo ponto visionário Tudo isto foi pois uma visão. Viu realmente diante de si Jean Valjean e o seu rosto sinistro. Esteve a ponto de perguntar a si mesmo quem era semelhante homem e teve horror.

O seu cérebro encontrava-se num desses momentos violentos e, ao mesmo tempo, temerosamente serenos, em que a abstracção é tão profunda que absorve a realidade. Não vemos então os objectos que temos diante de nós e deparamos como que fora de nós com as figuras que temos no espírito.

Jean Valjean contemplou-se, por assim dizer, face a face, e ao mesmo tempo, no meio da sua alucinação, via a uma misteriosa profundidade, uma espécie de luz que, ao princípio, se lhe afigurou um archote. Olhando com mais atenção para essa luz que se mostrava à sua consciência, viu que ela tinha forma humana, que o archote era o bispo.

A sua consciência comparou simultaneamente aqueles dois homens assim colocados na sua presença, o bispo e Jean Valjean. Só o primeiro fora capaz de fazer desaparecer o segundo. Por um desses singulares efeitos, particulares a esta espécie de êxtases, à medida que se prolongava a sua abstracção e que crescia e resplandecia a seus olhos o vulto do bispo, o de Jean Valjean diminuía e desfazia-se. Em certa ocasião, ficou apenas reduzido a uma sombra. De súbito desapareceu e ficou só o bispo, enchendo a alma daquele miserável de uma irradiação magnífica.

Jean Valjean, durante muito tempo, não fez senão chorar. Chorou copiosamente, chorou e soluçou com mais fraqueza do que uma mulher, com mais pavor do que uma criança.

Enquanto assim chorava, o cérebro parecia iluminar-se-lhe com extraordinária luz, ao mesmo tempo encantadora e terrível. A sua vida passada, a sua primeira falta e a longa expiação que se lhe seguira, o embrutecimento exterior, o endurecimento interior, a recondução à liberdade acompanhada por tantos planos de vingança, o que lhe tinha acontecido em

casa do bispo, a última coisa que fizera, esse roubo de quarenta soldos a uma criança, crime tanto mais cobarde e monstruoso, por isso que o cometera depois do perdão do bispo, tudo isto lhe ocorreu claramente, porém no meio de uma claridade que ele ainda até então não tinha visto. Olhou para a sua vida e pareceu-lhe horrível; olhou para a alma e pareceu-lhe medonha; porém uma luz suave se lhe reflectia na vida e na alma. Parecia-lhe que via Satanás à luz do paraíso. Quantas horas chorou assim? O que fez depois de ter chorado? Para onde foi? Nunca ninguém o soube.

Apenas parece averiguado que, nessa mesma noite, o estafeta que conduzia a mala do correio de Grenoble para Digne e que chegava a este último ponto pelas três horas da manhã, ao atravessar a rua da catedral, viu um homem prostrado de joelhos, na atitude de quem orava, em frente da porta de Monsenhor Bemvindo.

LIVRO TERCEIRO — EM 1817

I — O ano de 1817

1817 é o ano que Luís XVIII, com certo aprumo régio, não destituído inteiramente de altivez, denominava o vigésimo segundo ano do seu reinado. Foi o ano em que o senhor Bruguière de Sorsun se tornou célebre, em que todas as lojas de cabeleireiro foram pintadas de azul com flores de lis, esperando novamente o uso dos pós e o regresso da ave real.

Era o inocente tempo em que o conde de Lynch se apresentava todos os domingos, como tesoureiro, no seu banco de Saint-Germain-des-Prés, com o seu trajo de par de França, a sua fita vermelha e o seu grande nariz, aquele aspecto de majestade particular ao homem que praticou uma acção célebre.

A acção célebre praticada por Lynch consistia, sendo *maire* de Bordéus, em 12 de Março de 1814, em ter entregado a cidade demasiadamente cedo ao duque de Angoulême, do que lhe proveio a sua nomeação de par. Em 1817, a moda inventara para os rapazinhos de quatro a seis anos uns enormes bonés de couro fingindo marroquim, quase à maneira de barretes de esquimós, debaixo dos quais as pobres crianças desapareciam totalmente. O exército francês usava uniformes brancos à austríaca; os regimentos chamavam-se legiões e, em lugar de números, traziam os nomes dos departamentos Napoleão estava em Santa Helena, e como a Inglaterra lhe não dava pano verde, mandava virar os casacos do avesso Em 1817, cantava Pellegrini e dançava Bigottini; reinava Potier e Odry ainda não existia. Madame Saqui sucedia a Torioso Havia ainda prussianos em França O senhor Delalot era um homem notável. A sua legitimidade acabava de se consolidar, cortando a mão e em seguida a cabeça a Pleignier, a Carbonneau e a Tolleron

O príncipe de Talleyrand, camarista-mor, e o abade Luís, apontado para ministro das finanças, encaravam-se, rindo com o riso de dois arúspices; ambos no dia 14 de Julho de 1790, haviam celebrado a missa da federação no Campo de Marte; Talleyrand oficiando-a como bispo, Luís como diácono. Em 1817, nos passeios laterais desse mesmo Campo de Marte, viam-se grossos cilindros de madeira, lançados por terra, expostos à chuva e apodrecendo no meio da erva, pintados de azul e ainda com vestígios de águias e abelhas, que tinham sido douradas. Eram as colunas que dois anos antes tinham servido para sustentar o estrado do imperador no Campo de Maio. Aqui e além divisavam-se-lhe manchas negras causadas pelas balas do acampamento dos austríacos situado próximo a Gros-Caillou. Duas ou três destas colunas haviam desaparecido nas fogueiras desses acampamentos e servido para aquecer as enormes mãos dos Kaiserliks.

Nesse ano de 1817, duas coisas eram populares: o Voltaire-Trouquet e as caixas de rapé à cartista A emoção parisiense mais recente era o crime de Dautun, que lançara a cabeça do irmão ao tanque da Praça das Flores. No ministério da marinha principiava a reinar inquietação por não haver notícias da fatal fragata *Medusa,* que devia cobrir de vergonha Chautnareix e de glória Géricault. O coronel Selves partia para o Egipto, onde devia tornar-se Solimão-Pachá. O palácio das termas, na rua de La Harpe, servia de oficina a um tanoeiro. Na plataforma do torreão octógono do palácio de Cluny, via-se ainda a barraquinha de tábuas que servira de observatório a Messier, astrónomo da marinha no reinado de Luís XVI. A duquesa de Duras lia a três ou quatro amigos íntimos, no seu toucador mobilado com XX estofados de cetim azul celeste, o manuscrito de Ourika, ainda inédito.

No Louvre raspavam-se os NN. A ponte de Austerlitz abdicava do seu título e passava a chamar-se ponte do Jardim do Rei, duplo enigma que encobria ao mesmo tempo o Jardim das Plantas e a Ponte de Austerlitz. Luís XVIII, ao mesmo tempo que anotava com a unha em Horácio, os heróis que chegavam a imperadores e os sapateiros que se fazem delfins, tinha dois cuidados que seriamente o preocupavam: Napoleão e Mathurin Bruneau. A Academia Francesa dava para assunto de prémio: «a felicidade filha do estudo». O senhor Ballart era oficialmente eloquente; à sua sombra via-se germinar o futuro delegado geral de Broé, destinado aos sarcasmos de Paulo Luís Courier. Havia um falso Chateaubriand por nome Marchangy, à espera de um falso Marchangy, chamado de Arlincourt. *Clara de Alba* e *Malek-Adel* eram reputadas obras-primas, e Madame Cottin era proclamada a primeira entre os escritores da época. O Instituto deixava riscar da sua lista o académico Napoleão Bonaparte. Em virtude de um decreto real, Angoulême era elevada a escola naval, pois sendo o duque de Angoulême almirante, era evidente que a cidade de Angoulême possuía de direito todas as qualidades de um porto de mar, sem o que ficaria abalado o princípio monárquico.

No conselho de ministros discutia-se se se deviam ou não consentir as vinhetas representando volantins, que adornavam os cartazes de Franconi, e que juntavam grupos de garotada nos pontos em que se encontravam afixados. O senhor Paer, autor da *Agnese,* ancião de rosto quadrado com uma verruga na face, dirigia os concertos íntimos da marquesa de Sassenaye, na rua de Ville-l'-Évêque. As jovens cantavam o *Ermitão de Saint-Avelle,* letra de Edmond Géraud. O *Anão Amarelo* transformava-se em *Espelho.* O café Lemblin era pelo imperador contra o café Valois, que era pelos Bourbons.

Acabava de casar com uma princesa da Sicília o duque de Berry, já olhado por Louvei do fundo das trevas. Havia um ano que *Madame* de Stael tinha

morrido. Os guardas de corpo pateavam *Mademoiselle* Mars. Os grandes jornais publicavam-se em formato pequeno. Este tinha sido restringido, mas a liberdade era grande. O *Constitucional* era constitucional. A *Minerva* chamava a Chateaubriand *Chateaucriant.* Este era motivo para que os burgueses rissem muito à custa do grande escritor. Alguns prostituídos jornalistas insultavam, em jornais vendidos, os proscritos de 1815; David não tinha talento, Arnoult não tinha espírito, Carnot era um homem sem probidade, Soult não ganhara uma só batalha; a verdade é que Napoleão deixara de ser o génio que fora. Ninguém ignora quanto à raro que as cartas dirigidas pelo correio a qualquer exilado lhes cheguem à mão, por isso que a policia tem como rigoroso dever interceptá-las. O facto não é novo; já Descartes, do seu desterro, se queixava disso. Ora, havendo David, num jornal belga, dado mostras de descontentamento por não receber as cartas que lhe escreviam, as folhas realistas achavam o caso digno de riso e aproveitavam a ocasião para ridicularizar e achincalhar o proscrito. Dizer«regicidas» ou «votantes», «inimigos» ou «aliados», «Napoleão» ou «Bonaparte», separava dois homens mais do que um abismo.

Todas as pessoas sensatas concordavam que a era das revoluções fora de uma vez para sempre encerrada por Luís XVIII, cognominado o *imortal autor da Carta.* No terraplano da Ponte Nova gravava-se a palavra *Redivivas* no pedestal destinado a receber a estátua de Henrique IV. Na rua Teresa, n.º 4, Piet dava princípio ao seu conciliábulo para consolidação da monarquia Os chefes da direita, diziam nas conjunturas graves: «É preciso escrever a Bacot». Canuel, O'Mahony e de Chappedelaine, esboçavam com tácita aprovação do irmão do rei, o que mais adiante havia de vir a ser a *«Conspiração da Borda d'agua».*

O Alfinete Negro conspirava igualmente. Delaverderie conferenciava com Trogoff. Decazes, espírito liberal até certo ponto, dominava Chateaubriand, todas as manhãs defronte da janela da sua casa, na rua de S. Domingos, n.º 27, em calças e de chinelas, com um lenço de seda da Índia atado na cabeça povoada de cabelos brancos, os olhos fitos num espelho e um estojo completo de dentista aberto diante de si, ocupava-se em limpar os dentes, que eram magníficos, ditando ao mesmo tempo a Pilorge, seu secretário, a *Monarquia segundo a Carta.*

A crítica autorizada preferia Lafont a Talma. O senhor de Felatz assinava-se com um A e o senhor Hoffman com um Z Carlos Nodier escrevia *Teresa Aubert.* O divórcio fora abolido. Os liceus chamavam-se colégios e os colegiais, que traziam na gola uma flor de lis de oiro, sustentavam fortes altercações acerca do rei de Roma. A polícia secreta do castelo denunciava a Sua Alteza

Real, *Madame*, o retrato, por toda a parte exposto, do duque de Orleãs, o qual tinha melhor parecer com o uniforme de coronel-general de hussardos do que o duque de Berry com a farda de coronel-general de dragões, inconveniente gravíssimo. A cidade de Paris mandava dourar de novo à sua custa o zimbório dos Inválidos. Os homens sérios perguntavam uns aos outros o que faria o senhor de Tringuelague em tal ou tal conjuntura. Clausel de Montals divergia em diversos pontos, de Clausel de Coussergues, e o senhor de Salaberry não se sentia satisfeito.

O actor Picard, membro da Academia em que Molière não conseguiu ser admitido, fazia representar *Os Dois Felisbertos* no teatro do Odeón, em cuja frontaria, apesar dos esforços para arrancar as letras, se lia ainda distintamente: *Teatro da Imperatriz.* Uns eram a favor, outros contra Cugnet de Montarlot. Fabvier era faccioso, Bavoux revolucionário. O livreiro Pélicier publicava uma edição de Voltaire com o título *Obras de Voltaire,* da Academia Francesa. «Isto atrai os compradores», dizia o ingénuo editor. Era opinião geral que Carlos Loyson havia de vir a ser o génio do século; a inveja começava a morder-lhe, indício de glória, e recitava-se a seu respeito este verso:

Até mesmo quando Loyson voa, mostra ter patas.

Como o cardeal Fesch recusava demitir-se, a diocese de Lyon era administrada pelo senhor de Pins, arcebispo de Amasie. Entre a França e a Suíça principiava a questão dos vales de Dappe, por uma memória do capitão Dufour, depois general. Saint-Simon, ainda ignorado, elaborava o seu sublime sonho. Na Academia das Ciências havia um Fourier célebre, que a posteridade esqueceu, e não sei em que águas-furtadas um Fourier obscuro, de que o futuro se recordará. Lord Byron principiava a despontar; uma nota de um poema de Millevoye anunciava-o à França nos seguintes termos: *«Um certo lord Byron».* David de Angers fazia as primeiras experiências sobre o mármore. O abade Caron falava lisonjeiramente, em pequena reunião de seminaristas, no beco das Feuillantines, de um padre desconhecido chamado Felicidade Roberto, o qual depois veio a ser Lamennais.

No Sena via-se andar fumegando e girando por baixo das janelas das Tulherias, da ponte Real para a ponte Luís XV, fazendo o estrépito de um cão a nadar, uma coisa que para pouco servia, uma espécie de brinquedo, um sonho de inventor, mas um sonho oco, uma utopia, finalmente, um barco a vapor. Os parisienses olhavam com indiferença para semelhante inutilidade. O senhor de Vaublanc, reformador do Instituto, por golpe de Estado, ordem régia e formada, distinto autor demuitos académicos, depois de tantos ter feito, não conseguia chegar a sê-lo. O arrabalde de Saint-Germain e o pavilhão Marsan

desejavam para prefeito de polícia o senhor Delavau, por causa da sua devoção. Dupuytren e Récamier travavam-se de razões no anfiteatro da Escola de Medicina e ameaçavam chegar a vias de facto por causa da divindade de Jesus Cristo. Cuvier, com um olho no Génesis e o outro na natureza, esforçava-se por agradar à reacção religiosa, pondo os fósseis de acordo com os textos e fazendo que os mastodontes lisonjeassem Moisés.

François de Neufchâteau, louvável cultivador da memória de Parmentier, fazia mil esforços para que *pomme de terre* (batata) se pronunciasse *parmentière* e não conseguia. O abade Gregório, antigo bispo, antigo convencional, antigo senador, tinha na polémica realista passado ao estado de *infame Gregório.* A locução que acabamos de empregar: *passar ao estado de,* fora denunciada como neologismo por Royer-Collard. Debaixo do terceiro arco da ponte de lena podia-se distinguir ainda, pela sua alvura, a pedra nova com a qual, havia dois anos, fora tapado o buraco da mina praticado por Blucher para fazer ir a ponte pelos ares. A justiça chamava ao seu tribunal um homem que, ao ver entrar o conde de Artois na igreja de Nossa Senhora, exclamara em voz alta: «Com a fortuna! Tenho saudades do tempo em que via entrar, no Bal-Sauvage, Bonaparte e Talma pelo braço um do outro!» Por estas ideias sediciosas foi condenado a seis meses de prisão.

Os traidores mostravam-se descaradamente; os homens que se tinham passado para o inimigo na véspera de uma batalha não escondiam a recompensa e caminhavam impudicamente em pleno dia, no cinismo das riquezas e das dignidades; os desertores de Ligny e de Quatre-Bras, em toda a indecência da sua vil torpeza, ostentavam claramente a sua dedicação à monarquia, esquecendo o que em Inglaterra se encontra escrito na parede interior dos *water-closets* públicos: *Please adjust your dress before leaving*[1].

Eis desordenada e confusamente o que sobrenada do ano de 1817, hoje esquecido. A história desdenha quase sempre estas minuciosidades e não pode deixar de o fazer, aliás tornar-se-ia infinita. Todavia, estes pormenores que são apelidados de insignificantes não há nem pequenos factos na humanidade, nem pequenas folhas na vegetação são úteis. É das feições dos anos que se compõe o carácter dos séculos.

II — Quatro pares

Estes parisienses eram naturais um de Toulon, outro de Limoges, o terceiro de Cahors e o quarto de Montauban; mas eram estudantes, e quem diz estudante diz parisiense. Estudar em Paris énascer em Paris.

Eram quatro moços vulgares; não há ninguém que não tenha visto figuras semelhantes; imaginem-se quatro estudantes desses que por aí se encontram

com frequência; nem bons nem maus, nem instruídos nem ignorantes, nem génios nem imbecis, e dotados da beleza do encantador Abril que se chama vinte anos. Eram quatro Óscares quaisquer; nesta época ainda não existiam os Artures. *Queimai diante dele os perfumes da Arábia*,dizia a canção. *Óscar avança, vou vê-lo!* Estava em moda Ossian; a elegância era escandinava e caledónia; a moda inglesa pura só mais tarde tinha de dominar; e o primeiro dos Artures, Wellington, acabava apenas de ganhar a batalha de Waterloo.

Chamavam-se estes Óscares, um Félix Tholomyés, de Toulouse; outro Listolier, de Cahors; outro Fameuil, de Limoges; o último Blachevelle, de Montauban. Como é natural, cada qual tinha a sua amante.

Blachevelle amava Favorita, assim apelidada porque tinha estado em Inglaterra; Listolier adorava Dália, que tomara por nome de guerra um nome de flor; Fameuil idolatrava defina, abreviatura de Josefina; a Tholomyés pertencia Fantine, chamada a Loira em consequência dos seus belos cabelos cor de sol.

Favorita, Dália, Zefina e Fantine eram quatro encantadoras raparigas, perfumadas e joviais, ainda um tanto costureiras, não tendo de todo abandonado a agulha, desarranjadas por causa dos namoros, mas conservando no semblante um resto da serenidade do trabalho e na alma essa flor de honestidade que na mulher sobrevive à primeira queda.

Entre as quatro havia uma a quem chamavam a Pequena, por ser a mais nova e outra a quem denominavam a Velha, que tinha vinte e três anos.

Para nada ocultar, as três primeiras eram mais experientes, descuidosas e amigas do bulício da vida do que Fantine, a Loira, que se achava na sua primeira ilusão. O mesmo não poderiam dizer Dália, Zefina e, especialmente, Favorita. Mais de um episódio havia já no seu romance, apenas em princípio; o amante, que no primeiro capítulo se chamava Adolfo, no segundo chamava-se Afonso e no terceiro Gustavo. A pobreza e o luxo são dois conselheiros fatais; um recrimina, outro lisonjeia, e as bonitas raparigas do povo todas os ouvem falando-lhes aos ouvidos, cada um de seu lado. Estas almas mal guardadas, dão-lhes atenção, e daí as suas quedas e as pedras que lhes atiram. Oprimem-nas com o esplendor de tudo o que é imaculado e inacessível. Oh, se a Jungfrau tivesse fome?!

Favorita, tendo estado em Inglaterra, tinha por admiradoras Zefina e Dália. Começara muito cedo a sua vida independente. Seu pai era um idoso professor de matemática, brutal e fanfarrão; não era casado e, apesar da avançada idade, amigo ainda de se divertir. Uma ocasião, sendo ainda rapaz, vira pegar-se a um guarda-cinza o vestido de uma criada e apaixonou-se pelo incidente. Resultou daí Favorita. De tempos a tempos, a rapariga encontrava o pai, o

qual nunca deixava de a cumprimentar. Um dia, uma velha com cara de beata entrara-lhe pela casa dentro, dizendo-lhe:

— Não me conheces, menina?

— Não

— Sou tua mãe.

Após isto, foi ao armário, comeu e bebeu, mandou trazer um colchão que tinha e instalou-se em casa da rapariga. Rabugenta e devota, não dirigia palavra a Favorita; almoçava, jantava e ceava por quatro e fazia sala em casa da porteira, dizendo mal da filha.

O que arrastara Dália para Listolier, para outros talvez, para a ociosidade, era ter umas bonitas unhas rosadas muito para se verem. Não seria uma barbaridade obrigar tão bonitas unhas a trabalhar? Quem quer conservar-se virtuosa não deve ter dó das mãos.

Quanto a Zefina, conquistara Fameuil pelo modo ao mesmo tempo traquinas e acariciador, com que costumava dizer:

— Sim, meu senhor.

Como os rapazes eram companheiros, as jovens eram amigas. Estes amores costumam andar sempre acompanhados destas amizades.

Honestidade e filosofia são duas coisas diferentes, e a prova é que, feitas todas as reservas respectivas a cada um destes diversos pares, Favorita, Zefina e Dália eram raparigas filósofas, e Fantine uma rapariga honesta.

— Honesta? — dir-nos-ão decerto. — Então Tholomyés?

Salomão responderia que o amor faz parte da honestidade. Limitamo-nos a dizer que o amor de Fantine era um primeiro amor, amor único, amor fiel. Era das quatro a que não tinha sido ainda tratada por tu senão por um único homem.

Fantine era uma dessas criaturas que desabrocham, para assim dizer, do seio do povo. Saída das mais insondáveis regiões das trevas sociais, trazia na fronte o sinal do anónimo e do incógnito. Nascera em Montreuil-sur-mer. Quem eram seus pais? Quem o poderia dizer? Ninguém lhe conhecera nunca nem pai nem mãe. Chamava-se Fantine. Porque se chamava assim? Nunca ninguém lhe conheceu outro nome. Por ocasião do seu nascimento existia ainda o directório. Nem o mais pequeno nome de família, porque não tinha família; nem um simples nome de baptismo, porque não havia igreja.

O seu nome deu-lho a bel-prazer o primeiro transeunte que a encontrou na rua, muito pequenina e de pé descalço. Recebeu um nome, como na fronte recebia a água das nuvens, quando chovia. Chamavam-lhe Fantine e era quanto bastava. Esta criatura humana viera assim ao mundo. Aos dez anos, Fantine deixou a cidade e foi servir para casa de uns rendeiros dos arrabaldes.

Aos quinze anos foi para Paris, *em busca de fortuna.* Fantine era formosa e conservou-se pura o maior espaço de tempo que lhe foi possível. Era uma linda rapariga loira e com bonitos dentes. Oiro e pérolas eram o seu dote, mas o oiro tinha-o na cabeça e as pérolas na boca.

Trabalhou para viver; depois, ainda para viver, porque o coração também necessita de alimento, amou.

Amou Tholomyés.

Para ele era apenas um passatempo, para ela era uma paixão. As ruas do bairro Latino, em que formigam continuamente estudantes e costureiras, presenciaram o princípio deste sonho.

Fantine, nesses dédalos da colina do Panteon, onde começam e desfazem tantas aventuras, esquivara-se por muito tempo a Tholomyés, porém de modo a encontrar-se sempre com ele. Há um modo de fugir que se assemelha a procurar. A écloga realizou-se. Blachevelle, Listolier e Fameuil formavam uma espécie de corpo de que Tholomyés era a cabeça. Quem tinha o espírito era ele.

Tholomyés era antigo estudante veterano; era rico, possuía quatro mil francos de rendimento, o que na montanha de Santa Genoveva era um esplêndido escândalo. Era um pândego de trinta anos, mal conservado. Tinha a pele encarquilhada, faltavam-lhe dentes e começava já a aparecer-lhe uma calva, de que ele próprio dizia sem tristeza: «Calva aos trinta, gota aos quarenta». Digeria mal e sofria de uma inflamação na vista.

Porém, à medida que a juventude se lhe apagava, reanimava-se-lhe a jovialidade; substituía os dentes por gestos cómicos, os cabelos pela alegria, a saúde pela ironia e o olho que chorava ria de contínuo. Estava estropeado, mas cheio de viço. A sua mocidade, fechando a bagagem muito antes da idade própria, retirava-se em boa ordem, rindo sempre e fazendo fogo. Era autor de uma peça que foi rejeitada no teatro do Vaudeville e, de tempos a tempos, também compunha versos. Além de tudo isto duvidava superiormente de todas as coisas, o que denotava grande força de espírito aos olhos dos fracos. Por isso, sendo irónico e calvo, era o chefe.

Iron é uma palavra inglesa que quer dizer ferro. Será dessa palavra que provém ironia?

Um dia, Tholomyés chamou os amigos de parte, fez um gesto de oráculo e disse-lhes:

— Há quase um ano que Fantine, Dália, Zefina e Favorita nos pedem que lhes façamos uma surpresa e nós prometemos-lha solenemente. Todos os dias nos falam nela, principalmente a mim. Do mesmo modo que as velhas em Nápoles gritam a S. Januário: *Faceia gialluta, fa o miracolo,* «face amarela, faz

o milagre», assim as nossas belas me dizem sem cessar: «Tholomyés, quando darás à luz a tua surpresa?» Ao mesmo tempo, os nossos pais escrevem-nos, estamos apertados por dois lados. Portanto, é chegado o momento. Conversemos.

Dito isto, Tholomyés principiou a falar em voz baixa e disse o que quer que fosse de engraçado, que uma grande e entusiástica gargalhada saiu das quatro bocas ao mesmo tempo e Blachevelle exclamou:

— Que grande ideia!

Nisto, chegaram à porta de um botequim cheio de fumo, entraram e o resto da sua conferência perdeu-se nas trevas.

O resultado dessa conferência foi uma esplêndida passeata, para que foram convidadas as quatro raparigas e que se efectuou no domingo seguinte.

III — A quatro e quatro

Hoje mal se pode fazerideia do que era, há quarenta e cinco anos, um passeio ao campo entre estudantes e costureiras. Paris já não tem os mesmos arredores. Aquilo a que se podia chamar vida circumparisiense mudou completamente há meio século a esta parte. Onde rodava a diligência, voa a locomotiva; onde navegava a barca, corre o vapor; fala-se hoje de Fécamp, como então se falava de Saint-Cloud. O Paris de 1862 é uma cidade que tem a França por arrabaldes.

Os quatro pares praticaram conscienciosamente todas as loucuras campestres possíveis naquele tempo. Era em princípios de férias, por um quente e límpido dia de Verão. No dia anterior, Favorita, a única que sabia escrever, mandou em nome das quatro, o seguinte bilhete a Tholomyés: «Quanto mais cedo tiver lugar a partida, melhor».

Foi, pois, em consequência deste bilhete que eles se levantaram às cinco horas da manhã e foram num carro para Saint-Cloud; ao verem a cascata seca, exclamaram: «Deve ser magnífica quando deitar água!» Almoçaram na *Téte-Noir*, que ainda entãonão pertencia a Castaing, jogaram as argolas no bosque do tanque grande, subiram ao mirante de Diógenes, jogaram a doces na roleta da ponte de Sèvres colheram flores em Puteaux, compraram pêssegos em Neuilly, comeram fruta em toda a parte, divertiram-se muito e todos se sentiram felizes. As raparigas corriam e chilreavam como toutinegras em liberdade. Era um delírio. De vez em quando voltavam-se para os rapazes e batiam-lhe ligeiramente nas faces. Embriaguez matutina da vida! Adoráveis anos! Todas quatro estavam arrebatadamente lindas!

Um poeta clássico, então em voga, excelente velho que tinha uma Leonor, o cavalheiro de Labouisse, andando nesse dia a passear no souto de Saint-Cloud, ao vê-las passar, seriam dez horas da manhã, exclamou: «Vai uma a mais!»,

referindo-se àsTrês Graças.

Favorita, a amante de Blachevelle, a que tinha vinte e três anos e a quem apelidavam de velha, corria na frente por entre os grandes ramos verdes, atravessava os fossos e as moitas com a alegria e entusiasmo de uma jovem fauna. Zefina e Dália, que o acaso fizera belas, de modo que uma ao pé da outra sobressaíam mais e secompletavam, caminhavam sempre juntas, mais ainda por instinto de garridice do que por amizade, e, encostadas uma àoutra, tomavam atitudes inglesas; acabavam de aparecer os primeiros *Keapsakes,* despontava a melancolia para as mulheres, do mesmo modo que mais tarde o byronianismo para os homens, e os cabelos do sexo amável principiavam a usar-se em cachos. Zefina e Dália traziam-nos em caracóis.

Listolier e Fameuil, embrenhados numa discussão sobre os seus professores, explicavam a Fantine a diferença que havia entre os senhores Delvincourt e Blondeau. Blachevelle pareciater nascido expressamente para levar no braço, aos domingos, o desbotado xaile de Favorita.

Tholomyés ia atrás, dominando o grupo. Folgazão como os outros, conhecia-se, todavia, que era ele quem governava; na sua jovialidade descobria-se ditadura. O seu principal ornamento consistia numas calças «pernas de elefante», com presilhas de trança de cobre; levava na mão uma potente bengala que lhe custara duzentos francos, e na boca uma coisa singular chamada charuto, porque, como fazia tudo quanto queria, até fumava

— Este Tholomyés é espantoso! — diziam os outros respeitosamente. — Que calças! Que energia!

Quanto a Fantine era a personificação da alegria. Os brilhantes dentes que possuía tinham evidentemente recebido de Deus a missão do riso. Levava de melhor vontade na mão do que na cabeça o seu chapelinho de palha guarnecido de fitas brancas. Os abundantes cabelos loiros sempre prontos a flutuar, soltando-se a cada instante, o que a obrigava a segurá-los continuamente, pareciam ter nascido para a fuga de Galateia por entre os salgueiros. Os lábios deliciosamente rosados brilhavam de modo encantador. Os cantos da boca voluptuosamente contraídos como nas carrancas de Erigone, como que estavam provocando a desejos; porém, as compridas e espessas sobrancelhas baixavam-se discretamente como que para abafar a provocação dos lábios. No vestuário havia um não sei quê de cantante e fulgurante. Trazia um vestido de barege cor de malva, sapatinhos abotinados, de um pardo duvidoso, cujas fitas se traçavam airosamente sobre finíssimas meias abertas e essa espécie de corpete de cassa, invenção marselhesa, cujo nome *canezou,* corrupção da frase *quinze aôut,* pronunciada na Canebière, significa bom tempo. As outras três, menos tímidas, trajavam vestidos

decorados, o que de Verão, por baixo de chapéus cobertos de flores, é extremamente gracioso e provocador; mas ao lado destes atrevidos vestuários, o *canezou* da loira Fantine, com as suas transparências, indiscrições e reticências, escondendo e mostrando ao mesmo tempo, parecia uma provocadora descoberta da decência, a que o notável tribunal do amor, presidido péla viscondessa de Cette, de olhos verde-mar, talvezdesse o prémio da garridice àquele *canezou* queconcorria para a castidade. O mais ingénuo é às vezes o mais acertado. Acontece disto.

Rosto resplandecente, perfil delicado, olhos azuis-escuros, pálpebras grandes, pés pequeníssimos, pulsos e tornozelos admiravelmente talhados, pele branca, mostrando aqui e além as ramificações azuladas das veias, faces pueris e frescas, o pescoço robusto das Junos eginenses, ombros como que modelados por Couston, tendo no centro uma voluptuosa cavidade, visível através da cassa, uma alegria melancólica, formas esculturais e delicadas, eis como era Fantine.

Sob aqueles trapos *e* fitas, adivinhava-se a existência de uma estátua e nessa estátua havia uma alma.

Fantine era bela sem que tivesse consciência disso. Os raros pensadores, misteriosos sacerdotes do belo, que confrontam silenciosamente tudo com a perfeição, teriam entrevisto naquela jovem costureira, através da transparência da graça parisiense, a antiga eufonia sagrada. Aquela filha das trevas possuía nobreza de raça. Era bela sob as duas espécies, que são o estilo e o ritmo. O estilo é a forma do ideal, o ritmo é o seu movimento.

Dissemos que Fantine era a personificação da alegria, mas era igualmente a personificação do pudor.

Para um observador que a estudasse atentamente, o que transpirava dela, por entre toda aquela embriaguez da idade, da estação e dos amores, era uma irresistível expressão de comedimento e modéstia. Tudo lhe causava admiração, e esta casta simplicidade é a diferença que separa Psyché de Vénus. Fantine tinha os compridos, alvos e delgados dedos da vestal que revolve as cinzas do fogo sagrado com um alfinete de oiro.

Conquanto nada tivesse recusado a Tholomyés, como em breve se verá, o seu rosto, em repouso, era soberanamente virginal; uma espécie de grave e quase austera dignidade a acometia de repente, em certas ocasiões, e não havia coisa mais singular e embaraçosa do que ver extinguir-se nela tão rapidamente a alegria e suceder-se sem transição o recolhimento à expansão. Esta súbita gravidade, às vezes severamente acentuada, parecia o desdém de uma deusa.

A fronte, o nariz e o queixo ofereciam esse equilíbrio de linhas,

demasiadamente distinto do equilíbrio de proporção, do qual resulta a harmonia do rosto; no intervalo tão característico que separa *a* base do nariz do lábio superior, tinha essa imperceptível e graciosa ruga, misterioso sinal da castidade que fez que Barbaroxa se apaixonasse de uma Diana encontrada nas escavações de ícone.

Se o amor é uma falta, Fantine era a inocência sobrenadando nela.

IV — A alegria de Tholomyés *é* tão grande que até canta uma canção espanhola

Aquele dia foi uma permanente aurora. Toda a natureza parecia repousar e sorrir. Os jardins de Saint-Cloud exalavam doces perfumes; a viração do Sena agitava brandamente as folhas; os ramos gesticulavam no ar; as abelhas saqueavam os jasmins; as borboletas pousavam continuamente nas flores; e no augusto parque do rei de França via-se um bando de vagabundos: os pássaros.

Os quatro alegres pares resplandeciam confundidos com o sol, os campos, as flores e as árvores.

E, no meio desta comunhão de paraíso, falando, cantando, correndo, dançando, caçando borboletas, colhendo flores, molhando os rosados braços no orvalho das plantas, todas recebiam, de quando em quando, beijos de todos, excepto Fantine, encerrada na sua vaga resistência pensativa e arisca, porque amava.

— O que tens, Fantine? Estás hoje com um ar tão esquisito! — dizia-lhe Favorita.

Eis como é o prazer. Estas passagens de pares venturosos são um profundo apelo à vida e a natureza, fazendo desabrochar de tudo carícias e luz

Houve uma fada que fez os prados e as árvores expressamente para os namorados. Daí provém a eterna escola campesina dos amantes, que sem cessar recomeça e que há-de durar enquanto houver campos e estudantes. Daí a popularidade da Primavera entre os pensadores. O patrício e o plebeu, o duque, o par e o pobre, as pessoas da corte e as da cidade, como noutro tempo se dizia, são todos súbditos desta festa. Todos riem, todos se procuram, há uma claridade de apoteose iluminando a atmosfera. Que transfiguração produz o amor! No campo até os escreventes de tabelião parecem deuses. E os gritinhos, as lutas na relva, os abraços furtivos, a linguagem enigmática que se assemelha a uma melodia, as adorações que se mostram no modo de pronunciar uma sílaba, as cerejas arrancadas por uma boca à outra, tudo isto flameja e passa no meio de resplendores celestes.

As raparigas bonitas tornam-se graciosamente pródigas de si mesmas. Parece que aquilo jamais acabará. Os filósofos, os poetas, os pintores, contemplam estes êxtases e não sabem o que hão-de fazer deles, tal é o seu

deslumbramento. — A partida para Cythera! — exclama Wateatr, Lancret, o pintor da plebe, contempla os burgueses arrebatados para o espaço; Diderot estende os braços a todos estes amores de um dia e d'Urfe mistura-lhes druidas.

Depois do almoço, os quatro pares foram ver o que então se chamava o «Canteiro do Rei», uma planta há pouco chegada da Índia, cujo nome nos não lembra agora, e que naquela ocasião atraía Paris inteiro a Saint-Cloud. Era um esquisito e gracioso arbusto de haste elevada, cujos inumeráveis ramos, delgados como fios, sem folhas, eram cobertos de prodigiosa quantidade de pequeninas rosas brancas, o que dava ao arbusto o aspecto de uma cabeleira coberta de flores. Havia sempre grande multidão aadmirá-lo.

Visto o arbusto, Tholomyés exclamara:

— Ofereço jumentos!

E, ajustando o preço com um burriqueiro, tinham voltado por Vanves e Issy, onde houve incidente.

O parque, propriedade nacional, possuído nesta época pelo fornecedor Bourguin, estava aberto. Entraram e visitaram na sua gruta o anacoreta autómato, experimentaram os efeitos misteriosos do famoso gabinete dos espelhos, lasciva armadilha digna de um sátiro transformado em milionário, ou de Turcaret metamorfoseado em Priapo. Baloiçaram robustamente o grande balanço preso aos dois castanheiros celebrados pelo abade de Bernis.

Enquanto as raparigas se baloiçavam uma após outra, o que fazia esvoaçar as saias entre risadas universais, o toulousiano Tholomyés, meio espanhol, visto Toulouse ser prima de Tolosa, pôs-se a cantar numa melancólica melopeia a antiga canção galega, provavelmente inspirada por alguma bonita rapariga, voando em toda a força sobre uma corda presa a duas árvores:

Soy de Badajoz,
Amor me llama
Toda mi alma
Es en mis ojos
Porque enseñas
A tus piernas.

Só Fantine recusou baloiçar-se.

— Gosto pouco de quem se faz assim importante! — murmurou Favorita agastada.

Abandonados os jumentos, novo prazer: passaram o Sena num barco, e de Passy dirigiram-se a pé para a barreira da Estrela. Aquelas alegres criaturas estavam a pé desde as cinco horas da manhã. «Quem sente cansaço ao domingo?» dizia Favorita. «Ao domingo não trabalha a fadiga.»

As três horas, os quatro pares, arquejantes de prazer, trepavam pelas

montanhas russas, edifício singular que ocupava então as alturas de Beaujon e cujo tortuoso lineamento se avistava por cima das árvores dos Campos Elíseos.

De vez em quando, Favorita exclamava:

— E a surpresa? Queremos essa surpresa!

— Tenham paciência — respondia Tholomyés.

V — Em casa de Bombarda

Terminado o divertimento das montanhas russas, trataram de ir jantar. Assim, o alegre grupo, já um tanto fatigado, fundeara na casa de pasto de Bombarda, sucursal estabelecida nos Campos Elíseos pelo célebre restaurante deBombarda, cuja tabuleta se ostentava então na rua de Rivolli, próximo à travessa Delorme.

Uma sala grande, mas feia, com uma cama ao fundo (em vista da grande afluência na casa de pasto aos domingos, os jovens tiveram de contentar-se com este aposento); duas janelas, de onde se podia contemplar por entre os olmos o cais e o rio; duas mesas: numa, uma triunfante pilha de ramos misturados com chapéus de homem e de mulher; na outra, os quatro pares sentados em volta de um risonho amontoamento de pratos, travessas, copos, garrafas de vinho e de canjirões de cerveja à mistura; pouca ordem sobre a mesa, alguma desordem por baixo dela:

Faziam sob a mesa
Um tal motim c'os pés que ensurdeciam.

diz Molière.

Eis aqui onde acabava, às quatro horas da tarde, a peregrinação pastoril principiada às cinco da manhã. O sol declinava *e* o apetite extinguia-se.

Os Campos Elíseos, cheios de sol e de gente, cobriam-se de luz e de poeira, duas coisas de que se compõem a glória Os cavalos de Marly, mármores relinchantes, empinavam-se no meio de uma nuvem dourada. Os carros iam e vinham. Pela avenida de Neuilly descia um esquadrão de magníficos guardas de corpo, de clarim na frente; a bandeira branca, ligeiramente rosada pelos últimos raios de sol, flutuava na cúpula das Tulherias. A Praça da Concórdia, então praça de Luís XV, regurgitava de passeantes satisfeitos Muitos traziam a flor de lis de prata pendente da fita branca, que em 1817 ainda não tinha inteiramente desaparecido das casacas. Aqui e além, no meio dos passeantes que as cercavam e aplaudiam, viam-se grupos de raparigas dançando e lançando ao vento uma cantiga bourboniana, então célebre,destinada a fulminar os Cem Dias, cujo estribilho era o seguinte:

Venha o nosso pai de Gand.
Venha, venha o nosso pai.

Grupos de habitantes dos arrabaldes em trajos domingueiros e alguns até com as suas flores de lis como os burgueses, espalhavam-se pelo grande

jardim e pelo jardim de Marigny, jogavam as argolas e giravam nos cavalos de madeira; uns bebiam, outros, aprendizes de impressor, traziam barretes de papel; era uma multidão compacta, cujas risadas se ouviam ao longe.

Todos se mostravam satisfeitos. Era um tempo de incontestável paz e de profunda tranquilidade realista; era a época em que um relatório confidencial e especial do prefeito da polícia Anglès ao rei, a respeito dos arrabaldes de Paris, terminava por estas linhas: «Considerando bem, senhor, não há nada a recear da parte desta gente. São criaturas descuidosas e indolentes como gatos. O povo miúdo das províncias é desinquieto, o de Paris não. Compõem-se de homens pequenos. Seriam necessários dois para fazer um granadeiro de Vossa Majestade. Da parte do povo miúdo de Paris não há que recear. É notável como a estatura desta gente tem diminuído há cinquenta anos aesta parte; o povo dos arrabaldes está mais pequeno do que antes da Revolução: Não é gente perigosa. Enfim, é canalha inofensiva».

Os prefeitos da polícia não julgam possível que um gato se transforme em leão; todavia, é este o milagre do povo de Paris. Além disso, o gato, tão desprezado pelo conde de Anglès, tinha a estima das repúblicas antigas; incarnava a seus olhos a liberdade, e, como para servir de confronto com a Minerva sem braços do Pireu, havia na praça pública de Corinto o colosso de bronze de um gato.

A ingénua polícia da Restauração encarava o povo de Paris por um lado muito favorável. Não é tão inofensiva canalha como parece. O parisiense é para o francês o que o ateniense é para o grego; ninguém dorme melhor; ninguém é mais francamente frívolo e preguiçoso; ninguém melhor do que ele dá mostras de ser esquecido; porém, não se fiem nas aparências. É propenso a toda a espécie de indolência, mas quando daí pode resultar glória, é incrível como ele se entrega a toda a qualidade de furor. Dai-lhe um chuço e vereis o 10 de Agosto; dai-lhe uma espingarda, tereis Austerlitz. O povo de Paris é o ponto de apoio de Napoleão e o recurso de Danton. Tratando-se da pátria, alista-se; tratando-se da liberdade, levanta barricadas. Cuidado! Os seus cabelos irados tornam-se épicos; a sua blusa transforma-se em clâmide. Acautelai-vos. Da primeira rua Grenetat que vir, fará forcas caudinas. Em soando a hora, o habitante dos arrabaldes cresce, o homem pequeno levanta-se e o seu olhar será terrível, o seu hálito torna-se tempestade, e daquele débil peito saem rajadas capazes de derrubar as eminências dos Alpes. É ajudada por esses habitantes dos arrabaldes de Paris que a revolução conquista a Europa. Esses homens cantam; é a sua alegria. Proporcionai-lhe a canção à sua natureza e vereis! Quando só têm por estribilho a Carmagnole, derrubam Luís XVI; fazei-o cantar a Marselhesa e libertarão o mundo!

Escrita esta nota à margem do relatório de Anglès, voltemos aos nossos quatro pares, que acabavam de jantar.

VI — Capítulo consagrado ao amor

Conversas de mesa, conversas de amor, são tão impalpáveis umas como outras; as conversas de amor são nuvens, as conversas de mesa são fumo.

Fameuil e Dália cantarolavam; Tholomyés bebia, Zefina ria, Fantine sorria. Listolier soprava numa gaitinha de madeira comprada em Saint-Cloud. Favorita fitava Blachevelle com ternura e dizia-lhe:

— Adoro-te, Blachevelle!

Isto deu lugar a uma pergunta feita por Blachevelle:

— Que farias tu, Favorita, se eu deixasse de te amar?

— O que fazia? — exclamou Favorita. — Não digas isso nem a brincar! Se deixasses de amar-me, atirava-me a ti, arranhava-te, esmurrava-te, deitava-te água e mandava-te prender!

Blachevelle sorriu com a voluptuosa fatuidade de quem se vê acariciado no seu amor próprio e Favorita prosseguiu:

— É o que te digo, chamava pela guarda para te prender! Ora experimenta!

Blachevelle, extasiado, recostou-se no espaldar da cadeira e fechou os olhos.

Dália, sem deixar de comer, disse em voz baixa a Favorita, no meio da confusão geral:

— Pelo que vejo, idolatras o teu Blachevelle?

— Detesto-o! — respondeu Favorita no mesmo tom e tornando a pegar no garfo. — É um avarento! De quem eu gosto é de um rapaz que mora defronte de mim. Aquilo é que é um rapaz a quem dá gosto amar! Conhece-lo? Parece-me que é actor. Eu gosto dos actores Apenas ele entra em casa, a mãe diz logo: «Ah, meu Deus! Estava tudo tão sossegado e aí vai ele pôr-se a quebrar a cabeça da gente com as suas cantorias!» Porque, apenas ele põe o pé em casa, vai para as águas-furtadas, para o telhado, para o lugar mais alto que pode e principia a cantar, a declamar, nem eu te sei dizer o que é, a ponto de se ouvir cá de baixo. Já ganha vinte soldos por dia, em casa de um tabelião, a rabiscar sentenças. É filho de um ex-cantor de S. Jacques do Haut-Pas. Oh, é um rapaz muito interessante! Gosta tanto de mim, que, um dia, vendo-me estar a fazer massa para as filhós, disse-me: «Ó menina, faça sonhos das suas luvas e verá como eu as como». Só os artistas é que sabem dizer destas coisas Estou quase enfeitiçada por ele! Mas isso não quer dizer nada, porque vou dizendo a Blachevelle que o adoro Que tal, sei ou não mentir?

Após uma pausa, Favorita prosseguiu:

— Mas olha, Dália, estou triste! Todo o Verão tem chovido, o vento não

abranda, Blachevelle é um sovina, na praça só se encontram ervilhas, a gente não sabe o que há-de comer, tenho *spleen,* como dizem os ingleses, a manteiga está caríssima! E, por fim, ainda isto: estar a jantar numa sala que tem uma cama, vê lá tu se não tenho razão de estar desgostosa da vida!

VII — Prudência de Tholomyés

Ao mesmo tempo que uns cantavam, outros falavam tumultuosamente, era uma verdadeira confusão. Por fim, Tholomyés interveio:

— Não falemos ao acaso nem precipitadamente. Se queremos ser deslumbrantes, meditemos. O muito improvisar cansa e embrutece o espírito. Senhores, nada de pressas. Aliemos a majestade ao regabofe, comamos com comedimento, prolonguemos o banquete, não nos apressemos. Vejam a Primavera; se se adianta demais, cresta-se, isto é, gela-se. O excesso de zelo perdeos pessegueiros e abrunheiros, anula a graça e o prazer dos bons jantares. Nada de zelo, senhores! Grimold de la Reynière é da opinião de Talleyrand.

No grupo manifestou-se surda rebelião.

— Tholomyés, deixa-nos tranquilos! — disse Blachevelle.

— Abaixo o tirano! —exclamou Fameuil.

— Bombarda, Bombance e Bamboche! — gritou Listolier.

— Tholomyés, contempla «o meu sossego» *(mon calme)* — atalhou Blachevelle.

— Mas tu éso marquês deste título — respondeu Tholomyés.

Este insignificante jogo de palavras fez o efeito de uma pedra atirada a um charco: todas as rãs se calaram. O marquês de Montcalm era então um realista célebre.

— Amigos — exclamou Tholomyés, no tom de quem reassumiu a perdida autoridade — tranquilizem-se! Não recebam com tamanha admiração um calemburgo caído das nuvens. Nem tudo o que aparece de semelhante modo é verdadeiramente digno de entusiasmo e respeito. O calemburgo é aimundície do espírito que voa. O epigrama cai seja onde for e o espírito, depois de uma tolice, volatiliza-se. A nódoa esbranquiçada que se alastra num rochedo não impede o condor de pairar. Longe de mim insultar o calemburgo! Honro-o unicamente na proporção do seu mérito. Quanto tem havido de mais augusto, sublime e gracioso, tudo tem feito trocadilhos de palavras. Jesus Cristo fez um calemburgo a respeito de S. Pedro; Moisés, a respeito de Isaac; Ésquilo, a respeito de Polynice; Cleópatra, a respeito de Octávio. E notem que o calemburgo de Cleópatra precedeu a batalha de Accio e que, a não ser ele, ninguém hoje se lembraria da cidade de Torino, nome grego que quer dizer colher de caldo. Posto isto, volto à minha exortação. Repito, meus irmãos,

nada de zelo, nada de excessos, nem gracejos, nem trocadilhos de palavras. Prestem-me atenção, porque eu possuo a prudência de Anfiarao e a calvície de César. É necessário um limite, mesmo nos enigmas. *Est modus in rebus.* Repito, tudo tem um termo, até os bons jantares. As meninas gostam de pastéis de fruta, mas não abusem. Até para comer é preciso arte e bom senso. A gulodice castiga o glutão. *Gula punit Gulax*. As indigestões são encarregadas por Deus de moralizar os estômagos. E, tomem sentido, cada uma das nossas paixões, mesmo o amor, tem um estômago, que não devemos encher de mais. Em todas as coisas é preciso escrever a tempo a palavra *finis;* quando isso se torna urgente é forçoso que cada um se contenha, que corramos os ferrolhos sobre o nosso apetite, que encarceremos a fantasia e que se prenda a si mesmo. O mais prudente é aquele que sabe num dado momento efectuar a sua própria prisão. Tenham confiança em mim. Eu conheço um poucochinho de Direito, segundo dizem as minhas certidões, porque sei a diferença que existe entre questão movida e questão pendente, porque sustentei uma tese em latim sobre o modo como eram torturados os delinquentes em Roma no tempo em que Munacio Demens era questor do Parricídio, porque estou em vésperas de ser doutor, não se segue necessariamente, no meu entender, que eu seja um parvo. Recomendo-lhes moderação nos seus apetites e, tão certo como eu chamar-me Félix Tholomyés, digo uma coisa acertada. Feliz aquele que, chegada a hora, toma uma resolução heróica, abdicando como Sylla ou Orígenes.

Favorita escutava com profunda atenção.

— Félix — disse ela — é um nome muito bonito! Em latim quer dizer Próspero.

Tholomyés prosseguiu:

— *Quirites, gentlemen, caballeros*, amigos! Querem deixar de ser aguilhoados pelos desejos, passar sem leito nupcial e zombar do amor? Nada mais simples. Eis a receita: limonada, exercício violento, trabalho forçado, pegar em grandes pesos, levantar pedras, não dormir, velar; tomar beberagens nitrosas e tisanas nínfeas, saborear emulsões de papoilas e de *agnus-castus,* acompanhar isto com dieta rigorosa, até estalar de fome e juntar-lhe banhos frios, cintos de ervas, aplicação de uma chapa de chumbo, lavagens com licor de Saturno e fermentações de oxicrato.

— Gosto mais duma mulher! — disse Listolier.

— A mulher! — continuou Tholomyés. — Desconfiem delas! Desventurado do que se entrega ao volúvel coração de uma mulher. A mulher é pérfida e tortuosa. Detesta a serpente por rivalidade de ofício. A serpente é a loja fronteira!

— Estás bêbedo, Tholomyés? — gritou Blachevelle.

— Eu, bêbedo? — retorquiu Tholomyés.

— Então estás alegre! — tornou Blachevelle.

— Concedo! — respondeu Tholomyés. E, levantando-se de copo cheio em punho, exclamou: — Glória ao vinho! *Nunc te, Bacche, canam!* Desculpem, meninas, isto é espanhol. E a prova, senhoritas, ei-la: tal povo, tal vasilha. A arroba de Castela contém dezasseis litros, o cântaro de Alicante doze, o almude das Canárias vinte e cinco, o quartin das Baleares vinte e seis, a bota do czar Pedro trinta. Viva o czar, que era grande, e viva a sua bota, que ainda era maior! Minhas senhoras, um conselho de amigo: se lhes não desagrada, façam que se enganam e mudem de parceiro. O erro é próprio do amor. A namorada deve servir para mais alguma coisa do que para estar acocorada e embrutecer-se como criada inglesa que tem calos nos joelhos. O doce namoro deve ser alegremente errante! Dizem que o erro é próprio do homem, eu digo que errar é próprio dos amantes. Minhas senhoras, adoro-as a todas! Ó Zefina, ó Josefina, cara mais que amarrotada, serias encantadora se não andasses de esguelha! A tua cara parece um formoso rosto em cima do qual alguém se sentou por engano! Quanto a Favorita, ó ninfas e musas! Um dia que Blachevelle ia a saltar a enxurrada da rua de Guérin Boisseau, viu uma bonita rapariga de meias brancas muito justas, que deixava ver as pernas. Agradou-lhe este prólogo e eis Blachevelle namorado. A escolhida do seu coração era Favorita. Ó Favorita, tens uns lábios jónios! Havia um pintor grego chamado Euforion, a quem puseram o nome de pintor de lábios. Só esse grego seria capazde pintar a tua boca! Antes de ti, não existia criatura digna deste nome. Tu nasceste para aceitar o pomo como Vénus ou para o comer como Eva. A beleza teve princípio em ti! Falei agora em Eva: foste tu que a criaste. Mereces privilégio de invenção das formosas! Favorita, deixo de tratar-te por tu, porque passo da poesia para a prosa. Há um bocado, falava do meu nome. Enterneceu-me isso; porém, a todos digo, sejam quem forem, que se não deixem levar dos nomes, porque podem achar-se enganados. Eu chamo-me Félix e não sou feliz. As palavras são mentirosas. Não aceitemos cegamente as indicações que elas nos dão. Seria um erro escrever para Liége[2], pedindo rolhas, ou para Pau[3] mandando vir luvas. *Miss* Dália, no seu lugar, tomava o nome de Rosa. A flor deve cheirar bem e a mulher ser espirituosa. Em Fantine não falarei; é uma abstracta, uma sonhadora, uma melancólica, uma pensativa, uma sensitiva; é um fantasma com forma de ninfa e pudor de freira, que vive extraviada da vida de costureira, que se refugia nas ilusões, que canta e reza e fita a vista no céu sem bem saber o que vê nem o que faz, e

que, de olhos fitos no ar, vagueia por um jardim onde há todos os pássaros que não existem. Ó Fantine, deves saber uma coisa: eu, Tholomyés, sou uma ilusão; mas querem ver que ela nem me escuta, a loira filha das quimeras? Não obstante, tudo nela é frescura, suavidade, juventude, fagueira claridade matutina. Ó Fantine, rapariga digna de ser Margarita ou Pérola, és a mulher mais belamente oriental que eu conheço! Outro conselho, minhas senhoras: não casem. O casamento é um enxerto, que ora pega, ora não; evitem semelhante risco... Mas para que estou aqui a perder tempo com as minhas pregações? As raparigas são incuráveis no assunto casamento; tudo o que nós dissermos, nós, os prudentes, não impedirá que essas costureiras e debruadeiras de botinhas, deixem de sonhar com maridos cobertos de diamantes! Enfim, seja assim; mas reparem bem, minhas belas, comem demasiado açúcar. Reparem no que lhes vou dizer: as mulheres não têm senão um defeito, é a gulodice. Ó amável sexo roedor, os vossos dentinhos alvos morrem de amor pelo açúcar! O açúcar é um sal. Todo o sal é dissecante. O açúcar é o mais dissecante de todos os sais. Suga os líquidos do sangue através das veias; daqui a coagulação, em seguida a solidificação do sangue; daqui os tubérculos do pulmão; depois a morte. É por isso que a diabetes confina com a tísica. Portanto, não comam açúcar e viverão! Volto-me agora para os homens. Senhores, façam conquistas! Roubem as amantes uns aos outros sem remorsos! Revezem-se. Em amor não há amigos! Onde houver uma mulher bonita estão abertas as hostilidades! Nada de quartel, guerra e mais guerra! Uma mulher bonita é um *casus belli, é* um flagrante delito. Todas as invasões de que reza e história foram causadas por saias. Rómulo roubou as Sabinas, Guilherme as Saxónias, César as Romanas. O homem que não é amado paira como abutre sobre as amantes dos outros. Da minha parte, a esses infelizes que se vêem viúvos, lanço a sublime proclamação de Bonaparte ao exército da Itália: «Soldados, falta-vos tudo, mas o inimigo está bem provido».

Tholomyés interrompeu-se:

— Toma fôlego, Tholomyés! — disse Blachevelle.

E, dizendo isto, Blachevelle, acompanhado por Listolier e Fameuil, em tom de queixume entoou uma dessas canções de oficina, compostas das primeiras palavras que ocorrem, rimadas a torto e a direito e vazias de sentido como o vergar de uma árvore e o sussurro do vento, nascidas do fumo dos cachimbos e dissipando-se com ele. Eis o que o grupo respondeu à arenga de Tholomyés:

Uns pobres patetas deram
A certo agente dinheiro.
Impondo como condição
Clermont-Tonerre fazer
Papa eleito em S. Jean

Mas ele por não ser padre,
Não pôde a Papa chegar
E o agente com tristeza
Foi o dinheiro entregar.

Pouco próprio era isto para acalmar o improviso de Tholomyés. O rapaz, contudo, esvaziou o copo, tornou a enchê-lo e continuou:

— Abaixo a sabedoria! Façam de conta que não ouviram nada do que eu disse. Não sejamos nem graves, nem prudentes, nem práticos. Proponho um brinde à alegria, sejamos alegres! Completemos o nosso curso de Direito, comendo e fazendo loucuras. Indigestão e digesto! Seja Justiniano o varão e Ripaille a fêmea! Haja alegria até às profundidades! O mundo é um grande diamante. Sinto-me feliz. Os pássaros são admiráveis. Que festa por toda a parte! O rouxinol é um Elleviou grátis. Eu te saúdo, ó Verão! ó Luxemburgo, ó geórgicas da rua da Madame e da álea do Observatório! Ó graciosas criadinhas que olhais para as crianças que trazeis a passeio e vos entreteis a dar-lhes princípio! Gostaria dos pampas da América, se não tivesse as arcadas do Odéon. A minha alma voa para as savanas e para as florestas virgens! É tudo belo! As moscas zumbem no meio da luz. O sol espirrou o beija-flor. Dá-me um beijo, Fantine!

Mas enganou-se e beijou Favorita.

VIII — Morte dum cavalo

— Janta-se muito melhor no Édon do que no bombarda! — exclamou Zefina.

— Eu prefiro Bombarda a Édon — declarou Bachevelle.

— É mais luxuoso, mais asiático. Vejam a sala de baixo, com as paredes cobertas de espelhos.

— E eu prefiro o luxo do prato, antes queria que servissem melhor! — disse Favorita.

Blachevelle insistiu:

— No Bombarda, os cabos das facas são de prata, no Édon são de osso. Ora a prata creio que é mais preciosa do que o osso.

— Excepto para os que têm queixo de prata! — observou Tholomyés, olhando para o zimbório dos Inválidos que se via das janelas do Bombarda.

Seguiu-se uma pausa.

— Tholomyés! — bradou Fameuil. — Ainda há pouco eu e Listolier tivemos uma discussão.

— Uma discussão não é coisa má, mas uma briga é muito melhor.

— Discutíamos sobre filosofia.

— Está bem.

— Qual preferes tu, Descartes ou Spinosa?

— Désaugiers — respondeu Tholomyés.

Depois de proferir esta sentença, bebeu mais um trago e continuou:

— Consinto em viver. Nem tudo na terra acabou ainda, visto que é permitido fazerem-se extravagâncias! Rendo graças aos deuses imortais! Mente-se, mas ri-se. Afirma-se, mas duvida-se. Brota do silogismo o inesperado. É magnífico! Ainda há neste mundo homens que sabem abrir e fechar alegremente a caixa de surpresas do paradoxo. Saibam que isto que as meninas estão bebendo com tão descansado modo é vinho da Madeira, da quinta do Curral das Freiras, que fica a trezentas e dezassete toezas acima do nível do mar! Atendam quando beberem: trezentas e dezassete toezas, e o senhor Bombarda, o excelente proprietário desta casa, dá-lhes trezentas toezas por quatro francos e cinquenta cêntimos!

Fameuil interrompeu-o novamente:

— Tholomyés, as tuas opiniões constituem lei. Qual é o teu autor favorito?

— Ber...

— Quin?

— Não. Choux.

E Tholomyés prosseguiu:

— Viva o Bombarda! Seria capaz de igualar Munofis de Elefanta, se pudesse colher-me uma almeia, e Thygelion de Cheroneia, se conseguisse trazer-me uma hetaira; porquanto, minhas senhoras, na Grécia e no Egipto havia Bombardas. Assim no-lo afirma Apuleio. Oh, sempre as mesmas coisas e nada de novo! Nada inédito na criação do Criador! *Nihil sub sole novum*, dizSalomão; *amor omnibus idem*, dizVirgílio; e Carabina embarca com Carabino na galiota de Saint-Cloud, como Aspasia se embarcava com Péricles na armada de Samos, Sabem o que era Aspasia, minhas senhoras? Conquanto vivesse num tempo em que as mulheres ainda não tinham alma, era uma alma; uma alma cambiante de rosa e púrpura, mais abraseada que o fogo, mais fresca do que a aurora. Aspasia era uma criatura em que se tocavam os dois extremos da mulher: era libertina e deusa. Sócrates mais Manon Lescaut. Aspasia foi criada para o caso em que fosse necessário um modelo a Prometeu.

Tholomyés, uma vez impelido, dificilmente pararia, se, naquele momento, o cavalo de um carro que passava no cais não tivesse caído. O efeito da queda do animal fez parar o carro e o orador. Era uma égua magra e velha, digna do esfolador, puxando um pesado carro. Chegando em frente da casa de pasto, o animal, exausto, recusou-se a ir mais avante. Este incidente fez juntar em redor um magote de pessoas Mal o carroceiro, zangado e praguejando, acabou de proferir a sacramental palavra: «Arre!», seguida de uma tremenda chicotada, o sendeiro caiu para nunca mais se erguer. Ao tumulto dos

transeuntes, todos os alegres ouvintes de Tholomyés voltaram a cabeça, e o orador aproveitou logo o momento para fechar a sua alocução com esta melancólica estrofe:

Dizem que a vida é como folha leve,
Que qualquer ar revira,
Assim é; senão vejam esse bruto
Que um «arre» só virou.

— Pobre cavalo! — disse Fantine, suspirando.

— Não querem ver a Fantine a chorar pelos cavalos?! — exclamou Dália. — Ora isto, realmente, é de fazer andar aos tombos com riso!

Neste momento, Favorita cruzando os braços e inclinando a cabeça para trás, encarou resolutamente Tholomyés, dizendo:

— É verdade! Quando aparece essa surpresa?

— Chegou exactamente o momento! — respondeu Tholomyés. — Meus amigos, soou a hora de surpreendermos estas belas damas. Minhas senhoras, esperem-nos por um instante.

— A coisa começa por um beijo — disse Blachevelle.

— Na testa — acrescentou Tholomyés.

Cada qual depôs gravemente um beijo na fronte da amante, após o qual todos quatro em fileira se dirigiram para a porta, com o dedo pousado na boca.

— Isto já é divertido! — disse Favorita, batendo as palmas no momento em que eles transpunham a porta.

— Não se demorem muito — murmurou Fantine. — Lembrem-se de que ficamos à espera.

IX — Alegre fim de festa

Ficando sós, as raparigas encostaram-se a duas e duas em cada uma das janelas e começaram a falar umas com as outras, debruçando-se pela parte de fora.

Viram sair os rapazes de braço dado, voltarem-se, dizerem-lhes adeus entre risos e desapareceram no meio da poeira e da multidão, que todos os domingos invade os Campos Elíseos.

— Não se demorem! — gritou Fantine.

— O que nos trarão eles? — indagou Zefina.

— Não pode deixar de ser uma coisa bonita — respondeu Dália.

— Eu desejo que seja de oiro o que nos trouxerem — disse Favorita.

Dentro em pouco foram distraídas pelo movimento que se operava junto do cais, que distinguiam por entre os ramos das árvores e que muito as divertia. Era a hora da partida das mala-postas e diligências.

Quase todos os transportes do sul e do oeste passavam então pelos Campos

Elíseos. A maior parte deles seguia pelo cais e saía pela barreira de Passy. De instante a instante, um grande veículo pintado de amarelo e preto, em extremo carregado, cuidadosamente aparelhado, disforme à força de malas, de baús e trouxas, cheio de cabeças que mal se viam, esmagava a calçada, arremessando-se por entre a multidão, espargindo mais faíscas do que uma forja, levantando uma nuvem de poeira, correndo impetuoso como uma fúria. Este ruído continuado causava imenso prazer às raparigas. Favorita exclamou:

— Que barulheira! Dir-se-ia serem montões de correntes de ferro despenhando-se pelo ar!

Sucedeu que um destes veículos, que dificilmente se distinguia por entre a espessura dos ulmeiros, parou por um momento, partindo logo depois a galope. Isto causou grande espanto a Fantine.

— É singular! — disse ela. — Sempre julguei que a diligência não parava.

Favorita encolheu os ombros e replicou:

— Esta Fantine é única! Faz rir a gente, ainda que não tenha vontade! Merece ser vista por curiosidade! Espanta-se com as coisas mais simples! Ora supõe tu que eu sou um viajante e digo ao cocheiro da diligência: «Eu vou andando e quando passar no cais, entrarei». A diligência passa, o cocheiro vê-me, pára e eu entro. É uma coisa que se faz todos os dias. Olha, minha cara, não conheces mesmo nada das coisas deste mundo!

Decorreu assim algum tempo. De súbito, Favorita com um movimento de quem desperta, exclamou:

— É verdade, e a surpresa?

— Tens razão — acudiu Dália —, a tal famosa surpresa?

— Demoram-se tanto! — disse Fantine.

Mal Fantine acabara de dizer isto, quando o criado que servira o jantar entrou, trazendo na mão uma coisa que parecia uma carta.

— O que é isso? — perguntou Favorita.

— É um papel que aqueles senhores deixaram para entregar às meninas — respondeu o criado.

— Mas porque não o trouxe há mais tempo?

— Porque me recomendaram que o não entregasse senão passada uma hora.

Favorita arrancou o papel das mãos do criado e viu que era com efeito uma carta.

— Querem ver? — disse ela. — Não traz sobrescrito, mas tem escrito por fora: *AÍ VAI A SURPRESA!*

Em seguida abriu rapidamente a carta e leu (já dissemos que Favorita sabia ler):

Queridas amantes:

Saibam que temos pais. Decerto não imaginam bem o que isto quer dizer. É uma coisa de que se fala no código civil, pueril e honesto. Ora, estes parentes choram de saudades, esses velhos reclamam-nos, essas excelentes criaturas chamam-nos filhos pródigos, estão ansiosos por nos ver e prometem receber-nos com uma grande festa. Não podemos deixar de satisfazer tão virtuoso desejo. Quando lerem isto, cinco fogosos cavalos nos transportarão ao seio de nossos papás e mamãs. Levantamos campo, como diz Bossuet. Ausentamo-nos, ou, por outra, partimos. Fugimos nos braços de Laffite e nas asas de Caillard. A diligência de Toulouse arranca-nos ao abismo, e o abismo sois vós, encantadoras pequenas! Voltamos à sociedade, ao dever e à ordem, a trote largo, à razão de três léguas por hora. A pátria quer que sejamos, como toda a gente, perfeitos pais de famílias, guardas campestres e conselheiros de Estado. Venerem-nos, porque nos sacrificamos. Chorem-nos rapidamente e substituam-nos depressa. Se esta carta vos magoar, façam-lhe o mesmo. Não nos guardem rancor. Adeus.

Assinado:
Blachevelle
Fameuil
Listolier
Félix Tholomyés
P. S. O jantar está pago.

As quatro raparigas olharam-se mutuamente. Favorita foi a primeira que rompeu o silêncio:

— Então?! — exclamou ela. — Hão-de concordar que foi uma boa peça!

— Tem graça, na verdade! — disse Zefina.

— Foi decerto o Blachevelle quem teve esta lembrança — tornou Favorita. — Isto faz com que o ame. Se mais depressa se fosse, mais depressa o amava, esta é que é a verdade!

— Não! — atalhou Dália. — Esta ideia foi do Tholomyés. Bem se vê!

— Nesse caso — replicou Favorita — morra Blachevelle e viva o Tholomyés!

— Viva o Tholomyés! — exclamaram Dália e Zefina.

E desataram a rir às gargalhadas. Fantine riu como as outras.

Decorrida uma hora, porém, quando se encontrou só no seu quarto, chorou. Era este o seu primeiro amor; dera-se a Tholomyés como a um marido e a pobre rapariga tinha um filho.

LIVRO QUARTO — CONFIAR É POR VEZES ABANDONAR

I — Encontro de duas mães

No primeiro quartel deste século, havia em Montfermeil, nas proximidades de Paris, uma espécie de taberna que hoje já não existe e que era administrada por um indivíduo e sua mulher, chamados Thenardier. Esta taberna ficava situada no beco do Boulanger. Por cima da porta via-se uma tabuleta de madeira pregada na parede, ostentando uma pintura que pretendia figurar um homem com outro às costas, tendo este último grandes dragonas de general doiradas e largas estrelas de prata, alguns borrões vermelhos figuravam sangue, o fundo do quadro era composto de nuvens de fumo, representando provavelmente uma batalha. Em baixo lia-se esta inscrição: *Estalagem do Sargento de Waterloo.* Nada mais natural do que um carro à porta de uma estalagem. Todavia, o veículo, ou para melhor dizer, fragmento de veículo, que numa tarde da Primavera de 1818, pejava a rua diante do *Sargento de Waterloo,* teria infalivelmente atraído, pelo descomunal da grandeza, a atenção de um pintor que por ali passasse.

Era o jogo dianteiro de uma dessas carroças, usadas nas terras muito povoadas de arvoredo, e que servem para transporte de grandes pranchas e troncos de árvores. Constava aquele aparelho de um eixo de ferro maciço, onde se prendia a pesada lança e em cujas extremidades giravam duas rodas de tamanho descomunal, que o sustentavam. Todo aquele conjunto era grosseiro, pesado e disforme. Dir-se-ia ser a carreta de uma boca de fogo gigante.

Os caminhos estreitos tinham dado às caimbas, aos cubos das rodas, ao eixo e àlança, densa camada de lama, suja e feia, de cor amarelada, bastante parecida com a que tão vulgarmente serve para pintar as catedrais.

A madeira desaparecia sob a lama, e o ferro sob a ferrugem. Por baixo do eixo e em guisa de sanefa, pendia uma grossa corrente digna de Golias forçado, que mais fazia lembrar os mastodontes e mamutes, que a ela poderiam ser jungidos, do que as traves de madeira, em cujo transporte se empregava: tinha um ar de prisão de forçados, mas prisão de forçados ciclópica e sobre-humana, e parecia despegada de algum monstro. Homero ter-lhe-ia preso Polyfemo, e Shakespeare, Caliban. Porque estava aquele jogo dianteiro de uma carroça naquele sítio da rua? Primeiro para pejar a rua; em segundo lugar para acabar de se enferrujar. Há na antiga ordem social um sem número de instituições, que cada um encontra daquele modo no caminho, em pleno ar, sem haver outras razões que justifiquem a sua estada aí.

No centro da corrente que pendia por baixo do eixo até quase tocar no

chão, viam-se nessa tarde sentadas e singularmente entrelaçadas, como se fora sobre a corda de um balanço, duas rapariguinhas de quase dois anos e meio uma e a outra de dezoito meses, tendo a mais velha a pequenita nos braços Um lenço cuidadosamente atado em volta delas, impedia-as de cair.

Aquela temível cadeia havia sido vista por uma mãe, que exclamava: «Ora ali está uma coisa para eu entreter as crianças!»

As duas crianças, graciosamente e até com certo esmero ataviadas, estavam radiantes; dir-se-iam duas rosas caídas num montão de ferros velhos; nos olhos tinham o triunfo, nas faces frescas e mimosas o riso, uma era loira-escuro, a outra trigueira; os seus rostos ingénuos eram duas maravilhas; ficava-lhes próxima uma moita florida, que enviava a quem passava uns odores perfumados, que pareciam sair delas; a de dezoito meses com a casta indecência da pequenez, mostrava o alvo ventre nu, sem a mínima compostura. Por cima, em volta daquelas duas delicadas cabeças, amassadas na felicidade e temperadas na luz, arredondava-se, como a embocadura de um antro, o gigantesco jogo dianteiro, negro de ferrugem, de aspecto quase terrível, todo formado de curvas e ângulos ferozes

A alguns passos de distância, acocorada à porta da estalagem, estava a mãe, mulher de aspecto pouco agradável, mas enternecedor neste momento, baloiçando as duas crianças por meio de uma comprida corda, vigiando-as de contínuo com ternura, receosa de algum acidente, com aquela expressão animal e celeste, peculiar à maternidade; a cada movimento de vaivém, os disformes elos da corrente produziam um rangido estrídulo, que semelhava um grito de cólera, as criancinhas extasiavam-se, o sol, próximo do ocaso, misturava um reflexo doirado a esta alegria, e nada mais surpreendentemente encantador do que este capricho do acaso, que fazia de uma corrente de titãs um baloiço de querubins.

Ao mesmo tempo que baloiçava as duas criancinhas, a mãe cantava com voz de falsete uma romanza então célebre

Que fazer,
Dizia um guerreiro.

A sua canção e a contemplação das duas filhinhas impediam-na de ver e ouvir o que se passava na rua.

Entretanto, alguém se lhe acercara, ao começar a primeira copla da romanza, e, de súbito, a mulher ouviu uma voz que lhe dizia muito próximo dos ouvidos:

— Que crianças tão lindas a senhora tem!

A bela e terna Imogina...

Respondeu a mãe, continuando a romanza e voltando depois a cabeça. A

alguns passos de distância, estava também uma mulher com uma criança ao colo e segurando ao mesmo tempo um saco que parecia ser muito pesado.

A criança que esta mulher apertava contra si era um dos mais divinos entes que seria possível ver-se. Era uma menina de dois a três anos, que pela garridice do seu trajo se podia juntar com as outras duas crianças; trazia um lenço de linho fino, umas roupinhas com fitas e uma coifa com rendas. A sainha levantada de um lado, deixava-lhe a descoberto a coxa branca, roliça e firme. Era rosada e o seu aspecto do mais saudável, sentindo-se tentações de lhe morder nas faces. Nada havia a dizer dos olhos senão que deviam ser muito grandes e eram povoados de magníficas sobrancelhas Estava a dormir.

Dormia naquele sono de absoluta confiança próprio da sua idade. Os braços das mães são feitos de amor; as crianças dormem profundamente neles.

Quanto à mãe, que era ainda jovem, o seu aspecto era pobre e triste. Apresentava o todo de uma operária, que tende a tornar-se aldeã. Era formosa, mas com tal vestuário não o parecia. Os cabelos, dos quais se escapava uma madeixa loira, pareciam espessos, mas ocultavam-se severamente debaixo de uma coifa feia, apertada, estreita e atada por baixo do queixo. O riso faz mostrar os dentes belos a quem os tem, mas ela não ria. Os olhos não pareciam enxutos há muito tempo.

Divisavam-se-lhe no rosto pálido visíveis sinais de cansaço e doença e olhava a filhinha adormecida com aquele ar particular de mãe que amamentou o fruto das suas entranhas. Envolvia-lhe o busto um lenço largo, azul, como aqueles a que os inválidos se assoam e que lhe dava um aspecto carregado; trajava um vestido de chita, uma manta escura de lã grosseira, traziacalçados uns sapatos grossos e tinha as mãos tisnadas e todas sarapintadas de sardas, e o índex calejado e picado da agulha. Era Fantine.

Era Fantine, mas difícil de reconhecer. Ao examiná-la, todavia, atentamente, via-se que tinha ainda a sua beleza, apesar da face direita mostrar uma ruga de tristeza, que indicava um princípio de ironia. Quanto ao vestuário, aquele sério vestuário de musselina e de graciosas fitas, que se diria ser composto de alegria, de loucura e de harmonia, perfumadas de lilás e que parecia guarnecido de cascavéis, desaparecera com as resplandecentes gotas de geada, que ao sol parecem diamantes, mas que se derretem e deixam o ramo enegrecido. Dez meses haviam decorrido desde a *célebre patuscada.* Que se tinha passado nesses dez meses? Facilmente se adivinha.

Após o abandono, a tortura da miséria, Fantine desde logo perdera de vista Favorita, Zefina e Dália; quebrado o laço do lado dos homens, desfez-se do lado das mulheres; quem quinze dias depois lhes tivesse dito que tinham sido amigas, deixá-las-ia admiradas; já não havia razão de ser para tal amizade,

Fantine ficara só. O pai de sua filha afastara-se aqueles rompimentos são irrevogáveis achou-se absolutamente isolada, tendo de menos o hábito do trabalho e demais o gosto do prazer, visto que, arrastada pela sua ligação com Tholomyés a abandonar a pouco lucrativa profissão, que sabia, desprezara os fregueses, que por sua vez não tornaram a procurá-la. Nenhum recurso, pois. Fantine sabia ler, mas não sabia escrever; na sua infância haviam-lhe apenas ensinado a assinar o nome, razão porque mandou por um escrevente público escrever uma carta a Tholomyés, depois segunda e ainda terceira. Tholomyés, porém, não respondera a nenhuma. Um dia, Fantine ouviu os vizinhos dizerem, olhando para sua filha: «Quem é que toma a sério crianças destas? Todos encolhem os ombros quando se trata de filhos desta natureza!» Lembrou-se então que Tholomyés encolheria os ombros acerca da sua filhinha, que não tomaria a sério aquela inocente criaturinha e o seu coração cobriu-se de tristeza ao pensar naquele homem Que resolução tomaria? Não sabia a quem dirigir-se. Tinha, é verdade, cometido uma falta, mas o fundo da sua natureza, como estareis lembrados, era de pudor e virtude. Conheceu vagamente que estava em vésperas de cair na miséria, de ir de mal a pior. Era necessário muita coragem; teve-a e defrontou-se desassombrada com o aspecto da desgraça Ocorreu-lhe a ideia de regressar à sua terra natal, Montreuil-sur-mer, onde talvez alguém a conhecesse e lhe desse trabalho; sim, mas era necessário ocultar a sua falta. E Fantine entrevia confusamente a necessidade possível de uma separação mais dolorosa ainda do que a primeira. Confrangeu-se-lhe o coração de angústia, mas decidiu-se. Era dotada da feroz bravura de quem deseja viver. Havia renunciado voluntariamente aos enfeites, vestira-se de algodão e aplicara todas as sedas, todas as fitas e rendas, a embonecar a filhinha, única vaidade que lhe restava, mas esta era vaidade santa.

Vendeu tudo quanto tinha, apurando duzentos francos e, depois de pagar as suas pequenas dívidas, ficaram-lhe apenas uns oitenta francos. com vinte e dois anos, numa bela manhã de Primavera, saiu de Paris levando a filha às cavaleiras. Quem as visse passar, compadecer-se-ia inevitavelmente delas. Aquela mulher não tinha no mundo senão a criança que levava consigo e a criança só tinha no mundo a mulher que a conduzia. Fantine alimentara a filhinha no seu próprio seio, o que a enfraquecera e lhe deixara alguns acessos de tosse, que a intervalos a acometiam.

Não tornaremos a ter ocasião de falar de Félix Tholomyés. Limitemo-nos a dizer que vinte anos mais tarde, no reinado de Luís Filipe, era um anafado procurador de província, influente e rico, eleitor circunspecto e jurado severíssimo, mas, apesar de tudo, sempre dado ao prazer.

Pelo meio-dia, depois de ter, para descansar, caminhado de espaço a espaço, mediante três ou quatro soldos por légua, no que então se chamavam pequenas carruagens dos arrabaldes de Paris, Fantine encontrava-se em Montfermeil, no beco de Boulanger. Ao passar por diante da estalagem dos Thenardier, a presença das duas criancinhas, encantadas sobre o seu monstruoso baloiço, causara-lhe uma espécie de deslumbramento, que a fizera parar em frente daquela alegre região.

Há encantos no mundo e aquelas duas criancinhas encontraram aquela infeliz mãe.

Fantine contemplou-as muito comovida. A presença dos anjos é anúncio do paraíso. Julgou ver por cima daquela estalagem o misterioso AQUI da Providência. As duas pequenitas eram evidentemente felizes. Observava-as de tal modo enternecidas, que no momento em que a mãe tomava fôlego entre dois versos da sua canção, não pôde deixar de dizer: «Que crianças tão lindas a senhora tem!»

As criaturas mais bravias sentem-se desarmadas quando lhe acariciam os filhos. A mãe ergueu a cabeça, agradeceu o elogio, fez sentar a desconhecida no banco da porta, ficando ela na soleira e puseram-se ambas a conversar.

— Eu chamo-me Thenardier — disse a mãe das duas crianças. — Meu marido é o dono desta estalagem.

Depois, sem se esquecer da *romanza*, continuou por entre dentes:

Sou cavaleiro, é preciso
Que parta para Palestina.

Esta senhora Thenardier era uma mulher ruiva, fornida de carnes, angulosa; o tipo de mulher de soldado em todo o seu desgracioso desaire, e, coisa extraordinária, tinha um ar afectado, proveniente de leituras romanescas. Os seus gestos e trejeitos eram de uma verdadeira virago. Os velhos romances desfiados nas imaginações baiuqueiras causam estes efeitos. Era ainda nova, pois contava apenas trinta anos. Se a mulher que estava sentada se levantasse, talvez a sua elevada estatura e o tronco espadaúdo de colosso ambulante, próprio para mostrar-se nas feiras, tivessem desde logo assustado a viandante e perturbado a sua confiança. Uma pessoa que está sentada em vez de estar de pé, influi às vezes num destino!

A viajante contou-lhe a sua história, porém com algumas modificações.

Disse-lhe que era costureira, que lhe tinha morrido o marido e, faltando-lhe o trabalho em Paris, o ia procurar noutra parte, à sua terra; que tinha saído de Paris a pé naquele mesmo dia pela manhã e, sentindo-se cansada por causa da criança que trazia,encontrou a carruagem de Villemomble e metera-se nela; que de Villemomble tinha vindo a pé para Montfermeil, que a ipequenita tinha

andado um pouco, mas como era muito pequenina, fora indispensável levá-la ao colo, onde tinha adormecido.

E, ao pronunciar esta palavra, deu-lhe um beijo tão apaixonado que a acordou. A criança abriu os olhos, uns grandes olhos azuis, como os da mãe, e olhou. O que viu ela? Tudo e nada, com o ar sério e por vezes severo das crianças, que é um mistério da sua luminosa inocência diante dos nossos crepúsculos de virtudes. Dir-se-ia que se sentem anjos e nos saem homens. Em seguida, começou a rir, e ainda que a mãe a segurasse, escorregou para o chão com a indomável energia de um pequeno ser que quer correr. De repente, avistou as outras duas crianças no baloiço, parou de súbito e deitou a língua de fora em sinal de admiração.

A mãe Thenardier desprendeu as filhas e ajudou-as adescer, dizendo:

— Vão brincar todas três.

Em tais idades a familiaridade é espontânea: passados alguns instantes, as pequenas da senhora Thenardier divertiam-se com a recém-chegada a fazer covinhas no chão, prazer incomensurável para as crianças.

A recém-chegada era muito alegre; a bondade da mãe estava representada pela alegria da filha. A pequenita tinha pegado num pauzinho que lhe servia de pá e cavava energicamente a fim de fazer um buraco para uma mosca. O que faz o coveiro torna-se gracioso feito por uma criança.

As duas mulheres continuavam a conversar.

— Como se chama a sua pequena?

— Cosette.

A pequena chamava-se Eufrasia, mas a mãe, por esse doce e gracioso instinto das mães e do povo, que muda Maria em Micas e Francisca em Chica, fizera-a Cosette É este um género de derivados que contraria toda a ciência dos etimologistas Conhecemos uma avó que teve a habilidade de fazer de Teodora, Gnon.

— Que idade tem ela?

— Anda em três anos.

— É a idade da minha pequena mais velha.

Entretanto, as três crianças tinham-se agrupado numa posição de ansiedade e beatitude profundas Dava-se um grave acontecimento: acabava de sair da terra um grande verme que lhes metera medo e ficaram em êxtase. As três cabecinhas tocavam-se, parecendo circundadas por uma auréola.

— O que são as crianças! — exclamou a senhora Thenardier. — Tomam logo conhecimento umas com as outras! Ninguém diria que não são três irmãs!

Esta frase foi a faísca que a outra mãe provávelmente esperava, porque

travou da mão da estalajadeira e disse-lhe, olhando-a fixamente:

— Quer a senhora ficar com a criança?

A senhora Thenardier teve um desses movimentos de surpresa, que não são nem consentimento nem recusa. A mãe de Cosette prosseguiu:

— A senhora bem vê, eu não posso levar a pequena comigo para a minha terra; o trabalho não o permite. Ninguém dá que fazer a quem tem uma criança. A gente da minha terra é muito esquisita. Foi Deus que me moveu a passar pela sua casa. Quando vi as suas pequenitas tão lindas, tão asseadas e contentes, não sei o que senti e disse comigo: «Ali está uma boa mãe!» É o que a senhora disse, serão três irmãs. E depois, não me demorarei em voltar. Diga, quer cuidar dela?

— Mas é preciso ver... — disse a senhora Thenardier.

— Dar-lhe-ei seis francos por mês.

Neste instante ouviu-se uma voz de homem gritar do fundo da taberna:

— Menos de sete francos, nada feito, e seis meses pagos adiantados.

— Seis vezes sete... quarenta e dois; quarenta e dois francos — disse a senhora Thenardier.

— Está bem, dá-los-ei — disse a mãe de Cosette.

— E mais quinze francos para as primeiras despesas — acrescentou a voz do homem.

— Faz ao todo cinquenta e sete francos — disse a senhora Thenardier.

E, no meio de todas estas contas, ia cantarolando:

É necessário,
Dizia um guerreiro.

— Dá-los-ei também — disse Fantine —, tenho oitenta francos e ainda me ficará com que chegar ao meu destino, indo a pé Chegando lá ganharei a minha vida, e apenas quando tiver alguma coisa virei logo buscá-la.

A voz do homem tornou a ouvir-se, dizendo:

— A pequena tem enxoval?

— É meu marido — disse a estalajadeira.

— Sim, senhor, tem enxoval, o meu querido anjinho! Logo me pareceu que era seu marido. E que bom enxoval, tudo às dúzias!... E vestidos de seda, como uma senhora. Está tudo no meu saco.

— Pois então há-de deixá-lo! — tornou a voz do homem.

— Está visto que o hei-de deixar! — replicou a mãe. — Então a minha filha havia de ficar nua?

Neste momento apareceu o dono da casa.

— Está bem — respondeu ele.

O ajuste concluiu-se. Fantine passou a noite na estalagem, deu o dinheiro

exigido, entregou a filhinha, tornou a atar o saco, aliviado do peso do enxoval, e na manhã seguinte continuou o seu caminho, esperando voltar brevemente. Preparam-se tranquilamente estas partidas, mas depois é um sentir-se a gente desesperada de angústia ao separar-se.

Uma vizinha dos Thenardier encontrou a pobre mãe, quando de novo se pôs a caminho e voltou, dizendo:

— Encontrei agora uma mulher a chorar, que metia dó vê-la!

Depois da mãe de Cosette ter partido, o homem disse à mulher:

— Com isto paga-se a minha letra de cento e dez francos, que se vence amanhã. Faltavam-me cinquenta francos; e olha que se não a pagasse tinha protesto, processo, que sei eu! Realmente, engendraste uma boa ratoeira com as pequenas!

— Pois foi sem querer — respondeu a mulher.

II — Primeiro esboço de duas figuras suspeitas

O rato apanhado na ratoeira era bastante franzino, mas o gato regala-se ainda que seja com um rato magro.

Quem eram os Thenardier?

Digamos desde já alguma coisa a seu respeito. Depois completaremos o esboço.

Estas criaturas pertenciam à classe bastarda, composta de gente grosseira aventureira e gente inteligente decaída, situada entre a classe chamada média e a chamada inferior e que combina alguns defeitos da segunda com quase todos os vícios da primeira, sem ter o assomo de generosidade do artista nem a ordenada honestidade do burguês.

Eram dessas naturezas anãs que se tornam monstruosas, se por acaso as aquece algum fogo sombrio. Havia na mulher o fundo de uma selvagem e no homem a capa de um velhaco. Ambos eram desmesuradamente susceptíveis daquela espécie de progresso abjecto, que se faz no sentido do mal. Existem almas, espécie de caranguejos, recuando continuamente para as trevas, retrogrando na vida mais do que avançam, empregando a experiência em aumentar a sua deformidade, piorando sem cessar, e impregnando-se cada vez mais, de crescente negrura. Este homem e a mulher eram dessas almas.

O marido, principalmente, era incómodo para o fisionomista. Há homens que basta encará-los para se desconfiar deles, pressentindo-se desde logo as ideias tenebrosas. Homens destes apresentam por trás de si a inquietação e na frente a ameaça. Há neles qualquer coisa de desconhecido. Não se pode responder pelo que fizeram nem pelo que farão. Denuncia-os o olhar sombrio. Simplesmente por os ouvir pronunciar uma palavra ou vê-los fazer um gesto, logo se lhes descobrem sombrios segredos no passado e sombrios mistérios no

futuro.

Este Thenardier, se devemos dar-lhe crédito, tinha sido soldado; sargento, dizia ele; fizera provavelmente a campanha de 1815 e até, ao que parece, se tinha portado com bravura. Mais tarde veremos o que ele era realmente. A tabuleta da estalagem continha uma alusão a um dos seus feitos de armas. Pintara-a ele mesmo, porque aquele homem sabia um pouco de tudo, mas mal.

Era na época em que o antigo romance clássico que depois de ter sido *Clelia* já não era senão *Lodoiska,* sempre nobre, mas cada vez mais vulgar, que descera de *Mademoiselle* de Scudéry para *Madame* Barthélemy-Hadot, e de *Madame* de Lafayette para *Madame* Bournon-Malarme, incendiava a alma ardente das porteiras de Paris e levava mesmo a sua devastação a alguns pontos dos arrabaldes.

A senhora Thenardier era justamente de inteligência suficiente para ler esta espécie de livros. Nutria-se com a sua leitura, afogava ali todo o seu entendimento, e isto havia-lhe dado, enquanto foi rapariga e mesmo ainda alguma coisa depois, uma espécie de atitude pensativa, ao pé de seu marido, velhaco dotado de certa profundidade, rufião quase entendido em gramática, grosseiro e fino ao mesmo tempo, mas, pelo que respeita a sentimentalismo, ledor de Pigault-Lebrun, e «em tudo o que toca ao sexo», como ele dizia, na sua linguagem habitual, parvo rematado e sem mescla. A mulher tinha uns doze ou quinze anos menos do que ele. Mais tarde, quando *os* cabelos romanticamente soltos, começaram a embranquecer, quando a megera se desligou da Pamela, a senhora Thenardier não passou de uma gorda e má mulher, que saboreava romances estúpidos. Ora, ninguém lê imbecilidades impunemente; resultando daqui que a filha mais velha foi mimoseada com o nome de Eponine, enquanto a mais nova esteve a ponto de se chamar Gulnare; deveu, porém, a não sei que feliz diversão, causada por um romance de Ducray-Duminil, chamar-se apenas Azelma.

Todavia, digamo-lo de passagem, nem tudo é ridículo e superficial naquela curiosa época a que fizemos alusão e a que poderíamos chamar a anarquia dos nomes de baptismo. Ao lado do elemento romântico, existe o sintoma social. Não é raro hoje em dia que um boieiro se chame Artur, Alfredo ou Afonso, e que um visconde se ainda há viscondes se chame Tomás, Pedro ou Jacques. Esta deslocação que dá ao plebeu o nome elegante e o nome rústico ao aristocrata, não é senão um borbotão de igualdade. Conhece-se nisto como em tudo, a irresistível penetração do novo sopro. Sob esta aparente discordância, existe uma coisa grande e profunda: a revolução francesa.

III — A Cotovia

Para prosperar não basta ser mau. O negócio da estalagem não dava lucro. Graças aos cinquenta e sete francos de Fantine, Thenardier pudera evitar o protesto de uma letra e, por conseguinte, o descrédito da sua assinatura. No mês seguinte, tiveram ainda necessidade de dinheiro; a mulher dirigiu-se a Paris e empenhou no Monte de Piedade o enxoval de Cosette por sessenta francos.

Apenas este dinheiro se consumiu, logo os Thenardier se acostumaram a ver na pobre pequenita unicamente uma criança que tinham em casa por caridade e passaram atratá-la como tal. Como já não possuía enxoval, vestiram-na de saias e camisas velhas que tinham sido do uso das outras duas pequenas, isto é, de farrapos Não lhe davam para comer senão os sobejos de todas as outras pessoas, alimentação um pouco melhor que a do cão e alguma coisa pior que a do gato. O cão e o gato eram, de resto, os seus comensais habituais; Cosette comia com eles debaixo da mesa, numa escudela de pau, igual à deles.

A mãe, que se tinha fixado, como mais tarde se verá, em Montreuil-sur-mer, escrevia, ou, para melhor dizer, mandava escrever todos os meses, pedindo notícias da sua filhinha. Os Thenardier respondiam invariavelmente: «Cosette passa magnificamente».

Findos os primeiros seis meses, Fantine enviou sete francos para pagamento do sétimo mês e continuou a mandar com a maior exactidão as suas remessas mensais. Não tinha ainda terminado o ano, quando Thenardier disse:

— Ora olhem que grande favor! Que quer ela que se faça com sete francos?

Escreveu pois imediatamente à pobre mãe, exigindo-lhe doze francos. Fantine, persuadida de que sua filha era feliz e passava bem, submeteu-se à exigência e mandou os doze francos.

Certas naturezas não podem amar por um lado sem odiar pelo outro. A Thenardier queria apaixonadamente às suas duas filhas, o que fazia com que detestasse a que lhe era estranha. É triste a ideia de que o amor maternal possa apresentar aspectos repugnantes.

Por mais pequeno que fosse o lugar que Cosette ocupava naquela casa, parecia-lhe um roubo feito aos seus e que a pobre pequenita lhes diminuía o ar que respiravam Esta mulher, como muitas da sua espécie, tinha para prodigalizar em cada dia uma soma de carícias e outra de pancadas e injúrias. Se ela não tivesse Cosette, é certo que suas filhas, apesar de idolatradas, teriam recebido tudo, mas a criança estranha prestava-lhes o serviço de afastar delas e fazer recair sobre si as pancadas que lhes eram destinadas e em troco das quais elas só tinham carícias. Cosette não fazia um movimento

que não visse desabar sobre si uma saraivada de castigos violentos e imerecidos.

Doce e frágil criaturinha, que não devia compreender nada deste mundo nem de Deus, sem ser incessantemente punida, repreendida, tratada com a maior rudeza, espancada e vendo a seu lado duas criancinhas como ela, a viver num raio de aurora!

A Thenardier, sendo má para Cosette, fez com que Eponine e Azelma o fossem também, porque as crianças naquela idade são simples cópias da mãe. A diferença é o formato ser mais pequeno.

Assim se passou um ano e depois ainda outro. Entretanto, dizia-se na aldeia:

— Que excelentes pessoas são estes Thenardier. Apesar de não serem ricos sustentam e educam uma pobre criança que foi abandonada em sua casa!

Todos julgavam que a mãe de Cosette a tinha abandonado. Thenardier, contudo, tendo sabido por qualquer obscura via, que a criança provavelmente era bastarda, e que a mãe não o podia confessar, exigiu quinze francos por mês, dizendo que a pequena comia e crescia cada vez mais, ameaçando-a ao mesmo tempo de pô-la fora de casa. «Não pense ela que está a tratar com algum tolo» exclamou ele. «Se se põe a torcer o nariz, mando-lhe a pequena, sem me importar com os seus segredos. Preciso de mais dinheiro!» E a infeliz mãe pagou os quinze francos.

De ano para ano, a criança crescia, crescendo também a sua miséria.

Cosette, enquanto pequena, foi sempre maltratada pelas faltas das suas duas companheiras; apenas começou a desenvolver-se, quer dizer, antes ainda de ter cinco anos, tornou-se a criada da casa.

Com cinco anos, dir-se-á, isso é inverosímil! Infelizmente, é verdade. O sofrimento social começa em qualquer idade. Não vimos ainda há bem pouco o processo de um tal Dumolard, órfão que se tornou bandido, o qual desde a idade de cinco anos, segundo dizem os documentos oficiais, vendo-se só no mundo, «trabalhava para viver, roubando?»

Obrigavam a pobre Cosette a fazer os recados, a varrer os quartos, o pátio e a rua, a lavar a loiça e até a carregar com coisas pesadas. Os Thenardier julgavam-se muito mais autorizados a proceder deste modo, porque a mãe, que continuava a estar em Montreuil-sur-mer, começava a pagar mal, chegando a ficar alguns meses em atraso.

Se a pobre mãe tivesse voltado a Montfermeil no fim destes três anos, não teria decerto reconhecido a filha. Cosette, tão fresca e rosada quando chegou àquela casa, estava agora magra e amarela. O seu aspecto era sempre inquieto Os Thenardier chamavam-lhe sonsa.

A injustiça fizera-a rabugenta e a miséria tornara-a feia. Já não lhe

restavam senão os seus belos olhos, que causavam pena, porque, grandes como eram, pareciam conter ainda maior quantidade de tristeza.

Partia o coração ver de Inverno aquela pobre criança, que ainda não contava seis anos, envolta em farrapos e tiritando com frio, a varrer a rua, antes de amanhecer, com uma enorme vassoura nas mãozinhas arroxeadas e uma lágrima suspensa dos seus belos olhos rasgados.

A gente das redondezas chamavam-lhe a Cotovia. O povo, propenso às figuras, comprazera-se de assim denominar aquela criaturinha, pouco mais gorda do que um passarinho, trémula e assustada, sendo a primeira que de manhã se erguia, não só em casa, mas em toda a aldeia, e sempre antes de ser dia já na rua ou nos campos.

Somente a pobre Cotovia não cantava nunca.

LIVRO QUINTO — A DESCIDA

I — História de um melhoramento no fabrico dos vidrilhos pretos

Entretanto, o que fora feito da mãe, que no dizer dos habitantes de Montfermeil, abandonara a filha? Onde estava e o que fazia? Depois de ter deixado a criança entregue aos mercenários cuidados dos Thenardier, continuava o seu caminho e chegara a Montreuil-sur-mer. Passava-se isto, como estarão lembrados, em 1818.

Fantine tinha deixado a sua província havia dez anos. Montreuil-sur-mer mudara de aspecto. Enquanto Fantine descia lentamente de miséria em miséria, fora prosperando a sua terra natal.

Havia dois anos que se tinha realizado um desses factos industriais que constituem os grandes acontecimentos das terras pequenas.

Este pormenor é importante e por isso julgamos útil desenvolvê-lo, quase diríamos, sublinhá-lo.

Desde tempos remotíssimos que Montreuil-sur-mer tinha por indústria a imitação do azeviche inglês e dos vidrilhos pretos da Alemanha, indústria que vegetara sempre, sem tomar desenvolvimento em grande escala, por causa da carestia das matérias-primas, que reagiam sobre a mão-de-obra Na ocasião em que Fantine voltara a Montreuil-sur-Mer, tinha-se operado uma transformação inaudita na produção dos *artigos pretos.*

Por fins de 1815, viera estabelecer-se na cidade um homem, um desconhecido, a quem ocorreu a ideia de substituir neste fabrico, a resina pela goma laca e, para os braceletes em particular, as correntes apenas juntas em vez de soldadas.

Esta, se bem que, na aparência, pequena mudança, tinha sido contudo uma revolução, porque, com efeito, reduzira espantosamente o preço da matéria-prima, o que permitia: primeiro, elevar o preço da mão de obra, benefício para a localidade; em segundo lugar, melhorar o fabrico, o que era uma vantagem para o consumidor; e em terceiro, vender por melhor preço, triplicando os lucros, benefício para o industrial. Deste modo uma só ideia tivera três resultados.

Em menos de três anos, o autor deste processo enriquecera, o que foi uma coisa boa, enriquecendo também todos em torno de si, o que ainda foi melhor. Aquele homem era estranho ao departamento; da sua origem nada se sabia, dos seus princípios muito menos. Contava-se que viera para a cidade com muito pouco dinheiro, algumas centenas de francos, quando muito. Fora deste pequeno capital, posto ao serviço duma ideia engenhosa, fecundada pela boa ordem e pela inteligência, que ele fizera surgir a sua fortuna e a de toda

aquela terra. Quando chegou a Montreuil-sur-mer, não tinha mais do que o fato que levava no corpo; o seu aspecto e linguagem eram apenas os de um simples operário. Parece que no mesmo dia em que entrava obscuramente na pequena cidade de Montreuil-sur-mer, no fim da tarde de um dia de Dezembro, com uma mochila às costas e um cajado na mão, se manifestara um grande incêndio na casa do concelho municipal, do qual tinha salvo, com risco da própria vida, duas crianças, filhas do capitão da gendarmeria, o que deu causa a que não lhe exigissem o passaporte. Desde essa ocasião, ficara-se, porém, a saber o seu nome. Era o senhor Madelaine.

II — Madelaine

A seu respeito só se podia dizer que era um homem de cinquenta anos, pouco mais ou menos, bondoso, parecendo sempre preocupado.

Graças aos rápidos processos da indústria que ele tão admiravelmente reformara, Montreuil-sur-mer tornara-se um considerável centro de comércio. A Espanha que consome muito azeviche, fazia todos os anos grandes encomendas. Neste ramo de comércio, Montreuil-sur-mer fazia concorrência a Londres e a Berlim. Eram tais os lucros do senhor Madelaine, que logo no segundo ano pudera construir uma grande fábrica, em que havia duas vastas oficinas, uma para homens, outra para mulheres. Quem tivesse fome, podia aí apresentar-se, que tinha de antemão a certeza de encontrar trabalho e pão.

O senhor Madelaine exigia boa vontade dos homens, pureza de costumes das mulheres, e probidade de todos. Para mais facilmente conseguir todas estas coisas, dividira as oficinas, para que, separados os dois sexos, as mulheres e as raparigas não viessem a perverter-se com o contacto dos homens, nem estes a deixarem-se arrastar de vergonhosos desvairamentos por aquelas. Neste ponto era inflexível. Era esta a única coisa para a qual se tornava de alguma maneira intolerante, empregando para conter o mal tanta maior severidade, quanto mais frequentes eram na terra as ocasiões de corrupção, por Montreuil-sur-mer ser uma cidade com guarnição militar De resto, a sua vinda tinha sido um benefício e a sua presença era uma providência. Antes da chegada do senhor Madelaine, tudo naquela terra jazia num estado de desalentada languidez; depois todos passaram a viver a vida sã do trabalho, aquecia tudo e penetrava em toda a parte o movimento duma forte circulação. Tanto a falta de trabalho como a miséria eram ali desconhecidos. Não havia bolsa, por mais mesquinha que fosse, em que não se encontrasse algum dinheiro, nem casa tão pobre que não penetrasse um quente raio de alegria. O senhor Madelaine empregava toda a gente, fazendo uma única exigência: «Seja homem de bem! Seja mulher honesta!»

Como já dissemos, no meio desta actividade, de que era a causa e o eixo,

fazia o senhor Madelaine a sua fortuna; mas, coisa assaz singular num simples homem de comércio, não mostrava ser esse o seu principal cuidado. Parecia que cuidava muito nos outros e pouco em si. Em 1820 sabia-se que tinha seiscentos e trinta mil francos, depositados em seu nome na casa Laffite; antes, porém, de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, tinha gasto mais de um milhão em favor da cidade e dos pobres.

O hospital estava mal dotado; o senhor Madelaine mandou estabelecer mais dez camas. Montreuil-sur-mer era dividida em cidade alta e cidade baixa A cidade baixa, onde ele morava, tinha apenas uma escola, velho pardieiro quase em ruínas: fundou duas, uma para meninas e outra para rapazes, dando aos professores, do seu bolso, o dobro do magro ordenado oficial que recebiam, dizendo um dia a alguém que se admirava de que ele fizesse estas despesas: «Os primeiros funcionários do Estado são as amas de leite e os professores de instrução primária». Criara a expensas suas uma casa de asilo, coisa então quase desconhecida em França, e uma caixa de socorros para os operários velhos e enfermos.

Como a sua fábrica se tornasse um centro, surgiu rapidamente em torno dela um novo bairro, onde morava um grande número de famílias indigentes e onde estabeleceu uma farmácia gratuita.

Ao princípio, quando o viram começar os alicerces da sua fortuna, as boas almas disseram: «É um atrevido que quer enriquecer». Quando o viram enriquecer a terra onde estava, antes de se enriquecer a si próprio, disseram ainda as mesmas boas almas: «É um ambicioso». Isto parecia tanto mais provável, por ele ser religioso e até certo ponto zeloso nas práticas externas, coisa muito bem vista naquela época. Ia regularmente ouvir uma missa rezada todos os domingos.

O deputado local, que por toda a parte farejava concorrência, não tardou a inquietar-se com a sua religião. Este deputado, que tinha sido membro do conselho geral, participava das ideias religiosas de um padre da Congregação do Oratório, conhecido sob o nome de Fouché, duque de Otranto, de quem fora amigo íntimo. No fundo da sua consciência, ria-se de Deus e das coisas sagradas. Mas quando viu o rico industrial Madelaine ir à missa rezadadas sete horas, entreviu apossibilidade de um candidato e resolveu ultrapassá-lo em zelo, tomando um jesuíta para confessor e nunca faltando à missa cantada e a vésperas.

Naquele tempo, a ambição era, na verdadeira acepção da palavra, o caminho do campanário. Foi proveito dos pobres, tanto como de Deus, aquele terror, porque o respeitável deputado dotou o hospital com mais duas camas, o que fez subir o seu número a doze.

Todavia, em 1819, espalhou-se um dia na cidade o boato de que, por proposta do senhor prefeito e em consideração aos serviços prestados àquela localidade pelo senhor Madelaine, ia este ser nomeado pelo rei, maire de Montreuil-sur-mer. Os que à sua chegada o tinham apodado de «ambicioso», aproveitaram com entusiasmo esta ocasião, que todos desejam, para exclamar: «Aí está! Que tínhamos nós dito?» Em Montreuil-sur-mer não se falava noutra coisa e o boato tinha fundamento. Passados alguns dias apareceu o decreto da nomeação no *Monitor* e, no dia seguinte, o senhor Madelaine declarou que não aceitava.

Nesse mesmo ano de 1819, figuravam na exposição industrial os produtos do novo sistema inventado por Madelaine, o que fez em vista do relatório do júri, com que o rei o nomeasse cavaleiro da Legião de Honra. Novo rumor na pequena cidade: «Está visto, o que ele queria era a cruz!» Porém, o senhor Madelaine recusou a venera.

Decididamente aquele homem era um enigma, mas as boas almas, não o podendo decifrar, saíam do embaraço em que se viam, dizendo: «Afinal de contas, não passa de um aventureiro».

Como já se viu, a localidade devia-lhe muito e os pobres deviam-lhe tudo; Madelaine era tão útil, que fora indispensável que acabassem por lhe render o respeito que lhe era devido, era tão bondoso, que tinha sido impossível deixarem de lhe querer bem; os seus operários, especialmente, adoravam-no, adoração que ele recebia com uma espécie de gravidade melancólica.

Depois de se tornar incontestável a sua riqueza, as «pessoas da sociedade» passaram a cumprimentá-lo, chamando-lhe todos na cidade o senhor Madelaine; contudo, os seus operários e as crianças continuaram a chamar-lhe senhor Madelaine, sendo isto o que o fazia sorrir de melhor grado. A medida que subia, choviam sobre ele os convites. A «sociedade» reclamava-o.

As mesquinhas e pretensiosas salas de Montreuil-sur-mer, que, bem entendido, se teriam fechado nos primeiros tempos ao homem, trabalhador, abriram as suas portas de par em par ao milionário, Madelaine, porém, esquivou-se sempre aos convites.

Ainda desta vez as boas almas não puderam conter-se: «É um homem ignorante e de fraca educação. Ninguém sabe de onde veio, e seria incapaz de portar-se com decência entre pessoas de sociedade. Nem ainda se provou que saiba ler».

Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: «É um comerciante». Ao vê-lo distribuir o dinheiro que ganhara, bradaram: «É um ambicioso». Quando viram que repelia todas as honras, exclamaram: «É um aventureiro!» E, finalmente, disseram, ao vê-lo fugir esquivo à convivência da sociedade: «É

um homem grosseiro!»

Em 1820, cinco anos depois da sua chegada a Montreuil-sur-mer, eram já tão notáveis os serviços que prestara à localidade em que se estabelecera e o voto de todo o distrito fora de tal modo unânime, que o rei nomeou-o novamente *maire*. Tornou a recusar, mas o prefeito resistiu à sua recusa, as pessoas notáveis instaram todas com ele para que aceitasse, o povo, mesmo no meio da rua, suplicava-lho; numa palavra, viu-se de tal modo solicitado, que aceitou finalmente.

Notou-se que o que pareceu sobretudo decidi-lo, foi a apóstrofe quase irritada de uma velha mulher do povo, que lhe gritara com mau modo do limiar da sua porta:

Um bom *maire é* muito útil. Ninguém tem o direito de recuar diante do bem que pode fazer. Foi esta a terceira fase da sua ascensão. O senhor Madelaine tinha-se tornado o senhor Madelaine, o senhor Madelaine tornou-se o senhor *maire*.

III — Somas depositadas na casa Laffite

Era ainda, porém, o mesmo homem bondoso e simples de outro tempo. Tinha os cabelos grisalhos, o olhar grave, a tez morena de um operari'o e o rosto pensativo de um filósofo. Trazia habitualmente um chapéu de abas largas e uma comprida sobrecasaca de pano grosso, abotoada até ao pescoço. Exercia as suas funções de *maire,* mas fora disso vivia isolado, convivendo com pouca gente, furtando-se a cumprimentos e troca de finezas, saudando de passagem, esquivando-se rápido, sorrindo para se dispensar de conversar e dava para se dispensar de sorrir. As mulheres quando falavam a seu respeito, exclamavam: «Que grande urso!»

Um dos seus maiores prazeres era passear sozinho pelos campos. Comia sempre só, tendo diante de si um livro aberto em que ao mesmo tempo ia lendo. Tinha a paixão dos livros e possuía uma pequena biblioteca muito bem guarnecida. Os livros são amigos imparciais e fiéis. A medida que a fortuna lhe ia dando mais descanso parecia que o aproveitava para cultivar o espírito. Notava-se que desde que residia em Montreuil-sur-mer, a sua linguagem se tornava de ano para ano mais polida e agradável.

Nos seus frequentes passeios, levava às vezes uma espingarda, de que raro se servia, mas quando isso por acaso sucedia, atirava com uma infantilidade de assustar. Nunca matava um animal inofensivo, nunca atirava a um passarinho.

Conquanto já não fosse novo, dizia-se ser dotado de prodigiosa força. Dava sempre a ajuda do seu braço a quem dele precisava; levantava um cavalo, impelia uma roda atolada e segurava pelas pontas um touro fugido. Quando

saía de casa levava sempre os bolsos cheios de dinheiro, mas ao recolher vinha com eles vazios. Se passava por alguma aldeia, as crianças esfarrapadas corriam alegremente atrás dele e rodeavam-no como uma nuvem de mosquitos.

Acreditava-se que aquele homem tinha outrora vivido a vida dos campos, porque conhecia toda a qualidade de segredos úteis, com que instruir os camponeses. Explicava-lhes o modo de destruir o morrão dos trigos, regando o celeiro e inundando as fendas do soalho com uma dissolução de Sal comum; a preservá-los do gorgulho, suspendendo por toda a parte, nas paredes e nos tectos, nas pastagens e nas casas, a planta que o afugenta. Sabia «receitas» para extirpar de um campo o joio, a alforra, a ervilhaca, todas as ervas parasitas nocivas ao trigo. Defendia uma coelheira dos ratos, simplesmente com o cheiro de um pequeno porco da Barbaria, que nela introduzia.

Um dia, estando a observar uns aldeões muito atarefados a arrancar urtigas, olhou para o montão de plantas arrancadas e já secas, dizendo: «Agora já estão inutilizadas.» Não obstante seriam aproveitáveis se soubessem servir-se delas. Quando a urtiga é nova, a sua folha é um legume excelente; depois de velha, tem filamentos e fibras, como o linho e o cânhamo. O tecido de urtiga é tão bom como o fabricado de linho. Cortada, é excelente para a criação; pisada, é boa para os animais cornígeros. A semente da urtiga misturada na comida do gado faz-lhe o pêlo luzidio, e a raiz misturada com sal produz uma bela cor amarela, além de ser ainda um excelente pasto, que se pode segar duas vezes. E o que exige a urtiga? Um pedaço de terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só o que custa é colher a semente, porque vai caindo, consoante vai amadurecendo; e eis tudo. com mais algum trabalho, a urtiga tornar-se-ia útil; desprezam-na, por isso se torna nociva e então destroem-na. Quantos homens há que se assemelham às urtigas! E depois de uma pausa, acrescentou: Meus amigos, tomai bem sentido nisto: não há ervas más, nem maus homens, o que há são maus cultivadores.

As crianças também o amavam, porque ele fazia-lhes bonitas coisas de palha e casca de coco.

Quando via a porta duma igreja armada de preto, entrava; este homem procurava um enterro, como outros procuram um baptizado. Atraía-o o espectáculo da viuvez e da desventura alheia, por efeito da grande doçura do seu carácter; misturava-se com os amigos em luto, com as famílias vestidas de preto, com os sacerdotes, gemendo em volta de um féretro. Parecia dar voluntariamente por texto aos seus pensamentos os salmos fúnebres, em que transparecia a visão de um outro mundo.

Escutava com os olhos voltados para o céu e uma espécie de aspiração para

todos osmistérios do infinito, aquelas vozes tristes que cantam à beira do escuro abismo da morte.

Praticava uma infinidade de boas acções, ocultando-se delas, como outros se ocultam para praticar as más. De noite, introduzia-se furtivamente nalgumas casas, subindo cautelosamente as escadas, como um ratoneiro nocturno que procura, a coberto da noite, lançar a mão criminosa.

De modo que, um pobre homem, ao recolher-se para o seu miserável tugúrio, encontrava às vezes a porta aberta, ou até com indícios de lha terem forçado, durante a sua ausência e exclamava: «Andaram aqui os ladrões!» Porém, ao entrar, a primeira coisa que via era uma moeda de oiro em cima de algum móvel. O «malfeitor» que andara por ali, era o senhor Madelaine.

Era um homem afável e triste, o que fazia o povo dizer: «Ali está um rico que não tem ar de soberba, como muitos. É um homem feliz, com cara de quem não vive satisfeito.» Pretendiam alguns que era um personagem misterioso e afirmavam não entrar ninguém no seu quarto, o qual era uma verdadeira cela de anacoreta, mobilada de ampulhetas com asas e adornada com caveiras e tíbias dispostas em cruz. Dizia-se isto com tanta certeza, que algumas jovens e elegantes senhoras de Montreuil-sur-mer, foram um dia asua casa e disseram-lhe:

— Senhor *maire,* deixe-nos ver o seu quarto, todos dizem que parece uma gruta.

O *maire* sorriu e conduziu-as imediatamente à sua «gruta». Foram punidas pela sua curiosidade, porque viram simplesmente um quarto guarnecido de móveis, de acaju, feios como todos os móveis deste género e com as paredes forradas de papel de doze soldos. O que ali viram de mais notável foram dois castiçais de feitio muito antigo, dispostos sobre a pedra do fogão e que pareciam ser de prata, porque tinham a marca de contraste. Mas isto não obstou, todavia, a que se continuasse a dizer que no quarto dele não entrava ninguém, porque era uma caverna de eremita, uma toca, um túmulo.

Segredava-se também que tinha somas «enormes» depositadas na casa Laffite, com a particularidade de que estava sempre à sua imediata disposição; de tal modo, acrescentavam, que o senhor Madelaine podia chegar num dia a casa daquele banqueiro, assinar um recibo e trazer consigo dois ou três milhões. A verdade era que aqueles dois ou três milhões, como já dissemos, reduzia-se a seiscentos e trinta ou a seiscentos e quarenta mil francos.

IV — O senhor Madelaine de luto

Em princípios do ano de 1821, os jornais deram a notícia da morte de Monsenhor Myriel, bispo de Digne, apelidado de *Monsenhor Bemvindo,* oqual

falecera com oitenta e dois anos, com reputação de santidade. O bispo de Digne, para acrescentar aqui um pormenor que os periódicos omitiram, quando morreu, havia muitos anos que estava cego, mas vivendo satisfeito com a sua cegueira, por ter a irmã junto de si.

Digamo-lo de passagem, ser cego e ser amado, é com efeito, neste mundo, onde nada é completo, uma das formas mais estranhamente esquisitas da felicidade. Ter de contínuo ao pé de si uma mulher, uma filha, uma irmã, um ser encantador, que está ali porque lhe é preciso, porque não pode passar sem ele, saber que é indispensável ao ente que lhe é necessário, poder incessantemente medir a sua afeição pelas horas que o tem na sua presença e dizer consigo: «Uma vez que me consagra todo o seu tempo é porque possuo todo o seu coração». Ver-lhe o pensamento, à falta de lhe poder ver o rosto, ter a certezada fidelidade de uma criatura no eclipse de um mundo, pressentir o roçagar de um vestido, como se fosse um ruído de asas, ouvi-la falar, cantar, andar de um lado para outro e pensar que é o centro daquelas falas, daquele cantar, daqueles passos; manifestar a todos os instantes a sua própria atracção, sentir-se tanto mais poderoso quanto mais fraco é, e torna-se na escuridão e pela escuridão, o astro em torno do qual gravita aquele anjo; poucas felicidades há no mundo iguais a esta.

A suprema felicidade da vida é a convicção de que somos amados, mas amados por nós mesmos, ou antes, a despeito de nós mesmos; esta convicção tem-na o cego. No meio da sua desdita, ser servido é ser acariciado. Falta-lhe alguma coisa? Não. Quando se conserva o amor não se perde a luz. E que amor! Um amor inteiramente formado de virtudes. Não há cegueira onde exista certeza. A alma procura às apalpadelas a alma e encontra-a. E esta *alma,* que tem já passado por todas as provas, é uma mulher. Quando um cego sente a mão do seu guia, é a sua; os lábios que lhe tocam a fronte, sãos os seus lábios; a respiração que sente junto de si, pertence-lhe.

Receber dela tudo, desde o culto à compaixão, não ser nunca esquecido, ter sempre o socorro da sua doce fraqueza, apoiar-se num vime inabalável, tocar com as próprias mãos a Providência e poder tomá-la nos braços! Deus palpável! Que encanto! O coração, essa celeste flor obscura, entra então em misteriosa expansão. Ninguém trocaria uma tal sombra por toda a claridade! A alma anjo está sempre ali; se acaso se afasta é para voltar de novo; desvanece-se como o sonho e reaparece como a realidade.

É certa a sua presença, quando se sente a aproximação de um calor benéfico. O coração transborda de serenidade, de alegria e de êxtase; e o cego torna-se um esplendor no meio da noite. E depois, mil cuidadozinhos, mil desvelos. Nadas que são enormes num tal vácuo como a cegueira.

Os mais inefáveis sons da voz feminina empregam-se em embalar o cego e suprem para ele o Universo desaparecido. O cego é acariciado pela alma. Não vê, mas sente-se adorado. A cegueira é um paraíso de sombras. Fora deste paraíso que Monsenhor Bemvindo passara para o outro.

No dia seguinte ao da notícia em que a sua morte foi reproduzida pelo jornal da localidade, o senhor Madelaine apresentou-se vestido de preto e com fumo no chapéu.

Aquele luto tornou-se reparado na cidade, tirando daí cada um o tema para mais ou menos acertadas conjecturas.

— Este facto parecia vir deitar um raio de luz nas sombras em que se escondia a origem do senhor Madelaine. Concluiu-se daí que tinha algumas relações de parentesco com o venerável bispo. «Anda de luto pelo bispo de Digne», dizia-se nos salões. Este facto realçou muito o senhor Madelaine, dando-lhe subitamente certa consideração entre a nobreza de Montreuil-sur-mer O microscópico bairro Saint-Germain da localidade, lembrou-se então de pôr fim à quarentena do senhor Madelaine, tornado parente provável dum bispo.

O *maire* notou a consideração que obtivera pelos mais frequentes cumprimentos das senhoras velhas e pelo sorriso das novas. Um dia, uma decana daquela sociedadezinha aristocrata, curiosa por direito de antiguidade, arriscou-se a perguntar-lhe:

— O senhor *maire* era sem dúvida primo do falecido bispo de Digne?

— Não, minha senhora — respondeu ele.

— Mas — tornou a decana — como tomou luto por ele?

— É porque na minha mocidade fui lacaio da sua família.

Havia ainda quem notasse mais uma coisa e era que, todas as vezes que pela cidade passava algum jovem saboiano, oferecendo-se para limpar as chaminés, o senhor *maire* mandava-o chamar, perguntava-lhe o nome e dava-lhe dinheiro. Os saboianas que por ali passavam contavam isto aos outros e resultava daqui aparecerem muitos na cidade.

V — Vários clarões no horizonte

A pouco e pouco e com o andar do tempo, tinham caído todas as oposições. Houvera a princípio quem tentasse denegrir com calúnias o carácter do senhor Madelaine, lei a que estão sujeitos todos os que se elevam; depois foram apenas insinuações malévolas, não passando em seguida de ditos malignos, e afinal tudo isso se desvaneceu completamente O respeito tornou-se completo, unânime, cordial, e uma ocasião chegou, em 1821, em que esta só frase, senhor *maire,* foi pronunciada em Montreuil-surnmer quase no mesmo tom em que na cidade de Digne, em 1815, se dizia o senhor bispo.

Vinha gente de dez léguas em redor consultar o senhor Madelaine. Era ele quem reconciliava os desavindos, impedia as demandas e reconciliava os inimigos. Todos o tomavam por juiz do seu bom direito. Parecia que tinha por alma o livro da lei natural. Foi um como contágio de veneração, que em seis ou sete anos atacou toda a gente daquela terra e seus arredores.

Um único homem, somente, em toda a cidade e arredores, se esquivou de todo a este contágio e permaneceu rebelde, apesar de tudo o que fez o senhor Madelaine, como se uma espécie de instinto, incorruptível e imperturbável, o despertasse e afligisse. Parece, com efeito, que existe em certos homens um verdadeiro instinto bestial, puro e íntegro como todo o instinto, que cria as simpatias e as antipatias, que separa fatalmente uma de outra natureza, que não hesita, nem vacila, que nunca se cala, nem desmente, claro na sua obscuridade, infalível, imperioso, refractário a todos os conselhos da inteligência e a todos os dissolventes da razão, e que, quaisquer que sejam as formas do destino reservado a cada um, secretamente adverte o homem-cão da presença do homem-gato, e o homem-raposa da presença do homem-leão.

Acontecia frequentes vezes, quando Madelaine passava por uma rua, sereno, afectuoso, coberto das gerais bênçãos, um homem de estatura elevada, com um casacão pardo, chapéu de copa baixa na cabeça, e grossa bengala na mão, voltar-se subitamente para trás e segui-lo com a vista até ele desaparecer, cruzando os braços, abanando a cabeça com lentidão e levantando o lábio superior junto com o inferior até ao nariz; trejeito significativo que poderia traduzir-se por estas palavras: «Mas quem é este homem? Tenho a certeza de que já o vi algures. Em todo o caso não é a mim que ele engana».

Este personagem, de uma gravidade quase ameaçadora, era daqueles que, mesmo vistos de passagem, preocupam o observador.

Chamava-se Javert e era funcionário da polícia, exercendo então em Montreuil-sur-mer as penosas, mas úteis funções de inspector. Não assistira aos primeiros passos que Madelaine dera no caminho da fortuna, porque Javert devia o lugar que ocupava à protecção do senhor Ghabouillet, secretário do ministro conde Angles, então prefeito da polícia em Paris. Quando Javert chegara a Montreuil-sur-mer, já a fortuna do grande industrial estava formada e o senhor Madelaine se tinha tornado senhor Madelaine.

Certos agentes da polícia têm uma fisionomia característica, que é uma mistura de baixeza e ar de autoridade. Javert tinha essa fisionomia, menos a baixeza.

É nossa convicção que, se as almas fossem visíveis aos olhos, ver-se-ia distintamente uma coisa extraordinária, e vem a ser, que cada um dos

indivíduos da espécie humana corresponde a alguma das espécies da criação animal; e poder-se-ia reconhecer facilmente a verdade, entrevista apenas pelo filósofo, de que desde a ostra até à águia, desde o porco ao tigre, todos os animais estão no homem e cada um num homem só, se é que às vezes não se dá o caso de estarem uns poucos.

Os animais não são senão as figuras das nossas virtudes e vícios, divagando diante dos nossos olhos, como fantasmas visíveis das nossas almas, que Deus nos mostra para nos fazer reflectir e pensar. Somente, como os animais são simples sombras, não os fez Deus educáveis em toda a extensão da palavra. com que fim? Pelo contrário, sendo as nossas almas realidades e tendo um fim que lhes é próprio, deu-lhes Deus a inteligência, isto é, a educaçãopossível. A educação social bem dirigida pode extrair de uma alma, qualquer que ela seja, toda a utilidade que em si contiver.

Dizemos isto, bem entendido, restringindo-nos ao ponto de vista circunscrito da vida terrestre aparente e sem prejudicar a profunda questão da personalidade anterior ou ulterior dos seres que não são o homem. O *eu* visível de nenhum modo autoriza o pensador a negar o *eu* latente. Feito este reparo, prossigamos.

Agora, se por um momento admitem connosco, que em todo o homem há uma das espécies animais da criação, ser-nos-á fácil dizer o que era o polícia Javert.

Há entre os aldeões asturianos a convicção de que de cada ninhada que uma loba dá à luz, sai um cão, a quem a mãe mata, porque, se o deixasse, lhe devoraria os outros filhos.

Dai uma face humana a esse cão, filho de uma loba, e tereis Javert.

Javert nascera numa prisão, de uma mulher que deitava cartas e cujo marido estava nas galés. Depois de homem, lembrou-se que estava fora da sociedade e perdeu para sempre a esperança de tornar a entrar nela Reparou que a sociedade mantinha irremissivelmente fora de si duas classes de homens: os que a atacam e os que a guardam; não podia escolher senão entre estas duas classes, ao mesmo tempo que sentia em si um fundo de rigidez, de regularidade e de probidade, de envolta com inexplicável ódio à raça de boémios a que pertencia. Entrou na polícia e foi afortunado, porque aos quarenta anos era inspector, tendo na sua mocidade sido vigia dos forçados de Toulon.

Antes de nos adiantarmos mais, entendamo-nos sobre as palavras *face humana,* que há pouco aplicámos a Javert.

A face humana de Javert consistia num nariz chato, de ventas largas, para as quais subiam, dos dois lados do rosto, enormes suíças. Aquelas duas

florestas de cabelos e as duas cavernas, causavam certa sensação de terror, vistas pela primeira vez. Quando Javert ria, o que era raro e terrível, descerravam-se-lhe os lábios delgados, deixando ver não só os dentes, mas as gengivas, e formando-se-lhe em roda do nariz uma ruga deprimida e selvática, como as que se vêem no focinho dos animais ferozes Javert sério, era um cão de fila; quando ria, era um tigre. Quanto ao mais, crânio pequeno, mandíbulas grandes, os cabelos caídos para diante dos olhos e entre estes uma ruga central permanente, como um indício de cólera; olhar sombrio, boca encrespada e temível com ar feroz.

Este homem era composto de dois sentimentos muito simples e muito bons relativamente, mas que ele tornava quase maus à força de os exagerar; o respeito à autoridade e o ódio à rebelião. A seus olhos, o roubo, o assassínio, todos os crimes, enfim, não eram senão outras tantas expressões de rebelião; deste modo, envolvia numa espécie de fé cega e profunda, tudo o que no Estado estava investido de certas atribuições, desde o primeiro ministro até ao zelador municipal, cobrindo de desprezo, de aversão e de ódio tudo o que uma vez ultrapassasse as raias legais da justiça. Era absoluto e não admitia excepções. Por um lado dizia: «O funcionário não pode enganar-se, nem o magistrado de ter razão». Pelo outro pensava: «Esses estão irremediavelmente perdidos. Não pode sair deles coisa boa». Abraçava plenamente a opinião desses espíritos extremos, que atribuem à lei humana não sei que poder de fazer ou, se assim o preferem, provar que há demónios e que colocam uma Stige no fundo da sociedade. Era um homem estóico, sério e austero; atreito a cogitações melancólicas, humilde e altivo, como o são os fanáticos. O seu olhar era uma verruma, frio e perfurante. Toda a sua vida se encerrava em duas palavras: velar e vigiar.

Introduzira a linha recta no que de mais tortuoso havia no mundo, tendo a consciência da sua utilidade, a religião das funções que desempenhava, e sendo espião como outro qualquer seria sacerdote. Desgraçado do que lhe caísse nas mãos. Era homem capaz de prender o pai, se o encontrasse evadido das galés, de denunciar a mãe, fugida do degredo, e tê-lo-ia feito com essa espécie de satisfação interior que dá a virtude a quem a pratica. Ajuntai a isto uma vida de privações, o isolamento, a abnegação, a castidade, e nem uma só distracção. Era o dever implacável, a polícia Compreendida Como os espartanos compreendiam Esparta, uma atalaia impiedosa, uma honradez feroz, um espião de mármore, Bruto incarnado em Vidocq.

Toda a pessoa de Javert exprimia o homem que espia e que se esconde. A escola mística de José de Maistre, que naquela época dava um sabor de alta cosmogonia ao que chamavam jornais-ultras, tê-lo-ia infalivelmente

denominado um símbolo. Não se lhe descobria a cabeça, oculta pelo chapéu; não se lhe viam os olhos, perdidos no emaranhado das sobrancelhas; não se lhe divisava a barba, enterrada na amplidão da gravata; não se lhe enxergavam as mãos, de contínuo metidas nas mangas; não se lhe descortinava a bengala, que trazia debaixo do casacão. Mas, chegada a ocasião, via-se sair subitamente de toda esta sombra, como de uma emboscada, uma fronte angulosa estreita, um olhar funesto, uma barba ameaçadora, umas enormes mãos e um bordão monstruoso.

Nos seus momentos de descanso, que eram pouco frequentes, Javert lia, embora aborrecesse os livros, o que era causa de que ele não fosse de todo ignorante. Reconhecia-se-lhe isso pelo ênfase com que falava.

Já dissemos que não tinha um só vício. Quando se sentia satisfeito de si próprio, concedia-se a distracção de tomar uma pitada de rapé. Era este um ponto pelo qual se ligava à humanidade.

Facilmente se compreende que Javert era o terror de toda esta classe, que a estatística anual do ministério da justiça designa sob a rubrica de *gente sem profissão.* Bastava pronunciar o nome de Javert para pô-la em debandada; o seu aparecimento petrificava-a.

Tal era este homem terrível.

Javert era uma espécie de olho sempre fito no senhor Madelaine, mas olho cheio de suspeitas e conjecturas. O senhor Madelaine chegou por fim a fazer reparo nisso, mas pareceu não lhe dar cuidado nenhum semelhante coisa. Não fez uma só pergunta a Javert, não o procurava nem lhe evitava a presença; lançava a tudo, sem parecer dar por tal, aquele seu olhar mortificante e quase pesado, tratando Javert como a toda a gente, com bondosa afabilidade.

Por algumas palavras que Javert deixara escapar, adivinhava-se que ele tinha investigado secretamente, com a curiosidade que denuncia a raça e onde há tanto de instinto como de vontade, todos os vestígios anteriores que o senhor Madelaine tivesse por acaso deixado atrás de si noutras partes. Parecia saber e dizia-o às vezes, enigmaticamente, que alguém tomara várias informações em certa terra, a respeito de uma família que desaparecera. Uma vez chegou até a dizer, falando consigo próprio: «Parece-me que o filei!» Depois disto, andou três dias pensativo, sem pronunciar uma palavra. Parecia ter-se-lhe quebrado o fio que conseguira segurar.

Apesar de tudo isto, e é este o correctivo necessário ao sentido demasiadamente absoluto que se poderia dar a certas palavras, não pode haver nada verdadeiramente infalível numa criatura humana, e a principal propriedade do instinto consiste precisamente em poder ser perturbado, apanhado e derrotado. Sem isto seria superior à inteligência, e encontrar-se-ia

no animal melhor luz que no homem.

Javert ficara evidentemente algum tempo embaraçado com a serenidade e o modo inteiramente natural do senhor Madelaine.

Um dia, todavia, o estranho proceder daquele homem pareceu impressionar o maire de Montreuil-sur-mer. Eis aqui em que ocasião.

VI —Fauchelevent

O senhor Madelaine, certa manhã, indo a passar por uma viela de Montreuil-sur-mer, ouviu barulho, olhou e, vendo um grupo de gente a alguma distância, dirigiu-se para ali. A causa daquele ajuntamento era um velho chamado Fauchelevent ter caído, ficando debaixo das rodas do carro que guiava, acidente devido ao cavalo que o puxava ter tropeçado e caído também.

Este Fauchelevent era um dos raros inimigos que o senhor Madelaine tinha ainda naquela época. Quando Madelaine veio estabelecer-se na terra, Fauchelevent, antigo tabelião e aldeão quase letrado, negociava, mas o seu negócio principiava a correr mal. Fauchelevent viu enriquecer aquele simples operário, enquanto que ele, sendo patrão, se arruinava, e isto acometeu-o de inveja, de maneira que daí em diante não perdeu uma só ocasião de prejudicar Madelaine no que podia. Viera, porém, a quebrar, e vendo-se velho, sem família e sem filhos, sem ter de seu mais que um carro e um cavalo, fez-se carroceiro para ganhar a vida.

O cavalo tinha as duas pernas quebradas, não podendo por isso levantar-se, e o velho estava entalado entre as duas rodas. A queda fora de tal modo desastrosa, que todo o peso da carroça, demasiado carregada, lhe oprimia o peito. O pobre velho soltava os mais dolorosos gemidos, devido às dores que sentia. Haviam tentado tirá-lo dali, mas em vão. Qualquer esforço mal aplicado, qualquer ajuda pouco jeitosa, podia matá-lo. Era impossível livrá-lo de tão terrível posição, senão levantando a carroça por baixo. Javert, que apareceu ali no momento do desastre, mandou imediatamente buscar um macaco para levantar o carro.

Foi nesta ocasião que chegou o senhor Madelaine e todos se afastaram respeitosamente.

— Quem me acode! — gritava Fauchelevent. — Não há aí uma alma caridosa que acuda ao pobre velho?

O senhor Madelaine voltou-se para os assistentes.

— Não há por aí um macaco?

— Foram já arranjá-lo — respondeu um aldeão.

— Quanto tempo levará a chegar?

— Mandou-se aonde era mais perto, ao lugar de Flachot, onde há um

ferrador, mas mesmo assim não gastará menos dum quarto de hora para chegar aqui.

— Um quarto de hora! — exclamou Madelaine.

Como tinha chovido na véspera, o terreno estava encharcado, de maneira que o carro se enterrava cada vez mais, oprimindo cada vez mais o peito do desventurado velho. Era evidente que antes de cinco minutos estaria com as costelas quebradas.

— É impossível esperar um quarto de hora — disse Madelaine para os que o rodeavam.

— Pois não há outro remédio!

— Mas então já será tarde! Não vêem como a carroça se vai enterrando?

— Valha-nos Deus!

— Escutem — tornou Madelaine — debaixo da carroça há ainda bastante espaço para que ali se meta um homem e a levante com as costas. Bastará erguê-la por meio minuto, para que se possa tirar o pobre homem. Se houver aqui alguém que tenha força e bom coração, ganhará por isso cinco luíses de oiro!

Nem um só se mexeu no meio do grupo.

— Dez luíses! — disse Madelaine.

Todos os presentes baixaram os olhos e um deles murmurou:

— Era preciso ser de ferro... E depois pode-se ficar esmagado.

— Vamos! — tornou Madelaine. — Vinte luíses!

O mesmo silêncio.

— Não é boa vontade o que lhes falta! — disse uma voz.

Madelaine voltou-se e reconheceu Javert, em quem não tinha reparado quando ali chegara. Javert continuou:

— O que lhes falta é força. Seria preciso um homem muito possante para levantar com os ombros um carro destes.

Depois, olhando fixamente para Madelaine, prosseguiu, acentuando cada uma das palavras que pronunciava:

— Senhor Madelaine, ainda não conheci senão um homem que fosse capaz de fazer o que o senhor quer.

Madelaine estremeceu.

Javert acrescentou com ar de indiferença, mas sem despregar os olhos de Madelaine:

— Era um forçado.

— Ah! — exclamou Madelaine.

— Que estava nas galés de Toulon.

Madelaine empalideceu.

Entretanto, a carroça continuava a enterrar-se vagarosamente. Fauchelevent gemia e gritava:

— Acudam-me, senão morro aqui esmagado!

Madelaine tornou a olhar em volta de si.

— Então não há ninguém que queira ganhar vinte luíses, salvando a vida a este pobre homem?

Como da primeira vez, ninguém se mexeu. Javert repetiu:

— Ainda não conheci senão um homem que fosse capaz de o fazer, era o tal forçado.

— Ai que eu morro! — gritava o velho.

Madelaine ergueu a cabeça, encontrou o olhar de falcão de Javert, sempre fixo nele, olhou para os circunstantes imóveis e sorriu com tristeza. Depois, sem dizer uma palavra, deitou-se de joelhos e antes mesmo que a multidão tivesse tempo de soltar um grito, estava debaixo do carro.

Seguiu-se um terrível momento de silenciosa espectativa.

Todos viram Madelaine quase de bruços, sob aquele enorme peso, tentar em vão duas vezes aproximar os cotovelos dos joelhos e gritaram-lhe:

— Saia daí, senhor Madelaine!

O próprio Fauchelevent disse-lhe:

— Olhe que se arrisca a ser esmagado como eu, senhor Madelaine! Bem vê que não me pode salvar, tenho por força de morrer!

Madelaine não lhe respondeu.

Todos os presentes estavam arquejantes de ansiedade. As rodas tinham continuado a enterrar-se e era já quase impossível que Madelaine pudesse sair debaixo do carro.

De repente, todos viram mover-se a enorme massa, o carro erguia-se lentamente, as rodas apareciam já meio desenterradas, ao mesmo tempo que se ouvia uma voz, gritando:

— Ajudem-me, depressa!

Era Madelaine que acabara de fazer um derradeiro esforço.

Precipitaram-se todos. A dedicação de um só dera força e coragem aos outros. A carroça foi levantada por vinte braços e o velho Fauchelevent foi salvo.

Madelaine ergueu-se. Estava pálido, conquanto escorrendo suor, e tinha o fato todo rasgado e coberto de lama. Todos choravam de prazer, e o pobre velho abraçava-o pelos joelhos, chamando-lhe o seu redentor. Quanto a ele, tinha no rosto como que uma expressão de sofrimento feliz e celeste, e fixava o seu olhar sereno em Javert, que continuava a encará-lo do mesmo modo.

VII — Fauchelevent torna-se jardineiro em Paris

Fauchelevent tinha deslocado um joelho ao cair. O senhor Madelaine mandou conduzi-lo imediatamente para uma enfermaria que estabelecera para os seus operários, no próprio edifício da fábrica, que era dirigida por duas irmãs de caridade. No dia seguinte, o pobre velho encontrou sobre a mesa de cabeceira uma nota de mil francos, com estas palavras escritas pelo punho do senhor Madelaine: «Compro-lhe a carroça e o cavalo». Ora a carroça estava desconjuntada e o cavalo morto. Fauchelevent restabeleceu-se, mas o joelho ficou-lhe sempre aleijado Madelaine, com as recomendações das irmãs de caridade e do cura, arranjou-lhe o lugar de jardineiro num convento de freiras no bairro de Santo António em Paris.

Daí a algum tempo, Madelaine foi nomeado *maire.* Javert, da primeira vez que o viu revestido da faixa que lhe dava toda a autoridade sobre a cidade, sentiu a espécie de estremecimento que percorreria o corpo de um cão de fila ao farejar um lobo debaixo da roupa do seu dono e, daí em diante, evitou a sua presença sempre que lhe foi possível. Quando, porém, as necessidades do serviço o exigiam absolutamente e ele não podia deixar de se encontrar com o *maire,* falava-lhe sempre com profundo respeito.

A prosperidade de Montreuil-sur-mer criada pelo senhor Madelaine tinha, além dos sinais visíveis que já indicámos, um outro sintoma que, conquanto não fosse visível, não deixava por isso de ser tão significativo como os outros. É uma coisa que nunca falha. Quando a população sofre, quando falta o trabalho e o comércio é nulo, o contribuinte resiste ao imposto por penúria, não paga dentro dos prazos estabelecidos e o Estado faz grandes despesas para os obrigar ao pagamento dos respectivos impostos. Quando, porém, abunda o trabalho, quando o país é rico e feliz, o imposto paga-se voluntariamente e custa pouco ao Estado. Pode dizer-se que a miséria e a riqueza pública têm um termómetro infalível: as despesas feitas com a arrecadação dos impostos.

Em sete anos, as despesas dessa natureza que o Estado se via obrigado a fazer, tinham-se reduzido a um quarto em Montreuil-sur-mer, o que dava lugar a que o nome deste distrito fosse frequentes vezes citado por Villèle, então ministro das finanças.

Tal era a situação daquela localidade quando Fantine ali regressou Já ninguém se lembrava dela. Felizmente, porém, os portões da fábrica do senhor Madelaine era como que um rosto amigo, pois apresentando-se ali foi logo admitida na oficina das mulheres. Todavia, aquele género de trabalho era completamente novo para ela, não podendo haver-se nele com desembaraço e por consequência tirar grandes lucros do seu trabalho diário; mas, enfim, esse pouco era-lhe suficiente e conseguira resolver o seu problema, ganhava a vida.

VIII — A senhora Victurnien dispende trinta ecinco francos em favor da moral

Quando Fantine viu que podia ir vivendo com o pouco que ganhava, teve um momento de alegria. Que dom do céu, viver honradamente do seu trabalho! Sentiu voltar-lhe novamente o gosto pelo trabalho. Comprou um espelho, regozijou-se de contemplar a sua mocidade, os lindos cabelos e os belos dentes, esquecendo muitas coisas para não pensar senão na sua Cosette e na possibilidade de um porvir melhor, sentindo-se quase feliz. Alugou um pequeno quarto e mobilou-o a crédito, dando como garantia o seu trabalho futuro, resto dos seus hábitos de desregramento.

Não podendo dizer que era casada, evitara sempre falar da sua filha

Nos primeiros tempos, pagara com toda a pontualidade aos Thenardier a prestação porque ajustara a educação da criança, e como não sabia mais do que escrever o seu nome, via-se obrigada a mandar fazer as cartas por um escrevente de profissão

Tornou-se, porém, objecto de reparo a frequência com que o fazia, de modo que as suas companheiras de trabalho começaram a murmurar umas com as outras que Fantine «escrevia cartas» e «que tinha más companhias».

Não há, para se intrometer na vida das pessoas, como aqueles a quem ela não diz respeito. Porque será que este sujeito só vem ao anoitecer? Porque motivo fulano não deixa nunca a chave na porta à quinta-feira? Porque anda ele sempre pelos becos e travessas? Porque será que aquela senhora se apeia sempre da carruagem antes de chegar a casa? Para que manda comprar um caderno de papel de escrever, quando tem tanto na sua pasta?, etc.

Existem pessoas que, para darem com estes enigmas resolvidos, gastam mais dinheiro, desperdiçam mais tempo e têm mais trabalho do que seria necessário para praticar dez acções boas; e isto gratuitamente, por gosto, sem receber de tal curiosidade senão a própria curiosidade. Andarão dias inteiros seguindo este ou aquele; estarão horas esquecidas de sentinela a uma esquina, à entrada de uma alameda, de noite, ao frio e à chuva, com bom ou mau tempo; subornarão os moços de recados, embebedarão cocheiros e lacaios, corromperão uma criada grave e uma ou outra porteira. E tudo isto para quê? Para nada. Puro encarniçamento em ver, em saber e penetrar. Puro desejo de falar. E não poucas vezes, o conhecimento destes segredos, a publicação destes mistérios, a decifração destes enigmas, trás consigo catástrofes, duelos, falências, a ruína de muitas falências, a desgraça de muitas existências, com grande prazer dos que «descobriram tudo» sem interesse e só por instinto. Triste coisa!

Certas pessoas são más unicamente pela necessidade que têm de falar. A

sua conversação, loquacidade nos salões, murmúrios nas antecâmaras, é como os fogões que consomem a lenha rapidamente; necessitam de muito combustível, e esse combustível é o próximo.

Foi, pois, por esta simples razão, que as companheiras começaram *a* espreitar Fantine, a quem não poucas invejavam os seus formosos cabelos loiros e a deslumbrante alvura dos belos dentes.

Repararam que, quando ela estava na oficina, no meio das outras, voltava muitas vezes o rosto para o lado a fim de limpar uma lágrima. Eram os momentos em que pensava na filha e talvez também no homem que amara.

É necessário um esforço doloroso para quebrar os vínculos sombrios do passado.

Descobriram que ela escrevia, pelo menos duas vezes cada mês, sempre para a mesma direcção e franqueando as cartas que deitava no correio. Souberam também que eram dirigidas a um tal Thenardier, estalajadeiro em Montfermeil. Levaram o escrevente para a taberna e fizeram-no facilmente dar à língua, porque era um pobre velho que não podia encher o estômago de vinho sem despejar a bolsa dos segredos. Soube-se assim que Pantine tinha uma filha e disseram logo: «Aquilo é decerto uma mulher das de vida fácil, ou coisa parecida». Houve até uma bisbilhoteira que foi a Montfermeil falar aos Thenardier e que disse quando voltou: «É verdade que gastei trinta e cinco francos, mas sosseguei a consciência: vi a criança!»

A mulher que assim procedera era uma verdadeira fúria, chamada Victurnien, sentinela vigilante da virtude de toda a gente. Tinha cinquenta e seis anos e juntava a fealdade à velhice. Voz de cabra, espírito de bode. E todavia, coisa espantosa!, esta velha tinha sido jovem; na sua mocidade, em pleno 93, casara com um frade fugido do convento de gorro vermelho na cabeça e que se passara dos Bernardos para os Jacobinos. Era uma velha esgrouviada, áspera, espinhosa, azeda, quase venenosa, mas sem nunca se esquecer do querido monge de quem era viúva, que a havia de certo modo amansado e subjugado. Era uma urtiga em que se viam os sinais do roçar da roupeta.

No tempo da restauração fizera-se beata, e em tão fervidos arroubos se mostrou extasiada, tão alto guindou o misticismo devoto, que os padres chegaram a perdoar-lhe aquele desvio da sua união com o frade, levando-lhe em desconto da culpa a abnegação com que cedera algum dinheiro que possuía em favor de uma comunidade religiosa, o que ela fez, procurando o melhor meio de tornar bem falada a sua generosa acção. Granjeou-lhe a sua devoção e fervor religioso as gerais simpatias no bispado de Arras, onde todos a viam com bons olhos A senhora Victurnien foi pois a Montfermeil e voltou de

lá, dizendo: «Vi acriança!»

Tudo isto levou tempo. Havia mais de um ano que Fantine trabalhava na fábrica, quando um dia a superintendente da oficina lhe entregou cinquenta francos, da parte do maire, participando-lhe ao mesmo tempo que se considerasse despedida e convidando-a também da parte do senhor *maire*, a abandonar a cidade.

Tinha isto lugar exactamente no mesmo mês em que os Thenardier, tendo pedido já doze francos em vez de seis, lhe exigiram quinze em vez de doze.

Fantine ficou aterrada. Como podia ela abandonar a cidade, se devia a renda da casa e o custo dos trastes com que a mobilara? Cinquenta francos não chegavam para pagar essa dívida. Balbuciou algumas palavras suplicantes, mas a superintendente fez-lhe ver que devia sair imediatamente da oficina. Além disso, Fantine não passava de uma operária medíocre. Acabrunhada mais pela vergonha do que dominada pelo desespero, não se sentiu com força de dizer uma só palavra e, cabisbaixa, abandonou a oficina. Não havia dúvida, a sua falta era já conhecida de toda a gente.

Aconselharam-na a que fosse falar com o *maire,* mas não teve ânimo de o fazer. O *maire* dera-lhe cinquenta francos porque era bondoso, expulsava-a porque era justo. A pobre rapariga curvou-se, pois, ao peso daquela sentença.

IX — Bom êxito da senhora Victurnien

Madelaine tinha por costume não entrar quase nunca na oficina das mulheres. Colocara à testa dela uma mulher já idosa, que o cura lhe recomendara, e em quem depositava inteira confiança, por ser uma pessoa na verdade respeitável, firme, justiceira, íntegra, cheia do espírito da caridade que consiste em dar, mas não possuindo em igual grau esse outro espírito da caridade, que consiste em compreender e perdoar. Madelaine delegara-lhe toda a responsabilidade da gerência dos negócios da sua fábrica, e foi no uso dos seus plenos poderes, convicta de que fazia bem, que a superintendente instaurara o processo, julgara, condenara e executara Fantine.

Quanto aos cinquenta francos, dera-os, tirando-os de uma quantia que Madelaine lhe confiara, para ser aplicada em esmolas e socorros e de cuja aplicação não tinha que dar contas.

Fantine ofereceu-se como criada a algumas pessoas da terra, mas andou de casa em casa, sem deparar com ninguém que se quisesse utilizar do seu préstimo. A pobre rapariga não pudera sair da cidade, porque o adeleiro, a quem comprara os móveis da casa, mas que móveis, lhe dissera:

— Se se ausentar daqui sem me pagar, faço com que a prendam como ladra!

E o senhorio, a quem estava em dívida com a renda, tinha-lhe dito também:

— Você é jovem e bonita, portanto pode pagar.

Em vista disto, ela dividiu os cinquenta francos pelo senhorio e pelo adeleiro, restituiu a este três quartas partes da mobília, ficando apenas com o estritamente necessário, e achou-se sem trabalho, não possuindo mais do que uma pobre cama e devendo ainda quase cem francos.

Pôs-se então a trabalhar de costureira, fazendo camisas grosseiras para os soldados da guarnição, com que conseguia ganhar doze soldos por dia, dos quais tinha de tirar dez para as despesas que lhe custava a filha. Foi por esta ocasião que ela começou a atrasar-se com o pagamento aos Thenardier, de quem a inocente criança estava a cargo.

Entretanto, uma velha que lhe acendia a vela quando ela voltava à noite para casa, ensinou-lhe a arte de viver na miséria. Para além do viver de pouco, está ainda o viver de nada. São dois compartimentos: o primeiro é sombrio, o segundo é todo trevas.

Fantine aprendeu como de Inverno se pode passar sem lume, como se renuncia a um passarinho, que consome a quarta parte de um soldo de dois em dois dias, como de uma saia se faz um cobertor, e como se poupa a vela, comendo à luz que vem da janela fronteira. Ninguém sabe o que certos entes frágeis, envelhecidos na nudez da miséria, sem se desviarem do caminho da honradez, são capazes de tirar de um soldo. Afinal de contas, isto é uma habilidade, e foi essa habilidade, que em verdade se pode chamar sublime, a que Fantine aprendeu, adquirindo assim um pouco de ânimo.

Um dia, disse a uma vizinha:

— Às vezes digo para comigo que, dormindo só cinco horas e empregando o resto do tempo na costura, sempre chegaria a ganhar quase para comer. E demais, quando se está triste, come-se menos. Por isso, com sofrimentos e inquietações, com um bocado de pão de um lado e cuidados de outro, a gente vai vivendo.

No meio desta penúria, a presença da filha ter-lhe-ia sido um anjo de consolação, um raio de felicidade nas trevas daquela miséria. Lembrou-se, pois, de a mandar vir Mas quê! Obrigar a inocente a provar tão cedo o amargor do fel da miséria!? E demais, como havia de pagar o que devia aos Thenardier? Como arranjar o dinheiro para a jornada da filha?

A velha, que lhe dera o que se poderia chamar lições de vida indigente, era uma bondosa mulher chamada Margarida, devota, mas de uma devoção em termos, pobre e caridosa com os pobres, e até mesmo com os ricos, sabendo apenas o necessário para escrever o seu nome, e crendo em Deus, que é no que consiste a verdadeira sabedoria.

Existem muitas virtudes assim na terra, atascadas no lodaçal da miséria;

um dia, porém, virá em que da terra subirão muito mais alto. Sim, porque a esta vida ergue-se outra.

Tal fora a vergonha que se apossara de Fantine nos primeiros tempos, que a pobre rapariga não ousava sair de casa. Quando ia por uma rua, adivinhava que todos se voltavam para a olhar e que a apontavam a dedo; toda a gente olhava para ela e ninguém a cumprimentava. Este desprezo mordaz e frio dos transeuntes penetrava-lhe na alma e na carne com a aspereza de uma rajada do nordeste.

Uma infeliz, nas terras pequenas, parece que anda nua diante do sarcasmo e da curiosidade de todos. Em Paris, ao menos, ninguém a conhece, e essa mesma obscuridade serve-lhe de vestuário. Como desejava voltar para Paris! Impossível, porém!

Fora-lhe indispensável habituar-se à desconsideração, do mesmo modo que se afizera à indigência. A pouco e pouco foi-se tornando mais resoluta e decorridos dois ou três meses expeliu de si toda a vergonha, começando a sair como se lhe fosse a coisa mais natural.

«Ora, que me importa!», dizia ela. Andava já de um para outro lado, de cabeça erguida, com um sorriso amargo nos lábios e conhecendo que se tornava descarada.

A senhora Victurnien, da sua janela, via-a às vezes passar e, notando a miséria da pobre rapariga, felicitava-se por ver «aquela criatura» ocupando o lugar que lhe competia, graças aos seus piedosos esforços. Os maus têm bem negras satisfações.

O excesso de trabalho veio a fatigar Fantine, de modo que aquela tossezinha seca, que ela tinha, aumentou. Às vezes, ela dizia à sua vizinha Margarida: «Olhe, veja como tenho as mãos quentes».

Todavia, quando pela manhã se punha a pentear, com um pente quebrado, os seus belos cabelos, que ondulavam qual seda aveludada, tinha um momento de feliz garridice.

X — Continuação do bom êxito

Fantine havia sido despedida da fábrica pelos fins do Inverno; o Verão (passou, mas o Inverno tornou a voltar. Nos dias pequenos trabalha-se menos. No Inverno não há calor, não há luz, não há sol, a manhã parece tocar com a noite, o nevoeiro é contínuo, o crepúsculo interminável, os dias pardos, quase não se vê. O céu é uma fresta. Durante o dia parece estar-se num subterrâneo. O sol tem o aspecto de um pobre. Medonha estação! O Inverno transforma em pedra a água do céu e o coração do homem.

Os credores não deixavam Fantine nem um só instante. Era demasiado pouco o que ganhava e as dívidas tinham aumentado Os Thenardier, mal

pagos, escreviam-lhe sucessivas cartas, cujo conteúdo a enchia de aflição, e o porte do correio lhe aumentava a miséria Um dia escreveram-lhe, dizendo que a sua Cosette andava nua de todo, numa quadra em que fazia tanto frio, que precisava de uma saia de lã e para isso era necessário que ela lhes mandasse dez francos. Fantine recebeu a carta e consumiu todo o dia em amarrotá-la nas mãos. No dia seguinte, entrando na loja de um barbeiro que morava à esquina da rua, soltou os admiráveis cabelos loiros que lhe caíram pelas costas abaixo.

— Que lindos cabelos! — exclamou o barbeiro.

— Quanto me dá por eles? — perguntou Fantine.

— Dez francos.

— Então, corte-os.

Comprou em seguida uma saia de malha e mandou-a aos Thenardier, que ficaram furiosos com isso. O que eles queriam era dinheiro. Todavia, deram a saia a Eponine e a pobre Cotovia continuou a tiritar.

Entretanto, Fantine dizia consigo:

— Agora já a minha querida filha não terá frio. Vesti-a com os meus cabelos.

E para ocultar a cabeça rapada, começou a usar umas toucas muito simples, que nem mesmo assim a desfeavam.

No coração de Fantine começou então a travar-se tenebrosa luta. Quando viu que já não podia pentear-se, começou a odiar tudo o que a rodeava. Por muito tempo participara da veneração geral pelo senhor Madelaine; todavia, à força de repetir a si mesma que fora ele quem a expulsara, e que era ele o causador da sua desgraça, passou a odiá-lo também. Quando passava em frente da fábrica à hora do descanso dos operários, fingia rir e cantarolar.

Uma operária, já velha, que um dia a viu rir e a cantar daquela maneira, exclamou:

— Aquela rapariga por força acabará mal!

Fantine arranjou um amante, o primeiro homem que encontrou e a quem não amava, mas aceitou-o por despeito, com a raiva no coração. Era um miserável, uma espécie de músico mendigo, um gatuno ocioso, que a moeu de pancadas e por fim a deixou como ela o aceitara, com indiferença.

Ela porém, adorava a filha.

Quanto mais fundo descia, quanto mais sombrio se tornava tudo em roda dela, mais aquele anjo lhe resplandecia no fundo da alma. Dizia para consigo: «Quando eu for rica, Cosette estará sempre na minha companhia!»

E desatava a rir. A tosse, porém, não a abandonava e o suor corria-lhe pelas costas quase continuamente.

Um dia recebeu uma carta dos Thenardier, concebida nestes termos:

Cosette foi atacada por uma doença que anda por estes sítios e a que chamam febres biliares. Os remédios precisos são muito caros e não os podemos pagar. Se não manda quarenta francos por estes oito dias, a pequena decerto morre.

Fantine, após a leitura, desatou a rir às gargalhadas, dizendo para a velha, sua vizinha:

— Que graça eles têm! Quarenta francos! Nem mais nem menos do que dois napoleões? Onde querem eles que os vá buscar? Esta gente do campo sempre é muito estúpida!

Subiu entretanto a escada e foi ler a carta outra vez à luz de uma trapeira. Desceu-a depois e saiu a correr, saltando e rindo sempre. Uma vizinha, encontrando-a naquele desatino, perguntou-lhe:

— Porque está tão alegre?

— Por causa duma tolice que acabam de me escrever umas pessoas do campo — respondeu ela. — Então não me pedem quarenta francos? Sempre são muito estúpidos!

Ao passar na praça, viu muita gente rodeando uma carruagem de forma extravagante, em cima de cujo tejadilho, de pé, arengava um homem todo vestido de vermelho. Era um dentista charlatão que oferecia ao público dentaduras completas, pós dentífricos e elixires.

Fantine introduziu-se no grupo e começou a rir, como todos os outros, daquela arenga, em que havia gíria para a gente baixa e fraseado para a gente de bem. O dentista, vendo aquela formosa rapariga a rir-se, exclamou de repente:

— Que bonitos dentes a menina tem! Se me quiser vender as suas duas palhetas, dou-lhe um napoleão em oiro por cada uma.

— Mas o que são as palhetas? — perguntou Fantine.

— As palhetas — tornou o dentista — são os dentes da frente, os dois de cima.

— Que horror! — exclamou Fantine.

— Dois napoleões! — rosnou uma velha desdentada, que ali se encontrava. — Esta é uma criatura feliz!

Fantine deitou a fugir, tapando os ouvidos para não ouvir a voz rouquenha do homem, que continuava a gritar-lhe.

— Pense bem, minha flor, olhe que dois napoleões podem servir para muita coisa. Se acaso se resolver, encontrar-me-á à noite na estalagem do Convés de Prata.

Fantine regressou a casa, furiosa, e contou o caso à sua vizinha Margarida.

— Já viu uma coisa assim? Não é abominável o demónio do homem?

Consentirem que semelhante gente ande assim a correr as terras! Arrancar-me os meus dois dentes da frente! Ficaria horrível! Os cabelos tornam a crescer, mas os dentes! O maldito do homem! Antes queria deitar-me de um quinto andar, de cabeça para baixo! Disse-me que à noite estaria no Convés de Prata!

— Quanto lhe ofereceu ele? — perguntou Margarida.

— Dois napoleões.

— São quarenta francos.

— É verdade — disse Fantine — são quarenta francos!

Ficou pensativa, mas foi pegar na costura. Passado um quarto de hora, pôs de parte a costura e foi para a escada reler a carta dos Thenardier. Tornando a entrar, voltou-se para Margarida que estava a trabalhar ao pé dela, e perguntou:

— Mas que vem a ser uma febre biliar, sabe?

— Sei — respondeu a velha —, é uma moléstia.

— E é preciso tomar muitos remédios?

— Oh, um horror de remédios!

— E como se manifesta?

— Ora! É uma doença que ataca a gente, como se vê.

— Ataca também as crianças?

— Principalmente as crianças.

— Mas não se morre disso?

— Oh, se morre! — exclamou Margarida.

Nessa mesma noite saiu e várias pessoas a viram dirigir-se para o ponto de Paris onde estão situadas as estalagens.

No dia seguinte, Margarida, ao entrar no quarto de Fantine antes do amanhecer, pois trabalhavam sempre juntas, para deste modo não gastarem senão uma luz, deu com ela sentada na cama, pálida e gelada. Não se tinha deitado. A touca caíra-lhe para cima dos joelhos e a vela, toda a noite a arder, estava quase completamente consumida.

Margarida estacou no limiar, petrificada em presença de tão grande desalinho, e exclamou:

— Valha-me Deus! A vela toda gasta! Sucedeu por força alguma coisa!

Depois olhou para Fantine, que tinha voltado para ela a cabeça desguarnecida de cabelos.

A pobre rapariga havia envelhecido dez anos desde a véspera.

— Santo nome de Jesus! — exclamou Margarida.

— O que é que tem, Fantine?

— Não tenho nada — respondeu ela. — Pelo contrário, estou muito

satisfeita. A minha filha já não morre por falta de socorros.

E, dizendo isto, mostrou à velha dois napoleões que brilhavam em cima da mesa.

— Santo Deus! — exclamou a velha. — Como obteve esse dinheiro?

— Ora, obtive-o! — respondeu Fantine, sorrindo ao mesmo tempo. Era um sorriso cruel, aquele abrir de lábios. Ao clarão trémulo da vela que lhe batia no rosto, viam-se-lhe nos cantos dos lábios uma saliva avermelhada e um buraco negro na bolça. Os dois dentes haviam sido arrancados.

Fantine remeteu os quarenta francos para Montfermeil.

— Porém, tudo aquilo fora um ardil dos Thenardier para obter dinheiro. Cosette não estava doente.

Desesperada, atirou o espelho pela janela fora. Havia tempo que se mudara do quarto do segundo andar para umas águas-furtadas, fechadas apenas com um ferrolho; era um desses sótãos, cujo tacto faz ângulo com o soalho e onde a cada instante se dá com a cabeça nas vigas. O pobre não pode chegar ao fim do seu albergue, senão curvando-se mais e mais, como para chegar ao fim do seu destino. Fantine já não tinha leito, restavam-lhe uns farrapos a que ela chamava cobertor, uma enxerga que deitava no chão e uma cadeira arrombada. Uma roseirinha que tinha, jazia a um canto, seca, esquecida. Noutro canto, estava uma lata das que servem para manteiga, cheia de água, que de Inverno gelava, deixando por muito tempo marcados com círculos de gelo os diferentes níveis da água. Conto perdera a Vergonha, assim perdeu a garridice. Último sinal. Saía já à rua com as toucas muito sujas; e ou fosse por falta de tempo ou por desleixo, não remendava a roupa. A medida que os calcanhares das meias se iam rompendo, ia-os ela puxando para debaixo dos pés, o que se lhe conhecia por certas rugas perpendiculares. Remendava o seu colete velho e roto, com bocados de pano cru, que se tornavam a rasgar ao menor movimento.

As pessoas a quem ela era devedora descompunham-na constantemente, sem lhe deixarem um instante de sossego; encontrava-se com elas na rua, tornava-se a encontrar com elas nas escadas. Passava noites inteiras a chorar, sentindo aumentar-lhe a tosse, sofrendo uma dor fixa no ombro, por cima da omoplata esquerda com os olhos de contínuo a brilharem com um fulgor estranho. Odiava profundamente o senhor Madelaine, mas não soltava nunca uma queixa. Trabalhava dezassete horas por dia, porém um arrematante do trabalho das prisões, que vendia a obra das presas ao desbarato, fez de repente baixar os preços, o que reduziu o salário das costureiras livres a nove soldos. Dezassete horas de trabalho a nove soldos por dia. Os credores mostravam-se mais do que nunca inexoráveis; o adeleiro «que lhe havia

tornado a levar quase todos os trastes» não cessava de lhe dizer:

— Quando me pagas tu, descarada?

Que queriam que ela fizesse, santo Deus? A infeliz sentia-se desnorteada, desenvolvendo-se em todo o seu ser o que quer que fosse de animal feroz, sentindo-se assim encurralada. Ao mesmo tempo, recebeu uma carta dos Thenardier, na qual lhe diziam que tinham esperado com demasiada bondade, mas que necessitavam imediatamente de cem francos, senão poriam Cosette no meio da rua, ainda convalescente da sua grave doença, exposta ao rigor do tempo e aos perigos das estradas, ela que se arranjasse como pudesse.

«Cem francos!» pensou Fantine. «Mas onde haverá uma ocupação em que se ganhe cem soldos por dia? Vamos, Vendamos o resto!»

E a desgraçada arrojou o corpo à podridão do prostíbulo.

XI — Christus nos Liberavit

Que vem a ser esta história de Fantine? É a sociedade comprando uma escrava.

A quem? À miséria.

À fome, ao frio, ao isolamento, ao abandono e à nudez. Doloroso contrato. Uma alma por um pedaço de pão. A miséria oferece, a sociedade aceita!

A sagrada lei de Cristo governa a nossa civilização, mas ainda a não penetrou; dizem que a escravidão desapareceu da civilização europeia; é um erro. Existe como dantes, mas não oprime senão a mulher e chama-se prostituição.

A escravidão pesa sobre a mulher, isto é, pesa sobre a sua graça, Sobre a sua fragilidade e beleza, sobre a sua maternidade. Este facto não é decerto uma das menores vergonhas do homem.

No ponto a que chegámos deste drama doloroso, nada resta a Fantine do que outrora foi. Tornou-se mármore, convertendo-se em lama. Quem a toca sente frio. Segue o seu caminho, suporta-vos e ignora quem sois; é a figura severa da desonra, a criatura conspurcada, a quem a sociedade disse a derradeira palavra.

Aconteceu-lhe já tudo o que lhe há-de acontecer ainda.

Sentiu tudo, suportou tudo, experimentou tudo, tudo sofreu, perdeu e chorou. Resignou-se, com aquela resignação que se assemelha à indiferença, como o sono se assemelha à morte. Já não teme nada, não evita coisa alguma, cai sobre ela todo o aguaceiro, passa sobre ela todo o oceano. Que lhe importa? É uma esponja embebida.

Assim o julgou pelo menos. Mas é um erro imaginar que se chega ao termo da carreira marcada pelo destino e que se toca o fundo de qualquer coisa.

O que são, porém, estes destinos impelidos em tal confusão? Aonde vão?

Porque são eles assim?

Aquele que o sabe, penetra todas as trevas.

É um só. Chama-se Deus.

XII — A ociosidade do senhor Barmatabois

Há em todas as terras pequenas e havia-a particularmente em Montreuil-sur-mer, uma classe de rapazes que na província dissipam anil e quinhentos francos de rendimento anual, com o mesmo ar com que em Paris outros que tais devoram duzentos mil francos. Pertencem estes entes à grande espécie neutra: parasitas, nulidades, que possuem alguns palmos de terra, alguma coisa de parvos e um pouco de inteligência, que fariam figura de rústicos num salão e que se julgam fidalgos numa taberna, que falam das suas terras, do seu gado, dos seus servos; que no teatro pateiam as actrizes, para demonstrarem o seu bom gosto; que se intrometem com os oficiais da guarnição, para bazofiar de destemidos e valentes; que vão à caça, fumam, bocejam, bebem,jogam o bilhar, observam os viajantes que descem da diligência, passam a vida nos cafés, jantam nas estalagens, têm um cão que come os ossos debaixo da mesa e uma amante que lhes come os olhos da cara; que exageram as modas, admiram a tragédia, olham para as mulheres com desprezo, copiam Londres através de Paris e Paris através de Pont-à-Mousson, envelhecem patetas, não trabalham, nem servem para nada, mas também não fazem grande mal a coisa alguma

Se Félix Tholomyés tivesse permanecido na província sem nunca ter ido a Paris, teria sido um destes homens,

Se eles fossem ricos, chamar-lhes-iam elegantes; se fossem pobres, denominá-los-ia vadios. Pois não são nem mais nem menos do que ociosos. Entre estes ociosos, encontram-se enfadonhos, enfadados, distraídos e alguns velhacos.

Naquele tempo um elegante constava de uns grandes colarinhos, uma grande gravata, um relógio com muitos berloques, de três coletes sobrepostos de cores diferentes, o azul e o vermelho pela parte de dentro, uma casaca curta cor de azeitona, de abas de tesoura, com duas ordens de botões de pirata, apertados uns contra os outros e subindo até acima do ombro, e de umas calças também cor de azeitona, mas mais clara, com pregas em número indeterminado, mas sempre ímpar, variando de uma a onze, limite que não era nunca ultrapassado. Acrescente-se a isso, sapatos abotinados com chapinhas de ferro nos saltos, chapéu de copa alta e abas estreitas, grande cabeleira, enorme bengala e uma conversação radicada de frases com pretensões a chistosas. E ainda além de todas estas coisas, esporas e bigode. Naquela época bigode queria dizer burguês e esporas significavam peão

O elegante da província usava esporas mais compridas e bigode mais retorcido.

Era no tempo da luta das repúblicas da América meridional Contra o rei de Espanha, de Bolívar contra Murillo. Os chapéus de abas estreitas eram realistas e chamavam-se *murillos*; os liberais usavam chapéus de abas largas e denominavam-se *bolívares*.

Oito ou dez meses depois do que foi narrado nas páginas precedentes, nos primeiros dias de Janeiro de 1823, numa noite em que nevara, um desses elegantes ociosos, mas dos bem «pensantes» porque usava *murillo* e mais ainda porque estava aconchegadamente agasalhado num dos amplos capotes que, no tempo frio, completavam o vestuário da moda, divertia-se em provocar e atormentar uma mulher trajada com vestido de baile muito decotado, que girava em frente do café dos oficiais. Este elegante fumava, porque era decididamente essa a moda.

De todas as vezes que a mulher passava por diante dele, o elegante lançava-lhe, juntamente com uma baforada de fumo do charuto, uma apóstrofe que julgava espirituosa e engraçada, como por exemplo: «Sempre és muito feia!» «Trata de te esconder!» «Que diabo fizeste aos dentes?», etc., etc.

Este senhor chamava-se Bamatabois.

A mulher, triste espectro paramentado, que divagava de um para outro lado por cima da neve, não lhe respondia, nem mesmo olhava para ele, sem deixar por isso de completar, em silêncio, e com uma regularidade sombria, os seus giros, que a levavam de cinco em cinco minutos para debaixo daquela chuva de sarcasmos, como o soldado condenado que foge e volta logo a receber nas costas os vergões da chibata. O pouco ou nenhum efeito que produzia, indispôs sem dúvida o ocioso, o qual, aproveitando um momento em que ela se voltava, a seguiu nos bicos dos pés e, sufocando o riso, baixou-se, pegou num punhado de neve do chão e meteu-lha rapidamente nas costas, entre os dois ombros nus A infeliz soltou um rugido, voltou-se, deu um salto de pantera e arremeteu contra o homem, cravando-lhe as unhas no rosto, acompanhando os movimentos com as mais medonhas palavras que podem sair da boca de uma regateira. Estas injúrias, vomitadas com voz roufenha pelo abuso da aguardente, saíam hediondas de uma boca a que com efeito faltavam os dois dentes da frente. Era Fantine.

Ao ruído que esta cena causou, uma multidão de oficiais saiu do café, os transeuntes agruparam-se também, formando-se imediatamente um grande círculo, que ria, apupava e aplaudia, em volta daquele turbilhão formado por dois entes, que mal se conhecia serem um homem e uma mulher; o homem

debatia-se, barafustando, já sem chapéu, a mulher semeava murros e pontapés a torto e a direito, uivando, desdentada e sem cabelos, pálida de cólera, horrível.

De repente, saindo do meio da multidão, um homem de elevada estatura agarrou a mulher por um braço e disse-lhe:

— Acompanha-me.

A mulher ergueu a vista e a voz furiosa extinguiu-se-lhe de súbito. Os olhos envidraçaram-se-lhe, de pálida tornou-se lívida, estremecendo de terror. No homem que a prendera reconheceu Javert.

O elegante, aproveitando aquela oportunidade, afastou-se rapidamente.

XIII — Solução de algumas questões de polícia municipal

Javert afastou os espectadores, rompeu o círculo e dirigiu-se a passos rápidos para a repartição de polícia, que ficava na extremidade da rua, arrastando a infeliz, que se deixava conduzir maquinalmente. Nem ele nem ela pronunciavam uma só palavra. A nuvem dos espectadores seguia-os, no paroxismo da alegria, com ditos e gracejos A suprema miséria causa obscenidades.

Apenas chegado à repartição de polícia, que era uma sala no rés-do-chão, aquecida por um fogão, com casa de guarda, uma porta envidraçada e gradeada que deitava para a rua, Javert abriu a porta e entrou com Fantine, fechando-a logo em seguida, com grande desapontamento dos curiosos, que se ergueram em bicos de pés e estenderam o pescoço para diante, tentando ver o que se passava lá dentro, através dos vidros foscos. A curiosidade é uma gulodice. Ver é devorar.

Fantine, apenas entrou, foi cair a um canto, imóvel e muda, acocorada como uma cadela assustada. O sargento da guarda pôs uma vela acesa em cima de uma mesa. Javert tirou uma folha de papel selado e pôs-se a escrever.

Esta classe de mulheres são, pelas nossas leis, postas inteiramente à disposição da polícia, que faz delas o que lhe apraz, punindo-as se assim lhe parece e confiscando-lhes a seu talante essas duas tristes coisas, que elas apelidam a sua indústria e a sua liberdade. Javert estava impassível; o rosto severo não lhe traía a mínima comoção; todavia, aquele homem estava grave e profundamente preocupado. Era uma dessas ocasiões em que ele exercia por sua conta e risco, mas com todos os escrúpulos de uma consciência severa, o seu temível poder discricionário. Em tais momentos conhecia perfeitamente que o seu banco de agente de polícia era um tribunal e ele um juiz. Javert julgava e condenava. Chamava todas as ideias que podia ter no espírito sobre a importante tarefa em que estava ocupado. Quanto mais examinava o procedimento daquela mulher, mais revoltado se sentia, porque era evidente

que ele acabava de ver cometer um crime.

Acabava de ver, ali, no meio de uma rua, a sociedade, representada por um proprietário-eleitor, insultada e atacada por uma criatura colocada fora de tudo.

Um burguês insultado por uma prostituta. Ele, Javert, presenciara um tal atentado. Escrevia, pois, em silêncio. Depois de terminar, assinou, dobrou o papel e disse ao sargento, entregando-lho:

— Chame três guardas e conduza esta mulher à cadeia. — Em seguida, voltando-se para Fantine: — Tens cadeia para seis meses.

A infeliz estremeceu.

— Seis meses! Seis meses de prisão! — exclamou ela. — Seis meses a ganhar sete soldos por dia! Mas que será de Cosette? Minha filha, minha filha! Mas eu ainda devo mais de cem francos ao Thenardier, o senhor inspector não sabe?

E arrastou-se no pavimento, húmido pelas botas enlameadas de todos aqueles homens, sem se levantar, de mãos postas, andando de joelhos.

— Senhor Javert implorou ela tenha piedade de mim. Juro-lhe que não tive culpa. Se o senhor presenciasse tudo, veria! Juro-lhe por Deus que não fui a culpada! Foi aquele senhor, que eu não conheço, que me deitou neve nas costas. Porventura os outros têm direito para nos fazerem semelhante coisa, quando nós vamos a passar sossegadamente, sem fazermos mal a ninguém? Aquilo fez com que eu saísse de mim. O senhor bem vê como eu sou doente; e depois, havia já algum tempo que ele me provocava. Bem sei que sou feia e que me faltam dentes, não é preciso que mo digam. Mas mesmo assim não lhe respondi e dizia para mim própria: «O que ele tem é vontade de se divertir». Portara-me bem com ele, não lhe dirigi uma única palavra. Foi então que me deitou a neve nas costas. Senhor Javert, meu bom senhor inspector! Pois não estava ali ninguém que visse como aquilo foi, para lhe dizer que falo verdade? Fiz talvez mal em ter levado o caso àquele ponto, mas o senhor sabe perfeitamente que no primeiro momento não nos podemos conter. Isto sucede a toda a gente. Sentir nas costas, quando não se espera, uma coisa tão fria! Bem sei que fiz mal em rasgar o chapéu daquele senhor, mas para que se foi ele embora? Pedir-lhe-ia perdão. Desculpe-me por esta vez, senhor Javert. Olhe, o senhor não sabe isto: nas prisões não se ganha senão sete soldos, eu bem sei que não é por culpa do governo, mas em todo o caso não se ganham senão sete soldos, e imagine que tenho de dar cem francos, ou então mandam-me a minha filha e eu não posso tê-la comigo. É tão vergonhosa a minha vida! Minha pobre Cosette! O que será daquele anjinho de Nossa Senhora! Olhe, são uns estalajadeiros, os Thenardier, é gente do campo que

não sabe pensar, o que eles querem é dinheiro. Não me mande para a prisão, senhor Javert. Tenha dó duma criancinha a quem atirarão para o meio da rua, no coração do Inverno, e que não tem mais ninguém no mundo senão eu. Se já fosse crescidinha ganharia a sua vida, mas naquela idade não se pode fazer nada. Eu não sou má mulher, ainda que o pareça. Não foi por ser mandriona, que cheguei ao estado em que me encontro. A miséria é que me tem feito beber aguardente; eu não gosto de semelhante coisa, mas faz com que a gente se esqueça da desgraça. Em tempos mais felizes, bastava olharem para as minhas gavetas, para verem logo que eu não era uma desleixada, que só pensava em enfeitar-se. Tenha dó de mim, senhor Javert!

Fantine falava assim, curvada, com o corpo em convulsões, produzidas pelo arquejar dos soluços, com a vista turva das lágrimas, o pescoço nu, torcendo as mãos, sem poder evitar a tosse seta que lhe embargava a palavra, balbuciando com a voz lenta da agonia. A dor é um raio divino e terrível que transfigura os miseráveis.

Fantine tornara-se bela naquele momento. De vez em quando beijava humildemente o casaco do inspector. Teria enternecido um coração de granito, mas um coração de pau não se enternece.

— Vamos — disse Javert — já te ouvi! Se não tens mais nada a dizer, segue para o teu destino. Nem o Padre Eterno em pessoa te poderá valer!

Ouvindo as solenes palavras: «Nem o Padre Eterno em pessoa te poderá valer», Fantine compreendeu que era irrevogável a sua sentença e, perdendo de todo a esperança, caiu sobre si mesma, murmurando:

— Piedade!

Javert voltou-lhe as costas e os guardas seguraram-na pelos braços.

Um homem havia entrado, poucos minutos antes, sem que ninguém desse por tal e encostara-se à porta depois de a ter fechado, escutando as súplicas desesperadas de Fantine.

No momento em que osguardas deitavam as mãos à infeliz, que não queria levantar-se, ele deu um passo em frente, dizendo:

— Um instante, se fazem favor!

Javert ergueu os olhos e, reconhecendo o senhor Madelaine, tirou o chapéu, saudando-o com modo acanhado, em que bem se conhecia a contrariedade:

— Queira desculpar, senhor *maire*...

As palavras «senhor *maire*»produziram em Fantine um estranho efeito. Ergueu-se repentinamente, direita e inflexível como um espectro que sai das entranhas da terra, com os braços repeliu os soldados e, antes de poderem segurá-la, foi direita a Madelaine. Depois, olhando-o fixa e com ar desvairado, exclamou:

— Tu é que és o senhor *maire*?

Em seguida, sem que nada o fizesse prever, cuspiu-lhe na cara, soltando uma gargalhada.

Madelaine limpou o rosto e disse:

— Inspector Javert, ponha esta mulher em liberdade!

Javert julgou enlouquecer. Naquele instante experimentava umas após outras, e quase de roldão, as emoções mais violentas que em dias da sua vida havia sentido. Ver uma prostituta cuspir no rosto de um *maire* era uma coisa tão monstruosa que nas suas suposições mais medonhas teria considerado um sacrilégio só o pensar nisso como possível. Por outro lado, no âmago do seu pensamento fazia confusamente medonha aproximação do que era aquela mulher e do que podia ser aquele *maire,* e entrevia então com horror um não sei quê de muito simples naquele prodigioso atentado. Quando viu, porém, aquele *maire,* aquele magistrado, limpar tranquilamente o rosto e dizer «*Ponha esta mulher em liberdade*»sentiu paralisarem-se-lhe todas as faculdades; faltarem-lhe igualmente o pensamento e a palavra. Tinha ultrapassado as raias do espanto possível e ficara mudo.

Estas palavras impressionaram também extraordinariamente Fantine que, levantando o braço nu e segurando-se ao fecho do fogão, como uma pessoa que sente faltarem-lhe as forças, pôs-se a circunvagar a vista em torno dos objectos que a cercavam e a falar em voz baixa, como se falasse consigo própria:

— Que me soltem! Que me deixem ir em liberdade. Que não vá para a cadeia durante seis meses?! Quem disse semelhante coisa? Não é possível, fui eu que percebi mal! Não podia ser o demónio deste *maire!* Foi o senhor Javert que disse que me pusessem em liberdade? Quando eu lhe contar tudo deixar-me-á ir embora. É este maldito *maire,* este monstro, que tem a culpa de tudo. Este homem, senhor Javert, expulsou-me por causa dum bando de velhacas que na oficina não se ocupam senão das vidas alheias. Veja se isto não é horroroso! Despedir uma pobre rapariga que vivia honestamente do seu trabalho e cumpria com o seu dever! Desde então não ganhei o suficiente e foi que me sobrevieram todas as minhas desgraças. Em primeiro lugar há um mal que estes senhores da polícia deviam tratar de remediar: é obstar a que os arrematadores das prisões prejudiquem os pobres. Ora escute, que eu vou explicar-lhe isto. Faça o senhor de conta que ganha doze soldos nas camisas, mas eis que de repente desce de doze para nove, assim lá se vai o modo de vida, porque com semelhantes ganhos não se chega a nada. É, pois, preciso remar cada um para onde pode. Eu, que tinha a minha filha, a minha pobre Cosette, não tive outro remédio senão tornar-me uma má mulher. Agora já

sabe porque eu digo que foi este maldito *maire* a causa da minha desgraça. É verdade que pisei o chapéu daquele senhor ao pé do café dos oficiais, mas ele tinha-me estragado o vestido com a neve. Nós, as mulheres que andamos nesta vida, só temos um vestido de seda para sairmos à noite. Nunca fiz mal por minha vontade e por toda a parte vejo mulheres piores do que eu que vivem mais felizes. Mas foi o senhor Javert quem disse que me pusessem em liberdade, não foi? Tire informações, fale com o meu senhorio, a quem agora pago sempre a renda, e verá como todos lhe dizem que eu sou uma mulher bem comportada. Ai, meu Deus! Desculpe-me, senhor Javert, toquei sem querer no fecho do fogão e fiz com que deite fumo.

Madelaine escutava-a com profunda atenção e, enquanto ela esteve a falar, meteu a mão na algibeira do colete, tirou a bolsa e abriu-a, mas achando-a vazia, tornou a guardá-la. Depois, voltando-se para Fantine, perguntou:

— Quanto disse que devia?

Fantine, que não tirava os olhos de Javert, voltou-se para o *maire:*

— Quem foi que falou contigo? — E dirigindo-se em seguida aos guardas: — Vocês não viram como eu lhe cuspi na cara? Viestes aqui para me meteres medo, grande celerado, mas eu é que não tenho medo de ti. Quem eu receio é o senhor Javert, só o senhor inspector é que me mete medo! — E, dizendo isto, voltou-se para Javert. — Eu bem sei que o senhor inspector tem de fazer justiça. Bem vejo que é justo. A falar a verdade, é coisa simples que um homem se divirta a deitar neve nas costas de uma mulher, o que fazia rir os oficiais, porque eles têm de divertir-se com alguma coisa e nós não servimos para mais nada. E depois, o senhor que é obrigado a manter a ordem, prende a mulher que procedeu mal; mas pensando melhor, como tem bom coração, manda-me pôr em liberdade, por causa da pequenita, porque se eu estivesse seis meses presa não a poderia sustentar. Apenas me diz: «Não te metas noutra, desavergonhada!» Não tornará a suceder, senhor Javert! Daqui em diante podem fazer de mim o que quiserem que não me queixarei. Hoje, sim, é verdade que gritei, porque a neve me deu um grande choque e me fazia mal; não esperava semelhante coisa e, como lhe disse já, estou doente, tenho muita tosse, parece que sinto lume no estômago e o médico disse-me que precisava de me tratar. Apalpe com a sua mão, não tenha medo, é aqui.

Fantine já não chorava, a sua voz tornara-se acariciadora. A pobre rapariga apoiava no seu branco e delicado pescoço, a mão grosseira e rude de Javert, olhando ao mesmo tempo para ele e sorrindo. De repente, compôs com vivacidade o desalinho do vestuário, fez cair as dobras do vestido, que o esforço de andar de rojo lhe fizera erguer até ao joelho e caminhou para a porta, dizendo a meia voz aos guardas e fazendo-lhes com a cabeça um sinal

amigável:

— Vou-me embora porque o senhor inspector mandou que me soltassem.

E pôs a mão no fecho da porta. Mais um passo e estaria na rua. Até este momento, Javert conservara-se de pé, imóvel, com os olhos fitos no chão, deslocado no meio desta cena, como uma estátua apeada que espera que a coloquem em qualquer parte.

Despertou-o, porém, o ruído que fez Fantine tocando no fecho. Ergueu então a cabeça com expressão de suprema autoridade, expressão tanto mais assustadora quanto mais baixo se acha colocado o poder, feroz no animal bravio, atroz no homem insignificante.

— Sargento! — gritou ele. — Não vê que essa mulher vai a sair? Quem lhe disse que a soltasse?

— Fui eu — respondeu Madelaine.

Fantine, ouvindo a voz de Javert, estremecera e largara o fecho da porta, como um ladrão surpreendido larga o objecto que tentava roubar. A voz de Madelaine voltou-se, e desde esse momento, sem pronunciar uma só palavra, sem mesmo ousar dar livre saída à respiração, o seu olhar ia alternadamente de Madelaine para Javert e de Javert para Madelaine, consoante falava um ou outro.

Era evidente que para Javert apostrofar o sargento de modo como o fizera, depois do *maire* ter dado ordem de pôr Fantine em liberdade, era necessário que ele, como vulgarmente se diz, «estivesse fora de si». Teria ele chegado a esquecer-se da presença do *maire?* Teria concluído consigo próprio ser impossível que «uma autoridade» desse semelhante ordem, e que decerto o senhor *maire* dissera, sem querer, uma coisa por outra? Ou seria então porque, na presença das coisas extraordinárias que havia duas horas presenciava, teria julgado ser indispensável recorrer às resoluções extremas, ser preciso que o pequeno se fizesse grande, que o espião se transformasse em magistrado, que o agente de polícia se tornasse homem de justiça e nessa prodigiosa extremidade, a ordem, a lei, a moral, o governo, a sociedade inteira, se achavam personificadas nele, Javert? Fosse como fosse, quando o senhor Madelaine pronunciou aquele *fui eu*, oinspector de polícia voltou-se para o *maire*, pálido, frio, com os lábios azulados, o olhar desesperado, todo o corpo agitado de um imperceptível tremor, e, coisa inaudita, disse-lhe, com os olhos no chão, mas com voz fria:

— Isso não pode ser, senhor *maire.*

— Porquê? — retorquiu Madelaine.

— Esta desgraçada insultou um burguês.

— Inspector Javert — tornou Madelaine com serenidade e acento

conciliador —, escute-me. O senhor é homem de bem, portanto não tenho a mínima dificuldade em lhe dar uma explicação. Eis a verdade. Quando prendeu esta mulher, ia eu a passar pelo local; informei-me do ocorrido em alguns grupos que se encontravam ainda ali e soube como o caso realmente se passara. O culpado foi o burguês e era ele, em boa justiça, que deveria ter sido preso.

Javert replicou:

— Mas esta desgraçada ainda há pouco insultou o senhor *maire.*

— Isso é comigo — continuou Madelaine. — A injúria que recebi só a mim diz respeito. Posso, portanto, proceder como entender.

— Peço perdão ao senhor *maire*, masessa injúria ofendeu também a justiça.

— Inspector Javert — retorquiu Madelaine —, a primeira justiça é a consciência. Ouvi o que esta mulher disse e sei muito bem o que faço.

— E eu, senhor *maire,* não sei o que vejo!

— Se assim é, contente-se em obedecer.

— Obedeço ao meu dever. O meu dever ordena-me que esta mulher cumpra seis meses de prisão.

Madelaine respondeu com doçura:

— Oiça bem o que lhe digo: não há-de cumprir nem um só dia.

A estas palavras decisivas, Javert ousou fitar os olhos do *maire,* e disse-lhe, porém em tom de voz ainda profundamente respeitoso:

— Sinto-me desesperado por ter de resistir ao senhor *maire*, éa primeira vez na minha vida que tal me sucede. Mas permita-me observar-lhe que me acho dentro dos limites das minhas atribuições, e, visto que assim o determina, não tomarei em consideração senão o facto do burguês. Eu estava presente e vi como a coisas se passaram. Foi esta mulher quem se lançou sobre o senhor Bamatabois, que é eleitor e dono do magnífico prédio de três andares, todo de cantaria, que faz esquina para a esplanada. Enfim, são coisas deste mundo! Fosse como fosse, senhor *maire,* isto pertence à polícia das ruas, que é da minha alçada, e por isso conservarei a mulher presa.

Madelaine olhou fixamente para Javert, em seguida, com uma inflexão de voz severa que ninguém ainda na cidade tinha ouvido, exclamou:

— O facto a que o senhor se refere diz respeito à polícia municipal. Nos termos dos artigos 9.º, 11.º, 15.º e 17.ºdo código criminal, sou eu o juiz destas causas: por conseguinte, ordeno que esta mulher seja posta em liberdade.

Javert tentou um último esforço:

— Mas, senhor *maire*...

— E ao senhor, recordo-lhe o artigo 81.º da lei de 13 de Dezembro de 1799, sobre a detenção arbitrária.

— Senhor *maire,* permita-me...

— Nem mais uma palavra.

— Todavia...

— Retire-se! — ordenou Madelaine.

Javert recebeu o golpe de frente, firme e em cheio no peito, como um soldado russo. Cumprimentou respeitosamente o *maire* e saiu.

Fantine afastou-se da porta e, no auge do espanto, viu-o passar na sua frente. A infeliz sentia-se estranhamente abalada. Acabava de se ver de certo modo disputada por duas potências opostas; observara ali, na sua presença, a luta de dois homens que então dispunham da sua liberdade, da sua vida, da sua alma, da sua filha; um arrastava-a para as trevas, outro para a luz. Nesta luta presenciada através de um espanto progressivo, aqueles dois homens tinham-lhe parecido dois gigantes; um falava como o seu demónio perseguidor, o outro como o seu anjo da guarda. O anjo vencera o demónio, mas, o que fazia estremecer dos pés à cabeça, era esse libertador ser precisamente o homem que ela aborrecia, esse *maire* que por tanto tempo considerara como autor de todas as suas desgraças; era Madelaine quem a salvava no mesmo momento em que ela o insultara de um modo tão repugnante! Ter-se-ia ela enganado? Deveria, pois, modificar, transformar inteiramente a sua alma?... Tremia, não sabia o que pensar. Ouvia, espantada, o que eles diziam e olhava-os desorientada, sentindo a cada palavra que Madelaine proferia, fundir-se-lhe e desmoronar-se-lhe as medonhas trevas do ódio que lhe ensombravam a alma, sendo substituídas pelo que quer que era de agasalhador e inefável, que tinha em si a alegria, a confiança e o amor.

Depois de Javert sair, Madelaine voltou-se para ela e disse-lhe com voz pausada, custando-lhe a falar, como um homem sisudo quando quer evitar as lágrimas.

— Ouvi tudo o que disse, mas não tive conhecimento de coisa alguma. Creio, porém, e sinto que é verdade. Ignorava até que tivesse deixado de trabalhar na minha fábrica. Mas porque não se dirigiu a mim? Aqui estou, porém: ficarão a meu cargo as suas dívidas e mandarei buscar a sua filha, ou, se o desejar, irá ter com ela e viverá aqui, em Paris, ou onde quiser. Tomá-las-ei ambas à minha conta, dar-lhe-ei todo o dinheiro que necessitar. Sentindo-se feliz tornar-se-á honesta. E repare no que desde já lhe afirmo: se é verdade tudo quanto disse, o que não duvido, nunca deixou de ser virtuosa aos olhos de Deus. Pobre mulher!

Isto era mais do que a infeliz Fantine podia suportar. Ter Cosette na sua companhia, libertar-se daquela vida infame, viver livre, rica, feliz e honesta com sua filha! Ver surgir de repente do meio da extrema miséria todas as

realidades do paraíso!

Olhou com expressão incrédula para o homem que lhe falava, e só pôde aliviar o peito do peso de tamanhas venturas no arquejar de dois ou três soluços. Os joelhos vergaram-se-lhe e, antes de Madelaine ter tempo de impedi-la, sentiu-a agarrar-lhe as mãos e depor nelas os lábios ardentes.

Em seguida caiu desmaiada.

LIVRO SEXTO — JAVERT

I — Princípio de repouso

Madelaine mandou transportar Fantine para a enfermaria que estabelecera na sua própria casa e confiou-a aos cuidados das duas irmãs de caridade, que trataram imediatamente de a deitar. Sobreviera-lhe uma febre ardente, de modo que passou parte da noite a delirar e a falar em voz alta. Por fim, adormeceu.

Quando no dia seguinte, por volta do meio-dia acordou, ouviu o sussurro de uma respiração muito próximo do leito, desviou o cortinado e deu com os olhos em Madelaine, de pé e olhando para o que quer que fosse que lhe ficava em frente Naquele olhar lia-se a piedade, a aflição e a súplica; Fantine seguiu lhe a direcção e viu que se dirigia para um crucifixo pregado na parede.

Madelaine estava transfigurado aos olhos de Fantine. Afigurava-se-lhe vê-lo rodeado de luz e absorvido numa oração. Contemplou-o durante muito tempo sem o interromper, até que por fim disse-lhe timidamente:

— Que está aí a fazer?

Havia uma hora que Madelaine ali estava, esperando que Fantine acordasse. Pegou-lhe na mão, tomou-lhe o pulso e respondeu:

— Como está?

— Muito bem, dormi bastante e creio que estou melhor. Isto não há-de ser nada.

Madelaine continuou, respondendo à pergunta que ela primeiro lhe fizera, como se ainda a ouvisse:

— Eu orava ao mártir que está no céu.

E acrescentou no seu pensamento: «Pela mártir que está na terra».

Madelaine, que levara a noite e a manhã a colher informações, já sabia tudo, conhecia a história de Fantine nos seus mais pungentes pormenores. Continuou, pois:

— Pobre mãe, o que tem sofrido! Mas não se lastime agora, porque tem o dote dos escolhidos da mão de Deus. É assim que os homens fazem anjos. Mas não é por culpa deles; não sabem consegui-lo de outro modo. Esse inferno de que saiu é a primeira forma do céu. Era indispensável começar assim.

E suspirou profundamente. Fantine, porém, sorria-lhe, com esse sorriso sublime a que faltavam dois dentes.

Naquela mesma noite, Javert escreveu uma carta que foi pessoalmente entregar na administração do correio de Montreuil-sur-mer no dia seguinte pela manhã. Era para Paris e ia dirigida ao senhor Chafoouillet, secretário do senhor prefeito da polícia. Como o caso passado na repartição de polícia se

havia divulgado, tanto os empregados do correio, como outras pessoas que viram a carta antes de seguir o seu destino e reconheceram a letra de Javert, julgaram que era a sua demissão o que ele enviava.

Madelaine apressou-se a escrever aos Thenardier, aos quais Fantine devia cento e vinte francos e a quem ele remeteu trezentos, dizendo-lhes que se pagassem daquela quantia e trouxessem logo a criança a Montreuil-sur-mer, onde sua mãe doente a reclamava.

Os Thenardier ficaram deslumbrados.

— Com a fortuna! — exclamou o estalajadeiro, dirigindo-se à mulher. — Não devemos entregar a pequena, parece-me que vai ser uma mina. Eu já sei o que isto é: foi algum papalvo que se agradou da mãe.

A sua resposta foi uma conta de quinhentos e tantos francos. Nesta conta figuravam, deitando a mais de trezentos francos, duas verbas incontestáveis: uma de um médico e outra de um boticário, os quais tinham sido, respectivamente, assistente e fornecedor dos remédios em duas longas doenças de Azelma e Eponine. Cosette nunca estivera doente. Bastava portanto uma substituição de nomes para o negócio ser perfeito.

Thenardier escreveu no fim da carta: *Recebi por conta trezentos francos.*

Madelaine enviou imediatamente mais trezentos francos, recomendando que não se demorassem em mandar Cosette.

— Pois sim! Agora é que não a devemos largar!

Entretanto, Fantine não melhorava e continuava a permanecer na enfermaria.

As irmãs de caridade só com repugnância é que a princípio aceitaram e trataram «daquela mulher perdida». Quem tem visto os baixos-relevos de Reims, lembra-se da intumescência do lábio inferior das virgens castas olhando para as mulheres impúdicas. Este antigo desprezo das vestais pelas mulheres da vida fácil é um dos mais profundos instintos da dignidade feminina; sentiram-no as irmãs, com o acréscimo de intensidade que lhes dá a religião. Fantine desarmou-as, porém, em poucos dias, com as suas palavras cheias de doçura e humildade e com aquele enternecimento a que se não pode vedar o coração em presença de uma mulher que é mãe.

Um dia, as irmãs ouviram-na dizer, no meio do delírio da febre:

— Tenho sido uma pecadora, mas se chegar a ter comigo a minha filha, é porque Deus me perdoou. Enquanto estive na má vida, não quis Cosette na minha companhia, porque não poderia suportar o espanto triste dos seus belos olhos. Contudo, foi por ela que eu me fiz má, e é talvez por isso que Deus me perdoou. Sentirei a bênção do Senhor quando ela aqui estiver vendo a sua inocência, sentir-me-ei melhor. Ela não sabe nada. É um anjo, minhas irmãs.

Naquela idade, ainda se conservam as asas.

Madelaine ia vê-la duas vezes por dia, e ela perguntava-lhe sempre:

— Quando verei a minha Cosette?

— Talvez amanhã — respondia-lhe ele. — Deve chegar de um momento para o outro.

E o rosto pálido da mãe resplandecia.

— Que felicidade eu vou ter! — dizia ela.

Fantine não se restabelecia, pelo contrário, o seu estado agravava-se de semana para semana. Aquele punhado de neve aplicado sobre a pele nua, entre as duas omoplatas, determinara uma súbita supressão de transpiração, em virtude da qual veio a declarar-se-lhe com a maior violência a doença que ela havia muitos anos como que chocava dentro de si. Começavam então a seguir-se as belas indicações de Laeinnec no estudo e tratamento das doenças de peito. O médico observou Fantine e abanara a cabeça.

Madelaine perguntou ao clínico:

— Então?

— Ela não tem uma filha a quem deseja ver? — inquiriu o médico.

— Tem.

— Nesse caso apresse-se em a mandar buscar.

Madelaine sentiu um estremecimento.

— O que disse o médico? — perguntou-lhe Fantine.

Madelaine respondeu, esforçando-se por sorrir:

— Disse que lhe mandasse buscar a sua filha, porque bastaria isso para lhe dar saúde.

— E tem razão! — replicou ela. — Mas que interesse têm os Thenardier para se demorarem tanto em ma trazer? Não pode tardar. Vejo finalmente a felicidade perto de mim.

Entretanto, os Thenardier não largavam a pequena, dando para isso uma série de péssimas razões. Cosette andava um pouco adoentada, para se expor ao risco de fazer a jornada no Inverno. E, além disso, havia ainda umas dividazitas importunas na terra, cujas contas andava a ajuntar, etc., etc.

— Mandarei alguém buscar Cosette — disse Madelaine — e, se for preciso, irei eu mesmo.

Sob a indicação de Fantine, escreveu a seguinte carta, fazendo-a depois assinar:

Senhor Thenardier:

Queira ter a bondade de entregar Cosette a o portador desta carta. As pequenas dívidas de que fala ser-lhe-ão todas pagas. Sou com a maior consideração

Fantine.

Entretanto, sobreveio um grave incidente. Por mais que lidemos para

modelar com a perfeição que nos é possível essa misteriosa massa de granito de que a nossa vida é feita, jamais chegamos a fazer-lhe desaparecer o véu negro, nela impresso pela mão do destino.

II — Como Jean se pode tornar Champ

Uma manhã, estando Madelaine no seu gabinete ocupado a pôr em ordem alguns negócios urgentes, relativos ao seu cargo, para os deixar prontos caso se tornasse necessária a sua ida a Montfermeil, vieram dizer-lhe que o inspector Javert pretendia falar-lhe. Madelaine, ouvindo este nome, não pôde furtar-se a uma impressão desagradável. Javert, desde a ocorrência da repartição de polícia, evitava-o mais do que nunca, de modo que Madelaine não o tornara a ver.

— Mandem-no entrar — disse ele.

Javert entrou.

Madelaine ficara sentado ao pé do fogão, com uma pena na mão e os olhos postos num maço de papéis, que folheava e anotava e que continha autos de contravenções de posturas. Não se mexeu, pois, de onde estava, em respeito de Javert. Não podia deixar de lembrar-se da pobre Fantine e convinha-lhe mostrar-se glacial.

Javert cumprimentou respeitosamente o *maire,* que estava de costas para ele, continuando a fazer as suas anotações, sem sequer o encarar.

O inspector de polícia deu dois ou três passos no gabinete e parou, sem quebrar o silêncio.

Um fisionomista que fosse familiar com a natureza de Javert, que tivesse estudado aturadamente aquele selvagem servidor da civilização, aquele extravagante composto do romano, do espartano, do frade e do caporal, aquele espião incapaz de uma mentira, aquele esbirro virgem, um fisionomista que tivesse conhecimento da secreta e antiga aversão que ele professava a Madelaine, o seu conflito com o *maire,* e que naquele momento o observasse, teria dito consigo: «O que terá acontecido?» Era evidente, para quem conhecesse aquela consciência recta, clara, sincera, proba, austera e feroz, que Javert conseguira resolver algum problema íntimo. Javert não sentia nada na alma, que o não deixasse transluzir no rosto. Era, como as pessoas de génio violento, sujeito a mudanças repentinas. Nunca a sua fisionomia denotara mais estranha e inesperada expressão. Ao entrar, inclinou-se ante Madelaine, com um olhar em que não havia nem rancor, nem cólera, nem desconfiança; parara a alguns passos de distância por trás dacadeira de braços em que o *maire* se achava sentado e ali se conservava ainda, de pé, numa atitude quase disciplinar, com a rudeza ingénua e fria de um homem que nunca soube o que era a afabilidade e foi sempre paciente;

esperava sem proferir uma palavra, sem fazer um movimento, numa humildade verdadeira e numa resignação tranquila, que aprouvesse ao *maire* voltar-se; sereno, sério, de chapéu na mão e olhos baixos, com uma expressão que marcava o meio termo entre o soldado diante do superior e o réu na presença do juiz.

Todos os sentimentos, assim como todas as recordações que se lhe poderiam ter suposto, haviam desaparecido. Naquele rosto, simples e impenetrável como o granito, havia apenas a expressão de uma tristeza profunda. Todo o seu aspecto respirava submissão, firmeza e uma espécie de corajoso esmorecimento.

Finalmente, o *maire* pousou a pena e voltou-se um pouco:

— Então que é? O que há de novo, Javert?

Javert conservou-se por um instante silencioso, como se estivesse a reunir as ideias, dizendo depois com uma espécie de solenidade triste, que não excluía contudo a simplicidade:

— O que há, senhor *maire,* é que foi cometido um acto criminoso.

— Que acto?

— Um agente inferior da autoridade faltou ao respeito a um magistrado do modo mais grave. Venho, pois, como é meu dever, dar-lhe notícia do facto.

— Quem é esse agente? — perguntou Madelaine.

— Eu — disse Javert.

— O senhor?

— Eu mesmo.

— E quem é o magistrado que tem motivo para se queixar do agente?

— É o senhor *maire.*

Madelaine endireitou-se na cadeira e Javert prosseguiu com ar sereno e de olhos baixos como até ali.

— Senhor *maire,* venho pedir-lhe que solicite a minha exoneração da autoridade competente.

Madelaine, estupefacto, ia para responder, mas Javert interrompeu-o:

— O senhor dirá talvez que posso pedir a minha demissão, mas isso não é suficiente. Dar a demissão não comporta descrédito. Eu, porém, delinquí, devo ser punido. É necessário que seja expulso. — Após breve pausa, acrescentou: — Senhor *maire,* outro dia foi injustamente severo para comigo; seja-o hoje justamente.

— Mas porquê? — exclamou Madelaine. — Que quer dizer esse aranzel? Qual é a acção culpável que o senhor cometeu contra mim? O que foi que fez? Em que me ofendeu? Acusa-se, quer ser demitido...

— Expulso — disse Javert.

— Ou expulso, como quiser; afianço-lhe que não o percebo.

— Vai já perceber, senhor *maire.* — Javert soltou um profundo suspiro e continuou, sempre frio e tristemente: — Senhor *maire,* faz agora seis semanas, ficando furioso depois do que sucedeu por causa daquela rapariga, que o denunciei.

— Denunciou-me!?

— À prefeitura da polícia de Paris.

Madelaine, que não costumava rir-se muito mais do que Javert, desta vez pôs-se a rir.

— Por ter invadido as atribuições da polícia, sendo *maire?*

— Não, senhor, denunciei-o como antigo forçado das galés.

O *maire* tornou-se lívido. Javert, que não tinha erguido os olhos, continuou:

— Assim o julgava. Há muito que eu andava com isto na ideia, Uma grande semelhança, as indagações a que o senhor mandou proceder em Faverolles, a sua grande força, o que aconteceu com o velho Fauchelevent, asua perícia em atirar, o modo como arrasta um pouco uma das pernas, em suma, que sei eu? Tolices! Mas, enfim, tudo isto fizera com que eu o tomasse por um tal Jean Valjean.

— Um tal?... Como foi que lhe chamou?

— Jean Valjean. É um forçado que eu conheci há vinte anos, quando era guarda-ajudante da chusma de Toulon. Esse tal Jean Valjean, segundo consta, depois que saiu das galés, roubou um bispo, depois cometeu outro roubo à mão armada numa estrada, do qual foi vítima um rapazinho saboiano. Havia oito anos que se escondera, escapando, sem se saber como, a todas as diligências empregadas para se dar com ele. A mim afigurou-se-me... Enfim, fiz o que disse. A cólera decidiu-me a denunciá-lo à prefeitura de Paris.

Madelaine, que tornara a pegar no maço de processos havia alguns instantes, retorquiu em tom de indiferença:

— E que lhe responderam?

— Que eu tinha endoidecido.

— E então?

— Tinham toda a razão para o supor.

— Ainda bem que o reconhece!

— Não podia deixar de ser, pois o verdadeiro Jean Valjean foi encontrado.

A folha de papel que Madelaine segurava escapou-se-lhe da mão e ele, levantando a cabeça, olhou fixamente para Javert, exclamando com inexprimível acento:

— Ah!

Javert prosseguiu:

— Aqui está o que sucedeu. Parece que havia para os lados de Ailly-le-Haut-Clacher um pobre homem, chamado Champmathieu, que vivia em extrema miséria. A gente dessa classe ninguém sabe de que ela vive. Ultimamente, neste Outono, Champmathieu foi preso por um roubo de umas maçãs, feito a um tal... pouco importa o nome! Houve roubo, escalamento e ramos de árvores quebrados. O caso é que prenderam Champmathieu, que ainda tinha na mão um ramo da fruteira, e ferram-me com o maroto na cadeia. Até aqui a coisa pouco passa de um processo correccional. Mas o que é a Providência! Como o cárcere estava em mau estado, o senhor juiz julgou acertado mandar transferir Champmathieu para Arras, onde é a prisão distrital. Ora, encontra-se ali um antigo forçado, chamado Brevet, que está preso não sei porquê, e a quem, por ter bom comportamento, fizeram porteiro. Ainda bem, senhor *maire,* o Champmathieu não tinha posto o pé dentro da prisão, Brevet exclamou: «Olá! Eu conheço este homem! Também é cá da malta! Olhe cá para mim, você é o Jean Valjean!» Champmathieu, mostrando-se muito admirado, exclamou também: «Jean Valjean! Quem é Jean Valjean?». «Não te faças pacóvio», tornou Brevet, «tu és o Jean Valjean, estiveste nas galés de Toulon, há uns vinte anos; estivemos lá ambos». Champmathieu negou. Depois disto, o senhor *maire* bem compreende, aprofundou-se o assunto, e eis o que veio a saber-se. Há coisa de trinta anos, era este tal Champmathieu podador de árvores em diferentes terras, mas principalmente em Faverolles, onde se lhe perdeu o rasto. Passado muito tempo tornou a ser visto em Auvergne, depois em Paris, onde ele diz ter sido carpinteiro de carros e ter estado com uma rapariga lavadeira, mas isso parece não estar bem provado. Ora, o que era Jean Valjean antes de ter ido para as galés pelo crime de roubo qualificado? Podador. Aonde? Em Faverolles. Ainda outra prova: o nome de baptismo desse tal Valjean era Jean e o apelido da mãe, Mathieu. Não há nada mais natural do que julgar-se que ao sair da prisão tivesse adoptado o nome de sua mãe, para se esquivar a indagações, e passasse a chamar-se Jean Mathieu. Depois foi para Auvergne, de *Jean* a pronúncia da terra faz *chan,* e começam a tratá-lo por Champmathieu. O homem não se importou com esta mudança, e ei-lo transformado em Champmathieu. O senhor *maire* tem seguido o meu raciocínio, não é verdade? Bem. Fizeram-se indagações em Tiverolles. A família de Jean Valjean tinha desaparecido, sem que ninguém desse notícias dela. Como o senhor *maire* bem sabe, nesta classe há frequentes vezes destes desaparecimentos completos de famílias. Procura por aqui, procura por ali, mas nada. A gente desta qualidade quando não é lama, é poeira. E depois, como o princípio desta história data de há trinta anos, já não há ninguém em Faverolles que se lembre de Jean Valjean. Indaga-se em

Toulon. Além de Brevet, há apenas mais dois forçados que conheceram Jean Valjean. São os condenados a prisão perpétua, Cochepaille e Chenildieu. Mandaram-nos buscar para os confrontar com o suposto Champmathieu. Para eles, como para Brevet, é Jean Valjean. A mesma idade, cinquenta e quatro anos, a mesma estatura, o mesmo modo de andar, o mesmo homem, enfim, era ele. Foi nesta ocasião que eu mandei a minha denúncia à prefeitura de Paris. Responderam-me que tinha perdido o juízo e que Jean Valjean estava em Arras em poder da justiça. Avalia decerto a admiração que isto me causou, quando julgava ter aqui o próprio Jean Valjean! Escrevi logo ao senhor juiz, que me mandou ir a Arras, fazendo conduzir Champmathieu à minha presença.

— E então? — interrompeu Madelaine.

Javert respondeu com o seu ar incorruptível e triste:

— Senhor *maire*, averdade é a verdade. Fiquei contristado, mas ele é Jean Valjean. Reconheci-o também.

Madelaine disse em voz muito baixa:

— Está bem certo de não se ter enganado?

Javert riu com esse riso doloroso em que se expande às vezes uma profunda convicção e respondeu:

— Mais do que certo.

Em seguida, conservou-se um instante pensativo, pegando maquinalmente em pitadas de areia do areeiro que estava sobre a mesa e acrescentou:

— E agora que eu vi o verdadeiro Jean Valjean, não posso até entender como cheguei a julgar outra coisa. Peço-lhe, portanto, que me perdoe, senhor *maire*.

Ao dirigir estas palavras suplicantes e graves àquele que seis semanas antes o havia humilhado no departamento de polícia, dizendo-lhe: «Saia daqui!», Javert, o homem altivo, apresentava, sem que o suspeitasse, o aspecto da mais simples dignidade.

Madelaine respondeu à sua súplica com esta repentina pergunta:

— E o que disse esse homem?

— Ah, senhor maire, o caso é péssimo! Se é Jean Valjean, há reincidência. Escalar um muro, partir os ramos de uma árvore, furtar uma pouca de fruta, para uma criança é uma diabrura; para um homem é um delito; mas para um forçado é um crime. Ora, no facto de que se trata houve escalamento e roubo. Já não pertence portanto à polícia correccional, pertence ao tribunal do júri, não são alguns dias de cadeia, são as galés por toda a vida. E depois, há ainda a história do rapaz saboiano, queestou certo não deixará de ser apresentada. Com os diabos! Qualquer outro que não fosse Jean Valjean tinha com que se

entreter. Mas Jean Valjean é um grande manhoso. Até nisso o reconheci. Se fosse outro, sentir-se-ia quente com o caso; inquietar-se-ia, daria por paus e por pedras. A caldeira canta sempre ao pé do lume e não quereria ser Jean Valjean. Ele, pelo contrário, finge não perceber o que lhe dizem: «Sou Champmathieu, ninguém me tira disto!» Mostra-se muito admirado e finge-se estúpido, porque lhe parece melhor assim. O maroto é esperto, mas não lhe serve de nada a esperteza, porque há todas as provas. Sendo, como é, reconhecido por quatro pessoas, é por força condenado. Vai ser conduzido perante o júri de Arras, para onde estou citado como testemunha.

Madelaine aproximara-se novamente da mesa, lançando mão do maço de papéis e continuando a folheá-lo tranquilamente, lendo e escrevendo como que deveras ocupado com o que estava fazendo. De repente, voltou-se para Javert e disse-lhe:

— Está bem, Javert. Afinal de contas, interessam-me muito pouco todos esses pormenores. Estamos a perder tempo quando há tanto que fazer. Vá imediatamente a casa daquela pobre mulher chamada Buseaupied, que vende hortaliça à esquina da rua de Saint-Saulve, e diga-lhe que apresente a sua queixa contra o carroceiro Pedro Chesnelong. Este homem é um bruto que ia esmagando a pobre mulher e seu filho, por isso deve ser punido. Em seguida vá a casa do senhor Charcellay, na rua Montre-de-Chamipigny, que se queixou de que uma goteira da casa vizinha lhe deita a água da chuva para a sua, deteriorando-lhe os alicerces. Verifique depois se são exactas ascontravenções das posturas, que me participaram, na rua Guibourg, em casa da viúva Doris, e na rua do Garraud-Blanc, em casa da senhora Renée le Bossé, lavrando o competente auto no caso de o serem. Mas parece-me que isto é trabalho demais. Não tem de se ausentar? Não me disse que ia a Arras, daqui a oito ou dez dias, por causa do tal julgamento?

— Antes disso, senhor *maire.*

— Então quando?

— Parece-me ter dito ao senhor *maire* que o julgamento tinha lugar amanhã e que por isso partia esta noite na diligência.

Madelaine fez um movimento imperceptível e tornou:

— E quanto tempo durará o julgamento?

— Um dia, quando muito. A sentença será proferida o mais tardar amanhã à noite. Mas eu não esperarei pela sentença, que é infalível; assim que acabar o meu depoimento, voltarei imediatamente.

— Está bem! — disse Madelaine.

E despediu Javert com um gesto. Este, porém, não se moveu.

— Perdão, senhor *maire* — disse ele.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou Madelaine.

— Senhor *maire,* resta-me recordar-lhe...

— O quê?

— Que devo ser demitido.

Madelaine levantou-se.

— Javert, o senhor é um homem honrado, por isso merece a minha estima. Exagera a falta que cometeu, e demais, é uma ofensa que só a mim diz respeito. O senhor é digno de subir e não de descer. Espero que continue no exercício das suas funções.

Javert fitou Madelaine com o seu olhar cândido, no fundo do qual parecia ver-se-lhe a consciência pouco esclarecida, mas rígida e casta, e retorquiu com voz tranquila:

— Não lhe posso conceder isso, senhor *maire.*

— Repito-lhe que é uma coisa que só a mim diz respeito — replicou Madelaine.

Porém, Javert, sem se afastar do seu pensamento, continuou:

— Quanto a exagerar o que fiz, não é tanto assim. Eis aqui o meu raciocínio. Suspeitei do senhor injustamente.

— Isto não valia nada. Temos o direito de suspeitar, conquanto seja abuso suspeitar dos que nos são superiores.

— Mas é que eu denunciei-o como forçado, sem provas, num acesso de cólera, e com o fim de me vingar, ao senhor, um homem respeitável, um *maire,* um magistrado! Isto é grave quanto pode ser. Eu, agente da autoridade, ofendi a autoridade na pessoa do senhor *maire!* Se algum dos meus subordinados tivesse feito o que eu fiz, declará-lo-ia indigno do serviço e tê-lo-ia expulso. Mais uma palavra, senhor *maire.* Tenho sido frequentes vezes, durante a minha vida, severo para com os outros; era justo que assim fizesse. Agora, se não fosse severo para comigo, tudo que tenho feito de justo tornar-se-ia injusto. Acaso devo eu poupar-me mais do que poupei aos outros? Não, decerto. Se só servisse para castigar os outros e não a mim, seria um miserável e teriam razão os que me chamam velhaco e mau! Senhor *maire,* não desejo que me trate com bondade; a sua bondade azedou-me o sangue manifestando-se para com os outros, portanto não a quero para mim. Bondade má chamo eu à que consiste em dar razão à mulher pública contra o burguês, ao agente de polícia contra o *maire, ao* que está num lugar inferior contra o que ocupa uma posição superior. Com essa bondade desorganiza-se a sociedade. Meu Deus, ser bom é fácil, o que custa é ser justo! Esteja certo, senhor *maire,* que se o senhor fosse o que eu julguei que era, não me acharia, com certeza, bondoso! Senhor *maire,* eu devo tratar-me, consoante trataria

qualquer outro. Quando reprimia os malfeitores, quando procedia contra os tratantes, dizia muitas vezes a mim mesmo: «Se tu algum dia tropeças, se chegas a cair em alguma falta, fica descansado que não me escapas!» Ora eu tropecei, caí numa falta, tanto pior! Devo ser demitido, expulso, humilhado É apenas o que deve ser Tenho bons braços, pouco se me dá ir pegar numa enxada. Senhor *maire,* o bem do serviço exige um exemplo. Peço, pois, a demissão do inspector Javert.

Tudo isto fora pronunciado em tom humilde, mas altivo, desesperado e convicto, que dava não sei que estranha grandeza àquele homem, por quem as leis da honra eram tão desusadamente interpretadas.

— Pois veremos — disse Madelaine, estendendo-lhe a mão.

Javert recuou e disse com ar feroz:

— Desculpe-me, senhor *maire,* mas isto não deve ser. Um *maire* não aperta a mão a um beleguim. — E acrescentou por entre dentes: — Sim, beleguim; desde o momento que servi mal a polícia, não sou mais do que um beleguim!

Depois fez uma profunda cortesia e dirigiu-se para a porta. Antes de sair, porém, voltou-se e disse:

— Senhor *maire,* continuarei no serviço até ser substituído.

E saiu. Madelaine ficou pensativo, escutando o eco daqueles passos firmes e seguros que se afastavam pelo corredor.

LIVRO SÉTIMO — O PROCESSO DE CHAMPMATHIEU

I — A Irmã Simplícia

Em Montreuil-sur-mer não foram conhecidos todos os incidentes que vão ler-se, porém, o pouco que transpirou deixou tal recordação nesta cidade, que seria grave lacuna neste livro, deixarmos de dar deles circunstanciada notícia.

Nestes pormenores encontrará o leitor duas ou três circunstâncias inverosímeis, que conservamos em respeito à verdade.

Na tarde que se seguiu à visita de Javert, Madelaine foi visitar Fantine. Como de costume, porém, antes de ir ter com ela mandou chamar a irmã Simplícia.

As duas religiosas, que faziam o serviço da enfermaria, lazaristas como todas as irmãs de Caridade, chamavam-se irmã Perpétua e irmã Simplícia. A irmã Perpétua era o tipo de qualquer campónia que se encontra, grosseiramente irmã de caridade, que entrara para o serviço de Deus como uma criada para qualquer casa. Era religiosa como teria sido cozinheira, tipo que não é raro. As ordens monásticas aceitam de braços abertos esta pesada e grosseira loiça aldeã, facilmente modelada em capuchinho ou ursulina, e de ordinário tais rusticidades são utilizadas para as tarefas menos suaves da devoção. Não tem nada de estranho a transição de um vaqueiro para um carmelita; um transforma-se no outro sem grande trabalho; o fundo comum da ignorância da aldeia e do claustro é uma preparação completa e que coloca rapidamente o camponês no mesmo nível do frade. Dando-se mais alguma roda ao gabão tem-se logo a roupeta.

A irmã Perpétua era uma robusta religiosa, natural de Marines, nas imediações de Pontoise, falando à moda da sua terra, salmodiando, resmungando, adoçando a tisana segundo a beatice ou hipocrisia do enfermo, tratando com rudeza os doentes, com modo enfadado os moribundos, atirando-lhes quase com Deus ao rosto, apedrejando a agonia com orações em cólera, ousada, honesta e rubicunda. A irmã Simplícia era branca, de uma brancura de cera. Ao lado da irmã Perpétua, era um círio ao pé duma vela de sebo. S. Vicente de Paulo fixou divinamente a figura da irmã de caridade nestas admiráveis palavras, em que mistura tanta liberdade com tamanha servidão: «As irmãs de caridade terão por mosteiro a casa dos doentes, por cela um quarto de aluguer, por capela a igreja da paróquia, por claustro as ruas da cidade ou as salas dos hospitais, por clausura a obediência, o temor de Deus por grade, a modéstia por véu». Via-se realizado este ideal na irmã Simplícia. Ninguém lhe poderia assinalar a idade; nunca fora jovem e parecia nunca ter de vir a ser velha. Era uma pessoa não ousamos dizer uma mulher

doce, austera, de boa companhia, fria, e que nunca dissera uma mentira. Era tão bondosa que parecia frágil; todavia, era mais sólida do que o granito, tocando nos desgraçados com dedos puros, finos e encantadores. Havia, para assim dizer, silêncio no seu falar, falando somente o necessário, e possuindo um tom de voz que teria simultaneamente edificado um confessionário e encantado um salão. Ataviava-se esta delicadeza com o vestido de burel, achando neste contacto uma contínua lembrança do céu e de Deus. Insistimos num pormenor: não ter nunca mentido, não haver nunca dito, sob qualquer pretexto de interesse, mesmo indiferentemente, uma coisa que não fosse verdade, a santa verdade, era a feição característica da irmã Simplícia, a base da sua virtude. A sua veracidade imperturbável tornara-a quase célebre na congregação. O abade Sicard, numa carta ao surdo-mudo Massieu, fala da irmã Simplícia. Por mais puros e sinceros que sejamos, andamos todos, apesar da nossa candura, mais ou menos eivados de pequenas e inocentes mentiras. Ela não. Existe acaso pequena mentira, ou mentira inocente? Mentir é maldade absoluta. Não é possível mentir pouco ou muito, quem mente, mente. A mentira é a própria face do demónio; Satanás, além deste nome, chama-se também mentira. Era assim que ela pensava, e as suas acções harmonizavam-se com o seu modo de pensar. Daí resultava aquela brancura de que falámos, brancura que se lhe irradiava nos lábios e nos olhos. Era branco o seu sorriso, branco o seu olhar. Não havia uma teia de aranha, um grão de poeira, no espelhado daquela consciência.

Entrando na obediência de S. Vicente de Paulo, adoptara o nome de Simplícia, por escolha especial. Simplícia da Sicília, como se sabe, foi a santa que preferiu deixar que lhe arrancassem os dois peitos, a responder que nascera em Segesto, tendo nascido em Siracusa, mentira que a salvaria. A uma tal alma era a padroeira que convinha.

Quando a irmã Simplícia entrou para a Ordem, tinha dois defeitos de que a pouco e pouco se foi corrigindo; gostava de gulodices e de receber cartas. Depois, porém, não lia senão num livro de orações, de caracteres grandes e em latim. Ela não entendia o latim, mas compreendia o livro.

A piedosa religiosa afeiçoara-se a Fantine, por sentir nela talvez virtude latente, e consagrara-se quase exclusivamente a tratá-la.

Madelaine chamou de parte a irmã Simplícia e recomendou-lhe Fantine, com um tom de voz singular, de que mais tarde ela se recordou.

Depois que deixou a irmã, aproximou-se de Fantine, a qual esperava todos os dias a aparição de Madelaine, como se espera um raio de calor e de alegria. Dizia ela às irmãs: «Eu não vivo senão quando vejo o senhor *maire*».

Nesse dia estava ela com um grande acesso de febre. Apenas viu

Madelaine, perguntou-lhe:

— E Cosette?

Ele respondeu-lhe, sorrindo:

— Não tarda.

Madelaine conversou com Fantine como de costume. Somente, em vez de meia hora, demorou-se uma, com grande contentamento da infeliz. Fez mil recomendações a todos para que nada faltasse àenferma. Houve um momento em que a fisionomia se lhe tornou demasiadamente sombria, o que foi notado pelas pessoas presentes. Mas isso ficou explicado, quando se soube que o médico lhe dissera ao ouvido: «Tem piorado muito».

Voltou depois para a administração, e um funcionário viu-o examinar com toda a atenção um mapa das estradas de França, que se achava suspenso na parede do seu gabinete e tomar depois alguns apontamentos a lápis num bocado de papel.

II — Perspicácia de mestre Scaufflaire

Em seguida, Madelaine saiu da administração e dirigiu-se ao extremo da cidade, a casa de um flamengo chamado Scaufflaire, nome que depois de afrancesado ficou sendo Scaufflaire, que alugava cavalos e carruagens

O caminho mais curto para ir a casa deste Scaufflaire, era tomar por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbitério da freguesia em que Madelaine habitava, e cujo abade, segundo se dizia, era um homem digno, respeitável e de bom conselho. No momento em que Madelaine chegou em frente do (presbitério, ia a passar na rua uma única pessoa, a qual reparou no seguinte: O *maire,* depois de ter passado para lá da residência paroquial, parou, esteve imóvel durante algum tempo, voltou depois para trás e caminhou de novo até ao presbitério; em seguida, levando a mão à argola de ferro que havia na porta, levantou-a, suspendendo logo o movimento, permaneceu por um instante pensativo e, passados alguns segundos, em vez de deixar cair de repente a argola, pô-la brandamente em descanso e continuou o seu caminho, com uma certa pressa que antes não parecia levar.

Madelaine encontrou em casa mestre Scaufflaire, ocupado em consertar uns arreios.

— Mestre Scaufflaire — perguntou ele —, tem algum cavalo que seja bom?

— Senhor *maire* — disse o flamengo —, todos os meus cavalos são bons. O que entende o senhor por um bom cavalo?

— Entendo que é um bom cavalo o que pode andar vinte léguas num dia.

— Diabo! Vinte léguas!

— Sim.

— Atrelado a um cabriolet?

— Sim.

— E quanto tempo descansará ele depois?

— Em caso de necessidade, deve poder continuar no outro dia.

— Para fazer outra vez a mesma caminhada?

— Sim.

— Diabo! Diabo! E são vinte léguas?

Madelaine tirou do bolso o papel em que tomara os apontamentos e mostrou-os ao flamengo. Eram os números 5, 6, 8 1/2.

— Bem vê — disse ele. — Soma dezanove e meia, que é o mesmo que dizer vinte léguas.

— Senhor *maire* — tornou o flamengo — tenho com que o servir. Já deve ter visto passar algumas vezes o meu cavalo branco; é um animal pequeno, do Bas-Bolognais, mas muito fogoso. Quiseram primeiro fazê-lo cavalo de sela, mas ninguém foi capazde o montar que não fosse para o chão. Julgaram-no vicioso e não sabiam o que haviam de fazer dele Foi então que o comprei e meti-o logo ao cabriolet Era o que ele queria, tornou-se manso como um cordeiro e ligeiro como o vento. Cada um tem a sua ambição. Lá para sela é que ele não estava disposto. Puxar a um carro, quanto quiserem; levar alguém em cima, isso é que não.

— E será capaz de fazer a jornada?

— Andará as vinte léguas, sempre a galope e em menos de oito horas. Mas vou dizer-lhe as condições.

— Queira dizer.

— Em primeiro lugar, dar-lhe-á uma hora de descanso a meio caminho; comerá a ração, mas estará alguém ao pé dele, para evitar que o moço da estalagem lhe roube a aveia, porque tenho notado muitas vezes que nas estalagens é quase sempre a aveia mais bebida pelos moços do que comida pelos cavalos.

— Tomar-se-á sentido nisso.

— Em segundo lugar, o... cabriolet é para o senhor *maire*?

— É.

— O senhor maire sabe guiá-lo?

— Sei.

— Nesse caso, o senhor *maire* viajará só e sem bagagem, para não sobrecarregar o cavalo.

— Está combinado.

— Mas não levando ninguém consigo, será obrigado a dar-se ao incómodo de vigiar por si mesmo a ração.

— Não tenho dúvida nisso.

— Dar-me-á trinta francos por dia, incluindo os de descanso, nem menos um real, ficando o sustento do animal por conta do senhor *maire*.

Madelaine tirou três napoleões da bolsa e pô-los sobre a mesa.

— Aqui estão dois dias adiantados.

— Além do que já disse, um cabriolet seria demasiadamente pesado e fatigaria o cavalo em tão grande extensão. Era preciso que o senhor *maire* acedesse a fazer ajornada num pequeno *tilbury* que aí tenho.

— Não vejo nisso inconveniente.

— É muito ligeiro, mas descoberto.

— Isso para mim é indiferente.

— Mas o senhor *maire* já reflectiu que estamos no Inverno?

Madelaine não respondeu e o flamengo continuou:

— Que faz muito frio? Que pode chover?

Madelaine ergueu a cabeça e disse:

— O cavalo e o *tilbury* que estejam amanhã, às quatro horas e meia da madrugada, à porta da minha casa.

— Está combinado, senhor *maire* — respondeu Scaufflaire. Depois, raspando com a unha do polegar uma nódoa que havia na mesa, continuou com o ar de indiferença que os flamengos sabem tão bem aliar à finura de que são dotados. — Mas, agora me lembro. O senhor *maire* não me disse qual é o seu destino. Aonde vai?

Mestre Scaufflaire desde o principio da conversa que não pensava noutra coisa, mas não sabia porque não ousara ainda fazer esta pergunta.

— O cavalo tem as pernas dianteiras boas? — perguntou Madelaine.

— Tem, sim, senhor *maire*, mas sempre é bom sofreá-lo alguma coisa nas descidas. Há muitas descidas até aonde vai?

— Não se esqueça de que deve estar à minha porta às quatro horas e meia em ponto — respondeu Madelaine, saindo logo em seguida.

O flamengo ficou com «cara de asno», como ele próprio disse algum tempo depois. O *maire* tinha saído havia dois ou três minutos, quando a porta se tornou a abrir, dando-lhe entrada novamente. Tinha ainda o mesmo ar impassível e preocupado.

— Senhor Scaufflaire —, disse ele —, em quanto avalia o cavalo e o *tilbury* que me aluga, conduzindo um ao outro?

— Um arrastando o outro, senhor *maire?* — disse o flamengo, soltando uma gargalhada.

— Pois seja assim. E então?

— O senhor *maire* quer comprar-mos?

— Não, mas quero garantir-lhos para o que possa acontecer. Quando eu

voltar restituir-me-á o dinheiro. Vamos, em quanto avalia o *tilbury* e o cavalo?

— Em quinhentos francos

— Aqui os tem.

Madelaine pousou uma nota em cima da mesa e saiu, mas desta vez não tornou a entrar.

Mestre Scaufflaire lastimou profundamente não ter pedido mil francos, porque cavalo e *tilbury* não valiam juntos, cem escudos.

O flamengo chamou a mulher, contou-lhe o facto e logo ambos celebraram conselho.

— Aonde irá o senhor *maire?*

— Vai a Paris — disse a mulher.

— Não creio — respondeu o marido.

O flamengo pegou no papel em que Madelaine traçara os algarismos e que ele por esquecimento deixara em cima do fogão e pôs-se a estudá-lo.

— Cinco, seis, oito e meia? Isto deve marcar as mudas da posta. — Em seguida voltou-se para a mulher. — Já sei.

— O quê?

— Olha: daqui a Hesdin são cinco léguas, de Hesdin a Saint-Pol, são seis, e dali a Arras oito e meia. Vai a Arras.

Madelaine, entretanto, tinha ido para casa. Voltando da de Scaufflaire, tomara pelo caminho mais comprido, como se a porta do presbitério fosse uma tentação que ele quisesse evitar. Subira para o seu quarto e fechara a porta, o que não tinha nada de extraordinário, porque gostava de se deitar cedo Todavia, a porteira da fábrica, que era ao mesmo tempo a única criada de Madelaine, observou que a luz que ele tinha acesa se apagara às oito horas e meia e disse-o ao caixeiro quando este entrou, acrescentando:

— O senhor *maire* está doente? Pareceu-me notar-lhe um ar tão esquisito!

O caixeiro, que habitava um quarto situado exactamente por baixo do de Madelaine, não prestando atenção às palavras da porteira, deitou-se e adormeceu. Seria porém, meia-noite, quando acordou sobressaltado; ouvira através do sono um ruído por cima da sua cabeça e pôs-se à escuta. Era um som de passos que iam e vinham, como se alguém andasse a passear no quarto de cima. Escutou mais atentamente e reconheceu o andar de Madelaine. Isto pareceu-lhe estranho, porque de ordinário não se ouvia ruído de espécie alguma no quarto do *maire* antes da hora em que ele costumava levantar-se.

Um momento depois, o caixeiro ouviu o quer que fosse que se parecia com o abrir e fechar de um armário; em seguida, o arrastar de um móvel e, após alguns instantes de silêncio, recomeçarem os passos.

Completamente desperto, sentou-se na cama, olhou para a janela e viu através das vidraças, na parede fronteira, o revérbero avermelhado de uma janela alumiada. Pela direcção do reflexo, não podia ser senão a janela do quarto de Madelaine. O reflexo era trémulo como se proviesse de uma fogueira e não de uma luz. A sombra dos caixilhos envidraçados não se desenhava na parede, o que era sinal de que a janela estava aberta de par em par. Com o frio que fazia era de causar admiração aquela janela aberta.

O caixeiro tornou a adormecer, mas daí a uma ou duas horas acordou novamente. Por cima da sua cabeça continuavam a ouvir-se os mesmos passos, lentos e regulares, e na parede fronteira desenhava-se ainda o reflexo da luz, agora porém mais pálida e serena como o reflexo de uma lâmpada ou de uma vela. A janela conservava-se do mesmo modo aberta.

Eis o que se passava no quarto de Madelaine.

III — Tempestade num crânio

Sem dúvida o leitor já adivinhou que Madelaine não era outro senão Jean Valjean.

Já deitámos um olhar para as profundidades desta consciência; é, todavia, chegada nova ocasião de lançar-lhes outro olhar. Não o fazemos, porém, sem emoção e estremecimento, porque não há nada mais aterrador do que esta espécie de contemplação. Os olhos do espírito não podem encontrar em parte alguma mais deslumbramentos nem mais trevas do que no homem, nem fixar-se em coisa nenhuma, que seja mais temível, complicada, misteriosa e infinita. Há um espectáculo mais grandioso ainda do que o céu, é o íntimo da alma.

Fazer o poema da consciência humana, ainda que não fosse senão em relação a um só homem, mesmo ao mais ínfimo dos homens, seria fundir todas as epopeias em uma só epopeia superior e definitiva. A consciência é o caos das quimeras, das ambições e das tentativas, é a fornalha dos sonhos, o antro das ideias vergonhosas: é o pandemónio dos sofismas, o campo de batalha das paixões. Penetrai, em certos momentos, através da face« lívida de um ente humano absorvido pela reflexão e olhai para além, observai-lhe a alma, contemplai-lhe a escuridão. Há ali, sob a superfície límpida do silêncio exterior, combates de gigantes como em Homero, brigas de dragões, de hidras, e nuvens de fantasmas, como em Milton, espirais visionárias como em Dante. Sombria coisa é o infinito que todo o homem contém em si e pelo qual ele regula desesperado as vontades do seu cérebro e as acções da sua vida!

Alighieri encontrou um dia uma porta sinistra, em frente da qual estacou vacilante. Eis-nos também em frente de uma, em cujo limiar do mesmo modo hesitamos. Contudo, entremos.

Pouco temos que acrescentar ao que o leitor já conhece do que sucedera a Jean Valjean, após o seu encontro com o pequenito Gervásio. Desde esse momento, tornara-se outro homem. Executou cabalmente os desejos do bispo. Foi mais do que uma transformação, foi uma transfiguração.

Conseguiu desaparecer, vendeu as pratas do bispo, conservando apenas os castiçais como recordação, andou de cidade em cidade, atravessou a França, veio para Montreuil-sur-mer, concebeu e efectuou a ideia que já conhecemos, chegou a tornar-se inacessível a qualquer perseguição, e depois de tudo isto, estabelecido em Montreuil-sur-mer, feliz por sentir a consciência contristada pela recordação do seu passado e a primeira parte da sua vida desmentida pela segunda, passou a viver tranquilo, pacífico e cheio de esperanças, dominado apenas por dois pensamentos: ocultar o seu nome e santificar a vida; escapar aos homens e restituir-se a Deus.

Estes dois pensamentos tinha-os ele tão estreitamente ligados no espírito, que quase formavam um só; ambos igualmente absorventes e imperiosos, dominavam-lhe as mínimas acções. De ordinário, achavam-se sempre de acordo para regular os procedimentos da sua vida; faziam-no encararincessantemente as sombras, tornavam-no benévolo e simples, davam-lhe ambos os mesmos conselhos. Todavia, davam-se algumas vezes conflitos entre eles. Em tais circunstâncias, todos se recordam, o homem a que toda a gente de Montreuil-sur-mer chamava de senhor Madelaine não hesitava nunca em sacrificar o primeiro ao segundo; asegurança à virtude. Deste modo, a despeito de toda a reserva e prudência, conservara os castiçais do bispo, cobrira-se de luto pela sua morte, chamava e interrogava todos os rapazinhos saboianos que passavam pela cidade, diligenciava obter informações sobre as famílias de Faverolles e salvara a vida ao velho Fauchelevent, apesar das inquietadoras insinuações de Javert. Parecia julgar, como já notámos, a exemplo de todos os que têm sido sábios, santos e justos, que os seus primeiros cuidados não deviam ser nunca em proveito próprio.

Contudo, é necessário dizê-lo, ainda se não tinha apresentado nada de semelhante como o presente caso. Jamais as duas ideias que governavam o homem infeliz, cujos sofrimentos aqui narramos, haviam travado tão séria luta. Compreendeu-o ele confusa, mas profundamente, às primeiras palavras que Javert pronunciara quando entrou no seu gabinete.

No momento em que, de modo tão abrupto, ouviu articular aquele nome, que ocultava sob tão grandes espessuras, sentiu-se atacado de paralisia, embriagado pelo sinistro capricho do seu destino, invadido pelo estremecimento que precede os grandes abalos; curvou-se como o carvalho à aproximação da tormenta, como o soldado chegado o momento do assalto;

sentiu descerem-lhe sobre a cabeça terríveis sombras, pejadas de raios e de relâmpagos sinistros. Ao escutar Javert, o primeiro pensamento que o assaltara, fora correr a denunciar-se, livrar Champmathieu da prisão e colocar-se em seu lugar; esta ideia, porém, foi-lhe tão dolorosa e pungente como uma incisão na carne viva; depois passou e ele disse consigo: «Veremos! Veremos». Reprimindo o primeiro impulso generoso e recuando ante o heroísmo.

Seria belo, sem dúvida, depois das santas palavras do bispo, ao cabo de tantos anos de arrependimento e abnegação, no meio de uma penitência tão admiravelmente principiada, que este homem, mesmo em presença de tão terrível conjuntura, não tivesse hesitado um instante e continuasse a caminhar com o mesmo passo para o precipício aberto diante de si, no fundo do qual estava o céu; teria sido belo, mas não foi assim. Devemos dar conta das coisas que se passavam naquela alma e não podemos dizer senão o que lá se encontrava. O que primeiro o dominou foi o instinto da conservação; reatou à pressa o fio das suas ideias, sufocou as emoções que sentia, considerou a presença de Javert, perigo enorme, desviou, com a firmeza do terror, qualquer resolução que pudesse tomar, fez por olvidar o que devia fazer e tomou de novo o seu ar sossegado, como um lutador levantando o escudo

Passou o resto do dia neste estado um turbilhão lá dentro, uma tranquilidade profunda cá fora, tomando apenas o que se poderia chamar «medidas de conservação». No cérebro tudo se lhe debatia ainda em confusão; a perturbação ali era tal, que não lhe deixava ver distintamente a forma de nenhuma ideia; ele próprio não poderia dizer de si mesmo senão que recebera um grande golpe. Transportou-se, como de costume, para junto do leito de Fantine, e prolongou a sua visita, por um instinto de bondade, dizendo a si mesmo que era necessário proceder assim e recomendá-la bem às irmãs, para o caso em que acontecesse ele ter de ausentar-se. Conhecia vagamente que teria talvez de ir a Arras; e sem de nenhum modo se haver resolvido a semelhante Viagem, disse consigo que, estando ao abrigo de qualquer suspeita, como ele o estava, não havia inconveniente em ser testemunha do que se passasse; e alugou o *tilbury* a Scaufflaire, a fim de estar preparado para o que pudesse acontecer.

Jantou com bastante apetite, e apenas entrou para o quarto, pôs-se a meditar.

Examinou a situação e achou-a inaudita; de tal modo inaudita, que no meio das suas cogitações, levado por um impulso de ansiedade, quase inexplicável, ergueu-se da cadeira em que estava sentado e foi correr os ferrolhos da porta. Receou que entrasse ainda mais alguma coisa. Fortificou-se contra o possível.

Pouco depois apagou a vela. A luz incomodava-o.

Parecia-lhe que podiam vê-lo. Mas quem?

Quem ele queria evitar que entrasse, entrara já; quem ele queria cegar, fitava-o. Era a sua consciência.

A sua consciência, isto é, Deus.

Todavia, no primeiro momento, chegou a iludir-se; teve certo sentimento de segurança e de solidão; corridos os fechos da porta, tornou-se inexpugnável; extinta a luz sentiu-se invisível. Tornou-se então senhor de si, fincou os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça nas mãos e pôs-se a meditar nas trevas.

«Onde estou eu? Não será tudo isto um sonho? O que foi que me disseram? É realmente verdade que vi o Javert e que ele me falou daquele modo? Quem será esse Champmathieu? Será possível que se pareça comigo a tal ponto? Quando me lembro de que ainda ontem estava tão tranquilo e longe de suspeitar semelhantes coisas! Que fazia eu ontem a esta hora? O que há, pois, em todo este incidente? Qual será o seu destino? Que hei-de fazer?»

Eis a tormenta que o agitava. As ideias passavam-lhe como ondas pelo cérebro, que perdera a força de as reter; e ele para o conseguir apertava a fronte entre asmãos.

Deste tumulto que lhe abalava a vontade e a razão, e do qual ele procurava tirar uma evidência e uma resolução, saía apenas livre a angústia.

A cabeça escaldava-lhe. Dirigiu-se para a janela e abriu-a de par em par. No céu não havia uma só estrela.

Em seguida foi novamente sentar-se junto da mesa.

Decorreu deste modo a primeira hora.

Entretanto, a pouco e pouco, começaram a formar-se-lhe no meio da meditação uns vagos delineamentos e pôde entrever com a exactidão da realidade, não o conjunto da situação, mas alguns pormenores.

Principiou por reconhecer que por mais extraordinária e crítica que fosse a sua situação, estava completamente senhor dela.

O seu espanto tornou-se ainda mais intenso.

Independentemente do severo e religioso fim a que visavam as suas acções, tudo quanto fizera até àquele dia não fora mais do que aprofundar a cova em que enterrara o seu nome. Era o seu nome o que ele sempre mais temera ouvir pronunciar nas suas horas de insónia dizia consigo próprio que seria esse o fim de tudo para ele; no dia em que esse nome tornasse a aparecer, o seu desaparecimento faria desvanecer em torno de si a sua vida nova, e quem sabe se talvez no interior dele a sua nova alma?

Estremecia só com a lembrança da possibilidade de semelhante

pensamento. com efeito, se alguém naquelas ocasiões lhe houvesse dito que chegaria uma hora em que esse nome lhe soaria aos ouvidos, em que esse medonho nome Jean Valjean sairia subitamente da profunda obscuridade em que jazia e se ergueria diante dele, em que essa luz temível, feita para dissipar o mistério em que ele se envolvia, resplandeceria de improviso a seus olhos, e que esse nome o não ameaçaria, que essa luz *só* produziria uma obscuridade mais espessa, que o rasgar desse véu aumentaria mais o mistério, que aquele tremor de terra consolidaria o seu edifício, que esse prodigioso incidente não teria outro resultado, se a ele lhe aprouvesse, senão tornar-lhe a existência juntamente mais límpida e mais impenetrável, e que do seu confronto com o fantasma de Jean Valjean sairia o bom e digno burguês Madelaine, mais honrado, mais tranquilo e mais respeitado do que nunca; se alguém lhe tivesse dito tudo isto, encolheria os ombros e julgaria insensatas tais palavras. Pois bem! Fora precisamente o que lhe sucedera; tão grande montão de impossíveis era um facto e Deus permitira que tamanhas loucuras se tornassem realidades!

As suas visões continuavam a esclarecer-se; cada vez ia adquirindo mais profundo conhecimento da sua posição.

Parecia-lhe que acabava de acordar de um estranho sono e que no meio da noite, de pé, à beira de um abismo, diligenciando em vão recuar, resvalava para ele num declive rápido e inevitável. No mais denso das sombras entrevia um desconhecido que o destino se comprazia em tornar seu substituto e que o impelia em seu lugar para o medonho abismo. Era necessário que um ou outro caísse no precipício, para que ele se fechasse. Não havia mais do que deixar correr as coisas. A luz chegou à sua maior intensidade, e ele confessou a si próprio que o seu lugar nas galés estava vago; que, por mais que fizesse, elas lá o esperavam; que o roubo ao pequenito Gervásio ali o conduziria outra vez que esse lugar vazio o aguardava e atrairia até que o fosse preencher, o que era inevitável e fatal. Em seguida disse ainda para consigo que naquele momento tinha um substituto, porque parecia que um tal Champmathieu tomava essa crítica posição e que quanto a ele, presente nas galés na pessoa desse Champmathieu, presente na sociedade debaixo do nome de Madelaine, já nada tinha a temer, contanto que não obstasse a que os homens selassem sobre a cabeça desse Champmathieu, essa pedra de infâmia que, semelhante à pedra do sepulcro, uma só vez cai, *para* nunca mais se erguer.

Isto tudo era tão violento e extraordinário que subitamente se operou nele o movimento indescritível que nenhum homem experimenta mais de duas ou três vezes na vida, espécie de convulsão da consciência, que revolve quanto o coração contém de duvidoso, que se compõe de ironia, de alegria e desespero,

e que bem poderia chamar-se uma gargalhada íntima.

De repente acendeu precipitadamente a vela e disse consigo:

«Mas que devo eu temer? Para que hei-de pensar nestas coisas? Estou salvo! Acabou-se tudo! Não havia senão uma porta entreaberta pela qual o passado poderia irromper na minha vida, e essa porta está para sempre fechada! Esse Javert que há tanto tempo me perturba, esse temível instinto que parecia ter-me adivinhado, que me adivinhou e que por toda a parte me seguia; esse medonho rafeiro que me não perdia a pista, ei-lo fora do rasto, atento para outra parte, absolutamente desnorteado! Agora está satisfeito, encontrou o seu Jean Valjean; deixar-me-á, portanto, tranquilo! Quem sabe? Talvez até queira sair da cidade! Fez-se tudo sem que eu desse um passo! Não entrei com coisa alguma em tudo isto! Mas, de facto, o que pode haver de desgraça neste acontecimento? Palavra de honra que quem me visse havia de julgar que me sucedeu alguma catástrofe! Afinal de contas, se isto acarreta prejuízo a alguém, não é minha a culpa. É tudo devido à Providência, que aparentemente assim o quer! Tenho eu porventura direito de contrariar os seus desígnios? O que exijo eu presentemente? Em que me vou envolver? Sou estranho a tudo! De que é que preciso? O fim a que tenho aspirado por tantos anos, o sonho de todas as minhas noites, o objecto das minhas súplicas ao céu, a segurança, alcancei-a definitivamente! E para que o quer Deus? Para que eu continue o que comecei, para que pratique o bem, para que possa ser um dia grande e animador exemplo, para que chegue a dizer que houve enfim alguma felicidade ligada à penitência que tenho cumprido e à virtude a que voltei! Realmente não compreendo porque tive medo de entrar em casa do excelente cura, de lhe contar tudo como a um confessor e de lhe pedir conselho; ter-me-ia evidentemente dito o mesmo que tenho pensado. Está decidido, deixemos caminhar as coisas! Deixemos completar a obra de Deus!»

Assim raciocinava ele no mais íntimo da consciência, debruçado sobre o que poderia chamar-se o seu próprio abismo. Levantou-se por fim da cadeira e pôs-se a passear no quarto.

— Vamos — disse ele, falando consigo próprio —,não pensemos mais nisto. Estou resolvido!

Não sentiu, porém, a mínima alegria. Pelo contrário.

Pretender obstar a que o pensamento volte a ocupar-se de uma ideia, seria o mesmo que querer impedir o mar de voltar a humedecer a areia da praia. Para o marinheiro, chama-se isto a maré; para o criminoso, chama-se remorso. Deus agita a alma, como agita o oceano.

Passados instantes e por mais que fizesse, continuou o sombrio diálogo, em que era de que falava e quem escutava, dizendo o que desejaria calar,

escutando o que desejaria não ouvir, cedendo a essa potência misteriosa que lhe dizia: Pensa! Como há dois mil anos dizia a outro condenado: Caminha!

Antes de nos adiantarmos mais e para sermos completamente compreendidos, insistamos numa observação necessária.

É certo que o homem fala a si mesmo; não há um único ser racional que o não tenha experimentado. Pode mesmo dizer-se que o mistério do Verbo nunca é mais magnífico do que quando, no interior do homem, vai do pensamento à consciência e volta da consciência ao pensamento. É somente neste sentido que devem ser entendidas até palavras, frequentemente empregadas neste capítulo: disse, exclamou:diz, fala, exclama, cada um consigo mesmo, sem que seja quebrado o silêncio exterior. Há um grande tumulto; tudo fala em nós, excepto a boca. As realidades da alma, por não serem visíveis e palpáveis, nem por isso deixam de ser também realidades.

Aquele homem perguntou, pois, a si próprio em que ponto estava. Interrogou-se sobre aquela «resolução tomada». Confessou a si mesmo que tudo o que ele acabava de dispor no seu espírito era monstruoso, que «deixar correr as coisas e não se opor à vontade de Deus», era nem mais nem menos do que uma coisa horrível. Consentir que se consumasse aquele engano do destino e dos homens, não o impedir, antes favorecê-lo com o seu silêncio, nada fazer enfim, era fazer tudo, era o último grau da indignidade hipócrita, era um crime baixo, cobarde, dissimulado, hediondo, abjecto!

Pela primeira vez, ao cabo de oito anos, o desgraçado sentia o amargo sabor de um mau pensamento e de uma má acção.

Cheio de desgosto cuspiu-a de si e continuou a interrogar-se. Perguntou a si mesmo severamente o que entendera por: «Alcancei o meu fim!» Declarou que tinha, com efeito, um fim na vida. Mas qual era esse fim? Ocultar o seu nome? Iludir a polícia? Era por uma coisa tão pequena, que fizera quanto tinha feito? Porventura não tinha outro fim, que fosse o grande, o verdadeiro fim? Salvar, não a sua pessoa, mas a sua alma, tornar a ser honrado e bom, ser um justo! Não era isto o que ele sobretudo, o que ele unicamente desejara sempre e o que o bispo lhe ordenara: Fechar a porta ao seu passado? Mas é que ele não a fechava, grande Deus, abria-a, praticando uma acção infame; tornava-se um ladrão e o mais odioso dos ladrões: roubava a outro a sua existência, a vida, a paz, o seu lugar ao sol que nos alumia; tornava-se um assassino, matava moralmente um mísero homem, infligindo-lhe a medonha morte lenta, *a* morte a céu descoberto, que se chama galés!

Pelo contrário, salvar esse homem, vítima de um erro tão lúgubre, tornar a ser por dever o forçado Jean Valjean, era completar verdadeiramente a sua ressurreição e fechar para sempre o inferno de onde saíra!

Tornando a cair nele aparentemente, deixava-o na realidade! Era necessário fazer isto! Se o não fizesse, perderia quanto já fizera! Toda a sua vida teria sido estéril, toda a sua penitência se tornaria inútil! Bastava que dissesse: Para que fim? Sentia que o bispo estava ali, que se encontrava muito mais presente por já não existir, que não afastava dele os olhos, que dali em diante o *maire* Madelaine, mesmo com todas as suas virtudes, lhe parecia abominável e acharia puro e admirável o forçado Jean Valjean; que os homens só lhe viam a máscara, mas que o bispo lhe via o rosto; que os homens lhe viam a vida, mas que o bispo lhe via a consciência. Era indispensável, pois, ir a Arras libertar o suposto Jean Valjean e denunciar o verdadeiro! Ah, era este o maior dos sacrifícios, a mais pungente vitória, o último passo a dar, mas era indispensável! Doloroso destino! Não seria justo aos olhos de Deus sem tornar a ser infame aos olhos dos homens!

— Bem — disse ele —, adaptemos esta resolução, façamos o nosso dever, salvemos o homem.

Pronunciou estas palavras em voz alta, sem dar por tal.

Pegou nos livros, verificou-os e pô-los em ordem. Em seguida deitou fogo a um maço de obrigações de dívidas de que lhe eram devedores alguns comerciantes em más circunstâncias. Escreveu e fechou uma carta em cujo sobrescrito teria podido ler-se, se no quarto estivesse mais alguém naquela ocasião: «Ao senhor Laffite, banqueiro, rua d'Artois, Paris».

Em seguida tirou da secretária uma carteira que continha algumas notas de Banco e o passaporte de que naquele mesmo ano se servira para ir às eleições.

Quem o tivesse visto procedendo àquelas diversas operações a que ligava tão grande meditação, nem mesmo suspeitaria o que lhe ia na alma. O que fazia por vezes era mover os lábios, noutros momentos erguia a cabeça e fitava os olhos num ponto qualquer da parede, como se ali estivesse precisamente o que ele necessitava esclarecer ou interrogar.

Terminada a carta para Laffite, metera-a no bolso, assim como a carteira e continuou a passear no quarto.

A preocupação que o dominava não tivera o mínimo desvio. Continuava a distinguir claramente o seu dever, escrito em letras luminosas, que lhe fulguravam diante dos olhos e que via sempre para onde quer que olhasse: «Diz quem és! Denuncia-te!"

Via mesmo, e como se acaso se movessem diante dele com formas sensíveis, as duas ideias que tinham constituído até então a dupla regra da sua vida: ocultar o nome e santificar a alma. Pela primeira vez se lhe mostravam absolutamente distintas, podendo apreciar a diferença que as separava.

Reconhecia que uma daquelas ideias era necessariamente boa, enquanto a outra podia tornar-se má; que aquela representava a dedicação e esta a personalidade; que uma dizia «*o próximo*» e a outra «*eu*»; que uma brotava da luz e a outra provinha das trevas. Estas duas ideias combatiam-se e ele assistia ao combate.

À proporção que meditava, iam-se-lhe elas tornando grandes aos olhos do espírito; atingiam já estaturas colossais; parecia-lhe que via lucrar em si mesmo, no infinito de que há pouco falámos, no meio de sombras e relâmpagos, uma deusa e um gigante.

Achava-se cheiode espanto, mas parecia-lhe que sentia vencer o pensamento bom. Conhecia que chegara a outro momento decisivo para a sua consciência e para o seu destino; que o bispo marcara a primeira fase da sua nova vida e que aquele Champmathieu lhe marcava a segunda. Após a grande crise, a grande prova.

Entretanto, a febre, por um momento acalmada, foi-lhe voltando a pouco e pouco. Mil pensamentos lhe atravessavam o cérebro, mas todos continuavam a fortificar-lhe a resolução.

Por um momento dissera para consigo que tomara o caso talvez muito a sério porque, afinal de contas, esse Champmathieu era um ladrão, e por isso não mereciaque se interessasse por ele.

Mas a este pensamento retorquiu ele: se este homem roubou, com efeito, alguma fruta, sofrerá apenas um mês de prisão. Daqui às galés vai muita distância. E quem sabe se roubou? Está isso porventura provado? O nome de Jean Valjean pesando sobre ele parece dispensar as provas. Não é deste modo que costumam proceder os procuradores-régios? Julgam-no ladrão, porque o supõem forçado.

De outra veio-lhe àlembrança que lhe perdoariam, quando ele se denunciasse a si próprio, tomando em consideração o heroísmo do seu acto, a sua vida limpa de máculas há sete anos para cá e os serviços que prestara àquela terra.

Mas esta suposição desvaneceu-se logo, e ele sorriu-se amargamente, lembrando-se de que o roubo dos quarenta soldos feito ao rapazinho Gervásio o fazia reincidente, que esse processo reapareceria sem dúvida e que, nos termos da lei, o tornava réu de trabalhos forçados por toda a vida.

Afastou-se de toda ailusão possível, desligou-se cada vez mais da terra, procurando consolação e força noutra parte, dizendo que era preciso cumprir o seu dever; que talvez depois de o ter cumprido não fosse mais desgraçado do que depois de o ter iludido; que se deixasse correr as coisas,se ficasse em Montreuil-sur-mer, a consideração de que gozava, a sua boa reputação, as

suas boas obras, a deferência e veneração com que o tratavam, a sua riqueza, popularidade e virtude, seriam temperadas com um crime. Que sabor poderiam ter estas coisas tão santas, ligadas a tal hediondez? Enquanto que se ele preenchesse o seu sacrifício, na prisão, no pelourinho, na golilha, no barrete verde, no trabalho incessante, na vergonha sem piedade, haveria em tudo aquilo um como sabor celeste!

Finalmente disse que havia necessidade disto, que assim estava decretado o seu destino, que não tinha direito de contrariar o que Deus dispunha, que em todo o caso era preciso escolher: ou a virtude fora e a abominação dentro, ou a santidade dentro e a infâmia fora.

Não lhe desfalecia o ânimo a revolver ideias tão lúgubres, mas fatigava-se-lhe o cérebro, de modo que já principiava, mau grado seu, a pensar em outras coisas, em coisas indiferentes.

Batiam-lhe violentas as artérias nas fontes, e ele ia e vinha sempre Soou meia-noite, primeiro no relógio da freguesia, depois na casa da câmara. Contou as doze badaladas, nos dois relógios, comparando o som dos dois sinos e lembrou-se nesta ocasião que alguns dias antes tinha visto em casa de um negociante de ferros velhos um sino que ali estava à venda, no qual se via gravado este nome: *António Albino de Romainville.*

Sentiu frio. Acendeu o fogão, mas não se lembrou de fechar a janela.

Em seguida tornou a cair em meditação. Foi-lhe necessário grande esforço para se recordar do que estava passando antes de ouvir bater a meia-noite. Por fim, sempre o conseguiu.

— Ah, sim! — murmurou ele. — Tinha resolvido denunciar-me. — De repente, lembrou-se de Fantine. — É verdade! E esta pobre mulher?

Aqui declarou-se nova crise.

Fantine, surgindo inopinadamente no meio da sua meditação, causava nele o efeito de inesperado raio de luz. Pareceu-lhe que tudo em volta de si mudava de aspecto e continuou a falar consigo próprio:

— Ainda não pensei senão em mim, não atendi senão a minha conveniência! Calar-me ou denunciar-me, ocultar a minha pessoa ou salvar a minha alma, ser um magistrado venerável e respeitado, ou um forçado infame e desprezível, são coisas que só a mim respeitam; é o eu, unicamente o eu! Mas, meu Deus! Isto é ser egoísta! São expressões diversas do egoísmo, mas sempre é egoísmo! Se eu pensasse um pouco nos outros? Ó primeiro dos mais santos deveres é pensar no próximo. Vejamos, examinemos! Posto eu de parte, desaparecendo, sendo esquecido, o que poderá suceder? Se me denuncio, prendem-me, soltam Champmathieu e tornam a mandar-me para as galés; muito bem e depois? O que se passa aqui? Aqui há um distrito inteiro,

uma cidade cheia de fábricas, uma indústria, operários, homens, mulheres, velhos e crianças, uma multidão de pobre gente! Criei tudo isto, dei vida a tudo, em tudo, em todas as chaminés que deitam fumo foi o lume aceso por mim, fui eu quem meti na panela a carne para o jantar da família; produzi o bem-estar, estabeleci a circulação e o crédito; antes de mim não havia nada disto; animei, verifiquei, fecundei, estimulei e enriqueci todo o país, separando-me dele tiro-lhe a alma. Ausentando-me daqui, morre tudo. E esta mulher que tem padecido tanto, em cuja perdição há tantos motivos de estima e de quem eu, involuntariamente, ocasionei a última desgraça! E a criança que eu queria ir buscar, que prometi a sua mãe! Porventura não devo alguma coisa a essa mulher, em compensação do mal que lhe fiz? Se eu desapareço, que sucede? A mãe morre, a criança perde-se. Eis o que acontece se me denuncio. E se o não faço? Vejamos, se não me denuncio?

Depois de ter dirigido a si mesmo esta pergunta, parou; teve um momento de hesitação e de abalo, mas este momento foi rápido e respondeu com severidade:

— Esse homem vai para as galés, é verdade, mas que diabo! Para que roubou? Por mais que repita a mim mesmo o contrário, é um facto que roubou! Eu fico aqui, continuo como até agora. Em dez anos terei ganho dez milhões, espalho-os pelo país, não terei nada de meu, mas que me importa? Não é por mim que faço tudo isto! A prosperidade geral vai crescendo, as indústrias nascem e excitam-se mutuamente, a manufactura aumenta, as fábricas multiplicam-se e as famílias, cem mil famílias, vivem felizes; o território povoa-se; nascem aldeias onde não havia senão herdades, e nascem herdades onde não havia nada; a miséria desaparece e com ela os maus costumes, a prostituição, o roubo, o assassínio, todos os vícios, todos os crimes. Essa pobre mãe educa sua filha, e a par disto tudo, o país rico e honesto! Estava louco! Que absurdo, pensar em denunciar-me! Realmente, é preciso meditar muito e não ser precipitado. O quê! Porque me agradaria representar de magnânimo a generoso; no fim de tudo era um melodrama! porque não pensara senão em mim; porque quis salvar de uma punição, talvez um tanto exagerada, mas afinal justa, não sei quem, um ladrão, evidentemente um velhaco, deve perecer uma população inteira; deve uma pobre mulher morrer no hospital e uma infeliz criança ficar abandonada no meio da rua, como se fosse um cão? É abominável! Sem que mesmo a mãe tenha tornado a ver sua filha, sem que a criancinha quase conheça sua mãe. E tudo isto por causa de um sórdido ladrão de fruta que, com certeza, se não merece as galés por este roubo, merece-as sem a mínima dúvida, por outra coisa. Belos escrúpulos que salvam um culpado sacrificando muitos inocentes: que salvam o velho

vagabundo, que poucos anos poderá viver, que no fim de contas não será mais infeliz nas galés do que no seu casebre, e que sacrificam uma população inteira, homens, mulheres e crianças! E a pobre pequenita Cosette, que só me tem a mim neste mundo e que está a estas horas roxa de frio, na pocilga dos tais Thenardier que são também uns canalhas! Pois hei-de faltar aos meus deveres para com toda esta pobre gente? Hei-de ir denunciar-me? Hei-de cometer semelhante inépcia? Calculemos tudo pelo pior. Suponhamos que há em tudo isto mau procedimento da minha parte e que mais para diante a consciência mo exprobra; no aceitar em proveito dos outros essas exprobrações que só a mim respeitam, essa má acção que não prejudica senão a minha alma, é que consiste a dedicação, é nisto que está a virtude.

Em seguida levantou-se e continuou a passear. Desta vez pareceu-lhe que se sentia mais satisfeito.

Não se encontram os diamantes senão nas tenebrosas entranhas da terra; só se encontram as verdades nas profundidades do pensamento. Pareceu-lhe que depois de ter descido a estas profundidades, depois de ter andado às apalpadelas na maior densidade destas trevas, achara um desses diamantes, uma dessas verdades, que a tinha enfim na mão; contemplava-a portanto como deslumbrado.

— Sim, é isto mesmo! Cheguei à verdade, encontrei a solução. É necessário concluir alguma coisa. A minha resolução está tomada, deixemos caminhar as coisas! Não vacilemos, não recuemos. É o interesse de todos e não meu. Sou Madelaine, ficarei Madelaine. Desgraçado do que é Jean Valjean! Não sou eu, não conheço esse homem, não sei de quem se trata; se sucede haver neste momento alguém que seja Jean Valjean, avenha-se como puder! Não tenho nada com isso. É um nome fatal que paira no meio das sombras; se poisou sobre alguma cabeça, o mal épara ela.

E, olhando para um espelho que estava sobre o fogão, acrescentou:

— E então! Como alivia assentar numa resolução! Sinto-me outro.

Deu ainda alguns passos e parou de repente.

— Vamos! — disse ele. — É necessário não hesitar ante nenhuma das consequências do que resolvi. Há ainda alguns fios que me ligam a esse tal Jean Valjean! É necessário quebrá-los. Neste mesmo quarto há objectos que me acusam, objectos mudos que serviriam de testemunha; está decidido, é necessário que desapareça tudo.

E, tirando a bolsa da algibeira, abriu-a e procurou nela uma chavinha. Em seguida introduziu-a numa fechadura, cujo pequeno buraco mal se distinguia, perdida nas sombras mais carregadas da pintura do papel com que eram forradas as paredes e abriu um esconderijo, espécie de armário praticado

entre o ângulo da parede e o pano da chaminé. Não havia neste esconderijo senão alguns farrapos; uma camisola de algodão azul, umas calças, uma mochila, tudo muito velho, e um cajado de espinheiro, emponteirado em ambas as extremidades.

Os que tinham visto Jean Valjean na época em que atravessara Digne em Outubro de 1815, teriam facilmente reconhecido todas as peças daquele miserável vestuário. Conservara-as como conservara os castiçais de prata, para se recordar sempre do seu ponto de partida. Só ocultava os andrajos que provinham das galés; os castiçais, que provinham do bispo, conservava-os patentes. Olhou depois furtivamente para a porta, como se receasse que ela se abrisse apesar do ferrolho que a fechava; em seguida, com um movimento rápido, inesperado, e de uma só braçada, sem mesmo olhar uma única vez para os objectos que tinha tão religiosa e perigosamente guardado durante tantos anos, pegou nos farrapos, no cajado, na mochila, e lançou tudo no fogão.

Feito isto tornou a fechar o esconderijo; e redobrando as precauções, já inúteis, por isso que já estava vazio, ocultou a porta encostando-lhe um grande móvel.

Passados instantes, estavam o quarto e a parede fronteira iluminados com um clarão avermelhado e trémulo. Tudo ardia; o cajado de espinheiro estalava e arrojava faíscas até ao meio do quarto.

A mochila, consumindo-se com os hediondos farrapos que continha, deixara a descoberto o que quer que era que brilhava no meio da cinza. Quem se curvasse um pouco teria facilmente reconhecido uma moeda de prata. Eram sem dúvida os quarenta soldos roubados ao pequeno saboiano.

Madelaine não olhava para o lume e continuava a passear de um para o outro lado, sempre no mesmo passo.

De repente, os olhos fixaram-se-lhe nos dois castiçais de prata, que o reflexo da chama fazia reluzir vagamente sobre o fogão.

— Ainda reside ali um Jean Valjean completo — disse ele para consigo. — É necessário destruir aquilo.

E pegou nos dois castiçais.

O fogão tinha bastante lume para que pudessem ser rapidamente desfigurados e transformados numa espécie de barra, impossível de reconhecer. Curvou-se sobre o lume e aqueceu-se por um instante, sentindo verdadeiro bem-estar.

— Que excelente calor!

Com um dos castiçais remexeu o braseiro. Um minuto mais e estariam ambos no fogo. Neste momento, porém, pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe

gritava de dentro de si mesmo:

— Jean Valjean! Jean Valjean!

Os cabelos eriçaram-se-lhe e apresentou ao mesmo tempo o aspecto de um bom homem que está ouvindo uma coisa horrível.

— Isso, acaba com tudo! — dizia a voz. — Completa o que estás fazendo! Destrói esses castiçais! Apaga essa recordação! Esquece-te de tudo! Deita a perder esse Champmathieu! Não hesites! Muito bem. Aplaude-te! Assim mesmo: está combinado, está dito e resolvido: reduz-se tudo a haver um homem, um velho que não sabe o que lhe querem, que não fez talvez coisa alguma, um inocente de quem o teu nome constitui toda a desgraça, sobre quem ele pesa como um crime, que vai ser julgado em teu lugar, que vai ser condenado e terminar os seus dias na abjecção e no horror! Muito bem. Sê tu homem honesto. Continua a ser o senhor *maire,* conserva-te honrado e respeitado, enriquece a cidade, alimenta os indigentes, educa os órfãos, vive feliz, virtuoso e admirado; e durante esse tempo, enquanto estiveres aqui rodeado de esplendor e alegria, haverá alguém que vestirá a tua camisola vermelha, que ignorado usará o teu nome, e que arrastará a tua grilheta pelas galés! Sim, está tudo assim bem combinado! Ah, miserável!

O suor corria-lhe pela fronte e os olhos espantados não se lhe afastavam dos castiçais. Entretanto, o que lhe falava no íntimo, não terminara ainda. A voz continuava:

— Jean Valjean! Ouvir-se-ão em roda de ti inúmeras vozes que falarão muito alto, que farão grande ruído, abençoando-te; mas haverá uma, que ninguém ouvirá e que te amaldiçoará nas trevas. Escuta, pois, infame! Essas bênçãos tornarão a cair todas antes de chegarem ao céu, e só a maldição subirá até Deus!

Esta voz, em princípio fraca, e que se lhe elevara do mais recôndito da consciência, tornara-se gradualmente estrondosa e medonha, ouvindo-a depois junto do ouvido. Parecia-lhe que saíra de si mesmo e que passara a falar-lhe exteriormente. Julgou ouvir tão claras as suas últimas palavras, que correu a vista pelo quarto com uma espécie de terror.

— Está aí alguém?! — perguntou ele em voz alta e como desorientado. Depois acrescentou, soltando uma risada semelhante à de um idiota: — Que estúpido que eu sou! Não pode estar aqui ninguém.

Estava ali alguém com efeito, mas esse alguém era dos que os olhos humanos não podem ver.

Tornou a pôr os castiçais sobre o fogão. Depois continuou o seu passeio monótono e lúgubre, o qual perturbava os seus sonhos e despertava em sobressalto o homem que dormia no quarto que ficava por baixo.

Este passeio aliviava-o e embriagava-o ao mesmo tempo. Parece muitas vezes que o homem, nas ocasiões supremas, se agita para pedir conselhos a tudo que pode encontrar, nas sucessivas mudanças do lugar. Passados segundos já nem sabia onde estava.

Agora recuava ante as duas resoluções que adoptara simultaneamente. As duas ideias que o aconselhavam pareciam-lhe igualmente funestas.

— Que fatalidade! Que encontro o daquele Champmathieu, que julgavam ser ele! Ser precipitado justamente pelo meio que a Providência parecia ter em princípio empregado para o fortalecer e consolidar!

Por um momento encarou o futuro. Denunciar-se, grande Deus!, entregar-se! Encarou com grande desespero tudo o que tinha de abandonar e tudo a que teria de voltar; teria de dizer adeus àquela existência tão boa, tão pura, tão radiante, ao respeito que todos lhe tributavam, à honra, à liberdade!

Não tornaria a passear pelos campos, não ouviria mais cantar os passarinhos, no mês de Maio, não daria mais esmolas às criancinhas! Não - sentiria mais a doçura dos olhos de reconhecimento e de amor, que costumam fitá-lo! Deixaria aquela casa, que tinha construído, aquele quartozinho! Tudo naquele momento lhe parecia encantador. Não tornaria a ler aqueles livros, nem a escrever sobre aquela mesa de pinho! A velha porteira, a única criada que tinha tido, não voltaria a levar-lhe o café pela manhã! Grande Deus!, em vez de tudo isto a golilha, a vestimenta vermelha, a grilheta ao pé,a fadiga, o cárcere, a tarimba, todos os horrores conhecidos! Na sua idade e depois de ter sido o que fora! Ainda se fosse novo! Mas velho, receber o *tu* de toda a gente, ser revistado pelo guarda-chusma e receber bastonadas do comitre! Trazer os pés nus em sapatos ferrados! Apresentar pela manhã e à tarde a perna ao martelo do vigia que verifica a segurança das manilhas! Sofrer a curiosidade dos visitantes, aos quais diriam: *Aquele é o famoso Jean Valjean, que foi* maire *em Montreuil-sur-mer!* À noite, gotejando suor, acabrunhado pela fadiga, com o barrete verde caído sobre os olhos, tornar a subir a escada de mão da prisão flutuante ligado a outra criatura, sob a chibata do esbirro! Oh, que miséria! Pode porventura o destino ter tanta maldade como qualquer ente inteligente, e tornar-se monstruoso como o coração humano!

E por mais que fizesse, recaía sempre no mais pungente dilema que lhe ocupava o fundo da meditação:

«Conservar-se no paraíso e tornar-se aí mesmo demónio! Voltar para o inferno e tornar-se nele anjo! O que havia de fazer, grande Deus, o que havia de fazer?!»

A tempestade de que se livrara com tanto trabalho, desencadeava-lhe novamente no cérebro. As ideias recomeçavam a confundir-se-lhe e

apresentavam-se-lhe com a maquinal estupefacção própria do desespero. O nome de Romainville ocorria-lhe sem cessar ao espírito, com dois versos duma cantiga que ouvira noutro tempo.

Recordava-se de que Romainville era um bosquezinho nas imediações de Paris, onde os jovens namorados iam colher lilases no mês de Abril. Vacilava tanto por dentro como por fora. Caminhava como uma criancinha a quem se larga a mão.

Em certos momentos, lutando com a fadiga, esforçava-se em recobrar a inteligência. Diligenciava formular pela última vez e definitivamente, o problema sob o qual tinha de certo modo caído exausto. Deveria denunciar-se? Deveria calar-se? Não conseguia ver coisa alguma distintamente. Os vagos aspectos de todos os raciocínios esboçados pela sua meditação, oscilavam e dissipavam-se sucessivamente como o fumo. O que ele sentia era que, qualquer que fosse a sua última resolução, necessariamente *e* sem que fosse possível escapar-lhe, morreria nele alguma coisa; que entraria para um sepulcro, tanto pela direita como pela esquerda; que passaria, de todos os modos, por uma agonia, a agonia da sua felicidade, ou da sua virtude.

Todas estas resoluções o tinham de novo assaltado. Não estava mais adiantado do que no princípio.

Assim se debatia no meio da angústia aquela desventurada alma. Mil e oitocentos anos antes deste homem desafortunado, tinha também o ente misterioso em que se reúnem todas as santidades e sofrimentos da humanidade desviado com a mão, ao sussurrar das oliveiras agitadas pelo vento feroz do infinito, o cálix terrível, que lhe aparecia envolto em sombras e transbordando de trevas nas alturas recamadas de estrelas.

IV — Formas de sofrimento durante o sono

Três horas da manhã acabavam de soar, havendo cinco que daquele modo passeava quase sem interrupção, quando se deixou cair numa cadeira.

Adormeceu e teve um sonho, sonho que, como a maior parte deles, não tinha ligação com a situação em que ele se encontrava, senão pelo que quer que era de funesto e pungente, que lhe causou grande impressão. De tal modo o feriu aquele pesadelo, que escreveu mais tarde, e é esta uma das coisas que deixou escritas por sua própria mão. Julgamo-nos no dever de o transcrever aqui textualmente. Qualquer que ele seja, seria incompleta a história desta noite se o omitíssemos. É a sombria aventura de uma alma doente.

Ei-lo, pois. No sobrescrito, achamos escritas estas palavras: *O sonho que eu tive naquela noite.*

> Encontrava-me numa grande e triste campina, sem erva nem vegetação, parecendo-me que não era nem dia nem noite. Andava a passear com meu irmão, o irmão dos meus

anos da infância, esse irmão, em quem, devo dizê-lo, nunca penso, e do qual já quase me não lembro.

Conversávamos, interrompidos às vezes por uma outra pessoa que passava, falando de uma vizinha que tivemos noutro tempo, a qual trabalhava sempre com a janela aberta, desde que morava na rua, e, ao mesmo tempo que conversávamos, sentíamos frio proveniente daquela janela aberta. Não se via uma só árvore em toda a extensão da campina.

Nisto passou perto de nós um homem, cor de cinza, completamente nu, montado num cavalo cor de terra. Este homem não tinha cabelos; via-se-lhe o crânio, e nele as ramificações azuladas das veias. Traziana mão uma varinha flexível como um vime e pesada como ferro. Este cavaleiro passou por nós e não nos disse nada. Meu irmão disse-me: «Tomemos pelo carreiro».

Havia ali um carreiro em que se não via um pé de tojo, nem um bocado de musgo. Era tudo cor de terra, mesmo o céu.

Ao cabo de alguns passos dados, como ninguém me respondia, quando eu falava, olhei e vi que meu irmão já não ia a meu lado. Entrei então numa aldeia que avistei, lembrando-me que devia ser ali Romainville (porque havia de ser Romainville?[4]).

A primeira rua em que entrei estava deserta. Entrei noutra. Por detrás do ângulo formado pelas duas ruas estava um homem de pé, encostado à parede.

Perguntei a este homem: «Que terra é esta? Onde estou eu?» O homem não me respondeu. Vi a porta duma casa aberta e entrei. O primeiro quarto estava deserto: entrei no segundo. Por detrás da porta deste quarto, estava outro homem em pé, encostado à parede. Perguntei ao homem: «De quem é esta casa? Onde estou eu?» O homem não deu resposta. A casa tinha um jardim. Passei para o jardim, que também estava deserto.

Por detrás da primeira árvore encontrei ainda um homem em pé. Perguntei-lhe: «Que jardim é este? Onde estou eu?» O homem não respondeu. Percorri a aldeia e conheci que era uma cidade. Todas as ruas estavam desertas e todas as portas abertas. Não passava pelas ruas, não se encontrava nas casas, não passeava no jardim, um único vivente; mas atrás de cada ângulo do muro, atrás de cada porta e de cada árvore estava um homem, de pé, e que não falava. Não se via senão um por cada vez, mas todos eles me viam passar.

Saí da cidade e comecei a percorrer os campos. Passado algum tempo, voltei-me, e vi atrás de mim grande multidão. Reconheci todos os homens que tinha visto na cidade. Tinham umas cabeças extraordinárias; pareciam não se apressar, e contudo andavam mais do que eu. Os seus passos não produziam o mínimo ruído. Num momento fui alcançado e rodeado por aquela multidão. Os rostos dos homens que a compunham eram cor de terra.

Então, o primeiro que vira quando entrei na cidade e a quem fizera a primeira pergunta, dirigiu-me a palavra, dizendo-me: «Aonde vai? Porventura não sabe que está morto há muito tempo?»

Abri a boca para responder e vi que não tinha ninguém ao pé de mim.

Madelaine acordou. Estava gelado.

As vidraças da sacada aberta volteavam nos gonzos ao sabor de um vento frio como a aragem da manhã. Apagara-se o lume e a vela estava quase toda gasta. Era ainda noite fechada.

Levantou-se e encaminhou-se para a janela. No céu continuava a não se ver uma só estrela. Ao chegar à janela, de onde se avistava o pátio da casa e a rua, ressoou-lhe de súbito aos ouvidos um ruído seco e duro, que lhe fez baixar os olhos para o chão, e viu em baixo duas estrelas vermelhas, cujos raios se

alongavam e encolhiam extravagantemente no meio das sombras.

Como tivesse ainda o pensamento meio submerso na neblina dos sonhos, disse consigo:

— Não as há no céu porque estão agora na terra.

Entretanto, dissipou-se esta perturbação, e um segundo ruído semelhante ao primeiro acabou de o despertar; olhou e reconheceu que as duas estrelas eram as lanternas dum veículo. Era um *tilbury* puxado por um cavalo branco e pequeno. O ruído que ouvira era produzido pelas ferraduras do cavalo batendo na calçada.

«Que carruagem é esta?» pensou ele. «Quem será tão cedo?»

Neste momento bateram brandamente à porta do quarto. Madelaine estremeceu dos pés à cabeça e gritou com voz terrível:

– Quem está aí?

– Sou eu, senhor *maire* – responderam de fora.

Madelaine reconheceu a voz da velha porteira.

– Que deseja? – tornou ele.

– Senhor *maire,* são quase cinco horas da manhã.

– Que tenho eu com isso?

– É que já ali está o cabriolet.

– Qual cabriolet?

– O *tilbury.*

– Qual *tilbury?*

– O senhor *maire* não mandou vir um *tilbury?*

– Não – disse ele.

– O cocheiro diz que vem procurar o senhor *maire.*

– Qual cocheiro?

– O do mestre Scaufflaire.

– Scaufflaire?

Este nome produziu-lhe um estremecimento, como o que lhe produziria o cair dum raio. Se a velhota o visse naquele momento ficaria espantada.

Seguiu-se prolongado silêncio. Madelaine examinava com ar estúpido a chama da vela, tirando do pavio bocadinhos de cera derretida, e rolando-os entre os dedos. A porteira continuava a esperar. Ouvindo tudo tão silencioso, arriscou-se a erguer a voz:

– Senhor *maire,* o que hei-de dizer ao cocheiro?

– Diga-lhe que já desço.

V — Concerto nas rodas

Naquela época, o serviço do correio entre Arras e Montreuil-sur-mer, era

feito ainda por meio de pequenas mala-postas do tempo do império, que consistiam nuns cabriolets de duas rodas, forrados por dentro de couro branco, suspensas em molas de bomba e só com dois lugares, um para o condutor da mala, outro para o viajante. As rodas eram armadas desses longos cubos ofensivos, que conservam as outras carruagens a distância, e que ainda se vêem nas estradas da Alemanha. Por trás do cabriolet ficava colocada a mala, imensa caixa oblonga, que fazia corpo com ele. A caixa era pintada de negro e o cabriolet de amarelo.

Essas carruagens, com as quais não há hoje nada que se pareça, tinham qualquer coisa de disforme e, quando se avistavam ao longe, rastejando por alguma estrada no extremo horizonte, assemelhavam-se a esses insectos que, creio eu, se chamam *térmites*[5], os quais com uma cinta de diminutas proporções arrastam a parte posterior do corpo, excessivamente mais grossa. Todavia a velocidade destes veículos era grande. A mala-posta, que partia de Arras todas as noites à uma hora, depois da chegada do correio de Paris, chegava a Montreuil-sur-mer pouco antes das cinco horas da manhã.

Naquela noite, a mala-posta que se dirigia para Montreuil-sur-mer, pela estrada de Hesdin, ao dobrar a esquina de uma rua, na ocasião em que ia a entrar na cidade, embaraçou-se num *tilbury* pequeno, puxado por um cavalo branco, que vinha em sentido inverso, e no qual apenas havia uma única pessoa, um homem embrulhado numa manta. A roda do *tilbury* recebeu um choque bastante violento; o condutor da mala gritou ao homem que ia dentro, que parasse, mas ele não fez caso e continuou o seu caminho a galope.

— Irra! Aquele homem vai com uma pressa dos diabos! — disse o condutor

O homem que levava tamanha pressa, é o que nós ainda há pouco vimos debatendo-se em convulsões dignas por certo de compaixão.

Aonde ia ele? Não o poderia dizer. Porque levava tanta pressa? Não o sabia. Caminhava ao acaso, pelo caminho que via diante de si. Mas para onde? Sem dúvida para Arras; mas ia talvez também a outra parte. Sentia-o por momentos e estremecia. Penetrava na escuridão da noite como num pego Havia alguma coisa que o impelia e que o atraía. O que nele se passava ninguém o poderia dizer, e todos o compreenderão. Qual é o homem que não tem entrado, ao menos uma vez na vida, na escura caverna do inesperado e imprevisto?

No fim de tudo não tinha resolvido, decidido, assentado, nem feito coisa alguma. Nenhum dos actos da sua consciência fora definitivo. Estava, mais do que nunca, como no primeiro momento.

Que motivo o levava a Arras?

Madelaine repetia o que já a si mesmo dissera, alugando o cabriolet de Scaufflaire: que qualquer que fosse o resultado, não havia o mínimo inconveniente em ver com os próprios olhos, em julgar por si mesmo as coisas; que isto era prudente, porque precisava de saber o que ocorria; que nunca lhe seria possível decidir coisa alguma sem ter observado e escutado; que de longe os outeiros parecem montanhas; que no fim de contas quando tivesse visto o tal Champmathieu, com certeza um miserável sentiria provavelmente a consciência mais aliviada de o deixar ir para as galés em seu lugar; que na verdade ali encontraria o tal Javert, o tal Brevet, o tal Cheneldieu e Cochepaille, ex-forçados que o tinham conhecido, mas que incontestavelmente, o não reconheceriam.

Ora, que ideia! Javert estava a cem léguas da verdade: que todas as conjecturas e suposições convergiam sobre Champmathieu, e que coisa nenhuma é tão irascivelmente teimosa como as conjecturas e suposições; e que, finalmente, não corria o menor perigo.

Que, sem dúvida, era um passo bem intrincado da sua vida, mas que havia de sair dele; que no fim de tudo, por pior que o seu destino quisesse ser, tinha-o seguro, dominava-o. Era a este pensamento que ele se agarrava com todas as forças.

Mas, afinal, para dizermos tudo; estimaria não ir a Arras. Contudo, ia.

Sem deixar de pensar chicoteava o cavalo, o qual trotava com o trote regular e seguro que vence duas léguas e meia por hora.

A maneira que o cabriolet avançava, sentia ele em si o que quer que era de reanimador.

Ao nascer do dia estava numa campina; a cidade de Montreuil-sur-mer ficava-lhe já muito longe. Olhou para o horizonte que começava a alvorecer e encarou, sem as ver, todas as feias figuras duma aurora de Inverno, que lhe passavam por diante dos olhos. O começo do dia tem os seus espectros como o fim dele. Não os via, mas a seu pesar, e por uma espécie de penetração quase física, os negros vultos das árvores e das colinas juntavam-lhe ao estado violento da alma o que quer que era de taciturno e sinistro.

Cada vez que passava por uma casa das que orlam muitas vezes as estradas, dizia consigo: «Contudo há ali gente que ainda está dormindo!»

O trotar do cavalo, o ranger dos arreios e o rodar do carro, produziam um ruído suave e monótono. Estas coisas são todas encantadoras quando se está alegre; mas quando se está triste são lúgubres.

Era já dia claro quando chegou a Hesdin. Parou à porta de uma estalagem, para deixar descansar o cavalo e mandar-lhe dar a ração. O cavalo, como dissera Scaufflaire, era dos da raça pequena do Boulonnais, de cabeça,

pescoço e ventre muito grandes, mas de amplo peitoral, anca larga, jarrete delgado e seco e o casco sólido; raça feia mas robusta e sã.

O excelente animal andara cinco léguas em duas horas e não lhe escorria das ancas uma só gota de suor. Madelaine não se apeara.

O moço da cavalariça que trazia a aveia, baixou-se de repente e começou a examinar a roda esquerda.

— O senhor tem muito que andar? — perguntou ele.

O viajante respondeu, quase maquinalmente, e sem sair da sua preocupação:

— Porquê?

— Vem de muito longe?

— De cinco léguas distante daqui.

— Ora esta!

— Porque se admira?

O moço curvou-se novamente, permaneceu por um momento silencioso com os olhos fitos na roda e depois endireitou-se, dizendo:

— É porque está aqui uma roda que, segundo o senhor diz, rodou cinco léguas, mas que, com toda a certeza, não rodará nem mais um quarto de légua.

Madelaine apeou-se.

— Que me diz? »

— Digo-lhe que é um milagre que o senhor tenha percorrido cinco léguas, sem que caísse com o seu cavalo para dentro de algum barranco da estrada. Ora veja.

A roda estava com efeito muito danificada. O embate da mala-posta deslocara-lhe dois raios e fizera-lhe saltar a porca que no cubo segurava o eixo.

— Diga-me — perguntou ele ao rapaz — há aqui algum carpinteiro de carros?

— Há, sim, senhor.

— Faz-me favor de o ir chamar?

— É aqui ao pé. Olá! Ó mestre Bourgaillard!

Mestre Bourgaillard, carpinteiro de carros, que estava no limiar da sua porta, foi logo examinar a roda, e fez a careta dum cirurgião ao contemplar uma perna quebrada.

— Poderá vossemecê concertar esta roda imediatamente?

— Posso, sim, senhor.

— E quando poderei continuar a minha jornada?

— Amanhã.

— Amanhã!
— Isso leva um dia inteiro de trabalho. O senhor tem muita pressa?
— Muita! Não me posso demorar mais duma hora.
— Isso é que não pode ser.
— Pagarei o que quiser.
— É impossível.
— E se me demorar duas horas?
— Hoje é impossível. É preciso fazer-lhe dois raios novos e o cubo. Antes de amanhã não poderá partir.
— Mas o negócio que me obriga a partir não pode esperar para amanhã. E se em lugar de se concertar a roda, ela fosse substituída por outra?
— Substituída como?
— Vossemecê não é carpinteiro de carros?
— Sou, sim, senhor.
— Então não tem uma roda que me venda? Deste modo poderei continuar a minha jornada imediatamente.
— Uma roda de sobresselente?
— Sim.
— O que eu não tenho é uma roda feita de propósito para o seu cabriolet. Duas rodas fazem um par não se igualam assim à toa.
— Nesse caso venda-me um par de rodas.
— Mas, senhor, nem todas as rodas servem em todos os eixos.
— Experimente sempre.
— É inútil, senhor. Não tenho para vender senão rodas para carroças. Estamos aqui numa terra muito pequena.
— Tem vossemecê um cabriolet que me queira alugar?
O mestre carpinteiro, que logo à primeira vista conhecera que o *tilbury* era de aluguer, encolheu os ombros e disse:
— O senhor arranja bem os cabriolets que lhe alugam! Ainda que eu tivesse algum não lho alugava.
— Pois sim; e para me vender?
— Não tenho nenhum.
— O quê! Pois não há ao menos uma carroça qualquer?
— Bem vê que não sou difícil de contentar. Já lhe disse que isto aqui é uma terra muito pequena. Tenho aí a guardar uma carruagem muito velha, dum burguês da cidade, que só se serve dela uma vez cada mês. Eu alugava-lha de boa vontade; que me importava isso? Mas era preciso que o dono o não visse passar; e depois é uma caleche: seriam precisos dois cavalos.
— Alugarei cavalos de posta.

— Aonde é que o senhor vai?
— A Arras.
— E quer lá chegar hoje?
— Por força.
— Com cavalos de posta?
— Por que não?
— E não lhe faz diferença chegar a Arras às quatro horas da manhã?
— Isso de modo nenhum.
— É que deve lembrar-se de uma coisa: alugando cavalos de posta... O senhor tem passaporte?
— Tenho.
— É que o senhor alugando cavalos de posta não chega a Arras senão amanhã. Isto aqui não é estrada real. As mudas são mal servidas e os cavalos estão nas pastagens. Estamos no tempo das lavouras, todo o gado é pouco e por isso alugam-se cavalos em toda a parte: nem os da posta escapam. O senhor verá. Tem de esperar três ou quatro horas em cada muda; e depois terá de ir a passo, porque tem muito que subir.
— Sendo assim, irei a cavalo. Hei-de encontrar por aí alguém que me venda um selim.
— E este cavalo aguenta o selim?
— É verdade que não me lembrava disso. Não consente selim.
— Então...
— Pois não haverá na aldeia quem me alugue um cavalo?
— Um cavalo para ir a Arras, de uma assentada?
— Sem parar.
— Para isso seria preciso um cavalo como não há nenhum em todo este sítio. E depois, como ninguém conhece o senhor, tinha de o comprar. Mas é que não há nem para alugar nem para vender: ainda que o senhor desse quinhentos ou mesmo mil francos, não o encontraria.
— Como há-de ser então?
— O que lhe digo, como homem de bem, o melhor é eu concertar a roda e o senhor continuar a sua jornada amanhã.
— Amanhã é tarde.
— Diabo!
— Não há uma mala-posta que vai a Arras? Quando passa ela?
— Na noite de amanhã. As duas mala-postas fazem todo o serviço de noite, tanto a que vai, como a que vem.
— Mas então é preciso um dia inteiro para concertar a roda?
— E há-de ser bem aproveitado.

— E metendo mais dois operários?

— Ainda que metesse dez!

— E ligando-se os raios com uma corda?

— Os raios podiam amarrar-se, mas o cubo é que não. E depois a camba também está em muito mau estado.

— Na cidade não há carruagens de aluguer?

— Não, senhor.

— E outro carpinteiro de carros não haverá?

— Nada — responderam ao mesmo tempo o mestre carpinteiro e o moço da estalagem, abanando a cabeça.

Madelaine sentiu infinita alegria. Era evidente que a Providência se opunha à sua jornada. Fora ela quem lhe quebrara a roda do *tilbury* obrigando-o a parar no meio do caminho. Contudo não tinha cedido àquela espécie de primeira intimação; acabava de empregar todos os esforços possíveis para continuar a jornada; tinha leal e escrupulosamente esgotado todos os meios; não recuara, não tinha nada de que se arrepender. Se não ia mais longe, não era por falta de esforço! Já não era sua a culpa; não era obra da sua consciência, mas sim da Providência.

Respirou, pois. Respirou livremente e com toda a força dos pulmões, pela primeira vez depois da visita de Javert. Parecia-lhe que o pulso de ferro que lhe comprimia o coração havia vinte e quatro horas o largara enfim. Parecia-lhe que Deus era por ele e que acabava de lho patentear.

Repetiu consigo que fizera tudo o que estava ao seu alcance, e que então só lhe restava voltar tranquilamente para trás.

Se o seu diálogo com o carpinteiro de carros se tivesse passado num quarto da estalagem não teria testemunhas, ninguém o teria ouvido, as coisas teriam ficado assim, e é provável que não tivéssemos de contar nenhum dos acontecimentos que se lhe seguiram; mas o diálogo passou-se na rua. Não há conversação na rua que não atraia um círculo de curiosos: há gente que não perde ocasião de saber o que lhes não diz respeito.

Enquanto Madelaine fazia perguntas ao carpinteiro, tinham parado em volta deles algumas pessoas que iam passando. Um rapazito em que ninguém tinha reparado, depois de ter por um instante escutado, saiu do grupo a correr.

No momento em que o viajante, depois da deliberação interior que registamos, tomara a resolução de voltar para trás, tornou a aparecer o tal rapazito, acompanhado duma mulher já idosa, que se lhe dirigiu, dizendo:

— É verdade o que o meu rapaz me disse? O senhor deseja alugar um cabriolet?

Esta simples pergunta, feita por uma velha conduzida por uma criança, fê-lo cobrir de suor. Julgou ver a mão que o largara tornar a aparecer na sombra, por detrás dele, pronta a agarrá-lo de novo.

— É verdade — respondeu ele — desejo alugar um cabriolet. — E apressou-se em acrescentar: — Mas não há por aqui nenhum.

— Há, sim, senhor — respondeu a velha.

— Onde? — perguntou o carpinteiro.

— Em minha casa — respondeu a velha.

Madelaine estremeceu. A mão fatal apossara-se dele outra vez, apertando-lhe o coração naquele comprimir doloroso, de que por momentos se sentira livre. A velha tinha, com efeito, debaixo dum alpendre, uma espécie de carro de mato; mas o carpinteiro e o moço, desesperados por verem o viajante escapar-lhes das mãos, intervieram:

— Isso é uma caranguejola que mete medo e assente em cima do eixo, sem mais mola, nem mais nada; é verdade que os bancos que tem dentro são suspensos com correias, mas entra-lhe a água quando chove, e a ferragem está toda comida de ferrugem. Não é capazde aguentar mais do que o *tilbury;* este senhor faz muito mal se acaso se meter nela.

Tudo isto era verdade, mas a *caranguejola,* fosse como fosse, tinha duas rodas e podia ir a Arras.

Madelaine pagou o que lhe pediram, deixou o *tilbury* entregue ao carpinteiro para o concertar e encontrá-lo pronto quando voltasse, mandou atrelar o cavalo branco ao carro que alugara à velha e continuou o caminho que desde pela manhã seguia.

No momento em que o carro se moveu, confessou a si mesmo que um momento antes sentira certo prazer em pensar que o não levaria ao seu destino. Examinou esse prazer, de certo modo encolerizado e achou-o absurdo. Porque se havia de alegrar voltando para trás? No fim de contas fazia aquela jornada voluntariamente. Ninguém o obrigara a fazê-la.

E decerto, não sucederia senão o que ele quisesse que sucedesse.

À saída de Hesdin ouviu uma voz que lhe gritava:

— Pare! Pare!

Madelaine fez parar o carro com um movimento em que havia o que quer que era de febril e convulsivo, que se assemelhava à esperança. Era o rapazito que fora chamar a velha.

— Eu é que fui arranjar a carroça — disse ele.

— E então?

— Então o senhor não me deu nada.

Ele que a todos dava tão facilmente, achou esta pretensão exorbitante e

quase odiosa.

— Ah, foste tu, velhaco? — disse ele. — Pois não hás-de ter nada!

E fustigando o cavalo tornou apartir a galope.

Perdera muito tempo em Hesdin, portanto queria recuperá-lo. O cavalo era vigoroso e puxava por dois; mas estava-se em Fevereiro, tinha chovido, e as estradas achavam-se em péssimo estado. E depois já não tinha o *tilbury;* o carro era pesado e difícil de mover. Além disso, a maior parte do caminho era sempre em subida.

Gastou perto de quatro horas para ir de Hesdin a Saint-Pol.

Em Saint-Pol parou na primeira estalagem que encontrou, mandou desaparelhar e levar o cavalo para a cavalariça. Como tinha prometido a Scaufflaire, conservou-se ao pé da manjedoira enquanto o cavalo comeu, sempre com o pensamento em coisas tristes e confusas.

A mulher do estalajadeiro entrou na cavalariça.

— O senhor não quer almoçar? — perguntou ela.

— É verdade — disse ele —, sinto-me até com grande apetite.

E seguiu a estalajadeira que tinha uma fisionomia fresca e prazenteira, a qual o conduziu para uma sala situada no rés-do-chão, em que havia algumas mesas cobertas de encerados à falta de toalhas.

— Sirva-me depressa — disse ele —, preciso de partir imediatamente. Não posso demorar-me.

Logo em seguida apareceu uma robusta criada flamenga trazendo-lhe o talher. Madelaine contemplava a rapariga com um certo sentimento de bem-estar.

«Era isto o que me estava fazendo mal», pensou ele. «Não tinha ainda almoçado».

Serviram-lhe o almoço. Pegou no pão, deu-lhe uma dentada, depô-lo vagarosamente sobre a mesa e não tornou a tocar-lhe.

Madelaine voltou-se para um carreiro que estava a comer sentado a outra mesa e disse-lhe:

— Porque é que o pão é tão amargo?

Porém, como o carreiro era alemão, não entendeu, e Madelaine voltou para a cavalariça. Daí a uma hora tinha deixado Saint-Pol, dirigindo-se para Tinques, que fica apenas a cinco léguas de Arras.

Que fazia ele no decurso desta jornada? Em que pensava? Via passar, como pela manhã, as árvores, os tectos de colmo, os campos cultivados e o desaparecer rápido da paisagem, que se desloca em cada cotovelo do caminho. É esta uma contemplação que satisfaz a alma e quase a dispensa de pensar. Ver mil objectos pela primeira e última vez! Há aí coisa mais

profundamente melancólica? Viajar é nascer e morrer a todo o instante. Talvez ele, na região mais vaga do seu espírito, fizesse paralelos entre aqueles horizontes cambiantes e a existência humana. Todas as coisas desta vida fogem de contínuo diante de nós. Entremeiam-se as sombras com os clarões. Após um deslumbramento de luz, um eclipse, as trevas; olha-se, corre-se a toda a pressa, estendem-se as mãos para agarrar o que passa; e o que passa vai, e as mãos ficam vazias; cada acontecimento é o dobrar de um ângulo da estrada, e de repente somos velhos. Sente-se um como abalo, afigura-se-nos tudo negro, distingue-se uma porta escura e esse sombrio cavalo da vida, que vos arrastava, pára de súbito. E vê-se um ente desconhecido, coberto com um véu, a desatrelá-lo nas trevas.

Principiava o crepúsculo da tarde; *é* verdade que se estava ainda nos dias curtos do ano na ocasião em que os rapazes, que saíam da escola, viram entrar aquele viajante em Tinques, por onde passou, sem fazer paragem Ao desembocar da aldeia, um cantoneiro, que empedrava a estrada, ergueu a cabeça e disse:

— Desgraçado cavalo que vai estafado de todo!

Com efeito, o pobre animal já não podia andar senão a passo.

— O senhor vai a Arras? — perguntou o cantoneiro.

— Vou.

— Mas nesse passo não chega lá muito cedo.

O viajante fez parar o cavalo e perguntou ao cantoneiro:

— Quanto falta ainda daqui a Arras?

— Perto de sete léguas grandes.

— Como assim! Mas o roteiro não marca senão cinco léguas e um quarto.

— Mas é que o senhor não sabe que se está concertando a estrada e que a encontra cortada daqui a um quarto de hora de caminho. Não se pode passar para diante.

— Realmente?

— Mas pode tomar à esquerda pelo caminho que vai a Carency e passar o rio; chegando a Comblin volta à direita e está na estrada de Mont-Saint-Eloy, que conduz a Arras.

— Mas é já noite e perder-me-ei.

— O senhor não é destes sítios?

— Não.

— Então assim todo o caminho é mau. Olhe — continuou o cantoneiro — quer que lhe dê um conselho? O seu cavalo está estafado; volte para Tinques. Há lá uma estalagem muito boa; fique nela esta noite e amanhã então seguirá para Arras.

— Preciso de lá estar esta noite.

— Isso então é outra coisa. Mas vá sempre à estalagem, alugue um cavalo de reforço e o rapaz que o conduzir servir-lhes-á de guia no atalho.

O viajante adoptou o conselho do cantoneiro, voltou para trás e dali a meia hora tornou a passar pelo mesmo sítio, mas a trote largo, puxado então por dois cavalos. Sentado num dos varais do carro ia um moço de cavalariça que se intitulava postilhão.

Contudo, Madelaine sentia fugir-lhe o tempo. Tinha já anoitecido completamente quando entraram no atalho. O caminho tornou-se terrível. O carro dava solavancos horríveis, pelas desigualdades do terreno.

Madelaine disse ao postilhão:

— Sempre a trote e tens gorjeta dobrada.

Com um dos solavancos partiu-se um tirante.

— O caminho é levado do diabo — disse o postilhão —, lá se partiu o tirante. Agora não sei como hei-de emparelhar os cavalos. Se o senhor quisesse voltar para Tinques ficava lá esta noite e de manhã cedo podíamos estar em Arras.

— Não tem um bocado de corda e uma navalha? — retorquiu-lhe o viajante.

— Tenho, sim, senhor.

Apeou-se, cortou um ramo de árvore e substituiu o tirante. Perderam nisto mais vinte minutos, mas partiram depois a galope.

A planície estava tenebrosa. Nevoeiros muito baixos, espessos e negros, como que trepavam pelas colinas, destacando-se delas quais turbilhões de fumo. Nas nuvens apareciam de vez em quando clarões esbranquiçados. O vento rijo do mar produzia em todos os pontos do horizonte um ruído semelhante ao do arrastar de móveis. Tudo o que se entrevia apresentava aspectos aterradores. Quantas coisas se agitam com os vastos sopros da noite!

Madelaine sentia-se repassado pelo frio. Desde a véspera que não tomara o mínimo alimento. Recordava-se vagamente de outra corrida nocturna pelos campos, nas proximidades de Digne, havia oito anos, e parecia-lhe que fora na véspera.

De repente, ouvindo horas num relógio longínquo, perguntou ao postilhão:

— Que horas são?

— Sete; às oito estaremos em Arras. Faltam apenas três léguas.

Neste momento, fez pela primeira vez a seguinte reflexão, achando extraordinário que lhe não tivesse ainda ocorrido: reflectiu que era talvez inútil todo o seu trabalho, que nem ao menos sabia a hora da audiência; que devia ter obtido informações a tal respeito; e que era uma coisa extravagante

caminhar de semelhante modo, sem saber se aproveitaria tamanha fadiga. Depois calculou que ordinariamente as sessões de júri começavam às nove horas da manhã; que o processo de que se tratava não devia ser demorado; que o roubo da fruta era coisa insignificante; que não haveria em seguida senão uma questão de identidade, quatro ou cinco depoimentos, e muito pouco que dizer pelos advogados; que, portanto, chegaria depois de tudo concluído!

O postilhão fustigava os cavalos. Tinha já transposto a ribeira e deixado atrás de si o Mont-Saint-Eloy.

A noite tornava-se cada vez mais escura.

VI — A irmã Simplícia em provação

Na mesma ocasião, porém, em que isto se passava, sentiu-se Fantine sobremodo alegre, depois de ter passado uma noite péssima, com uma tosse terrível, em crescimentos febris e sonhos contínuos, de tal modo que, quando o médico pela manhã viera visitá-la, a encontrara a delirar e com o ar desvairado, que causam os acessos da febre.

Fantine que havia recomendado que a prevenissem apenas chegasse Madelaine, esteve triste toda a manhã, falando pouco, fazendo dobras nos lençóis e murmurando em voz baixa cálculos, que pareciam de distâncias. Tinha os olhos encovados e fixos, parecendo quase amortecidos, mas a intervalos incendiavam-se-lhe, resplandecendo então como estrelas. Parece que a claridade do céu inunda de luz os que estão privados da claridade da terra, ao aproximar-se de alguma hora sombria.

De todas as vezes que a irmã Simplícia lhe perguntava como se achava, respondia ela invariavelmente:

— Bem. O que eu queria era ver o senhor Madelaine.

Alguns meses antes, Fantine, na ocasião em que acabara de perder o resto de pudor, vergonha e alegria que ainda possuía, era a sombra de si mesma; agora, porém, era o espectro do que fora. O mal físico completara a obra moral. Aquela criatura de vinte e cinco anos tinha a fronte enrugada, as faces flácidas, as narinas contraídas, os dentes abalados, a cútis cor de chumbo, o pescoço descarnado, as clavículas salientes, os membros mirrados, a pele terrosa, e muitos dos seus cabelos loiros haviam embranquecido. Tal é o modo como a doença acelera estranhamente a velhice!

Ao meio-dia voltou o médico, receitou, perguntou se tinha aparecido o senhor Madelaine, e abanou a cabeça.

Madelaine costumava visitar Fantine pelas três horas. Como apontualidade provém da bondade, era pontual.

Pelas duas e meia, Fantine começou a agitar-se. No espaço de vinte minutos

perguntou mais de dez vezes à religiosa:

— Que horas são, minha irmã?

Deram afinal três horas. Apenas soou a terceira martelada do relógio, Fantine, que apenas se podia mover, sentou-se de repente na cama: juntou com uma espécie de impulso convulsivo as duas mãos descarnadas e amarelas, e a religiosa ouviu sair-lhe do peito um suspiro profundo, dos que parece aliviarem de um grande peso Fantine olhou em seguida para a porta. Não entrou ninguém; a porta nem mesmo se abriu.

Por um quarto de hora conservou-se na mesma posição, com os olhos fitos na porta, imóvel, e como contendo a respiração. A irmã não ousava dizer-lhe coisa alguma. O relógio da igreja deu um quarto depois das três. Fantine deixou cair novamente a cabeça no travesseiro. Não proferiu uma palavra e recomeçou a fazer dobras no lençol.

Passou a meia hora, a hora, e não apareceu ninguém. De cada vez que se ouvia o som do relógio, Fantine erguia-se um pouco, olhava para a porta e tornava logo a deixar-se cair.

Sem que pronunciasse nome nenhum, sem que se queixasse, sem que acusasse ninguém, via-se-lhe claramente opensamento. A tosse é que era cada vez mais lúgubre. Parecia que baixara sobre ela o que quer que era de obscuro. Estava lívida e tinha os lábios azulados. Por momentos sorria-se.

Soaram cinco horas; a irmã ouviu-a dizer suavemente em voz baixa:

— Mas visto que eu me vou embora amanhã, ele faz mal em não vir cá hoje!

A própria irmã se sentia surpreendida pela demora do senhor Madelaine.

Entretanto, Fantine olhava para o dossel do leito; parecia diligenciar recordar-se de alguma coisa. De repente, pôs-se a cantar com voz fraquíssima. A religiosa apurou o ouvido. Eis o que Fantine cantava:

Havemos de ir à cidade
Comprar mil coisas formosas;
Encarnadas são as rosas,
Roxo o lírio amo-te, amor!
Veio ontem visitar-me.
Lá do céu, a virgem pura;
Nos ombros trazia um manto
De bordada cercadura.
Entrou, sentou-se-me ao lado.
Pôs-se comigo a falar:
Aqui te trago, disse ela,
Envolto neste meu véu,
O menino que me pediste
Duma vez, toma-o, é teu.
Parte à cidade, traz pano,
Compra linhas e dedal.»

Havemos de ir à cidade
Comprar mil coisas formosas.
Virgem santa, um lindo berço,
Que de fitas enfeitei,
Para o meu querido menino.
Ao pé do lar coloquei.
Não trocara o lindo infante
Pela estrela mais brilhante,
Que Deus faz luzir no céu.
Dizei-me, agora, senhora.
Deste pano que farei?
Faz um lindo enxovalzinho
Para o menino que te dei.
Encarnadas são as rosas,
Roxo o lírio amo-te, amor!
Lava-o primeiro no rio,
Bem lavado, com sabão,
E faz dele um roupãozinho,
Que eu, por minha própria mão,
De mil flores bordarei.
Mas, senhora, que farei,
Pois não vejo o meu menino?
Que farei, ó virgem pura?
Faz-me de pano um lençol,
Para ir nele a sepultura.
Havemos de ir à cidade
Comprar mil coisas formosas;
Encarnadas são as rosas,
Roxo o lírio amo-te, amor!

Esta canção era uma velha romanza de embalar crianças, com que outrora ela adormecia a sua Cosette, e que não se lhe tornara a apresentar ao espírito desde que deixara de a ter consigo. Cantava-a, pois, com uma voz tão triste e numa toada tão suave, que fazia chorar até uma religiosa. A irmã de caridade, habituada às coisas austeras, sentiu lágrimas nos olhos.

O relógio deu seis horas. Fantine decerto não as ouviu. Parecia não dar atenção a coisa alguma das que a rodeavam.

A irmã Simplícia mandou uma servente perguntar à porteira da fábrica se o senhor *maire* já tinha entrado, e se iria sem demora à enfermaria. A servente voltou passados poucos minutos. Fantine conservava-se imóvel e parecia pouco atenta às ideias que a dominavam. A servente contou em voz baixa, à irmã Simplícia, que o senhor *maire* saíra antes das seis horas da manhã num pequeno *tilbury,* apesar do frio que fazia,que tinha ido só, sem ao menos levar cocheiro; que não sabia o caminho que seguira; que algumas pessoas diziam tê-lo visto tomar pela estrada de Arras, e que outras asseguravam tê-lo encontrado na estrada de Paris; que quando partira se mostrara bondoso como de costume, e que apenas dissera à porteira que o não esperasse

naquela noite.

Enquanto as duas mulheres segredavam, com as costas voltadas para a cama da doente, a irmã fazendo perguntas, e a servente conjecturas, Fantine, com a vivacidade febril de certas doenças orgânicas, que confunde os movimentos livres da saúde com a medonha magreza da morte, ajoelhara na cama, com ambos os punhos cerrados e apoiados no travesseiro, e dali passando a cabeça pela abertura das cortinas, pusera-se a escutar.

De repente, exclamou:

— Estão a falar do senhor Madelaine! Mas porque falam tão baixo. O que fez ele? Porque é que não vem?

A sua voz era tão áspera e rouca que as duas mulheres, julgando ouvir uma voz de homem, voltaram-se muito assustadas.

— Respondam! — gritou Fantine.

A criada balbuciou:

— A porteira disse-me que o senhor Madelaine não podia vir hoje.

— Deite-se, minha filha — disse-lhe a irmã —, sossegue.

Fantine, porém, sem mudar de atitude, tornou em voz alta e com um acento ao mesmo tempo imperioso e dilacerante:

— Não pode vir? Porquê? Conhecem a razão, porque a diziam há pouco uma à outra. Também eu a quero saber.

A criada disse apressadamente ao ouvido da religiosa:

— Diga-lhe que está ocupado no conselho municipal.

A irmã Simplícia corou ligeiramente: era uma mentira o que a criada lhe aconselhara. Por outro lado bem sabia que dizer a verdade à doente seria decerto descarregar sobre ela um golpe terrível, coisa extremamente grave no estado em que se achava Fantine.

Este rubor durou pouco. A irmã ergueu para Fantine os olhos tranquilos e tristes e disse-lhe:

— O senhor *maire* ausentou-se da cidade.

Fantine endireitou-se e sentou-se sobre os calcanhares. Os olhos apresentaram de repente extraordinário brilho; na dolorosa fisionomia resplandeceu-lhe a mais inesperada alegria.

— Partiu! — exclamou ela. — Foi buscar a minha Cosette!

Depois ergueu ambas as mãos ao céu, patenteando em todas as feições a mais inefável expressão. Movia os lábios: orava em voz baixa. Quando terminou a oração, continuou:

— Minha irmã, vou tornar a deitar-me; vou fazer tudo que me mandarem. Ainda agora fui muito má, peço-lhe que me perdoe por ter falado tão alto; bem sei que não se deve falar alto, minha querida irmã, mas bem vê, agora

estou satisfeita. Deus é de muita bondade e o senhor Madelaine é muito boa pessoa. Imagine que foi a Montfermeil, só para trazer a minha Cosette.

E tornou a deitar-se, ajudou a religiosa a acomodar o travesseiro, e beijou uma cruzinha de prata que trazia ao pescoço e que lhe fora dada pela irmã Simplícia.

— Veja se sossega, minha filha — disse a irmã —, não fale mais.

Fantine tomou entre as suas a mão da irmã Simplícia, a qual sofria extraordinariamente por lhe sentir aquele suor e prosseguiu:

— Foiesta manhã para Paris. Nem mesmo tem precisão de passar por lá. Vindo de lá, Montfermeil fica um pouco à esquerda. Lembra-se como ele me dizia: *Não tarda, não tarda?* quando eu ontem lhe falava de Cosette? É uma surpresa que me quer fazer. Olhe, não sabe? Ontem fez-me assinar uma carta, dando ordem aos Thenardier para a entregarem. Eles não podem negá-la, entregá-la-ão, não é verdade? Não se lhes deve nada. As autoridades não consentirão que neguem uma criança, tendo-se-lhes pago tudo. Minha irmã, não me faça sinais para que não fale! Sinto-me muito satisfeita, estou muito melhor, estou até já boa, porque vou tornar a ver Cosette; até sinto vontade de comer. Há quase cinco anos que não a vejo. As religiosas como a minha irmã não imaginam o apego que se tem aos filhos! E depois, como ela deve estar bonita, verá! Tem uns dedinhos tão rosados Há-de ter umas mãos muito bonitas: quando tinha um ano eram ridículas. Agora já está muito crescida; tem sete anos, é uma senhora. Eu chamo-lhe Cosette, mas o seu nome é Eufrásia. Olhe, esta manhã, estava eu olhando para a poeira que está sobre o fogão, e não sei porque me veio à ideia que veria muito breve a minha Cosette. Meu Deus! Que coisa tão má que é estar assim anos sem ver os filhos! A gente devia lembrar-se de que a vida não é eterna! Mas que bondade a do senhor *maire,* em se ter posto a caminho! É verdade que faz muito frio, não é? Levaria ele ao menos o seu capote? Amanhã deve estar de volta, não é assim? Há-de ser dia de festa. Amanhã pela manhã, minha irmã, há-de lembrar-me que ponha a minha touca de rendas. Montfermeil é uma terra pequena. Noutro tempo andei aquele caminho a pé; para mim era muito longe, mas as diligências andam depressa! Amanhã estará aqui com a minha Cosette. Quantas léguas são daqui a Montfermeil?

A irmã de caridade que não tinha a mínima ideia das distâncias, respondeu-lhe:

— Parece-me que poderá estar de volta amanhã.

— Amanhã! — exclamou Fantine. — Amanhã beijarei a minha Cosette! Vê, minha querida irmã? Já não estou doente. Sinto-me doida: era até capaz de dançar.

Quem a tivesse visto um quarto de hora antes, não teria compreendido coisa alguma daquela mudança. A cor voltara-lhe às faces, falava num tom de voz natural, toda a sua fisionomia era um sorriso. Por momentos sorria-se, falando em voz baixa. É que o júbilo materno assemelha-se à alegria infantil.

— Está bem — disse a religiosa — agora que se sente feliz, é necessário que faça o que lhe digo: não fale mais.

Fantine deitou a cabeça no travesseiro e disse:

— Sim, deita-te, sê prudente, que vais ter a tua filha. A irmã Simplícia tem razão, todos aqui têm razão.

E depois, sem se mover, sem voltar a cabeça, pôs-se a olhar para todos os cantos, com os olhos muito abertos e com ar alegre, mas sem dizer mais nada. A irmã correu as cortinas, esperando que ela adormecesse.

Entre as sete e as oito horas voltou o médico. Não sentindo o mínimo ruído, julgou Fantine adormecida e entrou mansamente, aproximando-se do leito nos bicos dos pés. Entreabriu as cortinas e à luz da lamparina viu os grandes e sossegados olhos de Fantine que o fitavam.

— Não é verdade, senhor doutor, que a poderei ter ao pé de mim, numa cama pequenina?

O médico julgou-a em delírio. Fantine acrescentou:

— Há aqui exactamente lugar preciso para ela.

O médico chamou de parte a irmã Simplícia, a qual lhe contou o que se passara; contou-lhe que o senhor Madelaine se ausentara por um ou dois dias, e que, na dúvida, tinham julgado útil não desenganar a doente, que acreditava ter o senhor maire partido para Montfermeil; que era, em suma, possível, que ela tivesse adivinhado a verdade. O médico aprovou o que tinham feito. Em seguida, tornou a aproximar-se da cama de Fantine, que continuou:

— É que, de manhã, quando o pobre anjinho acordar, achar-me-á logo ao pé de si; e de noite, como eu não durmo, vê-la-ei dormir. Há-de fazer-me bem a sua respiração tão suave, tão doce.

— Dê-me a sua mão — disse-lhe o médico.

Fantine deitou o braço fora da roupa, exclamando e rindo ao mesmo tempo:

— Olhe, já não tenho nada, já estou boa. Cosette chega amanhã.

O médico ficou surpreendido. Estava com efeito, melhor. A opressão era menor. O pulso estava regular. Aquele pobre ente exausto fora reanimado por uma espécie de vida inesperada.

— Senhor doutor, a irmã não lhe disse que o senhor *maire* foi buscar a minha jóia?

O médico recomendou-lhe silêncio e que evitasse todas as comoções

possíveis. Receitou-lhe também um calmante para o caso de a febre reaparecer durante a noite. A saída disse à irmã de caridade:

— Isto vai melhor. Se houvesse a felicidade do senhor *maire* chegar amanhã com a criança, quem sabe? Há crises espantosas; tem-se visto grandes alegrias fazer parar de repente doenças muito graves; bem sei que esta é uma doença orgânica e muito avançada, mas estas coisas são de tal modo misteriosas! Se a pequenita chegasse talvez a salvássemos.

VII — Depois de chegar ao seu destino, o viajante predispõe-se para tornar a partir

Eram quase oito horas da noite quando o carro que deixámos na estrada, entrou no pátio da estalagem da casa da posta, em Arras. O homem a quem seguimos até este momento, apeou-se, correspondeu distraidamente à solicitude dos criados, mandou embora o cavalo que tomara de reforço, e conduziu pessoalmente o branco à cavalariça; depois empurrou a porta de uma sala de bilhar que havia no rés-do-chão, entrou, sentou-se e encostou-se a uma mesa.

Gastara catorze horas no trajecto que contara fazer em seis. Tinha a consciência de que não fora sua a culpa; mas no íntimo não se sentia desgostoso pela demora.

Pouco depois apareceu a dona de estalagem e perguntou-lhe:

— O senhor vem pernoitar? Quer cear?

O viajante fez um sinal negativo com a cabeça.

— O moço da cavalariça disse-me que o seu cavalo está muito fatigado.

Aqui ele rompeu o silêncio, dizendo:

— Então não poderei tornar a partir amanhã de manhã?

— Ó senhor! O cavalo precisa, pelo menos, dois dias de descanso.

— Não é aqui a estação da posta? — perguntou ele.

— É, sim, senhor.

E em seguida a dona da estalagem conduziu-o à administração, onde visou o passaporte, perguntando ele se seria possível voltar na mala-posta dessa mesma noite para Montreuil-sur-mer. Disseram-lhe que o lugar ao lado do condutor ainda estava vago e ele tomou-o logo para si.

— É necessário que o senhor esteja aqui à uma hora em ponto para partir — disse o escriturário.

Feito isto, saiu da estalagem e começou a percorrer a cidade. Não conhecia Arras; as ruas eram escuras, caminhava ao acaso. Contudo, parecia obstinar-se em não fazer a mínima pergunta. Atravessou a pequena ribeira Crinchon e achou-se num dédalo de becos e travessas, nos quais se perdeu. Depois de ter hesitado por um instante, resolveu dirigir-se a um burguês, mas não sem ter

olhado para todos os lados, como se receasse que alguém ouvisse a pergunta que ia fazer:

— Tem a bondade de me dizer onde é o palácio da justiça?

— O senhor, pelo que vejo, não é daqui? — retorquiu o burguês, um homem já muito idoso. — Queira vir comigo; vou também para esse lado, isto é, para o lado da prefeitura. Como se estão fazendo obras no palácio da justiça, os tribunais celebram provisoriamente as audiências na prefeitura.

— É também aí que têm lugar os julgamentos?

— Sim, senhor. Onde é hoje a prefeitura era o paço do bispo antes da revolução. O senhor Conzié que era bispo desta diocese em 82 mandou fazer ali uma grande sala, que é a mesma em que hoje se fazem as audiências. — Continuando a caminhar, o burguês disse: — Se deseja assistir a algum julgamento, já é tarde. As audiências terminam, ordinariamente, às seis horas.

Todavia, chegando à praça, o burguês indicou-lhe quatro grandes janelas iluminadas, na fachada de um vasto e tenebroso edifício.

— O senhor foi feliz, parece-meque ainda chegou a tempo. Vê aquelas quatro janelas? É a sala do júri; e uma vez que estão iluminadas é porque ainda não terminou a sessão. Naturalmente é alguma causa complicada, e por isso a audiência entrou pela noite dentro. É talvez negócio em que o senhor se interessa? É processo criminal? O senhor é testemunha?

— Não venho para nada disso — respondeu ele —, preciso unicamente falar a um advogado.

— Isso é diferente — tornou o burguês. — Ali onde está a sentinela é que é a porta, não terá mais do que subir a escada.

Ao cabo de alguns minutos, conformando-se com as indicações do burguês, achava-se numa sala onde, estava muita gente e onde se viam, segredando nos diferentes grupos, vários advogados de toga.

É sempre uma coisa que aparta o coração, ver estes agrupamentos de homens vestidos de preto, murmurando entre si nas proximidades das salas de audiência. É muito raro que a caridade e a comiseração sobressaiam nas suas palavras. O que delas sai, a maior parte das vezes, são condenações resolvidas antecipadamente. Estes grupos assemelham-se, para o observador que vai passando, a sombrios cortiços, onde os enxames de espírito zumbidores, constroem em comum toda a espécie de tenebrosos edifícios.

Aquela casa, espaçosa e iluminada com um só candeeiro, ex-sala episcopal, que agora servia de sala dos passos perdidos, e que era separada do tribunal por uma porta de dois batentes, estava fechada naquele momento. A escuridão era tal que o senhor Madelaine não receou dirigir-se ao primeiro advogado que encontrou:

— Faz-me o favor de me dizer em que ponto estão?

— Já acabaram — respondeu o advogado.

— Acabaram!?

Esta palavra foi repetida por tal modo, que o advogado voltou-se para quem a repetira

— O senhor é talvezparente do réu?

— Não, senhor. Não conheço aqui ninguém. Mas houve condenação?

— Sem dúvida. Não podia deixar de ser.

— A trabalhos forçados?

— Por toda a vida.

Madelaine continuou com voz fraca que mal se ouvia:

— Foi provada a identidade?

— Qual identidade? — perguntou o advogado. — Não havia identidade a provar. O caso era simples. A mulher tinha morto seu filho; provado o infanticídio e rejeitando o júri a premeditação, foi condenada por toda a vida.

— É então uma mulher?

— Certamente, chamada Limosin. Mas de que falava o senhor?

— Eu, de nada; mas tendo terminado a audiência, porque é que a sala se conserva iluminada?

— Por causa do outro julgamento, que começou há-de haver duas horas.

— Que julgamento é?

— É também um caso simples. Trata-se duma espécie de vagabundo, um reincidente, um forçado que cometeu um roubo. Não sei o nome dele, mas tem verdadeiro aspecto de bandido. Pela minha parte bastava-me ver-lhe a cara para o mandar para as galés.

— Não haverá maneira de entrar na sala?

— Não o julgo fácil, porque está lá muita gente. A audiência agora está interrompida, e como saíram algumas pessoas, pode ser que encontre lugar para quando continuar a sessão.

— Por onde se entra?

— Por aquela porta.

E o advogado afastou-se. Em poucos instantes, Madelaine experimentava quase ao mesmo tempo, e por assim dizer fundidas, todas as comoções possíveis.

As palavras daquele indiferente tinham-lhe atravessado simultaneamente o coração quais agulhas de gelo, ou lâminas candentes. Quando viu que ainda não tinha terminado o julgamento, respirou: mas não teria podido dizer-se se o que sentira era contentamento ou desgosto. Aproximou-se de vários grupos e escutou o que diziam. Como havia muitas causas a julgar, o juiz indicara

para aquele mesmo dia, dois processos simples e que deviam decidir-se com brevidade.

Tinham começado pelo infanticídio e passado depois ao forçado, ao reincidente, ao cavalode retorno[6].

O tal homem tinha roubado uma porção de fruta, mas isso não parecia bem provado; do que havia todas as provas era de ter estado nas galés de Toulon. Era isto que lhe fazia maior carga.

Já tinha terminado o interrogatório do réu e a inquirição das testemunhas, mas faltava ainda a defesa pelo advogado e a requisitória do ministério público; isto tudo não podia terminar antes da meia-noite. O homem seria provavelmente condenado; o delegado do procurador-régio era muito bom nunca lhe escapavam osacusados; era um moço de talento, que até fazia versos.

Junto da porta que comunicava com a sala da audiência estava um oficial de diligências, a quem Madelaine perguntou:

— Esta porta abre-se daqui a pouco, não é verdade?

— Não, senhor, não se torna a abrir.

— Pois não se torna a abrir quando continuar a audiência?

— A audiência já continuou — respondeu o oficial de diligências —, mas a porta não se abre.

— E porquê?

— Porque a sala está cheia.

— Pois não haverá nem um lugar?

— Nem um só. A porta está fechada, portanto não pode entrar mais ninguém. — O oficial de diligências, depois de um momento de silêncio, acrescentou: — Há ainda dois ou três lugares por detrás do senhor juiz, mas ele não deixa ir para ali senão os funcionários públicos.

O oficial de diligências, disse estas palavras e voltou-lhe as costas.

Madelaine retirou-se cabisbaixo, atravessou a antessala e tornou a descer a escada vagarosamente e como hesitando a cada passo. É provável que estivesse em conselho consigo mesmo. O violento combate que nele se travava desde a véspera não terminara ainda, e a cada instante se sentia a braços com uma nova peripécia, Chegando ao patamar da escada, encostou-se ao corrimão e cruzou os braços. De repente desabotoou a sobrecasaca, tirou do bolso a carteira, rasgou-lhe uma folha e escreveu nela rapidamente a lápis, esta linha: «*Madelaine,* maire *de Montreuil-sur-mer*», depois tornou a subir rapidamente a escada, atravessou por entre a multidão, foi direito ao oficial de diligências e entregou-lhe o papel, dizendo ao mesmo tempo com

autoridade:

— Leve isto ao senhor juiz.

O oficial de diligências pegou no papel, lançou-lhe os olhos e obedeceu.

VIII — Entrada de favor

O maire de Montreuil-sur-mer, sem que mesmo o suspeitasse, tinha uma certa celebridade. Havia sete anos que a sua reputação de virtude percorria todo o Baixo Bolonnais, acabando por ultrapassar os limites de um pequeno território e espalhando-se pelas províncias vizinhas. Além do serviço que prestara à capital do distrito, restaurando ali a indústria dos vidrilhos pretos, não havia uma só das cento e quarenta comunas de Montreuil-sur-mer que lhe não devesse algum benefício. Tinha até achado o modo de ajudar e fecundar as indústrias dos outros distritos. Fora assim que ele, numa ocasião crítica, sustentara com o seu crédito e fundos a fábrica de filós de Bolonha, a fiação mecânica de linho de Prevent e a manufactura hidráulica de tecidos de Boubers-sur-Canche. Por toda a parte se pronunciava com veneração o nome do senhor Madelaine. Arras e Douai invejavam o *maire* da pequena mas feliz cidade de Montreuil-sur-mer.

O conselheiro do supremo tribunal de Douai que presidia à audiência conhecia, como toda a gente, aquele nome tão profundo e universalmente respeitado. Quando o oficial de diligências, abrindo discretamente a porta que comunicava a casa do conselheiro com a sala da audiência, se inclinou por detrás da cadeira do presidente e lhe entregou o papel que lhe tinham dado, acrescentando: «Este senhor deseja assistir à audiência», opresidente fez um gesto de deferência e solicitude, pegou numa pena, escreveu algumas palavras no mesmo papel, tornou a dá-lo ao oficial de diligências, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Mande entrar.

O desgraçado de quem contámos a história ficara junto da porta da sala no mesmo lugar em que o oficial de diligências o deixara. Atrás da sua meditação ouviu que alguém lhe dizia:

— O senhor *maire* dá-me a honra de me seguir?

Era o mesmo oficial de diligências que pouco antes lhe voltara as costas e que agora o cumprimentava, curvando-se até ao chão. Ao mesmo tempo entregou-lhe o papel.

Madelaine desdobrou-o e, como se encontrava próximo do candeeiro, pôde ler: «O presidente do tribunal apresenta os seus respeitos ao senhor Madelaine».

Amarrotou o papel nas mãos, como se tivesse achado nas poucas palavras que ele continha um sabor estranho e amargo. Em seguida acompanhou o

oficial de diligências.

Dali a pouco achava-se numa espécie de gabinete estucado, de aspecto severo e alumiado por duas velas, colocadas sobre uma mesa de pano verde. Tinha ainda no ouvido as palavras do oficial de diligências, que acabara de o deixar: «Aqui é a casa do conselho, não tem mais do que levantar o fecho desta porta para se encontrar na sala da audiência, por detrás da cadeira do senhor presidente».

Estas palavras confundiram-se-lhe no pensamento com uma vaga recordação dos corredores estreitos e das escuras escadas que acabava de percorrer.

O oficial de diligências deixara-o só. Chegara o momento supremo. Diligenciava recolher o espírito, mas não o conseguia. É principalmente nos momentos em que há maior necessidade de ligar às pungentes realidades da vida todos os fios do pensamento, que eles se quebram no cérebro. Achava-se no sítio em que os juízes deliberam e condenam. Observava com estúpida tranquilidade aquela casa pacífica e temível, onde se tinham destruído tantas existências, onde o seu nome ia em breve ressoar e que o seu destino atravessava naquele momento. Olhava para si e admirava-se de ser aquela uma tal casa e de ser ele quem ali se encontrava.

Havia vinte e quatro horas que não tomava alimento algum, tinha o corpo pisado pelos solavancos do carro, mas não o sentia; parecia-lhe que não sentia nada.

Aproximou-se de uma moldura preta que estava pendurada na parede e sob cujo vidro se via uma velha carta autografada de Nicolau Pache, ministro e *maire* de Paris, datada, decerto por engano, de 9 de Junho, do ano XI, e na qual Pache enviava à administração do concelho a lista dos ministros e deputados presos em suas casas. Quem o tivesse observado naquela ocasião, teria sem dúvida julgado que lhe causava grande interesse aquela carta, por isso que não afastava dela os olhos. Leu-a duas ou três vezes; leu-a maquinalmente e quase a seu pesar.

Naquele momento era em Fantine e em Cosette que ele pensava. No meio da sua meditação, voltou-se e viu o puxador da porta que o separava da sala da audiência.

Quase se esquecera daquela porta. Os olhos, em princípio sossegados, fitaram-se nela, patentearam depois susto, e foram a pouco e pouco denotando o mais sombrio espanto. O suor, saindo-lhe de entre os cabelos, corria-lhe pelas fontes.

Em certo momento e com uma espécie de autoridade mesclada de rebelião, fez o gesto indescritível, que quer dizer, e diz tão bem: *«Com a*

fortuna! Quem é que me obriga?» Depois, voltou-se de repente, viu diante de si a porta por onde tinha entrado, foi direito a ela, abriu-a e saiu.

Já não estava naquela casa: achava-se fora dela; num corredor muito comprido e estreito, cortado de degraus e de portinhas, iluminado num e noutro ponto por lanternas, cuja luz era tão frouxa como a das lamparinas que ordinariamente alumiam os quartos dos enfermos; era o mesmo corredor que já percorrera. Respirou fundo e aplicou o ouvido; não ouviu o menor ruído de nenhum dos lados e deitou a fugir como se o perseguissem.

Depois de ter dado diferentes voltas pelo corredor aplicou novamente o ouvido. Sempre o mesmo silêncio e as mesmas sombras em torno de si. Faltava-lhe o alento e tremiam-lhe as pernas; encostou-se então ofegante à parede, porque os seus passos eram vacilantes e trémulos como os de uma criança. Ao contacto da pedra fria endireitou-se, estremecendo, com o suor gelado na fronte.

Então, a sós, de pé, no meio daquela escuridão, tremendo de frio e de outra coisa talvez, pôs-se a pensar. Pensara em toda a noite, pensara em todo o dia, e já não ouvia senão uma voz que lhe bradava do íntimo: «Ai de ti!»

Decorreu assim um quarto de hora. Por fim, curvou a cabeça, suspirou com angústia e voltou para trás, caminhando muito vagarosamente e em extremo abatido. Parecia que alguém o encontrava em fuga e o reconduzia para o sítio donde fugira.

Tornou a entrar na casa do conselho. A primeira coisa para que olhou foi para o puxador da porta. Este puxador, de cobre polido, resplandecia a seus olhos qual estrela sinistra. Encarou-o como um cordeiro poderia encarar o olhar de um tigre. Não podia afastar dele os olhos.

De vez em quando dava um passo e aproximava-se da porta. Se aplicasse o ouvido, ouviria o confuso murmúrio que vinha da sala vizinha, mas não escutava, não ouvia nada.

De repente, sem que soubesse como, achou-se ao pé da porta e pegou convulsivamente no puxador. A porta abriu-se.

Estava na sala da audiência.

IX — Um lugar onde se vão formar convicções

Madelaine deu um passo, fechou maquinalmente a porta atrás de si e conservou-se de pé, contemplando quanto estava vendo.

Era um vasto recinto frouxamente alumiado, ora cheio de rumor, ora em completo silêncio, onde todo o aparato de um processo criminal se desenvolvia com a sua gravidade mesquinha e lúgubre, no meio da multidão.

No extremo da sala em que ele se achava, alguns juízes com ar distraído, de togas muito usadas, roendo as unhas, ou fechando os olhos com sono; no

extremo oposto uma multidão de farrapos, gente de justiça em toda a espécie de atitudes, soldados de fisionomias honestas e rudes, velhas obras de talha ensebadas, um tecto muito sujo, mesas cobertas de uma baeta mais amarela do que verde, portas enegrecidas pelo contacto de muitas mãos, pendurados quase junto do tecto alguns candeeiros de botequim, dando mais fumo do que luz; sobre as mesas, castiçais de cobre com velas, a escuridão, a fealdade e a tristeza; e, destacando-se de tudo isto, uma impressão austera e augusta, que fazia sentir a presença dessa grande coisa humana que se chama lei, e *a* dessa outra divina a que se chama justiça.

Ninguém de toda aquela multidão atentou nele. Todos os olhos convergiam para um único ponto, para um banco de pau, encostado à portinha que ficava à esquerda do presidente. Neste banco, alumiado por muitas velas, estava sentado um campónio entre dois *gendarmes.*

Este campónio era o tal homem.

Madelaine não o procurou, viu-o logo. Os olhos fitaram-se-lhe nele, como se soubessem antecipadamente onde o haviam de encontrar.

Julgou ver-se a si mesmo, envelhecido, não completamente nas feições, mas sim na atitude e no aspecto, os cabelos eriçados, com o olhar bravio e inquieto, com uma blusa, tal como ele estava no dia em que entrara em Digne cheio de ódio e ocultando na alma o pavoroso tesouro de pensamentos medonhos, que em dezanove anos de galé ali acumulara.

Então, estremecendo, disse consigo: «Oh, meu Deus! Tornar-me-ei assim?!»

O acusado parecia ter, pelo menos, sessenta anos, e apresentava aspecto rude, estúpido e espantadiço.

Ao ruído produzido pela porta, tinham-se afastado os que se lhe achavam próximos para dar lugar ao recém-chegado; o presidente olhara para aquele lado, e compreendendo que o personagem que entrara era o *maire* de Montreuil-sur-mer, cumprimentara-o. O delegado do procurador-régio que conhecera o senhor Madelaine em Montreuil-sur-mer, onde as funções do seu ministério o tinham chamado mais de uma vez, reconheceu-o e cumprimentou-o também.

Ele apenas reparou nos cumprimentos; parecia alucinado, olhava e nada mais. Juízes,um escrivão, *gendarmes,* uma multidão de cabeças cruelmente curiosas, era o que já tinha visto uma vez, noutro tempo, havia vinte e sete anos. Tornava a encontrar todas estas coisas funestas; estavam todas ali, moviam-se, existiam; não representavam esforço de memória, ou miragem do pensamento, eram verdadeiros juízes e verdadeiros *gendarmes;* verdadeira multidão; homens de carne e osso. Era tudo facto, via distintamente reaparecer e reviver em torno de si, com tudo o que a realidade tem de

terrível, os aspectos monstruosos do seu passado. Via tudo aquilo como veria a abertura de medonho abismo.

Sentiu-se horrorizado, fechou os olhos e exclamou no mais profundo da sua alma: Nunca!

E por um trágico brinquedo do destino que lhe fazia vacilar todas as ideias e quase o enlouquecia, tinha na sua presença um homem que era a sua sombra, que era outro ele, a quem iam julgar e a quem todos chamavam Jean Valjean!

Tinha diante dos olhos, inaudita visão!, uma espécie de comemoração do momento mais horrível da sua vida, executada pelo seu fantasma.

Não faltava nada; o mesmo aparato, a mesma hora da noite, quase os mesmos rostos de juízes, de soldados e de espectadores. A única diferença consistia em que por cima da cabeça do presidente havia um crucifixo, coisa que não se via nos tribunais do tempo em que fora condenado.

Deus, quando o tinham julgado estava ausente. Atrás dele estava uma cadeira; sentou-se apavorado pela ideia de que poderiam vê-lo. Depois de estar sentado, aproveitou-se de uma ruma de pastas que viu sobre a mesa dos juízes, para ocultar o rosto a toda a sala.

Assim podia ver sem ser visto. Entrou completamente no sentimento da realidade; a pouco e pouco, foi recobrando a presença de espírito. Chegou por fim à fase do sossego em que é possível escutar.

O senhor Barmatabois era um dos jurados.

Procurou Javert, mas não o viu. O banco das testemunhas ficava oculto pela mesa do escrivão. Além disto, como já dissemos, a sala estava quase às escuras. No momento em que ele entrou terminara o advogado do réu o seu discurso. A atenção geral chegara ao maior grau de excitação; a audiência durava havia três horas.

Havia três horas que aquela multidão estava vendo vergar, a pouco e pouco, sob o peso de terrível verosimilhança um homem, um desconhecido, uma espécie de ente miserável, profundamente estúpido, ou profundamente hábil.

Este homem, é já sabido, era um vagabundo que fora encontrado no campo, levando um ramo de árvore carregado de fruta madura, e que tinha sido partido no pomar dum cerrado de um vizinho que se chamava Pierron.

Quem era este homem?

Fizera-se a inquirição, tinham sido ouvidas as testemunhas, unânimes nos seus depoimentos, a luz brotara de todos os pontos da contestação.

A acusação dizia:

«Temos diante de nós, não somente um ladrão de fruta, um ratoneiro, temos em nosso poder um bandido, um relapso fora da residência marcada;

um ex-forçado, um celerado dos mais perigosos, um malfeitor chamado Jean Valjean, que a justiça procura há muito tempo, e que há oito anos, saindo das galés de Toulon, roubou na estrada, à mão armada, um rapaz saboiano chamado Gervásio, crime previsto pelo art.º 383.º do código penal, pelo qual o processaremos depois, quando a identidade estiver judicialmente provada. E cometeu agora um novo roubo. É um caso de reincidência. Condenai-o pelo facto recente; mais tarde será julgado pelo facto remoto».

Em presença desta acusação, em presença da unanimidade das testemunhas, mostrava-se o réu, sobretudo, espantado. Ou fazia sinais e gestos negativos, ou olhava para o tecto. Falava com dificuldade, respondia com embaraço, mas, dos pés à cabeça, todo ele era uma negativa. Estava como um idiota na presença de todas aquelas inteligências dispostas em batalha à roda dele, como um estranho no meio daquela sociedade que lhe lançara a mão.

Todavia, tratava-se para ele do futuro mais ameaçador; a verosimilhança aumentava de minuto para minuto e toda aquelamultidão encarava com mais ansiedade do que ele próprio, a sentença cheia de calamidades, que cada vez lhe estava mais iminente sobre a cabeça. Uma eventualidade deixara mesmo entrever como possível, além das galés, a pena de morte, se o roubo de Gervásio terminasse mais tarde por uma condenação.

Quem era aquele homem? De que natureza era a sua apatia? Seria imbecilidade ou astúcia? Compreendia ele tudo ou nada?

Eram estas perguntas que dividiam a multidão e que pareciam dominar também o júri.

Havia naquele processo qualquer coisa de aterrador e intrincado; não era apenas sombrio aquele drama, era escuro, tenebroso.

O defensor do réu desempenhara admiravelmente a sua missão, na linguagem de província que noutro tempo constituía inteiramente a eloquência do foro e da qual usavam antigamente todos os advogados, tanto em Paris, como em Romorantin ou em Montbrison, e que hoje, tendo-se tornado clássica, não é já usada senão pelos oradores oficiais dos tribunais, aos quais ela convém pela sonoridade grave e tom majestoso; linguagem em que a um marido se chama um esposo, a uma mulher uma esposa, a Paris, o centro das artes e da civilização; ao rei um monarca, ao bispo um santo pontífice, ao delegado do procurador-régio o eloquente intérprete da vindicta, às acusações e defesas os acentos que se acabam de ouvir, a um teatro, o templo de Melpomene, à família reinante o augusto sangue dos nossos reis, a um concerto uma solenidade musical, ao general comandante da divisão o ilustre guerreiro, etc., aos alunos do seminário tenros levitas, aos erros

imputados aos periódicos a impostura que destila o seu veneno nas colunas desses órgãos, etc., etc.

O advogado, pois, começara por se explicar sobre o roubo da fruta coisa pouco usada para bom estilo, mas o próprio Benigne Bossuet foi obrigado a aludir a uma galinha, em plena oração fúnebre, e soube sair-se deste grave embaraço pomposamente.

O advogado estabelecera que não estava materialmente provado o roubo da fruta.

O seu cliente, a quem ele, na qualidade de defensor persistia em chamar Champmathieu, não fora visto por pessoa alguma escalando o muro, ou quebrando o tronco. Tinham-no prendido conduzindo aquele tronco (a que o advogado preferia chamar *ramo);* mas ele dizia tê-lo achado no chão. Onde estava a prova contrária?

Não havia dúvida que aquele tronco fora quebrado e subtraído depois da escalada, e em seguida abandonado pelo ratoneiro assustado; havia decerto um ladrão, mas o que provava que fosse Champmathieu esse ladrão? Uma única circunstância. A sua qualidade de ex-forçado. O advogado não negava que esta qualidade parecesse, desgraçadamente, provada; o acusado residia em Faverolles, exercera ali a profissão de podador; o nome de Champmathieu bem podia ter tido por origem o de Jean Mathieu; tudo isto era verdade; enfim, quatro testemunhas reconheciam sem hesitar e positivamente Champmathieu, como sendo o forçado Jean Valjean; a estas indicações, a estes testemunhos, não podia o advogado opor senão as negativas interessadas, e portanto suspeitas, mas supondo mesmo que o forçado fosse Jean Valjean, era isso prova de que tivesse roubado a fruta? Era, quando muito, uma suposição e não uma prova.

O advogado devia convir, na sua boa fé, que fora péssimo o sistema de defesa que o acusado adoptara. Obstinara-se a negar tudo: o roubo e a sua qualidade de forçado. Ter-lhe-ia sido inquestionavelmente muito mais útil confessar este último ponto, o que lhe conciliaria a indulgência dos juízes; o advogado aconselhara-lho, mas o acusado recusara-se obstinadamente a isso, julgando sem dúvida salvar-se não confessando coisa alguma.

Era um erro, mas não devia ter-se em conta a sua curta inteligência? Aquele homem era visivelmente estúpido. A sua longa permanência nas galés, a sua grande miséria fora delas, tinham-no embrutecido, etc., etc.; defendia-se mal, por conseguinte, mas seria isso uma razão para o condenarem? Quanto ao caso de Gervásio, não tinha o advogado que o discutir, por isso que não fazia parte da acusação.

O advogado concluíra suplicando ao júri, se achasse evidente a identidade

de Jean Valjean, que lhe aplicasse as penas de polícia que puniam o condenado quando mudava de residência sem licença, e não o espantoso castigo que as leis impunham ao forçado reincidente.

O delegado do procurador-régio replicou ao defensor do réu; e foi veemente e florido, como são habitualmente os delegados dos procuradores-régios. Felicitou o advogado pela sua lealdade, de que ele se aproveitou com extrema finura. Atacou o acusado com todas as concessões do defensor. O advogado parecia conceder que o acusado fosse Jean Valjean. Tomou nota. O homem era, pois, Jean Valjean.

Pertencia isto à acusação e não podia contestar-se.

Aqui, o delegado, por uma hábil antonomásia, remontando às fontes e às causas da criminalidade, declamou contra a imoralidade da escola romântica, então nascida apenas sob o nome de *escola satânica,* e que era combatida pelos críticos da *Quotidienne* e da *Oriflemane;* e atribuiu, não sem verosimilhança à influência desta literatura perversa o dilecto de Champmathieu, ou para melhor dizer, de Jean Valjean.

Esgotadas estas considerações, passou a tratar do próprio Jean Valjean. Quem era Jean Valjean? Descrição de Jean Valjean: um monstro vomitado, etc.

O modelo desta espécie de descrições acha-se no recitativo de Théramène, que não é útil à tragédia, mas que presta todos os dias grandes serviços à eloquência jurídica.

O auditório e os jurados tremeram. Terminada a descrição, continuou o delegado num repto oratório, próprio para no dia seguinte excitar ao mais alto ponto o entusiasmo do jornal da prefeitura:

— E é um tal homem, etc., etc., etc., vagabundo, mendigo, sem meios de subsistência, etc., etc., habituado pela sua vida passada às acções culpáveis, e pouco corrigido pela pena de galés, que sofreu, como o prova o crime cometido para com Gervásio, etc., etc.; é semelhante homem, que encontrado numa estrada em flagrante delito de roubo e escalada, nega tudo, nega o seu nome, asua identidade! Além de cem outras provas, sobre as quais não insistimos, quatro testemunhas o reconheceram; Javert, o íntegro inspector de polícia Javert, e três dos seus antigos companheiros de ignomínia, os forçados Brevet, Cheneldieu e Cochepaile! Nega tudo. Que endurecimento! Fareis justiça, senhores jurados, etc., etc.

Enquanto o delegado falara, o acusado escutara-o de boca aberta, com uma espécie de espanto que não era isento de admiração. Achava-se evidentemente surpreendido de que um homem pudesse falar de semelhante modo. De tempos a tempos, nos momentos mais enérgicos da requisitória, nos

instantes em que a eloquência, não podendo conter-se, transborda num fluxo de epítetos infamantes e envolve o acusado como uma tempestade, meneara ele lentamente a cabeça da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, espécie de protesto mudo e triste, com que se contentara desde o começo do julgamento.

Duas ou três vezes, os espectadores colocados mais perto dele lhe ouviram dizer a meia voz:

— Aqui está o que eu fiz em não pedir ao senhor Baloup!

O delegado chamou a atenção do júri para aquela atitude estúpida, evidentemente calculada, e que denotava não imbecilidade, mas destreza, astúcia, hábito de iludir a justiça, e que punha completamente a descoberto a profunda perversidade daquele homem. Terminou em seguida mostrando-se reservado para com o caso de Gervásio e reclamando severa punição.

Esta punição como deve lembrar era o trabalho forçado por toda a vida.

O defensor levantou-se, começou por cumprimentar o senhor delegado do procurador-régio, pelas suas admiráveis palavras, e em seguida replicou como pôde, mas com menos firmeza: era claro que o terreno lhe fugia debaixo dos pés.

X — O sistema da negativa

Chegara o momento de terminar o julgamento. O presidente mandou levantar o réu e dirigiu-lhe a pergunta do estilo:

— Tem alguma coisa a acrescentar à sua defesa?

O réu, de pé, enrolando e desenrolando o ensebado barrete, pareceu não ouvir. O presidente repetiu a pergunta.

O homem desta vez ouviu e indicou ter compreendido. Fez um movimento como de quem desperta, olhou à roda de si, encarou o público, os soldados, o seu advogado, os jurados e o presidente, apoiou o monstruoso punho sobre a velha teia que lhe ficava na frente, tornou ainda a olhar para tudo, e de repente, fitando os olhos no advogado, começou a falar. Foi uma erupção.

Pelo modo como as palavras lhe saíam da boca, incoerentes, impetuosas, embatendo-se umas com as outras e em perfeita confusão, parecia que lhe acudiam todas duma vez, para saírem ao mesmo tempo. Disse ele:

— O que eu tenho a dizer é que fui carpinteiro de carros em Paris, e até que estive em casa do senhor Baloup. É uma peste aquele trabalho dos carros, trabalha-se sempre ao ar livre, nos pátios, ou debaixo de telheiros, se o patrão é melhor, mas nunca em oficinas fechadas, porque vossemecês bem sabem que é preciso campo largo. No Inverno, tem a gente tanto frio que é preciso esfregar os braços, mas os patrões é que não estão por isso, dizem eles que se perde tempo. É uma coisa que custa muito lidar com ferro, quando as pedras

estão cobertas de neve. Isto dá cabo dum homem muito depressa. Envelhece-se em pouco tempo: quando um homem tem quarenta anos está pronto. Eu tinha cinquenta e três e estava muito doente. E depois, os operários são más peças! Quando um homem já não é moço não fazem senão chamar-lhe estafermo! Não ganhava mais que trinta soldos por dia; os mestres aproveitavam-se da minha idade e pagavam-me o mais barato que podiam. Ainda assim tinha a minha filha, que era lavadeira, e que ganhava também alguma coisa; para os dois ia chegando. A rapariga levava também muito má vida. Todo o dia metida numa celha até quase à cintura, à chuva, à neve e ao vento, ainda que caia neve é preciso lavar sem descanso: há gente que tem pouca roupa e que está sempre à espera da lavadeira; se não se lavar com todo o tempo, perdem-se os fregueses. As aduelas são mal juntas e a água cai por toda a parte. Estar para ali uma mulher com as saias todas molhadas por dentro e por fora. Isto é para matar! Ela trabalhava também no lavadouro dos *Enfants Rouges,* onde a água sai por umas torneiras. Lá não se está na celha. A lavadeira ali lava adiante de si, à torneira, e enxuga do outro lado, no tanque. Como é casa fechada sente-se menos frio no corpo, mas fazem lá uma barrela de água quente que dá cabo da vista. A minha filha vinha para casa às sete horas da tarde, e sempre tão estafada que se deitava logo. O marido batia-lhe e ela morreu. Fomos pouco felizes. Sempre era uma rapariga tão sossegada, que nunca ia a divertimento nenhum. Ainda me lembro dum dia de Entrudo, em que ela às oito horas já estava deitada. Isto que eu digo é verídico, não têm mais do que indagar. Mas, é verdade! Que bruto que eu sou! Indagar o quê? Paris é muito grande, quem é que conhece ali o senhor Champmathieu? Ainda assim, em casa do senhor Baloup. Enquanto ao mais, nem eu sei o que é que me querem.

O homem calou-se e conservou-se de pé. Tinha dito todas estas coisas com uma voz alta, breve, rouca e áspera, com uma espécie de ingenuidade irritada e selvagem. No meio do seu aranzel interrompera-se para cumprimentar alguém que estava entre a multidão.

A espécie de afirmativas que ele parecia lançar ao acaso saíam-lhe como soluços, acompanhando cada uma delas com o gesto de um rachador de lenha, quando descarrega o machado.

Quando ele terminou, rompeu o riso em todo o auditório. Olhando então para o público, e vendo que se ria, sem que compreendesse o motivo, riu-se também.

Era sinistro aquele espectáculo.

O presidente, homem recto e ao mesmo tempo benévolo, elevou a voz. Recordou aos «senhores jurados» que o senhor Baloup, antigo mestre

carpinteiro de carros, em casa de quem o acusado dizia ter servido, fora inutilmente citado. Tinha falido, e não fora possível encontrá-lo. Depois, voltando-se para o acusado, convidou-o a escutar o que ia dizer-lhe e acrescentou:

— Você está numa situação em que precisa reflectir. Pesam sobre a sua cabeça suspeitas muito graves e que lhe podem produzir consequências capitais. Acusado, em seu interesse interpelo-o ainda uma vez; explique-se claramente sobre estes dois factos: Em primeiro lugar, saltou ou não o quintal de Pierron, partiu o tronco e roubou as maçãs, isto é, cometeu o crime de roubo com escalada? Em segundo lugar, é ou não o forçado liberto Jean Valjean?

O acusado meneou a cabeça com o ar de um homem que compreendeu muito bem e que sabe o que vai responder. Abriu a boca, voltou-se para o presidente e disse:

— Primeiro...

Em seguida olhou para o barrete, depois para o tecto, e calou-se.

— Acusado — tornou o delegado do procurador-régio com voz severa —, preste atenção ao que se lhe diz: você não responde acoisa alguma das que se lhe perguntam. A sua perturbação condena-o. É evidente que não se chama Champmathieu, que é o forçado Jean Valjean, que em princípio se ocultou sob o nome de Jean Mathieu, que era o nome de sua mãe; que esteve no Auvergne e que nasceu em Faverolles, onde exercia a profissão de podador. É evidente que roubou, por meio de escalada, algumas maçãs maduras, do quintal de Pierron. Tudo isto será devidamente apreciado pelos senhores jurados.

O acusado tinha-se sentado, mas quando o delegado acabou de falar, levantou-se arrebatadamente e exclamou:

— Você é que é muito mau homem! Aqui está o que eu queria dizer, mas não dava ao princípio com a palavra. Eu não roubei nada a ninguém, eu sou um homem que muitas vezes passo sem comer, porque o não tenho. Vinha de Ailly, e como havia pouco tempo que tinha desabado uma grande trovoada de água, que pôs os campos todos amarelos, de modo que os pântanos iam cobertos de água a mais não poder ser e não se viam senão as pontinhas da erva a sair das areias da margem daestrada achei um ramo quebrado no chão, ainda com maçãs, e apanhei-o, muito longe de suspeitar que me havia de ser causa de tantos trabalhos. Há três meses que estou preso e que andam comigo às voltas. Ora agora, que hei-de eu dizer? Falam contra mim, dizem-me: «Responda!» O *gendarme*, que é bom rapaz, dá-me sinal com o cotovelo e diz-me em voz baixa: «Anda, responde»; mas eu não me sei explicar. Eu sou um pobre homem; disto não entendo, porque nunca tive estudos. Aí está o que

fizeram mal em não ver. Eu não roubei nada, apanhei o que estava no chão. Os senhores falam de Jean Valjean, Jean Mathieu! Eu não conheço esses homens, que são da aldeia, e eu trabalhei no boulevard do Hospital em casa do senhor Baloup, e chamo-me Champmathieu. Tem graça dizerem-me onde eu nasci! Eu não o sei. Nem toda a gente tem uma casa para vir ao mundo; se assim fosse, era um regalo. Eu julgo que meu pai e minha mãe era gente que andavam por essas estradas; não sei mais do que isto. Quando era criança chamavam-me pequeno, agora chamam-me velho. São esses os meus nomes de baptismo. Entendam lá isto como quiserem. Estive em Auvergne, estive em Faverolles. O que tem lá isso? Então não se pode ter estado em Auvergne, nem em Faverolles, sem ter estado nas galés? Torno a dizer: eu sou Champmathieu, e não roubei nada a ninguém. Estive em casa do senhor Baloup, e aí era o meu domicílio. Os senhores, afinal de contas, já me aborrecem com os seus disparates Porque é que andam tão encarniçados atrás de mim?

O delegado do ministério público, que permanecia de pé, dirigiu-se ao presidente:

— Senhor presidente, em vista das negativas confusas, mas extremamente hábeis do réu, que ainda que quisesse passar por idiota não seria capazde o conseguir, desde já o prevenimos, requeremos que tenha a bondade, bem como os senhores jurados, de chamar a este recinto os condenados Brevet, Cochepaille e Chenildieu, e o inspector de polícia Javert, e ainda outra vez interrogá-los sobre aidentidade do réu com o forçado Jean Valjean.

— Devo observar ao senhor delegado — disse o presidente —, que o inspector de polícia Javert, chamado no exercício das suas funções, à capital do vizinho distrito, apenas fez o seu depoimento saiu, não só da audiência, mas da cidade. Concedemos-lhe a autorização para se retirar, com o assentimento do senhor delegado e do senhor advogado de defesa.

— É exacto, senhor presidente — tornou o delegado. — Mas, em vista da ausência do senhor Javert, julgo dever recordar aos senhores jurados o que ele há poucas horas disse neste mesmo lugar. Javert é um homem geralmente estimado, e que honra pela sua rigorosa e estrita probidade as funções subalternas, mas importantes. Eis o seu depoimento:

> Não necessito de presunções morais e provas materiais que desmintam as negativas do acusado. Reconheço perfeitamente. Esse homem não se chama Champmathieu; é um ex-forçado de péssimas qualidades e muito temido chamado Jean Valjean. Houve até grande pena de o soltarem, apesar de haver concluído o tempo de castigo. Sofreu dezanoveanos de trabalhos forçados por um roubo qualificado. Além do roubo de Gervásio, e desse de Pierron, tenho ainda suspeitas de outro cometido em casa de sua grandeza o defunto bispo de Digne. Quando fui guarda ajudante da chusma nas galés de Toulon, vi-o muitas vezes. Repito que o reconheço perfeitamente.

Esta declaração tão categórica, pareceu produzir profunda impressão tanto

no público como no júri. O delegado terminou insistindo para que, na falta de Javert, fossem ouvidas de novo e interpeladas solenemente as três testemunhas, Brevet, Cheneldieu e Cochepaille.

O presidente deu uma ordem a um oficial de diligências, e um momento depois abriu-se a porta da sala em que estavam as testemunhas. O oficial de diligências, acompanhado de um gendarme, pronto a prestar-lhe auxílio, introduziu na sala o condenado Brevet. O auditório estava como suspenso, todos os peitos palpitavam como se fossem animados por uma só alma.

O antigo forçado Brevet trazia o vestuário preto e pardo das casas centrais. Brevet era um homem de uns sessenta anos, com uma espécie de figura de procurador de causas e o ar de um velhaco. Encontram-se por vezes juntas estas qualidades. Na prisão, aonde novas proezas o tinham reconduzido, tornara-se o que quer que era como guarda-chaves. Era um homem de quem os chefes diziam: diligencia tornar-se útil; e de quem os capelães testemunhavam os bons hábitos religiosos. É necessário não esquecer que tudo isto ocorria no tempo da restauração.

— Brevet — disse o presidente — não pode prestar juramento porque sofreu uma sentença infamante.

Brevet baixou os olhos.

— Todavia — continuou o presidente — mesmo no homem que a lei degradou pode conservar-se, quando a piedade divina o permite, um sentimento de honra e de piedade. É para este sentimento que eu apelo neste momento decisivo. Se, como julgo, ele existe ainda no seu íntimo, reflicta antes de me responder; considere de um lado esse homem que uma palavra só pode perder, e do outro a justiça a quem pode esclarecer. O momento é solene; se julga ter-se enganado, é ainda tempo de se retratar. Acusado, levante-se. Brevet, observe-o bem, concentre as suas recordações e diga-nos, com a alma e a consciência, se persiste em reconhecer esse homem por Jean Valjean, outrora seu camarada nas galés.

Brevet olhou para o acusado e voltou-se para a mesa.

— Sim, senhor presidente. Fui eu o primeiro que o reconheci e persisto em que é o mesmo. Este homem é o Jean Valjean, que foi para Toulon em 1796, e que saiu de lá em 1815. Eu saípassado um ano. Agora parece ter assim o ar de um bruto: é talvez da idade, nas galés era ele triste e dissimulado. Reconheço-o positivamente.

— Sente-se — disse o presidente. — Acusado, conserve-se de pé.

Trouxeram em seguida Cheneldieu, condenado a trabalhos forçados por toda a vida, como o indicavam a roupeta vermelha e o barrete verde. Estava cumprindo a sentença em Toulon de onde fora trazido a Arras para ser

testemunha neste processo. Era um homem baixo, com cinquenta anos, pouco mais ou menos, vivo, encarquilhado, raquítico, amarelo, descarado, febril, que apresentava em todo o seu físico extrema fraqueza e no olhar uma força imensa. Os seus companheiros das galés tinham-no apelidado de Nega-a-Deus. O presidente dirigiu-lhe quase as mesmas perguntas que fizera a Brevet. No momento em que o presidente lhe recordava que a sua infâmia lhe tirava o direito de prestar juramento, Cheneldieu levantou a cabeça e encarou a multidão. O presidente convidou-o a recolher as recordações e perguntou-lhe, como a Brevet, se persistia em reconhecer o acusado.

Cheneldieu soltou uma gargalhada.

— Ora essa! Se o reconheço! Andámos cinco anos presos à mesma grilheta. Não te faças amarelo, meu velho!

— Pode sentar-se — disse o presidente.

O oficial de diligências conduziu Cochepaille. Este outro condenado por toda a vida, vindo de Toulon e vestido de vermelho como Cheneldieu, era um camponês de Lourdes, um semi-urso dos Pirinéus. Guardara, rebanhos na montanha, e de pastor transformara-se em salteador. Cochepaille não era menos selvagem nem parecia menos estúpido do que o acusado. Era um desgraçado dos que a natureza esboça para animais bravios, e que a sociedade completa em forçados. O presidente tentou movê-lo com algumas palavras patéticas e graves, e perguntou-lhe como aos outros, se persistia, sem hesitação ou dúvida, em reconhecer o homem que tinha diante de si.

— É o Jean Valjean — disse Cochepaille —, é o mesmo a quem chamavam *Jean-le-Cric,* tanta era a força que ele tinha!

Cada uma das afirmativas destes três homens, evidentemente sinceras e de boa fé, suscitara no auditório um murmúrio que crescia e se prolongava por muito tempo, cada vez que uma nova declaração se juntava à precedente.

O acusado escutara-as com a expressão de espanto que, segundo a acusação, era o principal meio de defesa. A primeira tinham-no os *gendarmes* que estavam ao lado dele, ouvido dizer por entre os dentes: «Bem, cá está um!» Depois, à segunda, dissera um pouco mais alto e com ar quase satisfeito: «bom!» À terceira, exclamou: «Magnífico!»

— Acusado, ouviu o que se disse? O que tem a responder?

— Eu respondo, magnífico!

No mesmo momento rompeu no auditório prolongado rumor, que quase se comunicou ao juiz.

— Oficiais de justiça, façam restabelecer o silêncio. Vão-se formular os quesitos.

Acto contínuo, houve certo movimento ao lado do presidente e ouviu-se

uma voz dizer:

— Brevet, Cheneldieu, Cochepaille! Olhem para este lado!

Todos os que ouviram esta voz se sentiram gelados, tanto ela era lastimosa e terrível. Todos os olhos se voltaram para o lado de onde ela partira. Um homem que se encontrava entre os espectadores privilegiados que tinham assento por trás da presidência, levantara-se, empurrara a porta da teia que separava o tribunal do pretório, e avançara para o meio da sala. O presidente, o delegado, o senhor Barmatabois, vinte pessoas em suma, o reconheceram imediatamente e exclamaram:

— O senhor Madelaine!

XI — Champmathieu cada vez mais admirado

Era, com efeito, Madelaine. A vela que estava sobre a mesa do escrivão iluminava-lhe o rosto. Tinha o chapéu na mão, e a sobrecasaca cuidadosamente abotoada; não se lhe notava o mínimo desalinho no vestuário. Estava muito pálido e tremia ligeiramente. Os cabelos, ainda grisalhos no momento em que chegara, haviam-se-lhe tornado de todo brancos. Encanecera numa hora.

Todas as cabeças se ergueram. A sensação foi indescritível. Houve no auditório um momento de hesitação. A voz que se ouvira fora tão pungente, o homem que se apresentara no meio da sala parecia tão tranquilo, que em princípio ninguém compreendeu coisa alguma. Todos perguntavam quem tinha falado. Ninguém podia acreditar que fosse aquele homem de aspecto tão sossegado, quem tivesse soltado o medonho grito.

Esta indecisão durou apenas segundos. Antes mesmo que o presidente e o delegado tivessem podido dizer uma palavra, o homem a quem todos ainda chamavam senhor Madelaine, dirigira-se para as testemunhas Cochepaille, Brevet e Cheneldieu.

— Não me reconhecem? — perguntou ele.

Os três forçados ficaram estupefactos e fizeram com a cabeça um sinal negativo. Cochepaille, intimidado, fez-lhe uma continência militar. Madelaine voltou-se para os jurados e para a presidência e disse com voz suave:

— Senhores jurados, mandem soltar o acusado. Senhor presidente, mande-me prender: o homem que procuram não é ele, sou eu. Sou Jean Valjean.

Parecia que ninguém respirava. À primeira comoção de espanto sucedera silêncio sepulcral. Sentia-se na sala uma espécie de terror religioso, que domina as multidões quando se efectua algum acontecimento.

Entretanto, o rosto do presidente apresentava a expressão de simpatia e tristeza, o presidente trocara rápido sinal com o delegado e algumas palavras em voz baixa com os conselheiros assessores. Em seguida dirigiu-se ao público

e perguntou num tom que foi geralmente compreendido.

— Há por aí algum médico?

Em seguida falou o delegado:

— Senhores jurados, este incidente tão extraordinário e inesperado, não me inspira, como aos senhores, senão um sentimento que não necessitamos expressar. Todos conhecem, ao menos pela reputação, o honrado e respeitável senhor Madelaine, *maire* de Montreuil-sur-mer. Se no auditório se encontra algum médico, juntemos o nosso pedido ao do senhor presidente, para que se apreste a assistir ao senhor Madelaine, acompanhando-o à sua residência.

O senhor Madelaine não deixou o delegado acabar de falar. Interrompeu-o num tom cheio de mansidão e ao mesmo tempo de autoridade. Eis as palavras que ele pronunciou; ei-las literalmente, tal como desde logo foram registadas na audiência por uma das testemunhas desta cena, como soam ainda aos ouvidos dos que as ouviram há perto de quarenta anos.

— Agradeço ao senhor delegado os seus bons desejos, mas não estou louco, como vou provar. Os senhores estavam a ponto de cometer um grave erro; soltem esse homem, eu sou um infeliz condenado que venho cumprir um dever. Sou o único que digo a verdade, porque só eu vejo claro em tudo isto. O que faço neste momento é compreendido por Deus, que me está vendo, e é quanto me basta. Eis-me, pois, podem prender-me. Não obstante, fiz quanto pude. Ocultei-me sob outro nome, enriqueci, tornei-me *maire,* quis de novo ser contado entre a gente de bem. Agora, parece-me uma coisa impossível. Enfim, há muitas coisas que não posso dizer, nem eu venho contar-lhes a minha vida, um dia a conhecerão. É verdade que roubei o senhor bispo, é ainda verdade que roubei o rapazinho Gervásio. Tiveram razão para lhes dizerem que Jean Valjean era um malvado da pior espécie. A culpa não é, talvez, dele. Escutem, senhores juízes: um homem caído tão baixo como eu, não pode fazer a menor admoestação à Previdência, nem dar conselho algum à sociedade, mas notem que a infâmia de que eu intentei sair é uma coisa nociva. As galés fazem o forçado. Registem, se querem, estas palavras. Antes de ir para as galés, era eu um pobre camponês pouco inteligente, uma espécie de idiota; as galés transformaram-me. Era estúpido, tornei-me mau; era acha, tornei-me tição. Mais tarde, a Indulgência e a bondade salvaram-me, como a severidade me perdera. Mas desculpem-me, os senhores não podem compreender o que lhes estou dizendo. Encontrarão em minha casa, entre as cinzas do fogão, a moeda de quarenta soldos que há sete anos roubei ao saboiano Gervásio. Não tenho mais nada a acrescentar. Agora prendam-me. Mas, meu Deus!, o senhor delegado não me acredita, meneia a cabeça e diz consigo: Madelaine perdeu a razão. Eis o que em extremo me aflige. Ao

menos não condenem este homem! O quê! Pois estas testemunhas não me reconhecem! Desejava que aí estivesse Javert, esse reconhecer-me-ia!

É impossível dar ideia da benévola melancolia e do tom sombrio em que foram ditas estas palavras.

Em seguida voltou-se para os três forçados: .

— Pois bem, eu reconheço-o, Brevet! Não se lembra... —Interrompeu-se, hesitou um momento e continuou: — Não te lembras daqueles suspensórios bordados em xadrez que tu tinhas nas galés?

Brevet sentiu uma espécie de repelão de surpresa e mirou-o de alto a baixo.

Madelaine continuou:

— Tu, Cheneldieu, que te apelidavas a ti mesmo de *Nega-a-Deus,* tens o ombro direito todo queimado porque te deitaste um dia em cima dum braseiro para apagares as três letras T. F. P., que ainda depois se continuaram a distinguir. É verdade ou não é?

— É verdade — disse Cheneldieu.

Depois dirigiu-se a Cochepaille:

— Cochepaille, tu tens junto do sangradouro do braço esquerdo uma data em letras azuis. É a data do desembarque do imperador em Cannes: 1 de Março de 1815. Arregaça a manga.

Cochepaille arregaçou a manga e todos os olhos se lhe fitaram no braço nu. Um *gendarme* aproximou uma vela: ali estava, com efeito, a data.

O desgraçado voltou-se para o auditório e para os juízes com um sorriso, que ainda não se pôde apagar da memória dos que o viram, e que se sentem ainda angustiados quando pensam nele. Era o sorriso do triunfo, mas era também o do desespero.

— Bem vêem — disse ele — que sou, com efeito, Jean Valjean.

Em todo o recinto já não havia juízes, nem acusadores, nem *gendarmes*; não havia senão olhos fitos num só ponto e corações opressos. Ninguém se lembrou mais do papel que tinha de desempenhar: o delegado esqueceu-se de que estava ali para acusar, o presidente para dirigir a audiência, e o advogado para defender. Coisa extraordinária! Ninguém fez a mínima pergunta, não interveio autoridade alguma.

A feição característica dos espectáculos sublimes consiste no modo porque se apoderam de todas as almas e transformam todas as testemunhas em espectadores; sem dúvida, nem uma só pensou em que estava vendo resplandecer uma grande luz; e todos interiormente se sentiam deslumbrados.

Não havia a menor dúvida de que se achava presente Jean Valjean. Era claríssimo. A aparição deste homem fora suficiente para inundar de luz toda

aquela questão, um momento antes tão obscura. Sem que fosse necessária a mais pequena explicação ulterior, toda aquela multidão, por uma espécie de revelação eléctrica, compreendera rapidamente a simples e magnífica história de um homem que se denunciara para que em seu lugar não fosse condenado um inocente. Os pormenores, as hesitações, as fugitivas resistências possíveis, tudo se passou naquele facto luminoso.

Esta impressão dissipou-se depressa, mas naquele momento foi irresistível.

— Não desejo interromper por mais tempo a audiência — disse Jean Valjean. — Retiro-me, visto que me não prendem, tenho muito que fazer. O senhor delegado sabe quem eu sou e para onde vou, far-me-á prender quando quiser.

E dirigiu-se para a porta. Nem uma voz se ouviu, nem um braço se levantou para lhe obstar à saída. Todos se afastaram.

Naquele momento tinha ele em si qualquer coisa de divino que fez recuar a multidão. Atravessou, pois, vagarosamente por entre ela. Nunca ninguém soube quem abriu a porta, mas é certo que a achou aberta. Chegando ali, voltou-se para trás, dizendo:

— Senhor delegado, fico à sua disposição. — Depois dirigiu-se ao auditório: — Todos me julgam digno de compaixão, não é verdade? Meu Deus, quando penso no que estive a ponto de fazer, sinto-me digno de inveja. Todavia estimara mais que nada disto sucedesse.

Saiu e a porta fechou-se como se abrira; todos os que praticam certas acções soberanas, têm sempre a certeza de ser servidos por alguns dos que os admiram.

Ainda não tinha decorrido uma hora quando o veredicto do júri aliviou Champmathieu de todas as acusações. Champmathieu, solto imediatamente, saiu estupefacto, julgando toda aquela gente doida, e sem compreender coisa alguma de tão extraordinária visão.

LIVRO OITAVO — DESFORRA

I — Em que espelho Madelaine contempla os cabelos

O dia começara a despontar. Fantine passara uma noite de febre e insónia, mas não obstante povoada de felizes imagens; de madrugada adormecera.

A irmã Simplícia, que toda a noite velara junto dela, aproveitou este sono para ir preparar um calmante. A digna irmã de caridade estava, havia alguns instantes, no laboratório da enfermaria, curvada sobre as drogas e sobre os diferentes vidros, observando-os muito de perto, por causa da espécie de nevoeiro que o crepúsculo lança sobre todos os objectos. De repente, voltou a cabeçae soltou um pequeno grito.

Tinha diante de si o senhor Madelaine, que ali entrara silenciosamente.

— Ah! É o senhor *maire!* — exclamou ela.

Madelaine perguntou em voz baixa:

— Como está essa pobre mulher?

— Agora está menos mal. Mas chegámos a estar bem inquietas.

Depois contou-lhe o que ocorrera: que Fantine estivera muito mal na véspera, mas que se achara depois melhor porque acreditara que o senhor maire tinha ido a Montfermeil buscar-lhe a filha. A irmã não ousou interrogar o *maire,* mas bem percebeu que não era dali que ele vinha.

— Fizeram muito bem em não a desenganar — disse ele.

— Sim — tornou a irmã. — Mas vendo-o ela agora e sabendo que não lhe traz a filha, que lhe havemos de dizer?

Madelaine conservou-se por um instante pensativo e depois respondeu:

— Deus nos inspirará.

— Seja como for, não se deve mentir — murmurou a irmã em voz baixa.

Entretanto amanhecera. A claridade iluminava todo o quarto. De súbito, a irmã, levantando os olhos por acaso para Madelaine, a quem a claridade batia de chapa no rosto, exclamou:

— Jesus! Que foi que lhe sucedeu? Tem os cabelos todos brancos!

— Brancos?! — disse ele.

A irmã Simplícia não tinha espelho, mas abriu um estojo de cirurgia e tirou um espelhinho de que se servia o médico da enfermaria para se convencer de que qualquer doente estava morto vendo que já não respirava.

Madelaine pegou no espelho, viu nele os cabelos e disse:

— É verdade!

Esta palavra pronunciou-a ele com indiferença e como que pensando noutra coisa. A irmã de caridade sentiu-se gelada pelo que quer que era de desconhecido, que lhe parecia entrever em tudo aquilo.

— Posso vê-la? — perguntou ele.

— Mas o senhor *maire* não lhe manda buscar a filha? — disse a irmã, ousando apenas arriscar-se a uma pergunta.

— Sem dúvida, mas para isso são necessários dois ou três dias.

— Então, se ela daqui até lá não vir o senhor maire — tornou timidamente a irmã — não saberá que já voltou e mais facilmente se obterá que se resigne; quando a criança chegar pensará naturalmente que foi o senhor *maire* quem a trouxe. Deste modo não haverá mentira.

Madelaine pareceu reflectir um instante e disse depois com gravidade e sossego:

— Não, minha irmã, preciso vê-la. Não poderei talvez demorar-me.

A religiosa pareceu não notar a palavra *talvez* e respondeu respeitosamente, baixando os olhos:

— Ela está a descansar, mas o senhor *maire* pode entrar.

Madelaine fez algumas observações sobre uma porta que se fechava mal e que produzindo bulha podia despertar a doente, em seguida entrou no quarto de Fantine, aproximou-se do leito e entreabriu as cortinas.

Estava a dormir.

A respiração saía-lhe do peito com o ruído trágico próprio daquelas doenças, e que faz esmorecer as pobres mães que velam à cabeceira de um filho adormecido, apesar de condenado. Mas esta respiração difícil mal lhe perturbava uma espécie de serenidade inefável espalhada em todo o rosto e que a transfigurava enquanto dormia.

Fantine tinha as faces vermelhas e o que era palidez convertera-se em brancura. As compridas pestanas loiras, única beleza que lhe restava da sua virgindade e juventude, apesar de cerradas e baixas, palpitavam. Toda ela tremia como que um abrir de asas prestes a levantar voo e a levá-las, asas que se sentiam agitar, mas que não se viam. Quem a visse daquele modo não poderia acreditar que era uma enferma quase sem esperança. Assemelhava-se mais ao que está para voar do que ao que está para morrer.

O arbusto, quando a mão se lhe aproxima para lhe tirar a flor, estremece, e parece ao mesmo tempo esquivar-se e oferecer-se. O corpo humano participa um tanto desse estremecimento quando chega o instante em que os dedos misteriosos da morte lhe vão colher a alma.

Madelaine conservou-se por algum tempo imóvel junto do leito, olhando simultaneamente para a doente e para o crucifixo, como o fizera dois meses antes, no dia em que fora pela primeira vez visitá-la àquele asilo. Estavam ainda ambos, na mesma atitude, ela dormindo, ele orando; a diferença era que agora, e depois desses dois meses, tinha ela os cabelos grisalhos e ele

tinha-os brancos.

A irmã não entrara juntamente com Madelaine. Este estava, pois, junto do leito, de pé, e com um dedo sobre os lábios, como se quisesse impor silêncio a alguém que estivesse no quarto. Entretanto, Fantine abriu os olhos, e ao vê-lo ali, disse-lhe, sorrindo com serenidade:

— E Cosette?

II — Fantine feliz

Fantine não fez um só movimento de surpresa nem de alegria. Aquela simples pergunta, *E Cosette?,* foi feita com uma fé tão profunda, com tanta certeza, com tão completa ausência de inquietação e de dúvida, que Madelaine não achou uma única palavra que lhe responder.

Fantine continuou:

— Eu já sabia que o senhor se encontrava aí, estava a dormir, mas via-o. Há muito tempo que o estava vendo; segui-o com os olhos toda a noite. O senhor estava no centro de uma auréola brilhante e tinha em volta de si toda a espécie de figuras celestes.

Madelaine ergueu os olhos para o crucifixo.

— Mas — continuou ela —, diga-me, onde está Cosette? Por que não a pôs sobre a minha cama, para que eu a visse assim que acordasse?

Madelaine respondeu-lhe o que quer que foi de que mais tarde não pôde lembrar-se. Felizmente chegou o médico, que tinha sido prevenido e que acudiu em auxílio de Madelaine.

— Sossegue, minha filha. A menina está ali.

Os olhos de Fantine iluminaram-se e inundaram-lhe de luz todo o rosto. Juntou ao mesmo tempo as mãos com uma expressão que continha tudo o que na súplica pode haver de mais violento e mais suave.

— Tragam-ma! — exclamou ela.

Enternecedora ilusão maternal! Cosette continuava a ser para ela a criancinha de colo.

— Por ora não, porque ainda tem febre — tornou o médico. — A presença de sua filha agitá-la-ia e far-lhe-ia mal. É preciso, primeiro que tudo, restabelecer-se.

Fantine interrompeu-o impetuosamente:

— Mas eu já estou boa! Afianço-lhe que já não tenho nada! É tolo este médico! Então... quero ver minha filha!

— Bem vê — disse o médico — o modo porque se inquieta. Enquanto estiver nesse estado hei-de opor-me sempre a que lhe deixem ver amenina. Não é bastante vê-la, é preciso que viva para ela. Quando se mostrar mais razoável eu mesmo lha trarei.

A pobre mãe curvou a cabeça.

— Perdoe-me, senhor doutor, peço-lhe que me perdoe. Noutro tempo não teria falado como o fiz agora, mas têm-me sucedido tantas desgraças que às vezes nem sei o que digo. Compreendo muito bem, o senhor receia alguma comoção; esperarei quanto quiser, mas juro-lhe que me não faria mal vê-la. Eu vejo-a, desde ontem à noite que não tiro os olhos dela. Quer até que lhe diga? Se ma trouxessem agora falar-lhe-ia muito devagarinho. Aí está. Pois não é natural que eu deseje ver a minha filha, a quem expressamente foram buscar a Montfermeil? Eu não estou zangada. Tenho acerteza de que vou ser feliz. Toda a noite estive vendo coisas brancas e rostos que se sorriam para mim. Quando o senhor doutor quiser, traga-me Cosette. Já não tenho febre, já estou curada, sei muito bem que não tenho nada, mas vou estar como se me achasse doente: não me hei-de mexer, para fazer a vontade às senhoras que aqui estão. Quando virem que estou muito tranquila, hão-de dizer: não há remédio senão entregar-lhe a filha.

Madelaine sentou-se numa cadeira que estava ao lado da cama, Fantine voltou-se para ele, fazendo visíveis esforços para parecer tranquila e prudente,como ela dizia com o enfraquecimento da doença que se assemelha à infância, a fim de que, vendo-a tão pacífica, não tivessem dificuldade em lhe levarem Cosette.

Entretanto, mesmo contendo-se, não podia abster-se de dirigir a Madelaine intermináveis perguntas:

— Foi boa a sua jornada, senhor *maire*? Que bondade a sua em ir buscá-la! Diga-me só como ela está. Veio bem pelo caminho? Decerto não me conhece? Há tanto tempo, por força se esqueceu de mim, pobre anjinho! As crianças não têm memória, são como os passarinhos. Hoje vêem uma coisa, amanhã outra, e não pensam em nada. E ela tem roupa branca? Os Thenardier traziam-na limpa? Alimentavam-na bem? Se soubesse como eu sofria dirigindo a mim mesma todas estas perguntas no meio da minha miséria! Agora já não é assim! Estou muito alegre! Como eu desejo vê-la! Achou-a bonita, senhor *maire?* Não é bonita a minha filha? O senhor havia de sentir bastante frio na diligência. Não ma podiam trazer só por um bocadinho? Levavam-na logo outra vez! Diga, senhor *maire!* Se o senhor quisesse! O senhor é quem manda aqui!

Madelaine pegou-lhe na mão.

— Cosette é bonita — disse ele — e passa excelentemente. Há-de vê-la em breve, mas por agora sossegue. Está falando com muita vivacidade e depois descobre os braços, o que lhe faz aumentar a tosse.

Com efeito, a tosse interrompia-a de momento a momento.

Fantine não respondeu coisa alguma, receou ter comprometido por algumas expressões demasiadamente apaixonadas a confiança que desejava inspirar, e passou a dizer coisas indiferentes.

— Montfermeil é uma terra bonita, não é verdade? No Verão vai lá muita gente passear. Os Thenardier fazem negócio? Por ali há pouco trânsito, e depois a estalagem que eles têm é uma espécie de baiuca.

Madelaine segurava-lhe ainda a mão e contemplava-a com angústia. Era evidente que fora ali para lhe dizer coisas, perante as quais o pensamento parecia hesitar.

O médico, tendo feito a sua visita, retirara-se. Só ficara junto deles a irmã Simplícia!

De repente, no meio do silêncio, Fantine exclamou:

— Oiço-a, meu Deus! Oiço-a!

Estendeu os braços para que se conservassem silenciosos, conteve a respiração e aplicou ouvido como escutando.

Era uma criança que andava a brincar no pátio, talvez a filha de alguma operária. Era este um dos acasos que se encontram sempre e que parece fazerem parte do misterioso cenário dos acontecimentos lúgubres. A criança era uma rapariguinha, que andava correndo de um lado para o outro, rindo e cantando em voz alta. Ah! Ao que se aliam muitas vezes os brinquedos de crianças! Era esta pequenina que Fantine ouvia cantar.

— É a minha Cosette! — tornou ela. — Bem lhe conheço a voz!

A criança afastou-se pelo mesmo modo porque se aproximara, a voz deixou de se ouvir. Fantine escutou ainda por algum tempo, depois o rosto anuviou-se-lhe e o senhor Madelaine ouviu-a dizer em voz baixa:

— Sempre é muito mau este médico em não me deixar ver a minha filha! Se ele tem tão má cara!

Todavia, o fundo risonho das suas ideias reapareceu. Com a cabeça no travesseiro continuou a falar:

— Como nós vamos ser felizes! Em primeiro lugar havemos de ter um jardinzinho, o senhor Madelaine prometeu-mo. A minha filha há-de brincar no jardim. Ela já deve conhecer as letras, hei-de fazê-la soletrar. Como hei-de gostar de a ver correr atrás das borboletas! E depois há-de ir à sua primeira comunhão. É verdade! Quando irá ela à primeira comunhão? Um... dois... três... quatro... tem sete anos. Há-de levar um véu branco e meias abertas, há-de parecer uma mulherzinha. Oh, minha boa irmã, então não sou eu doida?! Pensar já na primeira comunhão da minha filha!

E, dizendo isto, riu-se.

Madelaine largara a mão de Fantine. Escutava o que ela dizia como se

escuta o sibilar do vento, com os olhos no chão e o espírito mergulhado em reflexões sem fundo. A pobre mãe calou-se de repente, o que o fez erguer maquinalmente a cabeça. Fantine tornara-se medonha. Não só não falava, mas parecia nem respirar, estava quase sentada na cama, o ombro magríssimo saía-lhe da camisa, o rosto pouco antes radiante, estava lívido *e os* olhos, parecendo ainda maiores por efeito do terror, fitavam-se na extremidade oposta do quarto, como se ali estivesse algum objecto tremendo.

— Jesus! — exclamou Madelaine. — O que tem, Fantine?

A doente não lhe respondeu, nem afastou os olhos do que quer que era que julgava ver e, tocando-lhe no braço com uma das mãos, fez-lhe com aoutra sinal para que olhasse para trás de si.

Madelaine voltou-se e viu Javert.

III — Javert satisfeito

Eis o que sucedera.

Dava meia-noite quando Madelaine saiu do tribunal de Arras. Tinha chegado à estalagem justamente a tempo de partir na mala-posta, da qual, como é sabido, tomara um lugar. Pouco antes das seis da manhã, chegara a Montreuil-sur-mer e o seu primeiro cuidado fora lançar no correio a sua carta para Laffite e em seguida dirigir-se à enfermaria para ver Fantine.

Apenas, porém, ele se ausentara da sala da audiência, o delegado, voltando a si do primeiro arrebatamento, tomou a palavra para deplorar o acto de loucura do respeitável *maire* de Montreuil-sur-mer, declarando que as suas convicções em nada tinham sido modificadas por aquele extraordinário incidente, que mais tarde se esclareceria, e requerera entretanto a condenação de Champmathieu, que era evidentemente o verdadeiro Jean Valjean. A persistência do delegado estava em visível contradição com o sentimento de todos, do público, do juiz e dos jurados. O advogado tivera pouco trabalho para refutar esta arenga e estabelecer que, depois das revelações do senhor Madelaine, isto é, do verdadeiro Jean Valjean, se achava completamente prejudicado aquele processo e que o júri já não tinha na sua presença senão um inocente. Ao advogado, que disto fizera objecto para alguns epifonemas, infelizmente pouco originais, sobre os erros judiciários, etc., etc., juntara-se o presidente no seu sumário e, daí a poucos minutos, Champmathieu era plenamente absolvido pelo júri.

Todavia, o delegado necessitava dum Jean Valjean, escapando-lhe Champmathieu, lançou mão de Madelaine.

Imediatamente depois da soltura de Champmathieu, encerrou-se o delegado com o presidente e conferenciaram ambos sobre a *necessidade de se apoderarem da pessoa do* maire *de Montreuil-sur-mer.* Estas palavras foram

escritas pelo delegado na minuta do seu relatório ao procurador-régio.

Passada a primeira impressão, o presidente fez poucas objecções. Era preciso que a justiça seguisse o seu curso. E depois, para se dizer tudo, o presidente, apesar de ser um homem bondoso e bastante inteligente, era ao mesmo tempo muito realista, e por isso sentira-se agastado por o *maire* de Montreuil-sur-mer ter dito *imperador* e não *Bonaparte,* quando falara do desembarque em Cannes.

A ordem de prisão foi logo expedida. O delegado mandou-a imediatamente para Montreuil-sur-mer por um correio, a toda a brida, ao inspector de polícia Javert.

Como se sabe, Javert voltara para Montreuil-sur-mer apenas fizera o seu depoimento.

Javert levantara-se da cama havia pouco, quando o correio lhe entregou o mandato de prisão.

O próprio correio era um empregadode polícia muito entendido, o qual, em duas palavras, pôs Javert ao facto de quanto sucedera em Arras. A ordem de prisão assinada pelo delegado do procurador-régio era concebida nestes termos:

> Ordeno ao inspector Javert que prenda o senhor Madelaine, *maire* de Montreuil-sur-mer, que na audiência de hoje foi reconhecido como o forçado livre Jean Valjean.

Quem não conhecesse Javert e que o tivesse visto no momento em que entrou na antecâmara da enfermaria não poderia adivinhar coisa alguma do que se passava, e ter-lhe-ia achado o aspecto mais natural que poderia imaginar-se. Estava tranquilo, frio, grave, com os cabelos grisalhos perfeitamente penteados, e acabara de subir a escada vagarosamente, como costumava. Mas quem o conhecesse bem e o examinasse atentamente teria estremecido. A fivela da sua gravata de coiro, em vez de estar na nuca, estava ao pé da orelha esquerda, sinal de agitação inaudita.

Javert era um carácter completo, que tão pouco consentia uma ruga no seu dever como no seu vestuário; metódico com os celerados, rígido com os botões do seu casaco. Para ele colocar tão mal a fivela da gravata, era indispensável que tivesse experimentado uma dessas comoções que se poderiam denominar tremores de terra íntimos. Apresentara-se com toda a simplicidade, requisitara um cabo e quatro soldados na guarda vizinha, deixara os soldados no pátio e soubera onde era o quarto de Fantine pela porteira, que não suspeitou de coisa alguma, acostumada, como estava, a ver gente armada procurar o senhor *maire*.

Javert, chegando ao quarto de Fantine, empurrou a porta com a brandura de um espião e entrou.

Verdadeiramente, não entrou. Conservou-se estacado na porta entreaberta, com o chapéu na cabeça e a mão esquerda metida no peito da sobrecasaca, abotoada até ao pescoço. Nas pregas do cotovelo direito distinguia-se o castão de chumbo da sua enorme bengala, que desaparecia por detrás dele.

Conservou-se assim perto dum minuto, sem que fosse notada a sua presença. De repente, Fantine ergueu os olhos, viu-o, e fez com que Madelaine se voltasse. No momento em que os olhos de Madelaine encontraram os de Javert, este, sem se mover, semse aproximar, tornou-se espantoso. Nenhum sentimento humano consegue ser medonho como a alegria. Era o rosto de um demónio, apoderando-se da alma condenada que lhe pertencia. A certeza de ter, enfim, em seu poder Jean Valjean fez-lhe aparecerna fisionomia tudo o que tinha na alma. O fundo revolvido subiu à superfície. A humilhação de lhe ter quase perdido a pista e de se ter iludido por alguns instantes com Champmathieu desaparecia sob o orgulho de ter adivinhado tão bem e de ter conservado por tanto tempo um instinto tão infalível. O contentamento de Javert patenteava-se-lhe na atitude soberana. A deformidade do triunfo expandia-se-lhe na acanhada fronte. Era a horrorosa ostentação de um rosto satisfeito.

Javert, naquele momento, estava no céu. Sem que o compreendesse muito claramente, mas, contudo, com uma confusa intuição da sua indispensabilidade e do seu bom êxito, conhecia que ele, Javert, personificava a justiça, a luz e a verdade, desempenhando o seu encargo de destruir o mal.

Tinha por todos os lados em torno de si, a uma profundidade infinita, a autoridade, a razão, o assunto julgado, a consciência legal, a vindicta pública, todas as estrelas; protegia a ordem e fazia sair da lei o raio, vingava a sociedade, auxiliava o princípio absoluto; elevava-se no meio dos esplendores da glória; na sua vitória havia ainda um resto de desafio e de combate; de pé, altivo, brilhante, patenteava em pleno rosto a bestialidade sobrenatural de um arcanjo feroz; a sombra tremenda da missão que desempenhava tornava-lhe visível no punho contraído o vago cintilar do gládio social; feliz e indignado, tinha debaixo dos pés o crime, o vício, a rebelião, a perdição, o inferno; estava radiante. Sorria-se porque exterminava. Havia incontestável grandezanaquele S. Miguel monstruoso.

Javert por tal modo medonho não tinha nada de ignóbil.

A probidade, a sinceridade, a candura, a convicção, a ideia do dever, são coisas que, enganando-se, podem tornar-se hediondas, mas que mesmo nesse estado se conservam grandiosas; a majestade delas, próprias da consciência humana, persiste mesmo no horror; são virtudes estas que têm um vício o erro. A inexorável alegria honesta de um fanático em plena atrocidade

conserva não sei que esplendor lugubremente venerável. Javert, sem que o suspeitasse, no meio da sua avantajada felicidade, era digno de lástima, como todo o ignorante que triunfa.

Não podia haver coisa tão pungente eterrível como aquela figura, em que se patenteava o que poderia chamar-se maldade do bem.

IV — A autoridade readquire os seus direitos

Fantine não tornara a ver Javert desde o dia em que o *maire* a livrara dele. O seu cérebro enfermo não compreendeu coisa alguma, apenas do que não duvidou foi de que ele a ia buscar. Não pôde suportar a horrorosa aparição, sentiu-se expirar, ocultou o rosto com ambas as mãos e gritou com a maior aflição:

— Salve-me, senhor Madelaine!

Jean Valjean (doravante não o denominaremos de outro modo) levantara-se. Ouvindo a exclamação de Fantine voltou-se para ela e disse-lhe com a maior doçura e tranquilidade:

— Não tenha receio. Não foi por sua causa que ele veio aqui. — Depois, dirigindo-se a Javert: — Já sei o que me quer.

Javert retorquiu:

— Vamos, depressa!

Estas palavras foram acompanhadas com uma inflexão em que havia qualquer coisa de bravio e frenético. Não há ortografia que pudesse transmitir o acento com que elas foram pronunciadas. Não foram palavras humanas, foi um rugido.

Não fez como era costume, não entrou em matéria, não exibiu o mandado de prisão. Para ele, Jean Valjean era uma espécie de inimigo misterioso e insubjugável, um lutador tenebroso a que ele se abraçara havia cinco anos sem que nunca tivesse podido derrubá-lo. Esta prisão não era um começo, mas um fim. Limitou-se, pois, a dizer: «Vamos, depressa!»

Falando deste modo, não deu um passo, lançou a Jean Valjean esse olhar que ele deitava como um arpão, e com o qual costumava puxar para si os miseráveis de quem queria apossar-se. Era o mesmo olhar que Fantine, dois meses antes, sentira penetrar-lhe até à medula dos ossos. Ao grito de Javert, Fantine abrira novamente os olhos. Mas o *maire* estava ao pé dela, o que poderia recear?

Javert avançou até ao meio do quarto e gritou:

— Então, avias-te?!

A desgraçada olhou em roda de si. Não estava ali mais ninguém além da religiosa e do *maire*. A quem poderia dirigir-se aquele abjecto tratamento de *tu*?Não podia ser senão a ela. A pobrezinha estremeceu. Em seguida, viu uma

coisa inaudita e tal como nunca lhe aparecera nos mais negros delírios da febre. Viu o espião Javert lançar a mão à gola da sobrecasaca do *maire* e este curvar a cabeça. Pareceu-lhe que se acabava o mundo.

Javert, com efeito, segurou Jean Valjean pela gola da sobrecasaca.

— Senhor *maire!* — gritou Fantine.

Javert desatou a rir, mas com o tal riso que lhe descobria as gengivas.

— Já não há aqui nenhum *maire!*

Jean Valjean não tentou livrar-se da mão que o segurava e disse:

— Javert...

Javert interrompeu-o:

— Chama-me senhor inspector!

— Desejava dizer-lhe uma palavra em particular, senhor inspector.

— Fala alto, fala alto! — respondeu Javert. — Comigo não se fala em particular.

Jean Valjean continuou, baixando a voz:

— É uma súplica que tenho a fazer-lhe...

— Já te disse que fales alto.

— Mas o que eu tenho a dizer-lhesó deve ser ouvido pelo senhor.

— Que me importa a mim isso? Não tenho que ouvir!

Jean Valjean voltou-se para ele e disse-lhe rapidamente em voz baixa:

— Conceda-me três dias! Três dias para ir buscar a filha desta infeliz mulher! Pagarei o que for preciso! Acompanhar-me-á, se quiser.

— Estás a brincar?! — exclamou Javert. — Não te julgava tão estúpido! Pedes-me três dias para te safares! Dizes então que são para ires buscar a filha desta meretriz! Não pega!

Fantine estremeceu.

— A minha filha! — exclamou ela. — Ir buscar a minha filha! Então não está aqui?! Diga-me, minha irmã, onde está Cosette? Senhor Madelaine, senhor *maire,* quero a minha filha!

Javert bateu com o pé no chão.

— Temos outra! Vê se te calas! Que diabo de terra esta em que os forçados são magistrados e as meretrizes tratadas como fidalgas! Mas tudo isto vai acabar e já não era sem tempo! — Olhou em seguida fixamente para Fantine e acrescentou, segurando melhor Jean Valjean, agarrando-lhe desta vez, além da gola, na gravatae na camisa. — Já te disse que não há aqui nem senhor Madelaine, nem senhor *maire.* Oque aqui há é um ladrão, um salteador, um grilheta chamado Jean Valjean, o qual já me não escapa!

Fantine ergueu-se convulsivamente, apoiou-se nos magros e hirtos braços, olhou para Jean Valjean, para Javert, para a religiosa, e abriu a boca como

que para falar, mas apenas lhe saiu da garganta uma espécie de suspiro sufocado, os dentes bateram uns nos outros, estendeu os braços aflitivamente, abrindo de um modo convulsivo as mãos, e procurando apoio em volta de si, como alguém prestes a afogar-se, caiu inopinadamente sobre o travesseiro.

A cabeça bateu no encosto do leito e pendeu-lhe em seguida sobre o peito, com a boca aberta, os olhos igualmente abertos, mas sem brilho.

Estava morta.

Jean Valjean pôs a sua mão na mão com que Javert o segurava, abriu-lha como teria aberto a de uma criança e disse-lhe:

— O senhor matou esta mulher!

— Acabemos com isto! — exclamou Javert furioso. — Não estou aqui para ouvir satisfações. Deixemo-nos de histórias, a escolta está lá em baixo; ou avias-te ou mando-te amarrar.

No canto do quarto havia um leito velho de ferro, em mau estado, e que servia às irmãs para repousar quando velavam junto das doentes. Jean Valjean dirigiu-se ao leito, deslocou-lhe num abrir e fechar de olhos, a cabeceira já desengonçada, coisa facílima para músculos como os seus, empunhou a barra mais grossa e encarou Javert. Este recuou até à porta.

Jean Valjean, com a barra de ferro na mão, dirigiu-se vagarosamente para a cama de Fantine. Quando ali chegou, voltou-se para Javert e disse-lhe com uma voz que mal se ouviu:

— Não o aconselho a que me inquiete neste momento.

Javert lembrou-se de ir chamar a escolta, mas Jean Valjean podia aproveitar essa curta ausência para se evadir. Deixou-se pois estar onde estava, pegou na bengala pela ponteira e encostou-se à ombreira da porta, sem afastar os olhos de Jean Valjean.

Este apoiou o cotovelo na maçaneta da cabeceira do leito, descansou a cabeça sobre a mão e pôs-se a contemplar Fantine, hirta e imóvel. Conservou-se assim, absorto, mudo e não pensando evidentemente em mais coisa alguma desta vida. Na sua fisionomia e atitude não se distinguia mais do que extrema piedade.

Depois de alguns instantes de meditação, inclinou-se para Fantine e falou-lhe em voz baixa.

Que lhe disse ele? O que poderia dizer aquele homem réprobo, àquela mulher morta? Que palavras foram as suas? Ninguém na terra as ouviu. Ouvi-las-ia a defunta? Há ilusões tocantes, que são, talvez, realidades sublimes. O que é fora de dúvida, é que a irmã Simplícia única testemunha desta cena, contou muitas vezes que vira distintamente, no momento em que Jean Valjean falara ao ouvido de Fantine, esboçar-se-lhe nos lábios e nas pupilas vagas e

cheias do espanto sepulcral, o mais inefável sorriso.

Jean Valjean tomou nas suas mãos a cabeça de Fantine e acomodou-lha sobre o travesseiro como qualquer mãe faria a um filho: depois atou-lhe o cordão da camisa e aconchegou-lhe os cabelos para dentro da touca. Feito isto, fechou-lhe os olhos.

O rosto de Fantine pareceu naquele momento extremamente iluminado. A morte é a entrada na luz suprema.

A mão de Fantine pendia para fora da cama, Jean Valjean ajoelhou diante daquela mão, levantou-a timidamente e beijou-a. Em seguida ergueu-se e voltou-se para Javert, dizendo:

— Agora estou às suas ordens.

V — Sepultura apropriada

Javert conduziu Jean Valjean à cadeia da cidade. A prisão de Madelaine produziu em Montreuil-sur-mer sensação, ou para melhor dizer, uma comoção extraordinária. Entristece-nos não podermos dissimular que só por efeito das palavras «era um forçado», quase toda a gente o abandonou. Em menos de duas horas foi esquecido todo o bem que fizera e não ficou sendo mais do que umforçado. É justo dizer que não se conheciam ainda os pormenores do acontecimento de Arras. Durante todo o dia não se ouviram por toda a cidade senão conversas como esta:

— Então não sabem? Era um antigo forçado!

— Quem?

— O *maire.*

— Ora adeus! O senhor Madelaine?

— Sim.

— Realmente?

— Não se chamava Madelaine, tem um nome esquisito, Béjan, Bojean ou Boujean.

— Parece incrível!

— Já está preso!

— Preso!

— Está na cadeia da cidade, esperando que o transfiram.

— Que o transfiram! Para onde?

— Tem de ser julgado por um roubo de estrada que cometeu noutro tempo.

— Eu sempre desconfiei de alguma coisa. Era um homem bom de mais, demasiadamente perfeito. Recusou o hábito e dava dinheiro a quantos vadios encontrava. Sempre me pareceu que havia por baixo de tudo aquilo alguma história extraordinária.

Os salões, sobretudo, abundaram em diálogos deste género. Uma senhora

idosa, assinante da *Bandeira Branca,* fez a seguinte reflexão, de que é quase impossível sondar a profundidade:

— Não me desagrada de todo. Será uma lição para os bonapartistas!

Foi assim que o fantasma que se chamava Madelaine se dissipou em Montreuil-sur-mer. Em toda a cidade, apenas três ou quatro pessoas se conservaram fiéis à sua memória. A velha porteira que o servia entrou neste número.

Na noite daquele mesmo dia, a idosa e digna porteira estava sentada no seu cubículo, ainda sobressaltada e reflectindo tristemente. A fábrica estivera fechada em todo o dia, a porta principal tinha corridos os ferrolhos, a rua estava deserta. Não havia em toda a casa mais do que as duas religiosas, Perpétua e Simplícia, que estavam velando junto do corpo de Fantine.

A hora em que Madelaine costumava recolher-se, a excelente porteira levantou-se maquinalmente, tirou duma gaveta a chave do quarto do *maire* e a palmatória de que ele se servia todas as noites para subir a escada, depois pendurou a chave no prego onde ele costumava encontrá-la, e pôs-lhe ao pé a palmatória, como se o esperasse. Em seguida tornou a sentar-se e continuou a meditar.

A pobre velha fizera tudo isto sem ter a consciência de coisa alguma. Só decorridas mais de duas horas é que ela saiu da sua meditação e exclamou:

— Valha-me Deus! E eu a dependurar ainda a chave no prego!

Neste momento o postigo da loja abriu-se, um braço passou pela abertura, pegou na chave e na palmatória e acendeu a vela na candeia que estava sobre a mesa. A porteira levantou os olhos e ficou de boca aberta, contendo na garganta um grito prestes a escapar-lhe. Tinha reconhecido aquela mão, o braço e a manga que o cobria.

Era o senhor Madelaine.

Esteve alguns segundos sem poder falar, petrificada,como ela depois dizia,contando o caso.

— Jesus, senhor *maire!* — exclamou ela. — Enfim, julgava-o...

E não terminou a frase porque desmentiria o respeito que devia ao princípio. Jean Valjean continuava a ser para ela o senhor *maire*.

Jean Valjean, porém, completou-a.

— Na cadeia — disse ele. — Ali estava, com efeito, mas quebrei um varão, deixei-me cair num telhado e eis-me aqui. Vou ao meu quarto, vá-me procurar a irmã Simplícia, que está, decerto, ao pé dessa pobre infeliz.

A velha obedeceu apressadamente

Jean Valjean não lhe fez a menor recomendação: estava bem certo de que a velhota o guardaria melhor do que ele próprio. Nunca se pôde saber como

ele conseguira penetrar no pátio sem ser pela porta principal. Trazia sempre consigo um trinco com que abria uma porta lateral, mas tendo sido decerto apalpado, deviam ter-lho tirado.

Subiu, pois, a escada que conduzia ao seu quarto. Chegando acima, deixou a palmatória num dos degraus, abriu a porta sem fazer bulha e foi às apalpadelas fechar a janela por dentro; depois voltou a buscar a vela e entrou no quarto.

A precaução era inútil; como se sabe, a janela via-se da rua

Olhou em redor de si, para a mesa e para a cama, que havia três dias não se tinha desmanchado. Não se conhecia ali o mínimo vestígio da inquietação da penúltima noite.

A porteira arrumara tudo. O que ela unicamente fizera demais fora tirar da cinza e colocar sobre a mesa as ponteiras de ferro do cajado e a moeda de quarenta soldos enegrecidos pelo fogo.

Jean Valjean pegou numa folha de papel e escreveu:

> *Aqui estão as duas ponteiras do meu cajado e a moeda de quarenta soldos roubados ao pequenito Gervásio de que falei no tribunal.*

Colocou em seguida sobre o papel os dois bocados de ferro e a moeda de prata, de modo que fosse a primeira coisa que vissem quando entrassem no quarto.

Tirou dum armário uma camisa velha, que rasgou, eem cujos bocados embrulhou os dois castiçais de prata. E no meio de tudo isto não se mostrava apressado nem inquieto. Enquanto embrulhava os castiçais do bispo, foi comendo um bocado de pão negro. Era talvez opão que trouxera da cadeia quando se evadiu. Isto provou-se pelas migalhas que foram encontradas no sobrado do quarto, quando depois a justiça ali passou busca.

Passados instantes, bateram duas pancadas à porta. Era a irmã Simplícia.

Estava pálida, tinha os olhos vermelhos e o castiçal que trazia na mão tremia. São assim as violências privativas do destino. Por mais perfeitos ou indiferentes que cheguemos a ser, elas arrancam-nos a natureza humana do fundo das entranhas e obrigam-na a demonstrar-se exteriormente. No meio das emoções daquele dia a religiosa tornara-se mulher. Como mulher, chorara e tremera. Jean Valjean acabavade escrever algumas linhas numa folha de papel, que apresentou à religiosa, dizendo-lhe:

— Minha irmã, há-de entregar isto ao senhor cura.

O papel estava desdobrado. A irmã lançou-lhe os olhos e ele disse-lhe:

— Pode ler.

A religiosa leu:

> Peço ao senhor cura que queira olhar por tudo que aqui deixo. Com o seu produto pagará as despesas do meu processo e o enterro da mulher que aqui morreu hoje. O

resto distribui-lo-á pelos pobres.

A irmã quis falar, mas só pôde balbuciar alguns sons inarticulados. Contudo, sempre conseguiu *dizer:*

— Então o senhor *maire* não deseja ver ainda pela última vez a infeliz morta?

— Não — disse ele —, andam já em minha perseguição, e se me prendessem no seu quarto isso podia perturbá-la.

Tinha apenas pronunciado estas palavras quando se ouviu grande ruído na escada. Ouviram a bulha de muitos passos subindo e a voz da porteira dizendo o mais alto que podia:

— Juro-lhes que não entrou aqui ninguém em todo o dia, nem em toda a noite, não deixei a porta nem um instante!

A isto uma voz de homem respondeu:

— Não obstante há luz neste quarto.

Jean Valjean e a irmã Simplícia reconheceram a voz de Javert. Como o quarto era construído de modo que a porta ao abrir-se escondia o recanto da parede do lado direito, Jean Valjean apagou a vela e correu a meter-se nele.

A irmã Simplícia caiu de joelhos ao pé da mesa. A porta abriu-se e Javert entrou.

No corredor ouviu-se o cochichar de muitos homens e a voz da porteira, que continuava a protestar que não tinha entrado ninguém.

A religiosa, que estava a orar, não se mexeu, nem sequer ergueu a vista. A vela estava sobre o fogão e dava pouca claridade. Javert viu a irmã de caridade e parou estupefacto. Todos se lembrarão de que o fundo de Javert, o seu elemento, o seu meio respeitável, era a veneração por toda a espécie de autoridade. Neste sentido era feito duma só peça, não admitia objecções, nem a mais leve restrição. Para ele, é necessário que se entenda, a primeira de todas as autoridades era a eclesiástica, porque era religioso, e sobre este ponto, como sobre os outros, era superficial e correcto. A seus olhos, um padre era um espírito infalível, uma religiosa, uma criatura impecável. Eram almas muradas no meio do mundo, para onde não tinham senão uma porta, que só dava saída à verdade.

Vendo, pois, a irmã de caridade, o seu primeiro movimento foi para se retirar. Contudo, havia outro dever que o detinha e que impelia imperiosamente em sentido contrário. O seu segundo movimento foi de ficar e de fazer ao menos uma pergunta.

A irmã de caridade que ali se achava era aquela irmã que nunca em sua vida mentira. Javert sabia-o e venerava-a particularmente por essa causa.

— Minha irmã — disse ele — , estava só neste quarto?

Seguiu-se um momento terrível, no qual a porteira se sentiu prestes a desfalecer.

A irmã ergueu os olhos e respondeu:

— Estava.

— Sendo assim — tornou Javert —, desculpe-me a insistência, é o meu dever, não viu esta noite uma pessoa, um homem que se evadiu e que nós procuramos, esse tal Jean Valjean, não o viu?

— Não — respondeu a irmã.

E mentiu. Mentiu duas vezes seguidas, sem hesitar, com a rapidez da dedicação.

— Queira desculpar-me — disse Javert; e saiu, fazendo profundo cumprimento.

Oh, santa mulher! Há muito que sois deste mundo; já há muitos anos vos reunistes às virgens vossas irmãs e aos anjos vossos irmãos, seja-vos essa mentira contada no paraíso.

A afirmativa da irmã de caridade foi para Javert uma coisa tão decisiva que nem reparou na vela que tinham acabado de apagar e que ainda fumegava sobre a mesa.

Passada uma hora, um homem caminhava através do arvoredo, envolvendo-se com o nevoeiro e afastando-se de Montreuil-sur-mer, na direcção de Paris. Este homem era Jean Valjean.

Foi provado pelo testemunho de dois ou três carreiros que o tinham encontrado que levava vestida uma blusa, e debaixo do braço um embrulho. Onde tinha ele obtido aquela blusa? Nunca se soube. Todavia, morrera poucos dias antes na enfermaria da fábrica um velho operário, que não deixara senão a sua blusa. Era, talvez, a que ele levava.

Uma última palavra a respeito de Fantine. Todos nós temos uma mãe comum, a terra. Fantine foi restituída a essa mãe.

O cura julgou que procedia com acerto, e procedeu decerto, reservando para os pobres a maior quantia que pudesse do dinheiro que Jean Valjean lhe deixara. No fim de contas, de quem se tratava?

De um forçado e de uma meretriz.

Foi esta a razão porque ele simplificou o enterro de Fantine, reduzindo-o ao estreito necessário, que se denominava vala comum.

Fantine foi pois enterrada no canto gratuito do cemitério, que pertence a todos e não pertence a ninguém e onde para sempre se perdem os pobres. Felizmente, Deus sabe onde há-de ir buscar as almas. Fantine foi lançada às trevas entre montões de ossos desconhecidos, atirada à vala comum, onde sofreu a promiscuidade das cinzas. O túmulo assemelhou-se ao leito.

SEGUNDA PARTE — COSETTE

LIVRO PRIMEIRO — WATERLOO

I — O que encontra quem vem de Wivelíes

O ano passado (1861), por uma bela manhã de Maio, um viajante a pé, o mesmo que conta esta história, dirigia-se de Nivelles para La Hulpe. Seguia a larga estrada calçada, que por entre duas fileiras de árvores, e em contínuas ondulações, conduz àquele último ponto, ora subindo à crista das colinas, que se sucedem umas após outras, ora descendo ao cavado dos vales, aos altos e baixos, como vagas enormes. Já havia passado Lilois e Bois-Seigneur-Isaac, avistando a oeste o campanário de ardósia de Braine-l'Alleud, que tem a forma de um vaso voltado com a boca para baixo, e deixando atrás uma eminência povoada de arvoredo, e na volta de um atalho, onde se via um poste carunchoso sustentando a inscrição: *Antiga barreira n.º 4*, uma taberna em cuja frente se lia o seguinte letreiro: *Echabeau, café particular dos quatro ventos*.

Meio quarto de légua adiante desta estalagem, chegou ao fundo de um valezinho, cortado por um regato, a cujas águas dá passagem um arco praticado no aterro da estrada e onde o raro, mas verde arvoredo que cobre o vale de um lado da calçada, se estende do outro por dilatados prados, continuando em graciosa desordem até Braine-l'Alleud.

À beira da estrada, do lado direito, ficava uma estalagem, a cuja porta se via um carro de quatro rodas, um grande feixe de varas de lúpulo, uma charrua, uma ruma de mato seco ao pé de uma sebe, uma pouca de cal a fumegar dentro de uma cova quadrada e uma escada deitada ao comprido de um alpendre velho, fechado por um tapamento de palha. Num campo onde ao sabor da viração, volteava um grande cartaz amarelo, provavelmente anunciando o espectáculo de alguns comediantes ambulantes em alguma feira, uma rapariga andava a sachar; da esquina da estalagem, junto de um pântano, onde sobrenadava uma flotilha de patos, partia um carreiro que se entranhava pelo tojo. Deitou o viajante por esse carreiro, e ao cabo de uns cem passos, depois de ter costeado uma parede do século XV, coroada por uma empena aguda de tijolos contrapostos, achou-se em presença de uma grande porta de pedra, construída em arco, com imposta rectilínea, no estilo grave de Luís XIV e ornada de dois medalhões lisos. Do frontispício severo em que se abria esta porta partia perpendicularmente uma parede flanqueando-a em ângulo recto. No prado que se estendia em frente da porta jaziam três grades, por entre as quais cresciam à mistura todas as flores de Maio. A porta era fechada por dois batentes decrépitos ornados com um martelo velho e cheio de ferrugem.

Estava um lindo dia de sol; sobre uma grande árvore, cujos ramos rumorejavam com esse sussurro mal distinto, que mais parece provir dos ninhos que do vento, balouçava-se um passarinho, naturalmente amoroso, descantando em apaixonados gorjeios.

O viajante curvou-se e pôs-se a examinar uma escavação circular bastante grande, semelhante ao alvéolo de uma esfera, praticada numa pedra no fundo do pé direito da porta. Neste momento abriram-se os batentes que a fechavam e saiu uma aldeã, que, ao ver o viajante e percebendo o que ele estava a examinar, disse-lhe:

— Foi uma bala francesa que fez isso. — E depois acrescentou: — O que ali vê em cima, ao pé daquele prego, é o buraco de uma grande bala que não chegou a atravessar a madeira.

— Como se chama este lugar? — perguntou o viandante.

— Hougomont — disse a aldeã.

O viajante endireitou-se e deu alguns passos para ir olhar de cima das sebes, de onde por entre as árvores que se destacavam no horizonte avistou um montículo, e sobre ele o que quer que fosse, que de longe parecia um leão.

Estava no campo da batalha de Waterloo.

II — Hougomont

Hougomont foi um lugar fúnebre; o começo do obstáculo, a primeira resistência que em Waterloo se opôs ao grande lenhador da Europa, que se chamava Napoleão; o primeiro nó que ele encontrou sob o machado.

Era um palácio acastelado, agora é apenas um casal.

Hougomont, para o antiquário, é Hugomons. Este solar foi construído por Hugo, sire de Somerel, o mesmo que dotou a sexta capelania da abadia de Villers.

O viajante abriu a porta, empurrou uma caleça que pejava o alpendre e entrou no pátio.

A primeira coisa que lhe atraiu a atenção foi uma porta do século XVI, que ali simula uma arcada, por se haver derrocado tudo em torno dela. O aspecto monumental nasce muitas vezes da ruína Próximo desta arcada abre-se num muro outra porta cujo cimo se fecha pelo modo usado no tempo de Henrique IV, deixando ver as árvores de um pomar. Ao lado desta porta uma estrumeira, enxadas, pás, alguns carrinhos de mão, um velho poço com o seu desaguadouro e molinete de ferro, um galo saltando, um peru todo entufado andando majestosamente de roda, uma capela sobrepujada por um campanariozinho, e tendo a parede exterior coberta de ervilheira em latada, toda florida; tal era o pátio cuja conquista constituiu um sonho de Napoleão. Se tivesse podido apoderar-se deste canto de terra, apoderar-se-ia talvez do

mundo. Vêem-se ali algumas galinhas espalhando a terra com o bico, e ouve-se ganir: é um grande cão substituindo os ingleses. Neste sítio foram eles admiráveis. As quatro companhias das guardas de Cooke, resistiram ali durante sete horas, ao encarniçamento de um exército.

Hougomont, visto no mapa, em plano geométrico, compreendendo os edifícios e tapadas, apresenta uma espécie de rectângulo irregular, no qual fosse entalhado um dos ângulos. É neste ângulo que fica a porta meridional, guardada pelo muro, que a fuzila à queima-roupa.

Hougomont tem duas portas; a meridional, que é a do solar, e a setentrional, que é a do casal Napoleão mandou contra Hougomont seu irmão Jerónimo; as divisões Guileminot, Foy e Bachelu, ali se encontraram; quase todo o corpo de Reille, ali foi empregado e aniquilado; os esforços das balas de Kellerman foram inúteis sobre o heróico muro.

Não foi demais a brigada Bouduin para forçar Hougomont pelo norte; do sul, a brigada Soye pôde apenas fazer-lhe mossa, sem consegui-lo.

As construções do canal orlam o pátio do lado sul. Preso ao muro está pendurado um pedaço da porta do norte, despedaçada pelos franceses. São quatro tábuas pregadas sobre duas travessas, nas quais se distinguem ainda os vestígios do ataque.

A porta setentrional, arrombada pelos franceses, e na qual puseram um remendo para substituir a almofada suspensa do muro, entreabre-se quase quadrada num muro do fundo do pátio, na base dele e por cima de ladrilho. É uma simples porta de carro como costuma haver em todos os casais, de dois largos batentes feitos de tábuas toscas, do outro lado os campos. A disputa desta entrada foi furiosa. Por muito tempo se viram, por cima da porta, toda a espécie de vestígios de mãos ensanguentadas.

Foi neste sítio que morreu Bauduin.

A tempestade do combate sente-se ainda neste pátio; o horror nele é visível; o destroço da refrega está ali petrificado; sente-se a vida e a morte, como se fosse ainda ontem. As paredes agonizam, as pedras caem, as brechas gritam, os buracos são feridas, as árvores inclinadas e trémulas parecem fazer esforços para fugir.

Em 1815 este pátio era mais enlabirintado de edifícios do que o é hoje. Essas construções, depois deitadas a terra, formavam frentes, ângulos e esquinas, que já hoje não existem.

Aí se entrincheiraram os ingleses e penetraram os franceses, os quais não puderam, contudo, sustentar-se naquela posição. Ao lado da capela, sobressai em ruínas um lanço do solar, único fragmento que resta da mansão de Hougomont. O castelo serviu de reduto, a capela, de fortim. Naquele dia, cada

qual procurava exterminar o seu adversário. Os franceses, espingardeados de todos os lados, por trás das muralhas, de cima dos celeiros, do fundo das adegas, por todas as janelas e postigos, por todas as fendas das pedras, trouxeram faxina, e lançaram o fogo às paredes e aos homens à metralha replicaram com o incêndio.

No lanço arruinado entrevêem-se ainda por entre as grades de ferro, que guarnecem as janelas, os quartos demolidos de um edifício construído de tijolo, nos quais se tinham emboscado os guardas ingleses; a espiral da escada, rachada desde o chão até ao telhado, parece o interior de uma concha esmagada. Os ingleses, cercados na escada, que tem dois lanços, refugiaram-se nos degraus superiores, cortando os inferiores, para obstar à subida dos inimigos. Os degraus são hoje um montão de pedras, por cujas fendas crescem espontâneas as urtigas em abundância. Juntos à parede apenas se conservam uns dez, sobre o primeiro dos quais se vê gravada a imagem de um tridente. Estes degraus inacessíveis estão sólidos nos seus alvéolos; o resto parece uma queixada sem dentes.

Duas árvores existem ali, uma morta, outra ferida no pé; esta última reverdece em Abril, e desde 1815 que cresce por entre a escada.

O interior da capela, que participou também do horror da luta, oferece um espectáculo estranho. Lá está ainda, encostado a um fundo de pedra bruta, o grosseiro altar de madeira, onde se não tornou a dizer missa desde aquele dia de carnificina.

Quatro paredes caiadas, uma porta defronte do altar, duas janelas pequenas em arco, um grande crucifixo de madeira por cima da porta, por cima do crucifixo um postigo quadrado, tapado com um molho de feno, e no chão, a um canto, uma vidraça velha toda quebrada eis o que é a antiga capela. Ao pé do altar está colocada uma imagem de Sant'Anna, de madeira, do século XV; a cabeça do menino Jesus foi levada por uma bala. Os franceses, um momento senhores da capela, mas desalojados logo, deitaram-lhe fogo. As chamas envolveram-na, convertendo-a numa fornalha, e queimando a porta e o soalho, só escapando o Cristo de madeira. O fogo consumiu-lhe os pés, dos quais apenas se vêem os cotos enegrecidos; depois, parou, o que foi um milagre, no dizer da gente da terra. O menino Jesus decapitado não foi tão feliz como o Cristo.

As paredes estão cobertas de inscrições. Por baixo dos pés do Cristo lê-se este nome: Henquinez. Depois estes outros: Conde de Rio Maior; Marquês y Marquesa de Almagro (Habana). Aquela parede, caiada em 1849, e sobre a qual se lêem nomes franceses com pontos de exclamação, como indicando cólera, era o lugar onde mutuamente se insultavam as nações.

À porta da capela foi encontrado um cadáver que ainda tinha agarrado na mão um machado. Era o do alferes Legros.

Ao sair da capela encontra-se um poço à esquerda e pergunta-se:

— Porque não há aqui balde nem roldana?

— Porque já não se tira água dele.

— Então porque não se tira água dele?

— Porque está cheio de esqueletos.

O último que tirou água desse poço chamava-se Guilherme Van Kylsom; era um aldeão morador em Hougomont, onde exercia a profissão de jardineiro. No dia 18 de Junho de 1815, a família dele fugiu e foi esconder-se nos bosques.

A floresta que se estende em volta da abadia de Villers abrigou por espaço de muitos dias e muitas noites estas infelizes povoações dispersas. Ainda hoje se vêem vestígios reconhecíveis, como troncos de árvores queimados, que denotam o local destes pobres bivaques errantes no meio das sarças.

Guilherme Van Kylsom ficou em Hougomont «para guardar o solar»; os ingleses foram dar com ele numa adega, onde se agachara, e, arrancando-o do seu esconderijo, obrigaram-no a servi-los, à força de espadeiradas. Os combatentes tinham sede, Guilherme levou-lhes de beber. Era desse poço que ele tirava a água. Muitos beberam ali o derradeiro trago. Esse poço onde beberam tantos mortos tinha também de morrer.

Após o combate, tratou-se com azáfama de dar sepultura aos cadáveres. A morte tem uma maneira própria de perseguir o vencedor, fazendo acompanhar a glória pela peste. O tifo é um apenso do triunfo. Do poço, pois, que era fundo, fizeram um sepulcro e deitaram nele trezentos mortos, talvez com demasiada pressa. Estariam todos realmente mortos? Diz a lenda que não. Parece que na noite seguinte ao dia em que se sepultaram aqueles trezentos cadáveres se ouviram sair vozes fracas como de quem chamava.

O poço fica isolado no meio do pátio, rodeado de três lados por três paredes de pedra e tijolo, dobradas como as folhas de um biombo, e fingindo um torreão quadrado. O quarto lado está em aberto, e é por ali que se tira a água. A parede do fundo tem um como óculo informe, talvez feito por alguma granada. Do tecto do torreão apenas restam as traves, e os gatos de ferro, que sustentam a parede, desenham uma cruz.

Inclina-se a gente e perde-se a vista num profundo cilindro de tijolo, cheio de trevas. Em roda das paredes que cercam o poço crescem moitas de urtigas que lhes escondem as extremidades inferiores.

Não tem este poço a larga pia azul que serve de aparador a todos os poços da Bélgica; a pia azul é substituída nele por um travessão, em que se apoiam cinco ou seis troços de madeira cheios de nós e encurvados, semelhando

grandes ossadas. Nem balde, nem cadeia, nem roldana se vê ali já, mas ainda ali se conserva a celha que servia de desaguadouro. Ali se junta a água da chuva, e vem de tempos a tempos alguma ave da floresta, que, depois de beber, levanta voo e foge.

Há ainda uma casa habitada no meio destas ruínas; é a casa da herdade, cuja porta dá para o pátio. Junto à chapa da gótica fechadura, vê-se um puxador de ferro posto de esguelha. Na ocasião em que o tenente hanoveriano Wilda deitava a mão a este puxador, para se refugiar na herdade, cortou-lhe a mão com um golpe de machado um sapador francês.

A família que ocupava a casa tem por avô o antigo jardineiro Van Kylsom, que morreu há muito. Na ocasião em que ali estivemos, disse-nos uma mulher de cabelos russos: «Tinha eu três anos, quando aqui se deu a batalha. Minha irmã, que era mais velha, chorava com medo. Levaram-nos para os bosques e eu fui nos braços de minha mãe. Enquanto os outros se deitavam no chão e se punham a escutar com o ouvido colado à terra, eu imitava o estrondo das peças, fazendo: bum! bum!»

O pomar, para o qual, como já dissemos, dá uma porta situada à esquerda, é terrível.

Compõe-se de três partes, ou quase, para melhor dizer, de três actos. A primeira é um jardim, a segunda é o pomar, a terceira é um bosque. Estas três partes têm um recinto comum, do lado da entrada dos edifícios do solar e da herdade; à esquerda uma sebe, à direita uma parede, ao fundo outra parede, aquela de tijolo, esta de pedra.

Primeiro entra-se no jardim, que fica situado num plano inferior, e está plantado de groselheiras e atulhado de vegetações selvagens; fecha-o um eirado monumental de pedra de cantaria, com balaústres grossos em baixo e estreitos em cima. Era um jardim senhorial no primitivo estilo francês, que precedeu Le Nôtre; porém, hoje em ruínas e coberto de silvas. As pilastras são coroadas por globos, que parecem balas de pedra.

Contam-se ainda quarenta e três balaústres, assentes nas suas respectivas bases; os outros jazem deitados por cima da erva, e quase todos têm arranhaduras, feitas pelas balas de mosquetaria. Vê-se ali um balaústre partido, colocado em cima da sua base, como uma perna quebrada.

Foi neste jardim, que fica mais baixo que o pomar, que seis soldados de caçadores do primeiro regimento de infantaria ligeira, tendo ali penetrado, e não podendo sair, apanhados e encurralados como urso na sua cova, travaram combate com duas companhias hanoverianas, uma das quais fazia fogo com clavinas. Os hanoverianos, colocados em volta dos balaústres, atiravam de cima, porém, os caçadores, apesar de serem seis contra duzentos, levaram um

quarto de hora a morrer, respondendo intrépidos debaixo, apenas abrigados pela rama das groselheiras.

Sobem-se alguns degraus e passa-se do jardim para o pomar propriamente dito.

Ali caíram, naquelas poucas toesas quadradas, mil e quinhentos homens em menos de uma hora. A parede parece prestes a recomeçar o combate. Ali existem ainda as trinta e oito seteiras, abertas pelos ingleses a alturas irregulares. Em frente da décima sexta, jazem dois túmulos ingleses de granito. Não há seteiras senão na parede meridional, e era daí que partia o ataque principal. Como a parede fica exteriormente oculta por uma grande sebe, os franceses, cuidando que só tinham a transpô-la, chegaram-se, romperam-na e encontraram o obstáculo da parede, os guardas ingleses por trás em emboscada, as trinta seteiras a fazer fogo, uma tormenta de balas e metralha, que deu cabo da brigada de Soye. Waterloo principiou assim.

O pomar foi tomado, e, como não havia escadas, os franceses treparam, agarrando-se com as unhas. Ali arcaram peito a peito os inimigos uns com os outros debaixo daquelas árvores, onde ficou fulminado um batalhão de Nassau, composto de setecentos homens. Toda aquela erva foi tinta do sangue dos combatentes. Por fora, a parede contra a qual foram encurraladas as duas baterias de Kellermann está toda esburacada da metralha.

Aquele pomar é sensível ao mês de Maio, como qualquer outro: tem seus botões de ouro e suas boninas e erva crescida, em que vão pastar os cavalos empregados no serviço da lavoura; os intervalos que vão de árvore a árvore são atravessados por cordas de cabelo, em que a gente da herdade enxuga a roupa, e que fazem baixar a cabeça a quem passa; a cada passo, metem-se os pés nos buracos praticados pelas toupeiras naquele terreno inculto. Nota-se, derrubado por sobre a erva, um tronco arrancado, mas ainda verde; foi onde se encostou o major Bladkman para expirar. Sob uma grande árvore próxima caiu o general alemão Duplat, oriundo de uma família francesa refugiada na ocasião da revogação do édito de Nantes. Ao pé debruça-se uma macieira velha, enferma, pensada com uma ligadura de palha e barro. As macieiras caem de velhas quase todas. Não existe ali uma só que não tenha sinal de bala. Naquele pomar, no fundo do qual há um bosque cheio de violetas, abundam os esqueletos de árvores mortas, sobre cujos ramos esvoaçam os corvos de contínuo.

Bauduin morto, Foy ferido, o incêndio, a carnificina, a mortandade, um rio de sangue inglês, de sangue alemão e de sangue francês, furiosamente misturados, um poço atulhado de cadáveres, o regimento de Nassau e o de Brunswick destruídos, Duplat morto, Blackman morto, os guardas ingleses

mutilados, vinte batalhões franceses, além dos quarenta do corpo de Reille, dizimados, três mil homens mortos naquela mansão solitária de Hougomont, espatíeirados, acutilados, degolados, fuzilados, queimados; e tudo para um aldeão dizer hoje a um viajante: Senhor, dê-me três francos que, se quiser, eu conto-lhe como foi esta embrulhada de Waterloo!

III — O 18 de Julho de 1815

Retrocedamos, que é esse um dos direitos do narrador, e imaginemo-nos no ano de 1815, alguma coisa antes da época em que principia a acção contada na primeira parte deste livro.

Se na noite de 17 para 18 de Junho de 1815 não tivesse chovido, o futuro da Europa teria sido diferente. Algumas gotas de água de mais ou de menos deitaram Napoleão a perder. Para Waterloo ser o complemento de Austerlitz, bastou à Providência alguma chuva; uma nuvem que passou pelo céu em contrário do que era de esperar naquela estação, foi o suficiente para o desabamento de um mundo.

A batalha de Waterloo não pôde principiar senão às onze horas e meia, o que deu tempo de chegar Blucher. Porquê? Porque a terra estava molhada.

Foi necessário que o solo enxugasse um tanto para que a artilharia pudesse manobrar.

Napoleão era oficial de artilharia, o que facilmente dava a conhecer. Todos os seus planos de batalha são baseados no projecto: Fazer convergir a artilharia sobre um ponto dado era a chave da vitória. Tratava a estratégia do general inimigo como uma cidadela e batia até fazer-lhe brecha. Oprimia o ponto fraco com a metralha; atava e desatava as batalhas com a artilharia. No seu grande génio havia o que quer que fosse de tiro. Esmagar os quadrados, pulverizar os regimentos, romper as linhas, triturar e dispersar as massas, era tudo para ele; bater, bater, bater sem cessar; missão de que encarregava a bala.

Método temível, o qual junto ao génio, tornou invencível pelo espaço de quinze anos, o sombrio atleta do pugilato da guerra.

No dia 18 de Junho de 1815 contava ele tanto mais com a artilharia, quando era superior o número pela sua parte. Wellington não tinha senão cento e cinquenta e nove bocas de fogo; Napoleão dispunha de duzentas e quarenta.

Suponha-se o solo enxuto, deixando rodar a artilharia, e a acção começada às seis horas da manhã. A batalha estava ganha e terminada às duas, três horas antes da peripécia prussiana!

Que quantidade de culpa tem Napoleão na perda desta batalha? O naufrágio é acaso imputável no piloto?

O evidente declínio físico de Napoleão agravava-se acaso nesta época com

uma certa diminuição inferior?

Tinham os vinte anos de guerra gasto tanto a lâmina como a bainha, tanto a alma como o corpo? Porventura o cansaço do veterano se fez sentir no capitão? Numa palavra: esse génio, como muitos historiadores de consideração o julgaram, eclipsava-se? Tornava-se frenético para ocultar a si mesmo o seu enfraquecimento? Começava a oscilar sobre o desvairamento dum sopro de aventura? Tornara-se ele, coisa grave num general, inconsciente do perigo? Na classe de grandes homens materiais a que se pode chamar gigantes da acção, há porventura uma idade para a miopia do génio? A velhice não influi no génio do ideal; para os Dantes e Migueis Ângelos envelhecer é engrandecerem-se; para os Aníbais e Bonapartes será decrescer? Teria Napoleão perdido o sentido directo da vitória? Teria chegado ao estado de não reconhecer o escolho, de não adivinhar o laço, de não pressentir a beira escorregadia dos abismos? Faltar-lhe-ia o faro das catástrofes? Ele que dantes conhecia todos os caminhos do triunfo, e que do alto do seu carro coruscante os indicava com gesto soberano, teria então o sinistro atordoamento de conduzir aos precipícios as suas tumultuosas parelhas de legiões?

Teria sido atacado, aos quarenta e seis anos, de uma loucura suprema? Aquele cocheiro titânico do destino, já não seria mais do que um grandioso quebra-costas?

Não o supomos.

O seu plano de batalha, segundo todos confessam, era uma obra-prima. Ir direito ao centro da linha aliada, fazer uma abertura no inimigo, dividi-lo em dois, impelir a metade britânica sobre Hal e a prussiana sobre Tongres, fazer de Wellington e de Blucher dois troços; tomar o Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxelas, lançar o alemão no Reno e o inglês no mar. Napoleão tinha tudo isto nesta batalha. Depois ver-se-ia.

Convém dizer que não pretendemos desenvolver aqui a história de Waterloo; uma das cenas principais do drama que contamos tem ligação com esta batalha, mas a sua história não é o nosso assunto; e depois, é uma história que já se encontra feita, e feita magistralmente, num sentido por Napoleão, e noutro por muitos historiadores (Walter Scott, Lamartine, Vaulabelle, Charras, Guinet, Thiers.).

Quanto a nós, deixamos os historiadores e que se avenham; nós não somos mais do que uma testemunha em distância, um caminhante que passa pela planície, um investigador inclinado sobre essa terra amassada com carne humana, tomando talvez as aparências como realidades; não temos direito de resistir, em nome da ciência, a um conjunto de factos, em que há decerto miragem, não temos a prática militar nem a competência estratégica que

autorizam um sistema, segundo a nossa opinião, os dois capitães foram dominados em Waterloo por um encadeamento de acasos; e quando se trata do destino, misterioso acusado, julgamos como o povo, juiz simples e ingénuo.

IV — A

Quem quiser fazer uma ideia clara da batalha de Waterloo, não tem mais do que imaginar um A maiúsculo deitado no chão. A perna esquerda do A é a estrada de Nivelles, a direita é a de Genappe e a corda do A, o carreiro Ohain a Braine-l'Alleud. O cimo do A é o Mont-Saint-Jean, onde está Wellington; a extremidade inferior do lado esquerdo, Hougomont, onde está Reille com Jerónimo Bonaparte; a outra extremidade inferior é a Belle Alliance, onde está Napoleão. Um pouco abaixo do ponto em que a corda do A encontra e corta a perna direita, fica a Haie-Sainte. No meio dessa corda é o ponto onde se disse a palavra final da batalha e onde se colocou o leão, símbolo involuntário do supremo heroísmo da guarda imperial.

O triângulo compreendido entre o cimo, as duas pernas e a corda do A é a planura do Mont-Saint-Jean em cuja disputa consistiu toda a batalha.

As alas dos dois exércitos estendem-se à direita e à esquerda das duas estradas de Genappe e de Nivelles, fazendo Erlon frente a Picton e Reille a Hill.

Por trás da extremidade superior do A, isto é, por trás da planura do Mont-Saint-Jean, fica a floresta de Soignes.

Quanto à planície em si, represente-se uma vastidão de terreno ondulante, cujas eminências se vão imediatamente sucedendo umas às outras, dominando esta aquela e esta a seguinte. As ondulações vão subindo para o Mont-Saint-Jean, até terminar na floresta.

Dois exércitos inimigos num campo de batalha são dois lutadores. É uma luta a braço; cada qual procura deitar a terra o seu adversário, agarrando-se àquilo que encontra; uma sarça é um ponto de apoio; um recanto de uma parede, um encosto; escorrega um regimento por falta de uma casinhola a que se encostar; um rebaixe na planície, uma pouca de terra movida, um carreiro transversal em ensejo oportuno, um bosque, um barranco, podem embaraçar o calcanhar desse colosso chamado exército, impedindo-o de recuar. O que sair do campo fica vencido. Daí a necessidade que tem o chefe responsável de examinar a mais pequena moita de árvores, de aprofundar o menor relevo.

Os dois generais tinham estudado com toda a atenção a planura do Mont-SaintJean, chamada hoje planície de Waterloo. Wellington examinara-a no ano precedente, com previdente sagacidade, como local onde tinha de dar-se uma grande batalha.

Nesse dia de 18 de Junho, estava de melhor lado, para o duelo em que se ia empenhar com Napoleão. O exército inglês ficava de cima e o exército francês de baixo.

Esboçar aqui o aspecto de Napoleão a cavalo, de óculo em punho, na eminência de Rosomme, na madrugada do dia 18 de Junho de 1815, seria uma coisa quase supérflua. Todos o viram, antes de nós o mostrarmos. Esse perfil sereno, coberto com o pequeno chapéu da escola de Brienne, esse uniforme verde, com o sobrepeito branco a esconder o crachá, o sobretudo a esconder as dragonas, a volta do cordão vermelho no colete, os calções de pele, o cavalo branco com o seu jaez de veludo cor de púrpura, tendo nos cantos NN coroados e águias; botas à escudeira sobre meias de seda, as esporas de prata, a espada de Marengo, toda essa figura do último César, aclamada por uns, encarada com olhar severo por outros, têm-na todos presente à imaginação.

Esta figura permaneceu por muito tempo na luz, livre de certa obscuridade de lenda que se forma em volta da maior parte dos heróis, velando sempre por mais ou menos tempo a verdade; hoje, porém, faz-se o dia e a história.

O fulgor desta é impiedoso; tem isto de estranho e divino: que, apesar de ser luz, e exactamente porque o é, espalha sombra muitas vezes, onde só se viam raios, do mesmo homem faz dois fantasmas diferentes; um ataca o outro, as trevas do déspota lutam com o resplendor do capitão, mas ela faz justiça a ambos. Daí uma medida mais exacta para a definitiva apreciação dos povos. Babilónia, violada, diminui Alexandre; Roma, manietada, diminui César; a morte de Jerusalém diminui Tito. A tirania segue o tirano. Desgraçado do homem que deixa após si uma sombra escura com a sua forma.

V — «O quid obscurum» das batalhas

Todo o mundo conhece a primeira fase desta batalha; o seu começo foi caliginoso, incerto, vacilante, ameaçador para os dois exércitos, porém mais para os ingleses do que para os franceses.

Toda a noite havia chovido; a terra estava impregnada de água, que se conservava encharcada nas cavidades da planície como em tinas; em alguns sítios as carretas em que ia montada a artilharia estavam metidas em água até ao eixo e gotejando lama líquida; de modo que, se os trigos e centeios derribados e calcados por aquela barafunda de carretas não tivessem formado um como estrado de palha, sobre o qual se moviam as rodas, seria impossível qualquer movimento, mormente pelos vales que ficam do lado de Papelotte.

O combate principiou tarde, porque Napoleão, como já dissemos, costumava segurar a artilharia na mão, como uma pistola, fazendo pontaria ora a este, ora àquele outro ponto da batalha, e por isso quis esperar até que as carretas que conduziam as peças pudessem rodar e galopar livremente;

mas para isso era necessário que aparecesse o sol e secasse a terra, e o sol não apareceu. Já não era a entrevista de Austerlitz. Quando se disparou o primeiro tiro de peça, o general inglês Carville olhou o relógio e viu que eram onze horas e trinta e cinco minutos.

Travada a acção com fúria, com mais talvez do que o imperador quisera, sobre Hougomont, pela ala esquerda francesa, Napoleão atacou o centro, precipitando a brigada de Quiot sobre a Haie-Sainte, e Ney moveu a ala direita contra a ala esquerda inglesa, que se apoiava em Papelotte.

O ataque de Hougomont tinha alguma coisa de simulado; o plano era atrair ali Wellington, fazendo-o inclinar para a esquerda. Este plano teria sortido efeito, se as quatro companhias de guardas ingleses e os bravos belgas da divisão de Perponcher não tivessem guardado a sua posição a pé firme, e se Wellington, em vez de se lhes reunir em massa, se não tivera limitado a mandar-lhes um reforço de outras quatro companhias de guardas e um batalhão de Brunswick.

O ataque, porém, da ala direita francesa não encobria o segundo fim; desfazer a ala esquerda inglesa, cortar a estrada de Bruxelas, fechar a passagem aos prussianos que pudessem sobrevir, forçar o Mont-Saint-Jean, apertar Wellington contra Hougomont, daí contra Braine-l'Alleud e daí contra Hal, nada mais claro. Afora alguns incidentes, este plano foi bem sucedido. Papelotte foi tomado; Haie-Sainte assaltada.

Há, porém, uma circunstância a notar: na infantaria inglesa, e mormente na brigada de Kempt, havia grande número de recrutas, que, todavia, em presença dos nossos temíveis infantes, foram valentes, não lhes obstando a inexperiência a mostrarem-se intrépidos no perigo e fazendo excelente serviço, principalmente como atiradores; o soldado atirador, mais entregue de certo modo a si mesmo, torna-se, para assim dizer, general de si próprio. Aqueles recrutas mostraram ainda alguma coisa da invenção e da fúria francesa, porém o entusiasmo desta infantaria noviça desagradou a Wellington.

Após a tomada de Haie-Sainte, a batalha começou a vacilar. Aquele dia tem um intervalo escuro, desde o meio-dia até às quatro horas; o meio-dia da batalha é quase indistinto e participa do sombrio da refrega. A luz crepuscular do combate, viam-se mil vultos flutuando em nuvens de fumo, uma como miragem vertiginosa, o trem de guerra de então, desconhecido hoje, as barretinas felpudas, os boldriés e as pastas dos hussardos, as correias cruzadas, as cartucheiras, os dólmans, as botas vermelhas de mil dobras, os pesados shakos engrinaldados de torçal, a infantaria quase negra de Brunswick misturada com a infantaria escarlate de Inglaterra, os soldados ingleses com

dragonas feitas de grandes borrainas brancas circulares, a cavalaria ligeira hanoveriana com os seus capacetes de couro oblongos de barbicachos de cobre e penachos de cabelo vermelho; os escoceses de joelhos nus, as grandes polainas dos nossos granadeiros; quadros e não linhas estratégicas; o que é necessário a Salvador Rosa e não a Gribeauval.

Uma batalha tem sempre certa semelhança com uma tempestade. *Quid obscutum, quid divinum*. Cada historiador traça como lhe apraz os lineamentos desta confusão.

Qualquer que seja a combinação dos generais, o choque das massas armadas tem refluxos que se não podem de antemão calcular; na acção, os dois planos dos dois chefes entram um no outro e deformam-se um pelo outro. A linha de batalha flutua e serpenteia como um fio, corre o sangue em torrentes ilogicamente, ondeiam as frentes dos exércitos, os regimentos formam cabos ou golfos, conforme entram ou saem, agitam-se continuamente estes escolhos uns por diante dos outros; aonde está a infantaria, aí chega a artilharia, aonde está a artilharia aí acorre a cavalaria; parecem nuvens de fumo os batalhões. Havia ali não sei o quê; procurar, desapareceu; deslocam-se as abertas; avançam e recuam aqueles vultos negros em meandros sombrios; um como vento do sepulcro leva, agita, alarga e dispersa aquelas multidões trágicas. Que é uma peleja Uma oscilação.

A imobilidade de um plano matemático exprime um minuto e não um dia. Para pintar batalhas é necessário um pintor que saiba formar caos com o pincel; é melhor Rembrandt que Van-Der-Meulen. Este exacto ao meio-dia, às três horas mente. Engana a geometria; só o furacão é verdadeiro, e é isto o que dá a Folard direito para contradizer Polibio. Acrescentemos que há sempre uma ocasião em que a batalha degenera em combate, se singulariza e espalha em mil factos, que formam cada um de per si uma circunstância, e que, para nos servirmos da expressão do próprio Napoleão, «mais pertencem à biografia dos regimentos do que à história do exército». Neste caso, o historiador tem obrigação evidente de ser resumido, porque não pode apanhar senão os contornos principais da luta, e não é dado a nenhum, por mais consciencioso que seja, fixar absolutamente a forma desta nuvem terrível, chamada uma batalha.

O que é verdadeiro a respeito dos grandes choques armados é particularmente aplicável a Waterloo.

Todavia, de tarde, a batalha, em certa ocasião, fixou-se.

VI — Quatro horas da tarde

As quatro horas, a situação do exército inglês era grave. Ó príncipe de Orange, que comandava o centro, gritava aos holando-belgas, no

desvairamento da intrepidez: Nassau! Brunswick! Nada de recuar!

Hill, que comandava a ala direita, vinha encostar-se a Wellington, mas já enfraquecido. Finalmente, Picton, que comandava a ala esquerda, tinha morrido. Na mesma ocasião em que os ingleses roubaram aos franceses a bandeira do 15° de linha, os franceses mataram-lhe o general Picton com uma bala na cabeça. Wellington nesta batalha tinha dois pontos de apoia Hougomont e Haíe-Sainte; Hougomont resistia ainda, mas estava em chamas: Haie-Sainte estava tomada. Do batalhão alemão que a defendia apenas sobreviviam quarenta e dois homens; os oficiais haviam sido mortos ou feitos prisioneiros todos, menos cinco; o número dos combatentes, vítimas do furor da peleja naquela granja, montava a três mil. Ali morreu às mãos de um pequeno tambor francês um sargento dos guardas ingleses, o primeiro jogador de soco de Inglaterra, reputado invulnerável pelos seus companheiros. Baring retirou, Alten foi morto à espada. Perderam-se muitas bandeiras, uma das quais pertencia à divisão de Alten e outra ao batalhão de Lunebourg, comandado por um príncipe da família de Deux-Ponts.

Os escoceses bêbados já não existiam; os gordos dragões de Ponsonby tinham sido despedaçados; essa valente cavalaria foi derrotada pelos lanceiros de Bro e pelos couraceiros de Travers; de mil e duzentos cavalos restavam seiscentos; de três tenentes-coronéis, dois jaziam por terra, Hamilton ferido, Mater morto. Ponsonby caíra, atravessado por sete lançadas, Gordon fora morto, Marsh morto, e duas divisões, a quinta e a sexta, destruídas.

Tomada Haie-Sainte e aberta brecha em Hougomont, restava um único nó, o centro, que resistia ainda, animado pelo reforço de Wellington, que chamara Hill, que estava em Merbe-Braine, e Chassé, que estava em Braine-l'Alleud.

O centro do exército inglês, um pouco côncavo, densíssimo e compacto, estava situado em posição forte. Ocupava a planura do Mont-Saint-Jean, tendo por trás a aldeia e por diante a encosta, então bastante áspera, e defendido por essa casa forte de pedra, nesse tempo propriedade senhorial de Nivelles, que marca a intersecção das estradas, massa do século dezasseis, tão robusta, que as balas recuavam em ricochete, sem lhe abrir mossa. Em volta da planura, os ingleses haviam cortado as sebes aqui e além, fazendo canhoneiras entre os espinheiros para colocar as bocas das peças entre os ramos e abrindo seteiras entre as sarças. A artilharia deles estava de emboscada por trás dos tojos. Este trabalho púnico, incontestavelmente autorizado pela guerra, que admite o laço, estava tão bem feito que Haxo, expedido pelo imperador às nove horas da manhã a reconhecer as baterias inimigas, não dera fé de nada e veio dizer a Napoleão que não havia outro obstáculo além das duas trincheiras que obstruíam as estradas de Nivelles e de Genappe. Como era o tempo em

que as searas estavam crescidas, facilmente se pôde esconder na espessura do trigo que cobria a orla da planura um batalhão da brigada de Kempt, o 95.º armado de clavinas.

Assim resguardado e seguro, o centro do exército anglo-holandês podia dizer-se em boa posição.

O único perigo dele era a floresta de Soignes, então contígua ao campo de batalha e cortada pelas lagoas de Groenendael e de Boitsfort. Por ali não podia recuar um exército sem se desfazer; os regimentos desunir-se-iam logo e a artilharia ter-se-ia perdido nos pântanos. A retirada, segundo a opinião de muitos homens da profissão, contestada por outros, seria um verdadeiro salve-se-quem-puder.

Wellington ajuntou ao centro uma brigada de Chassé, tirada à ala direita, e uma brigada de Wincke, tirada à ala esquerda, e ainda a divisão de Clinton. Aos seus ingleses, aos regimentos de Halkett, à brigada de Mitchell, aos guardas de Maitland, deu por orelhões e contrafortes a infantaria de Brunswick, o contingente de Nassau, os hanoverianos de Kielmansegge e os alemães de Ompteda, ao todo vinte e seis batalhões. A ala direita, como diz Charras, foi rebatida para trás do centro. Disfarçada por sacos de terra, havia uma enorme bateria no sítio onde hoje está o chamado «Museu de Waterloo». Afora isto, Wellington tinha numa volta de terreno o regimento dos dragões-guardas de Somerset, que se compunha de mil e quatrocentos cavalos. Era a outra metade dessa cavalaria inglesa tão justamente célebre. Destruído Ponsonby, ficava Somerset.

A bateria, que, se estivesse acabada, seria quase um reduto, estava disposta por trás da parede de um jardim, muito baixa, revestida à pressa de uma camisa de sacos de areia e de um talude de terra; esta obra, porém, não estava terminada, porque não tinha havido tempo de a palissar.

Wellington, que andava a cavalo, inquieto, mas impassível, todo o dia permaneceu na mesma atitude, um pouco adiante do moinho do Mont-Saint-Jean, que ainda existe, debaixo de um olmo, que depois um inglês, vândalo entusiasta, comprou por duzentos francos, e, serrado, o levou. Wellington foi friamente heróico nesse dia.

Choviam-lhe as balas em derredor, caiu-lhe morto ao lado o ajudante de campo Gordon, e nada o abalou.

Lord Hill, disse-lhe, mostrando-lhe uma bomba que rebentara:

— Millord, quais são as suas instruções e que ordens nos deixa, se se deixar matar?

— Fazerem como eu! — respondeu Wellington.

A Clinton disse laconicamente:

— Aqui resiste-se enquanto houver um homem!

Era visível que o dia corria mal. Wellington gritava aos seus antigos companheiros de Talavera, de Victoria e de Salamanca:

— *Boys!* Quem é que se lembra aqui de retirar? Recordai-vos da velha Inglaterra!

Às quatro horas, a linha inglesa abalou para trás. De súbito, não se tornou a ver na crista da planura senão a artilharia e os caçadores; o resto desapareceu; os regimentos, rechaçados pelas bombas e pelas balas francesas, deitaram pelo fundo que ainda hoje corta o carreiro, que dá serventia para a herdade do Mont-Saint-Jean, e, por um movimento retrógrado que se fez, a vanguarda do exército inglês esconde-se e Wellington principiou a recuar.

— Já batem em retirada! — gritou Napoleão.

VII — Napoleão de bom humor

O imperador, posto que doente e incomodado por um padecimento local, proveniente de andar a cavalo, nunca estivera de tão bom humor como naquele dia.

Aquele homem impenetrável sorria desde pela manhã. Essa alma profunda, com máscara de mármore, no dia 18 de Junho de 1815, resplandecia com as suas trevas. O homem que estivera sombrio em Austerlitz, em Waterloo andava alegre. Os maiores predestinados têm destes contra-sensos. As nossas alegrias são sombra; o supremo sorriso só a Deus pertence.

Ridet Caesar, Pompeius flebit, diziam os legionários da legião Fulminatrix. Desta feita, Pompeia não tinha de chorar, mas o certo é que César ria.

À uma hora da noite, quando, em companhia de Bertrand, exposto à chuva e ao vento, foi a cavalo explorar as colinas que cercam Rossomme, satisfeito de ver a longa linha das fogueiras inglesas que iluminavam todo o horizonte desde Frischemonte até Braine-l'Alleud, parecera-lhe exacto o destino, comparecendo no dia aprazado no campo de Waterloo, para onde o intimara; e, fazendo parar o cavalo, pôs-se a contemplar os relâmpagos, a escutar o trovão, permanecendo por algum tempo imóvel na mesma postura e lançando ao vento da noite esta frase misteriosa: «Estamos de acordo». Enganava-se Napoleão; o destino não estava de acordo.

Cada instante daquela noite fora para ele um momento de prazer, e esses instantes reunidos não o haviam deixado dormir um só minuto As duas horas e meia, depois de ter percorrido a linha das guardas principais, julgou por um momento, ao ouvir o rumor dos passos de uma coluna em marcha, que Wellington se retirava, e disse para Bertrand:

— É a retaguarda do exército inglês que marcha em retirada. Farei

prisioneiros os seis mil ingleses que há pouco chegaram a Ostende.

A sua conversação era expansiva, animada como quando ele, após o desembarque do 1.º de Março, mostrava ao grande marechal o aldeão entusiasta do golfo Juan e exclamava:

— Então, Bertrand? Já aqui temos reforço!

A chuva redobrava, o eco dos trovões perdia-se no cavado dos vales, e ele dizia, no meio daquele fragor, mofando de Wellington:

— Este inglesinho precisa de levar uma lição!

Às três horas da madrugada, porém, perdeu a primeira ilusão; anunciaram-lhe os oficiais que ele mandou em reconhecimento que o inimigo não fazia movimento algum. Não se mexia nada; nem uma só fogueira do acampamento estava apagado. O exército inglês dormia. Era profundo o silêncio na terra; só no céu havia ruído. Às quatro horas, os batedores trouxeram-lhe um aldeão que servia de guia a uma brigada de cavalaria inglesa, talvez a brigada de Vivian, que ia para tomar posição na aldeia de Ohain, na extrema esquerda. Às cinco, contaram-lhe dois desertores belgas, que acabavam de deixar o seu regimento, que o exército inglês esperava pela batalha.

— Melhor! — exclamara Napoleão. — Antes quero destruí-los do que rechaçá-los.

Pela manhã, na encosta que forma a volta do caminho de Plancenoit, apeou-se no meio da lama, mandou buscar a uma herdade uma mesa de cozinha e uma cadeira de aldeão, sentou-se, com um feixe de palha por tapete, e, desenrolando em cima da mesa o mapa do campo de batalha, disse para Soult:

— Que bonito tabuleiro de xadrez!

Em virtude da chuva que caíra de noite, não tinham podido chegar pela manhã os comboios de víveres, embaraçados pelo mau estado dos caminhos; os soldados não tinham dormido, estavam molhados e em jejum, mas nada disto foi motivo para que Napoleão não gritasse alegremente a Ney.

— Temos a nosso favor noventa probabilidades contra cem.

Às oito horas, trouxeram-lhe o almoço, para o qual convidou muitos generais.

Durante ele, contou-se que Wellington assistira na antevéspera a um baile que se dera em Bruxelas, em casa da duquesa de Richmond, e Soult, soldado rude, com figura de arcebispo, dissera:

— Hoje é que é o baile.

O imperador gracejava com Ney por ter dito:

— Wellington não há-de ser tão simples que espere por Vossa Majestade.

Era este o seu costume. Napoleão gostava de gracejar, diz Fleury de Chaboulon. O fundo do seu carácter era um humor prazenteiro, diz Gougaud. Napoleão abundava em gracejos, mais extravagantes porém, do que espirituosos, diz Benjamin Constant. Vale a pena insistir nestas jovialidades de gigante. Aos seus granadeiros chamava-lhes «meus grulhas», beliscava-lhes as orelhas e puxava-lhes pelo bigode. O imperador estava-nos sempre com chascos, é a frase de um deles. Na viagem misteriosa da ilha de Elba para França, em 27 de Fevereiro, tendo o brigue francês «Zéfiro» encontrado no mar alto o brigue «Inconstante», que conduzia Napoleão, e perguntando-lhe notícias dele, o imperador que naquela ocasião ainda trazia no chapéu o laço branco e cor de amaranto, semeado de abelhas, adoptado por ele na ilha de Elba, lançou mão do porta-voz a rir e respondeu ele mesmo:

— O imperador está bom!

Quem deste modo ri é porque está familiarizado com os acontecimentos.

Napoleão teve muitos desses acessos de riso naquele almoço de Waterloo, após o qual se concentrou em profunda meditação; dali a um quarto de hora, dois generais sentaram-se em cima do feixe de palha, com uma pena na mão e uma folha de papel sobre o joelho, e o imperador ditou-lhes a ordem da batalha.

Às nove horas, na ocasião em que o exército francês se pôs em movimento, formado em cinco colunas, com as divisões em duas linhas, a artilharia entre as brigadas e na frente a música, tocando hinos marciais, com os quais se casava o rufar dos tambores e o clangor das trombetas, poderoso, vasto, alegre mar de capacetes, espadas e baionetas movendo-se no horizonte, o imperador exclamara duas vezes transportado:

— Magnífico! Magnífico!

Das nove horas até às dez e meia, até parece incrível, o exército tomou todo posição, formando-se em seis linhas, que, para nos servirmos da expressão do imperador, descreviam «a figura de seis V V». Instantes depois que a vanguarda formou em ordem de batalha, no meio desse silêncio profundo do principiar de uma tempestade, que precede os combates, o imperador, ao ver desfilar as três baterias de doze, destacadas por ordem sua do corpo de Erlon, de Reille e de Lobau, e destinadas a principiar a acção, batendo o Mont-Saint-Jean no ponto onde se cruzam as estradas de Nivelles e de Genappe, disse para Haxo, batendo-lhe no ombro:

— Que belas vinte e quatro raparigas, general!

Certo do resultado, ao passar em frente dele a companhia de sapadores do primeiro corpo, por ele designada para se entrincheirar no Mont-Saint-Jean, apenas tomada a aldeia, animou-a com um sorriso. Aquela sua serenidade

apenas fora perturbada por uma frase de orgulhosa compaixão: ao ver agruparem-se à sua esquerda, no sítio onde agora há um túmulo, esses admiráveis escoceses pardos, montados nos seus soberbos cavalos, disse:

— É pena!

Depois montou a cavalo e transportou-se para a dianteira de Rossomme, escolhendo para observatório um estreito cômoro de relva à direita da estrada de Genappe a Bruxelas, o qual foi a sua segunda estância, enquanto durou a batalha. A terceira estância, isto é, a que ocupou às sete horas da tarde, e que fica entre a Belle Aliance e Haie-Sainte, é temível; é um cabeço bastante elevado, que ainda existe, por trás do qual se achava agrupada a guarda num declive da planície. Em volta choviam as balas no chão da estrada, até onde estava Napoleão, a quem, como em Brienne, zuniam por cima da cabeça as balas e os biscainhos. Quase no lugar onde o cavalo dele tinha os pés, foram encontradas balas enferrujadas, lâminas de espadas velhas e projécteis informes, comidos de ferrugem. *Scabra rubigine*. Há poucos anos, desenterrou-se ali uma granada de calibre sessenta, ainda carregada, com a culatra partida pelo ouvido. Foi naquela estância que o imperador disse ao seu guia Lacoste, aldeão hostil, que se agarrava assustado ao selim do cavalo de um hussardo, voltando-se ao rebentar de cada granada e procurando esconder-se por trás de Napoleão:

— Isso é uma vergonha, imbecil. Ainda arranjas com que te matem pelas costas.

Quem estas linhas escreve achou no declive friável daquele cabeço, ao cavar no chão, o resto do bocal de uma bomba, desagregados pela ferrugem de quarenta e seis anos e pedaços de ferro que se lhe quebravam nos dedos como pau de sabugueiro.

Já não existem as ondulações das planícies, diversamente inclinadas, onde teve lugar o recontro de Napoleão com Wellington, mas ninguém ignora o que elas eram a 18 de Junho de 1815. Quiseram erigir-lhe um monumento daquele campo fúnebre e tiraram-lhe o seu relevo real, de modo que a história perturba-se e já não sabe onde está. Desfiguraram-no para o glorificar.

Wellington, ao ver dois anos depois o campo de Waterloo, exclamou:

— Trocaram-me o meu campo de batalha.

Onde agora está a grande pirâmide de terra coroada pelo leão, havia um alto que abaixava em declive praticável para a estrada de Nivelles, mas que pelo lado da estrada de Genappe era quase escarpado. A elevação da escarpa ainda hoje se pode medir pela altura dos cabeços das duas grandes sepulturas que bordam a estrada de Genappe a Bruxelas; à esquerda o túmulo inglês; à direita, o túmulo alemão. Túmulos franceses não os há ali; para a França é

toda a planície um sepulcro. Em virtude das mil e mil carradas de terra, empregadas no cabeço, que tem cento e cinquenta pés de altura, por meia milha de circunferência, a subida para a planura do Mont-Saint-Jean é hoje a meia ladeira; no tempo em que se deu a batalha, era cortada a pique e inacessível, principalmente da parte de Haie-Sainte. Era tão inclinado o declive, que a artilharia inglesa não podia fazer fogo para a herdade situada no fundo do vale, que era o centro do combate. No dia 18 de Junho de 1815, as chuvas tinham também escavoucado aquele alcantil, a lama dificultava a subida, para a qual era necessário ir de gatas, correndo-se ainda assim o risco de se ficar atolado nela. Ao longo do alto da planura estendia-se um fosso, que um observador colocado a distância não seria capaz de dizer o que era.

Para que era aquele fosso? Digamo-lo. Braine-l'Alleud é uma aldeia da Bélgica; Ohain outra. Essas duas aldeias, ocultas ambas nas curvas do terreno, comunicam-se por um caminho de quase légua e meia de extensão, que atravessa uma planície de nível ondulante, e que em muitos sítios entra e se perde, como um rego, por entre as colinas, do que resulta ser em alguns pontos um verdadeiro barranco. Em 1815, do mesmo modo que agora, essa estrada cortava o alto da planura do Mont-Saint-Jean entre as duas estradas de Genappe e Nivelles, com a diferença, porém, de que então ia por baixo da planura, e hoje fica em nível com ela. Das duas escarpas formaram o plinto para o monumento. Essa estrada na maior parte da sua extensão é uma vala, cavada em sítios a doze pés de profundidade e com os lados tão escarpados, que em algumas partes desabavam, principalmente de Inverno, com as torrentes formadas pelas chuvas, o que por vezes dera lugar a lamentosos desastres. A entrada de Baine-l'Alleud era tão estreita, que uma ocasião ficou ali um homem esmagado debaixo de um carro, como o prova uma cruz de pedra erguida ao pé do cemitério, que indica o nome do morto, Monsieur Bernard Debye, negociante em Bruxelas, e a data do desastre, Fevereiro de 1637.

Era tão profunda no alto do Mont-Saint-Jean, que em 1738 ficou ali sepultado debaixo de uma ribanceira, que desabou, um aldeão chamado Matheus Nicaise, como o provava outra cruz de pedra, cujo cimo desapareceu nas roteaduras, mas cujo pedestal ainda hoje se vê derrubado na encosta do monte, à esquerda da estrada, entre Haie-Sainte e a herdade do Mont-SaintJean.

Num dia de batalha, aquela quelha, que só ao pé se via, bordando o alto do Mont-Saint-Jean como um fosso no cimo da escarpa, como uma rodeira aberta na terra, era invisível, quer dizer terrível.

VIII — O imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste

Napoleão, estava, pois, alegre naquela manhã de Waterloo, e tinha razão para o estar.

O plano de batalha concebido por ele era, com efeito, admirável.

Uma vez travada a batalha, nem as suas variadíssimas peripécias, nem a resistência de Hougomont, nem a tenacidade de Haie-Sainte, nem a morte de Bauduin, nem Foy posto fora do combate, nem a inesperada muralha, de encontro à qual foi destruída a brigada de Soye, nem o fatal atabalhoamento de Guilleminot, que não tinha balas, nem cartuchos, nem as baterias atoladas, nem as quinze peças sem escolta, destruídas por Uxbridge, numa azinhaga, nem o pouco efeito das bombas, que caíam nas linhas inglesas e que se enterravam no chão amolecido pela água da chuva, sem outro efeito mais do que levantar vulcões de lama, de modo que a metralha tornava-se em salpicos, nem a inutilidade da demonstração de Pire contra Braine-l'Alleud, nem a cavalaria, que se compunha de quinze esquadrões, reduzida quase toda a nada, nem a ala direita do exército inglês, mal atacada, nem a ala esquerda, mal combatida, nem o estranho equívoco de Ney, agrupando, em vez de destacar, as quatro divisões do primeiro corpo espessuras de vinte e sete fileiras e vanguardas de duzentos homens, entregues daquele modo à metralha, nem a destruição das balas naquelas massas, as colunas de ataque desunidas, a bateria do flanco descoberta subitamente, nem Bourgeois, Donzelot, Durutte em perigo e Quiot repelido, nem o tenente Vieux, esse Hércules saído da escola politécnica, ferido na ocasião em que arrombava, a golpes de machado, a porta de Haie-Sainte, debaixo do fogo que lhe faziam de cima da trincheira inglesa, que tapava a volta da estrada de Genappe a Bruxelas, nem a divisão de Marcognet, apanhada entre a infantaria e a cavalaria, espingardeada à queima-roupa, no meio das searas de trigo, por Best e Pack, e acutilada por Ponsonby, nem a sua bateria de sete peças encravadas, nem a resistência do príncipe de Saxe-Weimar contra o conde de Erlon, Frischemont e Smohain, para guardar a bandeira que havia tomado ao regimento 105.º, nem a bandeira do regimento 45.º, também tomada, nem o hussardo negro prussiano, feito prisioneiro pelos batedores da coluna volante de trezentos caçadores, que batiam a estrada entre Wavre e Plancenoit, nem as assustadoras notícias dadas pelo prisioneiro, nem a demora de Grouchy, nem os mil e quinhentos homens prostrados por terra em menos tempo ainda, em volta de Haie-Sainte; nenhum destes incidentes tempestuosos, passando por diante de Napoleão, como as nuvens de fumo de batalha, lhe perturbaram o olhar ou fizeram ensombrar aquela face imperial do homem seguro de si. Napoleão estava acostumado a olhar a guerra de frente, sem fazer a soma pungente das circunstâncias, algarismo por algarismo; importavam-lhe pouco

os algarismos, contanto que eles dessem esta soma: Vitória; nem se assustava que as coisas não corressem bem ao princípio, pois julgava-se senhor e possuidor do fim delas; sabia esperar, supondo «que ninguém lhe podia pedir contas do que fazia, e tratando o destino como de igual para igual. Parecia que dizia à sorte: «Não és capaz».

Napoleão, meio sombra, meio luz, sentia-se protegido no bem e tolerado no mal.

Dava-se, ou julgava que se dava com ele, uma convivência, ou quase diríamos uma cumplicidade dos acontecimentos, equivalente à invulnerabilidade antiga.

Parece, todavia, que quem tinha no seu passado Beresina, Leipsick e Fontainebleau podia desconfiar de Waterloo. Na amplidão do céu torna-se visível qualquer misterioso franzir de sobrancelhas.

Napoleão estremeceu quando Wellington recuou.

Ao ver subitamente desguarnecido o alto do Mont-Saint-Jean e desaparecer a vanguarda do exército inglês, que se escondia, embora para se reunir de novo, ergueu-se nos estribos e pelos olhos passou-lhe o relampejar da vitória.

Wellington, encurralado na floresta de Soignes, era a Inglaterra definitivamente derribada pela França; era a vingança de Crecy, Poitiers, Malplaquet e Ramillies. Era o homem de Marengo passando um traço negro por cima de Azincourt.

O imperador, a quem a sua guarda, colocada por trás dele com as armas em descanso, observava com uma espécie de religião, ao lembrar-se então da terrível peripécia, deitou o óculo pela última vez para todos os pontos da batalha e pôs-se a meditar, a examinar as confluências dos montes, a notar os declives, a perscrutar as moitas de árvores, a amplidão das searas, os meandros dos carreiros; parecia contar cada espinheiro das sarças. Contemplou com certa fixidez as trincheiras inglesas das duas estradas, formadas de grandes juncadas de árvores, a saber: a da estrada de Genappe acima de Haie-Sainte, guarnecida de duas peças, as únicas do exército que podiam fazer fogo para o fundo do campo de batalha, e a da estrada de Nivelles, onde se viam brilhar as baionetas holandesas de Chassé.

Notando então ao pé desta trincheira a capela de S. Nicolau, caiada de branco, a qual fica na volta do atalho que vai para Braine-l'Alleud, curvou-se e falou a meia-voz ao guia Lacoste, que fez um sinal de cabeça negativo, decerto pérfido.

Depois endireitou-se e tornou a embrenhar-se nas suas cogitações.

Wellington tinha recuado. Restava, pois, acabar aquele retrocesso por uma derrota completa.

De súbito, Napoleão voltou-se e expediu para Paris um correio a toda a brida, encarregado de anunciar que estava ganha a vitória.

Napoleão, que era um desses génios de que sai o trovão, acabava de encontrar o seu raio, dando ordem aos couraceiros de Milhaud para tomar o alto do Mont-SaintJean.

IX — O imprevisto

Eram três mil e quinhentos gigantes montados em cavalos colossos, que, formados em linha, ocupavam um quarto de légua de terreno; eram vinte e seis esquadrões, protegidos pela retaguarda, pela divisão de Lefebvre-Desnouettes; cento e seis gendarmes escolhidos, mil cento e oitenta e sete caçadores e oitocentos e oitenta lanceiros. Traziam capacetes sem penacho e couraças de ferro batido, com pistolas de arção nos coldres e o comprido sabre-espada.

Às nove horas da manhã, admirou-os todo o exército, quando no meio do clangor das trombetas e das harmonias das músicas que cantavam:

— Velemos pela salvação do império

Vieram em coluna cerrada e com uma das baterias ao lado e a outra no centro, formar-se em duas filas, entre as estradas de Genappe e a de Frischemont, e tomar o seu lugar para a batalha nessa valente segunda linha, tão sabiamente composta por Napoleão, a qual, para assim dizer, tinha duas alas de ferro, porque na extremidade esquerda ficavam-lhe os couraceiros de Kellermann e na extremidade direita os couraceiros de Milhaud.

Recebida a ordem do imperador, que lhes foi levada pelo ajudante de campo Bernard, Ney desembainhou a espada e pôs-se à frente dos enormes esquadrões, que levantaram campo.

Toda aquela cavalaria, de sabres em punho, estandartes e trombetas ao vento, formada em duas colunas, desceu com movimento uniforme, parecendo um só homem, e com a exactidão de um aríete aferindo uma brecha, a colina de Belle Alliance, entranhou-se no terrível vale, onde já tantos homens haviam caído, e desapareceu por entre o fumo, saindo em seguida daquela sombra para reaparecer do outro lado, ainda cerrada e compacta, subindo a galope, por entre um chuveiro de granadas, que lhe rebentavam por cima, a medonha rampa de lama, que conduzia ao alto do Mont-SaintJean. Eles subiam, graves, ameaçadores, imperturbáveis; nos intervalos da mosquetaria e da artilharia, ouvia-se aquele mover de pé~colossal. Eram duas divisões, formando duas colunas, à direita, a divisão de Wathier, à esquerda; a divisão de Delord. Quem via de longe, pareciam-lhe duas imensas cobras de aço, estendendo-se para o alto do Mont-Saint-Jean. Aqueles homens atravessaram o campo de batalha como um prodígio.

Desde a tomada do grande reduto de Moskowa pela grossa cavalaria, não se tornara a ver coisa semelhante; faltava ali Murat, mas estava Ney. Parecia que aquela massa se tinha convertido num monstro com uma só alma. Por entre uma nuvem de fumo, rasgada aqui e além, viam-se os esquadrões estendendo-se, ondulando, como os anéis de um pólipo. Era uma confusão de capacetes, gritos e sabres, de saltos impetuosos dos cavalos, jogando de garupa, ao estrondo do canhão e ao tanger das trombetas, um tumulto disciplinado, mas terrível, e por cima de tudo isto as couraças, como as escamas sobre a hidra.

Parece um conto de outros tempos isto que narramos. Só nas antigas epopeias órficas, em que se descrevem os homens-cavalos, os antigos hipantropos, titãs com rosto humano e peitos de cavalo, que escalaram o Olimpo, horríveis, invulneráveis, sublimes; deuses e animais; só nas antigas epopeias órficas, dizemos, é que aparecem coisas semelhantes a esta visão.

Estranha coincidência numérica! Aqueles vinte e seis esquadrões iam ser recebidos por vinte e seis batalhões. Por trás do alto da planura, esperava-os muda, imóvel protegida pela bateria oculta a infantaria inglesa, formada em treze quadrados, a dois batalhões cada um, e em duas linhas, sete na primeira, seis na segunda, de coronhas fincadas ao ombro, fazendo pontaria para o que vinha. Os soldados ingleses, porém, não viam os couraceiros, nem os couraceiros viam os soldados ingleses. Estes ouviam subir aquela maré de homens; ouviam cada vez mais distinto o ruído de três mil cavalos a trote largo, o bater alternado e simétrico das ferraduras nas pedras da estrada, o atrito das couraças, o tinir dos sabres e um como hálito feroz. Após uma pausa terrível, em que tudo era silêncio, apareceu subitamente em cima da esplanada uma comprida fileira de braços erguidos brandindo sabres, uma multidão de capacetes, trombetas e estandartes, e três mil cabeças de homens de bigode russo, gritando:

— Viva o imperador!

Parecia que tremia a terra, ao desembocar na planície toda aquela cavalaria.

De súbito — trágico sucesso! — do meio da vanguarda da coluna dos couraceiros levantou-se um clamor terrível. Ao chegarem ao alto da encosta, tinham dado de chofre com um fosso, uma vala que se estendia entre eles e os ingleses. Era a azinhaga de Ohain.

Foi medonho aquele momento, quando repentina, inesperadamente, lhes surgiu diante aquele barranco, que se abria a prumo a uma profundidade de duas toesas debaixo dos pés dos cavalos; estes empinavam-se, atiravam-se para trás, levantavam as patas no ar e caíam de costas, pisando e ferindo os

cavaleiros, que não tinham meio de recuar, porque a primeira fileira impelia a segunda, a segunda a terceira. A coluna tornou-se um projéctil; a força adquirida para esmagar os ingleses esmagou os franceses. Cavalos e cavaleiros, tudo caiu de roldão naquele barranco inexorável, que para se transpor era necessário que estivesse entulhado, esmagando-se uns aos outros, fazendo uma só carne, naquele sorvedouro. Cheia a cova, o resto passou, caminhando por cima dos que tinham caído. Ali ficou quase um terço da brigada de Dubois, e este desastre foi o princípio da perda da batalha.

Diz uma tradição local, evidentemente exagerada, que dois mil cavalos e mil e quinhentos homens ficaram sepultados na azinhaga de Ohain. Esta cifra, porém, a que se faz subir o número dos mortos, compreende, provavelmente, todos os outros cadáveres que no dia do combate foram lançados àquele barranco.

Napoleão observara o terreno antes de ordenar a carga dos couraceiros de Milhaud, porém, não pôde ver a azinhaga, que não formava sequer uma ruga na superfície do terreno. Avisado, porém, e como que despertado pela capelinha branca que marca a volta da estrada de Nivelles, fez, talvez receoso da eventualidade de qualquer obstáculo, alguma pergunta ao guia Lacoste. O guia respondeu que não.

Quase diríamos, pois, que desse aceno de cabeça de um aldeão é que brotou a catástrofe de Napoleão.

Outras fatalidades, porém, tinham de surgir. Era possível que Napoleão ganhasse esta batalha? Respondemos que não. Porquê? Por causa de Wellington? Por causa de Blucher? Não. Por causa de Deus.

A lei do século XIX não concedia a Bonaparte a vitória de Waterloo Preparava-se outra série de factos, em que Napoleão já não tinha lugar. Havia muito que a má vontade dos acontecimentos se tinha declarado.

Era chegado o tempo de tão grande homem cair.

A sua excessiva gravidade nos destinos humanos perturbava o equilíbrio. Este indivíduo, só por si, pesava mais do que o grupo universal. Seriam mortais para a civilização, se durassem, estas pletoras da vitalidade humana concentrada toda numa só cabeça, o mundo junto no cérebro de um só homem. Chegara o momento em que a incorruptível equidade suprema reconsiderava. Naturalmente tinham feito ouvir as suas queixas os princípios e elementos, de que dependem as gravitações regulares, tanto na ordem moral como na ordem material. O sangue ainda fumegante, o atulhamento dos cemitérios, as lágrimas das mães, são arrazoados temíveis. Quando a terra sofre com a demasia do peso que a sobrecarrega, há gemidos misteriosos na sombra, que são ouvidos pelo abismo.

Napoleão fora denunciado no infinito, e a sua queda estava decidida.

Incomodava Deus.

Waterloo não é uma batalha; é a mudança de aspecto do Universo.

X — A planura do Mont-Saint-Jean

Ao mesmo tempo que os couraceiros deram com o barranco, depararam diante de si com a bateria oculta, que os fulminava à queima-roupa com as suas sessenta peças, e à qual o intrépido general Delord fez a saudação militar. Ao fogo da bateria juntava-se o dos quadrados.

A artilharia volante inglesa entrara toda a galope para dentro dos quadrados, sem que os couraceiros tivessem um momento de espera. O desastre da azinhaga dizimara-os, mas não lhes fizera perder o ânimo. Eram desses homens que crescem no coração, diminuindo no número.

Só a coluna Wathier é que tinha sofrido acidente; a de Delord chegara inteira por Ney a ter feito ladear à esquerda, como se pressentisse a emboscada.

Os couraceiros arrojaram-se contra os quadrados ingleses, galopando à rédea solta, de sabre traçado nos dentes e pistolas nas mãos. Tal foi o ataque.

Ocasiões há nas batalhas em que a alma endurece o homem, a ponto de o mudar de soldado em estátua e de massa de carne em massa de granito. Os batalhões ingleses, assaltados desvairadamente, não se moveram.

Deu-se então uma coisa horrorosa.

As faces dos quadrados ingleses foram atacadas todas ao mesmo tempo e envolvidas num como rodopio frenético. Aquela fria infantaria ficou impassível. A primeira fileira recebia-os de joelho em terra nas pontas das baionetas, a segunda espingardeava-os, e por trás desta os artilheiros carregavam as peças, abria-se a frente do quadrado para deixar passar uma erupção de metralha e tornava a fechar-se. Os couraceiros respondiam esmagando. Os seus grandes cavalos empinavam-se, saltavam as fileiras, pulavam por cima das baionetas e caíam como gigantes no meio daquelas quatro paredes vivas. As balas faziam abertas nos couraceiros, os couraceiros abriam brechas nos quadrados. Desapareciam filas de homens esmigalhadas pelos pés dos cavalos, enterravam-se as baionetas no ventre daqueles centauros. Era uma deformidade de feridas, que talvez nunca se visse em parte nenhuma. Os quadrados dizimados por aquela cavalaria enfurecida estreitavam-se sem demora e continuavam a fazer explosão no meio dos assaltantes, com inesgotável metralha. Era monstruoso o aspecto daquele combate. Os quadrados não eram batalhões, eram crateras; os couraceiros uma tempestade, não uma cavalaria. Era cada quadrado um vulcão atacado por uma nuvem; a lava a combater com o raio.

O quadrado extremo da direita, formado pelo 75.º regimento de «highlanders», que era o mais exposto, por estar em movimento, ficou quase aniquilado aos primeiros choques. Enquanto em redor tudo era extermínio, o tocador de gaita de fole, sentado num tambor, com o seu pibroch [7] debaixo do braço, tocava as modas das montanhas, descaído em profunda abstracção com o olhar melancólico, cheio do reflexo das florestas e dos lagos. Os escoceses morriam a pensar em Ben Lothian, como morriam os gregos no meio das recordações de Argos. Porém, o sabre de um couraceiro fez cessar o canto, cortando o pibroch e o braço que o sustentava e matando o cantor.

Os couraceiros, relativamente pouco numerosos, porque haviam minguado com o desastre do barranco, tinham contra si quase todo o exército inglês, porém, multiplicavam-se, porque cada homem valia dez. Todavia, alguns batalhões hanoverianos sucumbiam. Wellington, que o viu, lembrou-se da sua cavalaria, e se Napoleão se lembrasse também naquela ocasião da sua infantaria, teria ganho a batalha. Este esquecimento foi uma falta fatal para ele.

De súbito, os couraceiros, que eram os que assaltavam, sentiram-se assaltados; tinham pela retaguarda a cavalaria inglesa. Na frente os quadrados, na retaguarda Somerset, isto é, os mil e quatrocentos dragões-guardas, com a cavalaria ligeira alemã, comandada por Domberg, à direita e à esquerda Trip, com os carabineiros belgas. Os couraceiros, pois, atacados de lado, por diante e por trás, pela infantaria e pela cavalaria, tiveram de fazer frente por todos os lados. Que lhes importava aquele turbilhão? A sua bravura tornou-se inexprimível.

Além disto, tinham ainda pela retaguarda a bateria troando sempre. Só assim é que aqueles homens podiam ser feridos nas costas. Entre a colecção do museu de Waterloo acha-se uma couraça, com um buraco na omoplata esquerda, feito por uma bala de biscainho.

Para franceses assim, só ingleses como aqueles.

Aquilo não foi uma refrega, foi uma sombra, uma fúria, um arrebatamento vertiginoso de armas e coragens, um furacão de espadas-relâmpagos. Dentro de um instante, os mil e quatrocentos dragões-guardas ficaram reduzidos a oitocentos e o seu tenente Fuller caiu morto. Acudiu Ney com os lanceiros e os caçadores de Lefebvre-Desnouettes, e a planura do Mont-Saint-Jean foi tomada, retomada e tornada a tomar; os couraceiros deixando a cavalaria para se voltarem contra a infantaria, os quadrados resistindo sempre; era uma barafunda formidável, melhor diremos assim, junta num só grupo, sem que uns se desenvencilhassem dos outros. Nesta refrega, que durou duas horas,

durante as quais se deram doze assaltos, mataram quatro cavalos a Ney e metade dos couraceiros ficou na planura.

Esta luta, porém, abalou profundamente o exército inglês. Para nós é fora de dúvida que, se o desastre da azinhaga não lhe tivesse enfraquecido o primeiro ímpeto, os couraceiros teriam destruído o centro e assim decidido a vitória. Wellington, quase vencido, admirava como herói aquela cavalaria extraordinária que petrificara Clinton, Clinton que vira Talavera e Badajoz, e dizia a meia voz:

— Sublime!

Sete quadrados aniquilaram os couraceiros de treze que eram; tomaram ou encravaram sessenta peças de artilharia, e arrebataram aos regimentos ingleses seis bandeiras, que três couraceiros e três caçadores foram levar ao imperador, o qual se achava em frente da herdade da Belle Alliance.

A situação de Wellington piorara. Aquela estranha batalha era um como encarniçado duelo entre dois feridos, que, ao passo que iam combatendo e resistindo, iam cada qual, pela sua parte, perdendo o sangue que lhe restava. Qual será o que há-de cair primeiro?

Na planície continuava a luta.

Até onde chegaram os couraceiros é coisa que ninguém poderá dizer. O que é certo, porém, é que no dia seguinte ao da batalha foi encontrado morto um couraceiro com o seu cavalo no Mont-Saint-Jean, junto ao madeiramento da balança onde são pesadas as carruagens, mesmo no sítio em que se cruzam as quatro estradas de Nivelles, Genappe, La Hulpe e Bruxelas.

O cavaleiro tinha atravessado as linhas inglesas. Ainda vive no Mont-Saint-Jean um dos homens que levantaram aquele cadáver. Chama-se Dehaze e tinha então dezoito anos.

Estava próxima a crise. Wellington sentia-se enfraquecer.

Os couraceiros não tinham tirado resultado do seu esforço, por que o centro conservava-se firme. Sendo a planície de todos, não era de ninguém, mas em suma, a maior parte pertencia aos ingleses. Wellington apossara-se da aldeia e da planície dominante; Ney estava senhor do alto e da encosta. Parecia cada qual arraigado àquele solo fúnebre.

O enfraquecimento dos ingleses tornava-se, porém, irremediável. Era horrível a hemorragia daquele exército. Kempt, na ala esquerda, reclamava reforço.

— Não o há! — respondia Wellington. — Que se deixe matar!

E quase ao mesmo tempo, singular paralelo que pinta a prostração dos dois exércitos, Ney pedia infantaria a Napoleão e Napoleão exclamava:

— Infantaria? Onde a tenho para lha mandar? Quer que me desfaça nela?

O exército inglês, todavia, era o que estava mais enfermo. Os ímpetos furiosos daqueles grandes esquadrões de couraças de ferro e peitos de aço haviam esmagado a infantaria. O lugar de um regimento era denotado apenas por alguns homens em volta de uma bandeira; batalhões havia que eram comandados por um capitão ou tenente; a divisão de Alten, já tão maltratada em Haie-Sainte, estava quase destruída; os intrépidos belgas da brigada de Van-Kluze juncavam os campos de centeio, ao longo da estrada de Nivelles; dos granadeiros holandeses, que em 1811, na Espanha, combatiam contra Wellington, ao nosso lado, e que em 1815 combatiam contra Napoleão, ao lado dos ingleses, quase nada restava. A isto devemos acrescentar a perda dos oficiais, que era considerável. Lord Uxbridge, que no dia seguinte mandou enterrar a perna, tinha o joelho quebrado. Se nesta luta dos couraceiros, da parte dos franceses estavam fora de combate Delord, Lhêritier, Colbert, Dnop, Travers e Blancard, da parte dos ingleses Alten e Barne tinham sido feridos, Delancey, Van Merlen e Ompteda mortos, o estado-maior de Wellington dizimado, de modo que a Inglaterra era a de pior partido naquele sanguinolento equilíbrio. O segundo regimento dos guardas a pé perdera cinco tenentes-coronéis, quatro capitães e três alferes; o primeiro batalhão do 30.º de infantaria perdera vinte e quatro oficiais e mil e duzentos soldados, o 79.º de montanheses tinha vinte e quatro oficiais feridos, dezoito mortos e cento e cinquenta soldados mortos. Os hussardos hanoverianos de Cumberland, isto é, um regimento inteiro, comandado pelo coronel Hacke, que mais tarde tinha de ser julgado e condenado, retiraram à vista do combate e refugiaram-se na floresta de Soignes, semeando a derrota até Bruxelas. As carretas, os cabos de puxar as peças, as bagagens, os carros cheios de feridos, ao ver ganhar terreno aos franceses, que se aproximavam da floresta, fugiam diante deles, e os holandeses, acutilados pela cavalaria francesa, soltavam gritos de terror!

Segundo dizem testemunhas que ainda existem, desde Vert-Coucou até Groenendael, numa extensão de perto de duas léguas na direcção de Bruxelas, os fugitivos eram tantos, que atulhavam a estrada. Tal foi o pânico que nem o príncipe de Conde em Malines, nem Luís XVIII em Gand lhe escaparam. À excepção da ténue reserva formada por trás da ambulância estabelecida na herdade do Mont-Saint-Jean, e das brigadas de Vivian e Vandeleur, que flanqueavam a ala esquerda, Wellington já não tinha cavalaria. Grande número de baterias jaziam desmontadas. É isto que narra Siborne; Pringle, porém, exagerando o desastre, chega a dizer que o exército anglo-holandês estava reduzido a trinta e quatro mil homens. O duque-de-ferro estava sereno, mas tinha os lábios descorados. O comissário austríaco Vincent e o comissário espanhol Alava, que assistiram à batalha, fazendo parte do estado-maior

inglês, julgavam o duque perdido. Às cinco horas, Wellington puxou pelo relógio e ouviram-lhe esta sombria frase:

— Ou Blucher ou a noite!

Foi então que para a parte de Frischemont se viu uma linha longínqua de baionetas a brilhar no alto de uma colina.

É aqui a peripécia deste drama gigante.

XI – Mau guia para Napoleão, bom guia para Bulow

Todos conhecem o pungente equívoco de Napoleão, esperando Grouchy e sobrevindo-lhe Blucher; a morte em lugar da vida.

Tem destas voltas o destino. Em vez do trono do mundo, que esperava, avistou ao longe, no horizonte, as rochas de Santa Helena.

Se o pastorinho que servia de guia a Bulow, tenente de Blucher, o tivera aconse-lhado a que antes desembocasse da floresta, acima de Prischemont, do que abaixo de Plancenoit, talvez fosse diferente a forma do século XIX, porque Napoleão teria ganho a batalha de Waterloo. Por qualquer outro caminho que não fosse o que vinha sair abaixo de Plancenoit, o exército prussiano viria esbarrar-se num barranco impossível de transpor para a artilharia, e Bulow não chegaria.

Mais uma hora de demora, pois, e Blucher, segundo declara o general prussiano Muffling, já não encontraria Wellington em pé: «A batalha estava perdida».

Era, portanto, tempo, como se vê, de chegar Bulow, que, todavia, se tinha demorado bastante, pois tinha partido pela madrugada de Dion-le-Mont, onde pernoitara.

Os caminhos, porém, estavam intransitáveis, o que foi causa de que os soldados se atolassem na lama que os cobria e que as carretas em que vinha montada a artilharia se enterrassem também até ao eixo. Além disso, foi necessário passar o Dyle na estreita ponte de Wavre, o que se tornava ainda mais difícil, porque os franceses haviam incendiado a rua que a ela conduzia, e como os caixões da pólvora e carros da artilharia não podiam passar por entre duas fileiras de casas em chamas, tiveram de esperar que se apagasse o fogo.

Ao meio-dia ainda a vanguarda de Bulow não tinha podido chegar à capela de S. Lambert.

Ora, se a acção tivesse principiado duas horas mais cedo, teria acabado às quatro, e quando Blucher viesse, encontraria a batalha ganha por Napoleão. Estes acasos, porém, posto que imensos, escapam-nos envoltos nas sombras do infinito.

Fora o imperador, com o seu longo óculo, o primeiro que ao meio-dia avistara no»extremo horizonte o que quer que fosse que lhe prendera a

atenção e disse:

— Vejo lá ao longe uma nuvem que me parece tropa. – Depois perguntou ao duque de Dalmácia: — Soult, que é o que se vê para o lado da capela de S. Lambert?

O marechal apontou o óculo naquela direcção e respondeu:

— Quatro ou cinco mil homens, sire. É decerto Grouchy.

O que era, porém, permanecia imóvel na neblina. Após isto, todos os óculos do estado-maior estudaram a «nuvem» que o imperador apontara e uns disseram: «São colunas que fizeram alto», outros, e foi a maior parte, disseram: «Aquilo são árvores».

A verdade era que a nuvem não se movia. Napoleão destacou portanto a divisão de cavalaria ligeira de Domon para reconhecer aquele ponto escuro.

Efectivamente, Bulow tinha feito alto. Como a sua vanguarda era pequena e fraca, teve de esperar o corpo do exército, porque tinha ordem de se concentrar antes de entrar em linha; às cinco horas, porém, vendo Blucher o perigo em que estava Wellington, ordenou a Bulow que atacasse, proferindo esta notável frase: «É preciso dar ar ao exército inglês».

Daí a pouco, formavam-se as divisões de Losthin, de Híller, Hacke e Ryssel, em frente do corpo de Lobau, a cavalaria do príncipe Guilherme da Prussia desembocava do bosque de Paris, Plancenoit ardia em chamas e as balas prussianas principiavam de chover até às fileiras da guarda de reserva colocada por trás de Napoleão.

XII – A guarda

O resto sabe-se; a irrupção de um terceiro exército, a deslocação da batalha, oitenta e seis bocas de fogo troando de repente, a chegada súbita de Pirch 1.º com Bulow, a cavalaria de Zieten comandada por Blucher em pessoa, os franceses rechaçados, Marcognet varrido da azinhaga de Ohain, Durutte desalojado de Papelotte, retirada de Donzelot e Quiot, Lobau apanhado de lado, nova batalha travada com os nossos desmantelados regimentos ao cair da noite, a linha inglesa tomando toda outra vez a ofensiva e impelida para a frente, a rotura gigantesca feita no exército francês, a metralha inglesa e a metralha prussiana auxiliando-se mutuamente, o extermínio, a destruição pela frente e pelo lado, e a guarda a entrar em linha no meio deste destroço formidável.

Ao conhecer que ia morrer, a guarda gritou: «Viva o imperador!» Não se encontra na história coisa mais patética do que esta agonia, rompendo em aclamações.

O céu, que todo o dia estivera encoberto, ficou limpo de súbito, exactamente naquela ocasião (eram oito horas da tarde), afastando-se as

nuvens do horizonte para darem passagem à sinistra vermelhidão do sol poente por entre os olmos da estrada de Nivelles. Em Austerlitz viram-no os combatentes nascer.

Naquele desenlace, cada batalhão era comandado por um general. Ali se acharam Friant, Michel, Roguet, Harllet, Mallet, Poret de Morvan. Quando as barretinas dos granadeiros da guarda com a sua larga chapa da águia apareceram no meio da neblina da refrega, simétricos, alinhados, tranquilos, o inimigo sentiu-se dominado de respeito pela França, julgando ver entrar no campo da batalha vinte vitórias de asas abertas, e os que eram vencedores recuaram, julgando-se vencidos.

Wellington, porém, gritou-lhes:

— A pé, guardas, e pontaria certa!

O regimento vermelho dos guardas ingleses, deitado por trás das sebes, levantou-se, a bandeira tricolor, que tremulava em volta das nossas águias, foi crivada por uma nuvem de metralha, e os combatentes arrojaram-se uns contra os outros principiando então a suprema carnificina.

A guarda imperial sentiu nas sombras o exército a fugir, sentiu o vasto abalo da derrota, ouviu o «salve-se quem puder!» que substituíra o «viva o imperador!», mas se bem que todos fugissem, ela continuou a avançar, cada vez mais dizimada pela morte, a cada passo que dava. Não houve ali irresolutos nem tímidos. Naquele regimento, tão heróico era o soldado como o general.

Nem um só homem fugiu ao suicídio.

Ney, no meio daquela tormenta, oferecia-se aos golpes de todos, desvairado e grande em toda a sua altura de homem que aceita voluntário a morte. Ali lhe mataram o quinto cavalo. A escorrer em suor, com a chama nos olhos, a escuma nos lábios, a farda desabotoada, uma das dragonas meia cortada por uma cutilada de um guarda a cavalo, a sua chapa com a grande águia amolgada por uma bala, banhado em sangue, cheio de lama, magnífico, com uma espada quebrada na mão, dizia:

— Vinde ver como um marechal de França morre no campo da batalha!

Porém, foi debalde; ele não morreu. Ney andava desvairado e indignado, fazendo esta pergunta a Drouet de Erlon:

— Então tu não encontras quem te mate?

E gritando no meio daquela artilharia a esmagar um punhado de homens:

— Oh, quisera que todas estas balas inglesas me entrassem na barriga, mas para mim não há nada!

Estava reservado para as balas francesas, infeliz!

XIII – A catástrofe

Lúgubre foi a derrota na retaguarda daqueles intrépidos soldados. O exército retrocedeu rapidamente de todos os lados ao mesmo tempo, de Hougomont, de Haie-Sainte, de Papelotte, de Plancenoit, e ao grito de: «Traição!» seguiu-se o grito: «Salve-se quem puder!» Um exército em debandada é um degelo. Tudo se curva, se abre, estala, flutua, rola, cai, choca, apressa e precipita. Desagregação inaudita. Ney pede um cavalo emprestado, monta e vai colocar-se no meio da estrada de Bruxelas para fazer parar ingleses e franceses, sem chapéu, nem gravata, nem espada,— tentando reter o exército, chamando-o, insultando-o, agarrando-se a tudo no meio daquela derrota, transbordando: os soldados, porém, fogem-lhe, gritando:

— Viva o marechal Ney!

Dois regimentos de Durutte vão e vêm como uma péla, entre os sabres dos ulanos e a mosquetaria das brigadas de Kempt, de Best, Pack e de Rylandt; a pior das refregas é a derrota; matam-se mutuamente os amigos para fugir; dispersam-se e quebram-se uns contra os outros os esquadrões e os batalhões; é a espuma enorme de uma batalha rugindo e refervendo. Lobau numa extremidade, Reille na outra foram arrebatados pela vaga. Debalde, Napoleão faz muralhas com o que lhe resta da guarda; debalde empenha num último esforço os esquadrões às suas ordens. Quiot retira diante de Vivian, Kellermann diante de Vandeleur, Lobau diante de Bulow, Morand diante de Pirch, Domon e Subervic diante do príncipe Guilherme da Prussia Guyot, que comandou na carga os esquadrões do imperador, cai aos pés dos dragões ingleses.

Napoleão corre a galope por entre os fugitivos, fala-lhes, insta-os, ameaça, suplica.

Porém, todas as bocas que pela manhã gritavam «viva o imperador!» ficam abertas; mal o conhecem. A cavalaria prussiana, vinda do fresco, precipita-se, voa, acutila, corta, despedaça, mata, extermina. As peças fogem; os cavalos que as puxam atropelam-se; os soldados do trem desatrelam as caixas e deitam mão dos cavalos para fugir; as carretas quebram-se e ficam voltadas para o ar, embaraçando a estrada e dando ocasião a maior carnificina. Esmagam-se uns aos outros, rechaçam-se, caminham por cima dos mortos e por cima dos vivos. Os braços sentem-se cansados. Enche as estradas uma multidão vertiginosa, que se espalha nos carreiros, nas pontes, nas planícies, nas colinas, nos vales, nos bosques, atulhados pela evasão de quarenta mil homens. Gritos de desespero, sacos e espingardas atirados para o meio das searas, passagens abertas a golpes de espada, nem camaradas, nem oficiais, nem generais; um horror inexprimível!

Zieten acutilando a França à sua vontade. Os leões tornados cabritos. Tal foi

aquela debandada.

Em Genappe houve a tentativa de voltar-se, fazer frente, travar a roda. Lobau reuniu trezentos homens, que se entrincheiraram à entrada da aldeia, porém, à primeira descarga da metralha prussiana, deitou tudo a fugir e Lobau ficou prisioneiro. Ainda hoje se vê o sinal daquela descarga de metralha na empena arruinada de uma casinhola, que fica à direita da estrada, alguns passos para cá de Genappe. Os prussianos arremessaram-se para o lado de Genappe, furiosos decerto por serem tão pouco vencedores. Foi monstruosa aquela avançada no encalço dos inimigos. Blucher ordena o extermínio, porque Roguet dera o lúgubre exemplo de ameaçar com a morte todo o granadeiro francês que lhe trouxesse um prisioneiro prussiano. Blucher excedeu Roguet. Duhesme, general da guarda nova, encurralado numa estalagem de Genappe, entregou a espada a um hussardo da Morte, que pegou na espada e matou o prisioneiro. A vitória acabou pelo assassínio dos vencidos. Punamos nós, que somos a história: o velho Blucher desonrou-se. Aquela ferocidade pôs o cúmulo ao desbarate. A derrota atravessou, desesperada, Genappe, Quatre-Bras, Grosselies, Frasnes, Thuin, Charleroi, parando só na fronteira. Oh, Deus! E quem é que assim fugia? O grande exército! Acaso não teria um motivo aquela vertigem, aquele terror, a queda em ruínas daquela bravura, a mais elevada que em tempo algum tenha feito o espanto da história? Teve. Projecta-se sobre Waterloo a sombra de uma recta enorme. Foi o dia do destino. A força que domina o homem foi a que deu aquele dia. Daí a ruga do pavor desenhada nas testas; daí a entrega das espadas por todas essas grandes almas.

Ficaram derribados na luta os que haviam vencido a Europa, sem ter que dizer nem que fazer mais nada, porque conheciam na sombra uma presença terrível. Hoc erat in fatis. Aquele dia mudou a perspectiva do género humano. Waterloo foi o gonzo do século dezanove. Era necessária a desaparição do grande homem para a chegada do grande século, e dela se encarregou alguém a quem se não replica. O pânico dos heróis explica-se. A batalha de Waterloo foi mais do que uma nuvem, foi um meteoro.

Foi a passagem de Deus.

Ao cair da noite, Bernard e Bertrand, num campo das imediações de Genape, fizeram parar, agarrando-o por uma aba do casacão, um homem desvairado, pensativo, sinistro, que, arrastado até àquele lugar pela torrente da derrota, acabava de se apear do seu cavalo e que, depois de enfiar o braço pela rédea, voltava só para Waterloo, com olhar espantado. Era Napoleão, sonâmbulo imenso daquele sonho desfeito, tentando ainda romper para a frente.

XIV – O último quadrado

No meio da torrente da derrota, porém, conservaram-se imóveis até à noite, alguns quadrados, como rochedos no meio da água que se despenha. Sobrevinda a noite e a morte também, arrostaram-se com essa dupla sombra e deixaram-se envolver por ela, inabaláveis no seu posto. Ali, cada regimento morria isolado dos outros, porque já não havia laços que os prendessem ao exército, por todas as partes desbaratados. Para travarem esta derradeira acção, uns tinham tomado posição nas eminências de Rossomme, outros na esplanada do Mont-Saint-Jean, onde, abandonados, vencidos, terríveis, agonizavam formidavelmente aqueles quadrados escuros. É que com eles morriam Ulm, Wagram, lena, Friedland.

Ao escurecer, por volta das nove horas, restava um, no fundo da esplanada do Mont-Saint-Jean, comandado por um oficial obscuro chamado Cambronne, lutando ainda debaixo dos fogos convergentes da artilharia inimiga vitoriosa, debaixo de uma densidade terrível de projécteis naquele vale funesto, junto a essa encosta por onde treparam os couraceiros, e agora inundada pelas massas inglesas. A cada descarga, o quadrado diminuía, mas respondia estreitando de contínuo as suas quatro paredes e replicando à metralha com descargas de espingardaria, cujo troar sombrio e decrescente ao longe os fugitivos açodados paravam por um momento a escutar no meio das trevas.

Quando, porém, aquela legião não era mais do que um punhado, quando a bandeira flutuava rasgada em tiras, quando as espingardas se lhes tornaram inúteis por não terem balas, quando o montão de cadáveres se tornou maior que o grupo vivo, houve entre os vencedores um como terror sagrado em volta daqueles moribundos sublimes e a artilharia inglesa calou-se para tomar fôlego. Foi uma espécie de pausa.

Aqueles combatentes tinham em roda de si um como formigueiro de espectros, uma multidão de sombras de homens a cavalo, visto de lado; o perfil escuro das peças, o céu branco divisando-se por entre as rodas e as carretas; a colossal cabeça de morte, que os heróis entrevêm sempre nas nuvens de fumo de uma batalha, avançava com os olhos fixos neles. Ouviram carregar as peças por entre a sombra crepuscular, viram em volta das cabeças um círculo luminoso produzido pelo clarão dos morrões acesos, que brilhavam como os olhos de um tigre na obscuridade, aproximaram-se das peças todos os morrões das baterias inglesas, e então um general inglês, segundo uns, Colville, segundo outros, Maitland, gritou comovido, segurando o último minuto suspenso sobre a cabeça daqueles homens:

— Bravos franceses, rendei-vos!

Cambronne respondeu:

— Merda!

XV – Cambronne

Ao leitor francês que quer ser respeitado não pode ser repetida a frase mais bela que talvez tenham pronunciado lábios franceses. É proibir o sublime ao historiador; nós, porém, infringimos a proibição, apesar de todos os riscos e perigos que possamos correr.

Entre aqueles gigantes, houve um titã, que foi Cambronne.

O que pode haver de mais grandioso do que pronunciar essa palavra e em seguida morrer! Porque é morrer empregar todos os esforços para o conseguir; porque esse homem não é culpado de ter sobrevivido, a despeito da metralha.

O homem que ganhou a batalha de Waterloo, não foi Napoleão, derrotado; não foi Wellington, recuando às quatro horas, e sem esperança às cinco; não foi Blucher, que não combateu: o homem que ganhou a batalha de Waterloo foi Cambronne.

Fulminar com tal palavra o trovão que nos aniquila, é vencer.

Respondendo de semelhante modo à catástrofe, falar assim ao destino, dar aquela base ao leão futuro, arremessar aquela réplica à chuva da noite precedente, ao muro traidor de Hougomont, à azinhaga de Ohain, à demora de Gruchy e à chegada de Blucher, ser a ironia do sepulcro, fazer com que ficasse de pé depois de tudo ter caído, afogar em duas sílabas a coalizão europeia, oferecer aos reis as sentinas já conhecidas dos Césares, fazer da última a primeira das páginas juntando-lhes o relâmpago da França, terminar insolentemente Waterloo com o carnaval, completar Leónidas com Rebelais, resumir esta vitória numa palavra suprema, impossível de se pronunciar, perder o terreno e salvar a história, depois da carnificina ter por si os que riem, é imenso.

É o insulto ao raio. Este facto atinge a grandeza esquiliana.

A palavra de Cambronne produz o efeito de uma fractura. É o arrombamento de um peito pelo desprezo; é a explosão da superabundância do sofrimento. Quem venceu? Foi Wellington? Não. Sem Blucher estava perdido. Foi Blucher? Não. Se Wellington não tivesse começado, Blucher não teria podido acabar. Esse Cambronne, esse transeunte da última hora, esse soldado ignorado, essa insignificância da guerra, conhece a mentira que há numa catástrofe, pungente redobro de dor; e no momento em que estala de raiva, oferecem-lhe o escárnio, a vida! Como deixaria de estoirar!

Estão ali todos os reis da Europa, os generais felizes; os Júpiteres tonantes contam cem mil soldados vitoriosos, e por trás dos cem mil mais um milhão; as suas peças estão escancaradas e com os morrões acesos, têm debaixo dos

pés a guarda imperial e o grande exército, acabam de aniquilar Napoleão, e não resta senão Cambronne; não há para protestar senão este pequeno verme. Mas o verme protestará. Para isto, procurou uma palavra como se procurasse uma espada. Sobrevém-lhe espuma e essa espuma é a palavra procurada.

Em presença da vitória sem vitoriosos, aquele desesperado ergue-se; sofre-lhe o peso enorme, mas regista-lhe a nulidade; faz mais do que escarrar-lhe em cima; e, sob a opressão do número, da força e da matéria, encontra na alma uma expressão, o excremento. Repetimo-lo, dizer, fazer, achar uma tal coisa, é ser vencedor. O espirito dos grandes dias entrou no homem desconhecido naquele fatal momento. Cambronne achou a expressão de Waterloo como Rouget de L'Isle achou a Marselhesa, pela visita de sopro que vem de cima.

Um eflúvio da tempestade divina destaca-se e vem passar atrás destes homens, fá-los estremecer, um entoa o cântico supremo, o outro solta o grito, terrível. Essa palavra de desprezo titânico não a lança Cambronne somente à Europa em nome do império, seria pouco; lança-a ao passado em nome da revolução. Ouve-se e reconhece-se em Cambronne a velha alma dos gigantes. Parece que é Danton falando, ou Kléber rugindo.

A palavra de Cambronne respondeu a voz inglesa: Fogo!

As baterias flamejaram, a colina estremeceu, de todas aquelas bocas de bronze saiu um último e espantoso vómito de metralha; densa nuvem de fumo um pouco esbranquiçado pelos primeiros raios da Lua, toldou o espaço, e quando se dissipou não havia mais nada. Os temíveis restos tinham sido aniquilados, a guarda estava morta As quatro paredes do reduto vivo jaziam por terra, apenas se distinguia num ou noutro ponto, algum estremecimento entre os cadáveres.

Foi assim que as legiões francesas, mais grandiosas do que as romanas, expiraram em Mont-Saint-Jean, no solo ensopado em água e sangue, no meio das sombrias searas de trigo, no lugar em que hoje passa, às quatro horas da manhã, assobiando e fustigando alegremente o seu cavalo, o condutor José, que faz o serviço da mala-posta de Nivelles.

XVI — Quot libras in duce?

O combate de Waterloo é um enigma. É tão obscuro para os que a ganharam, como para os que o perderam.

Para Napoleão é um pânico.[8] Blucher não viu nela senão fogo, Wellington nem de leve a compreendeu. Vede os relatórios. Os boletins são confusos, os comentários intrincados. Estes balbuciam, aqueles gaguejam.

Jomini divide a batalha de Waterloo em quatro momentos. Mufling corta-a em três peripécias; Charras, conquanto em alguns pontos apreciemos as coisas de outro modo, foi o único que soube abranger, com o olhar penetrante que se lhe nota, os lineamentos característicos daquela catástrofe do génio humano a braços com o acaso divino. Todos os outros historiadores parecem vítimas de certo deslumbramento que os fez andar às apalpadelas.

Jornada fulgurante, com efeito, desmoronamento da monarquia militar, que com grande espanto dos reis, arrastou todos os reinos; queda da força, derrota da guerra.

Neste acontecimento impregnado de necessidade sobrenatural é nula a parte tomada pelos homens.

Tirando Waterloo a Wellington e a Blucher, tira-se alguma coisa à Inglaterra e à Alemanha? Não. Nem essa ilustre Inglaterra, nem essa augusta Alemanha entram no problema de Waterloo. Graças ao céu, os povos são grandes fora das lúgubres aventuras da espada. Nem a Alemanha, nem a Inglaterra, nem a França, tiram a sua grandeza de uma bainha.

Na época em que Waterloo não era mais do que o tinir de sabres, tinha a Alemanha acima de Blucher, Goethe. E a Inglaterra acima de Wellington, Byron.

É próprio do nosso século o vasto aparecimento de ideias, e dessa aurora produzem a Inglaterra e a Alemanha um clarão magnífico. São majestosas porque pensam. A elevação de nível que trazem à civilização é-lhes intrínseca, provêm-lhes de si mesmas, e não de um acidente. O que elas têm de engrandecimento no século XIX, não lhes brotou de Waterloo. Só os povos bárbaros têm súbitas indigestões depois de uma vitória.

É a vaidade passageira das torrentes engrossadas pela tempestade.

Os povos civilizados, sobretudo nos tempos em que estamos, não se elevam nem se rebaixam pela boa ou má fortuna de um capitão. O seu peso específico no género humano resulta de alguma coisa superior a um combate. A sua honra, a sua dignidade, luzes e génio, graças a Deus!, não são algarismos, que esses jogadores, conquistadores e heróis, possam arriscar na lotaria das batalhas. Muitas vezes uma batalha perdida é um progresso adquirido. Menos glória, mais liberdade. Cala-se o tambor, cabe a palavra à razão. É o jogo em que ganha quem perde. Falemos, pois, de Waterloo, friamente por ambos os lados. Demos ao acaso o que é do acaso e a Deus o que é de Deus. O que foi Waterloo? Uma vitória? Não. Uma partida de jogo. Jogo ganho pela Europa e pago pela França.

Não valia muito a pena de colocar ali um leão.

Quanto ao resto, Waterloo é o mais extraordinário encontro que figura na

história. Napoleão e Wellington. Não eram dois inimigos eram dois caracteres opostos.

Deus, que se apraz com as antíteses, nunca produziu mais frisante contraste, ou confronto mais extraordinário. De um lado a exactidão, a previsão, a geometria, a prudência, a retirada segura, as reservas poupadas, um inalterável sangue-frio, um método imperturbável que se aproveita do terreno, a táctica que equilibra os batalhões, a carnificina alinhada a cordão, a guerra dirigida de relógio na mão, coisa alguma entregue voluntariamente ao acaso, a velha coragem clássica e a correcção absoluta; do outro a intuição, a predição, a excentricidade militar, o instinto sobrenatural, a flamejante certeza da vista, o não sei quê, que olha como a águia e fere como o raio, uma arte prodígio numa impetuosidade desdenhosa, todos os mistérios de uma alma profunda, a associação com o destino; o rio, a planície, a floresta e a colina empregados, e de certo modo obrigados a obedecer, o déspota tiranizando até o campo de batalha; a fé numa estrela de envolta com a ciência estratégica, engrandecendo-a.

Wellington era o Bareme da guerra. Napoleão o seu Miguel Ângelo; e desta vez o génio foi vencido pelo cálculo.

De ambos os lados se esperava por alguém. Foi o calculista exacto o bem sucedido. Napoleão esperava Grouchy, não apareceu. Wellington esperava Blucher, não deixou de vir.

Wellington é a guerra clássica tomando a sua desforra. Bonaparte, ainda na sua aurora, encontrando-a na Itália, Abatera-a soberbamente. A velha coruja fugira diante do novel abutre. A táctica velha, fora não somente fulminada, mas escandalizada.

Quem era esse corso de vinte e seis anos, o que significava o ignorante esplêndido, que tendo tudo contra si, sem víveres, sem munições, sem artilharia, sem calçado, quase sem exército, com um punhado de homens contra enormes massas, precipitando-se sobre a Europa coligada e ganhando absurdamente vitórias impossíveis? Quem era esse recém-chegado à guerra, mostrando a arrogância de um astro? A escola académica militar excomungava-o cedendo-lhe o terreno. Daqui um implacável rancor do velho contra o novo cesarismo, do sabre correcto, contra a espada flamejante e do xadrez contra o génio.

No dia 18 de Junho de 1815, esse rancor soltou a sua última expressão, e por baixo de Lodi, de Montebelo, de Montenotte, de Mantua, de Marengo e de Arcole, escreveu Waterloo.

Triunfo dos medíocres, agradável às maiorias. O destino consentiu esta ironia.

Napoleão, na decadência, encontrou diante de si Wurmser moço.

Com efeito, para se ter Wurmser, basta embranquecer os cabelos de Wellington.

Waterloo é uma batalha de primeira ordem, ganha por um general de segunda. O que é indispensável admirar na batalha de Waterloo, é a Inglaterra; é a firmeza, a resolução e o sangue inglês; o que a Inglaterra ali tem de soberbo, não lhe desagrada, é ela mesma. Não é o seu capitão, é o seu exército. Wellington, extravagantemente ingrato, declara numa carta a lord Bathurst que o seu exército que combateu no dia 18 de Junho de 1815, «era detestável».

O que pensará disto a sombria acumulação de ossadas no solo de Waterloo?

A Inglaterra foi demasiadamente modesta em presença de Wellington. Fazer Wellington tão grande, é tornar a Inglaterra pequena, Wellington não é mais do que um herói como qualquer outro.

Os escoceses pardos, as guardas a cavalo, os regimentos de Maitland e de Mitchell, a infantaria de Pack e Kempt, a cavalaria de Ponsomby e de Somerset, os Highlanders, tocando a gaita de foles debaixo da metralha, os batalhões de Rylandt, os recrutas completamente novatos, que sabiam apenas o manejo da arma resistindo aos velhos corpos de Essling e de Rivoli, eis o que é grande.

Wellington mostrou-se tenaz, foi esse o seu mérito, não lho contestamos, mas o último dos seus peões ou dos seus cavaleiros mostrou-se tão firme como ele.

O *iron* soldado valeu bem o *iron* duque. Quanto a nós, dirigimos toda a nossa glorificação ao soldado inglês, ao exército inglês e ao povo inglês.

Se há trofeu pertence à Inglaterra. A coluna de Waterloo seria mais justa, se em vez da figura de um homem, sustentasse entre as nuvens a estátua de um povo. Mas essa grande Inglaterra irritar-se-á, decerto, com o que aqui dizemos. Depois do seu 1688 e do nosso 1789, conserva ainda a sua ilusão feudal. A Inglaterra crê na hereditariedade e na hierarquia.

Esse povo, que nenhum outro ultrapassa em poder e glória, estima-se como nação, e não como povo. Enquanto povo, subordina-se voluntariamente e toma um lord por uma cabeça. Workman deixa-se açoitar. Todos se recordam da batalha de Inkermann, onde um sargento, que, segundo parece, salvara o exército, não pôde ser mencionado por lord Raglan, porque a hierarquia militar inglesa não permite que se faça menção alguma de qualquer herói, que não seja oficial, ao menos subalterno.

O que admirámos acima de tudo, num conflito do género do de Waterloo, é

a prodigiosa habilidade do acaso.

Chuva nocturna, muro de Hougomont, azinhaga de Ohain, Grouchy surdo à artilharia, Napoleão enganado pelo guia, Boulow esclarecido pelo seu; todo este cataclismo é admiravelmente conduzido.

Em conclusão, digamo-lo: em Waterloo houve mais carnificina do que batalha.

Waterloo é, de todas as batalhas campais, a que apresentou mais limitada frente com tal número de combatentes.

Napoleão, três quartos de légua, Wellington, meia légua; de cada lado setenta e dois mil combatentes; foi de tão grande espessura que proveio a mortandade.

Fez-se este cálculo e estabeleceu-se esta proporção, sobre a perda de homens: Em Austerlitz, franceses, catorze por cento; russos, trinta por cento, austríacos, quarenta e quatro por cento.

Em Wagram, franceses, treze por cento; austríacos catorze.

Na Moskow, franceses, trinta e sete por cento; russos quarenta e quatro por cento.

Em Bautzen, franceses, treze por cento; russos e prussianos, catorze por cento.

Em Waterloo, franceses, cinquenta e seis por cento; aliados trinta e um por cento.

Total em Waterloo, quarenta e um por cento.

Cento e quarenta e quatro mil combatentes; sessenta mil mortos.

O campo de Waterloo apresenta hoje o sossego peculiar à terra, impassível sustentáculo do homem, e assemelha-se a todas as planícies.

Contudo, durante a noite, destaca-se dele uma espécie de nevoeiro fantástico, e se algum viajante que por ali passa, olha, escuta e sonha como Virgílio nas funestas planícies de Philippes, é atacado pela alucinação da catástrofe.

O medonho 18 de Junho revive; a falsa colina monumento desaparece, esse leão qualquer dissipa-se, o campo da batalha volta à realidade, linhas de infantaria ondulam na planície, galopes furiosos atravessam o horizonte; o sonhador assustado chega a ver o relampejar dos sabres, o cintilar das baionetas, o flamejar das bombas, o monstruoso cruzar do trovão, qual estertor saído de um túmulo, o clamor vago da batalha-fantasma; essas sombras, são os granadeiros; esses clarões são os couraceiros; esse esqueleto é Napoleão, esse outro esqueleto é Wellington; nada disto existe já, e tudo se embate e combate ainda; os barrancos tingem-se de púrpura, as árvores estremecem, a poeira chega até às nuvens, e nas trevas, todas as ferozes

elevações, Mont-Saint-Jean, Hougomont, Frischemont, Papelotte e Plencenoit, aparecem coroadas por turbilhões de espectros exterminando-se.

XVII — Deve achar-se que Waterloo foi bom?

Existe uma escola liberal assaz respeitável que não odeia Waterloo. Não pertencemos a ela. Para nós, Waterloo não é mais do que a data estupefacta da liberdade. Que uma tal águia saia de semelhante ovo, é, sem dúvida, uma coisa imprevista.

Waterloo, examinando-se do ponto culminante da questão, é intencionalmente uma vitória contra-revolucionária. É a Europa contra a França, Petersburgo, Berlim e Viena contra Paris. Paris, é o *statu quo* contra a iniciativa, é o 14 de Julho de 1789, atacado através de 20 de Março de 1815, é o «toca a postos» das monarquias contra a indomável sublevação francesa. Aniquilar, enfim, este grande povo, cuja erupção durava havia vinte e seis anos, era o grande sonho Solidariedade dos Brunswick, dos Nassau, dos Romanoff, Hohenzollern e Habsburgs com os Bourbons.

Waterloo conduz pela mão o direito divino. É verdade que tendo o império sido despótico, devia a realeza, pela reacção das coisas, ser forçosamente liberal, e que Waterloo, ainda que contra a vontade e com grande pesar dos vencedores, saiu uma ordem de coisas constitucional. É que a revolução não pode ser verdadeiramente vencida e que, sendo providencial e absolutamente fatal, reaparece sempre, antes de Waterloo, em Bonaparte derribando os velhos tronos, depois de Waterloo, em Luís XVIII, outorgando e sofrendo a carta. Bonaparte põe um postilhão sobre o trono de Nápoles e um sargento sobre o da Suécia, querendo provar a igualdade. Luís XVIII, em Saint Ouen, assina em contrário a declaração dos direitos do homem. Quereis explicar-vos o que é a revolução, chamai-lhe progresso; quereis saber o que é o progresso, chamai-lhe Amanhã. Amanhã leva irresistivelmente a cabo a obra começada hoje. É extraordinário, mas nunca deixa de chegar ao seu fim. Emprega Wellington em fazer de Foy, que não era mais do que um soldado, um orador Foy cai em Hougomout e ergue-se na tribuna. É assim que procede o progresso. Para um tal operário não há ferramenta má. Adapta ao seu trabalho divino, sem se perturbar, o homem, que galgou os Alpes, e o bom velho e doente Eliseu. Serve-se tanto do gotoso como do conquistador; deste no exterior, do primeiro no interior.

Waterloo, obstando por uma vez a demolição dos tronos europeus pela espada, não teve por efeito senão continuar o trabalho revolucionário por outro lado. Os acutiladores acabaram: chegou a vez aos pensadores. O século que Waterloo pretendia fazer parar, passou-lhe por cima e continuou o seu caminho. Esta sinistra vitória foi vencida pela liberdade.

Em suma, e incontestavelmente, o que triunfava em Waterloo, o que se sorria por trás de Wellington, o que lhe dava todos os bastões de marechal da Europa, compreendendo, segundo dizem, o marechal de França, o que fazia rolar alegremente as carretas de terra cheias de ossadas para elevar o cabeço do leão, o que triunfantemente escrevia sobre o pedestal a data: 18 de Junho de 1815, o que animava Blucher a acutilar a derrota, o que do alto da planície de Mont-Saint-Jean se debruçava sobre a França como sobre uma presa, era a contra-revolução.

Era a contra-revolução que murmurava a infame palavra: desmoronamento.

Chegada a Paris viu a cratera de perto, sentiu que a cinza lhe queimava os pés e modificou-se. Segurou-se, balbuciando uma Carta.

Não vejamos em Waterloo senão o que ele foi. De liberdade intencional, nada. A contra-revolução era involuntariamente liberal, do mesmo modo que, por um fenómeno correspondente, Napoleão era revolucionário. O dia 18 de Junho de 1815 apeou Robespierre do cavalo em que montava.

XVIII — Recrudescência do direito divino

Terminando a ditadura, desmoronou-se um sistema completo da Europa.

O império ocultou-se numa sombra que se assemelhou à do mundo romano agonizante. Tornou a ver-se o abismo como no tempo dos bárbaros Somente a barbárie de 1815, a que é necessário nomear pelo seu nome próprio, contra-revolução, tinha pouco fôlego, cansou depressa e parou repentinamente. O império foi, confessemo-lo, chorado por olhos heróicos. Se a glória reside na espada feita ceptro, o império fora a própria glória. Derramara sobre a terra toda a luz que a tirania pode dar, luz sombria.

Digamos mais; luz escura. Comparada com a do dia, é trevas. Esta desaparição da noite produziu o efeito de um eclipse.

Luís XVIII voltou a Paris. As danças de 8 de Julho apagaram os entusiasmos de 20 de Março. O corso tornou-se a antítese do bearnês. Nas Tulherias flutuou a bandeira branca. O desterro entronizou-se. A mesa de abeto de Hartwel tomou lugar diante da poltrona ornada de flores de lis de Luís XVIII Falou-se de Bouvines e de Fontenoy, como casos da véspera, porque Austerlitz envelhecera O altar e o trono fraternizaram majestosamente. Uma das formas mais incontestáveis da salvação da sociedade no século XIX, estabeleceu-se na França e no continente A Europa adoptou o laço branco.

Trestaillon tornou-se célebre. A divisa *non pluribus impar* reapareceu nos raios da pedra que figuravam um sol na fachada do quartel do cais do Orsay, Onde tinha havido uma guarda imperial passou a haver uma casa vermelha. O arco do Carrousel, todo carregado de vitórias mal conduzidas, não se

reconheceu no meio de tantas novidades: e um pouco envergonhado, talvez, de Marengo e de Arcole, tirou-se do aperto com a estátua do duque de Angoulême. O cemitério da Madalena, temível vala comum de 93, cobriu-se de mármore e de jaspe, porque se encontravam nele os ossos de Luís XVI e de Maria Antonieta. No fosso de Vincennes surgiu da terra um cipreste sepulcral, recordando que o duque de Enghien fora morto no mesmo dia em que Napoleão fora coroado. Pio VII, que fizera esta sagração tão próxima daquela morte, abençoou tranquilamente a queda como abençoara a elevação. Houve em Schoenbrunn uma pequena sombra, de quatro anos de idade, a quem se tornou sedicioso chamar rei de Roma. E todas estas coisas se fizeram, os reis voltaram aos seus tronos e o senhor da Europa foi metido numa gaiola, o antigo regime tornou-se novo, e toda a sombra e toda a luz da terra mudou de lugar, porque na tarde de um dia de Verão houve um pastor que, num bosque, disse a um prussiano: «Vá por aqui e não por ali»

Aquele 1815 foi uma espécie de tristonho Abril. As velhas realidades mórbidas e venenosas revestiram-se de aparências novas A mentira desposou 1789 e o direito divino mascarou-se com uma Carta, as ficções tornaram-se constitucionais, os preconceitos, as superstições e as traições, com o art.º 14.º no coração, envernizaram-se de liberalismo. Mudança de pele das serpentes.

O homem fora ao mesmo tempo engrandecido e deprimido por Napoleão. O ideal, sob o reinado da matéria esplêndida, recebeu o nome extraordinário de ideologia. Grave imprudência dum grande homem, escarnecer do futuro Todavia, os povos, esse alimento da artilharia tão apaixonado do artilheiro, procuravam-no com os olhos. Onde estará ele? O que fazia?

— Napoleão morreu —, dizia um transeunte a um inválido de Marengo e Waterloo.

— Morto, ele! — exclamou o soldado. — Conhecia-o bem!

As imaginações edificavam o homem esmagado.

O futuro da Europa, depois de Waterloo, foi tenebroso; sentiu-se nela por muito tempo, um enorme vácuo com o desaparecimento de Napoleão.

Os reis colocaram-se neste vácuo. A velha Europa aproveitou-se disso para se reformar, e operou-se nela uma Santa Aliança. Bela Aliança, dissera antecipadamente o campo fatal de Waterloo.

Em presença e na frente desta antiga Europa recomposta, esboçaram-se os contornos duma França nova. O futuro, escarnecido pelo imperador, teve o seu momento de entrada, e trazia na fronte a estrela da Liberdade. Os olhos ardentes das gerações novas voltaram-se para ele. Coisa singular: apaixonaram-se ao mesmo tempo pela futura Liberdade e pelo passado Napoleão. A derrota engrandecera o vencido, Bonaparte por terra pareceu

mais alto do que Napoleão de pé.

Os que tinham triunfado, sentiram medo. A Inglaterra mandou-o guardar por Hudson Lowe, e a França mandou-o espreitar por Montchenu. Os seus braços cruzados tornaram-se a inquietação dos tronos. Alexandre denominava-o sua insónia. Este susto provinha da quantidade de revolução que ele continha em si; e é isto que explica e desculpa o liberalismo bonapartista. Aquele fantasma fazia tremer o velho mundo.

Os reis não puderam reinar à sua vontade com o rochedo de Santa Helena no horizonte.

Enquanto Napoleão agonizava em Longwood, apodreceram tranquilamente os sessenta mil homens caídos no campo de Waterloo, e espalhou-se pelo mundo o que quer que era da paz que eles gozavam. O congresso de Viena assegurou os tratados dessa paz em 1815 e a Europa chamou a isso Restauração.

Eis o que é Waterloo.

Mas, que importa isto ao infinito? Toda essa tempestade, a guerra, a paz, toda essa grande sombra, não perturbou um momento a luz do olho imenso, em cuja presença o pulgão saltando de um a outro raminho de ervas iguala a águia voando de um a outro campanário nas torres de Nossa Senhora.

XIX — O campo de batalha durante a noite

Voltemos a esse fatal campo de batalha, que assim o exige o contexto deste livro.

O clarão da Lua, que no dia 18 de Junho de 1815 era cheia, favoreceu a perseguição feroz de Blucher sobre os fugitivos, cujo rasto denunciava, e auxiliou a carnificina, entregando aquela desastrosa multidão ao encarniçamento da cavalaria prussiana. A noite tem às vezes nas catástrofes destas complacências trágicas.

Após o troar do último tiro de peça, ficou deserta a planura do Mont-Saint-Jean.

Os ingleses ocuparam o acampamento dos franceses. É a prova habitual da vitória deitar-se o vencedor no leito do vencido. Os ingleses acamparam para além de Rossomme, avançaram os prussianos em perseguição dos vencidos Quanto a Willington, dirigiu-se para a aldeia de Waterloo para redigir o seu relatório a lord Bathurst.

Se o *sic vos non vobis* alguma vez foi aplicável, é seguramente à ideia de Waterloo.

Waterloo, que nada fez, que fica a meia légua do lugar da acção, que não cooperou na batalha, foi a que ficou com as honras dela. O Mont-Saint-Jean, que foi bombardeado, Hougomont, que foi incendiado, Papellote, que ficou

reduzido a cinzas, Plancenoit, que foi destruído pelo fogo, Haie-Sainte, que foi tomada de assalto, Belle Alliance, que viu o abraço dos dois vencedores, essas ficaram no esquecimento; mal se sabem os nomes desses lugares.

Nós não somos dos que lisonjeiam a guerra. A guerra tem belezas terríveis que não temos ocultado, mas convimos também em que tem feios aspectos. Um dos mais surpreendentes é a prontidão no despojar dos mortos após a vitória. A aurora que se segue a uma batalha reflecte sempre os seus clarões sobre um montão de cadáveres nus.

Quem faz isto? Quem mancha assim o triunfo? Que mão abjecta é a que furtivamente se intromete no bolso da vitória? Quem são esses ratoneiros que se escondem por trás da glória para praticar a salvo os seus delitos?

Afirmam alguns filósofos, e entre outros Voltaire, que são exactamente os que fizeram a glória. São os mesmos, dizem eles, não há troca nenhuma; os que ficam em pé saqueiam os que jazem por terra. O herói do dia torna-se o vampiro da noite Afinal de contas, o que é autor de um cadáver tem o seu tanto de direito para o roubar. Nós, porém, não o julgamos assim. Colher louros e roubar os sapatos de um morto parece uma coisa impossível para a mesma mão.

O que é certo é que de ordinário, após os vencedores, vêm os ladrões. Ponhamos, porém, fora da questão o soldado, principalmente o soldado contemporâneo.

Todo o exército tem uma cauda, e é isso o que devemos acusar. Entes morcegos, meio salteadores, meio criados, todas as qualidades de vespertílio, engendradas por esse crepúsculo chamado a guerra, gente que traz farda, mas que não combate, doentes fingidos, estropiados temíveis, taberneiros de contrabando, trotando, às vezes com as mulheres, em cima de pequenos carros e roubando o que tornam a vender, mendigos que se oferecem por guias aos oficiais, moços de soldados, desertores, tudo isto acarretava outrora um exército em marcha não falamos do tempo presente de modo que a língua especial chamava-lhes «a gente de bagagem».

Nenhum exército, nem nação, alguma, era responsável por esses entes, que falavam italiano e seguiam os alemães, que falavam francês e seguiam os ingleses. Foi por um desses miseráveis, que era espanhol, mas que falava francês, que o marquês de Fervacques, enganado pela sua algaravia picarda, e tomando-o por um dos nossos, foi morto como traidor e roubado no próprio campo de batalha, na noite que se seguiu à vitória de Cérisolles.

Da pilhagem nascia o ladrão. Produzia esta lepra, só curável por uma grande disciplina, a detestável máxima: viver do inimigo. Famas há que enganam, nem sempre se sabe porque foram tão populares certos generais,

aliás grandes. Turenne era adorado pelos seus soldados, porque tolerava a pilhagem; a permissão do mal faz parte da bondade; a tal ponto chegava a bondade daquele general, que deixou passar o Palatinado a ferro e fogo. Na retaguarda dos exércitos viam-se sempre mais ou menos destes desbragados gatunos, consoante a maior ou menor severidade dos chefes.

Hoche e Marceau não traziam atrás de si nem um só dos denominados «soldados da bagagem»; Wellington, de boamente lhe fazemos essa justiça, trazia-os, mas em pequeno número.

Contudo, na noite de 18 para 19 de Junho, os mortos de Waterloo foram despejados. Não obstou a isto a rigidez de Wellington. Havia ordem de passar pelas armas todo o que fosse apanhado em flagrante delito; a rapina, porém, é tenaz. Enquanto num canto do campo de batalha fuzilavam os gatunos colhidos na sua habitual tarefa, os outros roubavam o outro canto.

Pela meia-noite, vagueava, ou antes, rastejava, um homem do lado da azinhaga de Ohain. Era, segundo todas as aparências, um dos que nós acabamos de caracterizar, nem inglês, nem francês, nem aldeão, nem soldado, com mais de corvo do que de homem, atraído pelo faro dos mortos, tendo por vitória o roubo, vindo a Waterloo para despojar os cadáveres. Trazia vestida uma blusa com semelhanças de capote, e parecia ao mesmo tempo inquieto e audaz, pois caminhava sempre para diante e olhava de vez em quando para trás. Que homem era aquele? Sabia talvez mais a noite a seu respeito do que o dia. Verdade é que não trazia saco, mas é certo que eram desmesuradamente grandes os bolsos do seu capote. De tempos a tempos, parava, examinava a planície em derredor como para ver se alguém o observava, curvava-se rápido, mexia em alguma coisa que jazia silenciosa e imóvel no chão, endireitava e prosseguia o seu caminho com o mesmo ar de quem se esquiva a ser visto. O modo como ele deslizava quase imperceptível nas sombras, as suas atitudes o seu gesto rápido e misterioso, assemelhavam-no a essas larvas crepusculares, que povoam as ruínas, chamadas pelas antigas lendas normandas os «Divagadores».

Esvoaçam nos pântanos certas aves noctívagas, que apresentam o mesmo perfil daquele homem, visto por entre a obscuridade da noite.

Quem atentamente sondasse com os olhos a cerração que encobria os objectos, notaria, parado, a alguma distância, e como que oculto por trás da choupana situada na margem da estrada de Nivelles, que faz esquina para a estrada do Mont-Saint-Jean a Braine-l'Alleud, um pequeno carro de vivandeiro com um coberto de vime embreado, puxado por um esfaimado sendeiro, que mesmo por entre o freio ia roendo as urtigas a que podia chegar com a língua, e em cima desse carro uma mulher sentada no meio de algumas caixas e

embrulhos. Talvez entre esta carroça e aquele vagabundo existisse algum laço.

Era serena a obscuridade. Nem uma nuvem no zénith. Que importa à luz que a terra esteja vermelha? Vê-la-eis sempre branca. É isto o que podemos chamar as indiferenças do céu. Agitados pelo vento da noite, balouçavam levemente nos prados os ramos das árvores quebrados pelas balas, mas não caídos por terra e retidos pela casca. Uma ligeira viração, um como hálito agitava a ramagem das árvores, a folhagem das plantas silvestres. Diríeis, ao ver o estremecer dos arbustos, que eram almas partindo dos corpos para uma região desconhecida.

Ao longe ouvia-se vagamente o passo cadenciado das patrulhas, indo e vindo, e o das rondas do acampamento inglês.

Hougomont e Haie-Sainte continuavam a arder, formando, uma a oeste, outra a este, duas grandes colunas de chamas, às quais se vinha prender, como um colar de rubis desatado, com dois carbúnculos nas extremidades, o cordão de fogueiras do acampamento inglês, estendendo-se num semicírculo imenso sobre as colinas do horizonte.

Nós já vos narrámos a catástrofe da azinhaga Qhain, Confrange-se o coração de terror só em pensar no modo como ali acabaram irremissivelmente tantos bravos.

Se no mundo há coisa que aterre, se existe uma realidade que exceda as ficções de um sonho, é decerto isto: viver, ver o Sol, estar em plena posse da força viril, ter a saúde e a alegria, rir com desassombro, correr após uma glória que temos diante de nós e nos incita com o seu deslumbramento, sentir no peito um pulmão que respira, um coração que pulsa, uma vontade que raciocina; falar, esperar, pensar, amar; ter mãe, mulher e filhos, possuir a luz, de súbito, em menos de um minuto, em menos tempo do que o necessário para soltar um grito, resvalar num abismo, cair, rolar, esmagar, ser esmagado; ver espigas de trigo, flores, folhas e ramos, sem poder deitar a mão a nada, sem poder cravar as unhas na aresta do precipício, vendo inútil a espada, sentindo por baixo de si o peso dos homens e por cima o dos cavalos, debater-se em vão com os ossos quebrados por algum choque imprevisto nas trevas, sentir um calcanhar que vos deita os olhos fora, morder com raiva as ferraduras dos cavalos, sufocar, uivar, contorcer-se, sentir-se enterrado e dizer: «Ainda há pouco eu era um vivo!»

Porém agora tudo era silêncio naquele lugar nefasto, onde as vítimas de tão lamentoso desastre fizeram ouvir o estertor da sua inconcebível angústia. A azinhaga extravasava de cavalos e cavaleiros, inextricavelmente amontoados, confundidos, emaranhados. Terrível emaranhamento! As ribanceiras do caminho desapareciam debaixo daquele montão de cadáveres que nivelava a

azinhaga com a planície, rasando a aresta da ribanceira, como um alqueire de cevada bem medido. Um montão de mortos por cima, um rio de sangue em baixo, eis o que era aquele caminho na noite que se seguiu ao dia 18 de Junho de 1815 Corria o sangue até à calçada de Nivelles, onde se espraiava num largo pântano, em frente da trincheira de troncos de árvores que obstruía a estrada, no local que ainda hoje ali se mostra. Foi na parte oposta, como lembrados estarão, que teve lugar a derrota dos couraceiros. A espessura dos cadáveres era proporcional à profundidade da azinhaga. Quase no meio, porém, no sítio onde ela se tornava plana, e por onde passara a divisão de Delord, a camada dos mortos era mais delgada.

Para esse lado, pois, se dirigia o vagabundo que acabamos de fazer entrever ao leitor, esquadrinhando aquele túmulo imenso, circunvagando a vista para todos os lados, passando uma como medonha revista a todos aqueles mortos, caminhando com os pés metidos no sangue dos vencidos e dos vencedores

De repente parou.

A alguns passos na sua frente, no lugar em que terminava o montão de cadáveres que atulhavam a azinhaga, saía de sob aquela pilha enorme de homens e de cavalos uma mão aberta, em que batia o reflexo da lua, iluminando um objecto que, pelo seu brilho, se conhecia ser um anel de ouro.

O homem curvou-se, esteve um momento de cócoras, e, quando se levantou, aquela mão de finado estava despojada do anel.

Não dissemos bem; ele propriamente não se levantou, ficou numa atitude semelhante à do veado que a perseguição da matilha gela de susto, com as costas voltadas para o montão dos mortos, de joelhos, perscrutando o horizonte, fincando-se no chão com o índex de ambas as mãos e de cabeça levantada, espreitando por cima da ribanceira da azinhaga Acções há para as quais é preciso ter as quatro pernas do chacal.

Depois levantou-se, como quem tinha tomado a sua resolução.

Neste momento, porém, estremeceu, ao sentir-se agarrado pelo lado de trás e voltou-se.

Era a mão aberta que se tinha fechado, apertando-lhe a aba do capote que o cobria.

Um homem honrado gelaria de susto; aquele, porém, desatou a rir.

— Ora! — disse ele. — Cuidei que era outra coisa, e ele é só o morto! Antes me quero com uma alma do outro mundo do que com um *gendarme*!

Aquela mão, porém, desfaleceu e largou-o. Acaba rápido o esforço do túmulo.

— E esta! — tornou o vagabundo. — Não querem ver que o diabo do morto

está vivo?

Sempre vamos a ver.

Curvou-se outra vez, procurou entre o montão, desviando o que lhe servia de obstáculo, pegou na mão do moribundo, agarrou-o pelo braço, livrou-lhe a cabeça, puxou o corpo para fora, e daí a alguns instantes arrastava por entre as sombras da azinhaga um homem inanimado, pelo menos desmaiado. Era um couraceiro, um oficial, mas oficial de certa graduação, debaixo de cuja couraça saía uma grande dragona dourada, mas que não tinha capacete. No rosto divisava-se-lhe uma grande cutilada, que lho banhava todo em sangue. Contudo, parecia que não tinha membro algum fracturado, porque os mortos, por algum feliz acaso, se tal palavra aqui podemos empregar, haviam formado arco por cima dele, impedindo-o assim de ser esmagado. Os olhos tinha-os fechados.

O vagabundo, ao ver-lhe ao peito a cruz de prata da Legião de Honra, arrancou-lha, e a cruz desapareceu num dos abismos que se abriam por baixo do seu capote.

Após isto, apalpou-lhe o bolso da farda e tirou-lhe um relógio que lhe sentiu. Em seguida vasculhou-lhe os bolsos do colete e empolgou-lhe uma bolsa que neles encontrou.

Nesta fase, porém, dos socorros que ele dispensava ao moribundo, o oficial abriu os olhos e disse com voz enfraquecida:

— Obrigado.

A precipitação dos movimentos do homem que lhe passava revista geral aos bolsos, a frescura da noite e a respiração do ar livre, tinham-no arrancado ao estado de letargia em que se achava quando o vagabundo dera com ele.

Este, porém, em vez de responder, levantou a cabeça. Ouvia-se na planície um rumor de passos, talvez os de alguma patrulha que se aproximava.

O oficial murmurou, pois ainda havia na sua voz alguma coisa da agonia:

— Quem ganhou a batalha?

— Os ingleses — respondeu o vagabundo.

O oficial tornou:

— Procure-me nos bolsos, que há-de encontrar uma bolsa e um relógio, e pegue neles.

Isto já estava feito, porém o vagabundo fez que executou a ordem do moribundo e disse:

— Não está cá nada.

— Então roubaram-me — replicou o oficial. — Pois tenho pena, que lhe queria dar tudo.

A este tempo, os passos da patrulha tornavam-se cada vez mais distintos.

— Vem aí gente — disse o vagabundo, fazendo o gesto de quem se retira.

O oficial, porém, reteve-o, levantando o braço a custo.

— Devo-lhe a vida. Quem é o senhor?

O vagabundo respondeu com rapidez e em voz baixa:

— Eu era também do exército francês como o senhor. Não tenho, porém, remédio senão deixá-lo, porque, se me agarram, fuzilam-me. Salvei-lhe a vida, agora o resto arranje-o o senhor como puder.

— Que posto tem?

— O de sargento.

— Como se chama?

— Thenardier.

— Nunca hei-de esquecer esse nome — disse o oficial. — Recorde-se sempre do meu. Chamo-me Pontmercy.

LIVRO SEGUNDO — A NAU «ORION»

I — O número 24.601 torna-se o 9.430

Jean Valjean fora novamente preso.

Passando sobre alguns pormenores dolorosos, transcrevemos duas notícias publicadas pelos jornais da época, poucos meses depois dos surpreendentes acontecimentos ocorridos em Montreuil-sur-mer.

Essas notícias são um tanto sumárias. Porque, como se sabe, naquele tempo não havia ainda a *Gazeta dos Tribunais*.

A primeira extraímo-la da *Bandeira Branca*, de 25 de Julho de 1823, e é assim concebida:

> Acaba de ser teatro de um acontecimento pouco vulgar um dos distritos do Pas-de-Calais. Um homem desconhecido na província, chamado Madelaine, tinha restabelecido, havia alguns anos, graças a novos inventos, uma antiga indústria local: o fabrico de vidrilhos pretos.
>
> Este homem, que fizera com isto a sua fortuna, e, digamos em abono da verdade, a daquela localidade também, foi nomeado *maire*, em reconhecimento dos seus valiosos serviços. A polícia, porém, descobriu que Madelaine era nem mais nem menos do que um antigo forçado chamado Jean Valjean, saído das galés e condenado em 1796 por crime de roubo; e como tal foi novamente posto a ferros. Parece que, antes da sua prisão, Jean Valjean conseguira receber do senhor Laffite, em cujo poder se achava, uma quantia superior a meio milhão que, todavia, segundo dizem, fora por ele licitamente ganha no ramo de comércio a que se dedicava. Não tem, porém, sido possível saber-se onde Jean Valjean escondeu esse dinheiro quando tornou a dar entrada nas galés.

A segunda notícia, mais circunstanciada do que a precedente, é extraída do *Jornal de Paris* da mesma data e diz o seguinte:

> Acaba de comparecer perante o tribunal criminal do Var um antigo forçado livre, chamado Jean Valjean, facto que, pelas circunstâncias que o revestem, se torna digno de chamar a atenção. Este celerado, que chegara a enganar a polícia, mudando de nome e adoptando outro, a coberto do qual chegou a conseguir ser nomeado maire de uma das nossas vilas do norte, onde estabelecera um comércio bastante considerável, acaba de ser enfim desmascarado e preso, graças ao infatigável zelo do ministério público.
>
> Vivia com uma rapariga de má vida, que morreu de susto na ocasião em que o prenderam. Este miserável, que é dotado de uma força hercúlea, achou meio de evadir-se, mas, três ou quatro dias depois da sua evasão, a polícia conseguiu deitar-lhe de novo a mão, mesmo em Paris, na ocasião em que ele ia a subir para uma dessas carruagens que transitam entre a capital e a aldeia de Montfermeil-sur-Oise. Dizem que ele aproveitara o intervalo destes três ou quatro dias de liberdade para tirar do poder de um dos nossos principais banqueiros uma quantia considerável, que lhe havia entregue em depósito, e que é avaliada em seiscentos ou setecentos mil francos. A julgar pelo auto de acusação, o antigo forçado escondeu essa soma em algum lugar só dele conhecido, onde tem sido impossível dar com ela; seja como for, porém, o tal Jean Valjean acaba de ser entregue ao juiz criminal do departamento do Var, como salteador de estrada acusado de um roubo, acompanhado de violência, que há oito anos, pouco mais ou menos, cometeu contra a pessoa de um desses honrados moços, que como disse o patriarca de Ferney em versos imortais:
>
> ...de Sabóia anualmente chegam,
> E cujas mãos com ligeireza limpam
> As altas chaminés que o fumo suja.

O bandido, apesar da sua prodigiosa força, não opôs resistência aos agentes de polícia. Segundo o hábil e eloquente órgão do ministério público, provou-se que o roubo foi praticado de cumplicidade e que Jean Valjean fazia parte de uma quadrilha de salteadores que infestava o Meio-Dia. Em consequência disto, Jean Valjean, reconhecido criminoso, foi condenado à pena de morte e recusou apelar da sentença. O rei, porém, na sua inesgotável clemência, dignou-se comutar-lhe a pena de morte, que lhe fora infligida, na de trabalhos forçados por toda a vida, e, em virtude da régia resolução, Jean Valjean foi imediatamente remetido para as galés de Toulon.

Jean Valjean, quando residente em Montreuil-sur-mer, possuía hábitos religiosos, que em alguns actos da sua vida tivera ocasião de patentear. Isto, pois, deu lugar a que alguns jornais apresentassem esta comutação como um triunfo do partido clerical.

Jean Valjean mudou de número nas galés. De 24.601, que era da primeira vez que ali estivera, passou para 9.430.

Quanto ao mais, digamo-lo por uma vez, com Madelaine desapareceu a prosperidade de Montreuil-sur-mer, tudo o que ele previra na sua noite de febre e de hesitação se realizou. Faltara-lhe ele, faltara-lhe a alma efectivamente. Após a sua queda, operou-se em Montreuil-sur-mer essa partilha egoísta das grandes existências caídas, esse desmembramento fatal das coisas florescentes, que todos os dias obscuramente se dá na comunidade humana, e de que a história uma só vez fez menção por ter acontecido após a morte de Alexandre. Os tenentes coroaram-se reis, os contra-mestres improvisaram-se fabricantes. As rivalidades invejosas surgiram. As vastas oficinas de Madelaine fecharam-se, os edifícios arruinaram-se, os operários dispersaram-se. Uns saíram do país, outros abandonaram a profissão. Daí em diante tudo se fez em pequena escala, com a mira no lucro, em vez de ser com a mira no bem. Descentralizou-se o comércio, estabeleceu-se por toda a parte a concorrência e o encarniçamento com que uns pretendiam suplantar os outros.

Madelaine dominava e dirigia tudo. Com a sua queda, cada qual puxou para o seu lado; ao espírito da organização sucedeu o espírito da luta; à cordialidade, a aspereza; à benevolência do fundador para com todos, o ódio mútuo de uns contra os outros. Os fios atados por Madeleine embaraçaram-se e quebraram-se; falsificaram-se os processos; envileceram-se os produtos; matou-se a confiança; e disto, como era natural, resultou a diminuição na procura, e, por consequência, a diminuição do consumo, o abatimento dos salários, a interrupção dos trabalhos nas oficinas, a frequência sucessiva das quebras. E, afora isto, nem um centavo para os pobres. Tudo se esvaeceu.

Estas consequências fizeram sentir os seus efeitos ainda mais longe. O próprio Estado conheceu que havia algures alguém esmagado. Em menos de quatro anos após a sentença do tribunal criminal, que em benefício das galés dera por provada a identidade de Madelaine e de Jean Valjean, as despesas feitas com a percepção dos impostos no distrito de Montreuil-sur-mer duplicaram, circunstância esta que o senhor de Villèle julgou dever observar do alto da tribuna, como efectivamente notou no mês de Fevereiro de 1827.

II — Onde se lêem dois versos cujo autor é talvez o diabo

Há em Montfermeil uma velha superstição, tanto mais curiosa e preciosa, quanto uma superstição nas vizinhanças de Paris se assemelha a um aloés na Sibéria. Nós somos dos que respeitam tudo, que se apresenta no estado de planta rara.

Eis, pois, a superstição de Montfermeil: crê-se ali que o diabo escolheu, desde tempos imemoriais, a floresta, para ocultar os seus tesouros. As mulheres bem intencionadas afirmam que não é raro encontrar, no fim do dia,

nos lugares mais recônditos do bosque, um homem preto, com a figura de um carreiro ou de um lenhador, de tamancos, com uma espécie de gabão, e que se torna notável por dois grandes chavelhos na cabeça, em vez de boné ou de chapéu. Por isto deve, com efeito, reconhecer-se.

Este homem ocupa-se ordinariamente a fazer uma cova. Há três maneiras de tirar proveito deste encontro. A primeira é ir direito a ele e falar-lhe. Neste caso vê-se que o homem não é mais do que um camponês, que parece preto por ser a hora do crepúsculo, que não cava a mais pequena cova, mas que ceifa erva para as suas vacas, e que o que se tinha julgado serem chavelhos não é senão um forcado de estrumeira, que traz às costas, e cujos dentes, graças à perspectiva do fim do dia, parecem sair-lhe da cabeça. Entra-se em casa e morre-se nessa mesma semana. A segunda maneira, consiste em observá-lo, esperar que ele tenha aberto a cova, que a tenha fechado, e que se haja depois afastado; em seguida, correr direito a ela, abri-la e tirar o tesouro, que o homem preto ali depositou necessariamente.

Quem assim fizer morre nesse mesmo mês. A terceira, enfim, consiste em não falar ao homem preto não olhar para ele, e fugir a sete pés. O que assim proceder ainda vive até ao fim do ano.

Como estas três maneiras têm todas os seus inconvenientes, a segunda, que oferece pelo menos algumas vantagens, e outras a da posse do tesouro, ainda que não seja senão por um mês, é a mais geralmente adoptada. Os atrevidos que não resistem a qualquer género de tentação, têm, pois, por muitas vezes, segundo se afirma, reaberto as covas feitas pelo homem preto e tentado roubar o diabo. Parece que a operação é pouco de convidar. Pelo menos, dando-se crédito à tradição, e particularmente a dois versos enigmáticos em latim bárbaro que foram, a este respeito, legados por um mau frade normando, um tanto feiticeiro, chamado Tryphon. Este Tryphon está sepultado na abadia de S. Jorge de Bochervile, próximo de Rouen; sobre a sua sepultura nascem sapos.

Empregam-se esforços extraordinários, porque estas covas são ordinariamente muito fundas, sua-se, cava-se, trabalha-se toda a noite, pois é de noite que isto tem lugar, o ousado cavador nocturno sente a camisa alagada em suor, queima-se uma vela, enche-se de bocas uma enxada, e quando enfim se chega ao fundo da cova, quando se põe a mão no tesouro, o que se encontra?

O que é o tesouro do diabo? Um soldo ou quando muito um escudo, uma pedra, um esqueleto, um cadáver ensanguentado, muitas vezes um espectro dobrado em quatro como uma folha de papel numa carteira; e mesmo não é raro achar nada. É isto o que parece anunciarem aos curiosos indiscretos os

versos de Tryphon:

Fodit, et in fossa thesauros, condit opaca.
As nammas, lapides, cadaver, simulacra, nihilque.
«Cava e nas sombras um tesouro oculta
Da escura cova; um asse, algumas pedras,
Moedas, esqueletos; um cadáver,
Às vezes tudo isto, outra vez nada.»

Nos nossos dias parece que também se encontra nestas covas ora um polvorinho com balas, ora um baralho de cartas velho e ensebado, que de certo serviu ao diabo.

Tryphon não regista estes dois achados, mas deve-se atender a que Tryphon vivia no século XII e que parece que o diabo não teve a habilidade de inventar a pólvora antes de Rogério Bacon, nem as cartas antes de Carlos VI.

Quem jogar, porém, com estas cartas pode de antemão ter a certeza de que perderá tudo quanto possuir, e, quanto à pólvora do polvorinho, esta tem a propriedade de vos fazer rebentar a vossa espingarda na cara.

Ora pouco tempo depois da ocasião em que ao ministério público pareceu que o forçado solto Jean Valjean, na sua evasão de alguns dias, vagueara em torno de Montfermeil, notou-se na mesma aldeia que um velho chamado Boulatruelle, de profissão cantoneiro, fazia as suas «idas» para o bosque. Acreditava-se na terra que o tal Boulatruelle já tinha estado nas galés, pelo que andava sob a vigilância da polícia, e como, em razão daquele facto, não achava ninguém que quisesse dar-lhe que fazer, empregava-o a administração como cantoneiro do ramal de Gagny a Lagny, à conta de pouco salário.

Boulatruelle era um homem mal visto da gente da terra, mas respeitoso, humilde e sempre pronto em tirar o seu boné a toda a gente, tremendo e sorrindo em presença dos gendarmes, filiado talvez em alguma quadrilha, segundo se dizia, e suspeito de sair à estrada, ao fechar da noite, nos sítios mais escusos dela. A única coisa que tinha a seu favor, era o hábito de embebedar-se.

Eis aqui, pois, o que aos moradores de Montfermeil tinha dado motivo para reparo.

Havia tempos que Boulatruelle despegava muito cedo da sua tarefa de britar pedra e de vigiar pela conservação da estrada para se entranhar na floresta com o seu alvião às costas. Ali era encontrado à noitinha nas clareiras mais desertas, nos matagais mais fechados, com ar de quem procura o que quer que seja, às vezes abrindo covas.

Alguma pobre mulher que passava tomava-o primeiro por Belzebu, depois conhecia que era Boulatruelle, mas não ficava com isso mais satisfeita. Estes encontros, porém, pareciam contrariar Boulatruelle fortemente. Era visível

que ele procurava ocultar-se e que no que fazia havia algum mistério.

Diziam na aldeia:

— Não há dúvida nenhuma que apareceu o diabo. Boulatruelle viu-o e anda à sua procura. Ele é, com efeito, bastante esperto para que se não apodere do pecúlio de Lúcifer.

Os voltaireanos acrescentavam:

— Quem será o logrado? Será o diabo ou Boulatruelle?

As velhas, ao ouvir todos estes comentários, benziam-se atemorizadas, repetidas vezes.

Porém, os manejos de Boulatruelle no bosque cessaram e ele voltou ao seu trabalho de cantoneiro, em que continuou com a regularidade antiga, fazendo com isso que as conversas na aldeia versassem sobre outro objecto.

Todavia, a curiosidade de algumas pessoas continuou, pois julgavam que sempre havia nisto não os fabulosos tesouros de que rezava a lenda, mas algum ganho inesperado mais palpável do que as notas de Banco do diabo, cujo segredo o cantoneiro teria naturalmente surpreendido até certo ponto. Os mais «encarniçados» eram o mestre-escola e o taberneiro Thenardier, o qual, sendo amigo de toda a gente, não desdenhava a amizade de Boulatruelle.

— Já esteve nas galés — dizia Thenardier — e a gente não sabe para que está neste mundo.

Uma tarde, o mestre-escola afirmou que se fosse noutro tempo, já a justiça teria indagado o que Boulatruelle ia fazer ao bosque, que o obrigaria a confessar tudo, aplicando-lhe sendo preciso a tortura, e que Boulatruelle não resistiria, por exemplo, à tortura da água.

— Apliquemos-lhe então a do vinho — disse Thenardier.

Foi um momento enquanto se pôs o plano em execução e se deu de beber até fartar ao velho cantoneiro. Boulatruelle, porém, bebeu extraordinariamente, mas falou pouco, combinando com admirável artifício e em proporções magistrais a sede de um bebedor de fama com a discrição de um juiz. A força, porém, de voltar à carga e de confrontar e revirar as poucas e obscuras frases que ele deixou escapar, Thenardier e o mestre-escola julgaram compreender o seguinte:

Boulatruelle, ao dirigir-se um dia ao amanhecer para o trabalho, ficou decerto maravilhado de ver, para assim dizer escondidos, debaixo de uma moita, num lugar escuso do bosque, uma pá e um alvião; mas, cuidando que talvez fosse a pá e o alvião do senhor Six-Fours, aguadeiro, nem de tal coisa se tornou a lembrar. Na tarde, porém, desse mesmo dia, Boulatruelle viu, sem poder ser visto, por se achar encoberto com o tronco de uma árvore

gigantesca, dirigir-se da estrada para o mais cerrado do bosque «um sujeito que não era daqueles sítios, mas que ele conhecia perfeitamente», e cujo nome Boulatruelle obstinadamente se recusara a declarar. Este sujeito, que, segundo a tradição de Thenardier, era um companheiro das galés de Boulatruelle, trazia um embrulho, um objecto quadrado parecido com uma boceta grande ou com um caixão pequeno. Boulatruelle, ao ver aquilo, ficou estupefacto, de modo que só passados sete ou oito minutos foi que lhe ocorreu a ideia de seguir «o sujeito». Mas já era demasiado tarde; o sujeito entranhara-se no mais emaranhado da floresta, e como já era noite fechada, Boulatruelle não pôde dar com o lugar para onde ele deitou e tomou então a resolução de percorrer o bosque todo, «pois fazia luar». Daí por duas ou três horas, Boulatruelle viu o sujeito tornar a sair da espessura do bosque, trazendo desta feita não o tal caixãozinho, mas um alvião e uma pá. Boulatruelle deixara-o passar sem tomar logo a resolução de se acercar dele, porque se lembrou que, sendo o outro três vezes mais forte, e achando-se de mais a mais armado de um alvião, daria decerto cabo dele, conhecendo-o e vendo-se conhecido. Tocante efusão de dois antigos camaradas que se tornam a ver!

O alvião e a pá foram, porém, um raio de luz para Boulatruelle, que correu ao sítio onde pela manhã vira dois objectos semelhantes escondidos entre o mato e não encontrou nem uma coisa nem outra. Daqui concluiu ele que o tal sujeito que vira entrar para o bosque abrira algures uma cova com o alvião para enterrar o caixão e que depois a tapara com a pá. Ora, o caixão era pequeno de mais para conter um cadáver; logo continha dinheiro, e daí as suas pesquisas. Boulatruelle explorou, sondou, vasculhou, remexeu todos os lugares onde a terra lhe pareceu revolvida de fresco, mas debalde.

Por mais que fizesse, não «desencantou» coisa nenhuma, de modo que ninguém em Montfermeil se tornara mais a lembrar de tal. Apenas algumas honradas vizinhas disseram umas para as outras nos seus conciliábulos: «Tenham por certo que o cantoneiro de Gagny não andava com todos aqueles escavadouros se não pressentisse isca; certo é que o diabo sempre apareceu».

III — De como era preciso que a grilheta tivesse passado por alguma operação preparatória para assim se quebrar com uma só martelada

Pelos fins de Outubro de 1823, os habitantes de Toulon viram entrar no seu porto, para reparar algumas avarias que lhe causara uma tempestade, a nau Orion, que depois foi empregada em Brest, como vaso de escola naval, mas que então fazia parte da esquadra do Mediterrâneo.

A entrada deste navio no porto, apesar de escalavrado com os estragos que lhe havia causado o temporal, foi aparatosa. O pavilhão que trazia hasteado valeu-lhe uma salva regulamentar de onze tiros de peça, aos quais respondeu

com outros onze, total de vinte e dois tiros. Tem-se calculado que em salvas, cumprimentos reais e militares, troca de estrondosas cortesias, sinais de etiqueta, formalidades de portos e cidadelas salvas ao nascer e pôr do sol, ao abrir e fechar dos portos, dadas quotidianamente por todas as fortalezas e navios de guerra, etc., etc., dispara o mundo civilizado todas as vinte e quatro horas, cento e cinquenta mil tiros de peças inúteis na terra toda. Ora, a seis francos cada tiro, perfaz tudo novecentos mil francos (Ao câmbio antigo) por dia, ou trezentos milhões por ano, que se vão em fumo. Isto é apenas um pormenor. Neste meio tempo, os pobres morrem de fome.

O ano de 1823 foi aquele a que a Restauração chamou a época da guerra de Espanha.

Esta guerra encerrava num só muitos acontecimentos e grande força de singularidades. Uma importante questão de família concernente à casa de Bourbon; o socorro e protecção que o ramo de França dispensava ao ramo de Espanha, isto é, o esforço que aquele fazia para provar os seus direitos de primogenitura; um aparente retrocesso às nossas tradições nacionais, de envolta com a sujeição e a escravidão aos gabinetes do norte; a compreensão que o duque de Angoulême, apelidado pelas gazetas liberais herói de Andujar, exercia numa atitude triunfal, algum tanto contrariada pelo seu gesto pacífico, sobre o velho terrorismo, mais que real, do santo ofício, em luta com o terrorismo quimérico dos liberais; a ressurreição dos sem calções, com grande horror das matronas nobres, debaixo do nome de descamisados; os obstáculos que o monarquismo fazia ao progresso alcunhado de anarquia; a repentina interrupção das teorias de 89 na sapa; um basta intimado pela Europa à ideia francesa, realizando a volta ao mundo; ao lado do filho de França generalíssimo, o príncipe de Carignan, depois Carlos Alberto, envolvido como voluntário nesta cruzada dos reis contra os povos, com as suas dragonas de granadeiro de lã vermelha; nova entrada em campanha de soldados do império, porém após oito anos de repouso, envelhecidos, tristes e com o laço branco ao peito; a bandeira tricolor agitada no estrangeiro por um heróico punhado de franceses, como trinta anos antes o fora a bandeira branca em Coblentz; os frades à mistura com os soldados dos nossos batalhões; o espírito de liberdade e de novidade feito entrar na razão pelas baionetas; os princípios hasteados a tiros de peça; a França desfazendo pelas armas o que tinha feito pelo espírito; por último a venda dos chefes inimigos, a hesitação dos soldados, as cidades cercadas por milhões; a ausência de perigos militares, e, todavia, a possibilidade de diferentes explosões, como numa mina invadida de surpresa; o pouco sangue derramado, a pouca honra conquistada; a vergonha para alguns, para nenhum a glória — eis no que consistiu esta guerra feita por

príncipes que descendiam de Luís XVI e comandada por generais que tinham servido Napoleão, luta que teve a triste sorte de não fazer recordar a grande guerra nem a grande política.

Alguns feitos de armas, porém, foram importantes; entre outros, a tomada do Trocadero foi uma bela acção militar; mas, em suma, repetimos, as trombetas desta guerra produzem um som fanhoso, o todo foi suspeito e a história aprova a França na dificuldade com que aceita este falso triunfo. Pareceu coisa evidente que alguns oficiais espanhóis encarregados da resistência cediam com demasiada facilidade, da vitória desprendeu-se a ideia de corrupção, afigurou-se a muitos que o que fora ganho mais haviam sido os generais do que as batalhas e o soldado vencedor recolheu-se humilhado. Guerra que diminuía de efeito, porque nas dobras da bandeira pareciam ler-se as palavras — Banco de França — em caracteres distintos.

Soldados houve da guerra de 1808 sobre quem, com estampido assustador, desabaram as muralhas de Saragoça, que em 1823 franziam o sobrolho ao ver a facilidade com que se lhes abriam as cidadelas e que tinham saudades de Palafox. É o génio da França: gostar ainda mais de ter na sua frente Rostopchine do que Ballesteros.

Sob um ponto de vista ainda mais grave, sobre o qual convém também insistir, esta guerra, que dava ansa ao enfraquecimento do espírito militar em França, causava a indignação do espírito democrático. Era uma tentativa de servidão. O alvo a que nesta campanha tendiam os esforços do soldado francês, filho da democracia, era a conquista de um jugo para outrem. Disforme contra-senso! A França é feita para despertar a alma dos povos, não para a sufocar. Desde 1792 para cá, todas as revoluções da Europa são a revolução francesa; é de França que irradia a liberdade para todos os outros povos. É um facto solar este. Cego quem o não vê! Assim o disse Bonaparte.

A guerra de 1823 era, pois, juntamente um atentado contra a generosa nação espanhola e um atentado contra a revolução francesa. Quem cometia essa via de facto monstruosa era a França, mas à força, que à força é quanto os exércitos praticam, não tendo a liberdade por alvo. Indica-o a frase obediência passiva. Um exército é um estranho primor de combinação, em que a força resulta de uma grande soma de impotências. Deste modo explica-se a guerra feita pela humanidade contra a humanidade, contra a vontade da humanidade.

Pelo que respeita aos Bourbons, foi-lhes fatal a guerra de 1823, conquanto a tivessem tomado por um sucesso. É que não viram o perigo que resulta de querer matar uma ideia com uma senha, iludindo-se a tal ponto na sua simplicidade, que introduziram como elemento de força no seu

estabelecimento a acção imensamente debilitante de um crime. De modo que a sua política tornou-se insidiosa, deitaram à terra em 1823, o gérmen de 1830 e a campanha de Espanha serviu de argumento para as violências e azares do direito divino. Como a França restabelecera el-rei neto em Espanha, entenderam, que também podia muito bem restabelecer dentro de si o rei absoluto, e desse modo vieram a cair no terrível erro de tomar a obediência do soldado pelo consentimento da nação. Esta confiança é que deita os tronos a perder. Não convém adormecer nem à sombra da mancenilheira, nem a sombra de um exército.

Voltemos, porém, à Orion.

Enquanto duravam as operações do exército comandado pelo príncipe generalíssimo, cruzava no Mediterrâneo uma esquadra, e, como atrás dissemos, a Orion pertencia a essa esquadra e dera entrada no porto de Toulon obrigada pelas avarias que lhe causara uma tempestade no mar.

A presença de um navio de guerra num porto tem certo atractivo que chama e prende as atenções da multidão. É que há nisto certa grandeza, e a multidão ama tudo o que é grande.

Uma nau de linha é um dos encontros mais magníficos entre o génio do homem e o imenso poder da natureza.

Uma nau de linha é composta simultaneamente das coisas mais pesadas e mais leves que há, porque ao mesmo tempo tem de lidar com as três formas da substância, sólido, líquido e fluído, e contra todas três lutar. Tem onze garras de ferro para cravar no granito que forra o fundo do mar, e mais asas e antenas que os insectos voláteis para subirem às nuvens a recolher o hálito dos ventos. Cento e vinte canhões dão livre saída à sua respiração estrondosa, como outras tantas enormes trombetas, e respondem altivamente ao raio. Forceja o Oceano pela desvairar na imensidade das suas vagas, todas entre si terrivelmente semelhantes, porém o navio tem uma alma, a bússola, e a bússola aconselha-o apontando-lhe sempre o norte. Nas noites escuras, quando a vista do anil do céu é vedada aos olhos dos peregrinos do mar, os faróis que acende suprem as estrelas, que encobrem a serração. Assim, pois, contra o vento tem ela as cordas e os panos, contra a água a madeira, contra a rocha o ferro, o cobre, o chumbo, contra a sombra a luz, contra a imensidade uma agulha.

Quem quiser formar ideia de todas as proporções gigantescas, cujo conjunto constitui a nau de linha, não tem mais do que entrar nos estaleiros cobertos, de seis andares, dos portos de Brest ou Toulon, onde os navios em construção se encontram, para assim dizer, como que debaixo de uma campânula. Aquela trave colossal é uma verga; aquela grossa coluna de

madeira, que jaz no chão, é o mastro grande, o qual desde a ponta da raiz até ao cimo, que se perde nas nuvens, tem sessenta toesas de comprimento e três pés de diâmetro na base, O mastro grande inglês eleva-se a duzentos e dezassete pés acima da linha de flutuação. A marinha dos nossos antepassados empregava cabos, nós empregamos correntes. O simples montão de correntes, que traz em si uma nau de cem peças, tem quatro pés de altura, vinte de largura e oito de profundidade. E para construir um navio assim que quantidade de madeira não é precisa? Três mil esteres ou metros cúbicos. É uma floresta flutuante.

E note-se que só se trata aqui da embarcação militar de há quarenta anos, do simples navio de vela; o vapor, então na sua infância, acrescentou depois novos milagres ao prodígio chamado navio de guerra. Presentemente, o navio misto de hélice, por exemplo, é uma máquina maravilhosa, impelida por um velame que tem três mil metros quadrados de superfície e por uma caldeira da força de dois mil e quinhentos cavalos.

Sem falar dessas novas maravilhas, o antigo navio de Cristóvão Colombo e de Ruyter é uma das grandes obras-primas do homem. Inesgotável em força, como o infinito em sopros, aloja o vento nas suas velas, flutua e reina, sem se extraviar da esteira que segue, na imensa difusão das vagas.

Chega, porém, uma hora em que o sopro da tempestade parte, como uma haste de palha, aquela trave de sessenta pés de comprimento; em que o vento rijo do furacão verga como um vime aquele mastro de quatrocentos pés de altura; em que aquela âncora que pesa trezentas arrobas se torce nas goelas da vaga, como o anzol do pescador nas guelras de um peixe, em que aqueles canhões monstruosos soltam rugidos lamentosos e inúteis, que o furacão arrebata pela amplidão do espaço e por entre a serração da procela; em que, finalmente, todo aquele poder e majestade se abisma e se sente à mercê de um poder superior, de uma majestade mais alta.

Todas as vezes que uma força imensa se expande para chegar a uma imensa fraqueza, o homem involuntariamente é levado a meditar. Daqui provém, portanto, a multidão de curiosos que pejam os cais de qualquer porto, e que, sem bem saberem porquê, rodeiam essas maravilhosas máquinas de guerra e de navegação.

Todos os dias, pois, desde pela manhã até à noite, estavam os cais, parapeitos e molhes do porto de Toulon sempre cobertos de ociosos e basbaques, como em Paris se diz, que vinham ali e se demoravam só para ver a Orion.

A Orion era um navio doente, cujos achaques havia muito duravam. Nas suas viagens anteriores haviam-se-lhe amontoado na quilha e adjacências tão

espessa camada de conchas e lixo, que a sua velocidade ficava reduzida a metade, o que fez com que no ano antecedente o tivessem posto em seco para lhe rasparem o lixo e as conchas, depois do que o lançaram de novo ao mar. Esta operação, porém, alterou-lhe o cavilhame da quilha, de modo que na altura das Baleares, as juntas abriram, e como então as embarcações não eram forradas de folha de ferro, o navio fez água. Além disto, sobreveio um temporal equinocial que lhe quebrou o talha-mar pelo lado de bombordo, metendo-lhe dentro uma canhoneira e danificando-lhe o joanete de proa e a cevadeira. Em virtude, pois, destas avarias, a Orion recolheu-se a Toulon, onde estava fundeado junto do Arsenal, sofrendo os concertos de que carecia e aprestando-se para voltar de novo ao tráfego da navegação. O casco pelo lado de estibordo não sofrera dano; porém, segundo o costume, estavam despregadas algumas cintas do costado aqui e ali para deixar penetrar o ar no cavername.

Um dia, pela manhã, a multidão que ali se aglomerava a contemplá-lo foi testemunha de um desastre.

Estando a tripulação a tratar de ferrar o velame, o gajeiro, que se ocupava a cozer a vela da mezena de estibordo, para a riçar, perdeu o equilíbrio, ameaçando despenhar-se da grande altura a que estava. Ao vê-lo cambalear pela falta de apoio, a multidão que se aglomerava no cais do Arsenal soltou unânime um grito de pavor. A cabeça pesou-lhe mais que o resto do corpo e o homem deu uma volta em roda da verga com as mãos estendidas para o abismo; no ímpeto da queda, porém, em que se ia a despenhar, lançou uma das mãos aos ovens, em seguida a outra e ficou dependurado no ar, com o mar por baixo a uma profundidade que causava vertigens. O abalo da queda, porém, imprimira aos ovens um violento movimento de vaivém, de modo que o homem ficou baloiçando na ponta daquela corda como a pedra de uma funda.

Ir em socorro dele era correr um risco terrível. Nenhum dos marinheiros, todos pescadores da costa, havia pouco recrutados para o serviço da armada, a tal ousava aventurar-se. Entretanto, o infeliz gajeiro ia perdendo as forças, pois bem que se lhe não visse a angústia do rosto, conhecia-se-lhe em todos os membros que eles iam a cansar-se-lhe. Os braços repuxavam-se-lhe em sacudidelas horríveis. A cada esforço que ele fazia para tentar subir à altura do apoio que lhe faltara, aumentavam as oscilações do cabo a que se agarrara na queda; mas, apesar de serem dolorosos os impulsos que o balanço da corda lhe causavam, não gritava com medo de perder forças. A cada instante se esperava o momento em que ele largaria a corda e todas as cabeças se voltavam por vezes para o lado, a fim de o não verem despenhar-se. Há

ocasiões em que a ponta de uma corda, uma vara, o esgalho de uma árvore são a própria vida, e é uma coisa horrorosa ver despegar-se e cair delas um ser animado, como se fora um fruto maduro.

De súbito, os olhos de toda aquela multidão ansiosa avistaram um homem trepando pelo cordame com a agilidade de um símio. Esse homem era um forçado, pois estava vestido de vermelho, e um forçado por toda a vida, porque trazia um barrete verde. Ao chegar ao cesto da gávea, uma rajada de vento arrebatou-lhe o barrete, deixando a descoberto uma cabeça toda branca; aquele homem pois, não era um rapaz.

Efectivamente, apenas o homem ficara desastrosamente dependurado, um forçado, que fazia parte de uma chusma empregada a bordo da Orion, correu à presença do oficial de quarto, no meio da perturbação e hesitação da equipagem, e enquanto todos os marinheiros tremiam e recuavam, ele pediu licença para ir arriscar a sua vida pela salvação do gajeiro. A um sinal afirmativo do oficial, quebrara com uma martelada o gancho da grilheta que lhe prendia o pé, e depois de ter pegado numa corda, atirou-se aos ovens. Ninguém naquela ocasião fez reparo na facilidade com que ele quebrou a cadeia. Só mais tarde é que tal circunstância foi lembrada.

O forçado chegou à verga num abrir e fechar de olhos e parou alguns segundos como que a medi-la com a vista. Estes segundos, porém, durante os quais o vento baloiçava o gajeiro na extremidade de uma corda, pareceram séculos aos que estavam a ver. Por fim, o forçado elevou os olhos ao céu e deu um passo para diante. A multidão respirou. Viram-no ir a correr pela verga adiante. Chegado à extremidade dela, atou uma ponta da corda que trouxera, deitou abaixo a outra e principiou a descer com as mãos ao longo da corda que deixara pendente. Tornou-se então inexprimível a angústia que oprimiu o peito dos espectadores; em lugar de um homem suspenso sobre o abismo eram agora dois.

Dir-se-ia que aquele homem era uma aranha aprestando-se para se apossar de uma mosca, com a diferença, porém, de que a aranha ali levava a vida e não a morte.

Dez mil olhares estavam fixos naquele grupo. Nem um grito, nem uma palavra só, o mesmo tremor enrugava a fronte de todos. No meio daquela multidão nem uma só boca deixava de comprimir a respiração, como que temendo juntar o mais ligeiro hálito ao vento que sacudia os dois desgraçados.

Neste meio tempo, o forçado tinha conseguido chegar ao pé do marinheiro em perigo. Era tempo: um minuto mais e o homem, exausto de forças e desesperado de socorro, deixar-se-ia cair no abismo. O forçado amarrou-o solidamente com a corda, à qual se segurava com uma das mãos enquanto

com a outra trabalhava, e a multidão viu-o enfim tornar a guindar-se para a verga e içar o marinheiro para aquele lugar, no qual o susteve um instante para o deixar recuperar forças, e, agarrando-o em seguida nos braços, trazê-lo neles até ao cepo, caminhando pela verga adiante e dali até ao cesto da gávea, onde o deixou nas mãos dos companheiros.

Neste momento a multidão rompeu em aplausos; dos olhos de alguns velhos guardas das galés rebentaram involuntárias as lágrimas, no cais, as mulheres abraçaram-se e todas aquelas vozes gritaram com uma espécie de enternecido furor: «Perdão para esse homem!»

Neste meio tempo preparava-se ele para descer imediatamente a fim de tomar o seu lugar entre os outros forçados da chusma. Para chegar mais depressa deixou-se escorregar pelo cordame e principiou a correr por uma verga inferior adiante. Todos o seguiam com os olhos. Houve um momento em que o susto foi geral; ou porque lhe escasseassem de súbito as forças ou porque lhe desse alguma vertigem, afigurou-se aos espectadores vê-lo hesitar e cambalear. De repente, a multidão soltou um grito pavoroso; o forçado acabava de cair ao mar.

A queda era perigosa. Junto à Orion estava fundeada a fragata Algesiras, e o pobre forçado tinha caído entre os dois navios. Era portanto de recear que ele, no ímpeto do mergulho, viesse sair exactamente debaixo da quilha de um ou outro.

Quatro homens se arrojaram a toda a pressa ao mar num barco, animados pela multidão, em cujas almas se abrigava de novo a ansiedade. O homem, porém, não voltara à superfície da água, desaparecendo no mar sem deixar uma esteira de espuma, sem levantar um borbotão de água, como se tivera caído numa pipa de azeite.

Sondaram, mergulharam, mas foi tudo baldado. Andou-se à procura até à noite, mas nem o cadáver apareceu.

No dia seguinte, 18 de Novembro de 1823, o jornal de Toulon publicava as seguintes linhas:

> Ontem, um forçado que fazia parte da chusma da Orion, ao voltar de socorrer um marinheiro, caiu ao mar e afogou-se. Não foi possível encontrar-se o cadáver. Presume-se que tenha ficado preso na estacaria da lingueta do Arsenal. O infeliz cuja desastrada morte noticiamos, estava inscrito na prisão com o n.º 9.430 e chamava-se Jean Valjean.

LIVRO TERCEIRO — CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORIBUNDA

I — A falta de água em Montfermeil

Montfermeil, que fica situado entre Livry e Chelles, na aba meridional da elevada colina que separa o Ourcq do Marne, é hoje uma aldeia importante, ornada todo o ano de casas de campo agradavelmente caiadas e aos domingos de prazenteiros burgueses.

Em 1823, porém, não havia em Montfermeil nem tantas casas alvejantes, nem tantos burgueses satisfeitos; era apenas uma aldeia perdida nos bosques. Encontravam-se aqui e ali, é verdade, algumas casas de recreio do século passado, reconhecíveis pelo seu ar de grandeza, pelas suas varandas de ferro torneado e por essas janelas rasgadas, cujos vidros reflectem sobre as brancas portadas interiores todos os cambiantes da cor verde.

Montfermeil, porém, nem por isso deixava de ser uma aldeia. É que nem os mercadores de pano retirados do negócio, nem os correctores aposentados a tinham descoberto ainda. Era um lugar pacífico e bonito, que não ficava à beira de estrada nenhuma, e onde se vivia nesse abundante e fácil aconchego da vida do campo.

Somente havia a notar a grande escassez de água por causa da elevação da colina, pelo que era necessário ir buscá-la a considerável distância.

Os que moravam no fim da aldeia, para a parte de Gagny, abasteciam-se dela nos magníficos lagos que por ali há pelos bosques; os da outra extremidade situada em volta da igreja, para o lado de Chelles, não tinham água potável senão numa fonte que ficava a meia encosta junto à estrada de Chelles, quase a um quarto de hora distante de Montfermeil.

Como, pois, para todos se tornava difícil e incómodo o abastecimento de água, as casas grandes, a aristocracia, e no número delas se contava a taberna de Thenardier, pagavam um liard por cada balde de água a um pobre homem que fazia disto o seu modo de vida e que com este negócio da água em Montfermeil ganhava perto de oito soldos por dia; porém, como este homem não trabalhava senão até às sete horas da tarde, de Verão, e de Inverno até às cinco, chegada a noite, fechadas as portas da rua, quem não tinha em casa água para beber ia buscá-la por seu pé ou ficava sem ela.

Era esta a maior causa de terror para a pobre criancinha de quem o leitor decerto se não esqueceu: a pequenita Cosette. A pobre criança tornava-se útil por duas maneiras aos Thenardier, os quais recebiam o dinheiro da mãe e aproveitavam o trabalho da filha. Assim, quando a mãe cessou completamente de lhes pagar, pelos motivos que se leram nos capítulos precedentes, nem por

isso os Thenardier deixaram de continuar a ter Cosette consigo, visto ela lhes fazer as vezes de criada, e como tal era ela quem ia buscar a água quando se tornava necessário. A pobre criança, porém, a quem em extremo assustava a ideia de ter de ir à fonte de noite, tinha sempre todo o cuidado que não faltasse nunca a água em casa.

No ano de 1823, o Natal em Montfermeil foi sobremodo brilhante. Fora temperado o princípio do Inverno; ainda não caía geada nem neve. Alguns pelotiqueiros vindos de Paris obtiveram licença do maire para levantar as barracas na rua principal da aldeia, e um bando de vendedores ambulantes, conseguida igual tolerância, construíram também as suas tendas no largo da igreja, até ao beco do Boulanger, onde, como de certo estão lembrados, fica a taberna dos Thenardier. Isto fazia com que as tabernas e as estalagens estivessem cheias, e dava àquela pequena aldeia, habitualmente tranquila, uma existência ruidosa e alegre. Devemos até dizer, para sermos historiador fiel, que entre as curiosidades expostas no largo da igreja figurava um barracão de animais, no qual uns abjectos e maltrapilhos palhaços, vindos não se sabia de onde, mostravam em 1823 aos aldeões de Montfermeil um desses abutres terríveis do Brasil que o nosso Museu Real só possui desde 1845 para cá, e cujos olhos se parecem com um laço tricolor. Os naturalistas chamam a esta ave, creio eu, Caracará Polyborus, e pertence à ordem dos apicidos e à família dos abutres. Alguns velhos soldados que viviam na aldeia retirados do serviço iam ver devotamente o animal, cujo laço tricolor os pelotiqueiros inculcavam como um fenómeno único operado de propósito pela bondade de Deus para a sua colecção de animais raros.

Na noite do próprio dia de Natal, achavam-se sentados a uma mesa iluminada por quatro ou cinco luzes no andar térreo da taberna de Thenardier grande número de homens, dos quais uns eram vendilhões, outros carreiros. Este andar térreo parecia-se com o andar térreo de todas as tabernas; mesas, canjirões de estanho, garrafas, bebedores, fumadores, pouca luz e muito barulho. Todavia, a data do ano de 1823 era indicada pelos dois objectos então em moda entre a classe burguesa e que estavam em cima de uma mesa: um caleidoscópio e um candeeiro de folha ondeada. A mulher de Thenardier vigiava pela preparação da ceia, que estava cozinhando a uma fogueira; o estalajadeiro bebia com os fregueses e falava de política.

Além das conversas políticas, que tinham por objectos principais a guerra de Espanha e o duque de Angoulême, ouviam-se no meio daquele alarido uma série de parêntesis todos locais como estes:

— Para as bandas de Nanterre e Suresne houve muito vinho este ano. Quem contava ter dez pipas, teve doze e assim em proporção. Era uma enchente em

todos os lagares.

— Ora adeus! Mas a uva não devia ainda estar madura?

— Naqueles sítios não precisa vindimar-se madura; o vinho chega sempre à conta com a Primavera.

— É tudo vinho fraco.

— Ainda mais que os daqui! É preciso fazer a vindima em verde, se se querem remediar esses males.

Ou então era um moleiro que exclamava:

— Nós somos por acaso responsáveis pelo que está nos sacos? Achamos neles, misturados com o trigo, grande quantidade de grãos, que nós não podemos divertir-nos a separar e que não há remédio senão deixar passar pela mó; é joio, alfarra, ervilhaca, linhaça, rabos de raposa e outras pestes ainda, sem falar na pedra, que vem sempre em certos trigos, principalmente nos bretões. Eu cá desejo tanto moer trigo bretão como os serradores serrar um madeiro em que haja pregos. Façam ideia do mau resultado que tudo isto dá. Depois queixam-se da farinha, como se a culpa fosse nossa.

Sentado a uma mesa, situada no vão de uma janela, um ceifeiro dizia a um lavrador que tratava com ele do ajuste de certo trabalho no campo que se devia executar na Primavera:

— Olhe, senhor, o estar a erva molhada não lhe faz mal nenhum, antes é melhor de segar. O orvalho é-lhe bom. Mas cá para o nosso caso... eu vou dizer-lhe uma coisa; sim, a erva que diz está ainda muito tenra e não é boa de cortar. Como está muito mole, embaraça-se a foucinha nela e não se faz coisa com jeito.

Cosette estava no seu canto do costume; sentada na travessa da banca da cozinha, ao pé da lareira, maltrapilha, de tamancos nos pés e trabalhando numas meias de lã para as filhas do estalajadeiro, ao clarão projectado pela fogueira que ardia no lar.

Debaixo das cadeiras brincava e pulava um gatinho novo, e na sala próxima ouviam-se as frescas vozes de duas crianças tagarelando e rindo: eram Eponine e Azelma.

A um dos lados do lar viam-se umas disciplinas penduradas num prego.

De espaço a espaço, no meio do alarido de vozes e de ruidosa algazarra que levantavam os joviais convivas da taberna, ouviam-se os gritos de uma criancinha que estava algures dentro de casa. Era um menino que a mulher do estalajadeiro havia dado à luz num dos; Invernos antecedentes «sem saber como, dizia ela; efeitos do frio», e que pouco mais contava do que três anos. Fora a mãe que o amamentara, mas nem por isso lhe consagrava demasiado afecto. Quando o pequerrucho, à força de gritar, se tornava importuno

demais, o marido dizia-lhe:

— Olha o teu filho que está a chiar, vai ver o que ele quer.

— Ora! — respondia a mãe. — O rapaz já me aborrece.

E a pobre criança continuava a gritar nas trevas, abandonada e sozinha, sem que à mãe desse grande cuidado ir indagar a causa dos seus lamentosos choros.

II — Dois retratos completos

Ainda não se viu senão de perfil os estalajadeiros de Montfermeil, que nesta história figuram debaixo do nome de Thenardier. Chegada é, porém, a ocasião de circunvagar em roda daquele par para o observar por todas as faces.

Thenardier completara, havia pouco, cinquenta anos de existência; a consorte estava a tocar os quarenta, que são para a mulher o mesmo que os cinquenta para o homem; de modo que entre a mulher e o marido havia equilíbrio de idades.

A Thenardier, alta, loura, vermelha, encorpada, fornida de carnes, quadrada, enorme e ágil, pertencia, como já dissemos, a essa raça de colossos selvagens que andam em exposição pelas feiras, sustentando pedras nos cabelos. Era ela quem tudo fazia em casa, que arrumava os quartos, que fazia as camas, a barrela, a comida, a chuva, o bom tempo, o diabo. A sua única criada era Cosette; um rato servindo um elefante. Tudo tremia ao som da sua áspera voz, vidraças, trastes e pessoas. A sua cara larga, crivada de sardas, apresentava o aspecto de uma escumadeira. Para que a coisa ficasse completa, tinha barba também. Era o ideal do mais alentado regatão vestido de mulher, soltando pragas como ninguém, gabando-se de quebrar uma noz com um murro. Se não fossem os romances que lera e que às vezes faziam reaparecer a mulher-dengue por baixo da mulher-papão, nunca ninguém se lembraria de dizer dela: «É uma mulher». A Thenardier era como que o produto do enxerto de uma donzela numa peixeira. Ao ouvi-la falar, dir-se-ia: «É um *gendarme*»; ao vê-la beber, diriam: «É um carreteiro»; ao presenciar finalmente o modo como ela tratava Cosette exclamariam: «É o carrasco». Quando dormia, saía-lhe da boca um dente.

O marido era um homem baixo, magro, pálido, anguloso, ossudo, fraco, com aspecto de doente, mas gozando de uma saúde de ferro. A sua velhacaria principiava por isto. Era-lhe habitual o sorriso nos lábios e tratava com polidez quase toda a gente, mesmo o mendigo a quem recusava uma esmola. Tinha olhar de fuinha e gesto de literato. Parecia-se muito com os retratos do abade Delile. O seu maior gosto consistia em beber com os carreteiros, e nunca ninguém fora capaz de o embebedar. Além disto fumava num grande

cachimbo, trajava uma blusa e por baixo da blusa uma velha casaca preta. Thenardier tinha pretensões a literato e materialista, costumando pronunciar frequentes vezes certos nomes para apoiar o que dizia, como Voltaire, Raynal, Parny, e, extravagante coisa, Santo Agostinho. Afirmava ele ter um «sistema». Quanto ao resto, velhaco a não poder mais. Há destas combinações no mundo.

Devem lembrar-se de que pretendia ter sido militar; contava com certo orgulho que em Waterloo, sendo sargento de um regimento, 6.º ou 9.º de infantaria ligeira, tinha sozinho contra um esquadrão de hussardos da Morte, coberto com o seu corpo, e salvo através da metralha «um general gravemente ferido». Era daqui que lhe proviera, para a porta, a flamante tabuleta, e para a sua estalagem, em todo aquele sítio, o nome de «tabernado sargento de Waterloo». Era liberal, clássico e bonapartista. Subscrevera para o campo de Asilo; e dizia-se na aldeia que estudara para padre. Quanto a nós, julgamos que tinha simplesmente estudado na Holanda para estalajadeiro.

Este tratante de ordem compósita, era, segundo todas as probabilidades, um flamengo de Lille em Flandres, francês em Paris, belga em Bruxelas, comandante a cavalo em duas fronteiras.

A sua proeza em Waterloo já nós conhecemos; como se vê exagerava-a um tanto.

O fluxo e refluxo, a aventura, o intricado, eram os elementos da sua existência; da consciência rasgada resulta a vida descosida; e, como era verosímil, na tempestuosa época de 18 de Junho de 1815, Thenardier pertencia à variedade de vivandeiros ratoneiros de que falámos, que percorriam a estrada, vendendo a estes, roubando àqueles, e que rodavam com toda a família, mulher e crianças, e em qualquer carroça desconjuntada, atrás da tropa em marcha, e com o instinto de se chegarem sempre para o exército vitorioso. Terminada esta campanha e tendo, como ele dizia, «cum quibus» fora estabelecer-se em Montfermeil.

Este «cum quibus» composto de bolsas e de relógios, de anéis de oiro e de cruzes de prata, colhidos no tempo da ceifa nas leiras semeadas de cadáveres, não montava a um grande total e não acompanhara até muito longe o vivandeiro transformado em taberneiro.

Thenardier tinha nos gestos qualquer coisa de rectilíneo, que com uma praga recordava a caserna, e quando se benzia, o seminário. Falava bem e deixava-se passar por erudito. Não obstante, o mestre-escola tinha-lhe notado algumas silabadas.

Escrevia a conta dos seus hóspedes com certa superioridade, mas os olhos exercitados encontravam-lhe muitas vezes erros de ortografia. Thenardier era um velhaco, guloso e mandrião, mas hábil. Não desprezava as criadas, o que

fazia com que sua mulher as não tivesse. A gigante era ciosa; parecia-lhe que aquele homenzinho magro e amarelo devia ser objecto de cobiça universal.

Thenardier principalmente homem de astúcia e equilíbrio, era um velhaco de género temperado. Esta espécie é a pior de todas: baseia-se na hipocrisia.

Isto não quer dizer que Thenardier não fosse susceptível de se encolerizar, chegada a ocasião própria, tanto como sua mulher; mas essas ocasiões eram muito raras; em tais momentos, porém, como ele odiava todo o género humano, como tinha em si profunda fornada de ódio, como era dos que se vingam perpetuamente, que acusam quanto lhes passa pela frente, tudo o que se sentem cair-lhes em cima, e que estão sempre prontos a lançar ao primeiro que lhes aparece, como legítima desforra, a totalidade das decepções, das bancarrotas e das calamidades da sua vida; como todo este fermento se lhe levantava no íntimo, e por assim dizer lhe fervia na boca e nos olhos, tornava-se medonho. Desgraçado daquele que então lhe caía nas mãos.

Além de todas estas qualidades, era Thenardier atento e penetrado, silencioso ou falador, segundo a ocasião, e sempre com alta inteligência. Tinha o que quer que era do olhar dos marinheiros, habituados a aplicar os olhos aos óculos de alcance. Thenardier era um homem de estado.

Todo o recém-chegado que entrava na baiuca dizia, vendo a estalajadeira: Eis ali o dono da casa. Era um erro, nem mesmo era a dona. Dono e dona era o marido: a mulher executava o que ele concebia. O marido dirigia tudo por uma espécie de acção magnética invisível e contínua. Bastava-lhe uma palavra, muitas vezes um gesto; o mastodonte obedecia. Thenardier era para sua mulher, sem que ela desse por isso uma espécie de ente particular e soberano.

A Thenardier tinha as virtudes do seu modo de ser; nunca divergia, sobre qualquer pormenor, da opinião de Thenardier, hipótese completamente inadmissível; e nunca contradizia publicamente o marido sobre o que quer que fosse. Nunca teria cometido em presença de estranhos, a falta cometida muitas vezes pelas mulheres, e a que se chama em linguagem parlamentar: descobrir a coroa. Ainda que o seu inalterável acordo não tivesse nunca em resultado senão o mal, havia contemplação na submissão da Thenardier a seu marido. Aquela montanha de ruído e carne movia-se sob o pequeno dedo do frágil déspota. Era isto, encarado pelo seu lado anão e grotesco, uma coisa grande e universal: a adoração do espírito pela matéria; porque certas fealdades têm a sua razão de ser nas próprias profundezas da beleza eterna. Em Thenardier havia o que quer que era de desconhecido, donde provinha o império absoluto sobre sua mulher, a quem, em certos momentos, se afigurava uma luz, noutros sentia-o como uma garra.

Esta mulher era uma criatura medonha, que não amava senão os filhos e que não temia senão o marido. Era mãe por ser mamífera, Mas ainda assim, a sua maternidade concentrava-se nas filhas; e, como se verá, não se estendia até aos rapazes. O marido, esse, só pensava em enriquecer.

Contudo, não o conseguia. Faltava àquele grande talento um teatro condigno.

Thenardier em Montfermeil perdia tudo, se a perda é possível em zero; na Suíça ou nos Pirinéus, aquele pobretão tornar-se-ia milionário. Mas o estalajadeiro tem forçosamente de pastar no sítio em que a sorte o prende.

É necessário entender-se que a palavra estalajadeiro é aqui empregada num sentido restrito e que não se estende a uma classe inteira.

Neste mesmo ano de 1823, achava-se Thenardier endividado em perto de mil e quinhentos francos, e com credores inexoráveis, o que lhe causava grande inquietação.

Qualquer que fosse para com ele a injustiça teimosa do destino, Thenardier era um dos homens que compreendiam do modo mais profundo e da maneira mais moderna, uma coisa que é virtude entre os povos bárbaros e mercadoria entre os civilizados: a hospitalidade.

Quanto ao mais, admirável caçador nas matas defesas, citado pela infalível pontaria e possuidor de um certo riso frio e pacífico, que era muito particularmente perigoso.

As suas teorias de estalajadeiro brotavam dele, por vezes, como relâmpagos.

Tinha aforismos profissionais que sem cessar inseria no espírito de sua mulher. «O primeiro dever do estalajadeiro, lhe dizia ele um dia violentamente e em voz baixa, é vender ao primeiro que aparece, má comida, descanso, luz, fogo, lençóis sujos, pulgas e sorrisos; de fazer parar os transeuntes, de esvaziar as bolsas magras e de aliviar honestamente as gordas, de abrigar respeitosamente as famílias que vão em jornada, de esfolar o homem, de depenar a mulher e de limpar a criança; de meter em conta a janela aberta, a janela fechada, o calor do fogão, a poltrona, a cadeira, o banco, o moxo, o colchão de penas, a enxerga e o feixe de palha; de conhecer quanto a sombra gasta o espelho e de avaliar este gasto; e com quinhentos mil diabos, obrigar o hóspede a pagar tudo, inclusive as moscas comidas pelo seu cão!»

Este homem e esta mulher representavam a aliança da astúcia e da raiva, medonha e terrível parelha.

Enquanto Thenardier ruminava e combinava, a mulher não se lembrava dos credores ausentes, não pensava no dia presente nem no futuro, e vivia

arrebatadamente dentro do minuto presente.

Tais eram estes dois entes. Entre eles estava Cosette, sofrendo-lhes a dupla pressão, como uma criatura que fosse ao mesmo tempo triturada por uma mó e despedaçada por uma tenaz. O marido e a mulher tinham cada um seu modo diferente de a atormentar: a estalajadeira moía-a com pancadas, o estalajadeiro fazia-a andar descalça no Inverno.

Cosette subia, descia, lavava, esfregava, varria, corria, azafamava-se, suava, carregava com objectos pesados, e pequena como era, fazia toda a espécie de trabalho grosseiro. Para ela não havia piedade; uma ama feroz e um amo malévolo. A baiuca de Thenardier era uma espécie de teia em que Cosette estava presa e tremia. Esta domesticidade sinistra realizava o ideal da opressão.

Era uma espécie de mosca servindo aranhas. A pobre criança, acostumada a sofrer, calava-se.

O que é que se passa nestas almas que há pouco saíram do seio de Deus, quando se vêem assim, desde a aurora, entre os homens, tão pequenas e nuas?

III — Vinho para os homens e água para os cavalos

Tinham chegado à estalagem quatro novos viajantes.

Cosette meditava tristemente, pois se bem que ela tivesse apenas oito anos, havia já sofrido tanto, que às vezes punha-se a reflectir com o ar lúgubre de uma velha.

A pobre criança tinha uma das pálpebras negra, de um murro que lhe dera a Thenardier, o que dava lugar a que a ama dissesse de vez em quando: «Está horrenda com o remendo preto no olho!»

Cosette, pois, meditava em que era noite, noite fechada, que fora necessário encher de repente as garrafas e os jarros nos quartos dos passageiros recém-chegados e que já não havia água na tina.

O que a tranquilizava alguma coisa era que em casa dos estalajadeiros não se bebia muita água. Não faltava nela gente com sede, mas era dessa sede que se dirige com mais gosto à pipa do que à tina. Pareceria um selvagem a todos aqueles homens o que pedisse um copo de água entre aqueles copos de vinho. Em certa ocasião, porém, a criança estremeceu; a estalajadeira tirou a tampa de uma caçarola que estava fervendo ao lume, depois pegou num copo e aproximou-se com desembaraço da tina, à qual desandou a torneira.

A criança levantara a cabeça, e seguia-lhe todos os movimentos. Da torneira apenas correu um delgado fio, que encheu o copo até meio.

— Oh, já não há água! — disse ela, e fez uma pequena pausa. A criança não respirava.

— É o que eu digo — tornou a Thenardier, examinando o copo meio cheio — o mais que haverá é tanta como esta.

Cosette continuou outra vez no seu trabalho, mas durante mais de um quarto de hora sentiu saltar-lhe o coração no peito com terrível violência. Contava os minutos que decorriam; desejara estar já no dia seguinte.

De tempos a tempos, algum dos bebedores exclamava, olhando para a rua: «Irra!

Está escuro como um prego!» ou: «Só quem for gato é que poderá andar a esta hora pela rua sem lanterna!» E Cosette estremecia.

De repente, um dos feirantes ambulantes alojados na estalagem entrou e disse com voz dura:

— Ainda não deram de beber ao meu cavalo.

— Sim, senhor, deu-se-lhe de beber — disse a Thenardier.

— E eu digo-lhe que não — tornou o feirante.

Cosette saiu então de debaixo da mesa e disse:

— Oh, senhor! Olhe que o cavalo bebeu, bebeu no balde, um balde cheio; até fui eu que lhe dei de beber e falei-lhe.

Isto não era verdade. Cosette mentia.

— Ora vejam como esta sirigaita tão pequena já sabe pregar petas como torres! — exclamou o homem.

— Já te disse que não bebeu, minha velhaquinha! Quando não bebe, sopra cá de certo modo que eu sei.

Cosette insistiu, acrescentando com voz abafada pela angústia e que mal se ouvia:

— E até bebeu bastante!

— Vamos — tornou o feirante encolerizado — deixem-se de histórias, dêem de beber ao cavalo e acabemos com isto!

Cosette foi-se meter outra vez debaixo da mesa.

— Lá isso é justo — disse a Thenardier — se o cavalo não bebeu, é preciso dar-lhe de beber.

Depois acrescentou, olhando em volta de si:

— Então? Onde está este estafermo?

E, como se baixasse, descobriu Cosette acocorada na outra extremidade da mesa, quase debaixo dos pés dos bebedores.

— Vens daí? — exclamou a Thenardier.

Cosette saiu da espécie de buraco onde se tinha ido esconder e a Thenardier tornou:

— Senhora cadela sem nome, vá dar de beber ao cavalo.

— Senhora, mas é que não há água nenhuma em casa — disse Cosette com

voz enfraquecida.

A estalajadeira abriu a porta da rua de par em par e acrescentou:

— Pois vai buscá-la!

Cosette curvou a cabeça e foi pegar num balde vazio que estava ao pé da chaminé e que era maior do que ela. A criança podia sentar-se e mover-se dentro dele à vontade.

A Thenardier voltou para a chaminé e provou com uma colher de pau o que estava na caçarola, murmurando ao mesmo tempo:

— Na fonte há muita. Se já se viu uma coisa assim! O que ela precisava sei eu.

Depois meteu a mão numa gaveta onde havia algum dinheiro em cobre, pimenta e alhos.

— Aqui tens minha lesma —, acrescentou ela — quando voltares passa pelo padeiro e traze um pão dos grandes. Aqui tens quinze soldos.

Cosette pegou na moeda sem dizer uma palavra e meteu-a numa algibeira que tinha no avental.

Em seguida ficou imóvel, com o balde na mão, diante da porta aberta. Parecia estar à espera que viesse alguém em seu socorro.

— Então, avias-te? — gritou a Thenardier.

Cosette saiu e a porta tornou a fechar-se.

IV — Entra em cena uma boneca

Como estarão lembrados, a fileira de barracas que partia da igreja estendia-se até à estalagem de Thenardier, e como dali a pouco havia de passar a gente da aldeia para a missa do galo, estavam todas iluminadas com velas metidas em cartuchos de papel, o que, como dizia o mestre-escola de Montfermeil, naquela ocasião sentado a uma das mesas da taberna de Thenardier, fazia «um efeito mágico». Em compensação, não se via uma estrela no céu.

A última destas barracas, situada exactamente em frente da porta da taberna, era uma loja de quinquilharias, resplandecente de ouropéis, avelórios e magníficas coisas de lata. Na primeira estante da frente, colocara o dono da loja, num fundo de pratos de folha, uma imensa boneca de dois pés de altura, vestida com um vestido de crepe cor-de-rosa, com espigas de ouro na cabeça, cabelos naturais e olhos de esmalte.

Estivera aquela maravilha exposta todo o dia ao deslumbramento dos admiradores de dez anos para baixo, sem que em Montfermeil se tivesse encontrado uma mãe suficientemente rica ou assaz pródiga que a comprasse para dar a uma filha. Eponina e Azelma haviam passado horas a contemplá-la, e até a própria Cosette, furtivamente, é verdade, ousara observá-la.

Na ocasião em que Cosette saiu com o seu balde na mão, apesar de excessivamente triste e acabrunhada, não pôde ter-se que não levantasse os olhos para aquela maravilhosa boneca, para a senhora, como ela lhe chamava. A pobre criança, porém, parou petrificada, pois ainda a não tinha visto de perto. A loja parecia-lhe um palácio, a boneca para ela não era uma boneca, era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza, a ventura, que apareciam numa espécie de irradiação quimérica, àquele infeliz entezinho, tão profundamente sepultado numa fúnebre e fria miséria. Cosette media com essa ingénua e triste sagacidadeda infância o abismo que a separava daquela boneca, dizendo consigo mesma que era necessário ser rainha, ou, pelo menos, princesa, para possuir uma «coisa assim». Ela contemplava aquele belo vestido cor-de-rosa, aqueles belos cabelos tão lustrosos e dizia consigo: «Aquela boneca sempre há-de ser muito feliz!». A pobre criança não podia tirar os olhos daquela fantástica loja. Quanto mais olhava, mais deslumbrada se sentia. Julgava ver o paraíso. Por trás da boneca grande havia outras que lhe pareciam fadas e génios. O negociante, que passeava na loja de um lado para o outro, como se lhe figurava o Padre Eterno.

A pobre criança esquecia tudo naquela adoração, mesmo o recado a que fora mandada. De repente, porém, a voz rude da estalajadeira chamou-a à realidade:

— Pois tu ainda aí estás, minha sirigaita! Espera que eu te arranjo! Sempre quero saber o que estás aí a fazer. Gira!

A Thenardier havia chegado à porta a ver o que se passava e avistara Cosette em êxtase.

Esta, ao ouvir a voz da estalajadeira, deitou a fugir com o balde, caminhando o mais apressadamente que podia.

V — A pequena sozinha

Como a estalagem dos Thenardier ficava na parte da aldeia próxima à igreja, era à fonte do bosque situada para o lado de Chelles que Cosette tinha de ir buscar a água.

A pobre rapariguinha não tornou a olhar para nenhuma outra barraca. Enquanto não passou o beco do Boulanger nem os arredores da igreja, a iluminação das lojas alumiava-lhe o caminho; bem depressa, porém, desapareceu o último clarão da última barraca, e Cosette achou-se na obscuridade, mas continuou a caminhar no meio dela.

Somente, como se ia apossando dela certa comoção, agitava o mais que podia a asa do balde. Isto produzia um ruído que lhe servia de companhia.

Quanto mais caminhava, porém, mais espessas se tornavam as trevas. Pelas ruas já se não via ninguém. Todavia, Cosette encontrou uma mulher, que se

voltou ao vê-la passar e que parou, murmurando por entre dentes:

— Onde irá esta criança? Será um lobisomem?

Depois, a mulher, reconhecendo Cosette, exclamou:

— Olha, é a Cotovia!

Cosette atravessou assim o labirinto de ruas tortuosas e desertas onde termina a aldeia de Montfermeil, para a parte de Chelles. Enquanto se viu no meio de casas e mesmo só de paredes, caminhou afoita. De vez em quando via o clarão de uma vela, pelas fendas de alguma janela, e isto para ela era luz e vida. É porque ali havia gente, e esta ideia tranquilizava-a. Todavia, à medida que caminhava, o seu passo afrouxava, como que maquinalmente. Depois de passar a esquina da última casa, parou. Passar adiante da última loja fora difícil; passar além da última casa tornava-se impossível.

Cosette, pois, pousou o balde no chão, meteu a mão por entre os cabelos e pôs-se a coçar a cabeça lentamente, gesto particular às crianças atemorizadas e indecisas. Já não era Montfermeil, eram os campos.

Diante de si tinha o espaço, negro e deserto. Cosette olhou com angústia para aquela obscuridade, em que não havia ninguém, em que só havia lobos ou talvez almas do outro mundo. Esbugalhou mais os olhos e ouviu os lobos a caminhar por cima da erva, e viu distintamente as almas do outro mundo agitando-se nos ramos das árvores.

Cosette, a quem o medo dava audácia, pegou então outra vez no balde e disse:

— Ora! Digo-lhe que não havia água!

E tornou a entrar resolutamente em Montfermeil. Apenas, porém, andou cem passos, parou de novo e pôs-se a coçar a cabeça. Agora era a Thenardier que lhe aparecia; a Thenardier medonha com a sua boca de hiena e a cólera a chamejar-lhe nos olhos.

A criança deitou um olhar lamentoso para diante e para trás. Que fazer? Que expediente tomar? Para que lado caminhar?

Na sua frente o espectro da Thenardier; por detrás todos os fantasmas da noite e dos bosques. Recuou, pois, diante da Thenardier. A assustada criança tornou a tomar o caminho da fonte, deitando a correr. E assim transpôs as casas da aldeia e entrou no bosque, sem olhar para coisa nenhuma, sem nada escutar, cessando apenas de correr quando lhe faltou a respiração, mas não deixando nunca de andar. Caminhava como se fora um autómato e quase sem a certeza de que vivia.

Ao passo, porém, que ia andando, sentia vontade de chorar. Apossava-se dela o estremecimento nocturno da floresta.

Nem já pensava, nem via. Aquele entezinho fazia frente a imensidade das

trevas.

De um lado a sombra toda, do outro um átomo.

Da extremidade do bosque à fonte havia apenas sete ou oito minutos de caminho, que Cosette conhecia perfeitamente por o ter passado muitas vezes de dia.

Estranha coisa! Aquela criança não se perdeu, e, contudo, não deitava os olhos nem para a direita nem para a esquerda, com receio de ver alguma coisa nos ramos das árvores ou na erva que cobria o chão. Conduzia-a vagamente um resto de instinto: assim chegou à fonte, que era uma espécie de tanque natural, cavado pela água num terreno argiloso, de uma profundidade de perto de dois pés, cercada de musgo e dessas ervas a que pelos seus rendilhados se dá o nome de golinhas de Henrique IV, e forrada com algumas grandes pedras.

Da fonte deslizava um regatozinho, sussurrando mansamente.

Cosette nem sequer parou para tomar o fôlego. Estava escuríssima a noite; porém, acostumada a vir àquela fonte, procurou com a mão esquerda na escuridão um carvalho novo que se debruçava sobre a nascente e que lhe servia ordinariamente de ponto de apoio; encontrou um ramo, agarrou-se a ele, baixou-se e meteu o balde na água. A emoção daquele momento fora tão violenta que lhe triplicara as forças. Ao curvar-se, porém, não reparou que naquela posição lhe ficava voltado para baixo o bolso do avental e caiu-lhe na água a moeda de quinze soldos. Cosette não a viu, nem a ouviu cair. Tirou para fora o balde quase cheio e pousou-o em cima da erva.

Feito isto, conheceu então que estava extenuada de cansaço. Bem quisera tornar a partir imediatamente, mas fora tal o esforço de encher o balde que lhe foi impossível dar um passo e viu-se obrigada a sentar-se. Deixou-se, pois, cair sobre a relva e ali ficou acocorada.

Fechou os olhos, depois tornou a abri-los, sem saber porquê, mas sem poder esquivar-se a este movimento. Junto dela a água, agitada no balde, formava círculos, que pareciam serpentes de fogo branco.

Por cima da sua cabeça mal se divisava o céu coberto de vastas nuvens negras, que eram como paredes de fumo. Sobre aquela criança parecia inclinar-se vagamente a máscara trágica das sombras, no meio das quais deslizava Júpiter radiante.

A criança olhava desvairada para aquela grande estrela que não conhecia e que lhe metia medo. Efectivamente, o planeta achava-se naquele momento muito perto do horizonte e atravessava uma névoa espessa, que a corava de uma vermelhidão horrível. A névoa lugubremente purpureada tornava maior o âmbito do astro. Dir-se-ia uma chaga luminosa.

Da planície soprava uma aragem fria. Espessas trevas envolviam o bosque, onde se não ouvia nenhum rumor de folhas, nem se via um só desses vagos e frescos clarões do estio. Os ramos levantados para o ar pareciam espectros terríveis. Nas clareiras zunia o vento por entre os silvados defecados e disformes, e aos assobios das rajadas formigavam como enguias as ervas crescidas, torciam-se as silvas como compridos braços armados de garras, tentando cravar-se em alguma presa.

De espaço a espaço passavam rapidamente, impelidas pelo vento, algumas urzes secas, que pareciam fugir assustadas a qualquer coisa que as perseguia. De todos os lados havia amplidões lúgubres.

A escuridão causa vertigens. O homem precisa de luz. O que se embrenha no contrário do dia sente apertar-se-lhe o coração. Onde os olhos vêem negrura, vê o coração perturbação. O eclipse, a noite, a opacidade fuliginosa causa ansiedade, ainda aos mais fortes. Não há ninguém que caminhe sozinho de noite por uma floresta sem tremer. Sombras e árvores são duas serrações temíveis. Na profundeza indistinta afigura-se ao espírito uma realidade quimérica. Debuxa-se o inconcebível a alguns passos de vós, com uma limpidez de espectro. Vêem-se flutuar no espaço, ou no próprio cérebro, umas coisas vagas e impalpáveis como os sonhos das flores adormecidas. Toma atitudes ferozes o horizonte. Aspiram-se os eflúvios da grande e negra amplidão do espaço. Tem a gente medo e vontade de olhar para trás. Sente-se indefesa contra as cavidades da noite, contra os objectos que se tornam medonhos, contra os perfis taciturnos que se dissipam ao aproximar-se, contra os vultos desgrenhados que se desenham nas trevas, contra as montanhas irritadas, contra os charcos lívidos, contra o lúgubre reflectido no fúnebre, contra a imensidade sepulcral do silêncio, contra os seres incógnitos possíveis, contra o misterioso debruçar dos ramos, contra o terrível torcer das árvores, contra os extensos punhados de ervas que se agitam rumorejando. Não há ousadia que não estremeça e que não sinta a aproximação da angústia. Experimenta-se o que quer que seja de pavoroso, como se a alma se amalgamasse com a sombra. Esta penetração das trevas, porém, numa criança é inexprimivelmente sinistra.

As florestas são apocalipses e o sacudir de asas de uma alma pequenina produz um ruído de agonia sob a abóbada monstruosa que as cobre.

Cosette, sem ter consciência do que experimentava, sentia-se penetrada por esta grandeza obscura da natureza. Não era simplesmente terror o que se apossava dela; era alguma coisa mais terrível ainda do que o terror. A rapariguinha estremecia.

Falecem-nos as expressões para dizer o que tinha de estranho esse

estremecimento que a gelava até ao fundo do coração. O seu olhar tinha-se tornado desvairado. Julgava sentir que talvez não pudesse deixar de voltar ali no outro dia à mesma hora.

Cosette, então, por uma espécie de instinto, para sair deste singular estado, que não compreendia, mas que a aterrava, principiou a contar em voz alta um, dois, três, quatro, até dez, e, chegando ao fim, tornou a começar. Restituiu-lhe isto a verdadeira percepção das coisas que a rodeavam. Sentiu frio nas mãos, que havia molhado ao meter o balde na água, e levantou-se. Voltara-lhe o medo, mas um medo natural e invencível. Não lhe ocorreu mais do que um só pensamento fugir; fugir a toda a pressa pelo meio dos bosques, pelo meio dos campos, até às casas, até às janelas, até às velas acesas. O seu olhar, porém, fixou-se no balde que tinha diante de si, e tal era o susto que a Thenardier lhe inspirava, que não se atreveu a fugir sem o balde. Pegou-lhe, pois, pela asa com as duas mãos, custando-lhe a levantá-lo do chão.

Assim andou uns doze passos, porém o balde estava cheio, era pesado, e a pobre criança viu-se obrigada a pousá-lo no chão outra vez. Respirou um instante, depois pegou novamente na asa e continuou a caminhar, desta vez por mais algum tempo.

Foi-lhe necessário, porém, tornar a parar, e, após alguns segundos de descanso, partiu de novo. Cosette caminhava vergada para diante, com a cabeça curvada como uma velha; o peso do balde distendia e inteiriçava-lhe os magros braços. A asa de ferro acabava de lhe entorpecer e gelar as mãozinhas molhadas; de espaço a espaço via-se obrigada a parar, e todas as vezes que parava caía-lhe pelas pernas nuas a água fria que extravasava do balde. Passava-se isto no fundo de um bosque, de noite, no Inverno, longe de todas as vistas humanas; era uma criança de oito anos a que ali estava; só Deus naquela ocasião é que via aquele triste espectáculo.

E talvez também sua mãe. Há coisas que fazem abrir os olhos aos mortos nos seus túmulos!

A sua respiração parecia uma espécie de estertor doloroso; os soluços apertavam-lhe a garganta, mas ela não ousava chorar, tal era o medo que tinha da Thenardier, mesmo na sua ausência. Era sempre o seu costume afigurar-se que estava na presença de Thenardier.

Cosette, porém, daquele modo não podia andar muito, e por isso ia vagarosa-mente. Debalde diminuía a duração das estações, caminhando entre uma e outra o maior espaço de tempo que podia; lembrava-se com angústia que levaria mais de uma hora a chegar assim a Montfermeil, e que a Thenardier, portanto, lhe bateria, e esta angústia misturava-se com o susto de se ver sozinha de noite no meio do bosque. A pobre Cosette estava extenuada

de cansaço e ainda não tinha saído da floresta.

Chegada ao pé de um velho castanheiro que conhecia, fez uma última paragem, mais demorada que as outras, para se refazer bem de forças, e depois reuniu quantas tinha, tornou a pegar no balde e pôs-se de novo a caminho corajosamente. A pobre criança, porém, não pôde sufocar tanto a sua angústia que não exclamasse:

— Oh, meu Deus! Meu Deus!

Neste momento, Cosette sentiu que o balde já não lhe pesava, pois acabava de o agarrar pela asa, levantando-o vigorosamente, uma mão que lhe pareceu enorme.

A criança levantou a cabeça e viu caminhando ao lado dela, na escuridão, um vulto negro direito e de pé. Era um homem que viera por trás, mas que a criança não sentiu vir, e que, sem lhe dirigir uma palavra, travara da asa do balde que ela levava.

Há instintos para todos os encontros da vida.

A criança não se assustou.

VI — O que prova talvez a inteligência de Boulatruelle

Na tarde daquele mesmo dia de Natal de 1823, um homem passeou durante muito tempo na parte mais deserta do boulevard do Hospital, em Paris. Este homem tinha o ar de quem procura um alojamento e parecia parar de preferência em frente das casas mais modestas, situadas na extremidade arruinada do arrabalde Saint-Marceau.

Mais adiante se verá que este homem tinha, efectivamente, alugado um quarto neste bairro isolado.

O homem de quem nos ocupamos, tanto no seu vestuário como em toda a sua pessoa, realizava o tipo do que pode chamar-se o mendigo de boa feição; a extrema miséria combinada com a extrema limpeza. É uma mistura bastante rara, que inspira aos corações inteligentes esse duplo respeito pelo que é pobre e ao mesmo tempo digno. Este homem trazia um chapéu redondo muito velho e sem pêlo, um casacão de pano cor de ocre, cor que nada tinha de extravagante naquele tempo, tão rapado que se lhe via o fio, um grande colete com bolsos de forma secular, calções que de negros se tornaram russos, meias de lã pretas e sapatos grossos com fivelas de cobre. Dir-se-ia um antigo preceptor de alguma casa nobre, de volta de emigração. Os cabelos completamente brancos, a fronte enrugada, os lábios lívidos, o acabrunhamento e o cansaço da vida que respirava todo o seu rosto, faziam supor que tinha muito mais de sessenta anos. Ao ver-lhe, porém, a firmeza do andar, ainda que vagaroso, ao ver o vigor singular de todos os seus movimentos, dar-se-lhe-iam apenas cinquenta. As rugas da fronte estavam

bem colocadas e teriam prevenido em seu favor quem o observasse com atenção. Os lábios contraíam-se-lhe com uma estranha ruga, que parecia severa e que era humilde. No fundo do seu olhar havia certa serenidade lúgubre. Na mão esquerda trazia um embrulho escuro atado num lenço e com a direita apoiava-se numa espécie de cajado cortado numa sebe. Este cajado havia sido trabalhado com algum cuidado e não tinha muito mau aspecto; o artífice que o fizera tirara partido dos nós, coroando-o com um castão de lacre vermelho, a fingir coral: era um cajado, mas parecia uma bengala.

É pequeno o trânsito naquele passeio, mormente de Inverno; contudo, o homem cujo retrato fizemos, mais parecia evitar, bem que sem afectação, do que procurar os poucos transeuntes que por ali passavam.

Naquela época ia o rei Luís XVIII quase todos os dias a Choisy-le-Roi. Era um dos seus passeios favoritos. As duas horas, quase invariavelmente, via-se passar a toda a brida pelo boulevard do Hospital a carruagem e a cavalgada real.

Isto servia de relógio aos pobres do sítio, que diziam: «São duas horas. Aí vai o rei outra vez para as Tulherias.»

E corriam uns e perfilavam-se os outros, porque a passagem de um rei é sempre um tumulto. com efeito, o aparecimento e desaparecimento de Luís XVIII, produzia certo efeito nas ruas de Paris. Era uma coisa rápida, mas majestosa. Aquele rei impo-tente e estropiado gostava de galopar; como não podia andar, queria correr, e de bom grado se deixaria arrastar pelo relâmpago. Passava severo e pacífico pelo meio dos sabres desembainhados, na sua berlinda maciça, toda dourada e com grandes ramos de lis pintados nas portinholas. Mal havia tempo de deitar um rápido olhar para aquele veículo rodando com estrondo. No ângulo do fundo, à direita, sobre almofadas acolchoadas de cetim branco, via-se uma cara larga, firme e vermelha, uma fronte viçosa empoada à ave real, uns olhos cheios de altivez, dureza e finura, um sorriso de letrado, duas grandes dragonas de cordões de retrós, flutuando por cima de uma casaca burguesa, o Tosão de Ouro, a cruz de S. Luís, a cruz da Legião de Honra, a chapa de prata do Espírito Santo, uma grande barriga e um largo cordão azul; era o rei.

Fora de Paris conservava o seu chapéu de plumas sobre os joelhos, cobertos de altas polainas inglesas; ao entrar, porém, na cidade, punha-o na cabeça, cumprimentando pouco. Luís XVIII olhava com frieza para o povo, que lhe pagava na mesma moeda.

Quando ele apareceu a primeira vez no bairro de Saint-Marceau, consistiu todo o seu sucesso nesta frase dirigida por um morador do sítio a um seu vizinho: «Aquele gordo que ali vai é que é o governo.»

Esta infalível passagem do rei à mesma hora era, pois, o sucesso quotidiano do boulevard do Hospital.

Evidentemente, o passeante de casacão amarelo não era do bairro, nem talvez de Paris, pois ignorava esta circunstância. Quando às duas horas, depois de ter dobrado a Salpêtrière, desembocou no boulevard a carruagem real, cercada por um esquadrão de guardas do corpo, agaloados de prata, aquele homem pareceu ficar maravilhado e quase aterrado. Apenas ele se achava na álea lateral; perfilou-se, pois, com ligeireza por trás de uma esquina da parede de circunvalação, o que não obstou a que o duque de Havre o visse, o qual, como capitão dos guardas de serviço naquele dia, estava sentado na carruagem defronte do rei.

— Está ali um homem — disse ele a Sua Majestade que não tem lá muito boa cara.

Alguns agentes de polícia que abriam passagem ao rei, fizeram igualmente reparo nele e um deles recebeu ordem para o seguir, O homem, porém, embrenhou-se pelos becos solitários daquele sítio, e, como principiava a declinar o dia, o agente perdeu-lhe o rasto, como o prova um relatório dirigido nessa mesma noite ao conde de Angles, ministro de Estado, que era então o prefeito da polícia.

Apenas o agente perdeu de vista o homem do casacão amarelo, este apressou o passo, não sem se virar muitas vezes para trás para se assegurar se era seguido. Às quatro horas e um quarto, isto é, ao cair da noite, passava em frente do teatro da porta de S. Martin onde nesse dia se representavam Os dois forçados.

Impressionou-o o cartaz, iluminado pelos lampiões do teatro, pois, posto que caminhasse depressa, parou para o ler. Um instante depois, estava no beco de La Planchette e entrava no Prato de estanho, onde ficava o escritório da diligência de Lagny, que partia às quatro horas e meia da tarde. Quando ele chegou já os cavalos estavam atrelados e os viajantes, chamados pelo cocheiro, trepavam a toda a pressa a escada de ferro que dava serventia para os assentos.

— Há algum lugar vago? — perguntou o homem.

— Há um único, aqui ao meu lado, neste assento — disse o cocheiro.

— Desejo ocupá-lo.

— Suba.

O cocheiro, porém, antes de partir, deitou um olhar para o medíocre vestuário do viajante e para a pequenez do seu embrulho e exigiu o dinheiro adiantado.

— Vai até Lagny?

— Vou — disse o homem.

O viajante pagou, portanto, até Lagny e a diligência partiu.

Passada a barreira, o cocheiro tentou travar conversa com o viajante, mas como este apenas respondia por monossílabos, o cocheiro tomou o expediente de assobiar e praguejar aos cavalos e embuçar-se no seu capote por causa do frio que fazia. Parecia, porém, que o viajante nem de tal coisa se lembrava. Assim se passou Guarnay e Neuilly-sur-Marne.

Por volta das seis horas da tarde estava a diligência em Chelles. O cocheiro parou, para deixar resfolegar os cavalos, à porta da estalagem de carreteiros instalada nos antigos edifícios da abadia real.

— Eu desço aqui — disse o homem.

Pegou no embrulho e na bengala e saltou abaixo da diligência.

Daí a um instante havia desaparecido, mas não tinha entrado para a estalagem.

Quando ao cabo de alguns minutos a diligência seguiu para Lagny, não o encontrou na estrada real de Chelles. O cocheiro voltou-se então para os viajantes de dentro e disse:

— Este homem não é daqui, eu não o conheço. A julgar pela figura, parece um pobretão, mas não tem amor ao dinheiro; paga para Lagny e não vem senão até Chelles. É noite, as casas estão todas fechadas, ele não entrou para a estalagem nem o tornámos a encontrar na estrada; o diabo do homem meteu-se, decerto, pela terra dentro!

O homem não se tinha metidopela terra dentro, mas tinha percorrido velozmente no meio da escuridão a estrada que atravessava Chelles, e depois tomara à esquerda, antes de chegar à igreja, o caminho vicinal que conduz a Montfermeil, como quem já conhecia a terra e tinha ido a ela.

Seguiu, pois, este caminho rapidamente, e, como no sítio onde ele é cortado pela antiga estrada orlada de árvores que vai de Gagny para Lagny ouvisse passos que se aproximavam, escondeu-se precipitadamente num valado à espera que se afastassem as pessoas que iam a passar. A precaução era aliás quase supérflua, pois, como já dissemos, fazia uma escuríssima noite de Dezembro. Apenas no céu se viam duas ou três estrelas.

É naquele lugar que começa a encosta da montanha. O homem não se meteu no caminho de Montfermeil; tomou à direita, pelo meio dos campos, e principiou a caminhar com ligeireza na direcção do bosque.

Chegado ali, afrouxou o passo e pôs-se a olhar com cuidado para todas as árvores, avançando passo a passo como se procurasse e seguisse um caminho misterioso só dele conhecido. Em certa ocasião pareceu que se perdera, a julgar pelo modo como parou indeciso. Por fim, de apalpadela em apalpadela,

chegou a uma clareira, onde havia um montão de grandes pedras esbranquiçadas, e, depois de se dirigir com presteza para elas, examinou-as com atenção por entre a neblina da noite, como se as quisesse passar em revista. Depois foi direito a uma árvore coberta dessas excrescências que são as verrugas dos vegetais, que estava a alguns passos dele, e correu-lhe a mão pela casca do tronco, como se pretendesse conhecer e contar todas as verrugas.

Defronte desta árvore, que era um freixo, havia um castanheiro com um bocado descascado, o qual por aparelho desta ferida tinha pregada uma faixa de zinco, que o homem tocou, depois de se pôr em bicos de pés.

Em seguida pôs-se a bater com o pé no chão durante algum tempo, no espaço compreendido entre a árvore e as pedras, como que assegurando-se se a terra não teria sido movida de fresco.

Feito isto, orientou-se e tornou a seguir o seu caminho pelo meio do bosque.

Era este o homem que acabava de se encontrar com Cosette.

Ao caminhar por entre o mato em direcção a Montfermeil, avistara aquela sombra pequenina que se movia com um gemido, que pousava um objecto pesado no chão, e que depois tornava a pegar nele e continuava o seu caminho.

Aproximara-se, pois, e reconhecera que era uma tenra criancinha carregada com um enorme balde de água e encaminhando-se para ela pegou silenciosamente na asa do balde.

VII — Cosette no meio da escuridão ao lado dum desconhecido

Como já dissemos, Cosette não se assustara.

O homem dirigiu-lhe a palavra: falava com voz grave e quase baixa:

— Minha filha, o que aí levas é pesado de mais para ti.

Cosette ergueu a cabeça e respondeu:

— Isso é, meu senhor.

— Dá-mo cá então — tornou o homem — que eu levo-o.

Cosette largou o balde e o homem principiou a caminhar ao lado dela.

— Com efeito, é muito pesado! — disse ele por entre dentes, e depois acrescentou: — Que idade tens tu, pequena?

— Oito anos, meu senhor.

— E vens assim de muito longe?

— Ali da fonte do bosque.

— E é muito distante o lugar para onde vais?

— A um bom quarto de hora daqui.

O homem esteve um momento sem falar e depois disse precipitadamente:

— Então tu não tens mãe?

— Não sei — respondeu a criança. — E acrescentou antes do homem ter tempo de retomar a palavra: — Julgo que não. As outras têm, mas eu não. — Após uma pausa, continuou: — Eu julgo que nunca a tive.

O homem parou, pousou o balde no chão, baixou-se e pôs as mãos nos ombros da criança, forcejando por a examinar e ver-lhe o rosto no meio da escuridão.

Ao lívido clarão do céu desenhava-se vagamente a figura magra e doente de Cosette.

— Como te chamas? — disse o homem.

— Cosette.

O homem teve como que um choque eléctrico. Contemplou-a outra vez, tirou as mãos de cima dos ombros de Cosette, pegou no balde e continuou a caminhar.

Ao cabo de um instante, perguntou:

— Onde moras tu, pequena?

— Em Montfermeil, não sei se o senhor sabe onde é.

— E é para lá que nós vamos?

— É, sim, senhor.

O homem fez ainda outra pausa e depois continuou:

— Quem foi que te mandou à água ao bosque a semelhante hora?

— Foi a senhora Thenardier.

O homem replicou com um tom de voz que forcejava por tornar indiferente, mas em que, não obstante, havia um tremor singular:

— Quem é essa senhora Thenardier?

— É a minha patroa — disse a criança —, a dona da estalagem.

— Da estalagem? — disse o homem. — Então vou lá pernoitar hoje. Ensina-me o caminho.

— Nós para lá vamos — disse a criança.

O homem caminhava bastante depressa, Cosette, porém, seguia-o sem custo e sem sentir cansaço. De espaço a espaço levantava os olhos para este homem com uma espécie de tranquilidade e abandono inexprimível. Nunca ninguém a ensinara a voltar-se para a Providência e a orar, porém ela sentia em si o que quer que fosse que se parecia com a esperança e com a alegria, e que se dirigia para o céu.

Decorridos alguns minutos, o homem tornou:

— Então a senhora Thenardier não tem criada?

— Não, senhor.

— Então és tu só?

— Sou, sim, senhor.

Houve ainda outra interrupção, depois da qual Cosette elevou a voz:

— Isto é, lá em casa há duas meninas.

— Que meninas são essas?

— Ponina e Zelma.

Era assim que a criança simplificava estes romanescos nomes tão caros à estalajadeira.

— Que vem a ser isso de Ponina e Zelma?

— São as filhas da senhora Thenardier.

— E que fazem elas?

— Oh! — disse a criança. — Têm lindas bonecas, coisas de ouro, nem sabem para onde se hão-de voltar! Jogam, brincam, fazem o que querem.

— Todo o dia?

— Sim, senhor.

— E tu?

— Eu cá trabalho.

— Todo o dia?

A criança ergueu os seus grandes olhos, nos quais havia uma lágrima, que por causa da escuridão não se via e respondeu com doçura:

— Sim, meu senhor. — E, após um intervalo de silêncio, prosseguiu: — Às vezes também brinco, quando acabo o serviço e me deixam.

— E com que brincas?

— Com o que posso. Ninguém se importa. Mas eu não tenho muitos brinquedos, e Ponina e Zelma não querem que eu brinque com as bonecas delas. Não tenho senão uma espadita de chumbo, que não é maior do que isto.

E a criança mostrava o dedo mínimo.

— E que não corta?

— Ai, corta, sim, senhor; corta salada e cabeças de moscas.

Nisto chegaram à aldeia e Cosette guiou o viajante pelas ruas. Passaram pela padaria, porém, Cosette não se lembrou de que lhe tinham mandado levar um pão. O homem havia cessado de fazer-lhe perguntas e guardava um silêncio triste. Depois que passaram a igreja, o homem, vendo todas aquelas barracas ao ar livre, perguntou a Cosette:

— Isto aqui é alguma feira?

— Não, senhor, é o Natal.

Ao aproximarem-se da estalagem, Cosette disse-lhe, tocando-lhe o braço timidamente:

— Ó senhor...

— Que é, minha filha?

— Estamos ao pé de casa.

— E então?

— Faz favor de me dar agora o balde?

— Porquê?

— É porque se a patroa vê que não fui eu que o trouxe, bate-me.

O homem deu-lhe o balde e um instante depois estavam à porta da taberna.

VIII — Desgosto de recolher em casa um pobre que é talvez rico

Cosette não pôde deixar, de olhar para a grande boneca ainda garbosamente exposta na loja do quinquilheiro, após o que bateu à porta. Esta abriu-se e apareceu a Thenardier com uma vela na mão.

— Ah, és tu, minha sonsa! Ora graças a Deus, custou-te! A sonsa pôs-se por lá a brincar, decerto!

— Senhora — disse Cosette, tremendo — está aqui um senhor que quer cá ficar.

A Thenardier substituiu logo o seu gesto de enfado pela sua careta amável, mudança visível particular aos estalajadeiros, e procurou avidamente com os olhos o recém-chegado.

— É o senhor? — perguntou ela.

— Sim, senhora — respondeu o homem, levando a mão ao chapéu.

Não são tão polidos os viajantes ricos. Este gesto e a inspecção do vestuário e da bagagem do novo hóspede, que a Thenardier passou em revista num relancear de olhos, fizeram desvanecer a careta amável e reaparecer o aspecto carrancudo. A estalajadeira disse secamente:

— Entre, bom homem.

O «bom homem» entrou. A Thenardier deitou-lhe segundo relancear de olhos, examinou com particularidade o seu casacão, que não tinha pêlo absolutamente nenhum, e o chapéu, que estava alguma coisa amassado, e consultou com um abanar de cabeça, com um franzir de nariz e um piscar de olhos, o marido que continuava a beber com os carreteiros. O marido respondeu por essa imperceptível agitação do índex, que apoiada pelo estender dos beiços, significava em tal caso: «miséria completa». Em virtude disto, a Thenardier exclamou:

— Ai, é verdade, honrado homem! Sinto muito, mas já não tenho lugar.

— Seja onde for — disse o homem — no alpendre ou na cavalariça. Pagarei como se dormisse num quarto.

— Quarenta soldos.

— Seja por quarenta soldos.

— Pois então está servido.

— Quarenta soldos! — disse um carreteiro em voz baixa à Thenardier — o

costume são só vinte.

— Mas para ele são quarenta — replicou a Thenardier no mesmo tom. — Não dou hospedagem a pobres por menos.

— É verdade — acrescentou o marido também em voz baixa — não acredita nada uma casa receber desta casta de gente.

Neste meio tempo tinha-se o homem, depois de haver deixado em cima de um banco o embrulho e o cajado, sentado a uma mesa, na qual Cosette pusera com presteza uma garrafa de vinho e um copo. O homem que pedira o balde de água fora levá-lo ao cavalo. Quanto a Cosette tornara a pegar na meia e fora para o seu lugar debaixo da mesa.

O homem, que havia apenas molhado os lábios no copo de vinho que despejara da garrafa, contemplava a criança com estranha atenção.

Cosette era feia. Feliz, talvez tivesse sido bonita. Nós já esboçámos esta figurazinha escura. Cosette tinha perto de oito anos. Ao ver, porém, a sua palidez e magreza, dar-se-lhe-iam apenas seis. A força de chorar tinha-se-lhe quase que extinto o brilho dos seus grandes olhos, envoltos numa espécie de sombra. Nos cantos da boca tinha essa curva de angústia habitual que se observa nos sentenciados e nos doentes sem esperança de cura. As mãos dela estavam como o adivinhara sua mãe, «comidas de frieiras». O clarão da fogueira, que naquela ocasião a iluminava, fazia-lhe sobressair os ângulos dos ossos., tornando terrivelmente visível a sua magreza. Como andava sempre a tiritar com frio, contraíra o hábito de apertar os joelhos um contra o outro. O seu vestuário era todo um farrapo, que de Verão faria lástima e no Inverno causava horror. A pobre criança não trazia sobre o corpo senão um pano esburacado; nem um único trapo de lã.

Aqui e além via-se-lhe a pele e distinguiam-se-lhe por toda a parte umas manchas azuis ou negras que indicavam os sítios em que a Thenardier a havia espancado.

As suas delgadas perninhas andavam de contínuo expostas ao frio, o que as tornava excessivamente vermelhas. A cavidade que se lhe formava nas clavículas fazia chorar.

O seu andar, a sua atitude, o som da sua voz, os seus intervalos entre uma e outra palavra, o seu olhar, o seu silêncio, o seu menor gesto, toda a sua pessoa, enfim, exprimia e traduzia uma só ideia: «o receio».

O receio estava espalhado por ela toda; ela estava, para assim dizer, coberta dele; o receio ligava-lhe os cotovelos aos quadris, escondia-lhe os calcanhares debaixo das saias, fazia-lhe ocupar o menor espaço possível, deixava-lhe apenas tomar a respiração necessária, e tornara-se-lhe o que se podia chamar o hábito do seu corpo, sem variação possível, senão para

aumentar. No fundo das pupilas dos seus olhos havia um espaço espantado, onde existia o terror.

Era tal o receio, que Cosette, ao chegar, apesar de toda molhada como estava, não ousara ir enxugar-se ao lume, pondo-se de novo silenciosamente a trabalhar.

A expressão do olhar daquela criança de oito anos era habitualmente tão triste e às vezes tão trágica, que em certas ocasiões parecia que ela estava próxima a tornar-se uma idiota ou um demónio.

Cosette jamais soubera o que era rezar, jamais pusera o pé numa igreja:

— Eu tenho lá tempo para essas coisas? — dizia a Thenardier.

O homem do casacão amarelo não despegava os olhos de Cosette.

De súbito, a Thenardier exclamou:

— É verdade! E o pão?

Cosette, segundo o costume, todas as vezes que a Thenardier elevava a voz, saía apressadamente de debaixo da mesa.

A infeliz criança esquecera-se completamente do pão. Recorreu, portanto, ao expediente das crianças a quem nunca larga o medo: mentiu.

— Senhora, o padeiro estava fechado.

— Batesses.

— Eu bati, senhora.

— E então?

— Ninguém veio abrir.

— Amanhã hei-de saber se isso é verdade — disse a Thenardier — e, se mentiste, conta que te farei dançar! Mas dá cá os quinze soldos que te dei para o trazeres.

Cosette meteu a mão na algibeira do seu avental e tornou-se verde. A moeda de quinze soldos não estava lá.

— Então? — tornou a Thenardier. — Ouviste o que eu te disse?

Cosette virou a algibeira, mas esta nada tinha. De que modo teria desaparecido aquele dinheiro? A infeliz criança não achou uma palavra. Estava petrificada.

— Querem vocês ver que os perdeu? — grunhiu a Thenardier. — Ou quererás tu roubar-mos?

E ao mesmo tempo estendeu o braço para a palmatória pendurada ao pé da chaminé.

Este gesto temível deu a Cosette força para gritar:

— Perdão, senhora! Senhora, eu não torno a fazer outra!

A Thenardier, porém, tirou a palmatória.

Neste momento o homem do casacão amarelo metera a mão no bolso do

colete sem que ninguém reparasse neste movimento, pois que os outros viajantes bebiam ou jogavam sem prestar atenção a mais nada.

Cosette enovelava-se com angústia ao canto da chaminé, procurando juntar e esquivar os pobres membros meio nus ao castigo terrível que a ameaçava.

— Perdão, senhora — disse o homem ao ver a Thenardier erguer o braço — há pouco vi cair do bolso do avental dessa pequena, não sei o quê para o chão, e o que foi rolou. Talvez seja isso.

Ao mesmo tempo baixou-se e pareceu procurar no chão um instante.

— Justamente, cá está — tornou ele, erguendo-se.

E estendeu a mão para a Thenardier com uma moeda de prata.

— É verdade, é isso — disse ela.

Não era aquilo, pois era uma moeda de vinte soldos, e a que ela dera a Cosette era de quinze. A Thenardier, porém, que lucrava, meteu o dinheiro na algibeira e limitou-se a lançar um olhar feroz à pobre criança, dizendo:

— Ora, não te torne a acontecer outra!

Cosette recolheu-se ao que a Thenardier chamava o «nicho» dela e os seus grandes olhos fixos no viajante desconhecido principiaram a tomar uma expressão que nunca dantes tiveram. Não era ainda mais do que um espanto ingénuo, porém de envolta com uma espécie de confiança estupefacta.

— É verdade, você quer cear? — perguntou a Thenardier ao viajante.

Este, porém, não respondeu. Parecia abismado numa meditação profunda.

— Que diabo de homem será este? — murmurou ela por entre dentes. — É algum pobretão, que não tem um real de seu para cear. Pagar-me-á ele ao menos a noitada?

Assim mesmo, foi uma fortuna não lhe ocorrera lembrança de pegar no dinheiro que estava no chão e guardá-lo.

A este tempo abriu-se uma porta e Eponina e Azelma entraram.

Eram, realmente, duas lindas rapariguinhas, mais burguesas do que camponesas, sobremodo engraçadas, uma com as suas tranças cor de castanha muito luzidias, a outra com os seus compridos cabelos negros deitados pelas costas abaixo, ambas vivas, asseadas, gordas, frescas e sadias, que era um gosto vê-las. Vestiam roupas de agasa-lho, porém com tal arte maternal, que a grossura das fazendas nada tirava à garridice do vestuário. Provera-se às exigências do Inverno, sem desflorar as graças da Primavera. Parecia que irradiavam luz aquelas duas crianças. Além disto tinham maneiras de rainhas. No seu vestuário, na sua alegria, no barulho que faziam havia certo aspecto de soberania.

Quando elas entraram, a Thenardier disse, num tom de quem ralha, mas que era cheio de meiguice:

— Aí vêm vocês agora!

Depois exclamou, puxando-as para os joelhos uma após outra, alisando-lhes os cabelos, atando-lhes as tranças e largando-as em seguida com essa maneira doce de sacudir própria das mães:

— Olhem, têm o fato todo amarrotado.

As duas crianças foram sentar-se ao pé do lume dando mil voltas a uma boneca que tinham no regaço e acompanhando o seu infantil folguedo com toda a espécie de alegres gorjeios. De vez em quando, Cosette levantava os olhos da meia em que trabalhava e punha-se a vê-las brincar com ar lúgubre. Porém, Eponina e Azelma não olhavam para Cosette, a quem consideravam como um cão. Aquelas três crianças não tinham vinte e quatro anos entre todas e já representavam toda a sociedade humana: de uma parte a inveja, da outra o desdém.

A boneca com que as filhas da estalajadeira brincavam, apesar de velha e quebrada, nem por isso parecia menos admirável a Cosette, que nunca na sua vida tivera uma boneca, uma verdadeira boneca, para nos servirmos de uma expressão que todas as crianças compreenderão.

De repente, a Thenardier, que continuava a passear pela casa de um lado para o outro, deu fé de que Cosette estava distraída e que em vez de trabalhar se ocupava a olhar como as pequenas brincavam.

— Ah, espera que eu já te digo! — gritou ela. — Eu quero saber se assim é que se trabalha! Deixa que eu vou fazer-te trabalhar com a palmatória.

O desconhecido voltou-se então para a Thenardier, sem se levantar da cadeira, e disse-lhe, sorrindo, quase com ar de receio:

— Ora adeus, senhora, deixe-a também brincar!

Da parte de qualquer hóspede, que tivesse ceado convenientemente e bebesse duas garrafas de vinho e que não tivesse o aspecto de um mendigo, seria uma ordem a manifestação de semelhante desejo. Mas que um homem com semelhante chapéu tivesse a ousadia de ter um desejo, que um semelhante casacão tivesse a ousadia de ter uma vontade, era o que a Thenardier julgava não dever tolerar, e por isso replicou com azedume:

— Já que come, que trabalhe. Eu não a tenho em casa para ela estar com as mãos debaixo dos braços.

— Mas que é que ela faz? — tornou o recém-chegado com uma voz doce, que tão estranhamente contrastava com os seus trajes de mendigo e com os seus ombros de moço de fretes.

A Thenardier dignou-se responder:

— Faz meia para minhas filhas, que estão sem elas, quase, e que não tardarão a andar descalças.

O homem olhou para os pobres pés vermelhos de Cosette e continuou:

— Quanto tempo levará ela a fazer aquele par de meias?

— Da maneira como é preguiçosa, ainda tem para três ou quatro dias puxados.

— E quanto valerão depois de feitas?

A Thenardier deitou-lhe um olhar desdenhoso.

— Trinta soldos pelo menos.

— Quer a senhora dá-las por cinco francos? — tornou o homem.

— Caramba! — exclamou com um sorriso alvar um carreteiro que escutava a conversa. — Cinco francos? Repare bem! Olhe que são cinco rodinhas!...

O estalajadeiro julgou do seu dever tomar a palavra.

— Pois não, senhor; se tem esse desejo, dão-se-lhe as meias pelos cinco francos. Nós cá não sabemos recusar nada aos viajantes.

— Mas é no caso de pagar já — disse a mulher com o seu modo breve e peremptório.

— Fico com as meias — respondeu o homem, e acrescentou, tirando do bolso uma moeda de cinco francos que pôs em cima da mesa — e pago-as já.

Em seguida voltou-se para Cosette:

— Brinca, minha filha, que o teu trabalho agora pertence-me.

Aquela moeda de cinco francos impressionou tanto o carreteiro que este largou o copo e veio ver a correr.

— E é verdade! — gritou ele, examinando-a. — Uma verdadeira roda traseira! E não é das falsas!

O Thenardier aproximou-se então e meteu silenciosamente a moeda de cinco francos na algibeira.

Aquilo não tinha a mulher que replicar. Apenas mordeu os beiços, tomando-lhe o rosto uma expressão de ódio.

Cosette, porém, tremia, e aventurou-se a perguntar:

— Senhora, é verdade? Eu posso brincar?

— Brinca! — disse-lhe a Thenardier com uma voz terrível.

— Muito obrigada — disse Cosette.

E enquanto com a boca agradecia à Thenardier, agradecia com o seu coraçãozinho ao viajante.

O estalajadeiro foi pôr-se outra vez a beber e a mulher disse-lhe ao ouvido:

— Quem será este homem de amarelo?

— Tenho visto milionários com casacões assim — respondeu ele com gesto soberano.

Cosette pousou a meia e, sem sair do seu lugar, pois a pobre criança bulia-se o menos que lhe era possível, tirou de uma caixa que lhe ficava por trás,

alguns farrapos velhos e a sua espadazinha de chumbo.

Eponina e Azelma não prestavam atenção nenhuma ao que se passava. Acabavam de executar uma operação importante; tinham agarrado o gato sem lhes importar a boneca, que atiraram ao chão, e Eponina, a mais velha, enfaixava-o, apesar das suas contorções e dos seus estrídulos miaus, com uma infinidade de panos e farrapos vermelhos e azuis. Ao mesmo tempo, porém, que se ocupava neste grave e difícil trabalho, dizia sua irmã nessa doce e adorável linguagem infantil, cuja graça desaparece quando a pretendem fixar, semelhante ao esplendor das asas das borboletas:

— Olha, Zelma, vês como esta boneca é mais divertida do que a outra? Olha como ela grita, como está quente e desinquieta. Brinquemos, sim? Eu sou uma senhora, e depois isto há-de ser a minha filha, e eu hei-de vir visitar-te e tu pões-te a examiná-la.

Pois sim? Tu depois começas a ver-lhe pouco a pouco as barbas e ficas muito admirada; depois as orelhas e o rabo, e cada vez te espanta isto mais. E hás-de dizer-me: «Ai, meu Deus!» e eu digo-te: «Sim, minha senhora, aqui lhe trago a minha menina. Agora as meninas usam-se assim».

Azelma escutava Eponina com admiração.

Ao mesmo tempo, porém, que entre as duas crianças tinha lugar esta cena, os fregueses da taberna puseram-se a cantar uma cantiga obscena que os fazia rir tão estrondosamente, que parecia que tremia o tecto.

O estalajadeiro animava-os e acompanhava-os na ruidosa manifestação da sua alegria.

Do mesmo modo que as aves. com qualquer coisa fazem um ninho, assim as crianças de qualquer coisa arranjam uma boneca. Enquanto Eponina e Azelma enfaixavam o gato, Cosette, pela sua parte, enfaixara a espada. Feito isto, deitou-a nos braços e pôs-se a embalá-la neles, cantando para a fazer adormecer.

A boneca é uma das mais imperiosas necessidades e juntamente um dos mais engraçados instintos da infância feminina. Preparar, enfeitar, vestir, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar, embalar, afagar, adormecer, figurar de qualquer coisa uma pessoa, todo o futuro da mulher consiste nisto. A cismar e a tagarelar, a fazer enxovaizinhos e vestidinhos, corpinhos e roupõezinhos, a criança torna-se adolescente, a adolescente donzela, e a donzela mulher. A primeira criança continua a última boneca.

Uma criança sem boneca é quase tão infeliz e tão completamente impossível como uma mulher sem filhos.

Cosette, pois, tinha feito da espada uma boneca.

Quanto à Thenardier, chegara-se para o pé do homem de amarelo e dizia

consigo: «Meu marido tem razão, talvez este homem seja Laffite. Há ricos tão pantomineiros!»

E após isto foi encostar-se à mesa a que ele estava sentado.

— Senhor... — disse ela.

A esta palavra senhor, o homem voltou-se, pois, a Thenardier ainda o não havia tratado senão por honrado homem, ou bom homem.

— Olhe, senhor — prosseguiu ela, tomando o seu ar adocicado, que ainda era mais desagradável à vista do que o seu gesto feroz — eu não levo a mal que a pequena brinque, nem me oponho a isso, mas é por esta vez só, porque o senhor é generoso. Ela não tem nada de seu, portanto precisa de trabalhar.

— Visto isto, não é sua a pequena? — perguntou o homem.

— Oh, meu Deus! Não, senhor! É uma pobrezita que nós recolhemos assim por caridade. Uma espécie de tolinha; aquilo tem água na cabeça por força; o senhor bem vê como ela tem a cabeça grande. Não somos ricos, mas, enfim, fazemos-lhe o bem que podemos. Por mais que tenhamos escrito para a terra dela, vai há seis meses que não nos respondem. Enquanto a mim, é porque a mãe morreu.

— Ah! — disse o homem, recaindo na sua meditação.

— Também fraca mãe era — acrescentou a Thenardier — uma mãe que não quer saber da filha!...

Durante toda esta conversação, Cosette, como se um instinto a avisasse de que falavam dela, não despregava os olhos da Thenardier, escutando, porém, ouvindo apenas vagamente aqui e ali algumas palavras.

No entanto, repetiam os bebedores, já quase a cair de bêbados, a sua imunda cantiga com maior alegria. Era um agregado de facécias infames, em que figurava a Virgem e o Menino Jesus, de envolta com as maiores desonestidades. A Thenardier fora tomar parte na alegria dos comensais, que se manifestava por estrondosas gargalhadas. Cosette olhava debaixo da mesa para a fogueira, cujo clarão se lhe reverberava nos olhos fixos e pusera-se de novo a embalar a trouxazinha que fizera, cantando em voz baixa, ao passo que a embalava: «Minha mãe já morreu! Minha mãe já morreu! Minha mãe já morreu!»

Em virtude de novas insistências da estalajadeira, o homem de amarelo, «o milionário», anuiu, enfim, a cear.

— Que há-de querer o senhor?

— Pão e queijo — respondeu o homem.

«Decididamente é um farroupilha», disse consigo a Thenardier.

Os bêbados continuavam a cantar a sua obscena cantiga e Cosette debaixo da mesa continuava também a sua.

De repente, Cosette interrompeu-se. Acabara de se voltar e avistar a boneca das filhas da estalajadeira, a qual haviam deixado pelo gato e atirado ao chão a alguns passos da mesa da cozinha.

A criança deixou então cair a espada feita boneca que mal preenchia o seu fim e circunvagou a vista por toda a casa. A Thenardier falava baixo ao marido e contava dinheiro; Ponina e Zelma brincavam com o gato; os viajantes comiam ou bebiam ou cantavam; ninguém a via, ninguém fixava os seus olhares sobre ela. Não havia, pois, um momento a perder. Saiu de debaixo da mesa, arrastando-se nos joelhos e nas mãos, certificou-se outra vez de que a não observavam e em seguida dirigiu-se com ligeireza para a boneca e pegou nela. Daí a um instante estava outra vez sentada no seu lugar e imóvel, porém, com as costas voltadas de modo a fazer sombra à boneca que tinha no regaço. Era tão rara para ela aquela ventura de brincar com uma boneca, que essa ventura tinha toda a violência de uma voluptuosidade.

Ninguém a vira, excepto o viajante do casacão, que comia pausadamente a sua frugal ceia.

Durou cerca de um quarto de hora aquela alegria.

Porém, por maiores precauções que Cosette tomasse, não deu fé que um dos pés da boneca estava à mostra e que a fogueira a iluminava com um clarão demasiado vivo. Aquele pé cor-de-rosa e luminoso, que se destacava na sombra, feriu de súbito o olhar de Azelma, que disse para Eponina:

— Ó mana, olha!

As duas crianças estacaram, estupefactas. Cosette tivera a ousadia de lhes pegar na boneca!

Eponina ergueu-se e, sem largar o gato, dirigiu-se para sua mãe e pôs-se-lhe a puxar pela saia.

— Deixa-me! — disse a mãe. — Que queres?

— Ó mãe — disse a criança — ora olhe!

E Eponina apontava para Cosette.

Esta, porém, toda embevecida no êxtase da posse, não via nem ouvia nada.

O rosto da Thenardier tomou então essa expressão particular, que se compõe do terrível aplicado às ninharias da vida, e que é causa de que a esta casta de mulheres se dê o nome de megeras.

Desta feita, a soberba ofendida ainda mais exasperava a sua cólera. Cosette transpusera todas as barreiras, atentando contra a boneca «daquelas meninas». A figura de uma czarina, ao ver pôr a um moujick o grande cordão azul de seu imperial filho, teria a mesma expressão.

A estalajadeira gritou em voz enrouquecida pela indignação:

— Cosette!

A criança estremeceu como se o chão se lhe abrisse debaixo dos pés e voltou-se.

— Cosette! — repetiu a Thenardier.

Cosette pegou na boneca e pô-la cautelosamente no chão com uma espécie de veneração misturada de angústia. Então, sem despegar os olhos dela, apertou as mãos, e, coisa terrível de dizer numa criança de tal idade, torceu-as; depois, o que não pudera arrancar-lhe nenhuma das impressões daquele dia, nem a ida ao bosque, nem o peso do balde, nem a perda do dinheiro, nem a vista da palmatória, nem mesmo a sombria palavra que ouvira proferir à Thenardier Cosette desatou a chorar.

— Então que é isto? — perguntou o viajante, que se levantara da mesa.

— Pois não vê? — respondeu a Thenardier, apontando para o corpo do delito que jazia aos pés de Cosette.

— Mas que foi? — tornou o homem.

— Que foi? — respondeu a Thenardier. — Pois esta esfarrapada não teve o atrevimento de tocar na boneca das pequenas?

— Ora! E para isso é preciso tanto barulho? — disse o homem. — E então que tinha que ela brincasse com a boneca?

— Tocar-lhe com aquelas mãos sujas! — prosseguiu a Thenardier. — Com aquelas mãos que metem nojo!

Cosette redobrou os soluços.

— Tu calas-te?! — gritou-lhe a Thenardier.

O homem foi direito à porta da rua, abriu-a e saiu.

Mal ele saíra, a Thenardier aproveitou a sua ausência para dar a Cosette, por baixo da mesa, um grande pontapé, que a fez soltar descompassados gritos.

A porta tornou a abrir-se e o homem do casacão apareceu de novo, trazendo nas mãos a fabulosa boneca de que falámos, e que todas as crianças da aldeia contemplavam desde pela manhã, com os mais visíveis sinais de admiração.

— Toma, isto é para ti — disse para Cosette, pondo a boneca de pé diante dela.

Devemos crer que havia mais de uma hora, tempo em que ali se encontrava, que ele tinha, no meio do seu cogitar, notado confusamente aquela loja de quinquilharias tão esplendidamente esclarecida por velas e lampiões, que se avistava como uma verdadeira iluminação por entre as vidraças da taberna.

Cosette, que o vira dirigir-se para ela com aquela boneca, como veria ir o Sol; que lhe ouviu aquelas palavras inauditas: Isto é para ti, olhou para ele e

para a boneca, depois recuou lentamente e foi-se esconder debaixo da mesa no sítio mais retirado, ao pé do recanto da parede.

Cosette já não chorava, nem gritava, nem mesmo ousava tomar a respiração livremente, ao que parecia.

Thenardier, Eponina e Zelma, eram outras tantas estátuas. Até os bebedores tinham estacado no meio das suas estrepitosas libações. Operara-se um silêncio solene em toda a sala da baiuca.

A Thenardier, após o primeiro sobressalto que a deixara petrificada e muda, voltou de novo às suas conjecturas. «Quem diabo será este velho? Será algum pobre ou algum milionário? Talvez seja ambas as coisas, isto é, um ladrão».

Quanto ao estalajadeiro, a sua fronte encrespou-se-lhe nessa ruga expressiva que acentua o rosto humano todas as vezes que a ele acode o instinto predominante com todo o seu bestial poder. O taberneiro contemplava alternadamente a boneca e o viajante, parecendo farejar aquele homem, como farejaria um saco de dinheiro. Porém, isto durou apenas o tempo de um relâmpago. O estalajadeiro acercou-se da mulher e disse-lhe em voz baixa:

— Olha que a boneca não custou menos de trinta francos; nada de asneiras, pois; de cabeça baixa diante do homem.

Entre as naturezas grosseiras e as naturezas ingénuas há de comum o não terem transições.

— Então, Cosette — disse a Thenardier, com uma voz que queria tornar doce, mas que se compunha porém desse mel agro das mulheres más — não pegas na tua boneca?

Cosette aventurou-se a sair do seu esconderijo.

— Anda cá, filha — tornou a Thenardier, com ar carinhoso — este senhor dá-te uma boneca, por consequência pega nela, que é tua.

A criança, porém, contemplava a maravilhosa boneca com uma espécie de terror.

O seu rosto estava ainda inundado de lágrimas, mas os seus olhos principiavam a encher-se, como o céu ao crepúsculo da manhã, dos clarões de uma estranha alegria. O que ela naquela ocasião experimentava era alguma coisa semelhante ao que sentiria, se repentinamente lhe dissessem: «Pequena, tu és a rainha de França».

Parecia-lhe que se tocasse na boneca sairiam dela trovões, o que, até certo ponto, era verdadeiro, por isso que esperava que a Thenardier ralhasse e lhe batesse.

Não obstante, a atracção venceu-a. Aproximou-se por fim da boneca e

murmurou, olhando timidamente para a Thenardier:

— Posso pegar-lhe, senhora?

Não há expressão que pudesse representar o seu aspecto, ao mesmo tempo desesperado, cheio de espanto e arrebatamento.

— Já te disse que é tua! — exclamou a Thenardier.

— Uma vez que este senhor ta ofereceu.

— Deveras, senhor? — tornou Cosette. — É verdade? Aquela senhora é para mim?

O desconhecido parecia ter os olhos cheios de lágrimas; parecia achar-se nesse estado de comoção em que se não fala para não se chorar. Portanto, limitou-se a fazer àquela criança um aceno afirmativo com a cabeça, colocando sobre a dela a mão da senhora.

Cosette retirou a mão com presteza, como se a da boneca a escaldasse, e pôs-se a olhar para o chão. Somos obrigados a acrescentar que ela, naquela ocasião, estendia uma língua desmesuradamente grande. De repente voltou-se e pegou na boneca com arrebatamento.

— Hei-de pôr-lhe o nome de Catarina — disse ela.

Foi um espectáculo momentâneo, porém sobremodo estranho, quando os andrajos de Cosette encontraram e abraçaram as fitas e as frescas cassas, cor-de-rosa daquela boneca.

— A senhora deixa-me pô-la em cima de uma cadeira? — tornou ela.

— Põe, filha, põem-na onde quiseres — respondeu a Thenardier.

Agora eram Eponina e Azelma que olhavam com inveja para Cosette.

Cosette pôs a boneca, a quem dera o nome de Catarina, em cima de uma cadeira, depois sentou-se no chão diante dela, e ficou imóvel, sem dizer uma palavra, em atitude contemplativa.

— Então, Cosette, não brincas? — disse-lhe o generoso hóspede.

— Oh, eu estou a brincar! — respondeu a criança.

Aquele desconhecido, que parecia uma visita que a Providência fazia a Cosette, era naquela ocasião a coisa que a Thenardier mais odiava no mundo. Todavia, não havia remédio senão constranger-se, conquanto as comoções porque passava fossem mais que as; que ela podia suportar, por mais habituada que estivesse à dissimulação pela cópia que procurava fazer de seu marido em todas as suas acções. Apressou-se, pois, a mandar deitar as filhas, pedindo depois ao desconhecido licença para mandar deitar também Cosette que devia estar cansadinha de todo, acrescentou ela com ar maternal. Cosette foi deitar-se, portanto, levando Catarina nos braços.

De vez em quando, a Thenardier ia até à outra extremidade da sala, onde estava o marido, para aliviar a alma, dizia, e trocava com ele algumas

palavras, tanto mais furiosas, por isso que não ousava dizê-las em voz alta:

— Maldito estafermo! Vir aqui dar-nos ordens! Quer agora ver brincar o mostrengo da rapariga e dar-lhe a boneca! Dar bonecas de quarenta francos a uma cadela que eu daria por quarenta soldos! Se se demora mais um instante, tratava-se por majestade como à duquesa de Berry. Isto tem lá pés, nem cabeça? Este velho misterioso está doido!

— Porquê? Ora, é uma coisa muito simples — replicava o marido. — Se faz gosto disso... Tu gostas que a pequena trabalhe, ele gosta de a ver brincar. Está no seu direito. Um passageiro pode fazer o que quiser, uma vez que pague. Se o velho é algum filantropo, que te importa a ti isso? Se é um pateta, isso não é contigo. Que te importam essas coisas, uma vez que ele tem dinheiro?

Linguagem e raciocínio de estalajadeiro, duas coisas, das quais nenhuma admitia réplica.

O homem encostara-se à mesa e retomara a sua atitude meditativa. Os outros viajantes, dos quais uns, eram bufarinheiros, outros carreteiros, tinham-se afastado todos e já não cantavam. Contemplavam-no a distância com uma espécie de temor respeitoso. Aquele sujeito tão pobremente vestido, que tirava do bolso rodas traseiras com tanta facilidade; e que prodigalizava bonecas gigantescas a sujas raparigas de tamancos, era decerto um velho magnânimo, mas temível.

Decorreram algumas horas. A missa do galo acabara, a ceia terminara, os bebedores haviam saído, a estalagem estava fechada, a sala inferior ficara deserta, a fogueira apagara-se, mas o hóspede permanecia ainda no mesmo lugar e na mesma postura. De tempos a tempos, mudava o cotovelo sobre que se apoiava, eis tudo; quanto a falar, porém, desde que Cosette saíra, não tornara a dizer uma palavra, Na sala apenas se achavam os estalajadeiros, que tinham ficado por conveniência e por curiosidade.

— Queres tu ver que o homem quer passar aqui a noite? — murmurou a Thenardier por entre dentes.

Ao darem, porém, duas horas da manhã, declarou-se vencida e disse para o marido:

— Eu vou deitar-me. Tu faz o que quiseres.

O marido sentou-se à esquina de uma mesa, acendeu uma vela e pôs-se a ler o *Correio Francês*.

Passou assim uma boa hora. O digno estalajadeiro tinha já lido o *Correio Francês* pelo menos três vezes, desde a data do número até ao nome da tipografia, porém o viajante não se mexia.

Thenardier moveu-se, tossiu, escarrou, assoou-se, fez barulho com a

cadeira, porém nenhum movimento da parte do homem.

— Estará a dormir? — disse ele consigo.

O homem não dormia, mas nada o podia despertar.

Por fim, Thenardier tirou o seu barrete, aproximou-se cautelosamente e aventurou-se a dizer:

— O senhor não quer ir descansar?

«Não quer ir deitar-se» parecera-lhe excessivo e familiar. Descansar cheirava a luxo e era uma frase respeitosa. Aquelas palavras tinham a misteriosa e admirável propriedade de alargar ao outro dia pela manhã a cifra do rol das despesas. Um quarto onde o passageiro se deita custa vinte soldos; um quarto onde repousa vinte francos.

— Ah, é verdade! — disse o desconhecido. — Tem razão. Onde é a cavalariça?

— Ora, senhor! — disse Thenardier, sorrindo. — Eu vou conduzi-lo.

Pegou em seguida no castiçal, enquanto o hóspede pegava na bengala e na trouxa, e conduziu-o ao primeiro andar, que apresentava certo esplendor, todo mobilado de acaju e ornado com uma bela cama e cortinas vermelhas de algodão.

— O que vem a ser isto? — perguntou o viajante.

— É o nosso quarto de noivado — respondeu o estalajadeiro — mas eu e minha mulher dormimos noutro. Não se entra aqui senão três ou quatro vezes por ano.

— Antes queria ir para a cavalariça — disse o homem secamente.

Thenardier fingiu não ter ouvido a pouco obsequiosa reflexão. Em seguida acendeu duas velas de cera que, ainda por encetar, estavam sobre o fogão, onde depois acendeu também excelente lume. Sobre o fogão e debaixo de uma redoma, estava uma grinalda de fio de prata e flores de laranjeira.

— E isto, o que é? — tornou o desconhecido.

— É a grinalda do noivado de minha mulher.

O hóspede lançou para a grinalda uns olhos que pareciam dizer: «Houve tempo em que um tal monstro foi virgem!»

E, no fim de tudo, Thenardier mentira. Quando arrendara a casinhota para estabelecer a baiuca, achara aquele quarto assim guarnecido, comprara a mobília e fizera um alborque com a grinalda de flor de laranjeira, julgando que um tal objecto produziria em sua esposa certa sombra graciosa, dando à casa aquilo a que os ingleses chamam respeitabilidade.

Quando o hóspede se voltou, o estalajadeiro tinha desaparecido.

Thenardier eclipsara-se discretamente, sem ousar dar as boas noites, não querendo tratar com cordialidade pouco respeitosa um homem a quem

tencionava, no dia seguinte, esfolar soberanamente.

O estalajadeiro foi para o seu quarto. Sua mulher estava deitada, mas não dormia. Quando ouviu os passos do marido, voltou-se e disse-lhe:

— Já sabes que amanhã pespego com a Cosette no andar da rua.

Thenardier respondeu friamente:

— Como andas depressa!

O hóspede, pela sua parte, pusera a um canto a bengala e a trouxa.

Depois do estalajadeiro se retirar, sentou-se numa cadeira e conservou-se por algum tempo pensativo. Em seguida descalçou os sapatos, pegou numa das luzes, apagou a outra e abriu a porta do quarto, olhando em volta de si como quem procura alguma coisa. Atravessou um corredor e chegou à escada. Ali ouviu um ligeiro ruído que se assemelhava à respiração de uma criança. Deixou-se conduzir por este ruído e chegou a uma espécie de concavidade triangular praticada sob a escada, ou, para melhor dizer, formada por ela. Esta barraca não era mais do que o vão da escada. Neste lugar, entre toda a espécie de cacos e de cestos velhos, no meio de lixo e de enormes teias de aranha, havia uma cama, se se pode chamar cama a uma enxerga toda esburacada, deixando cair a palha por todos os lados, e uma manta por cujos buracos se via a enxerga. Lençóis não tinha e estava estendida no sobrado. Nesta cama dormia Cosette.

O homem aproximou-se e contemplou-a.

Cosette dormia profundamente e estava toda vestida. De Inverno não se despia para sentir menos frio.

Estava abraçada com a boneca, cujos olhos abertos brilhavam na escuridão. A pobre criança soltava de vez em quando um grande suspiro, como se estivesse para acordar, e apertava a boneca contra si, quase convulsivamente. Ao lado da cama não estava senão um dos seus tamancos.

Por detrás do cubículo de Cosette havia uma porta aberta, deixando ver um quarto bastante grande, mas sem luz. O hóspede entrou nele. Ao fundo, além duma porta de vidraça, viam-se duas caminhas iguais, muito bem arranjadas e com roupa muito branca. Eram as de Eponina e Azelma. Por detrás delas mal se via um berço muito ordinário, sem cortinas, onde dormia o pequenito que tanto chorara toda a noite.

O desconhecido conjecturou que aquele quarto devia comunicar com o dos Thenardier.

Dispunha-se já a retirar-se quando se lhe deparou a chaminé; uma destas vastas chaminés de estalagem onde há sempre algum brasido, mas que fazem frio a quem as vê. Naquela não havia lume nem mesmo cinza.

O que atraiu a atenção do desconhecido foram dois sapatinhos de criança,

de feitio elegante, e desiguais em tamanho. O homem recordou-se do gracioso e imemorial costume das crianças deixarem na chaminé o sapatinho, na noite de Natal, para ali receber nas trevas algum brilhante presente da sua boa fada. Eponine e Azelma não tinham faltado ao costume e haviam posto cada uma um sapato na chaminé.

O hóspede curvou-se sobre os sapatos.

A fada, isto é, a mãe, tinha já feito a sua visita, de sorte que se via luzir em cada um dos sapatos uma moeda de dez soldos completamente nova.

O homem endireitou-se e ia já retirar-se, quando descobriu no fundo, e como escondido, um outro objecto. Aproximou-se novamente e viu que era um tamanco grosseiro, muito velho, todo coberto de cinza e lama seca. Era o tamanco de Cosette.

Esta com a enternecedora confiança das crianças que pode ser sempre iludida, sem nunca desanimar, pusera também na chaminé o seu tamanco.

É sublime e suave coisa a esperança de uma criança que não conheceu nunca senão a desesperação.

Dentro do tamanco não havia coisa alguma.

O desconhecido meteu os dedos no bolso do colete, curvou-se, e deitou no tamanco de Cosette um luís de oiro.

Em seguida dirigiu-se para o seu quarto nos bicos dos pés.

IX — Thenardier em exercício

De madrugada, duas horas antes de romper o dia, Thenardier, sentado a uma mesa da sala de baixo da estalagem, com uma pena na mão, confeccionava, à luz de uma vela, a conta do viajante do casacão amarelo.

A mulher, de pé, meio curvada sobre ele, seguia com os olhos o que o marido escrevia. Não trocavam uma palavra. De um lado era a meditação profunda, do outro a admiração religiosa com que se vê nascer e desabrochar uma maravilha do espírito.

Este silêncio era apenas interrompido pelo ruído da Cotovia a varrer a escada.

Após um bom quarto de hora e de algumas raspaduras, Thenardier produziu a seguinte obra-prima:

CONTA DO HÓSPEDE DO N.º 9
Ceia — 3 francos
Quarto — 10 francos
Luz — 5 francos
Lume — 4 francos
Serviço — 1 francos
Total — 23 francos

Serviço estava escrito *servisso*.

— Vinte e três francos! — exclamou a mulher com um entusiasmo misturado de alguma hesitação.

Thenardier, porém, como todos os grandes artistas, não estava satisfeito da sua obra.

— Ora! — disse ele.

Era o mesmo acento de Castlereagh no congresso de Viena, redigindo a conta que a França devia pagar.

— Tu tens razão, Thenardier, por certo que só se lhe pede o que ele deve — murmurou a mulher, que se lembrava da boneca dada a Cosette em presença das filhas —, isso é justo, mas é de mais. Decerto o homem não há-de querer pagar.

Thenardier sorriu com o seu sorriso frio e disse para a mulher:

— Deixa que ele pagará.

Aquele seu riso era a suprema significação da autoridade e da confiança em si mesmo. O que assim era dito, assim devia ser; por isso a mulher não insistiu.

Pôs-se a arrumar as mesas enquanto o marido passeava na sala de um lado para o outro. Após um instante, este acrescentou:

— O pior é eu dever mil e quinhentos francos!

E, depois de dizer isto, foi sentar-se próximo da chaminé com os pés nas cinzas quentes.

— É verdade! — replicou a mulher. — Não sei se te lembras que eu ponho hoje Cosette no andar da rua. Monstro! Faz-me arder em febre por causa da tal boneca! Antes queria casar com Luís XVIII do que tê-la mais um só dia das portas para dentro!

Thenardier acendeu o cachimbo e respondeu entre duas baforadas:

— Entrega a conta ao homem.

E dizendo isto saiu.

Mal ele, porém, saíra a porta da sala, entrou nela o viajante.

Thenardier tornou logo atrás dele e ficou parado à porta, por entre a qual, como estava entreaberta, só a mulher o podia ver.

O homem do casaco amarelo trazia na mão o seu cajado e a trouxa.

— A pé tão cedo! — disse a Thenardier. — Então o senhor já nos deixa?

E, ao falar assim, virava a conta nas mãos com ar de embaraço, fazendo-lhe dobras com as unhas. Aquele rosto duro oferecia uma expressão que não lhe era habitual: a da timidez e do escrúpulo. Apresentar semelhante conta a um homem que parecia realmente «um pobre» era para ela uma coisa difícil.

O viajante, que parecia preocupado e distraído, respondeu:

— É verdade, senhora, vou-me embora.

— Então o senhor não veio a Montfermeil para tratar de algum negócio?

— Nada, foi só de passagem simplesmente. Quanto é que lhe devo, senhora? — acrescentou ele em seguida.

A Thenardier, em vez de responder, apresentou-lhe a conta dobrada.

O homem desdobrou o papel e correu-o com a vista; porém, a sua atenção estava visivelmente noutra parte.

— Então faz muito negócio aqui em Montfermeil? — tornou ele.

— Nem por isso, senhor! — respondeu a Thenardier estupefacta de não ver outra explosão da parte do viajante. — Depois prosseguiu, com acento lamentosamente elegíaco: — Oh, senhor, os tempos correm tão desgraçados. Está tudo por tal forma! E depois há tão pouca gente de teres pelos nossos sítios! Como o senhor havia de reparar, são tudo fregueses que pouco gasto podem fazer. O que nos vale, assim mesmo, é algum passageiro generoso como o senhor, que vem lá de tempos a tempos. Se não fosse isso, não sei o que havia de ser de nós, às despesas que temos! Só a pequena fica-nos pelos olhos da cara...

— Que pequena?

— Ora! A pequena que o senhor sabe, Cosette! A Cotovia, como cá na terra lhe chamam.

— Ah! — disse o homem.

Ela continuou:

— Esta gente daqui é uma súcia de parvos com as tais alcunhas. Ela tem mais parecenças com um morcego do que com uma cotovia. Olhe, senhor, nós não vamos bater à porta de ninguém, mas... sabe Deus o que por cá vai. Não estamos em circunstâncias de fazer esmolas. O que ganhamos vai-se tudo para os credores; e se fora só para esses, mas os tributos? Tanto para estradas, tanto pela licença, tantos por cento por isto, mais tantos por cento para aquilo; o senhor bem sabe o horror de dinheiro que se vai para o governo! E no fim de tudo isto, ainda tenho as filhas para sustentar, tenho de sustentar-me a mim. Parece-me que não tenho necessidade nenhuma de estar a dar de comer a estranhos.

O homem replicou com aquela voz que ele tentava com esforço tornar indiferente, mas em que se denotava certo tremor:

— E se houvesse quem a livrasse dela?

— De quem, da Cosette?

— Sim.

A fronte vermelha e violenta da taberneira iluminou-se de um fulgor medonho, que se expandiu por toda ela.

— Ah, senhor, meu bom senhor! Pegue nela, leve-a, tire-a, ensope-a, frite-

a, beba-a, coma-a, e que a Virgem Santíssima e todos os santos do céu o guardem de perigos!

— Está dito.

— Deveras? Leva-a?

— Levo.

— Já?

— Já. Chame por ela.

— Cosette! — gritou a Thenardier.

— Entretanto — prosseguiu o homem — deixe-me pagar-lhe a minha conta. Quanto é?

O viajante deitou então um olhar para o papel e não pôde reprimir um movimento de surpresa:

— Vinte e três francos?! — E olhou para a taberneira, repetindo: — Vinte e três francos?

No tom com que estas palavras foram repetidas, havia o acento que separava o ponto de admiração do de interrogação.

A Thenardier, que tivera tempo de se preparar para o choque, respondeu com desassombro:

— Vinte e três francos, sim, senhor, pois então?

O hóspede pôs cinco moedas de cinco francos em cima da mesa e disse à taberneira:

— Então vá buscar a pequena.

Neste momento, porém, o marido avançou para o meio da sala e disse ao homem do casacão:

— O senhor deve vinte e seis soldos.

— Vinte e seis soldos! — exclamou a mulher.

— Vinte soldos pela cama — continuou o taberneiro friamente — e seis pela ceia. Quanto à pequena, preciso de conversar um bocado com o senhor. — E acrescentou, voltando-se para a mulher: — Deixa-nos sós.

A Thenardier sentia um desses deslumbramentos que causam os imprevistos clarões do talento. Conheceu que entrava em cena o grande actor, e por isso saiu sem dizer uma palavra.

Apenas ficaram a sós, Thenardier ofereceu uma cadeira ao viajante. Este sentou-se e Thenardier ficou de pé, com uma singular expressão de bondade simples gravada no rosto.

— Olhe, senhor, vou dizer-lhe uma coisa: sou doido por esta criança.

O hóspede olhou fixamente para o estalajadeiro e perguntou:

— Qual criança?

Thenardier continuou:

— É uma tolice a gente tomar amizade às pessoas. Que me importa a mim este dinheiro? Pode guardar as suas moedas de cem soldos. O que eu adoro é aquela criança.

— Mas quem é? — perguntou o homem.

— Ora! É a nossa Cosette! Não é essa que o senhor nos quer levar? Pois digo-lhe com toda a franqueza dum homem honrado, que não posso consentir em semelhante coisa. É uma criança que me há-de fazer muita falta: vejo-a desde muito pequenita. É verdade que nos custa dinheiro e que tem defeitos, é verdade que não somos ricos e pagámos mais de quatrocentos francos em drogas, só numa doença que ela teve! Mas a gente sempre há-de fazer alguma coisa pelo amor de Deus. É uma desgraçadinha que não tem pai nem mãe; criámo-la nós. Para mim e para ela sempre hei-de ter pão; e depois não posso separar-me da pequena. O senhor bem percebe o que é a gente ter afeição a uma pessoa; eu sou um pobre diabo, que não tenho raciocínio, mas que sou amigo desta criança; minha mulher tem mau génio, mas também a estima. Bem vê, é como se fosse nossa filha. Não posso passar sem a sentir em casa.

O desconhecido continuou a olhar para o estalajadeiro, que continuou:

— O senhor há-de desculpar-me, mas bem vê que não se deve entregar assim uma criança a uma pessoa que se não conhece. Não é verdade que tenho razão? Ao mesmo tempo não digo que não; o senhor é rico, parece muito boa pessoa, e talvez seja para seu bem; mas assim mesmo é preciso vermos. O senhor bem percebe. Supondo que eu me sacrificasse e a deixasse ir, queria saber para onde ia, desejaria não a perder de vista e saber para casa de quem ia morar, para ir vê-la de vez em quando; era preciso que ela soubesse que seu pai adoptivo não deixava de a ter na lembrança. Enfim, há coisas que não são possíveis. Eu não sei como o senhor se chama. O senhor levava-a, e depois, onde está a Cotovia? Para quem foi ela? Era preciso, ao menos, ver um bocado de papel qualquer; que diabo! A ponta de um passaporte, por exemplo...

O desconhecido, sem afastar do estalajadeiro o olhar que, por assim dizer, vai até ao fundo da consciência, respondeu-lhe com voz grave e firme.

— Senhor Thenardier, não se tira passaporte para vir a cinco léguas de Paris. Se levar Cosette, levá-la-ei e nada mais. O senhor nem saberá o meu nome, nem a minha morada, nem onde ela estará; a minha intenção é que ela não torne mais a vê-lo. Quebrando-lhe o fio que a prende pelo pé, desaparecerá para sempre. Convém-lhe isto? Sim ou não?

Pelo mesmo modo que os demónios e os génios reconheciam, por certos sinais, a presença de um deus superior, reconheceu Thenardier que tratava

com quem quer que era muito poderoso.

Foi uma como intuição; compreendeu-o com toda a nitidez e sagacidade da sua percepção. Na véspera, bebendo, fumando e cantando com os fregueses, passara a noite a observar o desconhecido, espreitando-o como um gato e estudando-o como um matemático. Espionara-o por sua conta, por gosto e instinto, e igualmente como se para isso fora pago. Nem um gesto ou um só movimento do homem do casacão amarelo lhe escapara. Antes mesmo do desconhecido manifestar o seu interesse por Cosette, já Thenardier o tinha adivinhado, surpreendendo os detidos olhares que o velho incessantemente deitava à criança. Em que se fundava tal interesse? Que homem era aquele? Porque trajava ele tão miseravelmente, com tanto dinheiro de seu?

Questões eram estas que ele a si mesmo propunha e que o irritavam, sem que conseguisse resolvê-las. Toda a noite meditara sobre este objecto. Não podia ser o pai de Cosette. Seria avô? Mas então porque razão se não dera logo a conhecer? Quem tem direitos, mostra-os. Era evidente: aquele homem não tinha direitos nenhuns sobre Cosette. Então quem era? Thenardier perdia-se em suposições, porém não atinava com a saída do labirinto de dúvidas em que se lhe embrenhava o espírito. Entrevia tudo e não via nada. Fosse, porém, o que fosse, certo de que nisto havia algum segredo de que o homem tinha interesse em não desvendar o véu em que se envolvia, sentira-se forte ao encetar a conversa com ele; ao ouvir, porém, a clara e firme resposta do desconhecido, ao ver que aquele personagem misterioso era tão simplesmente misterioso, sentiu-se fraco. Não esperava por semelhante coisa. Foi a derrota das suas conjecturas.

Reuniu, pois, todas as suas ideias, pesou tudo aquilo no espaço de um segundo.

Thenardier era desses homens a quem basta um relancear de olhos para ajuizarem de uma situação. Viu que era chegada a ocasião de caminhar depressa e direito ao alvo.

Fez como os grandes capitães no instante decisivo que só eles sabem conhecer deixou repentinamente a descoberto a sua bateria.

— Senhor — disse ele —, a pequena é sua, uma vez que me dê mil e quinhentos francos.

O desconhecido tirou de um dos bolsos, que tinha ao lado, uma carteira velha de couro preto, abriu-a e pegou em três notas que pôs em cima da mesa. Depois apoiou sobre elas o largo polegar e disse para o taberneiro:

— Mande chamar Cosette.

Que fazia ela enquanto se passava isto?

Apenas acordou, Cosette correu ao fogão e achara dentro do soco aí

depositado a moeda em ouro, que o desconhecido lá deixara. Não era um Napoleão, era uma moeda de vinte francos, nova, da restauração, em cuja efígie, como nas de todas as outras do mesmo cunho, a coroa de louro se achava substituída pela caudazinha prussiana.

Cosette ficou deslumbrada. Principiava a embriagá-la o seu destino. A pobre criança não sabia o que era uma moeda em ouro, nunca vira nenhuma, e escondeu-a com a maior presteza no bolso, como se a tivera roubado. Conquanto conhecesse que aquilo lhe pertencia realmente e adivinhasse de onde lhe vinha aquele dom, sentia uma espécie de alegria entremeada de medo. Estava satisfeita, e, mais que tudo, estupefacta; não lhe pareciam reais aquelas coisas tão magníficas e bonitas. Assustava-a a boneca, assustava-a a moeda em ouro, tremendo vagamente diante daquelas magnificências.

Só o desconhecido é que não a assustava, antes pelo contrário, a tranquilizava. Desde a véspera, que ela por entre os seus espantos, por entre as sombras vagas do seu sonho, tinha o seu espiritozinho de criança constantemente ocupado com a lembrança daquele velho de aspecto tão mesquinho e triste, mas tão rico e cheio de bondade. Cosette, menos feliz que a menor andorinha do céu, nunca soubera o que era o refugiar-se uma criatura à sombra e sob as asas de uma mãe. Havia cinco anos, isto é, até onde podiam remontar as suas reminiscências, que a pobre criança tremia de medo e tiritava de frio.

Nua sempre ao ventar agudo da desgraça, parecia-lhe agora que já se achava vestida.

A sua alma outrora sentira frio, agora sentia calor. Cosette já não temia tanto a Thenardier, porque não se achava só; havia mais alguém a seu lado, e esse alguém dava-lhe coragem para se defrontar menos receosa com os aspectos medonhos do seu infortúnio.

Após o seu precioso achado, principiara imediatamente a sua tarefa de todas as manhãs. Porém, aquele luís, que trazia consigo naquele mesmo bolso do avental de onde tão desastradamente lhe caíra na noite antecedente a moeda de quinze soldos, fazia-a andar distraída e como que fora de si. Ela não se atrevia a tocar-lhe, mas passava às vezes cinco minutos a contemplá-lo, de boca aberta. Ao varrer a escada, parava e assim ficava, imóvel, esquecida de tudo, alheada da sua vassoura e do universo inteiro, e ocupada a ver brilhar aquela estrela no fundo do bolso do seu roto avental.

Foi quando ela se achava numa dessas contemplações que a Thenardier, que por ordem do marido a vinha buscar, se acercou dela, e, coisa inaudita, sem lhe dar uma bofetada ou lhe atirar uma injúria, lhe disse quase com doçura:

— Anda daí já, Cosette.

Um instante depois, Cosette entrava na sala do andar de baixo da estalagem.

O desconhecido pegou na trouxa que tinha trazido e desatou-a. A trouxa continha um vestido de lã, um avental, um roupão de fustão, um saiote, um lenço para o pescoço, umas meias de lã, uns sapatos, um vestuário completo para uma rapariguinha de oito anos. Todos estes objectos eram pretos.

— Minha filha — disse o homem — leva isto e veste-te depressa.

Despontava o dia quando os habitantes de Montfermeil, que principiavam a abrir as portas das suas casas, viram passar pela rua de Paris um velho pobremente vestido, dando a mão a uma pequenina toda de luto, que levava nos braços uma boneca cor-de-rosa. Os dois viandantes dirigiam-se para a parte de Livry.

Era Cosette e o homem de casacão amarelo.

Ninguém o conhecia a ele, e quanto a Cosette, como já não ia coberta de andrajos, também muitos não a conheceram.

Cosette partia. Mas com quem? Ignorava-o. Para onde? Não o sabia. O mais que ela compreendia era que se ausentava da taberna de Thenardier e de sua mulher.

Ninguém se lembrara de lhe dizer adeus nem ela de o dizer a ninguém. Saía daquela casa odiada e odiando.

Pobre e meiga criatura, cujo coração até ali só fora oprimido!

Cosette caminhava gravemente, abrindo os seus rasgados olhos e contemplando o céu. De vez em quando curvava a cabeça e deitava um olhar para dentro do bolso do seu avental novo, onde metera o luís, olhando depois para o velho. A pobre criança sentia-se como que na presença de Deus, tão entranhadamente celestial era a felicidade que lhe transbordava da alma!

X — Quem procura o melhor, às vezes encontra o pior

Segundo o seu costume, a Thenardier deixara o marido, sem se intrometer naquele negócio, de que aguardava sucessos de estrondo. Quando Cosette e o homem partiram, Thenardier deixou passar um grande quarto de hora, após o qual chamou a mulher de parte e mostrou-lhe os mil e quinhentos francos.

— Ora! Que grande coisa!

Era a primeira vez, desde o dia em que principiaram a viver juntos, que ela ousava criticar um acto do marido.

O tiro acertou no alvo.

— Realmente, tens razão! — disse ele. — Sou um imbecil! Deixa-me cá ver o chapéu.

E, dobrando as três notas, meteu-as no bolso e saiu a toda a pressa, mas

enganou-se e tomou primeiro pela direita. Como, porém, alguns vizinhos, a quem perguntou, o orientassem sobre o caminho que levava a Cotovia e o homem do casacão, dizendo-lhe que os tinham visto caminhar na direcção de Livry, Thenardier seguiu a indicação que eles lhe deram, caminhando com ligeireza e falando consigo próprio.

— Aquele homem é um milhão vestido de amarelo e eu sou um grande animal! Ele primeiro deu vinte soldos depois cinco francos, depois cinquenta francos, depois mil e quinhentos, e sempre com a mesma facilidade. Por consequência, daria quinze mil, se lhos pedissem, mas eu vou já pilhá-lo.

E depois aquela trouxa de roupa, já de antemão preparada para a pequena, tudo isto era singular; aqui anda grande mistério. Ora quem tem seguro um mistério e o deixa fugir. Os segredos dos ricos são esponjas cheias de ouro, que se devem espremer o mais que for possível, porque sempre deitam alguma coisa. Todos estes pensamentos lhe redemoinhavam no cérebro e ele concluía sempre, dizendo: «Sempre sou muito burro!»

Quando se sai de Montfermeil e se transpõe o cotovelo formado pela estrada que vai para Livry, vê-se estender esta até muito longe pela planície. Thenardier pois, ao chegar aí, calculou que devia avistar o homem e a pequena, e por isso olhou até onde lhe alcançava a vista, mas não viu nada. Perguntou outra vez; pois tudo isto lhe fazia perder tempo. Disseram-lhe algumas pessoas que o homem e a criança em cuja busca andava se tinham encaminhado para o bosque para o lado de Gagny.

Os dois viandantes levavam-lhe alguma dianteira, porém uma criança anda devagar e ele caminhava depressa, e, além disso, conhecia aqueles sítios aos palmos.

De repente, Thenardier parou e pôs-se a bater na testa, como quem esqueceu o essencial e está disposto a voltar atrás.

— E eu que não trouxe a espingarda! — disse ele consigo.

Thenardier era dessas naturezas duplas que às vezes passam pelo meio de nós sem darmos fé delas e que desaparecem sem ser conhecidas, porque o destino não as mostrou senão por uma face. A sorte de muitos homens é viver assim meio submergidos. Numa situação serena e simples, Thenardier possuía tudo o que era necessário para fazer não diremos para ser do que está convencionado chamar-se um negociante honrado, um homem capaz. Ao mesmo tempo, porém, dadas certas circunstâncias, revolvendo-lhe certos abalos o fundo da natureza, ele possuía tudo o que era necessário para ser um celerado. Era um lojista com laivos de monstro.

Satanás devia às vezes ir acocorar-se ao canto da espelunca em que ele vivia e pôr-se a meditar em presença daquela obra-prima de medonha

disformidade.

Após uma hesitação de alguns instantes, o estalajadeiro disse consigo:

— Ora! Estava bem servido. Enquanto eu ia e vinha, punham-se-me eles ao fresco.

E continuou o seu caminho com presteza, quase com ar de confiança e com a sagacidade da raposa que fareja um bando de perdizes.

Com efeito, depois que transpôs os lagos e atravessou obliquamente a grande clareira que fica à direita — da alameda de Bellevue, ao chegar ao estendal de verdura que quase circunda a colina, cobrindo a abóbada do antigo aqueduto da abadia de Chelles, avistou por cima de um silvado um chapéu, sobre o qual já tantas conjecturas levantara. Era o chapéu do homem. Como o silvado era baixo, Thenardier conheceu que o homem e Cosette estavam ali sentados. Não se via a criança por causa da sua pequenez, mas descobria-se a cabeça da boneca.

Thenardier não se enganava. O homem sentara-se ali para deixar Cosette descansar um bocado. O taberneiro afastou as silvas e apareceu subitamente aos olhos dos viandantes em cuja procura vinha.

— Mil perdões e desculpas, senhor — disse ele todo esbaforido — mas aqui tem o seu dinheiro.

E, ao dizer isto, apresentava ao desconhecido as três notas.

O homem olhou para ele e disse-lhe:

— Que quer dizer isso?

Thenardier respondeu respeitosamente:

— Senhor, o que quer dizer é que torno a levar Cosette comigo.

A criança estremeceu e cingiu-se muito ao seu protector.

Quanto a este respondeu, cravando os seus nos olhos de Thenardier:

— Tornar a levar Cosette?

— Sim, senhor, torno-a a levar. Eu lhe conto; reflecti e vi que não tinha feito bem em fazer o que fiz, por que, enfim, eu não tenho direito para lhe ceder a criança. Senhor, saiba que eu sou um homem de bem. Ora a pequena não me pertence, pertence à mãe. Quem ma confiou foi a mãe e por isso não a posso entregar a mais ninguém senão à mãe. O senhor dirá: «Mas a mãe morreu». Bem, nesse caso não posso dar a criança senão a uma pessoa que me trouxesse um escrito assinado por ela em como eu devo entregar a criança a essa tal pessoa. Isto é claro.

O homem, em vez de responder, meteu a mão no bolso e Thenardier, ao ver tornar a aparecer a carteira das notas, sentiu um estremecimento de alegria.

«Bem!» disse ele consigo. «Sentido, que o homem vai-me querer

corromper!»

Antes de abrir a carteira, o viajante circunvagou a vista para todos os lados, como se receasse ser visto naquela operação. O lugar estava completamente deserto. Não havia vivalma nem no bosque, nem em toda a extensão do vale. O homem abriu pois a carteira e tirou dela não o punhado de notas que Thenardier esperava, mas um simples papelinho, que desembrulhou e apresentou aberto ao estalajadeiro, acrescentando:

— Tem muita razão. Leia.

Thenardier pegou no papel e leu:

> Montreuil-sur-mer, 25 de Março de 1823
> Senhor Thenardier
> Fará favor de entregar Cosette ao portador desta.
> A importância de que fala ser-lhe-á integralmente paga.
> Sou com a maior consideração, etc.
> Fantine.

— Conhece essa assinatura? — tornou o homem.

A assinatura era efectivamente de Fantine e Thenardier conheceu-a. Não havia que replicar. O estalajadeiro sentiu dois violentos despeitos: o de renunciar à corrupção que esperava e o de ser derrotado.

O homem acrescentou:

— Pode guardar esse papel para sua defesa.

Thenardier submeteu-se em boa ordem, porém não sem resmungar por entre dentes:

— A assinatura está bem imitada. Mas, enfim, vá lá.

Depois tentou um esforço desesperado.

— Está bem, senhor — disse ele — uma vez que o senhor é o portador. Mas quero que me paguem o que ainda falta, o que não é assim tão pouco.

O homem pôs-se de pé e disse, sacudindo aos piparotes o pó que lhe cobria a manga do casacão:

— Senhor Thenardier, a mãe desta criança julgava dever-lhe, em Janeiro, cento e vinte francos, porém em Fevereiro você mandou-lhe uma conta de quinhentos, dos quais recebeu trezentos em fins de Fevereiro e no princípio de Março recebeu mais outros trezentos. Desde então até agora têm decorrido nove meses que, a quinze francos por mês, como se ajustou, perfaz cento e trinta e cinco francos. Ora, tinha recebido cem francos de mais; restam, por consequência, trinta e cinco, que é quanto se lhe deve, e eu dei-lhe há pouco mil e quinhentos.

Thenardier experimentou o que experimentam os lobos quando se sentem mordidos e agarrados pelos dentes de ferro da armadilha em que caíram.

«Que diabo de homem este!» disse ele consigo.

Fez então o que faz o lobo deu uma sacudidela à ratoeira para se desprender. A audácia já uma vez lhe tinha produzido bom resultado.

— Senhor de quem não sei o nome — disse ele resolutamente e pondo desta feita os modos respeitosos de parte — ou me dá mil escudos ou eu torno a levar a pequena comigo.

O desconhecido, porém, disse tranquilamente para a criança:

— Vamos embora, Cosette.

Em seguida deu-lhe a mão esquerda e com a direita apanhou o cajado do chão.

Thenardier notou a grossura do pau e a solidão do lugar e julgou conveniente não pôr embargos à partida dos dois.

O homem meteu-se pelo bosque com a pequena, deixando o taberneiro imóvel e aturdido, e enquanto se afastavam, ele contemplava-lhe a largura dos ombros, um tanto arqueados e a desmesurada grandeza dos punhos.

Depois, voltando os olhos para si mesmo, via os seus braços débeis e as suas magras mãos.

«Sempre é preciso ser muito bruto», dizia ele consigo, «para não ter trazido a espingarda, sabendo eu que vinha à caça».

O estalajadeiro, porém, nem assim julgou dever abandonar a presa.

«Espera, que eu também agora vou ver para onde ele vai!»

E principiou a segui-los a distância. Ficavam-lhe nas mãos duas coisas uma ironia, o sujo bocado de papel com a assinatura de Fantine, e uma consolação, os mil e quinhentos francos.

O homem conduzia Cosette na direcção de Livry e Bondy, caminhando lentamente, com a cabeça curvada, numa atitude de reflexão e tristeza. Auxiliado pela luz do sol, que penetrava livremente no bosque por entre as árvores, que o Inverno despojava da folha, Thenardier não os perdia de vista, conquanto lhes fosse de longe no encalço. De vez em quando, o homem voltava-se, a ver se alguém o seguia. De súbito, avistou Thenardier e embrenhou-se com Cosette numa moita cerrada de árvores, por entre a qual podiam desaparecer ambos aos olhos de Thenardier.

— Diacho! — disse este e apertou mais o passo.

Como a espessura da moita o obrigara a aproximar-se mais deles, Thenardier, vendo que o homem, ao chegar ao mais fechado da moita, se voltava para trás, tentou esconder-se entre os ramos, porém, apesar dos esforços, não pôde conseguir que o homem o não avistasse. Este, porém, depois de olhar para ele com ar inquieto, abanou a cabeça e continuou o seu caminho. O estalajadeiro tornou de novo a segui-los por espaço de duzentos ou trezentos passos. De súbito, o homem voltou-se outra vez e avistou o

estalajadeiro. Desta feita, porém, olhou para ele com tão sombria expressão no olhar, que Thenardier julgou «inútil» ir mais adiante e voltou para trás.

XI — Reaparece o número 9.430 e como Cosette o ganha na lotaria

Jean Valjean não morrera.

Ao cair ao mar, ou antes, ao atirar-se a ele, livre, como já dissemos, da cadeia de ferro que trazem os forçados e que lhe podia servir de embaraço, nadou por baixo de água até ao ancoradouro em que estava amarrada uma embarcação, dentro da qual achou meio de estar escondido.

À noite deitou-se outra vez a nado e arribou à costa a pouca distância do cabo Brun, onde, como não era o dinheiro o que lhe faltava, pôde arranjar roupa. Era então uma tasca nos arredores de Balaguier o guarda-roupa dos forçados evadidos, especialidade lucrativa. Após isto, Jean Valjean, como todos esses tristes fugitivos que procuram fazer perder o rasto à vigia da lei e à fatalidade social, seguiu um itinerário obscuro e ondulante. O primeiro asilo que encontrou foi em Pradeaux, nas imediações de Beausset. Em seguida dirigiu-se para Grand-Villard, junto a Briançon, nos Altos-Alpes. Fugida receosa e às apalpadelas, caminho de toupeira, cujas ramificações ninguém conhece. Conseguiu-se mais tarde achar alguns vestígios da sua passagem, por Aí, no território de Civrieux, pelos Pirinéus em Accons, no sítio chamado a Granja de Doumecq, pelas imediações do lugarejo de Chavailles e pelos arredores de Perigueux, em Brunies, cantão da Capella Gonaguet, até que chegou a Paris.

O seu primeiro cuidado, apenas chegara a Paris, fora comprar roupa de luto para uma pequena de sete a oito anos e depois arranjar um domicílio. Feito isto, dirigira-se a Montfermeil.

Como hão-de estar lembrados, Jean Valjean fizera, por ocasião da sua precedente evasão, uma viagem misteriosa a Montfermeil ou aos seus arredores, da qual a justiça tivera alguma luz.

Todavia, como o julgavam morto, tornava-se mais espessa a obscuridade que sobre ele se formara. Em Paris chegou-lhe às mãos um dos jornais, que registavam o facto da sua morte e sentiu-se tranquilizado e quase em paz, como se realmente tivesse morrido.

No fim do mesmo dia em que Jean Valjean arrancara Cosette das garras dos Thenardier, voltou para Paris. Ao cair da noite, transpunha a barreira de Monceaux, acompanhado pela criança, com a qual se meteu num cabriole que os conduziu à esplanada do Observatório. Chegado aí, Jean Valjean apeou-se, pagou ao cocheiro, pegou na mão de Cosette e dirigiram-se ambos, no meio da cerrada escuridão da noite, para o boulevard do Hospital pelas desertas ruas que ficam próximas à Ourcine e à Glacière.

Estranho e cheio de sensações variadas fora para Cosette aquele dia;

tinham comido atrás das sebes pão e queijo comprado em tabernas isoladas, tinham vastas vezes mudado de carruagem, tinham andado alguns bocados de caminho a pé; e conquanto ela se não queixasse, estava contudo fatigada, o que Jean Valjean conheceu, porque lhe puxava mais pela mão ao andar. Jean Valjean pegou então nela ao colo e Cosette, sem largar a boneca, pousou a cabeça no ombro dele e adormeceu.

LIVRO QUARTO — O CASEBRE DE GORBEAU

I — Mestre Gorbeau

O passeante solitário que há quarenta anos se aventurava a embrenhar-se pelas remotas regiões da Salpêtrière, e que subia pelo boulevard até à barreira de Itália, chegava a alguns sítios em que se podia dizer que Paris desaparecia. Não era um ermo, pois passava por ali gente; não era campo, pois havia casas e ruas; não era uma cidade, pois que se viam as ruas sulcadas pelas rodeiras, como as estradas reais, e crescia a erva pelo meio delas; não era uma aldeia, pois que as casas eram demasiado altas.

Então que era? Era um lugar habitado em que não havia ninguém; era um lugar deserto onde havia habitantes; era um arrabalde da grande cidade, uma rua de Paris, de noite mais solitária do que uma floresta, de dia mais pesadamente triste do que um cemitério.

Era o velho bairro do Mercado dos Cavalos.

O mesmo passeante, se se arriscasse a transpor as quatro caducas paredes do Mercado dos Cavalos, se se resolvesse a passar além da rua do Petit-Banquier, depois de haver deixado à direita uma horta fechada por elevadas paredes, em seguida um prado, onde se erguiam montes de casca de carvalho semelhantes a casinholas de castores gigantescos, depois um cerrado atulhado de madeira e de montes de raízes, serragem e cavacos, em cima dos quais latia um grande cão; em seguida uma comprida parede baixa, toda em ruínas, com uma portinha negra cheia de musgo que na Primavera se enchia de flores; depois no sítio mais deserto um decrépito casebre, no qual se lia em grandes letras «É PROIBIDO PREGAR AQUI CARTAZES», o ousado passeant chegava à esquina da rua das Vinhas de S. Marcal, latitudes pouco conhecidas. Neste sítio via-se naquele tempo ao pé de uma fábrica e entre as paredes de dois jardins, um casebre, que à primeira vista parecia pequeno como uma choupana, mas que na realidade era grande como uma catedral. A sua aparente pequenez provinha de ficar de lado para o caminho, de modo que só era visto pela empena. A casa ficava quase toda escondida, descobrindo-se apenas uma porta e uma janela.

O casebre constava de um só andar.

A circunstância que primeiro impressionava a quem o examinasse era que a porta nunca teria podido ser senão a porta de uma espelunca, ao passo que a janela, se fosse aberta em pedra de cantaria, em vez de o ser em alvenaria, poderia passar pela janela de um palácio.

A porta era apenas um conjunto de tábuas carunchosas, grosseiramente unidas com travessas semelhantes a achas mal esquadradas. Abria logo para

uma íngreme escada, de degraus altos, enlameados, cheios de barro e pó, da mesma largura da porta que se via da rua subir direita como uma escada de mão e desaparecer na sombra entre duas paredes. O cimo da informe cobertura formada pela porta era tapado por uma estreita e delgada tábua, na qual haviam rasgado um postigo triangular, que quando a porta estava fechada era juntamente trapeira e corrediça. Pelo lado de dentro, um pincel molhado em tinta de escrever, havia traçado duas pinceladas o número 52, e por cima do dois garatujara o mesmo pincel o número 50, de sorte que se hesitava. Qual é o que regula? O cimo da porta diz número 50; a parte de dentro replica 52. Da corrediça triangular pendiam, em guisa de cortinado, uns farrapos cobertos de pó.

A janela era larga, suficientemente elevada, guarnecida de persianas e de vidraças de grandes caixilhos porém estes tinham variadas feridas, ao mesmo tempo ocultas e descobertas por uma engenhosa faixa de papel e as persianas desconjuntadas e fora do seu lugar, mais ameaçavam os transeuntes, do que guardavam os moradores.

Nas persianas via-se aqui e ali, a falta de alguma das tabuinhas, que era singelamente substituída por tábuas, pregadas perpendicularmente, de modo que a coisa principiava como persiana e acabava como postigo.

A porta, que tinha um aspecto imundo, e a janela posto que escalavrada, tinha um ar de nobreza, assim vistas na mesma casa, produziam o efeito de dois mendigos desemparelhados, que fossem juntos, caminhando a par, com dois aspectos diferentes, debaixo dos mesmos andrajos, e dos quais um tivesse sido sempre gatuno e o outro um fidalgo.

Conduzia a escada a um edifício destacado, mas vastíssimo, que se assemelhava a um alpendre, transformado em casa. Tinha este edifício por tubo intestinal um comprido corredor, para o qual se abria, à direita e à esquerda, uma espécie de repartimentos variados em rigor habitáveis, e mais parecidos com sótãos que com celas.

Davam para os terrenos vagos dos arredores. Tudo isto era escuro, fastidioso, baço, melancólico, sepulcral; atravessado, consoante as fendas eram no telhado ou na porta, por clarões frios ou rajadas geladas. Uma particularidade interessante e pitoresca deste género de habitação é a desmesurada grandeza das aranhas.

A esquerda da porta de entrada, do lado do boulevard, havia à altura de um homem uma trapeira tapada, formando um nicho quadrado, que os rapazes que passavam tinham enchido de pedras.

Ultimamente foi demolida uma parte deste edifício, mas, pelo que ainda resta, pode julgar-se do que aquilo foi. O conjunto do edifício não tem mais de

cem anos de existência. Cem anos é a juventude de uma igreja e a velhice de uma casa. Parece que a morada do homem participa da sua brevidade e a de Deus da sua eternidade.

Os carteiros chamavam àquele casebre o número 50-52, porém ele era conhecido no sítio pelo nome do casebre de Gorbeau.

Digamos de onde lhe vinha esta denominação.

Os curiosos de historiazinhas, que coligem anedotas como um botânico plantas para um ervário, e que gravam na memória com um alfinete as datas fugazes, sabem que no século passado, pelo ano de 1770, existiam em Paris dois procuradores do Chatelet, chamados, um, Corbeau (corvo), outro Renard (raposa), dois nomes previstos por Lafontaine. Demasiado bela era a ocasião para que os más línguas não dessem expansão aos seus chascos motejadores, e por isso a seguinte paródia, em versos de pé quebrado, correu logo de boca em boca:

Estava mestre Corvo de uma vez
Empoleirado em cima de uma cadeira,
Sustentando voraz, no adunco bico,
Lucrativa sentença executaria:
Mestre Raposa, em tretas rico,
Cheirando-lhe de longe a chuchadeira,
Acode com presteza, e esta história
A mestre Corvo impinge, ora escutai-a;
— Olá, bom dia, amigo, etc.,

Os dois honrados procuradores perseguidos pelos dichotes e perturbados no empertigado da postura pelas gargalhadas que os seguiam, decidiram desfazer-se dos nomes que tinham, e para isso resolveram dirigir-se ao rei. O requerimento foi apresentado a Luís XV, no mesmo dia em que, de um lado o núncio do Papa, do outro o cardeal de Roche-Aymon, ambos devotamente ajoelhados, ajudaram a calçar as chinelinhas a Madame Dubarry em presença de Sua Majestade, quando aquela se levantou. O rei, que estava a rir, continuou a rir, passou alegremente dos dois bispos para os dois procuradores e concedeu aos dois becas a graça pedida ou pouco menos.

A mestre Corbeau foi-lhe permitido pelo rei acrescentar uma cauda à sua inicial e chamar-se Gorbeau; mestre Renard, porém, foi menos feliz; apenas pôde obter pôr um P antes do R e chamar-se Prenard, de modo que o segundo nome pouco diferia do primeiro.

Ora, segundo a tradição local, este mestre Gorbeau tinha sido dono do casebre número 50-52, situado no boulevard do Hospital, e era ele até o autor da janela monumental.

Daqui provinha, pois, ao casebre de que nos ocupamos, o nome de casa de Gorbeau.

Defronte do número 50-52 eleva-se, entre as plantações do boulevard, um olmo meio seco; quase em frente abre-se a barreira dos Gobelins, rua sem casas então, por calçar, plantada de árvores enfezadas, verde ou lamacenta, consoante a estação, que ia terminar em ângulo recto no muro de circunvalação de Paris. Dos telhados de uma fábrica próxima saem baforadas com um pronunciado cheiro a caparrosa.

A barreira ficava ao pé e em 1823 ainda existia o muro de circunvalação.

Só a barreira de per si lançava no espírito figuras funestas. Era aquele o caminho de Bicêtre. Era por ela que no tempo do império e no da restauração entravam os sentenciados no dia da execução. Foi ali que se cometeu o misterioso assassínio chamado «da barreira de Fontainebleau», cujos autores nunca a justiça pôde descobrir, problema fúnebre jamais resolvido, enigma horroroso jamais decifrado. Andai mais alguns passos e encontrareis essa rua fatal de Croulebarbe, onde Ulbach apunhalou a cabreira de Yvry, ao ribombar do trovão, como num melodrama. Mais alguns passos ainda, e chegarás aos abomináveis olmos decotados da barreira de S. Tiago, esse expediente dos filantropos para esconder o cadafalso, essa mesquinha e vergonhosa praça de Greve de uma sociedade de lojistas e burgueses, que recuou diante da pena de morte, sem ousar aboli-la com grandeza, nem conservá-la com autoridade.

Há trinta e sete anos, pondo de parte a praça de S. Tiago, que era um como lugar predestinado e que foi sempre horrível, o ponto mais tristonho talvez daquele tristonho boulevard era o sítio, ainda hoje tão aprazível, onde ficava o casebre número 50-52.

As casas burguesas só dali a vinte e cinco anos é que principiaram a despontar.

Era triste aquele lugar. Além das ideias fúnebres, que se vos apossavam do espírito, sentíeis-vos entre a Salpêtrière, cujo zimbório se entrevia, e Bicêtre, cuja barreira se tocava, quer dizer, entre a loucura da mulher e a loucura do homem. Por mais longe que se estendesse a vista, só se avistavam os matadouros, o muro de circunvalação e as várias fachadas de algumas fábricas, que pareciam quartéis ou mosteiros; por toda a parte barracas e entulho, paredes velhas, negras como mortalhas, paredes novas, brancas como lençóis; por toda a parte fileiras de árvores paralelas, casebres alinhados, construções chatas, compridas linhas frias e a tristeza lúgubre dos ângulos rectos. Nem um bocado de terreno acidentado, nem um capricho de arquitectura, nem uma ruga.

Era um conjunto glacial, regular, medonho. Não há coisa que mais confranja o coração do que a simetria. É que a simetria é o aborrecimento e o aborrecimento é exactamente a essência da tristeza. A desesperação boceja.

Pode sonhar-se uma coisa mais terrível do que o inferno em que se sofre é o inferno em que estivéssemos condenados ao aborrecimento. Se tal inferno existisse, aquele pedaço de boulevard do Hospital podia ser a sua entrada.

Todavia, ao cair da noite, na ocasião em que do horizonte foge a claridade, principalmente de Inverno, à hora em que a brisa crepuscular arranca aos olmos as suas últimas folhas amareladas, quando é profunda a noite e se não vê no céu uma estrela, quando o vento, rasgando as nuvens, deixa passagem ao clarão mortiço daquela grande lâmpada funerária, chamada a lua, aquele boulevard tornava-se de repente medonho. As linhas negras entranhavam-se e perdiam-se nas trevas, como traços, de infinito, e o que por ali passava não podia deixar de pensar nas inumeráveis tradições patibulares do sítio. A solidão daquele local, em que se haviam cometido tantos crimes, tinha alguma coisa de terrível.

Julgava-se pressentir algum laço naquela escuridão, pareciam suspeitas todas as formas confusas da sombra, e os amplos espaços quadrados entre árvore e árvore figuravam-se covas. De dia era um espectáculo feio, de tarde lúgubre, de noite sinistro.

De Verão via-se à luz do crepúsculo algumas velhas, quase sempre mendigando, sentadas no sopé dos olmos, em bancos cobertos pela chuva de uma crusta esverdeada.

Este bairro, porém, cujo aspecto mais era de soberania do que de velhice, tendia então a transformar-se. Nessa época devia-se apressar quem o quisesse ver, pois cada dia desaparecia alguma circunstância daquele conjunto. Há vinte anos que o embarcadouro do caminho de ferro de Orleãs actua no antigo arrabalde e todos sabem que onde quer que se coloque, na extrema de uma capital, o embarcadouro de um caminho de ferro é a morte de um arrabalde e o nascimento de uma cidade. Parece que em roda desses centros do movimento dos povos, ao rodar dessas poderosas máquinas, ao resfolegar desses monstruosos cavalos da civilização que comem carvão e vomitam fogo, treme a terra cheia de germens e se abre para tragar as antigas moradas dos homens e deixar sair as novas. Desabam as casas velhas e as novas sobem.

Desde que a estação do *railway* de Orleãs invadiu os terrenos de Salpêtrière, as antigas ruas estreitas próximas aos fossos de S. Vítor e ao Jardim das Plantas abalam-se violentamente, atravessadas três ou quatro vezes cada dia por essa torrente de diligências, coches e ónibus, que a um tempo dado apertam as casas para a esquerda ou para a direita; pois há a enunciar coisas extravagantes, que rigorosamente são exactas, e do mesmo modo que é verdadeiro dizer-se que o sol nas grandes cidades faz vegetar e crescer as fachadas das casas, ao meio-dia, é também certo que a passagem

frequente das carruagens alarga as ruas. São evidentes os sintomas de uma vida nova.

Naquele antigo bairro provincial, nos recantos mais selvagens, mostra-se a calçada, os passeios principiam a rastejar e a alongar-se, mesmo por onde ainda não passa gente.

Numa manhã de Julho de 1845, manhã memorável, viram-se de repente fumegar ali os caldeirões negros do betume; naquele dia podia-se dizer que a civilização tinha chegado à rua da Ourcine e que Paris entrara no arrabalde de S. Marcal.

II — Ninho de um mocho e de uma cotovia

Foi em frente daquele casebre de Gorbeau que Jean Valjean parou.

Como as aves noctívagas, tinha escolhido aquele lugar deserto para nele fazer o seu ninho.

Jean Valjean meteu a mão no bolso do colete, tirou uma espécie de gazua, abriu a porta, entrou, depois fechou-a com cuidado e subiu a escada ainda com Cosette ao colo.

No cimo da escada tirou do bolso nova chave e abriu outra porta, que tornou imediatamente a fechar. O quarto para que entrou era uma espécie de sótão, bastante espaçoso, cuja mobília consistia num colchão deitado no chão, numa mesa e algumas cadeiras. A um canto ficava um fogão, que se via aceso na ocasião em que falamos.

Toda esta pobre mansão era vagamente alumiada pelo clarão do lampião do boulevard. Ao fundo havia um gabinete com uma cama de lona, para a qual Jean Valjean levou a criança, deitando-a nela sem que Cosette acordasse.

Depois feriu lume e acendeu uma vela; tudo isto estava preparado de antemão em cima da mesa, e, como na véspera fizera, pôs-se a contemplar Cosette com um olhar extasiado, em que a expressão da bondade e do enternecimento tocava as raias do desvairamento. A pequenina, com essa extrema confiança tranquila, adormecera sem saber com quem estava e continuava a dormir sem saber onde estava.

Jean Valjean curvou-se então e beijou a mão da criança. Nove meses havia que ele beijara a mão da mãe, no momento também em que ela adormecera.

O mesmo sentimento doloroso, religioso e pungente de então lhe enchia o coração.

Após aquele beijo, Jean Valjean ajoelhou junto ao leito de Cosette.

Era dia claro e Cosette ainda dormia. Um pálido raio do Sol de Dezembro penetrava pela janela do sótão, arrastando pelo tecto compridos filamentos de sombra e luz. De repente, uma carreta de cabouqueiro, pesadamente carregada, que passava pela calçada do boulevard, abalou as paredes do

casebre, como o rugir de uma tempestade, fazendo-o estremecer de cima até baixo, e Cosette, acordada de chofre, gritou sobressaltada:

— Senhora! Eu já aqui vou, eu já aqui vou!

E deitou-se abaixo da cama com as pálpebras meio fechadas pelo peso do sono, estendendo o braço para o recanto da parede.

— Ai! Jesus Senhor, que não encontro a vassoura! — disse ela.

Porém, abrindo de todo os olhos, viu o rosto risonho de Jean Valjean e disse:

— Ai, é verdade! Muito bons dias, meu senhor.

As crianças aceitam logo, e familiarmente, a alegria e a ventura, porque elas mesmo são ventura e alegria.

Mal Cosette avistou a boneca aos pés da cama, pegou nela, fazendo, ao mesmo tempo que brincava, mil perguntas a Jean Valjean. Perguntou-lhe onde estava; se Paris era grande; se estava bem longe da Thenardier; se ela voltaria; etc., etc.

De súbito, exclamou:

— Como isto aqui é bonito.

Era uma suja pocilga, mas Cosette sentia-se livre.

— Quer que eu varra? — tornou ela por fim.

— Não, brinca — disse Jean Valjean.

Assim se passou o decurso do dia. Cosette, sem lhe dar cuidado saber coisa nenhuma, era inexprimivelmente feliz entre aquela boneca e aquele velho.

III — Duas desgraças juntas fazem uma ventura

No dia seguinte, quando amanheceu, ainda Jean Valjean estava junto da cama de Cosette, esperando imóvel que ela acordasse.

Jean Valjean sentia penetrar-lhe na alma um sentimento desconhecido.

Aquele homem nunca tinha amado.

Havia vinte e cinco anos que se via só no mundo, sem nunca ter sido pai, amante, marido ou amigo. Nas galés era mau, sombrio, casto, ignorante e insociável. Estava cheio de virgindades o coração daquele velho forçado. Sua irmã e os filhos de sua irmã haviam-lhe deixado apenas uma recordação vaga e longínqua, que viera por fim a desvanecer-se quase completamente. Fizera todos os esforços para dar com eles, porém, como nunca o pôde conseguir, esqueceu-os. É assim feita a natureza humana.

As outras impressões ternas da sua mocidade, se é que as tivera, haviam caído num abismo.

Quando viu Cosette, quando a tomou, arrebatou e libertou, sentiu revolverem-se-lhe as entranhas. Todo o fogo de que era susceptível o seu coração, toda a intensidade do afecto que podia votar a um ser humano, se lhe despertou, precipitando-se para aquela criança. Acercava-se da cama em que

ela dormia e tremia de alegria, experimentava emoções maternas. É uma coisa bem obscura e agradável esse grande e estranho movimento de um coração que principia a amar.

Pobre coração aquele, que pulsava como novo num peito de velho

Como ele, porém, tinha cinquenta e cinco anos e Cosette oito, todo o amor que poderia ter em toda a sua vida fundiu-se numa espécie de clarão inevitável.

Era aquela a segunda aparição branca que ele encontrava.

O bispo fizera-lhe nascer no seu horizonte a aurora da virtude; Cosette fazia-lhe nascer nele a aurora do amor.

Neste deslumbramento decorreram os primeiros dias.

Pela sua parte, Cosette tornava-se outra também, sem disso dar fé, pobre entezinho! Quando sua mãe a deixou, era tão pequena que já não se lembrava dela.

Como todas as crianças semelhantes aos rebentos da vinha que a tudo se agarram, Cosette tentara amar, porém não pôde chegar a consegui-lo. Todos a haviam repelido, os Thenardier, os filhos e as outras crianças. Amara o cão, mas este morrera, e após isto, nem pessoas nem coisas se importaram com ela. Lúgubre coisa por nós já indicada, aquela criança aos oito anos tinha o coração frio. Não era por culpa dela, nem porque lhe faltasse a faculdade de amar; ai, era a possibilidade. De modo que, desde o primeiro dia, tudo o que nela pensava e sonhava, principiou a amar aquele velho.

Experimentava o que nunca sentira uma sensação semelhante à da flor quando desabrocha.

O próprio Jean Valjean não lhe produzia o efeito de um velho ou de um pobre.

Achava-o belo, do mesmo modo que achava bonito o albergue miserável em que estava.

São efeitos estes produzidos pela aurora, pela infância, pela juventude, pela alegria. Concorre para eles a novidade da terra e a da vida.

Não há coisa mais encantadora do que o colorido reflexo da ventura sobre as águas-furtadas. Todos nós assim temos no nosso passado uma mansarda azul.

A natureza, cinquenta anos de intervalo, haviam posto uma separação profunda entre Jean Valjean e Cosette, separação que o destino preencheu. O destino uniu repentinamente e desposou com o irresistível poder aquelas duas existências sem raízes, diferentes pela idade, só pelo luto semelhantes. Efectivamente uma completava a outra. O instinto de Cosette procurava um pai como o instinto de Jean Valjean procurava um filho. Encontrarem-se foi

acharem-se. Soldaram-se-lhes as mãos no momento misterioso em que se tocaram. Quando aquelas duas almas se avistaram, reconheceram-se como sendo a necessidade uma da outra e abraçaram-se estreitamente.

Podia-se dizer, tomando as palavras no sentido mais compreensivo e absoluto, que separados de tudo pela, barreira de um túmulo, Jean Valjean era o viúvo como Cosette era a órfã. Esta situação fez com que Jean Valjean se tornasse de um modo celeste o pai de Cosette.

E, em verdade, a misteriosa impressão produzida em Cosette, no meio do bosque de Chelles, pela mão de Jean Valjean, ao travar-lhe da dela, por entre a escuridão da noite, não era uma ilusão, mas uma realidade. A entrada daquele homem no destino daquela criança fora a chegada de Deus.

Por último, acrescentaremos que Jean Valjean escolhera bem o seu asilo, pois estava nele numa segurança que podia parecer completa.

O quarto com alcova que ele ocupava com Cosette era o que tinha a janela que dava para o boulevard, e como esta era a única que havia na casa, não tinha ele a recear os olhares dos vizinhos, tanto dos lados como da frente. O rés-do-chão da casa número 50-52, espécie de telheiro, em ruínas, servia de guarida a hortelãos e não tinha comunicação com o primeiro andar, pois ficava separado deste pelo soalho, em que não havia alçapão nem escada, sendo como que o diafragma do edifício. O primeiro andar continha como dissemos, muitos quartos e mansardas, só um dos quais era ocupado por uma velha que era quem tratava da casa de Jean Valjean. O resto estava todo por habitar.

Fora essa velha, ornada com o título de principal locatária, e na realidade encarregada das funções de porteira, quem lhe alugara aquele domicílio em dia de Natal, inculcando-se-lhe ele como um rendeiro arruinado pelos vales de Espanha, que pretendia ir para ali morar com uma filhinha. Jean Valjean pagara seis meses adiantados, encarregando a velha de mobilar o quarto e o gabinete do modo que se viu. Fora esta boa mulher quem acendera o fogão e preparara tudo na noite da sua chegada.

Sucederam-se as semanas. Aqueles dois entes passavam uma existência feliz naquele miserável aposento.

Cosette logo pela manhã começava a rir, a brincar e a cantar. As crianças têm o seu canto de manhã como as aves.

Jean Valjean às vezes travava-lhe da vermelha e engelhada mãozinha e beijava-lha; porém, a pobre criança, afeita a ser espancada, não sabia o que isto queria dizer e retirava-a toda envergonhada.

Às vezes tornava-se séria e punha-se a contemplar o seu vestido preto. Cosette já não andava coberta de andrajos, andava de luto; saía da miséria e

entrava na vida.

Jean Valjean começava a ensinar-lhe a ler. Às vezes, quando estava a fazê-la soletrar, lembrava-se de que fora com a ideia de praticar o mal que aprendera a ler nas galés, ideia que aproveitava para ensinar a ler a uma criança, e então o velho forçado sorria com esse sorriso pensativo dos anjos.

Sentia nisto uma premeditação superior, uma vontade de alguém sem ser o homem, e perdia-se em fundas cogitações. Os bons pensamentos têm seus abismos como os maus.

A vida de Jean Valjean quase se cifrava em ensinar Cosette a ler e deixá-la brincar, e, além disto, em lhe falar da mãe e fazê-la rezar.

A pobre criança chamava-lhe pai e não lhe sabia outro nome.

Jean Valjean passava horas inteiras a vê-la vestir e despir a boneca, a ouvi-la chilrear. Parecia-lhe agora cheia de interesse a vida, afiguravam-se-lhe bons e justos os homens, já não descobria razão nenhuma para não poder chegar a muito velho, agora que aquela criança o amava. Via diante de si um futuro iluminado por Cosette como por uma luz encantadora. Os melhores homens não são isentos de um pensamento egoísta. Jean Valjean lembrava-se às vezes com uma espécie de alegria que talvez ela viesse a ser feia.

Isto é apenas uma opinião pessoal, mas para dizermos todo o nosso pensamento, no ponto em que se achava Jean Valjean, quando principiou a amar Cosette, não nos parece bem provado que ele não tivesse necessidade desta revivificação para perse-verar no bem. Ele acabava de ver sob novos aspectos a maldade dos homens e a miséria da sociedade, aspectos incompletos, que não mostravam fatalmente senão um lado da verdade, a sorte da mulher resumida em Fantine, a autoridade pública personificada em Javert; voltara às galés, desta vez por haver praticado o bem; tinham-lhe torturado o coração novas amarguras; apossava-se dele outra vez o tédio e o cansaço; até a mesma recordação do bispo tinha talvez um momento de eclipse, para aparecer mais tarde luminosa e triunfante; mas, enfim, esta recordação sagrada ia enfraquecendo. Quem sabe se Jean Valjean estaria em vésperas de perder a coragem e cair de novo? Amou, tornou-se forte. Ah! Porém não estava de novo menos vacilante do que Cosette. Ele protegeu-a e ela fortaleceu-o. Por influência dele, ela pôde caminhar pela senda da vida; por influência dela, ele pôde continuar na virtude. Ele foi o sustentáculo daquela criança e aquela criança foi o seu ponto de apoio. Ó insondável e divino mistério dos equilíbrios do destino!

IV — No que repara a principal inquilina

Jean Valjean tinha a prudência de nunca sair de dia. Todos os dias, porém, ao descer do crepúsculo, passeava uma ou duas horas, às vezes só, muitas

vezes com Cosette, procurando as áleas laterais dos boulevards mais solitários e entrando nas igrejas ao cair da noite. Jean Valjean gostava de ir a S. Médard, que é a igreja mais próxima. Quando não levava Cosette consigo, esta ficava com a velha, mas o maior prazer da criança era sair com o velho, preferindo até uma hora com ele aos deliciosos diálogos com Catarina, a preciosa boneca. Quando Jean Valjean saía com ela conduzia-a pela mão, dizendo-lhe coisas agradáveis.

Era então que Cosette estava no auge da alegria.

A velha tratava do arranjo doméstico, cozinhava e ia às compras.

Viviam sobriamente, tendo sempre o fogão aceso, mas como pessoas pouco abastadas. Jean Valjean em nada alterara a mobília do primeiro dia; só mandara substituir por uma porta a vidraça do quarto em que Cosette dormia.

O seu trajo consistia ainda no mesmo casacão amarelo, nos mesmos calções pretos e no mesmo chapéu velho. Na rua tomavam-no por um pobre, acontecendo às vezes voltarem-se algumas boas mulheres e darem-lhe um soldo. Jean Valjean recebia o soldo e saudava profundamente. Sucedia também outras vezes ele encontrar algum miserável implorando a caridade, e então olhava para trás a ver se alguém o via, acercava-se furtivamente do infeliz e metia-lhe na mão uma moeda de cobre, e às vezes de prata, e afastava-se rapidamente. Isto, porém, tinha os seus inconvenientes. Jean Valjean principiava a ser conhecido no bairro pelo nome do pobre que dá esmolas.

A velha, principal locatária, criatura rabugenta e invejosamente curiosa das vidas alheias, examinava muito Jean Valjean, sem ele dar fé. Era um tanto surda, e isto tornava-a tagarela. Restavam-lhe do seu passado dois dentes, um de baixo outro de cima, que de contínuo batia um contra o outro. A velha fizera minuciosas perguntas a Cosette, porém como esta não sabia nada, nada lhe pôde dizer, senão que vinha de Montfermeil. Um dia, pela manhã, vendo a curiosa velha entrar Jean Valjean para um dos compartimentos desabitados do casebre, com um ar que lhe pareceu particular, seguiu-o com o passo de uma gata matreira e pôde observá-lo, sem ser vista, pela fenda da porta, em frente da qual ele se achava de costas voltadas, sem dúvida para maior precaução. Viu-o meter a mão no bolso e tirar um agulheiro, umas tesouras e linhas, pôr-se depois a descoser a costura de uma das abas do casacão e tirar da abertura um bocado de papel amarelado, que desdobrou, A velha reconheceu espantada que era uma nota de mil francos, a segunda ou terceira que via em dias de sua vida e deitou a fugir aterrada.

Um momento depois, Jean Valjean chegou ao pé dela e pediu-lhe que lhe fosse trocar a nota de mil francos, acrescentando que era o semestre da sua

renda, o qual tinha recebido na véspera.

«Onde», disse consigo a velha, «se ele não saiu senão às seis horas da tarde? A essa hora já a pagadoria não está de certo aberta».

A velha foi trocar a nota, fazendo pelo caminho as suas conjecturas. Esta nota de mil francos, comentada e multiplicada, produziu muitas e animadas conversas entre as senhoras vizinhas da rua das Vinhas de S. Marçal.

Num dos seguintes dias, Jean Valjean pôs-se a serrar um pau no corredor, em mangas de camisa. A velha andava a arrumar o quarto e achava-se só, porque Cosette estava entretida a vê-lo serrar. Como avistasse o casacão dependurado de um prego, aproveitou o ensejo e revistou-o. A costura tornara a ser cosida. A boa mulher apalpou-a com atenção e julgou sentir nas abas e nas cavas grossura de papel. Mais notas de mil francos decerto!

Notou mais a velha que os bolsos continham uma variedade de objectos. Não só as agulhas, as tesouras e as linhas, que ela vira, mas uma grande carteira, uma enorme navalha, e circunstância suspeita, grande número de cabeleiras de variadas cores. Cada bolso daquele casacão parecia um como depósito de recursos para acontecimentos imprevistos.

Assim chegaram aos últimos dias de Inverno os moradores do casebre.

V — Barulho que faz uma moeda de cinco francos caindo no chão

Próximo de S. Médard, sentado, à beira de um poço público abandonado, estava um pobre a quem Jean Valjean gostava de dar esmola. Vez nenhuma passava por junto dele sem lhe dar algum soldo. As vezes punha-se a falar com ele. Diziam os seus invejosos que aquele mendigo pertencia à polícia. Era um velho bedel de setenta e cinco anos, que não fazia senão rosnar orações.

Uma noite, Jean Valjean, que não tinha levado Cosette consigo, ia a passar por aquele sítio e avistou o mendigo no seu costumado pouso, ao reflexo de um lampião que acabavam de acender. O homem, segundo o seu costume, parecia rezar e estava curvado. Jean Valjean foi direito a ele e deitou-lhe na mão a costumada esmola. O mendigo ergueu repentinamente os olhos, olhou para Jean Valjean com fixidez e baixou rapidamente a cabeça. Este movimento, que foi um como relâmpago, produziu um estremecimento em Jean Valjean. Pareceu-lhe que acabava de entrever ao clarão do lampião, não o plácido e devotado rosto do velho, mas uma figura assustadora e conhecida, e sentiu a impressão que experimentaria quem se achasse de repente frente a frente com um tigre na escuridão das sombras. Recuou, pois, terrificado e petrificado, sem ousar respirar nem falar, sem se atrever a ficar nem a fugir, contemplando o mendigo, que baixara a cabeça coberta com um farrapo e que parecia não saber que ele ainda ali estava. Naquela estranha ocasião, um instinto, talvez o instinto misterioso da conservação, fez com que Jean Valjean

não pronunciasse uma palavra. O mendigo tinha o mesmo talhe, os mesmos andrajos, a mesma aparência de todos os dias.

— Ora!... — disse Jean Valjean. — Estou doido ou a sonhar! É impossível!

E recolheu a casa profundamente perturbado.

Quase que nem a si mesmo ousava confessar que era o rosto de Javert o que ele julgara ver.

De noite, ao reflectir nisto, sentia não ter interrogado o homem para o obrigar a levantar a cabeça outra vez.

No dia seguinte, ao cair da noite, voltou ao mesmo sítio. Lá estava o mendigo no seu lugar.

— Boas tardes, bom homem — disse-lhe resolutamente Jean Valjean, dando-lhe um soldo.

O mendigo levantou a cabeça e respondeu com voz lastimosa:

— Muito obrigado, meu bom senhor.

Era efectivamente o velho bedel.

Jean Valjean sentiu-se plenamente tranquilizado e pôs-se a rir. «Como diabo imaginei eu que este homem era Javert?» disse ele consigo. «Querem ver que eu me tornei visionário?»

Alguns dias depois, seriam oito horas da noite, estando ele no seu quarto, a fazer Cosette soletrar em voz alta, ouviu abrir e depois fechar a porta do casebre. Pareceu-lhe singular isto. A velha, que era a única pessoa que habitava a casa, além dele, deitava-se sempre apenas anoitecia, para não gastar vela. Fez sinal a Cosette para que se calasse e ouviu alguém subir pela escada acima. Podia muito bem ser a velha, que, havendo-se achado incomodada, tivesse ido à botica. Jean Valjean pôs-se à escuta. Eram pesados os passos e soavam como os de um homem, mas a velha andava de sapatos grossos e não há nada mais parecido com o passo de um homem do que o passo de uma velha.

Todavia, Jean Valjean apagou a luz.

Mandou deitar Cosette, dizendo-lhe em voz baixa:

— Deita-te devagarinho.

Quando, porém, estava a beijá-la na testa, os passos pararam, Jean Valjean ficou em silêncio, imóvel, com as costas voltadas para a porta, sentado numa cadeira, no meio da escuridão, sem ousar mexer-se, nem dar livre saída à respiração. Ao cabo de bastante tempo, como não ouvisse mais nada, voltou-se sem fazer barulho, e, ao lançar o olhar para a porta do quarto, viu uma luz pelo buraco da fechadura, a qual desenhava uma espécie de estrela sinistra no escuro da porta e da parede. Evidentemente estava ali alguém escutando e com uma luz na mão.

Decorridos alguns minutos, a luz desapareceu. Jean Valjean, porém, não ouviu barulho de passos, o que parecia indicar que quem tinha vindo escutar à porta havia tirado os sapatos.

Jean Valjean deitou-se completamente vestido para cima da cama, mas não pôde pregar olho em toda a noite.

Ao romper do dia, quando ia a adormecer de cansaço, foi acordado pelo ranger de uma porta, que se abria em alguma mansarda do fundo do corredor, e ouviu os mesmos passos de homem que no dia antecedente haviam subido a escada. Os passos aproximavam-se. Levantou-se rapidamente e aplicou o olho pelo buraco da fechadura, que era bastante grande, esperando ver, ao passar, a pessoa que de noite entrara no casebre e lhe fora escutar à porta. Efectivamente era um homem, que desta vez passou sem parar pelo quarto de Jean Valjean. O corredor, porém, estava demasiado escuro para se lhe poder distinguir o rosto; porém, ao chegar ao corredor, um raio de luz exterior tornou-o saliente como um perfil e Jean Valjean viu-o completamente pelas costas. O homem era de estatura elevada e trazia um casacão comprido e uma grossa bengala debaixo do braço. Era o mesmo talho formidável de Javert.

Jean Valjean podia vê-lo mais à vontade pela janela do seu quarto, que deitava para o boulevard; porém era preciso abri-la, e Jean Valjean não se atreveu.

Era evidente que aquele homem tinha entrado com uma chave e como que em sua casa. Quem lhe havia dado a chave? Que queria aquilo dizer?

Às sete horas da manhã, quando a velha veio arrumar o quarto, Jean Valjean deitou-lhe um olhar penetrante, mas não a interrogou. A mulher apresentou-se como de costume.

— A noite passada o senhor não ouviu entrar ninguém? — disse ela por fim continuando a varrer.

Naquele tempo e naquele boulevard, às oito horas é noite fechada.

— É verdade, agora me lembro — respondeu ele com o acento mais natural — quem era?

— É um novo inquilino que há cá em casa — disse a velha.

— E como se chama?

— Nem por isso o sei já muito bem. É Dumont ou Daumont, uma coisa assim.

— E o que faz esse senhor Dumont?

A velha encarou-o com os seus olhinhos de fuinha e respondeu:

— Um rendeiro, como o senhor.

A velha não teria talvez nenhuma intenção; porém, Jean Valjean, julgou

entrever-lhe uma.

Apenas a velha saiu, Jean Valjean embrulhou num papel cem francos que tinha num armário e meteu-os no bolso. Por mais precauções, porém, que tomasse nesta operação, para que não o ouvissem mexer em dinheiro, escapou-lhe das mãos uma moeda de cem soldos que rolou pelo soalho.

Ao escurecer, desceu à porta da rua e olhou com atenção para todos os lados do boulevard, porém não viu ninguém. O boulevard parecia absolutamente deserto.

Verdade é que podia estar alguém escondido atrás das árvores.

Depois tornou a subir e disse para Cosette:

— Anda daí.

Pegou-lhe na mão e acto contínuo saíram de casa.

LIVRO QUINTO — PARA CAÇADA TENEBROSA MATILHA SILENCIOSA

I — Ziguezagues estratégicos

Necessária se torna aqui uma observação para inteligência do que vai ler-se e do que mais adiante se verá.

Bastantes anos há já que o autor deste livro, com pesar obrigado a falar de si, vive ausente de Paris. Depois que ele de lá saiu, Paris transformou-se; surgiu uma nova cidade, que de certo modo lhe é desconhecida. Escusado é dizer que ama Paris, porque Paris é a cidade natal do seu espírito. Em virtude, porém, das demolições e reconstruções, o Paris da sua juventude, esse Paris que ele religiosamente tem trazido sempre gravado na memória, é a esta hora um Paris de outro tempo. Permitam-lhe falar desse Paris, como se ele ainda existisse. Possível é que onde o autor conduzir os leitores, dizendo-lhes: «Em tal rua há tal casa», já hoje não exista nem casa nem rua.

Eles que verifiquem, se se quiserem dar a esse trabalho, que, pelo que lhe respeita, ignora o Paris novo e escreve com o Paris antigo à vista duma ilusão para ele preciosa.

É-lhe doce a lembrança de que atrás dele ficou alguma coisa do que viu quando estava na sua terra, e que nem tudo se desvaneceu. Enquanto a gente pisa o solo da pátria, imagina que lhe são indiferentes aquelas ruas; sem valor aquelas janelas, aqueles tectos e aquelas portas; estranhas aquelas paredes; como quaisquer outras aquelas árvores com que deparamos no nosso caminho; inúteis as casas em que entramos, simples pedras o pavimento em que pousamos os pés. Mais tarde, quando um súbito esforço da desgraça nos quebra os laços que nos prendiam ao país natal, vemos então que aquelas ruas nos são caras; que nos faltam aqueles tectos, aquelas janelas e aquelas portas; que nos são necessárias aquelas paredes; nossas bem amadas aquelas árvores; que naquelas casas, em que não entrávamos, todos os dias entrávamos; e que pegado àquele solo, que já não pisamos, deixamos parte das nossas entranhas, do nosso sangue e do nosso coração. Todos esses lugares, que já não vemos, que talvez não tornaremos a ver, tomam para nós um doloroso encanto, vem-nos à lembrança com a melancolia de uma aparição, tornam-nos visível a terra santa, e são, para assim dizer, a própria forma da França; e amamo-los e evocamo-los tais quais eles são, tais quais eles eram, e obstinamo-nos neles e não os queremos alterar em nada, porque nos afeiçoamos à figura da pátria como ao rosto de uma mãe.

Seja-nos lícito falar do passado no presente. Dito isto, pedimos ao leitor que o tome em nota e continuamos.

Jean Valjean deixara logo o boulevard e embrenhara-se pelas ruas, dando o maior número de voltas que podia e voltando às vezes atrás a ver se alguém o seguia.

É manobra própria do veado perseguido pela matilha. Nos terrenos em que podem ficar impressas as pegadas, tem esta manobra, entre outras vantagens, a de enganar no rasto os caçadores e os cães. Chama-se a isto na arte venatória retirada falsa.

Era uma noite de Lua cheia, com o que Jean Valjean bem pouco se dava. A Lua, ainda muito próxima do horizonte, projectava nas ruas grandes lanços de sombra e luz.

Jean Valjean podia, pois, deslizar ao longo das casas e das paredes, observando do lado escuro a parte clara. Talvez ele, porém, não reflectisse bem que lhe ficava por sondar convenientemente o lado escuro; todavia, em todos os becos desertos próximos à rua de Poliveau, julgou com toda a certeza que ninguém ia atrás dele.

Cosette caminhava sem fazer perguntas. Os sofrimentos dos seis primeiros anos da sua vida tinham introduzido alguma coisa de passivo na sua natureza. Além disso, e é este um reparo do qual mais do que uma vez teremos ocasião de nos ocuparmos, estava acostumada, sem bem ter consciência disso, às singularidades do velho e às extravagâncias do destino. Finalmente, sentia-se em segurança, estando com ele.

Jean Valjean não sabia melhor do que Cosette para onde ia. Confiava-se a Deus, como ela se confiava a ele. Parecia-lhe que também um ser maior do que ele lhe travava da mão e julgava sentir que um ente invisível o conduzia. Finalmente, não tinha nenhum propósito deliberado, nenhum plano, nenhum projecto. Nem mesmo tinha a certeza de que aquele homem fosse Javert, e quanto mais, podia ser Javert, sem que Javert soubesse que ele era Jean Valjean, Pois não andava disfarçado? Não o supunham morto? Contudo, passavam-se coisas, havia alguns dias, que se tornavam singulares. Não lhe era preciso mais. Estava determinado a não tornar a pôr os pés na casa de Gorbeau. Como um animal expulso do covil, procurava uma cova para se esconder até encontrar outra onde se alojasse.

Jean Valjean descobriu grande número de variados labirintos no bairro de Mouffetard, já adormecido como se ainda tivesse a disciplina da idade média e o jugo do toque a recolher, combinando de diversos modos, em sábias estratégias, a rua de Censier com a rua de Copeau, a rua do Passeio de S. Vítor com a do Poço do Ermitão.

Não falta por estes sítios quem alugue quartos mobilados, Jean Valjean, porém, nem neles entrou, porque não achou o que lhe convinha. Uma coisa

que ele tinha como fora de dúvida era que, ainda quando por acaso lhe tivessem andado em busca do rasto, lho tinham perdido.

Ao dar onze horas em Santo Estêvão do Monte, atravessava ele a rua de Pontoise, em frente do comissariado da polícia, que fica na casa número 11. Alguns instantes depois, o instinto obrigou-o a voltar-se e à luz do lampião do comissariado, que os punha a descoberto, viu distintamente passarem por baixo do dito lampião do lado da rua que estava em trevas três homens que o seguiam de muito perto. Um dos três homens entrou no corredor da casa do comissário. O que caminhava na frente pareceu-lhe com toda a certeza suspeito.

— Anda, filha — disse ele para Cosette, deixando com presteza a rua de Pontoise.

Para isso fez um rodeio, contornou a passagem dos Patriarcas, que estava fechada pelo adiantado da hora, percorreu com ligeireza a rua da Espada de Pau e a do Aríete e meteu-se pela das Postas, onde há um beco, em que hoje está o colégio Rollin, e ao qual vem sair a rua Nova de Santa Genoveva.

(Convém dizer que a rua Nova de Santa Genoveva é uma rua antiga e que pela rua das Postas nem de dez em dez anos passa uma sege de posta. Esta rua das Postas, no século XIII, era habitada por oleiros e o seu verdadeiro nome é o de rua dos Potes).

A lua lançava neste beco uma luz viva. Jean Valjean escondeu-se numa porta, calculando que, se os homens ainda o seguissem, não podia deixar de os ver, ao passarem por aquela claridade.

Efectivamente, não eram decorridos três minutos, quando os homens apareceram. Agora, porém, eram quatro, todos de estatura elevada, vestidos com compridos casacões pardos, de chapéus redondos e grossas bengalas nas mãos. Não era menos assustadora a sua marcha sinistra nas trevas do que a sua grande estatura e a desmesurada grandeza dos seus punhos. Dir-se-ia quatro espectros disfarçados em burgueses.

No meio do beco pararam e juntaram-se em grupo como que a consultar-se.

Tinham ar indeciso. O que parecia guiá-los voltou-se e apontou acaloradamente com a mão direita na direcção do lugar onde Jean Valjean estava escondido; outro parecia indicar com obstinação a direcção contrária. No instante em que o primeiro se voltou, a lua bateu-lhe em cheio no rosto e Jean Valjean reconheceu perfeitamente Javert.

II — É uma felicidade passarem veículos pela ponte de Austerlitz

A incerteza cessou para Jean Valjean; mas felizmente durava ainda para os homens misteriosos. Aquele aproveitou-se da hesitação destes; tempo perdido

para uns, e ganho pelo outro. Jean Valjean saiu da porta em que se ocultara e meteu-se pela rua das Postas na direcção do Jardim das Plantas. Cosette começava a sentir-se fatigada; Jean Valjean tomou-a nos braços e continuou a caminhar. Não encontrou vivalma e os candeeiros, por haver luar, não tinham sido acesos.

Jean Valjean apertou o passo. Em poucos minutos chegou à fábrica de loiça de Goblet, em cuja fachada o luar tornava distintamente legível a sua velha inscrição:

Ao grande fabricante Goblet filho
Correi, vinde comprar: tubos de grés.
Tijolos, bilhas, vasos, bom ladrilho,
A preços de espantar qualquer freguês.

Deixou atrás de si a rua da Chave, depois a fonte de S. Vítor, caminhou ao longo do Jardim das Plantas e chegou ao cais. Ali olhou para trás. O cais e as ruas estavam desertas. Não vendo ninguém atrás de si respirou fundo e dirigiu-se por fim à ponte de Austerlitz. Naquela época existia ali o direito de portagem, portanto entrou na casa do empregado encarregado de o cobrar e deu-lhe um soldo.

— São dois soldos — disse o inválido da ponte. — Leva consigo uma criança que pode andar, por conseguinte há-de pagar por ela.

Jean Valjean pagou, mas sentiu-se contrariado de que a sua passagem pela ponte desse lugar a uma observação. Toda a espécie de fuga deve evitar incidentes.

Ao mesmo tempo que ele, uma grande carroça passava o Sena para a margem direita. Esta coincidência foi muito útil: pôde atravessar toda a ponte abrigado pela sombra da carroça.

Quase no meio da ponte, Cosette, que tinha os pés dormentes, manifestou desejos de andar; ele pô-la no chão e travou-lhe da mão outra vez.

Transposta a ponte, avistou à direita umas estâncias de madeira e encaminhou-se para elas. Para chegar, porém, ao sítio em que elas ficavam era preciso aventurar-se por um espaço bastante largo, que estava a descoberto e completamente alumiado. Não hesitou. Evidentemente os que o perseguiam tinham-lhe perdido o rasto, e por isso, Jean Valjean julgava-se livre de perigo. Procurado, sim; seguido, não.

Entre duas estâncias de madeira, cercadas por uma parede, abria-se uma ruazinha, a rua do Caminho Verde de Santo António, estreita, escura e como que feita de propósito para ele. Antes, porém, de se meter por ela, olhou para trás.

Do sítio em que estava via a ponte de Austerlitz em toda a sua extensão.

Acabavam de entrar na ponte quatro sombras, que voltavam as costas ao

Jardim das Plantas e se dirigiam para a margem direita.

Estas quatro sombras eram os quatro homens.

Jean Valjean sentiu o estremecimento do animal que é apanhado de novo.

Restava-lhe, porém, uma esperança: era que talvez aqueles homens não tivessem ainda entrado na ponte, nem o tivessem avistado na ocasião em que, com Cosette pela mão, atravessara o grande espaço iluminado.

Nesse caso, metendo-se pela ruazinha que tinha à sua frente, se conseguisse chegar às estâncias de madeira, aos pântanos, aos campos, aos sítios sem casas, podia escapar.

Pareceu-lhe digna de confiança aquela ruazinha silenciosa e meteu-se por ela.

III — Veja-se a planta de Paris em 1827

Ao cabo de trezentos passos, chegou a um lugar em que a rua se bifurcava, dividindo-se em duas, uma que ladeava à esquerda, outra à direita. Jean Valjean tinha diante de si como que as duas hastes de um Y. Qual delas escolher?

Tomou pela direita sem hesitações.

Porquê?

Porque a ramificação esquerda conduzia para o arrabalde, isto é, para os lugares habitados, e a direita para o campo, para os lugares desertos.

A este tempo, porém, já não caminhavam com tanta rapidez. O passo de Cosette fazia afrouxar o de Jean Valjean, o que o obrigou a pegar nela ao colo outra vez.

Cosette apoiava a cabeça no ombro do velho, sem dizer palavra.

De tempos a tempos, ele voltava-se e olhava, tendo sempre o cuidado de se conservar do lado escuro da rua. Até ao ponto em que ele se achava, a rua não fazia curvas. Das duas ou três primeiras vezes que se voltou não viu nada, era profundo o silêncio, e por isso continuou o seu caminho um tanto mais tranquilizado. De repente, em certa ocasião em que se voltou, pareceu-lhe ver ao longe, na parte da rua por onde acabava de passar, uma coisa a mover-se no meio da escuridão.

Jean Valjean não andou, precipitou-se para a frente, esperando encontrar algum beco transversal para onde se evadisse e que lhe perdessem o rasto mais uma vez.

Foi dar ao pé de um muro.

Este muro, contudo, não impedia que se passasse além: orlava um beco transversal no qual terminava a rua por onde tomara Jean Valjean.

Ainda aqui foi-lhe necessária uma resolução: tomar pela esquerda ou pela direita.

Olhou para a direita. O beco prolongava-se tortuoso por entre casas, que eram cocheiras ou celeiros, mas não tinha saída. Via-se distintamente a parede que o fechava.

Olhou para a esquerda. O beco deste lado era aberto e ao cabo de uns duzentos passos desembocava numa rua de que era afluente. Era deste lado que estava a salvação.

No momento em que Jean Valjean se decidiu a voltar para a esquerda, para alcançar a rua que entrevia no extremo do beco, avistou na esquina que ele formava para aquela rua, uma espécie de estátua negra e imóvel.

Era um homem que evidentemente acabava de ali ser postado e que estava à espera, impedindo a passagem.

Jean Valjean recuou.

O ponto de Paris em que Jean Valjean se achava, situado entre o arrabalde de Santo António e a Rapée, é do número dos que os trabalhos recentes transformaram completamente, afeando-os, segundo uns, segundo outros transfigurando-os. Os campos, as estâncias de madeira, as casas velhas, desapareceram para dar lugar a grandes ruas novas, a arenas, circos e hipódromos, a estações de caminhos de ferro, a uma prisão, Mazas; finalmente, como se vê, ao progresso com o seu correctivo.

Há meio século, nessa linguagem popular, toda formada de tradições, que teima em chamar ao Instituto as Quatro Nações e Faydeau à Ópera-Cómica, o sítio a que Jean Valjean chegara chamava-se o Petit-Picpus. Porta de S. Tiago, porta de Paris, barreira dos sargentos, Porcherons, Galeota, Celestinos, Capuchinhos, Mail, Bourbe, a Árvore de Cracóvia, Pequena Polónia, Petit-Picpus, são os nomes, do velho Paris sobrenadando no novo. A memória do povo flutua sobre estes fragmentos do passado.

O Petit-Picpus, que mal existiu, pois nunca passou do esboço de um bairro, tinha quase o aspecto monacal de uma cidade espanhola. Os caminhos eram mal nivelados, as ruas mal calçadas. Exceptuando as três ruas de que vamos falar, tudo o mais eram paredes e solidão. Nem uma loja, nem uma carruagem; apenas alguma luz a uma janela ou outra, porém tudo apagado passadas as dez horas. Jardins, conventos, estâncias de madeira, pântanos; raras casas baixas e grandes paredes da altura das casas.

Eis o que este bairro era no século passado. A revolução já o havia maltratado bastante, A municipalidade republicana demolira-o, esburacara-o, desmoronara-o. Há trinta anos este bairro, ultimamente convertido em depósitos de entulho, desaparecia sob os borrões das novas construções. Hoje o traço que lhe passaram por cima escondeu-o totalmente.

O Petit-Picpus, de que em planta nenhuma actual restam vestígios, está

claramente indicado na planta de 1827, impressa em Paris na oficina de Diniz Thierry, rua de S. Tiago, defronte da rua do Gesso, e em Lyon na de Jean Girin, rua dos Capelistas, à Prudência. O Petit-Picpus era o que acima chamamos um Y de ruas, formado pelo Caminho Verde de Santo António, que se apartava em duas ramificações, das quais a esquerda tomava o nome de viela do Picpus e a direita o de rua de Polonceau. As duas hastes do Y eram reunidas no seu ápice como que por uma barra, que se chamava a rua do Muro Direito, onde vinha terminar a rua de Polonceau.

Quanto à viela do Picpus, passava adiante, subindo em direcção ao mercado de Lenoir.

Quem, ao vir do Sena, chegava à extremidade da rua de Polonceau, encontrava à esquerda a rua do Muro Direito, que fazia rapidamente volta em ângulo recto, em frente à parede desta rua e à direita um prolongamento truncado da rua do Muro Direito, sem saída, chamado o beco de Genrot.

Era onde estava Jean Valjean.

Como acabamos de dizer, este, ao descobrir o perfil negro, de vigia à esquina da rua do Muro Direito e da viela do Picpus, recuou. Não restava dúvida nenhuma. Era espiado por aquele fantasma.

Que fazer?

Já não era tempo de retroceder. O que ele pouco antes vira por trás de si agitar-se na sombra a alguma distância era, sem dúvida, Javert e a sua escolta. Javert já de certo estava no princípio da rua, em cuja extremidade se achava Jean Valjean. Javert, que, segundo todas as aparências, conhecia aquele pequeno dédalo, tomara as suas precauções, mandando guardar a saída dele por um dos seus homens. Estas conjecturas, tão parecidas a evidências, tumultuaram logo como um punhado de pó arrebatado por uma súbita rajada de vento no doloroso cérebro de Jean Valjean. Examinou, portanto, o beco de Genrot; deste lado, a passagem tapada. Examinou a viela do Picpus; deste lado, uma sentinela, cuja figura escura ele via destacar-se em negro sobre o pavimento inundado pela luz branca da Lua. Avançar, era cair nas mãos daquele homem; recuar, era lançar-se nas de Javert. Ao sentir-se como que apanhado numa rede, que se ia lentamente apertando, Jean Valjean fitou os olhos no céu com uma expressão de angústia desesperada.

IV — Evasão às apalpadelas

Para compreender o que em seguida se vai ler, é necessário que o leitor tenha uma ideia exacta da viela do Muro Direito, e particularmente da esquina que deixava à esquerda quem saía da rua de Polonceau para entrar nesta viela. Do lado direito, a viela do Muro Direito era quase toda orlada por casas de pobre aparência, que se estendiam até à viela do Picpus; do lado

esquerdo por um só edifício de uma linha severa, composto de muitas moradas, que gradualmente se iam elevando à altura de um andar, consoante se iam aproximando da viela do Picpus; de modo que este edifício, elevadíssimo do lado desta viela, do lado da rua de Polonceau era bastante baixo, e tanto que no sítio da esquina de que acima falamos só tinha um muro. Este muro, porém, não ia terminar em esquadria com a rua; fazia um recanto muito metido para dentro, que as duas esquinas tornavam invisível a quem se achasse na rua de Polonceau e na rua do Muro Direito.

A partir das esquinas do recanto formado pelo muro, prolongava-se este pela rua de Polonceau até uma casa com o número 49 e pela rua do Muro Direito, onde o lanço correspondente era mais estreito, até ao edifício escuro de que acima falámos, ao qual cortava a empena, formando deste modo um novo ângulo reentrante na rua. A empena deste edifício era de um aspecto pesadamente triste; via-se-lhe apenas uma janela, ou, para melhor dizer, dois postigos revestidos de uma folha de zinco, que se conservavam constantemente fechados.

A planta que aqui levantamos, e cuja rigorosa fidelidade ninguém nos contestará, há-de despertar de certo uma lembrança exactíssima no espírito dos antigos moradores daqueles sítios.

O recanto de que acima fizemos menção era completamente pejado por uma coisa semelhante a uma porta colossal e miserável. Era um agregado informe de tábuas perpendiculares, presas por compridos gatos de ferro transversais. Ao lado havia uma porta de carro de dimensões ordinárias, cuja abertura evidentemente se conhecia que não datava de há cinquenta anos.

Por cima do recanto via-se a ramagem de uma tília e do lado da rua de Polonceau o muro todo coberto de hera.

No perigo iminente em que Jean Valjean se achava, o aspecto solitário daquele edifício, que lhe parecia desabitado, tentava-o. Percorreu-o, pois, rapidamente com a vista, dizendo consigo que se chegasse a penetrar nele, decerto se salvaria. Ocorreu-lhe logo uma ideia e com ela sentiu nascer-lhe uma esperança.

Na parte média da frente do edifício, que deitava para a rua do Muro Direito, havia em todas as janelas diversas ordens de caleiros de chumbo. As variadas ramificações dos canos, que iam de um cano central terminar a todos estes caleiros, desenhavam uma espécie de árvore. Estas ramificações de tubos com os seus cem cotovelos imitavam os troncos de vide velhos e despojados de folha que serpenteiam em mil voltas pelos frontispícios das antigas herdades.

Esta estranha ramada de ramos de lata e ferro foi o primeiro objecto que

impressionou Jean Valjean. Colocou Cosette encostada a uma pedra, recomendando-lhe silêncio, e correu para o sítio onde o cano vinha tocar o chão. Talvez que por ali houvesse meio de subir e entrar na casa. O cano, porém, estava quebrado e inutilizado, porque mal se segurava pela soldadura. Além disso, todas as janelas daquela silenciosa morada eram gradeadas com espessos varões de ferro, até mesmo as águas-furtadas. E, demais, a Lua batia de chapa na frontaria da casa e o homem que observava Jean Valjean da extremidade da rua tê-lo-ia visto subir. E, finalmente, que fazer de Cosette?

Como içá-la ao alto de uma casa de três andares?

Jean Valjean renunciou, pois, a trepar pelo cano e foi de rojo ao longo da parede, até tornar a entrar na rua de Polonceau.

Ao chegar ao recanto onde deixara Cosette, notou que ali ninguém o podia ver.

Ali escapava a todos os olhares, de qualquer parte que eles viessem. Além disto, ficava encoberto com a sombra. Finalmente, havia duas portas, que talvez fosse possível arrombar. A parede, por cima da qual Jean Valjean via a tília e a hera, dava decerto para algum jardim, onde ao menos se poderia esconder, posto que as árvores ainda não tivessem folha, e passar o resto da noite.

O tempo corria, era urgente uma resolução qualquer.

Chegou-se à porta de dimensões ordinárias, apalpou-a e reconheceu que estava tão inutilizada por dentro como por fora.

Acercou-se então da outra porta grande com mais esperança; e como esta era terrivelmente decrépita e a sua própria imensidade a tornava menos sólida, como as tábuas estavam podres e as ligaduras de ferro, de que só restavam três, se achavam comidas de ferrugem, pareceu-lhe possível penetrar naquela carunchosa clausura.

Ao examiná-la, porém, viu que não era uma porta, pois nem tinha gonzos, nem fechadura, nem fenda no meio. Os gatos de ferro atravessavam-na de lado a lado sem solução de continuidade. Pelas fendas das tábuas entreviu Jean Valjean alguns calhaus e pedras grosseiramente cimentadas, que ainda há dez anos podia ver quem por lá passasse, e reconheceu então com consternação que esta porta aparente era um simples tapamento de madeira revestindo exteriormente uma construção de pedra. Fácil era arrancar uma tábua, mas arrancada ela deparava-se com uma parede.

V — O que seria impossível com a iluminação a gás

Neste momento principiou a ouvir-se a alguma distância um ruído surdo e cadenciado, que o fez aventurar um olhar rápido fora da esquina da rua. Acabavam de desembocar na rua Polonceau sete ou oito soldados, cujas

baionetas, Jean Valjean via brilhar e que se dirigiam para ali.

Os soldados, à frente dos quais ele distinguia a elevada estatura de Javert, avançavam lentamente e com precaução, parando frequentes vezes. Era visível que exploravam todos os recantos das paredes e todos os vãos das portas e corredores.

Era, e nisso não se podiam enganar as suas conjecturas, alguma patrulha que Javert encontrara e que requisitara para aquela diligência.

Nas suas fileiras marchavam os dois acólitos de Javert.

No passo em que eles vinham e com as paragens que faziam, era-lhes necessário um quarto de hora, pouco mais ou menos, para chegar ao sítio onde Jean Valjean se achava. Foi para ele um momento terrível aquele. Apenas alguns minutos o separavam daquele temível precipício que pela terceira vez se lhe abrira diante dos pés. E as galés agora já não eram só as galés, era a perda de Cosette para sempre; isto é, uma vida que se assemelhava ao interior de um túmulo.

Só havia uma coisa possível nesta conjuntura.

Jean Valjean tinha uma particularidade; podia-se dizer dele que trazia dois alforges, num dos quais guardava os pensamentos de um santo, noutro o temível talento de um forçado: e tanto em um como em outro metia a mão consoante a ocasião.

Entre outros recursos, Jean Valjean, graças às suas numerosas evasões das galés de Toulon, era mestre na arte incrível de subir, sem escadas, nem ganchos de ferro, só com o auxílio da força muscular, apoiando-se com a nuca, com os ombros, com os quadris e com os joelhos, e ajudado apenas pelas saliências da pedra, pela aresta de uma parede, até à altura de um sexto andar sendo necessário; arte que tão medonhamente célebre tornou o canto do pátio da Conciergerie de Paris, pela qual há vinte anos se escapou o sentenciado Battemolle.

Jean Valjean mediu com a vista o muro, por cima do qual se via a tília, e conheceu que tinha dezoito pés de altura, pouco mais ou menos. O ângulo, que ele formava com a empena do grande edifício, era cheio na sua parte inferior por um maciço de pedra de alvenaria de forma triangular, decerto destinado a preservar de imundícies o recanto demasiadamente cómodo. Este preenchimento preventivo das esquinas das paredes é muitíssimo usado em Paris.

Tinha o maciço cinco pés de altura, pouco mais ou menos, de modo que para chegar do alto dele acima da parede havia a transpor um espaço de catorze pés.

A parede era sobrepujada por uma pedra chata e sem rebordo.

A dificuldade era Cosette, Cosette que não sabia trepar uma parede. Abandoná-la? Nem por pensamentos ocorria tal coisa a Jean Valjean. Levá-la consigo, porém, era impossível. Todas as forças de um homem lhe são necessárias para ser bem sucedido nestas estranhas ascensões. O menor peso lhe deslocaria o centro de gravidade e o faria precipitar.

Era talvez necessária uma corda, mas Jean Valjean não a tinha, e onde havia ele de achar uma à meia-noite, na rua de Polonceau? Certo que naquele instante, se Jean Valjean possuísse um reino, tê-lo-ia dado por uma corda.

Todas as situações críticas têm seus relâmpagos, que ora nos cegam, ora nos iluminam.

O olhar desesperado de Jean Valjean notou de repente o lampião no beco sem saída.

Naquele tempo as ruas de Paris ainda não eram iluminadas a gás. Ao cair da noite acendiam-se lampiões colocados de distância em distância, os quais subiam e desciam por meio de uma corda, que se prolongava pela parede e que se prendia numa espécie de cavalete. A porção de corda que tinha de subir para o lampião descer, estava fechada num armariozinho de ferro, cuja chave o atiça trazia consigo, e a mesma corda era protegida por um tubo de metal.

Jean Valjean, pois, com a energia de uma luta suprema, transpôs, de um salto a rua, meteu-se pelo beco, fez saltar a lingueta do armariozinho com a ponta da navalha que trazia e daí a um instante estava outra vez de volta ao pé de Cosette. Já tinha uma corda. Andam lestos estes sombrios achadores de expedientes, quando a braços com a fatalidade.

Já dissemos porque naquela noite os lampiões não tinham sido acesos, e por isso o do beco de Genrot achava-se naturalmente apagado como os demais, de modo que se podia passar próximo dele sem conhecer que já não estava no seu lugar.

Porém, a hora, o lugar, a escuridão, a preocupação de Jean Valjean, os seus gestos singulares, as suas idas e vindas, tudo isto principiava a incutir receios a Cosette. Outra qualquer criança que não fosse ela há muito que teria desatado aos gritos, porém ela limitou-se a puxar pela aba do casacão a Jean Valjean e a dizer-lhe em voz baixa, porque cada vez se ouvia mais distintamente o rumor dos passos da patrulha, que se ia aproximando:

— Ó pai, tenho medo! Quem é que vem lá?

— Cala-te! — respondeu o desditoso homem. — É a Thenardier.

Cosette estremeceu e ele acrescentou:

— Não digas nada. Deixa-me cá. Olha que se tu gritas ou choras, a Thenardier dá contigo e ela ao que vem é para te levar outra vez.

Jean Valjean então, sem se apressar, mas sem fazer movimentos desnecessários, com uma precisão firme e breve, tanto mais para notar em tal ocasião, por isso que Javert e a patrulha podiam aparecer de um instante para o outro, tirou o lenço do pescoço, passou-o em roda do corpo de Cosette por baixo dos sovacos, tendo todo o cuidado em que ele não ferisse a criança, atou o lenço à ponta da corda com um nó a que os marinheiros chamam de andorinha, segurou nos dentes a outra ponta, descalçou os sapatos e as meias, que atirou por cima da parede, subiu ao maciço de pedra e principiou a elevar-se pela esquina da parede e da empena com tanta solidez e firmeza como se tivesse degraus onde apoiar os calcanhares e os cotovelos. Não havia decorrido meio minuto e já Jean Valjean estava em cima da parede.

Cosette contemplava-o cheia de pasmo e sem dizer palavra. Gelara-a a recomendação de Jean Valjean e o nome da Thenardier.

De repente, a criança ouviu a voz de Jean Valjean, que lhe dizia em voz baixa:

— Encosta-te ao muro.

Ela obedeceu.

— Não dês nem uma palavra e não tenhas medo — tornou Jean Valjean.

Cosette sentiu-se então levantada do chão, e, antes de ter tempo de ver bem o que era, estava em cima do muro.

Jean Valjean agarrou nela, pô-la às costas, segurando-lhe com a mão esquerda as mãozinhas, deitou-se de bruços e foi-se arrastando por cima da parede até ao ponto em que esta formava o recanto. Como ele supusera, havia ali uma barraca de madeira, cujo telhado descia até muito próximo do solo, num plano suavemente inclinado e tocando a tília que se via na rua. Feliz circunstância, pois que o muro deste lado era muito mais alto do que pelo lado da rua. Jean Valjean só a grande profundidade é que via o chão.

Acabava ele de chegar ao plano inclinado do tecto, não tendo ainda largado a aresta do muro, quando um violento rumor anunciou a chegada da patrulha, ouvindo-se a atroadora voz de Javert, que gritava:

— Dêem busca ao beco. A rua do Muro Direito está guardada e a viela do Picpus também. Respondo em como ele está no beco.

A voz de Javert, os soldados precipitaram-se para o beco de Genrot.

Jean Valjean deixou-se escorregar pelo telhado, segurando ao mesmo tempo Cosette, e, chegado ao pé da tília, saltou ao chão. Fosse terror, fosse coragem, Cosette nem sequer respirava, apesar de ter as mãos um tanto esfoladas.

VI — Princípio de um enigma

Achava-se Jean Valjean numa espécie de jardim bastante vasto, mas de

aspecto singular, um desses jardins melancólicos que parecem servir só para serem vistos de Inverno ou de noite. Era de forma oblonga, com uma rua de grandes choupos no fundo, a cada canto uma mata bastante alta e no meio um espaço sem sombra, em que se distinguia uma grande árvore isolada, em seguida algumas árvores frutíferas torcidas e eriçadas como grossos pés de tojo, canteiros semeados de legumes, um meloal, cujas campainhas brilhavam ao clarão da Lua, e uma pia velha. Aqui e ali viam-se alguns bancos de pedra, que pareciam negros com o musgo que os cobria. As ruas eram orladas por arbustozinhos escuros e muito direitos. Metade do jardim estava coberto de ervas; a outra metade, de uma camada verde de musgo.

Ao lado de si tinha Jean Valjean o casebre de cujo telhado se servira para descer, um monte de lenha, e por trás deles, mesmo encostada à parede, uma estátua de pedra, cujo rosto mutilado era apenas uma informe máscara aparecendo vagamente por entre a escuridão.

O casebre era uma espécie de pardieiro em que se distinguiam alguns quartos desmantelados, um dos quais, todo em ruínas, parecia servir de alpendre.

Para este jardim tinha a casa grande da rua do Muro Direito, que fazia esquina para a viela do Picpus, dois lados em esquadria. Estes lados de dentro ainda eram mais tétricos do que o de fora. Todas as janelas tinham grades, através das quais se não entrevia uma só luz. Nos andares superiores havia cestos como nas prisões. Um dos lados projectava sobre o outro a sua sombra, que dava sobre o jardim como um imenso lençol preto.

Não se descobria outra casa. O fundo do jardim perdia-se por entre a escuridão e a cerração da neblina. Distinguiam-se, porém, confusamente, alguns muros, que se cruzavam uns pelos outros, como se para lá deles houvesse mais quintais, e os telhados baixos da rua de Polonceau.

Não se podia imaginar coisa mais erma e solitária do que aquele jardim. Não se via vivalma, o que era muito simples em razão do adiantado da hora, mas é que realmente parecia que aquele sítio não servia para ninguém andar por ele, mesmo à luz do meio-dia.

O primeiro cuidado de Jean Valjean foi procurar os sapatos e calçá-los e em seguida meter-se com Cosette para o alpendre. Quem se evade nunca se julga bem escondido. A criança, que não tinha ainda varrido da lembrança a Thenardier, participava do seu instinto de se ocultar o mais que lhe era possível.

Cosette tremia e chegava-se para ele. Para lá do muro ouvia-se o sussurro tumultuoso da patrulha a dar busca ao beco e à rua, as coronhadas de armas nas pedras, os apitos que Javert dava para chamar os espias que tinha postado

nas imediações do beco e as suas imprecações de envolta com algumas palavras que se não percebiam.

Ao cabo de um quarto de hora pareceu que todo aquele sussurro tempestuoso principiava a afastar-se. Jean Valjean, que não respirava, pusera também a mão na boca de Cosette.

O ermo porém em que ele se achava estava tão estranhamente sossegado, que todo aquele assustador ruído, tão furioso e tão próximo, nem por sombras lhe podia incutir medo. Parecia que aquelas paredes eram construídas com as pedras surdas de que fala a Escritura.

De súbito, no meio deste profundo sossego, elevou-se um novo rumor, um rumor celeste, divino, inefável, que tinha tanto de arrebatador como o outro de horrível. Era um hino saindo das trevas, um arroubo de oração e harmonia na silenciosa e medonha escuridão da noite; vozes de mulheres, mas vozes simultaneamente compostas do acento puro das virgens e do tom ingénuo das crianças, dessas vozes que não são da terra, dessas vozes parecidas com as que os recém-nascidos ouvem ainda e o moribundos ouvem já. Este canto vinha do sombrio edifício que dominava o jardim.

No momento em que ao longe se perdiam os ecos da algazarra dos demónios, aproximava-se outro rumor, que dir-se-ia as melodias de um coro de anjos no silêncio da noite.

Jean Valjean e Cosette caíram de joelhos.

Eles não sabiam o que aquilo era, nem onde estavam, mas ambos conheciam, o homem e a criança, o penitente e o inocente, que se deviam prostrar de joelhos.

O que aquelas vozes tinham de extraordinário era que apesar de se ouvirem, nem por isso o edifício parecia menos deserto. Formavam como um cântico sobrenatural numa casa desabitada.

Enquanto as vozes cantavam, Jean Valjean não pensava em coisa alguma. A noite para ele desaparecera, não via senão o céu do mais belo azul. Parecia-lhe sentir as asas que todos temos dentro de nós mesmos.

Por fim, o cântico extinguiu-se.

Tinha talvez durado muito tempo. Jean Valjean não teria podido dizê-lo. As horas de êxtase nunca são mais do que um minuto.

Tudo ficara novamente silencioso. Não havia o mínimo ruído nem na rua nem no jardim. Tudo se desvanecera, tanto o que o ameaçava, como o que o tranquilizava. Não se ouvia senão vento agitando no alto do muro algumas ervas secas, que produziam um murmúrio suavemente lúgubre.

VII — Continuação do enigma

A brisa da noite começava a refrescar, o que indicava ser uma ou duas

horas da manhã. A pobre Cosette não dizia coisa alguma. Como se tinha sentado ao lado de Jean Valjean e lhe havia encostado a cabeça ao ombro, julgou ele que adormecera.

Curvou-se e encarou-a.

Cosette tinha os olhos muito abertos e um ar pensativo que muito afligiu Jean Valjean.

A criança não cessara de tremer.

— Tens sono? — perguntou Jean Valjean.

— Tenho muito frio — respondeu ela. Um momento depois acrescentou: — Ela ainda lá está?

— Quem?

— A senhora Thenardier.

Jean Valjean esquecera-se já do meio de que se servira para obrigar Cosette a estar calada.

— Ah! — disse ele. — Já se foi embora. Não tenhas medo.

A criança suspirou como se lhe tivessem tirado um grande peso de sobre o peito.

Como a terra estava húmida, o alpendre era aberto por todos os lados e a brisa refrescava cada vez mais, Jean Valjean despiu a sobrecasaca e cobriu Cosette com ela.

— Tens menos frio assim? — perguntou ele.

— Agora tenho menos, meu pai!

— Então deixa-te estar quietinha que eu já venho.

Em seguida saiu das ruínas e começou a caminhar ao longo do edifício, encostado à parede, em procura de algum abrigo melhor. Encontrou diversas portas, mas todas fechadas; e as janelas do rés-do-chão eram guarnecidas de grades.

Quando passou o ângulo interior do edifício, viu que se achava ao pé das tais janelas de grades, e lobrigou alguma claridade. Pôs-se nos bicos dos pés e espreitou por uma das janelas. Davam todas para uma sala assaz vasta, lajeada, cortada de arcadas e de pilares, e onde se não distinguia senão pequeníssima claridade e grandes sombras. A claridade provinha de uma lamparina acesa a um canto.

A sala estava deserta e não havia nela a menor coisa que se movesse.

Contudo, à força de aplicar a vista, pareceu a Jean Valjean que via no chão, sobre a pedra, um objecto que parecia coberto com um lençol e que se assemelhava a um vulto humano estendido de bruços, com o rosto sobre a pedra, os braços cruzados, e com a imobilidade da morte.

Ter-se-ia dito, ao ver uma tal espécie de serpente arrastando-se pelo

pavimento, que a sinistra figura tinha uma corda ao pescoço. Toda a sala estava cheia da espécie de nevoeiro próprio dos lugares pouco iluminados e que lhes aumenta ainda o terror, Jean Valjean disse depois muitas vezes, que conquanto muitos espectáculos fúnebres lhe tivessem atravessado a vida, nunca presenciara coisa alguma mais medonha e terrível do que aquela figura enigmática, consumando não sabia que desconhecido mistério, naquele lugar sombrio e assim entrevisto no meio da noite. Era medonho supor que aquilo estivesse talvez morto; porém mais medonho ainda pensar que estaria vivo.

Jean Valjean teve a coragem de encostar o rosto à vidraça e de se pôr em observação para ver se o estranho objecto se movia. De repente, sentiu-se dominado por inexplicável espanto e fugiu, deitando a correr para o alpendre sem se atrever a olhar para trás. Parecia-lhe que se voltasse a cabeça veria a medonha figura caminhando atrás dele a passos largos e agitando os braços.

Chegou ao alpendre como que alucinado. Os joelhos vergavam-se-lhe e tinha o corpo coberto de suor.

Onde estava? Quem poderia ter imaginado coisa semelhante naquela espécie de sepulcro no centro de Paris? Que extraordinária casa era aquela? Edifício cheio de mistérios nocturnos, chamando as almas na sombra com vozes de anjos, e quando elas se apresentavam oferecendo-lhes inopinadamente tão espantosa visão; prometendo abrir a porta radiante do céu e abrindo a horrível porta do túmulo! E era, com efeito, um edifício, uma casa, cuja porta tinha o seu número! Não era sonho! Jean Valjean necessitava tocar as pedras para crer na realidade de tudo aquilo.

O frio, a ansiedade, a inquietação, as comoções porque passara durante aquela noite, tinham-lhe causado verdadeira febre; e todas estas ideias se lhe embatiam no cérebro.

Aproximando-se de Cosette viu que adormecera.

VIII — Complica-se o enigma

Deitada no chão, com a cabeça sobre uma pedra, a criança adormecera. Jean Valjean sentou-se ao lado dela e pôs-se a contemplá-la.

A pouco e pouco, à medida que observava, sentia-se mais tranquilo e readquiriu a liberdade do espírito.

Notou-se então distintamente esta verdade: que o fundo da sua vida, dali em diante, enquanto existisse aquela criança, enquanto a tivesse junto de si, não teria necessidades senão para ela, não temeria coisa alguma senão por sua causa. Tendo despido a sobrecasaca para cobri-la, nem mesmo sentia que estava gelado de frio.

Entretanto, e através da meditação a que estava entregue, ouvia, desde algum tempo, um ruído singular.

Era como o som de um guizo; este ruído partia do jardim e, ainda que fraco, ouvia-se distintamente. Assemelhava-se ao tinir constante que, durante a noite, se ouve nas vizinhanças de um redil.

Jean Valjean voltou-se, olhou e viu que andava alguém no quintal. Pelo centro do meloal caminhava um ente que parecia ser um homem, levantando-se, baixando-se e parando, com movimentos regulares, como se estivesse estendendo ou arrastando alguma coisa pelo chão. Quem quer que era parecia coxear.

Jean Valjean sentiu-se agitado pelo estremecimento contínuo dos desgraçados, a quem tudo se torna suspeito. Desconfiam do dia porque ajuda a que os vejam, e da noite porque contribui para que os surpreendam. Havia pouco tremia com a ideia de que o quintal fosse deserto, depois estremecia por ver que nele havia alguém.

Dos terrores quiméricos caiu nos terrores reais. Pensou consigo mesmo que Javert e os beleguins não se tinham talvez retirado, que sem dúvida haviam deixado sentinelas na rua; que se aquele homem o descobrisse no quintal, julgá-lo-ia ladrão, pediria socorro e entregá-lo-ia. Em seguida tomou cuidadosamente Cosette nos braços, mesmo adormecida, e levou-a para trás de um montão de móveis velhos e desmantelados, que estava no canto mais recôndito da barraca. Cosette não fez o menor movimento. Dali pôs-se a observar o aspecto da criatura que andava no meloal.

O que parecia extravagante era que o tinir do guizo acompanhava todos os movimentos do homem. Quando este se aproximava, aproximava-se também o som do guizo, e se ele se afastava levava-o consigo; se fazia algum movimento mais precipitado, o guizo acompanhava-o com um som trémulo, e quando parava cessava o ruído.

Parecia evidente que o guizo estava preso àquele homem; mas sendo assim o que podia aquilo significar? O que era aquele homem, que trazia um guizo pendente como se fora um carneiro?

Jean Valjean, mesmo fazendo estas reflexões, tocou nas mãos de Cosette e sentiu-as geladas.

— Valha-me Deus! — disse ele. E chamou em voz baixa: — Cosette!

A criança não abriu os olhos. Sacudiu-a energicamente. A pobrezinha não se moveu.

«Estará morta?» pensou ele; e ergueu-se, tremendo como varas verdes.

Então atravessaram-lhe o espírito, em medonho turbilhão, as ideias mais medonhas. Há momentos em que somos assaltados por toda a espécie de Ideias hediondas, ideias que nos penetram violentamente no cérebro, qual multidão de fúrias. Quando se trata daqueles que amamos, a nossa prudência

inventa toda a espécie de loucuras.

Jean Valjean lembrou-se de que o sono ao relento pode ser mortal numa noite fria.

Cosette, extremamente pálida, tornara a cair no chão, depois dele a ter sacudido, sem fazer o mínimo movimento.

Chegou-lhe o ouvido ao rosto e ouviu-lhe a respiração, mas tão fraca que parecia próxima a extinguir-se. Como a aqueceria? Como conseguiria acordá-la?

Tudo o que não era isto se lhe apagou do pensamento; em seguida precipitou-se desorientado para fora do pardieiro.

Era absolutamente indispensável que antes de um quarto de hora, Cosette estivesse numa cama, e próxima de um bom lume.

IX — O homem do guizo

Levando na mão o rolo de prata que tinha no bolso do colete, Jean Valjean caminhou direito ao homem que andava no jardim.

O homem tinha a cabeça baixa e não o viu aproximar-se. Em poucas passadas, Jean Valjean chegou junto dele e disse em voz alta:

— Cem francos!

O homem quase deu um salto e ergueu os olhos.

— Ganha cem francos — tornou Jean Valjean — se me der asilo para esta noite!

O luar iluminava de frente o rosto espantado de Jean Valjean.

— Ora esta! — exclamou o homem. — É o senhor Madelaine.

Este nome assim pronunciado, a semelhante hora, num lugar desconhecido, por um homem tão desconhecido como ele, fez recuar Jean Valjean.

Esperava tudo menos semelhante coisa. Aquele que lhe pronunciara o nome era um velho todo curvado, coxo, vestido pouco mais ou menos como um homem do campo e com uma joelheira de coiro no joelho esquerdo, de onde pendia um grande guizo. O rosto não se lhe distinguia na sombra.

Entretanto, tirara o boné e exclamava todo trémulo:

— Valha-me Deus! Mas como está o senhor aqui, senhor Madelaine? Por onde entrou, Cristo Santo! Só se caiu do céu! Não é isso que me espanta, porque se o senhor alguma vez cair, não pode ser doutra parte. E em que estado está! Sem gravata, sem chapéu nem casaco! Olhe que estava capaz de meter medo a quem não o conhecesse! Em mangas de camisa! Valha-me Nossa Senhora! Poderá ser que os santos também percam o juízo? Mas como foi que entrou aqui?

O velho falava com uma volubilidade campesina, que não tinha nada de inquietadora. As palavras não esperam umas pelas outras. Tudo isto era dito

com a mais ingénua e estupefacta bondade.

— Quem é você e que casa é esta? — perguntou Jean Valjean.

— Essa é que é melhor! — exclamou o velho. — Eu sou aquele que o senhor aqui acomodou, e esta é a casa que o senhor me obteve para servir. O quê? Pois não me conhece! Não se lembra de mim?!

— Não me lembro — disse Jean Valjean. — Mas como é que você me conhece?

— Conheço-o porque o senhor me salvou a vida — disse o homem.

Dizendo isto, voltou-se um pouco, o luar desenhou-lhe o perfil e Jean Valjean reconheceu o velho Fauchelevent.

— Ah! — disse Jean Valjean. — Agora é que o conheço!

— Com efeito! — disse o velho num certo tom de repreensão.

— Mas que anda fazendo aqui? — tornou Jean Valjean.

— Ando a cobrir os meus melões.

O velho Fauchelevent tinha com efeito, na mão, no momento em que Jean Valjean se lhe aproximou, um pedaço de esteira que estava estendendo sobre o meloal.

Já assim estendera um certo número doutras desde que chegara ao quintal havia uma hora.

Fauchelevent continuou:

— Disse comigo: o luar está claro, vai decerto cair geada; se eu fosse cobrir os meus melões com os seus capotes? — E acrescentou, olhando a rir para Jean Valjean: — Com a fortuna! O senhor precisava que lhe fizesse outro tanto. Mas como é que se acha aqui?

Jean Valjean vendo-se conhecido por aquele homem, pelo menos sob o nome de Madelaine, não avançava senão com a maior precaução, multiplicando cada vez mais as perguntas. Extraordinária coisa! Os papéis estavam invertidos. Era ele, intruso, quem interrogava.

— O que quer dizer esse guizo que trás no joelho?

— Isto? — respondeu Fauchelevent. — É para que fujam de mim.

— Para que fujam? Não percebo!

O velho Fauchelevent piscou um olho com inexplicável expressão.

— Ora! É que nesta casa não há senão mulheres e muitas meninas; pelos modos é perigoso que me encontrem, por isso trago o guizo para as avisar. Quando eu chego vão-se elas.

— Mas que casa é esta?

— Ora essa! O senhor sabe-o muito bem.

— Não sei, decerto.

— Pois se foi o senhor quem aqui me arranjou o lugar de jardineiro?

— Responda-me como se eu não soubesse nada.

— Então sempre lho digo; é o convento do Petit-Picpus.

Jean Valjean ia reunindo as recordações. O acaso, isto é, a Providência, lançava-o precisamente no convento do bairro de Santo António, onde o velho Fauchelevent, estropiado pela queda da sua carroça, fora admitido como jardineiro por sua recomendação, havia dois anos. Lembrando-se de tudo isto, repetiu como falando consigo mesmo:

— O convento do Petit-Picpus!

— Mas diga-me — tornou Fauchelevent — como diabo foi que entrou aqui, senhor Madelaine? O senhor é um santo, porque se fosse homem... Aqui não entram homens.

— Mas você está aqui.

— Sou o único.

— Não obstante — tornou Jean Valjean — é indispensável que eu aqui fique.

— Jesus! Como há-de ser isso!? — exclamou Fauchelevent.

Jean Valjean aproximou-se mais do velho e disse-lhe no tom mais grave:

— Salvei-lhe a vida, senhor Fauchelevent.

— Fui eu quem me lembrei disso primeiro — respondeu ele.

— Pois bem, hoje pode prestar-me o mesmo serviço que eu já lhe prestei.

Fauchelevent tomou em suas velhas mãos encarquilhadas e trémulas as duas mãos robustas e vigorosas de Jean Valjean e ficou por alguns segundos como se não pudesse falar. Por fim, exclamou:

— Seria a bênção de Deus eu pagar-lhe um tal benefício, salvar-lhe a vida! Senhor *maire*, disponha à sua vontade do pobre velho, e não o poupe!

O pobre homem parecia transfigurado pela admirável alegria que se lhe via no rosto.

— O que quer que se faça? — continuou ele.

— Depois lhe explicarei tudo. Diga-me: tem um quarto?

— Tenho uma barraca isolada, ali por detrás das ruínas do convento velho, num recanto que ninguém vê. Tem três casinhas.

A barraca estava, com efeito, tão bem oculta pelas ruínas e tão bem disposta para que ninguém a visse, que Jean Valjean não a notara.

— Bem — disse Jean Valjean. — Agora peço-lhe duas coisas.

— Quais são, senhor maire?

— Em primeiro lugar não dizer a ninguém o que sabe a meu respeito; depois não fazer a menor diligência para saber mais do que sabe.

— Pode estar certo de que farei o que deseja. Sei muito bem que não pode fazer nada que não seja honesto, e que tem sido sempre muito boa pessoa. E depois, foi o senhor quem aqui me acomodou; pode dispor de mim.

— Então venha comigo. Vamos buscar a criança.

— Ah! — disse Fauchelevent. — Tem uma criança.

E, sem acrescentar nem mais uma palavra, seguiu Jean Valjean, qual cão seguindo seu dono.

Não decorrera ainda meia hora e já Cosette, tendo readquirido a sua cor rosada na frente de um bom lume, dormia na cama do velho jardineiro; Jean Valjean tinha já posto a gravata e vestido a sobrecasaca; enquanto Jean Valjean vestia a sobrecasaca, Fauchelevent tirara a joelheira em que estava preso o guizo e pendurara-o num prego que havia na parede, servindo-lhe de ornamento.

Os dois homens aqueciam-se encostados a uma mesa, sobre a qual Fauchelevent pusera um bocado de queijo, pão negro, uma garrafa de vinho e dois copos. O velho dizia a Jean Valjean, descansando-lhe a mão sobre o joelho:

— Ah, senhor Madelaine, não me conheceu logo! Salva-nos a vida e depois esquece-se da gente? É muito mal feito, é ser ingrato! Eu nunca me esqueci do senhor Madelaine!

X — Onde se explica como Javert bateu o monte e não encontrou caça

Os acontecimentos de que acabamos de ver, para assim dizer, o reverso, tinham-se realizado nas condições mais simples.

Quando Jean Valjean, na própria noite do dia em que Javert o prendeu junto do leito mortuário de Fantine, fugiu da cadeia Municipal de Montreuil-sur-mer, a polícia supôs que o forçado evadido se deveria dirigir para Paris. Paris é um pego em que tudo se perde; tudo desaparece naquele centro do mundo como no meio do oceano.

Floresta alguma oculta um homem como aquela multidão; e não há fugitivo de espécie nenhuma que o não saiba. Vão para Paris como para um sorvedouro; há sorvedouros que salvam. A polícia sabe-o também e por isso é em Paris que vai procurar o que perdeu noutra parte. Assim, foi ali procurar o ex-*maire*. Javert foi chamado a Paris a fim de esclarecer as pesquisas. Javert contribuiu poderosamente, com efeito, para que se encontrasse Jean Valjean; o seu zelo nesta ocasião foi notado pelo senhor Chaboillet, secretário da prefeitura, no tempo do conde de Angles.

O senhor Chabouillet, que já por vezes protegera Javert, fez com que ele ficasse servindo na prefeitura de Paris. Ali tornou-se Javert, de diversos modos, digamo-lo, ainda que a frase pareça inesperada para semelhantes serviços, honrosamente útil.

Não pensara mais em Jean Valjean esta espécie de cães sempre à caça, esquecem o lobo de ontem pelo de hoje quando em Dezembro de 1843, leu

um periódico, ele que nunca lia periódicos; mas Javert, homem monárquico, tivera interesse em conhecer os pormenores da entrada triunfal do «príncipe generalíssimo» em Bayona. Quando chegava ao fim do artigo que o interessava, a atenção foi-lhe atraída por um nome que se lhe deparou no fim da página; era o nome de Jean Valjean. O periódico anunciava a morte do forçado Jean Valjean e publicava o facto em termos tão precisos que não podiam deixar a Javert a mínima dúvida. Limitou-se a dizer: aquilo é que era têmpera.

E pondo o periódico de parte não pensou mais em semelhante coisa.

Sucedeu que algum tempo depois apareceu uma nota da polícia transmitida pela prefeitura de Seine-et-Oise à prefeitura de Paris, sobre o roubo de uma criança, que fora efectuado, segundo diziam, em circunstâncias particulares, no concelho de Montfermeil. Uma rapariguinha de sete a oito anos, dizia a nota, confiada por sua mãe a um estalajadeiro daqueles sítios fora roubada por um desconhecido; esta pequena tinha o nome de Cosette e era filha de uma meretriz chamada Fantine, falecida no hospital, não se sabia quando nem onde. Esta nota foi vista por Javert e tornou-o pensativo.

O nome de Fantine era-lhe muito conhecido. Recordara-se de que Jean Valjean lhe provocara o riso, a ele, Javert, pedindo-lhe uma espera de três dias para ir buscar a filha daquela criatura. Recordou-se de que Jean Valjean fora preso em Paris no momento em que subia para a diligência de Montfermeil.

Algumas indicações tinham mesmo feito pensar, naquela época, que era a segunda vez que ele entrava para a mesma diligência e que já na véspera tinha efectuado uma excursão pelos arredores da aldeia, por isso que o não tinham visto no povoado. O que ia ele fazer a Montfermeil? Ninguém o podia adivinhar, Javert, em presença da nota da polícia, compreendeu tudo. Era ali que estava a filha de Fantine.

Jean Valjean ia procurá-la. Ora, esta criança fora roubada por um desconhecido; quem poderia ele ser? Seria Jean Valjean? Mas Jean Valjean morrera. Sem dizer coisa alguma a ninguém, Javert tomou lugar na carruagem do Prato de estanho, no beco sem saída da Planchette, e dirigiu-se a Montfermeil.

Esperava encontrar ali grandes esclarecimentos, mas só achou trevas.

Durante os primeiros dias, os Thenardier, despeitados, tinham dado à língua. O desaparecimento da Cotovia causara sensação na aldeia. Tinham-se divulgado logo em seguida muitas versões da história, que acabava pelo roubo de uma criança.

Fora de tudo isto que resultara a nota da polícia. Entretanto, passada a primeira impressão, Thenardier, com o seu admirável instinto, compreendera

rapidamente que não havia nunca a mínima utilidade em incomodar o procurador-régio, e que as suas queixas acerca do rapto de Cosette teriam por primeiro resultado o atraírem sobre ele, Thenardier, e sobre muitos dos seus negócios intrincados, os penetrantes olhos da justiça.

A primeira coisa que os mochos não querem é que lhes apresentem a luz. E depois, como se sairia ele da história dos mil e quinhentos francos que recebera?

Recuou, pois, pôs uma mordaça na boca de sua mulher e passou a mostrar-se muito admirado quando lhe falavam da criança roubada. Não percebia nada: sem dúvida tinha-se queixado no primeiro momento de que lhe roubassem tão cedo aquela querida criancinha; quisera, pelo amor que lhe consagrava, tê-la ainda consigo dois ou três dias; mas fora seu avô quem muito naturalmente a levara. A isto tinha ele acrescentado que o avô fizera muito bem.

Foi esta a história que Javert encontrou quando chegou a Montfermeil. Aquele avô fazia desaparecer Jean Valjean.

Javert, contudo, quais sondas, mergulhou algumas perguntas na história contada por Thenardier:

— Quem era o tal avô? Como se chamava?

Thenardier respondeu com a maior simplicidade:

— É um lavrador muito rico: eu vi-lhe o passaporte e parece-me que se chama Guilherme Lambert.

Lambert era um nome de homem de bem e que não tinha nada de suspeito.

Javert voltou para Paris.

«Sou um alarve», disse ele consigo. «Jean Valjean morreu com efeito».

E tornara a esquecer-se de toda aquela história, quando, no decurso de Março de 1824, ouviu falar dum personagem extravagante que morava na freguesia de S. Médard, e a quem apelidavam o pobre que dava esmolas. Este personagem, segundo diziam, era um rendeiro, cujo nome ninguém sabia ao certo, que tinha na sua companhia uma rapariguinha de sete a oito anos, a qual não sabia também dizer senão que viera de Montfermeil. Montfermeil! Este nome, tornando assim a aparecer, desafiou a atenção de Javert. Um velho mendigo espião, ex-bedel, a quem o tal personagem costumava dar esmola, acrescentava alguns outros pormenores. O tal rendeiro era quase intratável, nunca saía de casa senão de noite, não falava em geral com pessoa alguma, poucas vezes com os pobres; e assim mesmo conservava-se sempre em certa distância. Usava uma horrível sobrecasaca amarela que valia muitos milhões, por isso que era toda forrada de notas do Banco. Tudo isto excitou a curiosidade de Javert, que quis ver de perto a fantástica criatura sem que a

assustasse. Para isso pediu ao velho bedel que lhe emprestasse o fato e o lugar em que todos os dias se sentava resmungando orações e espionando através da devoção.

O «indivíduo suspeito» dirigiu-se, pois, a Javert, assim disfarçado e deu-lhe a esmola: neste momento, Javert levantou a cabeça e o estremecimento que Jean Valjean sentiu julgando reconhecer Javert, sentiu-o este igualmente julgando reconhecer Jean Valjean.

Entretanto, a escuridão poderia tê-lo enganado; a morte de Jean Valjean era oficial; portanto, tinham ficado a Javert graves dúvidas; e em estado de dúvida, sendo, como era, escrupuloso, não lançava a mão a ninguém.

Seguiu o homem até à casa de Gorbeau e fez falar a velha, o que não foi nada difícil. A velha confirmou-lhe o caso da sobrecasaca forrada de milhões e contou-lhe o episódio da nota de mil francos. Ela própria tinha visto o forro da sobrecasaca, tinha-o apalpado! Javert alugou um quarto e entrou para ele nessa mesma noite. Foi escutar à porta do misterioso inquilino, esperando ouvir-lhe o som da voz, mas Jean Valjean lobrigou a luz pelo buraco da fechadura e iludiu a esperança do espião conservando-se silencioso.

No dia seguinte, Jean Valjean deixou o quarto que habitava. Mas o ruído produzido pela moeda de cinco francos caindo no chão foi notado pela velha, que ouvindo mexer em dinheiro, suspeitou que iriam sair e apressou-se em avisar Javert. À noite, quando Jean Valjean saiu, Javert, com dois homens, esperava-o por detrás das árvores do boulevard.

Javert pedira auxílio à prefeitura, mas não declarara o nome do indivíduo que queria prender. Era o seu segredo e guardara-o por três razões: primeiro, porque a menor indiscrição poderia servir de aviso a Jean Valjean; segunda, porque lançar a mão a um velho forçado evadido e reputado morto, a um condenado a quem noutro tempo a justiça classificara entre os malfeitores da mais perigosa espécie, era um magnífico feito, que os antigos agentes da polícia parisiense não deixariam decerto a um recém-chegado como Javert, e ele receava que por isso lhe empalmassem o seu forçado, e enfim, porque sendo Javert um artista, tinha pronunciado gosto por tudo quanto era imprevisto. Odiava os cometimentos anunciados e que perdem o efeito por se falar deles antecipadamente. Tinha todo o empenho em elaborar as suas obras-primas na sombra, para depois as patentear inopinadamente.

Javert seguira Jean Valjean de árvore em árvore, depois de esquina em esquina, e não o perdera de vista um só instante; mesmo nos momentos em que Jean Valjean se julgara em maior segurança, não se tinham afastado dele os olhos de Javert. Porque não o prendeu logo? Era porque ainda duvidava.

Convém não esquecer que a polícia, naquela época, não se achava à sua

vontade: a liberdade de imprensa incomodava-a. Algumas prisões arbitrárias denunciadas pelos periódicos, tinham ressoado nas câmaras e haviam tornado tímida a prefeitura. Atentar contra a liberdade individual era um caso grave.

Os agentes da polícia receavam enganar-se; o prefeito reportava-se a eles; um engano equivalia à demissão. Imagine-se, por exemplo, o efeito que teria produzido em Paris esta local, reproduzida por vinte periódicos: «Ontem, um velho respeitável, coberto de cabelos brancos, um honrado capitalista que andava passeando com uma neta de oito anos, foi preso e conduzido ao depósito da prefeitura como forçado evadido!»

Além disso, repetimos, Javert tinha os seus escrúpulos; as recomendações da consciência juntavam-se às do prefeito. Duvidava realmente.

Jean Valjean ia de costas voltadas caminhando na escuridão.

A tristeza, o desassossego, a ansiedade, o acabrunhamento, este novo infortúnio de se ver obrigado a fugir de noite e a procurar um asilo ao acaso para ele e para Cosette, a necessidade de regular o seu passo pelo de uma criança, tudo isto lhe tinha, mesmo sem ele o saber, mudado tanto os modos e impresso neles tal senilidade, que até a própria polícia, incarnada em Javert, podia enganar-se e enganou-se. A impossibilidade de se chegar muito a ele, o seu trajo de velho preceptor emigrado, a declaração de Thenardier que o fazia avô de Cosette, finalmente o acreditar-se que ele tinha morrido nas galés, acrescentavam ainda mais as incertezas que a Javert se lhe amontoavam no espírito.

Javert teve um momento a ideia de se chegar ao pé dele e perguntar-lhe de chofre pelos seus papéis, pois se aquele homem não era Jean Valjean, se não era algum velho e honrado rendeiro, era, provavelmente, algum gatuno profunda e gravemente envolvido na obscura trama dos delitos parisienses, algum perigoso chefe de quadrilha, que dava esmolas para ocultar as outras habilidades que tinha, manha há muito usada. Aquele homem tinha sócios, cúmplices, esconderijos, onde decerto ia refugiar-se. Todos aqueles rodeios que ele fazia pelas ruas pareciam indicar que não era um simples velho. Prendê-lo de chofre, porém, era «matar a galinha dos ovos de ouro».

Que inconveniente havia em esperar, se Javert estava seguríssimo de que ele lhe não escaparia?

Caminhava, pois, sobremodo perplexo, fazendo a si mesmo cem perguntas sobre aquele personagem enigmático.

Só mais adiante, porém, na rua de Pontoise, foi que ele, em virtude do vivo clarão que saía de dentro de uma taberna, conheceu decididamente Jean Valjean.

Há neste mundo duas qualidades de entes que estremecem profundamente

a mãe que depara com o filhinho e o tigre que depara com a presa. Javert sentiu este estremecimento profundo.

Apenas conheceu positivamente Jean Valjean o temível forçado reparou que eram só três e mandou pedir reforço ao comissário de polícia da rua de Pontoise. Antes de se deitar a mão a uma vara de espinheiro, calçam-se luvas primeiro.

Esta demora e a paragem que fizera no beco de Rollin, a combinar com os seus agentes, estiveram para lhe fazer perder o rasto do fugitivo. Javert, todavia, logo adivinhou que Jean Valjean havia de querer meter o rio de permeio entre ele e os seus perseguidores, e inclinando a cabeça a reflectir, como um sabujo que põe o focinho no chão para atinar com o caminho, dirigiu-se direito para a ponte de Austerlitz, guiado pela poderosa certeza do seu instinto. Bastou-lhe uma palavra ao homem ali empregado para se orientar sobre o caminho que levava o fugitivo.

— Viu passar por aqui um homem com uma pequena?

— Agora mesmo lhe fiz pagar dois soldos — respondeu o interpelado.

Javert chegou à ponte ainda a tempo de ver do outro lado do rio, Jean Valjean com Cosette pela mão, atravessando o largo iluminado pelo luar. Viu-o entrar na rua do Caminho Verde de Santo António, e lembrando-se do beco de Genrot, disposto como uma ratoeira e da única saída da rua do Muro Direito para a viela do Picpus, mandou à pressa de volta um dos seus agentes a guardá-la, «cercando-lhe a volta», como dizem os caçadores. A este tempo, sucedendo passar uma patrulha que se recolhia à casa da guarda do Arsenal, requisitou-a e fez-se acompanhar dela. Neste jogo os soldados são trunfos. Além disso, é ponto assente que para agarrar um javali é necessário ser bom caçador e levar boa matilha. Combinadas estas disposições, pressentindo Jean Valjean assim encurralado entre o beco de Genrot pela direita, o seu agente pela esquerda e ele por trás, tomou sossegadamente uma pitada e depois principiou a brincar. Aquele homem teve um momento de infernal transporte; deixou caminhar o seu homem adiante de si, sabendo que o tinha seguro, mas desejando demorar o mais possível o momento de o prender, sentindo um incomensurável prazer em o ver livre e tê-lo preso, devorando-o com a vista com essa voluptuosidade da aranha que deixa esvoaçar a mosca e do gato que deixa correr o rato. A garra e a unha têm uma sensualidade monstruosa — é o movimento obscuro do animal preso entre as suas tenazes. Que delícia aquela estrangulação!

Javert gozava. As malhas da sua rede estavam solidamente atadas e ele certo do sucesso: agora não tinha mais do que fechar a mão.

Acompanhado como estava, até a simples e única ideia de resistência era

impossível, por mais enérgico e vigoroso que fosse Jean Valjean, por mais desesperado que ele pudesse sentir-se.

Javert continuou, pois, caminhando sempre, sondando e pesquisando, ao passar, todos os recantos da rua, como o faria aos bolsos de um ladrão.

Ao chegar, porém, ao meio da teia, não encontrou a mosca.

Imagine-se o seu desespero!

Interrogou a sua vigia das ruas do Muro Direito e de Picpus, porém, o agente, que ficara imperturbável no seu posto, não vira passar o homem.

Sucede às vezes escapar-se um veado, posto que com a matilha no encalço, e então os mais experientes caçadores não sabem o que hão-de dizer. Duvivier, Ligniville e Desprez sentem-se atónitos. Num mau sucesso deste género exclamou Artonge: Não é um veado, é um feiticeiro. Javert de bom grado teria soltado o mesmo grito.

O seu desapontamento participava do desespero e do furor.

É certo que Napoleão cometeu faltas na guerra da Rússia, que Alexandre as cometeu na guerra da Índia, César na guerra da África, Cyro na guerra da Scythia e que Javert as cometeu nesta campanha contra Jean Valjean. Talvez fizesse mal em não conhecer logo o antigo forçado, pois devia bastar-lhe o primeiro relancear de olhos.

Fez mal em não o prender pura e simplesmente no casebre. Fez mal em não o prender quando positivamente o conheceu na rua de Pontoise. Fez mal em se pôr a conferenciar com os seus auxiliares ao luar do beco de Rollin, pois é certo que os avisos são úteis e que é bom conhecer e interrogar os dos cães que merecem crédito; porém, por mais precauções que o caçador tome, nunca estas são demasiadas, quando anda à caça de animais desconfiados, como o lobo e o forçado.

Javert, ocupando-se de mais em orientar sobre o caminho os sabujos da matilha, deu rebate ao animal, que conheceu pelo faro o que se lhe preparava e deitou a fugir.

Ele fez mal, sobretudo em se levar, apenas deu com o rasto na ponte de Austerlitz, do pueril gosto de brincar com semelhante homem, brinco temível, que consistia em o ter seguro pela ponta de um fio, julgando-se deste modo mais forte do que era e supondo poder brincar com um leão como quem brinca com um rato, ao mesmo tempo que se supusera fraco de mais, quando julgara necessário reclamar auxílio, precaução fatal, perda de um tempo precioso. Javert cometeu todas estas faltas, e nem por isso deixava de ser um dos espiões mais sábios e correctos que têm existido. Javert era, em toda a extensão da palavra, o que os caçadores chamam um cão fino. Mas que há neste mundo que seja perfeito?

Os grandes estrategas também têm seus eclipses.

De ordinário, as grandes asneiras são, como as cordas grossas, formadas de uma multidão de fios. Pegai na corda e desfiai-a, tomai separadamente todos os pequenos motivos determinantes, e direis, quebrando-os um a um: «Pois é só isto!» Entrançai-os, porém, e torcei-os todos, e ficar-vos-á uma enormidade; será Átila hesitando entre Marciano no Oriente e Valentiniano no Ocidente; será Aníbal demorando-se em Capua, Danton adormecendo em Arcis-sur-Aube.

Seja, porém, o que for, Javert, mesmo no momento em que conheceu que Jean Valjean lhe escapava, não ficou fora de si. Certo de que o forçado refractário não poderia estar muito longe, estabeleceu espias, organizou ratoeiras e emboscadas, e toda a noite bateu aqueles sítios. A primeira coisa que ele viu foi a desordem do lampião, que tinha a corda quebrada. Indício precioso, que, todavia, o enganou, fazendo-o desviar todas as pesquisas para o beco de Genrot. Há neste beco paredes sobremodo baixas, que dão para jardins que vão terminar em imensos terrenos incultos. Jean Valjean, pois, com toda a certeza devia ter fugido por aquele lugar. O facto é que, se ele tivesse penetrado mais dentro do beco de Genrot, decerto o faria e estava perdido.

Javert explorou aqueles jardins e terrenos como quem procura uma agulha. Ao romper do dia, deixou em observação dois homens inteligentes e dirigiu-se à prefeitura de polícia, envergonhado como um espião apanhado por um ladrão.

LIVRO SEXTO — O PETIT PICPUS

I — Rua Picpus, número 62

Não havia, há meio século, coisa que mais se parecesse com qualquer porta de cocheira do que a da casa número 62, situada na rua do Picpus. Esta porta, de ordinário entreaberta da maneira mais atractiva, deixava ver duas coisas que nada têm de fúnebre: um pátio rodeado de paredes atapetadas de folhas de videira, por cima das quais, ao fundo, se avistavam algumas árvores corpulentas, e o rosto de um porteiro a passear. Quando um raio de sol alegrava o pátio e um copo de vinho o porteiro, era difícil passar pela casa número 62 da rua do Picpus sem trazer dali uma ideia risonha.

E, todavia, era um lugar sombrio que se tinha entrevisto.

O limiar sorria, a casa rezava e chorava.

Se alguém chegava, o que não era fácil, a transpor o porteiro o que mesmo para quase todos era impossível pois havia um: Abre-te Sésamo, que era necessário saber; se, transposto o porteiro, se entrava num vestibulozinho à direita, para o qual dava uma escada apertada entre duas paredes, e tão estreita que não podia passar por ela mais do que uma pessoa de cada vez; se os que chegavam a isto não se deixavam aterrar com a cor amarelada de que eram caiadas as paredes da escada e com a cor escura do rodapé, aventurando-se a subir, encontravam primeiro um patamar, depois outro, e chegava-se ao primeiro andar por um corredor, pelo qual a pintura amarela e o rodapé cor de café nos seguiam com pacífico encarniçamento. Tanto a escada como o corredor recebiam luz de duas belas janelas, porém o corredor fazia uma volta e tornava-se escuro. Dobrado este cabo, chegava-se, após alguns passos, em frente de uma porta, mais misteriosa ainda por estar apenas cerrada. Abrindo-se esta porta via-se uma saleta de seis pés quadrados, pouco mais ou menos, ladrilhada, lavada, limpa, fria, forrada de papel com florinhas verdes, de quinze soldos a peça, recebendo uma luz baça de uma grande janela de pequenos caixilhos, que ficava à esquerda, e tomava toda a largura da saleta.

Olhava-se, não se via ninguém; escutava-se, e não se ouvia nem um passo nem um murmúrio humano. Eram nuas as paredes, sem móveis a sala, nem uma cadeira se via.

Tornava-se a olhar e via-se na parede que ficava em frente da porta uma abertura quadrangular de um pé quadrado, pouco mais ou menos, gradeada com uma grade de ferro, cujos varões se cruzavam uns pelos outros, negros, nodosos, sólidos, formando quadrados, quase diria, malhas, com menos de polegada e meia de diagonal. Chegavam as florinhas de papel com sossego e

ordem até aos varões de ferro, sem que este contacto fúnebre as assustasse e as fizesse redemoinhar em desordenada confusão.

Supondo que houvesse criatura humana tão admiravelmente magra que tentasse entrar ou sair pela abertura quadrada, aquela grade a impediria. Como, porém, a grade, apesar de não deixar passar o corpo deixaria passar os olhos, isto é, o espírito, haviam-na forrado de uma lâmina de lata, encaixada na parede para dentro alguma coisa e cravada de mil buracos mais microscópicos do que os buracos de uma escumadeira. Por baixo desta chapa havia uma abertura inteiramente semelhante à boca de uma caixinha de correio, e do lado direito da grade um cordão, com o qual se puxava uma campainha. Neste caso, se se puxasse pelo cordão, ouvia-se uma voz ali mesmo ao pé, o que causava um estremecimento, perguntar:

— Quem está aí?

Era uma voz de mulher, uma voz tão doce, que de doce que era se tornava lúgubre.

Aqui havia também uma frase mágica, que era necessário saber. Se aquele que tocava a não sabia, calava-se a voz, e a parede tornava-se silenciosa, como se do outro lado estivesse a escuridão aterradora do sepulcro.

Se, porém, aquele que tocava, sabia a frase, a voz tornava:

— Faça favor de entrar por essa porta, à direita.

Dava-se então fé de uma porta envidraçada, coroada por um caixilho, também envidraçado e pintado de cinzento, que ficava à direita defronte da janela. Levantava-se o trinco, transpunha-se a porta e experimentava-se absolutamente a mesma impressão que quando se entra no teatro para uma frisa gradeada, antes de descer a grade e estar aceso o lustre. Achava-se efectivamente o que entrava numa espécie de camarote do teatro, apenas alumiado pela vaga claridade que penetrava pelos vidros da porta estreita, mobilada com duas cadeiras velhas e uma esteira desfiada, verdadeiro camarote com seu parapeito a altura suficiente para nele se apoiar qualquer, sustentando uma mesinha de pau preto.

Este camarote também era gradeado, com a diferença, porém, de que a grade não era de madeira dourada como na Ópera, mas um monstruoso tecido de varões de ferro horrorosamente entrelaçados e chumbados na parede em enormes chumbadouros, que pareciam punhos fechados.

Passados os primeiros minutos, quando a vista principiava a afazer-se a esta claridade crepuscular, como a das adegas, tentava então passar a grade, porém não podia penetrar mais do que seis polegadas além, porque encontrava uma barreira de bambinelas negras, reforçadas e seguras por meio de travessas de pau pintadas de amarelo. Estas bambinelas, que eram de

juntas e divididas em compridas lâminas delgadas, tapavam toda a grade e estavam sempre fechadas.

Passados alguns instantes, ouvia-se uma voz chamando e dizendo:

— Aqui estou. O que me querem?

Era uma voz querida, uma voz adorada às vezes. Porém, não se via ninguém; ouvia-se apenas o sussurro de uma respiração. Parecia uma evocação a falar-nos através da tampa de um túmulo.

Se aquele que penetrava até ali se achava em certas condições, desejadas, mas sobremodo raras, abria-se em frente dele a estreita lâmina de uma das persianas e a evocação tornava-se uma aparição. Por trás da grade, por trás da persiana, avistava-se, tanto quanto a grade o permitia, uma cabeça, a que apenas se via a boca e a barba; o resto cobria-o um véu preto. Entrevia-se um escapulário preto e uma forma mal distinta, coberta com uma mortalha negra. Falava-vos aquela cabeça, mas não olhava para vós, nem vos sorria nunca.

Por tal modo era disposta a claridade que vinha do lado de trás, que vós a víeis branca e ela via-vos negro. Era um símbolo aquela claridade.

No entanto, os olhos procuravam avidamente penetrar por aquela abertura que se tinha feito naquele lugar vedado a todas as vistas. Por entre o vácuo profundo que envolvia aquela forma vestida de luto, tentavam os olhos distinguir o que havia em roda da aparição. Ao cabo de muito pouco tempo, conhecia-se que se não via nada. O que se via era a escuridão, o vácuo, as trevas, uma neblina de Inverno, de envolta com o vapor de um túmulo, uma espécie de paz que assustava, um silêncio de que não recolhia coisa alguma, nem mesmo alguns suspiros, uma sombra em que se não distinguia nada, nem mesmo alguns fantasmas.

O que se via era o interior de um claustro.

Era o interior daquela melancólica e severa casa chamada o convento das bernardas da Adoração Perpétua. Aquele camarote era o locutório. A primeira voz que vos tinha falado era a voz da rodeira, que estava sempre sentada, imóvel e silenciosa do outro lado da parede, ao pé da abertura quadrada, defendida como por uma dupla viseira, pela grade de ferro e pela chapa crivada de mil buracos.

A escuridão em que se achava mergulhado o camarote gradeado, provinha de o locutório não ter janela nenhuma do lado do mundo, tendo uma do lado do convento.

Não deviam olhos profanos ver nada daquele lugar sagrado.

Todavia, para além daquela sombra havia alguma coisa; havia uma luz; havia uma vida naquela morte. Posto que este convento fosse o mais vedado

de todos, vamos tentar penetrar nele, acompanhado do leitor, e dizer, até os devidos termos, coisas que os contistas nunca viram e, por consequência, nunca disseram.

II — A obediência de Martin Verga

Este convento, que em 1824 existia havia já muitos anos na rua do Picpus, era uma comunidade de freiras bernardas da obediência de Martin Verga.

Por consequência, as freiras deste convento estavam na dependência, não de Clairvaux, como as bernardas, mas de Cister, como as beneditinas. Por outras palavras, estas freiras eram súbditas não de S. Bernardo, mas de S. Bento.

Todos os que mais ou menos têm manuseado os *in folios* sabem que Martin Verga fundou em 1425 uma congregação de bernarbas-beneditinas, sendo Salamanca a sede da ordem e Alcalá a sua filial.

Esta congregação ramificava-se por todos os países católicos da Europa.

Não têm nada de insólito na igreja latina estas garras de uma ordem sobre outra.

Para não falarmos senão da ordem de S. Bento, que é a de que aqui se trata, diremos que a esta ordem estão sujeitas, sem contar a obediência de Martin Verga, quatro congregações: duas em Itália, o Monte Cassino e Santa Justina de Pádua, duas em França, Cluny e S. Mauro; e nove ordens, Valombrosa, Grammont, os celestinos, os camaldulos, os cartuxos, os humilhados, os olivetanos, os silvestrinos, e, finalmente, os cistercenses; porque Cister, tronco para outras ordens, é apenas um ramo para S. Bento.

Cister data de S. Roberto, abade de Molesne na diocese de Langres em 1098. Ora, foi em 529, que o diabo retirado para o deserto de Subiaco (estava velho. Ter-se-ia ele feito eremita?) foi expulso do antigo templo de Apolo, onde permanecia reputado como S. Bento, que então tinha dezassete anos.

Depois da regra dos carmelitas, que andam descalços, trazem um rolo de vimes ao pescoço e nunca se sentam, a regra mais dura é a das bernarbas-beneditinas de Martin Verga. Estas freiras andam vestidas de preto com um escapulário, que, segundo a prescrição de S. Bento, sobe até à barba. O seu hábito consiste num vestido de sarja de mangas largas, num grande véu de lã no escapulário, que sobe até à barba, cortado em esquadria sobre o peito, e no capelo, que desce até os olhos. É tudo preto, excepto o capelo, que é branco.

As noviças trazem o mesmo hábito, porém todo branco. As professas, além disto, trazem um rosário à cinta. As bernarbas-beneditinas de Martin Verga praticam a Adoração Perpétua, como as beneditinas, chamadas do Santíssimo Sacramento, as quais no princípio deste século tinham duas casas em Paris,

uma no Templo, outra na rua Nova de Santa Genoveva. As religiosas, porém, de quem nos ocupamos, pertenciam a uma ordem inteiramente diferente da das freiras do Santíssimo Sacramento, enclausuradas na rua Nova de Santa Genoveva e no Templo. Entre uma e outra havia numerosas diferenças na regra e no trajo. As bernardas beneditinas do Petit-Picpus traziam escapulário preto e as beneditinas do Sacramento da rua Nova de Santa Genoveva traziam-no branco, e além disto, uma custódia vermelha ou de cobre doirado ao peito, de três polegadas de altura, pouco mais ou menos, custódia que as religiosas do Petit-Picpus não traziam. A Adoração Perpétua, comum à casa do Petit-Picpus e à casa do Templo, deixava, todavia, as duas ordens perfeitamente distintas. Somente nesta prática é que entre as freiras do Santíssimo Sacramento e as bernardas de Martin Verga havia parecença, do mesmo modo que no estudo e glorificação de todos os mistérios relativos à infância, à vida e à morte de Jesus Cristo e à Virgem é que existia semelhança entre duas ordens inteiramente distintas e por vezes inimigas: a congregação do Oratório de Itália estabelecida em Florença por Filipe de Nery, e a congregação do Oratório de França estabelecida em Paris por Pedro de Bérule. O Oratório de Paris pretendia a primazia, visto que Filipe de Nery, era apenas santo e Bérule cardeal.

Voltemos, porém, às durezas da regra espanhola de Martin Verga.

As bernardas-beneditinas desta obediência guardam abstinência de carne todo o ano, jejuam na Quaresma e em muitos outros dias que lhes são especiais, levantam-se no primeiro sono, desde a uma hora da noite até às três, para lerem o breviário e cantarem matinas, deitam-se em lençóis de sarja em qualquer estação e em cima das palhas, não fazem uso de banhos, nunca acendem lume, disciplinam-se todas as sextas-feiras, observam a regra do silêncio, não falam umas com as outras senão nas horas de recreio, que são muito curtas, trazem camisas de burel, durante seis meses, desde 14 de Setembro, dia da exaltação da Santa Cruz, até à Páscoa. Estes seis meses representam uma moderação, pois a regra diz todo o ano; mas esta camisa de burel, nos calores do estio insuportável, produzia febres e espasmos nervosos, de modo que foi preciso restringir o seu uso. Mesmo com esta modificação suave, quando as religiosas, a 14 de Setembro, vestem de novo aquela camisa, têm três ou quatro dias de febre. Os seus votos, votos sobremodo agravados pela regra, são obediência, castidade e estabilidade na clausura.

De três em três anos procede-se à eleição da prioresa, feita pelas madres vocais, assim chamadas por terem voto em capítulo. Uma prioresa não pode ser reeleita mais que duas vezes, o que fixa em nove anos a duração do mais longo reinado possível de uma prioresa.

Estas religiosas não vêem nunca o padre celebrante que lhe é oculto sempre por uma sarja estendida diante, que tem nove pés de altura. Ao sermão, quando o pregador está na capela, baixam o véu sobre o rosto; devem sempre falar baixo e andar com os olhos pregados no chão e a cabeça inclinada. Um único homem pode entrar no convento — é o arcebispo da diocese.

Há ainda outro, o jardineiro, porém este é sempre um velho, e a fim de que ele ande constantemente só no jardim e as religiosas sejam advertidas da sua presença, traz uma campainha no joelho.

Estas religiosas estão sujeitas à prioresa e a sua sujeição é absoluta e passiva. É a sujeição canónica em toda a sua abnegação. Como à voz de Cristo, *ut voci Christi*, ao primeiro gesto, ao primeiro sinal, *ad nutum, ad primum signum* logo com prazer, com perseverança, com uma espécie de obediência cega, *prompte, hitariter, pet severanter, et cceca quadam obedientia*, como a lima na mão do artífice, *quasi limam un manibus abri*, não podendo ler nem escrever o que quer que seja sem expressa permissão, *tegere vel scribere non adiscerif sem sine expressa superioris licentia*.

Andam à roda, fazem cada uma por sua vez o que elas chamam a reparação.

Consiste a reparação em orar por todos os pecados, faltas, desordens, violações, iniquidades e crimes que na terra se cometem. Durante doze horas consecutivas, desde as quatro da tarde até às quatro da manhã, ou das quatro da manhã até às quatro da tarde, a irmã que faz a reparação está de joelhos nas pedras diante do Santíssimo Sacramento, de mãos erguidas e corda ao pescoço. Quando de todo em todo já não pode, prostra-se de bruços, com o rosto no chão e os braços em cruz; nisto consiste todo o seu alívio. Nesta atitude, ora por todos os culpados do universo. Esta prática chega a tocar as raias do sublime.

Como este acto tem lugar diante de um poste, em cima do qual arde uma vela de cera, indistintamente se diz fazer a reparação ou estar no poste. Preferem mesmo as religiosas esta última expressão, que encerra em si uma ideia de suplício e aviltamento.

Fazer a reparação, é uma função em que toda a alma se absorve. A religiosa, posta em oração diante do poste, não se voltará, ainda que nas suas costas rebente um trovão.

Além disto, uma religiosa está sempre de joelhos diante do Santíssimo Sacramento e cada estação dura uma hora, rendendo-se umas às outras, como os soldados de sentinela. Nisto consiste a Adoração Perpétua.

Tanto as prioresas como as simples madres adoptam sempre nomes cheios

de uma gravidade particular, que recordam, não os santos ou mártires da igreja cristã, mas alguns dos momentos da vida de Jesus Cristo, como, por exemplo, a madre Natividade, a madre Conceição, a madre Apresentação, a madre Paixão. Cumpre notar, porém, que não são proibidos os nomes de santos.

Alguém que as visita nunca lhes vê mais do que a boca.

Todas têm os dentes amarelos. Jamais entrou no convento uma escova de dentes.

A limpeza dos dentes fica no cimo de uma escada, em cujos degraus se acha a perda da alma.

Elas não dizem de coisa alguma — nem meu nem minha. Não têm nada propriamente seu, nem devem gostar de coisa nenhuma. De tudo dizem nosso, como o nosso rosário; se falassem da camisa, diriam — a nossa camisa. Às vezes afeiçoam-se a algum pequeno objecto, a um livro de horas, a uma relíquia, a uma medalha benzida; porém, mal conhecem que principiam a gostar desse objecto, devem-no dar. Lembram-se do dito de Santa Teresa, a quem uma grande dama, na ocasião em que entrava para a ordem, dizia: Madre, dê-me licença de mandar buscar uma Bíblia em que tenho muito gosto.

Ah! Vós tendes gosto em alguma coisa! Nesse caso não entreis nesta casa!

A quem quer que seja é proibido ter um quarto, uma habitação a que possa chamar sua. Vivem em celas abertas. Quando se encontram, diz uma: Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar! E a outra responde: Para sempre. A mesma cerimónia se repete, quando uma bate à porta da outra. Mal a da parte de fora toca na porta, ouve-se do outro lado uma voz dizer precipitadamente: Para sempre!

Como todas as práticas, isto torna-se maquinal com o uso, de modo que às vezes diz uma: Para sempre, antes da outra ter tempo de dizei: Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar! O que na verdade é sobremodo demorado.

Entre as freiras da Visitação, a que entra diz: Ave Maria e a outra responde: Gratia plena. São os seus bons dias, que efectivamente são «cheios de graça».

De hora em hora, o sino da igreja do convento dá três badaladas suplementares, e a este sinal, prioresa, madres vocais, professas, conversas, noviças, postulantes, todas interrompem o que estão a dizer, a fazer ou a pensar e dizem todas à uma, se são cinco horas, por exemplo: Às cinco e a toda a hora, bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar! Se são oito: Às oito e a toda a hora, etc., e assim sucessivamente, consoante a hora que é.

Este costume, que tem por fim quebrar o pensamento, voltando-o de contínuo para Deus, existe em muitas comunidades, com diferença somente na fórmula. Assim, as do Menino Jesus, dizem: Agora e sempre o amor de Jesus inflame o meu coração!

As beneditinas-bernardas de Martin Verga, enclausuradas há cinquenta anos no Petit-Picpus, cantam os ofícios numa salmodia grave, cantochão puro, e sempre em voz cheia, todo o tempo que dura o ofício. Em todos os lugares em que há um asterisco no missal fazem uma pausa e dizem em voz baixa: Jesus, Maria, José. No ofício dos defuntos cantam em tom tão baixo, que mal pode descer tanto uma voz de mulher.

Daqui resulta um efeito trágico, que apavora a alma.

Para sepultura da comunidade haviam as freiras do Petit-Picpus mandado fazer um carneiro por baixo do altar-mor. O governo, porém, como elas dizem, não permitiu que o carneiro recebesse os féretros, e por consequência, tinham de sair do convento, quando morriam, o que as afligia e consternava como uma infracção.

Haviam obtido, é verdade, ser enterradas a uma hora especial e num lugar reservado no cemitério de Vaugirard, que tinha sido construído em terreno noutro tempo pertencente à comunidade, porém isto não passava de uma consolação medíocre.

À quinta-feira estas religiosas ouvem missa cantada, vésperas e todos os ofícios, como nos domingos. Além disto, observam escrupulosamente todos os dias santos dispensados, desconhecidos das pessoas mundanas, que a igreja outrora prodigalizava em França e ainda prodigaliza na Espanha e na Itália. As suas estações na capela são intermináveis. Quanto ao número e duração das suas rezas, não podemos dar melhor ideia destas duas coisas do que citando o dito ingénuo de uma delas: As rezas das postulantes são terríveis, as das noviças ainda, piores e as das professas muito piores ainda.

Reúne-se o capítulo uma vez por semana; preside a prioresa e assistem as madres vocais. Cada uma das irmãs vem por sua vez ajoelhar na pedra e confessar em voz alta, diante de todas, as faltas e pecados que naquela semana cometeu. Após cada confissão, consultam-se as madres vocais e infligem em voz alta as penitências.

Além da confissão em voz alta, para a qual se reservam as faltas de mais alguma gravidade, têm para as faltas veniais o que elas chamam a culpa. Fazer a culpa é prostrar-se diante da prioresa, até que esta, a quem nenhuma religiosa trata de outro modo senão por nossa mãe, advirta a paciente de que só se pode levantar, batendo uma pancada na sua cadeira coral. A culpa faz-se por qualquer tenuíssima coisa, por quebrar um copo, por ter rasgado um véu,

por uma involuntária demora de alguns segundos num ofício, pela desafinação de uma nota na igreja, etc. Isto basta para que a religiosa a quem tal coisa acontece faça logo a culpa. A culpa, porém, é inteiramente espontânea; é a própria culpada, (julgamos etimologicamente própria do lugar a expressão) que a si a inflige, depois de se julgar. Nos domingos e dias santos, os ofícios são salmodiados por quatro madres cantoras, diante de uma estante de quatro faces.

Ora, um dia, uma das madres cantoras entoou um salmo, que principiava por um Ecce; porém, como em vez de Ecce, dissesse em voz alta estas três notas: dó, si, sol, sofreu por esta distracção uma culpa que durou todo o tempo do ofício. A falta tornava-se enorme, porque as outras religiosas tinham-se rido.

Quando uma religiosa é chamada ao parlatório, ainda que seja a prioresa, baixa o véu de modo a não deixar ver mais do que a boca.

Só a prioresa pode comunicar com estranhos. As outras não podem ver senão os parentes mais próximos e isso ainda raras vezes. Se sucede apresentar-se alguma pessoa de fora para ver alguma religiosa a quem no mundo conheceu ou amou, é necessário uma negociação completa. Se é senhora, pode ser concedida a autorização algumas vezes; vem então a religiosa e aquela fala-lhe através dos postigos, que não se abrem senão para uma mãe ou irmã. Escusado é dizer que aos homens tal permissão é recusada sempre.

Eis aqui, pois, a regra de S. Bento, agravada por Martin Verga.

Não são rosadas, frescas e joviais, como de ordinário as filhas das outras ordens, as religiosas de quem nos ocupamos. São pálidas e no rosto trazem impressos em traços visíveis o selo das austeridades definhadoras, a que pela regra que as rege, estão sujeitas. Só de 1825 a 1830 endoideceram três.

III — Severidades

A que é admitida, é pelo menos dois anos postulante e às vezes quatro, ao que se devem acrescentar outros quatro anos de noviciado. É raro, por consequência, que alguma faça os votos definitivos antes dos vinte e três ou vinte e quatro. As bernardas-beneditinas de Martin Verga não admitem viúvas na sua ordem.

Nas suas celas entregam-se a muitas macerações em segredo, de que nunca devem falar.

No dia em que uma noviça faz a sua profissão, adornam-na com os seus mais belos enfeites, põem-lhe uma grinalda de rosas brancas, alisam-lhe e dispõem-lhe o cabelo em caracóis e em seguida a noviça prostra-se e as outras estendem-lhe por cima um véu preto e cantam-lhe o ofício de defuntos.

Dividem-se então as religiosas em duas fileiras; uma passa próximo da noviça, dizendo com acento lastimoso: Morreu a nossa irmã! E a outra responde em voz retumbante: Mas vive em Jesus Cristo!

Na época em que se passa esta história havia um recolhimento de meninas adjunto ao convento. Recolhimento de donzelas nobres, pela maior parte ricas, entre as quais se distinguiam as meninas de Sainte-Aulaire e de Bélissen e uma inglesa que tinha o ilustre nome católico de Talbot. Cresciam estas donzelas, educadas por aquelas religiosas entre quatro paredes, no horror do mundo e do século. Um dia, dizia-nos uma delas: Só o ver as pedras da rua fazia-me estremecer dos pés à cabeça! Andavam vestidas de azul com uma touca branca na cabeça e uma pomba figurando o Espírito Santo ao peito, de cobre ou prata dourada. Em certos dias santos de guarda, com especialidade no dia de Santa Marta, concedia-se-lhes, como subido favor e suprema ventura, vestirem-se de religiosas e fazerem os ofícios e as práticas de S. Bento em todo o dia.

Nos primeiros tempos, as religiosas emprestavam-lhes os seus vestidos pretos; porém, como isto parecesse profano, a prioresa proibiu-o e só foi permitido tal empréstimo às noviças. É para notar que estas representações, decerto toleradas e favorecidas no convento por um secreto espírito de proselitismo e para fazer antegostar àquelas crianças o santo hábito, fossem uma ventura real e uma verdadeira recreação para as recolhidas. Era para elas um passatempo com que a sua simplicidade engraçava por ser uma coisa nova, uma coisa que as mudava. Cândidas razões infantis, que não chegam, todavia, a fazer-nos compreender, a nós mundanos, a felicidade de pegar num hissope e estar de pé horas seguidas a cantar em quarteto diante de uma estante de coro.

Nas austeridades, as educandas quase se conformavam com todas as práticas do convento. Donzela houve que ainda depois de voltar ao mundo, e após muitos anos de casada, não chegara a perder o costume de dizer apressadamente: Para sempre!, todas as vezes que alguém batia à porta. Do mesmo modo que as religiosas, as educandas, só viam os parentes no locutório e nem mesmo as mães obtinham permissão de as abraçar. Aí vai um exemplo que prova até onde chegava a severidade a este respeito. Um dia, foi uma educanda visitada por sua mãe, que trazia na sua companhia uma outra filhinha de três anos. Debulhava-se esta em lágrimas, porque queria abraçar a irmã.

Impossível. Suplicou a mãe que fosse ao menos permitido à criança passar a mãozinha pelos varões da grade para a irmã lha poder beijar. Foi-lhe também recusado, quase escandalosamente.

IV — Alegrias

Aquelas jovens, porém, nem por isso deixavam de encher aquela severa casa de recordações aprazíveis.

Em certas horas fulgurava a infância naquele claustro. Ao tocar ao recreio, uma porta girava nos gonzos, os passarinhos exclamavam: «Bom. Aí vêm as crianças!»

Inundava aquele jardim, disposto em forma de cruz como uma mortalha, uma irrupção juvenil, e aí principiavam a divagar por aquelas trevas uns rostos radiosos, umas frontes brancas, toda a espécie de auroras. Após os salmos, os sinos, os repiques, as matracas e os ofícios, rebentava súbito todo aquele sussurro de criança, sussurro mais agradável do que o das abelhas.

Abria-se a colmeia da alegria e cada qual tirava o mel que lhe pertencia. Brincavam, chamavam umas pelas outras, reuniam-se em grupos, corriam, ou, sentadas a um canto, tagarelavam em suaves colóquios, mostrando a espaços os alvos dentinhos. De longe os véus vigiavam os risos, as sombras espiavam os raios, mas que importava? Os lábios expandiam-se em risos, as frontes irradiavam de prazer. Aquelas quatro paredes lúgubres tinham também a sua vez de arroubamento, assistindo àquele doce redemoinhar de enxames, vagamente branqueadas pelo reflexo de tamanha alegria.

Era uma como chuva de rosas que passava pelo meio daquele luto. Folgavam as jovens debaixo da vigilância das religiosas; as vistas, porém, da impecabilidade não incomodam a inocência. Graças àquelas crianças no meio de tantas horas austeras, havia também a hora dos folguedos. As mais pequenas saltavam, as grandes dançavam. Naquele claustro os folguedos eram corados de um reflexo do céu. Não havia coisa mais arrebatadora e augusta do que o livre desabrochar daquelas almas infantis.

Homero viria ali sorrir em companhia de Perrault. Naquele escuro jardim havia juventude, saúde, sussurro, gritos, vozearia, prazer e ventura suficientes para desenrugar a fronte de todas as avós, tanto as da epopeia como as do conto, tanto as do trono como as da choupana, desde Hecuba até à Mére-Grand.

Ouviram-se naquela casa, mais talvez do que em nenhuma outra, desses ditos de criança que tanta graça têm e que fazem rir com um riso pensativo. Foi entre aquelas quatro fúnebres paredes que uma criança de cinco anos um dia exclamou: Ó minha mãe!

Disse-me uma «grande» que só me faltam nove anos e dez meses para sair daqui. Que felicidade!

Foi também ali que teve lugar o seguinte memorável diálogo:

Uma madre vocal: — Porque chora, filhinha?

A criança (de seis anos), soluçando: — Eu disse à Alice que sabia o meu compêndio da história de França e ela disse que eu não o sabia e eu sei-o.

Alice, a grande (de nove anos): — E não sabe, não, senhora.

A madre: — Então como foi isso, minha filha?

Alice: — Disse-me ela que abrisse eu o livro ao acaso e que lhe fizesse a pergunta que lá estivesse, que ela era capaz de responder.

— E então?

— Não foi capaz.

— Ora vamos lá. Que lhe perguntou a menina?

— Eu abri o livro ao acaso, como ela dizia, perguntei-lhe a primeira coisa que encontrei.

— E que pergunta foi?

— Foi esta: Que aconteceu depois?

Foi ali que a respeito de um periquito algum tanto glutão, pertencente a uma senhora recolhida, foi feita a seguinte observação:

Periquito mais lindo! Come: uma torrada tal qual como a gente!

Foi no pavimento daquele claustro que alguém achou a seguinte confissão de uma pecadora de sete anos, por ela de antemão escrita para a não esquecer:

— Acuso-me, padre, de ter sido avarenta.

— Acuso-me, padre, de ter cometido adultério.

— Acuso-me, padre, de ter erguido os olhos para os senhores.

Foi num dos bancos de relva daquele jardim que por uma rosada boca de seis anos foi improvisado o seguinte conto, escutado por alguns olhos azuis de quatro e cinco anos:

Uma vez eram três galos numa terra onde havia muitas flores. Pegaram os galos e foram colher flores e meteram-nas nos bolsos. Depois colheram as folhas e puseram-nas às bonecas. Mas nesta terra havia muitos bosques e andava lá um lobo, e vai o lobo comeu os galos.

E mais este outro poema:

Uma vez deram com um pau num gato.

Sabidas as contas, tinha sido Polichinelo que lhe havia batido.

Mas, como ele não fez bem ao gato, fez-lhe mal, pegou então uma senhora e mandou-o prender.

Foi ali que a uma pequena abandonada, educada por caridade no convento, foi ouvido o seguinte doce e patético dito. Ouvindo, uma vez, estarem as outras a falar de suas mães, murmurou ela no seu canto:

— Cá eu, quando nasci, já não tinha mãe.

Havia no convento uma rodeira gorda, que andava sempre a correr pelos corredores com o seu molho de chaves à cinta.

Era Ágatha o seu nome, porém as «grandes» — para cima de dez anos — chamavam-lhe Agatocles.

O refeitório, grande sala oblonga e quadrada, que só recebia claridade por um claustro de arquivoltas, ao nível do jardim, era um lugar escuro e húmido, como as crianças dizem, cheio de bichos. Todos os lugares circunvizinhos

forneciam para ele o seu contingente de insectos. Cada um dos quatro cantos havia recebido, pois, na linguagem das recolhidas, um nome particular e expressivo. Havia o canto das Aranhas, o canto das Lagartas, o dos Bichos-de-conta e o dos Grilos. O dos Grilos ficava ao pé da cozinha e era muito estimado por ser mais quente. Do refeitório haviam os nomes passado para o recolhimento, servindo para distinguir nele, como no antigo colégio de Mazarino, quatro nações. Pertencia cada educanda a alguma das quatro nações, conforme o canto do refeitório em que se sentava às horas de comida. Um dia, andando o arcebispo a fazer a visita pastoral, viu entrar na aula onde se achava uma corada e galante pequenina de belos cabelos louros, e perguntou a outra recolhida, interessante trigueirinha de faces cheias de frescura, que estava ao pé dele:

— Quem é aquela?

— É uma aranha, Monsenhor.

— Oh! E a outra?

— É um grilo.

— E aquela outra além?

— É uma lagarta.

— Na verdade? E então a menina o que é?

— Eu sou um bicho-de-conta, Monsenhor.

Cada caso deste género tem as suas particularidades. No princípio deste século, Ecouen era um desses lugares graciosos e severos, onde, a uma sombra quase augusta, cresce a infância das donzelas. Em Ecouen, pois, para tomar lugar na procissão do Santíssimo Sacramento, havia distinção entre virgens e floristas. Havia também «os pálios» e «os turíbulos», conforme pegavam aos cordões do pálio ou iam a incensar o Santíssimo Sacramento. Às floristas pertenciam de direito as flores. Na frente iam quatro «virgens». Na manhã desse dia não era raro ouvir-se perguntar pelos dormitórios:

— Quem é que é virgem?

Madame Campan citava este dito de uma «pequena» de sete anos a uma «grande» de dezasseis que havia de ir na frente da procissão, enquanto que a outra tinha de ir atrás:

— Tu és virgem, eu não.

V — Distracções

Por cima da porta do refeitório, via-se escrito em grandes letras pretas essa oração chamada o Padre nosso pequeno, que tinha a virtude de levar a gente direita ao céu: «Padre nosso pequenininho, que Deus fez, que Deus disse e que Deus pôs no Paraíso. A noite, ao deitar, encontrei na minha cama três anjos: um aos pés, dois à cabeceira e a boa Virgem Maria que está no meio diz-me

que me deite e que não duvide de nada. O bom Deus é meu pai, a Virgem é minha mãe, os três apóstolos são meus irmãos e as três virgens minhas irmãs. A camisa com que Deus nasceu, estou eu envolta nela; a cruz de Santa Margarida no meu peito está escrita; a senhora Virgem anda pelos campos a chorar por Deus e encontra o senhor S. Jean. Senhor S. Jean de onde vindes vós? Venho do Ave Salus. Não viu por lá o bom Deus? Ele está na árvore da cruz, os pés pendentes, as mãos pregadas, um chapeuzinho de espinhos brancos na cabeça. Quem disser isto três vezes de manhã e três vezes de tarde ganhará o Paraíso.»

Em 1827, esta oração característica, tinha desaparecido da parede, debaixo de uma tríplice camada de cal. A esta hora acaba ela de se apagar da memória de algumas jovens de então, hoje senhoras de idade avançada.

Um grande crucifixo completava a decoração do refeitório, cuja única porta, como julgamos ter dito, dava para o jardim. De uma extremidade do refeitório à outra corriam duas mesas estreitas, guarnecidas cada uma de dois bancos de pau, formando duas compridas linhas paralelas. As paredes eram brancas, as mesas negras; estas duas cores de luto são o único matiz dos conventos. As comidas eram ásperas, o próprio alimento das crianças, severo. O prato de luxo consistia numa pouca de carne com legumes ou de peixe salgado. Todavia, esta medíocre iguaria era uma excepção e só as recolhidas tinham direito a ela. As crianças comiam caladas, vigiadas pela madre de semana, que de quando em quando, se alguma mosca dava para voar ou zunir, contra as prescrições da regra, abria e fechava um livro de pau com estrondo. Este silêncio era temperado com a leitura da vida dos santos, feita em voz alta num pulpitozinho com estante, que ficava aos pés do crucifixo. A leitora era uma educanda grande, no que andavam às semanas. De distância em distância havia em cima da mesa umas terrinas vidradas, em que as próprias educandas lavavam o prato e o talher, e onde às vezes deitavam algum bocado de carne dura ou de peixe estragado, que não podiam comer, porém isto era punido. Chamavam a estas terrinas redondos de água.

A criança que quebrasse o silêncio era obrigada a fazer uma «cruz com a língua».

Onde? No chão, lambendo o soalho. O pó, o fim de todas as alegrias, era o encarregado de castigar aquelas pobres folhinhas de rosa, rés do crime de tagarelice.

Havia no convento um livro, de que nunca foi impresso senão um exemplar único, que era proibido ler. É a regra de S. Bento Arcano, em que não devem penetrar vistas profanas, de quem quer que sejam. *Nemo regulas, seu constitutiones nostras, externis cornmitnicabit*.

Um dia, as recolhidas conseguiram apanhá-lo e principiaram avidamente a lê-lo, leitura frequentes vezes interrompida por terrores de serem surpreendidas, o que as fazia fechá-lo precipitadamente. Deste grande perigo, porém, a que se aventuraram, apenas tiraram um prazer medíocre.

Algumas páginas inteligíveis sobre os pecados dos rapazes novos, eis o que acharam de «mais interessante».

Apesar da extrema vigilância e da severidade dos castigos, às vezes, quando o vento sacudia as enfezadas fruteiras, que orlavam a álea onde elas costumavam brincar, conseguiam apanhar furtivamente alguma maçã verde, algum damasco imperfeito ou alguma pêra bichosa.

Deixarei agora falar uma carta que tenho à vista, carta escrita há vinte e cinco anos pôr uma recolhida, hoje duquesa de... uma das senhoras mais elegantes de Paris.

Citá-la-ei textualmente:

> Esconde a gente a pêra ou a maçã como pode. Quando vai pôr o véu na cama, enquanto não chegam as horas de ceia, mete-as debaixo do travesseiro e depois de deitada come-as, e quando não possa ser na cama, come-as na latrina.

Era esta uma das suas mais vivas voluptuosidades.

Uma vez, também por ocasião de uma visita do arcebispo ao convento, uma das jovens, Mademoiselle Bouchard, aparentada ainda com os Montmorencys, apostou em como era capaz de pedir um feriado, enormidade numa comunidade tão austera. Foi aceite a aposta, mas nenhuma das que a sustentavam acreditava nela. Chegada a ocasião, quando o arcebispo passava por diante das recolhidas, Mademoiselle Bouchard, com indescritível espanto das suas companheiras, saiu das fileiras e disse:

— Monsenhor, um feriado.

O senhor de Quélen, que viu a frescura e nacarado matiz daquela bonita carinha, sorriu-se e disse:

— Só um, minha querida menina? Três, se quiser. Concedo-lhe três dias de feriado.

Falara o arcebispo, tanto bastava para que a prioresa a nada se pudesse opor.

Escândalo para o convento, mas alegria para as recolhidas. Imagine-se o efeito que tal acontecimento produziria.

Todavia, aquele melancólico claustro não estava circundado de paredes tão altas, que a vida externa das paixões, que o drama, que o romance mesmo, não penetrasse nele. Para prova, limitar-nos-emos a notar aqui, indicando-o de passagem, um facto real e incontestável, que aliás não tem em si relação nenhuma, nem de algum modo prende com o fio da história que contamos.

Mencionámo-lo apenas para completar no espírito do leitor a fisionomia do convento.

Por esta mesma época havia no convento uma pessoa misteriosa, que não era religiosa, a quem todas tratavam com grande respeito, dando-lhe o nome de senhora Albertina. A respeito dela só se sabia que estava doida e que no mundo passava por morta. Segundo se dizia, esta história encobria arranjos de fortuna necessários para um grande casamento.

Esta senhora tinha apenas trinta anos, era trigueira, bastante bela e vago o olhar dos seus grandes olhos pretos. Era objecto de dúvida se ela via ou não. O seu andar mais parecia o de uma sombra que desliza rápida, do que o de uma pessoa viva; jamais se lhe ouvia uma fala e não era bem certo se ela respirava. O nariz tinha-o afilado e lívido, como o dos que exalam o último suspiro. Tocar-lhe na mão era como tocar num pedaço de gelo. Aquela mulher tinha uma estranha graça espectral.

Onde ela entrasse sentia-se frio. Um dia uma irmã, vendo-a passar, disse para outra: «Esta senhora passa por morta. Está-o efectivamente, talvez».

Albertina servia de tema a cem histórias. Era a eterna curiosidade das recolhidas.

Assistia aos ofícios numa tribuna que havia na capela chamada a Clarabóia, porque apenas tinha uma abertura circular, uma clarabóia, e era sempre ela só na tribuna porque se podia ver dali, por ficar no primeiro andar, o pregador ou o celebrante, o que era proibido às religiosas. Um dia, estava o púlpito ocupado por um jovem sacerdote da classe elevada da sociedade, o duque de Rohan, par de França, oficial dos mosqueteiros vermelhos em 1815, quando ainda príncipe de Leão, e que depois, em 1830, morreu cardeal e arcebispo de Besançon. Era a primeira vez que o senhor de Rohan pregava no convento de Petit-Picpus. De ordinário, Albertina assistia aos sermões e ofícios com perfeita serenidade, e em completa imobilidade. Naquele dia, porém, mal avistou o senhor de Rohan levantou o corpo e disse em voz que dominou o silêncio da capela: — Ai! Augusto! — Toda a comunidade voltou a cabeça, estupefacta; o pregador ergueu os olhos, porém Albertina voltara à sua costumada imobilidade. Por aquele rosto descorado e frio passara um instante como um sopro do mundo exterior, um como clarão de vida, depois desvaneceu-se tudo e a louca tornara-se cadáver, como dantes era.

Contudo, aquelas duas palavras deram que falar a tudo o que no convento era capaz de proferir sons articulados. Que multidão de coisas naquele — Ai! Augusto! — que torrente de revelações! Efectivamente, o senhor de Rohan chamava-se Augusto. Era evidente, pois, que Albertina saíra da classe mais elevada da sociedade, pois conhecia o senhor de Rohan, que ela mesma nela

ocupava avantajado lugar, pois que tão familiarmente falava de tão grande personagem e que tinha com ele relações de parentesco, mas em todo o caso, e com toda a certeza, relações muito íntimas, pois que lhe sabia o «nome de baptismo».

Entre as pessoas que iam ao convento, havia duas severíssimas duquesas, que o visitavam frequentemente, penetrando nele decerto em virtude do privilégio *Magnates mulieres*.

Era incrível o medo que as duas velhas senhoras incutiam às recolhidas. Quando elas passavam, todas as jovens tremiam e baixavam os olhos.

O senhor de Rohan, porém, era, sem que tal coisa soubesse, o objecto da atenção das recolhidas. Apesar de vigário geral do arcebispado de Paris, cargo para que, por essa ocasião, acabava de ser nomeado, enquanto não obtinha a mitra episcopal, costumava ir frequentes vezes cantar nos ofícios da capela das religiosas do Petit-Picpus.

Nenhuma das jovens reclusas o podia ver por causa da cortina de sarja, mas o senhor de Rohan tinha uma voz agradável e algum tanto delgada, que elas haviam chegado a conhecer e a distinguir. Fora mosqueteiro, e depois diziam que era muito namorador, que trazia os seus belos cabelos castanhos sempre muito bem penteados dispostos em rolo em roda da cabeça, e um magnífico cinto de melania, e que a sua batina negra tinha o talho mais elegante do mundo. O senhor de Rohan preocupava, pois, em extremo todas aquelas imaginações de dezasseis anos.

Nenhum ruído exterior penetrava no convento. Todavia, um ano chegou até lá o som de uma flauta. Foi um sucesso, sucesso de que as recolhidas de então ainda hoje se lembram.

Era alguém da vizinhança que tocava flauta. A canção, hoje sobremodo antiga, que o desconhecido músico tocava, era sempre a mesma: — Vem reinar em minha alma, Zelbuthea — e ouvia-se duas ou três vezes por dia. As jovens passavam horas inteiras a escutá-la, as madres vocais andavam como que fora de si, trabalhavam os miolos, choviam os castigos. Durou isto muitos meses. Todas as recolhidas estavam mais ou menos namoradas do músico desconhecido. Cada qual se imaginava a Zelbuthea da canção. O som da flauta vinha do lado da rua do Muro Direito; tudo elas dariam, tudo arriscariam e tentariam para ver, embora por um só segundo, para entrever, para avistar o «rapaz» que tão deliciosamente tocava flauta, e que ao mesmo tempo, sem o saber, tocava todas aquelas almas. Houve algumas que se escaparam por uma porta de serventia e que subiram ao terceiro andar, que dava para a rua do Muro Direito, a ver se o avistavam pelos buracos das grades. Impossível. Uma chegou a passar o braço pela grade que lhe ficava superior à cabeça, e a

agitar o seu lenço branco. Duas foram ainda mais ousadas. Arranjaram a subir com grande risco a um telhado e conseguiram, finalmente, ver o «rapaz». Era um fidalgo emigrado, velho, cego e indigente, que se punha a tocar flauta na sua água-furtada para matar o tempo.

VI — O pequeno convento

Havia no recinto do Petit-Picpus três edifícios inteiramente distintos: o Grande Convento, habitado pelas religiosas, o Recolhimento, morada das educandas, e, finalmente, o chamado Pequeno Convento, que era uma morada de casas com jardim, onde viviam em comum religiosas velhas de todas as espécies, pertencentes a diversas ordens, restos dos claustros destruídos pela revolução; uma reunião de malhas pretas, pardas e brancas, de todas as comunidades e variedades possíveis, o que se tal cópula de palavras fosse permitido, se podia chamar uma espécie de convento-arlequim.

Apenas se estabelecera o império, permitiram a todas aquelas pobres mulheres dispersas e desterradas ir abrigar-se ali sob as asas das bernardas-beneditinas, e aquelas religiosas, a quem o governo dava uma pensão, haviam sido recebidas, com o maior gosto, pelas; freiras do Petit-Picpus. Era uma mistura extravagante. Cada qual seguia a sua regra. As vezes era permitido às recolhidas, como grande recreio, ir visitá-las, em virtude do que aquelas tenras memórias guardavam a lembrança da madre Santa Basília, da madre Santa Escolástica e da madre Jacob.

Uma destas refugiadas tornava-se a encontrar quase na sua casa. Era uma religiosa de Santa Aura, a única que sobrevivera da sua ordem. O antigo convento das freiras de Santa Aura ocupava desde o princípio do século XVIII exactamente aquela mesma casa do Petit-Picpus, que depois veio a pertencer às beneditinas de Martin Verga. Aquela santa mulher, demasiado pobre para trazer o magnífico hábito da sua ordem, que consistia num vestido branco com escapulário escarlate, vestira piedosamente com ele uma manequim, que gostava de mostrar, legando-o por sua morte ao convento.

Em 1824, daquela ordem não restava mais do que uma religiosa; hoje só resta uma boneca.

Além destas dignas madres, havia algumas senhoras seculares, que, como Albertina, tinham obtido permissão da prioresa para se recolherem ao Pequeno Convento.

Eram deste número Madame de Beaufort de Hautpoul e a marquesa Dufresne. Havia ainda outra, que nunca foi conhecida no convento senão pelo temível barulho que fazia a assoar-se. Chamavam-lhe as educandas Madame Vacarmini.

Pelo ano de 1820 ou 1821, Madame de Genlis, que nessa época publicava

uma miscelaneazinha periódica, intitulada o Intrépido, solicitou a sua admissão como secular no convento de Petit-Picpus, admissão em que se empenhava o duque de Orleãs.

Rumor na colmeia; as madres vocais tremiam, porque Madame de Genlis tinha escrito romances; porém, ela declarou que era a primeira a detestá-los, e como, além disso, tinha chegado à sua fase de devoção ascética, com a ajuda de Deus e do príncipe também entrou para o convento. Ao cabo, porém, de seis ou oito meses, saiu dando por motivo da sua saída não ter o jardim sombra.

Ficaram arrebatadas as religiosas. Posto que velha, Madame de Genlis ainda tocava harpa e muito bem.

Quando saiu, deixou a sua firma na cela. Madame de Genlis era supersticiosa e latinista. Estas duas palavras dão dela um exactíssimo perfil. Ainda há alguns anos se viam colados na parte interna de um armariozinho da sua cela, onde fechava o dinheiro e as jóias, os cinco seguintes versos latinos, escritos pelo seu punho com tinta vermelha em papel amarelo, que tinham, na sua opinião, a virtude de afugentar os ladrões:

Imparibus mentis pendent ma corpora ramis;
Dismas et Gesmas, media est divina potestas;
Alta petit Dismas, infelix, infima, Gesmas,
Nos et tes nostras conservei sumtna poteeias.
Hos versus dicas, ne tu furto tuo perdas.[9]

Estes versos, escritos em latim do século dezasseis, lembram a questão de saber se os dois ladrões do Calvário se chamavam, como vulgarmente se crê, Dimas e Gestas, ou Dimas e Gesmas. Esta ortografia talvez desaprouvesse no século passado ao visconde de Gestas, que pretendia descender do mau ladrão. Como quer que seja, a virtude útil que lhe anda apensa e artigo de fé na ordem das hospitaleiras.

A igreja do convento, construída de modo que separava, como um verdadeiro tapamento, o Convento Grande do Recolhimento, era, já se vê, comum ao Convento Grande e ao Convento Pequeno. Era até admitido nele o público por uma espécie de entrada de lazareto que deitava para a rua. Estava tudo, porém, disposto de tal modo, que nenhuma das habitantes do claustro podia ver um rosto de fora. Suponde uma igreja, cujo coro houvesse sido agarrado por uma mão gigantesca e encurvado de modo que formava, não como nas igrejas ordinárias, um prolongamento por trás do altar, porém uma espécie de galeria ou caverna escura, à direita do celebrante; suponde esta galeria fechada pela cortina de sete pés de altura, de que já falámos;

amontoai à sombra daquela cortina, em assentos de madeira, as religiosas professas à esquerda, as recolhidas à direita, no fundo, as conversas e as noviças e tereis uma ideia das religiosas do Petit-Picpus, assistindo aos ofícios divinos. Esta caverna, chamada o coro, comunicava com o claustro por um corredor, e as frestas da igreja deitavam para o jardim. Quando as religiosas assistiam a ofícios, em que a sua regra impunha o silêncio, o público só conhecia que elas estavam no coro pelo estrondo que faziam, abrindo os fechando os assentos móveis das cadeiras em que se sentavam.

VII — Vários contornos desta sombra

Durante os seis anos que decorrem de 1819 até 1825, a prioresa do Petit-Picpus era Mademoiselle de Blemeur, que na religião se chamava madre Inocência. Descendia da família de Margarida de Blemeur, autora da *Vida dos Santos da Ordem de S. Bento*.

Havia sido reeleita. Era uma senhora de sessenta anos, baixa, gorda, «com voz de cana rachada», diz a carta que já citámos, excelente pessoa, porém, e a mais jovial de todo o convento, e por isso mesmo adorada.

A madre Inocência parecia-se com a sua ascendente Margarida, que foi a Dacier da ordem. Era literata, erudita, sábia, competente, historiadora curiosa, recheada de latim, enfrascada de grego, cheia de hebraico e mais beneditino do que beneditina.

A sub-prioresa era uma espanhola velha, quase cega, chamada a madre Cineres.

As mais notáveis entre as vocais eram a madre Santa Honorina, escrivã, a madre Santa Gertrudes, primeira mestra de noviças, a madre Santa Ângela, segunda mestra, a madre Anunciação, sacristã, a madre Santo Agostinho, enfermeira, a única religiosa má em todo o convento; depois a madre Santa Matilde (Mademoiselle Gauvain), muito nova e dotada de uma admirável voz; a madre dos Anjos (Mademoiselle Drouet), que havia estado no convento das filhas de Deus e no do Tesouro entre Gisors e Magny; a madre S. José (Mademoiselle de Cogolludo); a madre Santa Adelaide (Mademoiselle de Cifuentes, que não pôde resistir às austeridades); a madre Compaixão (Mademoiselle de la Miltière, senhora riquíssima, recebida aos sessenta anos contra as prescrições da regra); a madre Apresentação (Mademoiselle de Siguenza), que foi prioresa em 1847; finalmente, a madre Santa Celínia (irmã do escultor Ceracchi), que depois endoideceu, e a madre Santa. Chantal (Mademoiselle de Suzan), que também depois enlouqueceu.

Havia também entre as mais bonitas, uma galante rapariga de vinte e três anos, natural da ilha Bourbon e descendente do cavalheiro Rosa, que no mundo se chamara Mademoiselle Rosa e se chamava então madre Assunção.

A madre Santa Matilde, que era encarregada do canto e do coro, gostava de empregar nele as recolhidas. De ordinário tomava uma escala completa delas, isto é, sete, de dez até dezasseis anos inclusive, da mesma estatura e com a mesma voz, às quais fazia cantar de pé e todas enfileiradas pela ordem da idade, caminhando da mais nova para a mais velha. Oferecia isto aos olhos a vista de um como arrabil de pastor, feito de donzelas, uma espécie de flauta de Pan, feita de anjos.

De entre as irmãs conversas, as que as recolhidas amavam mais, eram soror Santa Eufrásia, soror Santa Margarida, soror Santa Marta, que estava idiota, e soror S.

Miguel, de quem muito se riam, por causa do seu comprido nariz.

Todas aquelas mulheres eram agradáveis para com todas aquelas crianças. Eram severas as religiosas, mas só consigo. Não se acendia lume senão no Recolhimento, e o alimento, comparado com o do convento, era escolhido. Afora isto, tinham com as educandas mil cuidados. Só quando alguma delas passava por alguma religiosa e lhe dirigia a palavra, a religiosa nunca respondia.

Esta regra do silêncio fizera com que em todo o convento fosse tirada a fala às criaturas humanas e dada aos objectos inanimados. Ora era o sino da igreja que falava, ora o chocalho do jardineiro. Além disto, tinha a rodeira ao lado uma sonora campainha, que se ouvia de todos os lugares do convento, a qual, por toques variados, que eram uma espécie de telégrafo acústico, indicava todas as necessidades materiais que havia a satisfazer e chamava ao locutório quando era necessário esta ou aquela habitante do convento. Cada pessoa ou coisa tinha o seu toque. Para chamar pela prioresa era um e um; pela sub-prioresa um e dois. Seis-cinco anunciavam a aula, de modo que as educandas nunca diziam entrar para a aula, mas ir às seis-cinco. Quatro-quatro era o toque de Madame Genlis. Este toque ouvia-se frequentes vezes. — É pelo diabo a quatro! — diziam as menos caridosas. Dezanove badaladas anunciavam um grande acontecimento. Era a abertura da porta da clausura, horrível chapa de ferro, eriçada de ferrolhos, que não girava nos gonzos senão perante o arcebispo.

Excepto ele e o jardineiro, como já dissemos, nenhum outro homem entrava no convento. As recolhidas, essas viam mais dois: o abade Benés, esmoler, velho e feio, que lhe era concedido contemplar por entre uma grade, e o mestre de desenho, o senhor Ansiaux, que a carta de que o leitor já leu algumas linhas chama senhor Anciot e que qualifica de velhote corcovado.

Daqui se vê que os homens eram todos escolhidos.

Tal era, pois, aquela curiosa casa.

VIII — *Post corda lapides*

Após havermos esboçado a figura moral daquele convento, não será inútil indicar em poucas palavras a sua configuração material.

O convento de Santo António do Petit-Picpus ocupava quase todo o trapézio que resultava das intersecções da rua de Polonceau, da rua do Muro Direito, da rua do Picpus e do beco sem saída, chamado nas antigas plantas a rua de Aumarais. Estas quatro ruas cercavam à maneira de fosso aquele trapézio. Compunha-se o convento de muitos edifícios e de um jardim. O edifício principal, considerado em globo, era uma justaposição de construções híbridas, que, vistas em linha recta, desenhavam com bastante exactidão uma forca pregada no chão. A haste mais comprida ocupava todo o troço da rua do Muro Direito, compreendido entre a rua do Picpus e a rua de Polonceau; a haste pequena era uma alta, escura e severa fachada gradeada, que deitava para a rua de Picpus; marcava a sua extremidade a porta número 62. No meio da fachada havia uma portinha velha, de arco, coberta de pó e de cinza e cheia de teias de aranhas, que só se abria por uma ou duas horas aos domingos, ou nas raras ocasiões em que do convento saía o féretro de alguma religiosa. Era a entrada pública da igreja. O ângulo da forca era uma sala quadrada que servia de copa, a que as religiosas davam o nome de despensa. Na haste comprida ficavam as celas das madres e das sorores, e o noviciado. Na haste mais curta, as cozinhas, o refeitório, que era paralelo ao claustro, e a igreja.

Entre a porta número 62 e a esquina do beco sem saída de Aumarais, ficava o Recolhimento, que de fora não se via. Formava o resto do trapézio o jardim que ficava inferior ao nível da rua de Polonceau, o que fazia com que os muros da parte de dentro ainda fossem mais altos do que pela parte de fora. No meio do jardim, que fazia uma pequena volta, elevava-se no cimo de um montículo um belo pinheiro, aguçado em forma cónica, e do qual, como da rodela de um escudo, partiam quatro grandes áleas e dispostas duas a duas nas ramificações das quatro grandes, oito pequenas, de maneira que se a cerca fosse circular, o plano geométrico das áleas semelharia uma cruz colocada sobre uma roda. Todas estas áleas, porém, orladas de groselheiras, eram de comprimentos desiguais, por isso que os muros em que vinham terminar eram irregularíssimos. No fim do jardim havia uma álea de grandes choupos que partia das ruínas do convento velho que ficava à esquina da rua do Muro Direito e ia terminar no edifício do Pequeno Convento, que ficava à esquina do beco de Aumarais. Em frente deste edifício estendia-se o chamado jardim pequeno. Junte-se a tudo isto um pátio, toda a espécie de variados ângulos, que faziam as moradas inferiores, paredes como as de uma cadeia, por única

perspectiva e vizinhança a comprida linha negra de telhados que orlava o lado fronteiro da rua do Polonceau, e poder-se-á formar uma imagem completa do que há quarenta e cinco anos era o convento das bernardas do Petit-Picpus. Observaremos por último que aquela santa casa havia sido edificada exactamente no local onde, desde o século XIV até ao século XVI, existiu um famoso jogo de pela, chamado a Espelunca dos onze mil diabos.

Todas aquelas ruas eram das mais antigas de Paris. Estes nomes de Muro Direito e Aumarais são bastante velhos; porém, as ruas que designam ainda são mais velhas. O beco de Aumarais chamou-se primeiro beco de Mangout, e a rua do Muro Direito rua das Roseiras Bravas, porque antes dos homens saberem lavrar pedras, já Deus ordenava às flores que desabrochassem.

IX — Um século sob um hábito

Já que tão detidamente viemos a ocupar-nos do que noutro tempo era o convento do Petit-Picpus, ousando abrir uma janela por onde devassássemos o interior daquele discreto asilo, permita-nos ainda o leitor uma pequena digressão estranha à essência deste livro, mas característica e útil, por isso que dá lugar a sabermos que o convento também tem suas figuras originais.

Havia no pequeno Convento, uma centenária que para ali tinha vindo da abadia de Fontevrault. Antes da revolução pertencera mesmo à boa sociedade. Falava muito do senhor de Miromesnil, guarda dos selos no reinado de Luís XVI e de uma presidenta Duplat, a quem de muito perto conhecera. O seu gosto, a sua vaidade, era vir à baila com estes dois nomes, a propósito de tudo em que se falasse. Além disto, contava maravilhas da abadia de Fontevrault, pintando-a como uma cidade, e dizendo que no mosteiro havia ruas.

A sua linguagem era um geringonça picarda, que fazia rir as recolhidas. Todos os anos renovava solenemente os seus votos, e na ocasião em que prestava juramento, dizia para o sacerdote: «Monsenhor S. Francisco arrendou-o a Monsenhor S. Julião, Monsenhor S. Julião arrendou-o a Monsenhor S. Eusébio, Monsenhor S. Eusébio arrendou-o a Monsenhor S. Procópio, etc., etc.; do mesmo modo eu lho arrendo, meu padre».

E as recolhidas riam não à socapa, mas por baixo do véu, graciosos risinhos abafados que faziam encrespar o sobrolho às madres vocais.

De uma vez, estando a centenária a contar histórias, disse para as que a ouviam: «No meu tempo os bernardas não ficavam a dever nada aos mosqueteiros». Era um século que falava, mas era o século XVIII. Descrevia o costume dos quatro vinhos usados em Champagne e Borgonha antes da revolução. Quando por alguma cidade de Borgonha ou de Champagne passava qualquer grande personagem, como um marechal de França, um príncipe, um duque, um par, vinha esperá-lo a câmara e após um estirado discurso

apresentava-lhe quatro vasos de prata contendo quatro vinhos diferentes. Na primeira taça lia-se esta inscrição: vinho de macaco; na segunda, vinho de leão; na terceira, vinho de carneiro; na quarta, vinho de porco». Estas quatro legendas exprimiam os quatro graus da embriaguez: o da embriaguez que alegra, o da embriaguez que irrita, o da embriaguez que entontece, o da embriaguez que embrutece.

Tinha ela num armário, fechado à chave, um objecto misterioso que muito estimava, e que não era proibido pela regra de Fontevrault. Não queria que ninguém o visse. Fechava-se na cela, o que a sua regra lhe permitia, e escondia-se todas as vezes que o queria contemplar. Se sentia vir gente pelo corredor tornava a fechar o armário o mais precipitadamente que podia fazê-lo com as suas trémulas mãos. Mal lhe falavam nisto calava-se, ela que tão amiga de falar era. As mais curiosas viram malogrados os seus esforços em presença do seu silêncio e as mais tenazes em presença da sua obstinação. Era este também um objecto de comentários para todas as ociosas do convento ou para aquelas que andavam aborrecidas. Que seria aquela tão preciosa e secreta coisa que era o tesouro da centenária? Algum livro de santidade, decerto?

Algum rosário único? Alguma relíquia eficaz? Perdiam-se em conjecturas. Apenas a pobre velha morreu, correram ao armário mais depressa talvez do que convinha e abriram-no. Acharam o misterioso objecto embrulhado numa toalha, como uma patena benzida. Era um prato de Faenza representando uns amores a fugir, perseguidos por uns praticantes de boticário armados de enormes seringas. Abundavam as figuras em caretas e posturas cómicas. A um dos lindos amorinhos já um dos praticantes tinha espetado a atroz seringa. Ele debatia-se, agitava as asinhas, tentando ainda voar, mas o bufão ria com um riso satânico. Agora a moralidade do quadro: o amor vencido pela cólica. Este prato, aliás um tanto curioso e que teve talvez a honra de sugerir uma ideia a Molière, existia ainda em Setembro de 1848; estava à venda num adelo do boulevard Beaumarchais.

Não queria esta boa velha receber nenhuma visita de fora, porque, dizia ela, era muito triste o locutório.

X — Origem de adoração perpétua

Com efeito, o locutório quase sepulcral, de que temos tentado dar uma ideia, é um facto inteiramente local, que não se reproduz com a mesma severidade noutros conventos, especialmente no convento da rua do Templo, que, na verdade, era de outra ordem. Neste convento, os postigos negros eram substituídos por cortinas de cor escura, e o locutório era uma sala soalhada, com cortinas de cassa nas janelas e quadros de toda a espécie pelas paredes

entre os quais figurava o retrato de uma beneditina com o rosto descoberto, ramalhetes pintados e até a cabeça de um turco.

Era no jardim do convento da rua do Templo que se achava o castanheiro da Índia que passava pelo mais belo e maior da França, e que entre o bom povo do século XVIII, tinha a fama de ser o pai de todos os castanheiros dc reino.

Como já tivemos ocasião de dizer, o convento do Templo era ocupado por beneditinas da Adoração Perpétua, beneditinas, porém, muito diferentes das que estavam na obediência de Cister. A ordem da Adoração Perpétua não é muito antiga, pois não remonta a mais de duzentos anos. Em 1649 foi duas vezes e com poucos dias de intervalo, profanado o Santíssimo Sacramento, em duas igrejas de Paris, em S. Sulpício e em S. Jean da Greve, sacrilégio horroroso e raro que encheu de comoção toda a cidade. Ordenou por este motivo o vigário-geral, prior de S. Germano-des-Prés, uma solene procissão, em que todo o seu clero tomou parte, oficiando o núncio do papa.

Duas senhoras, porém, Madame de Courtin, marquesa de Boucs, e a condessa de Chateauvieux, julgaram insuficiente a expiação. Aquele ultraje, bem. que passageiro, feito ao «augustíssimo sacramento do altar» não saía daquelas duas almas piedosas, parecendo-lhes que não podia ser reparado senão por uma «Adoração Perpétua» em algum mosteiro de freiras. Fizeram ambas, pois, uma em 1652, a outra em 1653, doação de consideráveis quantias à madre Catarina de Bar, chamada do Santíssimo Sacramento, religiosa beneditina, para ela com este piedoso fim, fundar um mosteiro da ordem de S. Bento; a primeira licença para esta fundação foi dada à madre Catarina pelo senhor de Metz, abade de S. Germano com a condição de que nenhuma mulher pudesse ser admitida, sem trazer trezentas libras de pensão, que perfazem seis mil libras de capital». Depois do abade de S. Germano concedeu o rei cartas-patentes, e em 1654, tanto a licença abacial, como as cartas régias, foram homologadas no tribunal de contas e no parlamento.

Eis aqui a origem e a consagração legal do estabelecimento das beneditinas da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento em Paris. O seu primeiro convento foi «todo feito de novo» na rua da Cassete à custa de Madame de Boucs e de Madame Chateauvieux.

Esta ordem, como se vê, não se confundia com as beneditinas chamadas de Cister. O seu superior era o abade de S. Germano-des-Prés, do mesmo modo que o superior das freiras do Sagrado Coração era o geral dos jesuítas, e o das irmãs da caridade o geral dos lazaristas.

Era também completamente diferente das bernardas do Petit-Picpus, cujo interior acabamos de mostrar. Em 1657 o papa Alexandre VII, por um breve

especial, dera autorização às bernardas do Petit-Picpus, para praticarem a Adoração Perpétua à semelhança das beneditinas do Santíssimo Sacramento. As duas ordens, porém, nem por isso deixaram de ficar inteiramente distintas, como dantes.

XI — O fim do Petit-Picpus

Desde o princípio da restauração, que o convento do Petit-Picpus definhava; o que faz parte da morte geral da ordem, a qual depois do século XVIII, vai desaparecendo como todas as outras ordens religiosas. A contemplação, do mesmo modo que a oração, é uma necessidade da humanidade; porém, esta, como tudo que a revolução tocou, há-de transformar-se, e de hostil ao progresso social, se lhe tornará favorável.

A casa do Petit-Picpus despovoava-se a olhos vistos. Em 1840 tinha desaparecido o Pequeno Convento e o Recolhimento. Já nele não existiam nem as velhas nem as donzelas; umas tinham morrido, as outras tinham-se retirado. Volaverunt.

A regra da Adoração Perpétua é de uma rigidez que espanta; por isso as vocações recuam e a ordem não é coisa que se recrute. Em 1845 ainda se fazia uma ou outra irmã conversa, porém religiosa professa nenhuma. Há quarenta e cinco anos, eram quase cem as religiosas; há quinze, eram apenas vinte e oito. Quantas são hoje? Em 1847, a prioresa era nova, sinal de que o círculo da escolha se ia restringindo. Ainda não tinha quarenta anos. À medida que o número diminuía, aumentava o cansaço, porque o serviço de cada uma se tornava mais penoso; via-se desde então aproximar-se a ocasião em que só houvesse uma dúzia de ombros doridos e alquebrados para sustentar a pesada regra de S. Bento. O fardo é implacável e fica sempre o mesmo, tanto para poucas como para muitas. Até aqui pesava, agora esmaga. De modo que vão morrendo. No tempo em que o autor deste livro ainda habitava em Paris, morreram duas. Uma tinha vinte e cinco anos, a outra vinte e três. Esta pode dizer como Júlia Alpinula: *Hic jaceo. Vixi annos viginti et tres*. Por causa desta decadência foi que o convento renunciou à educação de meninas.

Não podemos passar por esta extraordinária, desconhecida e escura casa sem entrarmos e fazer entrar connosco os espíritos que nos acompanham e nos ouvem contar, talvez para utilidade de alguns, a melancólica história de Jean Valjean.

Penetramos naquela comunidade cheia de práticas velhas, que hoje tão novas parecem.

É o jardim vedado. Hortas conclusos. Falamos daquele singular lugar, circunstanciadamente, mas com respeito pelo menos, tanto quanto uma coisa se concilia com a outra.

Nem tudo compreendemos, porém não insultámos nada. Estamos a igual distância do hossana de José de Maistre, que termina por consagrar o algoz, e do riso escarnecedor de Voltaire, que chega a zombar do crucifixo.

Ilogismo de Voltaire, seja dito de passagem, pois que Voltaire defenderia Jesus como defendeu Calas; e, mesmo para os que negam as encarnações sobrenaturais, que representa o crucificado? O sábio assassinado.

No século XIX, a religião sofre uma crise. Os homens esquecem certas coisas e fazem bem, contanto que, esquecendo uma coisa, aprendam outra. Longe o vácuo no coração humano. Fazem-se certas demolições e bom é que se façam, mas com a condição de serem seguidas de novas construções.

Entretanto, estudemos as coisas que já não existem. É necessário conhecê-las, ainda que não seja senão para as evitar. As contrafacções do passado tomam nomes falsos e gostam de chamar-se o futuro. Esta alma do outro mundo, o passado, é atreito a falsificar o seu passaporte. O passado tem um rosto, que é a superstição, e uma máscara, que é a hipocrisia. Denunciemos-lhe o rosto e arranquemos-lhe a máscara.

Pelo que diz respeito aos conventos, estas sociedades oferecem uma questão complexa, uma questão de civilização que os condena e uma questão de liberdade que os protege.

LIVRO SÉTIMO — PARÊNTESIS

I — O convento considerado como ideia abstracta

Este livro é um drama cujo primeiro personagem é o infinito.

O segundo é o homem.

Sendo assim, visto depararmos com um convento no nosso caminho, era nosso dever penetrar nele. Porquê? Porque o convento que tão próprio é do oriente como do ocidente, da antiguidade como dos tempos modernos, tanto do paganismo, do budismo, do maometismo como do cristianismo, é um dos aparelhos de óptica aplicados pelo homem ao infinito.

Não é este o lugar para desenvolver certas ideias além dos limites devidos; todavia, devemos dizê-lo, conservando absolutamente nossas reservas, restrições e até mesmo indignações, todas as vezes que no homem encontramos o infinito, bem ou mal compreendido, sentimo-nos tomados de respeito. Há na sinagoga, na mesquita, no pagode, no wigwam, um aspecto medonho que execramos e um aspecto sublime que adoramos. Que fonte de contemplação para o espírito, que manancial de cogitações sem fundo! O reflexo de Deus nas paredes da humanidade.

II — O convento considerado como facto histórico

Debaixo do ponto de vista da história, da razão e da verdade, o monaquismo é condenado.

Os mosteiros, quando abundam num país, são tropeços que impedem a circulação, estabelecimentos que servem de embaraço, centros de preguiça onde se necessitam centros de trabalho. As comunidades monásticas são para a grande comunidade social o que o agárico é para o carvalho, o que para o corpo humano é a verruga. A sua prosperidade e nutrição são o empobrecimento do país. O regime monacal, bom no começo das civilizações, útil para produzir a redução da brutalidade pelo espiritual, é mau na virilidade dos povos. Além disto, quando ele se relaxa e entra no período do seu desregramento, como continua a dar o exemplo, torna-se mau por todas as razões que o faziam salutar no período da sua pureza.

O tempo das instituições monásticas passou. Os claustros úteis na primeira educação da civilização moderna, impediram-na na sua crescença e são nocivos ao seu desenvolvimento. Como instituição e modo de formação para o homem, os mosteiros, bons no século X, discutíveis no século XV, são detestáveis no século XIX.

A lepra monacal roeu até quase ao esqueleto duas nações admiráveis, a Itália e a Espanha, uma a luz, outra o esplendor da Europa por alguns séculos, e presentemente esses dois ilustres povos principiam a sarar, mas é em

virtude da salutar e vigorosa higiene de 1789.

O convento, o antigo convento de freiras, tal como ainda no princípio deste século aparece na Itália, na Áustria e na Espanha, é uma das mais sombrias incrustações da Idade Média. O claustro de que falamos, é o ponto de intersecção dos terrores. O claustro católico propriamente dito é todo cheio da negra irradiação da morte.

Sobre todos, porém, o mais fúnebre é o convento espanhol. Debaixo de abóbadas repletas de trevas, prenhes de escuridão, sob zimbórios vagos pela muita sombra, erguem-se maciços altares babélicos da altura de catedrais; pendem de cadeias no meio das trevas imensos crucifixos brancos; ostentam-se nus sobre o ébano grandes Cristos de marfim, mais do que ensanguentados, vertendo sangue, medonhos e magníficos, com os ossos dos cotovelos à vista, com os tegumentos das rodelas dos joelhos dilacerados, com as carnes rasgadas em profundas chagas, coroados de espinhos de prata, pregados com cravos de ouro, com gotas de sangue de rubis na fronte e lágrimas de diamantes nos olhos. Os diamantes e os rubis parecem molhados e fazem chorar em baixo, nas sombras, criaturas cobertas com véus que trazem os rins pisados do cilício e das disciplinas com pontas de ferro, os seios esmagados por corseletes de vimes, os joelhos esfolados à força de rezar; mulheres que se julgam esposas; espectros que se julgam serafins. Acaso pensam estas mulheres? Não. Acaso têm vontade? Não. Acaso amam? Não. Acaso vivem? Não. Os nervos tornaram-se-lhes ossos; os ossos tornaram-se-lhes pedras. O seu véu é um tecido de sombras. O seu hálito por baixo do véu assemelha-se a não sei que trágica respiração da morte. A abadessa, uma larva, santifica-as e terrifica-as. São imaculadas, mas intratáveis. Eis o que são os antigos mosteiros de Espanha. Covis da devoção terrível, antros de virgens, lugares ferozes.

A Espanha católica ainda era mais romana do que a própria Roma. O convento espanhol era o convento católico por excelência. Ninguém diria senão que estava no Oriente. O arcebispo era como um Kislaraga do céu, que aferrolhava e espiava aquele serralho de almas reservado para Deus. A monja era a odalisca, o eunuco o padre. As abrasadas eram escolhidas em sonhos e possuíam Cristo. De noite descia da cruz o belo mancebo nu e tornava-se o êxtase da cela. Muros elevados guardavam de qualquer distracção viva a sultana mística, que tinha o Crucificado por sultão. Um olhar estranho era uma infidelidade. O *in pace* substituía o saco de couro.

O que no Oriente se lançava ao mar, no Ocidente lançava-se à terra. Em ambas as partes havia mulheres debatendo-se; para umas a vaga, para outras a cova; lá as afogadas, cá as enterradas. Monstruoso paralelo!

Hoje os defensores do passado, como não podem negar estas coisas, sorriem.

Está em moda uma estranha, mas cómoda maneira de suprimir as revelações da história, invalidar os comentários da filosofia e elidir todos os factos molestos e todas as questões escuras. Declamações, repetem os parvos. Jean Jacques, declamador; Diderot, declamador; Voltaire a respeito de Calas, Labarre e Sirven, declamador. Não sei quem ultimamente descobriu que Tácito era um declamador, que Nero era uma vítima, e que decididamente se devia a gente compadecer «daquela pobre Holofernes».

Os factos, porém, são pertinazes e difíceis de destruir.

O autor deste livro viu com os seus olhos, na abadia de Villers, a oito léguas de Bruxelas (coisas da Idade-Média que todos têm à mão), no meio do prado que serviu de pátio do claustro, o alçapão das masmorras em que quem entrava morria, e na margem do Dyle quatro calabouços de pedra, meios metidos no chão, meios debaixo de água. Eram quatro in pace. Em cada calabouço destes vêem-se restos de uma porta de ferro, uma latrina e uma trapeira gradeada, que por fora fica a dois pés acima da água e por dentro a seis pés abaixo do solo. Ao longo da parede correm exteriormente quatro pés de água. O chão está sempre molhado. Esta terra húmida era o leito do habitante do *in pace*. Num dos calabouços vê-se um pedaço de uma golilha chumbada na parede; noutro uma espécie de caixão quadrado, formado de quatro lâminas de granito, demasiado curtas para caber nele uma pessoa deitada, demasiado baixas para a conter de pé. Pois metiam dentro uma criatura, com uma tampa de pedra por cima.

Existe isto. Vê-se. Toca-se. Que declamadores aqueles *in pace*, aqueles calabouços, aqueles gonzos de ferro, aquelas golilhas, aquela elevada trapeira, ao nível da qual corre a água do rio, aquele caixão de pedra fechado com uma tampa de granito, como um túmulo, com a diferença de que o morto ali era um vivo, aquele solo húmido, ou antes, grossa camada de lodo, aquelas latrinas de que ainda hoje se vêem os buracos!

III — Sob que condição se pode respeitar o passado

O monaquismo, do modo que existia na Espanha e existe ainda no Tibete, é uma espécie de tísica para a civilização. Suspende rápido a acção vital do corpo social.

Despovoa de um modo simples. Claustração, castração. Foi um flagelo para a Europa.

Acrescentai a isto a violência, tão frequentes vezes feita à consciência, as vocações forçadas, a feudalidade que se apoiava no claustro, a primogenitura que vertia no monaquismo o excesso da família, as ferocidades de que

acabamos de falar, os *in pace*, as bocas fechadas, os cérebros murados, tantas inteligências desditosas metidas no calabouço dos votos, eternos, a profissão, o enterramento das almas vivas. Acrescentai os suplícios individuais às degradações nacionais, e, quem quer que sejais, sentir-vos-eis estremecer em presença da cogula e do véu, duas mortalhas de invenção humana.

Todavia, apesar da filosofia e do progresso, o espírito claustral persiste em pleno século XIX a respeito de certos pontos e em certos lugares, e uma estranha recrudescência espanta nesta ocasião o mundo civilizado. A teima das instituições envelhecidas em quererem perpetuar-se, assemelha-se à obstinação do perfume rançoso que nos reclamasse os cabelos, à pretensão do peixe podre que quisesse ser comido, à perseguição da roupa de criança que quisesse vestir o homem, à ternura dos cadáveres que voltassem a abraçar os vivos.

Ingratos!, diz a roupa. Protegi-vos do mau tempo e não quereis saber de mim!

Porquê? Venho do alto mar, diz o peixe. Fui a rosa, diz o perfume. Eu amei-vos, diz o cadáver. Fui eu que vos civilizei, diz o convento.

A isto uma única resposta: Noutro tempo.

Parece estranho haver quem pense na prolongação indefinida das coisas defuntas e no governo dos homens por embalsamação, quem queira restaurar os dogmas em mau estado, dourar de novo os retábulos, remoçar os claustros, tornar a benzer os relicários, mobilar outra vez as superstições, reabastecer os fanatismos, pôr cabos novos nos hissopes e nas espadas, reconstituir o monaquismo e o militarismo, quem acredite na salvação da sociedade pela multiplicação dos parasitas, quem pretenda impor o passado ao presente. Há teóricos, todavia, que professam estas teorias. O processo desses teóricos, aliás homens de espírito, é simplíssimo; aplicam sobre o passado um esboço a que dão o nome de ordem social, direito divino, moral, família, respeito aos passados, autoridade antiga, tradição santa, legitimidade, religião, e vão gritando: «Vede! Olhai para isto, homens de bem!» Esta lógica também era conhecida dos antigos. Cobriam de greda uma novilha preta e diziam: «É branca, *bos crétatus*».

Enquanto a nós, respeitamos uma ou outra coisa do passado, e poupamo-lo todo, contanto que ele esteja pelo que realmente é, uma coisa morta; pois se quer ser uma coisa viva, nesse caso atacamo-lo e fazemos esforços para o matar.

Superstições, hipocrisia, beatice, prejuízos, todas estas larvas, apesar de larvas, têm apego à vida; têm dentes e unhas no seu fumo; é necessário arcar com elas peito a peito e fazer-lhes a guerra, mas guerra sem tréguas; pois é

uma das fatalidades da humanidade ser condenada a combater eternamente com fantasmas. É sempre difícil agarrar a sombra pela garganta e derribá-la.

Um convento em França, à luz do meio-dia do século XIX, é um colégio de mochos, fazendo frente ao dia. Um claustro, em flagrante delito de ascetismo no meio da pátria dos cidadãos de 89, de 1830 e 1848, Roma dilatando-se por Paris, é um anacronismo. Em tempos normais, para dissolver um anacronismo e fazê-lo desaparecer de todo, basta fazer-lhe soletrar uma data. Porém nós não estamos em tempos normais.

Combatamos, portanto.

Combatamos, mas distingamos. O característico da verdade é não ser nunca excessiva. Que necessidade tem ela de exagerar? Há coisas que é necessário destruir e coisas que devem simplesmente esclarecer-se e olhar-se. Que força não tem o exame benévolo e grave! Não apliquemos a chama onde a luz basta.

Na hipótese, pois, do século XIX somos contrários, em tese geral, às clausuras ascéticas, entre todos os povos, tanto na Ásia como na Europa, tanto na Índia como na Turquia. Quem diz convento, diz pântano. É evidente a sua putrefacção, insalubre a sua estagnação, a sua fermentação dá origem a febre entre os povos, estiolando-os; a sua multiplicação torna-se uma praga do Egipto. Não podemos lembrar-nos sem horror desses países em que os faquires, os bonzos, os santões, os caloiros, os marabutos, os talapões e os dervixes pululam como vermes.

Dito isto, subsiste a questão religiosa. Esta tem certos aspectos misteriosos, quase temíveis; seja-nos lícito, pois, encará-la de frente.

IV — O convento à luz dos princípios

Reúnem-se uns poucos de homens e habitam em comum. Em virtude de que direito? Em virtude do direito de associação.

Encerram-se em sua casa. Em virtude de que direito? Em virtude do direito que todo o homem tem de ter a sua porta aberta ou fechada.

Não saem. Em virtude de que direito? Em virtude do direito que cada um tem de ir para onde lhe aprouver, direito que traz consigo o de se deixar estar em casa.

Lá em casa que fazem?

Falam baixo, baixam os olhos, trabalham. Renunciam ao mundo, às cidades, às sensualidades, aos prazeres, às vaidades, às soberbas, aos interesses. Andam vestidos de grosseira lã. Nem um só de entre eles possui como propriedade o que quer que seja.

Entrando ali, o que era rico, faz-se pobre. O que tem, dá-o a todos. Aquele que no mundo era o que se chama nobre, gentil-homem e senhor, é igual ao

que era aldeão. A cela é idêntica para todos. Todos sofrem a mesma tonsura, trazem a mesma cogula, comem o mesmo pão negro, dormem sobre as mesmas palhas, morrem sobre a mesma cinza. O mesmo saco nas costas, a mesma corda em volta dos rins. Se resolvem andar descalços, andam todos descalços. Haja ali um príncipe, esse príncipe será a mesma sombra que as outras. Não há títulos ali. Até os nomes de família desaparecem. Apenas usam sobrenomes. Todos se curvam sob a igualdade dos nomes de baptismo.

Dissolvem a família carnal para constituir na sua comunidade a família espiritual. Os seus parentes são todos os homens.

Socorrem os pobres, tratam dos doentes. Elegem aqueles a quem obedecem, e quando falam para os outros, dizem:

— Meu irmão.

Vós, porém, fazeis-me parar e gritais-me:

— Isso é o convento ideal!

Basta que seja o convento possível para eu dever fazer menção dele.

Daí vem que no livro precedente falei de um convento em tom respeitoso.

Afastada a meia idade, afastada a Ásia. reservada a questão histórica e política, considerado o convento debaixo do ponto de vista puramente filosófico, fora das necessidades da polémica militante, com a condição de que o mosteiro seja absolutamente voluntário e que os que nele se encerram consintam nisso e em tudo, considerarei sempre a comunidade claustral com certa gravidade atenciosa e a certos respeitos reverente. Onde houver comunidade há comuna e onde houver comuna há direito. O mosteiro é o produto da fórmula: Igualdade, Fraternidade. Oh! Como é grande a liberdade! Que esplêndida transfiguração! Basta a liberdade para transformar o mosteiro em república!

Continuemos.

Mas esses homens ou essas mulheres, encerradas dentro dessas quatro paredes, vestem-se de burel, são iguais, chamam-se irmãos; bem está; mas fazem mais alguma coisa?

Fazem.

O quê?

Olham para a sombra, põem-se de joelhos e erguem as mãos.

Que significa isso?

V — A oração

Fazem a oração.

A quem?

A Deus.

— Que quer dizer a frase: orar a Deus?

Há ou não um infinito fora de nós? É ou não único, imanente, permanente, esse infinito; necessariamente substancial, pois que é infinito, e que, se lhe faltasse a matéria, limitar-se-ia àquilo; necessariamente inteligente, pois que é infinito, e que, se lhe faltasse a inteligência, acabaria ali? Desperta ou não em nós esse infinito a ideia de essência, ao passo que nós não podemos atribuir a nós mesmos senão a ideia de existência?

Por outras palavras, não é ele o absoluto, cujo relativo somos nós?

Ao mesmo tempo que fora de nós há um infinito, não há outro dentro de nós?

Esses dois infinitos (que horroroso plural!) não se sobrepõem um ao outro? Não é o segundo, para assim dizer, subjacente ao primeiro? Não é o seu espelho, o seu reflexo, o seu eco, um abismo concêntrico a outro abismo? Este segundo infinito não é também inteligente? Não pensa? Não ama? Não tem vontade? Se os dois infinitos são inteligentes, cada um deles tem um princípio de vontade sua, há um eu no infinito de cima, do mesmo modo que o há no infinito de baixo, O eu de baixo é a alma; o eu de cima é Deus. Pôr o infinito de baixo em contacto com o infinito de cima, por meio do pensamento, é o que se chama orar.

Não tiremos nada ao espírito humano; é mau suprimir.

Devemos mas é reformar e transformar. Certas faculdades do homem dirigem-se para o Incógnito, o pensamento, a meditação, a oração. O Incógnito é um oceano. Que é a consciência? É a bússola do Incógnito. O pensamento, a meditação, a oração são tudo grandes irradiações misteriosas. Respeitemo-las. Para onde vão essas majestosas irradiações da alma? Para a sombra, quer dizer, para a luz.

A grandeza da democracia consiste em não negar, nem regenerar nada da humanidade. Ao pé do direito do homem, pelo menos ao lado, há o direito da alma.

A lei é esmagar os fanatismos e venerar o infinito. Não nos limitemos a prostrar-nos debaixo da árvore da criação e a contemplar os seus imensos ramos cheios de astros. Temos um dever: trabalhar para a alma humana, defender o mistério contra o milagre, adorar o incompreensível e rejeitar o absurdo, não admitindo em coisas inexplicáveis senão o necessário, tornando sã a crença, tirando as superstições de cima da religião, catando as lagartas a Deus.

VI — Bondade absoluta da oração

Quanto ao modo de orar, todos servem, contanto que sejam sinceros. Voltai o vosso livro do avesso e permanecei no infinito.

Sabemos que há uma filosofia que nega o infinito. Também há uma

filosofia, patologicamente classificada, que nega o sol; chama-se cegueira.

Erigir em fonte de verdade um sentido que nos falta, é arrojo de cego.

O mais curioso são os modos altivos e superiores, o ar de compaixão que toma esta filosofia que palpa, para com a filosofia que vê a Deus. Parece ouvir-se uma toupeira a gritar: «Que gente, que me causa lástima com o seu Sol!»

Sabemos que há ilustres e fortes ateus. Estes, no fundo impelidos para a verdade pela sua mesma força, não têm grande certeza de serem ateus; dá-se com eles apenas uma questão de definição, e em todos os casos, se não crêem em Deus, sendo grandes espíritos, provam ao menos a sua existência.

Saudamos neles os filósofos, qualificando ao mesmo tempo, inexoravelmente, a sua filosofia.

Continuemos, porém.

O mais admirável também é a facilidade com que alguns se contentam com palavras. Julgou uma escola metafísica do norte, algum tanto impregnada de nevoeiro, que tinha feito uma grande revolução no entendimento humano, substituindo a palavra Força pela palavra Vontade.

Dizer: a planta quer, em vez de: a planta cresce, seria, com efeito, uma coisa fecunda, se se acrescentasse: o Universo quer. Porque razão? Porque daria em resultado isto: a planta quer, logo tem um eu; o Universo quer, logo tem um Deus.

Quanto a nós, que, todavia, ao avesso desta escola, não rejeitamos nada à priori, uma vontade na planta como a que esta escola aceita, parece-nos mais difícil de admitir do que uma vontade no Universo, por ela negada.

Negar a vontade do infinito, isto é, negar a Deus, é uma coisa impossível, a não se negar também o infinito. Já o demonstrámos.

A negação do infinito leva-nos direitos ao niilismo. Torna-se tudo «uma concepção do espírito».

Com o niilismo não há discussão possível. Porque o niilismo lógico duvida que o seu interlocutor exista, e nem ele próprio tem grande certeza de que existe.

Debaixo do ponto de vista em que ele toma as coisas é possível que ele próprio não seja para si mesmo mais do que «uma concepção do seu espírito».

Não repara, porém, que tudo o que ele negou admite-o em globo, só com pronunciar esta palavra: Espírito.

Em suma: uma filosofia, que faz terminar tudo no monossílabo. Não, não abre caminho ao pensamento.

Para 'Não' só há uma resposta: Sim.

O niilismo é uma coisa sem alcance.

O nada não existe. O zero não existe. Tudo é alguma coisa. Nada é nada.

O homem ainda vive mais de afirmação do que de pão.

Nem mesmo ver e mostrar basta. A filosofia deve ser uma energia; deve ter por esforço e efeito melhorar o homem. Deve entrar Sócrates em Adão e produzir Marco Aurélio; por outras palavras, fazer sair do homem da felicidade o homem da sabedoria. Mudar o Éden em Liceu. A ciência deve ser um cordial. Se o seu fim, se a sua ambição é só gozar, que triste fim, que deplorável ambição! Ambição brutal! O verdadeiro triunfo da alma consiste em pensar. Estender o pensamento à sede dos homens, dar-lhes a todos, como elixir, a noção de Deus, fazer fraternizar neles a consciência e a ciência, torná-los justos por este misterioso confronto, eis a função da filosofia real. A moral é como um botão fechado que desabrocha em verdades. Contemplar leva a agir.

Deve ser prático o Absoluto. É necessário que o ideal possa ser respirado, comido e bebido pelo espírito humano. O ideal é que tem direito para dizer: «Tomai, isto é a minha carne, isto é o meu sangue». A sabedoria é uma comunhão sagrada. É com essa condição que ela cessa de ser um estéril amor da ciência para se tornar o modo único e soberano da união humana e que de filosofia é promovida a religião.

A filosofia não deve ser uma sacada construída no mistério para o vermos à vontade, sem outro resultado mais do que o de podermos satisfazer a nossa curiosidade sem incómodo.

Pelo que nos toca, limitamo-nos a dizer, adiando para outra ocasião o desenvolvimento do nosso pensamento, que não compreendemos, nem o homem como ponto de partida, nem o progresso como fim, sem estas duas forças que são dois motores: crer e amar. O progresso é o fim, o ideal é o tipo.

Que é o ideal? É Deus.

Ideal, absoluto, perfeição, infinito, são termos idênticos.

VII — Precauções que devem adoptar-se na censura

A história e a filosofia têm deveres eternos, que são ao mesmo tempo deveres simples; combater Caifás bispo, Draco juiz, Trimalquião legislador, Tibério imperador; é uma coisa clara, direita e límpida, que não oferece escuridão nenhuma. O direito, porém, de viver à parte, mesmo com os seus inconvenientes e abusos, quer ser provado e poupado. O cenobitismo é um problema humano.

Quando se trata dos conventos, desses lugares de erro mas de inocência, de desvairamentos mas de boa vontade, de ignorância mas de dedicação, de suplício mas de martírio, é necessário quase sempre dizer sim ou não.

Um convento é uma contradição. Por fim, a salvação; por meio, o sacrifício.

O convento é supremo egoísmo com a abnegação suprema por resultado.

A divisa do monaquismo parece ser esta: abdicar para reinar.

No claustro sofre-se para gozar. Saca-se uma letra de câmbio sobre a morte, descontando-se em escuridão terrestre a luz celeste. No claustro aceita-se o inferno como adiantamento de herança sobre o paraíso.

A profissão de um frade ou de uma freira é um suicídio pago com a eternidade.

Parece-nos impróprio de semelhante assunto o gracejo, porque tudo nele é digno de seriedade, tanto o bem como o mal.

O homem justo encrespa o sobrolho, mas nunca sorri com sorriso de maldade. A cólera compreendemo-la, a malignidade não.

VIII — Fé a lei

Mais algumas palavras.

Nós censuramos a igreja quando a intriga a satura; desprezamos o espiritual, áspero para com o temporal; porém em toda a parte respeitamos o homem que se entrega à meditação, em toda a parte saudamos o que vemos de joelhos.

A fé é uma necessidade para o homem. Infeliz do que nada crê!

Não se segue que, por qualquer estar absorvido, esteja ocioso. Há o labor visível e o labor invisível.

Contemplar é laborar; pensar é obrar. Trabalha-se de braços cruzados, faz-se serviço de mãos erguidas.

Olhar para o céu é uma obra.

Tales esteve quatro anos imóvel e foi o fundador da filosofia.

Para nós nem os cenobitas são ociosos, nem os solitários vadios.

Pensar na treva é uma coisa séria.

Sem nada invalidar do que atrás dissemos, julgamos que aos vivos convém uma perpétua lembrança do túmulo. Neste ponto estão de acordo o padre e o filósofo. É necessário morrer. A Horácio serve de réplica o abade da Trapa.

Entremear a vida de certa presença do sepulcro é a lei do asceta. A este respeito, sábio e asceta, ambos convergem.

Gostamos do engrandecimento moral, assim como queremos o aumento material.

Dizem os espíritos irreflectidos e rápidos:

— De que servem e que fazem essas figuras imóveis da parte do mistério?

Ah! Em presença da escuridão que nos cerca e nos espera, sem sabermos o que de nós fará a dispersão imensa, respondemos:

— Não há obra, talvez, mais sublime do que aquela em que se empregam essas almas. — E acrescentamos: — Talvez não haja trabalho mais útil.

Bem precisos são aos que nunca rezam os que estão sempre a rezar.

Para nós toda a questão está na quantidade de pensamento que se mistura com a oração.

É grande ver Leibnitz orando; belo ver Voltaire adorando. *Deo erexit Voltaire*.

Somos pela religião contra as religiões.

Somos dos que crêem na miséria dos discursos e na sublimidade da oração.

Neste instante, porém, que vamos atravessando, instante que, felizmente, não deixará ao século XIX a sua figura, a esta hora em que tantos homens andam de fronte curvada e trazem a alma tão pouco elevada, entre tantos vivos, cuja moral é gozar, e que só se ocupam com as coisas breves e disformes da matéria, parece-nos venerável todo o que se exila. O mosteiro é uma renúncia. O sacrifício em falso nem por isso é menos sacrifício. Há tal ou qual grandeza em tomar por dever um erro severo.

Tomado em si e idealmente (para girarmos em roda da verdade até à revista imparcial de todos os aspectos), o mosteiro, e especialmente o convento de freiras, pois na nossa sociedade a mulher é a que mais sofre, e esse exílio do claustro é um como protesto, o convento de freiras, dizemos, tem incontestavelmente certa majestade.

Essa existência claustral, tão austera e melancólica, de que atrás indicámos alguns lineamentos, não é a vida, porque não é a liberdade; não é o túmulo, porque não é a plenitude; é o estranho lugar de onde, como do pináculo de uma elevada montanha, se descobre de um lado o abismo em que estamos, do outro o abismo em que havemos de estar; é uma fronteira estreita enevoada que separa dois mundos, por ambos alumiada e escurecida ao mesmo tempo, e em que o enfraquecido raio da vida se mistura com o raio vago da morte; é a penumbra do túmulo.

Quanto a nós, que não cremos o que crêem essas mulheres, mas que, como elas, vivemos pela fé, nunca pudemos considerar sem uma espécie de terror religioso e terno, sem uma espécie de piedade cheia de inveja, essas criaturas dedicadas, trémulas e crentes, essas almas humildes e augustas que ousam viver mesmo à beira do mistério, esperando entre o mundo que se fechou e o céu que não se abre, voltadas para a claridade, que se não vê, só com a ventura de julgarem que sabem onde ela está, aspirando ao abismo e ao incógnito com os olhos fixos na escuridão imóvel, ajoelhadas, desvairadas, estupefactas, assustadas, soerguidas a certas horas pelos sopros profundos da eternidade.

LIVRO OITAVO — OS CEMITÉRIOS ACEITAM O QUE LHES DÃO

I — Onde se trata do modo de entrar no convento

Foi naquele convento que Jean Valjean, como dissera Fauchelevent, «caíra do céu».

Saltara pelo muro que formava o ângulo para a rua Polonceau. O hino de anjos que ouvira no meio do silêncio da noite eram as religiosas entoando matinas; a sala que entre vira na escuridão era a capela; o fantasma que vira estendido no lajedo era a irmã «fazendo a reparação»; o tinir que tão estranhamente o surpreendera, era o guizo do jardineiro, o guizo que Fauchelevent trazia preso ao joelho.

Depois de Cosette deitada, tinham Jean Valjean e Fauchelevent, como se viu, ceado um copo de vinho e um bocado de queijo, junto dum bom lume; em seguida, estando a única cama que havia na barraca ocupada por Cosette, tinha-se deitado cada um num feixe de palha. Jean Valjean dissera antes de fechar os olhos:

— Agora preciso ficar aqui.

Estas palavras tinham-se agitado toda a noite no cérebro de Fauchelevent.

Para falar verdade, nem um nem outro dormiram.

Jean Valjean sentindo-se descoberto e com Javert na pista, compreendeu logo que tanto ele como Cosette estavam perdidos, se tornassem a entrar em Paris. Uma vez que a nova rajada de vento que soprara sobre ele, o fizera encalhar naquele claustro, já não tinha outro pensamento que não fosse o de ali ficar. Ora, para um desgraçado na sua posição, aquele convento era, ao mesmo tempo, o lugar mais perigoso e o mais seguro; mais perigoso, porque não podendo ali penetrar homem algum, a descoberta dele era um flagrante delito, e Jean Valjean não dava mais que um passo do convento para a cadeia; e mais seguro, porque conseguido que o aceitassem e deixassem lá permanecer, quem o iria buscar? Habitar num lugar em que fosse impossível estar, era a salvação.

Fauchelevent, pela sua parte, dava voltas ao miolo. Começara por declarar a si mesmo que não percebia nada. Como era que o senhor Madelaine ali se achava apesar daqueles muros? Muros de claustro não se saltam. Como se achava ali com uma criança? Não se escala um muro com uma criança nos braços. Quem era aquela criança? Donde tinham vindo ambos? Desde que Fauchelevent entrara no convento, nunca mais ouvira falar em Montreuil-sur-mer, portanto não tinha a mínima ideia do que ali se passara. O senhor Madelaine tinha um aspecto que não animava a fazer perguntas; e depois Fauchelevent dizia consigo: «A um santo não se pergunta nada».

Madelaine conservara para ele todo o seu prestígio. Só por algumas palavras que escapavam a Jean Valjean, julgou o jardineiro dever concluir que o senhor Madelaine tinha talvez quebrado em consequência dos tempos correrem maus, e que era perseguido pelos credores; ou que se comprometera em algum negócio político, e que por isso se ocultava, o que não desagradou a Fauchelevent, o qual, como muitos camponeses do norte da França, tinha um grande fundo bonapartista. Madelaine querendo esconder-se tomara o convento por asilo; era portanto simples que ali quisesse ficar. Mas o ponto inexplicável de que Fauchelevent se não esquecia e com que quebrava a cabeça, era que Madelaine ali estivesse, e de mais a mais com aquela criança. Fauchelevent via-os, tocava-lhes, falava-lhes e não o podia crer. O incompreensível acabava de entrar na choupana do jardineiro. Fauchelevent andava às apalpadelas, mas não via senão isto.

O senhor Madelaine salvou-me a vida. Esta única certeza era-lhe bastante, e foi o que o resolveu. Disse consigo: «Toca-me agora a minha vez»; e acrescentou na consciência:

«O senhor Madelaine não levou tanto tempo a pensar, quando viu que era preciso meter-se debaixo da carroça para me livrar do seu peso». Decidiu portanto que salvaria o senhor Madelaine. Dirigiu pois a si mesmo diversas perguntas e deu diversas respostas: «Depois do que fez por mim, se fosse um ladrão salvá-lo-ia? Do mesmo modo. Salvá-lo-ia se fosse um assassino? Não tem que ver. Salvá-lo-ei, sendo um santo como é? Custe o que custar.

Mas fazer com que ficasse no convento, que problema! Fauchelevent, na presença desta tentativa quase quimérica, não recuou; o pobre camponês picardo, sem outra escada além da sua dedicação, da sua boa vontade, e com alguma dessa pouca figura campesina, posta, desta vez, ao serviço de uma intenção generosa, empreendeu escalar as dificuldades do claustro e as rudes escarpas da ordem de S. Bento. O senhor Fauchelevent era um velho que toda a sua vida fora egoísta, e que no termo dos seus dias, coxo, doente, não tendo no mundo o menor interesse, achou doçura em ser reconhecido; e vendo que havia a praticar uma acção virtuosa, lançou-se a ela, como o homem que, próximo a deixar a vida, achasse ao alcance da mão um copo de bom vinho que nunca houvesse provado e o bebesse avidamente. Pode acrescentar-se que o ar que respirava havia anos, naquele convento, lhe destruíra a personalidade, acabando por lhe tornar necessária a prática de uma boa acção.

Tomou, pois, uma resolução: dedicar-se a Madelaine.

Acabamos de o qualificar de pobre camponês picardo. A qualificação é justa, mas incompleta. No ponto em que nos achamos desta história, tornam-

se úteis alguns traços fisiológicos do senhor Fauchelevent. Era camponês, mas fora tabelião, o que lhe juntara à finura a chicana e a penetração à sinceridade. Tendo por causas diversas saído mal dos seus negócios de tabelião, caíra em carroceiro e trabalhador. Mas, a despeito das pragas e das chicotadas, necessárias aos cavalos, parece que conservara ainda o que quer que era de tabelião.

Tinha certo talento natural; não dizia eu temos nem eu sabemos; conversava, coisa rara na aldeia, e os outros camponeses diziam dele: fala suavemente como um senhor fidalgo. Fauchelevent pertenceu com efeito, à espécie que o impertinente e ligeiro vocabulário do século passado qualificava de: meio burguês meio rústico; a que as metáforas, caindo do palácio na choupana, apelidavam um pouco cidadão: sal e pimenta. Fauchelevent, ainda que muito experimentado e usado pela sorte, espécie de pobre velha alma já no fio, era todavia homem de primeiras impressões, e muito espontâneo; qualidade preciosa que sempre impede que se seja mau.

Os seus defeitos e vícios, que os tinha tido, não passaram da superfície; em suma, a sua fisionomia era das que são bem aceitas pelo observador. Aquele velho rosto não tinha nenhuma das desgraçadas rugas da testa que significam maldade ou estupidez.

Ao romper do dia, depois de haver sonhado extraordinariamente, Fauchelevent abriu os olhos e viu Madelaine sentado no feixe de palha, contemplando Cosette adormecida. Fauchelevent sentou-se também e disse:

— Agora que está aqui, como foi que entrou?

Estas palavras resumiram o facto e despertaram Jean Valjean da sua meditação.

Os dois homens celebraram conselho.

— Em primeiro lugar — disse Fauchelevent o senhor há-de começar por não pôr o pé fora desta barraca, nem tão-pouco a pequenita. Um passo na cerca pode deitar tudo a perder.

— É justo.

— Senhor Madelaine — tornou Fauchelevent — o senhor chegou em muito boa ocasião, quero dizer muito má: uma destas senhoras está gravemente doente, o que fará com que olhem pouco cá para o nosso lado. Parece que não escapa, porque estão fazendo as preces das quarenta horas. Anda toda a comunidade no ar. Isto dá-lhe que fazer. A que está próxima a deixar-nos é uma santa. A falar verdade, nós aqui todos somos santos; a diferença entre elas e eu, é que elas dizem: a nossa cela, e eu digo: a minha choupana; haverá a oração dos agonizantes, e depois a oração pelos mortos. Por hoje estaremos tranquilos aqui; mas pelo meio-dia de amanhã não respondo.

— Contudo — observou Jean Valjean — esta barraca está oculta pelas ruínas e pelas árvores; não se vê do convento.

— E eu acrescento que as religiosas nunca se lhe aproximam.

— E então? — disse Jean Valjean.

O ponto de interrogação que acentuava este então, significava: Parece-me que se pode estar aqui oculto. Foi no ponto de interrogação que Fauchelevent respondeu.

— Mas há as pequenas.

— Quais pequenas? — tornou Jean Valjean.

Quando Fauchelevent abrira a boca para responder, explicando as suas palavras, ouviu-se o toque duma sineta.

— Morreu a religiosa — disse ele. — Aí estão dobrando.

E fez sinal a Jean Valjean para que escutasse.

A sineta deu segunda badalada.

— É o dobre, senhor Madelaine. A sineta continuará por vinte e quatro horas dando aquelas badaladas, de minuto a minuto, até que o corpo saia da igreja. Mas o senhor bem sabe, as crianças nunca param quietas. Nas horas de recreio vêm brincar para a cerca e basta que se desencaminhe alguma pela para que elas, apesar das proibições, venham para este lado procurá-las e comecem por aí a sarilhar por uma banda e por outra, revistando e mexendo em tudo. São uns diabos aqueles querubins.

— Quem? — perguntou Jean Valjean.

— As pequenas. Era um instante enquanto aqui vinham dar consigo e logo gritariam: Olhem um homem! Mas hoje não há perigo. Não haverá recreio. O dia irá todo em orações. Ouve a sineta? É o que eu lhe disse, uma badalada cada minuto. É o dobre.

E Jean Valjean disse consigo: «E teria achado a educação de Cosette».

Fauchelevent exclamou:

— Com a fortuna! Um bando de pequeninas, que fariam grande gritaria à roda do senhor e que em seguida fugiriam todas! Ser homem neste lugar é o mesmo que estar empestado. Bem vê que me atam um guizo a uma perna, como se eu fosse um animal bravio.

Jean Valjean cada vez meditava mais profundamente. «Este convento salvar-nos-ia», murmurou ele.

Depois, levantando a voz:

— A grande dificuldade está em poder ficar.

— Nada — disse Fauchelevent — a grande dificuldade está em poder sair.

Jean Valjean sentiu o sangue refluir-lhe ao coração.

— Sair!

— Sim, senhor Madelaine; para tornar a entrar é preciso que tenha saído.

E depois de deixar passar o ruído duma badalada do dobre, Fauchelevent prosseguiu:

— Não é possível que o encontrem aqui deste modo. De onde veio o senhor? Cá para mim caiu do céu, porque o conheço; mas para as religiosas é preciso que entre pela porta.

De repente, ouviu-se o dobre acrescentado com o som doutra sineta.

— Aí está! — disse Fauchelevent — tocam as madres vocais. Vão para o capítulo quando alguma morre. Esta morreu ao amanhecer; é quase sempre ao amanhecer que se morre. Mas o senhor não poderia sair por onde entrou? Ora vejamos, isto é curiosidade, por onde foi que entrou?

Jean Valjean empalideceu; só a ideia de tornar a encontrar-se na temível rua o fazia estremecer. Saí de uma floresta infestada de tigres, e uma vez fora, imaginai um amigo aconselhando-vos para que torneis a entrar nela. Jean Valjean supunha ainda toda a polícia acumulada no bairro, parecia-lhe ver os agentes em observação, sentinelas por todos os cantos, medonhos punhos pretendendo agarrá-lo pelo pescoço, e talvez Javert à esquina da rua.

— É impossível! — disse ele. — Senhor Fauchelevent, diga que caí do céu.

— Eu cá por mim acredito — retorquiu Fauchelevent — não precisa dizer-me. Deus pegou-lhe talvez pela mão para o ver de mais perto, e deixou-o em seguida cair. Mas enganou-se; o que Ele queria decerto era deixá-lo cair num convento de homens. Olhe, ainda outro toque. Este é para dizer ao porteiro que vá prevenir a municipalidade para que mande avisar o médico dos mortos., o qual deve vir certificar-se de que morreu aqui uma pessoa. Tudo isto são as cerimónias da morte. As pobres freiras nem por isso gostam desta visita, porque, enfim, um médico é um homem que não acredita em nada. Elevem, levanta o véu, às vezes levanta também outra coisa. Mas como desta vez mandaram avisar o médico depressa! Que demónio haverá lá? A sua pequena ainda dorme? Como se chama ela?

— Cosette.

— É sua filha, quero dizer, é sua neta?

— É.

— Lá para ela sair daqui, isso é fácil. A porta por onde eu entro e saio, deita para o pátio. Chego, bato, o porteiro abre e eu saio com o meu cesto às costas e a pequena dentro. Não tem nada; é o senhor Fauchelevent que sai com o seu cesto. Mas o senhor há-de dizer à pequena para ela estar muito quieta. Deste modo e com a tampa por cima, ninguém é capaz de adivinhar o que lá vai dentro. Depois levo-a para casa de uma fruteira minha amiga, que mora na rua do Caminho Verde. É velha e surda, mas muito boa mulher. Lá fica a

pequena bem, porque ela tem uma caminha muito arranjada. Para ela não desconfiar, grito-lhe aos ouvidos que é uma sobrinha minha e que, portanto, ma guarde até ao outro dia. Depois a pequena há-de entrar consigo, pois eu hei-de fazê-lo entrar, isso é que não tem remédio. Mas para sair, para sair, como há-de o senhor arranjar?

Jean Valjean abanou a cabeça.

— Senhor Fauchelevent, o ponto está em que ninguém me veja. Veja se arranja a que eu saia também, como Cosette, dentro de um cesto com uma tampa por cima.

Fauchelevent, porém, em vez de responder, coçava a ponta da orelha com o dedo médio da mão esquerda, sinal de sério embaraço, a que um terceiro toque veio fazer diversão.

— Lá se vai embora o médico dos defuntos — disse Fauchelevent. — O médico chega, olha e depois diz: «Está bom; está morta». Depois que o médico visa o passaporte para o outro mundo, o armador manda um caixão. Se é alguma madre, são as madres que a metem dentro; se é soror, são as sorores. Depois quem prega sou eu. Esta tarefa também faz parte cá da minha jardinagem. Um jardineiro também é meio coveiro. O caixão leva-se para uma sala inferior da igreja que comunica para a rua e onde não pode entrar mais homem nenhum senão o médico dos defuntos. Eu por homens não me conto, a mim nem aos gatos-pingados. Nessa sala é onde eu prego o caixão. Depois vêm os gatos-pingados buscá-lo, e toca para diante, cocheiro! Como se vai para o céu assim. Trazem um carro vazio, levam-no com alguma coisa dentro. Aqui está como é um enterro. *De profundis*.

Jean Valjean, sem dar atenção ao que Fauchelevent dizia, pusera-se outra vez a contemplar Cosette, que dormia ainda, com o rosto iluminado por um raio de sol horizontal e a boca vagamente entreaberta, semelhando um anjo a beber luz.

Não ser escutado não é motivo para qualquer se calar. O honrado jardineiro continuava, pois, sossegadamente a sua ladainha.

— O lugar onde as enterram é no cemitério de Vaugirard. Dizem que vão suprimir o tal cemitério de Vaugirard. É um cemitério antigo, fora dos regulamentos e sem uniforme, que vai ser aposentado. É pena, porque era cómodo. O coveiro de lá, o senhor Mestienne, é um amigo meu. Cá as freiras têm o privilégio de serem levadas para o tal cemitério ao fechar da noite. Há uma ordem expressa da prefeitura que lhes concede isso. Mas que infinidade de coisas acontecidas desde ontem para cá! A madre Crucificação morta, o senhor Madelaine...

— Enterrado! — atalhou Jean Valjean tristemente.

Fauchelevent mudou o sentido a estas palavras:

— Ora essa! Se estivesse aqui de todo, então, sim, então podia dizer que estava enterrado.

Soou novo toque. Fauchelevent tirou rapidamente do prego a joelheira do chocalho e atou-a ao joelho.

— Agora é por mim. É a madre prioresa que quer falar comigo. Mau, que me piquei nos dentes da fivela! Senhor Madelaine, espere aqui por mim, mas não se mexa.

Nós temos novidade. Se tiver vontade de comer, acolá está o vinho, o pão e o queijo.

E saiu da casinhola gritando:

— Eu lá vou, eu lá vou!

Jean Valjean viu-o deitar a correr pelo jardim com a maior rapidez que a sua perna coxa lhe permitia e lançando de passagem um olhar para o seu meloal. Daí a menos de dez minutos, o senhor Fauchelevent, cujo chocalho afugentava as religiosas por onde ele passava, batia ao de leve a uma porta e uma voz agradável respondia: Para sempre, Para sempre, o que queria dizer: Pode entrar.

A porta a que ele batia era a do locutório reservado ao jardineiro para as necessidades do serviço. Este locutório ficava contíguo à sala do capítulo. Sentada na única cadeira que havia no locutório, estava a prioresa à sua espera.

II — Fauchelevent na presença da dificuldade

É próprio de certos caracteres e de certas profissões, principalmente dos padres e dos religiosos, ter um ar agitado e grave nas circunstâncias críticas. Na ocasião em que Fauchelevent entrou, via-se esta dupla forma da preocupação no rosto da prioresa, que era a agradável e instruída Mademoiselle de Blemeur, madre Inocência, de ordinário tão jovial.

O jardineiro fez uma saudação receosa e ficou no limiar da cela. A prioresa, que estava passando uma a uma as contas do seu rosário, ao dar por ele, ergueu a cabeça e disse:

— Ah! É você, senhor Fauvent.

No convento tinha sido adoptada esta abreviatura.

Fauchelevent fez nova saudação.

— Eu mandei-o chamar, senhor Fauvent...

— Aqui estou, reverenda Madre.

— Porque tenho que lhe dizer.

— E eu — disse Fauchelevent com uma audácia de que ele interiormente tinha medo — também tenho uma coisa para dizer a vossa reverendíssima.

A prioresa fitou os olhos nele.

— Ah! Você tem alguma comunicação a fazer-me?

— Uma súplica.

— Bem, então diga lá.

O ex-tabelião Fauchelevent pertencia à categoria dos camponeses dotados de certa audácia. Uma tal ou qual ignorância hábil é uma força: como se não desconfia dela, alcança sempre o seu fim. Fauchelevent habitava no convento havia pouco mais de dois anos e obtivera as boas graças de toda a comunidade. Sempre solitário e entregue aos seus trabalhos de horticultura, não tinha outra coisa a fazer além de ser curioso. Distante como estava de todas aquelas mulheres veladas, girando de um para outro lado, não via diante de si uma agitação de sombras. A força de atenção e de penetração, chegara a restituir a carne a todos aqueles fantasmas, de sorte que aquelas mortas viviam para ele. Era como um surdo, cuja vista adquire maior alcance, ou como um cego cujo ouvido se torna extremamente agudo. Aplicara-se a distinguir o som dos diferentes toques, e conseguira-o: de modo que aquele claustro enigmático e taciturno não tinha nada oculto para ele; aquela esfinge dizia-lhe ao ouvido todos os seus segredos. Sabendo tudo, fingia não saber coisa alguma. Era esta a sua arte. Todo o convento o julgava estúpido, o que em religião é um grande mérito. Às madres vocais faziam muito caso de Fauchelevent. Era um curioso mudo, inspirava confiança. Além disto tinha uma vida muito regular; não saía nunca senão por alguma reconhecida necessidade do jardim ou da horta. A discrição deste procedimento era-lhe levada em conta. Mas apesar disto não deixava ele de puxar pela língua a dois homens; no convento, ao porteiro, que sabia as particularidades do locutório; no cemitério, ao coveiro, por cuja intervenção conhecia as particularidades da sepultura; deste modo, tinha, em relação às religiosas, dupla luz que lhe iluminava a vida e a morte. Mas não abusava nunca. A congregação tinha por ele todo o interesse. Velho, coxo, não vendo nunca coisa nenhuma, um tanto surdo; que excelentes qualidades! Dificilmente o substituiriam.

O bom do homem, com o desafogo de quem se sente apreciado, encetou, em presença da prioresa, uma arenga campesina, muito difusa e extremamente profunda.

Falou por muito tempo da sua idade e enfermidades, do aumento dos anos, que já tinha de contar pelo dobro, das crescentes exigências do trabalho, da grandeza da cerca, das noites que tinha de passar ao relento, como ainda lhe sucedera na última, em que fora preciso cobrir o meloal com esteiras, por causa da Lua, concluindo por dizer que tinha um irmão (a prioresa fez um movimento) um irmão, já nada moço(segundo movimento da prioresa, mas

revelando mais tranquilidade) que, se lhe dessem licença, poderia aquele irmão ir viver na sua companhia, podendo assim ajudá-lo, porque era excelente hortelão, que a comunidade teria no irmão um excelente servo, talvez melhor do que ele; que, doutro modo, se lhe não admitissem seu irmão mais velho, como se sentia sem forças e insuficiente para o trabalho, ver-se-ia obrigado, ainda que com bastante pena, a retirar-se; e que seu irmão tinha uma neta que levaria consigo, que se educaria religiosamente em tão santa casa; e que talvez, quem poderia adivinhar?, viesse um dia a ser religiosa.

Quando o jardineiro acabou de falar, a prioresa interrompeu a passagem das contas por entre os dedos e disse-lhe:

— Poderá você, daqui até à noite, obter uma barra de ferro bem grossa?

— Para que fim, reverenda madre?

— Para servir de alavanca.

— Arranjar-se-á — respondeu Fauchelevent.

A prioresa não acrescentou nem mais uma palavra, levantou-se e entrou na casa próxima, que era a sala do capítulo, onde se achavam reunidas as madres.

Fauchelevent ficou só.

III — Madre Inocência

Decorrido um quarto de hora, pouco mais ou menos, a prioresa tornou a entrar e veio sentar-se outra vez na cadeira.

— Senhor Fauvent?

— Reverenda Madre.

— Conhece a capela?

— Eu tenho lá um lugar de onde oiço missa e assisto aos ofícios.

— Já entrou alguma vez no coro?

— Uma ou duas vezes.

— Pois trata-se de erguer uma pedra.

— Pesada?

— A laje do pavimento que fica ao lado do altar.

— A pedra que fecha o carneiro?

— Sim.

— Para isso era preciso ter a força de dois homens.

— Ajuda-o a madre Ascensão, que tem tanta força como um homem.

— Ora! Uma mulher nunca é um homem!

— Mas nós para o ajudar não temos senão uma mulher. Cada qual dá o que tem. Lá porque D. Mabillon dá quatrocentas e dezassete epístolas de S. Bernardo e que Merlonus Horstius dá só trezentas e sessenta e sete, eu não desprezo Merlonus Horstius.

— Nem eu tão-pouco.
— O merecimento está em cada um fazer aquilo que pode. Um claustro não é um estaleiro.
— Nem uma mulher é um homem. Meu irmão é que é muito forte!
— Você levará uma alavanca.
— É a única chave que serve em semelhantes portas.
— A pedra tem uma argola.
— Por onde passarei a alavanca.
— E a pedra está disposta de modo que gira sobre si.
— Está bem, reverenda madre. Esteja vossa reverendíssima descansada de que hei-de abrir o carneiro.
— Hão-de ajudá-lo as quatro madres cantoras para o que for preciso.
— E quando o carneiro estiver aberto?
— Deve-se tornar a fechá-lo
— Mais nada?
— Não.
— Dê-me as suas ordens, reverenda madre.
— Fauvent, olhe que nós temos confiança em si.
— Eu estou aqui para tudo o que for preciso.
— E para não dizer nada.
— Sim, reverenda madre.
— Quando o carneiro estiver aberto...
— Fechá-lo-ei.
— Mas antes disso...
— O quê, reverenda madre?
— Será necessário depositar nele alguma coisa.
Seguiu-se um momento de silêncio. A prioresa, depois de estender o lábio inferior, o que indicava hesitação, continuou:
— Senhor Fauvent?
— Reverenda madre.
— Sabe que morreu esta manhã uma madre?
— Não sabia.
— Não ouviu o dobre?
— Lá no fim da cerca não se ouve nada.
— Deveras?
— Sabe Deus o que me custa a ouvir o toque que me diz respeito.
— Pois morreu ao amanhecer.
— E depois esta manhã não soprava o vento lá para o meu lado.
— Foi a madre Crucificação. Uma bem-aventurada.

A prioresa calou-se, moveu por um instante os lábios como em oração mental, e prosseguiu:

— Há três anos que a senhora de Bethune, uma jansenista, se tornou ortodoxa, só por ver orar a madre Crucificação.

— É verdade, reverenda madre; agora é que oiço o dobre.

— As madres levaram-na para a casa mortuária que dá para a igreja.

— Bem sei onde é.

— Nenhum outro homem além de você pode ou deve entrar naquela casa. Teria que ver a entrada de um homem na câmara das defuntas!

— A maior parte das vezes!

— Heim?

— A maior parte das vezes!

— Que está dizendo?

— Eu digo, a maior parte das vezes.

— A maior parte das vezes o quê?

— Reverenda madre, eu não disse a maior parte das vezes o quê: eu disse, a maior parte das vezes!

— Não o percebo. Porque disse a maior parte das vezes?

— Por dizer como a reverenda madre.

— Mas eu não disse a maior parte das vezes.

— A reverenda madre não disse, eu é que disse para dizer como a reverenda madre.

Neste momento soaram nove horas.

— Às nove horas da manhã e a todas as horas bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar! — disse a prioresa.

— Ámen! — acrescentou Fauchelevent.

As horas soaram em muito boa ocasião, porque acabaram com «a maior parte das vezes». É provável que se não fossem elas nunca a prioresa e Fauchelevent se tirariam daquela meada.

Fauchelevent limpou o suor.

A prioresa tornou a fazer um murmuriozinho interior, provavelmente sagrado, e depois levantou a voz:

— A madre Crucificação fez conversões durante a sua vida; depois da sua morte há-de fazer milagres.

— Fará decerto — respondeu Fauchelevent, firmando-se nas pernas e esforçando-se por não se tornar a mover dali em diante.

— Senhor Fauvent, a comunidade foi abençoada na madre Crucificação. Decerto não é dado a todos morrer como o cardeal Bérulle, celebrando o santo sacrifício da missa e entregar a alma a Deus pronunciando as palavras:

Home igitur oblationem. Mas sem que alcançasse tanta felicidade, foi preciosíssima a morte da madre Crucificação. Teve perfeito conhecimento até ao último instante. Falava connosco, e depois falava com os anjos, dando-nos parte das suas últimas vontades. Se você tivesse mais fé e se pudesse ter estado na sua cela, ter-lhe-ia ela curado a perna, tocando-lhe apenas. Conservou-se sempre risonha. Conhecia-se que ressuscitava em Deus. Teve a morte de um anjo.

Fauchelevent, julgando que era o fim de uma oração, disse com a maior seriedade:

— Ámen!

— Senhor Fauvent, é preciso cumprir as vontades dos mortos.

A prioresa passou entre os dedos algumas contas do rosário. Fauchelevent continuava calado. A prioresa prosseguiu:

— Consultei sobre este ponto muitos eclesiásticos que trabalham para a glória de Nosso Senhor, que se ocupam no exercício da vida clerical, e que produzem admiráveis frutos.

— Reverenda madre, ouve-se aqui o dobre muito melhor do que lá no jardim.

— E depois é mais do que uma morta, é uma santa.

— Como a reverenda madre prioresa.

— Havia vinte anos que dormia no seu caixão, com permissão expressa do nosso Santo Padre Pio VII.

— Aquele que coroou o impera... Bonaparte.

Para um homem hábil como Fauchelevent, a recordação era despropositada.

Felizmente a prioresa, de todo entregue ao seu pensamento, não o ouviu e continuou:

— Senhor Fauvent?

— Reverenda madre.

— S. Diodoro, arcebispo de Capadócia, quis que inscrevessem sobre a sua sepultura esta única palavra: *Acarus*, que significa verme da terra; assim se fez. É ou não é verdade?

— É verdade, reverenda madre.

— O bem-aventurado Mezzocano, abade de Aquila, quis ser enterrado debaixo da forca, e assim se fez.

— É verdade.

— S. Terêncio, bispo de Port, na embocadura do Tibre para o mar, pediu que lhe gravassem sobre a sepultura o sinal que costumavam pôr sobre as dos parricidas, com a esperança de que quem passasse lhe cuspisse no túmulo; e

assim se fez. É preciso obedecer aos mortos.

— Assim seja.

— O corpo de Bernardo Guidonis, nascido em França, próximo a Roche-Abeille, foi levado, como ele próprio ordenara, e a despeito do rei de Castela, para a igreja dos dominicanos de Limoges, conquanto Bernardo Guidonis fosse bispo de Tuy em Espanha. Poder-se-á dizer o contrário?

— Decerto que não, reverenda madre.

— O facto é atestado por Plantavit della Fosse.

Depois de passar silenciosamente mais algumas contas do rosário, a prioresa continuou:

— Senhor Fauvent, a madre Crucificação será sepultada no caixão em que dormiu por espaço de vinte anos.

— É justo.

— É a continuação do seu sono.

— Terei então de a fechar nesse caixão?

— Terá!

— E poremos de parte o caixão das pompas fúnebres?

— Exactamente.

— Estou às ordens da reverendíssima comunidade.

— Ajudá-lo-ão as quatro madres cantoras.

— A pegar no caixão? Não precisarei de ajuda.

— Não; a fazê-lo descer.

— Para onde?

— Para o carneiro.

— Qual carneiro?

— O que está por baixo do altar.

Fauchelevent quase deu um salto.

— O carneiro debaixo do altar!

— Debaixo do altar.

— Mas...

— Terá consigo uma barra de ferro.

— Sim, mas...

— Com a barra de ferro levantará a laje, por meio da argola.

— Mas...

— É preciso obedecer aos mortos. Ser sepultada no carneiro que está por debaixo do altar da capela, não ser lançada em solo profano, ficar morta onde orou viva; tal foi o voto supremo da madre Crucificação. Eis o que nos pediu, ou antes, nos ordenou.

— Mas é proibido.

— Proibido pelos homens, ordenado por Deus.

— E se vier a saber-se?

— Nós temos confiança em si.

— Quanto a isso sou como qualquer pedra dos muros do convento.

— Reuniu-se o capítulo. As madres vocais, que acabo de consultar e que estão ainda deliberando, decidiram que a madre Crucificação seria sepultada, segundo o desejo que expressou, no seu caixão, sob o nosso altar. Imagine, senhor Fauvent, se agora aqui iam fazer-se milagres. Que glória para Deus nesta comunidade! Os milagres saem dos túmulos.

— Mas, reverenda madre, se o delegado de saúde...

— S. Bento II, em matéria de sepultura, resistiu a Constantino Pogonat.

— No entanto, o comissário de polícia...

— Chonodemaire, um dos sete reis alemães que entraram nas Gálias, sob o império de Constâncio, reconheceu expressamente o direito dos religiosos serem enterrados dentro dos muros dos seus conventos, isto é, debaixo do altar.

— Mas o inspector da prefeitura...

— O mundo não é coisa nenhuma em presença da cruz. Martinho, décimo primeiro geral dos Cartuchos, deu à sua ordem esta divisa: *Stat crux dum volvitur orbis*.

— Ámen! — disse Fauchelevent, imperturbável neste modo de se tirar de embaraços, todas as vezes que ouvia alguma coisa em latim.

Para quem por muito tempo se conservou calado é suficiente qualquer auditório.

Gymnastoras saiu da prisão tendo recolhidos em si muitos dilemas e silogismos, parou diante da primeira árvore que encontrou, começou a arengar-lhe e fez grandes esforços para convencê-la. A prioresa, habitualmente sujeita ao silêncio, e tendo superabundância no seu reservatório, levantou-se e exclamou com a loquacidade de represa solta:

— À minha direita tenho Bento, à minha esquerda Bernardo. Quem é Bernardo? É o primeiro abade de Claraval. Fontaines, em Borgonha, é uma terra abençoada por tê-lo visto nascer. Seu pai chamava-se Técelin e sua mãe Alèthe. Principiou Bernardo por Cister para terminar por Claraval; foi ordenado abade por Guilherme de Chainpeaux, bispo de Chalons-sur-Saône; teve setecentos noviços e fundou cento e sessenta mosteiros; no concílio de Sens, que teve lugar em 1140, derrotou Abeillard, Pedro de Bruys, Henri, discípulo deste, e os sequazes de outra espécie de seita, chamados os Apostólicos; confundiu Arnaldo de Brexe, fulminou o monge Raoul, o matador de judeus, presidiu no concílio de Reims, que teve lugar em 1148, fez condenar

Gilberto de lá Porée, bispo de Poitiers; fez condenar Éon de l'Étoile, compôs as desavenças que entre si traziam alguns príncipes, guiou o rei Luís o Novo, aconselhou o papa Eugénio III, regulou o templo, pregou a Cruzada, fez duzentos e cinquenta milagres em sua vida, e só num dia chegou o número destes a trinta e nove. Quem é Bento? É o patriarca do Monte Cassino, é o segundo fundador da Santidade Claustral, é o Basílio do Ocidente. A sua ordem produziu quarenta Papas, duzentos cardeais, cinquenta patriarcas, mil e seiscentos arcebispos, quatro mil e seiscentos bispos, quatro imperadores, doze imperatrizes, quarenta e uma rainhas, três mil e seiscentos canonizados, e dura há mil e quatrocentos anos. De um lado S. Bernardo, do outro o delegado de saúde! De um lado S. Bento, do outro o inspector da higiene pública! Nós queremos cá saber do Estado, do armador, do delegado, do inspector, dos regulamentos ou da administração? Não passa por aí ninguém que se não indignasse, se visse o modo como nos tratam. Pois nem sequer podemos ter o direito de dar a Jesus Cristo o nosso pó! Fora lá com os vossos delegados de saúde, que são uma invenção revolucionária! Deus subordinado ao comissário de polícia; aqui está como é o século! Fauvent, silêncio!

Fauchelevent não se achava bem sob esta inundação, porém a prioresa continuou:

— O direito do mosteiro à sepultura é indubitável para todos. Só os fanáticos e os sequazes do erro é que o negam. Vivemos em tempos de bem terrível confusão! Ignora-se o que se deve saber e sabe-se o que se deve ignorar. Não se vê senão ímpios e ignorantes em matéria de religião. Há gente, no tempo presente, que não faz distinção entre o grandíssimo S. Bernardo e o Bernardo chamado dos Pobres Católicos, eclesiástico cheio de bondade que vivia no século XIII. Outros blasfemam, a ponto de comparar o cadafalso de Luís XVI com a cruz de Jesus Cristo, sendo Luís XVI apenas um rei Já não há justo nem injusto. Sabe-se o nome de Voltaire e não se sabe o nome de César de Bus, e, contudo, César de Bus é um bem-aventurado e Voltaire um desgraçado. O arcebispo passado, o cardeal de Perigord, nem sequer sabia que Carlos de Gondren sucedeu a Bérulle, e Francisco de Bourgoin a Gondren e Jean Francisco Senault Bourgoin, e o pai de Santa Marta a Jean Francisco Senault. Conhece-se o nome do Padre Coton, não porque foi um dos três que cooperaram para a fundação do Oratório, mas por ter sido objecto das imprecações do rei calvinista Henrique IV. O que faz com que as pessoas mundanas gostem de S. Francisco de Sales é ter ele sido trapaceiro ao jogo. E, além disto, ataca-se a religião, e porquê? Porque tem havido maus padres, porque Sagitário, bispo de Gap, era irmão de Salone, bispo de Embrun, e porque ambos seguiram Mommol. Que tem lá isso? Isto obsta acaso a que

Martinho de Tours fosse um santo e desse metade da sua capa a um pobre? Fecham os olhos às verdades e não querem viver senão nas trevas. Os animais mais ferozes são os que são cegos. Ninguém se lembra que há um inferno. Oh, que maldade de gente! Da parte do rei hoje significa da parte da revolução. Já ninguém sabe o que deve, nem aos vivos nem aos mortos. É proibido morrer santamente. O sepulcro é um negócio civil. Isto causa horror. S. Leão II escreveu expressamente duas cartas, uma a Pedro Notário, outra ao rei dos Visigodos, para combater e rejeitar, nas questões que dizem respeito aos mortos, a autoridade do exarca e a supremacia do imperador. Gautier, bispo de Chalons, neste ponto resistia a Otão, duque de Borgonha. Noutro tempo tínhamos nós voto em capítulo, mesmo nas coisas do Século. O abade de Cister, geral da ordem, era conselheiro nato no parlamento de Borgonha. Quanto aos nossos mortos, desses fazíamos o que queríamos. O corpo do próprio S. Bento não está em França, na abadia de Fleury, chamada S. Bento de Loire, apesar de ter morrido na Itália, no Monte Cassino, num sábado 21 de Março do ano 543? Tudo isto é incontestável. Eu aborreço as coristas, odeio os priores, execro os hereges, mas ainda detestaria mais quem me sustentasse o contrário. Basta ler Arnoul Wion, Gabriel Bucelin, Tritemo, Maurolicus e D. Lucas de Achery.

Neste momento a prioresa respirou e depois voltou-se para Fauchelevent:

— Senhor Fauvent, está combinado?

— Sim, reverenda madre.

— Podemos contar consigo?

— Hei-de obedecer.

— Está bem.

— Eu sou inteiramente dedicado ao convento.

— Ficamos entendidos. Você fecha o caixão que as sorores hão-de levar para a capela. Canta-se o ofício dos defuntos e depois entra-se para o claustro. Por volta das onze horas para a meia-noite, você vem com a sua alavanca. Mas tudo há-de ser feito com o maior segredo. Na capela não está mais ninguém senão as quatro madres cantoras, a madre Ascensão e você.

— E a soror que estiver no poste.

— Essa está, mas não se volta.

— Mas ouve.

— Ela não escuta. Quanto mais, o que sabe o claustro. Ignora-o o mundo.

Houve ainda outra pausa, após a qual a prioresa prosseguiu:

— Mas tire o chocalho. É escusado que a soror que estiver de poste conheça que anda na capela.

— Reverenda madre?

— Que é, senhor Fauvent?

— O médico dos defuntos já veio fazer a visita do costume?

— Fá-la hoje às quatro horas. Já para ele vir se fez o sinal. Mas então você, realmente, não ouve sinal nenhum?

— Eu não presto atenção senão ao que é para chamar por mim.

— Está bem, senhor Fauvent.

— Reverenda madre, há-de ser precisa uma alavanca que tenha pelo menos seis pés.

— Aonde a há-de arranjar?

— Onde não faltam grades não faltam barras de ferro. Num canto do jardim tenho lá um montão de ferros velhos.

— Não se esqueça, três quartos de hora antes da meia-noite, pouco mais ou menos.

— Reverenda madre?

— Que é?

— Se vossa reverendíssima tiver mais alguma obra como esta, eu chamo meu irmão, que é forte como um turco!

— Há-de andar o mais depressa que puder.

— Lá isso é que eu não poderei muito bem, porque sou aleijado aqui de uma perna. Por isso é que eu queria outro homem que me ajudasse. Sou coxo, reverenda madre.

— Ser coxo não é defeito, ou antes, talvez seja uma bênção. O imperador Henrique II, que combateu o anti-Papa Gregório e restabeleceu Bento VIII, teve dois sobrenomes, o de Santo e o de Coxo.

— Oh, dois sobrenomes é bem boa coisa! — murmurou Fauchelevent, que na realidade, não era muito fino de ouvido.

— Senhor Fauvent, lembra-me que será melhor marcar uma hora inteira; talvez se não arranje tudo nos três quartos de hora. Não é de mais. Esteja, portanto, ao pé do altar-mor, com a sua barra de ferro, às onze horas. O ofício principia à meia-noite. Porém deve estar tudo concluído um bom quarto de hora antes.

— Hei-de fazer tudo para provar o meu zelo à comunidade. Aqui está como é. As onze horas em ponto, depois de ter pregado o caixão, devo estar na capela, onde estarão as madres cantoras e a madre Ascensão. Dois homens era melhor. Mas, enfim, não importa! Como eu levo a alavanca... Devemos abrir o carneiro, descer o caixão e torná-lo a fechar. Depois passe por lá muito bem. O governo não saberá de coisa nenhuma. Reverenda madre, fica tudo assim bem arranjado?

— Não.

— Então que temos ainda?

— Resta o caixão vazio.

Isto causou uma pausa. Fauchelevent e a prioresa meditavam.

— Senhor Fauvent, que se há-de fazer do caixão vazio?

— Leva-se para o cemitério.

— Vazio?

Outro silêncio. Fauchelevent, porém, fez com a mão esquerda essa espécie de gesto com que se despede uma pergunta molesta.

— Reverenda madre, como sou eu o que hei-de pregar o caixão, na sala inferior da igreja, como lá não pode entrar mais ninguém senão eu, cubro a tumba com o pano mortuário.

— Sim, mas os que a conduzem, ao pô-la no carro e ao descê-la à cova, conhecerão que não leva nada dentro.

— Ah! di... — exclamou Fauchelevent.

A prioresa fez o sinal da cruz, fitando os olhos no jardineiro. «Abo» ficou-lhe na garganta.

Apressou-se, porém, a improvisar um expediente para fazer esquecer a praga.

— Reverenda madre, sabe o que eu faço? Encho o caixão de terra, de modo que há-de parecer que leva gente.

— Tem razão. A terra é a mesma coisa que o homem. De maneira que você arranja o caixão vazio?

— Deixe-me cá o negócio por minha conta.

O rosto da prioresa, até então turvo e escuro, serenou e a madre fez-lhe o sinal do superior que despede o inferior. Fauchelevent dirigiu-se para a porta, porém, no momento em que ia a sair, a prioresa elevou de mansinho a voz e disse-lhe:

— Senhor Fauvent, estou satisfeita consigo; amanhã depois do enterro, traga-me seu irmão e diga-lhe que traga também a criança.

IV — Onde Jean Valjean faz acreditar que leu Austin Castillejo

Passos de coxo são como olhares de vesgo; nunca chegam com presteza ao alvo.

Além de que, Fauchelevent estava perplexo. Por isso, levou-lhe um quarto de hora a chegar à barraca do jardim. Cosette já estava acordada, sentada ao pé do fogão, para onde a levara Jean Valjean. Mostrava-lhe ele no momento em que Fauchelevent entrou, o cesto do jardineiro, pendurado da parede e dizia-lhe:

— Toma bem sentido no que eu te digo, Cosette. Nós não temos remédio senão irmo-nos daqui embora, mas havemos de voltar e ficar optimamente.

Aquele velho que tu viste leva-te às costas dentro daquilo e hás-de esperar por mim em casa de uma senhora, onde eu hei-de ir ter contigo. Mas olha bem, se não queres que a Thenardier te leve outra vez, obedece e não digas nada.

Cosette fez um aceno de cabeça com ar grave.

Ao rumor que Fauchelevent fez, abrindo a porta, Jean Valjean voltou-se e disse rapidamente:

— Então?

— Tudo se arranja e nada se arranja! — disse Fauchelevent — Tenho licença para o fazer entrar, mas, antes de o fazer entrar, é necessário fazê-lo sair. Aí é que pega o carro. Lá quanto à pequena, isso é fácil.

— Sempre a leva?

— Irá ela calada?

— Por isso respondo eu.

— Mas o senhor, senhor Madelaine?

E, após um silêncio cheio de ansiedade, exclamou:

— Mas porque não sai por onde entrou?

Jean Valjean limitou-se a dizer, como da primeira vez:

— Impossível!

O jardineiro murmurou por entre dentes, mais falando consigo do que com Jean Valjean:

— Ainda há outra coisa que me apoquenta mais: é ter dito que lhe deitaria terra dentro. A terra não se parece nada com um corpo, há-de mexer dum lado para o outro e os homens hão-de por força conhecê-lo. Bem percebe, senhor Madelaine, pode ser descoberto pela autoridade

Jean Valjean encarou-o e julgou-o delirante.

Fauchelevent prosseguiu:

— Como di... acho há-de o senhor sair? É necessário que fique tudo feito amanhã!

Amanhã é que hei-de apresentá-lo; amanhã é que a prioresa o espera.

Em seguida explicou a Jean Valjean, que era a recompensa de um serviço que ele, Fauchelevent, prestara à comunidade. Que entrava nas suas atribuições tomar parte nos enterros, que era ele quem pregava os caixões, e no cemitério ajudava o coveiro.

Que a religiosa que morrera pela manhã pedira para ser metida no caixão que lhe servia de cama e sepultada no carneiro situado por baixo do altar da capela. Que isto era proibido pelos regulamentos da polícia; mas que a defunta era daquelas a quem não se nega coisa alguma. Que a prioresa e as madres vocais esperavam executar a última vontade da finada, e que quem ficava mal era o governo. Que ele, Fauchelevent, pregaria o caixão na cela,

levantaria a pedra na capela e faria descer a morta para o carneiro. Que a prioresa, para lhe agradecer este serviço, lhe admitia no convento seu irmão como jardineiro e sua sobrinha como educanda. Que seu irmão era o senhor Madelaine, e sua sobrinha Cosette. Que a prioresa dissera que lhe apresentasse seu irmão no dia seguinte, depois do enterro fingido do cemitério; mas que não poderia trazer de fora o senhor Madelaine, se o senhor Madelaine ali não estivesse; que era esta a primeira dificuldade, mas que depois desta ainda havia outra, que era o caixão vazio.

— Mas que caixão vazio é esse? — perguntou Jean Valjean.

— O caixão da administração — respondeu Fauchelevent.

— Qual caixão? Qual administração?

— Quando morre uma religiosa, o médico dos mortos vem comprovar o facto. O

governo manda um caixão, e no dia seguinte o carro dos defuntos e os gatos-pingados para lhe pegarem e o acompanharem ao cemitério. Pois quando vierem os gatos-pingados, levantarão o caixão e conhecerão que não tem nada dentro.

— Mas meta-lhe alguma coisa.

— Um morto? Não tenho.

— Não é isso.

— Então o quê?

— Um vivo.

— Mas qual vivo?

— Eu disse — Jean Valjean.

Fauchelevent, que se sentara, ergueu-se, como se aos pés lhe houvesse rebentado uma bomba.

— O senhor?!

— Porque não?

Jean Valjean mostrou um daqueles sorrisos que lhe apareciam no rosto, qual clarão num céu de Inverno.

— Bem sabe, Fauchelevent, que quando disse: a madre Crucificação está morta, acrescentei eu: e o senhor Madelaine enterrado. Não será mais do que isto.

— Ah, o senhor ri-se, não fala seriamente!

— Muito seriamente. Não é preciso sair daqui?

— Sem dúvida.

— Não lhe disse que visse se achava também para mim um cesto com tampa?

— E então?

— O cesto será de pinho e a tampa um pano preto.

— Não há-de ser preto, mas sim branco. As religiosas são enterradas de branco.

— Pois seja de branco.

— O senhor não é um homem como os outros, senhor Madelaine.

Ter semelhantes ideias, que não representam senão as selvagens e temerárias invenções das galés, sair das coisas pacíficas que o rodeavam, e envolver-se no que ele chamava mexericos do convento, era para Fauchelevent um motivo de espanto, igual ao que experimentaria o transeunte que visse um groenlandês pescando na enxurrada das ruas de S. Diniz.

Jean Valjean prosseguiu:

— Trata-se de sair daqui sem ser visto. Aqui está um meio. Mas preciso de informações. Como é que se passam estas coisas todas? Onde está o caixão?

— O vazio?

— Sim.

— Está lá em baixo, no que chamam a câmara dos defuntos. Está sobre dois cavaletes e coberto com um pano mortuário.

— Que cumprimento tem ele?

— Seis pés.

— Mas o que é a câmara dos defuntos?

— É uma casa à beira da rua, com uma janela de grades para o jardim, que se fecha pela parte de fora, e que tem um postigo e duas portas: uma para o interior do convento, outra para a igreja.

— Qual igreja?

— A igreja que dá para a rua, a igreja de toda a gente.

— E tem a chave dessas duas portas?

— Não. Tenho a chave da porta que comunica com o convento; a da outra, a que dá para a igreja, tem-na o porteiro.

— Quando abre o porteiro essa porta?

— Unicamente quando tem de deixar entrar os gatos-pingados que vêm buscar o caixão. Apenas sai o caixão é logo a porta fechada.

— Quem é que prega o caixão?

— Sou eu.

— Quem é que o cobre com o pano?

— Sou eu.

— Só você?

— Além de mim e do médico da polícia, nenhum outro homem pode entrar na câmara das defuntas. Isto mesmo lá está escrito na parede.

— Não poderá, esta noite, quando estiver tudo a dormir no convento,

esconder-me nessa casa?

— Não. Mas posso escondê-lo num cubículo que dá para ela, onde guardo os meus utensílios dos enterros e cuja chave está em meu poder.

— A que horas virá amanhã o carro buscar o caixão?

— Aí pelas três da tarde. O enterro é no cemitério Vaugirard, pouco antes da noite.

— Pois ficarei escondido no tal cubículo toda a noite e toda a manhã. E de comer? Hei-de ter fome.

— Comida levo-lha eu.

— Em sendo duas horas pode ir fechar-me no caixão.

Fauchelevent recuou espantado, fazendo estalar os ossos dos dedos.

— É impossível!

— O quê! Impossível pegar num martelo e pregar uma tábua?

O que parecia inaudito a Fauchelevent, era da maior simplicidade para Jean Valjean, que atravessara muito piores estreitos. Quem quer que tenha estado preso, sabe a arte de se encolher segundo o diâmetro das evasões. O prisioneiro é sujeito à fuga como o doente à crise, que o mata ou que o salva. Uma evasão é uma cura. O que é que o doente não aceita para se restabelecer? Fazer com que o pregassem e conduzissem num caixão, como qualquer mercadoria, viver por muito tempo numa boceta, ter ar onda o não há, economizar a respiração durante horas inteiras, saber abafar sem morrer, era um dos sombrios talentos de Jean Valjean

No fim de contas, se um caixão levando dentro uma pessoa viva, é expediente de forçado, é também expediente de imperador. Se dermos crédito a Austin Castillejo, foi este o meio que Carlos V, querendo, depois da sua abdicação, ver pela última vez a Plombes, empregou para a fazer entrar e sair no convento de S. Justo.

Fauchelevent, passado o primeiro momento de espanto, exclamou:

— Mas como há-de arranjar-se para respirar?

— Hei-de respirar.

— Dentro do caixão Eu sinto-me sufocado só por pensar nisso

— O senhor tem por força uma verruma; faça com ela alguns furos no lugar da boca e depois pregará a tábua sem a unir.

— E se tiver vontade de tossir ou de espirrar?

— Quem foge nunca tosse nem espirra.

E Jean Valjean continuou:

— Senhor Fauchelevent, é preciso tomar-se uma decisão; ou hei-de ser apanhado aqui, ou hei-de sair no carro

Não há ninguém que haja notado o prazer que têm os gatos em brincar

entre os dois batentes de uma porta cerrada. Quem não tem dito a um gato: Pode entrar! Há homens que, num acidente entreaberto diante deles, têm pelo mesmo modo pronunciada tendência para ficar indecisos entre duas resoluções, mesmo correndo o risco de serem esmagados pelo destino, que pode fechar de repente a aventura. Os demasiadamente prudentes, gatos como são, e mesmo porque o são, correm muitas vezes maior perigo do que os audazes. Fauchelevent pertencia a este género hesitante. Todavia, o sangue-frio de Jean Valjean ia-o, a seu pesar, dominando de tal modo, que o obrigou a murmurar:

— Com efeito, não há outro meio.

— A única coisa que me inquieta, é o que sucederá no cemitério.

— Isso é que me não dá cuidado! — exclamou Fauchelevent.

— Se o senhor tem a certeza de sair bem do caixão, da cova tiro-o eu sem dificuldade. O coveiro é meu amigo e gosta muito de vinho. É o senhor Mestienne, um velho doutro tempo. Eu lhe digo o que se passará. Chegar-se-á um pouco antes do sol posto, três quartos de hora antes de se fechar o cemitério. O carro rodará até à cova e eu irei atrás; é a minha obrigação. Levarei na algibeira um martelo, uma tesoura e uma turquês. O carro parará e os gatos-pingados, passando uma corda em volta do caixão, fá-lo-ão descer para a cova. O padre recita as orações e faz o sinal da cruz, lança a água benta e safa-se Mestienne, como já lhe disse, é meu amigo. De duas coisas uma, ou ele está atestado ou não; se não está atestado, digo-lhe: venha daí, vamos beber uma golada; o bom Marmelo está ainda aberto. Levo-o comigo e emborracho-o; o senhor Mestienne custa pouco a emborrachar, está sempre em princípio, deito-o debaixo da banca, tiro-lhe o bilhete para entrar no cemitério e volto ali só. Depois o senhor tem que se haver comigo. Se ele, pelo contrário, está pesado, digo-lhe: vai-te embora, que eu arranjo tudo. Ele vai-se e eu tiro-o do buraco.

Jean Valjean estendeu-lhe a mão, que Fauchelevent apertou com enternecedor e campesino entusiasmo.

— Está combinado. Tudo se há-de fazer em bem.

— Contanto que a coisa se não transtorne. Se isto tudo se tornasse terrível...

V — Não basta a embriaguez para se ser imortal

No dia seguinte, quando o Sol já declinava, descobriam-se raros transeuntes do boulevard do Maine, na passagem de um carro de antigo modelo, ornado de caveiras, de tíbias e de lágrimas Neste carro ia um caixão coberto com um pano branco, sobre o qual se via uma grande cruz preta, semelhante a uma gigante defunta com os braços pendentes. Atrás do carro ia uma berlinda levando um padre de sobrepeliz e um menino de coro de batina vermelha. Aos

lados do carro marchavam dois gatos-pingados, de uniforme pardo com guarnições pretas. Atrás de tudo caminhava um velho, com o trajo de trabalhador e que coxeava. O préstito dirigia-se para o cemitério Vaugirard.

O cemitério Vaugirard constituía excepção entre os demais cemitérios de Paris.

Tinha os seus usos particulares, pelo mesmo modo que tinha além da porta principal uma porta pequena: estas portas eram denominadas pelos teimosos, porta dos cavaleiros e porta dos peões. Como já dissemos, as bernardas-beneditinas do Petit-Picpus tinham obtido licença para ali serem enterradas em lugar à parte e de noite, porque aquele terreno pertencera, noutro tempo, à comunidade. Os coveiros, tendo deste modo no cemitério serviço de tarde no Verão, e de noite no Inverno, estavam sujeitos a uma disciplina particular. As portas dos cemitérios de Paris fechavam-se naquela época ao pôr-do-sol, e, por determinação municipal, estava o cemitério Vaugirard sujeito ao mesmo regime. A porta dos cavaleiros e a porta dos peões eram contíguas e juntas a um pavilhão construído pelo arquitecto Perronnet, onde morava o porteiro do cemitério.

Aquelas portas, que eram de grade, giravam, pois, inexoravelmente em seus gonzos, no momento em que o Sol desaparecia por detrás do zimbório dos Inválidos. Se neste momento algum coveiro se demorava no cemitério, não tinha para sair senão um recurso: a sua nomeação de coveiro, passada pela administração das pompas fúnebres.

No postigo da janela do porteiro havia uma fenda como as das caixas do correio. O coveiro lançava a nomeação na caixa, o porteiro sentia cair o papel, puxava uma corda, e logo se abria a porta dos peões. Se o coveiro não tinha consigo a nomeação, dizia quem era; o porteiro muitas vezes já deitado e dormindo, levantava-se, ia reconhecer o coveiro, abria a porta e este saía, mas pagava quinze francos de multa.

Este cemitério, com as suas originalidades fora da regra, incomodava a simetria administrativa. Em 1830 foi suprimido. Sucedeu-lhe o cemitério do Mont-Parnasse, chamado de Este, herdando a famosa taberna pegada ao cemitério de Vaugirard, que tinha em cima um marmelo pintado numa tábua e que fazia esquina de um lado para as mesas dos fregueses e do outro para as sepulturas, com esta tabuleta: Taberna do bom Marmelo.

O cemitério de Vaugirard era o que poderia chamar-se um cemitério murcho. Ia caindo em desuso; a erva ia-o invadindo e as flores deixando-o. Os burgueses pouco apreço davam a -ser enterrados em Vaugirard, porque cheirava a pobreza. No Père-Lachaise era outra coisa Ser enterrado no Père-Lachaise corresponde a ter móveis de acaju. O cemitério de Vaugirard era um

recinto venerável, com a forma dos antigos jardins franceses. Ruas muito direitas, grandes buxos, caniçados, etc., velhos túmulos sob velhos teixos e erva muito alta. A noite naquele recinto era trágica; aquelas linhas eram todas fúnebres.

O Sol não tinha ainda de todo desaparecido quando o carro entrou na avenida do cemitério de Vaugirard. O homem que o acompanhava coxeando era Fauchelevent.

O enterro da madre Crucificação sob o altar, a saída de Cosette e a introdução de Jean Valjean na sala das defuntas, fora tudo executado sem qualquer estorvo.

Digamo-lo de passagem, a inumação da madre Crucificação sob o altar da capela do convento, é para nós coisa perfeitamente venial; é uma falta das que se assemelham a um dever. As religiosas tinham-no não somente desempenhado sem perturbação, mas com aplauso de suas consciências. No claustro aquilo a que se chama «governo» não é mais do que uma ingerência na autoridade, ingerência sempre discutível. Em primeiro lugar, a regra; quanto ao código, veremos. Façam os homens quantas leis quiserem, mas guardem-nas para si. O tributo a César nunca é mais do que a sobra do tributo a Deus; um príncipe não é nada ao pé de um princípio.

Fauchelevent coxeava contentíssimo atrás do carro. As suas duas conspirações gémeas, uma com as religiosas e outra com Madelaine; uma a favor do convento, outra contra ele, tinham obtido óptimo resultado. A impassibilidade de Jean Valjean era dessas tranquilidades poderosas que facilmente se comunicam. Fauchelevent já não duvidava do completo bom êxito. O que faltava a fazer era nada. Havia dois anos que emborrachara dez vezes o coveiro, o senhor Mestienne, um pobre homem, um bochechudo. Ria-se consigo do senhor Mestienne. Fazia dele quanto queria, e penteava-o segundo a sua fantasia A cabeça de Mestienne adaptava-se ao barrete de Fauchelevent: a sua confiança era completa.

Na ocasião em que o préstito entrou na avenida do cemitério, ia Fauchelevent tão extremamente satisfeito, que olhou para o carro e esfregou as grosseiras mãos, dizendo:

— Não está má a farsada!

De repente o carro parou: chegara à porta. Era necessário exibir a permissão para o enterro. O empregado das pompas fúnebres dirigiu-se ao porteiro. Durante o colóquio dos dois, que sempre ocasionou demora de um quarto de hora, apareceu um homem desconhecido, que se colocou atrás do carro, ao lado de Fauchelevent. Era uma espécie de trabalhador, com grandes algibeiras na blusa e uma enxada na mão.

Fauchelevent encarou o desconhecido.

— Quem é você? — perguntou ele.

O homem respondeu:

— Sou o coveiro.

Se fosse possível sobreviver a uma bala de artilharia recebida no peito, far-se-ia uma careta semelhante à que fez Fauchelevent.

— O coveiro!

— Sim, senhor!

— Você.

— Eu mesmo.

— O coveiro é o senhor Mestienne.

— Foi.

— Como foi?

— Foi, porque já morreu.

Fauchelevent tudo esperava, menos que um coveiro pudesse morrer. Todavia é uma verdade: até os próprios coveiros morrem. A força de fazerem covas para os outros, abrem-nas para si mesmos.

Fauchelevent ficou de boca aberta; teve apenas força para murmurar:

— Não pode ser!

— Pois é assim mesmo.

— Mas — tornou ele com voz muito fraca — o coveiro é o senhor Mestienne.

— Depois de Napoleão, Luís XVIII; depois de Mestienne, Gribier. Eu chamo-me Gribier.

Fauchelevent, empalidecendo, contemplou Gribier.

Era um homem alto, magro, lívido, completamente fúnebre. Tinha ar de médico infeliz, metamorfoseado em coveiro.

— Ah! Ah! Sempre acontecem coisas mais ratonas! — exclamou Fauchelevent, desatando às gargalhadas. — Ora, o senhor Mestienne morreu! Adeus! Morreu o tiozinho Mestienne, mas ficou o tiozinho Lenoir! Você sabe quem é o tiozinho Lenoir? É o cantarinho do belo vermelho. É o cantarinho do Suresne, do verdadeiro Suresne de Paris! Ah! com que então o Mestienne morreu! Tenho pena, porque era um velho patusco. Mas você também não lhe fica atrás, não é assim, camarada? Daqui a bocado havemos de ir ambos beber uma pinga.

Porém, o homem respondeu:

— Eu estudei. Tenho o quarto ano. Beber é coisa que não uso.

A este tempo tinha-se de novo posto a caminho o carro, rodando pela álea principal do cemitério.

Fauchelevent afrouxara o passo. O pobre homem coxeava mais ainda por causa da ansiedade em que ia do que por causa do aleijão que padecia.

Adiante dele caminhava o coveiro, o inesperado Gribier, que Fauchelevent passou outra vez em revista.

Era um desses homens que são novos e têm aparência de velhos, que são magros, mas dotados de grande força.

— Camarada! — gritou Fauchelevent.

O homem voltou-se.

— Eu sou o coveiro do convento.

Fauchelevent, que, conquanto não fosse erudito, era dotado de extrema finura, conheceu que tratava com uma espécie temível, com um bem-falante.

— Com que então o senhor Mestienne morreu? — murmurou ele.

— Completamente — respondeu o homem. — Deus consultou o seu livro de assentos, viu que era chegada a vez do senhor Mestienne e o senhor Mestienne morreu.

— Deus... — repetiu Fauchelevent maquinalmente.

— Deus, sim — repetiu o homem com autoridade. — Para os filósofos o Padre Eterno; para os jacobinos o Ser Supremo.

— Então nós não havemos de ficar conhecidos? — balbuciou Fauchelevent.

— Conhecidos já nós somos. Você é um campónio e eu sou parisiense.

— Ora, adeus! A gente não se conhece enquanto não bebe de companhia alguns tragos. Quem abre as goelas para beber, abre o coração para falar. Há-de vir beber comigo. A isto não há-de dizer que não.

— Em primeiro lugar está a minha obrigação.

Fauchelevent reflectiu e disse consigo: «Estou perdido».

Restavam apenas alguns passos para chegar ao sítio onde as religiosas tinham o privilégio de ser enterradas.

Após alguns instantes de silêncio, o coveiro continuou:

— Meu homem, eu tenho de sustentar sete rapazes. Para eles comerem é preciso que eu não beba. — E acrescentou com a satisfação de um homem que profere uma frase bonita: — A fome deles é inimiga da minha sede.

O carro deu volta por uma moita de ciprestes, deixou a álea principal, tomando por outra lateral e deitou por um matagal, o que indicava a proximidade imediata da sepultura. Fauchelevent afrouxava o passo, mas não podia afrouxar o andar do carro.

Felizmente, como a terra era movediça e estava molhada com as chuvas do Inverno, pegava-se às rodas e não deixava rodar o carro com grande ligeireza.

— Eu sei onde há vinho de Argenteuil muito bom! — murmurou Fauchelevent, acercando-se do coveiro.

— Homem, eu não estava talhado para coveiro. Meu pai, que era porteiro no Prytaneu, destinava-me para a literatura. Mas nem tudo corre como a gente quer. Meu pai perdeu o que tinha na Bolsa, e eu vi-me obrigado a renunciar à minha carreira literária. Contudo, ainda sou escrevente público.

— Mas então você não é coveiro? — replicou Fauchelevent, agarrando-se a este, na verdade bem frágil, apego.

— Um não tira o outro. Acumulo.

Esta última palavra não a entendeu Fauchelevent.

— Havemos de ir beber — disse ele.

Torna-se aqui necessária uma observação. Fauchelevent, qualquer que fosse a sua angústia, oferecia de beber, mas não se explicava sobre quem havia de pagar. De ordinário, Fauchelevent oferecia e o senhor Mestienne era quem pagava. O oferecimento resultava, certamente, da nova situação criada pelo novo coveiro e era urgente fazê-la, mas o velho jardineiro deixava na sombra o proverbial quarto de hora, chamado de Rabelais. Quanto a ele, por mais impressionado que estivesse, não lhe dava cuidado saber quem pagaria.

O coveiro, porém, prosseguiu com um sorriso superior:

— A gente precisa de comer. Por isso é que eu aceitei o cargo que tinha o senhor Mestienne. Quando qualquer chega quase a concluir os seus estudos, é filósofo. Eu, ao trabalho das mãos, acrescentei o trabalho dos braços. O meu escritório de escrevente público é na feira da rua de Sèvres. Você bem sabe, na feira dos guarda-chuvas. Todas as cozinheiras da Cruz Vermelha se dirigem a mim, quando querem arrumar as suas declarações a algum tunante. Pela manhã escrevo cartas de namoro, de tarde abro covas. A vida é assim, meu amigo.

Cada vez, porém, mais o carro fúnebre se aproximava do lugar do seu destino.

Fauchelevent olhava, no cúmulo da inquietação, para todos os lados em roda de si e o suor escorria-lhe da testa em grossas bagas.

— Contudo — continuou o coveiro — não se pode servir a duas amas. É-me preciso escolher; ou a pena ou a enxada. A enxada essa faz-me calos nas mãos.

Neste momento parou o carro e da carruagem desceu o menino do coro e em seguida o padre.

Logo após um monte de terra, sobre o qual pousava uma das rodas dianteiras do carro, via-se uma cova aberta.

— Ora aí vai principiar a comédia — disse Fauchelevent, consternado.

VI — Entre quatro tábuas

Quem estava no caixão? Era Jean Valjean, que arranjara maneira de viver

dentro daquilo e que mal respirava.

É estranho até que ponto a segurança da consciência dá a segurança de tudo mais. Toda a combinação premeditada por Jean Valjean caminhava, e caminhava bem, desde o dia antecedente. Contava ele, como Fauchelevent, com o senhor Mestienne, e por isso não duvidava do fim. Jamais se vira situação mais crítica e mais completa tranquilidade.

As quatro tábuas do caixão produzem uma espécie de paz terrível. Parecia que a tranquilidade de Jean Valjean como que participava do repouso dos mortos. Do fundo daquele esquife tinha ele podido seguir, e seguia todas as fases do temível drama que estava representando com a morte.

Pouco depois que Fauchelevent acabara de pregar a tábua de cima, Jean Valjean sentiu levarem-no, depois rolar. Pela diminuição dos solavancos conheceu que passavam da calçada para caminho de terra, isto é, que acabaram as ruas e principiavam os boulevards. Por um ruído surdo que ouviu adivinhou que atravessavam a ponte de Austerlitz. Quando o carro parou a primeira vez conheceu que entrava no cemitério, e da segunda paragem disse consigo: «Aí está a escavação».

Em seguida sentiu de chofre pegarem no caixão, e, logo depois, o roçar rouco de um objecto pelas tábuas, que conheceu ser uma corda que lhe atavam em roda do caixão para o descer à cova.

Após isto, ficou como que atordoado.

Provavelmente eram os gatos-pingados que tinham deixado balouçar o caixão, descendo-o primeiro da cabeça que dos pés. Apenas, porém, voltou à posição horizontal e se sentiu imóvel, tornou a si.

Em seguida sentiu certa frialdade. Tinha chegado ao fundo da cova.

Elevou-se então por cima dele uma voz glacial e solene, e ouviu pronunciar, tão lentamente que as percebia uma por uma, algumas palavras latinas, que não entendia.

— *Qui domiunt in terrae pulvere, evigilabunt; alii in vitam eeternam, et alii in opprobrium, ut videant semper.*

— *De profundis* — respondeu uma voz de criança.

— *Requiem alternam donna ei Domine* — tornou a voz grave.

— *Et lux perpetua luceat ei*.

Após isto, ouviu soar sobre a tábua que o cobria como que as pancadas leves de algumas gotas de chuva.

«É a água benta, provavelmente», disse ele consigo, e acrescentou: «Isto está a acabar. Mais um bocado de paciência, que o padre vai-se embora, e Fauchelevent leva o Mestienne para a taberna. Irão todos embora, mas depois vem Fauchelevent sem o outro e tira-me daqui. É negócio de uma hora

abonada.»

— *Requiescat in pace* — tornou a voz grave.

— Ámen — disse a voz da criança.

Jean Valjean apurou então o ouvido e como que sentiu um rumor de passos afastando-se.

— Eles lá vão — disse consigo. — Fico eu só.

De repente ouviu um ruído por cima da cabeça que se lhe afigurou o ribombo de um trovão.

Era uma pazada de terra caindo sobre o caixão.

Em seguida caiu outra e tapou um dos buracos por onde ele respirava.

Depois terceira e quarta.

Há coisas mais fortes do que o homem mais forte.

Jean Valjean desmaiou.

VII — Onde se encontra a origem da frase: «não perder a carta»

Eis o que se passava por cima do caixão em que Jean Valjean jazia.

Depois que o carro mortuário se afastou e que o padre e o menino do coro tornaram a entrar para a carruagem e partiram, Fauchelevent, que não despregava os olhos do coveiro, ao vê-lo baixar-se e pegar na pá, que estava cravada a prumo no monte da terra que saíra da cova, tomou uma resolução suprema.

Colocou-se entre o coveiro e a cova e disse, cruzando os braços:

— Quem paga sou eu!

— Que é? — respondeu o coveiro olhando para ele com espanto.

— Quem paga sou eu.

— Paga o quê?

— O vinho.

— Que vinho?

— O Argenteuil.

— O Argenteuil aonde?

— No bom Marmelo.

— Ora! Vá para o diabo! — disse o coveiro.

E atirou uma pazada de terra para dentro da cova.

O caixão produziu um som oco que fez cambalear Fauchelevent.

— Antes que o bom Marmelo se feche, camarada — gritou o pobre homem, não longe de cair também na cova, com voz em que principiava a denotar-se o estertor da angústia.

O coveiro, porém, enterrou outra vez a pá na terra e Fauchelevent continuou:

— Pago eu. — E acrescentou logo, travando-lhe do braço: — Ouça-me,

camarada. Eu sou o coveiro do convento e venho aqui para ajudá-lo. Isto é serviço que se pode fazer de noite, e por isso vamos beber uma pinga.

E, ao mesmo tempo que falava, que se agarrava a esta insistência desesperada, fazia consigo esta lúgubre reflexão: «Mas mesmo que ele venha, serei capaz de o embebedar?».

— Homem de Deus — disse o coveiro — aceito, já que à viva força assim o quer. Beberemos, mas depois do serviço feito; antes, isso é que nunca.

E deu o impulso à pá, porém, Fauchelevent, reteve-o.

— É do fino Argenteuil.

— Ai, que chaga! — disse o coveiro. — Você parece um relógio de repetição! Não sabe dizer outra coisa!

E atirou para a cova a segunda pá de terra.

Fauchelevent chegara ao momento em que já se não sabe o que se há-de dizer.

— Ora ande, venha daí beber, que quem paga sou eu! — gritou ele.

— Depois de deitarmos a criança — disse o coveiro.

E atirou terceira pazada, após o que cravou a pá na terra e acrescentou:

— Você não vê que a noite vai-se pôr fria e que a defunta ficava aqui a gritar, depois que nós fôssemos embora, se a não deixássemos bem coberta?

Neste momento, Fauchelevent deitou maquinalmente os desvairados olhos para o bolso da jaqueta do coveiro, que o movimento de estar curvado a encher a pá deixara entreabrir-se, e cravou-os logo nele com estranha fixidez.

O sol, que não estava ainda de todo escondido no horizonte, derramara claridade suficiente para que no fundo daquele bolso aberto se pudesse distinguir um objecto branco.

Pelas pupilas de Fauchelevent perpassou então todo o fulgor de que são susceptíveis os olhos de um aldeão picardo. É que acabava de ocorrer-lhe uma ideia.

Sem o coveiro, todo embebido em encher a pá, dar fé, meteu-lhe a mão no bolso, pelo lado de trás e tirou para fora o objecto branco que ele continha.

O coveiro atirou para dentro da cova a quarta pazada de terra e, na ocasião em que ele se voltava para tomar a quinta, Fauchelevent, encarando-o com profunda serenidade, disse-lhe:

— É verdade, meu amigo, você tem a sua nomeação?

— Que nomeação? — atalhou o coveiro interrompendo-se na sua tarefa.

— O sol está a ir-se embora.

— Deixá-lo ir. Se não quiser ir, que fique.

— E a grade do cemitério fecha-se.

— E daí?

— Você tem aí a nomeação?

— Ah, a minha carta! — disse o coveiro, procurando no bolso.

E procurou em todas as algibeiras, voltando sempre a procurar naquela em que não achava coisa nenhuma.

— Não a tenho comigo. Tê-la-ei perdido?

— São quinze francos de multa — disse Fauchelevent.

O coveiro tornou-se verde. A cor verde é a palidez dos rostos lívidos.

— Jesus, meu Deus! Lá vai tudo quanto Marta fiou! — exclamou ele. — Quinze francos de multa! — E deixou cair a pá no chão.

Tinha chegado a vez de Fauchelevent.

— Ora adeus! — disse o jardineiro. — Nada de desesperar. Não é agora coisa para que se mate e aproveite a cova aberta. Quinze francos são quinze francos; e depois ainda pode deixar de os pagar. Olhe que eu sou mais velho do que você, tenho visto mais; portanto dou-lhe um conselho de amigo. O que é claro é que o sol está quase a desaparecer por detrás do zimbório dos Inválidos, e o cemitério a fechar-se dentro de cinco minutos.

— É verdade — disse o coveiro.

— Em cinco minutos não tem você tempo de encher a cova, que é funda como o diabo, e chegar depois a tempo de sair antes de terem fechado a porta.

— É exacto.

— Em tal caso são certos os quinze francos de multa.

— Quinze francos.

— Mas você ainda tem tempo... Onde mora?

— A dois passos da barreira, a um quarto de hora daqui; na rua de Vaugirard número 87.

— Então tem ainda tempo de sair.

— Tenho decerto.

— Depois de estar fora da grade corre até casa, pega na carta, volta do mesmo modo, e o porteiro do cemitério abre-lhe a porta. Tendo a carta não paga nada e enterrará depois o morto. Entretanto cá lhe tomo sentido nele para que se lhe não safe.

— Devo-lhe a vida, colega!

— Fuja daqui, não se demore — disse Fauchelevent.

O coveiro, desorientado de reconhecimento, apertou-lhe a mão e partiu correndo.

Apenas Fauchelevent perdeu de vista o coveiro e deixou de lhe ouvir o ruído dos passos, inclinou-se para a cova e disse a meia-voz:

— Senhor Madelaine!

Não teve resposta.

Fauchelevent estremeceu. Saltou precipitadamente para a cova e lançou-se sobre o caixão do lado da cabeça, gritando:

— Senhor Madelaine!

Profundo silêncio no caixão.

Agitado por um tremor tão convulso, que quase lhe tirava a respiração, pegou então no martelo e fez saltar a tábua que cobria o caixão.

A luz baça do crepúsculo ressaltou de súbito aos olhos de Fauchelevent o rosto pálido de Jean Valjean, com os olhos cerrados pela gelidez da morte.

À vista deste espectáculo, eriçaram-se os cabelos a Fauchelevent, que se pôs de pé, encostando-se à parede da cova, quase a ponto de cair sem alento sobre o caixão.

Olhou para Jean Valjean que jazia pálido e imóvel e murmurou em voz baixa como um sopro:

— Está morto!

E, endireitando-se novamente, cruzou os braços com tanta violência, que bateu com os dois punhos fechados nos ombros e exclamou:

— Aqui está como eu o salvei!

Então o pobre homem começou a soluçar, monologando; por que é um erro acreditar-se que o monólogo não faz parte da natureza. As fortes agitações falam muitas vezes em voz alta.

— A culpa é do senhor Mestienne. Para que diabo havia de morrer aquele bruto, quando ninguém esperava semelhante coisa! A morte do senhor Madelaine foi causada por ele. Pobre senhor Madelaine, já está no caixão, e na cova. Não há mais nada a fazer. Mas pode a gente acomodar-se com uma coisa assim? Está morto, meu Deus! E a pequena, o que hei-de eu fazer dela! Se pode ser que um homem destes morra por semelhante modo! Quando penso em que se meteu debaixo da minha carroça! Senhor Madelaine! Bem dizia eu que lhe faltaria o ar; mas não me quis dar atenção. Aqui está o resultado! Está morto este excelente homem, o melhor que eu conheci entre os filhos de Deus! E a pequenina! Eu é que não saio daqui. Fazer semelhante coisa! De que nos valia a nós sermos ambos velhos, se nenhum de nós tinha juízo? Mas como diabo fez ele para entrar no convento? Era já o começo. Não se devem fazer coisas assim. Senhor Madelaine! Senhor Madelaine! Senhor Madelaine! Senhor maire! Não me ouve. E hei-de eu sair daqui!

Falando deste modo arrancava os cabelos com o maior desespero.

De repente ouviu-se ao longe uma espécie de rangido agudo. Era a porta do cemitério que se fechava. Fauchelevent inclinou-se para Jean Valjean e deu no mesmo instante um salto, recuando quanto é possível fazê-lo numa cova.

Valjean tinha os olhos abertos e olhava para ele.

Presenciar uma morte é medonho, ver uma ressurreição, não o deve ser menos.

Fauchelevent tornou-se de pedra, pálido, desvairado, transtornado pelo excesso de tantos abalos, não sabendo se estava diante de um morto ou de um vivo; e fitava Jean Valjean, que o encarava.

— Ia adormecendo — disse Jean Valjean.

E sentou-se no caixão.

Fauchelevent ajoelhou.

— Valha-me Nossa Senhora! Que medo que me meteu! — E acto contínuo exclamou: — Obrigado, senhor Madelaine!

O contacto do ar livre tinha feito voltar a si Jean Valjean, que apenas estava desmaiado. A alegria é o reflexo do terror. Fauchelevent tinha quase tanto custo em tornar a si como Jean Valjean.

— Então não está morto! Isto é que é ter juízo! Tanto chamei que me ouviu. Quando lhe vi os olhos fechados pensei que lhe tinha faltado o ar. Eu endoidecia de certo; tinham de me levar para as palhas de Bicetre[10]. O que queria que eu fizesse, se o senhor estivesse morto? E a pequenita! A velhita da fruta é que não perceberia nada. Punham-lhe a criança nos braços e no fim diziam-lhe que o avô tinha morrido! Que história, santos do paraíso, que história! Ah! O senhor está vivo, por conseguinte chegámos ao desfecho

— Tenho frio — disse Jean Valjean.

Estas palavras chamaram Fauchelevent completamente à realidade, que era urgente. Estes dois homens, mesmo depois de terem entrado em si mesmos e sem que o suspeitassem, tinham a alma perturbada e o que quer que era de estranho, que não podia deixar de ser o desvairamento sinistro próprio do lugar em que se encontravam.

— Vamo-nos depressa daqui — disse Fauchelevent.

Em seguida meteu a mão no bolso e tirou uma cabaça com que se prevenira.

— Mas primeiro vamos a uma pinga — disse ele.

A cabaça completou o que o ar livre começara. Jean Valjean bebeu um golo de aguardente e entrou em inteira posse de si mesmo.

Saiu do caixão e ajudou Fauchelevent a pregar-lhe novamente a tampa. Passados três minutos estavam fora da cova.

Fauchelevent sentia-se tranquilo, não precisava apressar-se. O cemitério estava fechado e não havia que recear a volta do coveiro Gribier. Este «recruta» estava em sua casa, ocupado a procurar a carta e muito longe de a

encontrar ali, por isso que estava no bolso de Fauchelevent; e sem a carta não podia tornar a entrar no cemitério.

Fauchelevent pegou na pá, Jean Valjean na enxada e concluíram ambos o enterro do caixão vazio. Depois da cova estar cheia, Fauchelevent disse a Jean Valjean:

— Vamos embora. Traga a enxada que eu levo a pá.

Entretanto ia anoitecendo.

Jean Valjean sentiu alguma dificuldade em se mover, e andar. A permanência dentro do caixão tornara-o hirto e um tanto cadáver. Tinha-se apossado dele a ancilose da morte, entre aquelas quatro tábuas. Foi-lhe necessário, por assim dizer, desenregelar-se do sepulcro.

— O senhor está trôpego — disse Fauchelevent. — Se eu não fosse manco, batíamos a canela.

— Bastam quatro passos, para que as pernas se lembrem do andar.

Sem mais demora seguiram pelas ruas onde tinha ido o carro. Chegando à porta fechada e à casa do porteiro, Fauchelevent, que levava na mão a carta do coveiro, deitou-a na caixa, puxou a corda, a porta abriu-se e eles saíram.

— Como tudo isto caminha bem! — disse Fauchelevent. — Que boa ideia teve o senhor Madelaine!

Entraram a barreira Vaugirard do modo mais simples que se pode imaginar. Nas proximidades de um cemitério, uma pá e uma enxada são dois passaportes.

A rua de Vaugirard estava deserta.

— Senhor Madelaine — disse Fauchelevent sem parar, e levantando os olhos para as casas. — O senhor tem melhor vista do que eu; veja se dá com o número 87.

— Ele aqui está — disse Jean Valjean.

— Não vejo ninguém — tornou Fauchelevent. — Dê-me a enxada e espere dois minutos.

Fauchelevent entrou na casa que Jean Valjean lhe indicara, subiu toda a escada, guiado pelo instinto que conduz sempre o pobre à água furtada e bateu a uma porta escondida na sombra.

— Pode entrar — respondeu de dentro uma voz.

Era a voz de Gribier.

Fauchelevent empurrou a porta. A habitação do coveiro como todas as tristes habitações da sua espécie, era um sótão sem mobília e ao mesmo tempo atravancado.

Um caixote que servira talvez de esquife desempenhava ali o papel de cómoda, um boião de manteiga servia de pote, a cama era uma enxerga, e as

cadeiras e bancos imaginam-se no sobrado. A um canto, sobre um farrapo, resto de um tapete, formavam uma espécie de montão, uma mulher magra e muitas crianças. A pobre casa dava indícios de ter sido revolvida. Parecia que houvera um tremor de terra. Os farrapos achavam-se todos dispersos, o improvisado pote estava partido, a mãe tinha chorado, as crianças provavelmente tinham levado pancadas; viam-se em suma todos os indícios da mais colérica e minuciosa busca. Era evidente que o coveiro procurara loucamente a sua carta e tornara responsável pela perda tudo quanto tinha em casa, desde a bilha até à mulher. O seu aspecto era o do desespero.

Mas Fauchelevent encaminhava-se com demasiada pressa ao desfecho da aventura, para que notasse o lado triste do seu bom êxito.

Entrou e disse:

— Venho trazer-lhe a sua pá e a sua enxada.

Gribier olhou para ele estupefacto.

— Ah! É você, homem?

— Amanhã achará a sua carta em casa do porteiro.

E pôs a um canto a enxada e a pá.

— O que quer isso dizer? — perguntou Gribier.

— Quer dizer que a deixou cair do bolso e que eu a achei no chão depois de você ter saído; que acabei o seu trabalho, que o porteiro lhe entregará a carta e que não pagará quinze francos. Percebeu?

— Obrigado, amigo! — exclamou Gribier, como que deslumbrado. — Para a outra vez sou eu quem paga o vinho.

VIII — Interrogatório bem sucedido

Uma hora depois, no meio da escuridão da noite, apresentaram-se à porta da casa do número 62 da rua do Petit-Picpus dois homens e uma criança.

Eram Fauchelevent, Jean Valjean e Cosette.

Os dois velhos tinham ido buscar Cosette a casa da vendedeira de fruta, à rua do Caminho Verde, onde Fauchelevent a levara na véspera. Cosette passara aquelas vinte e quatro horas sem perceber coisa alguma e a tremer em silêncio. Sentia tanto medo, que nem tinha chorado, nem comido, nem dormido. A digna fruteira fizera-lhe mil perguntas, sem que pudesse obter mais do que um olhar triste, e sempre o mesmo.

Cosette não dissera absolutamente nada de quanto vira e ouvira havia dois dias.

Adivinhara que estavam atravessando uma crise; sentia profundamente que era preciso «ter juízo». Quem há que não haja experimentado o soberano poder das três palavras: Não digas nada!, pronunciadas em certo tom, ao ouvido de uma criança assustada? O medo é mudo. E depois, ninguém guarda

um segredo como uma criança.

Só ao cabo daquelas lúgubres vinte e quatro horas, quando tornara a ver Jean Valjean, soltara um tal grito, no qual, qualquer pessoa que o tivesse ouvido, adivinharia a saída de um abismo.

Diante de Fauchelevent que era do convento e conhecia a senha que ali dava entrada, todas as portas se abriram.

E assim se resolveu o duplo e terrível problema: sair e entrar.

O porteiro, que tinha as suas instruções, abriu a portinha particular que comunicava o pátio com o jardim e que há vinte anos se via ainda da rua, no muro do fundo em frente do portão principal. O porteiro fê-los entrar todos por aquela porta e dali encaminharam-se para o locutório interior reservado, onde Fauchelevent recebera as ordens da prioresa.

A prioresa esperava-os com o seu rosário nas mãos.

Junto dela e de pé, estava uma madre vocal. Uma discreta vela alumiava, ou antes, podia dizer-se, fingia alumiar o locutório.

A prioresa mirou de alto a baixo Jean Valjean. Não há para ver bem como uns olhos baixos. Depois perguntou-lhe:

— Você é o irmão do senhor Fauvent?

— Sim, reverenda madre — respondeu Fauchelevent.

— Como se chama?

Fauchelevent respondeu:

— Ultime Fauchelevent.

Tivera, com efeito, um irmão que já não existia, chamado Ultime.

— De que terra é?

— De Picquigny que fica ao pé de Amiens — respondeu Fauchelevent.

— Que idade tem?

— Cinquenta anos.

— Que profissão exerce?

— É jardineiro

— É bom cristão?

— Toda a nossa família o é — respondeu Fauchelevent.

— Essa pequena é sua?

— É, reverenda madre — respondeu Fauchelevent.

— É pai dela?

— Avô — respondeu Fauchelevent.

A madre vocal, no fim, disse para a prioresa a meia-voz:

— O homem responde bem.

Jean Valjean não tinha pronunciado uma palavra.

A prioresa olhou com atenção para Cosette e disse a meia-voz para a

madre vocal:

— A pequena é que há-de vir a ser feia.

As duas madres conversaram durante alguns minutos em voz baixa no recanto do locutório, e em seguida a prioresa voltou-se e disse:

— Senhor Fauvent, trate de arranjar outra joelheira com guizo. Agora são precisas duas.

Ao outro dia, efectivamente ouviam-se dois guizos no jardim, e as religiosas não podiam ter-se que não erguessem uma ponta do véu. Por entre as árvores viam-se no fim da cerca dois homens a par, cavando com pás: Fauvent e outro. Sucesso enorme!

Chegaram a quebrar o silêncio para dizerem umas às outras: «É um ajudante do jardineiro».

As madres vocais acrescentavam: «É um irmão do senhor Fauvent».

Efectivamente, Jean Valjean estava legalmente instalado; trazia a joelheira de couro e o guizo; tinha tomado posse. O seu nome era Ultime Fauchelevent.

A causa mais forte que preponderara no ânimo da prioresa para a admissão de Cosette fora a observação que a respeito dela fizera: a pequena há-de vir a ser feia. Pronunciado este prognóstico, a prioresa tomou imediatamente amizade a Cosette, dando-lhe lugar no recolhimento como educanda de caridade.

Isto é tudo extremamente lógico.

Debalde no convento é proibido o uso do espelho, porque as mulheres têm uma consciência para a fisionomia; ora as donzelas que sabem que são bonitas dificilmente se deixam fazer religiosas, e por isso sendo a vocação voluntária na razão inversa da beleza, espera-se mais das feias do que das formosas, e daí a inclinação das feias pelas menos belas.

Esta aventura engrandeceu o bondoso Fauchelevent, que teve um tríplice sucesso: com Jean Valjean a quem salvou e deu guarida; com o coveiro Gribier, que dizia a sós consigo: «Aquele homem foi causa de eu não pagar a multa»; e com o convento, que, ficando, graças a ele, de posse do corpo da madre Crucificação, iludiu a César e satisfez a Deus. Ficou um caixão com cadáver no Petit-Picpus e foi um caixão sem cadáver para o cemitério de Vaugirard; a ordem pública de certo foi profundamente perturbada com isso, mas não deu por tal coisa. Quanto ao convento, foi grande o reconhecimento de que se sentiu dominado para com Fauchelevent. Fauchelevent tornou-se o melhor dos servidores e o mais precioso dos jardineiros Na visita imediata do arcebispo, a prioresa contou o caso a sua grandeza, parte confessando-se, parte também gabando-se, e na saída do convento o arcebispo repetiu-o em voz baixa, aplaudindo-o, ao senhor de Latil, confessor do príncipe que depois

foi arcebispo de Reims e cardeal. Correu tanto a admiração por Fauchelevent, que chegou até Roma.

Temos à vista uma carta de Leão XII, então Papa reinante, dirigida a um seu parente, chefe da nunciatura em Paris, e como ele chamado Della Genga, na qual se lêem as seguintes linhas:

> Dizem-me que há aí, num convento dessa cidade, um excelente jardineiro chamado Fauvent, que parece ser um santo homem.

Nem o mais leve murmúrio, porém, de todo este triunfo chegou até à barraca de Fauchelevent. O pobre velho continuou a fazer enxertos, a sachar e a tratar dos meloais sem ter conhecimento da sua virtude nem da sua santidade Teve tanta notícia da sua glória como qualquer boi de Durham ou de Surrey, de que a Illustrater London News publica o retrato com esta inscrição:

Boi premiado na exposição dos animais cornígeros.

IX — Clausura

No convento, Cosette continuou no seu silêncio a respeito dos acontecimentos que precederam a sua entrada.

A pobre criança julgava-se filha de Jean Valjean.

Além disso, como não sabia nada, nada podia dizer, e, ainda quando soubesse, nada diria. Como acabamos de notar, não há coisa que mais discreta torne uma criança do que o infortúnio. Cosette havia sofrido tanto que até de falar e de respirar tinha medo. É que tantas vezes bastava uma só palavra para fazer desabar sobre ela uma torrente de maus tratos! A filha de Fantine mal principiava a tranquilizar-se desde que pertencia a Jean Valjean. Depressa, porém, se habituou ao convento. Apenas sentia a falta de Catarina, mas não ousava dizê-lo. Uma vez, porém, disse para Jean Valjean: «Ó pai! Se eu soubesse, trazia-a».

Cosette, tornando-se recolhida do convento, teve de tomar o hábito das educandas da casa, alcançando Jean Valjean que lhe restituíssem os vestidos que ela deixara. Era o vestuário preto que ele lhe fizera vestir quando deixou a taberna dos Thenardier. Ainda não estava muito usado. Jean Valjean meteu toda esta roupa, inclusive as meias de lã e os sapatos, numa pequena mala que pôde arranjar, enchendo-a de cânfora e de todos os aromas que abundam nos conventos. Pôs a mala em cima de uma cadeira ao pé da cama onde dormia e guardou a chave, trazendo-a sempre consigo.

— Ó pai! — perguntou-lhe um dia Cosette. — Que caixa é aquela que ali está que cheira tão bem?

O senhor Fauchelevent, além da glória de que falámos e que ele ignorava, foi recompensado pela sua boa acção; primeiro com o prazer que sentia, depois porque o serviço que lhe estava a cargo assim dividido, veio a tornar-

se-lhe menor. Finalmente, como gostava muito de tabaco, a presença de Madelaine tornava-se-lhe ainda vantajosa, por isso que tomava muito mais do que dantes e de um modo infinitamente mais voluptuoso, atendendo a que era ele quem lho pagava.

As religiosas não adoptaram o nome de Ultime para nomear Jean Valjean; chamavam-lhe o outro Fauvent.

Se aquelas santas mulheres possuíssem alguma coisa do olhar de Javert, viriam por último a notar que quando era necessário alguma saída para objectos relativos ao cultivo do jardim era sempre o Fauchelevent sénior, o velho, o aleijado, o manco, o que saía e nunca o outro; porém, ou porque os olhos sempre fixos em Deus não sabem espiar, ou porque de preferência se entretivessem em mutuamente se espreitarem, nunca fizeram reparo em semelhante coisa.

Também foi o que valeu a Jean Valjean conservar-se quieto e sem se bulir. Javert durante mais de um mês não cessou de pesquisar pelo bairro.

Aquele convento era para Jean Valjean como uma ilha cercada de abismos. O mundo para ele agora eram aquelas quatro paredes. Dali via o céu, o suficiente para se conservar sereno, e Cosette, o suficiente para viver satisfeito.

Principiou então de novo para ele uma vida cheia de doçura.

Habitava com o velho Fauchelevent na barraca situada ao fundo do jardim. Era uma casinhola de paredes de tabique, que ainda em 1845 existia, a qual, como se sabe, se compunha de três quartos completamente desguarnecidos, tendo só as paredes. O principal cedera-o Fauchelevent a Jean Valjean, obrigando-o a aceitá-lo à força, pois debalde resistira. O ornato da parede deste quarto, além dos dois pregos destinados para dependurar, um a joelheira, outro o cesto, era uma cédula de papel-moeda realista de 93, colado por cima da chaminé.

Este assinado vendeano tinha sido pregado na parede pelo passado jardineiro, antigo chouan, que morrera no convento e a quem Fauchelevent sucedera.

Jean Valjean trabalhava todos os dias no jardim, prestando nele úteis serviços.

Noutro tempo fora podador e gostava de se ver jardineiro. Se bem se recordam, Jean Valjean sabia toda a qualidade de receitas e segredos de cultura, e deles se aproveitou As árvores do pomar que eram quase todas bravias, enxertou-as de borbulha e fez-lhes dar excelentes frutos.

Cosette tinha licença de vir todos os dias passar uma hora na companhia dele Como as sorores eram tristes e ele cheio de bondade, a criança

comparava e adorava-o À hora marcada, corria para a barraca, e quando nela entrava, inundava-a da luz do paraíso. Jean Valjean julgava-se feliz e sentia aumentar a sua felicidade com a felicidade que dava a Cosette. Longe de enfraquecer, como todos os reflexos, tem a alegria que inspiramos o encanto de voltar para nós mais resplandecente ainda. Nas horas do recreio, Jean Valjean via-a, de longe, a brincar e a correr, distinguindo-lhe o riso do das suas companheiras.

Pois Cosette agora ria e até no rosto tinha tal ou qual diferença, havendo-lhe desaparecido a névoa escura da angústia que lhe envolvia o coração. O riso é como o sol: desfaz do rosto humano as nuvens negras que nele condensa a tristeza da alma.

Depois que acabava o recreio e que Cosette se recolhia, Jean Valjean punha-se a contemplar as janelas da aula dela, e de noite levantava-se para se pôr a contemplar a janela do seu dormitório.

Deus emprega os meios que lhe apraz para chegar aos seus fins; o convento e Cosette contribuíam para conservar e completar em Jean Valjean a obra do bispo. É certo que a virtude por um dos lados termina na soberba, para a qual se passa por uma ponte construída pelo diabo Jean Valjean, sem o saber, estava muito próximo desse lado e dessa ponte, quando a Providência o impeliu para o convento do Petit-Picpus; enquanto se não comparara senão com o bispo, achara-se indigno e fora humilde; havia algum tempo, porém, que ele principiava a comparar-se aos homens; e daí a nascer-lhe a soberba, quem sabe? Talvez por último viesse a voltar lentamente ao ódio.

O convento fê-lo parar no meio deste declive.

Era aquele o segundo lugar de cativeiro que via. Na sua mocidade, no que tinha sido para ele o princípio da vida, e depois, bem perto ainda, tinha visto outro lugar horroroso, lugar terrível, cujas severidades lhe tinham parecido sempre a iniquidade da justiça e o crime da lei. Hoje, após as galés, via o claustro, e lembrando-se que tinha feito parte das galés e que era agora, para assim dizer, espectador do claustro, confrontava-os no seu pensamento com ansiedade.

Às vezes, fincando o braço no cabo da pá espetada no chão, descia lentamente pelas espirais sem fundo da cogitação.

Lembrava-se dos seus antigos companheiros e punha-se a reflectir na sua miséria: aqueles infelizes levantavam-se ao romper do dia e trabalhavam até à noite, concedendo-se-lhes apenas alguns instantes de sono; o seu leito eram camas de lona, em que lhes não permitiam colchões de mais de duas polegadas de grossura, dispostos em salas que só nos meses mais ríspidos do ano eram aquecidas; o seu vestuário consistia em horríveis jaquetas

encarnadas, permitindo-se-lhes por muito favor, nos grandes calores, o uso de calças de linho, e uma camisola de lã nos grandes frios, vinho nunca o bebiam, carne nunca a comiam, senão quando lhes sobrevinha a «fadiga». Os nomes que tinham perdiam-nos, designados apenas por números e de algum modo feitos algarismos. Viviam, mas com os olhos baixos, a voz submissa, os cabelos cortados, de contínuo ameaçados pelo azorrague, sepultados no opróbrio.

Depois o seu espírito passava para os entes que tinha diante da vista.

Esses entes viviam também com os cabelos cortados, os olhos baixos, a voz submissa, não no opróbrio, mas no meio das zombarias do mundo não com as costas feridas pelo azorrague, mas com os ombros lacerados pela disciplina. Os seus nomes haviam também desaparecido dentre os homens e sido substituídos por austeros apelidos. Nunca comiam carne nem bebiam vinho; estavam muitas vezes todo o dia sem comer; andavam vestidos, não com uma véstia vermelha, mas com uma mortalha de lã, pesada no Verão, leve de Inverno, sem poder tirar nem acrescentar nada a todas estas coisas, sem ter sequer consoante a estação, o recurso da roupa de linho ou do sobretudo de lã, e trazendo seis meses camisas de sarja, que os faziam arder em febre.

Esses entes habitavam, não em salas aquecidas somente nos frios rigorosos, mas em celas, onde nunca se acendia o lume; dormiam, não em colchões de grossura de duas polegadas, mas nas palhas. Finalmente, nem alguns momentos de sono gozavam: todas as noites, depois de um dia de trabalho, na modorra do primeiro sono, no momento em que iam a fechar os olhos e principiavam a aquecer, tinham de acordar, de erguer-se, de ir orar numa capela escura e fria como gelo, com os joelhos sobre a pedra.

Em certos dias, cada um daqueles entes, por sua vez, tinha de estar doze horas ajoelhado ou prostrado nas lajes, com o rosto pregado no chão e os braços em cruz.

Os outros eram homens; estes eram mulheres.

Que haviam feito esses homens?

Tinham roubado, violado, assaltado, matado, assassinado.

Eram bandidos, falsários, envenenadores, incendiários, assassinos, parricidas.

E essas mulheres que tinham feito?

Nada.

Duma parte a rapina, a fraude, o dolo, a violência, a lubricidade, o homicídio, todas as espécies do sacrilégio, todas as variedades do atentado; da outra uma só coisa a inocência.

A inocência perfeita, quase enlevada numa assunção misteriosa, comunicando ainda com a terra pela virtude e já com o céu pela santidade.

Duma parte confidências de crimes, mutuamente feitas em voz baixa Da outra a confissão das faltas, feita em voz alta. E que crimes! E que faltas!

De uma parte miasmas, da outra perfume inefável.

De uma parte uma peste moral, com sentinelas à vista, rodeada de artilharia e devorando lentamente os empestados por ela; da outra um casto abrasamento de todas as almas no mesmo fogo. Além, as trevas; aqui, a sombra, mas sombra cheia de clarões e clarões cheios de fulgor

Dois lugares de escravidão, mas no primeiro a possibilidade da liberdade, um limite legal, sempre entrevisto, ou pelo menos a evasão. No segundo a condenação por toda a vida, e por única esperança na extremidade longínqua do porvir, esse clarão de liberdade, a que os homens dão o nome de morte.

No primeiro, as cadeias que prendem os que vivem nele são simples grilhões; no segundo, as cadeias são as da fé.

Que saía do primeiro? Uma maldição imensa, o ranger de dentes, o ódio, a malvadez desesperada, um grito de raiva contra a sociedade humana, um sarcasmo contra o céu.

E do segundo? Cânticos de louvor e amor.

E em ambos esses lugares tão semelhantes, e ao mesmo tempo tão diversos, essas duas espécies de entes tão diferentes, tinham por alvo o mesmo fim a expiação.

Jean Valjean compreendia bem a expiação dos primeiros; a expiação pessoal, a expiação das faltas próprias. O que ele não compreendia, porém, era a dos outros, a dessas criaturas irrepreensíveis e sem mácula, e perguntava a si cheio de agitação: «Expiação de quê? Que expiação?»

A isto respondia-lhe uma voz na consciência: «A mais divina das generosidades humanas, a expiação pelos outros.»

Sobre este ponto abstemo-nos de qualquer teoria pessoal; somos simples narrador; encaramos as coisas como Jean Valjean as encarava, e traduzimos somente as suas impressões.

Diante de si via o cúmulo sublime da sua abnegação, o cimo mais alto a que pode vingar a virtude; a inocência que perdoa aos homens as suas faltas e se oferece por eles em expiação delas; via como essas almas, que não haviam pecado, sofriam a servidão, aceitavam a tortura, reclamavam o suplício, para libertar de tudo isto aquelas que o tinham feito; o amor da humanidade consubstanciado com o amor de Deus, mas ainda distinto, ainda suplicativo; entes frágeis cheios de doçura, vivendo na miséria dos que são punidos e sorrindo como os que são recompensados.

E ele, ele ousara ainda queixar-se!

Alta noite, às vezes, levantava-se para ir escutar os cânticos de graças

daquelas criaturas inocentes e vergadas ao peso de ásperas severidades, e sentia arrefecer-lhe o sangue nas veias ao lembrar-se que aqueles que eram justamente castigados, não elevavam a voz ao céu senão para blasfemar, e que até ele, miserável, chegara a ameaçar a Deus com o punho cerrado.

Notável coisa que o fazia cogitar profundamente como um aviso segredado pela própria Providência; as diligências que empregara para saltar um muro, para penetrar num claustro; os perigos gravíssimos a que se expusera, a difícil e dura ascensão com que fizera perder o rasto aos seus perseguidores, todos esses esforços que ele tinha feito para sair do outro lugar da expiação fizera-os para entrar neste. Seria um símbolo do seu destino?

Esta casa era também uma prisão e tinha uma lúgubre semelhança com a outra donde ele fugira, e, contudo, nunca imaginara que no mundo houvesse coisa parecida com ela.

Que guardavam essas grades, esses ferrolhos e varões de ferro, que outra vez viu? Anjos.

As paredes elevadas que outrora vira encurralando tigres, via-as de novo, mas fechando ovelhas. Além a jaula, aqui um redil.

Era de expiação e não de castigo este lugar, e, todavia, ainda era mais austero, mais pesadamente melancólico e mais desapiedado do que o outro. Aquelas virgens ainda andavam curvadas debaixo de trabalho mais duro do que os forçados. Um vento frio e ríspido, o vento que gelara a sua mocidade, penetrava a jaula solidamente gradeada dos abutres, mas por aquele viveiro de pombas infiltrava-se uma rajada mais áspera e penetrante ainda

Porquê?

Quando nisto pensava, sentia-se confundido na presença deste mistério de sublimidade.

Assim se desfez a soberba que dele se ia apoderando. Meteu a mão na própria consciência e quando conheceu a sua miséria, chorou muitas vezes fervorosas lágrimas. Todos os sucessos da sua vida, desde há seis meses, como que o impeliam a pôr em prática as piedosas exortações do santo bispo; Cosette com o seu amor, o convento com a sua humildade.

Às vezes, quando à tarde a luz avermelhada do crepúsculo corava ainda de reflexos mal distintos o jardim deserto, ajoelhava no meio da rua paralela à capela diante da janela por onde espreitara na noite em que chegara, e voltado para o sítio onde sabia que a soror, que fazia reparação, estava prostrada a orar. E ele orava assim ajoelhado diante daquela mulher piedosa, como se fora ela a mediadora das suas súplicas a Deus, perante quem parecia não ousar ajoelhar-se directamente. Tudo o que o rodeava, aquele pacífico jardim, aquelas flores odoríferas, aquelas crianças ruidosamente alegres,

aquelas mulheres cheias de gravidade e singeleza, aquele claustro silencioso, tudo manso e manso se lhe ia infiltrando no coração e compondo a alma pouco a pouco do silêncio daquele claustro, do perfume daquelas flores, da tranquilidade daquele jardim, da simplicidade daquelas mulheres e da alegria daquelas crianças.

E depois lembrava-se de que foram duas mansões de Deus que sucessivamente o recolheram nas duas conjunturas críticas da sua vida; a primeira, quando todas as portas se lhe fechavam e que a sociedade humana o repelia; a segunda, na ocasião em que a sociedade se empenhava de novo a persegui-lo e em que para ele se tornavam a abrir as galés; e então reflectia que, se não fosse a primeira reincidiria no crime, e que, se não fosse a segunda, voltaria ao suplício.

E o seu coração transbordava de gratidão e amava cada vez mais.

Muitos anos passaram assim. Cosette crescia.

TERCEIRA PARTE — MÁRIO

LIVRO PRIMEIRO — PARIS ESTUDADO NA SUA MAIS TÉNUE PARCELA

I — Parvulus

Paris tem um filho como a floresta tem um pássaro. O pássaro chama-se pardal; o filho de Paris chama-se gaiato.

Aproximai estas duas ideias — Paris, infância — das quais uma contém todo o fogo, a outra toda a aurora; fazei que essas duas faíscas se choquem e vereis levantar desse choque um entezinho. *Homuncio*, como diria Plauto. Jamais o vereis triste, que não é essa a sua índole. Esse entezinho nem todos os dias come, mas, se lhe dá para tal, vai ao espectáculo todas as noites. Anda sem camisa, sem sapatos, não tendo sequer um tecto que o cubra; é como as moscas do ar que nenhuma dessas coisas têm. A sua idade regula sempre de sete a treze anos, o seu viver é em bandos, vagueando pelas ruas, dormindo ao relento, trajando umas calças velhas que já trouxe seu pai, e que de compridas lhe andam de rastos, trazendo por cobertura um chapéu de dono incerto enterrado até às orelhas, e as calças seguras por um único suspensório de ourelo amarelo; corre, espreita, pesquisa, mata o tempo, queima cachimbos, pragueja como um desalmado, frequenta as tabernas, trava relações com os ladrões, trata por tu as meretrizes, fala em gíria, canta cantigas obscenas, e, apesar de tudo, não são maldosos os seus sentimentos. É que têm na alma a pérola da inocência e as pérolas não se desfazem na lama. Quer Deus que o homem seja inocente enquanto não transpõe a idade infantil.

Se à cidade imensa perguntásseis: «Que criança é essa que aí tendes?» Ela responder-vos-ia: «É meu filho.»

II — Alguns dos seus sinais particulares

O gaiato de Paris é um anão gerado por uma gigante.

Não exageremos, contudo; este querubim da enxurrada tem algumas vezes camisa, mas neste caso não tem mais de uma; possui algumas vezes sapatos, mas sem solas; tem por vezes uma habitação que estima, porque nela encontra sua mãe; mas prefere a rua, porque acha nela a liberdade. Tem seus brinquedos e malícias, que lhe são próprios, mas cujo fundo é o ódio aos burgueses; tem metamorfoses que lhe são peculiares; estar morto chama-se comer taráxacos pela raiz; há ocupações que lhe são privativas, como ir buscar carruagens, baixar os estribos das carruagens, estabelecer alpendres de um a outro lado da rua, nas ocasiões de grossas chuvas, ao que ele chama fazer *pontes das artes*, apregoar os discursos pronunciados pela autoridade em favor do povo francês, e esgaravatar entre as pedras das calçadas; tem também a sua moeda particular, que se compõe de todos os bocadinhos de metal que

acha na rua. Esta curiosa moeda, que toma o nome de chabicas, tem curso invariável e muito bem regulado na pequena boémia das crianças.

Tem, enfim, a fauna particular, que observa estudiosamente por todos os cantos: as lagartas, os besoiros e o «diabo», insecto preto que ameaça com a cauda, guarnecida de dois ferrões. Tem o seu monstro fabuloso com escamas no ventre e que não é um lagarto, com pústulas no lombo e não é sapo, que habita nos fornos de cal abandonados e nos poços secos, negro, felpudo, viscoso, arrastando-se ora devagar, ora rapidamente, que não grita, mas que olha, e que é tão terrível que nunca foi visto por ninguém; a este monstro chama ele «o surdo». Procurar surdos entre as pedras é um prazer do género terrível. Outro prazer ainda: levantar de repente uma pedra e ver bichos de conta. Cada região de Paris é célebre pelos interessantes achados que nela se podem fazer. Nas estâncias das Ursulinas dominam as formigas, no Panteon as centopeias, nos fossos do campo de Marte as rãs.

Quanto a frases, este pequeno tem-nas propriamente suas como Talleyrand; não é menos cínico mas é mais honrado É dotado de imprevista jovialidade; aturde inopinadamente o primeiro lojista por cujo estabelecimento passa, com uma incrível risada fingida. A sua gama desce atrevidamente da alta comédia até à farsa.

Passa um enterro. Entre os que o acompanham vai um médico.

— Ora esta! — grita um gaiato. — Desde quando é que os médicos vão levar a obra?

Entre a multidão está outro gaiato. De repente, um homem sério de óculos e muitos berloques no relógio volta-se para ele, bramando indignado:

— Maroto! Deitaste a mão à cintura de minha mulher!

— Eu, senhor!? Apalpe-me, veja se a encontra!

III — Como é agradável

À noite o *homuncio*, graças a alguns cobres que acha sempre maneira de arranjar, entra num teatro, e, apenas transpõe o limiar daquelas mágicas mansões, transfigura-se; de gaiato que era, torna-se *titi*. Os teatros são uma espécie de navios voltados com o porão para o ar, e é exactamente no porão que o gaiato toma lugar. O *titi* é para o gaiato o que a mariposa é para a larva: o mesmo ser, com asas. Basta que ele ali se encontre na ebriedade do seu prazer, no cúmulo do seu entusiasmo e alegria, com o seu bater de mãos, que mais parece um bater de asas, para que esse porão estreito, fétido, escuro, sórdido, insalubre, hediondo, abominável, se chame o Paraíso.

Dai a um ente o inútil e tirai-lhe o necessário, e tereis o gaiato.

O gaiato não é destituído de certa intuição literária. A sua tendência, porém, dizemo-lo suficientemente pesarosos, não se inclina para o gosto

clássico. O gaiato é, por pendor natural, pouco académico. Para darmos um exemplo, basta dizer que a popularidade de Mademoiselle Mars, entre este público de crianças tavaneses, era temperada com uma ponta de ironia. O gaiato denominava-a Mademoiselle Muche.

Esta criatura berra, zombeteia, trava desordens, batalha, anda rota como uma criança, esfarrapada como um filiado, pesca nas enxurradas, caça nas latrinas, extrai a alegria da imundície, anima os becos com o seu entusiasmo, é sarcástico e maldizente, assobia e canta, aplaude e pateia, tempera a Aleluia com *Matanturlurette*! Salmodia todos os ritmos desde o *De profundis* até à *Chieenlit*; acha sem procurar, sabe o que ignora, é esparciata até às raias da ratonice, é louco até tocar os limites da prudência, lírico até à obscuridade, capaz de se pôr de cócoras no Olympo, chafurda na imundície e sai dela coberto de estrelas.

O gaiato parisiense é Rabelais em miniatura.

Se as calças que traz não têm bolso de relógio, não anda satisfeito.

É pouco espantadiço, ainda menos timorato, faz cantigas às superstições, espreme os exageros, escarnece dos mistérios, deita a língua de fora às almas do outro mundo, despoetiza o que os outros encarecem, introduz a caricatura nas intumescências épicas. Não porque ele seja prosaico; longe disso; mas porque substitui a visão solene pela fantasmagoria bufona. Se Adamastor aparecesse ao gaiato, o gaiato diria: «Ai! O papão!»

IV — Como pode ser útil

Paris principia pelo basbaque e acaba no gaiato; duas criaturas que nenhuma outra cidade encerra: a aceitação passiva que se contenta em ver, e a iniciativa sem fim; Prudhomme e Fouillon. Só Paris é que tem uma coisa semelhante na sua história natural. No basbaque reside toda a monarquia; no gaiato toda a anarquia.

Este pálido filho dos arrabaldes de Paris vive e cresce, principia e «acaba» no infortúnio, testemunha pensativa das realidades sociais e as coisas humanas. Julga-se ele próprio indiferente, mas não é. Olha, pronto a rir, mas pronto também para outra coisa. Vós, quem quer que sois, que vos chamais Prejuízo, Abuso, Ignomínia, Opressão, Iniquidade, Despotismo, Injustiça, Fanatismo, Tirania, acautelai-vos do gaiato, se o virdes boquiaberto.

Esse pequeno crescerá.

De que argila é ele formado? Do primeiro barro que Deus deparou à mão. Um punhado de lama, um sopro, e eis formado Adão. O essencial é o sopro de Deus, e o sopro de Deus é sempre o que forma o gaiato. A fortuna coopera também para esta criaturinha. Por fortuna aqui, entendemos o azar. Este pigmeu amassado com terra comum, ignorante, falto de instrução, vulgar,

plebeu entre os plebeus, será um jónio ou um beócio! Esperai, *currit rota*, e o espírito de Paris, o demónio que cria os rapazes do acaso e os homens do destino, ao avesso do oleiro romano, fará de cântaro uma ânfora.

V — As suas fronteiras

O gaiato gosta da cidade, mas não desgosta da solidão, porque há nele o seu quê de filósofo. *Urbis amator*, como Fusco; *ruris amator*, como Flacco.

Empregar o tempo em vaguear meditando é, sem dúvida, um bom emprego para o pensador, especialmente para essa espécie de campo algum tanto espúrio e bastante feio, mas singular e composto de duas naturezas, que se estende em roda de algumas grandes cidades, especialmente de Paris. Observar os arrabaldes é observar um anfíbio.

Findam as árvores e principiam os telhados, acaba a erva e começa a calçada, terminam os regos e principiam as lojas, desaparecem as rodeiras e principiam as paixões, extingue-se o murmúrio divino e ergue-se o rumor humano; é extraordinário o interesse que disto resulta.

É daí que provém os passeios, aparentemente sem fim, dos homens meditabundos por esses lugares pouco aprazíveis e denominados para sempre, por quem passa, com o epíteto de tristes.

Quem estas linhas escreve passeou muitas vezes pelos arrabaldes de Paris; e é isso para ele uma fonte de profundas recordações.

A erva rasa, os caminhos pedregosos, o barro, os marnes, as ásperas monotonias dos baldios, as plantações serôdias avistadas de repente num ou noutro ponto, a mistura do selvático e do burguês, os vastos recantos desertos onde se estabelecem estrondosamente as escolas dos tambores da guarnição, balbuciando uma batalha, aquelas tebaidas de dia, e pontos para emboscadas de noite, o moinho desconjuntado girando com o vento, as rodas de extracção das pedreiras, as tascas juntas dos cemitérios, o encanto misterioso dos grandes e sombrios muros, cortando em ângulos rectos imensos terrenos devolutos, inundados de sol e povoados de borboletas, tudo o atraía.

Quase ninguém neste mundo conhece os sítios singulares, da Glacière e da Cunette, o hediondo muro de Grenelle, crivado de balas, o Mont-Parnasse, a Fosse-aux-Loups, os Aubiers na ribanceira do Mame, Mont-Souris, a Tombe Issoire e a Pierre-Plate de Châtillon, onde há uma velha pedreira explorada, que só serve para fazer nascer cogumelos, e que é fechada à flor da terra por um alçapão de madeira já podre. A campina de Roma é uma ideia, o termo de Paris é outra; não ver no horizonte que se nos oferece, senão campos, casas e árvores, é ficar à superfície; todos os aspectos das coisas são pensamentos de Deus. O lugar em que uma planície se liga com uma cidade é sempre impregnado de não sei que penetrante melancolia. Ouvem-se ali ao mesmo

tempo as vozes da natureza e as da humanidade. É ali que as originalidades locais se patenteiam.

Quem quer que tenha divagado, como nós, nas solidões contíguas aos nossos arrabaldes, que poderiam chamar-se limbos de Paris, viu infalivelmente, num ou noutro ponto, no sítio mais abandonado, no momento mais inesperado, por trás de magra sebe, ou do ângulo de lúgubre muro, crianças agrupadas tumultuosamente, fétidas, enlameadas, cobertas de terra, vestidas de andrajos, e como eriçadas, jogando a chopo, coroadas de flores. São tudo rapazinhos pobres fugidos às famílias.

O boulevard exterior é o seu meio respirável; os arredores de Paris pertencem-lhes; fazem deles uma eterna escola de gazeta, cantando ingenuamente o seu repertório de cantigas nojentas. Estão ali, ou antes, existem ali, longe de todas as vistas, à suave luz de Maio ou de Junho, ajoelhados em volta dum buraco feito na terra, jogando, disputando por causa de um soldo, irresponsáveis, livres, felizes; e apenas vos avistam, lembram-se de que têm uma indústria, com que ganham a vida e oferecem-vos para comprardes, uma meia velha de lã cheia de besouros, ou um ramo de lilases. Estes encontros de estranhas crianças, são uma das graças encantadoras e ao mesmo tempo pungentes dos arredores de Paris.

Algumas vezes, naqueles montões de rapazes vêem-se rapariguinhas; serão suas irmãs? Quase mulheres, magras, febris, crestadas pelo sol, com os rostos sardentos, com espigas de centeio e papoilas nos cabelos, alegres, descalças e ariscas. Vêem-se algumas entre o trigo comendo cerejas, e à tarde ouvem-se-lhes os risos. Estes grupos ardentemente iluminados pelo Sol do meio-dia, ou entrevistos no crepúsculo, ocupam por muito tempo o pensador; estas visões invadem-lhe a meditação.

Paris, centro — os arredores, circunferências; eis para tais crianças a terra inteira. Jamais passam além. Podem tão-pouco sair da atmosfera parisiense como os peixes podem sair da água. Para elas, além de duas léguas das barreiras, não existe mais nada; Ivry, Gentilly, Arcueil, Belleville, Aubervilliers, Ménilmontant, Choisy-le-Roi, Billancourt, Meudon, Issy, Vanvre, Sèvres, Puteaux, Neilly, Gennevilliers, Colombes, Romainville, Chatou, Asnieres, Bougival, Nanterre, Bnghien, Noisy-le-Sec, Nogent, Gournay, Drancy e Gonesse, é tudo quanto compõe o Universo.

VI — Fragmento de história

Na época, aliás quase contemporânea em que decorre a acção deste livro, não havia, como hoje, um agente de polícia à esquina de cada rua (benefício que já não é tempo de discutir); por isso abundavam em Paris as crianças vagabundas. As estatísticas dão uma média de duzentas e sessenta crianças

sem asilo, apanhadas anualmente pelas rondas da polícia, nos terrenos abertos, nas casas que se andavam construindo e debaixo dos arcos das pontes. Um destes ninhos, que se tornou famoso, produziu «as andorinhas da ponte de Arcole». E este é, no fim de tudo, o mais desastroso dos sintomas sociais. Todos os crimes do homem começam na vagabundagem da criança.

Exceptuemos, contudo, Paris, Relativamente, e não obstante o que acabamos de lembrar, a excepção é justa. Ao passo que em qualquer outra grande cidade, um rapazinho vagabundo é um homem perdido, ao passo que, em quase toda a parte, o rapaz abandonado a si mesmo, é de certo modo consagrado e votado a uma espécie de imersão fatal nos vícios públicos, que lhe devoram a honestidade e a consciência, o gaiato de Paris, insistimos neste ponto, tão gasto e safado na superfície, conserva-se interiormente quase intacto. É uma coisa magnífica e agradável de registar, e que brilha na esplêndida probidade das nossas revoluções populares: da ideia que satura o ar de Paris, resulta uma certa incorruptibilidade, como da água do oceano resulta o sal.

Respirar Paris é conservar a alma.

O que acabamos de dizer, não diminui coisa alguma o aperto de coração que se sente todas as vezes que se encontra uma daquelas crianças, em torno da qual parece ver-se flutuar os fios quebrados da família. Na civilização actual, tão incompleta ainda, não são demasiadamente anormais estas fracturas de famílias, vazando-se nas sombras, não sabendo mais o que é feito de seus filhos, e deixando cair as entranhas pelas ruas e praças públicas. Daqui os destinos obscuros. Chama-se a isto, porque tão triste coisa produziu locução: «ser lançado às pedras (*sur lê pavé*) de Paris».

Seja porém dito de passagem: este abandono de crianças não era de todo desanimado pela antiga monarquia.

Um tanto ou quanto de Egipto e de Boémia nas baixas regiões, equilibrava as altas esferas e era útil aos desígnios dos poderosos. O antagonismo ao ensino dos filhos do povo, era dogma. Para que servem as «meias luzes?» Tal era a senha. Ora, a criança errante é corolário da criança ignorante.

Além disto, quando a monarquia carecia de rapazes, fazia uma colheita pelas ruas e ficava servida.

No tempo de Luís XVI, para não remontarmos a mais longe, queria o rei, e com razão, criar uma esquadra. A ideia era boa; mas vejamos os meios de a realizar. Não há esquadra possível, se, ao lado do navio de vela, ludibrio do vento, e para o rebocar sempre que seja necessário, não há o navio que vai onde quer, ou seja pelo remo ou pelo vapor; as galés eram naquele tempo para a marinha o que são hoje os vapores.

Necessitavam-se, pois, galés; mas a galé não se move sem o forçado; por consequência era preciso que houvesse forçados. Colbert fazia apurar pelos intendentes de província e pelos parlamentos, o maior número possível de forçados. A magistratura empregava neste empenho a maior complacência. Se um homem qualquer conservava o chapéu na cabeça ao passar uma procissão, mostrava costumes de huguenote! Galés com ele. Encontrava-se na rua um rapaz, tinha quinze anos, e não sabia onde pernoitar; mandavam-no para as galés.

Grande reinado, grande século.

No reinado de Luís XV desapareciam de Paris as crianças; a polícia arrebatava-as, não se sabe para que misterioso emprego. Segredavam-se então com espanto, monstruosas conjecturas acerca dos banhos de púrpura do rei. Barbier fala ingenuamente destas coisas. Sucedia, às vezes, que os esbirros caçadores de crianças, se apoderavam de algumas que tinham pais. Estes, desesperados, corriam sobre os esbirros. Em tais casos, intervinha o parlamento e mandava prender... Quem? Os esbirros? Não, os pais das crianças.

VII — O gaiato podia ocupar um lugar nas classificações da Índia

O ser gaiato em Paris ainda não é para todos, por isso que esta espécie de entes ali quase constituem uma raça.

A palavra gaiato foi impressa pela primeira vez, passando pela linguagem popular para a linguagem literária, em 1834. A sua aparição teve lugar num opúsculo intitulado *Cláudio Gueux* e produziu grande escândalo, mas a palavra ficou adoptada.

São variadíssimos os elementos que constituem a consideração dos gaiatos entre eles. Um conhecemos nós e com ele falámos muitas vezes, que era em extremo respeitado e admirado por ter visto cair um homem das torres de Notre-Dame; outro, por ter conseguido penetrar no pátio onde estavam inteiramente guardadas as estátuas do zimbório dos Inválidos e ter-lhes «surripiado» um pouco de chumbo! Um terceiro, por ter visto tombar uma diligência; e ainda outro, por «conhecer» um soldado que esteve quase a tirar um olho a um sujeito bem trajado.

É isto o que explica a seguinte exclamação de um gaiato parisiense, epifonema profundo de que o vulgo ri sem o compreender: Deus do céu, não querem lá ver! Dizerem que ainda não vi cair ninguém dum quinto andar!

É, realmente, sobremodo chistoso o seguinte dito de um aldeão: «Tio fulano, sua mulher morreu da doença que teve; porque não mandou chamar um médico?»

«O senhor que quer? Cá nós, os pobres, não temos com que pôr embargos à

morte!» Se este dito, porém, exprime toda a passividade do aldeão, no que em seguida se vai ler, revela-se toda a anarquia do livre pensar do gaiato parisiense. Vendo um destes um condenado à morte a falar com o seu confessor, exclamou: «Lá está o maricas a dizer segredinhos ao sotaina!»

O gaiato torna-se saliente por certa dose de audácia em assuntos religiosos. É que ser espírito forte inculca importância.

A assistência às execuções constitui para ele um dever. Apontam uns aos outros para a guilhotina e riem, designando-a por toda a espécie de nomes figurados, como «sobremesa», «corta-gorgomilos», «cerradouro», «decepa-toutiços», «diligência do outro mundo», etc., etc. Tal é o empenho com que procuram ver todas as peripécias do terrível drama, que trepam acima das paredes, sobem às árvores, agarram-se às grades, andam de gatas pelos telhados. O gaiato já nasce trolha e marinheiro. Tanto o intimida um telhado como um mastro. Não há festa para ele como a execução de um condenado. Os nomes mais populares são os de Sansão e o do abade Montês. Apupam o paciente para o animar, e às vezes mostram por frases cheias de fogo a admiração que lhe tributam. Lacenaire, quando gaiato, vendo morrer intrepidamente o terrível Danton, proferiu esta frase que encerra um futuro: «Tenho-lhe inveja». Voltaire é desconhecido entre os garotos, mas todos conhecem Papavoine. Na mesma lenda misturam os «políticos» e os assassinos, e de todos conservam a tradição do último trajo que usaram. Sabem, pois, que Tolleron trazia uma carapuça de moço de forneiro, Avril um barrete de pele de lontra, Louvei um chapéu de copa baixa, que o velho Delaporte era calvo e andava sem nada na cabeça, que Castaing era corado e sobremodo bonito, que Bories tinha uma romântica cadelinha de água, que Jean Martin guardava os suspensórios, que Lecouffé e sua mãe andavam sempre a travar-se de razões. «Disse o tacho à sertã, pira-te lá não me enfarrusques!», gritou-lhe uma vez um gaiato. Outro, para ver passar Debacker, que de pequeno se perdia por entre o povo, lembra-se do lampeão do cais e trepa acima dele. Ao ver isto, um guarda que ali estava de sentinela franze o sobrolho e o gaiato diz-lhe: «Ó camarada, deixe-me subir», e para melhor o comover acrescenta: «Esteja descansado que eu não caio». «E a mim dá-se-me bem que tu caias!» responde o guarda.

Os gaiatos apreciam sempre sumamente algum desastre memorável. Se alguém sucede dar um golpe profundo «até ao osso», como eles dizem, torna-se objecto da mais subida veneração.

Ter pulso é também um elemento de respeito, e não dos mais medíocres. Uma das coisas que o gaiato diz com mais desvanecimento é: «Caramba! Eu, assim mesmo, ainda tenho bastante força.» Entre eles ser canhoto é

circunstância digna de inveja e apreciável o ser vesgo.

VIII — Onde se narra um dito galante do último rei

De Verão, o gaiato metamorfoseia-se em rã. No fim da tarde vê-lo-eis defronte das pontes de Iena e de Austerlitz atirar-se ao Sena, de cabeça para baixo, de cima das barcas de carvão e dos barcos das lavadeiras, com manifesta infracção das leis do pudor e dos regulamentos policiais. Contudo, os agentes de polícia vigiam, do que resulta uma situação sumamente dramática, que já deu lugar a um grito fraternal memorável; este grito, que se tornou célebre em 1830, é um aviso estratégico de um gaiato a outro; é susceptível de se expandir como um verso de Homero e tem uma entoação quase tão inexprimível como a melopeia elegíaca das Panatheneias. Parece o antigo Evohé.

Ei-lo: *Ohé Titi, ohéée! pica a amarra, desatraca, que anda mouro na costa, desatraca, faz piranço.*

Às vezes sabe ler este mosquito, como ele a si próprio se denomina, às vezes sabe escrever; mas o que ele sabe sempre é pintar monos nas paredes. Não hesita em aprender, por não sabermos que misterioso ensino mútuo, todas as habilidades que à república possam ser úteis: desde 1815 até 1830, imitava o gargarejar do peru; desde 1830 até 1848, rabiscava peras pelas paredes. Numa tarde de estio, recolhendo-se Luís Filipe a pé, viu um gaiato, que de pequeno que era suava e punha-se em bicos de pés para desenhar a carvão uma gigantesca pêra num dos pilares da grade de Neuilly; o rei com o pachorrento humor que herdara de Henrique IV, ajudou o gaiato, e acabada a pêra deu-lhe um luís, dizendo: «Isso também tem uma pêra!»

O gaiato gosta das rusgas, agrada-lhe certo estado violento. Os «abades» é que ele não pode ver. Um dia, estando um destes girigotes pequenos na rua da Universidade a pintar um nariz de vara e meia no portão da casa número 69, um indivíduo que ia a passar perguntou-lhe:

— Para que estás aí a fazer isso?

— É porque mora aqui um abade — respondeu o gaiato.

Era aquela, efectivamente, a casa em que morava o núncio do Papa.

Entretanto, por mais intenso que seja o voltaireanismo do gaiato, se se lhe oferece ensejo de ser menino do coro, abraça o mister e ajuda à missa com toda a compostura e gravidade. Existem duas coisas que são para ele o suplício de Tântalo, porque as vê em espírito sem nunca chegar a elas na realidade: derribar o governo e compor as calças.

O gaiato no seu estado perfeito conhece todos, os polícias de Paris, o seu número certo e os seus nomes, de modo que se não vê embaraçado para, quando encontra algum, o designar pelo que lhe pertence. Além disto, estuda-

lhes os costumes e possui notas especiais a respeito de cada um deles. Lê-lhes na alma como nas folhas de um livro aberto. Dir-vos-á correntemente e sem balbuciar: fulano é traiçoeiro; sicrano é mau como as cobras; beltrano é um grande homem ou uma criatura ridícula, etc. (estes termos de traidor, mau, grande, ridículo, têm todos na boca deles uma acepção particular). «Este pensa que traz o rei na barriga; cuida que a gente lhe come alguma coisa em andar a passear por cima das guardas da Ponte Nova; aquele tem a mania de puxar as orelhas a uma pessoa, etc., etc.».

IX — A velha alma da Gália

Tudo o que até aqui temos dito do gaiato possuiu-o em mais ou menos subido grau Poquelin, que nos seus primeiros anos vagueara pelas praças, e possuiu-o Beaumarchais. A gaiatice parisiense é uma cor do espírito gaulês. Combinada com o bom-senso, aumenta-lhe a força, como ao vinho faz o álcool. Outras vezes, porém, é defeito. Homero repisa; de acordo; mas de Voltaire pode-se dizer que parece gaiato.

Camilo Desmoulins era natural dos arrabaldes. Championnet, que tão rispidamente flagelava os milagres, saiu das ruas de Paris; em pequeno inundou os pórticos de S. Jean de Beauvais e Santo Estêvão do Monte; não era, pois, de admirar que ele, que tantas vezes tratara por tu o relicário de Santa Genoveva, desse ordens à urna de S. Januário.

O gaiato de Paris é respeitoso, irónico e insolente. Os seus dentes são feios, porque se nutre com maus alimentos e padece do estômago, mas em compensação tem olhos belos, porque tem espírito. Na presença de Jeová, subirá num pé os degraus da escada do Paraíso. Como andarilheiro ninguém o excede, brinca nos cais e toma vulto com as rusgas; a metralha não lhe faz perder o desassombro; de gatuno passa a herói, e, como o jovem tebano, sacode a pele do leão; o tambor Barraque era um gaiato de Paris; grita: «Avante!», como o cavalo da Escritura diz: «Vá!» e num minuto passa de rapazinho a gigante.

O filho da lama, porém, é também filho do ideal. Senão, medi o arco que vai de Molière a Barra.

Em suma, para dizermos tudo numa só palavra, o gaiato é um ente que passa a vida folgazã, por ser desgraçado.

X — Ecce Paris, ecce homo

Para tudo resumir ainda mais, o gaiato de Paris é hoje, como outrora, o *groeculus* de Roma, o povo infantil, com as rugas de mundo senil na fronte.

O gaiato é uma graça para a nação e conjuntamente um aleijão que se deve curar; como? Por meio da luz.

A luz dá saúde.

A luz alumia.

As generosas irradiações sociais são todas produzidas pela ciência, pelas letras, pelas artes, pelo ensino. Formai homens, formai homens; dai-lhes fogo para eles vos darem calor. Tarde ou cedo, a fulgurante questão da instrução universal há-de estabelecer-se com a irresistível autoridade da verdade absoluta, e então aqueles que governarem sob a vigilância da ideia francesa terão de fazer escolha entre os filhos de França, ou os gaiatos de Paris; entre as chamas na luz, ou os fogos fátuos nas trevas.

O gaiato exprime Paris e Paris exprime o mundo.

Paris é uma soma, É o tecto do género humano. Toda essa cidade de maravilhas é um resumo dos costumes mortos e dos costumes vivos. Quem vê Paris parece-lhe ver a parte inferior da história toda com o céu e constelações nos intervalos.

Paris tem um Capitólio, a Casa da Câmara; um Partenon, Nossa Senhora de Paris; um Monte Aventino, o arrabalde de Santo António; um Asinario, a Sorbonna; um Panteon, o Panteon; uma Via Sacra, o boulevard dos Italianos; uma Torre dos Ventos, a opinião pública; e, em lugar das Gemonias, o ridículo. O seu majo chama-se faraud, o seu transteverino faubourien, o seu hammal o valente das praças, o seu lazzarone pègre, o seu cockney gandin. Tudo o que há nas outras partes há-o em Paris.

A vendedeira de erva de Euripides pode replicar a peixeira de Dumarsais; no dançarino de corda Furioso revive o discóbolo Vejano; o granadeiro Vadeboncceur lutaria com Therapontigonus Miles, o adelo Damasippo regozijar-se-ia com os negociantes de ferros velhos. Vincennes encarceraria Sócrates, como a Agora aferrolharia Diderot; Grimond de la Reynière descobriu o *roast-beef* com sebo como Curtilio inventou o ouriço assado; debaixo do balão do arco da Estrela vemos reaparecer o trapézio de Flauto; o engole-espadas de Pcecilio encontrado por Apulêo, come facas na Ponte Nova; o sobrinho de Rameau e o parasita Curculion fazem um par: Ergasilo pediria para ser apresentado a Cambacérès por Aigrefeuille; os quatro peralvilhos de Roma, Alcesimarcho, Phcedrommo, Diablo e Argirippo, descem da Courtille na diligência de Labatut; Aulo Gelio não estava mais tempo parado defronte de Gongrio do que Carlos Nodier diante de Polichinelo; Marton não é uma hiena, mas também Pardalisca não era um dragão; o gracioso Pantolabo caçoa o ocioso Nomentano no café Inglês; Hermogenes é tenor nos campos Elíseos, e Trasio, o mendigo, vestido de Bobeche, faz o peditório pelos circunstantes; o importuno que vos sai ao encontro nas Tulherias, segurando-vos pelo botão do casaco, faz-vos repetir após dois mil anos a apóstrofe de Thesprion: « *Quis properantem me prehendit pallio?*» O vinho de Suresne parodia o vinho de

Alba: o vermelho cangirão de Desaugiers faz equilíbrio à grande taça de Balatron; o Père Lachaise exala com as chuvas nocturnas os mesmos clarões que os esquilos, e a cova do pobre comprada por cinco anos, vale a tumba de aluguer do escravo.

Indagai alguma coisa que Paris não possua. A tina de Trofonio não contém nada que não haja na tina de Mesmer; em Cagliostro ressuscita Ergafilas; o brâmane Vasafanta encarna-se no conde de S. Germano; o cemitério de Saint-Médard faz tão grandes milagres como a mesquita de Oumoumié, em Damasco. Paris tem um Esopo, que é Mayeux, e uma Canidia, que é Mademoiselle Lenormand. Agita-se como Delfos às fulgurantes realidades da visão, faz girar as mesas como Dodona as tripodes. Coloca a costureira no trono, como Roma a cortesã; em suma, se Luís XV é pior do que Cláudio, Madame Dubarry vale mais que Messalina. Paris combina num tipo inaudito que viveu e que inúmeras vezes passou por nós a nudez grega, a úlcera hebraica e a facécia do gascão. Mistura Diógenes, Job e Palhaço, veste um espectro de números antigos do Constitucional e produz Chodruc Duelos.

Posto Plutarco diga que o tirano nunca envelhece, Roma, tanto no tempo de Sylla como no de Domiciano, resignava-se e misturava sem repugnância água no seu vinho. O Tibre era um Lethes, se devemos dar crédito ao elogio algum tanto doutrinário que dele fazia Varo Vibisco: *Contra Gracchos Tiberim habemus. Ribete Tiberim, id est seditionem oblivisci*. Paris bebe um milhão de litros de água por dia, mas não obstante isso, rufa o tambor à generala e toca os sinos a rebate, quando chega a ocasião.

Além disto, Paris é um bom rapaz. Sofre tudo com magnanimidade e não é difícil de contentar a respeito dos prazeres de que Vénus é deusa: a sua Callipigia é Hotentote; contanto que ria, amnistia; fá-lo rir a fealdade, diverte-o a disformidade, distrai-o o vício; velhaco que sejais, não sereis repelido; até a hipocrisia o supremo cinismo, o não escandaliza: é tão literário que não tapa o nariz diante de Basílio, nem se dá por mais ofendido com a oração de Tartufo do que Horácio com o «soluço» de Priapo. Ao perfil de Paris não falta um só traço da fisionomia universal. O baile Mabile não é a dança polimniana do Janículo, mas nele se vê a adela com os olhos fixos na rameira, exactamente como a alcaiota Staphyla espreitava a virgem Planesium.

A barreira do Combate não é um Coliseu, mas sente-se a gente feroz nela como se César ali estivesse. A estalajadeira síria tem mais graça que a tia Saguet, mas se Virgílio frequentava a taberna romana, David de Angers, Balzac e Charlet muitas vezes se têm sentado às mesas da tasca parisiense. Paris reina. Fulguram nele os génios, prosperam as caudas vermelhas. Adonai passa pelo meio dele no seu carro de doze rodas de trovões e de relâmpagos;

Sileno faz ali a sua entrada, montado no seu jumento. Por Sileno deve entender-se Ramponneau.

Paris é sinónimo de Cosmos. É Atenas, Roma, Sybaris, Jerusalém, Pantin. Estão nele resumidas, todas as civilizações e todas as barbárias. Paris agastar-se-ia, se não possuísse uma guilhotina.

Não é mau um bocado de praça de Greve. Que seria toda essa eterna festa sem este condimento? As nossas leis sabiamente atenderam a isto, e graças a elas, goteja aquele cutelo sobre este contínuo carnaval.

XI — Escarnecer, reinar

Paris não tem limites. Nunca nenhuma outra cidade possuiu este domínio, que às vezes escarnece dos que subjuga. «Para vos agradar, ó Afenienses!» exclamava Alexandre.

Paris dá mais do que leis, dá a moda. Paris dá mais do que a moda, dá a rotina. Pode ser estúpido, se lhe aprouver, e às vezes assim faz; então o Universo torna-se estúpido como ele; depois acorda, esfrega os olhos e diz: «Que estúpido eu sou!» e desata a rir na cara do género humano.

Que maravilhosa cidade! Como causa estranheza que este grandioso e este burlesco se dêem juntos, que toda esta majestade não seja destruída por esta paródia, e que a mesma boca sopre hoje na trombeta do juízo final e amanhã na gaita de palha!

Paris possui uma jovialidade soberana. A sua alegria é como o raio, a sua força empunha o ceptro. O furacão com que o abala irrompe às vezes duma careta. As suas explosões, as suas batalhas, as suas obras-primas, as suas maravilhas, as suas epopeias chegam ao cabo do universo, do mesmo modo que os seus despropósitos. O seu riso é uma cratera que arroja lava por toda a terra. As suas graçolas são centelhas. Impõe aos povos tanto as suas caricaturas como o seu ideal; os monumentos mais altos da civilização humana sofrem as suas ironias e prestam a sua eternidade às bufonearias dele. É sublime aquela cidade; tem um maravilhoso 14 de Julho, que liberta o globo; faz prestar o juramento da pela a todas as nações; a sua noite de 4 de Agosto dissolve em três horas mil anos de feudalismo; faz da sua lógica o músculo da vontade unânime; multiplica-se sob todas as formas do sublime; inunda com o seu clarão Washington, Kosciusko, Bolivar, Botzaris, Riego, Bem, Manin, Lopez, John Brown, Garibaldi; está em toda a parte onde arde a labareda do futuro; em Boston em 1779, na ilha de Leão em 1820, em Pesth em 1848, em Palermo em 1860; segreda a poderosa senha «Liberdade» ao ouvido dos abolicionistas americanos, reunidos na barca de Harper's Ferry, e ao dos patriotas de Ancona, reunidos à noite em Archi, defronte da estalagem de Gozzi, à beira-mar; cria Canáris, Quiroga Pisacano; derrama pela terra o

sublime; impelido pelo seu sopro, morreu Byron em Missolonghi e Mazet em Barcelona; é tribuno aos pés de Mirabeau e cratera aos pés de Robespierre; os livros dele, o seu teatro, a sua arte, ciência, literatura e filosofia, são os manuais do género humano; possui Pascal, Regnier, Corneille, Jean Jacques; Voltaire para todos os minutos, Molière para todos os séculos; faz falar a sua língua à boca universal e essa língua torna-se verbo; acende em todos os espíritos a ideia do progresso; os dogmas libertadores que se produzem no seu seio, tornam-se constante defesa das gerações, e é com a alma dos seus pensadores e poetas que desde 1789 se têm formado todos os heróis de todos os povos; não obstante isso, não deixa de garotar, e esse génio extraordinário chamado Paris, ao mesmo tempo que transfigura o mundo com a sua luz, pinta com carvão o nariz de Bouginier na parede do templo de Theseu e escreve nas pirâmides — Credevitle Ladrão. Paris tem sempre os dentes à mostra; quando não está agastado, ri.

Eis o que é Paris. As nuvens de fumo que saem dos seus telhados são as ideias do Universo. Montão de barro e pedra, se assim o querem, mas, apesar de tudo, ente moral. É mais do que grande, é imenso. Porquê? Porque tem ousadia.

Ousadia: sem ela não há progresso.

Todas as conquistas sublimes são mais ou menos o prémio da ousadia. Para que a revolução se consumasse, não bastou que Montesquieu a pressentisse, que a pregasse Diderot, que a anunciasse Beaumarchais, que a calculasse Condorcet, que a preparasse Arouet, que a premeditasse Rousseau, foi necessário que Danton ousasse meter-lhe ombros.

O grito — Audácia! — é um *Fiat Lux*. É preciso, para que o género humano caminhe para diante, que lhe venham sempre de cima sublimes lições de valor. As temeridades arrebatam a história e são uma das grandes luzes do homem. A aurora tem ousadia quando desponta. Tentar, arrostar, persistir, perseverar, ser fiel a si próprio, arcar com o destino, maravilhar a catástrofe, mostrando-lhe o pouco susto que nos causa, ora afrontar a injustiça do poder, ora insultar a ebriedade da vitória, eis o exemplo de que necessitam os povos e a luz que os electriza. O mesmo clarão formidável sai do facho de Prometeu e do cachimbo de Cambronne.

XII — O futuro latente no povo

Quanto ao povo parisiense, é sempre gaiato, ainda quando homem feito; fazer o retrato da criança é fazer o da cidade, e eis aí a razão porque nós estudamos esta água nesse pardalzinho. É sobretudo nos arrabaldes, repetimos, que aparece a raça parisiense, a raça puro-sangue, a verdadeira fisionomia o povo que trabalha e sofre, pois são as duas figuras do homem, o

sofrimento e o trabalho. Existe neles um sem número de entes desconhecidos, entre os quais abundam os mais estranhos tipos, desde o carrejão da Rapée até ao esfolador de Montfaucon. «Fex urbis!» exclama Cícero. «Mofe!» acrescenta Burke indignado; turba, multidão, gentalha. Estas palavras depressa se dizem. Mas seja. Que importa? Que se me dá a mim de que eles andem descalços? Não sabem ler; mau é. Por isso haveis de abandoná-los? Convertereis a sua miséria em maldição? Não pode a luz penetrar essas massas? Repitamos este grito de luz! e insistamos nele. Luz!

Luz! Quem sabe se essas opacidades se não tornarão transparentes? Pois não são transfigurações as revoluções? Ide, filósofos, ensinai, esclarecei, iluminai, deixai voejar livre o pensamento, falai de modo que todos vos ouçam, correi alegres para onde o sol mais atesta, fraternizai com as praças públicas, anunciai as boas-novas, derramai com profusão os alfabetos, proclamai os direitos, cantai as Marselhesas, semeai os entusiasmos, arrancai ramos verdes dos carvalhos. Fazei da ideia um turbilhão. Essa multidão pode vir a ser sublimada. Saibamos servir-nos desse vasto incêndio dos princípios e das virtudes, que crepita, estala e tremula, em certas horas. Esses pés descalços, esses braços nus, esses andrajos, essas ignorâncias, essas abjecções, essas trevas, podem ser empregadas na conquista do ideal.

Olhai por entre o povo e avistareis a verdade. Essa areia vil que aos pés calcais, lançai-a no cadinho, deixai-a fundir-se e ferver e tornar-se-á cristal esplêndido, com o qual Galileu e Newton descobriram os astros.

XIII — Gavroche

Oito ou nove anos, pouco mais ou menos, depois dos acontecimentos que narramos na segunda parte desta história, notava-se no boulevard do Templo e nas vizinhanças do Chateau-d'Eau um rapazinho de onze a doze anos, que seria a perfeita realização do ideal do gaiato atrás esboçado, se com o riso da sua idade nos lábios não possuísse um coração completamente escuro e vazio. Vestia, efectivamente, o rapazinho de que falamos, umas calças de homem, mas que não tinham sido do uso de seu pai, e uma camisola de mulher, mas que não pertencera a sua mãe. Alguma alma caridosa lhe dera esses andrajos para com eles se cobrir. Todavia, o rapazinho tinha ainda pai e mãe. Mas o pai não queria saber dele e a mãe não lhe tinha amizade. Era uma dessas crianças dignas de lástima entre todas as que têm pai e mãe e são órfãs.

Em parte nenhuma o rapazinho se sentia tão bem como na rua. Eram-lhe menos duras as pedras da calçada do que o coração de sua mãe.

Os pais arremessaram-no à vida com um pontapé.

E ele não fez mais do que desferir o seu voo.

Era uma criança ruidosa, pálida, lesta, viva, cheia de malícia, de aspecto

doentio e modos expeditos. Girava, cantava, jogava a bilharda, esgaravatava nos monturos, roubava o seu bocado, porém, alegremente como os gatos e os passarinhos, ria-se quando lhe chamavam galopim, agastava-se quando lhe davam o nome de tunante. Não tinha um asilo onde se abrigasse, um bocado de pão que comesse, uma fogueira a que se aquecesse, uma só pessoa que lhe tivesse afeição, mas era livre e por isso vivia alegre.

Quando estas pobres criaturas chegam à virilidade, quase sempre a mó da ordem social as encontra e as esmaga, mas enquanto são crianças, a sua pequenez as faz escapar. Qualquer pequeno buraco as salva.

Não obstante, por maior que fosse o abandono desta criança, sucedia às vezes, de três em três meses ou de dois em dois, ele dizer: «Valeu! Vou visitar minha mãezinha!» Deixava então o boulevard, o Circo, a porta de S. Martinho, encaminhava-se para os cais, atravessava as pontes, tomava o caminho dos arrabaldes, chegava à Salpêtrière e aonde parava? Exactamente à porta da casa com os números 50 e 52, no casebre de Gorbeau.

Naquela época, este casebre, de ordinário deserto e perpetuamente decorado com o letreiro: «Quartos para alugar», achava-se, coisa rara, habitado por muitos indivíduos, que todavia, como em Paris sempre sucede, não tinham relações nenhumas uns com os outros, nem se achavam ligados por laços de qualidade nenhuma. Pertenciam todos à classe indigente, que principia no pobre envergonhado e se prolonga de miséria em miséria pelas classes ínfimas da sociedade até aos dois entes em quem terminam todas as coisas materiais da civilização o varredor do lixo e o trapeiro.

A «principal locatária» do tempo de Jean Valjean tinha morrido, deixando por sucessora outra, em tudo semelhante a ela. Não sei qual foi o filósofo que disse que não há falta de mulheres velhas. A nova velha, pois, chamava-se Burgon, e na sua vida não havia nada de notável, a não ser uma dinastia de três papagaios, que sucessivamente tinham reinado na alma dela.

Os mais miseráveis entre os que habitavam o casebre eram uma família de quatro pessoas, composta de pai, mãe e duas filhas, já bastante crescidas, os quais moravam juntos na mesma mansarda, que era uma das celas de que já falámos. Ao primeiro relance, esta família nada oferecia de singular mais do que a sua extrema miséria; quando o pai alugara o quarto, dissera chamar-se Jondrette. Logo depois da sua mudança para o casebre, a qual, para nos servirmos da memorável expressão da «principal locatária», se parecera muitíssimo com «a entrada de coisa nenhuma», Jondrette dissera à velha, que como a sua antecessora varria a escada e acumulava as funções de porteira: «Tia fulana, se por aí vier alguém procurar algum polaco ou italiano, ou mesmo espanhol, sou eu».

Era esta a família do jovial gaiato que chegava, encontrava a miséria, e, o que ainda é mais triste, nem sequer um sorriso: o frio no lar e o frio nos corações. Quando ele chegava, perguntavam-lhe: «De onde vens?» E ele respondia: «Da rua». Quando ele partia, perguntavam-lhe: «Para onde vais?» E ele respondia: «Para a rua». Dizia-lhe a mãe: «Que vens tu cá fazer?»

Assim vivia esta criança nesta ausência de afeições, como as ervas enfezadas que nascem pelas covas. Isto, porém, não era para ele motivo de sofrimento, nem tão-pouco por isso queria mal a ninguém. Verdadeiramente, nem ele sabia como era um pai e uma mãe.

A mãe, porém, amava as irmãs.

Esquecemo-nos de dizer que no boulevard do Templo lhe chamavam o Gavroche. Porque razão lhe chamavam Gavroche? Provavelmente, porque o pai dele se chamava Jondrette.

Parece ser o instinto de certas famílias que vivem na miséria quebrar os laços que as prendem.

O quarto em que a família de Jondrette morava no casebre era o último ao fim do corredor. A cela imediatamente pegada era ocupada por um mancebo pobríssimo, a quem tratavam por senhor Mário.

Digamos quem era este senhor Mário.

LIVRO SEGUNDO — O VELHO BURGUÊS

I — Noventa anos e trinta e dois dentes

Ainda existem alguns antigos moradores das ruas de Boucherat, Normandia e Saintonge que se lembram de um bom velho chamado Gillenormand, de quem falam com estima.

Este homem era já velho quando eles ainda eram novos. Para os que melancolicamente contemplam esse vago cruzar de sombras denominado o passado, ainda não desapareceu inteiramente o vulto desse velho do labirinto das ruas próximas ao boulevard do Templo, a que no reinado de Luís XIV se puseram os nomes de todas as províncias de França exactamente como no nosso tempo se deram às ruas do novo bairro de Tivoli os de todas as capitais da Europa; progressão, digamo-lo de passagem, em que é visível o progresso.

Gillenormand, que ainda em 1831 tinha uma saúde de ferro, era um desses homens que se tornam curiosos unicamente em razão da sua longevidade e que são singulares, porque se pareceram noutro tempo com toda a gente e porque não se parecem agora com ninguém. Era um velho singular, um verdadeiro homem de outras eras, um perfeito e altivo burguês do século XVIII, tão desvanecido da sua posição de burguês como os marqueses do seu marquesado. Tinha mais de noventa anos, mas andava direito, falava em voz alta, tinha a vista bem conservada, bebia como os que bem bebem, comia, dormia e roncava. Tinha ainda os seus trinta e dois dentes e não punha óculos senão para ler. Facilmente contraía amizades, mas dizia ele que havia uns dez anos, que renunciara de vez às mulheres. «Já pouco posso agradar», dizia, mas não acrescentava: «porque sou muito velho», mas sim: «porque sou muito pobre». «Se eu não estivesse nas tristes circunstâncias em que estou, então o caso...» continuava ele.

Efectivamente restava-lhe apenas um rendimento de quinze mil francos, pouco mais ou menos. O seu sonho dourado era ter alguma herança para elevar a sua renda a cem mil francos, com que pudesse ter apaixonadas. Como se vê, pois, Gillenormand não pertencia à variedade caquéctica de octogenários, que, como Voltaire, viveram sempre moribundos; não era a sua uma longevidade de vaso esbotenado; o bom velho tivera sempre uma bela saúde. Era superficial, rápido e facilmente irascível. Qualquer ninharia o fazia enraivecer, de ordinário por lhe contradizerem coisas absurdas. Quando assim acontecia, levantava a bengala e dava para baixo, como dantes se usava. Tinha uma criada solteira de mais de cinquenta anos, em quem batia a bom bater, quando se encolerizava, e a quem de boamente desancaria a chicotadas. Para ele era como se fosse uma criança de oito anos. Dava bofetão

bravio nos criados, exclamando irado: «Só brejeiro!» Uma das suas pragas favoritas era: «com mil demónios de demos!» Tinha, porém, pachorrices singulares; consentia que todos os dias lhe fizesse a barba um barbeiro que estivera doido, e que o não podia ver, porque tinha ciúmes de Gillenormand, por causa da mulher, interessante criatura, capaz de encher o olho a qualquer. Gillenormand admirava o seu próprio discernimento em tudo e gabava-se da sua grande sagacidade. «Eu sempre tenho alguma penetração, dizia ele frequentes vezes; sou capaz de dizer de que mulher passou para mim uma pulga que me morda». «Homem sensível» e «natureza» eram as palavras que ele pronunciava mais vezes. Não dava, porém, à segunda a extensa acepção que se lhe dá no tempo presente, mas metia-a a seu modo nos seus ditos picantes: A natureza, para a civilização ter de tudo, até lhe dá espécimes de barbaria divertida. A Europa possuía amostras da Ásia e da África, em formato pequeno. O gato é um tigre de sala, o lagarto um crocodilo de algibeira. As dançarinas da Ópera são selvagens rosadinhas. Não comem os homens, chupam-nos. Ou então, feiticeiras! Transformam-nos em ostras para os comerem! Os canibais deixam-lhes os ossos, elas deixam-lhes a casca. Aqui está como são os nossos costumes. Não devoramos, mas roemos; não exterminamos, mas dilaceramos.

II — Tal dono, tal casa

Gillenormand morava no Marais, na rua das Mulheres do Calvário, número 6. Era mesmo dele a casa, a qual depois foi demolida e edificada de novo, sendo por isso alterado o seu primitivo número nas revoluções de numeração que as ruas -de Paris a cada passo estão sofrendo.

Ocupava um antigo e amplo aposento no primeiro andar entre a rua e alguns jardins, forrado até ao tecto de tapeçaria das fábricas dos Gobelinos e de Beauvais, representando cenas pastoris, estampadas igualmente em ponto pequeno no estofo das poltronas. Em volta da cama abria-se em nove dobras um biombo de laca de Coromandel e das janelas pendiam compridas, cortinas, formando graciosas pregas. O jardim, que ficava logo por baixo das janelas, comunicava com a casa por meio de uma escaleira de dez ou quinze degraus, situada junto à janela do cabo, pela qual o bom velho subia e descia com todo o desembaraço. Além de uma biblioteca pegada ao seu quarto, tinha um camarim, de que ele muito gostava, mansão aprazível forrada de uma lindíssima tapeçaria de palha com flores de lis, mandada fazer pelo senhor de Vivonne aos forçados das galés no tempo de Luís XIV para a dar à amante. Herdara-a Gillenormand de uma estupenda tia-avó materna, que morrera com cem anos.

Gillenormand tinha sido casado duas vezes. As suas maneiras eram o meio

termo entre o cortesão que nunca fora e o magistrado que podia ter sido. Era alegre e afável quando queria. Na sua mocidade, fora desses homens que se deixam enganar sempre pela mulher, mas nunca pela amante, por serem ao mesmo tempo os mais insulsos maridos e os amantes mais aprazíveis que pode haver. Era entendedor em pintura. Tinha no quarto um maravilhoso retrato, não sabemos de quem, pintado por Jordaens, feito a grandes pinceladas, com milhões de minuciosidades de colorido carregado e espalhadas como que ao acaso.

O trajo de Gillenormand não era o vestuário de Luís XV nem mesmo o de Luís XVI; era o dos incríveis do Directório. Julgara-se jovem até àquela época e por isso seguira até então a moda. Trajava, pois, uma casaca de pano leve de rebuço largo, com rabo de pega e botões de aço. Além disto, o calção curto e os sapatos de fivelas. Trazia sempre as mãos nos bolsos do colete.

Costumava dizer em tom de autoridade: «Isto de revolução francesa não passa de uma corja de vagabundos».

III — Lucas Espírito

Uma noite, na Ópera, quando contava dezasseis anos, o senhor Gillenormand tivera a honra de ser ao mesmo tempo olhado por duas belezas, então maduras, célebres por terem sido cantadas por Voltaire: a Camargo e a Sallé. Apanhado entre dois fogos, efectuara uma retirada heróica em direcção a uma pequena dançarina sem dúvida chamada Nahenry, que tinha como ele, dezasseis anos e que era obscura como um gato, da qual se sentia enamorado. Neste capítulo eram abundantes as suas recordações; às vezes, exclamava: «Como estava bonita aquela Guimard, Guimardini, Guimardinette, a última vez que a vi em Longchamps, frisada em sentimentos sustentados, como os seus vinde aqui ver de turquesas, o seu vestido cor de recém-chegada e o seu regalo de agitação!»

Na sua adolescência usara uma veste de Nain-Londrain, de que falava muitas vezes com saudade, «Parecia um turco do Levante Levantino», dizia ele. A senhora de Bouflers, tendo-o visto, por acaso, quando ele tinha vinte anos, qualificara-o de louco encantador.

Sentia-se incomodado com todos os nomes que via figurar na política e no poder, porque os achava baixos e burgueses. Lia os periódicos; os papéis novos, as gazetas, como ele dizia, contendo o riso. «Que gente é esta?» exclamava ele. «Borbiére! Humann! Casimiro Perrier! E são isto ministros! Não seria má farsada! São tão estúpidos, que não seria isto impossível!» Denominava alegremente todas as coisas pelos seus nomes limpos, ou sujos, não se contendo nem mesmo na presença de senhoras.

Dizia grosserias, obscenidades e porcarias, com um não sei quê de tranquilo

e pouco admirado, que tinha certa elegância. Era a sem-cerimónia do seu século. É muito para notar que a época das perífrases em verso fosse o tempo das incivilidades em prosa. Seu padrinho predissera que havia nele um homem de espírito e de génio; e dotara-o com os dois pronomes significativos: Lucas Espírito.

IV — Aspirante centenário

Na sua infância, Gillenormand fora premiado no colégio de Moulins, terra do seu nascimento, e coroado pela mão do duque de Nivernais, a quem ele chamava o duque de Nevers. Nem a Convenção, nem a morte de Luís XVI, nem Napoleão, nem a volta dos Bourbons, nada tinha podido apagar-lhe da memória a lembrança dessa coroação. A grande figura do século para ele era o duque de Nevers. «Que galante fidalgo!» dizia. «E que linda figura ele fazia com o seu cordão azul!» Aos olhos de Gillenormand, Catarina II havia resgatado o crime da divisão da Polónia, comprando por três mil rublos o segredo do elixir de ouro a Bestuchef. Quando falava disto, animava-se. O elixir de ouro! exclamava ele, a tintura amarela de Bestuchef, as gotas do general Lamotte, de que cada frasco de meia onça custava um luís, eram o grande remédio para as catástrofes do amor, a panaceia contra Vénus no século XVIII. Luís XV mandava duzentos frascos dele ao Papa. Se alguém lhe dissesse que o elixir de ouro era apenas o percloreto de ferro, tê-lo-ia feito exasperar e dar por paus e por pedras.

Gillenormand adorava os Bourbons e professava extremo horror a 1789; contava a cada passo o modo como se salvara na época do Terror e como tivera de mostrar-se sumamente folgazão e obrar com toda a finura para não ficar com a cabeça despegada dos ombros. Se por acaso algum mancebo caía em tecer na sua presença elogios à república, ele tornava-se fulo Ide raiva e irritava-se a ponto de cair no chão desmaiado. Às vezes fazia alusão aos seus noventa anos e dizia: «Felizmente, estou livre de ver duas vezes noventa e três». Outras vezes, porém, inculcava que ainda esperava viver cem anos.

V — Biscainho e Nicolette

Gillenormand tinha as suas teorias. Eis uma delas:

«Quando um homem é apaixonado por mulheres e tem em casa uma, de quem nada se lhe dá, feia, rabugenta, legítima, amiga de andar sempre a falar nos seus direitos, lida no código, e ciosa até, se isso vem a talho, só lhe resta um meio de se livrar de tal praga e viver em paz: é largar-lhe os cordões da bolsa. Torna-o livre essa abdicação. A mulher tem então em que se ocupar, toma gosto pelo manusear do dinheiro que lhe enche os dedos de verdete, empreende a educação dos caseiros e a criação dos rendeiros, consulta os advogados, preside aos escrivães, arenga aos tabeliães, visita os juízes,

acompanha os processos, redige os arrendamentos, dita os contratos, vê-se soberana, vende, compra, faz e desfaz ajustes, promete e compromete, liga e desliga, cede, concede e retrocede, arranja e desarranja, entesoura e esbanja, economiza e gasta à larga, faz asneiras, prazer supremo, e isso consola-a. Enquanto que o marido a deixa, tem ela a satisfação de lhe dar cabo do que ele possui».

Esta teoria era a que ele a si mesmo aplicara, tornando-a toda a história da sua vida. A segunda mulher administrara-lhe a casa de modo que, quando ele por graça de Deus se achou viúvo, restava-lhe unicamente o necessário para poder passar, conver-tendo em renda vitalícia quase tudo, que vinham a ser uns quinze mil francos, três quartas partes dos quais se extinguiriam por sua morte. Dera este passo resolutamente, pouco preocupado com o cuidado de deixar uma herança. Além disso, tinha visto que os patrimónios corriam seus riscos, tornando-se às vezes bem nacionais. Gillenormand tinha presenciado os avatares do três por cento consolidados e acreditava pouco no livro da razão.

«É tudo rua Quincampoix!» dizia.

Como já dissemos, a casa em que ele morava, na rua das Mulheres do Calvário, era propriamente dele. Tinha dois criados, «um macho, outro fêmea». Costumava crismá-los quando entrava algum para o seu serviço. Aos homens punha-lhes o nome da província de que eram naturais: Nimense, Comtoassense, Poitevinense, Picardo. O último criado que o servia era um bochechudo e avermelhado velhote de cinquenta e cinco anos, que não era capaz de dar uma corrida de vinte passos, ao qual, como tinha nascido em Bayona, pusera o nome de Biscainho. Pelo que diz respeito às criadas, em casa dele chamavam-se todas Nicolettes (até a própria Magnon, de quem mais adiante se falará). Um dia apresentou-se-lhe uma cozinheira, mulher de créditos na sua arte, altiva descendente de uma nobre raça de porteiros.

— Quanto quer de soldada por mês? — perguntou-lhe Gillenormand.

— Trinta francos.

— Como se chama?

— Olímpia.

— Dar-lhe-ei cinquenta e chamar-se-á Nicolette.

VI — Onde se entrevê a Magnon e os seus dois pequenos

Em casa de Gillenormand manifestava-se a dor por meio de cólera; o velho burguês enfurecia-se por se sentir desamparado. Tinha toda a espécie de preconceitos e permitia-se toda a qualidade de licenças. Uma das coisas que compunha o seu relevo exterior e satisfação íntima, era como acabámos de indicar, ter-se conservado galanteador e passar energicamente por tal; chamava a isto «fama real». Esta fama real dava-lhe às vezes singulares

proventos. Um dia levaram-lhe a casa num cesto oval, como um presente de ostras, um robusto rapaz recém-nascido, gritando como um desesperado, e devidamente embrulhado nos cueiros, o qual lhe era atribuído por uma criada despedida seis meses antes. Gillenormand tinha então os seus oitenta anos feitos. Houve indignação e clamores entre os que o rodeavam.

— A quem esperava aquela descarada fazer acreditar semelhante coisa? Que audácia! Que abominável calúnia!

O senhor Gillenormand, pela sua parte, não mostrou o menor enfado. Olhou para o pequerrucho com o amável sorriso de um bom homem lisonjeado pela calúnia e disse aos que gritavam:

— Mas então que é? Que há nisto de extraordinário? Estão mostrando um espanto só próprio de pessoas ignorantes. O senhor duque de Angoulême, bastardo de Sua Majestade Carlos IX, casou-se aos oitenta e cinco anos com uma sirigaita de quinze; o senhor Firginal, marquês de Alluye e irmão do cardeal de Sourdis, arcebispo de Bordéus, de oitenta e três anos, teve de uma aia da senhora presidente Jacquin, um filho, um verdadeiro filho de amor, que foi cavalheiro de Malta e conselheiro de estado de espada; um dos grandes homens deste século, o abade Tabaraud, é filho de um homem de oitenta e sete anos. Estas coisas são vulgaríssimas. E a Bíblia! Para dizer: declaro que não me pertence este pequeno, é necessário muito cuidado.

A culpa não é dele. O procedimento era benigno.

A tal criatura que se chamava Magnon, fez-lhe no ano seguinte idêntico presente. Era outro rapaz. Desta vez, o senhor Gillenormand capitulou. Remeteu à mãe os dois pequenos, obrigando-se a pagar para a sua criação oitenta francos por mês, com a condição de que a dita mãe não continuasse a obsequiá-lo. E acrescentou:

— Espero que a mãe os trate bem. De tempos a tempos irei vê-los.

E não faltou ao que prometeu. Gillenormand tivera um irmão padre, que fora durante trinta e três anos, reitor da academia de Poitiers, e que morrera com setenta e nove anos. Perdi-o muito moço, dizia ele. Este irmão, de que ficou muito pouca memória, era um pacífico avarento, que, julgando-se obrigado, por ser padre, a dar esmola aos pobres que encontrava, mas não lhes dando nunca senão dinheiro em cobre já sem curso, verdadeiras chapas, descobrindo assim meio de ir para o inferno pelo caminho do paraíso. Quanto a Gillenormand, esse não regateava nunca a esmola, e dava-a espontânea e nobremente. Era benévolo, arrebatado, caritativo e, se fosse rico, as suas tendências seriam sempre para a magnificência.

Queria que tudo o que lhe dizia respeito fosse feito com grandeza, até mesmo os roubos de que era vítima.

Um dia, tratando-se de uma herança, e tendo sido espoliado por um procurador, de modo grosseiro e visível, soltou esta solene exclamação:

— Fora com ele, que foi porco! Tenho realmente vergonha de tais ladroeiras. Neste século tudo tem degenerado, até os tratantes. Com a fortuna! Não é assim que se deve roubar um homem como eu. Fui roubado como numa estrada, mas mal roubado. *Silvae sint consulte dignae!*

Tivera como dissemos, duas mulheres; a primeira dera-lhe uma filha que se conservara solteira, e a segunda uma outra que falecera aos trinta anos e que desposara, por amor ou por acaso, um soldado de fortuna, que servira nos exércitos da república e do império, que tinha a cruz de Austerlitz e que fora promovido a coronel em Waterloo. *É a vergonha da minha família,* dizia o velho burguês.

Tomava muito rapé e tinha uma graça particular no modo porque sacudia os bofes de renda, com as costas da mão. A sua crença em Deus era pouco ardente.

VII — Regra: Não receber ninguém senão à noite

Eis o retrato do senhor Lucas Espírito Gillenormand, a quem não havia caído o cabelo, que tinha mais de grisalho do que de branco, e que ele trazia sempre penteado em forma de orelhas de cão. Mas, em suma, e apesar de tudo, venerável.

Gillenormand possuía do século dezoito a frivolidade, mas também a grandeza.

Em 1814, e nos primeiros anos da restauração, Gillenormand, então ainda moço, pois tinha apenas setenta e quatro anos, morava no arrabalde de S. Germano, na rua Servandoni, ao pé da igreja de S. Sulpício. Para o Marais retirara-se depois que deixara o mundo, isto é, muito depois dos oitenta anos completos. Abandonado o mundo, emparedara-se nos seus hábitos e ninguém o tirava deles. O principal, aquele em que era invariável, consistia em ter a porta hermeticamente fechada de dia e não falar a ninguém, fosse quem fosse, e para qualquer negócio que fosse, senão de tarde. Jantava às cinco horas e dessa hora por diante a sua porta estava aberta. Era a moda do seu século e não queria alterá-la. O dia, dizia ele, é um biltre, que não merece senão com a porta na cara. As pessoas de bem costumam acender o espírito, quando a noite acende as estrelas. E o velho entrincheirava-se para toda a gente, para o próprio rei em pessoa, se lá fosse.

Era a antiga elegância do seu tempo.

VIII — Nem sempre dois fazem um par

Quanto às duas filhas de Gillenormand, de quem há pouco falámos, tinham nascido com dez anos de intervalo. Na sua juventude haviam-se parecido

muito pouco uma com a outra, e, tanto no carácter como no rosto, não pareciam de nenhum modo irmãs. A mais nova era um espírito gracioso, com aspirações a tudo o que era luz, dada a flores, a versos e a música, esvoaçando em amplidões fulgurantes, entusiasta, etérea, idealmente desposada desde a sua infância com uma vaga figura heróica. A mais velha tinha também a sua quimera; via, por entre nuvens de ouro, um fornecedor, algum gordo e rico assentista, um marido esplendidamente estúpido, um milhão feito homem ou algum prefeito.

As recepções da prefeitura, o porteiro agaloado, os bailes oficiais, os discursos do maire, «a senhora prefeita», todas estas coisas davam-lhe volta à cabeça.

Assim desvairavam as duas irmãs, cada qual arrebatada pelos seus sonhos, enquanto foram donzelas. Ambas tinham asas; uma, porém, tinha-as de anjo, outra de ganso.

Nenhuma ambição se realiza completamente, ao menos neste mundo. Nenhum paraíso, no tempo presente, se torna terrestre. A mais nova casara com o homem dos seus sonhos, mas morrera. A mais velha ficara solteira.

Na ocasião em que dela nos ocupamos nesta nossa história, era uma invencioneira recatada, uma vestal, um dos narizes mais afilados e um dos espíritos mais rombos que podia haver. Circunstância característica: fora do estreito círculo da família, ninguém lhe sabia o nome do baptismo. Todos a tratavam pela filha mais velha do senhor Gillenormand.

Em pontos de recato virginal, a filha mais velha do senhor Gillenormand dera invejas a uma Miss. Era o pudor personificado. Tinha na sua vida um sucesso espantoso que lhe deixara uma recordação de horror: uma ocasião, um homem viu-lhe a liga da perna.

Em vez de o fazer diminuir, a idade fez crescer o desmesurado pudor da donzela. Nunca lhe parecia aconchegado de mais, nem de mais tapado, o lenço de cassa do pescoço. Era de ver como ela embrechava de colchetes e pregava alfinetes nos sítios para onde ninguém se lembraria de olhar. É qualidade inerente à mulher invencioneira tomar tantas mais precauções, quanto menos ameaçada anda a sua virtude.

Todavia, explique quem puder estes usuais mistérios da inocência, a filha de Gillenormand nem por sombras se esquivava aos abraços de um oficial de lanceiros, seu segundo sobrinho, chamado Teodulo.

Apesar dos favores que ela dispensava ao predilecto lanceiro, era-lhe apropriada a classificação de invencioneira que atrás lhe demos. A filha de Gillenormand era uma como alma crepuscular. A invencionice é meia virtude e meio vício.

Ao recato da invencioneira unia ela a beatice, duas coisas que andam quase sempre juntas. Era irmã da confraria de Nossa Senhora, andava de véu branco em certos dias festivos e, rezava em voz baixa orações especiais, reverenciava «o puríssimo sangue», venerava «o sagrado coração», punha-se em contemplação, durante horas seguidas, diante de um altar recoco-jesuíta, vedado ao resto dos fiéis, e aí deixava voejar livre a alma por entre nuvenzinhas de mármore e grandes raios de madeira dourada.

Tinha a donzela uma irmã em Jesus Cristo, virgem velha como ela, chamada Mademoiselle Vaubois, inteiramente estúpida, e comparada com a qual a filha de Gillenormand podia desvanecer-se de ser uma águia. Fora dos Agnus Dei e das Ave-Marias, Mademoiselle Vaubois não tinha outros conhecimentos mais do que sobre diferentes processos de fazer doce. Perfeita no seu género, Mademoiselle Vaubois era o arminho da estupidez sem uma só pinta de inteligência.

Digamos a verdade, Mademoiselle Gillenormand ganhara mais do que perdera em envelhecer. É o que acontece a todas as naturezas passivas.

Nunca praticava maldades, o que é uma bondade relativa, e, além disso, os anos, que desfazem as asperidões, trouxeram-lhe a mansidão própria deles. Ensombrava-se-lhe o rosto de uma nuvem de tristeza obscura, cujo segredo nem ela própria conhecia.

Em toda ela havia o pasmo de uma vida que está no seu termo, sem nunca ter tido princípio.

Habitava na mesma casa em que morava o pai e era quem superintendia no governo doméstico. Gillenormand vivia com a filha na sua companhia, do mesmo modo que Monsenhor Bemvindo conservava na sua uma irmã, como vimos. Não são raros estes casais de um velho e de uma velha e na verdade têm sempre o tocante aspecto de dois entes fracos que mutuamente se amparam.

Além deles, havia em casa, entre este velho e essa velha, um rapazinho, que na presença de Gillenormand estava constantemente a tremer e sem ousar dizer uma palavra. Quando o velho lha dirigia era sempre em tom severo e às vezes de bengala no ar.

— *Venha cá, seu tratante!*

— *Patife! Chegue-se aqui já ao pé de mim!*

— *Diga, seu pedaço de mafoto!*

— *Se o torno a ver! Seu brejeiro!, etc., etc.*

Idolatrava-o. Era seu neto.

Mais adiante tornaremos a encontrar esta criança.

LIVRO TERCEIRO — O AVÔ E O NETO

I — Um antigo salão

Quando Gillenormand morava na rua Servandoni, frequentava muitos salões da mais alta nobreza, nos quais era admitido apesar da sua qualidade de burguês.

Como era um homem duplamente talentoso, porque não só possuía o talento que Deus lhe dera, mas o que os homens lhe atribuíam, era a sua presença desejada e até festejada. Não ia a parte nenhuma senão para lá dominar. Há gente que quer ter influência a todo o transe e que o resto das pessoas se ocupem deles, e, quando não podem ser oráculos, encarregam-se do papel de bufões. Gillenormand não era dessa natureza; o seu domínio nos salões realistas que frequentava, em nada desluzia o respeito da própria pessoa. Em toda a parte era oráculo. Chegava às vezes a fazer frente ao senhor de Bonald e ao próprio Bengy-Puy-Vallée.

Por 1817, Gillenormand ia invariavelmente passar duas tardes cada semana, a uma casa da vizinhança, situada na rua Férou, pertencente à baronesa de T..., senhora digna e respeitável, cujo marido, no reinado de Luís XVI, tinha sido embaixador de França em Berlim. O barão de T..., que, enquanto vivo, tivera a mono mania dos êxtases e visões magnéticas, morrera emigrado e sem um real de seu, deixando por única herança dez volumes manuscritos, encadernados em marroquim vermelho e folhas douradas, de curiosíssimas memórias sobre Mesmer e a sua maravilhosa tina. Por dignidade, a baronesa, deixara inéditas as memórias eruditas de seu falecido marido, e, para se sustentar, valiam-lhe alguns pequenos rendimentos, que não sabemos porque arte escaparam aos perniciosos efeitos do mesmerismo. Esta senhora vivia retirada da corte, que já não era a que fora, dizia ela, em pobre mas altivo e nobre isolamento. No meio da sua viuvez, porém, reuniam-se alguns amigos em torno do seu fogão duas vezes por semana, o que constituía um salão realista puro, onde se tomava chá e se soltavam, consoante soprava o vento da alegria ou do ditirambo, lamentos ou gritos de horror contra o século, contra a Carta, contra os bonapartistas, contra a prostituição das condecorações concedidas a qualquer plebeu, contra o jacobinismo de Luís XVIII, e onde muito em recato falavam das esperanças que dava o irmão do rei, depois Carlos X.

Ali eram recolhidas com transporte de alegria algumas cantigas, em que as regateiras chamavam Nicolau a Napoleão. Duquesas havia, delicadas e formosas como poucas, que se extasiavam com coplas como esta, dirigida aos «federados».

Mergulhai dentro das calças

Patriotas, a camisa.
Cuja fralda está de fora
Que não digam que se arvora
A bandeira branca e lisa.

Passavam o tempo a fazer calemburgos, que se julgavam terríveis; em arranjar inocentes jogos de palavras, que supunham venenosos; em compor quartetos e até dísticos, como o seguinte, a respeito do ministério Dessolles, gabinete moderado de que faziam parte os senhores Decases e Deserre:

Pour raffermir le trône, ébranlé sur sa base,
Il faut changer de sol, et de serre et de case.

Outras vezes ocupavam-se em formar a lista da câmara dos pares. «Câmara abominavelmente jacobina», combinando os nomes de modo a formar frases inteiras, como, por exemplo, a seguinte: Damas. Sabran. Goavion-Saint-Cyr.

Tudo prazenteiramente.

Ali se parodiavam as revoluções, havendo não sei que veleidade em afiar até as cóleras em sentido inverso.

Cantava-se ali também o seu: eia avante!
Eia avante! Eia avante! Eia avante!
Enforquemos os bonapartistas!

As cantigas são como a guilhotina; cortam indiferentemente hoje uma cabeça, amanhã outra. É apenas uma variante.

Por ocasião do processo Fualdès, que teve lugar naquela época, 1816, tomaram os frequentadores do salão da baronesa de T... o partido de Bastilde e Jausion, por Fualdès ser o «bonapartista». Aos liberais denominavam-nos «irmãos e amigos». Era o último grau da injúria.

Do mesmo modo que alguns campanários, tinha dois galos o salão da baronesa de T... Um era Gillenormand, o outro era o conde de Lamothe-Valois, de quem se dizia pela boca pequena com uma espécie de veneração: «Conhece? É o Lamotte da história do colar». Os partidos têm destas singulares amnistias.

Acrescentemos, porém, uma coisa. Entre os burgueses, as posições respeitadas perdem de valor pela demasiada facilidade com que se travam relações; é necessário tomar cuidado na escolha das pessoas com quem se há-de conviver; assim como os que se colocam ao pé de uma pessoa que tem frio sofrem uma perda de calórico, assim experimentam diminuição de consideração os que se juntam com pessoas desprezíveis.

A antiga aristocracia, porém, desprezava esta lei, como todas as outras. Marigny, irmão da cortesã Pompadour, tinha entrada nos salões do príncipe de Soubise. Apesar do que era? Não: pelo que era. Du Barry, padrinho da Vaubernier, era graciosamente recebido e atenciosamente tratado pelo

marechal de Richelieu, cuja casa era o Olympo, em que nem mesmo faltava um Mercúrio, que era o príncipe de Guemenée. Era admitido até um salteador, uma vez que fosse um deus.

O conde de Lamothe, que em 1815 era um velho de setenta e cinco anos, não possuía coisa que o tornasse notável, a não ser o seu ar silencioso e sentencioso, o seu anguloso e frio rosto, as suas maneiras perfeitamente polidas, a sua casaca abotoada até ao pescoço e as suas pernas enfiadas numas calças cor de gengibre amarelo e constantemente cruzadas. O rosto era da mesma cor das calças.

Este senhor conde de Lamothe era «dos contados» naquele salão, em virtude da sua «celebridade», e, coisa singular, mas em todo o caso verídica, em virtude de seu apelido de Valois.

Quanto a Gillenormand, a veneração que lhe tributavam era do melhor cunho. O que ele dizia era um dogma. Apesar da sua leviandade, e sem que isso em nada lhe atenuasse a natural jovialidade, tinha uns modos respeitáveis, dignos, honestos e burguesmente altivos, a que se unia o aspecto da sua avançada idade. Um século de alguma coisa serve a quem viveu. Os anos chegam por derradeiro a circundar a fronte de qualquer de um resplendor que infunde respeito.

Além disso, Gillenormand tinha ditos coruscantes, só próprios dos caracteres enérgicos. Quando o rei da Prússia, por exemplo, depois de ter restaurado Luís XVIII, veio visitar este monarca com o pseudónimo de conde de Ruppin e foi recebido pelo neto de Luís XIV quase como um marquês de Brandeburgo, quer dizer, com a mais delicada impolidez, Gillenormand aprovou, dizendo: «Todos os mais reis, tirando o de França, não passam de reis de província». Um dia, na presença dele, fizeram esta pergunta e deram esta resposta: «Então a que foi condenado o redactor do *Correio Francês*!» «A ser suspenso. Mas não pelo pescoço», observou Gillenormand. Palavras assim fazem a reputação de quem as profere.

Por ocasião de um Te-Deum comemorativo da restauração dos Bourbons, vendo ele passar o senhor Talleyrand, disse para os circunstantes: «Ali vai S. Ex.ª o Mal».

Gillenormand, de ordinário, ia acompanhado de sua filha, e esguia donzela que havia então completado quarenta anos, mas que parecia ter cinquenta, e de um galante rapazinho de sete anos, branco, rosado, fresco, olhos transluzindo de prazer e confiança, que nunca aparecia naquele salão que não ouvisse em roda dele este zumbido de todas as vozes dos que se achavam presentes: «Tão bonito! Que pena! Pobre menino!»

Este menino era o de quem acima falámos. Chamavam-lhe «pobre menino»

porque seu pai era «um bandido do Loire».

O bandido do Loire era o genro de Gillenormand, de quem já fizemos menção e aquele a quem ele apelidava «a vergonha da sua família».

II — Um dos espectros vermelhos daquele tempo

Quem naquela época passasse pela pequena cidade de Vernon e dirigisse o seu passeio para a sua bela e monumental ponte, a que dentro em pouco esperamos ver suceder alguma desgraciosa ponte-pênsil, teria ocasião de notar, se alongasse os olhos de cima do parapeito, um homem dos seus cinquenta anos, com um barrete de couro na cabeça, umas calças e uma jaqueta de grosseiro pano escuro, a que estava cosido um objecto amarelo que se conhecia ter sido uma fita vermelha, tamancos nos pés, crestado do sol, o rosto quase negro e os cabelos quase brancos, com uma larga cicatriz na testa, que se continuava até uma das faces, curvado, alquebrado, velho antes do tempo, certo ali quase todos os dias com uma enxada e uma foice na mão dentro de um dos recintos murados que ficam ao pé da ponte, orlando como uma cadeia de terraços a margem esquerda do Sena, vergéis graciosos cheios de flores, aos quais se poderia dar o nome de jardins, se fossem maiores, ou chamar ramalhetes, se fossem mais pequenos. Todos estes quintalinhos confinam por um lado com o rio e pelo outro com uma casa. Em 1817, o homem de quem acabamos de falar, habitava o menos amplo desses quintalinhos e a casa de mais humilde aparência de entre todas elas, onde vivia só e solitário, sem ruído e pobremente, na companhia de uma mulher, nem nova nem velha, nem bonita nem feia, nem camponesa nem da cidade, que era quem o servia. Era célebre na cidade o quadrado de terra a que ele chamava o seu jardim, pela beleza das flores que nele cultivava, cultura que constituía a sua única ocupação.

A poder de trabalho, de perseverança, de cuidados e regas, aquele homem conseguira criar depois do criador e inventar certas túlipas e dálias que pareciam ter esquecido à natureza, O seu engenho precedera o de Soulange Bodin, na formação de alegretes de terra brava para a cultura dos raros e preciosos arbustos da América e da China. De Verão, ao romper do dia, já estava no seu cuidado vergel, sachando, mondando, cortando, regando, passeando pelo meio das suas flores com ar de bondade, de tristeza e doçura, às vezes pensativo e imóvel durante horas seguidas, escutando o canto de algum passarinho empoleirado nas árvores ou o ruidoso travessear de alguma criança nas casas da vizinhança, outras vezes com os olhos fixos numa gota de orvalho suspensa de alguma haste de erva, semelhando um carbúnculo pela reflexão dos raios do Sol.

A sua mesa era frugal. O apaixonado cultor de túlipas bebia mais leite do

que vinho. Ralhava-lhe a criada, uma criança bastava para o fazer ceder. A sua timidez chegava a ponto de o tornar insociável, saindo à rua raras vezes e falando apenas com os pobres que lhe batiam à porta e com o seu abade, o padre Mabeuf, que era um santo velho. Todavia, se alguns habitantes da cidade ou pessoas de fora lhe batiam à porta movidos da curiosidade de ver as suas túlipas e as suas rosas, ele abria-lha risonho, mostrando-lhes tudo com atenciosas maneiras.

Era este o bandido do Loire.

Quem ao mesmo tempo lesse as memórias militares, as biografias, o «Moniteur» e os boletins do exército, ficaria impressionado com um nome frequentes vezes repe-tido em tudo isto, o nome de Jorge Pontmercy. Quando jovem, este Jorge Pontmercy fora soldado no regimento de Saintonge. Rebentou a revolução. O regimento de Saintonge fez parte do exército do Reno, conservando o nome da sua província, porquanto os antigos regimentos da monarquia nem mesmo depois da queda dela os perderam, vindo a ser organizados em brigadas somente em 1794. Pontmercy combateu em Spire, Worms, Neustadt, Turkheim, Alzey e em Mayença, onde fazia parte dos duzentos que formavam a retaguarda de Houchard. Ali fez frente só com doze companheiros ao corpo do príncipe de Hessc, por trás da antiga trincheira de Andernach, retirando-se para juntar-se ao corpo do exército, somente quando o canhão do inimigo abriu brecha na trincheira desde o rebordo do parapeito até à escarpa do fosso. Em Marchiennes e na acção de Mont-Palissel, combateu às ordens de Kleber, ficando nesta última com um braço quebrado por uma bala de biscainho. Em seguida passou à fronteira de Itália, onde fez parte dos trinta granadeiros que defenderam o desfiladeiro de Tende com Joubert. Joubert, em virtude disso, foi nomeado ajudante-general e Pontmercy alferes. Na batalha de Lodi que fez dizer a Bonaparte: «Berthier serviu de artilheiro, de granadeiro e de soldado de cavalaria», Pontmercy combateu ao lado de Berthier debaixo de uma chuva de balas. Em Novi viu cair o seu antigo general Joubert no momento em que de espada em punho, gritava: «Avançar!» Tendo uma ocasião embarcado com a sua companhia por assim o exigirem as necessidades da campanha, numa embarcação ligeira que se dirigia de Génova para não sabemos que portozito da costa, entestou com sete ou oito navios ingleses pela proa. Queria o capitão genovês atirar as peças ao mar, esconder os soldados no porão e escapulir-se como navio mercante, mas Pontmercy mandou içar a bandeira tricolor no mastro de ré e passou altivamente em frente dos canhões das fragatas britânicas. Daí a vinte léguas, animado pelo próspero sucesso da sua audácia, atacou e apresou um transporte inglês que conduzia tropas para a Sicília, o qual ia atulhado de

homens e cavalos até às escotilhas. Em 1805, fizera parte da divisão Malher que tirou Gunzburgo do poder do arquiduque Fernando. Em Wettingen amparou em seus braços, debaixo de uma saraivada de balas, o coronel Maupetit, mortalmente ferido à frente do 9.º regimento de dragões. Em Austerlitz, distinguira-se na admirável subida feita debaixo do fogo do inimigo.

Quando a cavalaria da guarda municipal russa derrotou um batalhão do 4 de infantaria de linha, Pontmercy foi um dos que se desforraram desbaratando aquela guarda, o que lhe mereceu ser condecorado pelo imperador. Pontmercy viu sucessiva-mente ficarem prisioneiros Wurmser em Mantua, Melas em Alexandria, Make em Ulm. Fez parte do oitavo corpo do grande exército que Mortier comandava e que tomou Hamburgo. Depois passou para o 55 de linha, que era o antigo regimento de Flandres. Em Eylau, achou-se no cemitério onde o heróico capitão Luís Hugo, tio do autor deste livro, susteve durante duas horas, só com a sua companhia que constava de oitenta e três homens, todo o ímpeto do exército inimigo. Pontmercy foi um dos três que saíram vivos daquele cemitério. Esteve em Friedland, depois do que viu Moscovo, Beresina, Lutzen, Bautzen, Dresde, Wachau, Leipzick e os desfiladeiros de Gelenhau-sen; depois Montmirail, Chateau-Thierry, Craon, as margens do Marne, as do Aisne e a temível posição de Laon. Em Arnay-le-Duc, sendo então capitão, carregou à espada dez cossacos e salvou não o seu general, mas o seu cabo. Nessa ocasião ficou gravemente ferido e só do braço esquerdo tiraram-lhe vinte e sete esquirolas. Oito dias antes da capitulação de Paris, havia pouco que ele tinha trocado com um camarada e passado para a cavalaria. Pontmercy possuía o que no antigo regime se chamava a mão dupla, isto é, igual aptidão para manejar como soldado a espada ou a espingarda, e para fazer manobrar como oficial um esquadrão ou um batalhão.

Foi desta aptidão, aperfeiçoada pela educação militar, que nasceram certas armas especiais; os dragões, por exemplo, que são ao mesmo tempo cavaleiros e infantes. Pontmercy acompanhou Napoleão à ilha de Elba. Em Waterloo era chefe de esquadrão de couraceiros na brigada Dubois, Foi ele quem tomou a bandeira do batalhão de Luneburgo e em seguida a foi lançar coberto de sangue, aos pés do imperador. No momento de se apoderar da bandeira recebera uma cutilada no rosto. O imperador, cheio de contentamento, gritou-lhe: «És coronel, barão e oficial da Legião de Honra!» Pontmercy respondeu: «Sire, agradeço-vos pela minha viúva». Passada uma hora, caía na vala de Ohain.

Agora, quem era Jorge Pontmercy? Era aquele mesmo salteador do Loire.

Já se viu, pois, alguma coisa da sua história. Depois de Waterloo, Pontmercy

tirado, como se não deve ter esquecido, do caminho enterrado de Ohain, conseguira reunir-se ao exército, e arrastara-se de ambulância em ambulância, até aos acantonamentos do Loire.

A restauração pusera-o a meio soldo e depois reformara-o, isto é, afastara-o, sob a vigilância superior para Vernon. O rei Luís XVIII, não confirmando nada do que fora feito durante os Cem Dias, não lhe reconhecera a sua qualidade de oficial da Legião de Honra, nem o posto de coronel, nem o título de barão. Ele pela sua parte não desprezava a mínima ocasião de se assinar: «Coronel barão Pontmercy», não tinha senão uma casaca azul bastante velha, e não saía nunca sem que lhe pusesse na botoeira a roseta de oficial da Legião de Honra. O procurador-régio mandou-o prevenir de que o ministério público o perseguiria por «usar indevidamente» aquela condecoração.

Quando lhe foi comunicado este aviso por um intermediário oficioso, Pontmercy respondeu com amargo sorriso: «Não sei se sou eu que já não entendo francês, ou se é o senhor que já o não fala; o facto é que não entendo». Em seguida saiu oito dias sucessivos com a roseta. Não ousaram mais inquietá-lo. Por duas ou três vezes, o ministro da guerra e o general da província, lhe escreveram com este sobrescrito: Ao senhor comandante Pontmercy. O coronel reenviou as cartas sem as abrir. Por esta ocasião, tratava Napoleão do mesmo modo em Santa Helena, as missivas de Sir Hudson Lowe, dirigidas ao general Bonaparte. Pontmercy chegara afinal, desculpem-nos a frase, a ter na boca a mesma saliva que o seu imperador.

Do mesmo modo havia em Roma soldados cartagineses, prisioneiros, que se recusavam a saudar Fiamínio, e que participava da alma de Aníbal.

Uma manhã, encontrou numa rua de Vernon o procurador-régio, e foi direito a ele: «Senhor procurador-régio», disse-lhe ele, «ser-me-á permitido usar o meu gilvaz?»

Pontmercy não tinha mais coisa alguma além do exíguo meio soldo de chefe de esquadrão. Arrendara em Vernon a casa mais pequena que pudera encontrar e nela vivia só, como há pouco se viu.

No tempo do império, entre duas guerras, achara meio de ter tempo para desposar a menina Gillenormand. O idoso burguês, indignado do íntimo do coração, dera o seu consentimento, suspirando: «Até as mais nobres famílias se vêm obrigadas a isto».

Em 1815, a esposa de Pontmercy, senhora realmente admirável, espírito elevado e raro, e digna de seu marido, falecera, deixando um filho. Este filho teria sido a alegria do coronel na sua solidão; mas o avô reclamara imperiosamente seu neto, declarando que se lho não entregassem, o deserdaria. O pai cedera no interesse do filho e passara a amar as flores.

Pontmercy, que renunciara a tudo sem resistência nem murmúrio, dividia o seu pensamento entre as coisas inocentes que fazia e as grandes coisas que fizera. Passava todo o seu tempo a esperar o reflorir dos seus cravos ou embebido nas recordações de Austerlitz.

Gillenormand não mantinha relações de espécie nenhuma com seu genro. Para ele, o coronel era «um bandido», e ele para o coronel «um pedaço de asno». O bom velho nunca falava dele a não ser para fazer zombeteiras alusões ao «seu baronato». Tinham expressamente ajustado que Pontmercy nunca tentaria ver seu filho nem falar-lhe, sob pena daquele lho tornar a entregar, expulso para sempre e deserdado.

Segundo esse contrato, Pontmercy, que para Gillenormand e sua família era um empestado, deixaria o sistema da educação de seu filho inteiramente à escolha dele. Talvez o coronel não andasse bem em aceitar tais condições, mas julgava ele que fazia bem e que só a si se sacrificava, e por isso aceitou.

A herança que por morte de Gillenormand viria a tocar ao filho de Pontmercy, era pequena, mas não assim a de sua filha mais velha, que era considerável, por ela ser riquíssima pela parte materna, e o filho de sua irmã o seu herdeiro natural. A criança, que se chamava Mário, sabia que tinha pai e nada mais. Ninguém lhe dizia uma só palavra a tal respeito. Não obstante, com o andar do tempo, os segredinhos, as meias palavras, o piscar de olhos das pessoas que constituíam as sociedades a que seu avô o levava, tinham-lhe aclarado o espírito e feito perceber por último alguma coisa, e como naturalmente e por uma espécie de infiltração e lenta penetração ele recebia as ideias e opiniões, que, para assim dizer, constituíam o seu meio respirável, viera por último a não lembrar-se de seu pai senão com vergonha e dolorosa impressão.

Enquanto ele assim crescia, o coronel de três em três meses saía furtivamente de casa e vinha a Paris, como um preso fugido que evita as garras da justiça, onde, apenas chegava, ia postar-se na igreja de S. Sulpício, à hora em que a filha de Gillenormand levava seu sobrinho à missa, e daí contemplava seu filho, tremendo com receio de que a tia de Mário se voltasse, escondido por trás de um pilar, imóvel, com a respiração comprimida. Tinha medo daquela velha este homem, que assistira a tantos combates.

Daqui foi que se originaram as suas relações com o padre Mabeuf, abade de Vernon.

Este digno eclesiástico era irmão do sacristão de S. Sulpício, que muitas vezes tinha feito reparo naquele homem contemplando seu filho, e na cicatriz que ele tinha no rosto e nas lágrimas furtivas que lhe marejavam dos olhos. Impressionara-o a vista daquele homem valente que chorava como uma

mulher, a ponto de nunca se lhe varrerem da memória as suas feições. Um dia, estando em Vernon, aonde fora visitar seu irmão, encontrou-se na ponte com o coronel Pontmercy e reconheceu o homem de S. Sulpício. Contou então a história ao abade e ambos foram visitar o coronel sob o pretexto que primeiro lhes lembrou, visita a que se seguiram outras. O coronel, que a princípio se mostrara sobremodo reservado, veio por último a desabafar, e tanto o abade como o sacristão de S. Sulpício chegaram a saber toda a história e o modo como Pontmercy sacrificava a sua ventura ao futuro de seu filho. Isto deu lugar a que o abade daí por diante principiasse a tratá-lo com o maior respeito e afeição, e que pela sua parte o coronel também se afeiçoasse ao abade. Quanto mais não há quem mais facilmente se penetre e amalgame do que um padre velho e um velho soldado, quando ambos são sinceros e dotados de bons sentimentos. No fundo, são um e o mesmo homem. Um dedicou-se pela pátria terrena, outro pela celeste; a diferença é só esta.

Mário escrevia a seu pai duas vezes por ano, no primeiro de Janeiro e dia de S. Jorge. Eram cartas de cumprimentos ditadas por sua tia, mas que pareciam copiadas de algum formulário; era quanto tolerava Gillenormand; o pai respondia com outras afectuosíssimas, que o avô metia no bolso sem sequer as ler.

III — Requiescat

O salão de Madame de T.., era tudo quanto Mário de Pontmercy conhecia no mundo, a única abertura pela qual podia ver a vida, mas abertura sombria por onde recebia mais frio do que calor, mais escuridão do que claridade.

Esta criança, que, quando principiou a frequentar aquela estranha sociedade, era toda alegria e luz, dentro em pouco tornou-se triste, e, o que ainda é mais impróprio desta idade, grave.

Ao ver-se rodeado de todas aquelas pessoas respeitáveis e singulares, circunvagava a vista em torno de si com ar espantado e ao mesmo tempo sério. Tudo contribuía para lhe aumentar esse seu pasmo. Frequentavam o salão de Madame de T... algumas senhoras idosas, respeitáveis, pertencentes à nobreza, chamadas Mathan, Noé, Levis, que se pronunciava Levi, Cambis, que se pronunciava Cambyse. Aqueles rostos antigos e estes nomes bíblicos misturavam-se no espírito dele com o que aprendia de cor no seu compêndio do Antigo Testamento, e quando todas elas se achavam sentadas em volta do fogão quase apagado, à mortiça claridade de um candeeiro, velado por um pára-luz de cor verde, que apenas deixava entrever as suas figuras severas, os seus cabelos russos ou brancos, os seus compridos vestidos de outro tempo, de que mal se distinguiam as lúgubres cores, pronunciando de espaço a espaço palavras majestosas ou severas, o pequeno Mário contemplava-as com olhar

desvairado, julgando ver, não mulheres, mas patriarcas e magos, não seres reais, mas fantasmas.

A estes fantasmas juntavam-se ainda muitos padres frequentadores daquele salão, e grande número de fidalgos como o marquês de Sassenay, secretário de Madame de Berry; o visconde de Valory, que sob o pseudónimo de Carlos António publicava odes monorimas; o príncipe de Beauffremont, que conquanto ainda muito novo, tinha os cabelos russos, e uma mulher bonita e espirituosa, que com os seus vestidos de veludo escarlate e alamares de ouro, sumamente decotados, deixava atónitas aquelas trevas; o marquês de Coriolis de Espinouse, o homem de França que melhor sabia «as proporções da civilidade»; o conde de Amendre, pobre homem, com cara de paz de alma; e o cavaleiro de Port de Guy, pilar da biblioteca do Louvre, chamada o gabinete do rei. O senhor de Port Guy, calvo e com mais indícios de ter envelhecido do que de ser velho, contava que em 1793, tendo ele então dezasseis anos, havia sido condenado às galés como refractário, onde o seu companheiro de grilheta era o bispo de Mirepoix, também refractário, mas este como padre, ao passo que ele era-o como soldado. Consistia a sua tarefa nas galés em ir de noite buscar ao cadafalso as cabeças e os corpos dos que de dia eram guilhotinados. Carregavam com aqueles corpos ensanguentados e as suas véstias vermelhas de forçados tinham nas costas uma crusta de sangue, pela manhã seca, mas à noite húmida.

Eram frequentes no salão de Madame de T... estas histórias trágicas e à força de maldizerem Marat aplaudiam Trestaillon. Ali iam jogar a sua partida de whist alguns deputados sem par, como Thibord du Chalard, Lemarchant Gomicourt e o célebre deputado epigramático da direita Cornet-Dincourt. Via-se às vezes naquele salão o balio de Ferrette, com os seus calções curtos e perninhas delgadas, de caminho para casa do senhor de Talleyrand. O balio tinha sido o companheiro de prazer do conde de Artois, e, ao inverso de Aristóteles, posto de cócoras sobre Campaspe, fizera andar a Guimard sobre as mãos e os pés, mostrando assim aos séculos a desforra de um filósofo feita por um balio.

Quanto aos padres, era o abade Halma o mesmo a quem Larose, seu colaborador no Raio, costumava dizer: «Ora adeus! Quem não tem cinquenta amos? Só alguns desses pintalegretes que por aí andam». O abade Letourneur, pregador régio, o abade Frayssinous, que ainda não era conde, nem bispo, nem ministro, nem par, e que andava com uma batina velha e sem botões, e o padre Keravenant, abade de S. Germain-des-Prés; além destes, o núncio do Papa, que então era Monsenhor Macchi, arcebispo de Nisibis, depois cardeal, e notável pelo seu comprido nariz de homem meditabundo, e outro

Monsenhor intitulado *abbate* Palmieri, prelado doméstico, um dos sete protonotários participantes da Santa Sé, cónego da insigne basílica de S. Libério, advogado dos santos, *postulatore di santi,* o que se refere aos negócios da canonização e pouco mais ou menos quer dizer referendário da secção do paraíso. Finalmente, dois cardeais, os senhores de la Luzerne e de Clermont-Tonnerre. O senhor de la Luzerne era escritor, e mais tarde devia ter a honra de assinar no Conservador a par de Chateaubriand; o senhor de Clermont-Tonnerre era arcebispo de Tolosa e vinha frequentes vezes a Paris passar algum tempo de folga em casa de seu sobrinho, o marquês de Tonnerre, que foi ministro da marinha e da guerra.

O cardeal de Clermont-Tonnerre era um velho prazenteiro que gostava de arregaçar a batina para deixar ver as suas meias encarnadas; o seu forte consistia em odiar a Enciclopédia e jogar o bilhar, de que era apaixonadíssimo; de modo que as pessoas que naquele tempo passavam nas noites de Verão pela rua de Madame, onde era então o paço de Clermont-Tonnerre, paravam para ouvir o choque das bolas e a voz aguda do cardeal, que gritava ao seu conclavista, Monsenhor Cottret, bispo *in partibus* de Caryste: «Marque lá esta carambola, abade».

O cardeal de Clermont-Tonnerre tinha sido apresentado no salão de Madame T... pelo seu amigo mais íntimo, senhor de Roquelaure, antigo bispo de Senlis e um dos quarenta da academia. O senhor de Roquelaure era respeitável pela sua elevada estatura e pela sua assiduidade na academia; através da porta envidraçada da sala, onde a academia celebrava então as suas sessões, podiam os curiosos contemplar todas as quintas-feiras o antigo bispo de Senlis, de ordinário de pé, com os cabelos empolvilhados, de meias roxas, e com as costas voltadas para a porta, talvez, segundo parecia, para melhor mostrar o bordado da volta.

Todos estes eclesiásticos, posto que, pela maior parte, tinham tanto de cortesãos como de padres, aumentavam a gravidade do salão de Madame de T..., cujo aspecto senhorial acentuavam cinco pares de França, o marquês de Vibraye, o marquês de Talaru, o marquês de Herbouville, o visconde de Dambray e o duque de Valentinois.

Este duque de Valentinois, posto que príncipe de Mónaco, isto é, príncipe soberano estrangeiro, fazia tão elevada ideia da França e do pariato, que via tudo através dele. Era ele que dizia: «Os cardeais são os pares de França de Roma, os lords são os pares de França de Inglaterra». Não obstante tudo isto, aquele salão feudal, visto que neste século em tudo mete mão a revolução, era dominado, como já dissemos, por um burguês, por Gillenormand, que era quem nele reinava.

Era aquela a essência e quinta essência da sociedade branca de Paris, que só após a permanência em quarentena dava entrada às grandes reputações, mesmo realistas que fossem. Nas reputações há sempre anarquia. A entrada de Chateaubriand ali produziria o mesmo efeito que a do padre Duchène. Todavia, eram por tolerância admitidos naquela ortodoxa sociedade alguns trânsfugas conversos, um dos quais era o conde Beugnot, como que recebido em castigo.

Os salões «nobres» do tempo de agora não têm semelhança nenhuma com aqueles. O bairro de S. Germano de hoje cheira a patarata. Os realistas de agora, digamo-lo para honra sua, são demagogos.

Como a sociedade que frequentava o salão de Madame de T... era superior, também o gosto era fora do comum e desdenhoso, sob capa de polido. Os seus costumes eram acompanhados de toda a espécie de requintes involuntários que constituíam o antigo regime, enterrado, mas vivo ainda. Alguns desses costumes, sobretudo na linguagem, pareciam extravagantes, a ponto que os conhecedores superficiais tomariam por provincianismo o que não era mais que vetustez.

Chamava-se a uma dama senhora generala. Senhora coronela também não era inteiramente desusado. A encantadora Madame de Leon, decerto em memória das duquesas de Longueville e de Chevreuse, preferia essa denominação ao seu título de princesa. A marquesa de Crequy também tinha adoptado o nome de senhora coronela.

Foi esta pequenina sociedade alta a que inventou nas Tulherias o requinte de dizer, falando com o rei em particular, el-rei na terceira pessoa, e nunca vossa majestade, visto ter sido manchado pelo usurpador este segundo tratamento.

Ali eram julgados os factos e os homens e se escarnecia do século, o que dispensava de compreendê-lo. No pasmo auxiliavam-se mutuamente e uns aos outros comunicavam as luzes que cada um possuía. Era Matusalém explicando o que sabia a Epiménides, o surdo pondo o cego ao facto do que se passava. O tempo decorrido desde Coblentz não se contava. Do mesmo modo que Luís XVIII por graça de Deus, se achava no vigésimo quinto ano do seu reinado, os emigrados também de direito estavam no vigésimo quinto ano da sua adolescência.

Era um todo harmónico; ninguém vivia de mais; a palavra era apenas um sopro; o jornal, de acordo com o salão, parecia um papiro. Havia mancebos ali, mas estavam meios mortos. As librés da antecâmara mostravam claramente os estragos do tempo. Aqueles personagens, imagens do passado, eram servidos por criados da mesma espécie. Tinham todos o aspecto de

quem viveu há muito e que se obstina contra o sepulcro. Conservar, Conservação, Conservador, eis no que, com pequena diferença, consistia o seu dicionário; *estar bem ou mal conceituado,* o que exprimiam por *estar em bom ou mau cheiro,* era toda a questão. Efectivamente, havia aromas nas opiniões daqueles veneráveis grupos e as suas ideias cheiravam a vergamota. Era uma sociedade de múmias. Os amos estavam embalsamados, os criados empalhados.

Uma marquesa velha, emigrada e sem nada de seu, apesar de não ter senão uma criada, continuava a dizer: «Os meus criados».

Que faziam estes personagens no salão de Madame de T...?

Eram ultras.

Ser ultra; esta frase, apesar de não ter ainda desaparecido aquilo que ela representa, não é hoje, todavia, bem compreendida. Desçamos a explicações.

Ser ultra quer dizer ir além. É atacar o ceptro em nome do trono e a mitra em nome do altar; é levar aos trambolhões o carro que se puxa, fazê-lo ir aos solavancos, em vez de o fazer rodar; é invectivar a fogueira por causa da queima dos hereges; é censurar ao ídolo a sua pouca idolatria; é insultar por excesso de respeito; é achar no papa pouco papismo, no rei pouco realismo e luz de mais nas trevas; é não gostar do alabastro, nem da neve, nem do cisne, nem do lírio, e dizer que só gosta da brancura; é ser sectário de uma causa a ponto de se tornar inimigo dela; é ser tão forte a favor que se vem a ser contra.

O espírito ultra é o principal característico da primeira fase da restauração.

Não existe na história nada semelhante a esse quarto de hora que principiou em 1814 e terminou em 1820, com a subida ao poder do senhor de Villelle, o homem prático da direita.

Estes seis anos foram um momento extraordinário, ao mesmo tempo ruidoso e sereno, risonho e sombrio, como que iluminado pelo clarão da aurora e simultaneamente coberto das trevas das grandes catástrofes, de que ainda se viam as sombras carregadas, escondendo-se lentamente nos horizontes do passado. No meio daquela luz e daquela sombra houve um mundozinho novo e velho, folgazão e triste, juvenil e senil, esfregando os olhos, porque não há nada mais parecido com o acordar do que o voltar; grupo que olhava para a França com gesto carrancudo e ao qual a França encarava com ironia; as ruas atulhadas de pobres mochos velhos feitos marqueses, dos que tinham chegado e dos que vinham vindo, dos estupefactos «doutrora», de nobres e honrados fidalgos, que sorriam de se ver em França e ao mesmo tempo choravam; transportados de prazer por verem de novo a terra da pátria e desesperados por não tornarem a encontrar a sua monarquia; a nobreza das

cruzadas olhando com desprezo a do império, quer dizer a nobreza da espada; as raças históricas deixando de entender a história; os filhos dos companheiros de Carlos Magno desdenhando dos companheiros de Napoleão. As espadas, como acabamos de dizer, insultavam-se mutuamente; a espada de Fontenoy tornou-se risível e apenas uma ferrugenta; a espada de Marengo tornou-se odiosa e apenas um sabre. Outrora esquecia-se de ontem. Não existia já o sentimento do que era grande, nem o sentimento do que era ridículo.

Houve quem a Bonaparte chamasse Scapin. Esse inundo, porém, já não existe. Nada resta hoje dele, repetimos. Quando acaso evocamos dele alguma das suas figuras e tentamos fazê-la reviver pelo pensamento, parece-nos estranho como um mundo anti-diluviano. É que efectivamente o mundo de que falamos ficou abismado por um dilúvio. Desapareceu debaixo de duas revoluções. Que torrente a das ideias! Como ela cobre rapidamente o que tem por missão destruir e sepultar, e como cava depressa abismos terríveis!

Tal era a fisionomia dos salões desses cândidos tempos que já lá vão, nos quais Martainville tinha mais espírito do que Voltaire.

Estes salões tinham uma literatura e uma política propriamente sua. Os seus frequentadores acreditavam em Fievée e recebiam as leis de Agier. Faziam comentários a Colnet, o publicista alfarrabista do cais Malaquais. Napoleão era unanimemente o *Papa-gente da Córsega.* Mais adiante a introdução na história do marquês de Bonaparte, tenente-general dos exércitos reais, foi uma concessão ao espírito do século.

Estes salões, porém, não permaneceram muito tempo no seu estado de pureza. Em 1818 começaram a despontar neles alguns doutrinários, sintoma assustador. O característico desses era serem realistas e desculparem-se de o serem. Daquilo que os ultras se ostentavam orgulhosos, mostravam-se os doutrinários alguma coisa envergonhados. Os doutrinários tinham talento e eram calados quando convinha; o seu dogma político era temperado com suficiente dose de arrogância; tinham de ser bem sucedidos. Abusavam, mas ultimamente, dos excessos da gravata branca e da casaca abotoada. Todo o mal ou toda a desgraça do partido doutrinário foi criar a juventude senil. Além do que temos dito, tomavam atitudes de sábios e todas as suas aspirações eram enxertar um poder temperado no princípio absoluto e excessivo. Opunham e algumas vezes com rara inteligência, ao liberalismo demolidor um liberalismo conservador. Frequentes vezes se lhes ouvia dizer: «Graças ao realismo que bastantes serviços nos prestou, conservando a tradição, o culto, a religião, o respeito! O realismo é fiel, honrado, cavalheiresco, dedicado, afectuoso, e ainda que forçadamente, vem unir às grandezas novas da nação as grandezas seculares da monarquia. Faz mal em não compreender a

revolução, o império, a glória, a liberdade, as ideias novas, as novas gerações, enfim, o século. Mas o mal de que nós o acusamos, não poderia o realismo acusar-nos dele também? A revolução de que somos herdeiros, deve entender tudo. Atacar o realismo é o contra-senso do liberalismo. Que erro e que cegueira! A França revolucionária faltando ao respeito à França histórica, quer dizer, a sua mãe, a si mesma! Depois do 5 de Setembro trata-se a nobreza da monarquia como depois do 8 de Julho se tratava a nobreza do império. Eles foram injustos para com a água, nós somos injustos para com a flor de lis. Querem, visto isso, ter sempre alguma proscrição a fazer? Que utilidade há em desdourar a coroa de Luís XIV, em riscar o brasão de Henrique IV? Nós rimo-nos do senhor de Vaublanc, que riscava os NN da ponte de lena? E ele que fazia? O que nós fazemos. Tanto nos pertence Bouvines como Marengo. Tão nossas são as flores de liz como os NN. É o nosso património. Para que havemos de cerceá-lo? Tão grande dever nos assiste de não renegarmos a pátria no passado, como de a não renegarmos no presente. Porque não havemos de querer toda a história? Porque não havemos de amar toda a França?»

Era assim que os doutrinários criticavam e protegiam o realismo, que não gostava de se ver criticado e se enfurecia de se ver protegido.

Os ultras assinalaram a primeira época do realismo; a congregação caracterizou a segunda. À impetuosidade sucedeu a astúcia. Demos por concluído aqui este esboço.

No decurso da narração, o autor deste livro achou no seu caminho este momento curioso da história contemporânea; não pôde deixar de lhe lançar um olhar de passagem e reproduzir alguns dos lineamentos singulares desta sociedade hoje desconhecida. Fá-lo, porém, rapidamente e sem nenhuma ideia de azedume ou irrisão. São apenas recordações afectuosas e cheias de respeito, porque lhe fazem lembrar sua mãe e o prendem a esse passado. Além disso, diga-se em abono da verdade, aquele mundo pequenino tinha tal ou qual grandeza. Podem rir-se dele, mas não podem odiá-lo nem desprezá-lo. Era a França de outrora.

Mário Pontmercy estudou o que estudam todas as crianças. Quando saiu das mãos de sua tia, a filha mais velha de Gillenormand, este confiou-o a um digno professor da mais pura inocência clássica. Aquela alma tenra, pois que mal ia a desabrochar, passou das mãos de uma invencioneira para as de um pedante. Mário frequentou as aulas preparatórias no colégio e em seguida entrou para a Faculdade de Direito. Mário era realista, fanático e austero. Tinha pouca amizade ao avô, cuja jovialidade e cinismo o constrangiam, e tornava-se sombrio quando lhe falavam no pai.

No fim de tudo era um rapaz ardente e frio, nobre, generoso, altivo, religioso, exaltado, digno até de tocar as raias da dureza, puro até quase parecer selvagem.

IV — Fim do salteador

Na mesma ocasião em que Gillenormand se retirava da sociedade, terminava Mário os seus estudos clássicos. O velho disse adeus ao bairro de S. Germano e ao salão de Madame T... e foi estabelecer-se para o Marais, na sua casa da rua das Mulheres do Calvário. Os seus criados, aí, além do porteiro, eram Nicolette, a criada de sala que tinha ficado no lugar de Magnon, e o esbaforido e atarefado biscainho, de quem já falámos.

Em 1827, na época em que Mário tinha completado os seus dezassete anos havia pouco, ao recolher-se uma tarde para casa, viu seu avô com uma carta na mão.

— Mário — disse-lhe Gillenormand — apronta-te que hás-de partir amanhã para Vernon.

— Para quê? — perguntou Mário.

— Para ires ver teu pai.

Mário estremeceu. De tudo se tinha lembrado no decurso da sua vida, menos que poderia vir um dia em que tivesse de ver seu pai. Era esta para ele a coisa mais inespe-rada, surpreendente, e, digamos também, mais desagradável. Era ver-se obrigado a aproximar-se de quem forcejava por afastar-se. O mancebo não sentia saudades do pai, sentia a mortificação da jornada.

Além dos seus motivos de antipatia política, Mário estava convencido que seu pai, o traga-mouros, como lhe chamava Gillenormand nos seus dias joviais, não o amava; isso estava bem de ver, visto que ele o abandonara daquela forma e o deixara entregue a cuidados alheios. E, como o mancebo via que não era amado, não amava também. Nada mais simples, pensava ele.

Ficou, pois, tão estupefacto, que não dirigiu a mínima pergunta a Gillenormand. O avô continuou:

— Está doente, ao que parece, e por isso quer ver-te.

E, após uma pausa, acrescentou:

— É necessário que partas amanhã de manhã. Julgo que do largo das Fontes parte todos os dias uma diligência que sai às seis horas e chega lá quase à noite. Arranja lugar nela, porque teu pai diz que te quer lá quanto antes.

Depois amarrotou a carta e meteu-a no bolso.

Mário podia ter partido no fim dessa mesma tarde e achar-se junto de seu pai ao outro dia pela manhã, por isso que da rua de Bouloy partia para Rouen uma diligência que passava em Vernon, fazendo a viagem de noite. Porém,

nem Gillenormand, nem Mário, se lembraram de colher informações a esse respeito.

Ao outro dia, ao escurecer, Mário chegava a Vernon à hora em que principiavam a acender-se as luzes. Ao primeiro viandante que encontrou, perguntou onde era a casa do *senhor Pontmercy,* pois, segundo o seu modo de pensar, era da opinião da restauração, não reconhecendo também seu pai nem como barão nem como coronel.

Indicaram-lhe a morada, o mancebo bateu e uma mulher com um candeeiro pequeno na mão, veio abrir-lhe a porta.

— Aqui é que mora o senhor Pontmercy? — disse Mário.

A mulher conservou-se imóvel.

— É aqui? — perguntou Mário.

A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Posso falar-lhe?

A mulher fez um sinal negativo.

— Não posso? Mas eu sou o filho por quem ele espera.

— Já o não espera! — disse a mulher, que o mancebo reparou que estava a chorar.

Apontou-lhe então para a porta de uma sala inferior e o mancebo entrou.

Nessa sala, alumiada por uma vela de cebo colocada em cima da pedra do fogão, viam-se três homens, um de pé, outro de joelhos e outro em camisa, estirado no chão. O que jazia no chão era o coronel. Os outros dois eram um médico e um padre, que estava a orar.

Havia três dias que o coronel sofrera um ataque cerebral. Como tivesse um mau pressentimento, logo no princípio da moléstia escrevera a Gillenormand, pedindo que lhe deixasse ir o filho, a quem queria ver. A moléstia, porém, agravou-se. Na tarde do mesmo dia em que Mário chegou, Pontmercy tivera um acesso de delírio, e, apesar dos esforços da criada para o conter, saíra pela cama fora, gritando:

— Meu filho não chega, vou eu esperá-lo ao caminho!

E em seguida deitara pelo quarto fora e caíra no sobrado da sala de espera. Acabava de expirar.

Tinham chamado o médico e o abade. O médico, porém, chegara tarde, e o mesmo aconteceu com o abade e com o filho.

Ao clarão crepuscular daquela vela divisavam-se na face do coronel, estirado no chão, duas grandes lágrimas, que lhe coaram dos olhos já selados pelo dedo da morte. Os olhos já não tinham vida, mas as duas lágrimas brilhavam-lhe ainda nas pálpebras. Eram a demora de seu filho.

Mário pôs-se a contemplar aquele homem que via pela primeira e última

vez, aquele varonil e venerando rosto, aqueles olhos abertos que já não viam, aqueles cabelos brancos, aqueles robustos membros, nos quais aqui e além se divisavam linhas escuras, que eram golpes de espada, e uma espécie de estrelas vermelhas, que eram buracos de balas. O mancebo contemplou o enorme gilvaz que imprimia o heroísmo naquela fronte em que Deus imprimira a bondade. Lembrou-se que aquele homem era seu pai, que seu pai estava morto, e ficou na mesma frieza.

A tristeza que o mancebo sentiu, foi a tristeza que sentiria em presença de qualquer outro homem que Visse estirado no chão, morto.

O aspecto, porém, daquele quarto era sobremodo fúnebre. A criada chorava a um canto, o abade orava, soluçando ao mesmo tempo, o médico limpava os olhos, até o próprio cadáver chorava.

O médico, o padre e a mulher olhavam para Mário entre a sua aflição sem dizer uma palavra; o mancebo é que era o estranho. Mário, envergonhado da sua pouca comoção e embaraçado da sua atitude, deixou cair o chapéu que tinha na mão para fazer supor que a dor lhe tirava a força de o segurar.

Ao mesmo tempo, o mancebo sentia um como remorso do seu procedimento, achando-se mesmo a seus olhos desprezível. Mas ele tinha alguma culpa nisso? Se não amava seu pai, que havia de fazer?

A herança do coronel era nula. Mal chegou para as despesas do enterro o produto da venda da mobília.

Num bocado de papel achado pela criada e por ela entregue a Mário, liam-se as seguintes linhas escritas do próprio punho do coronel.

> *Para meu filho.*
>
> *O imperador fez-me barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a restauração me contesta este título, que eu ganhei à custa do meu próprio sangue, peço a meu filho que o tome e use como seu. Escuso de dizer que há-de ser digno dele.*

No lado de trás tinha o coronel acrescentado:

> *Nessa mesma batalha de Waterloo salvou-me a vida um sargento chamado Thenardier. Nestes últimos tempos, creio que este homem estava estabelecido com uma estalagem numa aldeia dos arrabaldes de Paris, em Chelles ou Montfermeil. Se meu filho algum dia der com ele, recomendo-lhe que lhe faça todo o bem que puder.*

Movido, não pelo sagrado afecto filial, mas pelo vago respeito da morte, sempre tão imperioso no coração do homem, Mário pegou no papel e guardou-o.

O espólio do coronel desapareceu todo, Gillenormand mandou vender a um adelo a espada e o uniforme que fora dele; os vizinhos entraram pelo jardim, apossando-se das flores raras que ele com tanto desvelo cultivava, e as outras plantas morreram afogadas pelas moitas de silvas e abrolhos que lhe cresceram em torno.

Mário demorara-se apenas quarenta e oito horas em Vernon, voltando

depois do enterro para Paris, onde prosseguiu de novo a interrompida frequência das suas aulas de direito, sem mais lhe vir à lembrança a memória de seu pai, que era para ele como se nunca tivera existido. Dentro de dois dias estava o coronel enterrado, e no fim de três já ninguém se lembrava dele.

Mário trazia um fumo no chapéu. Era ao que se reduzia tudo.

V — Utilidade de ouvir missa para vir a ser-se revolucionário

Mário conservara os costumes religiosos que adquirira na infância. Num domingo que fora ouvir missa a S. Sulpício, àquela mesma capela da Virgem onde sua tia o levava quando era pequeno, estando mais distraído e pensativo do que de ordinário, sentara-se numa cadeira de veludo de Utrecht, atrás de uma coluna, sem reparar que no recosto da cadeira estava escrito o nome: Mabeuf, sacristão. A missa tinha apenas começado, quando um velho se chegou a ele, dizendo-lhe:

— Queira desculpar, mas este é o meu lugar.

Mário ergueu-se apressadamente, e o velho entrou na posse da sua cadeira.

Terminada a missa, Mário ficou ainda pensativo a alguns passos de distância: o velho aproximou-se novamente e disse-lhe:

— Peço-lhe que me desculpe tê-lo incomodado no começo da missa e de agora mesmo o tornar a incomodar. O senhor deve ter-me achado importuno, portanto é necessário que lhe dê uma explicação.

— É inútil, senhor!

— Não é — tornou o velho — não quero que vá fazendo má ideia de mim. Tenho muita predilecção por este lugar. Parece-me que a missa aqui é melhor. Não sabe porquê? Eu lho digo. Foi neste lugar que eu vi, durante dez anos, de dois em dois ou de três em três meses, regularmente, um pobre e honrado pai, que não tinha outra ocasião nem maneira de ver seu filho, por isso que lho impediam certos assuntos de família. Aparecia sempre à hora em que sabia trazerem seu filho à missa. O pequenino nem suspeitava que seu pai aqui estivesse; nem mesmo sabia que tinha pai, o pobre inocente. O pai, pela sua parte, conservava-se atrás do pilar, para que o não vissem. Contemplava o filho e chorava; o pobre homem adorava a criancinha. Vi isto muitas vezes. Este lugar ficou como santificado por mim, e acostumei-me a ouvir sempre nele a missa. Prefiro-o à bancada em que devia estar, como sacristão. Tive até algum conhecimento com o infeliz homem. Tinha um sogro, uma tia rica, e não sei que mais parentes que o ameaçavam de deserdar a criança, se ele, que era seu pai, lhe falasse. Sacrificara-se para que o filho pudesse um dia ser rico e feliz. Parece que não consentiam que ele o visse por motivo de opiniões políticas. Eu aprovo que se tenham opiniões políticas; mas há gente que não

sabe ter mão nelas. Valha-me Deus! Um homem não é um monstro só porque esteve em Waterloo; não se separa um pai de seu filho por semelhante coisa. Era um coronel de Bonaparte; e julgo que morreu. Residia em Vernon, onde está meu irmão, que é prior, e chamava-se... Tinha assim um nome como Pontmarie ou Montparcy... O que ele tinha também era uma cicatriz no rosto.

— Pontmercy — disse Mário, empalidecendo.

— É isso mesmo! Pontmercy. Conhecia-o?

— Era meu pai!

O velho sacristão juntou as mãos e exclamou:

— Logo o senhor é o menino de então! É isso, é; devia ser agora um homem. Pobre criança! Pode dizer que teve um pai bem seu amigo!

Mário ofereceu o braço ao velho e conduziu-o até sua casa. No dia seguinte disse ao senhor Gillenormand:

— Fui convidado por alguns amigos para uma caçada; dá-me licença que me ausente por três dias?

— Por quatro! — respondeu-lhe o avô. — Vai divertir-te.

E, piscando o olho, disse em voz baixa a sua filha:

— Alguns amoricos!

VI — Quanto vale ter encontrado um sacristão

Mário esteve três dias ausente, depois voltou a Paris, foi direito à biblioteca da escola de direito e pediu a colecção do Moniteur.

Leu o Moniteur, leu todas as histórias da república e do império, o Memorial de Santa Helena, todos os periódicos, boletins e proclamações; devorou tudo.

Quando pela primeira vez se lhe deparou o nome de seu pai nos boletins do grande exército, teve um acesso de febre que lhe durou uma semana. Foi procurar os generais sob cujas ordens servira Jorge Pontmercy, e entre outros o conde H... O sacristão Mabeuf, que procurou de novo descrevera-lhe a vida retirada que seu pai passara em Vernon, o seu isolamento e as suas flores. Mário chegou a conhecer o homem raro, sublime e meigo, a espécie de leão-cordeiro, que fora seu pai.

Entretanto, ocupado com este estudo, que lhe absorvia todos os instantes, bem como todos os pensamentos, não via quase nunca os Gillenormand. Aparecia às horas de refeição; depois, quando o procuravam, já o não achavam. A tia murmurava, o avô sorria-se, dizendo:

— Ora! É o tempo das raparigas! — Algumas vezes acrescentava: — Diabo! Julgava ser uma brincadeira e parece-me que é uma paixão!

Era, com efeito, uma paixão. Na alma do mancebo principiava a nascer um sentimento de quase adoração por seu pai.

Ao mesmo tempo operava-se-lhe uma mudança extraordinária nas ideias. As fases de tal mudança foram numerosas e sucessivas. Como esta é a história de muitos espíritos do nosso tempo, julgamos útil seguir-lhe as fases passo a passo, indicando-as todas.

A história a que acabava de lançar os olhos, assustava-o.

O primeiro efeito foi deslumbramento.

A república e o império, não tinham sido para ele, até então, senão palavras monstruosas. A república, uma guilhotina na luz do crepúsculo; o império, um sabre no meio da noite. Acabava de fitá-los; e onde esperara não achar mais do que um caos tenebroso, vira, com uma espécie de surpresa inaudita, envolta em receio e alegria, cintilar astros: Mirabeau, Vergniaud, Saint-Just, Robespierre, Camille Desmoulins, Danton; e erguer-se um sol Napoleão. Não sabia onde estava. Recuava cego por tanta luz. A pouco e pouco, passado o espanto, acostumou-se àqueles esplendores, fitou as acções a sangue-frio, examinou os personagens sem terror; a revolução e o império colocaram-se-lhe luminosamente em perspectiva diante dos olhos visionários; viu cada um destes dois grupos de acontecimentos e de homens, resumir-se em dois factos enormes; a república na soberania do direito cívico restituído às turbas; o império na soberania da ideia francesa prescrita à Europa; viu sair da revolução o grande vulto do povo, e do império o grande vulto da França. Depois declarou em sua consciência que tudo aquilo fora bom.

Do que o seu deslumbramento fazia pouco caso, nesta primeira apreciação demasiadamente sintética, julgamos necessário indicá-lo aqui. O que registamos é o estado de um espírito que caminha. Os progressos não se operam todos de um só impulso. Dito isto, uma vez por todas, tanto para o que precede, como para o que vai seguir-se, continuamos.

Conheceu então que até àquele momento não soubera mais da sua pátria, do que soubera de seu pai. Não tinha conhecido nem uma nem outro; tivera diante dos olhos uma espécie de voluntária escuridão. Agora via; e de um lado admirava, do outro adorava.

Sentia-se cheio de saudades e de remorsos; e pensava com desespero que só a um túmulo podia dizer o que tinha na alma. Oh! Se seu pai ainda existisse, se ainda o tivesse, se Deus, pela sua compaixão e bondade, tivesse permitido que aquele pai fosse ainda vivo, como teria corrido, como se precipitaria para ele e lhe diria: Aqui estou, meu pai! O meu coração é igual ao seu, sou seu filho! Como lhe teria beijado a fronte encanecida, inundado os cabelos de lágrimas, contemplando a cicatriz gloriosa; como lhe teria apertado as mãos, adorado o fato, beijado os pés! Porque tinha aquele pai morrido tão cedo, antes da idade, antes da justiça, antes da afeição de seu filho! Mário tinha um

contínuo soluço no coração, que a todo o momento dizia: Ai de mim! Ao mesmo tempo tornava-se mais verdadeiramente grave, mais seguro da sua fé e do seu pensamento.

A cada instante completavam-lhe a razão novos clarões da verdade. Operava-se nele um como engrandecimento interior. Sentia uma espécie de elevação natural produzida por aquelas duas coisas, novas para ele.

Como quando se tem uma chave, tudo se abria; achava a explicação do que havia odiado e penetrava no que aborrecera; via agora claramente o sentido providencial, divino e humano, das grandes coisas que lhe tinham ensinado a maldizer. Quando pensava nas suas precedentes opiniões, que eram apenas, da véspera, e que não obstante lhe pareciam já velhas, indignava-se e sorria-se. Da reabilitação de seu pai passara à de Napoleão.

Tudo isto, digamo-lo, não se realizara sem custo. Desde a sua infância que o tinham embebido no modo de pensar do partido de 1814, acerca de Bonaparte. Ora, todos os preconceitos da restauração, todos os seus interesses e instintos tendiam a desfigurar Napoleão, a quem ela ainda execrava mais do que a Robespierre, aproveitando com finura o cansaço da nação e o ódio das mães. Bonaparte tornara-se uma espécie de monstro quase fabuloso, e para o pintar à imaginação das crianças, o partido de 1814 fazia aparecer sucessivamente todas as máscaras assustadoras, desde o que é terrível ficando grandioso, até o que é terrível ficando grotesco, desde Tibério até ao Papão.

De modo que, falando-se de Bonaparte, cada qual tinha a liberdade de soluçar ou de rir às gargalhadas, contanto que o ódio fizesse acompanhamento obrigado. Mário nunca tivera a respeito desse homem como lhe chamavam, outras ideias no espírito. Tinham-se combinado com a tenacidade própria da sua natureza. Havia dentro de si um como homem pequeno que continuava a odiar Napoleão tenazmente.

Ao ler, porém, a história, ao estudá-la especialmente nos documentos e nos materiais, o véu que cobria Napoleão aos olhos de Mário, principiou a rasgar-se pouco a pouco, entrevendo um não sei quê de imenso, e desconfiando que até então se tinha enganado, tanto a respeito de Bonaparte como do mais. Cada dia via melhor, e então começou a subir lentamente, ao princípio quase forçadamente, em seguida com transporte e como que atraído por uma fascinação irresistível, primeiro os degraus escuros, depois os degraus vagamente alumiados, finalmente os degraus esplendidamente luminosos do entusiasmo.

Uma noite, estava o mancebo só no seu quarto, situado nas águas-furtadas. Tinha a vela acesa e lia debruçado sobre a sua mesa, ao pé da janela aberta, por onde entravam todas as variadas visões do espaço e se misturavam com o

fio das suas ideias. Que grandioso espectáculo oferece a noite! Ouvem-se uns rumores surdos, sem se saber de onde vêm, vê-se rutilar como uma brasa Júpiter, que é mil e duzentas vezes maior do que a terra, o azul é negro, as estrelas brilham, é terrivelmente majestoso!

O mancebo lia os boletins do grande exército, essas estrofes homéricas escritas no campo da batalha; de quando em quando via o nome de seu pai e a cada passo o nome do imperador; o grande império aparecia-lhe todo; sentia dentro em si como que uma maré que engrossava e subia; afigurava-se-lhe às vezes que seu pai passava por ele como um sopro e lhe falava ao ouvido; pouco a pouco tornava-se estranho, julgava ouvir os tambores, os canhões, o galope surdo e longínquo da cavalaria; de espaço a espaço fitava os olhos no céu e via luzir nas profundas amplidões as constelações colossais, depois voltava-os outra vez para o livro que estava a ler e via agitarem-se-lhe diante dele outras coisas colossais. Parecia-lhe o coração pequeno âmbito para as emoções que experimentava. Mário sentia-se extasiado, trémulo, arquejante; de repente, sem ele mesmo saber que força o impelia ou a que poder obedecia, levantou-se, estendeu os braços para fora da janela, fitou os olhos na escuridão, no silêncio, no infinito tenebroso, na eterna imensidade, e gritou:

— Viva o imperador!

Desde então terminou tudo: o Papão da Córsega o usurpador o tirano o monstro que era amante de suas irmãs o histrião a quem Talma dava lições o envenenador de Jafa o tigre Bonaparte tudo isto se desvaneceu e deu lugar no seu espírito a um vago e brilhante clarão, em que a uma altura inacessível resplandecia o pálido fantasma marmóreo de César.

O imperador, que para seu pai fora apenas o benquisto capitão que inspirava admiração e ardor no seu serviço, para Mário foi mais do que isso. Foi o construtor predestinado do grupo francês que sucedia ao grupo romano no domínio do Universo. Foi o maravilhoso arquitecto de um desabamento, o continuador de Carlos Magno, de Luís XI, de Henrique IV, de Richelieu, de Luís XIV e da comissão de salvação pública, de certo com suas máculas, com suas faltas e mesmo com seus crimes, quer dizer, sendo homem, porém augusto nas faltas, brilhante nas máculas, poderoso nos seus crimes. Foi o homem predestinado que obrigava a dizer a todas as nações: A grande nação. Foi mais ainda; foi a encarnação da própria França, conquistando a Europa pela espada que ele empunhava, e o mundo pelo clarão que de si derramava. Mário viu em Bonaparte o espectro deslumbrante que se erguerá sempre na fronteira, guardando o futuro. Déspota, mas ditador; déspota resultante de uma república e resumindo em si uma revolução. Tornou-se Napoleão para ele o

homem-povo, como Jesus Cristo é para todos os cristãos, o homem-Deus.

Como se vê, à maneira de todos os recém-conversos de uma religião, a sua conversão embriagava-o, precipitando-se na adesão e indo mais longe do que devera. Era essa a sua natureza; chegado a um declive, era-lhe quase impossível parar. Apossava-se dele o fanatismo pela espada, embaraçando no seu espírito o entusiasmo pela ideia. Não reparava que com o génio confundia a admiração da força, isto é, que estabelecia nos dois compartimentos da sua idolatria de um lado o que é divino, do outro o que é brutal. A muitos respeitos não fez mais do que principiar a enganar-se por outro modo. Admitia tudo. Encontra-se às vezes o erro na indagação da verdade. Mário possuía uma espécie de boa fé violenta que tomava tudo em globo. No novo caminho em que ele entrara, tanto julgando as faltas do regime como medindo a glória de Napoleão, o mancebo esquecia as circunstâncias atenuantes.

Fosse como fosse, estava dado um passo prodigioso. No que ele outrora vira a queda da monarquia, via agora o triunfo da França. Estava mudada a sua orientação. O que tinha sido poente, era nascente. Mudara de posição, ficando com o rosto para onde estava com as costas.

Todas estas revoluções, porém, se efectuavam nele sem que sua família o suspeitasse.

Quando nesta misteriosa operação chegou a perder de todo a sua antiga pele de bourbonista e de ultra, e a despojar-se da sua qualidade de aristocrata, de jacobita e realista, ficando completamente revolucionário, profundamente democrata e quase republicano, dirigiu-se a casa de um gravador do cais dos Ourives a encomendar cem bilhetes de visita com este nome: *Mário, barão de Pontmercy.*

O que apenas era uma consequência toda lógica da mudança que nele se operara, mudança na qual tudo gravitava à roda de seu pai. Como, porém, não conhecia ninguém, meteu os seus bilhetes de visita no bolso, à míngua de não ter a quem os entregar.

Por outra consequência também natural, à medida que se iam estreitando os laços entre ele e seu pai, à medida que se lhe ia aumentando a veneração pela memória do coronel e pelas coisas a favor das quais ele combatera durante vinte e cinco anos, iam afrouxando os laços que o prendiam a seu avô. Como já dissemos, desde muito que o génio de Gillenormand lhe desagradava. Havia já entre eles todas as dissonâncias costumadas entre um mancebo sério e um velho frívolo. A alegria de Geronte molesta e exaspera a melancolia de Werther. Enquanto entre eles se deu comunhão de opiniões políticas e de ideias, Mário estivera ligado a Gillenormand como por uma ponte. Apenas, porém, caiu essa ponte, abriu-se o abismo. E, sobretudo, Mário não podia de

modo nenhum tolerar que Gillenormand por motivos desarrazoados, o tivesse sem piedade arrancado aos braços do coronel, privando deste modo o pai do filho e o filho do pai.

À força de se compadecer de seu pai, chegara Mário quase a odiar seu avô.

Nada disto, porém, como já dissemos, se revelava nas maneiras exteriores do mancebo. Apenas se ia tornando cada vez mais frio, mais lacónico à mesa e mais raro em casa. Se sua tia lhe ralhava, o mancebo curvava-se submisso, pretextando os seus estudos, as suas aulas, os exames, as conferências, etc. O avô, esse não saía do seu infalível diagnóstico: «Namoricos! Namoricos! Eu bem sei o que isso é».

Mário de tempos a tempos fazia algumas saídas.

— Ora não me dirão para onde é que vai sempre este estroina? — exclamava a tia.

Numa dessas excursões, que eram sempre pouco demoradas, fora o mancebo a Montfermeil para cumprir a recomendação de seu pai, procurando o antigo sargento de Waterloo, o estalajadeiro Thenardier. Thenardier tinha quebrado, a estalagem estava fechada e ninguém sabia que caminho ele tinha levado. Estas averiguações detiveram Mário quatro dias por fora de casa.

Nada disse o avô isto agora sempre vai passando das marcas.

Tanto a Gillenormand como a sua filha, afigurava-se-lhes que o mancebo trazia ao peito, por baixo da camisa, um objecto suspenso do pescoço por uma fita preta.

VII — História de saias

O lanceiro de quem mais atrás falámos era um terceiro sobrinho de Gillenormand por parte do pai, que vivia a vida de soldado longe da família e do lar doméstico.

O tenente Teodulo Gillenormand possuía todos os requisitos necessários para ser tido em conta de um belo oficial. Tinha «uma cinta de mulher», um modo donairoso de arrastar a espada, um bigode cuidadosamente penteado. Raras eram as vezes que vinha a Paris, tão raras, que Mário nunca o vira. Conheciam-se, pois, os dois primos apenas de nome. Teodulo, como julgamos ter já dito, era o favorito da tia Gillenormand, que o preferia, porque o não tratava de perto. Não sermos tratados de perto dá azo a suporem-nos todas as perfeições possíveis.

Uma manhã, a filha mais velha de Gillenormand recolheu-se ao seu quarto em tão grande estado de excitação quanto lho permitia a sua placidez ordinária. Mário acabava de pedir mais uma vez licença a seu avô para fazer uma pequena excursão, tendo acrescentado que desejava partir na tarde desse mesmo dia.

— Pode ir! — respondera Gillenormand, e acrescentara à parte, encrespando desmesuradamente as sobrancelhas: — Já é muito dormir fora de casa!

Quanto à filha de Gillenormand, essa recolhera-se ao quarto sobremodo impressionada, lançando das escadas este ponto de admiração:

— É de mais! — E este outro de interrogação: — Mas onde é que ele irá?

Ela entrevia alguma aventura amorosa mais ou menos ilícita, uma mulher na penumbra, uma entrevista, um mistério, que não desgostaria de ver por entre os vidros dos seus óculos. Saborear um mistério é um como prazer de escândalo que às boas almas não desagrada, porque no beatério existe certo recôndito sentimento de curiosidade por tudo quanto cheira a escândalo.

À tia de Mário, pois, dominava-a o vago apetite de saber uma história.

Para distrair-se desta curiosidade, que a agitava de um modo menos conforme com os seus hábitos, buscara refúgio no exercício das prendas que sabia, pondo-se a trabalhar num desses bordados do tempo do império e da restauração, abundantes de certos lavores parecidos com rodas de sege. Serviço impertinente que se coadunava com o génio áspero de quem dele lançava mão.

Havia já algumas horas que ela estava sentada na sua cadeira, quando a porta se abriu. Levantou o nariz, e ao ver diante de si o tenente Teodulo, fazendo-lhe a continência militar, não pôde conter um grito de prazer. Ser velha, ser invencioneira, ser beata, ser tia, não obsta a que qualquer mulher goste sempre de ver entrar um lanceiro no seu quarto.

— Tu por aqui, Teodulo? — exclamou ela.

— De passagem, minha tia.

— Dá cá um abraço!

— Pois não! — disse Teodulo.

E o mancebo abraçou-a. A tia dirigiu-se à sua secretária e abriu-a.

— Mas demoras-te ao menos até ao fim da semana?

— Não, minha tia, vou hoje mesmo embora.

— Não é possível!

— É como lhe digo.

— Fica, meu Theodulinho; peço-te que fiques.

— O coração diz que fique, mas as ordens mandam que parta. O caso é simples. Nós estamos de guarnição em Melun, porém recebemos ordem de marchar para Gaillon, onde também ficaremos de guarnição. Ora, como um dos pontos do nosso itinerário é Paris, disse cá comigo: «Já que aqui estou, vou visitar minha tia».

— Toma lá então pelo teu trabalho disse-lhe ela, metendo-lhe na mão dez

luíses. — Pelo prazer de a ver, é que deve dizer, minha tia — respondeu Teodulo, abraçando-a segunda vez, o que lhe proporcionou o prazer de sentir roçarem-lhe no pescoço os alamares da farda do mancebo.

— Tu acompanhas o teu regimento a cavalo? — perguntou-lhe ela.

— Não, minha tia. Como desejava vir vê-la, pedi uma licença especial para fazer a viagem em diligência e um camarada leva-me o cavalo. É verdade, deixe-me perguntar-lhe uma coisa.

— Que coisa?

— Meu primo, Mário Pontmercy, pelo que vejo, também viaja?

— Como sabes tu isso? — exclamou a tia, subitamente ferida na parte mais sensível da sua curiosidade.

— Quando cheguei, dirigi-me logo ao escritório da diligência para tomar um lugar no coupé.

— E daí?

— Antes de mim, tinha vindo tomar um lugar na imperial outro viajante, cujo nome vi escrito na lista.

— E que nome era?

— Mário Pontmercy.

— Que estroina! — exclamou a tia. — Se ele fosse um rapaz bem comportado como tu, não passava assim uma noite numa diligência!

— Também eu vou passá-la.

— Pois sim, mas tu é por dever, enquanto que ele é por estroinice.

— Safa! — disse Teodulo.

Neste ponto, a tia de Mário teve uma ideia que, se ela fosse homem, fá-la-ia bater na testa.

— Sabes que teu primo não te conhece? — disse ela para Teodulo.

— Sei. Quanto a mim já o vi, mas quanto a ele, nem sequer se dignou fazer reparo na minha pessoa.

— Visto o que tu contas, fareis a viagem juntos?

— Ele na imperial e eu no coupé.

— Para onde vai a diligência?

— Para Andelys.

— Então Mário vai para lá?

— A não se dar o caso que fique em algum ponto intermediário do caminho, como eu. Eu tenho de apear-me em Vernon para tomar a mala-posta de Gaillon. Lá do itinerário de Mário não sei nada.

— Mário! Que nome tão feio! Quem seria o da lembrança de lhe pôr o nome de Mário? Ao menos tu chamas-te Teodulo.

— Antes queria chamar-me Alfredo — disse o oficial.

— Ouve cá, Teodulo.
— Diga, minha tia.
— Repara.
— Bem vejo.
— Toma bem sentido.
— Diga.
— Pois bem. Mário ausenta-se de vez em quando.
— Ah!
— Vai viajar.
— Eh! Eh!
— Dorme lá por fora.
— Oh!
— Nós ainda desejávamos saber o que ele anda por lá a fazer.
Teodulo respondeu com a serenidade de um homem de bronze:
— Alguma história de saias.
E acrescentou com esse sorriso intimamente certo do que afirma:
— Algum namorico.
— Isto com toda a certeza — exclamou a tia, que se persuadiu de que tinha ouvido Gillenormand e que sentiu sair-lhe irresistivelmente a convicção daquela palavra *namorico*, acentuada do mesmo modo pelo tio e pelo sobrinho. Continuou, pois:
— Faz-nos um favor. Vê se consegues pescar alguma coisa a respeito de Mário. Como ele não te conhece, não podes ter nisso grande dificuldade. Uma vez que temos namorico, olha se avistas a menina. E depois escreve-nos a contar o caso, para fazer rir o avô.
Teodulo nem por isso gostava muito do ofício de espião, mas como estava sobremodo comovido com os dez luíses, aos quais se lhe afigurava ver a possibilidade de uma continuação, aceitou a comissão, dizendo:
— Farei o que deseja, minha tia.
E acrescentou, falando para consigo:
— Ora aí estou eu feito aia!
— Tu é que não eras capaz de fazer semelhantes estroinices! — disse a tia, abraçando-o. — Obedeces à disciplina, és escravo das ordens militares, és um homem escrupuloso no cumprimento dos teus deveres, nem serias capaz de deixar a tua família para ir ver uma dessas criaturas.
O lanceiro fez a careta de satisfação de um Cartuxo louvado pela sua probidade.
Mário, na tarde que se seguiu a este diálogo, entrou na diligência sem suspeitar que tinha quem lhe vigiasse os passos. Quanto ao encarregado de

lhos vigiar, a primeira coisa que fez foi dormir. Foi um sonho completo e consciencioso. Argus dormiu toda a noite.

De madrugada, o condutor da diligência gritou:

— Vernon! Estação de Vernon! Os passageiros que ficam em Vernon!

O tenente Teodulo acordou.

— Bem — tartamudeou ele, meio acordado meio a dormir — eu fico aqui.

Depois, foi-se-lhe pouco a pouco aclarando a memória, varrendo dela as nuvens do sono, e lembrou-se então de sua tia, dos dez luíses, do encargo que tomara de dar conta dos actos e gestos de Mário, e tudo isto o fez rir.

— Decerto já não vem na diligência — disse ele consigo, ao mesmo tempo que apertava a farda dos dias ordinários. — Talvez ficasse em Poissy, ou talvez em Triel; se não se apeou em Meulan, talvez se apeasse em Mantes, a não ser que ficasse em Rolleboise, ou em Pacy, carregando sobre a esquerda para Evreux, ou tomando à direita para Laroche-Guyon. Corre atrás dele agora, minha tia. Que diabo hei-de eu escrever à pobre velha?

Neste momento roçavam pela vidraça do coupé as calças pretas de um indivíduo que descia.

— Será Mário? — disse consigo o tenente.

Era ele com efeito.

Junto da carruagem, de envolta com cavalos e postilhões, estava uma rapariga de campo, oferecendo flores aos passageiros:

— Comprem flores, para as senhoras! — gritava ela.

Mário aproximou-se da rapariga e comprou-lhe as mais belas flores do seu açafate.

— Agora também eu tenho vontade de saber o que isto é. A quem diabo vai ele levar aquelas flores? É necessário ser linda mulher para merecer um tal ramalhete. Quero vê-la.

E, não para satisfazer a incumbência da sua tia, mas por curiosidade pessoal, como os cães que caçam por sua conta, começou a seguir Mário.

Este não prestava a mínima atenção a Teodulo. Da carruagem apearam-se algumas mulheres elegantes: mas ele nem as via. Parecia não reparar em coisa alguma.

— Está apaixonado! — pensou Teodulo.

Mário dirigiu-se para a igreja.

— Não tem que ver! — disse consigo Teodulo. — As entrevistas amorosas tempe-radas com um tanto ou quanto de missa são as melhores. Não há nada mais mimoso do que uma olhadela que passa por cima de Deus.

Chegando à igreja, Mário não entrou e, contornando-a, desapareceu pela parte de trás.

— O ponto de reunião é fora da igreja — pensou Teodulo. — Vejamos a pequena.

E avançou nos bicos dos pés para o ângulo por onde Mário tinha voltado.

Apenas, porém, a dobrou, parou estupefacto.

Mário, com a fronte oculta entre ambas as mãos, estava ajoelhado na erva, sobre uma sepultura, onde tinha desfolhado o seu ramalhete. Na extremidade da sepultura, numa elevação que determinava o lugar da cabeça, havia uma cruz de madeira preta com este nome em letras brancas: CORONEL BARÃO DE PONTMERCY. Mário soluçava.

A sua amante era uma sepultura.

VIII — Mármore contra granito

Fora junto daquele túmulo que Mário viera da primeira vez que se ausentara de Paris. Era ali que ele ia todas as vezes que Gillenormand dizia:

— Fica fora de casa.

O tenente Teodulo ficou absolutamente confundido com aquela aparição inesperada de um sepulcro; experimentou uma sensação desagradável e singular, que era incapaz de analisar e que se compunha do respeito a um túmulo de envolta com respeito a um coronel. Recuou, deixando Mário só no cemitério; mas neste movimento entrou a disciplina. A morte apresentou-se-lhe com dragonas superiores, de sorte que quase lhe fez o cumprimento militar.

Não sabendo o que escreveria a sua tia, adoptou a resolução de lhe não escrever; e não teria provavelmente resultado coisa alguma da descoberta feita por Teodulo sobre os amores de Mário, se, por uma das misteriosas e frequentes combinações do acaso, a cena de Vernon não tivesse quase imediatamente em Paris uma espécie de repercussão.

Mário voltou de Vernon no terceiro dia, dirigiu-se para casa de seu avô e, fatigado por duas noites passadas na diligência, sentindo a necessidade de reparar a insónia com uma hora de escola de natação, subiu rapidamente ao seu quarto, não se demorou senão o tempo de despir o casaco de jornada e de tirar o cordão preto que trazia ao pescoço, saindo logo para o banho.

Gillenormand, erguido desde muito cedo como todos os velhos que gozam de saúde, sentira-o entrar e apressara-se em subir, o mais velozmente que lhe permitiam as suas velhas pernas, a escada do último andar, onde era o quarto de Mário, a fim de o abraçar, de lhe fazer algumas perguntas enquanto o abraçava, e de ver se descobria, pouco mais ou menos, de onde ele vinha.

Porém, o mancebo gastara menos tempo em descer do que o octogenário em subir; de maneira que quando Gillenormand entrou no seu quarto, já ele ali não estava.

A cama estava intacta e sobre ela, sem a mínima precaução, o casaco de jornada e o cordão preto.

— Antes assim — disse Gillenormand.

E um momento depois entrava na sala onde estava sentada sua filha mais velha, trabalhando no seu bordado do tempo da restauração.

A entrada foi triunfal.

Gillenormand que levava numa das mãos o casaco de Mário e na outra o cordão, gritava:

— Vitória! Vamos penetrar o mistério! Vamos saber o fim do fim; vamos tomar conhecimento das libertinagens do nosso sonso. Estamos senhor da novela. Tenho em meu poder o retrato.

Com efeito, do cordão estava suspensa uma espécie de boceta escura, muito semelhante a uma medalha.

O velho pegou na boceta e contemplou-a por algum tempo antes de a abrir, com o ar de voluptuosidade, de contentamento e de cólera de um pobre esfaimado, vendo passar próximo do nariz um excelente jantar que não fosse para ele.

— É evidentemente um retrato. Disto entendo eu. São coisas que se trazem ternamente sobre o coração. Estúpidos! É alguma abominável labrega, capaz de meter medo! Os rapazes de hoje têm o gosto depravado!

— Vejamos, meu pai — disse a filha.

A boceta abria-se por meio de uma mola. Abriram-na e só encontraram um papelinho cuidadosamente dobrado.

— Da mesma ao mesmo — disse Gillenormand, rindo. — Já sei o que isto é. Uma carta de namoro.

— Ah! Vamos a ouvir! — disse a tia de Mário.

E pôs os óculos. Desdobraram o papel e leram ambos:

> *Para meu filho.*
>
> *O imperador fez-me barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a restauração me contesta este título, que eu paguei com o meu sangue, recomendo a meu filho que o tome e use como seu. Escuso de dizer que será digno dele.*

O que pai e filha experimentaram não se pode exprimir. Sentiram-se gelados como pelo hálito de uma caveira, sem ousar trocar uma palavra. Apenas Gillenormand disse em voz baixa e como falando consigo mesmo:

— A letra é do traga-mouros!

A filha examinou o papel, virou-o em todos os sentidos e depois tornou a pô-lo na caixinha.

Neste instante caiu de um bolso do casaco um massozinho quadrilongo, embrulhado em papel azul, que a filha de Gillenormand apanhou e desembrulhou. Eram os cem bilhetes de visita que Mário encomendara ao

gravador. Passou um a Gillenormand, que leu: *«Mário, barão de Pontmercy».*

O velho chamou por Nicolette e disse-lhe, atirando a caixinha, o casaco e a fita para o meio do chão:

— Leve daqui estes trapos!

Passou-se uma boa hora no mais profundo silêncio, durante o qual estiveram ambos sentados com as costas um para o outro, mas pensando provavelmente nas mesmas coisas. Decorrida uma hora, a filha de Gillenormand disse:

— Bonito!

Daí a alguns instantes, Mário entrou. Antes mesmo de ter transposto o limiar da porta da sala, avistou o avô com um dos seus bilhetes de visita numa das mãos, o qual, ao vê-lo, exclamou com o seu ar de superioridade burguesa e escarnecedora, que parecia esmagar:

— Ora esta! Ora esta! Com que então agora és barão?! Muitos parabéns! Que quer isto dizer?

Mário corou levemente e disse:

— Quer dizer que sou o filho de meu pai.

Gillenormand interrompeu o seu riso e disse com dureza:

— Teu pai sou eu!

— Meu pai replicou Mário com os olhos pregados no chão e ar de severidade era um homem humilde mas heróico, que serviu com glória a república e a França, que foi grande entre os maiores de que fala a história, que viveu um quarto de século nos acampamentos, de dia com o peito exposto à metralha e às balas, de noite debaixo de neve, de lama, de chuva, que tomou duas bandeiras, que foi ferido vinte vezes, que morreu no olvido e no abandono, e que só teve um defeito, amar de mais dois ingratos a pátria e a mim!

Era mais do que Gillenormand podia ouvir. Aquela palavra república levantara-se, ou, para melhor dizer, dera um pulo. Cada uma das palavras que Mário acabava de pronunciar tinha produzido no rosto do velho realista o efeito do sopro de um fole sobre um tição ardente. De pardo tornara-se vermelho, de vermelho purpurino e de purpurino cor de fogo.

— Mário! — exclamou ele. — Rapaz odiento! Eu não sei o que era teu pai, nem o quero saber, disso não, sei; mas o que sei é que todos esses de que tu falas não passaram de meia dúzia de miseráveis! Era tudo uma súcia de tratantes, de assassinos, de republicanos, de ladrões! E digo tudo, tudo, sem exceptuar um só, um único, ouves, Mário? Tu és tanto barão como este meu chinelo! Tudo uma corja de bandidos que obedeceram a Robespierre e estiveram ao serviço de Bonaparte! Tudo traidores, que traíram, traíram e

tornaram a trair o seu rei legítimo! Tudo uma súcia de cobardes, que fugiram aos prussianos e aos ingleses em Waterloo! Aí está o que eu sei! Se teu pai era desses, ignoro-o, mas tenho pena e sou um seu criado!

Por sua vez, era Mário o tição e Gillenormand o fole. Mário sentia percorrer-lhe em todos os membros um tremor involuntário; não sabia o que havia de fazer, ardia-lhe a cabeça. Parecia o sacerdote a quem atiram ao vento todas as suas hóstias, o faquir que vê o seu ídolo cuspido por um homem que passa. Era impossível que diante dele se dissessem impunemente semelhantes coisas. Mas que fazer? Seu pai acabava de ser calcado aos pés e pisado na sua presença, por quem?, por seu avô. Como vingar um, sem ultrajar o outro?

Era impossível que ele insultasse seu avô e igualmente impossível que ele não desafrontasse seu pai. De uma parte um túmulo sagrado, da outra um homem de cabelos brancos. O mancebo ficou alguns instantes ébrio e vacilante, com todo este turbilhão na cabeça, depois ergueu-a e exclamou com voz atroadora, olhando fixamente para seu avô:

— Abaixo os Bourbons e esse infame porco de Luís XVIII!

Luís XVIII tinha morrido há quatro anos, mas o mancebo não se importava com isso.

O velho, de escarlate que estava, tornou-se subitamente mais branco que os seus cabelos. Voltou-se para um busto do duque de Berry, que estava sobre a pedra do fogão, e saudou-o profundamente com uma espécie de majestade singular. Depois foi duas vezes, lentamente e em silêncio, do fogão para a janela e da janela para o fogão, atravessando a sala e fazendo estalar o soalho, como uma figura de pedra a andar. Da segunda vez curvou-se para sua filha, que assistia a este choque com o pasmo estúpido de uma ovelha, e disse-lhe com um sorriso quase sereno:

— Um barão como aquele senhor e um burguês como eu não podem habitar debaixo das mesmas telhas!

E, endireitando-se de repente, lívido, trémulo, terrível, com a fronte iluminada do assustador clarão da cólera, estendeu os braços para Mário e gritou-lhe:

— Saia!

Mário, efectivamente, saiu da casa de seu avô.

No dia seguinte, Gillenormand disse a sua filha:

— Mande sessenta pistolas de seis em seis meses a esse bebedor de sangue e não me torne mais a falar dele!

E como tinha um imenso resto de furor a desafogar e não sabia que fazer dele, continuou a tratar sua filha por senhora durante mais de três meses.

Mário, pela sua parte, tinha saído indignado, tendo-se dado uma circunstância que agravava a sua exasperação. Há sempre dessas pequenas fatalidades que complicam os dramas domésticos. Os ressentimentos aumentam, posto que na essência não cresçam as ofensas. Nicolette, ao levar precipitadamente por ordem do avô «os trapos» de Mário para o quarto dele, deixara cair, sem dar fé, provavelmente nas escadas das águas-furtadas, que eram escuras, o medalhão de pele de lixa preta que guardava o papel escrito pelo coronel. Mário, que não pôde tornar a dar nem com o medalhão nem com o papel, ficou convencido que «o senhor Gillenormand», como ele desde então o começou a tratar, queimara «o testamento de seu pai».

O mancebo sabia de cor as poucas linhas escritas pelo coronel, e, por consequência, ainda se não perdera tudo. Mas o papel, a escrita, essa relíquia sagrada, tudo isso era o seu próprio coração. Que lhe haviam feito dele?

Mário havia saído sem dizer para onde ia, porque nem ele mesmo o sabia, com trinta francos, o seu relógio e algum fato velho num saco de viagem. Metera-se num cabriole que alugara à hora e dirigira-se à aventura para o bairro latino.

O que seria de Mário?!

LIVRO QUARTO — OS AMIGOS DO ABC

I — Um grupo que esteve quase a tornar-se histórico

Por esta época, aparentemente indiferente, sentia-se vagamente certo estremecimento revolucionário, e pelo ar agitava-se certa aragem, vinda das profundezas de 89 e de 92. Estava a juventude, permitam-nos a expressão, quase a chegar à muda. Todos se iam transformando, quase sem dar por isso, em virtude do próprio movimento do tempo. O ponteiro, que avança no mostrador do relógio, avança também nas almas. Cada qual dava para a frente o passo que lhe competia dar. Tornavam-se os realistas liberais e os liberais democratas.

Era como uma preamar complicada com mil refluxos, e é próprio dos refluxos produzirem misturas.

Daí combinações de ideias sobremodo singulares; adorava-se igualmente Napoleão e a liberdade. As nossas asserções acham-se comprovadas na história daquele tempo. Eram as miragens de então. As opiniões atravessam suas frases. O realismo wolfareano, variedade extravagante, achou um rival não menos estranho — o liberalismo bonapartista.

Outros grupos de espíritos, porém, havia que eram mais sérios, que sondavam o princípio, sem se desprender do direito. Apaixonavam-se pelo absoluto, entreviam as realizações infinitas; o absoluto, pela sua mesma rigidez, arrebata os espíritos pelo espaço e fá-los flutuar no ilimitado. Não há nada como o dogma para criar sonhos e nada como o sonho para gerar o futuro. Hoje utopia, amanhã carne e osso.

As opiniões adiantadas tinham dois fundos. Ameaçava «a ordem estabelecida», um princípio de mistério, que era suspeito e dissimulado. Sintoma imensamente revolucionário. O pensamento reservado do poder encontra-se na sapa com o pensamento reservado do povo. A incubação das insurreições replica à premeditação dos golpes de Estado.

Não havia ainda então em França dessas vastas organizações subjacentes, como o fugendbund alemão e o carbonarismo italiano, mas aqui e além escavações obscuras, que se iam ramificando.

A *Cougourde* esboçava-se em Aix, e em Paris, entre outras filiações deste género, havia a sociedade dos amigos do ABC.

Que sociedade era esta dos amigos do ABC? Era uma sociedade que tinha por fim aparente a educação das crianças e por fim real livrar os homens do jugo da escravidão.

Denominavam-se amigos do ABC. O ABC era o povo, e por isso queriam levantá-lo. Calemburgo de que mal feito seria rir. Em política os calemburgos

são às vezes graves, sirva de exemplo o *Castratus ad castra,* que fez de Narsés um general de exército: sirva de exemplo: *Barbari et Barberini;* sirva de exemplo: *Fueros y Fuegos;* sirva de exemplo: *Tu es Petrus et super hanc Petram, etc., etc.*

Os amigos do ABC eram pouco numerosos. Era uma sociedade secreta em estado de embrião; quase, diríamos, um bando, se fosse da natureza dos bandos produzir heróis. Reuniam-se em Paris em dois locais: ao pé da Praça do Mercado, numa casa de pasto denominada *Corintho,* de que mais adiante nos ocuparemos, e nas proximidades do Pantheon, num botequim chamado *Café Musain*, hoje demolido; ficava o primeiro destes lugares de reunião contíguo aos operários, o segundo aos estudantes.

Os conciliábulos habituais dos amigos do ABC tinham lugar numa sala interior do Café Musain. Esta sala, bastante retirada do café, com o qual comunicava por um longo corredor, tinha duas janelas e uma saída com uma escada falsa para o beco dos Grés. Ali se fumava, bebia, jogava, ria e conversava de tudo em voz alta e de outra coisa em voz baixa. Na parede via-se pregado, indício suficiente para despertar o faro de um agente de polícia, um mapa antigo da França no tempo da República.

A maior parte dos amigos do ABC eram estudantes em cordial inteligência com alguns operários. Eis os nomes dos principais, que até certo ponto pertencem à história: Enjolras, Combeferre, Jean Prouvaire, Feuilly, Courfeyrac, Bahorel, Lesgle ou Laigle, Joly, Grantaire.

Estes mancebos formavam entre si uma espécie de família, de tanto que se queriam. Todos, excepto Laigle, eram meridionais.

Este grupo, que desapareceu nas voragens invisíveis do passado, era notável. No ponto deste drama a que somos chegado, não será sem utilidade dirigir um raio de luz sobre essas frontes de jovens, antes do leitor as ver abismarem-se na sombra de uma aventura trágica.

Enjolras, que em primeiro lugar nomeamos (mais adiante saberá o leitor porquê), era filho único e rico.

Enjolras era um rapaz agradável, capaz de ser terrível. Belo como os anjos, um Antinoo feroz. Dir-se-ia, ao ver-lhe nos olhos um reflexo de contínua melancolia pensativa, que já tinha atravessado em alguma precedente existência o apocalipse revolucionário. Conservava a tradição dele como testemunha. Sabia todos os pormenores da grande empresa. Natureza pontifical e guerreira, estranha num adolescente. Era oficiante e militante, no ponto de vista imediato, soldado da democracia; em relação ao movimento contemporâneo, sacerdote do ideal. Tinha as pupilas penetrantes, as pálpebras um pouco vermelhas, o lábio inferior grosso e facilmente desdenhoso, a fronte

espaçosa. Grande fronte num rosto é como grande espaço de céu num horizonte. Do mesmo modo que certos mancebos do princípio deste século e do fim do século passado, que principiaram a ser ilustres muito cedo, Enjolras tinha uma juventude excessiva, fresca como a das donzelas, ainda que com suas horas de palidez. Era homem feito e parecia criança Os seus vinte e dois anos tinham a aparência de dezassete, era grave, parecia não saber que existia na terra um ente chamado «a mulher». A sua única paixão era o direito, o seu único pensamento deitar por terra o obstáculo. No monte Aventino teria sido um Graccho, na Convenção um Saint-Just. Nem se detinha a contemplar as rosas, nem sabia o que era a Primavera, nem se demorava a escutar o canto das aves; não o impressionaria o peito nu de Evadné mais do que Aristogiton; para ele, do mesmo modo que para Harmodio, as flores só serviriam para esconder uma espada. Era um mancebo severo nas suas alegrias. Diante de tudo o que não fosse a República, baixava castamente os olhos. Era o marmóreo amante da liberdade. A sua palavra era asperamente inspirada e produzia o estremecimento do hino. Tinha às vezes uns transportes com que ninguém contava.

Desgraçado do namorico com que ele deparasse no seu caminho! Se alguma *grisette* da praça de Cambray ou da rua de S. Jean de Beauvais, ao ver aquela figura de colegial fugido, aquela aparência de pajem, aquelas longas pestanas louras, aqueles olhos azuis, aqueles cabelos ao sabor do vento, aquelas faces rosadas, aqueles lábios frescos, aqueles dentes lindos, cobiçasse toda aquela aurora e se resolvesse a ensaiar as armas da sua beleza sobre Enjolras, um olhar de temível surpresa lhe mostraria de improviso o abismo e a ensinaria a não confundir com o querubim galã de Beaumarehais o querubim terrível de Ezequiel.

A par de Enjolras, que representava a lógica da revolução, representava Combe-ferre a sua filosofia. Entre a lógica da revolução e a sua filosofia há esta diferença que a lógica pode ter por fim a guerra, enquanto que a filosofia não pode ter por alvo senão a paz. Combeferre era o complemento e a rectificação de Enjolras. Era menos alto e mais largo do que ele. Queria que se derramasse nos espíritos liberdade de princípios e generalidade de ideias. Revolução, mas Civilização, dizia ele; e em roda da montanha alcantilada abria a vastidão de um horizonte azul. Daí, em todas as vistas de Combeferre, alguma coisa de acessível e praticável. Com Combeferre era a revolução mais respirável do que com Enjolras. Este exprimia o direito divino da revolução, Combeferre o seu direito natural. O primeiro seguia Robespierre, o segundo confinava com Condorcet. Combeferre vivia mais da vida vulgar do que Enjolras. Se àqueles dois rapazes fora lícito chegar a ser personagens da

história, um seria denominado o justo, o outro apelidado o sábio. Enjolras era mais viril, Combeferre mais humano. *Homo e Vir,* era esta realmente a diferença que os distinguia. Combeferre tinha de afável o que Enjolras tinha de severo, por candidez natural. Gostava da palavra cidadão, mas preferia a palavra homem. De bom grado diria *Hombre* como os espanhóis. Combe-ferre lia tudo, ia aos teatros, frequentava os cursos públicos, aprendia de Arago a polarização da luz, gostava sobretudo da prelecção de Geoffroy Saint-Hilaire em que ele explicava a dupla função da artéria carótida externa e interna, uma das quais faz o rosto, a outra o cérebro; andava em dia com tudo, seguia a ciência passo a passo, confrontava Saint-Simon com Fourier, decifrava os hieróglifos, quebrava as pedras que encontrava, e discorria sobre geologia, desenhava de memória uma borboleta *bombyx,* apontava os erros do Dicionário da Academia, estudava Puységur e Deleuze, não afirmava nada, nem mesmo os milagres; não negava coisa nenhuma, nem mesmo as almas do outro mundo; manuseava a colecção do *Moniteur,* e meditava. Declarava que do mestre-escola depende o futuro, e ocupava-se de questões relativas à educação. Queria que a sociedade trabalhasse sem descanso na elevação do nível intelectual e moral, na modernização da ciência, em fazer circular as ideias e fomentar a instrução da juventude, e manifestava receios de que a actual pobreza dos métodos, a miséria do ponto de vista literário, limitando-se a dois ou três séculos chamados clássicos, o dogmatismo tirânico dos pedantes oficiais, os preconceitos escolásticos e as rotinas viessem por último a converter os nossos colégios em ostreiras artificiais. Combeferre era erudito, purista, exacto, politécnico, investigador e ao mesmo tempo pensativo «até à quimera», diziam os seus amigos. O mancebo cria em todos os sonhos, nos caminhos de ferro, na supressão da dor, nas operações cirúrgicas, na fixação da imagem da câmara escura, no telégrafo eléctrico, na direcção dos balões. Além disto, assustava-se pouco com as cidadelas construídas de todos os lados contra o género humano pelas superstições, despotismos e preconceitos.

O mancebo pertencia ao número dos que pensam que a ciência há-de chegar a mudar a posição. Enjolras era um chefe, Combeferre um guia. Qualquer desejaria combater com um e caminhar com outro. Não que Combeferre não fosse capaz de combater, ele não se recusava a arcar com os obstáculos e atacá-los a peito descoberto e por explosão, mas pôr pouco a pouco, pelo ensino dos axiomas e pela promulgação das leis positivas, o género humano de acordo com os seus destinos, agradava-lhe mais, e entre duas claridades sentia-se mais inclinado para a iluminação do que para o incêndio. Um incêndio pode decerto fazer uma aurora, mas porque se não há-de esperar antes que realmente amanheça? Um vulcão alumia, mas a luz do

sol nascente ainda alumia mais. Combeferre preferia talvez a alvura do belo ao clarão do sublime. Uma claridade a espaços velada por nuvens de fumo, um progresso comprado pela violência não satisfaziam plenamente aquele sério e terno espírito. A precipitação empinada de um povo na verdade, um segundo 93, assustava-o; contudo ainda lhe repugnava mais a estagnação, porque sentia nela a putrefacção e a morte; para tudo dizer, gostava mais da escuma do que do miasma, e preferia à cloaca a torrente e a cascata do Niágara ao lago de Montfaucon. Em suma, Combeferre não queria nem paragem nem precipitação. Ao passo que os seus tumultuosos amigos, cavalheirescamente namorados do absoluto, adoravam e fomentavam as esplêndidas aventuras revolucionárias, Combeferre deixava obrar o progresso, o bom progresso; frio, talvez, mas puro; metódico, mas irrepreensível; fleumático, mas imperturbável. Combeferre ajoelharia e ergueria as mãos para que o futuro chegasse com toda a sua candura e para que nada perturbasse a imensa evolução virtuosa dos povos. O bem deve ser inocente, repetia ele a cada instante. E, efectivamente, se a grandeza da revolução consiste em encarar fixamente o deslumbrante ideal e voar para ele por entre os raios com sangue e fogo nas garras, a beleza do progresso consiste em ser imaculado; de modo que a diferença que existe entre Washington, que representa o segundo, e Danton, em quem se encarna o primeiro, é a que separa o anjo de asas de cisne do anjo de asas de águia.

Jean Prouvaire era uma transição ainda mais moderada do que Combeferre. Apelidava-se Jehan, por esse momentâneo caprichosinho que assinalava o poderoso e profundo movimento que produziu o tão necessário estudo da Idade-Média. Jean Prouvaire gostava das mulheres, cultivava um vaso de flores, tocava flauta, fazia versos, amava o povo, lamentava a mulher, chorava o destino da criança, confundia na mesma confiança o futuro e Deus e censurava a revolução por ter feito cair uma cabeça régia — a de André Chénier. Tinha a voz de ordinário delicada, mas às vezes tornava-se viril. Era instruído até tocar as raias da erudição e quase orientalista. Era bondoso a todos os respeitos, e, coisa muito simples para quem sabe quanto é próxima a bondade da grandeza, em matéria de poesia preferia o imenso. Sabia italiano, latim, grego e hebraico, o que lhe servia de não ler senão quatro poetas — Dante, Juvenal, Esquilo e Isaías. Em francês preferia Corneille a Racine e Agrippa de Aubigné a Corneille. Gostava de passear pelos campos de aveia e de boninas e ocupava-se quase tanto das nuvens como dos acontecimentos. O seu espírito tinha duas atitudes — uma da parte do homem, outra da parte de Deus: estudava ou contemplava. De dia aprofundava as questões sociais; o salário, o capital, o crédito, o casamento, a religião, a liberdade de pensar, a

liberdade de amar, a educação, a penalidade, a miséria, a associação, a propriedade, a produção e a distribuição, o enigma do mundo que cobre de sombra o formigueiro humano; e de noite fitava os astros, esses entes de desmesurada grandeza. Como Enjolras, Jean Prouvaire era rico e filho único. Falava devagar, inclinava a cabeça, baixava os olhos, sorria com embaraço, trajava com pouco gosto, tinha uma figura desairosa, corava por qualquer coisa, tímido em extremo, mas aliás cheio de intrepidez.

Feuilly era um lequeiro, órfão de pai e mãe, que mal ganhava três francos por dia e que só tinha um pensamento libertar o mundo. Tinha ainda outra preocupação: instruir-se, ao que ele também chamava libertar-se a si mesmo. Aprendera sem mestre a ler e a escrever, e tudo o que sabia aprendera-o por si e sem auxílio estranho. Feuilly era um generoso coração. A todos amava. Era órfão, mas adoptara os povos. Faltava-lhe sua mãe; lembrou-se da pátria. Não queria que na terra houvesse um homem que não tivesse pátria. Feuilly chocava dentro de si, com o profundo instinto de adivinhar, particular ao homem do povo, o que nós hoje denominamos «a ideia das nacionalidades». De propósito aprendera a história para se indignar com conhecimento de causa. Naquele juvenil cenáculo de utopistas, especialmente ocupados da França, Feuilly representava o exterior. A sua especialidade era a Grécia, a Polónia, a Hungria, a Roménia e a Itália. Pronunciava a todo o instante estes nomes, a propósito ou não, com a tenacidade do direito. Exasperavam-no as violações da Turquia sobre a Grécia e sobre a Tessália, da Rússia sobre Varsóvia, da Áustria sobre Veneza. Entre todos o que mais o exaltava era o grande atentado de 1772. Quando a indignação é verdadeira, não há mais soberana eloquência, e era essa, efectivamente, a que ele possuía, O mancebo nunca se fartava de estigmatizar essa data de infâmia, 1772, de lamentar esse nobre e valoroso povo suprimido por traição, de invectivar esse crime de três, essa cilada monstruosa, protótipo e modelo de todas essas horrorosas supressões de estado, que depois feriram muitas nobres nações, e que, para assim dizer, lhes riscaram o auto do nascimento. Todos os atentados sociais contemporâneos derivam da divisão da Polónia. A divisão da Polónia é um teorema de que são corolários todos os actuais malefícios políticos. Desde há um século para cá, não há um só déspota, um traidor, que não tenha visado, homologado, subscrevido e rubricado, *ne varietur*, a divisão da Polónia. Se alguém compulsa o registro das traições modernas, é esta a que primeiro se oferece aos olhos. Antes de consumar o seu crime, consultou este o congresso de Viena. 1772 dá o sinal da caça, 1815 é a ceva. Tal era o texto habitual de Feuilly. Este pobre operário fizera-se o tutor da justiça e ela recompensava-o fazendo-o grande. É que, efectivamente, o direito tem o que quer que seja de

eterno. Varsóvia não pode ser tártara, bem como Veneza não pode ser tedesca. Os reis perdem nisso o trabalho e a honra. Tarde ou cedo a pátria submergida flutua na superfície e reaparece. A Grécia torna-se Grécia, a Itália torna-se Itália. O protesto do direito contra o facto persiste sempre. O roubo de um povo não tem prescrição, nem futuro estas ladroeiras em ponto grande. Não se tira a marca a uma nação, como a um lenço.

Quanto a Courfeyrac, seu pai chamava-se senhor de Courfeyrac. Uma das falsas ideias da burguesia, a respeito de aristocracia e de nobreza, era acreditar na partícula, que, como todos sabem, não tem significação nenhuma. Mas os burgueses do tempo da Minerva tinham em tão subida conta este pobre de, que se tornava necessário abdicá-lo. O senhor de Chauvelin, assinava-se simplesmente senhor Chauvelin; o senhor de Caumartin, senhor Caumartin; o senhor de Constant de Rebecque, Benjamin Constant; o senhor de Lafayette, senhor Lafayette. Courfeyrac, pois, que não quisera ficar atrás, assinava-se também simplesmente Courfeyrac.

Quase que, pelo que diz respeito a Courfeyrac, poderíamos ficar aqui, limitando-nos a dizer quanto ao resto: Courfeyrac, vede Tholomyés.

Efectivamente, Courfeyrac possuía esse entusiasmo juvenil, que quase se pode chamar a beleza diabólica do espírito. Com os anos, esse entusiasmo extingue-se, como a gentileza do gatinho novo, e toda essa graça vem a transformar-se em bípede, no burguês, em quadrúpede, no gato.

Este género de espírito transmitem-no mutuamente as gerações que frequentam as escolas, as sucessivas levas da juventude, passando de mão em mão, quase cursores, sempre no mesmo estado, com pequena diferença, de modo que, como acabamos de indicar, quem em 1828 escutasse Courfeyrac, imaginaria estar ouvindo Tholomyés em 1817. Com a diferença, porém, de que Courfeyrac era um honrado moço. Debaixo das aparentes semelhanças de espírito exterior, era grande a diferença entre ele e Tholomyés. O homem latente, que em ambos existia, no primeiro era muito diverso do que existia no segundo. Em Tholomyés existia um procurador, em Courfeyrac um paladino.

Enjolras era o chefe, Combeferre o guia, Courfeyrac o centro. Os outros davam mais luz, ele dava mais calórico; o certo é que ele possuía todas as qualidades de um centro, pois que era circular e luminoso.

Bahorel figurara no sanguinolento tumulto de Junho de 1822, por ocasião do enterro do jovem Lallemand.

Bahorel era uma criatura de boa índole e de mau trato, honrado, cesto roto, pródigo com acerto, falador eloquente, ousado com ventura; o melhor estroina que Deus ao mundo deitara; trajando coletes temerários e proclamando opiniões escarlates; tranca-ruas em ponto grande, quer dizer,

não gostando de nada tanto como de uma bulha, porém mais de um tumulto, e mais ainda de uma revolução do que de um tumulto; sempre pronto a quebrar uma vidraça, em seguida a descalçar uma rua, depois a demolir um governo, a ver o efeito que fazia; estudante do undécimo ano. Bahorel farejava o direito, mas não o fazia. Tinha tomado por divisa estas palavras: *Advogado nunca* e por armas uma mesa de estudo, sobre a qual se entrevia um capelo. Quando passava pela escola de direito, o que raras vezes lhe acontecia, abotoava o casaco (então ainda se não tinha inventado o paletó) e tomava outras precauções higiénicas. Costumava dizer na entrada da escola: «Que venerando velho!» e do decano, senhor Delvincourt: «Que monumento!» Nas aulas que frequentava, via assunto para cantigas e nos seus professores ocasiões de caricatura. Recebia, sem fazer quase nada, uma avultada pensão, o que quer que fosse parecido com três mil francos. Seus pais eram uns camponeses, a quem soubera inculcar respeito para com o filho.

Costumava dizer deles: «Por serem aldeãos e não burgueses, é que eles têm inteligência».

Bahorel, homem caprichoso, frequentava grande número de cafés; os outros tinham seus hábitos, Bahorel não. Passeava. Errar é do homem. Passear é do parisiense. No fundo, espírito penetrante e mais pensador do que parecia.

Servia Bahorel de laço entre os amigos do ABC e outros grupos ainda informes, mas que mais tarde deviam vir a desenhar-se distintamente.

No meio, porém, deste conclave de cabeças jovens, havia uma cabeça calva,

O marquês de Avaray, a quem Luís XVIII fez duque por tê-lo ajudado a subir para um cabriole no dia em que emigrou, contava que em 1814, quando regressou a França e o rei desembarcava em Calais, lhe fora apresentado um requerimento por um homem.

— O que é que pede? — disse o rei.

— Senhor, desejava ser director do correio em qualquer terra.

— Como se chama?

— L'Aigle.

O rei carregou o sobrolho, olhou para a assinatura do requerimento e viu o nome assim escrito: *Lesgle*. Impressionou-o esta ortografia pouco bonapartista, e principiou a sorrir.

— Senhor — continuou o homem do requerimento — um dos meus antepassados, que era criado de matilhas, tinha o apelido de Lesgueules, e eu desse apelido formei o meu nome. Chamo-me, pois, Lesgueules, por contracção Lesgle e por corrupção L'Aigle.

Isto fez com que o rei terminasse o seu sorriso, e daí por algum tempo, ou

de propósito ou por acaso, deu ao homem o lugar de director do correio em Meaux.

O membro calvo do grupo era filho desse Lesgle ou Lègle e assinava-se Lègle (de Meaux). Os seus camaradas chamavam-lhe Bossuet, por abreviatura.

Bossuet era um rapaz de génio folgazão, mas infeliz. O seu forte consistia em não fazer coisa com coisa. Em compensação, ria de tudo. Tinha apenas vinte e cinco anos e já era calvo. O pai viera por último a possuir uma casa e um campo, mas o filho não descansou enquanto não perdeu tudo numa arriscada especulação que empreendeu, vindo a ficar sem nada. Tinha ciência e espírito, mas abortava. Tudo lhe falhava, com tudo se enganava; tudo quanto construía lhe desabava em cima. Se rachava lenha, cortava algum dedo; se arranjava uma amante, vinha logo a descobrir que também tinha um rival. A cada instante lhe sucedia algum contratempo; disso provinha a sua jovialidade. *Eu cá saio da lama, meto-me: no atoleiro*, costumava ele dizer. Pouco espantadiço, porque para ele os desastres eram coisas que já previa, encarava as desfortunas com serenidade e sorria das travessuras do destino como quem sabe o que são gracejos. Era pobre, mas nunca à algibeira do seu génio folgazão viu alguém o fundo. Depressa se lhe escoava das mãos o último soldo, nunca dos lábios a derradeira gargalhada. Quando a adversidade lhe entrava pela porta dentro, saudava cordialmente este antigo conhecimento: na ocasião das catástrofes batia na barriga, e tanta familiaridade tinha com a fatalidade, que a tratava pelo seu nome próprio: «Bons dias, Azar», dizia ele.

Estas perseguições da sorte tinham-lhe dado a faculdade inventiva. Nunca lhe faltavam expedientes. Raríssimas vezes tinha dinheiro, mas apesar disso, achava meio, quando queria, de fazer «despesas loucas». Uma noite chegou a despender «cem francos» com uma serigaita, o que lhe inspirou, no meio da orgia, este memorável dito: «*Fille de cinq louis*,[11] tira-me as botas».

Bossuet estudava jurisprudência. Como Bahorel, porém, caminhava lentamente na realização do seu intento de ser um dia advogado. O seu domicílio era incerto e às vezes nenhum. Ora ficava em casa deste, ora em casa daquele, a maior parte das vezes em casa de Joly, que estudava medicina e era mais novo do que ele dois anos.

Joly era o doente imaginário de Molière, quando novo. O lucro que tinha tirado da medicina era ser antes doente do que médico. Contava apenas vinte e três anos e julgava-se valetudinário, passando a vida a observar a língua num espelho. Afirmava que o homem é susceptível de se magnetizar com uma agulha, e por isso colocava a cama com a cabeceira para o sul e os pés para o

norte, para que de noite a grande corrente magnética do globo não lhe contrariasse a circulação do sangue. Em ocasiões de tempestade, costumava tomar o pulso a si mesmo. De resto, o mais alegre de todos. Todas estas incoerências, juventude, mono mania, doença, alegria, davam-se perfeitamente entre si, do que resultava uma criatura excêntrica e agradável, que os seus camaradas, pródigos de consoantes aladas, denominavam Joily.

— Tu podes voar em quatro asas[12] — dizia-lhe Jean Prouvaire.

Joly tinha por costume coçar o nariz com o castão da bengala, o que é indício de um espírito sagaz.

Todos estes mancebos tão diversos, e de quem, afinal, cumpre falar com seriedade, tinham uma mesma religião o Progresso.

Todos eram filhos directos da revolução francesa. Os mais levianos tornavam-se solenes ao pronunciar a data de 1789. Seus pais, segundo a carne, eram ou tinham sido bernardos, realistas, doutrinários; pouco importava isso; esse mistifório anterior a eles, que eram moços, não lhes dizia respeito; nas veias corria-lhes o puro sangue dos princípios. Tinham-se ligado intimamente com o direito incorruptível e com o dever absoluto.

Filiados e adeptos, esboçavam o ideal a ocultas.

Entre todos estes corações apaixonados e todos estes espíritos convictos havia um céptico. Como achara ele modo de se introduzir no meio daqueles crentes do progresso? Por justaposição. Esse céptico chamava-se Grantaire e assinava-se habitual-mente desta enigmática maneira: R.[13] Grantaire era um homem que punha todo o cuidado em não acreditar em coisa alguma. Todavia, era um dos estudantes que mais tinham aprendido durante o tempo que frequentara as aulas em Paris; sabia que o melhor botequim era o café Lemblin e o melhor bilhar o do café Voltaire; que na Ermida do boulevard do Maine havia excelentes bolos folhados e boas raparigas; que em casa da tia Saguet se guisavam frangos como em parte nenhuma; que na barreira de Cunette se faziam belas caldeiradas de peixe e que na barreira do Combate havia um vinhinho branco, que regalava o paladar. De tudo sabia onde era o melhor; além disto, sabia diversos jogos e danças e era forte no jogo do pau. Porém no que a todos levava a palma era em beber. Grantaire era desmesuradamente feio. Irma Boissy, a mais graciosa debruadeira de botinhas daquele tempo, indignada da sua fealdade, proferira uma vez esta sentença: *«Grantaire é impossível»;* a fatuidade de Grantaire, porém, não ligava importância a essas coisas. Olhava terna e fixamente para todas as mulheres, com ar de quem dizia: *«Se eu quisesse!»* e tentava fazer acreditar aos companheiros que era geralmente requestado.

Todas estas palavras: direitos do povo, direitos do homem, contrato social, revolução francesa, república, democracia, humanidade, civilização, religião, progresso, estavam todas — para Grantaire muito vizinhas de não significarem coisa alguma. Ria-se delas. O cepticismo, carie da inteligência, não lhe deixava uma ideia inteira no espírito. Vivia com ironia, O seu axioma era este: *Não há senão uma coisa certa, que é o meu copo cheio.* Zombava de todas as dedicações em todos os partidos, tanto do irmão como do pai, tanto de Robespierre moço, como de Loizerolles. Adiantam muito em estar mortos, dizia ele. Do crucifixo dizia: *Aquilo é uma forca que conseguiu o seu fim.* Vagabundo, jogador, libertino, quase sempre embriagado, e causando aos moços pensadores o dissabor de o ouvirem continuamente cantarolar com a música do «Viva Henrique IV»:

Não há melhor bocadinho
Que uma mulher boa e um copo de bom vinho.

Não obstante tudo isto, esse céptico tinha um fanatismo. Este fanatismo não era uma ideia, nem um dogma, nem uma arte, nem uma ciência; era um homem: Enjolras. Grantaire, admirava e venerava Enjolras. A quem se ligava naquela falange de espíritos absolutos, aquele espírito cheio de dúvidas anárquicas? Ao mais absoluto. De que modo o subjugava Enjolras? Pelas ideias? Não. Pelo carácter; fenómeno muitas vezes observado. A aderência de um céptico a um crente, é uma coisa simples como a lei das cores complementares. O que nos falta atrai-nos. Ninguém é afeiçoado à luz como o cego. O anão adora o tambor-mor. O sapo tem sempre os olhos voltados para o céu; para quê? Para ver voar o pássaro. Grantaire, em quem se arrastava a dúvida, gostava de ver Enjolras pairar na fé. Necessitava de Enjolras, sem que o percebesse claramente e sem que pensasse em achar-lhe a explicação; aquela natureza casta, sã, firme, recta, forte, cândida, encantava-o. Admirava, por instinto, o carácter oposto ao seu. As suas ideias frouxas, vacilantes, deslocadas, doentes, disformes, ligavam-se a Enjolras como a uma espinha dorsal. A sua raquitis moral apoiava-se naquela firmeza. Grantaire junto de Enjolras tornava-se alguém. Ele próprio era composto de dois elementos, aparentemente incompatíveis. Era irónico e cordial. A sua indiferença amava. O seu espírito passava sem crença, mas o seu coração não podia passar sem amizade. Contradição profunda; porque uma afeição é uma convicção. A sua organização era assim. Há homens que parece terem nascido para ser o verso, o inverso e o reverso. São Pollux, Patroclo, Nisus, Eudamidas, Ephestion e Pechméja. Não vivem senão com a condição de se encostarem a outrem; o seu nome é seguimento de outro nome, e não se escreve sem ser precedido da conjunção e; a sua existência não lhes é própria; são o lado oposto de um

destino que lhes não pertence. Grantaire era um desses homens; era o inverso de Enjolras.

Quase poderíamos dizer que as afinidades principiaram pelas letras do alfabeto. Na série delas O e P são inseparáveis. Podeis, se vos aprouver, pronunciar O e P, ou Orestes e Pylades.

Grantaire, verdadeiro satélite de Enjolras, frequentava também aquele centro de mancebos; entre eles vivia, só com eles se sentia bem, seguia-os para toda a parte. O seu maior prazer era ver os variados movimentos daquelas figuras, através dos vapores do vinho. O seu génio folgazão fazia com que o tolerassem entre eles.

Enjolras, crente, fazia pouco caso deste céptico, e, sóbrio, desprezava este bêbado. Sentia apenas por ele alguma compaixão altiva. Grantaire era um Pylades mal aceito. Sempre maltratado por Enjolras, repelido com dureza, expulso, mas voltando sempre, dizia de Enjolras: «Que belo mármore!»

II — Oração fúnebre de Blondeau, por Bossuet

Numa tarde, que de tal ou qual modo coincidia com os factos que há pouco contámos, estava Laigle de Meaux sensualmente encostado à ombreira da porta do café Musain, com ar de cariátide em descanso, pois a única coisa que sustentava eram as suas cogitações. Os seus olhares divagavam pela praça de S. Miguel. Estar encostado é um modo de estar deitado de pé que não desgostam os pensadores. Laigle de Meaux pensava, sem melancolia, num pequeno contratempo que lhe tinha sucedido na antevéspera na aula de direito e que modificava os seus planos pessoais de futuro, planos aliás bastante indefinidos.

Estar alguém meditando não obsta a que passe um cabriole, nem a que dê fé da sua passagem quem medita. Laigle de Meaux, pois, cujos olhos divagavam incertos por todos os objectos que o cercavam, avistou por entre o seu sonambulismo um veículo de duas rodas, movendo-se pela praça vagarosamente e como que indeciso.

Que cabriole era aquele? Porque ia assim devagar? Laigle passou-o em revista, e viu dentro, ao lado do cocheiro, um mancebo, e diante do mancebo um saco de viagem bastante volumoso. Num papel cosido na fazenda do saco podia quem passava ler estas palavras escritas em grandes letras pretas: MÁRIO PONTMERCY.

Este nome fez Laigle mudar de atitude. Endireitou-se e exclamou para o mancebo do cabriole:

— Senhor Mário Pontmercy!

O cabriole parou e o mancebo interpelado, que parecia ir também abismado em profunda cogitação, voltou a cabeça.

— Heim? — disse ele.

— É o senhor Mário Pontmercy?

— Sim, senhor.

— Pois eu andava à sua procura — tornou Laigle de Meaux.

— Como assim? — perguntou Mário, pois era ele, efectivamente, que saía de casa do avô, achando-se em presença de uma figura que via pela primeira vez. — Eu não o conheço.

— Nem eu tão-pouco — respondeu Laigle.

Mário julgou-se em presença de algum farsante e supôs-se em princípio alvo de uma mistificação no meio da rua. O mancebo, que naquela ocasião não estava do melhor humor, franziu o sobrolho, porém, Laigle de Meaux prosseguiu imperturbável:

— O senhor não estava antes de ontem na aula?

— É possível.

— É certo.

— O senhor é estudante? — perguntou Mário.

— Sim, senhor. Também sou. Antes de ontem entrei na sala por acaso. O senhor bem sabe que às vezes a gente tem destas manias. Estava o lente a principiar a apontar. Sabe como eles presentemente estão ridículos neste ponto; à terceira chamada, não se estando presente, *riscadela* no caso e lá vão sessenta francos pela água abaixo!

Mário principiava a escutar. Laigle continuou:

— Quem fazia a chamada era Blondeau. Conhece Blondeau. Tem um malicioso nariz de verruma que gosta imenso de farejar os ausentes. Principiou disfarçadamente pela letra P, do que eu não fiz caso, porque não estava compreendido nesta letra. A chamada não ia mal. Estava tudo presente, por consequência riscado nem um só, o que enchia de tristeza aquela cândida alma de Blondeau. Eu dizia com os meus botões: «Blondeau, meu amor, hoje não fazes a mais pequena execução». De repente, Blondeau chama: *Mário Pontmercy!* Não responde ninguém. Blondeau, cheio de esperança, repete com mais força: Mário Pontmercy! É pega na pena. Eu, que tenho bom coração, ao ver aquilo, disse comigo: «Aí vai ser riscado um belo moço. Atenção. É algum *pândego de lei,* com que estes senhores embirram, porque não está para os aturar. Não é nenhum estudante que estuda, nenhum pé de banco, nenhum pedante, massudo em letras, em teologia e sapiência, nenhum desses parvos que querem passar por *Petrus in cunctis.* É algum respeitável preguiçoso, que anda à tuna, que embirra com o direito, que cultiva a *grisette,* que faz a corte às damas, que a esta hora talvez se acha em casa da minha amante. Salvemo-lo! Morra Blondeau! Neste momento

molhava Blondeau a pena na tinta com que faz os seus admiráveis rabiscos, passeava os ferozes olhos pelo auditório e repetia pela terceira vez: *Mário Pontmercy! Presente!* respondi eu então; e o senhor não foi riscado.

— Oh! Senhor... — disse Mário.

— Mas fui-o eu! — acrescentou Laigle de Meaux.

— Não percebo — replicou Mário.

— Pois é bom de perceber. Eu tinha-me posto ao pé da cadeira para responder e ao pé da porta para me pirar. O lente tinha os olhos cravados em mim. De súbito, Blondeau, que deve ter o maligno nariz de que fala Boileau, salta à letra L, que é a minha letra. Eu sou de Meaux e chamo-me Lesgle.

— L'Aigle! — interrompeu Mário. — Que belo nome!

— O caso é que Blondeau chega a este belo nome e grita: *Laigle! Presente!* respondo eu. Blondeau então fita-me um olhar de meiguice como o do tigre e diz-me, sorrindo: Se o senhor é Pontmercy, não é Laigle. Frase que ao senhor não lhe pode soar muito bem, mas que só para mim era lúgubre. Dito isto, riscou-me.

— Oh! Senhor, eu sinto imenso!... — exclamou Mário.

— Antes de mais nada — atalhou-o Laigle — peço que me deixe embalsamar Blondeau em algumas frases de sentido elogio. Eu suponho-o morto, porque a sua magreza, a sua palidez, a sua frieza e cheiro, aquela sua postura hirta, já não eram muito de homem vivo. Por isso digo: *Erudimini qui judicatis terram.* Aqui jaz Blondeau, Blondeau Nariz, Blondeau Nasica, o boi da disciplina, *bos disciplinam*, o molosso da pauta, o anjo da chamada, que foi recto, justiceiro, pontual, rígido, honesto e medonho. Riscou-o Deus, como ele me riscou a mim!

Mário continuou:

— Sinto-me contristado...

— Mancebo, sirva-lhe de lição. Para o futuro seja pontual.

— Peço-lhe mil desculpas...

— Não queira expor os outros a que sejam riscados.

— Aflige-me em extremo...

Laigle desatou a rir.

— E eu gostei imenso! Estava quase a receber a sentença de advogado e a tal *riscadela* salvou-me! Renuncio aos triunfos do foro. Nem defenderei a viúva, nem atacarei o órfão! Adeus, toga; adeus, maçadas jurídicas! Estou salvo e devo-lho a si, senhor Pontmercy! Hei-de ir fazer-lhe uma visita em forma para lhe agradecer. Onde mora?

— Neste cabriolé — disse Mário.

— Sinal de opulência — respondeu Laigle com serenidade. — Dou-lhe os

meus parabéns. É uma habitação que lhe fica por nove mil francos cada ano.

Nesta ocasião vinha Courfeyrac a sair do café.

Mário sorriu tristemente e continuou:

— Há duas horas que me vejo aqui metido e que estou morto por sair; mas, acredite-me, não sei para onde hei-de ir.

— Para minha casa, se quiser — disse Courfeyrac.

— Eu devia ter o primeiro lugar — observou Laigle — mas, infelizmente, não posso dizer a ninguém: Venha para minha casa, porque a não tenho.

— Cala-te, Bossuet! — tornou Courfeyrac.

— Bossuet?— disse Mário. — Eu cuidei que o senhor se chamava Laigle.

— De Meaux — respondeu Laigle. — Bossuet é uma metáfora.

Courfeyrac entrou para o cabriole e disse ao cocheiro:

— Para a Porta de S. Jacques.

E, nessa mesma noite, achava-se Mário na Porta de S. Jacques, hospedado na mesma casa em que morava Courfeyrac.

III — Surpresas de Mário

Em poucos dias, Mário tinha travado relações de estreita amizade com o mancebo. A mocidade é a quadra das prontas ligações e das cicatrizações rápidas. Na companhia de Courfeyrac, Mário respirava livremente, o que para ele era uma coisa bastante nova. Quanto ao mancebo que o agasalhava, não lhe dirigiu uma só pergunta nem disso se lembrou. Naquela idade, os rostos dizem logo tudo, e, portanto, a palavra torna-se inútil. Há mancebos que dizem mais com o rosto do que com a boca. Naquelas idades basta olharem-se para ficarem logo conhecidos.

Todavia, uma manhã, Courfeyrac dirigiu-lhe de improviso esta pergunta:

— É verdade, o senhor tem alguma opinião política?

— Ora, é boa a pergunta! — respondeu Mário, quase ofendido.

— Então que opinião é?

— Eu sou democrata bonapartista.

— Cambiante pardo de rato sossegado — disse Courfeyrac.

No dia seguinte, Courfeyrac introduziu Mário no Café Musain.

Depois murmurou-lhe ao ouvido com um sorriso:

— É preciso que lhe dê entrada na revolução.

E conduziu-o para a sala dos amigos do ABC, onde o apresentou aos outros camaradas, dizendo a meia voz estas simples palavras, cuja significação Mário não compreendeu:

— Um discípulo.

Mário caíra num vespeiro de espíritos. Todavia, posto que silencioso e grave, não era ele nem o menos alado nem o menos armado.

Mário, até então solitário e propenso ao monólogo e ao aparte, por costume e gosto, ficou um pouco assustado ao ver-se rodeado daquele bando de rapazes. Atraíam-no e arrastavam-no todas aquelas diversas iniciativas, ao mesmo tempo. O vaivém tumultuoso daqueles espíritos livres funcionando, fazia-lhe redemoinhar as ideias. As vezes, estas, no meio da perturbação, voejavam-lhe por tão longe, que lhe custava a dar com elas.

O mancebo ouvia falar de filosofia, de literatura, de arte, de história, de religião, de uma maneira inteiramente nova para ele. Entrevia aspectos estranhos, e, como os não punha em perspectiva, não tinha a certeza se o que Via era o caos ou não. Quando abandonara as opiniões de seu avô pelas de seu pai, julgara que não tornaria a mudar; agora, porém, receava, sem tal coisa ousar confessar, que não lhe aconteceria o que supusera. O ângulo sob o qual ele via as coisas principiava de novo a deslocar-se.

Uma certa oscilação abalava todos os horizontes do seu cérebro. Estranho desarranjo interior que quase o incomodava.

Parecia que para aqueles mancebos não havia «coisas consagradas». Mário ouvia a respeito de tudo uma linguagem singular, que lhe molestava o espírito, ainda timorato.

Aparecia pelas esquinas um cartaz ornado com o título de alguma tragédia do antigo reportório, chamado clássico.

— Abaixo a tragédia querida dos burgueses! — gritava Bahorel.

E Mário ouvia replicar a Combeferre:

— Isso não é assim, Bahorel. Uma vez que os burgueses gostam da tragédia, deixá-los lá com o seu gosto. A tragédia de cabeleira tem sua razão de ser e eu não sou dos que em nome de Esquilo lhe contestam o direito de existir. Há esboços na natureza, há paródias completas na criação: um bico que não é bico, asas que não são asas, barbatanas que não são barbatanas, pés que não são pés, um grito doloroso que causa riso, aí tens o pato. Ora, se as aves domésticas existem a par das que o não são, não vejo porque a tragédia clássica não deva existir ao lado da tragédia antiga.

Ou então, sucedendo passar Mário pela rua de Jean Jacques Rousseau, entre Enjolras e Courfeyrac, este travava-lhe do braço e dizia-lhe:

— Repare para o que eu digo. Esta é a rua Plâtrière, chamada hoje de Jean Jacques Rousseau, por causa de um singular casal que aqui morava há uns bons sessenta anos. Era Jean Jacques e Teresa. De tempos a tempos, Teresa deitava ao mundo uma criança, Jean Jacques deitava-a à roda.

E Enjolras dizia com azedume para Courfeyrac:

— Silêncio diante de Jean Jacques! Admiro esse homem. É verdade que enjeitou os filhos, mas adoptou o povo.

Nenhum destes mancebos articulava esta palavra: o imperador. Só Jean Prouvaire dizia às vezes Napoleão; os outros diziam todos Bonaparte. Enjolras pronunciava *Buonaparte.*

Mário sentia uma vaga admiração. *Initium sapientias.*

IV — A sala interior do café Musain

Uma das conferências destes rapazes às quais Mário assistia, e nas quais às vezes tomava parte, foi um verdadeiro abalo para o seu espírito.

Passava-se isto na sala interior do Café Musain, onde nessa noite se achavam reunidos quase todos os amigos do A B C. O candeeiro estava solenemente aceso. Falava-se sobre diversos assuntos, sem exaltação, mas com ruído.

Excepto Enjolras e Mário, que se conservavam silenciosos, cada qual discorria sobre o que lhe vinha à cabeça.

As conversas entre amigos têm às vezes destes tumultos pacíficos. Tanto podia ser uma brincadeira e uma mistura informe como uma conversação. Propunham questões, conversavam em grupos formados aos cantos da sala, na qual não era admitida mulher nenhuma, excepto Luisinha, criada do botequim, que a atravessava de vez em quando para ir da cozinha para a sala do café ou desta para a cozinha.

Grantaire, completamente embriagado, atordoava os ouvidos dos que o rodeavam, num dos cantos, discorrendo em voz atroadora e gritando:

— Tenho sede. Mortais, eis o meu desejo: que o tonel de Heidelberg tenha um ataque apopléctico e que eu seja uma das doze sanguessugas que lhe mandarem aplicar. Eu queria beber, porque desejo esquecer a vida. A vida é uma hedionda invenção de não sei quem. Uma coisa que não dura nada e nada vale; e matamo-nos para viver. A vida é uma armação quase a vir abaixo. A felicidade, um painel pintado só de um lado. O Eclesiastes diz que tudo é vaidade, e eu penso como este pobre homem, que de certo nunca existiu. Zero vestiu-se de vaidade, porque não queria andar nu. Ó vaidade, que tudo encobres com os teus palavrões! Uma cozinha é um laboratório, um dançarino é um professor, um saltimbanco é um ginasta, um jogador de soco é um pugilista, um boticário é um químico, um cabeleireiro é um artista, um pedreiro é um arquitecto, um jockey é um desportista, um bicho de conta é um pterygiramo. A vaidade tem avesso e direito; o direito é estúpido, é o preto coberto de avelórios; o avesso é tolo. é o filósofo coberto de farrapos. Lamento um e rio-me do outro. As chamadas honras e dignidades, e mesmo a honra e a dignidade, são geralmente coisas que nada valem. Os reis fazem um joguete do orgulho humano. Calígula fazia cônsul o seu cavalo; Carlos II armava cavaleiro um lombo de vaca. Ora imaginai-vos entre o cônsul Esporeado e o

barão Bife. Quanto ao valor intrínseco dos indivíduos, não vejo que seja mais digno de respeito. Escutai o panegírico que o vizinho faz do vizinho. Branco sobre branco é feroz; se a açucena falasse, o que ela não diria da pomba! Uma beata murmurando de outra é mais venenosa que o áspide ou a serpente azul. É pena que eu seja um ignorante, senão citava-lhes uma imensidade de coisas; mas é que eu não sei nada. Ora aí está; eu fui sempre um rapaz de talento; quando frequentava a aula de Gros, em vez de garatujar figurinhas, passava o tempo a bifar maçãs. Rapim[14] é o macho de rapina. Isto pelo que me diz respeito; quanto a vocês, não me ficam a dever nada. A respeito das vossas perfeições, excelências e qualidades, estou eu de pedra e cal.

Todas as virtudes ficam paredes meias com um vício, o económico parte com o avarento, o generoso confina com o pródigo, o valente com o valentão; quem diz: muito piedoso, diz: algum tanto carola; há tantos vícios na virtude, como de buracos na capa de Diógenes. Qual admirais vós: o assassinado ou o assassino? César ou Bruto? A opinião geral pronuncia-se pelo assassino. Viva Bruto, que foi um assassino. Isto é que é virtude. Virtude? Seja, mas loucura também. Nesses grandes homens há sempre destas manchas estranhas. O Bruto que matou César estava enamorado de uma estátua de menino. Era feita pelo estatuário grego Strongylion, o qual também tinha cinzelado essa figura de amazona chamada Linda-Perna. Eucnemos, que Nero trazia consigo nas suas viagens. Este Strongylion apenas deixou duas estátuas, que puseram de acordo entre si, Bruto e Nero; Bruto apaixonou-se de uma, Nero de outra. A história não passa de uma longa repetição. Cada século não faz mais do que copiar o outro que o precedeu. A batalha de Marengo é a cópia da batalha de Pydna; o Tolbiac de Clóvis e o Austerlitz de Napoleão parecem-se como duas gotas de sangue. Eu pouco caso faço da vitória, porque não há coisa mais estúpida do que vencer; a verdadeira glória é convencer. Mas tentai lá vós provar alguma coisa! Contentai-vos com o triunfo, que mediocridade! Com a conquista, forte miséria! Ai, em tudo vaidade e cobardia! Não há nada que não obedeça ao triunfo, até a gramática. *Si volet usos,* diz Horácio. Portanto, desprezo o género humano. Agora quereis que desça de todo às parcelas? Quereis que me ponha a admirar os povos? Que povo, fazem favor de me dizer? A Grécia? Os atenienses, esses parisienses de outro tempo, matavam Phocionr que vale o mesmo que dizer Coligny, e adulavam os tiranos a ponto de Anacephoro dizer de Pisistrato: «A urina dele atrai as abelhas». O homem mais considerado da Grécia, durante cinquenta anos, foi o gramático Philetas, o qual era tão baixo e tão magro, que se via na necessidade de andar de sapatos chumbados para não ser arrebatado pelo vento. Na praça principal de

Corinto havia uma estátua cinzelada por Silanion e catalogada por Plínio, a qual representava Episthato. Que fez Episthato? Inventou o gambito. Isto resume a Grécia e a glória. Passemos a outra. Admirarei a Inglaterra? Admirarei a França? A França, porquê? Por causa de Paris? Acabo de lhes dizer a minha opinião a respeito de Atenas. A Inglaterra, porquê? Por causa de Londres? Tenho ódio a Cartago. Quanto mais, Londres, metrópole do luxo, é a capital da miséria. Só na paróquia de Charing-Cross morrem anualmente de fome cem pessoas. Aí está Albion. Para cúmulo de tudo acrescentarei que já vi dançar uma inglesa com uma grinalda de rosas na cabeça e com óculos azuis. Portanto, a respeito de Inglaterra temos falado. Se não admiro John Buli, admirarei Jonathan? Gosto pouco deste irmão com escravos. Tirai à Inglaterra *time is money,* que lhe fica? Tirai à América *cotton is king,* que lhe fica? A Alemanha é a linfa, a Itália a bílis. Quereis que nos extasiemos diante da Rússia? Voltaire admirava-a, mas também admirava a China. Concordo em que a Rússia tem suas belezas, entre outras um grande despotismo, mas eu lamento os déspotas. Têm uma saúde muito melindrosa. Um Aleixo decapitado, um Pedro apunhalado, um Paulo estrangulado, outro Paulo calcado aos pés, diversos Ivãs degolados, muitos Nicolaus e Basílios envenenados, tudo isto indica que o palácio dos imperadores da Rússia está em flagrantes condições de insalubridade. Todos os povos civilizados oferecem à admiração do filósofo esta circunstância: a guerra. Ora a guerra, a guerra civilizada, resume em si todas as formas da depredação, desde os assaltos dos trabuqueiros nos desfiladeiros do monte Jaxa até aos latrocínios dos índios Comanches no Cabo Duvidoso. Ora, dir-me-ão vocês, a Europa sempre vale mais do que a Ásia! Concordo em que a Ásia é farsista, mas não vejo razão para que escarneçais do Grão Lama, vós, povos do ocidente que entremeastes as vossas modas e elegâncias de todas as imundícies disfarçadas em majestades, desde a camisa suja da rainha Isabel até à cadeira furada do delfim. Senhora humanidade, sabem o que lhes digo? Em Bruxelas é onde se consome mais cerveja, em Estocolmo mais aguardente, em Madrid mais chocolate, em Amesterdão mais genebra, em Londres mais vinho, em Constantinopla mais café, em Paris mais absinto; aqui estão todas as nações úteis. Paris, em suma, vence tudo. Em Paris, até os trapeiros são sibaritas; Diógenes gostaria tanto de ser adelo na praça Maubert como filósofo no Pireu. Fiquem sabendo mais isto: as tabernas dos adelos chamam-se bibines; as mais célebres são a Casswola, e o Matadouro. Portanto, ó tascas, graçolas, bodegas, tabernas, baiucas, casas de pasto, bibines dos trapeiros, caravansares dos califas, tomo-vos por testemunhas de que sou um voluptuoso, que como no Richard a quarenta soldos por cabeça e que quero tapetes, da Pérsia para

neles rolar Cleópatra nua! Onde está Cleópatra? Ah, és tu, Luisinha! Bom dia.

Assim tagarelava Grantaire, meio embriagado, a um dos cantos da sala interior do Café Musain, agarrando a criada e impedindo-lhe a passagem.

Bossuet tentava fazê-lo calar, acenando-lhe com a mão, porém ele continuava cada vez com mais força:

— Aigle de Meaux, baixa as patas. Faço tanto caso desse teu gesto de Hipócrates recusando o revendão de Artaxerxes como de coisa nenhuma. Dispenso-te de me tranquilizares. E demais, eu estou triste. Que quereis que vos diga? O homem é mau, o homem é disforme; a borboleta satisfaz ao seu fim, o homem não. Enganou-se Deus com este animal. Uma multidão é uma colecção de fealdade». O primeiro homem que se vos depara é um miserável. *Femme*[15] rima com infame. É como vos digo; estou com spleen, complicação de melancolia, com a nostalgia e mais a hipocondria, e estou zangado, enfurecido, aborrecido, não faço senão abrir a boca, sinto-me morto, sinto-me estúpido. Os diabos levem Deus!

— Cala-te, R. maiúsculo! — tornou Bossuet, que discutia um ponto de direito com alguns dos companheiros, meio enterrado num discurso em gíria judiciária, que concluía desta forma: — ...E quanto a mim, posto que eu seja apenas um legista, ou quando muito um procurador curioso, sustento o seguinte: que nos termos do uso geralmente adoptado na Normandia, que todos os anos pelo S. Miguel devem todos e cada um dos proprietários, ou herdeiros, salvo outro direito, pagar ao senhor um Equivalente, e isto por todas as enfiteuses, arrendamentos, bens alodiais, contratos dominiários e dominais, hipotecários e hipotecais...

— Ecos, ninfas queixosas — cantarolava Grantaire.

Uma folha de papel, um tinteiro e uma pena entre dois copos, objectos colocados ao pé de Grantaire sobre uma mesa quase silenciosa, anunciavam que se estava ali esboçando um vaudeville, Este importante negócio tratava-se em voz baixa, quase tocando-se as duas cabeças dos compositores.

Comecemos pelos nomes dos personagens. Achados os nomes, achado temos o enredo.

— É verdade, dita lá que eu escrevo.

— Dorimon?

— Rendeiro?

— Está bem de ver.

— Celestina, sua filha.

— ...ilha. Que mais?

— O coronel Sainval.

— Sainval é cediço. Antes Valsin.

Ao lado dos aspirantes vaudevilistas, um outro grupo, que também se aproveitava da confusão geral para falar baixo, discutia sobre um duelo. Um veterano de trinta anos, aconselhava um novato de dezoito, explicando-lhe com que adversário se metia.

— Diabo, é preciso cuidado! Olhe que ele é uma boa espada. O seu jogo é descoberto. Ataca o adversário sem dissimulação, com firmeza, mão certeira, rapidez e força, e os seus rebates são calculados com precisão atemática. Safa! E ainda por cima é canhoto!

No canto oposto a Grantaire, Joly e Bahorel jogavam o dominó e falavam de amor.

— És feliz — dizia Joly. — Tens uma amante que está sempre a rir.

— Pois é um defeito — respondia Bahorel. — Uma amante não deve rir, porque anima a gente a enganá-la. Vendo-a alegre, não sentimos remorso; pelo contrário, vendo-a triste, volta a consciência.

— Ingrato! Não dás apreço a uma mulher que sabe rir! E vocês não ralham nunca um com o outro?

— Não, porque assim o estipulámos no nosso contrato. Quando celebrámos a nossa santa-aliançazinha, assinámos mutuamente certas fronteiras, que nunca ultrapassámos. O que fica situado para lá do norte pertence a Vaud, do lado do sul pertence a Gex. Dali a paz que reina entre nós.

— A paz é a felicidade digestiva.

— E tu, Joly, no que deram os teus arrufos com a...? bem sabes de quem eu quero falar.

— Estamos na mesma. Não há forças humanas que demovam a cruel.

— Para enternecer um coração bastava a tua magreza.

— Ai!

— No teu lugar não me importava mais com ela.

— Isso é fácil de dizer.

— E de fazer. Ela não se chama Musichetta?

— Chama. Ah, meu pobre Bahorel, é uma rapariga de mão cheia, literata, com uns pés pequeníssimos, umas mãos pequeninas, que veste com gosto, branca, gordinha e uns olhos de mulher que deita cartas! Ando doido por ela!

— Meu caro, nesse caso, deves procurar agradar-lhe, tornares-te elegante e mostrar-lhe que és um rapaz tirado das canelas. Compra-me ao Staub umas boas calças de couro de lã, que podem servir.

— Por quanto? — gritou Grantaire.

No terceiro canto agitava-se uma discussão poética. Andava aos murros com a mitologia cristã a mitologia pagã. Tratava-se do Olympo, cujo partido

Jean Prouvaire tomava até por romantismo. Jean Prouvaire era tímido quando não puxavam por ele. Excitado, porém, prorrompia; uma espécie de ligeireza irónica acentuava o seu entusiasmo; e era ao mesmo tempo prazenteiro e lírico.

— Não insultemos os deuses — dizia ele — que de certo ainda não acabaram. Não me parece que Júpiter tenha morrido. Os deuses são sonhos, dizes tu. Pois olha, até na natureza, tal qual ela hoje é, depois que se esvaeceram esses sonhos, se encontram todos os antigos e grandes mitos pagãos. Certas montanhas com perfil de cidadelas, como, por exemplo, a Vignemale, para mim são ainda o toucado de Cybele, nem ninguém ainda me provou que Pan não vem de noite soprar no tronco oco dos salgueiros, tapando alternadamente os buracos com os dedos, e sempre acreditei ter uma relação qualquer com a cascata de Pissevache.

No outro canto, o último, discutia-se política, impugnando-se a outorga da Carta. Combeferre defendia-a com pouco calor e Courfeirac batia-a de frente com toda a energia. Em cima da mesa achava-se um desastrado exemplar da célebre Carta-Touquet. Courfeyrac pegara nela e agitava-a misturando aos seus argumentos o rugido daquela folha de papel.

— Em primeiro lugar, não quero reis, e não os quero, ainda que não seja senão atendendo à economia; um rei é um parasita. Não ficam de graça a ninguém. Ora ouve por quanto eles ficam: preço dos reis! Quando morreu Francisco I era de trinta mil francos de renda a dívida pública em França: quando morreu Luís XIV, era esta de dois mil e seiscentos milhões e valia o marco vinte e oito francos, equivalendo, portanto, esta soma em 1760, segundo diz Desmarets, a quatro mil e quinhentos milhões e hoje a doze mil. Depois, em que pese a Combeferre, a outorga de uma Carta é um mau expediente de civilização. Salvar a transição, moderar a passagem, enfraquecer o abalo, fazer passar a nação insensivelmente da monarquia para a democracia pela prática das ficções constitucionais, tudo isto são razões péssimas quanto podem sê-lo, Não! Não! Não deslumbremos o povo com c brilho de uma falsa luz. Estiolam-se e empalidecem os princípios no vosso subterrâneo constitucional. Nada de degenerações, nem de compromissos, nem de outorgas feitas ao povo pelo rei. Em todas essas outorgas há um artigo 14. A par da mão que dá vem a garra que tira. Recuso sem rebuço a tal Carta. Uma Carta é uma máscara; por baixo está sempre a mentira. O povo que aceita uma Carta abdica. O direito não sofre divisões; dividido, deixa de ser direito. Nada de Carta.

Era no Inverno. Courfeyrac não resistiu à convidativa chama de duas achas que ardiam no fogão. Amarrotou nas mãos a pobre Carta-Touquet e atirou-a

ao lume, onde prontamente se queimou. Combeferre viu arder filosoficamente a obra-prima de Luís XVIII e contentou-se em dizer:

— A Carta metamorfoseada em chama.

E por cima de todas aquelas cabeças faziam uma espécie de jovial bombardeamento os sarcasmos, as chufas, os ditos agudos, os equívocos, isso a que os franceses chamam *entraim* e os ingleses *humour,* o bom e o mau gosto, as boas e as más razões, todas as delirantes faíscas do diálogo, subindo ao mesmo tempo e cruzando-se em todas as direcções da sala.

V — Amplia-se o horizonte

O choque entre os espíritos juvenis é admirável por nunca se poder prever a faísca nem adivinhar o relâmpago. Que rebentará daqui? Ninguém sabe. Do meio do enternecimento sai a gargalhada. No momento burlesco, eis que entra em cena a seriedade. Os impulsos dependem de qualquer palavra indiferente. Domina soberanamente o estro de cada um. Basta uma graça para abrir o campo ao inesperado. São conversas que desandam de súbito e em que a perspectiva repentinamente muda. O maquinista delas é o acaso.

Um pensamento severo, extravagância saída do meio de toda aquela algazarra, atravessou de repente a confusa celeuma levantada por Grantaire, Bahorel, Prouvaire, Bossuet, Combeferre e Courfeyrac.

Como sobrevêm uma frase no diálogo? Como é que ela de repente se sublinha por si mesma na atenção dos que a ouvem? Acabamos de dizê-lo; ninguém sabe. No meio da algazarra, Bossuet terminou não sabemos que apóstrofe a Combeferre pela seguinte data:

— 18 de Junho de 1815: Waterloo.

A este nome de Waterloo, Mário, que estava encostado a uma mesa, sobre a qual se achava um copo de água, tirou o punho de baixo da barba em que se apoiava e começou a olhar fixamente o auditório.

— A fé que me impressiona e me causa estranheza este número 18. É o número fatal de Bonaparte. Ponham Luís adiante e brumário atrás, e terão completo o destino desse homem, com a expressiva circunstância de ser o princípio imediatamente seguido do fim.

Enjolras, até então silencioso, quebrou a sua mudez e dirigiu-se a Courfeyrac, dizendo:

— Queres dizer o crime seguido da expiação.

A palavra *crime* ultrapassava os limites do que Mário, já bastante impressionado pela súbita evocação de Waterloo, podia suportar.

Levantou-se, pois, caminhando lentamente para o mapa de França, pendente da parede, e no fundo do qual se via uma ilha numa divisão separada, pôs o dedo nessa divisão e disse:

— Aqui está a Córsega, uma ilha pequena que tornou grande a França.

Estas palavras foram uma como rajada de ríspido vento. Interromperam-se todos, suspeitosos de que alguma coisa ia principiar.

Bahorel, replicando a Bossuet, preparava-se para assumir uma atitude que lhe era habitual, mas renunciou a ela para escutar.

Enjolras, que não tinha os seus olhos azuis fixos em ninguém, parecendo que contemplava o espaço, respondeu sem olhar para Mário:

— A França, para ser grande, não precisa de Córsega nenhuma. A França, é grande por ser França. *Quia nominor leo.*

Mário, todavia, não se resolveu de modo nenhum a recuar; voltou-se para Enjolras e a sua voz retumbou com uma vibração causada por um estremecimento íntimo.

— Longe de mim o pensamento de deprimir a França! Porém não é deprimi-la amalgamar-lhe Napoleão. Ora vamos, digamos as coisas sem rodeios. Sou novo no meio de vós, mas confesso que me causais admiração. Onde estamos? Quem somos? Quem sois vós? Quem sou eu? Expliquemo-nos a respeito do imperador. Eu ouço-vos pronunciar Buonaparte, acentuando o u, como fazem os realistas. Então dir-lhes-ei que meu avô ainda faz mais, porque diz Buonaparte. Eu julgava-os mancebos. Senão digam-me: para quando guardam o seu entusiasmo? Que fazem dele? Que admiram, se não admiram o imperador? Que mais querem? Se não lhes agrada este grande homem, que grandes homens lhes agradam? Bonaparte possuía tudo. Era completo. Tinha no cérebro o cunho das faculdades humanas. Fazia códigos como Justiniano, ditava como César, a sua conversação reunia a lucidez de Pascal ao arrojo de Tácito, fazia a história e escrevia-a, os seus boletins são Ilíadas, ele combinava a cifra de Newton com a metáfora de Maomé, deixava atrás de si no Oriente palavras como as pirâmides, em Tilsit ensinava a majestade aos imperadores, na Academia das Ciências respondia a Laplace, no conselho de Estado impugnava Merlin, dava uma alma à geometria de uns e à chicana de outros, era legista com os procuradores e sideral com os astrónomos; apagando como Cromwell uma de duas velas, ia ao Templo comprar uma borla de cortinado; ele via tudo, tudo sabia; o que não obstava a que ele se risse com bondosa simplicidade para o berço de seu tenro filho; e de repente a Europa punha assustada o ouvido alerta, marchavam os exércitos, rodavam os parques de artilharia, atravessavam os rios pontes feitas de barcos, galopavam nuvens de cavaleiros como que impelidos pelo furacão, gritos, trombetas, abalo geral dos tronos, oscilavam no mapa as fronteiras dos reinos, ouvia-se o ruído que fazia uma espada sobre-humana desembainhando-se, e ele despontava no horizonte com — as mãos brilhantes de luz e os olhos resplendentes, abrindo aos trovões

as suas duas asas, o grande exército e a guarda de veteranos, e era o arcanjo da guerra!

Permaneciam todos calados e Enjolras baixava a cabeça. O silêncio parece-se sempre com a aquiescência ou com uma espécie de derrota. Mário continuou, pois, sem tomar fôlego e com crescente entusiasmo.

— Sejamos justos, meus amigos! Que esplêndido destino para um povo, quando esse povo é a França, ser o império de tal imperador, reunindo o seu génio ao génio desse homem! Aparecer e reinar, marchar e triunfar, ter por degraus todas as capitais, pegar nos granadeiros e fazê-los reis, decretar a queda das dinastias, transfigurar a Europa a marche-marche, sentir, quando se ameaça, que se leva a mão ao punho da espada de Deus, seguir num só homem, Aníbal, César e Carlos Magno, ser o povo de um homem que faz contar em cada amanhecer o fausto anúncio de uma vitória, ter por despertador o canhão dos Inválidos, lançar em abismos de luz palavras prodigiosas que resplandecem perpetuamente, Marengo, Arcole, Austerlitz, lena, Wagram! Fazer despontar a todo o instante no zénite dos séculos constelações de vitórias, fazer do império francês o complemento simétrico do império romano, ser a grande nação e dar à luz o grande exército, fazer voar por toda a terra as suas legiões como uma montanha envia para todas as direcções as suas águias, vencer, dominar, fulminar, ser na Europa uma espécie de povo dourado a poder de glória, fazer ouvir através da história uma música de titãs, conquistar o mundo duas vezes pelo triunfo das armas e pelo deslumbramento do espírito, é sublime; que pode haver de maior?

— Ser livre! — disse Combeferre.

Mário baixou a cabeça por sua vez; esta frase simples e fria atravessara a sua efusão épica, como uma folha de aço que sentia penetrar-lhe o espírito.

Quando o mancebo levantou a cabeça, já Combeferre tinha desaparecido. Satisfeito decerto com a sua resposta à apoteose de Mário, tinha partido, e todos, excepto Enjolras, o tinham seguido, A sala evacuara-se.

Enjolras que ficara só com Mário, olhava para ele com ar grave. Entretanto, o mancebo, tendo reatado o fio das suas ideias, não se julgava vencido; sentia um resto de efervescência, que ia decerto traduzir-se em silogismos desenvolvidos contra Enjolras, quando de súbito se ouviu uma voz de alguém que descia a escada. Era Combeferre, que cantava estes versos:

Se o grande César me desse
A glória de vencedor,
Contanto que eu perdesse
De minha mãe o amor,
Eu diria ao grande César:
Guarda lá a tua glória,

Que o amor de minha mãe
Não o troco pela história.

O tom terno e ao mesmo tempo vibrante em que Combeferre cantava estes versos dava-lhes uma como grandeza estranha, que fez com que Mário quase maquinalmente repetisse, fitando os olhos no tecto, com ar pensativo:

— Minha mãe!

Na ocasião, porém, em que proferia esta frase, Enjolras pousou-lhe a mão no ombro e disse-lhe:

— Cidadão, minha mãe é a república.

VI — Rés Augusta

O que o mancebo passara nessa noite abalou-o profundamente, ensombrando-lhe a alma de uma nuvem negra de tristeza. Mário experimentou o mesmo que a terra decerto experimenta, quando pelo arado é aberta para receber o grão de trigo que se há-de desenvolver no seu seio; então apenas sente a dor que lhe causa o ferro; o estremecimento do germe e o prazer do fruto só mais tarde é que chegam.

Mário ficou sombrio. Pois havia de tão rapidamente abjurar as crenças que ainda há tão pouco se lhe tinham infiltrado no coração? A si próprio respondeu que não, fazendo esforços para repelir a dúvida, mas principiando, mau grado seu, a duvidar.

Esta posição do homem que se vê entre duas religiões a que ainda não abandonou e a que ainda não abraçou é insuportável; só às almas-morcegos agradam os crepúsculos e as meias-luzes. Mário, portanto, cujos olhos se não cegavam com a claridade, queria a verdadeira luz, e por isso desprazia-lhe o mortiço clarão da dúvida. Por maiores que fossem os desejos que tinha de ficar onde estava e não se desviar desse ponto, sentia-se irresistivelmente constrangido a continuar, a avançar, a examinar, a pensar e a caminhar para diante. Aonde o levaria esse estranho impulso? Não o sabia. Receava que, depois de ter andado tanto no caminho que o aproximara a seu pai, agora retrogradasse, afastando-se dele. A cada reflexão em que se lhe embrenhava o espírito aumentava-lhe o embaraço da sua posição. Para onde quer que olhasse, só se via rodeado de precipícios. Nem estava de acordo com seu avô nem com os seus amigos; para aquele era temerário, para estes andava atrasado; sentia-se assim duas vezes abandonado, pelos velhos e pelos novos. Deixou de ir ao Café Musain.

No meio da perturbação que lhe agitava a consciência, o mancebo já se não lembrava de certos aspectos sérios da existência. Mas as realidades da vida, que se fazem sempre lembradas, vieram repentinamente despertá-lo das suas abstracções.

Uma manhã, o dono da estalagem entrou no quarto do rapaz e disse-lhe:
— O senhor Courfeyrac abonou-o.
— Abonou.
— Mas o pior é que eu necessitava de dinheiro.
— Mande dizer ao senhor Courfeyrac se faz favor de vir falar-me.
Apenas este chegou, o dono da estalagem retirou-se, e Mário contou-lhe o que não se lembrara ainda de lhe ter dito, que era quase só no mundo e que não tinha parentes.
— Visto isso, que há-de ser de si? — perguntou Courfeyrac.
— Não sei — respondeu Mário.
— Mas que tenciona fazer?
— Não sei.
— Tem algum dinheiro?
— Quinze francos.
— Quer que lhe empreste mais algum?
— De modo nenhum.
— Tem roupa?
— Esta que vê.
— E alguns objectos de valor?
— Um relógio.
— De prata?
— Não, de ouro.
— Eu conheço um adelo a quem pode vender um dos casacos e um par de calças.
— Está bem.
— Ficar-lhe-ão outras calças, um colete, um chapéu e um casaco.
— E as botas.
— Boa! Então faz tenção de andar descalço? Que opulência!
— É quanto basta.
— Conheço um relojoeiro que de certo lhe compra o relógio.
— Bem.
— Não está bem, não. Que tenciona fazer depois?
— Sujeitar-me-ei a tudo, bem entendido, que não for proibido pela honra.
— Sabe inglês?
— Não.
— E alemão?
— Também não.
— Isso é mau.
— Porquê?

— Porque um livreiro meu amigo vai publicar uma espécie de enciclopédia, para a qual o senhor podia traduzir alguns artigos do alemão ou do inglês. Pouco se ganha, mas vive-se.

— Nesse caso vou-me pôr a aprender inglês e alemão.

— E entretanto?

— Entretanto irei passando com o produto do casaco e do relógio.

O mancebo mandou chamar o adelo, que lhe deu vinte francos pelo casaco, e depois foram a casa do relojoeiro, que lhe comprou o relógio por quarenta e cinco francos.

— O negócio corre bem — disse Mário a Courfeyrac ao recolherem para a estalagem —, com os quinze francos que tenho perfaz oitenta francos.

— E a despesa da estalagem?

— Ai, é verdade, não me lembrava! — disse Mário.

O estalajadeiro apresentou-lhe a conta que montava a setenta francos e que o rapaz teve de pagar logo.

— Fico com dez — disse Mário.

— Diabo! — disse Courfeyrac. — São, portanto, cinco francos para gastar enquanto não aprende o inglês e outros cinco enquanto não aprender o alemão. Será engolir uma língua com muita precipitação ou uma moeda de cem soldos muito devagar.

Depois de muitos esforços, porém, a filha mais velha de Gillenormand, que era dotada de bom coração, viera, por último, a dar com a casa da habitação de Mário, e um dia pela manhã, o mancebo, ao recolher-se da aula, encontrou uma carta de sua tia e sessenta pistolas, isto é, seiscentos francos em ouro, num embrulho lacrado.

Mário tornou a mandar os trinta luíses a sua tia, fazendo-os acompanhar de uma respeitosa carta, em que lhe dizia achar-se com suficientes meios de subsistência e poder agora satisfazer todas as suas necessidades. Nessa ocasião restavam-lhe três francos.

A tia não participou ao avô a recusa do neto em aceitar o dinheiro, temendo acabar de o exasperar. E depois não tinha ele dito: «Não me tornem mais a falar desse sanguinário»?

Mário, por consequência, teve de sair da estalagem da porta de S. Jacques, porque não queria contrair dívidas.

LIVRO QUINTO — EXCELÊNCIA DO INFORTÚNIO

I — Mário indigente

Desde então a vida tornou-se severa para Mário. Privar-se do relógio e da roupa para comer, nada era, comparado com essa coisa inexprimível a que chamam — *o pão que o diabo amassou.* Coisa horrível, que abrange os dias sem pão, as noites sem luz e sem sono, o fogão sem fogueira, as semanas sem trabalho, o futuro sem esperança, o casaco roto nos cotovelos, o chapéu velho que causa riso às raparigas, a porta que se encontra fechada, porque não há dinheiro para pagar ao senhorio, a insolência do porteiro e do dono da casa de pasto, da dignidade própria, a aceitação do serviço de qualquer espécie, os desgostos, a amargura, o desalento.

Mário aprendeu a devorar todas estas coisas, que são muitas vezes as únicas que o desgraçado tem para devorar. Na quadra da existência em que o homem necessita de orgulho, porque necessita de amor, viu-se ele escarnecido, porque andava mal trajado, e ridículo porque era pobre. Na idade em que a mocidade nos insufla no coração uma altivez imperial, ele mais de uma vez baixou os olhos para os buracos das botas e conheceu as vergonhas injustas e as pungentes humilhações da miséria. Admirável e terrível provação, de que os fracos saem infames e os fortes sublimes. Cadinho em que o destino lança um homem todas as vezes que quer obter um miserável ou um semi-deus.

Pois nas pequenas lutas muitas vezes se praticam grandes acções. Há porfias de valor ignoradas, que se defendem palmo a palmo, no meio das trevas, contra a fatal invasão das necessidades e das torpezas. Nobres e misteriosos triunfos, que ninguém presencia, que nenhuma fama recompensa, que nenhumas aclamações saúdam. A vida, a desgraça, o isolamento, o abandono, a pobreza, são campos de batalha que têm seus heróis, heróis obscuros, às vezes maiores do que os heróis ilustres.

Assim se criam naturezas firmes e raras; a miséria, quase sempre madrasta, é também mãe algumas vezes; a indigência gera a grandeza de alma e de espírito; a pobreza alimenta a altivez; o infortúnio é um bom leite para os magnânimos.

Mário teve uma época na sua vida em que era ele próprio quem varria a escada, que ia comprar um soldo de queijo de Brie à barraca da fruteira e esperava que anoitecesse para ir à padaria comprar um pão, que furtivamente levava para a sua água-furtada, como se o tivera roubado.

Às vezes via-se entrar no açougue da esquina, acotovelado pelas palradeiras criadas de servir, um mancebo com dois livros debaixo do braço, de aspecto

tímido e furioso, que, depois de entrar e tirar o chapéu da cabeça, que lhe escorria em suor, fazendo uma profunda saudação à espantada dona do açougue e ao moço que cortava, pedia uma costeleta de carneiro, que lhe custava seis ou sete soldos, embrulhava-a num bocado de papel, metia-a entre os livros que trazia debaixo do braço e ia-se embora. O mancebo era Mário, que com essa costeleta, que ele próprio guisava, passava três dias.

No primeiro dia comia-lhe a carne, no segundo a gordura, no terceiro roía-lhe os ossos.

Por muitas vezes tentou a filha de Gillenormand fazê-lo aceitar as sessenta pistolas. Mário, porém, recambiou-as de todas as vezes, mandando-lhe dizer que não tinha precisão de nada.

Quando na vida do mancebo se operou a revolução que acabamos de referir, andava ainda de luto pela morte de seu pai, e desde então não tornara a deixar a roupa preta. A roupa, porém, é que principiava a deixá-lo a ele, até que um dia se viu sem casaco. As calças, essas ainda remediavam. Neste aperto valeu-lhe Courfeyrac, a quem ele tinha prestado alguns bons serviços, dando-lhe um casaco velho. Por trinta soldos, Mário mandou-o virar a um porteiro e o casaco ficou como novo. Porém, como era verde, o mancebo só saía ao anoitecer, o que o fazia parecer preto. Deste modo, Mário, que queria continuar a andar de luto, vestia-se com as sombras da noite para realizar o seu intento.

Após todas estas vicissitudes, conseguiu, afinal, ser inscrito advogado, com suposta aposentadoria em casa de Courfeyrac, que era decente, e onde um certo número de alfarrábios de direito, misturados com volumes de romances truncados, podiam simular a livraria exigida pelo regulamento. Às pessoas com quem se correspondia recomendava que lhe dirigissem as cartas para casa de Courfeyrac.

Quando Mário alcançou o seu lugar na advocacia, escreveu a seu avô uma carta fria, mas cheia de submissão e respeito, participando-lho. Gillenormand pegou na carta, abriu-a trémulo, leu-a e atirou com ela para debaixo da mesa, rasgada em quatro bocados. Dois ou três dias depois, Mademoiselle Gillenormand ouviu seu pai, que estava só no quarto, a falar em voz alta, o que lhe acontecia todas as vezes que a sua agitação era muito grande. Aplicou pois o ouvido e percebeu que o velho dizia: «Se não foras um pedaço de asno, havias de saber que advogado e barão são duas coisas que não se coadunam».

II — Mário pobre

Sucede com a miséria como sucede com tudo. Chega esta a tornar-se possível; vem a tomar forma e a arredondar-se, e por fim, vegetamos, quer dizer, vivemos como que entorpecidos, mas não privados inteiramente de

sentimento.

Eis de que modo Mário conseguira regular a sua existência.

O desfiladeiro em que ele caíra ia gradualmente alargando. A poder de trabalho, de coragem, de perseverança e vontade, chegara a realizar setecentos francos por ano. Aprendera o alemão e o inglês e auxiliado por Courfeyrac, que o relacionara com o livreiro seu amigo, Mário representava na literatura-livraria o modesto papel de utilidade. Fazia prospectos, traduzia jornais, anotava edições, compilava biografias, etc., produto líquido, uns anos por outros, setecentos francos, com os quais passava menos mal, como vamos dizer.

Mário ocupava no casebre Gorbeau um cubículo sem fogão, arvorado em gabinete, pelo qual pagava trinta francos de renda, e em que, quanto a móveis, só havia os indispensáveis, que eram propriamente dele. Dava três francos por mês à velha principal locatária para lhe varrer o quarto e levar-lhe todos os dias pela manhã uma pouca de água quente, um ovo e um pão de um soldo, em que consistia o seu almoço, cujo preço variava de três a quatro soldos, conforme os ovos estavam, caros ou baratos. As seis horas da tarde saía e ia jantar ao Rousseau, na rua de S. Jacques, defronte de Basset, com loja de estampas à esquina da rua dos Mathurins. Não comia sopa. Pedia uma ração de carne de seis soldos, meia ração de legumes, que custava três, e por igual quantia tinha a sobremesa. Pão, por três soldos tinha quanto pudesse comer. Quanto a vinho, em vez dele, bebia água. Depois dirigia-se ao mostrador, ao qual se achava majestosamente sentada Madame Rousseau, nesse tempo ainda gorda e fresca; pagava, dava um soldo ao criado, recebia um sorriso de Madame Rousseau e saía. Por dezasseis soldos tinha pois o mancebo um sorriso e um jantar.

O restaurante Rousseau, onde se esvaziavam tão poucas garrafas de vinho e tantas de água, era mais um calmante do que um restaurante. Já não existe. O dono tinha a engraçada alcunha de *Rousseau o aquático*.

Deste modo, jantando por dezasseis soldos e almoçando por quatro, ficava-lhe o dia por vinte soldos, que perfaziam a quantia de trezentos e sessenta e cinco francos por ano. Acrescente-se a isto os trinta francos da renda da casa e os trinta e seis à velha, e mais algumas despesas miúdas, e ver-se-á que Mário por quatrocentos e cinquenta francos tinha casa, criada e comida. Em roupa e calçado gastava cento e cinquenta francos, a lavadeira ficava-lhe por cinquenta, o que dava tudo um total de seiscentos e cinquenta francos, ficando-lhe ainda um resto de cinquenta francos. Era rico, portanto, achando-se em circunstâncias de poder emprestar dez francos a um amigo se este lhos pedisse. Uma vez chegara a emprestar sessenta francos a Courfeyrac. Quanto

à despesa com o fogão, como não o tinha, eliminara essa verba.

Mário tinha sempre dois vestuários completos: um mais velho «para o uso ordinário», outro novo para as ocasiões extraordinárias. Eram ambos pretos. Camisas tinha três: a que trazia no corpo, uma que tinha guardada e outra na lavadeira. Conforme as ia rompendo, assim as ia renovando. Como, porém, nenhuma delas deixava de estar mais ou menos rota, abotoava o casaco até ao pescoço para se não ver.

Para Mário chegar a esta florescente situação levou anos. Anos rudes, cheios de dificuldades e provações. O mancebo, porém, nem um só dia desanimara, sofrendo toda a qualidade de privações, resignando-se a tudo, menos a contrair dívidas. Quando volvia os olhos para o seu passado, sentia prazer em poder asseverar que nunca devera um soldo a ninguém. Na sua opinião, uma dívida era um princípio de escravidão, e ainda ia mais longe: dizia ele que um credor é pior que um senhor, porque um senhor possui apenas a pessoa do escravo, enquanto que o credor possui a dignidade do devedor e pode esbofeteá-la. Antes de se resolver a pedir emprestada qualquer soma, primeiro esgotaria o mancebo todos os recursos, sujeitando-se mesmo a passar sem comer. Dias sem comer passara ele muitos. Conhecendo que todos os extremos se tocam e que, se não há a devida cautela, a falta de meios pode levar a falta de honra, tinha todo o cuidado em conservar intacta a sua. Às vezes uma fórmula, um passo que em qualquer outra situação lhe teria parecido uma deferência, afigurava-se-lhe uma baixeza, e o mancebo não se resolvia a pô-la em prática. Para se não ver forçado a recuar, não se aventurava coisa nenhuma. No rosto de visava-se-lhe um rubor severo. A sua timidez tocava as raias da intratabilidade.

Em todas as suas provações sentia-se alentado e às vezes impelido por uma oculta força que lhe vinha de dentro. A alma ajuda o corpo e chega mesmo algumas vezes a ampará-la. É a única ave que sustenta a gaiola em que está encerrada.

Ao lado do nome de seu pai, Mário tinha gravado no coração outro nome o nome de Thenardier. O mancebo, dotado de uma natureza entusiástica e arrojada, cercava de uma espécie de auréola o homem a quem, no seu conceito, devia a vida de seu pai, o intrépido sargento que salvara o coronel no meio das granadas de Waterloo. Não separava nunca a recordação desse homem da de seu pai, associando-se ambas na sua veneração. Era uma espécie de culto em dois altares, o mais alto para o coronel, o mais baixo para Thenardier. O que ainda mais aumentava a intensidade dos seus sentimentos de gratidão para com aquele homem era a lembrança do infortúnio de que ele sabia que Thenardier era vítima. Mário soubera em Montfermeil, quando ali

foi indagar da existência do estalajadeiro, da sua quebra e desaparecimento. Depois fizera todos os esforços possíveis para dar com ele no tenebroso abismo da miséria, em que ele caíra. Mário percorreu toda a localidade; foi a Chelles, a Bondy, a Gournay, a Nogent, a Lagny. Durante três anos não afrouxou do seu propósito, gastando nessas pesquisas o pouco dinheiro, fruto das suas economias. Nem uma só pessoa, porém, encontrou que lhe desse novas de Thenardier, todos eram de opinião que o estalajadeiro se tinha retirado para algum país estrangeiro. Os credores também o tinham procurado com menos amor do que Mário, porém com a mesma insistência, e não tinham conseguido dar com ele. Mário acusava-se e lançava em rosto a si próprio não ter tirado resultado nenhum das suas investigações. Era a única dívida que o coronel lhe deixara para pagar, e por isso o mancebo julgava que era da sua honra solvê-la.

— Pois quê! — dizia ele consigo. — Quando meu pai jazia moribundo no campo de batalha, Thenardier soube dar com ele por entre o fumo e o granizo das balas, e levá-lo às costas para lugar seguro, sem nada lhe dever; e eu, que devo tanto a Thenardier, não hei-de dar com ele por entre a escuridão em que agoniza, para também o arrancar à morte e restituí-lo à vida? Oh, hei-de dar com ele!

Mário, efectivamente, de bom grado teria dado um braço para o encontrar e todo o seu sangue para o arrancar da miséria. Encontrar Thenardier, prestar-lhe um serviço de qualquer qualidade, dizer-lhe: «Você não me conhece, mas conheço-o eu. Aqui estou, disponha de mim!» Era o mais doce e magnífico sonho de Mário.

III — Mário engrandecido

Nessa época, Mário contava vinte anos e havia três que abandonara a casa de seu avô. De ambas as partes conservava-se tudo no mesmo estado sem que tivesse havido a mínima tentativa de reconciliação, sem que ao menos diligenciassem avistar-se. No fim de contas, para que se haviam de avistar? Para haver novamente algum conflito? Qual deles cederia? Mário era o vaso de bronze, mas Gillenormand, seu avô, era a panela de ferro.

Digamo-lo em abono da verdade, Mário enganara-se na apreciação dos sentimentos de seu avô. Imaginara que Gillenormand nunca lhe tivera amizade, que aquele velho seco, ríspido e risonho, que praguejava, gritava, ameaçava e erguia a bengala apenas tinha por ele, quando muito, a afeição simultaneamente frívola e severa dos Gerontes de comédia. Nisto se enganava ele. Há pais que não têm amor aos filhos; não há, porém, um só avô que não adore os netos. Assim acontecia com Gillenormand.

O bom velho, no fundo do coração, idolatrava Mário. Idolatrava-o a seu

modo, ralhando-lhe às vezes e até batendo-lhe; mas, em todo o caso, a sua ausência causara-lhe um vácuo negro no coração, e, não obstante exigir que não lhe falassem mais dele, interiormente sentia ser obedecido tanto à risca. Nos primeiros dias. Gillenormand supôs que o bonapartista, o jacobino, o terrorista, o setembrista, voltaria, mas decorreram semanas, passaram-se meses, volveram anos, e, com grande pesar seu, o revolucionário não aparecia! «Mas eu, porventura, podia deixar de fazer o que fiz?» dizia a sós consigo o avô de Mário, e perguntava depois: «Acaso, se hoje se tornassem a dar as mesmas circunstâncias, eu tornaria a fazer o mesmo?» O seu orgulho respondia logo que sim, mas a sua cabeça de ancião, com a qual fazia um gesto silencioso, respondia tristemente que não. Mário fazia-lhe falta nas suas horas de abatimento. Os velhos precisam tanto de afeições como de sol. As afeições aquecem. Por mais ríspido que ele fosse de génio, a ausência de Mário operara-lhe grande mudança. Não haveria forças humanas que o fizessem dar um passo por aquele «velhaquete», porém, a sua falta doía-lhe, e, apesar de nunca perguntar por ele, tinha-o constantemente no pensamento. Gillenormand, que continuava a viver no Marais, cada vez mais afastado do contacto do mundo, era ainda folgazão e arrebatado como dantes, porém a sua jovialidade tinha certa dureza convulsiva, como que motivada por um sentimento de dor e de cólera, e os seus arrebatamentos terminavam sempre por um abatimento em que predominava a brandura e a tristeza. Às vezes dizia:

— Oh, se ele voltasse, sempre havia de levar uma sova de mãos de mestre!

Pelo que respeita à tia, como pensava pouco para poder amar muito, apenas se lembrava de Mário confusamente, vindo por último a ocupar-se mais do gato ou do papagaio, que é provável tivesse, do que do mancebo.

O que ainda mais aumentava a secreta mágoa de Gillenormand era que a reprimia dentro do coração, sem desabafar com ninguém nem dar mostras do que interiormente sentia. As suas penas eram como os fogões modernamente inventados, os quais queimam o próprio fumo que dentro deles se desenvolve. Sucedia às vezes alguns indiscretos oficiosos falarem-lhe de Mário e perguntarem-lhe: «O que é feito do seu neto?» O velho burguês respondia suspirando, se estava demasiadamente triste, ou sacudindo com um piparote o punho bordado, se queria parecer alegre: «O senhor barão de Pontmercy ocupa-se por aí algures em qualquer coisa!»

Ao mesmo tempo que o velho passava a sua existência ralado de saudades, aplaudia-se Mário pelo seu procedimento. Como sucede a todos os corações bem formados, a desgraça destruíra-lhe o ressentimento. Não pensava em Gillenormand senão com doçura, mas resolvera não receber mais coisa

alguma do homem «que tão mau fora para com seu pai». Era já a tradução mitigada das suas primeiras indignações. Além disto sentia-se satisfeito por ter sofrido e por sofrer ainda. Sofria por seu pai. A sua vida difícil agradava-lhe. Dizia para consigo mesmo que tudo aquilo era o menos; que era uma expiação; que, não sendo assim, seria punido de outro modo e mais tarde, pela sua ímpia indiferença para com seu pai, e um tal pai; que não seria justo que tivesse cabido a seu pai todo o sofrimento e a ele nenhum; e de mais, o que eram os seus trabalhos e privações comparados com a vida heróica do coronel? Que, enfim, a única maneira de se aproximar de seu pai e de se lhe assemelhar era ser valente contra a indigência como ele fora bravo contra o inimigo; e era isto sem dúvida o que o coronel quisera dizer nestas palavras: Escuso dizer que será digno de mim palavras que Mário continuava a trazer, não sobre o coração, porque tinha perdido o papel que as continha, mas gravadas nele.

E depois, quando seu avô o expulsara, era ele apenas uma criança, e agora era já um homem. Conhecia que o era. A miséria fora-lhe proveitosa. A pobreza na mocidade, quando é bem sucedida, tem de magnífico o voltar integralmente a vontade para o esforço constante e a alma para a aspiração. A pobreza mostra repentinamente a vida material no seu perfeito estado de nudez e torna-a hedionda; daqui os inexplicáveis voos para a vida ideal. O mancebo rico tem mil distracções brilhantes e grosseiras: as corridas de cavalos, a caça, os cães, o tabaco, o jogo, os banquetes, e o resto; ocupações dos lados baixos da alma, à custa dos mais altos e delicados. O mancebo pobre tem de trabalhar para obter o pão; come, e depois de comer só tem meditação. Frequenta os espectáculos grátis que Deus dá; contempla o espaço, os astros, as flores, as crianças, a humanidade com a qual sofre, a natureza em que resplandece. Olha tanto para a humanidade que vê a alma, olha tanto para a criação que vê Deus. Sonha e sente-se enternecer. Do egoísmo do homem que sofre, passa à compaixão do homem que medita. O sentimento que nele se manifesta é admirável: esquecimento de si e compaixão pelos outros. Pensando nos gozos sem número oferecidos pela natureza, dá e prodigaliza às almas abertas, recusa às que se conservam cerradas, e chega a lastimar, ele, o milionário de inteligência, os milionários de dinheiro. Toda a espécie de raiva lhe desaparece do coração à medida que a luz lhe penetra no espírito. E no fim de tudo, é desgraçado? Não. A miséria dum mancebo não é nunca miserável. Qualquer rapaz, seja qual for, por mais pobre que viva, com a sua saúde e vigor, o seu andar lesto e olhos brilhantes, com o sangue fervendo-lhe nas veias, cabelos pretos e faces frescas, lábios rosados, dentes brancos e hálito puro, causará sempre inveja a um imperador velho. E depois,

recomeça em cada nova manhã a ganhar o seu pão; e enquanto as mãos não trabalham para o ganhar, ganha a sua espinha dorsal mais arrogância e mais ideias o seu cérebro. Terminada a tarefa volta aos êxtases inefáveis, às contemplações, às alegrias; vive com os pés nas aflições, nos obstáculos, na calçada, nos espinhos, muitas vezes na lama, mas com a cabeça envolta em luz. E firme, sereno, meigo, pacífico, atento, sério, benévolo, sempre contente com pouco, e dá graças a Deus por lhe ter concedido as duas riquezas que faltam a muitos ricos; o trabalho que lhe dá a liberdade e o pensar que o torna digno.

Fora isto o que se passara em Mário. Chegara mesmo, para dizermos tudo, a pender demasiadamente para o lado da contemplação. No dia em que ganhara a vida, pouco mais ou menos com segurança, não se adiantara mais, mas achando que era bom ser pobre e tirando ao trabalho para dar ao pensamento. Isto quer dizer que passara algumas vezes dias inteiros a meditar, mergulhado como um visionário, em mudas voluptuosidades de êxtase e brilho interior. O problema da sua vida estabelecera-o assim; trabalhar o menos possível em trabalho material, para trabalhar o mais que pudesse em trabalho impalpável; noutros termos: dar algumas horas à vida real, e lançar o resto no infinito. Não notava, julgando não lhe faltar coisa alguma, que a contemplação assim compreendida acaba por ser uma das formas da preguiça; que se contentava com vencer as primeiras dificuldades da vida, e que repousava demasiadamente cedo.

Era evidente que para uma organização tão enérgica e generosa, não podia um tal estado deixar de ser transitório, e que, ao primeiro embate com as inevitáveis complicações do destino, Mário despertaria.

Entretanto, apesar de ser advogado, e apesar do que pensava o avô Gillenormand, não pleiteava, nem mesmo chicanava. A meditação afastara-o da advocacia. Conviver com os procuradores de causa, ter de ir ao tribunal, angariar causas, que enfado! E para quê? Não via o mínimo motivo para mudar de ganha-pão. A obscura livraria acabara por lhe dar trabalho certo, de pouca fadiga, o que lhe era suficiente.

Um dos editores para quem trabalhava, Magimel, segundo me parece, tinha-lhe oferecido alojá-lo em sua casa, dar-lhe trabalho regular e mil e quinhentos francos por ano. Ter boa casa e mil e quinhentos francos! Era decerto excelente. Mas a perda da liberdade! Ser assalariado! Ser uma espécie de literato-caixeiro! No pensar de Mário, aceitando esta vantajosa proposta, melhorava e piorava ao mesmo tempo a sua posição; ganhava comodidades e perdia dignidade; era a troca de uma infelicidade completa e bela, por uma prisão feia e ridícula; uma coisa como um cego que se tornasse

torto. Rejeitou portanto a proposta.

Mário vivia solitário. Pelo seu decidido gosto em se conservar fora de tudo, e mesmo por se ter demasiadamente desgostado da primeira vez, não tornara a entrar no grupo presidido por Enjolras. Tinham ficado em boa harmonia, prontos, a ajudar-se mutuamente, sempre que se oferecesse ocasião, mas nada mais. Mário tinha dois amigos, um moço que era Courfeyrac, o outro velho, que era Mabeuf. A sua maior inclinação era para o velho. Em primeiro lugar devia-lhe a revolução que se operara no seu modo de pensar; devia-lhe o ter conhecido e amado seu pai. *Fez-me a operação da catarata,* dizia ele.

Com efeito, a operação do sacristão de S. Sulpício fora decisiva.

E, contudo, o senhor Mabeuf naquela ocasião não fora mais do que o agente tranquilo e pacífico da Providência. Iluminara Mário por acaso, e sem o saber, como faz uma luz conduzida por alguém; fora a luz e não quem a conduzia.

Quanto à interior revolução política de Mário,

Mabeuf era completamente incapaz de a compreender, de a promover e de a dirigir.

Como mais para diante teremos de encontrar o senhor Mabeuf, não serão inúteis algumas palavras a seu respeito.

IV — O senhor Mabeuf

Na ocasião em que o senhor Mabeuf dissera a Mário: — *Certamente, aprovo as opiniões políticas —,* exprimia o verdadeiro estado do seu espírito. Todas as opiniões políticas lhe eram indiferentes e aprovava-as todas sem distinção, para que elas o deixassem tranquilo, pelo mesmo modo que os gregos chamavam às Fúrias «belas, bondosas e encantadoras» *Euménides.*

O senhor Mabeuf tinha por opinião política a apaixonada afeição às plantas, e sobretudo aos livros. Possuía como toda a gente a sua determinação em ista, sem a qual ninguém teria podido viver naquele tempo; mas não era nem realista, nem bonapartista, nem cartista, nem orleanista, nem anarquista; era alfarrabista.

Não compreendia que os homens se ocupassem a odiar-se por causa de ninharias como a Carta, a democracia, a legitimidade, a monarquia, a república, etc., quando havia no mundo toda a espécie de musgos, de ervas e de arbustos que eles podiam contemplar, e montões de *in-fólios* e até de livros em formato de 32, que podiam folhear. O senhor Mabeuf tinha o maior cuidado em não ser inútil; ter livros não o impedia de ler, ser botânico, não o privava de ser jardineiro. Quando conhecera Pontmercy, o que determinara a simpatia entre eles fora que o coronel faria pelas flores o que ele fazia pelos frutos.

O senhor Mabeuf tinha chegado a produzir peras de semente, tão saborosas como as de S. Germano; é de uma destas combinações que nasceu, segundo parece, a ameixa amarela de Outono, tão célebre hoje, e não menos perfumada do que a de Verão. Ouvia missa mais por doçura de carácter do que por devoção e porque, gostando da presença dos homens, mas odiando o seu ruído, só na igreja os achava reunidos e silenciosos.

Conhecendo que era preciso ser alguma coisa, adoptara a vida de sacristão. Enquanto ao mais, nunca conseguira amar tanto uma mulher como uma cebola de túlipa, ou estimar mais um homem do que os caracteres elzeverianos. Tinha já passado havia muito tempo os sessenta anos quando um dia lhe perguntaram:

— Nunca se casou?

— Não me lembra — disse ele.

Quando lhe sucedia algumas vezes — a quem não sucede isto? — dizer: «Se eu fosse rico» Não era nunca mirando uma bonita rapariga, como Gillenormand fazia, mas quando contemplava um alfarrábio. Vivia só com uma velha governanta. Era um tanto gotoso nas mãos, e quando dormia, os seus velhos dedos, pela força do reumatismo, curvavam-se todos nas dobras dos lençóis. Coligira e publicara *uma Flora dos arrabaldes de Cauferefz* com gravuras coloridas, obra assaz estimada, de que ele possuía as chapas, e que por si mesmo vendia. Todos os dias batiam duas ou três vezes à sua porta, na rua Mezières, por este motivo. Obtinha assim os seus dois mil francos por ano; o que resumia toda a sua fortuna. Ainda que pobre, tivera o talento de juntar, à força de paciência, de privações e de tempo, uma colecção preciosa de exemplares raros em todos os géneros. Nunca saía de casa sem levar um livro debaixo do braço, mas voltava sempre trazendo dois. A única decoração das quatro salas do rés-do-chão que, com um jardinzinho, compunham a sua habitação, consistia em herbários emoldurados e gravuras de velhos mestres. A presença de um sabre ou de uma espingarda gelava-o. Nunca na sua vida se aproximara de uma peça de artilharia, nem mesmo nos Inválidos. Tinha um estômago sofrível, um irmão cura, os cabelos todos brancos, completa falta de dentes tanto na boca como no espírito, tremura em todo o corpo, pronunciado acento picardo, riso infantil, a maior facilidade em se assustar, e o todo de um velho cordeiro. Para juntar a tudo isto, não tinha outra amizade ou relações entre os vivos, senão um velho livreiro da porta S. Jacques, chamado Royol. O seu grande sonho era naturalizar o anil em França.

A sua governanta era também uma das variedades da inocência. A pobre e excelente velha conservara-se solteira. O seu gato, chamado Sultão, que teria podido miar o miserere de Allegri na capela Sistina, preenchera-lhe o coração

e absorvera-lhe toda a quantidade de paixão de que era susceptível. Nenhum dos seus sonhos chegara até ao homem. Não pudera nunca ultrapassar o seu gato; e tinha barbas como ele. Passava o tempo, ao domingo, depois da missa, a contar a roupa que possuía na sua caixa, e a estender sobre a cama diferentes cortes de vestido, que comprava e nunca fazia. Sabia ler. O senhor Mabeuf pusera-lhe o apelido de tia Plufarco.

Mabeuf simpatizava com Mário, porque, sendo moço e de uma índole meiga, lhe aquecia a velhice sem assustar a timidez. A mocidade com doçura produz nos velhos o efeito do sol sem vento.

Quando Mário estava saturado de glória militar, de pólvora, de marchas e contramarchas, e de todas as prodigiosas batalhas em que seu pai dera e recebera tão grandes cutiladas, e ia visitar Mabeuf, este falava-lhe do herói debaixo do ponto de vista das flores.

Em 1830 morrera-lhe o irmão, abade, e quase imediatamente, como quando vem chegando a noite, se lhe toldara o horizonte de cerrada escuridão. Com a falência de certo banqueiro perdeu uns dez mil francos, que era a quanto subiam todos os seus haveres e os que herdara de seu irmão. A revolução de Julho produziu uma crise no comércio de livros. Em tempos críticos a primeira coisa que deixa de se vender é uma Flora. Por conseguinte, o consumo da Flora dos arredores de Cauferetz cessou de súbito. Passavam-se semanas sem se vender um só exemplar. Às vezes, Mabeuf estremecia a um toque de campainha, cuidando que seria algum comprador. A tia Plutarco, porém, chegava-se a ele e dizia-lhe tristemente: «É o aguadeiro». Em suma, um dia, Mabeuf deixou a rua de Mezières, abdicou das funções de sacristão, renunciou a S. Sulpício, vendeu uma parte, não dos seus livros, mas das estampas que era o que menos apreciava e foi estabelecer-se numa casinha do boulevard Montparnasse, onde, todavia, morou apenas três meses, por duas razões: a primeira porque o andar térreo e o jardim custavam trezentos francos, e ele não ousava gastar mais do que duzentos para renda de casa; a segunda, porque ficava próximo à escola de tiro de Fatou, e por consequência a cada instante estava a ouvir tiros de pistola, o que se lhe tornava insuportável.

Pegou, pois, na sua Flora, nas chapas, nos seus ervários, carteiras e livros, e foi estabelecer-se ao pé da Salpêtrière, numa espécie de choupana da aldeia de Austerlitz, onde, por cinquenta escudos anuais, tinha três salas e um jardim, murado por uma sebe e com poço. Aproveitou-se desta mudança para vender quase todos os seus móveis. No dia em que deu entrada na sua nova morada, andou sempre muito alegre e foi ele próprio que pregou os pregos para as gravuras e ervários, gastando o resto do dia em tirar as ervas ao jardim. A

noite, vendo a tia Plutarco com ar triste e modo pensativo, bateu-lhe no ombro e disse-lhe, sorrindo: «O anil temos nós!»

Só duas pessoas, o livreiro da porta de S. Jacques e Mário, tinham permissão de visitá-lo na sua choupana de Austerlitz, nome bombástico que, a falar a verdade, lhe era sumamente desagradável.

Como acabamos de indicar, os cérebros absorvidos numa ciência ou numa mania, ou, o que frequentes vezes se dá, em ambas as coisas juntamente, apenas lentamente se tornam permeáveis às coisas da vida. Até do próprio destino andam remotos. Resulta, portanto, destas concentrações numa possibilidade, que, se fosse razoável, pareceria filosofia. Declina o indivíduo, desce, exaure-se, abate-se, quase sem dar por tal. Acaba isto sempre, é verdade, por um despertar, porém tardio. No entanto, parece que se conserva neutro na luta que se trava entre a sua boa e má sorte. É ele o objecto da luta e olha para ela com indiferença.

Foi assim que por entre a escuridão que se operava em torno de Mabeuf, e desvanecendo-se todas as suas esperanças uma após outra, ele ficara sereno, algum tanto pueril, porém profundamente. Os hábitos do seu espírito tinham o movimento oscilatório de uma pêndula.

Uma vez que uma ilusão lhe desse corda, trabalhava por muito tempo, mesmo depois de ter acabado a ilusão. Um relógio não pára repentinamente na ocasião em que perdemos a chave dele.

Mabeuf tinha prazeres inocentes. Eram prazeres pouco custosos e inesperados; o menor acaso lhos ocasionava.

Um dia, a tia Plutarco lia um romance em voz alta a um canto do quarto, parecendo-lhe que assim compreendia melhor o que lia. Ler em voz alta é afirmar cada um a si mesmo o que lê. Há pessoas que lêem em voz tão alta que parecem estar a asseverar a si mesmas debaixo de palavra de honra aquilo que lêem.

A tia Plutarco lia pois com essa energia o romance que tinha na mão e Mabeuf ouvia sem a escutar.

No decurso da sua leitura, tratando-se nela de um oficial de dragões e de uma bela, chegou à seguinte frase:

«...A bela boudha e o dragão...»

Neste ponto interrompeu-se para limpar os óculos.

— Boudha e o Dragão — repetiu Mabeuf a meia voz. — É isso, não há dúvida; houve um dragão que do fundo do seu antro lançava chamas pela boca, as quais incendiavam o céu. Já muitas estrelas haviam sido queimadas por este monstro, que de mais a mais tinha garras de tigre. Então Boudha foi ao antro dele e conseguiu converter o dragão. É um bom livro esse que está a

ler, tia Phutarco. Não há lenda mais bonita.

Em seguida embrenhou-se em profunda meditação.

V — Pobreza, boa vizinha da miséria

Mário sentia grande predilecção por esse velho cândido, que se via lentamente surpreendido pela indigência, o que lhe causava pouco a pouco um certo espanto sem contudo se entristecer.

Mário encontrava Courfeyrac e procurava Mabeuf. Isto era contudo raro; sucedia, quando muito, uma ou duas vezes no mês.

Mário gostava de dar longos passeios solitários pelos boulevards exteriores, ou pelo campo de Marte ou pelas ruas menos frequentadas do Luxemburgo. As vezes passava uma tarde inteira a olhar para uma horta, para os canteiros de cebolas, a ver esgaravatar as galinhas ou um cavalo a mover a roda de uma nora. Os que passavam contemplavam-no maravilhados e alguns achavam-lhe um aspecto suspeito e até sinistro. E ele não era mais do que um mancebo pobre, meditando ao acaso.

Foi num desses passeios que ele descobriu o casebre Gorbeau, e como o tentasse o isolamento do lugar e o baixo preço da casa, alugou-a, sendo conhecido nela só pelo nome de senhor Mário.

Alguns dos antigos generais ou dos antigos camaradas de seu pai, depois que souberam quem ele era, convidaram-no a ir visitá-los e Mário não recusava, porque eram ocasiões de falar de seu pai. Deste modo ia de tempos a tempos visitar o conde de Pajol, o general Bellavesne, o general Fririon, que estavam nos Inválidos. Tocava-se, cantava-se, e Mário nessas noites vestia o fato dos dias solenes. Porém nunca ia a tais reuniões nem a tais bailes senão quando tudo estava coberto de geada, porque não podia pagar o aluguer de uma carruagem e queria chegar com as botas como espelhos.

Nas horas de amargura, dizia ele algumas vezes:

— Os homens são de tal modo organizados, que numa sala poder-se-á estar enlameado em toda a parte, menos nas botas. Numa sala ninguém nos exige, para sermos recebidos, senão uma coisa irrepreensível. Não é a consciência, são as botas.

Todas as paixões, a não ser as do coração, se dissipam com o hábito da meditação. Foi assim que as febres políticas de Mário se desvaneceram A revolução de 1830 concorrera também para isso, satisfazendo-o e pacificando-o. Ficava o mesmo, menos, porém, quanto às suas iras, porque tinha ainda as mesmas opiniões, apenas algum tanto modificadas. Em rigor, o mancebo não tinha opiniões, tinha simpatias. De que partido era ele? Do partido da humanidade. De entre a humanidade, porém, escolhia a França; de entre a nação, o povo; de entre o povo, a mulher. Era para ela que a sua compaixão

tendia principalmente. Actualmente preferia uma ideia a um facto, um poeta a um herói e ainda admirava mais um livro como Job do que um acontecimento como Marengo. Além disto, quando após um dia de meditação, voltava à noite pelos boulevards, e por entre os ramos das árvores divisava o espaço sem fundo, os clarões sem nome, o abismo, a escuridão, o mistério, tudo o que simplesmente é humano lhe parecia bem pequeno.

Ele supunha ter, e talvez tivesse efectivamente, atingido a realidade da vida e da filosofia humana, chegando por fim a não contemplar senão o céu, única coisa que a verdade pode ver do fundo do seu poço.

Todavia, isto não obstava a que ele multiplicasse os seus planos, combinações, castelos no ar e projectos de futuro. No estado de abstracção em que andava, quem lhe tivesse devassado o que dentro dele se passava ficaria maravilhado da pureza daquela alma.

Na verdade, se nos fosse dado penetrar com os olhos da carne na consciência dos outros, julgaríamos com mais segurança um homem pelo que ele devaneia do que pelo que ele pensa. O pensamento é dominado pela vontade, o devaneio não. O devaneio, que é absolutamente espontâneo, toma e conserva, mesmo no gigantesco e no ideal, a figura do nosso espírito. Não há coisa que mais directa e profundamente saia do fundo da nossa alma do que as nossas aspirações irreflectidas e desmesuradas para esplendores do destino. Nestas aspirações é que se pode descobrir o verdadeiro carácter de cada homem, melhor do que nas ideias compostas, coordenadas e discutidas. As nossas quimeras são o que melhor nos parece. Cada qual devaneia o incógnito e o impossível, conforme a sua natureza.

Por meados do ano de 1831, a velha que o servia, contou a Mário que iam ser postos na rua os seus mesquinhos vizinhos Jondrette. Mário, que quase era hóspede em casa, mal sabia que tinha vizinhos.

— Porque os põem na rua? — perguntou ele.

— Por não pagarem a renda, de que já devem dois meses.

— E a quanto montam os alugueres vencidos?

— A vinte francos — respondeu a velha.

— Pegue lá — disse-lhe o mancebo. — Aí tem vinte e cinco francos. Pague o aluguer dessa pobre gente, dê-lhe os cinco francos e não diga que sou eu.

VI — O substituto

Quis o acaso que o regimento de que Teodulo era tenente, viesse destacado para Paris, o que deu ocasião a uma segunda ideia da tia Gillenormand.

Da primeira vez lembrara-lhe mandar espiar Mário por Teodulo; da segunda resolveu fazer suceder Teodulo a Mário.

No caso em que o avô viesse a sentir uma vaga necessidade de um rosto

jovem em casa, pois às ruínas são às vezes agradáveis estes raios de aurora, era necessário tratar de arranjar outro Mário. Seja, disse ela consigo, é uma simples errata, como as que se vêem nos livros. Em vez de Mário, lê-se Teodulo.

Um sobrinho é quase um neto; na falta de um advogado, serve mesmo um lanceiro.

Um dia de manhã, indo Gillenormand a principiar a ler a Quotidiana, ou coisa semelhante, entrou sua filha e disse-lhe com o tom de voz mais meigo que pôde, pois tratava-se do seu favorito:

— Meu pai, Teodulo vem hoje apresentar-lhe os seus respeitos.

— Quem é Teodulo?

— É o seu sobrinho.

— Ah! — exclamou o avô.

E continuou a ler, sem se tornar a lembrar de tal sobrinho, que era para aí um Teodulo qualquer, e não tardou a agastar-se seriamente, o que lhe sucedia todas as vezes que lia. É que «a folha» que ele tinha na mão, realista já se vê anunciava para o outro dia sem reserva nenhuma um dos acontecimentos quotidianos do Paris de então: «Que os estudantes da Faculdade de Direito e de Medicina deviam reunir-se na praça do Panteon ao meio-dia para deliberarem. Tratava-se de uma das questões da ocasião: da artilharia da guarda nacional, e de um conflito entre a guarda nacional e «a milícia cívica», por causa de umas peças assestadas no pátio do Louvre». Os estudantes, pois, deviam deliberar a esse respeito. Não era preciso tanto para exaltar o senhor Gillenormand.

Lembrou-se de Mário, que era estudante, e que provavelmente iria como os outros «deliberar ao meio-dia na praça do Panteon».

Quando ele estava nesta cogitação dolorosa, entrou Teodulo, vestido à paisana, discretamente introduzido pela filha de Gillenormand.

O lanceiro fizera o seguinte cálculo: «O druida não tem tudo em rendas vitalícias. Por isso vale a pena disfarçar-me em paisano de tempos a tempos».

— Aqui tem seu sobrinho Teodulo — disse a filha de Gillenormand a seu pai em voz alta.

E acrescentava em voz baixa para o tenente:

— Aprova tudo.

E retirou-se.

O tenente, pouco acostumado a entrevistas tão veneráveis, balbuciou com alguma timidez:

— Bons dias, meu tio — e fez uma cortesia mista, composta do esboço involuntário e maquinal da continência militar, terminada por uma saudação

burguesa.

— Ah, és tu! Está bem, senta-te — disse o avô.

Dito isto, esqueceu-se completamente do lanceiro.

Teodulo sentou-se e Gillenormand levantou-se e pôs-se a passear de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, falando em voz alta e apertando nos dedos hirtos os dois relógios de algibeira que costumava trazer consigo.

— Corja de fedelhos! Convocarem-se para a praça do Panteon! Só com uma tranca! Criançalhos que ainda têm os cueiros atrás da porta! Se lhes apertassem o nariz ainda deitavam leite! E vão deliberar amanhã ao meio-dia! A que tempos chegámos! A que tempos chegámos! Está bem de ver que caminhamos para o abismo! Foi para onde nos conduziram os descamisados! Artilharia cívica! Deliberar sobre a artilharia cívica! Irem fazer de meninos bonitos por causa das surriadas da guarda nacional! E com quem eles vão misturar-se! Vejam até onde pode levar o jacobinismo! Aposto tudo quanto quiserem, um milhão contra um real, que não hão-de encontrar lá outra gente senão homens que já estiveram presos ou nas galés. Republicanos e forçados é tudo gente da mesma estofa, e por isso se dão perfeitamente. Carnot dizia: «Para onde queres que eu vá, traidor?» E Fouché respondia: «Para onde quiseres, pedaço de asno!» Aí está o que são os republicanos.

— É exacto — disse Teodulo.

Gillenormand voltou a cabeça um quase nada, viu Teodulo e continuou:

— Quando me lembro que aquele tratante teve a pouca vergonha de se fazer carbonário! Para que saíste de minha casa? Para te ires fazer republicano. Puh! Primeiro, o povo não quer lá saber da tua república, não quer nada com ela, porque tem juízo, porque sabe que sempre tem havido reis, porque sabe que o povo, afinal de contas, é sempre o povo, e por isso está-se nas tintas para a tua república; ouves, pacóvio! Há maior descaramento? Namoriscar-se do *Père Duchêne,* fazer fosquinhas à guilhotina, cantar romanzas e tocar guitarra debaixo das janelas de 93, dá mesmo vontade de cuspir na cara a estes rapazelhos, por serem tão pedaços de asnos! E então são-no todos. Não escapa um só. Basta respirar o ar que passa na rua para se tornarem insensatos. O século dezanove é um veneno. Qualquer velhaco que deixe crescer a barba de bode julga-se um tratante de marca e manda tratar das bombas os parentes velhos. É republicano, é romântico. Que vem a ser isto de romântico? Fazem favor de me dizer o que isto é? Todas as tolices possíveis. Há um ano andava tudo à Hernâni. Sabem-me dizer o que vem cá a ser *Hernâni!* Antíteses! Coisas abomináveis que nem em francês se acham escritas. E ainda por cima ralham de mandarem pôr peças no pátio do Louvre! É para ver como são os salteadores do tempo de agora.

— Tem razão, meu tio — disse Teodulo.

Gillenormand continuou:

— Peças no pátio do Museu! Para quê? Que me queres tu, canhão? Querem metralhar o Apoio de Belveder? Que têm que ver os cartuxos com a Vénus de Medíeis? Oh! Estes rapazes de agora são tudo uma corja de patifes! E esse borra-botas desse Benjamin Constant, que eles trazem nas palminhas? E os que não são celerados são uns patetas. Fazem tudo o que podem para se tornarem feios; andam mal trajados, têm medo das mulheres, quando se juntam com elas têm uns modos de pelintras que fazem estourar de riso as raparigas; palavra de honra que se lhes podia chamar os pobres envergonhados do amor! São disformes e estúpidos. Repetem os equívocos de Tiercelin e de Potier, trazem casacas-sacos, coletes de lacaio, camisas de pano grosseiro, calças de pano grosso, botas grossas, e a ramagem parece-se com a plumagem. Usam de uma algaraviada tão baixa como quem a emprega. E todos estes criançalhos têm opiniões políticas! Para bem, havia de ser severamente punido ter opiniões políticas. Fabricam sistemas, refazem a sociedade, destroem a monarquia, derrubam todas as leis, põem o celeiro no lugar da adega e o meu porteiro no lugar do rei, remexem a Europa toda, reedificam o mundo e têm por grande fortuna ver as pernas às lavadeiras ao subirem para os carros! Ah, Mário, grande maroto! Ir vociferar para o meio de uma praça pública! Discutir, debater, tomar medidas! Eles chamam a isto tomar medidas! Santo nome de Deus! A desordem cada vez se agourenta mais e se torna mais tola! Já vi o caos, agora vejo mas é um esterquilínio. Estudantes a deliberarem sobre a guarda nacional! Isto nem entre os Ogibbewas ou os Cadodachos! Os selvagens que andam completamente nus, com a cabeça enfeitada como um volante de vaqueta e de clava na mão, são menos brutos do que estes bacharéis. Uma súcia de pobretões sem eira nem beira... de onde saem os sábios! E deliberam e raciocinam! Está o mundo a acabar! Somos chegados com toda a certeza ao fim deste miserável globo terráqueo. Faltava um soluço final; dá-o a França. Deliberai, meus tratantes! Isto há-de dar-se enquanto eles forem ler os jornais para debaixo das arcadas do Odeon. Custa-lhes tal leitura um soldo, e nela sacrificam o seu bom-senso, a sua inteligência e o seu espírito. Todos os jornais trazem a peste consigo, todos, sem mesmo exceptuar a *Bandeira Branca!* No fundo, Martainville era um jacobino. Ah, justo céu! Podes-te gabar de que fizeste afligir bem teu avô!

— Isso é evidente — atalhou Teodulo.

E, aproveitando a ocasião em que Gillenormand tomava a respiração, o lanceiro acrescentou magistralmente:

— Para bem, não havia de haver mais jornal nenhum senão o Monitor, e

um único livro, o Anuário Militar.

Gillenormand prosseguiu:

— É como com o tal seu Sieyèa, um regicida que vem a acabar senador! Pois é onde eles vão bater. Andam para aí a atordoar-se com o tu, cidadão isto, cidadão aquilo, para afinal virem a fazer-se tratar por senhor conde. Senhor conde do que eu agora não digo! O filósofo Sieyès! Bem fiz eu ao menos, que nunca dei mais importância às filosofias de todos estes filósofos do que aos óculos do palhaço de Tivoli! Um dia vi passar os senadores pelo cais Malaquias, de mantos de veludo roxo, semeados de abelhas, e com chapéu à Henrique IV. Metiam medo. Pareciam os macacos da corte do tigre. Cidadãos, declaro-vos que o vosso progresso é uma loucura, a vossa humanidade um devaneio, a vossa revolução um crime, a vossa república um monstro, que a vossa nova França donzela sai do lupanar e assevero-vos a todos, quem quer que sejais, publicistas ou economistas, legistas ou mais conhecedores de liberdade, igualdade e fraternidade do que o gume da guilhotina. É o que lhes digo, meus ricos!

— Lá isso é assim! — exclamou o tenente. — Não há nada mais verdadeiro.

Gillenormand interrompeu um gesto que ia a fazer, voltou-se, fitou os olhos nos do lanceiro e disse a Teodulo:

— És um parvo.

LIVRO SEXTO — CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

I — A alcunha: modos de formar nomes de família

Mário era nesta época um interessante rapaz, de estatura mediana, espessos cabelos negros, fronte alta e inteligente, narinas abertas e apaixonadas, ar sincero e sereno, e em todo o rosto certa indefinível expressão de altivez, melancolia e inocência. O seu perfil, cujos lineamentos eram suaves sem que deixassem de ser firmes, possuía a doçura germânica de que a fisionomia francesa participa pela Alsácia e pela Lorena, e a completa carência de ângulos que tornava tão conhecidos os sicambros entre os romanos e que distingue a raça leonina da raça aquilina. Mário achava-se na quadra da vida em que o espírito dos homens pensativos é composto quase em proporções iguais de gravidade e singeleza. Posta uma situação grave, Mário possuía tudo o que era necessário para ficar inerte, ou para se tornar sublime, se dessem à chave mais uma volta. As suas maneiras eram reservadas, frias, polidas e pouco expansivas. Dotado de uma linda boca, de lábios purpurinos, de dentes alvos como poucos, corrigia-lhe o sorriso a expressão severa da fisionomia. Em certas ocasiões tornava-se um singular contraste aquela fronte casta e aquele sorriso voluptuoso. Mário tinha olhos pequenos, mas o olhar grande.

No tempo em que em piores circunstâncias se achara, o mancebo notava que as raparigas se voltavam para trás quando ele passava, e deitava a fugir ou se escondia, profundamente contristado. Julgava que elas o fitavam para se rirem do seu usado trajo, mas a verdade era que elas só se voltavam, porque o achavam gracioso e que continuavam o seu caminho com ele no pensamento.

Este mundo equívoco entre ele e as lindas transeuntes viera por último a torná-lo insociável. De entre tantas, o mancebo não escolheu uma só, pela concludente razão de que de todas fugia. Assim viveu por muito tempo estupidamente, como dizia Courfeyrac.

Courfeyrac dizia-lhe também:

— Não aspires a tornar-te venerável (os dois amigos tratavam-se por tu, ao que entre mancebos facilmente se chega). Um conselho, meu caro. Não leias tanto nos livros e olha alguma coisa para as codornizes. As brejeiras têm bocadinhos de ouro, Mário! A força de lhes fugir e de corar, hás-de vir a embrutecer-te.

Outras vezes Courfeyrac encontrava-se com ele e dizia-lhe:

— Olá, padre!

Quando Courfeyrac lhe jogava algum gracejo desta natureza, Mário durante oito dias ainda mais fugia de se encontrar com mulheres e muito

principalmente com Courfeyrac.

Duas mulheres, porém, encerrava a imensa criação, de quem Mário não fugia nem nas quais fazia reparo. Realmente, se alguém lhe dissesse que as duas criaturas de que falamos eram mulheres, o mancebo ficaria admiradíssimo. Uma era a velha barbada que lhe arrumava o quarto e de quem Courfeyrac dizia:

— Mário, como vê que a criada usa barbas, corta as dele.

A outra era uma rapariga, se o era, que ele via muitas vezes, mas para quem nunca olhava.

Havia mais de um ano que Mário numa álea deserta do Luxemburgo, a que corre paralela ao parapeito da Pepinière, notava um homem e uma jovem quase sempre sentados juntos no mesmo banco, na extremidade mais solitária da álea do lado da rua de Oeste. Todas as vezes que o acaso, que dirige os passeios das pessoas pensativas, conduzia Mário àquela álea, o que acontecia quase todos os dias, encontrava ele ali sempre aquele par. O homem, que indicava ter sessenta anos, parecia triste e sério; a sua figura oferecia o robusto, mas cansado aspecto de um militar reformado. Se ele trouxesse ao peito alguma condecoração, Mário diria: «É algum antigo oficial». Tinha um ar de bondade, mas pouco animador, e o seu olhar nunca se fixava em ninguém. O seu trajo consistia numas calças azuis, um casacão da mesma cor, um chapéu de abas largas, que ainda pareciam novos, uma gravata preta e uma camisa de *quaker*, quer dizer de deslumbrante brancura, mas de pano grosso. Um dia, uma costureirinha ao passar por ele disse:

— Ora aqui está o que se chama um viúvo asseado!

Este personagem tinha os cabelos, alvíssimos.

Quando a jovem que o acompanhava veio pela primeira vez sentar-se com ele no banco, que parecia terem ambos adoptado, inculcava ter treze ou catorze anos, e era tão magra, que quase se tornava feia, desajeitada, insignificante, mas possuidora de uns olhos que prometiam vir a ser extremamente belos. Fitava-os, porém, com uma ousadia que causava má impressão. Usava o trajo ao mesmo tempo senil e infantil das recolhidas de um convento, que consistia num desairoso vestido de grosseiro merino preto. Pareciam ser pai e filha.

Mário examinou durante dois ou três dias este homem idoso, que ainda se não podia chamar velho, e esta jovem, que ainda se não podia chamar mulher, e depois não tornou mais a fazer reparo neles, que pela sua parte parecia que nem sequer viam o mancebo, conversando ambos com perfeita serenidade e indiferença. A jovem tagarelava sempre jovialmente; o velho falava pouco e de quando em quando fitava na donzela uns olhos cheios de uma inefável

paternidade.

Mário, que contraíra maquinalmente o hábito de ir passear para esta álea, encontrava-os ali sempre.

Eis como o caso se passava:

O mancebo chegava pela extremidade da álea oposta ao banco em que eles se achavam, caminhava pela álea adiante, passava por eles, depois voltava até à extremidade por onde tinha vindo e recomeçava como da primeira vez. Repetia este movimento de vaivém cinco ou seis vezes por semana, sem que entre ele e os dois personagens sentados no banco se chegasse alguma vez a trocar uma saudação. Conquanto, porém, aquele velho e aquela jovem parecessem, ou talvez por isso mesmo que pareciam evitar os olhares, tinham, como era natural, excitado mais ou menos a curiosidade dos cinco ou seis estudantes que de tempos a tempos iam passear para a Pepinière, os estudiosos depois das suas aulas, e outros depois da sua partida de bilhar. Courfeyrac, que era um dos segundos, observara-os algum tempo; porém, como a jovem lhe parecesse feia, retirou-se apressadamente e com todo o cuidado. Deitara a fugir como um lacedemónio, dardejando-lhes uma alcunha. Impressionado somente do vestido da jovem e dos cabelos do velho, pusera à filha o nome de Mademoiselle *Lanoire,* ao pai o de Monsieur *Leblanc*, e em tal hora foi, que, como ninguém lhes sabia o verdadeiro nome, a alcunha pegou e os estudantes diziam:

— Lá está Monsieur Leblanc sentado no seu banco!

E Mário do mesmo modo que os outros, achava cómodo tratar também por senhor Leblanc aquele desconhecido personagem.

Faremos pois como eles e adoptaremos a alcunha para maior facilidade da nossa narrativa.

Assim os viu Mário quase todos os dias e à mesma hora durante um ano. O velho agradava-lhe, mas achava a jovem desengraçada.

II — Lux facta est

Precisamente no segundo ano, no ponto desta história a que o leitor chegou, sucedeu que Mário sem que mesmo soubesse porquê, interrompeu aquele hábito de ir ao Luxemburgo, estando perto de seis meses sem pôr os pés na sua álea favorita. Um dia, enfim, voltou ali; era uma serena manhã de Verão e Mário sentia-se alegre, como sucede quando o tempo está agradável. Parecia-lhe que tinha no coração o canto de todas as aves que ouvia e todas as porções de folhagem do arvoredo.

Foi direito à «sua álea», e quando chegou ao fim, avistou ainda no mesmo banco, o par já conhecido. Quando se aproximou viu que o homem era o mesmo que dantes; a pequena é que lhe pareceu mudada. A jovem que agora

via, era uma alta e bela criatura, tendo todas as formas mais encantadoras da mulher no momento preciso em que elas se combinam ainda com as mais ingénuas graças da criança; momento fugitivo e puro, que só se pode traduzir pelas duas palavras: quinze anos. Tinha admiráveis cabelos castanhos escuros com certos cambiantes doirados, uma fronte que parecia de mármore, faces que se diriam compostas de folhas de rosas, mas um tanto pálidas, uma alvura transparente, uma boca primorosa, donde o sorriso saía como uma claridade e a palavra como uma música, uma cabeça que Rafael teria dado a Maria, sobre um pescoço que Jean Goujon teria dado a Vénus. Enfim, para que nada faltasse àquela encantadora fisionomia, o nariz não era belo, era bonito; nem recto nem curvo, nem italiano nem grego; era o nariz parisiense, com o não sei quê de espirituoso, de fino, de irregular e de puro, que desespera os pintores e encanta os poetas.

Quando Mário passou por diante dela não pôde ver-lhe os olhos, que conservava constantemente baixos. Apenas lhe viu as compridas pestanas castanhas, carregadas de sombra e de pudor.

Isto não impedia que a linda criança se sorrisse ouvindo o que lhe dizia o homem dos cabelos brancos; e não havia nada tão arrebatador como aquele fresco sorriso com os olhos baixos.

No primeiro momento, Mário julgou que era outra filha do mesmo homem, uma irmã, sem dúvida, da primeira. Mas quando o invariável itinerário do passeio o fez passar segunda vez junto do banco e a examinou com mais atenção, reconheceu ser a mesma. Em seis meses tornara-se a menina quase uma senhora; eis toda a diferença. Não há fenómeno mais frequente do que este. Há um momento em que as meninas desabrocham num abrir e fechar de olhos, e em que de repente se tornam rosas. Ontem deixaram-se crianças, hoje acham-se inquietadoras.

Aquela não só tinha crescido, mas tinha-se idealizado. Como três dias de Abril são suficientes a certas árvores para se cobrirem de flores, assim seis meses lhe bastaram para ela se cobrir de beleza. Também tinha chegado o seu Abril.

Vêem-se às vezes pessoas que, pobres e mesquinhas, parecem despertar passando subitamente da indigência ao fausto, principiando a fazer despesas de toda a qualidade, tornando-se de repente salientes, pródigas e magnificentes. É o efeito de alguma grande pensão, cujo primeiro prazo se venceu ontem. Do mesmo modo a donzela chegara também ao termo do seu semestre.

Já não era a recolhida de outrora com o seu chapéu de pelica, o seu vestido de merino, os seus sapatos de rapaz de escola e as suas mãos vermelhas; com

a beleza viera-lhe o gosto; era uma jovem bem trajada com uma espécie de simples, rica e despretensiosa elegância. Trazia um vestido de damasco preto, um mantelete da mesma fazenda e um chapelinho de crepe branco. Adivinhava-se-lhe através das alvas luvas a delicadeza daquela mão que brincava com o cabo de uma sombrinha de marfim chinês, e desenhava-lhe o borzeguim de seda a pequenez do pé. Quem por ela passava sentia um penetrante olor de juventude exalando-se-lhe da roupa.

Quanto ao velho que a acompanhava, em nada tinha mudado.

Da segunda vez que Mário passou por diante da jovem, esta levantou as pálpebras e deixou ver uns profundos olhos azuis celestes, mas a expressão do seu olhar era ainda simplesmente a do olhar de uma criança. Olhou para Mário com a mesma indiferença com que olharia para o gaiatozinho, que andava a brincar debaixo dos sicómoros, ou para o vaso de mármore que assombrava o banco em que ela se achava; e Mário continuou também o seu passeio com o pensamento noutra coisa.

Passou depois mais quatro ou cinco vezes próximo dela, mas sem ao menos lhe deitar os olhos.

Nos dias que se seguiram voltou, como de costume, ao Luxemburgo; como de costume, lá encontrou o «pai e a filha», porém não mais fez reparo neles. Tanto pensava na jovem agora que ela era bela, como quando ela era feia. Continuava a passar próximo do banco em que ela ia sentar-se, porque era esse o seu costume.

III — Efeitos da Primavera

Certo dia, estando o ar tépido, o Luxemburgo inundado de sombra e sol, o céu puro como se os anjos o tivessem lavado pela manhã cedo, os passarinhos soltando os seus costumados gorjeios na espessura dos castanheiros, Mário tinha aberto toda a sua alma à natureza, e, alheado de tudo, vivia e respirava. Nesse dia, passando próximo do célebre banco, a jovem ergueu os olhos para ele e os dois olhares encontraram-se.

Que havia desta vez no olhar da jovem? Nem Mário o poderia dizer. Não havia nada e havia tudo. Foi um estranho relâmpago aquele.

Ela baixou os olhos e ele continuou o seu caminho.

O que o mancebo acabava de ver não era o simples e ingénuo olhar de uma criança, era uma misteriosa voragem que se tinha entreaberto e repentinamente fechado.

Há um dia na vida das donzelas em que todas assim olham. Desgraçado então daquele sobre quem esse olhar se fita!

Esse primeiro olhar de uma alma que ainda se não conhece a si mesma é como a aurora no céu. É o despontar de um mistério esplendoroso. Não há

palavras que traduzam o perigoso encanto desse inesperado clarão que se derrama, improvisando luz em trevas adoráveis e que se compõem de toda a inocência do presente e de toda a paixão do futuro. É uma espécie de ternura indecisa que se revela ao acaso e que espera. É um laço que arma sem o saber a inocência e em que sem querer e sem o esperar apanha os corações. É uma virgem com olhar de mulher.

Raro acontece que no coração daquele sobre quem esse olhar se fita não se desenvolva o gérmen de uma melancolia profunda. Nesse raio de luz fatalmente celeste, que melhor do que os mais estudados olhares da coquete possui o mágico poder de fazer subitamente desabrochar no recôndito de uma alma essa misteriosa flor cheia de olores e venenos, chamada amor, encerram-se todas as purezas e canduras.

À noite, ao recolher-se ao seu modesto albergue, Mário deitou os olhos à roupa que trazia, e pela primeira vez reparou que tinha a indecência, a inconveniência, a inaudita estupidez de ir passear para o Luxemburgo com o seu trajo «ordinário», quer dizer, com um chapéu amassado, umas botas que pareciam as de um carrejão, umas calças pretas, porém, já todas coçadas nos joelhos, e um casaco preto, também já todo russo nos cotovelos.

IV — Princípio de uma grave doença

No dia seguinte, à hora do costume, o mancebo tirou do armário o seu casaco novo, calças novas, chapéu e botas novas, e depois de vestir esta armadura completa e calçar umas luvas, o que nele era um artigo de luxo raras vezes visto, partiu para o Luxemburgo.

No caminho encontrou Courfeyrac, e como fez que o não vira, Courfeyrac, quando se recolheu a casa, disse aos seus amigos:

— Encontrei agora o chapéu e o casaco novo de Mário, levando-o a ele dentro. Sem dúvida ia fazer algum exame porque levava mesmo cara de parvo!

Chegando ao Luxemburgo, Mário deu uma volta em redor do lago, pôs-se a observar os cisnes e depois ficou em demorada contemplação diante de uma estátua que tinha a cabeça coberta de musgo e um quadril decepado. Ao pé do lago estava um barrigudo burguês de quarenta anos, dizendo para um rapazinho de cinco anos, que trazia pela mão:

— Foge dos excessos, meu filho; conserva-te a igual distância do despotismo e da anarquia.

Mário aplicou o ouvido ao que o burguês dizia, em seguida deu outra volta em redor do lago e por fim dirigiu-se para a «sua álea», porém, lentamente e como que a custo. Dir-se-ia que uma força oculta o impelia e ao mesmo tempo o retinha. Ele, porém, de nada disto tinha consciência e julgava fazer o

que fazia todos os dias.

Desembocando na álea, avistou no extremo oposto e «no seu banco», o senhor Leblanc e a jovem, abotoou a casaca, puxou-a por todos os lados para que não fizesse rugas, examinou com certa complacência os lustrosos reflexos das calças e dirigiu-se para o banco. O seu andar era como o do soldado que se dispõe para o ataque, pelo menos caminhava com certo ar de conquista. Eu digo que ele se dirigiu para o banco como se dissesse que Aníbal marchou sobre Roma.

No fim de contas, os seus movimentos eram todos maquinais: não interrompera de modo algum as habituais preocupações do seu espírito e dos seus trabalhos. Naquele momento pensava em que o Manual do Bacharelado era um livro estúpido, e que forçosamente fora redigido por verdadeiros e raros cretinos, para que ali se analisassem como obras-primas três tragédias de Racine e apenas uma comédia de Molière. Sentia nos ouvidos uma espécie de agudo assobio. Aproximando-se do banco, desfazia com a mão as rugas do fato e não afastava os olhos da jovem. Parecia-lhe vê-la preencher toda a extremidade da álea com vago clarão azulado.

À medida que se aproximava, demorava cada vez mais o passo. Chegando a certa distância do banco, muito antes do fim da álea, parou, e não pôde saber como foi que voltou para trás. Nem sequer chegou a dizer a si mesmo que não ia até ao fim. A jovem mal o teria podido avistar de longe e ver a bela presença que lhe dava o seu fato novo. Entretanto, ele conservava-se muito direito, para apresentar bom aspecto, na suposição de que fosse notado por alguém que se lhe achasse pela parte de trás.

Chegou afinal ao extremo oposto, depois voltou, mas então aproximou-se um pouco mais do banco. Chegou mesmo até à distância de três intervalos de árvores; mas ali sentiu não sei que impossibilidade de continuar a adiantar-se e hesitou. Julgara ter visto o rosto da jovem voltar-se para ele. Todavia fez um esforço viril e violento para suplantar a hesitação e continuou a avançar. Ao cabo de poucos segundos passava pela frente do banco, direito e firme, vermelho até às orelhas, sem olhar para a direita nem para a esquerda, e com a mão metida na abotoadura do casaco, como qualquer estadista. No momento em que passava sob a artilharia da praça sentiu palpitar o coração de um modo medonho. Como na véspera, a jovem tinha o seu vestido de damasco e o seu chapéu de tule. Mário ouviu uma voz inefável, que devia ser a «sua voz». Conversava tranquilamente. Era muito linda. Mário conhecia-a, apesar de não intentar vê-la. Ela, contudo, pensava o mancebo, não poderia deixar de ter estima e consideração por mim, se soubesse ser eu o verdadeiro autor da dissertação sobre Marcos Obregon de la Ronda, que Francisco de

Neufchâteau pôs, como sendo sua, na frente da sua edição de *Gil Braz*.

Mário ultrapassou o banco, foi até à extremidade da álea, que ficava muito próxima, e voltou de novo, para passar ainda pela frente da jovem. Desta vez estava em extremo pálido. Mas afinal não experimentava senão uma sensação muito desagradável. Afastou-se do banco e da jovem; e mesmo voltando as costas, imaginava que ela o observava, e isto fazia-o tropeçar.

Não intentou mais aproximar-se do banco; parou no meio da álea e ali, coisa que nunca fizera, sentou-se, olhando de revés, e pensando, nas profundidades menos distintas do seu espírito, que no fim de tudo era difícil que as jovens de quem ele admirava o chapéu branco e o vestido preto, fossem absolutamente insensíveis às suas calças lustrosas e ao seu casaco novo.

Passado um quarto de hora levantou-se, como se fosse recomeçar o passeio para o lado do banco, que parecia rodeado por uma auréola. Contudo ficou de pé e imóvel. Pela primeira vez, ao cabo de quinze meses, disse consigo que o sujeito que ali ia sentar-se todos os dias com a jovem, tinha já, decerto, reparado nele e provavelmente achado estranha a sua assiduidade.

Pela primeira vez também achou que era de pouca reverência designar o desconhecido, mesmo no segredo do seu pensamento, pela alcunha de senhor Leblanc.

Conservou-se assim por alguns instantes cabisbaixo, e fazendo desenhos na areia com uma varinha que tinha na mão.

Depois voltou de repente pelo lado oposto ao banco, onde estavam o senhor Leblanc e a filha e regressou a casa.

Naquele dia esqueceu-se de jantar. Só às oito horas da noite deu pelo esquecimento; e como era demasiadamente tarde para ir à rua de S. Jacques, disse para consigo: «Ora adeus!» E comeu um pedaço de pão.

Não se deitou porém senão depois de ter escovado e dobrado o casaco com todo o cuidado.

V — Caem vários raios sobre «Mame» Bougon

No dia seguinte, mame Bougon, como Courfeyrac, que não respeitava coisa nenhuma, chamava à velha porteira principal locatária e criada do casarão Gorbeau, cujo verdadeiro nome, como já dissemos, era Madame Bougon mame Bougon, estupefacta, reparou que Mário tornava a sair de casaco novo.

Efectivamente, o mancebo voltou ao Luxemburgo, porém não passou além do seu banco do meio da álea, no qual, como no dia antecedente, se sentou, contemplando de longe e vendo distintamente o chapelinho branco, o vestido preto e especialmente o clarão azul. Não se mexeu do lugar em que estava, recolhendo a casa somente quando se fecharam as portas do Luxemburgo.

Como não tivesse visto o senhor Leblanc e sua filha retirar-se, concluiu que tinham saído pela grade que fica do lado da rua de Oeste. Passado tempo, quando tudo o que passara então lhe veio ao pensamento, não pôde, por mais que fizesse, lembrar-se onde fora jantar nesse dia.

Ao outro dia, que era o terceiro, foi mame Bougon fulminada com terceiro raio. Mário tornou a sair com o casaco novo.

— Três dias a fio! — exclamou ela.

Bem tentou segui-lo para o espreitar, porém, Mário andava depressa e tinha o passo larguíssimo; era como um hipopótamo no encalço de uma cabra montês. Perdeu-o de vista, portanto, dentro de dois minutos, e recolheu-se a casa esbaforida, quase sufocada pela asma, furiosa.

— Trazer a roupa melhor a uso e dar estafas destas à gente! — rosnou ela. — Isto só de quem não tem juízo nenhum!

Mário caminhara em direcção ao Luxemburgo.

A jovem e o senhor Leblanc lá estavam. Mário aproximou-se-lhes o mais que lhe foi possível, fingindo ler num livro, mas ficou ainda muito longe, e foi depois sentar-se num banco, onde se demorou quatro horas, a ver saltar de um para outro lado os pardais, que pareciam zombar dele.

Decorreram assim quinze dias. Mário ia ao Luxemburgo, não já para passear, mas para ir sentar-se no mesmo lugar, e sem saber porquê. Depois de ali chegar não se mexia. Vestia em cada dia o fato novo, apesar de não se mostrar, e recomeçava no dia seguinte. Ela era decididamente dotada de maravilhosa beleza.

A única observação que se poderia fazer semelhante a uma crítica, era a contradição entre o olhar, que era triste, e o sorriso, que era alegre, lhe dava ao rosto um tanto ou quanto de desvairamento, o que era origem de que em certos momentos aquele meigo rosto se tornasse extraordinário, sem deixar de ser encantador.

VI — Mário prisioneiro

Estava Mário, num dos últimos dias da semana, como costumava, sentado no seu banco, com um livro aberto na mão, do qual havia duas horas não voltava uma única folha. De repente estremeceu. Passava-se o que quer que era no extremo em que estava o outro banco. O senhor Leblanc e sua filha acabavam de se levantar, a jovem dera o braço a seu pai e dirigiam-se ambos para o meio da álea onde estava Mário; este fechou o livro, tornou depois a abri-lo, e fez diligência para ler. Mário tremia. A auréola tomava a sua direcção. «Meu Deus!» pensava ele. «Nem terei tempo de tomar uma atitude». Entretanto, o homem de cabelos brancos e a jovem continuavam a avançar. Mário julgava que isto durava havia um século, quando não era mais

do que um segundo. «O que vêm eles fazer para este lado?» perguntou a si mesmo. «O quê! Pois ela vem passar por aqui Os seus pés vão pisar a areia desta álea a dois passos de mim!» Sentia-se transtornado, desejava ser belo, quisera ter ao peito uma condecoração. Ouvia aproximar-se o ruído suave e cadente de seus passos e imaginava que o senhor Leblanc lhe lançava olhos irritados. «Dar-se-á o caso que me venha falar?» pensava. Em seguida baixou a cabeça; quando a ergueu vi-os quase ao pé de si. A jovem passou e olhou para ele e fitou-o com uma doçura pensativa, que o fez estremecer desde os pés até a cabeça. Pareceu-lhe que o repreendia de ter estado tanto tempo sem se lhe aproximar e que lhe dizia: Sou eu que me aproximo. Mário sentiu-se deslumbrado na presença daquelas pupilas cheias de raios e de abismos, que lhe acendiam como que uma fogueira no cérebro. Vir ela ter com ele, que júbilo! E olhá-lo como ela o olhou! Mais bela do que nunca se lhe afigurou naquela hora! Bela de uma beleza a um tempo feminina e angélica, de uma beleza completa que faria cantar Petrarca e curvar o joelho a Dante. Parecia-lhe que se sentia librado na amplidão do espaço, quando realmente o torturava a aflição de se ver com as botas cobertas de pó.

E Mário acreditava piamente que ela lhe tinha olhado também para as botas.

Seguiu-a com os olhos até a perder de vista e depois principiou a passear pelo Luxemburgo como um louco. É provável que por vezes se risse consigo só e falasse em voz alta. É certo que fitava com tal ternura as amas de meninos que por ali andavam também a passear, que cada qual o julgava enamorado de si.

Passado algum tempo saiu do Luxemburgo, na esperança de se tornar a encontrar com a donzela na rua.

Ao chegar às arcadas do Odeon, encontrou Courfeyrac e disse-lhe:

— Anda daí jantar comigo!

E lá foram ambos para o Rousseau, onde gastaram seis francos. Mário comeu como um lobo. Deu seis soldos ao criado que os serviu e à sobremesa disse para Courfeyrac:

— Já leste o jornal onde vem o belo discurso de Audry de Puyraveau?

O mancebo estava loucamente enamorado.

Depois de jantar disse para Courfeyrac:

— Anda daí ao teatro, que eu pago!

E foram a caminho da Porta de S. Martinho ver o actor Frederico na Estalagem dos Adrefs. Mário divertiu-se a não poder mais.

Nem assim, porém, o abandonou o predomínio da sua natural intratabilidade. Na ocasião em que saiu do teatro voltou a cara para não ver

as pernas a uma modista que ia a saltar uma enxurrada, e ao ouvir dizer a Courfeyrac: «Quem ma dera cá para a minha colecção!», estremeceu quase horrorizado.

Courfeyrac convidou-o para irem no dia seguinte almoçar ao café Voltaire. Mário foi e comeu ainda mais do que no dia antecedente. Estava pensativo, mas muito alegre. Dir-se-ia que aproveitava todas as ocasiões de rir às gargalhadas. Apresentaram-lhe um provinciano que nunca na sua vida conhecera e ele abraçou-o com toda a cordialidade. Havendo-se formado em volta da mesa um círculo de estudantes, que se entretinham a falar das tolices vomitadas do alto das cadeiras da Sorbonna, tolices que ficavam ao Estado por bom dinheiro, a conversa recaiu sobre as faltas e lacunas dos dicionários, e prosódias de Quicherat, e quando a discussão estava mais animada, Mário interrompeu-a para exclamar.

— Mas hão-de confessar que é uma agradável coisa o ser condecorado!

— Ora isto é que é uma ratice! — disse Courfeyrac em voz baixa a Jean Prouvaire.

— E eu digo que é uma coisa muito séria — respondeu Jean Prouvaire.

E era-o, efectivamente. Mário estava nessa primeira hora violenta e cheia de encantos que preludia as grandes paixões.

Tudo isto operara-o um olhar.

Quando se acha carregada a mina, quando estão aparelhados os materiais do incêndio, não há coisa mais simples. Um olhar é uma faísca.

Acabara tudo. Mário amava uma mulher. O seu destino principiava a envolver-se nas dobras do mistério.

O olhar das mulheres assemelhava-se a certas máquinas de numerosas rodas, na aparência tranquilas, na realidade medonhas. Todos os dias passamos por elas sossegados, alheados do pensamento de um perigo, impunes da nossa descuidosa serenidade. Uma ocasião chega em que até da sua existência nos mostramos olvidados. Giramos em torno a elas, falamos, rimos e de repente sentimo-nos apanhados, e tudo acaba! Travou de nós a máquina, apanhou-nos o olhar. Apanhou-nos, pouco importa porque parte ou como, por qualquer parte do vosso pensamento que andava alheada, por alguma distracção que tiveste. Estais perdido. Sereis arrebatado em peso por esse olhar. Apoderar-se-á de vós um encadeamento de forças misteriosas. Em vão vos debateis, que todo o socorro dos homens se vos torna impossível. Ides cair de roda em roda, de angústia em angústia, de tortura em tortura, vós, o vosso espírito, a vossa fortuna, o vosso porvir, a vossa alma; e dessa horrorosa máquina saireis, ou desfigurado pela vergonha ou transfigurado pela paixão, conforme tiverdes caído, ou em poder de uma criatura má ou em poder de um

nobre coração.

VII — Aventuras da letra U entregue a conjecturas

O isolamento, o desapego de tudo, o orgulho, a independência, o amor da natureza, a falta de actividade quotidiana e material, o viver íntimo, as secretas lutas da castidade, o êxtase benévolo em presença de todos os objectos da criação, haviam preparado Mário para essa posse chamada paixão. O culto que ele tributava a seu pai pouco a pouco convertera-se em religião, e, como toda a espécie de religião, retirara-se-lhe para o fundo da alma. Era, pois, necessário alguma coisa no primeiro plano. Veio o amor.

Decorreu um mês, durante o qual Mário nem um só dia faltou no Luxemburgo. Chegada a hora, não havia forças que o retivessem.

— Está de serviço — dizia Courfeyrac.

Mário vivia em sucessivos arrebatamentos, porque é caso averiguado que a donzela lhe fitava os olhos todas as vezes que podia.

Mário, por último, viera a fazer-se ousado, aproximando-se o mais que podia do banco, sem, todavia, tornar a passar por diante dele, no que juntamente obedecia ao instinto da timidez e ao instinto da prudência dos namorados. Julgando útil, pois, não atrair a «atenção do pai», combinava as suas paragens por trás das árvores e dos pedestais das estátuas, com profundo maquiavelismo, de modo a tornar-se visível o mais que podia para a jovem e o menos possível ao velho que passava por seu pai. Às vezes permanecia imóvel por mais de meia hora à sombra de um Leónidas ou de um Espártaco, conforme os topava a jeito, segurando na mão um livro, por cima do qual iam os seus olhos meigamente fitar-se na donzela: ela voltava-se para o lado do mancebo com um sorriso vago que lhe expandia em graças o donairoso rosto, e ao mesmo tempo que natural e sossegadamente recreava os ouvidos do ancião com a meiguice das suas palavras, fazia estremecer o mancebo com a sensação que nele ia produzir o seu virginal e apaixonado olhar. Antigo manejo, de data imemorial, que Eva aprendeu no primeiro dia da existência do mundo e que todas as mulheres sabem desde o primeiro dia da sua vida! Com a boca respondia a um, com os olhos correspondia às mudas falas do coração do outro.

Devemos porém acreditar que o senhor Leblanc viera, por último, a suspeitar de alguma coisa, porquanto às vezes, logo que Mário chegava, ele erguia-se e principiava a passear. Afinal, abandonara o costumado pouso dos seus passeios quotidianos e fora tomar posse do banco que ficava ao pé da estátua do Gladiador, na outra extremidade da rua, como para ver se Mário os seguiria. Mário, que não percebeu o ardil, cometeu, efectivamente, a falta de os seguir e, desde então, «o pai» principiou a ser menos exacto nas

regularidades dos seus passeios e a não trazer «a filha» quotidianamente como dantes, vindo algumas vezes só. Nesse caso, Mário não ficava. Outra falta.

O mancebo, porém, não dava importância a estes sintomas. Da fase da timidez passara, por uma progressão natural, mas nem por isso menos fatal, à fase da cegueira. Só conhecia que o seu amor aumentava de dia a dia e que de noite não era outro o objecto constante dos seus sonhos. Para maior desgraça, sucedera-lhe uma aventura inesperada, que foi como um deitar pólvora no lume, um espessar-se-lhe mais a venda que já lhe tapava os olhos. Uma tarde, à luz crepuscular que lhe povoava o espaço de visões etéreas, encontrou no banco em que «o senhor Leblanc e sua filha» costumavam estar sentados, um lenço sem bordados nem lavores, mas branco, fino, que lhe pareceu rescender inefáveis aromas. Apoderou-se dele com transporte e viu que estava marcado com as iniciais U. F.; Mário nada sabia daquela graciosa jovem, nem a respeito da sua família, nem do seu nome, nem da sua morada; eram aquelas duas letras a primeira coisa que a respeito dela colhia, duas iniciais adoráveis, sobre as quais imediatamente começou a construir castelos movediços a qualquer empuxão da realidade. U, com certeza, era o nome de baptismo.

— Úrsula! — disse ele a sós consigo. — Que delicioso nome!

E após haver beijado, aspirado, sorvido em sôfregos aulos os olores perfumados daquele tão simples, tão desornado lenço, colocou-o junto ao coração, junto à carne, de dia, e à noite sobre os lábios, para que mesmo dormindo lhe coassem bem dentro os eflúvios rescendentes daquela amorosa relíquia.

— Sinto a alma dela neste lenço! — exclamava ele.

Aquele lenço tão apaixonadamente arrecadado pelo enamorado mancebo era do velho, que por inadvertência o deixara cair do bolso.

Nos dias que se seguiram ao precioso achado, o mancebo aparecia sempre no Luxemburgo beijando o lenço e apertando-o contra o coração. A graciosa jovem não o percebia naquela linguagem muda da sua paixão e disso o advertia por meio de sinais imperceptíveis.

— Quanto pode o pudor! — dizia Mário.

VIII — Até os próprios inválidos podem ser felizes

Já que pronunciámos a palavra pudor, e também porque não ocultamos nada, diremos que apesar de tudo houve uma ocasião, no meio dos seus êxtases, em que a «sua Úrsula» lhe deu sério motivo de queixa.

Foi num dos dias em que ela convencera o senhor Leblanc a deixar o banco e a passear na álea. A brisa soprava fresca agitando os cimos dos plátanos. O pai e a filha, de braço dado, foram passar por diante do banco de Mário. Este,

apenas eles passaram, levantou-se e seguiu-os com a vista, como é próprio de tais situações, nas quais a alma está desvairada.

De repente, uma rajada de vento mais forte, provavelmente encarregada de produzir os efeitos da Primavera, precipitou-se do viveiro sobre a álea, envolveu a jovem num arrebatador estremecimento, digno das ninfas de Virgílio e dos faunos do Teócrito, e levantou-lhe o vestido, aquele vestido mais sagrado do que a túnica de Ísis, até quase à altura da liga, deixando ver uma perna de forma irrepreensível.

Mário viu-a. Ficou exasperado e furioso.

A jovem baixara rapidamente o vestido com um movimento divinamente assustado, mas nem por isso Mário ficara menos indignado. Era verdade que estava só na álea, mas podia ali ter estado alguém. E se estivesse! Pois pode compreender-se semelhante coisa? Fora horrível o seu procedimento! A pobre criança não fizera coisa alguma, não houvera senão um culpado: o vento. Mas Mário, em quem estremecia confusamente o Bártolo contido em Querubim, decidira-se a ficar descontente e sentia-se cioso da sua sombra. É assim, com efeito, que se desperta no coração humano e que se impõe mesmo sem direito, o amargo e extravagante ciúme da carne. No fim de tudo, mesmo apesar do ciúme, não tivera para ele nada agradável a vista daquela encantadora perna; a meia branca da primeira mulher que aparecesse, ter-lhe-ia causado maior prazer.

Quando a «sua Úrsula», depois de ter chegado à extremidade da álea, voltou para trás com o senhor Leblanc, e passou por diante do banco em que Mário tornara a sentar-se, lançou-lhe este um olhar ferozmente zangado. A jovem fez um movimento acompanhado de ligeiro erguer de pálpebras, que significa: «Ora esta! O que tem ele?» Foi este o «primeiro arrufo».

Acabava de ter lugar entre a jovem e Mário esta muda cena, em que um ao outro só com os olhos falaram, quando pela álea passou um sujeito. Era um inválido, alquebrado, de fronte encanecida e arregoada pelo arar do tempo, senão pelo queimar do sol dos combates, com uniforme do tempo de Luís XV, com a cruz de S. Luís do soldado ao peito, a qual consiste num retalho de pano vermelho de forma oval com duas espadas cruzadas, e afora isto ornado com uma manga de casaco sem braço, de uma perna de pau e de um queixo de prata. Apesar de tudo afigurou-se ao mancebo ver no rosto daquela estranha criatura um ar de satisfação, que estaria longe de apresentar outro a quem tão graves mutilações tivesse feito a espada inflexível da guerra. Pareceu-lhe até que, quando o cínico velho passou por ele bamboleando donairosamente a sua perna de proveniência estranha, lhe piscara o olho com o mais fraternal e prazenteiro gesto, como se acaso ambos estivessem em inteligência e

pudessem saborear em comum as delícias de alguma boa patuscada. Que razões de contentamento teria aquele despontado raio de Marte? Que se tinha passado entre esta perna de pau e a outra de carne, que a voluptuosidade da brisa estival não poupara aos seus lascivos ósculos? Mário chegou a sentir-se confrangido nos paroxismos do ciúme, «De certo ele estava por aqui e viu!» E, ao mesmo tempo que dizia isto em monólogo interior, vinha-lhe de ímpeto ao coração o desejo indomável de dar cabo do decepado inválido.

Porém, o tempo tudo desgasta e tudo com ele se adoça. Embora em extremo justa e legítima, a cólera de Mário contra «Úrsula» passou, como passam todas as coisas desta vida, e ele veio enfim a perdoar, não, contudo, sem grande esforço. Antes de atingido este resultado, andaram os namorados três dias mudamente desavindos.

No entanto, apesar de tudo isto e por causa de tudo isto, recrudescia o fogo da paixão e já quase atingia o extremo da loucura.

IX — Eclipsa

Viu-se já como Mário descobriu ou lhe pareceu descobrir que ela se chamava Úrsula. O amor é insaciável. Saber que ela se chamava Úrsula, que muito fora, já agora lhe parecia pouco: dentro de três ou quatro semanas devorara esta ventura, e, portanto, queria outra. Queria saber onde ela morava.

Não contente, pois, com a sua primeira falta, que o fora e grande, deixar-se cair na armadilha do banco do Gladiador; não satisfeito com a segunda, que tão desassisadamente cometera em sair do Luxemburgo quando via que Leblanc chegava só; cometeu ainda terceira, e esta imensa seguiu Úrsula.

A sua Úrsula morava no lugar mais deserto da rua do Oeste, numa casa nova de três andares, de modesta aparência.

A partir desse dia, ao prazer de a ver no Luxemburgo, juntava Mário o de segui-la sempre até casa.

A sua fome, porém, como a sede dos hidrópicos, que mais se ateia, se mais a tentam apagar, aumentava.

Já sabia como ela se chamava, isto é, sabia-lhe o nome de baptismo pelo menos; já sabia onde ela morava; quis também saber quem ela era. Para isto, depois de os ter seguido uma tarde até à entrada de casa e vê-los subir a escada que do portal comunicava com o interior, foi-lhes resolutamente no encalço e desassombradamente perguntou ao porteiro:

— Este senhor que agora entrou, não é o que mora no primeiro andar?

— Não, senhor. O que entrou mora no terceiro.

Ousado com o próspero resultado, resolveu levar mais longe as averiguações.

— Para o lado da frente? — continuou ele.

— Ora, a pergunta não está má! — exclamou o porteiro. — A casa não tem traseiras.

— E que ocupação é a deste sujeito, sabe? — replicou Mário.

É um rendeiro e homem de bons sentimentos.

Conquanto não tenha lá grandes riquezas, favorece os infelizes como outros que têm muito e não o fazem.

— Sabe-me dizer como se chama? — tornou Mário.

O porteiro, porém, em vez de responder à pergunta, fitou-lhe os olhos e disse-lhe:

— O senhor é espião?

Mário saiu dali corrido e vexado, porém satisfeito com o feliz sucesso das suas pesquisas e informações que ia colhendo.

— Bem — disse ele consigo. — Já sei que se chama Úrsula, que é filha de um rendeiro e que mora no terceiro andar daquela casa da rua do Oeste.

No dia seguinte, Leblanc e a filha apareceram no Luxemburgo, porém demoraram-se muito menos do que o costume, retirando-se ainda dia claro, seguidos de Mário, que foi atrás deles até à entrada de casa, como costumava. Ao chegarem à porta, Leblanc deixou passar a filha adiante, parou antes de transpor o limiar da porta e depois voltou atrás e pôs-se a olhar fixamente para Mário.

No outro dia, Mário esperou por eles, mas debalde. Os dois assíduos frequentadores do Luxemburgo não apareceram.

Ao escurecer, Mário dirigiu-se para a rua do Oeste, e como nas janelas do terceiro andar visse luz, pôs-se a passear na rua até que a luz se apagou.

No dia seguinte, nem vivalma no Luxemburgo. Mário esperou todo o dia, e como não visse quem ele esperava, foi fazer a sua ronda nocturna debaixo das, janelas da casa da rua do Oeste, que durou até às dez horas. O seu jantar constava do que o acaso lhe deparava. A febre sustenta o enfermo, o amor o namorado.

Desta maneira se passaram oito dias. No Luxemburgo nunca mais tornaram a aparecer nem Leblanc nem sua filha. Mário fazia tristes conjecturas, porém, receoso, não se atrevia a espionar de dia a modesta casa dos dois entes a que andava ligado o seu destino. Contentava-se em ir de noite contemplar o avermelhado clarão que se coava pelas vidraças, a espaços entenebrecido pelo perpassar de umas sombras, que lhe faziam pulsar o coração aligeirado nos estros da comoção.

Ao oitavo dia, quando chegou debaixo das janelas, não viu luz.

— Ora esta! Ainda não acenderam o candeeiro, não obstante ser já noite

fechada! Terão eles saído?

Dito isto, esperou até às dez horas, até à meia-noite, até à uma hora. Ao ver, porém, que em todo este tempo nem nas janelas do terceiro andar apareceu luz, nem para aquela casa entrava vivalma, saiu dali com o coração atribulado.

No dia seguinte pois o mancebo vivia só das esperanças do outro dia, desde que para ele, permitam-nos a expressão, já não havia hojes no dia seguinte, não encontrando ninguém no Luxemburgo, como já esperava, dirigiu-se para a casa da rua do Oeste. Nem sinal de luz nas janelas; estavam corridas as persianas do terceiro andar e tudo completamente às escuras. Mário bateu à porta, entrou e disse para o porteiro:

— O inquilino do terceiro andar está em casa?

— Mudou-se — respondeu o porteiro.

Mário cambaleou, mas perguntou ainda com voz sumida:

— Há quanto tempo?

— Ontem.

— E onde mora agora, faz favor de me dizer?

— Isso não sei.

— Então ele não disse onde era a sua nova morada?

— Não, senhor.

E, como o porteiro o reconhecesse, exclamou:

— Ah, é o senhor! O senhor decididamente é espião, não tem que ver!

LIVRO SÉTIMO — PATRON-MINETTE

I — As minas e os mineiros

Em todas as sociedades humanas há aquilo a que nos teatros se dá o nome de *entresolo.* O solo social é todo minado, ora para o *bem,* ora para o mal, e essas minas são sobrepostas. Há as superiores e inferiores. Tem altos e baixos esse escuro subterrâneo, cavado sob a civilização, por cima do qual nós passeamos com descuidada indiferença. No século passado, a Enciclopédia era uma mina quase sem abóbada As trevas que chocaram o cristianismo primitivo esperavam apenas ensejo oportuno para rebentarem debaixo dos Césares e inundarem de luz o género humano. Porquanto, nas trevas sagradas há luz latente. Os vulcões estão cheios de trevas susceptíveis de disparar em clarões. Toda a lava principia por escuridão. As catacumbas onde se disse a primeira missa não eram só os covais de Roma, eram também o subterrâneo do mundo.

Por baixo do edifício social existem as variadas escavações que constituem a complicada maravilha de um edifício em ruínas. Existe a mina religiosa, a mina filosófica, a mina política, a mina económica, a mina revolucionária. Uma cavada com ideia, outra com o algarismo, outra com a cólera. Ouvem-se as vozes dos que chamam de uma catacumba para a outra, e os chamados e as que chamam mutuamente se respondem. As utopias caminham por canais subterrâneos, ramificam-se em todas as direcções, e às vezes encontram-se e fraternizam. Então Jean Jacques empresta o seu picão a Diógenes e este empresta-lhe a sua lanterna. Outras vezes combatem-se, e então Calvino trava de Socino pelos cabelos. Mas nada faz parar ou interromper a tensão de todas estas energias para o seu fim, nem a vasta actividade simultânea que vai e vem, sob e desce, e torna a subir no meio daquelas obscuridades, voltando lentamente o de cima para baixo e o de fora para dentro: espécie de formigueiro ignorado, mas imenso. A sociedade mal suspeita estas escavações que lhe deixam a superfície e lhe mudam as entranhas. Quantos são os andares subterrâneos, outros tantos trabalhos diferentes, outras tantas extracções diversas. Que sai de todas estas subterrâneas escavações? O futuro.

Quanto mais vai afundando o edifício, mais misteriosos são os operários. Até certo degrau que o filósofo social sabe conhecer é bom o trabalho; desse degrau para baixo torna-se duvidoso e misto; quanto mais fundo mais terrível. A certa profundidade já as escavações não são penetráveis ao espírito de civilização, acaba o limite respirável ao homem; principiam a ser possíveis os monstros.

É singular a escala descendente, mas cada um desses degraus corresponde a um andar, em que a filosofia pode firmar-se e onde sempre se encontra algum desses obreiros, umas vezes divinos, outras disformes. Por baixo de Jean Huss está Lutero; por baixo de Lutero está Descartes; por baixo de Descartes, Voltaire; por baixo de Voltaire, Condorcet; por baixo de Condorcet, Robespierre; por baixo de Robespierre, Marat; por baixo de Marat, Babeuf. E assim por diante. Mas no fundo, confusamente, no limite que separa o indistinto do invisível, divisam-se outros homens sombrios que talvez ainda não existam. Os de ontem são espectros; os de amanhã são larvas Obscuramente os distinguem os olhos do espírito. O trabalho embrionário do futuro é uma das visões do filósofo.

Que singular aspecto o de um mundo nos limbos em estado de feto!

Nesse mundo existem também em minas laterais Saint-Simon, Owen, Fourier.

Com efeito, posto que uma divina cadeia invisível una uns aos outros, sem que eles o saibam, esses viandantes subterrâneos, que quase sempre se julgam isolados e não o estão, os seus trabalhos são muito diversos e a luz de uns contrasta com o resplendor dos outros. Uns são paradisíacos, os outros trágicos. Contudo, por maior que seja o contraste, todos estes obreiros, de cima até baixo, desde o mais ajuizado até ao mais tolo, têm entre si a semelhança do desinteresse. Marat olvida o que é, como Jesus Põem-se a si de lado, omitem-se, não se lembram de si, vêem outra coisa sem ser as suas próprias pessoas. Olham, mas o seu olhar procura o absoluto. O primeiro tem o céu todo nos olhos; o último, por mais enigmático que seja, ainda assim tem por baixo do sobrolho o pálido clarão do infinito. Faça ele o que fizer, venerai sempre o que tiver este sinal a pupila estrela.

A pupila sombra é o outro sinal.

Nela tem seu princípio o mal. Fronte sem olhar, tremei e fugi dela. A ordem social também tem mineiros negros.

Há um ponto, porém, em que o afundar é cavar uma sepultura em que a luz se apaga.

Por baixo de todas estas minas de que acabamos de fazer menção, de todas estas galerias, de todo este imenso sistema venoso, subterrâneo do progresso e da utopia, bem pela terra dentro, abaixo de Marat, abaixo de Babeuf, mais abaixo, muito mais, e sem nenhuma relação com os andares superiores, existe a última cova Lugar formidável, que é ao que nós demos o nome de entresolo. É o fosso das trevas, a cova dos cegos. *Inferi.*

Isto comunica com os abismos.

II — O «Bas-fond»

Aí desaparece o desinteresse e divisa-se o vago esboço do demónio; içada qual para si. O *eu* sem olhos uiva, procura, apalpa e rói. Existe nesse pego o Ugolino social.

As figuras ferozes que giram nessa cova, quase animais, quase fantasmas, não se ocupam do progresso universal, cuja ideia ignoram; só cuidara de saciar-se cada uma a si mesma Quase lhes falta a consciência, e parece haver uma espécie de amputação terrível dentro delas. São duas as suas mães, ambas madrastas: a ignorância e a miséria. O seu guia é a necessidade; e para todas as formas da satisfação, o apetite. São brutalmente vorazes, quer dizer, ferozes; não à maneira de tirano, mais a maneira do tigre. Do sofrimento passam estas larvas ao crime; filiação fatal, geração aterradora, lógica das trevas. O que roja pelo entresolo social não é a reclamação sufocada do absoluto; é o protesto da matéria. Torna-se aí dragão o homem. Ter fome e sede, é o ponto de partida; ser Satanás, é o ponto de chegada. Esta cova produz Lacenaine

Viu-se há pouco no livro quarto, um dos compartimentos da mina superior, da grande cova política, revolucionária e filosófica, onde, como acabou de ver, é tudo nobre, puro, digno, honesto; onde, sem dúvida, é possível um engano, e efectivamente se dão; mas onde o erro se torna digno de respeito, tão grande é o heroísmo a que anda anexo. O complexo do trabalho que aí se opera chama-se Progresso.

Chegou porém o momento de se entrever outras profundidades, as profundidades hediondas.

Por baixo da saciedade, insistamos neste ponto, existirá sempre a grande caverna do mal, enquanto não chegar o dia da dissipação da ignorância.

Esta cova fica por baixo de todas e é a inimiga de todas. É o ódio sem excepção. Esta não conhece filósofos; o seu punhal nunca aparou penas. A sua negrura não tem nenhuma relação com a sublime negrura da escrita. Nunca os negros dedos que se crispam debaixo desse tecto asfixiante folhearam um livro ou abriram um jornal. Para Cartucho, Babeuf é um especulador para Schinderhannes, Marat é um aristocrata. O alvo desta cova é abismar tudo,

Tudo. Inclusive as covas superiores que esta aborrece de morte. No seu medonho formigar, não mina somente a ordem social: mina a filosofia, mina a ciência, mina o direito, mina o pensamento humano, mina a civilização, a revolução, o progresso. Tem simplesmente o nome de roubo, prostituição, homicídio e assassínio. É trevas, quer o caos. A sua abóbada é formada da ignorância.

Todas as outras, as de cima, têm por único alvo suprimi-la, alvo para o qual tendem a filosofia e o progresso, por todos os seus órgãos, juntamente, tanto

pelo melhoramento do real, como pela contemplação do absoluto. Destruí a cova Ignorância, e tereis destruído a toupeira do Crime.

Condensemos em poucas palavras uma parte do que acabamos de escrever. O único perigo social é a Treva.

Humanidade, quer dizer identidade. Os homens são todos do mesmo barro. Na predestinação não há diferença nenhuma, ao menos neste mundo. A mesma sombra antes, a mesma carne agora, a mesma cinza depois. Mas a ignorância misturada com a massa humana enegrece-a. Essa negrura comunica-se ao interior do homem e converte-se no Mal.

III — Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse

Quatro bandidos, Claquesous, Gueulemer, Babet e Montparnasse, governavam o entressolo de Paris, pelos anos de 1830 a 1835. Gueulemer era um Hércules em disponibilidade. O seu antro era o esgoto do Arche-Mariom. Tinha seis pés de altura, peito de mármore, músculos de bronze, uma respiração de caverna, cintura e ombros de colosso, crânio de pássaro. Dir-se-ia o Hércules Farnésio vestido com calças de cotim e jaqueta de veludinho. Construído desse modo escultural, Gueulemer seria capaz de domar monstros; achara, porém, mais simples ser ele mesmo um. Testa curta, fontes amplas, quarenta anos incompletos, e pés de pato, cabelo áspero e curto, faces salientes, barba como pêlos de porco-espinho; eis o esboço deste homem. Os seus músculos solicitavam o trabalho, a sua estupidez rejeitava-o. Era uma grande força preguiçosa, um assassino por indolência. Dizia-se que este Gueulemer era crioulo. Como em 1815 fora carrejão em Avinhão, talvez tivesse convivido com o marechal Brune. Acabado este tempo de prática, passara a ser bandido.

A transparência de Babet contrastava com a corpulência de Gueulemer. Babet era magro e instruído e, apesar de transparente, impenetrável. Via-se-lhe a luz através dos ossos, mas através das pupilas, nada. Declarava-se químico. Havia sido licorista no estabelecimento de Bobeche, palhaço com Bobino, e além disto actor de farsas em Saint-Mihiel. Era um homem de propósito, bem falante, que sublinhava os seus sorrisos e punha comas nos seus gestos. Consistia o seu modo de «vida em andar a vender pelas ruas bustos de gesso e retratos do chefe do Estado. Além disto também tirava dentes. Em tempos andara mostrando fenómenos pelas feiras, nas quais levantava barraca, chamando os espectadores com trombetas e este cartaz: «Babet, artista dentista, membro das academias, faz experiências físicas sobre metais e metalóides, extirpa dentes, tira as arnelas abandonadas pelos seus colegas. Preços: um dente, um franco e cinquenta cêntimos: dois, dois francos; três, dois francos e cinquenta cêntimos. Aproveitar da ocasião». Este

«aproveitar da ocasião» queria dizer: quanto maior número de dentes tirardes, melhor. Babet tinha casado e tido filhas, porém não sabia o que era feito nem da mulher nem dos filhos. Perdera-os como quem perde o lenço. Por uma excepção, raríssima no obscuro mundo a que ele pertencia, Babet lia jornais. Uma ocasião, no tempo em que ele ainda trazia consigo a família na sua barraca ambulante, lera no *Mensageiro* que uma mulher tinha dado à luz uma vivedoura criança com focinho de touro, e exclamara: «Isto é que é ser feliz! Não é minha mulher capaz de me arranjar assim um pequeno!»

Depois abandonara tudo para «tentar Paris», para nos servirmos da sua expressão.

Quem vinha a ser Claquesous? Era a escuridão. Para se mostrar esperava que o céu se enfarruscasse de negro. À noite saía de um buraco, em que tornava a entrar antes de ser dia. Onde ficava essa cova? Ninguém o sabia No meio da mais completa escuridão, aos seus cúmplices só falava de costas voltadas. Chamava-se Claquesous? Não. *O meu nome*, dizia ele, *é Nada.* Se aparecia alguma vela, punha logo uma máscara. Era ventríloquo. *Claquesous é um nocturno a duas vozes,* dizia Babet Claquesous eravago, errante, terrível. Não se sabia se ele tinha nome, visto que Claquesous era uma alcunha; não se sabia se tinha voz, visto que falava mais com o ventre do que com a boca; nem se tinha rosto, visto que nunca ninguém lhe Vira mais do que a máscara. Este homem desaparecia como uma visão e aparecia como quem irrompe das entranhas da terra.

Criatura lúgubre, Montparnasse. Montparnasse era uma criança de vinte anos incompletos, bonito rosto, lábios rubros, lindos cabelos pretos, olhos resplandecentes do brilho da Primavera; Montparnasse tinha todos os vícios e aspirava a todos os crimes. Era o gaiato convertido em *voyou* e o *voyou* convertido em escarpa. Era gentil, efeminado, gracioso, robusto, lânguido feroz. Trazia a aba do chapéu revirada para dar lugar ao tufo dos cabelos, como era moda em 1829. Montparnasse vivia de roubar com violência. O casacão que trazia era bem feito, mas já usado Montparnasse era uma gravura de modas, cheia de miséria e cometendo homicídios. A causa de todos os atentados deste adolescente era o desejo de andar bem trajado. A primeira costureira que lhe disse:

— És belo! — impusera-lhe uma missão de trevas ao coração e fizera deste Abel um Caim.

Achou-se bonito, quis ser elegante; ora a principal elegância é a ociosidade e a ociosidade do pobre é o crime. Poucos vadios havia mais temidos do que Montparnasse. Aos dezoito anos já tinha por trás de si um rasto de muitos cadáveres. Mais de um viandante jazia de braços estendidos na sombra deste

miserável, com o rosto num lago de sangue. Frisado, embanhado, cintura delgada, espáduas de mulher, busto de oficial prussiano, admirado das prostitutas do boulevard, *casse-tête* no bolso, flor ao peito; eis o retrato deste peralta do sepulcro.

IV — Composição da quadrilha

Estes quatro bandidos juntos formavam uma espécie de Proteu, serpenteando por entre a polícia e forcejando por escapar às indiscretas vistas de Vidocq «sob diversa figura, árvore, chama, fonte», emprestando-se mutuamente os nomes e a lábia, escondendo-se na própria sombra, caixas de segredos e asilos uns dos outros, desfazendo as suas personalidades como quem tira um nariz postiço num baile de máscaras, às vezes simplificando-se a ponto de se tornarem num só, outras multiplicando-se a ponto do próprio Ooco-Lacouor os tomar por uma multidão.

Estes quatro homens não eram quatro homens, eram uma espécie de misterioso ladrão com quatro cabeças operando sobre Paris em ponto grande; eram o monstruoso pólipo do mal habitando a cripta da sociedade.

Em consequência das suas ramificações e da rede subjacente das suas relações, Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse tinham a empresa geral das ciladas do departamento do Sena. Praticavam no transeunte o golpe de Estado inferior. Os descobridores de ideias neste género, os homens de imaginação nocturna, dirigiam-se a eles para a execução. Fornecia-se aos quatro gatunos a lona e eles encarregavam-se de pôr o espectáculo em cena. Estavam sempre em circunstâncias de poder prestar um pessoal proporcional e conveniente a todos os atentados em que se tornasse necessário um empuxão de ombros e que fossem bastante lucrativos. A qualquer crime que andasse à busca de braços, eles alugavam-lhe cúmplices. Tinham uma companhia de actores de trevas à disposição de todas as tragédias de cavernas

De ordinário, reuniam-se ao anoitecer, hora do seu despontar nas *steppes* próximas à Salpêtrière, e aí conferenciavam sobre o emprego que dariam às doze horas de trevas que tinham diante de si.

Patron-Minette, eis o nome que na Circulação subterrânea davam à associação destes quatro homens. Na antiga e extravagante linguagem popular, que vai gradualmente decaindo, *Patron-Minette* significa a manhã, assim como *entre cão e lobo* significa a noite. A denominação de *Patron-Minette* derivava, provavelmente, da hora a que terminava a sua missão, sendo a madrugada o momento da desaparição dos fantasmas e da separação dos bandidos. Estes quatro homens eram conhecidos sob esta rubrica. Quando o presidente do tribunal criminal foi à prisão interrogar Lacenaire sobre certo crime que ele negava, perguntou-lhe: «Quem fez isto?» Ao que Lacenaire deu

a seguinte resposta enigmática para o magistrado, mas clara para a polícia:

— Talvez fosse Patron-Minette.

Às vezes adivinha-se uma peça pelo enunciado dos personagens; do mesmo modo pode quase apreciar-se uma quadrilha pela lista dos bandidos. Eis as denominações dos principais filiados da associação Patron-Minette, denominações que sobrevivem nas memórias especiais:

Panchaud, ou Printanier ou Bigrenaille.

Brujon (havia uma dinastia de Brujon, de que não nos damos por desobrigados de dizer alguma coisa).

Boulatruelle, o cantoneiro, de quem já nesta história fizemos menção.

Laveuve.

Finistère

Homero-Hogu, negro.

Mardisoir.

Dépêche.

Fauntleroy, conhecido por Ramalheteira.

Glorieux, forçado solto.

Barrecarosse, conhecido por senhor Dupont.

Lesplanade-du-Sud.

Poussagrive.

Carmagnolet.

Kruideniers, conhecido por Bizarro.

Mangedentelle.

Les-pieds-en-air.

Demi-liard, ou DeuxnMilliarids.

Etc., etc.

Omitimos outros, que não são dos piores. Estes nomes têm figuras. Não exprimem somente criaturas, mas espécies. Cada um destes nomes corresponde a uma variedade destes disformes tortulhos do subterrâneo da civilização.

Estas criaturas, pouco pródigas dos seus rostos, não eram das que se vêem pelas ruas. De dia, fatigados das noites ferozes que passavam, dormiam umas vezes nos fornos de cal, outras nas pedreiras abandonadas de Montmartre, ou Montrouge, e às vezes até nos canos. Metiam-se debaixo da terra.

Que é feito de tais homens? Ainda existem e existiram sempre. Fala deles Horácio: *Ambubaiarum collegia, pharmacopolee, mendice, mimes;* e enquanto a sociedade for o que é, eles serão o que são. Sob o escuro tecto das suas covas, renascem sempre da transudação social. Voltam, espectros sempre idênticos, apenas com a diferença de não usarem os mesmos nomes nem

existirem dentro das mesmas peles.

Extirpam-se os indivíduos, mas subsiste a tribo.

As suas faculdades são sempre as mesmas. Desde o truão ao vadio, conserva-se pura a raça. Estes homens adivinham as bolsas nas algibeiras, farejam os relógios nos bolsos. O ouro e a prata para eles têm cheiro. Há burgueses simples de quem quase se pode dizer que têm cara de se deixarem roubar, estes homens seguem-nos pacientemente. Ao passar algum estrangeiro ou provinciano, sentem estremecimentos de aranha.

Mete medo encontrar estes homens ou somente avistá-los à meia-noite em algum boulevard deserto. Não parecem homens, mas formas feitas de nevoeiro vivo; dir-se-ia que fazem montão com as trevas, que não são distintos delas, que não têm outra alma senão a escuridão, e que só momentaneamente e com o fim de viver alguns minutos de uma vida monstruosa é que eles se desagregam das trevas.

Que é preciso para fazer esvaecer estas larvas? Luz. Luz a jorros. Nem um só morcego resiste ao clarão da aurora: Iluminai, portanto, o subterrâneo da sociedade.

LIVRO OITAVO — O MAU POBRE

I — Mário procura uma mulher de chapéu e encontra um homem de boné

Passou o Verão, o Outono e chegou o Inverno. Em todo este tempo nem Leblarac nem a jovem tornaram a aparecer no Luxemburgo. O constante pensamento de Mário era ver outra vez aquele meigo rosto tão querido. Procurava, pois, sempre e por toda a parte, mas nada encontrava. Mário já não era o sonhador entusiasta, o homem resoluto, ardente e firme, o ousado provocador do destino, o cérebro que planeava futuros sobre futuros, o espírito cheio de planos, projectos, orgulhos, ideias e vontades; era um cão perdido. Desalentado pelo infrutuoso resultado das suas buscas, caiu numa negra tristeza, expressão do seu grande sofrimento. Estava tudo acabado. Aborrecia-lhe o trabalho, a solidão, o passeio; a vasta natureza, outrora tão farta de formas, de fulgores, de vozes, de conselhos, de perspectivas, de horizontes, de lições, nada disto tinha agora para ele; parecia-lhe que tudo havia desaparecido.

Pensava ainda, pois que não podia esquivar-se a isso, porem já não achava gosto nos seus pensamentos. A tudo o que eles de contínuo lhe propunham em voz baixa respondia ele misteriosamente: «Para quê?»

A par disto, a si mesmo dirigia um sem-número de recriminações. «Para que a segui eu, se só o vê-la era já para mim tamanha felicidade! Ela fitava-me os olhos. Não era imenso? Dava mostras ”de amar-me. Não era tudo? Que mais queria eu? Daqui em diante não se pode passar, porque não há mais nada. Fui absurdo. O culpado sou eu!»

Courfeyrac, a quem Mário, como era seu costume, nada confiava, mas que adivinhava parte das coisas, como também costumava, ao princípio, não sem admiração, dera a Mário os parabéns por estar enamorado; ultimamente, porém, vendo o rapaz a braços com a sua negra melancolia, dissera-lhe:

— Vejo que não passavas de um pateta. Deixa lá isso, vamos até à Chaumière.

Uma ocasião, Mário, confiado num belo sol de Setembro, acedera aos rogos de Courfeyrac, Bossuet e Grantaire, acompanhando-os ao baile de Sceaux, esperançado — que sonho! — em que talvez lá a encontrasse. Escusado é dizer que as suas esperanças ficaram frustradas. Por mais que fizesse, não viu quem ele procurava.

— Ora esta. Mas aqui é que se encontram as mulheres perdidas —, murmurava Grantaire num aparte.

Mário deixou os seus amigos no baile e voltou para casa a pé, só, cansado,

a arder em febre, com os olhos turvos e tristes no meio da escuridão, aturdido com o barulho e com o pó levantado pelos carros cheios de joviais criaturas que voltavam da função e passavam por ele, cantando, ao passo que o jovem vinha desalentado, aspirando o cheiro acre das nogueiras da estrada para refrescar a cabeça.

Principiou então a viver cada vez mais solitário, desvairado e triste, sempre a braços com a sua angústia íntima, girando em torno da sua dor como o lobo em roda do fosso, procurando por toda a parte a ausente, embrutecido pelo amor.

Noutra ocasião teve um encontro que lhe causou uma singular sensação. Ao passar por uma das estreitas ruas próximas ao boulevard dos Inválidos, encontrou-se com um homem trajado a modo de operário, com um boné de pala comprida na cabeça, por baixo do qual lhe saíam umas farripas de alvíssimo cabelo. Impressionado com a beleza daqueles cabelos brancos, pôs-se a contemplar aquele homem que caminhava a passos lentos e como que absorvido em dolorosa meditação. Estranha coisa! Ao vê-lo, afigurou-se a Mário reconhecer naquele velho o senhor Leblanc. Eram os mesmos cabelos, o mesmo aspecto, embora algum tanto modificado pelo trajo, o mesmo modo de andar, apenas com uma diferença para mais triste. Mas que queria dizer aquele trajo de operário? Que significava semelhante disfarce? Mário ficou maravilhado. Apenas voltou a si do seu pasmo, o seu primeiro pensamento foi seguir aquele homem, que talvez lhe fizesse achar os vestígios de quem ele baldadamente tinha procurado. Em todo o caso, era necessário ver o homem de perto e aclarar o enigma. Quando, porém, tomou esta resolução, era tarde, porque o homem já tinha desaparecido, tomando decerto por alguma viela, de modo que Mário não foi capaz de tornar a encontrá-lo.

O jovem andou alguns dias preocupado com este encontro, ao cabo dos quais se lhe varreu da memória.

«Afinal de contas», disse ele consigo, «talvez não passasse de uma semelhança».

II — Achado

Mário continuava a morar no casarão Gorbeau, sem se importar nem fazer reparo em nenhum dos outros moradores.

Para bem dizer, nessa época, os únicos moradores do casarão eram ele e os tais Jondratte, a quem o jovem uma ocasião pagara o aluguer, sem, todavia, nunca ter falado nem com o homem, nem com a mulher, nem com as filhas. Os outros inquilinos tinham mudado ou morrido, ou sido expulsos por não pagarem.

Num dia desse Inverno, na tarde do qual o Sol se mostrara, sem por isso

deixar de infundir menos receios, pois estava-se a 2 de Fevereiro, dia da antiga festa de Candelária, cujo sol traiçoeiro, precursor de um frio de seis semanas, inspirou a Matheus Laenberg estes dois versos, que com justiça se tornaram clássicos:

Qu'il luise ou qu'il luiserne,
L'ours rentre en sa caverne.

Mário acabava de sair da sua caverna, ao cair da tarde. Era a hora do jantar, pois o rapaz vira-se na necessidade de continuar o seu antigo costume de jantar. Oh, fraquezas das paixões ideais!

Acabava de transpor o limiar da porta que *mame Bougon* naquele momento andava a varrer, proferindo este memorável monólogo:

— Hoje em dia que coisa deixa de estar cara? Nada. Está tudo pela hora da morte. A única coisa barata são os trabalhos deste mundo. Mas para que servem os trabalhos deste mundo? Para nada!

Mário caminhava vagarosamente pelo boulevard, dirigindo-se para a barreira, a fim de tomar para a rua de S. Jacques, pensativo e de olhos fitos no chão, quando de súbito por entre a névoa sentiu um encontrão; voltou-se e viu duas jovens esfarrapadas, uma alta e magra, a outra mais baixa, que passaram rapidamente, esbaforidas, assustadas e -como quem foge, e que, ao passarem, como o não viram, tinham esbarrado com ele. Por entre o crepúsculo, Mário distinguiu-lhes os lívidos rostos, as cabeças descobertas, os cabelos soltos, as esfarrapadas saias e os pés descalços. Iam correndo e falando uma com a outra, e a mais alta dizia à sua companheira, em voz que se ouvia:

— O caso é que os *partazanas* por um *triz* me não deitam o *gatazio!* Toma que te dou eu!.

E a outra respondia.

— Eu bem os vi, mas apenas lhes deitei o *luzio,* por aqui me sirvo!

Através desta sinistra gíria, Mário entendeu que os gendarmes ou os cabos estiveram quase a apanhar aquelas duas crianças e que elas lhes tinham fugido. As duas raparigas embrenharam-se por baixo das árvores do boulevard, de onde o jovem vinha, e onde durante alguns instantes desenharam na escuridão uma espécie de vaga brancura que se desfez; e Mário, que parara um momento, dispôs-se a seguir para o seu destino.

Ia, porém, a continuar o seu caminho, quando, olhando para o chão, avistou um embrulho pardo. Baixou-se e pegou nele. Era uma espécie de sobrescrito que parecia conter papéis

— Foram decerto aquelas infelizes que deixaram cair isto! — disse ele.

Voltou atrás, chamou, porém não as tornou a ver; julgando, pois, que já

iriam longe, meteu o embrulho no bolso e foi jantar.

No caminho viu numa álea da rua de Mouffetard um caixão de um anjinho coberto com um pano preto, colocado em cima de três cadeiras e alumiado por uma vela. Voltaram-lhe então à lembrança as duas raparigas do anoitecer.

— Pobres mães! — disse ele consigo. — Ainda há para vós coisa mais triste do que verdes morrer vossos filhos; é vê-los viver mal!

Depois, estas sombras, que variavam a sua tristeza, saíram-lhe do pensamento e ele voltou às suas habituais preocupações. Principiou a pensar nos seus seis meses de amor e ventura, ao ar livre e à luz do meio-dia, debaixo das belas árvores do Luxemburgo.

— Como se tornou sombria a minha vida! — dizia ele a sós consigo. — Ainda me aparecem as jovens, porém dantes eram anjos, agora são gaviões depenados!

III — Quadrifrons

A noite, ao despedir-se para se deitar, Mário meteu casualmente a mão ao bolso do casaco e encontrou o embrulho que achara no boulevard e de que já se tinha esquecido. Lembrou-se que seria conveniente abri-lo porque talvez dentro viesse a indicação da morada das raparigas, se, na realidade, este lhes pertencia, e, em todo o caso, os esclarecimentos necessários para o restituir à pessoa que o perdera.

Desfez o embrulho e encontrou nele quatro cartas abertas, mas todas com direcção e exalando forte cheiro a tabaco.

A primeira era dirigida à *Senhora Marquesa de Grucheray, defronte do palácio das cortes n.º...*

Mário julgou que talvez nesta carta encontrasse as indicações que procurava, e parecendo-lhe verosímil que, visto ela não estar fechada, podia ser lida sem inconveniente, resolveu lê-la.

A carta era concebida nos seguintes termos:

> Senhora Marquesa:
>
> A virtude da clemência e piedade é a que mais estreitamente une a sociedade. Digne-se V. Ex.ª dar largas aos seus sentimentos cristãos, lançando um olhar de compaixão sobre este infeliz espanhol, vítima da sua lealdade e afecto à sagrada causa da legitimidade, pela qual verteu o seu sangue e arruinou toda a sua fortuna, vendo-se hoje na maior miséria. Bem certo está ele de que V. Ex.ª lhe não negará algum socorro para conservar os tristes dias da vida a um militar bem educado, honrado e coberto de feridas, que de antemão conta com os sentimentos da humanidade que animam V. Ex.ª e com o interesse que sempre tem mostrado por uma nação tão desditosa. As suas súplicas, pois, não serão vãs, pelo que desde já me confesso eternamente grato.
>
> Digne-se V. Ex.ª aceitar os protestos de respeito e veneração com que tenho a honra de ser.
>
> De V. Ex.ª
>
> Dom Alvarez, capitão espanhol de cavalaria, realista refugiado em França, que se

dispõe a regressar para a sua pátria, mas que lhe faltam os recursos para continuar a viagem.

Nem uma só palavra depois da assinatura continha a carta por onde o jovem conhecesse a residência do capitão espanhol.

Esperando encontrá-la na segunda carta, resolveu lê-la também. Era dirigida à *Senhora Condessa de Montvernet, rua Cassette n.º 9*, e o seuconteúdo era o seguinte:

Senhora Condessa:

Sou uma desgraçada mãe de família com seis filhos, tendo o último só oito meses. Desde o meu último parto que estou doente e abandonada há cinco meses por meu marido, sem recurso nenhum no mundo e na mais completa indigência.

Esperançada em V. Ex.ª, tenho a honra de ser com o mais profundo respeito

De V. Ex.ª

A infeliz Balizard

Passou à terceira carta, que era uma súplica, como as precedentes, e eis o que leu:

Senhor Pabourgeot, eleitor, negociante de bonés por atacado, Rua de S. Dinis, à esquina da Rua dos Ferros.

Tomo a liberdade de me dirigir ao senhor para lhe rogar que me conceda o precioso favor das suas simpatias e tome debaixo da sua protecção um homem de letras, autor de um drama que deseja pôr em cena, no Teatro Francês. O assunto deste drama é histórico, e a acção passa-se no Auvergne no tempo do império; o seu estilo, no meu entender, é natural, lacónico, e tem talvez algum merecimento. Tem «couplets» para se cantarem, em quatro passagens. Ao chiste, gravidade e arrojo dos lances, junta este drama a variedade nos caracteres e uns laivos românticos ao de leve espalhados por todo o entrecho, que se desenvolve misteriosamente, indo afinal, após peripécias de grande efeito, terminar no meio de muitos lances admiráveis.

O meu fito principal é satisfazer o desejo que progressivamente anima o homem do nosso século, quero dizer, a «moda», caprichosa e singular grimpa, que quase muda a cada novo vento.

Apesar destas qualidades receio que a inveja, o egoísmo dos autores privilegiados, consiga a minha exclusão do teatro, pois bem sei os dissabores que têm a tragar os autores que pela primeira vez se apresentam.

Senhor, a sua justa reputação de protector esclarecido dos homens de letras, infunde-me ousadia para lhe mandar minha filha que lhe exporá a nossa indigente situação, faltos de pão e de lume, nesta invernosa quadra. Dizer-lhe que lhe peço que aceite a homenagem que desejo fazer-lhe do meu drama e de todos os que vier a compor, é dar-lhe uma prova de quanto ambiciono a honra de me abrigar debaixo da sua égide e adornar os meus escritos com o seu nome. Se se dignar honrar-me aceitando tão modesta oferenda, brevemente encetarei uma peça em verso, para deste modo lhe pagar o meu tributo de reconhecimento. Esta peça que diligenciarei tornar o mais perfeita que me seja possível, ser-lhe-á enviada antes de ser inserida no princípio do drama, e recitada em cena.

Ao senhor e senhora Pabourgeot, as minhas mais respeitosas homenagens

Genflot

Homens de letras.

P. S. — Ainda que não sejam senão quarenta soldos.

Desculpe-me por mandar minha filha e não me apresentar eu mesmo; porém, infelizmente, não mo permitem tristes motivos de vestuário...

Mário abriu por fim a quarta carta, cujo sobrescrito era endereçado ao

Senhor benfeitor da igreja de S. Jacques du Haut-Pas, e continha estas poucas linhas:

Homem caridoso:

Se se dignar acompanhar minha filha verá uma calamidade miserável e eu lhe mostrarei os meus atestados.

Ao aspecto destes escritos a sua generosa alma experimentará um sentimento de sensível benevolência, pois os verdadeiros filósofos experimentam sempre vivas emoções.

Decerto concorda comigo, homem compassivo, que necessariamente tem de sofrer grandes necessidades e ser-lhes bem doloroso, que os que gemem na penúria o façam atestar pela autoridade, como se nem ao menos fosse isto sofrer e morrer de inanição, enquanto os não aliviam na sua miséria. O destino que tão pródigo ou tão protector se mostra para alguns, para outros não pode ser mais fatal.

Espero a vossa presença ou a esmola que se dignar mandar-me, e peço-lhe aceite os protestos de respeito com que tenho a honra de ser,

Homem verdadeiramente magnânimo,

Humilde servo e criado obrigadíssimo,

P. Fabantou

artista dramático

Mário, depois de ter lido estas quatro cartas não se achou mais adiantado do que dantes.

Em primeiro lugar nenhuma das assinaturas estava acompanhada da morada; depois, pareciam provir de quatro indivíduos diferentes: D. Alvarez, uma mulher apelidada Belizard, o poeta Genflot, e o artista dramático Faibantou; mas o seu lado extraordinário, era serem todas escritas com a mesma letra.

O que havia de concluir senão que provinham da mesma pessoa?

Além de tudo, o que tornava a conjectura ainda mais verosímil, o papel grosso e amarelado era igual nas quatro cartas, todas cheiravam a tabaco, e, conquanto tives-sem evidentemente diligenciado variar o estilo, produziam-se em todas os mesmos erros de ortografia com a mais profunda tranquilidade, não sendo mais isento deles o homem de letras Genflot, do que o capitão espanhol.

Esforçar-se em adivinhar este mistério, era trabalho inútil. Se não tivesse sido um achado, parecia um logro. Mário estava demasiadamente triste para aceitar de bom grado um gracejo do acaso e prestar-se aos brinquedos que pareciam oferecer-lhe as pedras da rua. Pareceu-lhe estar jogando a cabra-cega com as quatro cartas que se riam dele.

No fim de tudo, coisa nenhuma indicava que as cartas pertencessem às raparigas que Mário encontrara no boulevard. Tornou portanto a embrulhá-las e atirou o embrulho para um canto e deitou-se.

As sete horas da manhã tinha-se levantado e almoçado, e dispunha-se para começar a trabalhar, quando ouviu bater de mansinho à porta.

Como não possuía coisa nenhuma, não tirava a chave da porta, senão às vezes, e essas muito raras, quando estava fazendo algum trabalho com muita pressa. Fora destas ocasiões deixava sempre a chave na fechadura.

— Algum dia roubam-lhe as suas coisas — dizia-lhe *mame* Bougon.

— O quê? — respondia Mário.

O facto é que um dia roubaram-lhe um par de botas velhas, o que foi grande triunfo para *mame* Bougon.

Bateram segunda pancada, devagarinho, como da primeira vez.

— Entre — disse Mário.

A porta abriu-se.

— Que me quer, senhora Bougon? — tornou Mário, sem afastar os olhos dos livros e manuscritos que tinha em cima da mesa.

A isto respondeu-lhe uma voz, que não era a da senhora Bougon.

— Queira desculpar...

Era uma voz surda, falhada, rouca. Voz de um velho saturado de aguardente.

Mário voltou-se de repente e viu que era uma rapariga.

IV — Uma rosa na miséria

Nem mais nem menos, uma rapariga se encontrava de pé junto à porta entreaberta. Como o postigo que dava luz para o quarto ficava justamente em frente da porta, a figura da rapariga destacava-se no meio de um clarão baço.

Era uma criatura pálida, magra, de aspecto doentio, vestida apenas com uma camisa e uma saia, transida de frio, com um barbante na cinta e outro a atar-lhe os cabelos, os ombros a romperem-lhe a camisa, uma palidez esbranquiçada e linfática, as clavículas cor de terra, as mãos roxas, a boca meia aberta e com falta de alguns dentes, a vista embaciada, mas cheia de ousadia e dissimulação, formas de rapariga abortada e olhar de velha de maus costumes, cinquenta anos de envolta com quinze; uma dessas criaturas que são a um tempo frágeis e horríveis e que fazem estremecer os que não fazem chorar.

Mário erguera-se e contemplava com certo pasmo aquela criatura semelhante a uma sombra das que atravessam os sonhos.

O mais pungente, sobretudo, era que aquela rapariga não viera ao mundo para ser feia. Na sua infância devia ter sido linda. As graças da idade lutavam ainda contra a hedionda velhice antecipada pela libertinagem e pela pobreza. Naquele rosto de dezasseis anos, fenecia um resto de beleza, como o descorado sol que desaparecera sob medonhas nuvens no despontar de um dia de Inverno.

Àquele rosto não era de todo desconhecido de Mário. Parecia-lhe tê-lo já

visto em alguma parte.

— O que me quer, menina? — perguntou-lhe ele.

A rapariga respondeu-lhe com a sua voz de forçado embriagado:

— Trago uma carta para si, senhor Mário.

Tratava-o pelo seu nome; não podia duvidar de que era a ele quem procurava; mas que rapariga era aquela? Como era que lhe sabia o nome?

A rapariga sem esperar que a mandassem entrar, entrou; e entrou resolutamente, olhando com certa ousadia que apertava o coração, para todos os cantos e para a cama ainda por fazer. Estava descalça. Pelos grandes buracos que tinha na saia, viam-se-lhe as compridas e magras pernas Tremia de frio.

Tinha com efeito na mão uma carta que apresentou a Mário.

Mário abrindo-a reparou que a letra, muito grande, estava ainda molhada. A missiva não podia vir de muito longe. Eis o que leu nela:

> Meu estimável vizinho:
>
> Tive conhecimento da sua extrema bondade para comigo; soube que foi o senhor quem pagou por mim, há seis meses, um trimestre de renda da casa. Deus lho pague, jovem. Minha filha mais velha lhe dirá que estamos sem um bocado de pão há dois dias, quatro pessoas, e minha mulher doente. Se o meu pensamento me não ilude, julgo dever esperar que o seu coração generoso se humanizará com a exposição deste triste estado e lhe suscitará o desejo de me ser propício, prodigalizando-me um pequeno benefício.
>
> Com toda a consideração que se deve aos benfeitores da humanidade, tenho a honra de me assinar
>
> Jondrette
>
> P.S. — Minha filha espera pelas suas ordens, meu caro senhor Mário.

Esta carta, no meio da aventura que desde a noite antecedente preocupava Mário, foi como uma luz num subterrâneo. Tudo se lhe tornou de repente claro.

Era uma carta que saíra de onde tinham saído as outras quatro. Era a mesma letra, o mesmo estilo, a mesma ortografia, o mesmo papel, o mesmo cheiro de tabaco.

Havia ali cinco missivas, cinco histórias, cinco nomes, cinco assinaturas e um só signatário. O capitão espanhol D. Alvarez, a infeliz Belizard, o poeta dramático Genflot, o velho actor Fabantou, chamavam-se todos quatro Jondrette, se com efeito o próprio Jondrette se chamava assim.

Havia já muito tempo que Mário morava no casebre e, como dissemos, em raras ocasiões tinha podido ver, ou mesmo entrever, a sua muito próxima vizinhança. Tinha o espírito noutra parte; e onde está o espírito está a vista. Devia ter mais de uma vez encontrado os Jondrette no corredor ou na escada, mas para ele não tinham passado de sombras; havia reparado tão pouco neles, que na véspera à noite levara no boulevard um encontrão das filhas de

Jondrette, porque haviam sido evidentemente elas, e só com muito custo a que acabava de lhe entrar no quarto lhe despertara, através do desgosto e dó que lhe inspirara, uma vaga recordação de a ter visto nalguma parte.

Agora via tudo claramente. Compreendia que o seu vizinho Jondrette tinha por indústria, na sua miséria, explorar a caridade das pessoas benfazejas; que obtinha diferentes moradas e que escrevia sob nomes supostos a pessoas que julgava ricas e caridosas, cartas que sua filha levava por sua conta e risco, porque aquele pai chegara a arriscar as filhas; jogava-as numa partida com o destino. Mário compreendia, que provavelmente, a julgar pela sua fuga da véspera, pelo seu terror e aspecto espavorido e pelas palavras de gíria que lhes ouvira, aquelas desventuradas se empregavam ainda em quaisquer misteres sombrios, e que de tudo isto resultava a existência, no meio da sociedade humana tal como está organizada, de dois miseráveis entes, que nem eram crianças, nem raparigas, nem mulheres; espécies de monstros impuros e inocentes produzidos pela miséria.

Tristes criaturas sem nome, sem idade, sem sexo, às quais já não é possível o bem nem o mal, e que ao saírem da infância já não têm nada neste mundo, nem liberdade, nem virtude, nem responsabilidade. Almas desabrochadas ontem, emurchecidas hoje, semelhante às flores caídas na rua, manchadas por toda a sorte de lama, enquanto não as esmaga uma roda.

Entretanto, enquanto Mário fitava *na* rapariga um olhar admirado e doloroso, girava ela pelo quarto com uma audácia de espectro, maneando-se sem se preocupar com a nudez em que estava. De vez em quando a camisa descosida e rota, caía-lhe quase até à cintura. Desarrumava as cadeiras, pegava em todos os objectos de toucador que estavam sobre a cómoda, apalpava o fato de Mário e esquadrinhava o que havia em todos os cantos.

— Olha! — disse ela. — O senhor tem um espelho!

E cantarolava, como se estivesse sozinha, coplas de algum vaudeville e estribilhos facetos, que a sua voz gutural e rouca tornava lúgubres. Sob todo este atrevimento, transparecia o que quer que era de constrangido, de inquieto e humilhado. O descaramento é uma vergonha. Não havia nada mais triste do que vê-la folgar e, para assim dizer, esvoaçar pelo quarto com os movimentos de um pássaro que a luz do dia assusta, ou que tem uma asa quebrada. Conhecia-se que com outras condições de educação e de sorte, o todo jovial e desembaraçado daquela rapariga teria podido ser suave e encantador. Nunca entre os animais a criatura nascida para ser pomba, se transforma em frango. Não se vê isto senão entre os homens.

Mário pensava e deixava-a fazer quanto queria.

A rapariga aproximou-se da mesa.

— Ai, livros! — disse ela, iluminando-se-lhe o olhar vítreo.

Em seguida, exprimindo a felicidade de poder vangloriar-se de alguma coisa, ao que nenhuma criatura é insensível, continuou:

— Eu sei ler.

E, pegando no livro que estava aberto sobre a mesa, leu muito correntemente:

— O general Bauduin recebeu ordem para tomar, com os cinco batalhões da sua brigada, o castelo de Hougomont, situado no meio da planície de Waterloo...

Chegando aqui interrompeu-se:

— Waterloo! Bem sei o que é. Foi uma batalha que houve há muito tempo. Meu pai esteve lá. Meu pai serviu nos exércitos. Olhe que em nossa casa são todos bonapartistas. Foi contra os ingleses, Waterloo.

Depois disto largou o livro, pegou numa pena e exclamou:

— Também sei escrever!

Molhou a pena no tinteiro e voltou-se para Mário:

— Quer ver? Vou escrever duas palavras para lhe mostrar

E, antes que ele tivesse podido responder, escreveu numa folha de papel em branco, que estava na mesa: *Chegaram os guitas.*

Feito isto pôs de parte a pena.

— Pode ver; olhe que não tem erros de ortografia. Eu e minha irmã tivemos educação. Nem sempre fomos como somos. Não tínhamos nascido para...

Calou-se, fitou o olhar extinto em Mário e soltou em seguida uma gargalhada, dizendo com uma entonação que continha todas as angústias sufocadas por todos os cinismos:

— Ora adeus!

E passou a cantarolar estas palavras, numa música alegre:

Meu paizinho, eu tenho fome,
Dê-me pão para a matar.
Minha mãe, eu tenho frio,
Dê-me meias para calçar.
Ai, tens frio?
Vai ao rio,
Cobre a capa
De teu tio.

Apenas terminou esta copla, exclamou:

— Vai algumas vezes ao teatro, senhor Mário? Eu vou. Tenho um irmão pequeno que é amigo dos artistas e que me dá às vezes bilhetes. Dos bancos das galerias é que eu não gosto. Está-se ali muito mal Muitas vezes está tudo cheio de gente, e gente que deita mau cheiro.

Depois contemplou Mário, assumiu um ar estranho e disse-lhe:

— O senhor Mário é um bonito rapaz!

E, ocorrendo a ambos o mesmo pensamento, ela riu-se e ele corou.

A rapariga aproximou-se dele, pousou-lhe uma das mãos no ombro e continuou:

— O senhor nunca repara em mim, mas eu conheço-o muito bem, senhor Mário Tenho-o encontrado na escada, e tenho-o visto entrar às vezes, quando ando por aquelas bandas, para casa de um homem chamado Mabeuf, que mora do lado de Austerlitz. Fica-lhe muito bem o cabelo assim despenteado.

A sua voz diligenciava tornar-se suave, e só conseguia ser muito baixa. Uma parte das palavras perdia-se no trajecto da laringe aos lábios, como num teclado onde há falta de teclas.

Mário recuara vagarosamente.

— Menina — disse ele, com a sua fria gravidade —, tenho ali um embrulho que julgo pertencer-lhe.

E apresentou-lhe o papel que continha as quatro cartas.

A rapariga bateu as palmas e exclamou:

— Fartámo-nos de as procurar por toda a parte!

Depois pegou avidamente no embrulho e abriu-o, dizendo:

— Santo Deus! O que nós procurámos, minha irmã e eu! E foi o senhor que as encontrou! No boulevard, não é verdade? Foi por força no boulevard. Caiu-nos quando deitámos a correr. Foi minha irmã quem fez a asneira. Quando chegámos a casa é que demos pela falta. Como não queríamos levar a *nossa conta,* porque era coisa inútil, inteiramente inútil, absolutamente inútil, dissemos que tínhamos entregado as cartas e que nos tinham respondido: *Nicles!* E no fim, estão aqui as pobres cartas! Mas como soube o senhor que eram minhas? Ah, sim, por causa da letra! Então foi com o senhor que nós esbarrámos ontem à noite Não se via mesmo nada. Eu disse à minha irmã: «Era um senhor, não era?» E a minha irmã respondeu-me: «Parece-me que sim, que era um senhor»

E, falando deste modo, desdobrara a súplica dirigida «ao benfeitor da igreja de S. Jacques do Haut-Pas».

— Olha! — exclamou ela. — Esta é para o velho que vai à missa. Agora são horas; vou-lha levar. Talvez nos dê para o almoço.

E, depois de soltar uma risada, acrescentou:

— Quer saber o que vale, se hoje almoçarmos? O almoço de hoje vale-nos pelo almoço de antes de ontem, pelo jantar de antes de ontem, pelo almoço de ontem, pelo jantar de ontem, tudo isto de uma vez, esta manhã. Apre! Seus cães! Se não estão contentes, que os leve a breca!

Isto fez lembrar a Mário o fim para que a infeliz o tinha vindo procurar.

Meteu a mão ao bolso, mas não achou nada.

Entretanto, a jovem continuava a falar, porém como se já não tivesse consciência de que Mário a ouvisse.

— Às vezes saio de tarde e não volto senão no outro dia. No Inverno passado, antes de para aqui virmos, a nossa casa era debaixo dos arcos das pontes. Minha irmã dava-lhe para chorar. Realmente, a água é uma coisa que mete tristeza! Às vezes, quando me chegava vontade de me deitar a afogar, dizia eu: «Ui! Sempre está tão fria!» Eu cá saio quando quero; às vezes até durmo nos fossos. De noite, quando ando pelo boulevard, olho para as árvores e parecem-me forcas, olho para as casas e parecem-me negras e grandes como as torres de Nossa Senhora, afigura-se-me que as paredes são o rio, e digo comigo: «Mau! Temos água!» As estrelas parecem-me lampiões de iluminação, parece mesmo que deitam fumo e que se apagam com o vento, sinto-me atordoada, como se tivesse uma parelha de cavalos a soprarem-me aos ouvidos; apesar de ser de noite, ouço realejos e um barulho de máquinas a trabalhar, mil coisas, eu sei lá! Afigura-se-me que me atiram pedras, e eu deito a fugir sem querer saber de mais nada, e anda-me tudo à roda. Quando ando sem comer, tenho sempre destas esquisitices.

E pôs-se a olhar para o rapaz com ar desvairado.

Mário tanto procurou nos bolsos, que por fim chegou a juntar cinco francos e dezasseis soldos, que eram todo o seu dinheiro naquela ocasião. «Para o jantar de hoje», disse ele consigo. «Sempre guardarei os dezasseis soldos; para o de amanhã veremos».

E meteu outra vez ao bolso os dezasseis soldos, dando os cinco francos à jovem, que lançou mão deles.

— Bom! Já temos Sol!

E como se o Sol tivesse a propriedade de lhe derreter no cérebro uma avalancha de gíria, prosseguiu:

— Cinco francos! *Um monarca luzente nas batas! Ai que léria!* O senhor é um soce *das pontas.* Dois dias *de soquideira* pros *gelfos!* Agora é *rustir como cobra!* Cinco francos em prata nas minhas mãos! Custa-me a acreditar! O senhor é muito boa pessoa. São dois dias de alimento para a família! Agora podemos encher a barriga!

E, puxando a camisa para os ombros, fez uma grande cortesia ao rapaz, depois um gesto familiar com a mão e encaminhou-se para a porta, dizendo:

— Passe muito bem. É o mesmo. Sempre vou a casa do tal velhote.

Ao passar, divisando sobre a cómoda uma côdea de pão seca já negra do pó, atirou-se a ela com sofreguidão, comendo-a e resmungando ao mesmo tempo:

— É boa! Mas tão dura, que me quebra os dentes!

E saiu.

V — O Judas da providência

Havia cinco anos que Mário vivia na pobreza, rodeado de privações e mesmo de penúria, mas só então descobriu que nunca conhecera a verdadeira miséria. Acabava de a ver. Era aquela larva que lhe passara por diante dos olhos. É que, com efeito, quem nunca viu senão a miséria do homem não viu nada, precisa ver a miséria da mulher; quem nunca viu senão a miséria da mulher, não viu nada, precisa ver a miséria da criança.

Quando o homem chega às últimas extremidades, chega ao mesmo tempo aos últimos recursos. Desgraçados dos entes sem defesa que o cercam! O trabalho, o salário, o pão, o lume, o ânimo, a boa vontade, tudo lhe falta ao mesmo tempo. A luz moral apaga-se no interior; no meio destas sombras encontra o homem a fraqueza da mulher e a da criança, e amolda-as violentamente às ignomínias.

Então todos os horrores se tornam possíveis. O desespero é rodeado por frágeis tabiques, que dão todos para o vício ou para o crime.

A saúde, a mocidade, a honra, as santas e severas delicadezas da carne ainda nova, o coração, a virgindade, o pudor, essa epiderme da alma, são sinistramente manejados pela apalpadela que busca recursos, que encontra o opróbrio e que acomoda com ele. Pais, mães, filhos, irmãos, irmãs, homens, mulheres, raparigas, aderem e agregam-se quase como uma formação mineral, nesta nebulosa promiscuidade de sexos, de parentescos, de idades, de infâmias e de inocências. Agacham-se, encostados uns aos outros, numa espécie de destino-pocilga. É lentamente o modo porque se olham reciprocamente Desventurados! Como estão pálidos! Como tremem de frio! Parece que habitam em planeta muito mais distante do Sol do que nós.

Aquela rapariga foi para Mário uma espécie de enviado das trevas. Revelou-lhe completamente o lado hediondo da noite.

Mário quase se repreendeu das preocupações de sonho e paixão que o tinham impedido até aquele dia de lançar os olhos para os seus vizinhos. Ter-lhes pago a renda da casa, fora uma coisa maquinal, que qualquer pessoa teria feito, mas ele, Mário, devia ter feito mais. O quê! Por estar apenas separado por uma parede daqueles entes abandonados, que viviam às apalpadelas no meio da escuridão, e separado do resto dos viventes, roçava por eles, era de certo modo o último elo do género humano, que eles tocavam, sentia-os viver, ou antes, agonizar, junto de si, e não lhes dava a mínima atenção! Todos os dias, a todos os instantes, ouvia-lhes os passos, sentia-os andar de um lado para o outro, ouvia-os falar através da parede e

não aplicava o ouvido! As palavras que proferiam continham gemidos, e ele nem mesmo os escutava! O seu pensamento estava noutra parte, sonhava com brilhos impossíveis, com amores aéreos, com loucuras, e entretanto, havia criaturas humanas, seus irmãos em Jesus Cristo, seus irmãos pelo povo, que agonizavam a seu lado! Agonizavam inutilmente! Ele chegava a fazer parte da sua desgraça, agravava-a mesmo! Por que se tivessem outro vizinho menos quimero e mais atento, um homem vulgar e caritativo, teria sido evidentemente notada a sua indigência, os seus sinais de miséria teriam sido percebidos e haveria talvez já muito tempo que teriam sido recolhidos e salvos! Pareciam decerto, muito depravados, muito corrompidos e aviltados, mesmo muito odiosos; mas são muito raros os que caíram sem se enlamear; e depois há um ponto em que os desventurados e os infames se amalgamam e confundem numa só palavra, na palavra fatal miseráveis; de quem *é* a culpa? E depois, não deve ser tanto maior a caridade quanto mais profunda é a perdição?

Enquanto Mário moralizava por este modo, porque havia ocasiões em que, como todos os corações verdadeiramente honestos, se tornava pedagogo de si mesmo, e ralhava consigo mais do que merecia, olhava para a parede que o separava dos Jondrette, como se pudesse atravessá-la com o seu olhar piedoso, para reanimar aqueles desgraçados.

A parede era um simples tabique delgadíssimo, que, como se viu, deixava perfeitamente distinguir o ruído dos passos e as vozes. Era preciso andar sempre abstracto, como Mário, para o não ter ainda notado. A parede não era forrada com o mais insignificante papel, nem do lado dos Jondrette, nem do de Mário; estava em osso. Mário, sem quase ter a consciência do que fazia, examinava o tabique; *às* vezes a distracção examina, observa e escuta como faria a atenção.

De repente levantou-se: acabava de descobrir no alto da parede, junto do tecto, um buraco. A cal e a areia que devia ter preenchido aquele vácuo, caíra, decerto; e subindo-se à cómoda, podia-se ver por aquela abertura a pocilga dos Jondrette. Aquele buraco era como que um Judas. É permitido observar traiçoeiramente o infortúnio com o fim de o socorrer. «Também sempre hei-de ver que casta de gente é esta», disse para consigo, «e até que ponto chega a sua miséria»

E, ao mesmo tempo que dizia isto, subiu para cima da cómoda, aproximou um dos olhos junto ao buraco e pôs-se a espreitar.

VI — O homem bravio no seu covil

As cidades, do mesmo modo que as florestas, têm os seus antros, nos quais se oculta tudo o que têm de pior e mais temível A diferença é que nas cidades,

o que assim se esconde é feroz, imundo e pequeno, isto é, feio; nas florestas, o que se oculta é feroz, selvagem e grande, quer dizer, belo. Tocas por tocas, as dos animais são preferíveis às dos homens. As cavernas têm muito mais valor do que as pocilgas.

O que Mário via era uma pocilga.

Mário era pobre, e o seu quarto indigente; mas pelo mesmo modo que a sua pobreza era nobre, o seu cubículo era asseado. A esterqueira em que naquele momento mergulhava a vista era abjecta, porca, fétida, infecta, tenebrosa, sórdida. Por únicos móveis uma cadeira de palhinha, uma mesa desconjuntada, alguns cacos, e em dois cantos duas camas indescritíveis; claridade só tinha a que recebia por uma janelinha de quatro vidros, toda guarnecida de teias de aranha Por esta fresta entrava exactamente a luz precisa para que o rosto de um homem parecesse o de um fantasma. As paredes apresentavam um aspecto leproso e estavam cobertas de costuras e de cicatrizes, como um rosto desfigurado por alguma horrível doença e ressumando certa humidade ramelosa. Distinguiam-se nelas alguns desenhos obscenos, feitos grosseiramente com carvão

O quarto que Mário ocupava tinha o pavimento de ladrilho e em muito mau estado; aquele nem era ladrilho nem assoalhado; o solo era formado pelo antigo entulho do pardieiro, enegrecido pelos pés que o pisavam Sobre este solo desigual onde a poeira estava como que encrostada, e que não tinha senão uma virgindade, a da vassoura, agrupavam-se caprichosamente constelações de loiça quebrada, de chinelos e de farrapos; e afinal aquele quarto tinha chaminé, o que lhe elevava a renda a quarenta francos anuais Nesta chaminé havia de tudo: um fogareiro, uma panela, trapos pendurados em pregos, uma gaiola de pássaro, cinza, e mesmo algum lume. Estavam ali dois tições, fumegando tristemente.

Uma coisa que aumentava ainda o horror da pocilga, era o ser grande. Tinha saliências, ângulos, buracos escuros, baías e promontórios. Resultava de tudo isto a existência de cantos insondáveis onde parecia que deviam abrigar-se aranhas volumosas como punhos, bichos de conta do tamanho de um pé, e quem sabe mesmo se monstruosos entes humanos.

Uma das camas estava ao pé da porta, a outra ao pé da janela. Tocavam ambas por uma extremidade na chaminé, e ficavam fronteiras a Mário. Num ângulo próximo à abertura por onde Mário estava espreitando, via-se pendurada na parede, numa moldura negra, uma gravura colorida, por baixo da qual se lia em grandes letras: O SONHO. Esta gravura representava uma mulher e uma criança adormecidas, uma águia no meio de uma nuvem, com uma coroa no bico, e a mulher mesmo a dormir, afastando a coroa da cabeça

da criança; no fundo via-se Napoleão, encostado a uma coluna azul com capitel amarelo, ornada com esta inscrição:

MARINGO
AUSTERLITZ
VIENA
WAGRAMME
ELOT

Por baixo deste quadro, via-se, encostado à parede uma espécie de caixilho mais comprido, de algum tosco painel, de uma almofada arrancada a alguma parede e ali esquecida à espera que a tornassem a pregar.

Junto a mesa, sobre a qual Mário via uma pena, papel e tinta, estava sentado um homem de sessenta anos, pouco mais ou menos, baixo, magro, lívido, de olhar espantado e ar de finura, mas indicativo também de crueldade e receio; um velhaco hediondo.

Se Lavater houvesse observado aquele rosto, nele encontraria o abutre misturado com o procurador; a ave de rapina e o homem de chicana afeando-se e completando-se um pelo outro; o homem de chicana tornando a ave de rapina ignóbil; a ave de rapina tornando o homem de chicana horrível.

Este homem tinha umas compridas barbas grisalhas e vestia uma camisa de mulher, que lhe deixava a descoberto o peito cabeludo e os braços eriçados de pêlos grisalhos. Por baixo da camisa viam-se-lhe umas calças cheias de lama, que terminavam numas botas, pelas quais lhe saíam os dedos dos pés.

Estava a fumar num cachimbo que lhe pendia da boca. Não havia pão naquela mansarda, mas ainda havia tabaco.

Ocupava-se em escrever, provavelmente alguma carta como as que Mário lera.

A um canto da mesa via-se um livro velho de cor avermelhada, cujo formato revelava um volume truncado de algum romance Lia-se-lhe na capa este pomposo título. *Deus, o Rei, a Honra e as Damas, por Ducray-Dummu 1814.*

O homem, ao mesmo tempo que escrevia, falava em voz alta e Mário percebia-lhe estas palavras:

— Ora esta! Nem sequer, depois da morte, haverá igualdade! Senão olhem para o que vai no Père-Lachaise. Os grandes, os ricos, estão em cima na rua, que é orlada de acácias e bem asseada. Podem ir até lá de carruagem. Os pequenos, os pobres, os infelizes, essa gente para aí, esses atiram com eles para um canto, onde a lama dá pelo joelho, para covas cheias de água! Atiram-nos para ali para eles se desfazerem mais depressa Ninguém lá pode ir vê-los sem se enterrar naquele lamaçal!

Chegado a este ponto, calou-se, bateu com o punho fechado na mesa e

exclamou, rangendo os dentes:

— Oh, dá-me vontade de comer o mundo!

Junto do fogão estava acocorada uma mulher gorda, que aparentava ter quarenta ou cem anos.

Não tinha também por vestuário senão numa camisa e uma saia de malha, remendada com bocados de pano velho.

Um avental muito grosseiro tapava metade da saia. Conquanto esta mulher estivesse dobrada e como amontoada sobre si mesma, via-se que era de elevada estatura. Era uma espécie de gigante ao pé de seu marido. Tinha os cabelos de um ruivo repugnante, já grisalhos, e que ela de vez em quando afastava da cara, com as suas enormes mãos de unhas chatas.

Tinha junto de si, pousado no chão, um volume aberto, do mesmo formato que o outro, e talvez do mesmo romance.

Sentada sobre uma das camas, entrevia Mário uma espécie de rapariga esguia e lívida, quase nua e com os pés pendentes, não tendo ar nem de quem escuta nem de quem vê nem de quem vive.

Era de certo a irmã mais nova da que tinha ido ao quarto dele entregar-lhe a carta.

Parecia à primeira vista ter onze ou doze anos. Ao examiná-la, porém, com atenção, conhecia-se que tinha catorze ou mais. Era a que na tarde do dia antecedente, ao escurecer, ia a dizer para a irmã, quando o rapaz as encontrou: «*Por aqui me sirvo!*»

Pertencia à enfezada espécie que está muito tempo paralisada e depois cresce rápida e repentinamente. É a indigência a origem destas tristes plantas humanas. São criaturas que nem têm infância nem adolescência. Aos quinze anos parecem ter doze, aos dezasseis parece que têm vinte. Hoje raparigas, amanhã mulheres. Dir-se-ia que atravessam a vida de um salto, para mais depressa acabar.

Naquela ocasião, aquele ente tinha ar de criança.

Em toda a mansarda, nem sinais se viam que acusassem a presença de algum trabalho nem um utensílio nem um só objecto de ferramenta. Apenas, a um canto, alguns ferros velhos de duvidoso aspecto. Respirava tudo essa tristonha presença que se segue ao desespero e precede a agonia.

Mário deteve-se a contemplar por algum tempo aquela mansão fúnebre, mais medonha que a mansão do túmulo, porque naquela se sentia a agitação da alma humana e o palpitar da vida.

O sótão, a água-furtada, a espelunca, esses lugares por onde se rojam certos indigentes no mais fundo do edifício social, não são precisamente o sepulcro, são a sua antecâmara; à semelhança, porém, dos opulentos que

ostentam as maiores magnificências à entrada dos seus palácios, parece que a morte, que está mesmo ao pé, coloca as suas maiores misérias neste vestíbulo.

O homem calara-se, a mulher não falava, a jovem parecia que nem respirava. No meio deste profundo silêncio, apenas se ouvia o ranger da pena sobre o papel.

Passado algum tempo, porém, o homem resmungou, sem parar de escrever:

— Corja, corja É tudo uma corja!

Esta variante do epifonema de Salomão arrancou um suspiro à mulher.

— Sossega, amiguinho — disse ela. — Não te agonies, filho. Em escrever a toda essa gente mostras tu a tua bondade!

Na miséria apertam-se os corpos uns contra os outros, como se os tomara o frio, mas afastam-se os corações. Segundo todas as aparências, aquela mulher amara decerto aquele homem com todo o amor de que era susceptível, mas esse amor extinguira-se, talvez por causa das quotidianas e recíprocas recriminações, motivadas pela horrível penúria de que toda aquela família era vítima. Já não existiam, nela mais do que cinzas de afeição.

Contudo, sobreviveram à perda do amor os tratamentos carinhosos, como tantas vezes acontece. Ela dizia: *«Filho, meu rico homem, amiguinho»,* mais só com a boca e sem que o coração nisto tomasse parte.

O homem que um instante se interrompera continuava de novo a tarefa em que estava ocupado.

VII — Estratégia *e* táctica

Ia Mário a descer do seu improvisado observatório, com o coração confrangido pelo que vira, quando um ruído o atraiu e o fez permanecer no seu lugar.

Acabava de abrir-se de chofre a porta da mansarda e de assomar no seu limiar a filha mais velha. Trazia calçados uns grandes sapatos de homem, cheios de lama, que lhe salpicava os tornozelos, e pendente dos ombros uma manta esfarrapada, que Mário não lhe vira uma hora antes, porque decerto a tinha deixado à entrada da porta para inspirar mais compaixão, tornando-a a cobrir depois que saiu. Entrou, fechou a porta, parou para tomar a respiração, porque vinha esbaforida, e em seguida exclamou, com expressão de triunfo e alegria:

— Ele aí vem!

O pai voltou os olhos, a mulher voltou a cabeça, a irmã mais nova não se mexeu.

— Quem? — perguntou o pai.

— O tal senhor.
— O filantropo?
— Sim, senhor.
— Da igreja de S. Jacques?
— Sim, senhor.
— O velho?
— Sim, senhor.
— E vem aí?
— Não tarda
— Sabes isso com certeza?
— Com toda a certeza.
— Realmente ele vem aí?
— Vem, sim, senhor; vem de carruagem.
— De carruagem! É Rothschild!
O homem levantou-se.
— Como sabes tu isso com certeza? Como é que, se ele vem de carruagem, tu chegas primeiro do que ele? Disseste-lhe ao menos tu bem onde nós moramos? Disseste-lhe bem que era na última porta, ao fim do corredor, do lado direito? Se ele se engana! Então encontraste-o na igreja? Ele leu a minha carta? E que disse?
— Devagar, devagar — exclamou a jovem. — Como vais a galope, paizinho! Aí vai como foi: Entrei na igreja e pesquei-o logo no lugar do costume; fiz-lhe uma cortesia, entreguei-lhe a carta, ele leu-a e perguntou-me: «Onde moras, minha filha?» Eu disse-lhe: «Eu vou com o senhor para lhe ensinar o caminho». E vai ele disse-me: «Nada, diz-me antes onde moras, porque, como minha filha tem de sair a fazer algumas compras, eu vou alugar uma carruagem e chegarei a tua casa ao mesmo tempo que tu». Disse-lhe então onde morávamos, mas quando lho disse, parece que ele ficou assim admirado, sem saber o que havia de responder, até que por fim disse: «É o mesmo, irei». No fim da missa vi-o sair da igreja com a filha e meteram-se ambos num carro. Mas eu disse-lhe bem que a nossa porta era a última ao fim do corredor, do lado direito.
— Mas como sabes tu que ele vem?
— Porque avistei agora mesmo o carro, que vinha ao princípio da rua do Petit-Banquier.
— Como sabes tu que o carro era o mesmo?
— Ora! Porque tomei sentido no número.
— E que número é?
— 440.

— Bem, és uma rapariga esperta!

A filha olhou ousadamente para o pai e acrescentou, mostrando-lhe os sapatos que trazia nos pés:

— Pois serei uma rapariga esperta, mas o que eu digo é que não torno a calçar estes sapatos e que os não quero: primeiro por causa da saúde, segundo por causa da limpeza. Cá para mim não há coisa que mais me agrade do que umas chinelas justinhas ao pé, que façam *gji, gji, gji* quando a gente vai a andar. De outro modo antes quero andar descalça.

— Tens razão — respondeu o pai num tom de brandura que contrastava com a indocilidade da jovem — mas é que assim não te deixavam entrar nas igrejas. Os pobres não têm remédio senão andar descalços. Na casa de Deus não se entra descalço! — disse ele com azedume. E em seguida acrescentou, voltando ao objecto que naquela ocasião o preocupava: — Mas tu sabes com certeza que ele vem aí?

— E não tarda cá muitos minutos.

O homem levantou-se. O seu rosto como que se tinha iluminado.

— Mulher! — exclamou ele. — Bem ouviste que vem aí ofilantropo, por isso apaga o lume.

A mulher, de estupefacta que ficara, não se moveu. Jondrette, com a agilidade de um saltimbanco, pegou num cântaro esbotenado que estava em cima do fogão e despejou a água nos tições.

E, dirigindo-se em seguida para a sua filha mais velha, disse:

— Tu arromba a cadeira, anda!

A filha, porém, não percebeu. Ele pegou então na cadeira e arrombou-a, assentando-lhe o pé em cheio no meio da palhinha, de modo que ficou com a perna metida no rombo.

— Está frio, rapariga? — perguntou ele, tirando a perna do buraco da cadeira

— Muito! Está a nevar com toda a força!

O pai voltou-se então para a filha mais nova, que estava sentada na cama ao pé da janela, e gritou-lhe com voz de trovão:

— Já abaixo da cama, sua perdida! Nunca há-de prestar senão para comer! Quebre já um vidro!

A criança saltou abaixo da cama a tremer.

— Quebre já um vidro — tornou ele.

A criança, porém, ainda ficou vacilante.

— Tu não ouves? — repetiu o pai. — Eu disse-te que quebrasses um vidro!

A filha, levada da obediência do medo, pôs-se em bicos de pés e deu um murro num vidro, que quebrou, caindo com grande estrondo,

— Está bem! — disse o pai.

Jondrette estava com aspecto severo e agastado. O seu olhar percorria todos os cantos da mansarda.

Dir-se-ia um general fazendo os últimos preparativos no instante em que vai principiar a batalha.

A mulher, que ainda não tinha proferido uma só palavra, levantou o corpo e perguntou com voz lenta e surda, como se as palavras lhe saíssem geladas dos lábios:

— Filho, tu que queres fazer?

— Mete-te na cama! — respondeu o homem.

A entoação com que ele disse isto não admitia réplica. A mulher obedeceu, portanto, atirando-se com todo o peso do corpo para cima de uma das camas.

Ao mesmo tempo gritou, ouvindo soluçar a um canto:

— Que vem a ser isso?

A filha mais nova, sem sair do canto onde Se tinha acocorado, mostrou a mão ensanguentada. Ao quebrar o vidro, cortara-se e fora sentar-se ao pé da cama de sua mãe, chorando em silêncio.

A mulher levantou-se então e exclamou:

— Vês o que fazem as tuas tolices? Fizeste com que a pequena se cortasse, ao quebrar o vidro!

— Melhor! — disse o homem. — Isso já eu esperava.

— O quê, melhor? — tornou a mulher.

— Pouca bulha! — replicou ele. — Suprimo a liberdade de imprensa!

Em seguida rasgou a camisa de mulher que trazia vestida, tirou-lhe uma tira, com que à pressa envolveu o dedo em que a filha se cortara, e, feito isto, disse, olhando com satisfação para a camisa rasgada:

— E até a camisa! Tudo se ajusta!

Pelo vidro quebrado, através do qual se via cair a neve lá fora, penetrava uma corrente de ar frigidíssimo e o nevoeiro exterior, que se dilatava pelo quarto como uma nuvem de algodão espalhada por dedos invisíveis. O frio prometido no dia antecedente pelo sol da Candelária efectivamente viera.

O homem circunvagou a vista em volta de si, como para se certificar que não esquecia coisa alguma. Pegou numa pá velha e deitou uma pouca de cinza sobre os tições molhados de modo que ficassem completamente escondidos.

Depois levantou-se e disse, encostando-se ao fogão:

— Agora pode vir o filantropo quando quiser, que nós estamos prontos para o receber.

VIII — Um raio de luz nas trevas

A filha mais velha acercou-se do pai e disse-lhe, pondo as mãos sobre as

dele:

— Ora apalpe como eu tenho frio.

— Ora! — respondeu o homem. — Mais frio tenho eu!

Ao menos tu tens tudo mais *e* melhor que os outros, até o mal! gritou impetuosamente a mulher de Jondrette.

— Caluda! — disse o homem.

A mulher, ao ver o olhar que ele lhe deitou, calou-se.

Houve então um momento de silêncio na mansarda. A pequena mais velha sacudia a lama das extremidades da manta que trazia, com ar indolente; a mais nova continuava a soluçar; a mãe tinha-lhe tomado a cabeça entre as mãos e enchia-a de beijos, dizendo-lhe em voz baixa:

— Não chores, meu amor, que isso não há-de ser nada; olha que fazes com que teu pai se arrenegue.

— Qual história! — exclamou o pai. — Pelo contrário! Berra para aí com força, que te há-de fazer bem!

Depois acrescentou, dirigindo-se para a mais velha:

— Ora esta! Diabo do homem não tem pressa de chegar! É o que me falta, se eu apaguei o lume, arrombei a cadeira, rasguei a camisa e quebrei o vidro para ficar a ver navios!

— E fizeste com que a pequena se cortasse! — murmurou a mãe.

— Sabes que mais? — tornou Jondrette. — É que está um frio dos diabos nesta maldita espelunca! Se o homem agora não vinha, é que era uma!... Aí está o que são os ricaços! A estas horas está ele a dizer lá com os seus botões: «Se quiserem, que esperem por mim, que o proveito é seu!» Oh, se eles soubessem o ódio que lhes tenho e como eu era capaz de os estrangular, com júbilo, alegria, entusiasmo e satisfação! E haviam de ser todos! Não havia de ficar nem um só, desses ricaços, desses fingidos homens de caridade, que se confessam, ouvem missa e andam metidos com os *padrecas,* com essa súcia de sotainas, e que, por se julgarem mais do que nós, vêm humilharmos, trazendo-nos alguma roupa, como eles chamam a uns poucos de trapos, que nem quatro soldos valem, e dando-nos um bocado de pão! O que eu quero não é isso, corja de tratantes! O que eu quero é dinheiro! Dinheiro nunca, porque dizem que somos uns bêbedos, uns calaceiros, que iríamos logo empregar em vinho o dinheiro que pilhássemos à unha! E eles que são, quero eu que me digam? Eles que são e que foram no seu tempo? Ladrões! Que, a não ser por esse modo, não enriqueciam! O que se havia de fazer era pegar na sociedade pelas pontas da toalha e atirar com ela por esses ares! Ficava tudo quebrado, é verdade, mas ao menos lucrava-se o ficarem todos sem nada!... Mas que diabo teria aquele mofino do benfeitor, que não há meio de vir? O bruto

decerto esqueceu o nome da rua ou o número da porta! Apostemos nós que o alarve do velho.

Neste instante, porém, bateram à porta ao de leve e Jondrette correu precipitadamente a abri-la, exclamando no meio de mil profundas cortesias e sorrisos de adoração.

— Faça favor de entrar, meu respeitável benfeitor, bem como essa encantadora menina.

Ao mesmo tempo que proferia estas palavras, assomavam ao limiar da porta um homem idoso e uma jovem.

O que Mário, que ainda não tinha saído do seu lugar de observação, experimentou naquele momento, não o podem exprimir palavras humanas.

Era ela.

Só quem já amou é que sabe todos os sentidos esplendorosos que encerram as quatro letras desta palavra: «Ela»

Era ela, com efeito. Mário mal a distinguia por entre o vapor luminoso que subitamente Se lhe formara diante dos olhos. Era essa mesma doce criatura que ele há tanto tempo não tornara a ver, o astro que por espaço de seis meses vira luzir, aqueles olhos, aquela fronte, aquela boca, aquele rosto, que lhe fugira, deixando após si as trevas. Eclipsara-se a visão e reaparecia agora. Reaparecia no meio daquelas trevas, daquela mansarda, daquele hediondo albergue, no meio daquele horror!

Mário sentia todo o corpo agitado de um tremor convulso! As palpitações do coração perturbavam-lhe a vista. Sentia-se quase a ponto de desatar a chorar. Oh, vê-la depois de a ter procurado tanto tempo baldadamente! Era como se tivesse perdido a alma e a tornasse a achar naquele momento!

A jovem estava no mesmo estado, apenas um tanto mais pálida; encaixilhava-lhe o delicado rosto um chapelinho de veludo cor de violeta, ocultava-lhe a cintura um mantelete de cetim preto. Por baixo do comprido vestido, mal se lhe divisava o pequenino pé, apertado numa botinha de seda.

O seu companheiro era ainda o senhor Leblanc.

Apenas entrou, a jovem deu alguns passos e foi pousar em cima da mesa uma trouxa que trazia na mão.

A filha mais velha de Jondrette escondera-se atrás da porta, e daí contemplava com sombrio olhar aquele chapelinho de veludo, aquela manta de seda e aquele formoso rosto cheio de graça e meiguice.

IX — Jondrette quase que chora

A mansarda era tão escura que as pessoas que entravam ficavam como se tivessem entrado num subterrâneo. Os dois recém-chegados adiantaram-se, portanto, com certa hesitação, distinguindo apenas em torno de si umas

formas vagas, ao passo que eles eram perfeitamente vistos e examinados pelos olhos dos moradores da mansarda, afeitos àquele crepúsculo.

O senhor Leblanc aproximou-se de Jondrette com o seu olhar cheio de tristeza e bondade e disse-lhe:

— Nesta trouxa encontrará alguma roupa nova e cobertores de lã.

— O nosso angélico benfeitor confunde-nos com a sua bondade! — disse Jondrette, inclinando-se até ao chão.

E acrescentou em seguida, em voz baixa e rapidamente, inclinando-se ao ouvido da filha, enquanto os dois visitantes examinavam o triste albergue:

— Que dizia eu? Farrapos! Dinheiro, nada! São todos o mesmo! É verdade, que assinatura levava a carta que entregaste a este casmurro?

— Fabantou — respondeu a filha.

— Artista dramático, bom.

Foi o que valeu a Jondrette, porquanto neste momento o senhor Leblanc voltava-se para ele e dizia-lhe com modo de quem queria saber-lhe o nome:

— Vejo que é digno de toda a compaixão, senhor...

— Fabantou — respondeu imediatamente Jondrette.

— Senhor Fabantou, é verdade; é isso mesmo. Agora me recordo.

— Artista dramático, que o público bastantes vezes aplaudiu.

Neste ponto, julgou Jondrette que era, sem dúvida, chegada a ocasião de se insinuar no coração do «filantropo», e por isso exclamou num tom de voz ao mesmo tempo impregnada da jactanciosa arrogância do pelotiqueiro nas feiras e da súplice humildade do mendigo nas estradas reais:

— Discípulo de Talma, senhor! Eu sou discípulo de Talma! Sorriu-me a fortuna noutro tempo, mas agora vejo-me a braços com a desgraça. Ora veja, meu benfeitor, nem lume, nem pão! Aquelas pobres crianças a tiritar de frio! A única cadeira que tinha, naquele estado que vê, toda arrombada! Os vidros da janela quebrados, com semelhante tempo! Minha mulher deitada ali naquela cama, a arder em febre. Coitada! — disse o senhor Leblanc.

— Esta minha filha com um dedo esmagado! — acrescentou Jondrette.

A pequena, distraída com a chegada de duas pessoas desconhecidas para ela, pusera-se a contemplar a «menina» e cessara de chorar.

— Tu choras ou não choras? Berra para aí com força! — disse-lhe Jondrette em voz baixa.

Ao mesmo tempo deu-lhe um beliscão na mão em que a pequena se cortara, fazendo todos estes movimentos com uma habilidade de *escamoteador.*

A pequena principiou a chorar em altos gritos.

A adorável jovem, que Mário no seu coração chamava «a sua Úrsula»

aproximou-se dela e disse:

— Coitadinha da criança!

— Ora veja como ela tem a mão cheia de sangue, minha querida menina! — prosseguiu Jondrette. — Aconteceu-lhe esse desastre na roda de uma máquina em que trabalhava para ganhar seis tristes soldos por dia! Talvez tenha de lhe cortar o braço!

— Na verdade! — disse o velho, assustado.

A pequena, que tomou a coisa a sério, desatou a chorar ainda com mais força.

— É verdade, meu benfeitor. Ainda mais essa desgraça, como se as que já sofremos fossem poucas!

Havia alguns instantes que Jondrette contemplava «o filantropo» de um modo estranho. Ao mesmo tempo que falava, parecia perscrutá-lo com atenção, como se tentasse reunir as suas reminiscências. De súbito, aproveitando a ocasião em que os recém-chegados dirigiam algumas perguntas à pequena a respeito do ferimento da mão, aproximou-se da mulher, que jazia na cama com ar de pasmo e consternação, e disse-lhe rapidamente, em voz que só ela ouvisse:

— Ora olha bem para este homem!

E em seguida acrescentou, dirigindo-se para o senhor Leblanc e prosseguindo nas suas lamentações:

— Veja isto, senhor; a minha roupa cifra-se nesta camisa de minha mulher, toda rota, no rigor do Inverno! Nem saio, por não ter que vestir! Se eu tivesse um casaco, ainda que fosse fraco, já tinha ido procurar *Mademoiselle* Mars, que me conhece e é muito minha amiga. Ela não mora ainda na Rua da Torre das Damas? Já representámos ambos na província e eu participei dos louros que ela colheu. Celimena não me deixava sem protecção! Elmina não negaria esmola a Belisário! Mas nada, nem um triste soldo nesta casa! Minha mulher doente e nem um soldo! Minha filha perigosamente ferida e nem um soldo! Minha mulher padece muito de sufocação. A idade, e, além da idade, o sistema nervoso, são a causa dos seus padecimentos. Precisava de socorros, bem como minha filha. Mas onde arranjar dinheiro para o médico e para o boticário? Nem um soldo tenho de meu! Aqui tem ao que as artes chegaram! E quer saber, minha encantadora menina, e o senhor, meu generoso protector, querem saber os senhores, que respiram a virtude e a bondade e perfumam a igreja onde minha filha todos os dias os vê, quando vai fazer as suas orações? Pois eu cá educo minhas filhas na religião, senhor, e não quis que elas abraçassem a carreira teatral. De quantas sei eu que não deram boa conta de si em semelhante vida? Por isso é que eu não quis. Às vezes ponho-me a

pregar-lhe sermões sobre a honra, sobre a moral e a virtude. Podem perguntar-lho. Eu gosto de ver caminhar as coisas como deve ser. Para isso têm pai, e eu não costumo ser de meias medidas no tocante à educação de minhas filhas. Elas não são dessas infelizes que principiam por não ter família e acabam por desposar o público. Essas tais hoje são meninas. *Ninguém* e daí a poucos dias já estão senhoras. *Toda* a *gente!* Anjo bento! Não quero cá disso na família! Cá o meu fito é educá-las virtuosamente para que sejam honestas, creiam em Deus e tenham a verdadeira formosura, que é a da alma! Mas quer que lhe diga o que amanhã me acontecerá? Amanhã é o dia 4 de Fevereiro, o dia fatal, o último prazo que me concedeu o senhorio, e, por conseguinte, se eu esta tarde não lhe apronto o dinheiro, amanhã, eu, minha mulher doente como está, minha filha mais velha, a mais nova, apesar do seu grave ferimento, seremos todos expulsos desta casa para fora, postos no meio da rua, sem abrigo, para *aí* à chuva, ao frio e à neve! Aqui tem o meu benfeitor a desgraça que me espera. Devo quatro trimestres, um ano, ou sessenta francos, que tudo vem a dar na mesma!

Jondrette mentia. Os quatro trimestres importavam em quarenta francos; além de que, ele não podia dever quatro, pois havia seis meses que Mário pagara dois por ele.

O senhor Leblanc tirou do bolso cinco francos e deitou-os em cima da mesa.

Jondrette aproveitou o ensejo para murmurar ao ouvido da filha mais velha:

— Sovina! Que quer ele que eu faça com os seus cinco francos! Cinco francos não me dão para a cadeira nem para o vidro! Vá lá um homem despender para colher um resultado assim!

Neste meio tempo, o senhor Leblanc tirou um amplo casacão pardo que trazia por cima do seu casaco azul e deitou-o sobre as costas da cadeira.

— Senhor Fabantou — disse ele — não trago comigo senão estes cinco francos, mas eu vou levar minha filha a casa e volto à noitinha. Não é hoje que tem de apresentar o dinheiro?

O rosto de Jondrette iluminou-se de um estranho clarão e respondeu rapidamente:

— Sim, senhor, meu respeitável protector! Às oito horas hei-de estar com o dinheiro em casa do senhorio. Pois às seis horas eu aqui estarei com os sessenta francos.

— Oh, meu benfeitor! — exclamou Jondrette com toda a efusão.

E acrescentou em voz baixa para a mulher:

— Repara bem nele.

Leblanc oferecera o braço à sua linda filha e voltara-se para a porta.

— Até à noite, meus amigos — disse ele.

— Às seis horas? — disse Jondrette.

— Às seis em ponto.

Neste momento a filha mais velha de Jondrette deu com os olhos no sobretudo que ficara sobre a cadeira e exclamou:

— Senhor! Esquece-se de levar o casaco!

Jondrette lançou-lhe um olhar fulminante, acompanhado de um medonho erguer de ombros.

O senhor Leblanc voltou-se e respondeu, sorrindo:

— Não o esqueço, deixo-o ficar.

— Ó meu protector — disse Jondrette — meu augusto benfeitor, as lágrimas querem-me saltar dos olhos! Permita-me que o acompanhe até à porta da rua! Se quer sair, então vista esse sobretudo, porque, na verdade, está frio.

Jondrette não esperou que ele lhe repetisse a recomendação. Enfiou rapidamente o sobretudo pardo e saíram todos três, indo Jondrette na frente.

X — Tarifa dos cabrioles de aluguer: dois francos por hora

Mário não tinha perdido um só pormenor desta cena, e, contudo, na realidade nada tinha visto. Os olhos tinham-lhe ficado fixos na jovem, que ele, para assim dizer, abarcara toda com o coração, apenas ela entrou na mansarda. Durante todo o tempo que ela ali se detivera, o jovem vivera a vida do êxtase que suspende as percepções materiais, fazendo concentrar a alma toda num só ponto. Ele contemplava, não a jovem, mas aquela luz que trazia um mantelete de cetim e um chapelinho de veludo. O jovem não ficaria mais deslumbrado do que ficou se naquela sala tivesse entrado a estrela Sírio.

Ao mesmo tempo que a graciosa jovem ia desatando a trouxa, desdobrando a roupa e os cobertores, e fazendo perguntas com bondade à doente e com enternecimento à pequena que se cortara, Mário observava-lhe todos os movimentos e tentava ouvir todas as palavras que ela proferia. Conhecia-lhe os olhos, a fronte, a beleza, a cintura, o andar, só não lhe conhecia o som da voz. Julgara uma ocasião no Luxemburgo que lhe ouvira algumas palavras, mas não tinha a certeza disso. De bom grado dava dez anos da sua vida para a ouvir falar, para poder levar na alma um bocado desta música. Tudo, porém, que a jovem dizia era abafado pelos lamentosos queixumes de Jondrette e pelos seus guinchos, com o que o transportado jovem muito se encolerizava. Mário fitava-lhe os olhos com a maior ternura. Não podia capacitar-se de que era, realmente, aquela criatura divina que ele divisava no meio daqueles imundos entes, naquela mansarda monstruosa. Parecia-lhe um colibri entre sapos.

Quando ela saiu, o seu pensamento foi segui-la, não a perder de vista,

acompanhá-la até saber onde ela morava, ou ao menos não a tornar a perder, depois de a haver encontrado tão miraculosamente. Saltou, pois, abaixo da cómoda e pegou no chapéu, mas, ao deitar a mão ao fecho da porta para sair, suspendeu-o uma reflexão. O corredor era comprido, a escada empinada, Jondrette falador, por isso o senhor Leblanc ainda de certo não se tinha metido na carruagem, e se ele no corredor ou na escada ou no limiar da porta se voltasse, avistá-lo-ia naquela casa, e decerto se assustaria e acharia modo de lhe escapar de novo, e lá ia outra vez tudo. Que fazer? Esperar um bocado? Mas, durante esse tempo de espera, podia a carruagem ir-se embora. Mário estava perplexo. Afinal, aventurou-se a sair do quarto.

Como no corredor já não encontrasse ninguém, dirigiu-se para a escada, onde também não encontrou vivalma. Desceu, portanto, apressadamente, e chegou ao boulevard a tempo de ver um carro a voltar a esquina da Rua do Petit-Banquier e encaminhar-se para Paris.

Mário precipitou-se naquela direcção, e, chegado ao ângulo do boulevard, tornou a avistar o carro, que seguia rapidamente pela rua Mouffetard; já ia muito distante, tornando-se-lhe impossível apanhá-lo; mesmo que ele tentasse isso, deitando a correr com toda a força atrás dele, decerto o avistariam de dentro e o velho o conheceria. Neste momento, porém, singular e maravilhoso acaso, Mário avistou um cabriole de aluguer, que ia a passar pelo boulevard sem ninguém dentro. O único expediente, pois, que tinha a tomar era meter-se no cabriole e seguir o carro. Era uma coisa certa, eficaz e sem perigo.

Mário fez sinal ao cocheiro para que parasse e gritou-lhe:

— Por hora!

Mário estava sem gravata, com o fato velho com que trabalhava, ao qual faltavam alguns botões, e uma camisa rota numa das pregas do peito.

O cocheiro parou, piscou o olho e estendeu a mão para Mário, esfregando brandamente o índex com o polegar

— Que é? — perguntou Mário.

— Pague adiantado — respondeu o cacheiro.

O rapaz lembrou-se então de que não trazia consigo senão dezasseis soldos.

— Quanto? — indagou.

— Quarenta soldos.

— Eu pago na volta.

O cocheiro, por única resposta, pôs-se a assobiar a cantiga de La Palisse e fustigou os cavalos.

Mário viu partir o cabriole com gesto desvairado. Por vinte e quatro soldos que lhe faltavam, perdia a sua alegria, a sua ventura, o seu amor, ficava outra vez nas trevas, tornava a cegar, depois de ter visto! Lembrou-se então

amargamente, e, devemos dizê-lo, com profundo pesar, dos cinco francos que pela manhã dera à miserável rapariga, filha do seu vizinho Jondrette. Se ele ali tivesse esses cinco francos, estava salvo, renasceria, sairia dos limbos e das trevas, sairia do isolamento, do *spleen,* da viuvez, tornaria a atar o fio negro do seu destino àquele belo fio de ouro que há um instante lhe flutuara diante dos olhos, quebrando-se ainda outra vez!

Mário entrou em casa no cúmulo do desespero.

Pudera servir-lhe de lenitivo a lembrança, de que o senhor Leblanc prometera voltar de tarde e que então tomaria melhor as suas precauções para o seguir; o jovem, porém, alheado na sua contemplação, mal ouvira a promessa do velho.

Na ocasião em que ia a subir a escada, avistou do outro lado do boulevard, junto da parede deserta da rua da Barreira dos Gobelinos, Jondrette, vestido com o sobretudo do «filantropo», a falar com um desses homens de aspecto pouco tranquilizador, a quem por convenção chamamos *vagabundos das barreiras;* homens de rostos equívocos e monólogos suspeitos, que têm ar de más intenções e que de ordinário dormem de dia, o que faz supor que trabalham de noite.

Estes dois homens parados a conversar, apanhando a neve que caía em espessos flocos, formavam um grupo, que um agente de polícia com *certeza* se poria a observar, mas em que Mário mal fez reparo.

Não obstante, porém, a grande preocupação que o agitava, não pôde deixar de notar que aquele vagabundo das barreiras com quem Jondrette estava a falar se parecia com um certo Panchaud, conhecido também pelo nome de Printanier ou Bigrenaille, que Courfeyrac uma vez lhe mostrara, e que passava no bairro por um perigoso passeante nocturno. O leitor já no livro precedente viu o nome deste homem. O tal Panchaud, conhecido também pelo nome de Printanier ou Bigrenaille, veio depois a figurar em muitos processos criminais, o que o tornou célebre entre os gatunos. Neste tempo não passava de um famoso gatuno. Hoje apenas resta dele uma vaga tradição entre os salteadores e ratoneiros. Fazia escola pelos fins do último reinado. Ao cair da noite, à hora em que se formam os grupos falando em voz baixa, conversava-se a respeito dele na Force, na Cova dos Leões. Podia-se até, na prisão, justamente no sítio em que por baixo do caminho de circunvalação passava o cano das latrinas, por onde em 1843 conseguiram evadir-se, em pleno dia, trinta presos, podia-se ler, logo por cima, o seu nome — PANCHAUD — audaciosamente gravado por ele no muro de circunvalação, numa das suas tentativas de evasão.

Em 1832 já a polícia o vigiava, porém ainda ele não tinha feito a sua estreia

de um modo sério.

XI — A miséria oferece-se para obsequiar a dor

Mário subiu a escada vagarosamente; e no momento em que ia a entrar no seu quarto, notou atrás de si, no corredor, a Jondrette mais velha, que o seguia. A rapariga tornou-se-lhe odiosa à vista. Fora ela quem lhe levara os cinco francos; era já muito tarde para lhos pedir, o cabriole já se tinha afastado, e o carro ia, decerto, muito longe. E depois não lhos restituiria. Enquanto a fazer-lhe perguntas sobre a morada das pessoas que havia pouco ali tinham ido seria inútil; era evidente que o não sabia, por isso que a carta assinada com o nome de Fabantou fora dirigida ao benfeitor da igreja de S. Jacques do Haut-Pas.

Mário entrou para o seu quarto e cerrou a porta, mas não a podendo fechar de todo, voltou-se, e viu a mão de alguém que a conservava entreaberta.

— Quem é? — perguntou ele. — Quem está aí?

Era a filha de Jondrette.

— É você! — tornou Mário quase com dureza. — Que me quer?

A rapariga parecia pensativa e não olhava para ele; não apresentava o mesmo desembaraço que ostentara de manhã; não entrava e conservava-se na sombra do corredor, onde Mário a via apenas pela greta da porta.

— Então não responde? — disse Mário. — Que me quer?

A rapariga dirigiu-lhe um olhar triste, onde parecia mostrar-se um vago clarão e disse-lhe:

— Senhor Mário, o senhor tem um ar tão triste!... Diga-me, o que tem?

— Eu?! — disse Mário.

— Sim, o senhor

— Não tenho nada.

— Tem, decerto.

— Já disse que não.

— E eu digo que sim!

— Deixe-me.

Mário empurrou novamente a porta e a rapariga continuou a sustê-la.

— Olhe, senhor Mário, o senhor faz mal. O senhor não é rico, e assim mesmo mostrou-se bom para comigo ainda esta manhã. Seja-o também agora. De manhã deu-me com que matar a fome; diga-me agora o que é que tem. O senhor tem coisa que lhe dê cuidado; isso vê-se. Eu não queria que estivesse triste. O que é preciso fazer para isto? Se posso servir para alguma coisa, disponha de mim. Eu não lhe digo que me conte os seus segredos; mas enfim, talvez que lhe possa fazer algum serviço. Uma vez que ajudo meu pai, posso ajudá-lo ao senhor. Quando é preciso levar cartas, ir a alguma casa, perguntar por alguém de porta em porta até achar-lhe a morada, seguir

alguma pessoa, então posso ser útil; para isso sirvo eu. O senhor pode dizer o que tem, porque eu irei falar a alguma pessoa que o senhor queira; às vezes basta que alguém fale com as pessoas para que as coisas se saibam e tudo se arranje. Disponha de mim.

Uma ideia perpassou pelo espírito de Mário. Quem se sente cair não escolhe ramo para se apegar.

Aproximou-se pois da filha de Jondrette e disse-lhe:

— Escuta...

A rapariga interrompeu-o com a expressão da alegria nos olhos.

— Assim, sim... trate-me por tu, gosto mais disso.

— Pois sim — tornou ele — tu é que trouxeste aqui aquele sujeito velho e sua filha?

— Fui.

— Sabes a sua morada?

— Não.

— Vê se a podes saber.

Os olhos da rapariga, de tristes tornaram-se alegres, de alegres tornaram-se sombrios.

— É isso o que o senhor quer? — perguntou ela.

— É.

— O senhor conhece-os?

— Não.

— Já sei — disse ela com vivacidade — não a conhece, mas quer conhecê-la.

Esta mudança de *os* em *a* tinha não sei quê de significativo e amargo.

— Mas enfim, podes saber onde moram?

— Há-de saber a morada daquela linda menina, deixe estar...

As palavras «linda menina» foram ainda ditas de modo que importunou Mário, o qual acrescentou:

— A morada do pai ou da filha... a morada deles enfim.

A rapariga fitou os olhos nele.

— E o que me dará?

— Tudo o que tu quiseres.

— Tudo o que eu quiser?

— Sim.

— Pois então há-de saber onde moram.

A filha de Jondrette baixou a cabeça, e depois, com um movimento inopinado puxou a porta, que logo tornou a fechar-se.

Mário tornou a achar-se só.

Deixou-se cair então numa cadeira, com a cabeça e ambos os cotovelos encostados à cama, abismado em pensamentos que não podia fixar e presa de uma espécie de vertigem. Tudo o que ocorrera desde manhã, a aparição do anjo, o seu desaparecimento, o que a rapariga acabara de lhe dizer, um vislumbre de esperança num imenso desespero, era o que lhe preenchia confusamente o cérebro.

De súbito sentiu-se violentamente arrancado à sua meditação.

Ouvira a voz alta e áspera de Jondrette pronunciar as seguintes palavras, que encerravam para ele o mesmo extraordinário interesse:

— Digo-te que tenho toda a certeza de que o reconheci!

De quem falava Jondrette? Quem tinha ele reconhecido? O senhor Leblanc? O pai da «sua Úrsula»? O quê! Pois Jondrette conhecia-o! Iria acaso por modo tão abrupto e inesperado obter todas as informações sem as quais a sua vida era para si mesmo obscura? Iria, enfim, saber a quem amava, quem era aquela jovem, quem era seu pai? Estaria a ponto de se dissipar a sombra espessa que os envolvia? Acaso se rasgaria o véu? Oh, Deus!

Não subiu, pulou para cima da cómoda, foi novamente aplicar um olho no buraco do tabique, e tornou a ver o interior da pocilga dos Jondrette.

XII — Em que foi empregada a moeda de cinco francos do senhor Leblanc

Não houvera a mínima mudança no aspecto da família, salvo a de terem a mãe e as filhas vestido e calçado as camisolas e meias de lã, que acharam na trouxa. Em cada uma das camas via-se um cobertor novo.

Jondrette acabava evidentemente de entrar para casa; estava ainda afadigado. Suas filhas estavam ao pé da chaminé sentadas no chão, a mais velha a tratar da mão da mais nova. A mulher achava-se como prostrada sobre a cama próximo da chaminé, mostrando na fisionomia uma expressão de pasmo. Jondrette percorria o quarto a passos largos de um a outro extremo, com extraordinária expressão nos olhos.

A mulher que parecia tímida e cheia de espanto na presença do marido, arriscou-se a dizer-lhe:

— O quê! Pois estás realmente certo disso?

— Certíssimo! Já lá vão oito anos, mas reconheci-o logo! Não me engano, não! Reconheci-o assim que entrou. Pois isto não te salta aos olhos?

— A mim, não.

— Eu bem te disse: repara nele! É a mesma figura, a mesma cara, a mesma voz; o que tem é estar mais velho. Não sei o que certa gente faz para não envelhecer. A maior diferença é andar mais bem vestido. Até que te apanhei, misterioso velho do diabo!

Nisto parou e disse às filhas:

— Vão-se daqui, vocês. Parece impossível que te não saltasse aos olhos!

As raparigas levantaram-se para obedecer.

A mãe balbuciou:

— Com a mão ferida?

— O ar há-de fazer-lhe bem — disse Jondrette. — Saiam daqui!

Era visível ser este homem daqueles a quem se não replica. As duas raparigas saíram.

No momento em que iam a transpor a porta, o pai deteve a mais velha pelo braço e disse-lhe em tom particular:

— Hão-de estar aqui às cinco horas em ponto, ambas. Devo precisar muito de vocês.

Mário cada vez prestava maior atenção.

Depois que as duas crianças saíram, deixando Jondrette a sós com a mulher, tornou aquele a passear no quarto. Ao cabo de duas ou três voltas, parou e pôs-se a meter por dentro das calças a fralda da camisa de mulher que trazia vestida, no que gastou alguns minutos.

De repente, voltou-se para a mulher, cruzando os braços, e exclamou:

— E queres que eu te diga uma coisa? A pequena...

— Que tem a pequena? — disse a mulher, vendo que ele se calara nomeio do que ia a dizer.

Não podiam restar dúvidas a Mário; era dela com certeza que Jondrette falava. O jovem escutava, pois, com ardente ansiedade a menor palavra daquele homem. Como que nos ouvidos se lhe concentrara a vida toda. Infelizmente, Jondrette curvara-se para falar em voz baixa a Sua mulher, após o que se endireitou, terminando em tom que Mário ouviu perfeitamente.

— É ela!

— Será? — disse a mulher.

— É! — respondeu o marido.

Não há frases que traduzam fielmente toda a expressão daquele — *será?* — dito pela mulher de Jondrette.

Era a surpresa, a raiva, o ódio, a cólera, juntas e combinadas numa entoação monstruosa. Bastaram algumas palavras, um nome talvez, que o marido lhe tinha dito ao ouvido, para que aquela mulher colossal despertasse do seu entorpecimento e de repelente que já era se tornasse horrorosa.

— É impossível! — exclamou ela. — Pois lembrar-me eu que minhas filhas andam por essas ruas descalças e não têm um farrapo de um vestido, e ela de mantelete de cetim, de chapelinho de veludo, botinhas e tudo mais! Para Cima de duzentos francos em roupa! De tal modo que parece mesmo uma senhora!

Nada, menino, olha que estás enganado; bem vês que a outra era feia como um bode e esta, vamos andando, ainda não é muito de fazer fugir! Nada, não pode ser ela!

— Digo-te que é ela! Senão tu verás.

A esta afirmativa tão absoluta, a mulher de Jondrette levantou a enorme cabeça, povoada de cabelos ruivos, e fitou os olhos no tecto da mansarda com hedionda expressão. Naquela ocasião ainda o seu aspecto pareceu ao rapaz mais temível do que o do marido. Era uma porca com olhar de pantera!

— Pois esse estafermo dessa linda rapariga que aí esteve, fitando-me as filhas com olhar de compaixão, seria aquela desavergonhada?! Oh, a minha vontade era desfazê-la a pontapés!

E, ao dizer isto, saltou abaixo da cama e ficou um instante de pé no meio da casa, com os cabelos desgrenhados, as ventas dilatadas, a boca meia aberta, os punhos cerrados, atitude ameaçadora e convulsos pelo tremor da raiva, que se lhe azedava no peito. Depois atirou-se de novo para cima da cama. O marido, esse continuava a passear, sem prestar atenção aos movimentos furibundos da mulher.

Após alguns instantes de silêncio, Jondrette aproximou-se de sua mulher, estacou diante dela com os braços cruzados, como há um instante, e exclamou:

— Mas queres que te diga uma coisa?

— Que é? — perguntou ela.

— É que está feita a minha fortuna! — respondeu ele rapidamente e em voz baixa.

A mulher encarou-o com um olhar que queria dizer: «Tu endoidecerias?»

— Apre! Com um raio de diabos! Não há já tão pouco tempo que eu faço cruzes na boca e jejuo mesmo nos dias em que o Papa não manda guardar jejum! Basta de miséria! É ainda, de mais a mais, com a carga que eu tenho às costas! Já basta de graças, que o caso não é para rir; basta de calemburgos, Deus do céu! Basta de cartas, Padre Eterno! Quero matar esta fome, saciar esta sede, dormir, passear, andar com as mãos debaixo dos braços! Também quero ter a minha vez! Que diabo! Antes de estalar, preciso ser por algum tempo milionário!

E depois de dar uma volta pela mansarda, acrescentou:

— Como os outros!

— Mas que queres tu dizer? — perguntou-lhe a mulher.

Jondrette abanou a cabeça, piscou um olho e levantou a voz como um ilusionista de feira, que se prepara para fazer uma demonstração,

— O que quero eu dizer? Escuta!

— Schiu! — resmungou a mulher. — Fala mais baixo! É preciso que ninguém oiça falar de negócios como este!

— Ora! Quem é que pode ouvir? O vizinho? Vi-o sair ainda agora. Como se aquele papalvo ouvisse alguma coisa! E depois, já te disse que o vi sair.

Entretanto, por uma espécie de instinto, baixou a voz, mas não tanto que as suas palavras não fossem ouvidas por Mário. Uma circunstância favorável e que permitia a Mário não perder uma sílaba daquela conversação, fora a espessura de neve que estava caindo e que atenuava o ruído das carruagens que passavam pelo boulevard.

Eis o que Mário ouviu:

— Escuta bem. Está filado o Creso! É como se já estivesse tudo feito. Tenho tudo arranjado; já falei com alguém. Às seis horas vem ele. Vem trazer os sessenta francos, canalha! Viste como deixei sair pela boca fora toda aquela cantiga? Os sessenta francos, o senhorio, o 4 de Fevereiro? E do que se trata agora mais é da renda da casa! Que estupidez! Vem àsseis horas; é ahora a que o vizinho vai jantar. A tia Bourgon vai a uma casa, longe daqui, lavar a loiça. O vizinho nunca volta para casa antes das onze horas. As pequenas pôr-se-ão de vigia Tu ajudar-nos-ás e ele não terá remédio senão tratar de *espigar.*

— E se não *espigar?* — perguntou a mulher.

— Espigamo-lo nós!

E soltou uma gargalhada.

Era a primeira vez que Mário o via rir; um riso frio e suave, que fazia estremecer.

Jondrette abriu um armário junto da chaminé e tirou um boné velho, que pôs na cabeça depois de o ter escovado com a manga do casaco.

— Agora — disse ele — vou sair. Tenho ainda de falar com mais alguém. Verás como a coisa caminha. Hei-de demorar-me o menos possível: é muito boa partida, tu ficas guardando a casa.

E depois de se conservar algum tempo pensativo, com as mãos nos bolsos das calças, exclamou:

— Foi uma boa fortuna ele não me reconhecer também! Se me tivesse reconhecido não voltaria, *passava-nos o pé!* Foi a barba quem me salvou! A barba romântica, a minha barbinha romântica!

E de novo desatou a rir.

Em seguida encaminhou-se para a janela. A neve continuava a cair, fazendo um singular contraste com a escuridão do céu.

— Que tempo terrível este! — exclamou.

Em seguida acrescentou, cruzando o casacão:

— A *pele* é larga como o diabo. Não tem dúvida; o caso é que o tratante do

velho fez bem em ma deixar! Se não fosse isto não teria podido sair e tudo ficaria perdido! *Do* que dependem às vezes as coisas!

E puxando o boné para os olhos, saiu.

Teria apenas tempo de dar meia dúzia de passos, quando a porta se abriu, e de novo apareceu o seu perfil inteligente e bravio.

— Esquecia-me dizer-te... É preciso que tenhas um fogareiro aceso

E atirou para o avental da mulher a moeda de cinco francos que lhe dera o «filantropo».

— O fogareiro? — perguntou a mulher.

— Sim

— Necessito comprar carvão.

— Aí tens dinheiro.

— Quantas medidas?

— Bastam duas

— São trinta soldos. Com o resto comprarei alguma coisa para o jantar.

— Ó diabo! Isso não!

— Porquê?

— Não gastes o dinheiro todo.

— Porquê?

— Porque hei-de também precisar de comprar uma coisa.

— O que é?

— É cá uma coisa

— E quanto te é preciso?

— Onde há por aí uma loja de ferragens?

— Na rua Mouffetard.

— É verdade, à esquina... Estou mesmo vendo a loja.

— Mas quanto precisas para o que tens de comprar?

— Três francos e cinquenta soldos.

— Fica grande coisa para jantar, não haja dúvida!

— Hoje não se trata de comer. Há mais em que pensar.

— Basta, minha jóia.

A estas palavras da mulher, Jondrette tornou a fechar a porta, e então Mário ouviu-lhe os passos afastando-se pelo corredor do pardieiro, descendo rapidamente a escada.

Ao mesmo tempo dava uma hora em Saint-Médard.

XIII — Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabuntur orare pater noster

Apesar de melancólico e distraído, era Mário, como dissemos, dotado de uma organização firme e enérgica. O hábito do recolhimento solitário,

desenvolvendo nele a simpatia e a compaixão, diminuíra-lhe talvez a faculdade de se irritar, mas deixara-lhe intacta a de se indignar; era benévolo como um brâmane e severo como um juiz; tinha dó dum sapo, mas esmagava sem compaixão uma víbora. Ora, a sua vista acabava de penetrar num covil de víboras; era um ninho de monstros o que tinha diante dos olhos.

— Estes miseráveis devem ser esmagados com o pé — disse ele para si próprio.

Nenhum dos enigmas que esperava ver decifrar se aclarara; pelo contrário, todos se haviam tornado ainda talvez mais intrincados; não ficara sabendo nada mais acerca da formosa jovem do Luxemburgo, nem do homem que ele denominava senhor Leblanc, senão que Jondrette os conhecia. Através das tenebrosas palavras que ouvira, só percebera claramente uma coisa: que se preparava uma cilada, uma cilada obscura, mas terrível; que corriam ambos grande perigo, ela provavelmente, seu pai com toda *a certeza;* que era preciso salvá-los, que era indispensável destruir as combinações hediondas de Jondrette e romper a teia daquelas aranhas.

Por um momento contemplou a mulher de Jondrette, que fora a um canto buscar um usado fogareiro de ferro e que procurava o que quer que era entre os ferros velhos.

Em seguida desceu da cómoda o mais cuidadosamente possível, para não fazer a mínima bulha.

No meio do terror que lhe causava a maquinação que se preparava e do horror que lhe inspirava a família Jondrette, sentia uma espécie de alegria, lembrando-se de que lhe seria talvez dado prestar um tal serviço àquela que amava.

Mas como havia de fazer? Avisar as pessoas ameaçadas? Onde as encontraria se não sabia onde moravam? Tinham-lhe por um momento aparecido diante dos olhos, e logo depois mergulhado de novo nas imensas profundidades de Paris. Esperar o senhor Leblanc à porta, às seis horas, na ocasião em que ele entrasse, e preveni-lo do laço que lhe tinham armado? Mas Jondrette e a sua gente vê-lo-iam de sentinela, o lugar era deserto, teriam mais força do que ele, teriam modo de o anular ou de o afastar, e aquele a quem Mário queria salvar ficaria perdido. Acabava de soar uma hora. A cilada devia efectuar-se às seis. Mário podia dispor de cinco horas. Em tal conjuntura não tinha senão uma coisa *a* fazer.

Vestiu, portanto, o casaco melhor que tinha, pôs um lenço no pescoço, pegou no chapéu e saiu, sem fazer mais bulha do que se andasse descalço sobre relva.

Além disso, a mulher de Jondrette continuava a traquinar com os ferros

velhos.

Apenas Mário transpôs o limiar da porta, dirigiu-se para a rua do Petit-Banquier.

Ia já no meio desta rua, junto de um muro muito baixo, fácil de saltar nalguns pontos, e que dava para um terreno inculto; caminhava vagarosamente, preocupado como era natural; e a neve que cobria a calçada abafava-lhe o ruído dos passos; de repente, ouviu umas vozes que falavam muito perto dele. Voltou a cabeça, a rua estava deserta, não via ninguém, era dia claro, e contudo ouvia falar distintamente.

Ocorreu-lhe de repente a lembrança de olhar por cima do muro por junto do qual caminhava. Estavam com efeito ali dois homens, sentados sobre a neve, encostados *à* parede e falando em voz baixa.

Eram-lhe ambos desconhecidos. Um trazia grandes barbas e vestia uma blusa, o outro com grande cabeleira e coberto de andrajos. O primeiro tinha um gorro grego, o outro não tinha nada na cabeça e os cabelos estavam cobertos de neve.

Mário debruçando-se quase no muro por cima do sítio em que eles estavam, podia ouvir o que diziam.

O da cabeleira acotovelava o outro, dizendo-lhe:

— Com Patron-Minette não pode falhar.

— Julgas isso? — respondeu o das barbas.

O outro prosseguiu:

— Cada uma deve ter pelo menos uma *estilha de quinhentas balas* (uma parte de quinhentos francos), e o pior que pode custar são para aí uns cinco, seis ou dez anos, quando muito, de prisão.

O primeiro respondeu com alguma hesitação e batendo o queixo com o frio:

— Esta parece-me que é a valer, mas não se pode ir ao encontro das coisas assim.

— Afianço-te que não pode falhar — tornou o da cabeleira.

— A capoeira do tio Coisa, há-de estar à espera.

Depois passaram a falar dum melodrama que na véspera tinham visto no teatro da Gaité.

Mário continuou o seu caminho.

Pareceu-lhe que as palavras obscuras daqueles homens, tão estranhamente escondidos por detrás daquele muro e acocorados sobre a neve, não deixavam de ter relação com os abomináveis projectos de Jondrette. Aqueles dois homens tratavam decerto do tal negócio.

Dirigiu-se em seguida para o arrabalde de S. Marcai e na primeira loja que

encontrou perguntou onde havia um comissário de polícia.

Indicaram-lhe a rua Pontoise número 14 e Mário tomou essa direcção.

Passando por um padeiro, comprou um pãozinho de dois soldos e comeu-o, prevendo que não jantaria.

Durante o caminho fez justiça à Providência. Pensou em que se não tivesse dado de manhã os seus cinco francos à filha de Jondrette, seguiria o carro do senhor Leblanc, e por consequência não teria conhecimento de coisa alguma; que não haveria nada que obstasse à cilada dos Jondrette, que o senhor Leblanc estaria perdido, e com ele, decerto, sua filha.

XIV — Onde um agente da polícia dá duas pistolas de algibeira a um advogado

Chegando ao número 14 da rua de Pontoise, Mário subiu ao primeiro andar e perguntou pelo comissário de polícia.

— O senhor comissário não está cá — disse um escrevente mas está um inspector que faz as suas vezes. — É para caso urgente? Quer falar-lhe?

— Imediatamente — respondeu Mário.

O escrevente introduziu-o no gabinete do comissário.

Ali encontrou um homem de elevada estatura, de pé por detrás de uma grade, encostado a um fogão e levantando com ambas as mãos as abas de um vasto sobretudo de três cabeções. Tinha um rosto quadrado, uma boca pequena e firme, espessas suíças grisalhas e um olhar capaz de despejar bolsos. Era um olhar do qual se poderia dizer que não penetrava, mas que apalpava.

O aspecto daquele homem não era menos feroz nem menos terrível de que o de Jondrette; muitas vezes não é menos inquietador o encontro de um cão de fila do que o de um lobo.

— O que quer? — perguntou ele abruptamente a Mário, sem anteceder a pergunta de qualquer fórmula de tratamento.

— O senhor comissário de polícia?

— Está ausente, mas eu represento-o.

— Trata-se de um assunto muito secreto.

— Pode falar.

— É da maior urgência.

— Então diga depressa.

Aquele homem sereno e arrebatado, era ao mesmo tempo medonho e tranquilizador. Inspirava receio e confiança.

Mário contou-lhe o caso. Disse-lhe que um sujeito, que ele não conhecia senão de vista, devia ser naquela mesma noite vítima duma cilada; que morando ele, Mário Pontmercy, advogado, num quarto vizinho do covil,

surpreendera. Toda a trama através de um tabique; que o celerado que imaginara a cilada era um tal Jondrette, que parecia ter cúmplices, provavelmente ratoneiros das barreiras; entre outros um certo Panchaud, conhecido por Piintanier e por Bigrenaille; que as filhas de Jondrette estariam de sentinela; que não tinha meio algum de prevenir o indivíduo ameaçado, por isso que nem mesmo sabia como se chamava; e que enfim tudo isto se devia executar às seis horas da tarde, no ponto mais deserto do boulevard do Hospital, na casa número 50-52.

O inspector ouvindo este inúmero ergueu a cabeça e disse friamente:

— Então é no quarto do fim do corredor.

— Precisamente — disse Mário, acrescentando: — Conhece a casa?

O inspector conservou-se por um momento silencioso e respondeu depois, aquecendo a sola da bota na boca do fogão:

— Aparentemente.

E continuou por entre dentes, falando menos com Mário do que com a sua gravata:

— Nisto deve andar o que quer que seja de Patron-Minette!

Estas palavras impressionaram Mário.

— Patron-Minette — repetiu ele. — Ouvi com efeito pronunciar esse nome.

E contou ao inspector o diálogo do homem de cabeleira com outro barbudo, que estavam sentados na neve por detrás do muro da rua do Petit-Banquier.

O inspector resmungou:

— O da cabeleira deve ser Brujon, e o das barbas o Demi-Liard, conhecido por Deux Miliards.

Depois baixou novamente os olhos e pôs-se a meditar.

— Quanto ao tio Coisa, parece-me que também sei quem é. Lá queimei o casaco. Fazem sempre lume demasiado nestes malditos fogões! Número 50-52. Antiga propriedade Gorbeau.

Em seguida olhou para Mário e perguntou-lhe:

— Não viu senão o tal barbudo e o da cabeleira?

— Vi também Panchaud.

— Não viu girar por lá uma espécie de peraltazinha do diabo?

— Não vi

— Nem um brutalhão enorme semelhante ao elefante do Jardim das Plantas?

— Não, senhor

— Nem um velhaquete assim com ares de pinto calçudo?

— Também não.

— Quanto ao quarto, esse ninguém o vê, nem mesmo os seus ajudantes,

caixeiros e empregados. Admira-me pouco que o não tenha visto.

— Não vi, decerto. Mas que espécie de gente é essa? — perguntou Mário.

O inspector respondeu:

— Além disso não é ainda a hora dele.

E depois de tornar a conservar-se por um momento silencioso, continuou:

— Número 50-52. Conheço a espelunca. É impossível escondermo-nos no interior sem que os artistas dêem por isso; se tal sucedesse, limitar-se-iam a transferir o espectáculo. São muito modestos, incomoda-os o público. Nada, nada! Quero ouvi-los cantar para os fazer dançar.

Terminado este monólogo voltou-se para Mário e perguntou-lhe, fitando-o:

— Terá medo?

— De quê? — disse Mário.

— Dos tais homens.

— Tanto como de si! — replicou rudemente Mário, começando a notar que o beleguim o não tratara por senhor.

O inspector encarou Mário ainda com maior fixidez e continuou com uma espécie de solenidade sentenciosa:

— Fala como homem destemido e honesto. A coragem não receia o crime, nem a honradez a autoridade.

Mário interrompeu-o:

— Mas que tenciona fazer?

O inspector limitou-se a responder:

— Os inquilinos dessa casa têm todos chave de trinco para de noite abrirem a porta da rua. Deve ter a sua.

— Tenho.

— Trá-la consigo?

— Trago.

— Dê-ma.

Mário tirou da algibeira a chave e entregou-a ao inspector, acrescentando:

— A minha opinião é de que deverá levar reforço.

O inspector olhou para Mário como Voltaire olharia para um académico da província, que lhe propusesse uma rima. Acto contínuo meteu com um só movimento ambas as mãos, que eram enormes, nos bolsos do sobretudo, e tirou deles duas pequeninas pistolas de aço, das chamadas pistolas de algibeira e apresentou-as a Mário, dizendo-lhe ao mesmo tempo com vivacidade e num tom breve:

— Pegue nisto. Volte para casa e feche-se no seu quarto, de modo que o julguem ausente. Olhe que estão carregadas, cada uma com duas balas. Segundo me disse, há um buraco na parede; espreite e deixe entrar os súcios;

deixe-os mesmo encetar a obra. Quando julgar a coisa em ponto,e que for tempo de lhe pôr cobro, dispare uma das pistolas. Não o façacedo de mais; o resto é comigo. Um tiro para o ar, para o tecto, seja lá para onde for. O que é necessário é que não seja demasiado cedo. Espere que haja começo de execução; como é advogado, deve saber o que isto é.

Mário pegou nas pistolas e meteu-as no bolso.

— Assim não, que fazem muito volume e conhece-se — disse o inspector. — Meta-as antes nos bolsos das calças.

Mário aceitou a observação.

— Agora — prosseguiu o inspector — não há um minuto a perder. Que horas são? Duas e meia. É para as sete, não é verdade?

— Para as seis — disse Mário.

— Tenho tempo — redarguiu o inspector — mas apenas o necessário. Não se esqueça do que lhe recomendei. Um tiro de pistola.

— Fique descansado — respondeu Mário.

E quando este punha a mão no fecho da porta para sair, o inspector gritou-lhe:

— É verdade, se precisar de mim até lá, venha ou mande aqui. Procure o inspector Javert.

XV — Jondrette efectua a compra de que falava

Instantes depois, seriam três horas, Courfeyrac e Bossuet passavam casualmente pela rua Mouffetard. A neve caía cada vez com mais força, enchendo completamente o espaço.

— Dir-se-ia, ao ver cair esta imensidade de flocos de neve — disse Bossuet a Courfeyrac — haver no céu uma praga de borboletas brancas!

De súbito, deu com os olhos em Mário, que ia mais adiante, a caminho da barreira, com um ar particular e exclamou:

— Olha, vai ali o Mário!

— Já o vi — disse Courfeyrac. — Não lhe falemos.

— Porquê?

— Porque vai ocupado.

— Em quê?

— Então não vês o aspecto dele?

— Que aspecto?

— Não vês que ele vai com ar de quem segue alguém?

— É verdade! — disse Bossuet.

— Olha que olhos aqueles! — tornou Courfeyrac.

— Mas atrás de quem diabo irá ele?

— Por aí atrás de alguma mocetona bem feita e bem parecida que lhe deu

no goto!

— Mas é que eu não vejo em toda a rua mocetona nenhuma bem parecida nem por bem parecer! Não se avista uma única mulher!

— Vai atrás de um homem! — exclamou Courfeyrac, depois de se afirmar.

Um homem efectivamente, com um barrete na cabeça, caminhava vinte passos adiante de Mário. Conquanto os dois mancebos apenas o vissem pelas costas, distinguiam-lhe, contudo, a barba, que era grisalha.

Vestia um casaco novo, mas grande de mais para ele e umas calças esfarrapadas, todas sujas de lama.

— Que demónio de figura é aquela? — exclamou Bossuet, soltando uma gargalhada.

— Aquilo é um poeta! — respondeu Courfeyrac. — Os poetas gostam de andar com calças de negociantes de peles de coelho e casacos de pares de reino!

— Vamos atrás de Mário a ver para onde ele vai — disse Bossuet — vamos atrás do homem, heim?

— Bossuet! — exclamou Courfeyrac. — Águia de Meaux, és um bruto como uma casa! Seguir um homem que vai atrás de outro!

E, apenas proferiu estas palavras, voltaram ambos para trás.

Efectivamente, Mário vira passar Jondrette pela rua Mouffetard e ia-lhe no encalço.

Jondrette caminhava adiante, longe de suspeitar que lhe iam a vigiar os passos.

O vizinho de Mário deixou a rua Mouffetard e entrou para uma das mais sujas baiucas da rua Graciosa, onde se demorou um quarto de hora, tornando depois pela rua Mouffetard. Chegado a esta, entrou numa loja de ferragens, que nesse tempo havia à esquina da rua de Pedro Lombardo, e, poucos minutos depois, Mário viu-o sair de dentro, trazendo na mão um grande formão com um cabo de pau branco, que escondeu debaixo do casaco.

Ao chegar ao princípio da rua do Petit-Gentilly, tomou à esquerda, caminhando apressadamente na direcção da rua do Petit-Banquier.

O dia declinava; a neve, que durante um momento passara, principiava de novo a cair. Mário emboscou-se à esquina da rua do Petit-Banquier, que estava deserta como sempre, e deixou de seguir Jondrette. E fez muito bem, porquanto Jondrette, apenas chegou junto do muro baixo, por trás do qual Mário ouvira estar a falar o homem das barbas e o da cabeleira, voltou-se para se certificar de que ninguém o seguia nem o via e saltou rapidamente o muro, desaparecendo por trás dele.

O terreno abandonado que o muro fechava comunicava com o pátio

traseiro de uma antiga cocheira de trens de aluguer, cujo dono, que gozava de muito má fama, falira, e onde havia ainda alguns trens velhos debaixo de telheiros.

Mário lembrou-se de que era prudente aproveitar-se da ausência de Jondrette para se recolher a casa; depois as horas iam correndo; todas as tardes a tia Burgon, quando saía para ir à tal casa onde lavava a loiça, costumava fechar a porta da rua; Mário dera a sua chave do trinco ao inspector de polícia; era pois importante que se não demorasse.

Entretanto, tinha anoitecido quase completamente, já não havia no horizonte ou na imensidade senão um ponto iluminado pelo Sol; era a Lua, que se erguia avermelhada por trás da Cúpula inferior da Salpêtrière.

Mário encaminhou-se a passos largos para o número 50-52, achando ainda a porta aberta. Subiu a escada nos bicos dos pés, e como que resvalou ao longo da parede do corredor até ao seu quarto. Este corredor, tinha de ambos os lados diferentes quartos, que, naquela ocasião, estavam todos devolutos e à espera de moradores. A tia Burgon, deixava-lhes ordinariamente as portas abertas.

Quando Mário se dirigia para o seu quarto, passou por uma daquelas portas e julgou divisar, da banda de dentro, no quarto desabitado, quatro cabeças de homens, imóveis, e denunciadas por um resto de claridade que penetrava ainda por uma fresta.

Mário não diligenciou ver, porque também não queria ser visto, e chegou a entrar para o quarto, sem fazer o mínimo ruído e sem que ninguém o visse. Era tempo.

Passado um momento ouviu os passos da tia Burgon que saía e fechava a porta.

XVI — Onde se tornará a ouvir uma canção inglesa, que era moda em 1832

Apenas Mário se viu no seu quarto, sentou-se na cama. Seriam então cincc horas e meia. Só meia hora o separava do que teria de suceder. Sentia o bater das artérias como um relógio que tivesse no bolso. Pensava na dupla marcha que naquele momento se efectuava nas sombras; o crime avançando por um lado, a justiça pelo outro. Não tinha medo, mas não podia pensar sem certo estremecimento nas coisas que iriam ocorrer. Como sucede a todos os que acabam de se ver envolvidos subitamente numa aventura surpreendente, parecia-lhe um sonho tudo o que sucedera durante aquele dia; e para não se julgar vítima de um pesadelo, precisava apalpar nos bolsos os canos das duas pistolas de aço.

A neve cessara de cair, a Lua destacava-se cada vez mais clara das espessas

névoas que a ensombravam, e o seu clarão, aliado ao reflexo esbranquiçado da neve que havia caído, dava-lhe ao quarto um aspecto crepuscular.

No antro dos Jondrette havia luz. Mário via brilhar o buraco do tabique com uma claridade que parecia ensanguentada.

Era fora de dúvida que uma tal luz não podia ser produzida por uma vela. Quanto ao mais não sentia o mínimo movimento em casa dos Jondrette; ninguém ali se movia nem falava, não se ouvia o mínimo sopro, o silêncio era glacial e profundo; e, se não fora aquela luz, julgar-se-ia ser aquilo um sepulcro.

Mário descalçou as botas cautelosamente e meteu-as debaixo da cama.

Decorreram ainda alguns minutos. Mário ouviu a porta da rua girar nos gonzos, uns passos pesados e rápidos subirem a escada e percorrerem o corredor, e logo depois levantar-se o fecho da porta da pocilga. Ouviram-se desde logo diferentes vozes. Achava-se reunida toda a família do casarão; só se conservara calada durante a ausência do chefe, qual ninhada de lobos na ausência do pai.

— Sou eu — disse ele.

— Boas noites, paizinho — regougaram as filhas.

— E então? — inquiriu a mãe.

— Está tudo a correr bem — respondeu Jondrette. — Mas tenho nos pés um frio de cão. Bom! Assim mesmo: já te vestiste. É necessário que possas inspirar confiança.

— Pronta para sair.

— Não te esquecerás de nada do que te recomendei? Farás tudo bem feito?

— Podes estar descansado.

— É que... — disse Jondrette, sem concluir a frase.

Mário sentiu-o pôr sobre a mesa um objecto pesado, provavelmente o formão que comprara.

— É verdade, vocês comeram?

— Nós comemos três batatas cozidas passadas por sal. Como tínhamos lume, lembrei-me que o não devia perder.

— Bem — replicou Jondrette. — Deixai estar que amanhã hei-de tirar-vos a barriga de misérias! Há-de comer-se um pato e os respectivos complementos. Haveis de jantar como Carlos X; o negócio vai menos mau.

E acrescentou em seguida, moderando a voz:

— A ratoeira está armada e os gatos prontos a saltar!

E ajuntou, baixando ainda mais a voz:

— Mete isto no lume.

Mário ouviu um tinido semelhante ao produzido por umas tenazes ou por

qualquer objecto de ferramenta mexendo carvão e em seguida a voz de Jondrette, que prosseguia, dizendo:

— Untaste as dobradiças da porta para não rangerem?

— Untei — respondeu a mulher.

— Que horas são?

— Não tardam a dar seis, porque já deu meia há um bocado em Saint-Médard.

— Diabo! — resmungou Jondrette. — É preciso mandar pôr de sentinela as raparigas. Venham cá! Ouçam o que eu digo.

Jondrette disse o que quer que fosse ao ouvido das filhas e em seguida perguntou, elevando de inovo a voz:

— A Burgon já saiu?

— Já — disse a mulher.

— Tens a certeza de que não está ninguém em casa do vizinho?

— Não tornou a entrar em casa todo o dia; e agora bem sabes que é a hora dele jantar.

— Estás bem certa?

— Certíssima.

— Pois sim — replicou Jondrette — mas não faz mal nenhum em se ir ver se ele está em casa. — E voltando-se para a filha mais velha, acrescentou: — Pega na vela e vai ver.

Mário deixou-se cair sobre as mãos e sucessivamente sobre os joelhos e arrastou-se em silêncio para debaixo da cama.

Apenas assim se ocultou, viu brilhar uma luz através das fendas da porta.

— Pai! — gritou uma voz. — Não está cá.

Mário reconheceu a voz da rapariga mais velha.

— Entraste? — perguntou o pai.

— Não, senhor — respondeu a filha — mas como a chave está na porta, é sinal de que saiu.

— É o mesmo, mas entra! — tornou a gritar o pai.

A porta abriu-se então e Mário viu entrar a filha mais velha de Jondrette, cuja voz logo a princípio reconhecera, com um castiçal na mão.

Vinha como pela manhã, se não é que o clarão da luz que trazia lhe dava ainda um aspecto mais sinistro.

Ao vê-la encaminhar-se para o leito, Mário teve um momento de inexprimível ansiedade, que passou apenas conheceu que ela se dirigia para um espelho que estava pendurado na parede, ao pé da cama, alçando-se em bicos de pés para se ver a ele.

Ao mesmo tempo, ouvia-se no quarto vizinho um tinido de ferros, em que

alguém andava mexendo.

A filha de Jondrette, alisando os cabelos com a palma da mão e fazendo caretas ao espelho, cantarolava com a sua voz roufenha e sepulcral:

Oito dias enlaçados
Em ternos laços de amor
Vivemos, qual vivem anjos.
Sem leve sombra de dor,
Mas ai, que rápidos fogem
Doces horas de prazer!
O tempo dado ao amor
Nunca fim devia ter,
Nunca fim devia ter!

Entretanto, Mário tremia. Parecia-lhe impossível que ela lhe não ouvisse a respiração.

A rapariga dirigiu-se em seguida para a janela e olhou para fora falando em voz alta, com aquele ar meio desorientado que lhe era natural:

— Como Paris é feio, quando veste camisa lavada — disse ela.

Depois voltou a mirar-se novamente no espelho.

— Então! — gritou o pai. — Que estás fazendo?

— Estou vendo por baixo da cama e dos móveis — respondeu ela continuando a alisar os cabelos — não está ninguém.

— Estúpida! — uivou o pai. — Volta já para aqui! Nada de perder o tempo.

— Lá vou! Lá vou! Também na sua loja não tem a gente tempo para nada!

E continuou a cantarolar:

Corre à glória que te espera,
Que meu pobre coração
Nesta ausência desespera
De encontrar consolação!

Depois olhou mais uma vez para o espelho e saiu, tornando a fechar a porta.

Passado um momento, Mário ouviu os passos das duas raparigas que passavam descalças pelo corredor, e a voz de Jondrette que lhes gritava:

— Tomem bem sentido! Uma do lado da barreira, a outra à esquina da rua do Petit-Banquier. Não percam um instante de vista a porta da casa, e à mais pequena coisa que vejam, é correr logo para aqui a galope! Já têm uma chave para poder entrar.

A filha resmungou:

— Estar de sentinela com os pés descalços em cima da neve!

— Deixa estar que amanhã hás-de ter sapatos de seda cor de escaravelho! — disse-lhe o pai.

As raparigas desceram a escada e, ao cabo de alguns segundos a porta da rua fechando-se, anunciou que já tinham saído.

Já não estavam em todo o casebre senão Mário e os Jondrette; e provavelmente os entes misteriosos que Mário lobrigara no crepúsculo, atrás da porta do cubículo desabitado.

XVII — Emprego da moeda de cinco francos de Mário

Mário julgou ter chegado o momento de voltar para o seu observatório. Num abrir e fechar de olhos e com a ligeireza própria da sua idade, achou-se aplicando um olho no buraco do tabique.

O interior da habitação dos Jondrette oferecia um aspecto singular; Mário achou logo a explicação da estranha claridade que havia notado. Via-se ali uma vela acesa, metida num castiçal coberto de verdete, mas não era a vela que realmente iluminava o casarão. O antro estava todo como que iluminado pela reverberação dum grande fogareiro de ferro colocado na chaminé, com um vivíssimo lume de carvão. Era o fogareiro que a Jondrette preparava pela manhã. O carvão ardia e o fogareiro estava quase rubro; destacava-se nele uma chama azulada e vacilante, que ajudava a distinguir o feitio do formão comprado por Jondrette na rua de Pedro Lombardo, cujo ferro estava todo metido no braseiro. Viam-se a um canto, junto da porta, e como que dispostos para uso previsto, dois volumes, um dos quais parecia um montão de ferros, o outro um molho de cordas. Tudo isto fazia flutuar entre uma ideia demasiadamente sinistra, ou em extremo simples o espírito de quem não tivesse a mínima ideia sobre o que ali se preparava. A pocilga assim iluminada mais se assemelhava a uma forja do que a uma boca do inferno; mas Jondrette, àquela claridade parecia muito mais um demónio do que um ferreiro.

O calor do braseiro era tal que derretia a vela, do lado voltado para ele. Sobre a chaminé estava uma lanterna de furta fogo, de cobre muito velha, digna de Diógenes transformado em Cartouche.

O fogareiro colocado ao pé das fornalhas, respirava pela chaminé, e não espalhara em torno de si o mais leve cheiro.

O luar, entrando pelos quatro vidros da janela, projectava a sua claridade esbranquiçada no casarão avermelhado e flamejante; e para o poético espírito de Mário sonhador no próprio momento de acção, era como que um pensamento do céu aliado às disformes concepções da terra.

O ar que penetrava pelo vidro quebrado contribuía para dissipar o cheiro do carvão e para dissimular a presença do fogareiro.

O covil de Jondrette, se não esqueceram o que dissemos *a* respeito do pardieiro Gorbeau, era admiravelmente escolhido para servir de teatro a um facto violento e de um invólucro a um crime. Era o quarto mais retirado, da casa mais isolada, do boulevard mais deserto de Paris. Se as ciladas não

existissem inventar-se-iam ali.

O casarão era separado do boulevard por toda a espessura do prédio e por grande número de quartos desabitados, e a única janela que nele havia dava para terrenos incultos, fechadas com muros nuns pontos e noutros com tapumes.

Jondrette acendera o cachimbo e sentara-se, fumando, na cadeira sem assento. Sua mulher dizia-lhe o que quer que era em voz muito baixa.

Se Mário fosse Courfeyrac, isto é, um desses homens que riem em todas as ocasiões da vida, teria soltado uma gargalhada quando reparou na mulher de Jondrette. Tinha na cabeça um chapéu preto de plumas semelhante aos dos arautos que haviam figurado na sagração de Carlos X, nos ombros um grande xaile desusado, caindo sobre uma saia de malha, e nos pés os sapatos de homem desprezados pela filha. Fora uma tal *toilette o* que arrancara a Jondrette esta exclamação: *Bom! Fizeste bem em te vestir. É* preciso *que inspires confiança!*

Quanto a Jondrette não tinha despido o sobretudo novo, se bem que demasiado largo, que o senhor Leblanc lhe havia dado, continuando o seu vestuário a oferecer frisante contraste entre o sobretudo e as calças, contraste que aos olhos de Courfeyrac constituía o ideal do poeta.

De repente, Jondrette ergueu a voz:

— É verdade, agora me lembro. Com este tempo vem decerto de carruagem. Acende a lanterna, desce com ela lá para baixo e põe-te atrás da porta da rua Quando sentires a carruagem parar, abri-la-ás imediatamente, subirás adiante alumiando a escada e o corredor, e enquanto ela aqui entrar tornarás a descer depressa, pagarás ao cocheiro e mandarás embora a carruagem.

— E dinheiro? — perguntou a mulher.

Jondrette meteu a mão no bolso e deu-lhe cinco francos.

— Mas o que é isto? — exclamou ela.

Jondrette respondeu com dignidade:

— É o monarca que o vizinho deu esta manhã.

E acrescentou:

— Não sabes? Precisamos de duas cadeiras.

— Para quê?

— Para haver assentos.

Mário sentiu-se estremecer ouvindo Jondrette dar pacificamente esta resposta.

— Lá por isso... Eu te vou buscar a cadeira do vizinho.

E com um movimento rápido abriu a porta do casarão e saiu para o

corredor.

Mário não tinha materialmente tempo de descer da cómoda e de correr a esconder-se debaixo da cama.

— Leva a luz! — gritou Jondrette.

— Não — disse ela — é muita coisa junta, tenho de trazer também as cadeiras. E demais faz luar que parece dia.

Mário sentiu a pesada mão de Jondrette procurando às apalpadelas a chave da sua porta, no meio da escuridão. A porta abriu-se, Mário ficou como pregado no lugar em que estava, pela força da surpresa e pasmo.

A mulher entrou.

A janela ou postigo do quarto de Mário deixava passar uma réstia de luar entre dois grandes laços de sombra, um dos quais cobria tão completamente a parede a que ele estava encostado, que era impossível distingui-lo.

A mulher de Jondrette circunvagou a vista sem descobrir Mário, pegou nas duas únicas cadeiras que havia no quarto e saiu, deixando fechar a porta com estrondo.

— Aqui estão as duas cadeiras — disse ela para o marido, apenas entrou na mansarda.

— E aí está também a lanterna — disse o marido. — Vai para baixo quanto antes.

A mulher obedeceu imediatamente e Jondrette ficou só.

No mesmo instante colocou as cadeiras aos dois lados da mesa, voltou o formão dentro do braseiro, pôs na frente da chaminé um velho biombo que ocultava o fogareiro, dirigiu-se depois para o canto onde estava o molho de cordas e baixou—se como para examinar qualquer coisa.

Mário reconheceu então que o que julgava ser um molho de cordas era uma escada muito bem feita, com degraus de madeira e dois grandes ganchos numa das extremidades para a segurar.

Aquela escada e algumas pesadas ferramentas, tão descomunalmente grandes, que mais pareciam massas de ferro que se achavam amontoados atrás da porta, não estavam pela manhã no covil de Jondrette; era portanto evidente que tinham sido para ali levados de tarde, durante a ausência de Mário.

«São ferramentas de ferreiro», pensou Mário.

Se Mário fosse um pouco entendido naquela matéria, teria reconhecido, no que tomava por ferramentas de ferreiro, certos instrumentos próprios para forçar uma fechadura ou uma porta, e outros para cortar ou talhar; duas sinistras famílias de utensílios a que os ladrões chamavam *brocas e segadeiras.*

A chaminé e a mesa com as duas cadeiras estavam exactamente na frente

de Mário. Ocultado como estava o fogareiro, não era o casarão alumiado senão pela luz da vela, e o menor volume sobre a mesa ou sobre a chaminé, projectava uma grande sombra. Metade duma parede ficava quase oculta por um pote de água sem boca. Havia naquele recinto uma espécie de sossego medonho e ameaçador. Sentia-se ali a expectativa de alguma coisa espantosa.

Jondrette deixara apagar o cachimbo grave sinal de preocupação e sentara-se. A claridade da vela tornava-lhe salientes os ângulos ferozes e acentuados do rosto. De vez em quando enrugava as sobrancelhas e estendia a mão direita, como se respondesse aos últimos conselhos do sombrio monólogo interior. Nestas sombrias réplicas que dava a si mesmo, puxou vivamente para si a gaveta da mesa e tirou dela uma comprida faca de cozinha, que ali estava oculta e cujo gume experimentou numa unha Feito isto, tornou a guardar a faca e fechou novamente a gaveta.

Mário, pela sua parte, levou a mão à pistola que tinha no bolso direito, puxou por ela e armou-a.

O engatilhar da pistola produziu um estalinho seco e claro.

Jondrette estremeceu e quase se levantou de todo da cadeira

— Quem está aí? — gritou ele

Mário suspendeu a respiração e Jondrette aplicou o ouvido por um instante, depois disse, rindo:

— Que estúpido! É o tabique a estalar.

Mário conservou-se com a pistola engatilhada na mão.

XVIII — As duas cadeiras de Mário em frente uma da outra

De súbito abalou as vidraças a longínqua e melancólica vibração de um sino. Soavam seis horas no relógio de Saint-Médard.

A cada badalada fazia Jondrette um movimento com a cabeça, acompanhando-a Apenas se perdeu no espaço o eco da sexta, espevitou a vela com os dedos e principiou a passear pelo quarto, parando a intervalos para escutar se do corredor vinha algum rumor.

— O que falta agora é se ele não vem — resmungou, tornando a sentar-se.

Mal, porém, acabara de sentar-se, abriu-se a porta.

Abrira-a a mulher de Jondrette, que se conservava no corredor, fazendo uma carantonha horrivelmente prazenteira, que um dos buracos da lanterna de furta-fogo de baixo alumiava

— Faça favor de entrar — disse ela.

— Faça favor de entrar, meu benfeitor! — repetiu Jondrette, levantando-se precipitadamente.

O senhor Leblanc apareceu então com um ar de serenidade que o tornava singularmente venerando e, dirigindo-se para a mesa, depôs nela quatro

luíses, dizendo:

— Senhor Fabantou, aqui tem para o aluguer e para as primeiras necessidades. Lá para diante, veremos.

— O senhor o encha de mil bens, meu generoso protector! — disse Jondrette, e acrescentou em voz baixa a sua mulher, aproximando-se dela rapidamente: — Manda o carro embora!

A mulher saiu sorrateiramente, enquanto seu marido fazia cortesias sobre cortesias ao senhor Leblanc e lhe oferecia uma cadeira; um instante depois, ela voltou e disse baixo ao ouvido de Jondrette:

— Pronto.

Tão espessa era nas ruas *a* camada de neve, a qual desde pela manhã não cessara de cair, que nem se ouvira chegar o carro nem partir.

Quando a mulher de Jondrette entrou, o senhor Leblanc tinha-se sentado e Jondrette tomara posse da cadeira fronteira.

Agora, para se fazer ideia das cenas que se vão seguir, imagine-se uma noite fria, as solidões de Salpêtrière cobertas de neve, destacando-se como mortalhas imensas ao pálido clarão da Lua e ao baço e trémulo bruxulear dos lampiões, que reflectiam uma luz avermelhada sobre aqueles lugares sinistros, eriçados de compridas alas de olmos escuros, sem se ver um único transeunte talvez num quarto de légua em redor; imagine-se o casarão Gorbeau na hora de mais profundo silêncio, de maior horror e escuridão, e no meio daquelas solidões, no meio daquelas trevas, a vasta mansarda de Jondrette alumiada por uma vela, e naquela pocilga dois homens sentados em frente um do outro, o senhor Leblanc sereno, Jondrette risonho e horrível, a loba mãe a um canto, e oculto por trás do tabique, Mário, invisível, de pé, sem perder uma só palavra, sem perder um só movimento, com o olho à espreita e a pistola na mão.

Mário experimentava, é verdade, uma emoção de horror, porém nenhuma de receio. Apertava a coronha da pistola e sentia-se tranquilizado.

«Está na minha anão fazer sustar aquele miserável quando eu quiser!» dizia ele consigo.

Se bem que não a visse, como que sentia a presença da polícia de emboscada algures, esperando o sinal convencionado e pronta a estender o braço.

Esperava, porém, que daquele violento encontro do senhor Leblanc com Jondrette alguma luz se reflectiria sobre aquilo que ele tinha interesse em conhecer.

XIX — Preocupações por causa de certos mistérios

Apenas o senhor Leblanc se sentou, deitou os olhos para as duas camas

vazias e perguntou:

— Como está a pobre criancinha que se feriu na mão?

— Mal — respondeu Jondrette, com um sorriso triste e cheio de gratidão — muito mal, meu digno senhor! A irmã foi com ela ao hospital. Mas se as quiser ver, elas não tardam.

— A senhora Fabantou parece-me agora melhor — tornou Leblanc, lançando a vista ao singular vestuário da mulher de Jondrette, que, postada entre ele e a porta como se lhe estivesse guardando a saída, o contemplava em atitude ameaçadora e com ar de desafio.

— Oh, senhor! Aquilo anda mesmo a cair! Mas que quer? Tem um ânimo como eu ainda não vi, aquilo não é mulher, é um boi!

A mulher, comovida com o cumprimento, exclamou com denguice de monstro lisonjeado:

— És sempre bondoso para comigo, Jondrette!

— Jondrette!? — exclamou o senhor Leblanc. — Não me disse que se chamava Fabantou?

— Fabantou ou Jondrette é tudo a mesma coisa — replicou o marido rapidamente. — Alcunha de artista!

E lançando a sua mulher um olhar furibundo, que o senhor Leblanc não viu, prosseguiu com uma inflexão de voz simpática e carinhosa:

— Ah, graças ao Senhor, temos sempre vivido na maior paz e união! Eu e ela podemo-nos dizer o modelo dos bem casados! Também, se não fosse isto, que nos restava então? Só Deus sabe até onde chega a nossa desgraça, meu respeitável senhor! Quer a gente trabalhar e não tem em que ganhar a triste vida! Não seilá como o governo arranja estas coisas, mas o que sei e digo isto como quem se confessa, porque eu nem sou jacobino, nem revolucionário, nem quero mal a ninguém o que eu sei é que, se fosse ministro, o negócio havia de correr de outro modo, essa lhe juro eu! Ora veja o senhor por exemplo, o que me aconteceu com as pequenas, a quem eu queria mandar ensinar o ofício de fazer caixas de papelão. O senhor talvez diga: um ofício! Sim, senhor, um ofício, um modo de vida! Ao que nós chegámos, meu benfeitor! Que degradação a nossa, depois de havermos sido o que fomos! Infelizmente, nada nos resta do nosso tempo de prosperidade! Apenas uma única coisa, um quadro que eu estimava imenso, mas de que, enfim, não tenho remédio senão desfazer-me, porque é preciso viver! Sim, é preciso viver!

Enquanto Jondrette assim falava com uma espécie de aparente desordem, em que nada lhe desfalcava a sagaz e reflectida expressão da fisionomia, Mário olhou e avistou no fundo do quarto alguém que ele ainda não tinha visto. Era um homem que acabava de entrar, porém tão sorrateiramente, que

nem se ouviu ranger a porta. Trazia um colete de malha, roxo, velho, roto, cheio de nódoas e de buracos em cada dobra que fazia, umas largas calças de veludilho, uns tamancos nos pés, sem camisa, o pescoço nu, os braços nus e pintados, e a cara enfarruscada.

Sentou-se silenciosamente em cima de uma das camas, cruzando os braços, de modo que mal se via, oculto por trás da mulher de Jondrette.

O senhor Leblanc, por essa espécie de instinto magnético que avisa o olhar, voltou-se quase ao mesmo tempo que Mário e não pôde esquivar-se a um movimento de surpresa, que não escapou a Jondrette.

— Ah! O senhor está a olhar para o sobretudo que fez a esmola de me dar? — disse ele, abotoando-se com ar de complacência. — Parece que foi feito para mim!

— Quem é aquele homem? — perguntou o senhor Leblanc.

— Quem? — exclamou Jondrette. — Ah! É um vizinho! Não faça caso.

O vizinho tinha um singular aspecto. No arrabalde de S. Marçal, porém, abundam as fábricas de produtos químicos, e por isso bem podia haver muitos operários com a cara enfarruscada. Além disto, o rosto do senhor Leblanc respirava uma confiança cândida, mas intrépida.

Tornou, portanto:

— Perdão, o que é que me ia dizendo, senhor Fabantou?

— Dizia-lhe, meu caro protector — prosseguiu Jondrette, encostando os cotovelos à mesa e contemplando o senhor Leblanc com uns olhos fitos e ternos, muito semelhantes aos de uma jibóia — dizia-lhe que tenho um quadro para vender.

Nisto sentiu-se um ligeiro ruído do lado da porta. Acabava de entrar outro homem, que se sentara na cama, por trás de Jondrette. Como o primeiro, tinha os braços nus e no rosto uma mascarra de tinta ou de fuligem da chaminé.

Conquanto este tivesse, para assim dizer, escorregado para dentro do casarão, não o fizera de modo que não fosse notado pelo senhor Leblanc.

— Não faça caso — disse-lhe Jondrette. — São tudo moradores do prédio. Ia-lhe, pois, dizendo, que me resta um quadro precioso... Olhe o senhor, veja...

E, levantando-se, foi direito à parede em cuja base estava encostada a espécie de porta de que falámos e voltou-a, deixando-a contudo apoiada na parede.

Era, com efeito, uma coisa que se assemelhava a um quadro e que a luz da vela quase iluminava de todo. Mário não podia ver bem, por isso que Jondrette estava colocado entre ele e o quadro; apenas entrevia umas borradelas grosseiras e uma espécie de personagem principal, colorido com a ruidosa

crueza dos panos de feira e das pinturas de um balcão.

— O que é isso? — perguntou o senhor Leblanc.

Jondrette exclamou:

— É uma pintura de mestre, meu benfeitor, um quadro de grande preço. Quero-lhe tanto como a minhas filhas, porque me aviva as recordações! Mas já o disse e não me desdigo; sou tão desgraçado que não terei remédio senão desfazer-me dele...

Ou por acaso, ou porque houvesse algum começo de inquietação, os olhos do senhor Leblanc, mesmo examinando o quadro, voltaram-se como que involuntariamente para a porta do casarão. Estavam ali quatro homens, três sentados, sobre a cama e um de pé, encostado à ombreira da porta, todos quatro de braços nus, imóveis e com os rostos mascarados Um dos que estavam sentados na cama tinha a cabeça encostada à parede e os olhos fechados, dir-se-ia que dormitava. Este era já velho; os cabelos brancos sobre o rosto negro eram horríveis. Os outros dois pareciam moços; um tinha grandes barbas, o outro grande cabeleira. Nenhum deles possuía sapatos; os que não tinham chinelos estavam descalços

Jondrette notou que o senhor Leblanc não perdia os homens de vista.

— São todos vizinhos e amigos — disse ele. — Estão assim mascarrados, porque trabalham com carvão. São fogueiros. Não se incomode por causa deles, meu benfeitor, mas compre-me o meu quadro. Condoa-se da minha miséria. Não o venderei caro. Em quanto o avalia?

— Isso — disse o senhor Leblanc, olhando para Jondrette de frente e como quem se põe em guarda — é uma tabuleta de alguma taberna, que vale bem três francos.

Jondrette respondeu com a maior doçura:

— Tem consigo a sua carteira? Contentar-me-ei com mil escudos.

O senhor Leblanc levantou-se, encostou-se à parede, e lançou rápido volver de olhos por todo o recinto. Tinha Jondrette à sua esquerda, do lado da janela, e a mulher e os quatro homens à direita, do lado da porta. Os quatro homens não se moviam, nem mesmo davam mostras de o ver. Jondrette voltara a falar num tom tão queixoso, com olhar tão vago e com uma entonação tão lamentosa, que o senhor Leblanc poderia julgar ter simplesmente diante de si um homem que endoidecera à força da miséria.

— Se o senhor me não compra o meu quadro, meu benfeitor, fico sem o mínimo recurso, e só me resta lançar-me ao rio. Já quis mandar as minhas filhas aprender a fazer cartonagens, as caixas para amêndoas. Mas para isso é preciso uma mesa com uma tábua num dos extremos, para que os vidros não caiam no chão, é preciso um fornilho próprio, um vaso com três

compartimentos, para os diferentes graus de força que deve ter o grude conforme se emprega na madeira, no papel, ou em tecidos; um trinchete para cortar cartão, um molde para lhe dar forma, um martelo para pregar os cantos de aço, e pincéis e o diabo! Eu sei cá! E tudo isto para ganhar quatro soldos por dia, com catorze horas de trabalho! E cada caixa passa treze vezes pelas mãos das operárias! Molhar o papel, não deixar a mais pequena mancha, conservar o grude quente; enfim, como já lhe disse, o diabo! E quatro soldos por dia! Como quer o senhor que se viva assim?

Jondrette enquanto falava não olhava para o senhor Leblanc, que não deixava de o observar. Os olhos do senhor Leblanc estavam fitos em Jondrette, e os deste na porta. A atenção palpitante de Mário, caminhava sem cessar de um para o outro. O senhor Leblanc parecia perguntar a si mesmo: Será um idiota?

Jondrette repetiu duas ou três vezes, com toda a espécie de variadas inflexões, no género arrastado e suplicante:

— Só me resta lançar-me ao rio! Já um destes dias desci três degraus para o fazer, lá para o lado da ponte de Austerlitz!

De repente, as suas pupilas iluminaram-se com hediondo relampaguear, o homem de pequena estatura endireitou-se e tornou-se medonho, deu um passo para o senhor Leblanc e disse-lhe com voz estrondosa.

— Mas não é de nada disto que se trata! Não me conhece?

XX — A cilada

A porta da mansarda acabava de se abrir violentamente, deixando ver três homens de blusas de zuarte e com os rostos ocultos por máscaras de papel preto.

O primeiro era magro e tinha na mão um comprido cacete emponteirado; o segundo, espécie de colosso, segurava pelo meio um cabo de uma grande choupa de abater os bois. O terceiro, homem de largos ombros, menos magro que o primeiro, menos maciço que o segundo, empunhava uma enorme chave, roubada decerto da porta de alguma prisão.

Parecia que era a chegada destes homens o que Jondrette esperava. No mesmo instante travou-se entre este e o homem magro do cacete, rápido diálogo:

— Está tudo pronto? — perguntou Jondrette.

— Tudo — respondeu o homem magro.

— Onde está Montparnasse?

— Ficou a falar com tua filha.

— Qual delas?

— A mais velha.

— Está lá em baixo algum carro?
— Está.
— *Capoeira* aparelhada?
— Sim.
— Com bons cavalos?
— Excelentes.
— Espera onde eu disse que esperasse?
— Sim
— Bem — tornou Jondrette.

O senhor Leblanc estava demasiadamente pálido. Olhava para todo o covil, em torno de si, como quem compreende onde se acha; e a sua cabeça, sucessivamente voltada para todas as cabeças que o rodeavam, movia-se-lhe sobre o pescoço com um vagar atento e admirado, mas sem que se lhe notasse em todo o aspecto coisa alguma que se assemelhasse a medo. Fizera da mesa uma trincheira improvisada; e aquele homem, que momentos antes não parecia mais do que um bom velho, tornara-se de súbito uma espécie de atleta, apoiando a robusta mão nas costas da cadeira, com um gesto temível e surpreendente.

Aquele velho, tão firme e com tanta bravura diante de tão grande perigo, parecia ter uma natureza das que são corajosas pelo mesmo modo que são bondosas, natural e simplesmente. O pai de uma mulher a quem se ama, não pode ser nunca por nós um estranho. Mário sentiu-se altivo pelo aspecto do desconhecido

Três dos homens que Jondrette dissera serem fogueiros, tinham tirado do grande montão de ferros uma grande tesoura de cortar metal, outro, uma tenaz e o terceiro um martelo, e haviam-se colocado à entrada da porta, sem pronunciarem uma só palavra. O velho deixara-se ficar sobre a cama e limitara-se unicamente a abrir bem os olhos. A mulher de Jondrette sentara-se ao lado dele.

Mário julgou que dentro de alguns segundos chegaria o momento de intervir, e levantou a mão direita para o tecto na direcção do corredor, pronto a disparar o tiro.

Jondrette, terminado o seu colóquio com o homem do cacete, voltou-se novamente para o senhor Leblanc e repetiu a pergunta, acompanhando-a com um riso baixo, comprimido e terrível:

— Então não me conhece?

O senhor Leblanc respondeu, encarando-o:

— Não.

Jondrette dirigiu-se então para a mesa. Curvou-se por sobre a luz, cruzando

os braços, aproximando o queixo anguloso e feroz do rosto sereno do senhor Leblanc, avançando o mais que podia, sem que este recuasse, e nesta posição de animal bravio pronto a morder, exclamou.

— Não me chamo Fabantou nem Jondrette, o meu nome é Thenardier. Sou o estalajadeiro de Montfermeil! Percebeu bem? Chamo-me Thenardier! Conhece-me agora?

Imperceptível rubor passou em seguida pela fronte do senhor Leblanc, o qual respondeu, sem que a voz lhe tremesse, sem que a elevasse e com a sua ordinária placidez:

— Tanto como há bocado.

Mário não ouvira esta resposta. Quem o pudesse observar naquele momento no meio da escuridão, vê-lo-ia desorientado, estúpido e fulminado. Quando Jondrette dissera: *Chamo-me Thenardier,* sentira Mário violento estremecimento e encostara-se à parede, como se sentisse o frio da folha de uma espada atravessando-lhe o coração. Depois, o braço direito, próximo a desfechar o tiro de sinal, baixara-se vagarosamente, e no momento em que Jondrette repetira: *Percebe bem? Chamo-me Thenardier!,* estiveram os dedos desfalecidos a ponto de largar a pistola. Jondrette declarando quem era, não abalara o senhor Leblanc, mas transformara Mário.

Aquele nome de Thenardier que o senhor Leblanc mostrava não conhecer, era muito conhecido de Mário. Lembremo-nos o que um tal nome era para ele: Aquele nome, trouxera-o sobre o coração escrito no testamento de seu pai! Trazia-o no âmago do pensamento, no âmago da memória, nesta recomendação sagrada: «Foi um tal Thenardier quem me salvou a vida. Se meu filho o encontrar, far-lhe-á todo o bem que puder». Este nome, devem lembrar-se, era uma das religiões da sua alma; no seu culto aliava-se sempre o nome de seu pai. O quê! Pois estava ali aquele Thenardier, aquele estalajadeiro de Montfermeil, que ele tinha por tanto tempo e tão inutilmente procurado! Achava-o enfim; mas como! O salvador de seu pai era um bandido! O homem a quem Mário morria por se dedicar, era um monstro! O libertador do coronel Pontmercy preparava-se para cometer um atentado de que Mário não via ainda distintamente a forma, mas que se assemelhava a um assassínio! E contra quem, grande Deus! Que fatalidade! Que amargo sarcasmo da sorte! Seu pai ordenara-lhe do fundo do túmulo que fizesse todo o bem possível a Thenardier; havia quatro anos que não tinha outra ideia que não fosse salvar a dívida paterna e no momento em que devia avisar a justiça para se apoderar dum celerado em acção de cometer um crime, gritava-lhe o destino: É Thenardier! A vida de seu pai salva de um granizo de metralha no campo heróico de Waterloo, ia enfim pagá-la àquele homem e pagar-lha com

o patíbulo! Prometera a si mesmo, se alguma vez se lhe deparasse aquele Thenardier, de não se aproximar senão lançando-se-lhe aos pés; achara-o, com efeito, mas para o entregar ao carrasco! «Socorre Thenardier!», bradava-lhe o pai; e ele respondia a esta voz adorada, esmagando; dando por espectáculo a seu pai no túmulo, o homem que arrancara a morte com risco da própria vida, executado na praça de S. Jacques, por intervenção de seu filho, do mesmo Mário a quem ele o legara! E que irrisão não era, trazer por tanto tempo sobre o coração as últimas vontades de seu pai, escritas pela sua mão, para fazer tão indignamente o contrário! Mas por outro lado, assistir a uma tal cilada e não o impedir! O quê! Condenar a vítima e poupar o assassino! Podia acaso haver lembrança de reconhecimento para com semelhante miserável? As ideias que preocupavam Mário, havia quatro anos, achavam-se todas como que atravessadas de lado a lado por aquele inesperado golpe. Sentia-se estremecer. Era de si que tudo dependia. Sem que eles o suspeitassem, tinha na sua mão todos os entes que se lhe agitavam diante dos olhos. Se disparasse a pistola estava o senhor Leblanc salvo e Thenardier perdido; se não disparasse seria o senhor Leblanc sacrificado, e, quem sabe?, Thenardier salvo! Precipitar um ou deixar despenhar-se o outro: remorsos de ambos os lados! O que deveria fazer? Qual dos lados escolheria? Faltar às mais imperiosas recordações, a tantas promessas feitas a si mesmo, ao dever mais sagrado, ao mais venerando dos textos! Faltar às prescrições testamentárias de seu pai, ou deixar consumar um crime! Parecia-lhe ouvir de um lado, a «sua Úrsula» suplicar-lhe por seu pai; do outro o coronel recomendando-lhe Thenardier. Parecia-lhe que perdia a razão. Os joelhos dobravam-se-lhe; nem mesmo tinha tempo para se decidir, tal era a fúria com que se precipitava a cena que estava presenciando. Era como um turbilhão de que se julgara senhor e que o arrebatava.

Esteve a ponto de desfalecer.

Entretanto, Thenardier, por cujo nome o denominaremos daqui em diante, girava de um para o outro lado, na frente da mesa, numa espécie de desvairamento e de frenético triunfo. Pegou no castiçal e pô-lo sobre a chaminé com tal força, que a vela quase se apagou, salpicando a parede de sebo derretido.

Depois voltou-se com gesto iracundo para o senhor Leblanc e soltou esta imprecação:

— Hás-de ser feito em postas, retalhado e espatifado, velho miserável!

E continuou a andar de um para outro lado, em estado de plena explosão.

— Até que enfim o encontrei, senhor filantropo! — exclamou ele. — Senhor milionário com fato de mendigo, que faz presentes de bonecas. Ah, não me

conhece, velho tonto! Não esteve em Montfermeil, na minha estalagem, há oito anos, na noite de Natal de 1823? Não foi o senhor que me levou de casa a filha de Fantine, a Cotovia? Não era o senhor que tinha um casaco amarelo e uma trouxa de farrapos na mão, como esta manhã quando entrou aqui? Dize se é assim ou não, mulher! Parece que tem a mania de levar a todas as casas trouxas de meias de lã, o velho caridoso! Será fanqueiro, senhor milionário?! Dá então aos pobres os géneros do seu comércio, o santo homem! Com que então não me conhece? Pois eu conheço-o muito bem! Reconheci-o logo que aqui meteu o nariz. Agora é que se vai ver que nem tudo são rosas! Não é mais do que entrar nas casas da gente, sob pretexto de que são estalagens, com fato de meter dó, com tal ar de mendigo que qualquer lhe daria esmola, enganar as pessoas, fazer de generoso, tirar-lhes o seu ganha-pão, fazer ameaças nas matas e querer ficar quite, por nos trazer depois, quando a gente está na penúria, um casacão muito largo e dois reles cobertores do hospital! Velho tratante! Ladrão de crianças!

Thenardier calou-se e pareceu por um momento falar consigo mesmo. Dir-se-ia que o seu furor caíra, como o Ródano, em alguma caverna; depois, como se terminasse em voz alta o que acabara de dizer só para si, deu um murro na mesa e exclamou:

— Com este ar de bonacheirão!

E continuou apostrofando o senhor Leblanc:

— Na verdade! Da outra vez riu-se à minha custa!

O senhor é a causa de todas as minhas desgraças! Por mil e quinhentos francos ficou com uma rapariga que eu tinha em meu poder e que pertencia, é certo, a gente rica; rapariga que me tinha produzido muito dinheiro e que me havia de produzir com que viver toda a vida! Uma rapariga que me havia de indemnizar de tudo o que perdi naquela abominável baiuca, onde se faziam motins esterlinos, e onde eu comi como um imbecil tudo quanto tinha! A minha vontade era que todo o vinho que se bebeu em minha casa se transformasse em veneno para aqueles que o beberam! Enfim, o que lá vai, lá vai! Mas diga-me cá: o senhor havia de achar-me muito ridículo, quando se safou com a Cotovia! Tinha deixado o cajado escondido na mata. Era portanto o mais forte no jogo. Agora quero a desforra. Hoje tenho eu os trunfos! Desta vez está fisgado! Sou eu que ri, e rio-me deveras! Como ele caiu na rede! Tinha-lhe dito que era actor, que me chamava Fabantou, que representara com *Mademoiselle* Mars, com *Mademoiselle* Muche, que o meu senhorio queria ser pago amanhã, 4 de Fevereiro, e nem se lembrou que é a 8 de Janeiro que acabam os arrendamentos e não a 4 de Fevereiro! Absurdo cretino! E traz-me então estes quatro *Filipes* de má monte! Canalha! Nem teve

alma de chegar aos cem francos! E como ele engolia as minhas patranhas! Era uma coisa que me divertia! Mas então dizia eu para comigo: Filei-te, meu seresma! De manhã lambi-te as patas! À noite hei-de roer-te o coração!

Thenardier calou-se. Estava esbaforido. Sentia-se-lhe roncar o acanhado peito como um fole de ferreiro. Nos olhos lia-se-lhe o ignóbil prazer duma criatura fraca, cruel e cobarde, que consegue enfim aniquilar quem temeu e insultar quem lisonjeou; a alegria dum anão que pusesse o pé sobre a cabeça de Golias; a alegria do chacal que começa a devorar um touro enfermo, assaz morto para não poder já defender-se, assaz vivo para sofrer ainda.

O senhor Leblanc não o tinha interrompido, mas disse-lhe apenas ele se calou:

— Não percebo o que quer dizer. O senhor está decerto enganado. Eu não sou milionário, sou um homem pobre e não o conheço, ao senhor que infalivelmente me toma por outro.

— Que boa tábua de salvação! — disse Thenardier com uma voz que parecia entrecortada pelo estertor. — Não quer deixar o gracejo! Está mesmo patinhado! Não vê quem eu sou!

— Perdão — respondeu o senhor Leblanc, num tom de civilidade, que em semelhante momento tinha o que quer que era de estranho e poderoso — o que vejo é que o senhor é um ladrão!

Quem há que o não tenha notado? Os entes odiosos são susceptíveis, os monstros são melindrosos.

A este nome de *ladrão*, a mulher de Thenardier saltou abaixo da cama e o marido pegou na cadeira, como se a quisesse esmigalhar entre as mãos.

— Não te mexas daí! — gritou ele para a mulher; e em seguida voltou-se para o senhor Leblanc: Ladrão! Sim, bem sei que é como nos chamam vocês, os ricos! Vejam lá! É verdade que fali e agora escondo-me, não tenho pão nem dinheiro, sou um ladrão! Sou ladrão e não como há três dias! Os senhores têm os pés quentes, porque possuem chinelos de Sakaski, casacos enchumaçados, como os arcebispos, moram nos primeiros andares de casas com porteiros, comem trufas e espargos a quarenta francos o molho, no mês de Janeiro, e magníficas ervilhas; gabam-se de tudo isto, e quando querem saber se faz frio, vêem no periódico até onde desceu o termómetro do engenheiro Chevalier. Nós! Nós é que somos os termómetros! Nós não precisamos ir ao cais para ver na esquina da torre do Relógio quantos são os graus de frio, sentimos o sangue coalhar-se-nos nas veias, gelar-se-nos o coração, e dizemos então que não há Deus! E no fim vêm às nossas cavernas para nos chamarem ladrões! Mas calem-se, que os havemos de comer! Devorá-los-emos, pobres pequenos! Repare no que lhe vou dizer, senhor milionário: eu já fui um homem

estabelecido, tive carta patente e fui eleitor; sou um burguês e o senhor talvez o não seja!

Chegando a este ponto, Thenardier deu um passo para os homens que estavam ao pé da porta e acrescentou com um estremecimento:

— Quando me lembro que teve a lembrança de me vir falar, como se eu fosse um remendão!

Depois dirigiu-se novamente ao senhor Leblanc, com recrudescência de frenesi:

— E saiba ainda mais senhor filantropo! Olhe que não sou nenhum vesgo, eu! Não sou homem de quem se não saiba o nome e que ande roubando crianças pelas casas alheias! Sou um ex-soldado francês, que deveria ter sido condecorado! Estive em Waterloo, salvei na batalha um general chamado conde de Pontmercy! Sabe o que representa esse quadro que aí está vendo e que foi pintado por David em Bruqueselles? Representa este seu criado. Foi um feito de armas que David quis imortalizar. Representa-me com o general Pontmercy às costas, levando-o através da metralha. Aqui tem a história! E olhe que o tal general nunca fez coisa alguma em meu favor; valia tanto como os outros, mas nem por isso deixei de lhe salvar a vida arriscando a minha, do que tenho um bolso cheio de atestados! Sou um soldado de Waterloo, com trezentos milhões de diabos! E agora que já tive a bondade de lhe dizer tudo isto, acabemos aqui; preciso de dinheiro, muito dinheiro, e ou o senhor mo põe para aqui, ou lhe dou cabo da pele, com trezentos mil raios!

Mário tinha dominado um pouco a sua agitação e escutava. A última possibilidade de dúvida acabava de se desvanecer. Era com efeito o Thenardier de que falava o testamento! Mário estremeceu ouvindo acusar seu pai de ingratidão, acusação que ele estava a ponto de justificar tão fatalmente. A sua perplexidade redobrou.

No fim de tudo, havia em todas as palavras de Thenardier, no tom, no gesto, no olhar, que fazia brotar faíscas de cada uma das palavras daquela explosão de uma má natureza, mostrando-se completamente naquela mistura de fanfarronada e abjecção, naquele caos de agravos reais e de sentimentos falsos, naquela falta de pudor de um homem mau saboreando a voluptuosidade da violência, naquela descarada nudez de uma alma feia, naquela conflagração de todos os sentimentos combinados com todos os ódios, o que quer que era do hediondo como o mal e de pungente como a verdade.

O quadro de mestre, a pintura de David cuja compra propusera ao senhor Leblanc, não era, como o leitor logo adivinhou, senão a tabuleta da baiuca, pintada, como se deve lembrar, pelo próprio Thenardier, único fragmento que ainda conservava do naufrágio de Montfermeil.

Como Thenardier cessara de interceptar o raio visual de Mário, podia já este contemplar o objecto de que se tratava, divisando com efeito um montão de borrões, uma batalha, um fundo de fumo e um homem com outro às costas. Era o grupo de Thenardier e de Pontmercy; o sargento salvador e o coronel salvo. Mário estava como que embriagado. Aquele quadro restituía, de certo modo, a vida a seu pai; não era a tabuleta da taberna de Montfermeil, era uma ressurreição, um túmulo entreaberto, um fantasma que se erguia. Mário sentia o coração tinir-lhe nas fontes, tinha nos ouvidos o estampido da artilharia de Waterloo; a imagem de seu pai ensanguentado e vagamente esboçado no sinistro quadro, assustava-o, e parecia-lhe que aquela sombra informe não afastava dele os olhos.

Depois de tomar fôlego, Thenardier fitou os olhos sanguinários no senhor Leblanc e disse-lhe em voz baixa e breve:

— O que tem a dizer antes que o façam tisnar?

O senhor Leblanc não respondeu. No meio deste silêncio ouviu-se uma voz roufenha lançar do corredor este lúgubre sarcasmo:

— Se é preciso rachar lenha, cá estou presente

Era o homem da corda, divertindo-se.

Ao mesmo tempo apareceu à porta um enorme rosto eriçado e terroso, deixando ouvir um medonho riso, que mostrava não dentes, mas arpéus.

Era o rosto do homem da corda.

— Para que diabo tiraste a máscara? — gritou-lhe Thenardier enfurecido.

— Para rir — respondeu o homem.

Desde alguns instantes que o senhor Leblanc parecia espiar todos os movimentos de Thenardier, o qual, cego e deslumbrado pela sua própria raiva girava no covil de um para outro lado, com a confiança que lhe inspirava o modo porque tinha guardada a porta, o ter em sua mão um homem desarmado, estando ele armado, e o serem nove contra um, supondo a mulher contada por um só homem. Thenardier como dizíamos, na ocasião em que dirigira a sua apóstrofe ao homem da corda, voltara as costas ao senhor Leblanc.

Este, aproveitando a ocasião, deu um pontapé na cadeira, empurrou a mesa e, dando um salto com tão pasmosa agilidade que Thenardier nem sequer teve tempo de se voltar, achou-se ao pé da janela. Abri-la e passar uma perna para fora do parapeito, foi obra de um segundo; mas estava já quase todo fora, quando foi agarrado por seis pulsos robustos que o puxaram energicamente para o covil. Eram os três «fogueiros», que se haviam lançado a ele. Ao mesmo tempo, Thenardier deitara-lhe as mãos aos cabelos.

Ao ruído produzido por esta cena, acudiram os malfeitores que se achavam

no corredor. O velho que estava sobre a cama e que parecia embriagado, desceu para o chão e aproximou-se também, cambaleando, com um martelo em punho

Um dos «fogueiros», do qual a vela alumiava o rosto mascarado e em quem Mário, apesar das máscaras, reconheceu Panchaud, conhecido por Printanier e por Bigrenaille, conservava erguida sobre a cabeça do senhor Leblanc uma espécie de maça composta de uma barra de ferro com duas bolas na extremidade.

Mário não pôde resistir a este espectáculo.

«Perdoa-me, meu pai!» disse ele para si, e procurou com o dedo o gatilho da pistola.

Ia já a disparar, quando Thenardier gritou:

— Não lhe façam mal!

Esta tentativa desesperada da vítima, longe de exasperar Thenardier, havia-o tranquilizado. Thenardier continha dois homens distintos: um feroz, outro sagaz. Até àquele momento, no arrebatamento do triunfo, na presença da presa abatida e imóvel, dominara o homem feroz; quando a vítima se debateu e deu mostras de querer lutar, reapareceu o homem sagaz e predominou.

— Não lhe façam mal! — repetiu ele; e o primeiro resultado deste seu grito, sem que ele sequer o suspeitasse, foi fazer sustar o tiro, prestes a partir, e paralisar o movimento de Mário que, ao ver a nova fase que as coisas tomavam, não viu inconveniente em continuar a esperar. Não podia surgir de repente alguma probabilidade que o livrasse da terrível alternativa de deixar morrer o pai de Úrsula, ou de deitar a perder o salvador do coronel?

Travara-se uma luta hercúlea. O senhor Leblanc atirara com o velho ao chão, dando-lhe um tremendo murro no peito, depois derrubara dois dos outros assaltantes, e conservava um debaixo de cada joelho; os miseráveis sufocavam sob aquela pressão como sob uma rocha de granito, mas os quatro restantes haviam segurado o terrível velho pelos braços e pela nuca e mantinham-no acocorado sobre os dois «fogueiros» prostrados. Assim, o senhor Leblanc, senhor de uns e dominado pelos outros, esmagando os que tinha debaixo de si e quase esmagado pelos que o seguravam, sacudindo inutilmente todos os esforços que se amontoavam sobre ele, mal se via sob o grupo horrível dos malfeitores, qual javali sob uivante matilha de cães de fila e de sabujos.

Conseguiram, por fim, deitá-lo na cama mais próxima da janela e ali o conservaram em respeito. A Thenardier não lhe largara os cabelos.

— Tu — disse-lhe o marido — não te metas onde não és chamada. Safa-te daqui!

A Thenardier obedeceu, como a loba obedece ao lobo, rosnando,

— Vocês apalpem-no! — continuou Thenardier.

O senhor Leblanc parecia ter renunciado à resistência.

Apalparam-no. Não tinha consigo senão uma bolsa de coiro contendo seis francos e o lenço de assoar.

Thenardier meteu o lenço na sua algibeira.

— O quê! Pois não tem carteira? perguntou ele.

— Nem relógio — respondeu um dos «fogueiros».

— É o mesmo — murmurou com voz de ventríloquo o homem mascarado, que tinha na mão a enorme chave — é um velho intratável!

Thenardier foi ao canto da porta e pegou num molho de cordas que lhe atirou.

Amarrem-no aos pés da cama disse ele, e deparando com o velho que ficara estendido e atravessado no meio da casa, com o soco que lhe dera o senhor Leblanc e que se não movia, perguntou:

— O Boulatruelle está morto?

— Não — respondeu Bigrenaille — está bêbado.

— Atirem com ele aí para um canto — disse Thenardier.

Dois dos «fogueiros» empurraram o bêbado com os pés para junto do montão de ferros.

— Babet, para que trouxeste tanta gente? — inquiriu Thenardier em voz baixa ao homem do cacete. — Era escusado.

— Que querias que eu fizesse? — replicou o homem.

— Eles quiseram por força vir todos. O tempo vai péssimo! Faz-se pouco negócio!

A cama, para cima da qual os bandidos tinham conseguido atirar o senhor Leblanc, era uma espécie de leito de hospital, sustentado por quatro grossos pés de pautoscamente trabalhado. O senhor Leblanc não ofereceu resistência. Os bandidos prenderam-no solidamente em pé junto da cama mais desviada da janela e mais próxima do fogão.

Apertando o último nó, Thenardier pegou numa cadeira !e foi sentar-se quase defronte do senhor Leblanc.

Thenardier já não parecia o mesmo; dentro de poucos instantes a sua fisionomia passara da violência desenfreada à brandura pachorrenta e astuciosa. Mário observava aquele homem e custava-lhe a reconhecer naquele seu sorriso, polido como o de um pretendente, a boca quase bestial que um momento antes escumava; contemplava com pasmo estúpido aquela fantástica e assustadora metamorfose e experimentava o que experimentaria um homem que visse transformar-se um tigre em procurador de causas.

— Senhor... — articulou Thenardier.

E com um aceno de mãos mandou desviar os bandidos que ainda não tinham largado o senhor Leblanc:

— Desviem-se um bocado para me deixar conversar com esse senhor.

Retiraram-se todos para o pé da porta e ele continuou:

— Senhor, não andou bem em querer saltar pela janela, porque podia quebrar uma perna. Agora, se é do seu agrado, vamos conversar calmamente, e devo principiar por comunicar-lhe um reparo que eu fiz, e vem a ser que o senhor ainda não soltou sequer um grito.

Thenardier tinha razão. Era verdadeira a circunstância que ele apontava, embora Mário no meio da perturbação que o agitava não a tivesse ainda notado. O senhor Leblanc apenas pronunciara algumas palavras, sem levantar a voz e, mesmo na ocasião da luta travada com os seis bandidos junto à janela, guardara o mais profundo e singular silêncio.

Thenardier prosseguiu:

— Valha-me Deus! O senhor poderia ter gritado que estava a ser atacado por ladrões, coisa que eu não teria podido achar inconveniente, podia pedir socorro. Que diabo! São coisas que só se dizem nas ocasiões próprias; quanto a mim, não me pareceria mal. É natural que um homem faça alguma bulha quando se vê entre pessoas que lhe não inspiram demasiada confiança. Podia tê-lo feito, pois ninguém se lhe oporia. Não lhe poriam mordaça, e eu lhe digo porquê. É que esta casa é completamente surda; tem só esta boa qualidade, mas em suma, sempre é uma qualidade boa. É um verdadeiro subterrâneo. O estampido de uma bomba que aqui rebentasse, produziria no posto de polícia mais próximo o efeito do ressonar de um bêbado. Uma peça de artilharia aqui não faria mais do que *bum! e* uma trovoada faria apenas *puf?* É uma habitação muito cómoda. Mas, enfim, o senhor não gritou e foi melhor assim; felicito-o por isso. Agora vou dizer-lhe qual é a minha conclusão, meu caro senhor. Quando se grita quem é que aparece? A polícia. E depois da polícia? A justiça. Ora muito bem! O senhor não gritou porque tinha tanto desejo como nós de que viesse a polícia e a justiça. É que há já muito tempo que tenho esta desconfiança o senhor tem um interesse qualquer em ocultar alguma coisa. Pela nossa parte há o mesmo interesse. Posto isto podemos entender-nos.

Thenardier, falando deste modo, com os olhos fitos no senhor Leblanc, parecia querer cravar até ao fundo da consciência do seu prisioneiro as agudas pontas que lhe saíam das pupilas. Quanto à sua linguagem, impregnada de uma espécie de insolência moderada e sonsa, era reservada e quase escolhida; e naquele miserável, que ainda havia pouco não era mais do que um salteador, pressentia-se agora o homem «que estudara para padre».

O silêncio que o prisioneiro guardara, aquela precaução que ia até ao esquecimento da vida, aquela resistência aposta ao primeiro movimento da natureza, que é soltar um grito, tudo isto, é preciso dizê-lo, desde que desafiara a atenção de Mário, tornava-se-lhe importuno e causava-lhe penosa admiração.

A observação tão profunda de Thenardier escurecia ainda para Mário as espessuras misteriosas *sob* que se ocultava aquela figura séria e grave, a que Courfeyrac pusera a alcunha de senhor Leblanc. Mas o homem, quem quer que era, amarrado com cordas, rodeado de algozes, meio mergulhando, para assim dizer, numa sepultura, cujo chão lhe ia gradualmente faltando debaixo dos pés, conservava-se impassível tanto diante do furor como da brandura de Thenardier, e Mário não podia deixar de admirar, num tal momento, aquele rosto tão soberanamente melancólico.

Era sem dúvida uma alma inacessível ao temor e ignorando o que fosse estar desorientada. Era um homem dos que dominam o espanto das situações desesperadas. Por mais extrema que fosse a crise, por mais inevitável que fosse a catástrofe, não havia nele o mínimo indício da agonia do afogado, abrindo debaixo de água olhos horríveis.

Thenardier levantou-se sem afectação, dirigiu-se à chaminé, tirou o biombo e deitou-o em cima da cama que tinha mais próxima. Ficou então a descoberto o fogareiro, cheio de brasas ardentes, entre as quais o preso podia ver perfeitamente o cinzel branco do fogo e semeado em partes de estrelinhas vermelhas.

Terminada a operação, Thenardier voltou a sentar-se ao pé do senhor Leblanc e prosseguiu:

— Continuemos então. Nós podemos entender-nos e arranjar as coisas amigavelmente. Conheço que fiz mal em me deixar arrebatar, como deixei, há bocado. Excedi-me, dizendo coisas que não devia dizer, mas enfim, a gente às vezes perde a transmontana e não sabe por onde traz a cabeça Aí está: por o senhor ser milionário, disse-lhe eu, há bocado, que queria dinheiro, muito dinheiro, muitíssimo dinheiro! Isto não eram termos. Jesus! Lá por ser rico, não deixa de ter as suas despesas, os arranjos da sua vida; e quem é que os não tem neste mundo? Eu não o quero desgraçar; eu, apesar de tudo, não sou nenhuma sanguessuga. Não sou como certa classe de gente que lá por se ver em posição mais vantajosa se aproveita disso para se fazer fina. Enfim, meu caro senhor, farei um sacrifício da minha parte e não pedirei exorbitâncias. Bastam-me duzentos mil francos.

O senhor Leblanc não proferiu uma única palavra e Thenardier prosseguiu:

— Bem vê que isto não é ser desarrazoado. Eu não sei o estado da sua

fortuna, mas sei que não olha a dinheiro, e que, portanto, um homem tão animado de sentimentos de caridade como o senhor não pode fazer reparo em dar duzentos mil francos a um pai de família que a sua má ventura colocou em Circunstâncias críticas. De certo também não vai fora disto, nem tão-pouco imagina que eu andei com todos estes preparativos e que me cansei a organizar e a pôr em ordem o meu plano, que, segundo a declaração destes senhores, é uma coisa realmente engenhosa e bem concebida para, afinal, lhe pedir um tudo-nada que me chegasse apenas para ir fazer uma patuscada de carrascão e vitela a casa de Desnoyer! Que são duzentos mil francos! Ora adeus! Tão depressa me conte na palma da mão essa bagatela, eu lhe afianço que fica tudo concluído e que escusa de ter o menor receio de que ninguém lhe tocará nem num cabelo. Porém, dirá: «Eu não trago aqui comigo duzentos mil francos». Oh, senhor, acredite que eu não sou tão desarrazoado! Eu também não exijo isso. O que eu lhe peço é só que tenha a bondade de escrever o que eu lhe vou ditar.

Chegado a este ponto, Thenardier calou-se e depois acrescentou, acentuando cada uma das palavras e deitando um olhar acompanhado de um sorriso para onde estava o fogareiro:

— Previno-o de que não admito que o senhor não saiba escrever.

Faria inveja a um inquisidor o sorriso de Thenardier naquela ocasião.

Após aquela observação, Thenardier puxou a mesa para ao pé do senhor Leblanc, abriu a gaveta, da qual tirou um tinteiro, uma pena e uma folha de papel. A gaveta ficou meia aberta, deixando ver a comprida lâmina da faca que dentro dela luzia, e colocando a folha de papel diante do senhor Leblanc, disse:

— Escreva.

— Como quer que eu escreva, se tenho os braços atados? — respondeu o preso, falando, enfim, após o seu aturado silêncio.

— É verdade! Perdão! — acudiu Thenardier. — Tem toda a *razão.*

E acrescentou, voltando-se para Bigrenaille:

— Desprende o braço direito deste senhor.

Executada a ordem por Panchaud, também conhecido pelos nomes de Printanier e Bigrenaille, Thenardier, ao ver desembaraçada a mão direita do preso, molhou a pena em tinta e apresentou-lha.

— Meu caro senhor, repare primeiro que está em nosso poder e à nossa inteira descrição, que nenhumas forças humanas o podem vir arrancar daqui, e que sentiremos imenso, realmente, vermo-nos obrigados a chegar a desagradáveis extremos. Eu não sei como se chama nem onde mora, mas desde já o previno que há-de estar preso aí até voltar a pessoa que tiver de ir

entregar a carta que vai escrever. Estamos inteirados. Tenha agora a bondade de escrever.

— O quê? — perguntou o prisioneiro.

— O que lhe vou ditar.

O senhor Leblanc pegou na pena e Thenardier principiou a ditar:

— «Minha filha...»

O preso estremeceu e ergueu os olhos para Thenardier.

— Ponha «minha querida filha» — disse ele.

O senhor Leblanc obedeceu e ele continuou:

— «Apenas receberes...»

Porém, chegado aqui, interrompeu-se de novo e disse para o senhor Leblanc:

— O senhor trata-a por tu, não?

— Por tu, a quem? — perguntou o interrogado.

— Ora, a quem! retorquiu Thenardier. À pequena!

O senhor Leblanc respondeu sem a menor aparência de emoção:

— Não sei o que quer dizer.

— É o mesmo, prossiga — tornou Thenardier, e continuou ditando:

— «Apenas receberes este bilhete, parte imediatamente com a pessoa que o entregar, que sabe onde eu estou esperando por ti. Mando-te chamar por assim me ser absolutamente necessário Podes vir sem receio».

Já o senhor Leblanc tinha acabado de escrever, quando Thenardier lhe disse:

— Não, não; risque o *podes vir sem receio,* senão ela pode suspeitar que anda aí coisa de que deva desconfiar.

O senhor Leblanc riscou as três palavras e Thenardier prosseguiu:

— Agora queira assinar. Como é que se chama?

O preso, em vez de responder, pousou a pena e perguntou:

— Para quem é esta carta?

— O senhor bem sabe para quem ela é — respondeu Thenardier — é para a pequena. Ainda agora lho disse.

Era evidente que Thenardier evitava nomear a jovem de quem se falava. Dizia «a Cotovia», «a pequena», mas não pronunciava o nome dela. Precaução de homem manhoso que sabe guardar o seu segredo na presença dos seus cúmplices. Declarar o nome seria descobrir «o negócio» todo e dar-lhes a saber mais do que era necessário.

Thenardier continuou, pois:

— Queira assinar. Como é o seu nome?

— Urbano Fabre — disse o prisioneiro.

Thenardier, com um movimento de gato, meteu a mão no bolso e tirou dele o lenço encontrado no do senhor Leblanc

— U. F. É isto mesmo. Urbano Fabre. Bem, assine U. F.

O prisioneiro assinou.

— Como são precisas duas mãos para fechar a carta, dê-ma que eu a fecho.

Feito isto, Thenardier continuou:

— Sobrescrite-a agora à *menina Fabre,* e o nome da rua. Eu sei que o senhor mora não muito longe daqui, nos arredores de S. Jacques du Haut-Pas, porque é onde vai todos os dias ouvir missa; mas não sei qual é a rua. Vejo que compreende a sua situação. Não mentiu com o nome, não mentirá com a morada. Escreva-a o senhor mesmo!

O prisioneiro conservou-se por um momento pensativo, em seguida pegou na pena e escreveu:

— «Menina Fabre, em casa do senhor Urbano Fabre, na rua de S. Domingos do Inferno, número 17».

Thenardier pegou na carta com uma espécie de convulsão febril.

— Ó mulher! — gritou ele.

A Thenardier acudiu logo.

— Aqui está a carta. Já sabes o que tens a fazer. Lá em baixo está um carro. Vai e volta rapidamente.

Depois, dirigindo-se ao homem da corda, ordenou:

— Tu, uma vez que tiraste a máscara, acompanha a burguesa. Irás na traseira do carro. Sabes onde deixaste a capoeira?

— Sei — disse o homem.

E, pondo a enorme corda a um canto, seguiu a mulher de Thenardier.

Depois deles teremsaído, Thenardier deitou a cabeça pela abertura da porta entreaberta, e gritou para o corredor:

— Cuidado, não percas a carta! Lembra-te que levas duzentos mil francos contigo!

Em seguida, ouviu-se a voz rouca da Thenardier responder:

— Sossega, porque a pus em sítio seguro.

Não se tinha passado ainda um minuto, quando se ouviu o estalar de um chicote, que a pouco e pouco se foi afastando, até que deixou de se ouvir.

— Bom! — resmungou Thenardier. — Vão bem. Naquele galope está a burguesa de volta daqui a três quartos de hora.

Aproximou depois uma cadeira da chaminé, sentou-se e, cruzando os braços, pôs-se a limpar as botas cheias de lama, ao calor do fogareiro.

— Tenho frio nos pés — disse ele.

Na mansarda apenas tinham ficado com o preso e Thenardier cinco

bandidos. Através das máscaras, ou do visco negro que lhes cobria os rostos, convertendo-os, segundo a intuição do medo, em carvoeiros, negros ou demónios, conhecia-se que aqueles homens, entorpecidos e pesadamente indiferentes, praticavam um crime como qualquer serviço, tranquilamente, sem cólera nem compaixão, com certo ar de aborrecimento. Conservavam-se a um canto, como brutos amontoados e silenciosos, enquanto Thenardier aquecia os pés, e o preso, que voltara à sua primitiva taciturnidade, parecia concentrado em profundas cogitações Ao sussurro feroz, que poucos momentos antes ressoava na mansarda, sucedera um silêncio sombrio como o que acompanha quase sempre o fim de uma cena violenta. Apenas alumiadas pelo escasso clarão da luz bruxuleante e das brasas meio apagadas, que pouco antes deixavam ver um reflexo afogueado, as cabeças monstruosas dos bandidos juntos em montão desenhavam no tecto e nas paredes sombras disformes. O único ruído que quebrava a gélida nudez daquela mansão, onde, longe das suspeitas dos homens, se perpetrava um crime, era o sussurro da serena respiração do velho embriagado, que jazia a um canto dormindo.

No meio deste silêncio, Mário esperava, em luta com uma ansiedade crescente. À medida que os actores daquele drama temível iam avançando para o desenlace, a sua ansiedade subia de ponto, e o enigma, desde então muito inexplicável para ele, tornava-se cada vez mais impenetrável.

Que «pequena» era aquela que Thenardier designara também pelo nome de «Cotovia»? Seria a sua «Úrsula»? Mas como, se o preso, a quem tal nome parecia não ter impressionado, muito naturalmente respondera: «Não sei o que me quer dizer»?

Por outra parte, estavam explicadas as duas letras, que queriam dizer Urbano Fabre e Úrsula não se chamava Úrsula. De tudo o que se passava em roda dele era isto o que o jovem mais claramente via. Retinha-o como colocado no sítio, de onde observava e dominava todas estas cenas, uma espécie de fascinação terrível a que não podia ser superior. Ali permanecia, quase incapaz de reflexão e de movimento, como que aniquilado pela vista do hediondo espectáculo que se desenrolara a seus olhos, esperando um qualquer incidente, sem poder coordenar as ideias, que lhe acudiam em turbilhão, nem saber o «expediente que devia tomar.

«Em todo o caso», dizia de si para si, «logo verei se a Cotovia éela, visto que a Thenardier a foi buscar para a conduzir aqui. Se for, hei-de libertá-la das garras daqueles bandidos, ainda que seja a preço do meu sangue e da minha vida! Não olho a obstáculos de qualidade nenhuma!».

Assim decorreu perto de meia hora.

Thenardier parecia absorvido em tenebrosa meditação e o preso

continuava calado e imóvel. Afigurava-se, todavia, a Mário, havia alguns instantes, que ouvia um imperceptível ruído surdo do lado do preso, ruído que a espaços parava para recomeçar outra vez.

De repente, Thenardier voltou-se, apostrofando o prisioneiro:

— Senhor Fabre, atenda o que lhe vou dizer.

Como estas palavras pareciam ser o princípio de algum esclarecimento, Mário aplicou o ouvido e Thenardier continuou:

— Não se impaciente; minha mulher não tarda. Creio que a Cotovia é verdadeiramente sua filha, e por isso acho muito simples que o senhor a queira ter consigo. Contudo, por meio da sua carta foi minha mulher buscá-la. Eu disse a minha mulher que se vestisse, como viu, de modo que a sua menina *a* acompanhasse sem dificuldade. Subirão ambas para o fiacre com o meu camarada na traseira. Fora da barreira, está um carro com dois bons cavalos. É aí que hão-de conduzir a sua menina, que então se apeará do fiacre. O meu companheiro subirá com ela para a capoeira, e minha mulher voltará aqui para nos dizer que está tudo pronto. Quanto à sua menina, ninguém lhe fará mal; a capoeira levá-la-á a um sítio onde se achará tranquila; e apenas o senhor me tiver dado a ninharia dos duzentos mil francos, ser-lhe-á entregue. No caso, porém, que me mande prender, então o negócio mudará de figura. O meu camarada ajustará as contas com a Cotovia e o senhor não a tornará a ver!

O prisioneiro não articulou uma só palavra. Thenardier, após uma pausa, prosseguiu:

— Como vê, é uma coisa simples. Não sucederá mal nenhum, se o senhor não quiser que o haja, Eu lhe conto a coisa, para que lhe fique presente.

Calou-se novamente, e vendo que o prisioneiro não quebrava a sua mudez, tornou:

— Apenas minha mulher volte e me diga: A Cotovia está a caminho, daremos ao senhor Fabre a liberdade de ir dormir a sua casa. Bem vê que não temos más intenções.

Pelo pensamento de Mário passaram imagens espantosas.

O quê! Pois não reconduziriam aquela jovem que iam arrebatar? Seria levada por um daqueles monstros? Para onde? E se fosse ela! Não havia dúvida que o era! Mário sentia paralisar-se-lhe o coração. Que faria? Desfechar a pistola? Entregar nas mãos da justiça todos aqueles miseráveis? Mas nem por isso o medonho homem da corda deixaria de ficar com aquela jovem fora de todo o alcance; e Mário pensava nas palavras de Thenardier, cujo significado sanguinário antevia: *Se me fizer prender, o meu companheiro ajustará contas com a Cotovia.*

Então já não era só pelo testamento do coronel, era pelo seu próprio amor, pelo perigo daquela que amava, que se conteria.

Esta medonha situação, que já durava havia mais de uma hora, mudava de aspecto a todos os instantes. Mário teve a força de passar sucessivamente em revista todas as pungentes conjecturas, em busca de uma esperança que não achava.

O tumulto dos seus pensamentos contrastava com o fúnebre silêncio daquele covil de monstros.

No meio, porém, desse silêncio, sentiu-se o estrondo de uma porta abrindo-se e tornando a fechar-se logo em seguida. A este estrondo, o preso fez um movimento, apesar das cordas com que estava amarrado, e Thenardier exclamou:

— Aí vem a patroa!

Efectivamente, mal ele terminara a frase, irrompeu violentamente pela porta da sala dentro a Thenardier, rubra de cólera, esbaforida, arquejante, deitando chispas de fogo pelos olhos e gritando em voz rouca, batendo com as mãos descomunais nas coxas:

— Mentira! Ele não mora lá!

No mesmo instante, assomava por trás dela o bandido que a acompanhara e que foi pegar outra vez na corda que tinha arrumado para cumprir a ordem de Thenardier.

— Não mora lá?! — repetiu Thenardier.

— Nem vivalma! Na rua de S. Domingos, número 17, não há notícia de tal Urbano Fabre! Ninguém sabe dar relação de quem seja!

E, após uma pausa, a que a obrigou o cansaço da carreira, continuou:

— Meu caro Thenardier, o velho logrou-te redondamente! A culpa é tua, por dares ouvidos ao teu bom coração! Se fosse comigo, outro galo lhe havia de cantar! Cortava-lhe a *faladeira,* pelo sim, pelo não, e, se ele se fizesse fino, tinha alma de o fritar vivo. Veríamos então se ele dizia ou não dizia onde está a filha e onde tem o dinheiro! Se fosse comigo, fazia-lhe assim! Bem diz o outro que as mulheres ainda são mais finas do que os homens! No número 17 não existe Fabre nem meio Fabre! É um portão! E ir daqui à rua de S. Domingos, a galope, gorjeta ao cocheiro e tudo, para uma destas! Estive com o porteiro e com a porteira, que é um pedaço de uma mulher como uma torre, e disseram-me que não conheciam semelhante pessoa.

Mário respirou. A Cotovia, ou Úrsula, aquela a quem não sabia que nome dar, estava salva.

Enquanto a mulher vociferava exasperada, Thenardier sentou-se em cima da mesa e assim esteve alguns instantes sem pronunciar palavra, balouçando

a perna direita e a olhar para o fogareiro com um ar de selvática meditação. Por fim, exclamou com inflexão de voz lenta e singularmente feroz, dirigindo-se para o prisioneiro:

— Lograste-me! Hás-de dizer-me que fim tinhas em vista!

— Ganhar tempo! — gritou o preso com voz estrondosa.

E, no mesmo instante, desenvencilhou-se da corda que estava cortada. Apenas estava preso ainda por uma perna.

Antes dos sete homens terem tempo de voltar a si e caírem sobre ele, o senhor Leblanc agachou-se, estendeu a mão para o fogareiro e levantou-se, brandindo no ar com gesto terrível o cinzel em brasa, a cujo clarão sinistro os bandidos, Thenardier e a mulher recuaram para o fundo, amedrontados, e se puseram a contemplá-lo com estúpido pasmo naquela atitude ameaçadora.

Verificou-se depois, por ocasião da busca judiciária a que os sucessos ocorridos naquela casa deram lugar, que, quando a polícia acudiu, aparecera uma grande moeda de um soldo, cortada e trabalhada de um modo particular. Esta moeda de soldo era uma dessas maravilhas de indústria produzidas pela paciência dos presos das galés no meio das trevas e para as trevas, maravilhas que não passam de instrumentos de evasão. Esses hediondos e delicados produtos de uma arte prodigiosa são na joalharia o que são na poesia as metáforas da gíria. Há Benvenutos Cellinis nas galés, do mesmo modo que na língua há Villons. Algumas vezes o infeliz que aspira à liberdade, sem mais utensílios que uma navalha ou uma faca velha, consegue partir um soldo em duas lâminas delgadas, vazá-las sem tocar os cunhos e de praticar em volta uma rosca na orla da moeda de modo que faz aderir novamente as duas lâminas. Depois atarracham-se e desatarracham-se à vontade; é uma boceta. Nesta boceta esconde-se uma mola de relógio, e esta mola de relógio, bem manejada, corta manilhas enormes e varões de ferro. Crê-se que o infeliz forçado não possui mais do que uma mesquinha moeda de cobre, mas não, possui a liberdade.

Foi uma moeda de cobre deste género, que nas posteriores investigações da polícia foi encontrada aberta em dois bocados, debaixo da cama, que no covil ficava mais próximo da janela. Achou-se igualmente uma pequenina serra de aço azulado, que podia ocultar-se dentro da moeda de cobre. É de presumir, que na ocasião em que os ladrões revistaram o prisioneiro, tivesse ele consigo aquela moeda de cobre, que naturalmente conseguira ocultar fechada na mão, e que depois tendo solta a mão direita, a abrisse e se servisse da serra para cortar as cordas que o ligavam, o que decerto explicava o ligeiro ruído e os movimentos imperceptíveis notados por Mário. Não tendo podido baixar-se para se não trair, não cortara a corda que lhe prendia a perna esquerda.

Os malfeitores tinham já voltado a si do seu primeiro momento de surpresa.

— Sossega — disse Bigrenaille a Thenardier. — Ainda está filado por uma perna. Não tenhas medo que se safe. Aquela pata foi amarrada por mim.

Nisto o prisioneiro elevou a voz:

— Vocês são uns desgraçados, mas a minha vida não vale tão grande defesa. Quanto a imaginarem que me obrigariam a falar, que me fariam escrever o que eu não quero escrever, que me fariam dizer o que eu não quero dizer...

E arregaçando a manga do braço esquerdo, acrescentou:

— Olhem!

Ao mesmo tempo estendeu o braço e pousou sobre a carne nua o formão candente, que segurava com a mão direita pelo cabo.

Ouviu-se o frémito da carne queimada, e pelo antro espalhou-se o cheiro próprio das casas de tortura. Mário cambaleou aterrado, os próprios malfeitores estremeceram, o rosto do extraordinário velho contraiu-se apenas; e enquanto o ferro candente aprofundava a fumegante chaga, impassível e quase augusto, fitava em Thenardier o seu olhar límpido, sem ódio, e onde o sofrimento se transformara em serena majestade.

Nas grandes e elevadas naturezas as revoltas da carne e dos sentidos, presa da dor física, fazem com que a alma saia e se apresente na fronte, pelo mesmo modo que as rebeliões da soldadesca obrigam o capitão a comparecer.

— Miseráveis! — exclamou ele. — Não tenham mais medo de mim do que eu tenho de vocês!

E, retirando o formão da ferida, lançou-o pela janela que ficara aberta, e o horrível instrumento abrasado desapareceu volteando no meio da escuridão até cair ao longe e ser resfriado pela neve.

— Agora façam de mim o que quiserem — tornou o prisioneiro.

— Agarrem-no! — exclamou Thenardier, ao vê-lo desarmado.

Dois dos bandidos deitaram-lhe então as mãos aos ombros, e o homem da máscara, com voz de ventríloquo, colocou-se na frente, pronto a abrir-lhe a cabeça com a chave ao mais pequeno movimento.

Ao mesmo tempo, Mário ouviu por baixo de si, junto do tabique, mas tão perto que não podia distinguir os que falavam, estas palavras trocadas em voz baixa:

— Já não há senão uma coisa a fazer.

— Rasgá-lo de alto a baixo.

— É isso mesmo.

Eram o marido e a mulher em conselho.

Thenardier encaminhou-se vagarosamente para a mesa, abriu a gaveta e tirou uma faca.

Mário apertava cada vez mais a coronha da pistola. Inaudita perplexidade. Havia uma hora que ouvia duas vozes na consciência; uma dizia-lhe que respeitasse o testamento de seu pai, a outra bradava-lhe que socorresse o prisioneiro. Estas duas vozes continuavam sem interrupção a sua luta, que o tornava quase agonizante. Esperara vagamente até aquele instante achar um meio de o conseguir. Entretanto o perigo crescia, estava já passado o último limite da expectativa; a alguns passos do prisioneiro, Thenardier meditava com a faca em punho.

Mário, desorientado, volveu os olhos à roda de si; último recurso maquinal do desespero.

De repente estremeceu.

A seus pés, sobre a mesa, deparou-se-lhe uma folha de papel em que dava um raio de luz, parecendo mostrar-lho.

— Na folha de papel leu esta linha escrita em grandes letras, naquela manhã, pela filha mais velha dos Thenardier: «Chegaram os guitas».

Uma ideia, como se fora um relâmpago, passou então pelo espírito de Mário.

Era o meio que buscava, a solução do medonho problema que o atormentava: poupar o assassino e salvar a vítima. Ajoelhou sobre a cómoda, estendeu o braço, pegou na folha de papel, arrancou muito devagarinho do tabique um bocado de caliça, embrulhou-a no papel e atirou-o pelo buraco, para o centro do covil.

Era tempo. Thenardier, tendo vencido os seus últimos receios, ou os seus últimos escrúpulos, dirigia-se para o prisioneiro

— Caiu aqui uma coisa! — gritou a Thenardier.

— O que é? — perguntou o marido.

A mulher precipitara-se sobre o embrulho, apanhara-o e entregara-o ao marido.

— Por onde diabo veio isto? — inquiriu Thenardier.

— Ora essa! — disse a mulher. — Por onde querias que entrasse? Foi pela janela.

Thenardier desembrulhou o papel e aproximou-o da vela.

— É a letra de Eponina. Oh, diabo!

Fez depois sinal à mulher, que se lhe aproximou rapidamente, e mostrou-lhe as palavras escritas no papel, acrescentando em seguida com voz surda:

— Depressa, a escada! Deixemos a isca na ratoeira e safemo-nos!

— Sem cortar a língua ao homem? — perguntou a Thenardier.

— Não temos tempo para isso.

— Por onde? — disse Bigrenaille.

— Pela janela — respondeu Thenardier. — Uma vez que a Ponina atirou a pedra pela janela, é porque a casa não está cercada por este lado.

O mascarado com voz de ventríloquo pôs no chão a enorme chave que trazia, levantou os braços e, por três vezes, abriu e fechou rapidamente as mãos. Foi como o «toca a postos» à guarnição de um navio. Os malfeitores que seguravam o prisioneiro largaram-no; num abrir e fechar de olhos foi a escada de corda desenrolada fora da janela e presa fortemente ao parapeito pelos dois ganchos de ferro.

O prisioneiro não dava atenção ao que Se passava em torno dele. Parecia estar ou sonhando ou orando.

Apenas segura a escada, Thenardier gritou para sua mulher:

— Vem daí, tu!

E correu para a janela.

Mas quando já ia a passar a perna por cima do parapeito, Bigrenaille segurou-o fortemente pela gola do casaco.

— Isso é que não, meu velho! Depois de nós.

— Depois de nós — uivaram os outros malfeitores.

— Vocês são crianças! — disse Thenardier. — Estamos a perder tempo. Olhem que temos os *guitas* no cachaço.

— Pois então deitemos sortes para se ver quem há-de descer primeiro.

Thenardier exclamou:

— Vocês ou estão doidos ou bêbados! Que súcia de parvos! Querem por força perder tempo, não é verdade? Querem tirar sortes, não é assim? Escrever nomes, deitá-los num boné!...

— Se querem, aqui está o meu chapéu! — gritou uma voz que partia da porta.

Todos se voltaram. Era Javert.

Javert tinha o chapéu na mão e oferecia-o, sorrindo-se.

XXI — De como deveria começar-se sempre por prender as vítimas

Ao anoitecer, Javert postara alguns homens nos lugares convenientes e foi-se emboscar por trás das árvores da rua da Barreira dos Gobelinos, que faz frente ao casarão Gorbeau do outro lado do boulevard. A primeira coisa a que procedeu foi abrir «o bolso» para recolher as duas raparigas encarregadas de vigiar em roda da mansarda, porém não pudera deitar mão senão a Azelma. Quanto a Eponina, abandonara o seu posto e desaparecera, pelo que a não pôde agarrar.

Em seguida, Javert pôs-se de vigia, aplicando o ouvido ao sinal convencionado. As idas e vindas do carro tinham-no sobremodo agitado. Afinal, depois de ver entrar muitos dos bandidos, impacientado pela demora e certo de *pilhar os ratos na ratoeira,* certo da *boa colheita* que ia fazer, resolveu subir sem esperar pelo convencionado tiro de pistola, o que lhe não foi difícil, porque trazia consigo a gazua de Mário.

A sua chegada não podia ter sido mais apropriada.

Os bandidos, assustados, lançaram precipitadamente mão das armas que haviam abandonado pelos cantos na ocasião em que iam a evadir-se. Em menos de um segundo, aqueles sete homens, cujo aspecto amedrontava, juntaram-se num magote, numa atitude de defesa, um com a corda, outro com a chave, outro com a maça, outros com tesouras, tenazes e martelos, Thenardier de faca em punho. A mulher pegou numa grande pedra que estava no recanto da janela e que servia de tamborete às filhas.

Javert pôs o chapéu na cabeça, deu dois passos para dentro do quarto, com os braços cruzados, a bengala debaixo do braço.

— Alto lá! — disse ele. — Não consinto que saiam pela janela. Hão-de sair mas há-de ser pela porta. Não é tão arriscado! Vocês são sete e nós somos quinze. Portanto, deixem-se de armar em valentões e sejam bons moços!

Bigrenaille pegou numa pistola que traziadebaixo da blusa e meteu-a na mão de Thenardier, dizendo-lhe ao ouvido:

— É Javert. Eu não me atrevo a disparar. Atreves-te tu?

— Ainda perguntas! — respondeu Thenardier.

— Então atira.

Thenardier pegou na pistola e apontou-a a Javert. Este, que estava a três passos, olhou para ele fixamente e apenas disse:

— Não atires, pateta, olha que erras o alvo!

Thenardier puxou o gatilho, mas errou o tiro.

— Eu não te dizia? — tornou Javert.

Bigrenaille atirou o cacete que trazia aos pés de Javert e exclamou.

— És um imperador dos diabos, portanto, rendo-me!

— E vocês? — perguntou Javert aos outros bandidos.

— Nós também! — responderam eles.

Javert replicou serenamente:

— Bonito, assim é que eu vos quero ver! Eu logo disse que não havia de haver dúvidas!

— Eu só peço uma coisa — tornou Bigrenaille —, é que me não neguem tabaco enquanto estiver no segredo.

— Concedido! — disse Javert.

E, voltando-se, disse, chamando para fora:

— Podem entrar agora.

A voz de Javert entrou de roldão pelo quarto dentro uma esquadra de cabos de polícia, de espada em punho, e de agentes armados de cacetes Toda esta multidão de homens, apenas alumiada pelo escasso clarão de uma vela, enchiam o covil de sombra.

Apenas entraram, trataram de amarrar os bandidos, que não ofereceram resistência.

— Algemas para todos! — gritou Javert.

— Ora cheguem-se para cá — gritou uma voz que não era de homem, mas que ninguém poderia afirmar que era de mulher.

Era a voz, ou, melhor, era um rugido da Thenardier, que se entrincheirara no recanto da janela e daí soltara aquela ameaça.

Os agentes e os cabos recuaram ao aspecto da megera que atirara o xaile para o lado, ficando só com o chapéu. Por trás dela estava acocorado o marido, que mal se via oculto com o xaile que jazia no chão, e encoberto por ela.

Depois de estar alguns instantes com a pedra suspensa nos braços, levantados ao ar, baloiçando-se como um gigante que se apresta a atirar um rochedo, exclamou:

— Deixem passar!

Recuaram todos para o corredor, deixando um largo espaço vazio no meio da mansarda, e ela murmurou com acento gutural e rouco, depois de deitar um olhar aos bandidos que se tinham deixado amarrar:

— Cobardes!

Javert sorriu e dirigiu-se para o espaço vazio em que a Thenardier tinha os olhos fitos.

— Não se chegue para cá, já lhe disse, ou esmago-o! — gritou ela.

— Que granadeiro! — disse Javert. — Minha rica, tu tens barba como um homem, mas eu tenho unhas como uma mulher!

E continuou a caminhar para diante.

A Thenardier, desgrenhada, terrível, firmou-se nas pernas, deu um balanço ao corpo para trás e atirou desvairadamente a pedra à cabeça de Javert Este, porém agachou-se, a pedra passou-lhe por cima, foi de encontro à parede do fundo, fazendo cair um pedaço de cal, e voltou de ricochete ao meio do quarto, felizmente quase vazio, até parar aos pés de Javert No mesmo instante, Javert chegava junto dos Thenardier e exclamava, batendo com uma das largas mãos no ombro da mulher e com outra na cabeça do homem:

— Os anjinhos!

Os homens da polícia tornaram a entrar no quarto e dentro de poucos segundos a ordem de Javert foi executada.

A Thenardier, ao ver-se a si e a seu marido de mãos atadas, caiu desfalecida no chão e exclamou entre soluços:

— Minhas filhas!

— Já estão à sombra! — disse Javert.

Entretanto, os beleguins tinham dado com o bêbado adormecido atrás da porta e trataram de o acordar.

Depois de muito sacudido, acordou, balbuciando:

— Já se acabou, Jondrette?

— Acabou! — respondeu Javert.

Os seis bandidos amarrados achavam-se de pé, ainda, porém, com o mesmo aspecto de espectros; três enfarruscados de negro, três mascarados.

— Não tirem as máscaras — disse Javert.

E, depois de os passar em revista com um olhar de Frederico II na parada de Potsdam, disse aos três «rebocadores»:

— Bons dias, Bigrenaile. Bons dias, Brujon. Bons dias, Deux-Milliards.

E depois voltou-se para os três mascarados e disse ao homem da corda:

— Bons dias, Gueulemer.

E ao homem do cacete:

— Bons dias, Babet.

E ao ventríloquo:

— Salve, Claquesous!

Neste momento, Javert deu com os olhos no prisioneiro dos bandidos, o qual, desde que os agentes entraram, não tinha proferido uma palavra, conservando-se com a cabeça inclinada.

— Desamarrem aquele senhor! — disse ele, e acrescentou: — Ninguém saia daqui!

Após estas palavras, sentou-se soberanamente diante da mesa, sobre a qual estava a vela e o papel do aviso, tirou do bolso uma folha de papel selado e deu princípio ao auto de corpo de delito.

Depois de ter escrito as primeiras linhas, que não eram mais do que as fórmulas do estilo, ergueu os olhos e disse:

— Esse senhor que os malandrins tinham preso que se chegue aqui.

Os agentes circunvagaram a vista em derredor da mansarda e Javert perguntou:

— Então ele onde está?

O prisioneiro dos bandidos, o senhor Leblanc, o senhor Urbano Fabre, o pai de Úrsula ou da Cotovia, tinha desaparecido.

A porta estava guardada, mas não o estava a janela.

Apenas, pois, ele se viu solto e viu Javert ocupado na confecção do auto, aprovei-tou a perturbação, o tumulto, a desordem, a escuridão e o momento em que ninguém reparava nele para saltar pela janela.

Um dos agentes correu prontamente à janela e olhou, mas não viu ninguém.

A escada de corda balouçava ainda.

— Diabo! — resmungou Javert por entre dentes — foi pena, que havia de ser o melhor!

XXII — O pequeno que gritava na segunda parte

No dia seguinte àquele em que na casa do boulevard do Hospital tiveram lugar os acontecimentos que acabamos de narrar, caminhava pela álea do lado direito, em direcção à barreira de Fontainebleau, um rapazinho, que vinha, ao que parecia, do lado da ponte de Austerlitz.

Era noite fechada.

O rapazinho era pálido, magro, trajava umas calças rotas de linho no mês de Fevereiro e outros andrajos, e ia a cantar de modo a atordoar os tímpanos menos sensíveis. À esquina da rua do Petit-Banquier, o rapaz foi de encontro a uma velha que estava agachada a mexer num monte de lixo, ao reflexo do lampião e recuou, exclamando:

— Ora esta! Eu a cuidar que era um canzarrão e Sai-me uma velha!

Pronunciou a palavra canzarrão engrossando a voz de um modo chocarreiro e particular, que se exprimiria bem por maiúsculas: «Um cão, um CANZARRÃO».

A velha ergueu-se furiosa.

— Trinca espinhas do diabo! — regougou ela. — Se não estivesse agachada, eu te faria ver as estrelas ao meio-dia com um pontapé!

O rapaz ia já a distância, mas replicou, fingindo que açulava um cão:

— Kse! Kse! Bem digo eu! Nunca me tinha enganado!

A velha, sufocada de indignação, ergueu-se de todo, e o reflexo avermelhado do lampião bateu-lhe de chapa no rosto lívido, marcado de sulcos profundos em inextricável labirinto. No meio da escuridão que a envolvia, apenas se lhe divisava a cabeça. A configuração do resto do corpo perdia-se nas trevas. Dir-se-ia a máscara da Decrepitude recortada por um clarão no meio das sombras da noite.

O rapaz pôs-se a olhar para ela e afinal disse:

— A senhora não possui o género de beleza que me conviria!

E continuou o seu caminho, cantando alegremente:

Houve um rei antigamente

Chamado o Perna de Pau,
Por trazer andas tão altas
Que passava o Sena a vau.

Ao fim destes versos, calou-se.

Tinha chegado -em frente da casa número 50-52, e como encontrasse a porta fechada, começou aos pontapés a ela, pontapés estrondosos e heróicos, que mais davam a conhecer os sapatos de homem que trazia calçados do que os pés de criança que ele tinha.

A este tempo, porém, a velha que ele encontrara à esquina da rua do Petit-Banquier corria atrás dele, gritando e gesticulando desabridamente:

— O que é isto? O que é isto? Valha-me Deus! Arrombam a porta! Deitam a casa abaixo.

Os pontapés, porém, continuavam, por mais que a velha se esfalfasse.

— Será também agora moda andar *a* dar pontapés pelas portas?

De repente, porém, parou, ao reconhecer o gaiato.

— Ai, que é este mafarrico!

— Oh, com os diabos, é a velha! disse o rapaz. — Adeus, tia Burgon! Eu vinha ver os meus antepassados.

— Não está cá ninguém, birbante! — volveu a velha com certo esgar, admirável improvisação da raiva ajudada pela caducidade e pela fealdade, esgar que, infelizmente, se perdeu na escuridão.

— Ora adeus! — tornou o rapaz. — Então onde está meu pai?

— Na Force.

— Irra! E minha mãe?

— Em S. Lázaro.

— Safa! E minhas irmãs?

— Nas Madelonnetes.

O rapaz pôs-se a coçar atrás da orelha e exclamou, olhando para a tia Burgon:

— Ah!

Depois deu uma volta sobre os calcanhares, e daí por um instante ouvia a velha, que ficara de pé no limiar da porta, uma voz clara e forte, que se ia gradualmente perdendo por baixo dos escuros olmos do boulevard, que sussurravam trémulos aos empuxões do vento de Inverno.

Era a voz do rapaz, que ia cantando com acento vibrante os seus versos favoritos:

Houve um rei antigamente.
Chamado o Perna de Pau,
Por trazer andas tão altas
Que passava o Sena a vau.
Ora o bonito era vê-lo

Por essas ruas a andar,
E ouvido gritar a todos:
— Pague cá, se quer passar.

QUARTA PARTE — IDÍLIO NA RUA PLUMET E EPOPEIA NA RUA DE S. DINIZ

LIVRO PRIMEIRO — ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

I — Bem talhado

Os dois anos que se ligam imediatamente à revolução de Julho, 1831 e 1832, representam um dos momentos mais particulares e surpreendentes da história. Estes dois anos, no meio dos precedentes e dos subsequentes são como duas montanhas. Têm a grandeza revolucionária. Distinguem-se neles precipícios. As massas sociais, os próprios jurados da civilização, o grupo sólido dos interesses sobrepostos e aderentes, os perfis seculares da antiga formação francesa, ali aparecem e desaparecem a cada instante através das tempestuosas nuvens dos sistemas, das paixões e das teorias. A estas aparições e desaparições chamou-se resistência e movimento. Por intervalos vê-se luzir ali a verdade, que é a luz da alma humana.

Esta notável peça é assaz circunscrita, e começa a afastar-se muito de nós para que se lhe possam apanhar de momento as linhas principais.

Vamos intentá-lo.

A restauração fora uma fase intermediária, das difíceis de definir, daquelas em que há fadiga, zumbido, murmúrios, sono, tumulto, e que não são outra coisa senão a chegada de uma grande nação ao fim da marcha. Estas épocas são singulares e iludem os políticos que querem explorá-las. Em começo não pede a nação senão repouso; não tem senão sede de paz e ambição de ser pequena; o que é a tradução de permanecer tranquila. Grandes acontecimentos, grandes acasos, grandes aventuras, grandes homens, graças a Deus, têm-se visto de mais; está-se farto deles até aos olhos. Trocar-se-ia César por Prússias e Napoleão pelo rei d'Yvetot. «Que bom reizinho era aquele!» Marchou-se desde o romper da aurora, está-se no fim de um dia longo e rude; teve-se o primeiro descanso com Mirabeau, o segundo com Robespierre, e o terceiro com Bonaparte; está-se estafado. O que cada um pede é uma cama. As dedicações cansadas, os heroísmos envelhecidos, as ambições saciadas, reclamam, imploram, solicitam; o quê, uma pousada? Obtêm-na. Apoderam-se da paz, da tranquilidade, do descanso; ei-los contentes. Entretanto e ao mesmo tempo surgem certos factos, fazem-se reconhecer, e batem também à porta. Estes factos saíram das revoluções e das guerras, existem, vivem, têm o direito de se estabelecer na sociedade e estabelecerem-se; e a maior parte do tempo são os factos os quartéis-mestres e os furriéis, que não fazem mais do que preparar o aquartelamento para os princípios.

Eis o que aparece aos olhos dos filósofos.

Ao mesmo tempo que os homens fatigados pedem descanso, os factos

consumados exigem garantias. As garantias para os factos são a mesma coisa que o descanso para os homens.

Era o que a Inglaterra pedia aos Stuarts depois do Protector: era o que a França pedia aos Bourbons depois do Império.

Estas garantias são uma necessidade dos tempos.

É indispensável concedê-las. Os príncipes «outorgam-nas»; mas na realidade é a força das coisas quem as dá. Verdade profunda e útil, que deve saber-se, que os Stuarts nunca suspeitaram em 1662, e que os Bourbons nunca entreviram nem mesmo em 1814.

A família predestinada que voltou à França quando Napoleão desabou, teve a simplicidade fatal de acreditar que era ela quem dava e que podia tirar o que tinha dado; que a casa de Bourbon possuía o direito divino, e que a França não possuía nada; que o direito político concedido na carta de Luís XVIII não era mais do que um ramo do direito divino, arrancado pela casa de Bourbon e graciosamente dado ao povo, que o conservaria até ao dia em que aprouvesse ao rei apoderar-se novamente dele. Todavia, a casa de Bourbon pelo desprazer que uma tal dádiva lhe causava, deveria ter conhecido que não partira dela.

Foi rabugenta no século XIX. Fez má cara a cada nova expansão da nação. Para nos servirmos da frase trivial, isto é, popular e verdadeira, resmungou. O povo viu-o.

Acreditou que tinha força, porque o império lhe fora tirado da frente como um bastidor de teatro. Não conheceu que fora trazida pelo mesmo modo. Não viu que estava na mesma mão que tirara dali Napoleão.

Acreditou que tinha raízes, porque era o passado. Enganava-se; fazia parte do passado, mas o passado todo era em si mesmo a França. As raízes da sociedade francesa não estavam nos Bourbons, estavam na França. Essas obscuras e vivazes raízes não constituíam o direito duma família, mas sim a história dum povo. Estavam em toda a parte, menos sobre o trono.

A casa de Bourbon era para a França o nó ilustre e sangrento da sua história; mas já não era o elemento principal dos seus destinos, e a base necessária da sua política. Podia passar-se sem os Bourbons; tinham-se passado vinte e dois anos sem eles; houvera solução de continuidade e eles nem o suspeitavam. E como poderiam tê-lo suspeitado, eles, que imaginavam ter reinado Luís XVII no 9 Thermidor, e Luís XVIII no dia de Merengo? Jamais desde a origem da história, tinham os príncipes sido tão cegos na presença dos factos e da porção de autoridade divina que os contêm e promulgam.

Jamais a pretensão deste mundo, denominada direito dos reis, negara a tal ponto o direito supremo.

Erro capital que levou aquela família a tocar nas garantias «outorgadas» em 1814, nas concessões, como ela as qualificava. Triste coisa! O que ela denominava suas concessões, eram as nossas conquistas; o que ela chamava nossas usurpações, eram os nossos direitos.

A restauração, logo que lhe pareceu chegada a hora, supondo-se vitoriosa de Bonaparte e enraizada no país, isto é, julgando-se forte, acreditando-se profunda, tomou repentinamente a sua resolução e arriscou asua cantada. Uma manhã ergueu-se em face da França, e, elevando a voz, contestou o título colectivo e o título individual; à nação a soberania, ao cidadão a liberdade. Noutros termos: negou à nação o que a fazia nação, e ao cidadão o que o fazia cidadão.

É este o âmago dos famosos actos denominados ordenanças de Julho.

A restauração caiu. Todavia, digamo-lo, não fora absolutamente hostil a todas as formas do progresso.

Ao lado dela tinham-se feito grandes coisas.

Sob a acusação habituara-se a nação à discussão pacífica, que faltara à república, e à grandeza na paz, que o império não tivera. A França livre e forte, fora um espectáculo animador para os outros povos da Europa. A revolução tivera a palavra sob Robespierre; a artilharia tivera a palavra sob Bonaparte: foi do tempo de Luís XVII e de Carlos X, que chegou a vez à palavra da inteligência. Cessou o vento, tornou a acender-se o facho. Viu-se estremecer sobre os cimos serenos a pura luz dos espíritos. Espectáculo magnífico, útil e encantador. Viram-se trabalhar durante quinze anos, em plena paz, em plena praça pública, os grandes princípios, tão velhos para o pensador, tão novos para o homem de Estado: a igualdade perante a lei, a liberdade da consciência, a liberdade da palavra, a liberdade de imprensa, o acesso de todas as aptidões a todas as funções. Assim caminharam as coisas até 1830. Os Bourbons foram um instrumento de civilização, que se quebrou nas mãos da Providência.

A queda dos Bourbons foi cheia de grandeza não da sua parte, mas da parte da nação. Deixaram o trono com gravidade, mas sem autoridade; a sua descida para o escuro não foi uma das desaparições solenes, que deixam na história sombria comoção; não foi nem o sossego de espectro de Carlos I, nem o grito de águia de Napoleão. Foram-se e nada mais. Depuseram a coroa e não conservaram a mínima auréola. Foram dignos mas não foram augustos. Faltaram, numa certa medida, à majestade da sua desgraça. Carlos X, durante a viagem de Cherbourg, mandando cortar uma mesa redonda para ficar quadrada, mostrou-se mais inquieto pela etiqueta em perigo, do que pela monarquia que se desmoronava. Esta diminuição contristou os homens

dedicados, que eram afeiçoados às suas pessoas e os homens sérios que honravam a sua raça. O povo, esse, foi admirável.

A nação atacada uma manhã à mão armada, por uma espécie de insurreição régia, sentia-se com tanta força que não teve cólera. Defendeu-se, conteve-se, tornou a colocar as coisas nos seus lugares: o governo na lei, os Bourbons no desterro, e parou. Pegou no velho rei Carlos X, de sob o mesmo dossel que abrigara Luís XIV, e pô-lo brandamente no chão. Nas pessoas reais não tocou senão com tristeza e precaução. Não foi um homem, não foram alguns homens, foi a França, a França inteira, a França vitoriosa e embriagada com a sua vitória, que pareceu recordar-se e que pôs em prática aos olhos do mundo as graves palavras de Guilherme Du Vair, depois do combate das barricadas: «É fácil àqueles que estão acostumados a libar os favores dos grandes e saltar, qual passarinho, de ramo em ramo, de uma fortuna decadente a outra florescente, mostrarem-se atrevidos contra o príncipe, na sua adversidade, mas para mim a fortuna dos meus reis ser-me-á sempre venerável, e principalmente dos que estiverem atribulados.»

Os Bourbons levaram consigo o respeito, mas não a saudade. Como acabamos de dizer, a sua desgraça foi maior do que eles. Os Bourbons desapareceram no horizonte.

A revolução de Julho teve imediatamente amigos e inimigos em todo o mundo. Uns precipitaram-se para ela com entusiasmo e alegria, outros afastaram-se, segundo a sua natureza. Os príncipes da Europa, no primeiro momento, mochos daquela alvorada, fecharam os olhos, escandalizados e estupefactos, e só os tornaram a abrir para ameaçar. Susto que se compreende, cólera que se desculpa. Aquela estranha revolução fora apenas um repelão, nem mesmo dera à realeza vencida a honra de a tratar como inimiga e de lhe derramar o sangue. A revolução de Julho, aos olhos dos governos despóticos, sempre interessados em que aliberdade se calunie por si mesma, cometera o erro de ser formidável e de permanecer suave. No fim de tudo, coisa alguma foi tentada ou maquinada contra ela. Os mais descontentes, os mais irritados, os mais receosos saudaram-na; quaisquer que sejam os nossos egoísmos e rancores, sempre, nos acontecimentos em que se sente a colaboração de alguém que trabalha mais alto do que o homem, sobressai misterioso respeito.

A revolução de Julho é o triunfo do direito derrubando o facto. Coisa cheia de esplendor.

O direito derrubando o facto. Daqui o brilho da revolução de 1830, daqui também a sua mansidão. O direito que triunfa não tem a mínima necessidade de ser violento.

O direito é o justo e o verdadeiro.

O característico do direito é ser ele eternamente belo e puro. O facto, mesmo o mais necessário, na aparência, mesmo o mais bem aceite pelos contemporâneos, só existe como facto, se contém pouco direito, ou absolutamente nenhum, é destinado infalivelmente a tomar-se, com o correr dos tempos, disforme, imundo, talvez mesmo monstruoso. Querendo-se comprovar por uma vez a que ponto de fealdade pode chegar o facto, visto à distância dos séculos, olhe-se para Maquiavel. Maquiavel não é um mau génio, nem um demónio, nem um escritor cobarde e miserável; não é mais do que o facto. E não é só o facto italiano, é o facto europeu, o facto do século XVI.

Parece hediondo, e é-o, com efeito, na presença da ideia moral do século XIX.

Esta luta do direito e do facto existe desde a origem das sociedades. Terminar o duelo, amalgamar a ideia com a realidade humana, fazer penetrar pacificamente o direito no facto e o facto no direito tal é o trabalho dos sábios.

II — Mal cozido

Mas um é o trabalho dos sábios, outro é o trabalho dos hábeis. A revolução de 1830 tinha parado muito depressa.

Apenas uma revolução dá à costa lançam-se os hábeis aos despojos do naufrágio.

Os hábeis, no nosso século, agraciaram-se a si mesmos com a qualificação de homens de estado; de tal modo, que as palavras homem de estado, acabaram por se tornar um tanto frases de gíria. Não esqueça isto; onde não há senão habilidade, há necessariamente pequenez Dizer: os hábeis, corresponde a dizer; os medíocres.

Do mesmo modo que dizer: os homens de estado equivale, algumas vezes, a dizer: os traidores.

A acreditarem-se, pois, os hábeis, as revoluções como a de Julho, são artérias cortadas; necessitam ser prontamente laqueadas. O direito muito altamente proclamado, abala. E também, uma vez consolidado o direito, é necessário consolidar o estado. Assegurada a liberdade, é preciso pensar no poder.

Aqui ainda os sábios se não separaram dos hábeis, mas começam a desconfiar deles. O poder; pois seja. Mas em primeiro lugar, o que é o poder? Depois, donde procede ele?

Os hábeis mostram não perceber a objecção murmurada e continuam na sua manobra.

Segundo estes políticos, engenhosos em pôr nas ficções proveitosas uma

máscara de necessidade; a primeira necessidade de um povo, após uma revolução, quando esse povo faz parte de um continente monárquico, é procurar uma dinastia. Deste modo, dizem eles, pode ter a paz depois da revolução, isto é, o tempo de curar as feridas e de reparar a sua casa. A dinastia oculta os preparativos e cobre a ambulância.

Ora, nem sempre é coisa fácil achar uma dinastia.

Em rigor o primeiro homem de génio, ou mesmo o primeiro homem de fortuna que apareça, é suficiente para se fazer um rei. No primeiro caso tendes Bonaparte, no segundo Iturbida.

Mas para formar a dinastia não serve a primeira família que se encontre. Uma raça tem necessariamente certa porção de antiguidades; a ruga dos séculos não se improvisa.

Segundo o modo de ver dos «homens de estado» guardadas todas as reservas, bem entendido, quais são após uma revolução as qualidades do rei que sai dela? Pode ser, e é útil que seja revolucionário, isto é, participante pessoalmente dessa revolução, que lhe tenha posto a mão, que nela se tenha arriscado ou ilustrado, que nela tenha empunhado o machado ou manejado a espada.

Quais são as qualidades duma dinastia? Deve ser nacional, isto é, revolucionária a distância, não por actos cometidos, mas por ideias aceites. Deve compor-se de passado e ser histórica, compor-se do futuro e ser simpática.

Tudo isto explica como as primeiras revoluções se contentam com achar um homem. Cromwell ou Napoleão; e como as segundas querem absolutamente achar uma família, a casa de Brunswich ou a casa de Orleãs.

As casas reais assemelham-se às figueiras da Índia, das quais cada ramo, curvando-se até ao solo, aí cria raízes e se torna nova figueira. Cada ramo pode tornar-se numa dinastia. A única condição é curvar-se até ao povo.

Tal é a teoria dos hábeis.

Eis, pois, a grande arte; dar ao bom êxito tal ou qual som de catástrofe, a fim de que aqueles mesmos que dele tiram proveito, tremam também, adubar com medo o passo que se deu, aumentar a curva da transição até ao afrouxamento do progresso, tornar insípida a obra, denunciar e destruir as asperezas do entusiasmo, cortar os ângulos e as unhas, enchumaçar o triunfo, abafar com muita roupa o direito, envolver o gigante povo em flanela e deitá-lo bem cedo, impor dieta a tal excesso de saúde, sujeitar Hércules ao tratamento de convalescença, dissolver o acontecimento no expediente, oferecer aos espíritos sequiosos de ideal este néctar ampliado com tisana, tomar precauções contra o denominado sucesso e guarnecer a revolução com

um «abat-jour».

1830 praticou esta teoria, já aplicada à Inglaterra por 1688.

1830 é uma revolução detida a meia encosta. Metade de progresso; quase direito. Ora, a lógica ignora isto, absolutamente como o Sol ignora a existência da candeia.

Quem detém as revoluções a meia encosta? A burguesia.

Porquê?

Porque a burguesia é o interesse satisfeito. Ontem era o apetite, hoje é a abundância, amanhã será a saciedade.

O fenómeno de 1814, depois de Napoleão, reproduz-se em 1830, depois de Carlos X.

Quis-se, erradamente, fazer da burguesia uma classe.

A burguesia é simplesmente a porção contentada do povo. O burguês é um homem que já tem tempo para se sentar.

Uma cadeira não é uma casta.

Mas, por querer sentar-se demasiadamente cedo, pode até fazer parar a marcha do género humano. Tem sido esta, muitas vezes, a culpa da burguesia.

Não se é uma classe por se ter cometido uma falta. O egoísmo não é uma das divisões da ordem social.

No fim de tudo é necessário ser justo, mesmo para com o egoísmo; o estado a que aspirava, depois da comoção de 1830, a parte da nação a que chamam burguesia, não era a inércia, que contém indiferença e preguiça e que envolve certa vergonha, não era o sono que supõe um esquecimento momentâneo acessível aos sonhos; era a paragem no fim da marcha

Esta expressão encerra dois sentidos singulares e quase contraditórios: multidão em marcha, quer dizer movimento; estação, quer dizer repouso.

Esta paragem é a reparação das forças, é o repouso armado e acordado, é o facto consumado que posta sentinelas, e que se conserva em armas. A paragem supõe o combate de ontem e o combate de amanhã.

É o intermédio de 1830 e de 1848.

Ao que aqui chamamos combate pode também chamar-se progresso.

Era necessário à burguesia como aos homens de estado, um homem que desse a voz de paragem: uma individualidade composta, significando revolução e significando estabilidade: noutros termos, consolidando o presente pela compatibilidade evidente do passado com o futuro.

Este homem estava encontrado. Chamava-se Luís Filipe de Orleãs.

Os 221 fizeram Luís Filipe rei. Lafayette encarregou-se da sagração. Denominou-a *a melhor das repúblicas. O* palácio da municipalidade de Paris substituiu a catedral de Reims.

Esta substituição de um trono completo por um meio trono foi «a obra de 1830».

Quando os hábeis terminaram, apareceu o vício imenso da sua solução. Tudo isto era feito fora do direito absoluto. O direito absoluto gritou: Protesto! E depois, temível coisa!, tornou a esconder-se na sombra.

III — Luís Filipe

As revoluções têm o braço terrível e a mão certeira; ferem com firmeza e escolhem bem. Mesmo incompletas, mesmo adulteradas e reduzidas ao estado de revolução mais nova como a de 1830, resta-lhes sempre bastante lucidez providencial, para que não possam cair mal. O seu eclipse não é nunca uma abdicação.

Contudo, não nos vangloriemos demasiadamente; as revoluções também se iludem, e têm-se visto graves enganos.

Voltemos a 1830, que foi feliz na sua aberração. No estabelecimento do que se chamou ordem depois da revolução interrompida de repente, o rei valia mais do que a realeza. Luís Filipe era um homem raro.

Filho de um pai ao qual a história concedera certamente as circunstâncias atenuantes, mas tão digno de estima quanto seu pai fora merecedor de censura; tendo todas as virtudes particulares e muitas das virtudes públicas; cuidando da sua saúde, da sua fortuna, da sua pessoa e negócios; conhecendo o preço de um minuto e nem sempre o de um ano; sóbrio, sereno, pacífico, paciente; bom homem e bom príncipe; dormindo com sua mulher, e tendo em seu palácio criados encarregados de mostrar aos burgueses o seu leito conjugal, ostentação da alcova regular, tornada útil após as antigas pompas ilegítimas do ramo mais velho; sabendo todas as línguas da Europa, e, o que é mais raro, falando as linguagens de todos os interesses; admirável representante da «classe média», mas ultrapassando-a e de todos os modos superior a ela; tendo o excelente tino, mesmo apreciando-se o sangue donde provinha, de se contar sobretudo intrínseco, e, sobre a questão muito particular da sua raça, declarando-se Orleãs e não Bourbon; muito primeiro príncipe de sangue enquanto não fora mais do que altezasereníssima, mas franco burguês no dia em que se tomou majestade; difuso em público, conciso na intimidade; com fama não provada de avaro, e no íntimo um desses económicos facilmente pródigos para com a sua fantasia ou dever; letrado e pouco sensível às letras; gentil-homem, mas não cavalheiro; simples, sossegado e forte; adorado por toda a sua família e criados; sedutor na conversação, homem de estado sem preocupações, interiormente frio, dominado pelo interesse imediato, governando sempre ou pouco menos, tão incapaz de rancor como de reconhecimento, aplicando desapiedadamente as

superioridades sobre as mediocridades, hábil em derrotar pelas maiorias parlamentares as unanimidades misteriosas que rugem surdamente sob os tronos; expansivo às vezes, imprudente na sua expansão, mas de maravilhosa destreza nessa imprudência; fértil em expedientes, em fisionomias, em máscaras; metendo medo àFrança com a Europa, e à Europa com a França; incontestavelmente afeiçoado ao seu país, mas preferindo-lhe a sua família; prezando mais a dominação do que a autoridade, e esta mais do que a dignidade; disposição funesta, por isso que atendendo só aos resultados, admite a astúcia e não repudia de todo a baixeza; mas valiosas, porque preserva a política de combates violentos, o Estado de fracturas, e a sociedade de catástrofes; minucioso, correcto, atento, sagaz, infatigável; contradizendo-se e desmentindo-se algumas vezes; atrevido contra a Áustria em Ancona, teimoso contra a Inglaterra em Espanha, bombardeando Anvers e pagando Pritchard; cantando com convicção a Marselhesa; inacessível ao abatimento, a cansaço, ao gosto do belo e do ideal, às generosidades temerárias, à utopia, à quimera, à cólera, à vaidade, ao receio; tendo todas as formas da intrepidez pessoal; general em Valmy, soldado em Jemmapes; oito vezes apalpado pelo regicídio, e sempre risonho; bravo como um granadeiro, corajoso como um pensador, inquieto unicamente na presença das probabilidades de um abalo europeu, e impróprio para as grandes aventuras políticas; sempre pronto a arriscar a sua vida e nunca a sua obra; disfarçando a sua vontade em influência, a fim de ser mais depressa obedecido como inteligência do que como rei; dotado de observação e não de divinação; pouco atento aos espíritos, mas muito conhecedor dos homens, isto é, tendo necessidade de ver para julgar; bom senso pronto e penetrante, sabedoria prática, palavra fácil, memória prodigiosa; recorrendo sem cessar a essa memória, ser único ponto de semelhança com César, Alexandre e Napoleão; conhecendo os factos e os seus pormenores, sabendo as datas, os nomes próprios, ignorando as tendências, as paixões, as índoles diversas da multidão, as aspirações interiores, as agitações ocultas e obscuras das almas, numa palavra, tudo o que poderia chamar-se correntes invisíveis das consciências; aceito pela superfície, mas pouco de acordo com a França dos planos inferiores; saindo destes embaraços pela finura; governando demasiadamente e reinando pouco; primeiro ministro de si mesmo; primando em fazer da pequenez das realidades um obstáculo para a imensidade das ideias; aliando a uma verdadeira faculdade criadora de civilização, de ordem e de organização, certo espírito de chicana; fundador e procurador de uma dinastia; tendo alguma coisa de Carlos Magno e o que quer que fosse de um advogado; em suma, vulto elevado e original, príncipe que soube exercer o domínio apesar

da inquietação da França, e o poder a despeito do ciúme da Europa. Luís Filipe será classificado entre os homens eminentes do seu século, e seria colocado entre os governantes mais ilustres da história, se prezasse um pouco a glória e se tivesse o sentimento do que é grande no mesmo grau em que tinha o sentimento do que é útil.

Luís Filipe fora belo, e, envelhecendo, conservara-se gracioso; nem sempre aceito pela nação, era-o sempre pela multidão; agradava. Tinha o dom do encanto. A majestade não se dava bem com ele; não usava a coroa, ainda que rei, nem tinha os cabelos brancos, conquanto fosse velho. As suas maneiras eram do antigo regime, e os seus hábitos da actualidade; mistura do nobre e do burguês, que convinha a 1830. Luís Filipe era a transição reinante; conservara a antiga pronúncia e a antiga ortografia, que ele punha ao serviço das opiniões modernas; era afeiçoado à Polónia e à Hungria, mas escrevia *polonois,* e pronunciava *hongrais.* Usava a farda da guarda nacional como Carlos X, e o cordão da Legião de Honra como Napoleão.

Ia pouco à capela, pouquíssimo à caça e à Ópera, nunca. Era incorruptível aos sacristães, aos moços das matinhas e às dançarinas; o que entrava em grande parte na sua popularidade burguesa. Não tinha corte. Saía com o seu chapéu de chuva debaixo do braço: o chapéu de chuva fez por muito tempo parte da sua auréola. Era um tanto pedreiro, um tanto jardineiro e um tanto médico: sangrava um postilhão caído do cavalo; Luís Filipe não andava mais sem a sua lanceta do que Henrique III sem o seu punhal. Os realistas zombavam deste rei ridículo, o primeiro que derramou sangue para dar vida.

Nas queixas da história contra Luís Filipe, há a fazer um desconto; há as que acusam a realeza, as que acusam o reinado e as que acusam o rei; três colunas dando cada uma delas um total diferente. O direito democrático confiscado, o progresso tornado interesse de segunda ordem os protestos da rua reprimidos violentamente, a execução militar das insurreições, a revolta passada pelas armas, a rua Transnonain, os conselhos de guerra, a absorção do país real pelo país legal, e o governo em relações com trezentos mil privilegiados, é o que diz respeito à realeza; a Bélgica recusada, Argel conquistada com demasiada dureza, e como a Índia pelos ingleses, com mais barbárie do que civilização, a falta de palavra a Abdel-Kader, Blaye, Deutz comprado e Pritchard pago, pelo que toca ao reinado; a política mais familiar do que nacional, é o que diz respeito ao rei.

Como se vê, feito o desconto, diminui a carga feita ao rei.

A sua grande falta, ei-la: Foi modesto em nome da França.

Donde provém essa falta?

Digamo-lo.

Luís Filipe foi um rei demasiadamente paternal; esta incubação que se quer transformar em dinastia tem medo de tudo e não quer ser incomodada; daqui a sua timidez excessiva, importuna para o povo, que tem o 14 de Julho na sua tradição civil e Austerlitz na sua tradição militar.

No fim de tudo, abstraindo-se dos deveres públicos, que exigem ser preenchidos em primeiro lugar, a profunda ternura de Luís Filipe pela sua família, era por ela merecida. Era um grupo doméstico admirável. Os talentos encontravam-se ali a par das virtudes. Uma das filhas de Luís Filipe, Maria de Orleãs introduzia o nome da sua raça entre os artistas, como Carlos de Orleãs o introduzira entre os poetas. Maria de Orleãs fizera da sua alma um mármore a que pusera o nome de Joana d'Arc. Dois dos filhos de Luís Filipe tinham arrancado a Metternich este elogio demagógico: *São mancebos como se vêem poucos,* e *príncipes como se não vêem nenhuns.*

Eis aqui, sem dissimular, mas sem agravar coisa alguma, a verdade sobre Luís Filipe.

Ser o príncipe «Igualdade», ter em si a contradição da restauração e da revolução, ter o lado inquietador do revolucionário que se torna tranquilizador no governo, foi a fortuna de Luís Filipe em 1830; nunca um homem se adaptou mais completamente a um acontecimento; entrou um no outro e operou-se a incarnação. Luís Filipe é 1830 feito homem. Além disso tinha a seu favor grande designação para o trono: o desterro. Fora proscrito, errante, pobre. Vivera do seu trabalho. Na Suíça, o proprietário dos mais ricos senhorios de França, tivera de vender um velho cavalo para ter de comer. Em Reicheau dera lições de matemática, enquanto sua irmã Adelaide bordava e cosia. Estas recordações ligadas a um rei entusiasmavam a burguesia. Demolira pelas suas próprias mãos a última gaiola de ferro do Monte S. Miguel, construída por Luís XI e utilizada por Luís XV. Era o companheiro de Dumouriez, era o amigo de Lafayette; pertencera ao clube dos jacobinos; Mirabeau batera-lhe no ombro; Danton chamara-lhe rapaz! Aos vinte e quatro anos, em 93, sendo senhor de Chantres, do fundo de um recanto escuro da Convenção assistira ao julgamento de Luís XVI, tão acertadamente apelidado de *pobre tirano.* Vira a cega perspicácia da revolução, destruindo a realeza, sem quase contar o homem na feroz esmagação da ideia, a vasta tempestade da assembleia-tribunal, a cólera pública interrogando, Capeto não sabendo que responder, a assustada vacilação estupefacta daquela cabeça régia sobre tão sombrio sopro, a inocência relativa de todos naquela catástrofe, tanto dos que condenavam como do que era condenado; tudo ele vira, contemplara aquelas vertigens, vira os séculos comparecerem à barra da Convenção, vira por trás de Luís XVI, desventurado transeunte responsável, erguer-se nas trevas a

formidável acusada, a monarquia, e gravara-se-lhe na alma o espanto respeitoso das imensas justiças do povo, quase tão impessoais como a justiça de Deus.

O vestígio que a revolução deixara nele era prodigioso. A sua memória era como uma impressão viva daqueles grandes anos, minuto por minuto. Um dia, diante de uma testemunha de que nos é impossível duvidar, rectificou, de memória, toda a letra A da lista alfabética da Assembleia Constituinte.

Luís Filipe foi um rei de dia claro. Durante o seu reinado foram livres a imprensa, a tribuna, a consciência e a palavra. As leis de Setembro são de clarabóia. Conquanto conhecesse o poder destruidor da luz sobre os privilégios, deixou o trono exposto à luz. A história há-de levar-lhe em conta esta lealdade.

Luís Filipe, como todos os homens históricos saídos da cena, é hoje chamado a juízo pela consciência humana.

O seu processo está ainda apenas na primeira instância.

A hora em que a história fala com o seu acento venerável e livre não soou ainda para ele; não chegou o momento dela pronunciar sobre este rei o seu veredicto definitivo; ainda não há muito que o austero e ilustre historiador Luís Blanc modificou o seu primeiro juízo sobre ele; Luís Filipe foi escolhido das duas aproximações denominadas 221 e 1830, isto é, de um meio parlamento e de uma meia revolução; de qualquer modo, no ponto superior em que a filosofia se deve colocar, não o poderíamos nós julgar aqui, como se pode entrever, senão com certas reservas em nome do princípio democrático absoluto; aos olhos do absoluto, fora dos dois direitos: o direito do homem, em primeiro lugar, e depois o direito do povo, tudo é usurpação; mas o que podemos desde já dizer, apontadas estas reservas, é que no fim de tudo, e qualquer que seja o modo porque se olhe, Luís Filipe, considerado em si mesmo, pelo lado da bondade humana, ficará sendo, para nos servirmos da velha linguagem da antiga história, um dos melhores príncipes que ocuparam um trono.

O que tem ele contra si? Esse trono. Tirai de Luís Filipe o rei. Fica o homem. E o homem é bom. Por vezes é bom a ponto de ser admirável. Muitas vezes, no meio dos mais graves cuidados, depois de um dia de luta contra toda a diplomacia de continente, recolhia-se à noite ao seu gabinete, e ali, exausto de fadiga, combatido pelo sono, o que fazia? Pegava num volumoso caderno e passava a noite a rever um processo criminal, julgando que era de certo uma grande coisa resistir à Europa, mas que era maior assunto ainda arrancar um homem ao carrasco. Obstinava-se contra o seu chanceler; disputava palmo a palmo o terreno da guilhotina aos procuradores gerais, aos *tagarelas da lei,*

como ele lhes chamava. A sua mesa estava por vezes coberta de processos, que todos examinava; era para ele uma aflição, abandonar aquelas miseráveis cabeças condenadas. Uma vez, dizia ele (a mesma testemunha que há pouco indicámos) esta noite *ganhei sete.* Durante os primeiros anos do seu reinado, a pena de morte foi como que abolida e o cadafalso não tornou a erguer-se senão por uma violência feita ao rei. Como a Greve desaparecera com o ramo mais velho, foi instituída uma Greve burguesa sob o nome de Barreira de S. Tiago; porque os «homens práticos» sentiram a necessidade de uma guilhotina quase legítima; foi esta uma das vitórias de Casimiro Périer, que representava os instintos acanhados da burguesia, sob Luís Filipe que representava os instintos liberais, Luís Filipe tinha notado Beccaria pela sua mão Depois da máquina Fieschi, costumava ele exclamar: Que *pena não ter eu sido ferido, pois teria ocasião de perdoar!* De outra vez, aludindo às resistências dos seus ministros, escrevia acerca de um condenado político, que é um dos mais generosos vultos do nosso tempo: O seu *perdão está concedido, só me resta obtê-lo.* Luís Filipe era afável como Luís IX, e bom como Henrique IV.

Ora para nós, na história, onde a bondade é a pérola rara, quem foi bom quase excede quem foi grande.

Luís Filipe, tendo sido apreciado severamente por uns, duramente talvezpor outros, é coisa simples que um homem, também fantasma hoje, que conheceu aquele rei, venha depor a seu favor perante a história; este depoimento, qualquer que seja, é evidentemente e antes de tudo, desinteressado; um epitáfio escrito por um morto é sincero; uma sombra pode consolar outra sombra, a partilha das mesmas trevas dá o direito de louvor; e é pouco para recear que jamais digam de dois túmulos no deserto: Este adulou o outro.

IV — Fendas nos alicerces

No momento em que o drama que narramos vai entrar na espessura de uma das nuvens trágicas, que cobrem os princípios do reinado de Luís Filipe, era preciso que não houvesse equívocos; era necessário que este livro se explicasse sobre aquele rei.

Luís Filipe tinha entrado na autoridade real, sem violência, sem acção directa da sua parte, por efeito de uma transformação revolucionária, evidentemente muito distinto do fim real da revolução, mas no qual ele, duque de Orleãs, não tivera a mínima iniciativa pessoal. Nascera príncipe e julgava-se eleito rei. Esse mandato, porém, nem ele o tomou por sua feição nem o arrancou, servindo-se da força; ofereceram-lho e ele aceitou, convencido, falsa convicção conforme os nossos princípios, mas, enfim, convencido de que o oferecimento era conforme ao direito e a sua recusa contrária ao dever. Daí uma posse de boa fé por parte do rei, que conscientemente o dizemos junta à

boa fé do seu ataque por parte da democracia, dá em resultado que o entorpecimento causado pelas lutas sociais nem pode ser lançado a cargo do rei nem exprobrado à democracia. Um choque de princípios assemelha-se a um embate de elementos. O oceano defende a água, a tempestade defende o ar, o rei defende a realeza, a democracia defende o povo; o relativo que é monarquia, resiste ao absoluto, que é república; a sociedade sangra neste conflito, mas o que hoje lhe causa sofrimento, será mais tarde a sua salvação. E, em todo o caso, não há que censurar os que lutam, um dos dois partidos engana-se evidentemente; o direito não está, qual colosso de Rodes, sobre as duas margens ao mesmo tempo, com um pé na república e outro na realeza; o direito é indivisível e está todo de um lado, mas os que se enganam, enganam-se sinceramente; um cego é tanto um culpado como um vendeano é um salteador. Não imputemos, pois, senão à fatalidade das coisas estas terríveis colisões. Quaisquer que sejam tais tempestades, anda-lhes sempre aliada a irresponsabilidade humana.

Terminemos esta exposição.

O governo de 1830 teve logo um começo rude. Nascido ontem, teve de combater hoje. Apenas estabelecido sentiu vagos movimentos de tracção no aparelho de Julho, ainda tão recentemente assentado, e tão pouco sólido.

A resistência nasceu no dia seguinte; talvez mesmo estivesse nascida de véspera.

De mês em mês aumentava a hostilidade, e de surda tornou-se patente.

A revolução de Julho, mal aceita fora da França pelos reis, como dissemos, fora em França diversamente interpretada.

Deus patenteia aos homens as suas vontades visíveis nos acontecimentos, texto obscuro escrito numa língua misteriosa. Os homens fazem-lhe imediatamente traduções; traduções acanhadas, incorrectas, cheias de erros, de lacunas e de contra-sensos. Poucos espíritos compreendem a língua divina. Os mais sagazes, os mais tranquilos, os mais profundos, decifram vagarosamente, e quando chegam com o seu texto, já o trabalho está feito há muito tempo; há já vinte traduções na praça pública. De cada tradução nasce um partido, de cada contra-senso uma facção; cada partido julga possuir o verdadeiro texto, e cada facção acredita ter em si a luz.

Muitas vezes o próprio poder é uma facção.

Nas revoluções os partidos da ideia velha são como os que tentam nadar contra a maré.

Para os partidos velhos que se ligam à hereditariedade pela graça de Deus, saindo as revoluções do direito de revolta, há o direito de revolta contra eles. É um erro. Porque nas revoluções, o revoltado não é o povo, mas sim o rei.

Revolução é precisamente o contrário da revolta. Sendo toda a revolução uma comoção normal, contém em si a sua legitimidade, que falsos revolucionários desonram algumas vezes, mas que persiste, mesmo manchada, que sobrevive mesmo ensanguentada. As revoluções saem, não de um acidente, mas da necessidade. Uma revolução é um regresso do fictício ao real. A revolução é-o, porque é necessário que o seja.

Os velhos partidos legitimistas nem por isso assaltavam menos a revolução de 1830 com todas as violências do falso raciocínio. Os erros são excelentes projécteis. Feriam-na com mestria onde ela era vulnerável, na falha da couraça, na sua falta de lógica; atacavam a revolução na sua realeza. Gritavam-lhe: Revolução, porque tens esse rei? As facções são cegos, cujas pontarias são certeiras.

Os republicanos soltavam igualmente esse grito. Mas, partindo deles era lógico. O que era cegueira nos legitimistas era perspicácia nos democratas. 1830 fizera bancarrota ao povo. A democracia indignada exprobrava-lho.

O estabelecimento de Julho debatia-se entre o ataque do passado e o ataque do futuro. Representava um minuto, arcando de um lado com os séculos monárquicos, do outro com o direito eterno.

Além disto, no exterior, não sendo já a revolução e tornando-se monarquia, estava 1830 obrigado a tomar o passo à Europa. Guardar a paz, aumento de complicação. Uma harmonia exigida como que fora de propósito é muitas vezes mais onerosa do que uma guerra. Deste surdo conflito, sempre açaimado mas sempre rugindo, nasceu a paz armada, o ruinoso expediente da civilização suspeitosa de si mesma. A realeza de Julho empinava-se, mesmo apesar de ter nas parelhas que atiravam gabinetes europeus. Metternich ter-se-ia posto de boa vontade o travão. Impelida em França pelo progresso, impelia na Europa as monarquias, sempre ronceiras. Rebocada, rebocava.

Entretanto, no interior, pauperismo, proletariado, salário, educação, penalidade, prostituição, sorte da mulher, riqueza, miséria, produção, consumo, repartição, permutação, moeda, crédito, direito do capital, direito do trabalho, outras tantas questões que se multiplicavam acima da sociedade; pendor terrível.

Fora dos partidos políticos propriamente ditos, manifestava-se outro movimento. A fermentação democrática respondia à fermentação filosófica. A sociedade escolhida sentia-se sobressaltada como a multidão; de diverso modo, mas tanto como ela.

Os pensadores meditavam, enquanto o solo, isto é, o povo atravessado pelas correntes revolucionárias, tremia por baixo deles com indefiníveis e vagas convulsões epilépticas. Entes pensadores, uns isolados, outros reunidos

em família e quase em comunhões, revolviam os problemas sociais, pacífica mas profundamente: mineiros impassíveis, que abriam tranquilamente as suas galerias até às profundidades de um vulcão, apenas incomodados pelas comoções surdas e pelo fogo entrevisto.

Esta tranquilidade não era o espectáculo menos belo daquela época agitada.

Aqueles homens deixavam aos partidos políticos, a questão dos direitos e ocupavam-se da felicidade.

O bem-estar do homem era o que eles queriam extrair da sociedade.

Elevavam as questões materiais, as questões da agricultura, de indústria e de comércio, quase à dignidade de uma religião. Na civilização, tal como ela se opera, um pouco por Deus, muito pelo homem, combinam-se os interesses, agregam-se e amalgamam-se, de modo que formam verdadeira rocha dura, segundo uma lei dinâmica pacientemente estudada pelos economistas, que são os geólogos da política.

Os homens que se agrupavam sob diferentes denominações, mas que se podem designar todos pelo título genérico de socialistas, tratavam de defender a rocha dura e de fazer brotar delas as águas vivas da felicidade humana.

Os seus trabalhos abraçavam tudo, desde a questão do cadafalso até à questão da guerra. Ao direito do homem, proclamado pela revolução francesa, juntavam eles o direito da mulher e da criança.

Não causará decerto admiração, que por motivos diversos, não tratemos aqui a fundo, pelo lado teórico, as questões que o socialismo suscitou. Limitamo-nos a indicá-las.

Todos os problemas estabelecidos pelos socialistas, as visões cosmogónicas, a meditação e o misticismo separados, podem ser reduzidos a dois problemas principais.

Primeiro problema: Produzir a riqueza.

Segundo problema: Reparti-la.

O primeiro problema contém a questão do trabalho.

O segundo a do salário.

No primeiro problema trata-se do emprego das forças.

No segundo a distribuição dos gozos.

Do bom emprego das forças resulta o poder público.

Da boa distribuição dos gozos resulta a felicidade individual.

Por boa distribuição, é necessário entender-se, não a distribuição igual, mas a distribuição equitativa. A primeira igualdade é a equidade.

Das duas coisas: poder público no exterior, felicidade individual no interior,

resulta a prosperidade social.

Prosperidade social, quer dizer, homem feliz, o cidadão livre, a naçãogrande.

A Inglaterra resolve o primeiro destes dois problemas. Cria admiravelmente a riqueza; mas reparte-a mal. Esta solução completa só de um lado, condu-la aos dois extremos: opulência monstruosa, miséria monstruosa. Todos os gozos para uns, todas as privações para outros, isto é, para o povo; o privilégio, a excepção, o monopólio, o feudalismo nascendo do próprio trabalho. Situação falsa e perigosa, que assenta o poder público na miséria particular, e que enraíza a grandeza do estado nos sofrimentos do indivíduo. Grandeza mal composta, onde se combinam todos os elementos materiais, e na qual não entra nenhum elemento moral.

O comunismo e a lei agrária julgam resolver o segundo problema. Enganam-se. A sua repartição mata a produção. A partilha igual abole a emulação e por consequência o trabalho. É uma repartição feita pelo magarefe, que mata e que divide. É impossível atender a estas pretendidas soluções. Matar a riqueza não é dividi-la.

Os dois problemas necessitam ser resolvidos juntos para serem bem resolvidos. As duas soluções querem ser combinadas e não fazerem mais do que uma.

Resolvei apenas o primeiro destes problemas e sereis Veneza, sereis Inglaterra. Tereis, como Veneza, um poder artificial, ou como a Inglaterra um poder material; sereis o mau rico. Perecereis por uma via de facto, como pereceu Veneza, ou por uma bancarrota, como perecerá a Inglaterra. E o mundo deixar-vos-á morrer e cair, porque o mundo deixa morrer e cair tudo o que não é senão egoísmo, tudo o que não representa para o género humano uma virtude ou uma ideia.

Deve entender-se aqui pelas palavras Veneza e Inglaterra, a designação, não de povos, mas de construções sociais; as oligarquias sobrepostas às nações e não as nações em si mesmas.

As nações têm sempre o nosso respeito e a nossa simpatia. Veneza, povo, renascerá; a Inglaterra, aristocracia, cairá; mas a Inglaterra, nação, é imortal. Dito isto, prossigamos.

Resolvei os dois problemas, animai o rico e protegei o pobre, suprimi a miséria, ponde um termo à exploração injusta do fraco pelo forte, ponde um freio à inveja iníqua do que ainda vai no caminho contra o que já chegou, ajustai matematicamente e fraternalmente o salário ao trabalho e o ensino gratuito e obrigatório ao crescimento da infância e fazei da ciência a base da virilidade, desenvolvei as inteligências, ocupando ao mesmo tempo os braços,

sede simultaneamente um povo poderoso e uma família de homens felizes, democratizai a propriedade, não abolindo-a mas universalizando-a, de modo que todo o cidadão, sem excepção, seja proprietário, coisa mais fácil do que se julga; em duas palavras, sabei produzir a riqueza e reparti-la, e tereis ao mesmo tempo a grandezamaterial e a grandeza moral, e sereis dignos de vos chamardes França.

Eis o que dizia o socialismo, discordante e superior a algumas seitas que se transviavam do recto caminho, eis o que ele procurava nos factos e o que esboçava nos espíritos.

Esforços admiráveis! Sagradas tentativas!

Estas doutrinas, estas teorias, estas resistências, a necessidade inesperada para o homem de Estado de contar com os filósofos, confusas evidências, uma política nova a criar, de acordo com o velho mundo, sem demasiado desacordo com o ideal revolucionário, uma situação na qual era necessário cansar Lafayette a defender Polignac, a intuição do progresso transparente sob a revolta, as câmaras e a rua, as competências a equilibrar em torno de si a sua fé na revolução, talvez não sei que resignação eventual nascida da vaga aceitação de um direito definitivo superior, a vontade de permanecer, própria da sua raça, o seu espírito de família, o seu sincero respeito pelo povo, a sua própria honradez, preocupavam Luís Filipe quase dolorosamente, e em certos momentos, apesar de forte e corajoso, acabrunhavam-no sob a dificuldade de ser rei. Sentia sob os pés uma desagregação temível, que não era contudo uma redução a pó, por isso que a França era mais França do que nunca.

O horizonte toldava-se de tenebrosas aglomerações, havia uma sombra estranha que avançava continuamente, e se estendia a pouco e pouco sobre os homens, sobre as coisas, sobre as ideias; sombra que provinha das cóleras e dos sistemas. Tudo que fora prematuramente sufocado, se revolvia e fermentava. Por vezes a consciência do homem honrado recolhia a respiração, tal era a morbidez daquele ar em que os sofismas se aliavam às verdades. Os espíritos tremiam com a ansiedade social, como a folhagem à aproximação da tempestade.

A tensão eléctrica era tal, que em certos momentos o primeiro que aparecia, um desconhecido, iluminava. Depois tornava a dominar a obscuridade crepuscular. De vez em quando surdos e profundos rugidos podiam fazer avaliar a quantidade de raios contidos na nuvem. Tinham decorrido apenas vinte meses após a revolução de Julho; o ano de 1832 abrira-se com um aspecto de iminência e de ameaça. A penúria do povo, os trabalhadores sem pão, o último príncipe de Conde desaparecido nas trevas, Bruxelas expulsando os Nassau como a França os Bourbons, a Bélgica

oferecendo-se a um príncipe francês e dada a um príncipe inglês, o ódio russo de Nicolau, por trás de nós dois demónios do Meio-Dia: Fernando em Espanha, Miguel em Portugal, a terra tremendo na Itália, Metternich estendendo a mão sobre Bolonha, a França ofendendo a Áustria em Ancona, ao norte não sei que sinistro ruído de marteladas tornando a fechar a Polónia no seu caixão mortuário, em toda a Europa vistas irritadas espreitando a França, a Inglaterra, aliada suspeita, pronta a impelir o que tombasse e a lançar-se sobre o que caísse, o pariato abrigando-se por trás de Beccaria para recusar à lei quatro cabeças, as flores de lis raspadas da carruagem do rei, a cruz arrancada da igreja de Nossa Senhora, Lafayette decaído, Laffite arruinado, Benjamim Constant morto na indigência, Casimiro Périer morto no desalento do poder; a doença política e a doença social declarando-se ao mesmo tempo nas duas capitais do reino, uma a cidade do pensamento, outra a cidade do trabalho; em Paris a guerra civil, em Lyon a guerra servil; em ambas as cidades o mesmo clarão de fornalha; uma púrpura de cratera na fronte do povo; o Meio-Dia fanatizado, o Oeste perturbado, a duquesa de Berry na Vendeia, os tramas, as conspirações, os levantamentos, a cólera, juntavam ao sombrio rumor das ideias o sombrio rumor dos acontecimentos.

V — Factos que dão origem à história e que a história ignora

Por fins de Abril estava tudo ainda mais agravado. Tornara-se fervura o que era fermentação. Desde 1830 que, ora num ponto, ora noutro, se tinham dado pequenos motins parciais rapidamente sufocados, mas sempre renascentes, o que era sinal de uma vasta conflagração subjacente. Alguma coisa terrível se chocava. Entreviam-se os lineamentos confusos e ainda mal distintos de uma possível revolução. A França fitava os olhos em Paris; Paris deitava a vista para o bairro de Santo António

É que o bairro de Santo António, surdamente aquecido, principiava de entrar em ebulição.

As casas de pasto da rua da Charonne, posto a junção dos dois epítetos pareça singular aplicada a casas de pasto, tornavam-se graves e tempestuosas.

Aí se questionava sobre o governo, mas pura e simplesmente questionava. Aí se discutia publicamente «o negócio, para se assentar no que se devia fazer, se entrar em luta, se ficar em sossego». Havia salas por trás das lojas onde se fazia jurar aos operários que ao primeiro grito de alarme se poriam em campo, «batendo-se sem contar o número dos inimigos». Tão depressa era prestado o juramento, exclamava algum homem sentado a um canto da casa de pasto em voz que todos ouvissem: «Assim o entendeste! Assim o juraste!» Algumas vezes esses homens fechavam-se numa sala de alguma casa para isso

escolhida, onde se passavam cenas quase maçónicas, fazendo-se prestar juramento aos iniciados, «para bem seu e dos pais de família». Era a fórmula.

Nas salas inferiores liam-se revistas «subversivas» e «punha-se de rastos o governo», segundo a expressão de um relatório secreto desse tempo.

Não era raro ouvirem-se palavras como estas: «Eu não sei os nomes dos chefes. Nós cá apenas saberemos o dia duas horas antes». Ouvia-se a um operário: «Somos trezentos; com dez soldos que dê cada um fazem cento e cinquenta francos, que já dão para pólvora e balas». Outro dizia: «Não lhe dou seis meses, não que nem dois Antes de quinze dias pode o governo contar connosco pela proa Vinte e cinco mil homens já não são arestas». Ouvia-se a outro: «Nem sequer me deito. Toda a noite levo a fazer cartuchos». De tempos atempos vinham uns sujeitos «bem trajados», diziam «com modos de autoridade» que «não houvesse novidade até se dar ordem» e iam-se embora depois de apertar a mão «aos mais importantes». Nunca se demoravam mais de dez minutos Em voz baixa trocavam-se frases significativas, como: «A rusga vai-se arranjando, a coisa está a estalar». «Era o zumbido que se ouvia por toda a parte nessas reuniões», para nos servirmos da própria expressão de um dos assistentes. Era tal a exaltação, que certo dia um operário exclamou, numa casa de pasto, diante de quem quis ouvir: «Nós não temos armas!» Ac que um seu camarada respondeu: «Têm-nas os soldados!», parodiando deste modo, sem tal imaginar, a proclamação de Bonaparte ao exército de Itália. «Quando eles, porém, acrescenta um relatório, tinham alguma coisa de maior segredo, não o comunicavam nesses ajuntamentos». Custa a compreender que poderiam eles ocultar, dizendo abertamente o que diziam.

Às vezes eram periódicas estas reuniões, em algumas das quais nunca se viam mais que oito ou dez, e sempre as mesmas. Noutras entrava quem quisesse, e por tal modo se enchia às vezes a sala, que se viam na necessidade de se conservar de pé. Uns concorriam a elas por entusiasmo e paixão; outros «porque lhes ficavam em caminho, quando iam para o trabalho». Do mesmo modo que na ocasião da revolução, havia nessas casas de pasto mulheres patriotas que abraçavam os recém-vindos.

Mais factos expressivos, porém, se iam manifestando.

Entrava um homem numa casa de pasto, bebia e dizia ao sair: «Tome conta, patrão; não pago eu, mas a revolução pagará.»

Numa casa de pasto defronte da rua da Charonne nomeavam-se agentes revolucionários, fazendo-se o escrutínio em barretes.

Em casa de um mestre de esgrima na rua de Cotte, onde se reuniam alguns operários com o fim de se exercitarem, havia um troféu de armas, formado de espadins de pau, de canas, bengalas e floretes. Um dia desembotaram os

floretes. Dizia nessa ocasião um operário: «Somos vinte e cinco, mas a mim não me contam, porque me consideram uma máquina». Esta máquina foi depois Quénisset.

Fosse o que fosse o que se premeditava ia tomando gradualmente estranha notoriedade. Um dia dizia uma mulher para outra, andando a varrer o portal da sua casa: «Há muito tempo que esses homens não se ocupam senão em fazer cartuchos». No meio da rua liam-se proclamações dirigidas aos guardas nacionais dos departamentos. Uma dessas proclamações era assinada por «Burtot, proprietário de um armazémde vinho».

Um dia, à porta de um licorista do mercado Lenoir, um homem com barba desusada e pronúncia italiana, trepava a um marco e lia em voz alta um escrito singular, que pareciaemanar de um poder oculto. Ferviam os aplausos entre os grupos que se tinham reunido em volta dele. Eis as passagens que mais comoviam o auditório, as quais foram recolhidas e notadas: «...Criam-nos obstáculos às doutrinas que professamos, rasgam-nos as proclamações, exercem a mais escrupulosa vigilância sobre quem anda a fixá-las para lhes deitar a mão e encarcerá-los». «A falta de algodão que se tem feito sentir ultimamente converteu em nosso favor muitos neutrais». «...Andasse o futuro dos povos elaborando na nossa obscura classe». «... Eis os termos da questão bem definidos: acção ou reacção, revolução ou contra-revolução, pois na nossa época ninguém crê na inércia, nem na imobilidade. Em prol ou contra o povo, nisto se cifra a questão, além da qual não há outra.» «...No dia em que vos não fizermos conta, inutilizai-nos, atirai fora connosco, mas até então ajudai-nos a caminhar». Tudo isto publicamente e em pleno dia.

Factos se davam ainda mais audaciosos, que por causa da sua mesma audácia se tornavam suspeitos ao povo. No dia 4 de Abril de 1832, um transeunte subia ao marco colocado à esquina da rua de Santa Margarida e gritava: «Eu sou um babouvista!» Mas o povo, dotado de fino olfacto, por baixo de Babeuf farejava Gisquet.

Entre outras coisas, este viandante dizia:

— Abaixo a propriedade! A oposição da esquerda é cobarde e traiçoeira. Prega a revolução quando pretende alguma coisa. É democrata para que não lhe façam mal e realista para não combater. Desconfiai dos republicanos, cidadãos operários! São animais ferozes vestidos de hienas!

— Cala a boca, cidadão espião! — gritou um operário.

E aquele grito pôs termo ao discurso.

Eram abundantes os incidentes misteriosos.

Ao cair da noite encontrava um operário nas imediações do canal «um sujeito bem trajado» que lhe dizia:

— Para onde vai, cidadão?

— Senhor, não tenho a honra de o conhecer — respondia o operário.

— Conheço-te eu.

E acrescentava:

— Não tenhas receio, que eu sou o agente da junta. Há suspeitas de que tu não és firme e trazem-te o olho em cima; por isso acautela-te de revelar o que quer que seja.

Depois apertava a mão ao operário e partia, dizendo ainda:

— Brevemente nos tornaremos a encontrar.

A polícia recolhia diariamente por meio das suas escutas diálogos singulares, que se repetiam não só nas casas de pasto, mas no meio das ruas.

— Olha se tratas de te alistar quanto antes dizia um tecelão a um marceneiro.

— Para quê?

— Porque não tarda aí qualquer dia a haver tiroteio.

Entre dois viandantes cobertos de andrajos trocavam-se estas notáveis respostas, cheias de aparente jacquerie:

— Quem nos governa?

— É o senhor Filipe.

— Não. Quem nos governa é a burguesia.

Engano seria da parte dos nossos leitores suporem que tomamos a palavra *jacquerie* em mau sentido. Os jacques eram os pobres. Ora quem tem fome tem direito.

Noutra ocasião viam-se passar dois homens, dizendo um para o outro:

— Temos um belo plano de ataque.

De uma conversação íntima entre quatro homens sentados num desvão perto da barreira do Trono apenas se percebia o seguinte:

— Há-de fazer-se toda a diligência para que ele não torne a pôr os pés em Paris.

Ele quem? Temeroso enigma.

«Os principais chefes», porém, como se dizia no bairro, não se mostravam publicamente. Supunha-se que para as suas deliberações se reuniam numa casa de pasto das imediações do alto de Santo Eustáquio, passando por servir de intermediário central entre os chefes e o bairro de Santo António um tal Aug, chefe da Sociedade de Socorros para os alfaiates, na rua de Mondétour. Contudo, nunca se soube, com certeza, o que havia de verdade a respeito desses chefes, nem facto algum incontestável pôde invalidar a singular altivez da seguinte resposta dada algum tempo depois por um acusado perante o tribunal dos Pares:

— Quem era o seu chefe?

— Nem conhecia nenhum nem os reconheceria.

Tudo o que temos dito não passava ainda de palavras, transparentes, sim, mas vagas; às vezes de frases apanhadas no ar, contos de «diz-se» ou «ouvi dizer». Outros indícios, porém, se iam revelando.

Um dia, um carpinteiro, que andava circundando com um tapamento de madeira um terreno onde se elevava uma casa em construção, achou no chão um bocado de uma carta rasgada, de que ainda eram legíveis as seguintes linhas:

> ...É preciso que a junta tome providências para obstar ao recrutamento que diferentes sociedades andam fazendo pelas secções.

E num *post-scriptum:*

> Comunicam-nos que em casa de um armeiro da rue do Faubourg-Poissonière, número 5 (bis), existem cinco ou seis mil armas, coisa que esta secção não possui.

O que impressionou, porém, o carpinteiro e deu lugar a que ele desse rebate do acontecimento aos vizinhos foi que, a pequena distância do lugar onde achara o primeiro papel, deu com outro, também rasgado e ainda mais significativo, cuja configuração aqui reproduzimos pelo interesse histórico que em si encerram esses estranhos documentos:

> Q C D E
> u og a1 fe
> Decorem esta lista e depois rasguem-na. Os que forem admitidos deverão fazer o mesmo logo que para isso lhes dêem ordem.
> Saúde e fraternidade.
> L.

Só passado algum tempo depois destes factos é que as pessoas a quem foi comunicado o segredo deste achado conheceram a significação das quatro letras maiúsculas, as quais exprimiam: *quinturiões, centuriões, decuriões, esclarecedores,* e o sentido das letras: *u og al fe,* que eram uma data, e queriam dizer *15 de Abril de 1832.* Por baixo de cada uma das maiúsculas viam-se inscritos alguns nomes, seguidos de indicações sumamente característicos. Deste modo: Q. *Bannarel.* 8 espingardas. 83 cartuchos. Homem seguro. C. *Boubière.* 1 pistola. 40 cartuchos. *D. Rollei.* 1 florete, 1 pistola, 1 arrátel de pólvora. E. *Teissier.* 1 sabre, 1 patrona. Exacto. *Terreur.* 8 espingardas. Valente, etc.

Finalmente, o mesmo carpinteiro encontrou ainda no citado local outro papel, em que se via escrita a lápis, mas de modo inteiramente legível, a seguinte enigmática lista:

> Unidade. Blanchard: árvore seca, 6.
> Barra. Soize. Sala do Conde.
> Kosciusko. Aubry o magarefe.
> J. J. R.
> Caio Graccho.

Direito de revisão. Dufond. Four.
Queda dos Girondinos. Derbac. Maubuée.
Washington. Pinson. 1 pist. 86 cart.
Marselhesa.
Saber, do povo. Miguel. Quincampoix. Sabre.
Hoche.
Marcal. Platão. Árvore seca.
Varsóvia, Tilly, vendilhão do *Popular*.

Veio, afinal, o honrado burguês em cujas mãos dera este papel a saber a significação da tal lista, que era, ao que parece, a nomenclatura completa das secções do quarto distrito da Sociedade dos Direitos do Homem, com os nomes e moradas dos chefes das secções. Hoje, que todos estes factos, então ocultos, só pertencem ao domínio da história, não há inconveniente em fazê-los públicos. Devemos porém acrescentar que a fundação da Sociedade dos Direitos do Homem parece ter sido posterior à data em que aquele papel foi encontrado. Talvez fosse apenas um esboço.

Em seguida, porém, às palavras, aos ditos e aos indícios escritos, alguns factos materiais principiaram a transparecer.

Em casa de um vendilhão de ferros velhos da rua Popincourt procedia-se a uma busca e encontravam-se-lhe na gaveta de uma cómoda sete folhas de papel pardo, dobradas todas ao comprido e em quarto, encobrindo por baixo vinte e seis quadrados de papel igual, dobrados em forma de cartuchos, e um outro papel, em que se lia o seguinte:

Salitre 12 onças
Enxofre 2 onças
Carvão 2 1/2 onças
Água 2 onças

O auto da apreensão dizia que a gaveta exalava activíssimo cheiro de pólvora.

Um pedreiro que voltava para casa, no fim do trabalho, esquecia-lhe um embrulhinho sobre um banco da ponte de Austerlitz. O embrulho era levado para o corpo da guarda. Abriam-no e achavam dois diálogos impressos, com a assinatura *Lahautiére,* uma cantiga intitulada: *Associai-vos, operários,* e uma caixa de folha de Flandres, cheia de cartuchos.

Certo operário, bebendo com um companheiro, dizia-lhe que o apalpasse para ver como estava quente; o outro apalpava-o e achava-lhe a coronha duma pistola por baixo da blusa.

Num fosso do boulevard, entre o Pére Lachaise e a barreira do Trono, no sítio mais deserto, umas crianças brincando, descobriram debaixo de um montão de lixo e cavacos uma forma de balas, um molde de pau para fazer cartuchos, uma escudela contendo alguns grãos de pólvora, e uma panela de ferro fundido, em cujo fundo se viam evidentes sinais de chumbo derretido.

Os agentes de polícia penetraram de improviso às cinco horas da manhã, em casa de um tal Pardon, mais tarde seccionário da secção Barricada-Merry, que se fez matar na insurreição de Abril de 1834, e acharam-no de pé junto da cama tendo na mão os cartuchos que estava fazendo.

À hora em que os operários costumavam descansar houve quem presenciasse a seguinte cena passada entre dois homens que se encontraram entre a barreira de Picpus e a de Charenton, num caminho limitado por duas paredes, ao pé de uma casa de pasto que tem à porta um bilhar chinês. Um deles tirou debaixo da blusa uma pistola e entregou-a ao outro. Na ocasião em que a entregava, reparou que a transpiração do peito havia comunicado certa humidade à pólvora. Escorvou novamente a pistola, e os dois homens em seguida separaram-se.

Um tal Gallais, morto depois na rua Beaubourg, no conflito de Abril, gabava-se de ter em casa setecentos cartuchos e vinte e quatro pederneiras de espingarda. O governo recebeu um dia o aviso de que tinham sido distribuídas armas no arrabalde, e duzentos mil cartuchos. Na semana seguinte foram distribuídos trinta mil. O que é notável é que a polícia não apreendeu nem um só. Uma carta interceptada dizia o seguinte:

«Não vem longe o dia em que, no espaço de quatro horas, estarão em armas oitenta mil patriotas».

Esta fermentação era pública e podia-se dizer que quase tranquila. A esta crise ainda subterrânea, mas já perceptível, não faltava a mínima singularidade. Os burgueses falavam pacificamente com os operários acerca do que se preparava. Diziam-lhe: Como vai a revolta?, no tom em que diriam: Como está sua mulher?

Um homem com armazém de móveis na rua Moreau, perguntava:

— Então quando atacam vocês?

Outro lojista dizia:

— Não tarda que ataquem. Sei-o com toda a certeza. Há um mês eram vocês só quinze mil, agora são vinte e cinco mil.

Oferecia depois a sua espingarda, e um vizinho oferecia uma pistola, que queria vender por sete francos.

Entretanto a febre revolucionária crescia. Não havia ponto nenhum de Paris ou da França que estivesse isento dela. A artéria batia em toda a parte. Ac modo de certas membranas que nascem de determinadas inflamações e se formam no corpo humano, assim começava a estender-se pelo país a rede das sociedades secretas. Da associação dos Amigos do Povo, pública e secreta ao mesmo tempo, nascia a Sociedade dos Direitos do Homem, a qual datava assim uma das suas ordens dos dia: «Pluvioso, do ano 40 da era republicana»,

que devia sobreviver mesmo às sentenças do tribunal que pronunciava a sua dissolução, e que não hesitava em dar às suas secções nomes significativos como estes:

Lanças.
Rebate.
Peça de alarme.
Barrete frígio.
21 de Janeiro.
Mendigos.
Vadios.
Para a frente.
Robespierre.
Nível.
Avante.

Da Sociedade dos Direitos do Homem originava-se a Sociedade de Acção. Estes eram os impacientes, que não esperavam pelos outros, para irem adiante. Outras sociedades se recrutavam entre as grandes sociedades mães. Os seccionários queixavam-se do muito que os dividiam. No número das que em último lugar indicamos contava-se a *Sociedade Gaulesa* e a *junta organizadora das municipalidades;* as associações a favor da *liberdade de imprensa,* a favor da *liberdade individual,* a favor da *instrução do povo,* contra os *impostos indirectos.* Afora estas, a Sociedade dos Operários Igualitários, que se dividia em três fracções: Igualitários, Comunistas e Reformistas. Em seguida, o Exército das Bastilhas, espécie de corte militarmente organizada, na qual cada cabo comandava quatro homens, cada sargento dez, cada alferes vinte, cada tenente quarenta; nunca havia acima de cinco homens que se conhecessem. Criação em que a precaução se combinava com a audácia e em que como que transparece o génio de Veneza. A junta central, que era a cabeça, tinha dois braços, a Sociedade de Acção e o Exército das Bastilhas. Entre estas sociedades republicanas intrometia-se uma associação legitimista, denominada dos Cavaleiros da Fidelidade, que, conhecida entre elas, era repudiada.

As sociedades estabelecidas em Paris ramificavam-se pelas principais cidades. Lyon, Nantes, Lille e Marselha tinham a sua Sociedade dos Direitos do Homem, a Carbonária e a dos Homens Livres. Em Aix havia uma sociedade revolucionária chamada a Cougourde, cujo nome já tivemos ocasião de pronunciar.

Em Paris não se apresentava menos tumultuoso do que o bairro de Santo António o de S. Marcai, nem se notava menos movimento nas escolas que nos bairros. Serviam de pontos de reunião para os estudantes o café da rua de S. Jacinto e o botequim dos Sete Bilhares, situado na rua dos Maturinos de S.

Tiago No café Musam, como se viu, reunia-se ali a Sociedade dos Amigos do ABC, filiada com os mutualistas de Angers e a Cougourde de Aix Os mesmos rapazes, como também já dissemos, se reuniam num restaurante das imediações da rua de Mondétour, chamado de Corinto.

Essas reuniões eram secretas As outras, porém, eram o mais públicas possível, ousadia de que o leitor pode formar ideia pelo seguinte fragmento de um interrogatório, feito por ocasião de ulteriores processos:

— Onde teve lugar a reunião?

— Na rua da Paz.

— Em que casa?

— No meio da rua.

— Quais eram as secções que se achavam presentes?

— Uma só.

— Qual?

— A secção Manuel.

— Quem era o chefe?

— Eu.

— É demasiado jovem para por si só ter tomado a grave resolução de atacar o governo. Donde recebia as instruções?

— Da junta central.

O exército era igualmente minado, do mesmo modo que a população, como depois o provaram os movimentos de Beaufort, de Lunéville e Épinal Contava-se com o regimento 52, com o 5, com o 8, com o 37 e o 30 de infantaria ligeira Na Borgonha e nas cidades do Meio-Dia plantava-se a «árvore da liberdade», que consistia num mastro com um barrete vermelho em cima.

Eis aqui qual era a situação que o bairro de Santo António, mais que nenhum outro grupo de população, tornava sensível e acentuava, como em princípio dissemos. Era aquele o foco.

Este antigo bairro, populoso como um (formigueiro, laborioso, animoso e bravo como um enxame de abelhas, rumorejava com as delongas e ardia em desejos de uma comoção Era tudo agitação, sem que, todavia, por isso o trabalho sofresse interrupção. Não há palavras que possam dar ideia da vivaz e sombria fisionomia daquelas massas laboriosas. Existem naquele bairro indigências pungentes, abrigadas pelos tectos das mansardas, mas também nele há inteligências dotadas de raro ardor. É especialmente entre indigência e inteligência que mais perigoso se torna que se toquem os extremos.

Outros motivos se davam ainda para a agitação do bairro de Santo António. Sobre ele iam influir as crises comerciais, as falências, as execuções e a falta de trabalho, inerentes aos grandes abalos políticos. Em tempos de revolução, a

miséria é simultaneamente causa e efeito. O golpe que descarrega, sobre ela vem repercutir. Parecia que aquela população, cheia de altiva virtude, no máximo grau susceptível de calórico latente, sempre pronta a lançar mão das armas, rápida nas explosões, irritada, sombria, minada, só parecia esperar a queda de uma faísca. É impossível, todas as vezes que pelo horizonte flutuam certas centelhas, impelidas pelo tufão dos acontecimentos impedir o pensamento de cogitar no bairro de Santo António e no temeroso acaso que colocou às portas de Paris aquele paiol de ideias e sofrimentos.

Gozam de histórica notoriedade as casas de pasto do «bairro de Santo António», casas onde em tempos revoltos, os que as frequentam mais se embriagam de palavras que de vinho. Circula naquele ambiente como que um espírito profético, um eflúvio do futuro, que dilata os corações e engrandece as almas. As tabernas do arrabalde de Santo António assemelham-se àquelas do monte Aventino, construídas sobre o antro de sibila e que se comunicam com os profundos sopros sagrados; tabernas cujas mesas eram quase trípodes e onde se bebia o que Ennio chama *vinho sibilino.*

O arrabalde de Santo António é um reservatório de povo. O abalo revolucionário produz ali fendas por onde corre a soberania popular. Esta soberania pode fazer mal, engana-se como qualquer outra, mas, mesmo desencaminhada, conserva-se sempre grande. Pôde dizer-se dela como do ciclope cego, *Ingens.*

Em 93, segundo a ideia que flutuava era boa ou má, segundo era o dia do fanatismo ou do entusiasmo, assim saíam do arrabalde de Santo António legiões selváticas ou bandos heróicos

Selvagens. Expliquemo-nos sobre esta palavra. Aqueles homens eriçados, que nos dias genesíacos do caos revolucionário, esfarrapados, rugidores, ferozes, de cassetete erguido, de chuço ao alto, se arremessavam sobre Paris transtornado, o que queriam? Queriam o fim das opressões, o fim das tiranias, o fim, do direito da força, o trabalho para o homem, a instrução para a criança, a doçura social para a mulher, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, o pão para todos, a ideia para todos, tornar o mundo em Éden, queriam o progresso; e essa coisa santa, boa e suave, o progresso, reclamavam-na impacientes, fora de si mesmos, terríveis, seminus, com a maça em punho e o rugido na boca. Eram selvagens, sim mas selvagens da civilização.

Proclamavam como furiosos o direito; queriam, ainda mesmo por meio do terror e do susto, forçar o género humano a entrar no paraíso. Pareciam bárbaros e eram salvadores. Reclamavam luz com a máscara da noite.

Em face destes homens, ferozes, convimos, e medonhos pelo bem, há ali

outros homens, risonhos, cobertos de bordados, de oiro, de fitas, de meias de seda, de plumas brancas, de luvas amarelas e de sapatos de polimento, que encostados a uma mesa coberta de veludo e junto de um fogão de mármore, insistem vagarosamente pela manutenção e conservação do passado, da Idade Média, do direito divino, da pena de morte, da guerra, glorificando a meia voz e mui civilmente o sabre, a fogueira e ocadafalso. Quanto a nós, se fôssemos obrigados à opção, entre os bárbaros da civilização e os civilizados da barbárie, pronunciar-nos-íamos pelos bárbaros.

Mas, graças ao céu, é possível optar ainda por outra coisa. Não há necessidade de nenhuma queda a prumo, nem para diante nem para trás. Nem despotismo nem terrorismo. Queremos o progresso em declive suave. Deus provê a isto. Suavizar os declives, é ao que se reduz toda a política de Deus.

VI — Enjolras e os seus ajudantes

Enjolras, pouco mais ou menos por esta época, em vista do acontecimento possível, fez uma espécie de recenseamento misterioso.

Estavam todos em conciliábulos no café Musain.

Misturando com as suas palavras algumas metáforas meio enigmáticas, mas significativas, Enjolras disse:

— Convém saber em que altura se está e com quem se pode contar. Se acaso se querem combatentes, é preciso fazê-los. Ter com que ferir. Isto não pode ser prejudicial. Os que passam têm mais probabilidades de levar marradas quando encontram bois no caminho, do que quando ali os não há. Assim, tratemos de conter o rebanho. Quantos somos nós? Nada de deixar esse trabalho para amanhã. Os revolucionários devem ser sempre apressados; o progresso não tem tempo a perder. Desconfiemos do inesperado. Não nos deixemos surpreender desprevenidos. Trata-se de assentar todas as costuras que temos feito e de ver Se estão seguras. Isto é assunto que deve ser decidido hoje. Courfeyrac, tu irás ter com os politécnicos, que é o seu dia de saída. Hoje é quarta-feira. Fenilly vai falar com os da Glacière, não é verdade? Combeferre prometeu-me que iria a Picpus: há lá um completo e excelente formigueiro. Bahorel visitará a Estrapade. Provaire, os maçãos esfriam: dar-nos-ás notícias da loja da rua de Santo Honorato de Grenelle. Joly irá à clínica de Dupuytren e tomará o pulso à escola de medicina. Bossuet dará um passeio pelo Palácio da Justiça *e.* conversará com os praticantes. Eu encarrego-me de Cougourde.

— Está tudo determinado? — inquiriu Courfeyrac.

— Ainda não.

— O que falta?

— Uma coisa importantíssima.

— O que é? — perguntou Combefarre.

— A barreira do Maine — respondeu Enjolras.

Enjolras conservou-se um momento como absorvido pelas suas reflexões e depois continuou:

— Na barreira do Maine há canteiros e pintores praticantes das oficinas de escultura. É uma família entusiasta, mas sujeita a resfriamentos. Não sei o que têm há certo tempo. Creio que pensam noutra coisa. Vão esmorecendo de todo. Passam o tempo de que podem dispor a jogar o dominó. Era urgente ir dizer-lhe alguma coisa, mas com finura. É em casa de Richefeu que eles se reúnem. Encontram-se ali entre o meio-dia e a uma hora. Será necessário soprar aquelas cinzas. Tinha contado para isso com aquele abstracto Mário, que apesar de tudo é excelente, mas já não aparece. Precisava de alguém que fosse à barreira do Maine, mas não tenho ninguém

— Aqui estou eu — disse Grantaire.

— Tu?

— Eu, sim!

— Tu, doutrinares republicanos! Tu, aqueceres, em nome dos princípios, corações frios!

— Porque não?

— Pois tu podes servir para alguma coisa?

— Tenho essa vaga ambição — disse Grantaire.

— Tu não crês em nada

— Creio em ti.

— Queres prestar-me um serviço, Grantaire?

— Todos. Até engraxar-te as botas.

— Não te envolvas com os nossos trabalhos. Coze o teu absinto

— És um ingrato, Enjolras.

— Tu serias homem capazde ir à barreira do Maine? Serias *capaz* disso?

— Sou capaz de descer a rua dos Grès, de atravessar a praça S. Miguel, de obliquar pela rua do Senhor Príncipe, de tomar pela rua de Assas, de chegar àrua de Cherche-Midi, de deixar atrás de mim o conselho de guerra, seguir depois pelas Tulherias Velhas, de percorrer o boulevard, de seguir pela calçada do Maine, de passar a Barreira e de entrar em casa de Richefeu. Sou capaz disto. Os meus sapatos são capazes de tudo.

— Tens algum conhecimento com aqueles companheiros da casa Richeifeu?

— Pouco. Apenas nos tratamos por tu.

— Então que lhes dirás?

— Ora essa? Falar-lhes-ei de Robespierre, de Danton! Falar-lhes-ei dos

princípios.

— Tu!

— Eu, sim! Mas vocês não me fazem justiça. Quando me meto nisso sou terrível! Tenho lido Prudhomme, conheço o Contrato Social e sei de cor a constituição do ano segundo. «A liberdade do cidadão termina onde a liberdade de outro cidadão começa». Julgas que sou algum bruto? Olha que tenho um velho *assinado* na minha gaveta. Os direitos do homem, a soberania do povo, com mil demónios! Sou até um tanto hebertista. Durante seis horas de relógio na mão, posso repisar coisas soberbas.

— Sê sério disse Enjolras.

— Sou feroz — respondeu Grantaire.

Enjolras, após alguns segundos, fez o gesto de um homem que adopta uma resolução.

— Grantaire — disse ele gravemente — consinto em experimentar-te. Irás à barreira do Maine.

Grantaire morava numa estalagem próxima do café Musain. Saiu e voltou cinco minutos depois; tinha ido a casa vestir um colete à Robespierre.

— Vermelho — anunciou ele, entrando e fitando Enjolras.

Depois, com um gesto enérgico, apoiou sobre o coração as duas bandas escarlates do colete. E, aproximando-se de Enjolras, disse-lhe ao ouvido:

— Fica descansado.

Pôs em seguida o chapéu resolutamente na cabeça e saiu.

Um quarto de hora depois estava deserta a sala interior do café Musain. Todos os Amigos do A B C tinham saído, indo cada um cumprir a sua missão. Enjolras, que reservara para si a Cougourde, foi o último que saiu.

Os da Cougourde de Aix, que estavam em Paris, reuniam-se então na planície de Issy, numa das pedreiras abandonadas, tão numerosas naquele ponto de Paris.

Enjolras durante o caminho que seguia para aquele ponto de reunião, ia consigo mesmo passando em revista a situação. A gravidade dos acontecimentos era visível. Quando os factos, pródromos de uma espécie de doença social latente, movem surdamente, basta a menor complicação para os fazer deter e parar. Fenómeno, de onde saem os desabamentos e as renascenças. Enjolras entrevia um bulício luminoso sob os véus tenebrosos do futuro. Quem sabe? O momento aproxima-se talvez. O povo reconquistando o direito. Que belo espectáculo! A revolução retomando majestosamente a França e dizendo ao mundo: «Amanhã se continuará!» Enjolras estava contente. A fornalha aquecia. Naquele mesmo instante havia um rastilho de amigos espalhado por Paris. Compunha no pensamento com a eloquência

filosófica e penetrante de Combeferre, o entusiasmo cosmopolita de Feully, a loquacidade de Courfeyrac, o riso de Bahorel, a melancolia de Jean Prourvaire, a ciência de Joly e os sarcasmos de Bossuet, uma espécie de cintilação eléctrica, produzindo fogo ao mesmo tempo em toda a parte. Tudo ia bem. Isto fê-lo pensar em Grantaire. «É verdade», disse ele para consigo, «a barreira do Maine fica próxima do meu caminho. Se eu desse um pulo à casa de Richefeu? Vejamos sempre o que faz Graintaire e em que alturas está».

Dava uma hora no relógio de Vaugirard quando Enjolras chegava à loja de bebidas de Richefeu. Empurrou a porta, entrou, cruzou os braços, deixando fechar por si a porta, que lhe bateu nas costas, e percorreu com avista a sala, cheia de mesas, de homens e de fumo.

No meio de todo aquelenevoeiro ressoava uma voz vivamente cortada por outra. Era Grantaire dialogando com um adversário. Grantaire estava sentado em frente de outro indivíduo, a uma mesa de mármore Sant'Ana, coberta de dominós, e dava socos na mesa; eis o que Enjolras ouviu:

— Senas.

— Quatro.

— Porco! Já não tenho.

— Estás morto. Dois.

— Seis.

— Três.

— Ás.

— Agora jogo eu.

— Quatro pontos.

— Custosamente.

— Agora, tu.

— Cometi um grande erro.

— Vais bem.

— Quinze.

— Sete de mais.

— Isso faz-me vinte e dois. (Com ar pensativo): Vinte e dois!

— Não esperavas as senas. Se as houvesse posto no princípio tinha mudado todo o jogo.

— Duques.

— Às.

— O ás! Bem; e cinco.

— Não tenho.

— Parece-me que foste tu que puseste?

— Foi.

— Branco.
— Que fortuna! Ah, tens ainda sorte! (Prolongada meditação.) Dois.
— Ás.
— Nem cinco nem ás. Isto é estúpido para ti.
— Dominó.
— Os demónios te levem!

LIVRO SEGUNDO — EPONINA

I — O campo da Cotovia

Mário assistira ao inesperado desenlace da cilada de que tinha dado parte a Javert para os efeitos necessários, mas apenas este deixou o casarão, conduzindo consigo os presos em três carros, também ele saiu cautelosamente de casa, e como apenas fossem nove horas da noite, dirigiu-se à de Courfeyrac. Courfeyrac já não era o imperturbável habitante do país latino; tinha mudado para a rua dos Vidraceiros «por motivos políticos». A rua dos Vidraceiros era um dos pontos onde a insurreição nesse tempo achava favorável acolhimento. Mário disse a Courfeyrac: «Venho cá ficar contigo esta noite». Courfeyrac tirou um cobertor de cima da cama dele, que tinha dois, estendeu-o no meio do chão e disse: «Aqui tens».

No dia seguinte pela manhã, apenas deram sete horas, voltou Mário ao casarão, pagou o resto do aluguer e o que devia a *mame* Bougon, mandou transportar num carro os livros, a cama, a mesa, a cómoda e as duas cadeiras, e saiu sem deixar dito para onde se mudava; de modo que, quando Javert nessa mesma manhã ali voltou para interrogar Mário sobre as ocorrências do dia antecedente, deparou apenas com *mame* Bougon, que lhe respondeu: «Já cá não mora!»

Ao ver o procedimento do rapaz, a boa velha Bougon ficou convencida de que Mário não era inteiramente estranho aos planos dos ladrões capturados na noite antecedente.

— Quem tal havia de dizer?! — exclamava ela para as vizinhas. — Um rapaz que me parecia mesmo uma menina.

Duas razões operaram em Mário e o resolveram à sua repentina mudança. Primeira, porque ficara com horror àquela casa, em que de tão perto e em todas as suas fases tinha visto, no seu desenvolvimento mais repelente e feroz, uma fealdade social ainda mais medonha talvez do que o mau rico: o mau pobre. Segunda, porque não queria figurar no processo, que provavelmente se ia seguir nem ser levado a depor contra Thenardier.

Javert, que supôs que o rapaz, cujo nome lhe esquecera, tivera medo e fugira, ou talvez não recolhesse a casa na ocasião da cilada, fez ainda alguns esforços para dar com ele, porém não conseguiu encontrá-lo.

Passou-se um mês e ainda outro. Mário conservava-se em casa de Courfeyrac Soubera por um advogado praticante, frequentador habitual da sala dos Passos Perdidos, que Thenardier estava no segredo. Todas as segundas-feiras, Mário mandava entregar na secretaria da Force cinco francos para Thenardier.

Mário não tendo já dinheiro, pedia os cinco francos a Courfeyrac. Era a primeira vez que pedia dinheiro emprestado. Aqueles cinco francos periódicos eram um duplo enigma para Courfeyrac, que os dava e para Thenardier que os recebia «Para quem irá isto?» pensava Courfeyrac. «Donde me poderá vir este dinheiro?» perguntava Thenardier a si mesmo.

No fim de tudo, Mário sentiu-se profundamente magoado.

Tudo desaparecera novamente. Não via nada diante de si; a sua vida achava-se outra vez mergulhada no mistério em que caminhava às apalpadelas. Num momento tornara a ver muito perto de si, naquela escuridão, a jovem que amava, o velho que parecia seu pai, os entes desconhecidos que eram o seu único interesse e a sua única esperança no mundo; e quando julgara tê-las seguras, ambas aquelas sombras lhe haviam sido arrebatadas por um sopro. Nem mesmo uma fagulha de certeza e de verdade saíra do mais medonho choque Nenhuma conjectura possível. Nem sequer sabia o nome que julgava saber. Com toda a certeza, este nome não era Úrsula. Cotovia era uma alcunha. E que deveria pensar do velho? Ocultava-se, com efeito, da polícia? Então, Mário recordou-se do operário de cabelos brancos, que encontrara nas proximidades dos Inválidos. Tornava-se então provável que o senhor Leblanc e aquele operário fossem o mesmo homem. Logo, disfarçava-se? Aquele homem tinha lados heróicos e lados equívocos. Porque não chamara ele por socorro? Porque tinha fugido? Era ou não o pai da jovem? Enfim, seria realmente o homem que Thenardier julgara reconhecer? Ter-se-ia Thenardier enganado? E estas interrogações eram outros tantos problemas insolúveis. É verdade que tudo isto não diminuía o encanto angélico da jovem do Luxemburgo. Pungente angústia: Mário tinha uma paixão no coração, e nos olhos a escuridão. Era impelido, era atraído e não podia mover-se. Tudo se desvanecera, excepto o amor. Do próprio amor perdera ele os instintos e as iluminações súbitas. Ordinariamente esta chama que nos queima, alumia-nos também um pouco e projecta exteriormente algum clarão útil. Mário nem mesmo já ouvia os próprios conselhos da paixão. Já não dizia: se eu fosse, se eu tentasse? Aquela a quem já não podia chamar Úrsula estava evidentemente em alguma parte; mas coisa nenhuma indicava a Mário o lado por onde deveria procurar. Toda a sua vida se resumia agora em duas palavras: uma incerteza absoluta num nevoeiro impenetrável. Aspirava sempre tornar a vê-la, a ela, mas não o esperava.

Para cúmulo de infelicidade via-se outra vez próximo da miséria. Sentia-lhe já muito perto, por trás de si, o hálito gelado. Em todos estes tormentos e já desde há muito tempo, interrompera o trabalho; é um hábito que se perde. Hábito fácil de deixar, difícil de readquirir.

Uma certa quantidade de meditação é boa, como um narcótico em dose discreta. A meditação, as febres, algumas vezes acerbas, da inteligência em acção, fazem nascer no espírito um vapor brando e fresco que corrige os contornos demasiadamente ásperos no pensar puro, preenchem num e outro lado lacunas e intervalos, ligam os conjuntos e esfumam os ângulos das ideias. Mas a meditação demasiada submerge e afoga. Desgraçado do trabalhador pelo espírito, que se deixa cair todo inteiro do pensar na abstracção! Julga que subirá de novo facilmente, e diz consigo que tanto vale uma coisa como outra. Que erro!

O pensar é o trabalho da inteligência, a distracção é a sua voluptuosidade. Substituir o pensamento pela distracção é confundir o veneno com o alimento.

Mário, se bem se recordam, começara por aqui. Viera-lhe a paixão e acabara de o precipitar nas quimeras sem objecto e sem fundo. Já não saía de casa senão para sonhar. Produção perigosa. Voragem tumultuosa e estagnante. E, à medida que o trabalho diminuía, cresciam as necessidades. Isto *é* uma lei. O homem no estado de abstracção é naturalmente pródigo e insensível; o espírito distendido, não pode conservar a vida cerrada. Neste modo de ver há uma mistura de bem e de mal, porque, se a indolência é funesta, a generosidade é sã e boa. Mas o homem pobre, generoso e nobre, que não trabalha, está perdido. Os recursos esgotam-se, as necessidades surgem.

Declive fatal onde os mais honestos e mais firmes são arrastados, tanto como os mais fracos e viciosos, e que termina num de dois antros: o suicídio ou o crime.

O homem nestas circunstâncias, à força de sair de casa para sonhar, chega um dia em que sai para se lançar à água

Os excessos do sonho produz os Escousse e os Lebras.

Mário descia esse declive vagarosamente, com os olhos fitos no que não via. Parece estranho o que acabamos de escrever, e contudo é verdadeiro. A lembrança de um ente ausente acende-se nas trevas do coração; quanto mais completamente desapareceu aquele ente, tanto mais brilhante é a lembrança; a alma desesperada e obscura vê no seu horizonte aquela luz, estrela da noite interior. Ela! Eis a que se reduzia todo o pensar de Mário. Não pensava noutra coisa; conhecia confusamente que a sua velha casaca se tornava casaca impossível, e que a nova se tornava velha, que iam estando muito usadas as camisas, o chapéu e as botas, isto é, que tinha a vida gasta, e dizia consigo: «Se ao menos pudesse tornar a vê-la antes de morrer!»

Só lhe restava a doce ideia de que ela o amava, que os seus olhos lho tinham dito, que ela não lhe conhecia o nome, mas que lhe conhecia a alma, e

que talvez, já onde estava, qualquer que fosse esse lugar misterioso, ainda o amava. Quem sabe se pensava nele como ele pensava nela? Algumas vezes, nas horas inexplicáveis, como as têm todo o coração que ama, não tendo senão razões para estar triste, e sentido contudo um obscuro estremecimento de alegria, dizia consigo: «São os seus pensamentos que vêm ter comigo» Depois acrescentava: «Talvez os meus cheguem até ela»

Esta ilusão, a que ele encolhia os ombros quase no mesmo momento, conseguia todavia lançar-lhe na alma certos raios de luz, que se assemelhavam à esperança.

De tempos a tempos, principalmente à hora da tarde que mais entristece os sonhadores, deixava cair num caderno de papel, onde não havia outra coisa, as mais puras, as mais impessoais, as mais ideais das quimeras, de que o amor lhe enchia o cérebro. Chamava a isto «escrever-lhe».

Não se deve sopor que na sua *razão* houvesse desconcerto. Pelo contrário. Perdera a faculdade de trabalhar e de se dirigir firmemente para um fim determinado, mas tinha mais do que nunca discernimento e rectidão, Mário via a uma luz tranquila e real, ainda que singular, tudo o que lhe passava pelos olhos, ainda mesmo os factos ou os homens mais indiferentes; dava sobre tudo uma opinião justa, com uma espécie de abatimento honesto desinteressadamente cândido. O seu juízo quase desligado de esperança, mantinha-se alto e pairava.

Nesta situação de espírito nada lhe escapava, nada o iludia, e a todos os instantes descobria o fundo da vida, da humanidade e dos destinos. Felizes daqueles, mesmo nas angústias, a que Deus deu uma alma digna do amor e da desventura! Quem não tem visto as coisas deste mundo e o coração dos homens a esta dupla luz, não tem visto coisa alguma, não tem visto nada verdadeiro.

A alma que ama e sofre está no estado sublime.

No fim de tudo, os dias sucediam-se e não traziam nada de novo. Parecia-lhe unicamente, que cada vez se limitava mais o sombrio espaço que lhe restava a percorrer. Julgava entrever já indistintamente a beira do precipício sem fundo.

— Meu Deus! — repetia ele consigo. — Pois eu não a tornarei a ver antes disso?

Quem, depois de subir pela rua de S. Tiago, deixa ao lado a barreira, costeando algum tempo à esquerda o antigo boulevard interior, entra na rua da Saúde, chega à Glacière pouco para cá do regato dos Gobelinos, encontra um despraiado, que na extensa e monótona cintura dos boulevards de Paris seria o único sítio em que a Ruysdaêl apeteceria sentar-se.

É que naquele local há esse não sei quê que nos torna graciosas as coisas. Um prado verdejante, atravessado por cordas sustentando alguns panos esburacados, que os moradores do lugar ali vêm estender para enxugar ao vento; uma antiga granja de jardineiros, edificada no tempo de Luís XIII, com o seu grande telhado extravagantemente furado de águas-furtadas; algumas sebes arruinadas, uma pouca de água entre choupos, algumas mulheres, um sussurro de vozes e de risadas, no horizonte o Panteon, a árvore dos Surdos-Mudos, o Vale de Graça, negro, colossal, extravagante, divertido, magnífico e, no fundo, o severo coruchéu quadrado das torres de Nossa Senhora.

Como o lugar vale a pena de ser visto, ninguém lá vai; apenas algum carro ou algum carreteiro de quarto em quarto de hora

Sucedeu, porém, que uma ocasião os solitários passeios de Mário o encaminharam para aquele despraiado. Nesse dia via-se no boulevard uma raridade, um viandante, a quem Mário, vagamente, impressionado pelo atractivo quase selvagem do local, perguntou:

— Como se chama este lugar?

— Campo da Cotovia — respondeu o viandante.

E acrescentou:

— Foi aqui onde Ulback matou a pastora de Ivry.

Mário, porém, depois da palavra Cotovia, nada mais ouvira. Tem destas súbitas congelações o estado meditativo, congelações que uma palavra é suficiente para produzir. O pensamento condensa-se todo repentinamente em volta de uma ideia, tornando-se para logo impenetrável a qualquer outra percepção. Cotovia era o nome que Mário, nas fundas e melancólicas cogitações em que se embrenhava, substituíra ao de Úrsula.

— Ah, é o campo dela! — disse ele na espécie de pasmo desassisado peculiar a estes misteriosos apartes. — Então saberei aqui onde ela mora.

Tal arrazoado era absurdo, mas irresistível.

E principiou a ir todos os dias ao tal Campo da Cotovia.

II — Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões

O triunfo obtido por Javert no casebre Gorbeau parecera completo, mas não o fora.

Em primeiro lugar e era esta a principal inquietação de Javert, não prendera o prisioneiro. O assassinado que se evade torna-se mais suspeito do que o assassino; e era provável que aquele personagem, tão preciosa captura para os ladrões, não fosse decerto menos boa presa para a autoridade

Depois, Montparnasse tinha escapado a Javert. Era preciso esperar outra ocasião para deitar a mão àquele «peralta do diabo».

Montparnasse, com efeito, tendo encontrado Eponina, que estava de vigia

debaixo das árvores do boulevard, levara-a consigo, preferindo ser Némorin com a filha a ser Shinderhannes com o pai. Bem fizera. Estava livre. Quanto a Eponina, Javert fizera-a «fisgar», o que era medíocre consolação, juntando-a em seguida a Azelma, nas Madelonnetes.

Enfim, no trajecto do casebre Gorbeau para Force, um dos principais presos, Claquesous, tinha-se «perdido». Ninguém sabia como se havia operado semelhante coisa; os beleguins «não perceberam nada»; transformara-se em vapor e saíra por entre as algemas, correra pelas fendas do veículo; o fiacre estava rachado e ele fugira; o mais que puderam dizer ao chegar à prisão, foi que era uma vez Claquesous. Ali ou havia bruxaria, ou obra da polícia. Claquesous tinha-se fundido nas trevas como um floco de neve na água! Teria havido dissimulada conivência dos beleguins? Aquele pertenceria ao duplo enigma da desordem e da ordem? Seria consentido na infracção e na repressão? Teria aquela esfinge as patas dianteiras no crime e as traseiras na autoridade? Javert não aceitava combinações destas e ter-se-ia eriçado na presença de tais compromissos, mas a sua esquadra tinha outros inspectores além dele, talvez mais iniciados, ainda que seus subordinados, nos segredos da prefeitura, e Claquesous era um celerado de tal espécie que podia ser magnífico agente. Ter tão íntimas relações de empalmação com a noite é uma coisa excelente para a ladroagem e admirável para a polícia. Há nisto tratantes de dois gumes. Fosse como fosse, Claquesous perdido não se tornou a achar. Javert mostrou-se mais irritado do que admirado.

Quanto a Mário, «aquele imbecil advogado», que provavelmente tinha medo e de quem Javert esquecera o nome, pouco cuidado lhe dava. Depois um advogado é coisa que se encontra sempre. Mas seria ele só advogado?

A devassa começava.

Como, porém, o juiz de instrução tivesse julgado conveniente não meter no segredo algum dos sócios da quadrilha Patron-Minette, esperando assim aproveitar alguma indiscrição, foi escolhido Brujon, o homem da cabeleira da rua do Petit-Banquier, para ser encerrado na prisão de Carlos Magno, onde constantemente era vigiado pelos respectivos guardas.

O nome de Brujon é uma das recordações da Force. Há doze anos, na hedionda prisão chamada do Edifício Novo, que a administração denominava prisão de S. Bernardo e os ladrões Cova dos Leões, via-se grosseiramente gravado com um prego nas pedras do muro coberto de lepra e escamas, que do lado esquerdo se elevava até à altura dos telhados, pouco distante de uma porta de ferro carcomida de ferrugem, que dava para a antiga capela do palácio ducal da Force, convertida depois em dormitório de salteadores, via-se gravado, dizíamos, uma espécie de castelo, com a seguinte assinatura por

baixo: *Brujon, 1811.*

O Brujon de 1811 era o pai do Brujon de 1832.

Este último, a quem os leitores mal entreviram na cilada do casebre Gorbeau, era um galã sobremodo destro e astucioso, apesar do seu ar de basbaque e choramingas. Foi por causa desse seu ar de basbaque que o juiz de instrução o não mandara fazer companhia aos consócios, julgando-o mais útil na prisão de Carlos Magno do que na célula do segredo.

Os ladrões não interrompem os seus trabalhos por estarem em poder da justiça. Não se embaraçam com semelhante bagatela. Estar preso por um crime não obsta a que se dê princípio a outro. São artistas que têm um quadro em exposição num salão, sem deixar por isso de se ocupar em novo trabalho no seu *atelier.*

Brujon parecia ter ficado estupefacto com a sua prisão. Viam-no às vezes horas seguidas na prisão de Carlos Magno, de pé junto ao postigo do taberneiro, contemplando com ar idiota a suja lista dos preços da taberna, que principiava por: *alho 62 cêntimos* e acabava por: *cigarros 5 cêntimos*. Outras vezes, porém, passava ele o tempo a tremer, batendo com os dentes uns nos outros, clamando que estava a arder em febre e perguntando se alguma das vinte e oito camas de enfermaria dos doentes de febre estava devoluta.

De súbito, por meados do mês de Fevereiro de 1832, soube-se que Brujon, o indolente, dera a quem lhe tinha ido fazer três recados diferentes, não de mando dele, mas de mando de três dos seus camaradas, cinquenta soldos, despesa exorbitante que atraiu a atenção do carcereiro da prisão.

Procedeu-se a informações, e consultando-se a tabela dos preços dos recados, pregada no parlatório dos presos, conseguiu-se saber que os cinquenta soldos se decompunha do seguinte modo: — Três recados: um ao Panteon, dez soldos; outro ao Vale de Graça, quinze; e outro à barreira de Grenelle, vinte e cinco. Este era o recado de maior preço na tabela. Ora, no Panteon, no Vale de Graça e na barreira de Grenelle, ficavam justamente os domicílios de três temerosíssimos vagabundos das barreiras, Kruideniers ou Bizarro, Glorieux, forçado livre, e Barre-Carrosse, sobre os quais este incidente atraiu as vistas da polícia.

Supunha-se, segundo as aparências, que estes homens estavam filiados na quadrilha Patron-Minette, dois chefes da qual, Babet e Gueulemer, tinham sido agarrados. Supôs-se mais que os recados, mandados a pessoas que esperavam na rua e não dirigidos a tal ou tal casa, tinham por fim avisá-las para alguma malévola maquinação, para alguma planeada malfeitoria Havia ainda outros indícios, em virtude dos quais se procedeu à captura dos três malfeitores acima indicados, julgando-se haver assim destruído a

desconhecida maquinação de Brujon.

Uma semana, pouco mais ou menos, depois de tomadas estas precauções, um dos guardas nocturnos que inspeccionava o dormitório inferior do Edifício Novo, na ocasião em que ia *a* deitar o seu horário na respectiva caixa era o meio empregado para se saber se os guardas eram exactos no serviço que tinham a satisfazer; de hora em hora devia cair um horário em todas as caixas pregadas nas portas dos dormitórios um guarda, dizíamos, viu, pelo ralo do dormitório, Brujon sentado na cama a escrever o que quer que fosse ao clarão do candeeiro. O guarda entrou, Brujon foi metido na enxovia, onde esteve um mês, mas o que ele escrevera não foi possível apanhá-lo. A polícia nada mais soube a tal respeito.

O que é certo é que, ao outro dia, da prisão de Carlos Magno para a Cova dos Leões foi atirado «um postilhão» por cima do edifício de cinco andares que separava as duas prisões.

Chamam os presos postilhão a uma bolazinha de pão artisticamente endurecida, que se envia «para a Irlanda», quer dizer, por cima dos telhados de uma prisão, de um ponto para outro. Etimologia: por cima da Inglaterra, de uma terra para outra; «para a Irlanda». A bola de pão cai na prisão, o que a encontra abre-a e encontra um bilhete dirigido a algum dos presos. Se algum preso a encontra, faz chegar o bilhete ao seu destino; se é algum guarda ou algum desses presos secretamente vendidos, chamados nas prisões «carneiros» e nas galés «raposas», o bilhete é levado ao carcereiro que o entrega à polícia.

Desta feita, porém, chegou o postilhão ao seu destino, apesar de, nessa ocasião, se achar incomunicável aquele a quem ia dirigido. O destinatário era nada menos que Babet, um dos quatro cabeças de Patron-Minette.

Encerrava o postilhão um papel enrolado, que apenas continha estas duas linhas:

«Babet. Há um negócio a fazer na rua de Plumet. Uma grade que deita para um jardim».

Era a tal coisa que Brujon fora visto a escrever na noite antecedente.

Apesar dos guardas e das guardas, que revistavam tudo, Babet conseguiu fazer passar o bilhete da Force para a Salpêtrière, onde tinha uma «boa amiga» encarcerada. Esta transmitiu também o bilhete a uma sua conhecida, chamada Magnon, que a polí-cia trazia de olho constantemente, mas que ainda não tinha sido presa. Esta Magnon, cujo nome já não é desconhecido para o leitor, tinha com os Thenardier relações que serão explicadas mais tarde, e podia, pretextando que ia visitar Eponina, servir de ponte entre a Salpêtrière e as Madelonnetes.

Justamente nesta ocasião, Eponina e Azelma eram postas em liberdade, por falta de provas no processo intentado contra Thenardier. Quando Eponina saiu, Magnon, que estava de vigia à porta das Madelonnetes, entregou-lhe o bilhete de Brujon para Babet, encarregando-a de «esclarecer o negócio».

Eponina dirigiu-se, portanto, à rua de Plumet, reconheceu a grade e o jardim, observou a casa, espionou, espreitou e, passados poucos dias, levou a Magnon, que morava na rua de Cloche-Perce, um biscoito, que Magnon transmitiu à amásia de Babet, encarcerada na Salpêtrière.

No tenebroso simbolismo das prisões, um biscoito quer dizer: «nada feito».

De modo que, poucos dias depois, encontrando-se Babet com Brujon no caminho de ronda da Force, a caminho do tribunal, para onde um deles ia «a perguntas» e o outro voltava, Brujon perguntou:

— Então a rua P.?

— Biscoito! — respondeu Babet.

Assim abortou este feito de crime gerado por Brujon na Force.

Como se verá, porém, este aborto teve consequências de todo o ponto estranhas ao programa de Brujon.

Não raro acontece que quem cuida atar um fio ata outro.

III — Aparição ao tio Mabeuf

Mário não frequentava casa nenhuma, encontrando-se apenas às vezes com o tio Mabeuf.

Ao mesmo tempo que Mário lentamente ia descendo os lúgubres degraus, a que podemos dar o nome de escada das caves, escada que conduz a mansões sem luz, onde por cima se ouvem os passos dos felizes, descia também Mabeuf pela mesma escada.

D a *Flora de Cauferefz* nem um único exemplar se vendia já. Do mesmo modo, as experiências sobre o anil no jardinzinho de Austerlitz tinham falhado pelas más condições do terreno em que eram feitas. O senhor Mabeuf apenas podia cultivar nele algumas plantas raras que querem sombra e humidade. Contudo, longe de desanimar com o mau resultado das suas experiências, obteve um bocado de terra, bem situada, no Jardim das Plantas, para nela fazer «à sua custa» os seus ensaios sobre o anil.

Para levar a cabo este projecto, empenhou as chapas da sua *Flora* no Monte de Piedade e reduzira o seu almoço a dois ovos, deixando um para a velha que o servia, a quem devia já quinze meses de soldadas E não poucas vezes o almoço era a sua única comida. Fora-se-lhe aquele riso infantil que dantes tinha, fizera-se trôpego e já não recebia visitas Bem fazia Mário em não se lembrar de o ir visitar. Às vezes, quando Mabeuf se dirigia para o Jardim das Plantas, encontrava-se com o rapaz no boulevard do Hospital, porém não se

falavam. Apenas acenavam tristemente um ao outro com a cabeça. Dolorosa verdade. Que sobrevenha um dia em que a miséria até os laços das contraídas afeições dissolva. Ontem dois amigos, hoje dois indiferentes!

Depois do livreiro Royol, que tinha morrido, o senhor Mabeuf só conhecia os seus livros, o seu jardim e o seu anil, três formas distintas que para ele haviam tomado a felicidade, o prazer e a esperança. Era-lhe o bastante à vida, vida que com pouco se satisfazia, como se vê. «Logo que o anil dê o resultado que espero», dizia ele às vezes nos seus solilóquios, «fico rico, e então hei-de desempenhar as chapas que tenho no Monte de Piedade, fazer-me charlatão, publicando anúncios nos jornais e pregando cartazes pelas esquinas, para a minha *Flora* tornar a ter voga e comprar, eu bem sei onde, um exemplar da *Arte de Navegar,* com estampas, de Pedro de Melina, da edição de 1559».

Enquanto, porém, não chegava a realizaçãodos seus sonhos dourados, todo o dia labutava no seu canteiro semeado de anil, recolhendo-se a casa só quase à noite para regar o jardim ou ler algum livro predilecto. Nessa época, o senhor Mabeuf não andava muito longe dos oitenta anos.

Uma tarde o bom velho teve uma aparição singular.

Tinha voltado para casa ainda muito de dia. A tia Plutarco, cuja saúde começava a alterar-se, estava doente e encontrava-se deitada O senhor Mabeuf jantara um resto de carne que havia ainda num osso e um pedaço de pão que achara sobre a mesa da cozinha e sentara-se depois num marco de pedra quebrado, que no quintal lhe servia de banco.

Próximo do improvisado banco elevava-se, como nos pomares ajardinados de outro tempo, uma casinhola de madeira, já meia arruinada em partes, que servia de coelheira em baixo e de fruteiro em cima. A primeira estava desabitada daqueles para cuja morada era destinada, porém o segundo continha ainda algumas maçãs, restos da provisão de Inverno.

O senhor Mabeuf sentara-se, pois, de óculos no nariz, folheando e lendo atentamente dois livros, objecto de sumo interesse, e, o que é mais na sua *idade,* de graves preocupações para ele. A natural timidez do seu carácter o fazia até certo ponto supersticioso. Esses dois livros eram um o célebre tratado do presidente Delancre *Sobre a inconstância dos demónios, o* outro o pesado alfarrábio de Mutor de la Rubaudière *Sobre os diabos de Vaubert e os duendes de Biebre,* livro a que ele ainda maior interesse ligava, por isso que o seu jardim fora noutro tempo um dos lugares frequentados por duendes.

Naquela ocasião o crepúsculo principiava a clarear as partes mais elevadas dos edifícios, deixando imersos em sombras os objectos inferiormente situados. De vez em quando, o venerável ancião interrompia a sua leitura e deitava os olhos por cima do livro que sustinha na mão, a contemplar as suas

plantas, e entre elas um magnífico rododendro, a que consagrava mais especial predilecção. Quatro dias de calma, de vento e sol se tinham sucedido, sem o refrigério de uma gota de chuva para *os* pobres arbustos. Os caules curvavam-se para o chão sem força, os botões pendiam para o lado sem viço, as folhas vinham a terra, murchas e descoradas, e entre todos os arbustos o mais triste parecia o predilecto rododendro. Mabeuf pertencia ao número daqueles para quem as plantas também têm alma. Por isso, apesar de extenuado de cansaço pelo muito que labutara no seu canteiro do Jardim das Plantas, levantou-se, pousou os livros em cima do banco e dirigiu-se para o poço, alquebrado e cambaleando.

Chegado aí, deitou a mão à corrente de ferro que segurava o balde, tentando puxá-lo para cima. Ao ver, porém, que nem sequer conseguia abalá-lo, voltou-se, fitando um olhar de angústia no céu, que se cobria de estrelas.

A noite «respirava essa serenidade tépida que abafa no coração do homem que sofre as dores sob uma lúgubre e eterna alegria, e augurava-se tão árida como o dia o tinha sido.

— Tudo cheio de estrelas! Nem a mais pequena nuvem! Nem uma gota de orvalho! — pensava o ancião, deixando pender para o peito a cabeça, que um instante tivera levantada.

Após alguns momentos de aflitiva concentração, murmurou, fitando outra vez os olhos no céu:

— Oh, uma gota de orvalho, ao menos, por piedade!.

E tornou a voltar-se para o poço.

No momento, porém, em que baldadamente tentava levantar a corrente do balde, ouviu uma voz por trás dele, dizendo-lhe:

— Quer que eu lhe regue o jardim, tio Mabeuf?

Apenas a voz soltara esta exclamação, ouviu-se entre a sebe um como ramalhar de veado fugitivo, após o qual o assustado ancião viu sair de entre as moitas floridas uma rapariga excessivamente magra e esguia, que se lhe atravessou adiante, fitando-o atrevidamente. Mais parecia um fantasma gerado à baça luz do crepúsculo do que um ser humano.

Mulher ou fantasma, sem esperar que o apavorado velho lhe respondesse uma só palavra, deitou a mão à corrente do poço, mergulhou o balde, puxou-o a si e encheu o borrifador com uma ligeireza de movimentos que a escuridão tornava ainda mais fantásticos. Mabeuf, que ainda com menos extraordinário caso facilmente se amedrontara, contemplava assustado e cheio de pasmo aquela aparição sobrenatural, discorrendo, descalça e mal coberta com uma andrajosa saia, pelos alegretes, a distribuir a vida em torno de si. Apesar do seu susto, porém, extasiava-lhe a alma o sussurro da água caindo por entre as

folhas. Afigurava-se-lhe que via estremecer de prazer o rododendro ao contacto daquela suave frescura.

A aparição, esgotado o primeiro balde, voltou ao poço, tirou segundo e assim continuou até regar o jardim todo. Ao ver assim discorrer por entre os arbustos do jardim aquele vulto negro, agitando as pontas do lenço esfarrapado que lhe cobria os magros ombros, dir-se-ia um morcego esvoaçando aos últimos lampejos da luz crepuscular.

Concluída a tarefa a que a rapariga voluntariamente se oferecera, o venerável ancião com as lágrimas nos olhos acercou-se dela e disse-lhe, passando-lhe a mão pelo rosto:

— Deus lhe pague, menina, que quem assim se compadece das flores não pode ser senão um anjo!

— Não! — respondeu ela. — Eu sou mas é um diabo! Porém, isso, tanto faz

— Valha-me Deus! — atalhou o ancião sem esperar nem prestar atenção à resposta da rapariga. — Não me permitirem as minhas tristes circunstâncias poder recompensar-lhe este serviço com alguma coisa!

— Pode — atalhou ela.

— Com quê?

— Dizendo-me onde mora o senhor Mário.

— Que Mário? — perguntou o ancião sem saber de quem a rapariga queria falar e pondo-se a olhar para o ar como procurando colher alguma longínqua reminiscência.

— Um rapaz que vinha dantes a sua casa.

— Ah, sim! — exclamou o senhor Mabeuf, como que tendo, enfim, encontrado uma ideia fugitiva. — Bem sei!... Mário... o barão de Pontmercy! Ele mora... espere... parece-me que já não... Olhe, não sei.

E continuou logo em seguida, agachando-se, a compor uma haste do rododendro:

— Espere, agora me lembro. Ele passa aqui quase todos os dias pelo boulevard, como quem se encaminha para a Glacière. Na rua de Croule-Barbe. No Campo da Cotovia. É procurá-lo por esses sítios, que não lhe há-de custar a dar com ele.

Quando o senhor Mabeuf, depois de concluir a operação em que tinha estado ocupado, se endireitou, já não viu ninguém; a rapariga tinha desaparecido.

Esta súbita desaparição amedrontou-o um pouco.

— Realmente — disse ele consigo —, que eu acreditaria que foi algum espírito que me apareceu, se o jardim não estivesse regado!

Uma hora depois, na ocasião em que se ia a deitar, lembrou-lhe o que se

tinha passado, e ao pegar no sono, nesse instante turvo em que o pensamento, semelhante à fabulosa ave que se transforma em peixe para passar o mar, vai gradualmente tomando a forma de sonho para atravessar o sono, dizia ele confusamente:

— O que se passou hoje comigo quase parece o que la Rubaudière conta dos duendes. Seria, realmente, algum?

IV — Aparição a Mário

Na manhã da seguinte segunda-feira, poucos dias depois daquela aparição «do espírito» ao tio Mabeuf, Mário saiu de casa, depois de meter no bolso os cem soldos que todas *as* semanas, em igual dia, costumava pedir emprestados a Courfeyrac para dar a Thenardier, porém em vez de ir imediatamente levá-los ao seu destino, resolveu primeiro «dar uma volta», esperando assim recolher-se a casa mais disposto a retomar o trabalho. Era o seu expediente habitual. Logo que se levantava, sentava-se à sua mesa de trabalho com um livro e uma folha de papel diante de si, tentando dar rápido andamento a alguma das traduções, que de ordinário trazia entre mãos, e falecia-lhe a vontade antes de dar princípio à tarefa que se impunha. Nesse tempo era esta a versão para francês da célebre questão entre Gans e Savigny; pegava em Savigny, pegava em Gans, lia quatro linhas, tentava escrever uma e não podia. Via uma estrela entre ele e o papel, e tanto se embrenhava em cogitações alheias ao objecto em que se ocupava, que, por fim, levantava-se da cadeira, dizendo:

— Vou sair a ver se isto me passa.

E dirigia-se para o Campo da Cotovia, onde a estrela que evitava ainda mais luzente se lhe oferecia aos olhos e cada vez mais lhe desaparecia diante deles o texto de Gans e Savigny.

Ao recolher-se a casa, por mais que fizesse para continuar o interrompido trabalho, era debalde. Vendo então a inutilidade dos seus esforços para reatar os fios que lhe quebravam no cérebro as abstracções em que se embevecia, exclamava com gesto decisivo:

— Amanhã não sairei. Preciso de trabalhar!

Mas saía todos os dias.

Habitava mais o Campo da Cotovia do que a casa de Courfeyrac. O seu verdadeiro domicílio era a sétima árvore do boulevard da Saúde, principiando a contar da rua do Croule-Barbe para diante.

Nessa manhã de que falamos, o mancebo deixara o seu costumado pouso junto à sétima árvore do boulevard para se ir sentar no parapeito do regato dos Gobelinos.

Um sol reanimador penetrava a folhagem toda tenra e viçosa e a escorrer

em ondas de luz. Mário pensava nela. E, dolorosamente, ao mesmo tempo exprobrava a sua ociosidade, aquela paralisia de alma, que ia manso e manso adormentando-o e lhe apresentava ao espírito a ideia da escuridão, que de instante a instante se espessava em torno dele, a ponto de já não ver o Sol.

Não obstante, porém, o doloroso curso das suas ideias, que, mal distintas como eram, nem monólogo se podiam chamar, porque nem ele já se sentia com forças para oferecer o coração em pasto à dor, ainda assim, dizemos, as sensações externas conseguiam impressioná-lo através daquela melancólica abstracção. Apesar dela, Mário ouvia, de um e de outro lado do regato dos Gobelinos, as lavadeiras batendo a roupa na pedra dos lavadouros e por cima de si o gárrulo chilrear dos pássaros empoleirados sobre os olmos, saltitando de fronde em fronde. Em cima, o sussurro da liberdade, da indiferença ditosa, do ócio, que tem asas; em baixo, o estrépito do trabalho; porém um e outro rumor alegre, reparo que profundamente o fazia cismar, senão reflectir.

No meio do seu doloroso êxtase, eis que ouviu de repente uma voz conhecida, dizendo:

— Oh! Ele cá está!

Mário levantou a cabeça e deu com os olhos na desventurada rapariga que um dia o fora procurar ao quarto, a filha mais velha de Thenardier, Eponina, enfim, para a designarmos pelo seu verdadeiro nome, que para Mário também já não era desconhecido. Singular contraste! Beleza e miséria! No meio da sua crescente indigência, a formosura, longe de desmaiar ao contacto das privações, realçara de novos atractivos aquele rosto de jovem. O seu vestuário indicava maior miséria, o rosto respirava-lhe mais donairosos atractivos. Vinha descalça; descalça e coberta de andrajos, como o rapaz a vira no dia em que desempenadamente lhe entrara no quarto. A única diferença era que os andrajos contavam mais dois meses, que eram maiores os rasgões, maior a sordidez. A mesma voz roufenha, a mesma fronte rugosa e tisnada, o mesmo despejado olhar, como dantes, desvairado e indeciso. Demais, na fisionomia, só tinha essa indefinível expressão de terror e angústia, que o viver das prisões acrescenta à miséria.

De entre os cabelos emaranhados saíam-lhe vastas pontas de palha e feno, não por ter enlouquecido, como Ofélia, contagiada pela loucura de Hamlet, mas por ter dormido em algum palheiro.

E, apesar de tudo isto, era bela. Que grande poder o teu, ó astro da juventude!

Eponina, em cujo lívido rosto transparecia uma leve sombra de alegria, que lhe fazia desabrochar os lábios, no que dificilmente chamaríeis sorriso, acercou-se do rapaz, parou e deteve-se por instantes, como se alguma força

oculta a vedasse de articular a menor palavra. Por fim, exclamou:

— Até que, finalmente, dei consigo! Bem me dizia o tio Mabeuf que o procurasse aqui! O que eu tenho corrido a ver se o encontrava; nem o senhor sabe! É verdade! Não sabe? Estive quinze dias «à sombra». Mas puseram-me na rua por falta de provas e mesmo por eu não ter a idade da razão. Faltavam-me dois meses! Ora, mas o que eu tenho corrido há seis semanas para cá! Pelo que vejo, o senhor já não mora lá em casa?

— Não — disse Mário.

— Ah, já sei! Por via daquela história! São dessas «porcarias» com que a gente embirra! O caso é que o senhor mudou. Ui! Sempre traz um chapéu, coisa mais esquisita! Já sem pêlo nenhum! Um rapaz como o senhor quer-se bem trajado! Não quer saber, senhor Mário? Olhe, o tio Mabeuf chama-lhe o barão não sei de quê! Mas o senhor não é barão, pois não? Barões são uns Velhos que vão tomar o Sol para o largo do Luxemburgo e dão um soldo para ler a *Quotidiana.* Eu uma vez fui levar uma carta a um barão e era assim como eu digo. Tinha mais de cem anos o bom do homem!... Mas, diga-me, onde é que mora agora?

Mário não respondeu.

— Que buraco que o senhor tem na camisa! É preciso que lho cosa.

E continuou com expressão cada vez mais triste:

— O senhor parece que não gostou de me ver?

Mário continuava calado: ela guardou também silêncio por um instante e depois exclamou:

— Se eu quisesse, bem sabia como havia de o ver contente!

— O que é? — disse Mário. — O que quer dizer?

— Ora! O senhor dantes tratava-me por tu!

— Pois sim, o que queres tu dizer?

A rapariga mordeu os lábios, parecia hesitar, como que presa de uma espécie de combate interior. Finalmente pareceu decidir-se:

— Ora! Que importa! O senhor está triste e eu quero que esteja alegre. Prometa-me só que se há-de rir. Quero vê-lo rir. Pobre senhor Mário! Bem sabe que me tinha prometido dar-me tudo o que eu quisesse.

— Sim, mas fala.

A rapariga fitou Mário e disse-lhe:

— Sei a morada!

Mário empalideceu. Todo o sangue lhe refluiu ao coração.

— Qual morada?

— A que o senhor me tinha perguntado!

E acrescentou, como se fizesse um esforço.

— A morada... o senhor bem sabe...

— Sim. — balbuciou Mário.

— Daquela menina.

A rapariga pronunciando estas palavras, suspirou profundamente.

Mário saltou do parapeito onde estava sentado e pegou-lhe desorientadamente na mão.

— Então diz-me onde é! Leva-me lá! Pede-me tudo o que quiseres! Onde mora?

— Venha comigo — respondeu a rapariga. — Não sei bem a rua nem o número; é muito longe daqui, mas conheço bem a sua casa e vou mostrar-lha.

A rapariga retirou a mão e disse num tom que teria entristecido um observador, mas que nem mesmo foi notado por Mário, que estava em perfeito estado de embriaguez:

— Como ficou alegre!

De repente passou uma nuvem pelo rosto de Mário, o qual segurou Eponina por um braço.

— Jura-me uma coisa!

— Jurar! — disse ela. — Que quer isso dizer? Então quer que eu jure?

E riu-se.

— Teu pai... Promete-me, Eponina, jura-me que não indicarás a teu pai essa morada!

A rapariga voltou-se para ele com ar estupefacto.

— Eponina! Como sabe o senhor que me chamo Eponina?

— Prometes-me o que te disse?

Ela porém pareceu não ouvir.

— Que graça que tem! Chamar-me Eponina!

Mário pegou-lhe em ambos os braços.

— Mas — responde-me, — dá atenção ao que te digo: jura-me que não dirás a morada a teu pai!

— Meu pai? — disse ela. — Ah, sim, meu pai! Fique descansado. Está no segredo. E depois, importa-me cá meu pai!

— Mas tu não me prometes! — exclamou Mário.

— Largue-me! — disse ela, soltando uma gargalhada. — Sim, sim, prometo! Juro! Que me custa a mim isso? Não direi a morada a meu pai. Então, já viram? Não querem lá ver?

— Nem a pessoa nenhuma? — retorquiu Mário.

— A ninguém!

— Agora — tornou Mário — indica-me onde é.

— Já?

— Imediatamente.

— Vamos. Como está contente! — acrescentou ela.

A rapariga, depois de dar alguns passos, parou.

— O senhor vem muito ao pé de mim, senhor Mário. Deixe-me ir mais adiante e siga-me assim disfarçadamente. Um rapaz como o senhor não deve ir ao pé de uma mulher como eu.

Não há língua que pudesse exprimir quanto havia nesta palavra mulher, pronunciada assim por uma criança!

Deu mais uns dez passos e tornou a parar; Mário chegou-se a ela, Eponina dirigiu-lhe a palavra, de lado, e sem se voltar para ele.

— É verdade; o senhor sabe que me prometeu alguma coisa?

Mário meteu a mão no bolso. Não possuía neste mundo senão os cinquenta francos destinados a Thenardier. Pegou neles e meteu-os na mão de Eponina.

A rapariga abriu os dedos, deixou cair o dinheiro no chão e disse, encarando-o com ar sombrio:

— Eu não quero o seu dinheiro!

LIVRO TERCEIRO — A CASA DA RUA PLUMET

I — A casa misteriosa

Por meados do século passado, desejando um presidente do parlamento de Paris ocultar, o mais que pudesse, uma mulher com quem tinha relações amorosas, mandou construir «uma casinha» na deserta rua de Blomet, no bairro de S. Germano, hoje chamada Plumet, nas vizinhanças do local que então se denominava *Combate dos Animais.* Nessa época, o mesmo empenho que os grandes senhores punham em ostentar os seus amores, punham-no os burgueses em ocultar os seus.

Constava a casa *a* que aludimos de um único andar, em frente do qual se estendia um vasto jardim, fechado por um largo portão de ferro, que abria para a rua. Abrangia o jardim uma superfície de cem varas quadradas, pouco mais ou menos. Quanto ao interior da casa compunha-se de duas salas e uma cozinha no rés-do-chão, de dois quartos no andar nobre, além de um outro de vestir, e de um sótão entre o telhado e o andar nobre. Afora, porém, o que estava patente às vistas de quem passava, havia ainda um pátio estreito, sobre o qual deitavam as traseiras do edifício, fechado no fundo por uma casa térrea, composta de duas saletas. Esta segunda casa, que dir-se-ia destinada a esconder das vistas da curiosidade um filho e uma ama, comunicava pela parte posterior, por meio de uma porta cuidadosamente disfarçada, com um estreito, comprido e tortuoso beco, embetesgado entre duas paredes de elevada altura, que, depois de costear por espaço de quase um quarto de légua todas as sinuosidades e meandros dos muros dos jardins, por onde quase seguia desapercebido, ia terminar a outra porta secreta, como a antecedente, num sítio ermo da extremidade da rua de Babilónia. Ambas estas portas tinham fechaduras de segredo.

Assim se introduziu o digno presidente no seu Éden de amor, sem que, ainda dado o caso que algum curioso, fazendo reparo nas suas diárias e misteriosas saídas, o espreitasse, pudesse, de longe ao menos, suspeitar que as suas frequentes visitas tinham por alvo, não uma casa da rua de Babilónia, como parecia, mas outra, e muito distante, na rua de Blomet. Para chegar a este resultado fora o engenhoso magistrado comprando astutamente todos os terrenos circunjacentes, até que, afinal, senhor indisputável deles, levou a cabo a sua empresa de viação secreta no que era legitimamente seu, e, por conseguinte, sem embaraço. Com o andar do tempo, viera a vender em diminutas parcelas, para hortas e jardins, os tratos de terreno contíguos ao beco de um e outro lado, sem que aqueles a quem ele trespassou o domínio de tais terrenos sequer suspeitassem a existência daquele extenso viaduto,

serpenteando misteriosamente por entre duas paredes, cobertas de plantas parasitas, que eles supunham ser um muro divisório entre quintal e quintal. Apenas os pássaros viam aquela curiosidade, e não pouco, segundo é de supor, dariam à língua à custa do digno presidente os melharucos e as toutinegras desse tempo, empoleiradas nas árvores em redor.

Era muito para se ver o aspecto daquela casinha construída de cantaria no gosto de Mansard, estucada e mobilada no gosto de Watteau, aconchegada por dentro, alindada por fora, e como que donairosamente desabrochando de entre uma tríplice cercadura de flores, que lhe formavam um como pedestal de cores variegadas. Como que respirava um ar de mistério, de garridice e gravidade, que perfeitamente condizia com um capricho de amor de um magistrado.

Há quinze anos, ainda ali se via a casa e o beco de que tratamos, e que hoje já não existem. Comprara-a em 1793 um caldeireiro com o intuito de a demolir, porém como não pudesse pagar o preço da venda, confiscaram-lhe os bens, e veio assim a acontecer que, em vez da casa, foi ele o demolido e ela a demolidora. Desde então conservou-se desabitada e pouco a pouco se foi arruinando, como acontece a todas, logo que a presença do homem deixa de lhes comunicar vida e animação. Continha ainda a casa os primitivos móveis, e, apesar de estar longo tempo devoluta, nunca apareceu comprador ou arrendatário que a pretendesse. Assim o indicava o já amarelado e ilegível escrito que desde 1810 se balouçava preso ao portão do jardim, servindo de aviso às dez ou doze pessoas que anualmente transitavam pela rua Plumet.

Pouco antes do fim da restauração, notou-se o desaparecimento do escrito e ainda outra circunstância, que parecia indicar que a casa encontrara, enfim, moradores: viam-se abertas as janelas do andar nobre. Efectivamente, alguém habitava a casa, e era mulher, como o indicavam as «cortininhas» que pendiam das janelas.

Em Outubro de 1829, um sujeito, que já se não podia chamar novo, apresentava-se a alugar a casa conforme estava, incluindo, já se vê, a casa térrea situada nas traseiras da outra e o beco que ia sair à rua de Babilónia.

Como a casa estivesse quase mobilada com os móveis do seu primeiro possuidor, limitou-se o novo inquilino a mandar proceder a alguns arranjos, restaurando o que precisava de reparos e em sítios acrescentando o que faltava. Mandou ladrilhar o pátio das traseiras, em parte danificado, rebocar os telhados, compor a escada, a que faltavam alguns degraus, consertar o soalho, em sítios esburacados, e colocar vidros nas Vidraças, do que muitas careciam.

O seu primeiro cuidado, porém, fora restaurar as duas fechaduras de

segredo, que o presidente havia mandado pôr nas duas portas do princípio e do fim do beco.

Finalmente, concluída as necessárias reparações, nela foi estabelecer-se, acompanhado de uma menina e de uma criada velha, sem a costumada azáfama que habitualmente acompanha uma mudança e mais como quem entra sorrateiramente do que quem toma posse do que é seu. Farto tema daria tal circunstância às conversas dos vizinhos, se, pela simples razão de os não haver, não tivesse passado inteiramente despercebida.

O novo inquilino, de cuja mudança ninguém se ocupou, era nem mais nem menos do que Jean Valjean e a jovem que o acompanhara, Cosette. A criada, que se chamava Toussaint, era uma pobre criatura, a quem ele salvara da miséria e do hospital, quase último paradeiro das infelizes como ela. Era velha, provinciana e gagá, três qualidades que poderosamente influíram, em Jean Valjean para a tomar ao seu serviço. Jean Valjean, que o leitor reconheceu, sem gastar nisso tanto tempo como Thenardier, não alugara a casa em seu nome, como é bem de supor, mas sim sob o nome de Fauchelevent e a inculcada qualidade de rendeiro.

Que se tinha passado que obrigara Jean Valjean a sair do convento de Petit-Picpus?

Não se passara nada.

Se bem se recordam os leitores, Jean Valjean vivia feliz no convento, e tão feliz, que o mesmo excesso de satisfação entrou a perturbar-lhe a consciência. Ver Cosette todos os dias; sentir nascer-lhe e desenvolver-se-lhe cada vez mais o verdadeiro afecto paternal; segui-la em espírito para toda a parte, como sua que era, e tão sua, que poder nenhum da terra lha poderia arrebatar; cevar-se na grata ideia de que este estado de coisas duraria indefinidamente, que nunca teria termo e que ela, suavemente atraída todos os dias para o estado religioso, viria, por último, a professar, tornando-se então o convento, onde ele se ia fazendo velho e ela mulher, o Universo para ambos, como já era, sem que, esperança mais que todas fagueira, jamais viessem a separar-se, senão pela morte; tudo isto o trazia constantemente enlevado em deleitosos pensamentos.

Reflectindo mais, porém, sobre o motivo das suas alegrias, principiou a sentir-se perplexo. Entrou a dúvida com ele e resolveu interrogar-se. Perguntou então à consciência se a ventura que gozava na realidade lhe pertencia ou se não era a ventura alheia, a ventura daquela pobre criança, que ele, um velho, indevidamente se estava apropriando; se isto não era um roubo. E a voz da consciência, interrogada, respondia-lhe que aquela criança tinha direito a saber o que era a vida, antes de a ela renunciar; que cercear-

lhe de antemão e de algum modo sem seu consentimento, todos os prazeres que se podem usufruir no mundo, sob pretexto de lhe evitar todas as provações que nele se experimentam, abusar da ignorância e do isolamento em que ela vivia para lhe fazer germinar uma vocação fictícia, era adulterar uma criatura humana e mentir a Deus. E quem podia afiançar que ela, chegada a idade de perfeitamente discernir tudo, vendo-se constrangida a um estado que lhe repugnasse, o não odiaria? Final pensamento, quase egoísta e menos nobre do que os outros, mas que Jean Valjean não podia suportar. Resolveu deixar o convento. Resolução, conquanto para ele em extremo dolorosa, necessária e prescrita pelo dever. Objecções da sua parte não as tinha que opor. Cinco anos de residência entre aquelas quatro paredes, necessariamente deviam ter destruído ou dispersado qualquer motivo de receio. Velho e tão mudado, podia voltar ao mundo sem receio, que ninguém aí o conheceria. Quem o havia de conhecer? Mas, ainda quando tal caso, tão pouco provável, se desse, o perigo que daí podia sobrevir só recairia sobre ele, e, por consequência, não tinha direito a condenar Cosette ao claustro, por a ele o terem condenado as galés. Demais, que importava o perigo, se o dever falava? E, finalmente, quem o embaraçava de proceder com prudência e tomar todas as medidas de precaução para sua segurança entre os homens?

Pelo que respeitava a Cosette, a sua educação estava quase terminada e completa.

Firme, pois, na sua resolução, esperou apenas por ensejo oportuno, que não tardou a oferecer-se-lhe com a morte do velho Fauchelevent.

Apenas este morreu, Jean Valjean solicitou uma audiência da religiosa e expôs-lhe o seguinte: Que havendo, por morte de seu irmão, ficado possuidor de alguns bens, que lhe davam com que poder passar modestamente sem trabalhar, estava resolvido a despedir-se do serviço do convento, levando consigo sua filha; porém que, como não era justo que Cosette, visto não professar, saísse daquela casa educada gratuitamente, humildemente suplicava à venerável prioresa permitisse que ele oferecesse à comunidade a quantia de cinco mil francos, como indemnização dos cinco anos que Cosette passara naquela casa.

Eis de que modo saiu Jean Valjean do convento da Adoração Perpétua.

Na ocasião da sua saída foi ele próprio o que transportou debaixo do braço aquela mala, cuja chave trazia sempre consigo, mala que tanto dava que pensar a Cosette, por causa do cheiro a cadáver embalsamado que dela saía.

Devemos acrescentar que essa mala, que ele não quis confiar a um carregador, mas levá-la ele próprio, nunca mais o largou desde então. Tinha-a sempre no quarto e era a primeira, senão às vezes a única coisa, que

transportava consigo em ocasiões de mudança. Cosette ria-se daquele afinco de Jean Valjean à mala, chamando-lhe «o indispensável de seu pai», e às vezes murmurava-lhe: «Ó meu pai, olhe que eu tenho ciúmes da sua mala!»

Como é de crer, Jean Valjean não pôde furtar-se a um sentimento de aflitiva ansiedade, ao ver-se respirando o ar livre.

Desejoso de encontrar um retiro seguro onde evitasse vistas curiosas e desagradáveis indagações, apenas descortinou a casa da rua Plumet, acolheu-se a ela, dando-se por feliz com tal achado.

Depois alugou mais duas vivendas dentro de Paris, sempre com o nome de Último Fauchelevent, que tinha adaptado, para deste modo não atrair tanto sobre si a atenção, como se residisse permanentemente no mesmo local; para, se lhe fosse necessário, poder ausentar-se temporariamente, ao mínimo rebate de perigo ou de receio, e, finalmente, para se não tornar a achar desprevenido, como na noite em que tão milagrosamente escapara das garras de Javert. Consistiam, pois, as duas outras vivendas de Jean Valjean em duas casas de pobre e mesquinha aparência, situadas em locais remotíssimos entre si, como eram a rua de Oeste e a do Homem Armado.

Deste modo, ia de tempos a tempos, passar um mês ou mês e meio ora para a rua do Homem Armado, ora para a de Oeste, fazendo-se acompanhar por Cosette e deixando Toussaint na outra casa, que tinha sido propriedade do presidente. Inculcava-se então como rendeiro dos arrabaldes da cidade, à qual apenas vinha passar algum tempo de folga. Assim se via constrangido aquele homem virtuoso a ter três domicílios em Paris para escapar à polícia.

II — Jean Valjean guarda nacional

A bem dizer, porém, a sua principal residência era na rua Plumet, onde vivia do modo que vamos explicar.

Cosette e a criada ocupavam a parte patente do edifício, isto é, o jardim, sobre o qual deitavam as janelas da frente, o espaçoso quarto de dormir com pinturas nas paredes, o quarto de frisos dourados e a sala do presidente, forrada de tapeçaria e mobilada com amplas cadeiras de braços. No quarto de dormir de Cosette mandara Jean Valjean pôr uma cama de cortinado de damasco antigo de três cores e alcatifar o chão com um belo tapete da Pérsia, comprado em segunda mão em casa da tia Gaucher, da rua da Figueira de S. Paulo, ajuntando a este traste usado, para disfarçar a severidade de tão faustosas velharias, todos os objectos próprios da alegre e graciosa vivenda de uma jovem, tais como uma jardineira, uma estante cheia de livros ricamente encadernados, uma escrivaninha, uma mesa e estojo de costura, com embutidos de madrepérola, jarro, bacia e os mais aprestos de lavatório, de porcelana do Japão. Das janelas do andar nobre pendiam compridas cortinas

de damasco vermelho, com lavores de cores diversas, semelhante ao do cortinado do leito. Nas do rés-do-chão a luz penetrava igualmente através de cortinas, que aqui eram de cassa. Na estação invernosa, em ambos os andares se acendia os fogões, tornando tépida *a* atmosfera das salas reservadas a Cosette.

Jean Valjean habitava a casa térrea, situada ao fim do pátio. Os seus móveis cifravam-se numa barra, com o respectivo enxergão, uma mesa de pinho, duas cadeiras de palhinha, um cântaro de barro com água, alguns livros velhos numa prateleira e a inseparável mala, arrumada a um canto. Lume nunca o quis no seu quarto. Às horas de jantar vinha comer com Cosette, porém, sobre a mesa, via-se sempre um bocado de pão de milho para ele. Quando tomara Toussaint ao seu serviço, dissera-lhe:

— Olhe que a menina é que é a dona da casa.

— E então o... se... se... senhor? — replicara, gaguejando com visos de admirada, a pobre mulher.

— Eu sou mais do que dono, sou pai!

Cosette, portanto, que no convento aprendera a governar uma casa, era quem corria com as despesas diárias, despesas em verdade pouco avultadas.

Desde essa época, Jean Valjean principiou a sair todos os dias com Cosette pelo braço, dirigindo sempre o seu passeio para a álea menos frequentada do Luxemburgo. Aos domingos, iam invariavelmente ouvir missa a S. Jacques de Haut-Pas, por ser um lugar remoto, e aí dava Jean Valjean largas ao seu generoso coração, distribuindo numerosas esmolas aos pobres, que se reuniam em roda dele à saída do templo que dera lugar àquela carta de Thenardier, dirigida ao «senhor benfeitor da igreja de S. Jacques do Haut-Pas». Além dos mendigos, tão numerosos naqueles sítios, socorria os enfermos e os indigentes a cujas moradas gostava de conduzir Cosette.

Na casa da rua Plumet não entrava um só estranho. Toussaint ia fazer as compras, e a água era o próprio Jean Valjean quem ia buscá-la a uma fonte que havia próxima do boulevard. O vinho e a lenha guardava-os numa espécie de concavidade meio subterrânea, forrada de conchinhas, que ficava próxima da rua da Babilónia e que noutro tempo servira de gruta ao senhor presidente, porque naquele tempo não havia amor sem gruta.

Nessa mesma porta havia uma destas conhecidas caixinhas de correio, que têm uma fenda lateral ou superior, por onde se deitam as cartas e os jornais. Acontecia, porém, que, como os três moradores da casa da rua Plumet nem recebiam cartas nem jornais, o préstimo da caixa, noutro tempo medianeira e confidente das açucaradas finezas do Narciso togado, limitava-se simplesmente à transmissão dos avisos do recebedor dos impostos e das

ordens do comandante da guarda. Pois cumpre notar que o rendeiro Fauchelevent pertencia à guarda nacional, não tendo podido escapar às estreitas malhas do recenseamento de 1831. Dessa feita, as informações municipais penetraram até ao convento do Petit-Picpus, espécie de nuvem impenetrável e sagrada, de dentro da qual, Jean Valjean saíra venerando aos olhos da administração do seu bairro, e, por conseguinte, digno de fazer parte da sua guarda.

Em virtude disto, pois, via-se Jean Valjean, três ou quatro vezes no ano, na necessidade de envergar o seu uniforme e fazer o seu quarto de guarda. Tal circunstância, porém, longe de o contrariar, aprazia-lhe, porque era um disfarce oficial que o punha em contacto com todos, deixando-o ao mesmo tempo solitário. Por isso, apesar de já ter completado a idade legal da isenção, que eram os sessenta anos, não tratava de se livrar do serviço, já porque não inculcava mais de cinquenta, já porque não estava para apresentar ao conde de Lobau certidões e documentos, com que teria de fundamentar o seu pedido de baixa. Não tinha estado civil, ocultava a sua identidade, o seu verdadeiro nome, a idade, tudo, enfim; e, além disto, como ainda agora acabamos de dizer, aprazia-lhe ser guarda nacional. A sua única ambição era parecer-se com todo e qualquer cidadão que pagasse as suas contribuições. Era um homem que tinha dois ideais anjo na virtude e burguês no cumprimento dos seus deveres de cidadão.

Uma circunstância, porém, devemos ainda notar. Quando Jean Valjean saía com Cosette, vestia-se de modo que lhe dava a aparência de um oficial reformado. Quando saía só, o que, de ordinário, só fazia à noite, levava sempre vestida uma blusa, umas calças de operário e um boné derrubado sobre os olhos. Seria por precaução ou humildade? Por ambas as coisas. Cosette, habituada ao lado enigmático do seu destino, mal dava pelas singularidades de seu pai. Quanto a Toussaint, a pobre mulher venerava-o e tudo o que ele fazia achava bem feito. Um dia, o cortador do talho onde ela ia a carne, disse-lhe, tendo lobrigado Jean Valjean:

— O seu amo é muito ratão!

— Um santo é o que ele é! — respondeu a boa mulher.

Nem Jean Valjean, nem Cosette, nem Toussaint, saíam ou entravam por outra porta que não fosse a que deitava para a rua de Babilónia. A não se dar o caso de serem avistados por entre as grades do jardim, difícil seria adivinhar que eles moravam na rua Plumet. A grade estava sempre fechada e o jardim deixara-o Jean Valjean inculto e presa das ervas para não atrair a atenção.

Nisto enganava-se talvez

III — «Foliis ac frondibus»

Assim, há mais de meio século, abandonado e descuidado, o jardim, em vez de defecar, fora-se tornando extraordinariamente belo. De modo que, quem há quarenta anos por ali passava, parava a contemplá-lo do meio da rua, mal imaginando os mistérios que por trás daquelas suas viçosas e floridas moitas se abrigavam. Não poucos abstractos sonhadores desse tempo, enlevados na formosura daquele recinto, penetraram com vistas e pensamentos indiscretos as grades do vetusto e enferrujado portão, mal seguro nas ombreiras, cobertas de musgo e coroado por um frontão de indecifráveis arabescos.

Por entre as grades via-se um banco de pedra a um canto, uma ou duas estátuas enegrecidas pelo tempo e alguns fragmentos soltos do gradeado de madeira, que recobrira a parede. Quanto ao mais, nem ruas nem murta; jazia tudo coberto de ervas daninhas, caso pasmoso para um mesquinho pedaço de terra Fora-se a arte e viera a natureza Os goivos, mormente, como que se pavoneavam num festim esplêndido. Não havia naquele jardim um só obstáculo que contrariasse o sagrado esforço das coisas para a vida; era um crescer desassombrado para cada planta, tendo por norte o instinto As árvores abateram-se a enlaçar os seus ramos com os estrepes dos cardos; os cardos treparam a emaranhar-se nas árvores; marinhara o arbusto, curvara-se a árvore; o que rastejava pelo chão fora abraçar o que se exalçava no ar e o que flutuava ao vento pendera-se para o que jazia entrelaçado entre o musgo; troncos, ramos, folhas, fibras, moitas, elos, sarmentos, espinhos, misturara-se, entrelaçara-se, casara-se, confundira-se tudo; celebrara-se e consumara-se naquele recinto de trezentos pés quadrados, com aprazimento e sob as vistas do Criador, o sagrado mistério da fraternidade vegetal, símbolo da fraternidade humana, num estreito e duradouro amplexo. Aquele jardim já não era um jardim; era um silvado colossal, quer dizer, uma coisa impenetrável como uma floresta, populosa como uma cidade, trémula como um ninho, sombria como uma catedral, olorosa como um ramo, solitária como uma campa, animada como uma multidão

Na Primavera, aquele enorme balseiro, livre entre as quatro paredes do seu recinto, principiava em anseios de cio, obedecendo à oculta influência da germinação universal, começava de estremecer ao Sol nascente, quase como o animal que aspira os eflúvios do amor cósmico e sente infiltrar-se-lhe e ferver-lhe nas veias a seiva de Abril; principiava de estremecer, dizíamos, e de semear, sacudindo ao vento a sua maravilhosa coma de verdura, pela terra húmida, sobre as estátuas desgastadas, sobre os degraus do arruinado pátio e até sobre as lajes da solitária rua, as flores em guisa de estrelas, o orvalho à maneira de pérolas, a fecundidade, a beleza, a vida, a alegria, os perfumes. A hora do meio-dia, quando mil brancas borboletas invadiam de roldão o

abandonado vergel, era um espectáculo divinamente belo a vista daquela neve animada do Estio, redemoinhando em flocos à sombra que procuravam refugidas. Então aquilo que os gorjeios de tantas vozes inocentes, que de entre as ridentes trevas daquela verdura se detinham em suave prática com a alma, esqueciam dizei, completava-o o zunido de tantas asas. Ao declinar do dia, elevava-se do jardim um vapor de pensamentos melancólicos, como que uma mortalha de neblina, uma tristeza de celeste serenidade, que o envolvia e cobria todo; derramava-se pelo ar como veneno delicado e subtil, que todos os pontos se exalava o olor embriagante das madressilvas e das trepadeiras; ouviam-se os últimos guinchos das fuinhas e das arvéloas, acoitando-se entre a espessidão da ramagem; sentia-se essa intimidade sagrada da ave com a árvore, intimidade nascida de que as asas de dia recreiam as folhas e à noite as folhas abrigam as asas.

Apenas sobrevinha o Inverno, tornava-se outro o verdejante silvado. Fazia-se negro, enchia-se de água e despedia o seu manto de verdura, eriçando-se de espinhos e deixando a casa então quase a descoberto. Em vez de flores nos ramos e orvalho nas flores, viam-se apenas os compridos fios prateados da baba dos caracóis sobre o espesso e frígido tapete das folhas amarelas. De qualquer maneira, porém, sob qualquer aspecto, em qualquer estação, na Primavera, como no Inverno, no Verão, como no Outono, aquele ermo recinto respirava a melancolia, a contemplação, a solidão, a liberdade, a ausência do homem, a presença de Deus; e a vetusta e enferrujada grade parecia estar dizendo: «Este jardim pertence-me.

Embora em circuito se estendesse um sem-número de ruas; embora a dois passos dali se elevassem os clássicos e esplêndidos palacetes da rua de Varenne, o zimbório dos Inválidos, o palácio das cortes; embora pelas vizinhanças ruidosamente rodassem os faustosos trens da rua de Borgonha e da rua de S. Domingos, embora na próxima encruzilhada se cruzassem tumultuosos os ónibus amarelos, verdes, brancos e vermelhos, a rua Plumet era sempre um deserto; e bastara a morte dos antigos proprietários, a passagem de uma revolução, a ruína de sólidas fortunas, a ausência, o olvido, quarenta anos de desamparo e viuvez, para fazer voltar àquele privilegiado local os feitos, o verbasco branco, a cicuta, as silvas, as grandes plantas de folhas espalmadas e cor desmaiadas, os lagartos, os escaravelhos, toda a qualidade de inquietos e assustadiços insectos, para fazer brotar das entranhas da terra e reaparecer entre aquelas quatro paredes certa grandeza selvagem e feroz; e para que a natureza, finalmente, que desconcerta as mesquinhas disposições do homem e é sempre perfeita nas suas obras, ou seja na formiga ou na águia, viesse expandir-se num pobre e acanhado jardim parisiense, com

tanta rudeza e majestade como numa floresta virgem do Novo Mundo. Na natureza, com efeito, nada há pequeno. Sabem-no todos os que são susceptíveis da penetração profunda das suas maravilhas. Embora a filosofia nunca plenamente se satisfaça, quer no circunscrever das coisas, quer no limitar dos efeitos, a vista de todas estas decomposições de forças com a unidade por alvo, abisma a alma do homem contemplativo em êxtases sem fundo. É um trabalho universal para uma universal junção.

A álgebra aplica-se às nuvens; a irradiação do astro desabrocha as rosas; e ninguém que pense ousará afirmar que é inútil para as constelações o perfume do pilriteiro. Quem pode, pois, calcular o trajecto de uma molécula? Que dados temos para não acreditar que a criação dos mundos seja determinada pela queda de grãos de areia? Quem há aí que conheça os recíprocos fluxos e refluxos da pequenez infinita e da infinita grandeza, o ecoar das causas nos precipícios do ser e os degelos da criação? Por pequena que seja, não há coisa nenhuma indigna de atenção; o pequeno é grande e o grande é pequeno; tudo na necessidade se equilibra, embora o espírito se amedronte com tal visão Entre os seres e as coisas há relações prodigiosas; neste inexaurível conjunto, desde o sol até ao pulgão, não há motivo para desprezo, porque todos carecem de mútuo auxílio. A luz não derrama pelo espaço os perfumes terrestres sem saber o que deles faz; e a noite distribui a essência *estelar* pelas flores adormecidas. As aves que voam trazem todas o fio do infinito atado à perna. A germinação compõe-se do despontar de um meteoro e da picada da andorinha, que quebra o ovo com o bico, e dá origem simultânea ao nascimento de um verme e ao triunfo de Sócrates. Onde termina a alçada do telescópio, o microscópio principia a sua. Qual deles alcança mais? Escolhei. Uma mancha de bolor é uma plêiade de flores; uma nebulosa um formigueiro de estrelas. A mesma, senão mais, maravilhosa promiscuidade se dá a respeito das coisas da inteligência e dos factos da substância. De tal modo se misturam, combinam, desposam e multiplicam uns pelos outros os elementos e os princípios, que chegam a pôr o mundo material e o mundo moral em evidente contacto entre si. O fenómeno é um perpétuo redobramento sobre si mesmo. Nas vastas permutações cósmicas a vida universal vai e vem em quantidades desconhecidas, precipitando tudo no invisível mistério dos eflúvios, empregando tudo, sem perder o sonho de um só sono, semeando aqui um animálculo, migando um astro além, oscilando e serpejando, convertendo a luz em força e o pensamento em elemento, disseminada e indivisível, dissolvendo tudo, menos o ponto geométrico do eu; reduzindo tudo à alma átomo, desabrochando tudo em Deus; encadeando todas as actividades, desde a mais elevada até à mais baixa, na escuridão de

um mecanismo vertiginoso; prendendo o voo do insecto com o movimento da terra; subordinando, talvez, embora apenas pela identidade da lei, a evolução do cometa no firmamento, ao redemoinhar do infusório na gota de água.

Máquina toda espírito. Aparelho colossal, de que é primeiro motor o mosquito e última roda o Zodíaco.

IV — Mudança de grade

Parecia que aquele jardim, criado noutro tempo para esconderijo de mistérios libertinos, se transformara e tornara próprio para asilo de castos mistérios. Já não tinha grutas, nem caramanchéis, nem alegretes de murta, mas tinha uma magnífica coma de escuridão, caindo-lhe a modo de véu, por todos os lados. Era Paphos transformado em Éden. Era um retiro como que arrependido da insalubridade; uma ramalheteira, oferecendo actualmente as suas flores à alma; um jardim garrido, emendado dos seus antigos desmanchos e novamente belo de virgindade e pudor. O presidente amoldara-o para a galantaria, porém ela o contornara e alindara; a natureza apoderou-se dele e encheu-o de sombra, dispondo-o para o amor. De modo que a natureza destruiu a obra do presidente e do seu jardineiro, dois pobres homens, um dos quais julgara que continuava Lamoignon, e o outro Le Nôtre.

A natureza preparara aquela solidão para o amor e o amor um coração para aquela solidão. E, efectivamente, só lhe faltava ao amor tomar posse daquele templo composto de verdura, de erva, de musgo, de suspiros de aves, de voluptuosas trevas, de ramos agitados, e de uma alma toda doçura, fé, candura, esperança, aspiração e ilusão.

Cosette saíra do convento quase ainda criança. Agora ia passando dos catorze anos e, por conseguinte, estava na idade «crítica». Excepto os olhos, a jovem parecia ser mais feia do que bonita. Não porque as suas feições fossem desgraciosas, mas pela sua excessiva magreza, pelo seu desaire, pelo seu ar tímido e ao mesmo tempo despejado, pela sua excessiva altura, pouco em relação com os seus anos.

Cosette recebera no convento uma educação completa, quer dizer, fora instruída na religião e até, ou antes, principalmente, na devoção; depois aprendera «história», isto é, aquilo a que no convento dão este nome; geografia e gramática; ensinaram-lhe os particípios, os reis de França, um bocado de música, um bocado de desenho, etc., mas quanto ao mais ignorava tudo, o que, na verdade, é um encanto, mas que pode também ser um perigo. É bom que a alma de uma jovem não fique, por assim dizer, às escuras, para que por tempo não venham a parecer-lhe demasiado vivas e inesperadas as miragens que nela, como numa câmara escura, se lhe reflectirem. Cumpre, porém, verter-lhe nela apenas o reflexo das realidades, discretamente

regulado, e não a luz directa em toda a sua intensidade. Uma meia luz útil e graciosamente austera, que dissipe os medos pueris e obste às quedas. Só o instinto maternal, maravilhosa intuição que se compõe das recordações da virgem e da experiência da mulher, sabe como e de que deve ser formada essa meia luz. Não há nada que supra tal instinto. Nem todas as religiosas do mundo reunidas valem o que vale uma mãe para formar a alma de uma jovem. Ora, Cosette só conhecera madres e não mãe.

Quanto a Jean Valjean, não obstante ser a mais desvelada e afectuosa criatura, não passava de um pobre velho, que nada sabia; e nesta obra da educação, neste grave negócio da preparação de uma mulher para a vida, é que se torna necessário uma grande ciência para lutar contra essa grande ignorância chamada inocência.

Não há coisa que mais predisponha uma jovem para as paixões do que o convento. O coração principia a ansiar o que não conhece, até que, não achando respiráculo por onde se dilate, a si mesmo se cava e em si mesmo se entranha. Então se formam as visões, as suposições, as conjecturas; daí um esboçar de romances, um desejar aventuras, um construir fantasias, um levantar edifícios no meio da íntima escuridão do espírito; mansões misteriosas, onde as paixões vêm acoitar-se, apenas a saída da grade lhes permite a entrada. O convento é uma compressão, que para triunfar do coração humano necessita durar toda a vida.

Cosette, pois, não podia encontrar, na sua saída do convento, morada mais aprazível e mais perigosa do que a casa da rua Plumet. Era uma continuação de solidão junta a um princípio de liberdade; um jardim fechado, mas uma natureza voluptuosa, opulenta, olorosa de acres perfumes; os mesmos sonhos do convento, mas já entremeados de uma visão de rapazes; uma grade, finalmente, mas uma grade que deitava para a rua.

Entretanto, repetimo-lo, Cosette era uma simples criança quando transpôs o limiar daquela casa e Jean Valjean lhe disse, fazendo-lhe completa cessão do jardim inculto:

— Aí o tens à tua inteira disposição para fazeres o que quiseres.

Desde então, o jardim tornou-se o teatro dos infantis brinquedos da jovem, que se ia à cata de «bichinhos», revolvendo cada moita, cada pedra que encontrava, rindo e brincando, enquanto não era chegada a hora das vagas cogitações; divagando por aquele jardim à procura dos insectos, sorrateiramente escondidos entre as ervas, enquanto não principiava a divagar nele de olhos fitos nas estrelas suspensas dos ramos das árvores.

Além disto, amava de todo o coração o seu pai, isto é, Jean Valjean, com uma infantil paixão filial, que lhe fazia aprazível e desejada a companhia

daquele velho. Apesar dos seus infortúnios, Jean Valjean nunca cessara de entregar-se à leitura, noutro tempo sua ocupação habitual. De modo que não só falava bem, mas possuía a eloquência e a secreta riqueza de uma inteligência humilde, mais cheia de rectidão, que a si própria espontaneamente se cultivou. Ficara-lhe ainda um resto de aspereza, mas na quantidade necessária para contrabalançar a sua bondade; aquele homem era um espírito rude e um coração afectuoso. Nos passeios do Luxemburgo ele explicava minuciosamente todas as coisas, socorrendo-se do que tinha lido e não poucas vezes do que tinha sofrido. Ao mesmo tempo, porém, que ele falava, circunvagava a jovem a vista abstractamente.

O pensamento de Cosette contentava-se com aquele homem simples, do mesmo modo que aquele jardim selvagem lhe bastava aos olhos. Quando, após desordenada correria atrás das borboletas, chegava ao pé dele esbaforida, dizia-lhe:

— Ai, sempre dei uma corrida!

E ele respondia-lhe, beijando-a na fronte.

Cosette adorava o excelente homem. Não o largava um instante. Só onde estivesse Jean Valjean se sentia bem. Por isso, como Jean Valjean não se detinha nem no jardim nem na casa da frente, aprazia-lhe mais o pátio das traseiras do que o jardim com as suas flores; a saleta, apenas mobilada com algumas cadeiras de palhinha, do que a ampla sala, recamada de tapeçarias e pejada de estofadas poltronas. Jean Valjean dizia-lhe algumas vezes, sorrindo-se da felicidade de ser importunado:

— Deixa-me estar só um bocado! Porque não vais para o teu quarto?

Outras vezes dizia-lhe ela, nesse tom de quem ralha, tão gracioso entre filha e pai:

— No seu quarto estou sempre a tremer com frio! Porque não manda pôr aqui um tapete e arranjar um fogão?

— Olha, filha, há muita gente que vale mais do que eu e nem sequer tem um tecto que os abrigue!

— Então para que quer que no meu quarto esteja sempre o lume aceso e haja todas as demais comodidades?

— Porque tu és mulher e menina.

— Ora! Então os homens devem sofrer o frio e viver mal?

— Certos homens, filha.

— Pois olhe, tantas vezes hei-de para aqui vir, que o hei-de obrigar a acender o lume!

Outras vezes dizia-lhe:

— Ó meu pai, para que come desse pão, que é tão mau?

— Por isso mesmo, filha.

— Pois uma vez que come dele, também eu quero comer.

E Jean Valjean então comia pão de trigo para que Cosette não comesse pão negro.

Cosette apenas confusamente se recordava da sua infância, mas orava pela manhã e à noite por sua mãe, a quem não conhecera. Quanto aos Thenardier, lembravam-lhe como dois vultos medonhos através de um sonho. Recordava-se de que «certa noite» fora a um bosque buscar água, mas um bosque situado a muitas léguas de Paris, segundo ela supunha. Afigurava-se-lhe que no princípio da sua vida estivera num abismo, de onde Jean Valjean a viera tirar. Segundo as suas ideias, *a* infância dela fora certo tempo em que ela não via em roda de si senão centopeias, aranhas e cobras. Como não tinha uma ideia precisa de ser filha de Jean Valjean nem de Jean Valjean ser seu pai, imaginava, quando, à noite, antes de adormecer, se punha a pensar, que a alma de sua mãe transmigrara para aquele velho, para que deste modo estivesse sempre a seu lado.

Quando ele estava sentado, ela apoiava-lhe o rosto na alvejante cabeça e dizia consigo, deixando cair silenciosamente uma lágrima:

— Talvez este homem seja minha mãe!

Cosette, por mais que tal coisa pareça singular, na sua profunda ignorância de educanda num convento e apesar mesmo da maternidade ser toda ininteligível para a virgindade, acabara por imaginar que apenas tinha tido uma diminutíssima parcela da mãe, pois nem sequer lhe sabia o nome. Todas as vezes que o perguntava a Jean Valjean, ficava sem resposta. Se repetia a pergunta, respondia ele com um sorriso. Uma ocasião a jovem insistiu; o sorriso acabou por ser uma lágrima.

Este silêncio de Jean Valjean era como um véu lançado sobre Fantine.

Tal silêncio, porém, seria prudência? Seria respeito? Seria temor de entregar aquele nome aos acasos de outra memória sem ser a sua?

Enquanto Cosette fora criança, Jean Valjean gostava de lhe falar de sua mãe; apenas, porém, ela chegou a mais adiantada idade, tornou-se-lhe impossível tal coisa. Parecia-lhe que já não ousava. Seria por causa de Cosette? Seria por causa de Fantine? Jean Valjean sentia-se acometido de uma espécie de religioso terror com a ideia de fazer entrar aquela sombra no pensamento de Cosette e ir juntar a defunta no seu destino, dando-lhe parte nele. Quanto mais sagrada era para ele esta sombra, mais temerosa ela lhe parecia. Ao lembrar-se de Fantine, como que queria falar e não podia; afigurava-se-lhe ver por entre as trevas uma coisa semelhante a um dedo sobre uma boca. Acaso todo esse pudor que existira em Fantine e que em vida

lhe saíra violentamente teria voltado depois da sua morte a pousar sobre ela, a velar, indignado, sobre a paz daquela mulher morta, e guardá-la, feroz, no seu túmulo? Sofreria Jean Valjean, sem o saber, a sua pressão? Nós, que somos dos que crêem na morte, não rejeitaríamos esta misteriosa explicação. Eis de onde lhe provinha a impossibilidade de nem mesmo diante de Cosette pronunciar o nome de Fantine.

Um dia, Cosette disse-lhe:

— Ó meu pai, eu esta noite vi minha mãe em sonhos. Tinha umas asas muito grandes... É impossível que minha mãe em vida não fosse uma santa!

— Pelo martírio! — respondeu ele.

De resto, Jean Valjean vivia satisfeito.

Quando Cosette saía com ele, encostava-se-lhe ao braço, altiva, feliz, na plenitude do coração. A tais mostras de tão exclusiva afeição, de uma afeição que se satisfazia com ele só, Jean Valjean sentia arrobar-se-lhe o coração em delícias. O pobre homem estremecia inundado de uma angélica alegria, ao imaginar que isto duraria sempre, e convencido de que não tinha sofrido bastante para merecer de Deus tão fulgurante ventura, dava-lhe graças do íntimo da alma, por permitir que um miserável, como ele, fosse assim amado por aquela inocente criatura.

V — A rosa descobre que é uma máquina de guerra

Cosette mirou-se um dia, por acaso, no seu espelho, e disse consigo:

— Ora esta!

Quase lhe parecia que era bonita. Esta descoberta causou-lhe singular perturbação.

Até àquele momento nunca tinha pensado no rosto.

Via-se ao espelho, mas não se mirava. E depois, tinham-lhe dito muitas vezes que era feia; só Jean Valjean dizia devagarinho: «Não é, não, não é!» Fosse como fosse, Cosette julgara-se sempre feia e crescera nesta ideia com a resignação fácil da infância. Mas eis que de repente o espelho lhe dizia como Jean Valjean:

— Não é, não é!

Naquela noite não dormiu.

— Se eu fosse bonita! —, pensou ela. — Como era engraçado que eu fosse bonita! — E recordava-se das suas companheiras, cuja beleza produzia efeito no convento e dizia: — O quê! Pois serei como a menina fulana!?

No dia seguinte tornou a mirar-se, mas não por acaso, e duvidou.

— Onde tinha eu o espírito! — disse ela. — Não sou feia. Tinha unicamente dormido mal e por isso estava descorada e com olheiras. — Não se sentira demasiadamente alegre na véspera por se julgar bonita, mas ficou triste por

já o não acreditar. Não tornou a mirar-se ao espelho, e durante mais de quinze dias, penteou-se sempre voltando-lhe as costas.

De tarde, depois de jantar, fazia habitualmente na sala algum bordado, ou qualquer outro trabalho, e Jean Valjean lia ao lado dela. Uma vez levantou os olhos do que estava fazendo e ficou surpreendida vendo o modo inquieto como seu pai estava olhando para ela.

Noutra ocasião, indo a passar por uma rua, afigurou-se-lhe ouvir dizer a alguém, que não pôde ver, por lhe ficar atrás:

— Bonita mulher! Mas muito mal arranjada!

— Ora, aquilo não é comigo Eu sou feia e não vou muito mal arranjada! — disse ela consigo.

Trazia nessa ocasião o seu chapéu de pelúcia e o vestido de merino.

Finalmente, estando um dia no jardim, ouviu dizer à velha Toussaint, dirigindo-se a seu pai:

— O senhor ainda não reparou como a menina se vai a pôr bonita!

Cosette não ouviu o que seu pai respondeu, porém as palavras de Toussaint causaram-lhe tal comoção que saiu do jardim, subiu ao seu quarto, correu ao espelho, a que havia três meses que se não tinha olhado e soltou um grito. A imagem que o espelho lhe reflectira deixara-a deslumbrada.

Estava bela e linda com efeito; não podia recusar o testemunho do seu espelho, testemunho coerente com a opinião de Toussaint. As suas formas haviam adquirido regularidade, a pele maior (brancura, os cabelos mais brilho, os olhos de um meigo azul, certo desconhecido fulgor, que até aí não tinham. Bastou um minuto para dar-lhe completa consciência da sua beleza. Fora um como clarão repentino. Era bela, já não podia deixar de o acreditar. Dizia-lho o espelho e antes do espelho outros o tinham notado. Primeiro o dissera Toussaint e aquele sujeito que ela supôs não ser dela que falava, mas era indubitável que fora. Cosette voltou ao jardim, orgulhosa, desvairada, louca, ouvindo transportada o gorjear dos pássaros saudando das árvores o bem-vindo sol de Inverno, parecendo-lhe ver reflexos dourados no céu e flores mais radiantes entre as moitas de arbustos silvestres que vegetavam no jardim.

Pelo contrário, Jean Valjean do seu lado sentia uma indefinível e profunda angústia.

É que havia algum tempo, com efeito, que ele contemplava aterrado o crescente desenvolvimento da beleza que se expandia no meigo rosto de Cosette. Aurora para todos risonha, só para ele lúgubre!

Cosette já era bela muito antes de dar por isso, porém aquela inesperada luz que vagarosamente despontava, inundando a pouco e pouco a jovem, logo

no primeiro dia ferira o penetrante olhar de Jean Valjean. Conheceu que era uma alteração numa existência venturosa, e tão venturosa que não ousava tocar-lhe, receoso de causar algum transtorno. Aquele homem que se vira nos mais angustiados transes, que ainda sangrava por todos os golpes do seu destino, que fora quase um celerado e viera a tornar-se quase um santo, que, depois de rojar a corrente de forçado, rojava actualmente a invisível, mas pesada cadeia da infâmia indefinida, aquele homem que ainda estava sob o domínio da justiça, podendo, portanto, a qualquer hora ser apanhado e ter de sair da obscuridade da sua virtude para ser exposto à claridade do opróbrio público, aquele homem aceitava tudo, tudo desculpava, perdoava, bendizia, e a tudo se sujeitava, e nada pedia senão que a providência, os homens, as leis, a sociedade, a natureza, o mundo, unicamente fizessem com que Cosette o amasse.

Com que Cosette continuasse a amá-lo! Com que Deus não estorvasse que o coração daquela inocente sentisse e para sempre abrigasse uma parcela de amor por ele! Ser amado por Cosette! Não pedia mais. Não queria outra ventura, outra recompensa, outra coroa, outro bálsamo, outro prémio! Se lhe dissessem:

— Queres estar melhor?

Ele responderia:

— Não!

Se Deus lhe dissesse:

— Queres vir para o céu?

Ele responderia:

— Perco na troca!

A mínima alteração, portanto, ainda que superficial, nesta situação, fazia-o estremecer como se fora um prelúdio de graves acontecimentos. Jean Valjean nunca soube bem o que era a beleza de uma mulher, mas instintivamente parecia-lhe que era uma coisa temerosa.

Contemplava apavorado, do fundo da sua fealdade, da sua velhice, miséria, reprovação e desalento, aquela beleza que junto dele, a sua vista, se expandia cada vez mais triunfante e soberba na ingénua e temível fronte daquela criança e dizia consigo:

— Tão bela! Que será de mim agora!?

Era esta, porém, a única diferença entre o seu amor e o amor de uma mãe: ver com angústia o que uma mãe gostosamente veria.

Não tardaram a manifestar-se os primeiros sintomas.

Desde o dia seguinte àquele em que a jovem dissera consigo: «Realmente eu sou bonita!», principiou Cosette a esmerasse no vestuário, lembrando-lhe o

que uma ocasião tinham dito dela: «Bonita, mas muito mal arranjada!» Sopro de oráculo que passara por ela e se desvanecera, depois de lhe depor no coração um dos dois gérmenes, que com o tempo vem a ocupar completamente a vida da mulher o desejo de agradar. O outro gérmen é o amor.

Apenas se capacitou da sua beleza, entrou de se lhe desenvolver com toda a força o espírito feminino. Teve horror do merino e vergonha do chapéu. Logo daí ficou sabendo completamente a ciência do chapéu, do vestido, do mantelete, da botinha, dos punhos, da fazenda mais própria, da cor que melhor diz, essa ciência que torna a mulher parisiense uma coisa indizivelmente bela, profunda e perigosa. A nenhuma como a ela cabe o epíteto de «mulher que dá volta ao juízo».

A pequena Cosette, a quem seu pai não recusava coisa nenhuma, em menos de um mês, tornou-se naquela tebaida da rua de Babilónia não só uma das mulheres mais bonitas de Paris, o que já é alguma coisa, mas uma das que vestiam com mais gosto, o que mais é. O seu desejo era tornar a encontrar o que uma vez a achara mal arranjada, para «o ensinar», e ver o que ele diria.

O caso é que a jovem tornara-se arrebatadora e discriminava perfeitamente um chapéu de Gerard de outro de Herbaut.

Jean Valjean seguia ansiosamente o andamento destas devastações. Via nascer asas a Cosette, ele que conhecia que só podia andar de rojo, ou, quando muito, caminhar direito.

De resto, a qualquer mulher bastara a simples inspecção do vestuário de Cosette para conhecer que a jovem não tinha mãe. Notava-se-lhe a falta de certas pequenas conveniências no trajar, de certas convenções especiais, que ela não observava. Se tivesse mãe, dir-lhe-ia esta, por exemplo, que o damasco não é próprio para uma jovem.

No primeiro dia que Cosette saiu com o seu vestido, o seu mantelete de damasco preto e o seu chapelinho de crepe branco, disse para Jean Valjean, travando-lhe do braço, com semblante risonho, olhar radiante e o coração ébrio de prazer:

— Ó pai, que tal lhe pareço assim?

— Muito linda! — respondeu ele com voz que parecia a voz amarga de um invejoso.

Durante o passeio, Jean Valjean portou-se como de costume, porém de regresso para casa perguntou a Cosette:

— Então tu fazes tenção de não tornar a usar aquele vestido e o chapéu?

Como esta cena se passava no quarto da jovem, esta voltou-se para o cabide do guarda-vestidos de que pendia o seu trajo de recolhida e disse:

— Ora, aquele vestido de máscara! Que quer meu pai que eu faça dele? Não, semelhante coisa ao meu corpo é que não torna! Parecia mesmo a senhora Chienfou com aquela avantesma na cabeça!

Jean Valjean respondeu dando um profundo suspiro.

Desde então ele principiou a notar que Cosette, que dantes preferia sempre ficar com ele em casa, agora preferia sempre sair. E, na verdade, de que serve a qualquer mulher ser bonita e trajar esmeradamente, se não para se mostrar?

Jean Valjean notou também que Cosette já não frequentava tanto o pátio interior. Actualmente, preferia ir para o jardim, não desgostando de passear por diante da grade. Jean Valjean, misantropo, não punha nunca os pés no jardim. Permanecia no seu pátio, como o cão.

Apenas Cosette soube que era bela, perdeu a graça de o ignorar, graça extrema, pois a beleza realçada pela ingenuidade é inefável, e não há coisa mais adorável do que uma inocente formosa caminhando com a chave de um paraíso na mão, sem o saber. O que perdeu, porém, em graça ingénua, ganhou-o no encanto da seriedade e do aspecto melancólico. Resultava daquela combinação de inocência, juventude e beleza uma melancolia esplêndida, que se lhe derramava por toda ela.

Foi por essa ocasião que Mário a tornou a ver no Luxemburgo, após seis meses de ausência.

VI — Princípio da batalha

Cosette vivia na sua sombra, como Mário no meio da sua, prestes a incendiar-se à primeira faísca soprada.

O destino, com a sua misteriosa e fatal paciência, aproximava uma da outra aquelas duas criaturas languidamente saturadas das tempestuosas electricidades da paixão, aquelas duas almas que abrigavam o amor, como as nuvens escondem em si o raio, e que haviam de vir a encontrar-se e confundir-se num olhar, como as nuvens num relâmpago.

Tem sido tão frequente o abuso do olhar nos romances de amor, que se acha hoje desconsiderado. Mal se ousa dizer, actualmente, que tal ou tal amor nasceu de um olhar que entre si trocaram dois entes E, todavia, é assim e só assim que nasce o amor. O resto é o resto e só mais tarde vem. Nada há mais real que grandes choques entre duas almas, originados pela combinação daquela faísca. No mesmo momento em que Cosette, sem o saber, lançou a perturbação na alma de Mário com um simples olhar, mal supunha o rapaz que também o seu olhar a tinha perturbado.

A jovem sentiu o mesmo mal e o mesmo bem.

Havia muito tempo já que ela o via e examinava, como costumam examinar

e ver as jovens, olhando para outra coisa. Ainda Mário achava Cosette feia, já ela o achava interessante. Mas como ele não reparava nela, tornara-se-lhe indiferente.

Não obstante isto, porém, no recôndito do seu pensamento, ela confessava que aquele rapaz tinha uns lindos cabelos, uns lindos olhos, uns belos dentes, um gracioso tom de voz, quando o ouvia a conversar com os seus companheiros, que não tinha bonito modo de andar, é verdade, mas que tinha nisso, todavia, uma graça particular, que parecia rapaz esperto, que o seu todo respirava um conjunto de nobreza, afabilidade, simplicidade e altivez, e, finalmente, que inculcava ser pobre, mas que tinha maneiras distintas.

No primeiro dia em que os olhos de ambos se encontraram, dizendo-se repentinamente essas obscuras e inefáveis coisas que o primeiro olhar balbucia, Cosette não compreendeu imediatamente. Recolheu-se pensativa à casa da rua de Oeste, onde Jean Valjean, segundo o seu costume, tinha vindo passar seis semanas. Ao outro dia, apenas acordou, lembrou-se do rapaz desconhecido, que, após tanto tempo de indiferença e frieza, parecia actualmente, atentar nela, sem que tal circunstância, porém, lhe parecesse lisonjeira, antes sentindo certos assomos de cólera por causa do aturado desdém daquele desconhecido. Intimamente agitada por um sentimento de guerra, pareceu-lhe que ia, finalmente, vingar-se, e esta ideia causava-lhe certa alegria infantil.

A convicção da sua beleza dava-lhe um conhecimento mal distinto da arma que possuía, arma em que as mulheres se cortam quando brincam com a beleza, como as crianças quando brincam com uma faca.

Lembrados estarão os leitores das hesitações, das palpitações e terrores de Mário, não ousando largar o banco em que costumava ir sentar-se nem aproximar-se dos outros dois passeantes. Este proceder despeitava-a. Um dia ela disse a Jean Valjean:

— Meu pai, vamos passear um bocadinho para aquele lado.

Vendo que Mário a não procurava, procurou-o ela. Em caso análogo, todas as mulheres se parecem com Maomé. Demais, estranha coisa, o primeiro sintoma do amor verdadeiro num rapaz, é a timidez, numa rapariga a ousadia. Causa isto admiração e não há nada mais simples. São os dois sexos tendendo a aproximar-se e tomando as qualidades um do outro.

Nesse dia, o olhar de Cosette fez enlouquecer Mário e o olhar de Mário fez estremecer Cosette. Mário partiu dali com o coração cheio de confiança, Cosette com ele em anseios de inquietação. Desde esse dia adoraram-se.

A primeira coisa que Cosette sentiu foi uma confusa e profunda tristeza. Afigurou-se-lhe que de um dia para outro se lhe tinha coberto a alma de um

véu negro, a ponto de a desconhecer. À candidez da alma das jovens, mistura de frieza e alegria, parece-se com a neve. Derrete-se ao contacto do amor, que é o seu sol.

Cosette ignorava o que fosse amor. Até então nunca ouvira pronunciar esta palavra no sentido terreno. Nos livros de música profana, que entravam no convento, a palavra «amor» era substituída por «tambor» ou «rumor», o que dava lugar a enigmas que sobremodo preocupavam a imaginação das «grandes», tais como: «Ah, muito agradável é o tambor!» ou: «A compaixão não é um rumor». Cosette, porém, que saíra do convento demasiado jovem para se preocupar seriamente com a decifração do enigma encerrado na palavra «tambor», nem sabia que nome dar ao que actualmente sentia.

Acaso, porém, depende a gravidade da moléstia do saber-se ou ignorar-se o nome que se lhe deve dar? Cosette amava com a maior intensidade, por isso mesmo que amava ignorando o que sentia. Não sabia se o que experimentava era bom ou mau, útil ou perigoso, necessário ou mortal, eterno ou transitório, lícito ou proibido: amava. Não pouco a admiraria que alguém lhe dissesse: «A menina não dorme? Olhe que isso é proibido. A menina não come? Olhe que isso é mau. A menina sente opressões no peito e palpitações? Isso não se faz. A menina para que cora e empalidece, quando certa pessoa vestida de preto assoma ao princípio de certa álea verde? Olhe que isso é uma coisa muito feia». A jovem responderia sem entender: «Pois eu tenho culpa numa coisa a que não posso ser superior e que faço sem saber?» Acertou de ser o amor que se representava o que melhor convinha ao estado da alma da jovem. Era uma espécie de adoração longínqua, uma contemplação muda, a deificação de um desconhecido. Era a aparição da adolescência à adolescência, o sonho das noites, feito romance, mas ainda o sonho, o desejado fantasma enfim realizado e feito carne, porém ainda sem nome, sem senão, sem mancha, sem exigência, sem defeito; numa palavra, o amante longínquo, ainda nas regiões do ideal, uma quimera revestida de formas. Qualquer outro encontro mais palpável e próximo, naquela primeira ocasião, teria afugentado Cosette, ainda meio envolta na exageradora névoa do claustro. Dava-se nela uma combinação de todos os medos infantis e de todos os medos monacais. Evaporava-se dela ainda lentamente o espírito do convento, de que em cinco anos se saturara e ainda lhe fazia tremer tudo em roda. Nesta situação, portanto, não era um amante que lhe convinha nem ainda um namorado, era uma visão. Por isso o seu amor a Mário era como a adoração de um objecto belo, luminoso e impossível.

Sorria-lhe, e o seu sorriso parecia um requinte de galanteria, porque a galanteria e a ingenuidade são duas coisas que se tocam pelos seus extremos.

Esperava todos os dias com impaciência a hora do passeio, sentia-se indizivelmente feliz com a presença de Mário e julgava sinceramente exprimir todo o seu pensamento em dizer a Jean Valjean:

— Não há jardim mais bonito do que o Luxemburgo!

Mário e Cosette viviam como que no meio da escuridão, um para o outro. Não trocavam uma só palavra, não se saudavam, não se conheciam; viam-se; e, à semelhança dos astros no céu, que milhões de léguas separam, viviam de se olhar.

Eis como Cosette se ia pouco a pouco fazendo mulher e desenvolvendo, bela e enamorada, com a consciência da sua beleza e na ignorância do seu amor. E, além disto, inocentemente galanteadora.

VII — Para tristeza, tristeza e meia

Todas as situações têm os seus instintos. A velha e eterna mãe natureza advertia surdamente Jean Valjean da presença de Mário. Jean Valjean estremecia no mais escuro do seu pensamento. Jean Valjean não via nada e contudo considerava com teimosa atenção as trevas em que se achava, como se sentisse construir-se de um lado, e do outro desmoronar-se alguma coisa. Mário, advertido também, e, no que está a profunda lei de Deus, por essa mesma mãe natureza, fazia tudo quanto podia para se ocultar do «pai». Todavia, sucedia algumas vezes ser visto por Jean Valjean. As maneiras de Mário já não eram naturais. Tinha previdências desastradas e temeridades acanhadas. Não se aproximava tanto como dantes; sentava-se ao longe e permanecia em êxtase; tinha na mão um livro em que fingia ler; porque razão fingia? Dantes apresentava-se com o seu casaco velho, depois, passou a trazer todos os dias o novo; não tinha a certeza de que ele não frisava; tinha um olhar sonso e usava luvas; numa palavra, Jean Valjean odiava-o cordialmente.

Cosette não deixava adivinhar coisa alguma. Sem saber ao certo o que experimentava, tinha a consciência de que era alguma coisa que precisava ocultar.

Havia entre o gosto de vestir bem, que se patenteava em Cosette, e o hábito do fato novo que aparecera no desconhecido, um paralelismo importuno para Jean Valjean. Era um acaso talvez, sem dúvida, com toda a certeza, mas um acaso ameaçador.

Nunca dirigira a Cosette a mais insignificante palavra acerca do desconhecido. Contudo, um dia não pôde conter-se, e com o vago desespero que lança inopinadamente a sonda na sua infelicidade, disse-lhe:

— Tem um todo bem pedante aquele rapaz!

Cosette, um ano antes, menina indiferente, teria respondido:

— Pelo contrário, acho-o encantador!

Dez anos mais tarde, com o amor de Mário no coração, responderia: «Tem razão!» No momento da vida e do coração em que se achava, limitou-se a responder com suprema tranquilidade:

— Ah! Aquele rapaz!

Como se o visse pela primeira vez.

— Que estúpido sou! — pensava Jean Valjean. — Ainda não tinha reparado nele. Fui eu que lho mostrei!

Ó simplicidade dos velhos! Profundidade das crianças!

É ainda uma lei desses primeiros anos de sofrimentos e cuidados, dessas lutas do primeiro amor contra os primeiros obstáculos: a jovem não se deixou cair no menor laço, o rapaz caiu em todos; Jean Valjean começara contra Mário uma surda guerra, que este com a cegueira sublime da paixão e da idade, não adivinhou. Jean Valjean preparou-lhe uma série de ciladas, trocou as horas, mudou de banco, deixou ficar sobre ele o lenço de assoar, e foi só ao Luxemburgo; Mário caiu, cego, em todas estas armadilhas; e a todos estes pontos de interrogação, que Jean Valjean lhe plantava no caminho, respondia ele ingenuamente, sim. Entretanto, Cosette permanecia murada na sua aparente indiferença e na sua imperturbável tranquilidade, de tal modo que Jean Valjean chegou a esta conclusão:

— Este papalvo está loucamente apaixonado por Cosette, que nem ao menos sabe que ele existe.

Mas nem por isso deixava de sentir no coração doloroso estremecimento. O minuto em que Cosette amaria, podia soar de um instante para o outro Não começa tudo pela indiferença?

Uma única vez, Cosette cometera uma falta que o assustara. Erguendo-se do banco, onde estivera sentado três horas, para se retirar, disse-lhe ela:

— Já!

Jean Valjean não tinha interrompido os seus passeios ao Luxemburgo, não querendo fazer coisa alguma de singular, e sobretudo, receando despertar a atenção de Cosette; mas durante essas horas tão doces para os dois namorados, enquanto Cosette enviava o seu sorriso a Mário embriagado, que não reparava em mais coisa alguma, que não via no mundo senão um radiante rosto adorado, fitava-o Jean Valjean com os olhos flamejantes e terríveis. Ele que acabara por se não julgar capaz de um sentimento malévolo, tinha ali momentos em que, quando Mário estava presente, julgava voltar a ser selvagem e feroz e sentia reabrirem-se e agitarem contra o jovem aquelas velhas profundidades da sua alma, onde noutro tempo houvera tanta cólera.

Quase lhe parecia que se tornavam a formar nele desconhecidas crateras. «O quê! Pois estava ali, aquele ente! O que vinha ele fazer? Vinha voltear,

farejar, examinar, tentar? Vinha dizer: Porque não? Vinha girar em torno da sua felicidade, para lhe lançar a mão e arrebatar-lha!»

Jean Valjean acrescentava:

— Sim, é isto mesmo! O que vem ele procurar? Uma aventura. O que quer ele? Alguns namoricos! E eu! Pois terei sido primeiro o mais miserável e depois o mais desgraçado dos homens, terei passado sessenta anos da vida sobre os joelhos, terei sofrido quanto é possível sofrer, envelhecido sem ter tido mocidade, terei vivido sem família, sem parentes, sem amigos, sem mulher, sem filhos, terei deixado tintas com o meu sangue todas as pedras, todos os espinhos, todos os marcos, todos os muros, terei sido brando apesar de serem ásperos comigo, bom conquanto fossem maus, ter-me-ei arrependido do mal que fiz e perdoado o mal que me fizeram, e no momento em que sou recompensado, quando está tudo terminado, quanto toco o termo, quando tenho o que quero, porque o paguei, porque o ganhei, tudo se desvanecerá, e eu perderei Cosette e perderei a minha vida, a minha alma porque um grande asno se lembrou de vir passear ao Luxemburgo!

Então as pálpebras enchiam-se-lhe de uma claridade lúgubre e extraordinária. Já não era um homem olhando para outro; não era um inimigo que mede o inimigo. Era um cão de fila encarando o ladrão.

O resto é sabido. Mário continuou a ser insensato. Um dia seguiu Cosette até à rua de Oeste. Noutro dia falou ao porteiro. O porteiro falou também e disse a Jean Valjean:

— Sabe quem seja um rapaz curioso que perguntou pelo senhor?

No dia seguinte, Jean Valjean lançou a Mário aquela olhadela, que ele não pôde deixar de notar. Passados oito dias tinha Jean Valjean mudado de domicílio, voltando à sua casa da rua Plumet e prometendo a si mesmo que não tornaria a pôr os pés no Luxemburgo, nem na rua de Oeste.

Cosette não se lastimou, não disse coisa alguma, não fez perguntas, não diligenciou saber nenhum porquê; chegara já ao período em que temia trair-se. Jean Valjean não tinha a mínima experiência destas misérias, as únicas que são encantadoras e que ele não conhecia; isto fez com que não compreendesse a grave significação do silêncio de Cosette. O que notou unicamente foi que ela se tornara triste, e por isso tornou-se sombrio. Era de ambos os lados a experiência em acção

Uma ocasião fez ele uma experiência. Perguntou a Cosette:

— Queres ir ao Luxemburgo?

O rosto pálido de Cosette iluminou-se com um raio de alegria

— Quero — disse ela.

Foram Tinham passado três meses. Mário já ali não ia. Não estava lá.

No dia seguinte, Jean Valjean tornou a perguntar a Cosette:

— Queres ir ao Luxemburgo?

Então respondeu ela suave e tristemente:

— Não!

Jean Valjean sentiu-se magoado por aquela tristeza, e angustiado por aquela doçura.

O que era que ocorria naquele espírito tão novel e já tão impenetrável? O que era que estava ali a ponto de se consumar? O que era que estava sucedendo à alma de Cosette? Algumas vezes, em lugar de se deitar, Jean Valjean conservava-se sentado ao pé do seu leito, com a cabeça apoiada nas mãos, e passava noites inteiras a perguntar a si mesmo o que era que havia no pensamento de Cosette e a pensar nas coisas em que ela poderia pensar.

Em tais momentos, que vistas dolorosas voltava para o claustro, para aquele cume casto, lugar de anjos, inacessível geleira de virtude! Como ele contemplava com desesperado arrebatamento o jardim do convento cheio de flores ignoradas e de virgens encerradas, onde todos os perfumes e todas as almas sobem direitos para o céu! Como ele adorava aquele Éden fechado para sempre, de onde saíra voluntariamente, de onde loucamente se expulsara! Como lastimava a sua abnegação e demência de ter reconduzido Cosette para o mundo, pobre herói do sacrifício, aniquilado pela sua própria dedicação! Como ele dizia para consigo mesmo:

— O que fiz eu?!

No fim de tudo, nada disto era percebido por Cosette. Nem mau modo nem aspereza. Sempre o mesmo rosto sereno e bondoso. As maneiras de Jean Valjean eram mais ternas e paternais do que nunca. Se alguma coisa podia fazer adivinhar nele menos alegria, era a sua mansidão.

Cosette tornava-se pela sua parte cada vez mais triste. Sofria pela ausência de Mário, pelo mesmo modo que gozara com a sua presença, singularmente e sem o saber ao certo.

Quando Jean Valjean cessara de a conduzir aos passeios habituais, murmurara-lhe confusamente certo instinto feminino no fundo do coração, que não devia mais mostrar desejo de ir ao Luxemburgo, e que seu pai a tornaria a levar ali, se isso lhe fosse indiferente. Mas foram passando os dias, as semanas e os meses. Jean Valjean aceitara tacitamente o tácito sentimento de Cosette. Mostrou saudades. Era já tarde. No dia em que tornou a ir ao Luxemburgo já ali não viu Mário, desaparecera; estava tudo acabado. Que havia de fazer? Torná-lo-ia ela a encontrar? Cosette sentiu um aperto de coração, que coisa alguma minorava e que aumentava todos os dias; deixou de saber se estava no Inverno ou no Verão, se fazia sol ou se chovia, se os

passarinhos cantavam, se era o tempo das dálias ou das boninas do campo, se o Luxemburgo era mais encantador do que as Tulherias, se a roupa que a lavadeira trazia estava ou não bem lavada; se Toussaint comprava «bem ou mal»; e permanecia acabrunhada, absorta, atenta a um só pensamento, com o olhar vago e fito, como quando se olha na escuridão para o sítio negro e profundo onde se desvaneceu uma aparição.

Também não deixava que Jean Valjean percebesse nela coisa alguma além da sua palidez. Continuava a mostrar-lhe no rosto a expressão mais suave.

Aquela palidez era assaz suficiente para preocupar Jean Valjean. Algumas vezes ele perguntava-lhe:

— Que tens tu?

— Não tenho nada — respondia ela.

E após um momento de silêncio, como ela lhe adivinhasse também a tristeza, continuava:

— E o que tem o meu pai?

— Eu? Nada! dizia ele.

Assim, pois, aquelas duas criaturas noutro tempo

unidas pelos laços do mais tocante e exclusivo amor, que por tanto tempo tinham vivido em recíproca dedicação, sofriam agora juntos, um por causa do outro, sem que nenhum deles o dissesse, sem que se quisessem mal, sorrindo.

VIII — A cadeia

Apesar de tudo, o mais infeliz era Jean Valjean. A juventude tem sempre uma irradiação particular, ainda mesmo no meio dos seus sofrimentos.

Ocasiões havia em que Jean Valjean chegava a ser pueril nas suas angústias, condão particular da dor, que volve os homens à meninice. Ao ver que Cosette irremissivelmente lhe fugia, o seu desejo era lutar, segurá-la, entusiasmá-la por algum objecto brilhante que a demovesse, que a retivesse. Estas ideias, pueris e ao mesmo tempo senis, deram-lhe, por isso mesmo, uma noção quase exacta da influência da passamanaria sobre a imaginação das jovens. Um dia, vendo passar a cavalo por uma rua um general de grande uniforme, o conde Coutard, comandante de Paris, teve inveja daquele homem agaloado. No seu entender seria uma fortuna o poder vestir aquela farda reluzente, porque a vista dessa realidade brilhante deslumbraria Cosette e lhe tiraria a ideia de olhar para os rapazes, quando, ao passar por diante da grade das Tulherias com ela pelo braço, as sentinelas lhe apresentassem armas.

Um inesperado acontecimento veio fazer diversão a estes pensamentos de tristeza.

Isolados naquele ermo retiro da rua Plumet, Cosette e Jean Valjean tinham adoptado o hábito de ir ver nascer o Sol para algum lugar ameno espécie de

prazer sereno que agrada aos que apenas entram na vida e aos que vão saindo dela.

Passear de madrugada equivale para os amantes da solidão a passear de noite, com a vantagem de se gozar o risonho espectáculo que a natureza, a essa hora, apresenta. Não se encontra ninguém pelas ruas e goza-se do canto dos pássaros. Cosette, como eles, madrugava, sempre gostosamente disposta para estas excursões matutinas, aprazadas de véspera para a madrugada do dia seguinte. Ele propunha, ela aceitava, marcava-se a hora, saía-se ao amanhecer. Era uma espécie de conspiraçãozinha, ou, se preferem, uma dessas inocentes excentricidades com que *a* juventude se deleita, e em que Cosette achava um indizível prazer.

Para estes passeios, o lugar predilecto de Jean Valjean, que, como é sabido, dava sempre a preferência aos lugares pouco frequentados, aos lugares mais solitários e escusos, eram uns campos de mesquinho aspecto, que então havia nas proximidades das barreiras, logo à saída de Paris, e como que fazendo ainda parte da cidade. Eram uns campos tristes, no Verão cobertos de trigo enfezado, no Outono tão ermos de vegetação que dir-se-iam rapados e não ceifados Jean Valjean, porém, escolhia-os de preferência a qualquer outro lugar, e a Cosette não desagradava a escolha; para ele eram a solidão, para a jovem a liberdade. Cosette brincava, corria, tirava o chapéu, pousava-o nos joelhos de Jean Valjean, colhia raminhos e punha-se a espreitar as borboletas pousadas nas flores, sem lhes deitar a mão. Com o amor vêm os sentimentos benévolos. Não é pois de admirar que tenha compaixão da asa da borboleta a jovem intimamente agitada por um frágil ideal Cosette tecia grinaldas de papoilas, que punha na cabeça, e que, atravessadas e penetradas de Sol, purpureadas como lume, como que semelhavam uma coroa de brasas sobre o frescor daquele rosado rosto.

Estas excursões matutinas continuaram ainda depois que o viver de ambos principiou a ser agitado pela tristeza.

Numa manhã de Outubro, tentados pela amena serenidade do Outono de 1831, saíram e, ao romper do dia, achavam-se próximo da barreira do Maine. Ainda não era a aurora, era a alva, transição sombria, mas cheia de encantos. Algumas constelações num ou noutro ponto do azul vago e profundo, *a* terra toda negra, o céu todo branco, certo estremecimento nas ervas, e por toda a parte a misteriosa inquietação do crepúsculo. Uma cotovia que parecia envolvida com as estrelas, cantava numa altura prodigiosa; ter-se-ia dito que aquele hino da pequenez ao infinito, tranquilizava a imensidade. No oriente via-se Vénus, elevando-se fúlgida por trás da cúpula do Vale de Graça, que se destacava obscuramente num horizonte alvacento, e figurava uma alma a

evadir-se de um edifício tenebroso.

Era tudo paz e silêncio; nas ruas desertas ou apenas ressoando com os passos de alguns raros operários, que passavam rápidos em direcção ao trabalho.

Jean Valjean sentou-se nuns paus colocados à porta de um armazém de madeiras, numa das áleas laterais, e aí permanecia com o rosto voltado para o caminho e as costas para o ponto do horizonte onde em breve assomaria o Sol aureolado de afogueados clarões. Tudo isso, porém, esquecera, alheado numa dessas profundas abstracções, em que o espírito todo se concentra, encerrando-o como que entre quatro paredes, que nem o olhar deixam livre. Há meditações a que se pode chamar verticais, porque são um como entranhar-se o espírito por uns espaços lá muito no fundo, de onde leva demorado tempo a voltar de novo à terra. Numa dessas cogitações se tinha entranhado Jean Valjean. Pensava em Cosette e na possibilidade da sua grande ventura, se entre eles não surgissem barreiras a separá-los; pensava nessa luz que lhe inundava a vida e que era a respiração da sua alma; e estas cogitações em que se embrenhava, enquanto Cosette, de pé junto dele, olhava para o espectáculo das nuvens purpureando-se, derramavam-lhe no coração, atribulado e alanceado de tantas dores, como que um bálsamo doce que suavemente lhas refrigerava.

De súbito, Cosette exclamou:

— Meu pai, parece que vem ali gente!

Jean Valjean olhou na direcção apontada pela jovem e viu que Cosette não se enganara.

Como é sabido, a calçada que conduz à antiga barreira do Maine é uma prolongação da rua de Sèvres, cortada em ângulo recto pelo boulevard interior. Do ponto onde os dois caminhos se cortam, divergindo para lados diferentes, partia um estrondo difícil de explicar àquela hora e viu-se quase imediatamente assomar uma massa informe, que entrava na calçada, depois de haver desembocado do boulevard.

O que quer que era ia gradualmente avultando e parecia mover-se com ordem, mas tremia e bramia. Não obstante, só por um rumor de rodas, por um tropear de cavalos e os estalidos de um chicote, acompanhado de gritos, se adivinhava ser uma carruagem, cujos lineamentos, afinal, bem que ainda empanados pelas sombras crepusculares da alvorada, de todo se fixaram. Era, efectivamente, uma carruagem, que tinha desembocado do boulevard, dirigindo-se para onde Jean Valjean estava, a caminho da barreira. Seguiu-se a esta uma segunda do mesmo aspecto, e logo em seguida terceira e quarta. Sete desembocaram sucessivamente, com tão pequeno intervalo, que as

cabeças dos cavalos de umas tocavam a parte posterior das outras. Ao ver a agitação dos vultos que confusamente se apercebiam em cima dos carros e um como relampejar de espadas desembainhadas, ao ouvir como que o estrondear de cadeias e o crescente e mais distinto sussurro das vozes que rompiam do meio daquela massa negra, dir-se-ia uma sequência de temerosas visões saídas da caverna dos sonhos.

Apenas chegada ao pé, aquela massa móvel, que transparecia por entre as árvores, com o véu alvacento de uma aparição, tomou formas, as cabeças dos vultos tornaram-se rostos de cadáveres, e ao pálido clarão do crepúsculo matutino, que reverberava sobre aquela massa ao mesmo tempo sepulcral e animada, desvelou-se o véu de sombras em que despontara envolta.

Eis o que era:

Seguiam pelo caminho sete carruagens, umas após outras, sendo as seis dianteiras de singular estrutura. Pareciam carros de tanoeiros, isto é, compridas escadas assentes sobre duas rodas, formando andas na extremidade anterior. Cada um destes carros, ou, diremos melhor, destas escadas, era puxada a quatro cavalos, não emparelhados, mas em fileira. Transportavam estas singulares ambulâncias magotes de homens, que mal se distinguiam entre as sombras decrescentes da madrugada. Cada carro conduzia vinte e quatro, doze de cada lado, encostados uns aos outros, com as pernas penduradas e o rosto voltado para quem passava. Por uma golilha que cada um destes vinte e quatro homens trazia ao pescoço passava uma comprida corrente de ferro, que os prendia a todos, de modo que, se tivessem de apear-se do carro e caminhar a pé, ver-se-iam presos por uma espécie de unidade inexorável, serpenteando pelo solo com a corrente por vértebra, quase como uma centopeia. Adiante e atrás de cada uma das carruagens viam-se dois homens armados de espingardas, segurando debaixo dos pés as duas extremidades da corrente. As golilhas eram quadradas. O sétimo carro, vasto coberto gradeado, tinha quatro rodas e era puxado a seis cavalos. Conduzia um monte de caldeiras e panelas de ferro, de fogareiros e correntes, e à mistura alguns homens, com aspecto de doentes, amarrados e deitados ao comprido. Cingia o carro um gradeado velho, em partes quebrado, que inculcava ter servido nos antigos suplícios.

Estes carros seguiam pelo centro da rua. Aos lados caminhavam duas alas de guardas, de hediondo aspecto, rotos, sujos, com Chapéus chatos de três bicos na cabeça, como os soldados do directório, com uniformes de inválidos e calças de gatos pingados, listadas de azul e cinzento e já esfarrapadas, com dragonas vermelhas, boldriés amarelos, facas de cozinha, espingardas e paus, espécie de soldados de guerrilhas, esbirros, que parecia participarem da

abjecção do mendigo e da autoridade do carrasco. O que inculcava ser seu chefe brandia na mão um chicote boleeiro. Aos crescentes clarões do sol nascente, todas estas miudezas, esfumadas pelo crepúsculo, tomavam maiores e mais visíveis proporções. À frente e na retaguarda do préstito iam alguns gendarmes a cavalo, de sabre em punho e aspecto severo.

Era tão extenso o cortejo, que, quando a primeira carruagem chegava à barreira, ainda a última vinha a desembocar do boulevard.

Ao insólito estrondo acudira rapidamente, e, para assim dizer, por encanto, como frequentemente acontece em Paris, uma multidão de espectadores caídos das nuvens, que atulhavam os flancos da rua, olhando espantados para o estranho espectáculo. Pelas vielas e becos da vizinhança ouviam-se as vozes da gente que se juntava e o estrépito dos tamancos.

Triste era o aspecto daqueles homens acorrentados, tiritando, lívidos, ao contacto da fria viração do amanhecer. Não obstante os desencontrados solavancos, em que os baldeavam os carros, nem um só quebrava a sua profunda mudez. Trajavam todos calças de estopa, sendo o demais vestuário a capricho da miséria. O calçado eram tamancos. Hedionda disparidade de trajes a daqueles homens! Não há coisa mais fúnebre do que os arlequins andrajosos. Chapéus amassados, bonés de oleado, carapuças de lã, jaquetas rotas nos cotovelos; uns com chapéus de mulher, outros com cestos enfiados na cabeça; era uma variedade extravagantemente lúgubre. Por entre os rasgões da roupa entrevia-se a alguns o peito cabeludo, sarapintado de variegados debuxos, representando templos de amor, corações inflamados e Cupidos. A outros divisavam-se-lhes impigens e manchas vermelhas. Dois ou três haviam atado cordas de palha às travessas do carro e nelas apoiavam os pés como num estribo. Um deles tinha na mão um objecto negro parecido com uma pedra, que de vez em quando levava à boca, e em que parecia cravar os dentes; era um bocado de pão, que ia comendo. Nem uma lágrima borbulhava nos olhos de um só daqueles homens; conservavam-se todos enxutos, sem brilho ou fúlgidos de um clarão de mau agouro. Os da escolta praguejavam, os acorrentados nem uma palavra proferiam; de espaço a espaço ouvia-se o som de uma paulada nas costas ou nas cabeças dos desgraçados. Era terrível de ver o aspecto daqueles homens andrajosos, bocejando, deixando pender as pernas inertes ao sabor dos solavancos, batendo com as cabeças de encontro uns aos outros, divagando a vista com ferocidade resplendente, fechando ou distendendo as mãos sem força, como de cadáveres, e junto a tudo isto um estrugir de ferros a cada balanço dos carros. Seguiam o fúnebre préstito magotes de crianças rindo galhofeiramente.

Fosse o que fosse, era pavorosamente lúgubre o espectáculo daquela fileira

de carros. Era evidente que podia sobrevir no dia seguinte ou dentro de uma hora uma bátega de água, e após esta outra e ainda terceira, e que aqueles homens não se tornariam a enxugar depois de molhados, que não tornariam a aquecer depois de repassados do frio da humidade, que lhes escorreria a água pelas costas abaixo, pegando-lhes a camisa ao corpo e ensopando-lhes os socos; que as chicotadas não os estorvariam de tiritar, que a corrente continuaria a segurá-los pelo pescoço e os pés a balancearem-se, e ninguém se podia furtar a um involuntário tremor, ao ver aquelas criaturas humanas manietadas de semelhante modo e expostas ao frio nevoeiro do Outono, à chuva, ao nordeste, a todas as intempéries do ar, como árvores ou pedras e não como homens.

As chicotadas nem aos doentes que jaziam manietados e sem movimento no sétimo carro poupavam ou eram mais raro distribuídas. Parecia, ao ver aqueles homens estirados a granel, que tinham sido para ali atirados como uns sacos cheios de miséria.

De súbito despontou o Sol no horizonte, inundando tudo com purpureados clarões, a cujos revérberos dir-se-ia que ardiam as cabeças sombrias de todos aqueles homens. Cada qual desprendeu a língua para um concerto estrondosamente unânime de pragas, risadas e cantares galhofeiros. A larga faixa de luz horizontal dividiu em duas toda a fileira, iluminando as cabeças e os troncos, e deixando em sombras os pés e as rodas. Apareceram então nos rostos os pensamentos; momento horrível, em que os demónios tiraram a máscara e se tornaram visíveis, em que aquelas almas deixaram *a* descoberto a sua ferocidade. O Sol cobriu com a sua luz aquela malta e ela ficou ainda tenebrosa. Alguns metiam galhofeiramente na boca canudos de penas, pelas quais sopravam para a multidão os piolhos que tiravam do corpo, escolhendo de preferência as mulheres; a aurora acentuava com a negrura das sombras aquelas lastimosas figuras; nem uma só daquelas Criaturas deixava de ser disforme à força da miséria; e era tão monstruoso o espectáculo, que dir-se-ia que transformava a claridade do Sol em clarão de relâmpago. Os do carro, que abria o préstito, haviam entoado e salmodiavam descompassadamente com desvairada jovialidade um *pot-pourri* de Dèsaugiers, então célebre, *A Vestial;* as árvores sussurravam lugubremente; nas áleas laterais viam-se alguns burgueses escutando com idiota beatitude aquelas obscenidades galhofeiramente cantadas por espectros.

Confundiam-se naquele préstito como um caos todas as variedades da miséria; via-se ali o ângulo facial de toda a espécie de animais, velhos, adolescentes, crânios nus, barbas grisalhas, monstruosidades cínicas, resignações impacientes, bocas selvagens, atitudes loucas, porcos com

carapuças, cabeças de raparigas com uma espécie de saca-rolhas nas fontes, rostos infantis e por isso mesmo horríveis, magras faces de esqueletos, aos quais só faltava a morte. No primeiro carro via-se um negro, que talvez tivesse sido escravo e podia comparar as correntes. Por todas aquelas frontes passara o medonho nível deste mundo, a infâmia; em tal grau de abatimento, as últimas transformações experimentavam-nas todos nas últimas profundidades; e a ignorância transformada em embrutecimento igualava a inteligência transformada em desespero. Não havia escolha possível entre aqueles homens, que se ofereciam aos olhos como a flor ao lodo. Era claro que o ordenador daquela imunda procissão, se o teve, não os distribuíra por classes. Pegaram naquelas criaturas, acorrentaram-nas aos pares, sem escolha, pela desordem alfabética talvez, e carregaram-nos ao acaso sobre aqueles carros. Os horrores grupados, porém, vêm sempre por último a dar uma resultante; toda a adição de infelizes dá uma soma; de cada corrente saía uma alma comum, de cada carro sua fisionomia. Logo atrás dos que iam a cantar seguia-se outro carro, no qual se uivava; os do terceiro mendigavam; os do quarto rangiam os dentes; os do quinto ameaçavam os que passavam; os do sexto blasfemavam; o último ia calado como um túmulo. Dante julgaria ver os sete círculos do inferno em marcha.

Marcha das condenações para os suplícios, feita sinistramente, não no temeroso carro fulgurante do Apocalipse, mas, coisa ainda mais sombria, na carreta das gemónias.

Um dos guardas levava na mão um pau terminando por um gancho, com o qual de espaço a espaço parecia revolver aquele monte de lixo humano. Entre a multidão estava uma velha, que dizia a um rapazinho de cinco anos, apontando-lhe aqueles homens um a um:

— Vê-te naquele espelho, Velhaco!

Como as cantigas e as blasfémias se fossem tornando mais e mais ruidosas, o que parecia ser o capitão da escolta fez estalar o seu chicote, e a este sinal uma terrível paulada surda e cega caiu sobre os sete carros, com o sussurro de uma saraivada; muitos rugiram e escumaram, o que aumentou a alegria aos gaiatos, que tinham acudido, como nuvem de varejas atraídas pelo olfacto daquelas dragas.

Os olhos de Jean Valjean despediam um clarão medonho. Não era uma pupila, era -esse vidrado escuro que substitui o olhar em detritos infelizes, que parece não ter consciência da realidade, e em que flameja a reverberação dos pavores e das catástrofes. Aquele homem não presenciava um espectáculo, sofria uma visão. Quis-se levantar, fugir, afastar-se; não pôde sequer descolar os pés de onde os tinha. Às vezes as coisas que vemos como que nos agarram e

nos retêm. Jean Valjean ficou colado, petrificado, estúpido, perguntando a si próprio, através de uma confusa angústia inexprimível, o que significava aquela perseguição sepulcral e donde saía aquele pandemónio que o perseguia. Lentamente levou a mão à fronte, gesto costumado daqueles a quem subitamente volta a memória; lembrou-se que era aquele, com efeito, o itinerário, que se costumava dar aquela volta para evitar o encontro das pessoas reais, sempre possível na estrada de Fontainebleau, e que, havia trinta e cinco anos, também ele passara por aquela barreira.

Cosette também estava apavorada, mas por diferente motivo. Não sabia o que aquilo significava, faltava-lhe a respiração, parecia-lhe impossível o que via; por fim, exclamou:

— Meu pai, que levam aqueles carros?

— Forçados! — respondeu Jean Valjean.

— E para onde vão?

— Para as galés!

Neste momento multiplicaram-se assombrosamente as chicotadas, ressoaram sem piedade as pranchadas; foi uma como raiva de chicotes e espadas; os forçados encolheram-se, obedecendo de um modo horrendo no meio daquele suplício, e calaram-se todos com olhares de lobos acorrentados. Cosette tremia como varas verdes.

— Meu pai, aquilo são homens? — tornou ela, convulsa por um geral tremor.

— Às vezes — disse ele.

Era efectivamente a corrente que saíra antes do amanhecer de Bicêtre, tomando a estrada de Mans, para evitar Fontainebleau, onde então estava o rei. Esta Volta fazia durar o suplício da jornada mais três ou quatro dias; mas que importava, se com isso se poupava a um rei a vista de um suplício?

Jean Valjean recolheu-se a casa acabrunhado. Encontros como aqueles são choques e a recordação que de si deixam são um terrível abalo.

Entretanto, Jean Valjean, voltando Com Cosette para a rua da Babilónia, não ouviu outras perguntas que ela lhe fez, acerca do que acabava de Ver; ia talvez demasiadamente preocupado consigo mesmo, para perceber o que ela lhe dizia e para lhe responder. Unicamente à noite, quando Cosette se despediu dele para se ir deitar, é que a ouviu dizer a meia voz e como que falando consigo própria:

— Se encontrasse no caminho um daqueles homens... Jesus! Parece-me que morreria só de vê-lo ao pé de mim!»

Felizmente, quis o acaso que o dia seguinte ao do trágico espectáculo fosse de festa em Paris, a propósito de qualquer solenidade oficial e houvesse

revista no Campo de Marte, teatros nos Campos Elísios, fogo de artifício na Estrela e iluminações por toda a parte. Jean Valjean, violentando os seus hábitos, conduziu Cosette a presenciar aqueles regozijos, a fim de a distrair da impressão da véspera e de apagar, sob o risonho tumulto de toda a cidade, o espectáculo abominável que tinha visto. A parada que adubava a festa, tornava muito natural a circulação das fardas; Jean Valjean vestiu a sua farda de guarda nacional, com o vago sentimento de um homem que se refugia. No fim de tudo pareceu-lhe ter alcançado o fim daquele passeio. Cosette, para quem era lei agradar a seu pai, e para quem, além disto, todo o espectáculo era novo, aceitou a distracção com a boa vontade fácil e ligeira da adolescência, e não fez *beicinho* demasiadamente desdenhoso diante da gamela de alegria, que se chama festa pública; de tal modo que Jean Valjean acreditou no seu bom êxito, julgando não restar já o mínimo resto da hedionda visão.

Dias depois, numa manhã em que o Sol apareceu magnífico, e em que estavam ambos na varanda do jardim, outra infracção às regras que Jean Valjean parecia ter imposto a si mesmo e ao hábito de se conservar no seu quarto, que a tristeza tinha feito adoptar a Cosette, esta, de penteador, conservava-se em pé, no desalinho das primeiras horas que envolve adoravelmente as jovens, e que tem o ar de uma nuvem sobre o astro, com a cabeça inundada de luz, rosada por ter dormido bem, olhava meigamente para o excelente homem que se achava enternecido e desfolhava ao mesmo tempo um malmequer. Cosette desconhecia a encantadora lenda do «bem-me-queres, mal-me-queres». Quem lha havia de ensinar? Desfolhava a flor, por instinto, inocentemente, sem suspeitar que desfolhar um malmequer é sondar um coração. Se houvesse uma quarta graça chamada Melancolia, apresentaria Cosette o aspecto dessa graça. Jean Valjean estava fascinado pela contemplação daqueles dedinhos rosados sobre a flor, esquecendo tudo perante o brilho que se destacava da linda criança. Numa moita, ao lado, cantava um pintarroxo. Pelo céu corriam algumas nuvens brancas, tão alegremente, que parecia terem acabado de receber a liberdade. Cosette continuava a desfolhar atentamente a sua flor; parecia estar pensando em alguma coisa; de repente inclinou a cabeça para o ombro com a delicada indolência do cisne e perguntou a Jean Valjean:

— Ó meu pai, mas o que são as galés?

LIVRO QUARTO — O SOCORRO HUMANO PODE TORNAR-SE SOCORRO DO CÉU

I — Ferido por fora, restabelecido por dentro

Assim se ia gradualmente obscurecendo a existência daquelas duas criaturas.

Restava-lhes apenas uma distracção, noutro tempo fonte de incomensuráveis prazeres levar pão aos que tinham fome e roupa aos que tinham frio. Nestas visitas aos pobres, visitas em que Cosette quase sempre acompanhava Jean Valjean, encontravam ambos parte, se bem que pequena, do seu antigo contentamento, e havia dias, quanto maior era o número de esfomeados socorridos, de crianças reanimadas e agasalhadas, em que Cosette à noite se mostrava mais do que de ordinário jovial e satisfeita.

Foi por esse tempo que eles fizeram a sua visita ao covil dos Jondrette.

Logo no dia imediato ao daquela visita, Jean Valjean apareceu pela manhã no pavilhão, sereno como habitualmente, mas com uma grande ferida no braço esquerdo, muito inflamada e de péssimo aspecto, que parecia uma queimadura e que ele explicou do modo que primeiro lhe ocorreu. Sobreveio-lhe de tal ferida uma violenta febre que o fez estar retido em casa mais de um mês. Quando Cosette insistiu com ele para mandar chamar um médico, respondeu-lhe:

— Chama o médico dos cães.

Cosette tratava-lhe da ferida pela manhã e à noite, com tão divinal modo, com tão angélico prazer de lhe ser útil, que Jean Valjean sentia reviver-lhe toda a sua antiga alegria, dissiparem-se-lhe todos os seus temores e ansiedades, e dizia em contemplação diante da jovem:

— Há males que valem por bens. Abençoada ferida!

Ao ver seu pai doente, Cosette desertou da sua alva casinha e retomara ao pátio e casa térrea onde Jean Valjean fixara morada Aí passava junto dele os dias quase inteiros, lendo-lhe os livros que ele preferia, e que, de ordinário, eram os de viagens. Remoçava Jean Valjean com o reflorir das suas esperanças, um dia murchas e agora outra vez abertas aos raios da sua nova ventura; apagavam-se-lhe da alma as ideias do Luxemburgo, do rapaz desconhecido, do encontro certo dos seus passeios, da frieza da Cosette; varriam-se-lhe do espírito todas as nuvens que tão desastradamente tinham vindo empanar lhe o brilho da sua íntima felicidade, e chegou, por último, a pensar consigo:

— Sou um velho tonto, que me pus a imaginar tolices.

Era tal a sua satisfação que quase o não impressionara o medonho e tão

inesperado encontro dos Thenardier naquele hediondo covil. Ele conseguira escapar-se; com os vestígios ninguém seria capaz de dar-lhe: que lhe importava o mais? Apenas lhe lembrava semelhante coisa para lastimar aqueles miseráveis

— Eles lá estão presos e impossibilitados de fazerem mal — dizia ele consigo. — Mas que desgraça de gente!

Quanto a medonha visão da barreira do Maine nem uma só palavra tornara Cosette a dizer a semelhante respeito.

Às vezes, à noite, Cosette punha-se a cantar, no modesto albergue do ferido, canções tristes, que enchiam Jean Valjean de prazer. A jovem aprendera a cantar no convento com soror Santa Matilde e tinha a voz de uma toutinegra que tivesse alma.

Chegada a Primavera, em que o jardim tanto se opulentava de flores, de pássaros, de encantos, Jean Valjean disse à jovem:

— Tu já não vais ao jardim? Eu preferia que fosses.

— Como quiser, meu pai — respondeu Cosette.

E a jovem volveu aos seus passeios no jardim, para obedecer a seu pai, quase sempre só; pois, como algures deixamos dito, Jean Valjean raríssimas vezes vinha ao jardim, talvez com receio de ser visto pelas grades do portão.

A ferida de Jean Valjean tinha sido uma diversão.

Ao ver seu pai menos incomodado, quase restabelecido e na aparência satisfeito, Cosette sentiu um contentamento tão natural e tão suave, que nem deu por ele. Como não havia de ser assim, se aquele era o mês de Março, em que os dias já são maiores, o Inverno principia a ser afugentado pelos clarões da Primavera, levando sempre consigo uma maior ou menor parte das nossas tristezas? Depois chegou o Abril, estivo alvorecer, respirando frescores como todas as madrugadas, risonho como todas as infâncias, às vezes mesmo chorão como um verdadeiro recém-nascido que é. Nesse mês a natureza resplendeu de uns fulgores amenos, que passam do céu, das nuvens, das árvores, dos prados e das flores para o coração do homem.

Cosette, como jovem que era, não podia deixar de sentir-se reanimada aos eflúvios daquela alegria de Abril, imagem sua. Pouco a pouco, e sem dar por tal coisa, varreram-se-lhe do espírito todas as sombras que lho pejavam. Na Primavera afilaram-se as trevas das almas tristes, como os recantos escuros das cavernas com a luz do meio-dia. Assim acontecia, realmente, com Cosette, sem que ela, porém, desse por tal. Quando pela manhã, depois do almoço, após reiteradas instâncias, conseguia, por fim, arrastar seu pai até ao jardim por um quarto de hora, passeando com ele em frente da varanda e sustendo-lhe o braço enfermo, a cada instante lia, tudo a alegrava e ela não dava por

nada disto.

Jean Valjean dizia então consigo, ao ver extasiado como a jovem volvia à primitiva cor e frescura:

— Abençoada ferida!

E agradecia do coração aos Thenardier.

Restabelecido completamente, Jean Valjean continuou a dar os seus solitários passeios crepusculares, como dantes.

Erro, porém, seria supor que se pode assim passear só pelos sítios ermos de Paris, sem deparar com algum mau encontro.

II — A tia Plutarco não sente dúvida em explicar um fenómeno

Uma tarde, lembrou-se Gavroche, o gaiato, que estava em jejum, e não só isso, mas, o que ainda era mais aborrecido, que também no dia anterior não jantara. Resolveu, portanto, ver se arranjaria de cear e dirigiu-se para o lugar mais deserto da Salpêtrière, de onde costumam vir as boas fortunas, porque onde não há ninguém encontra-se alguma coisa, e foi caminhando até chegar a uma povoação, que lhe pareceu ser a aldeia de Austerlitz.

Num dos seus precedentes passeios, notara naquele sítio um jardim, onde se achava um velho e uma velha, e logo em seguida ao jardim um pomar menos mau. Junto ao pomar ficava uma espécie de fruteiro mal resguardado, em que facilmente se poderia fazer a conquista de uma maçã. Uma maçã é uma ceia; uma maçã é a vida. O que perdeu Adão podia salvar Gavroche. Ora o jardim deitava para um beco solitário, orlado de silvas do lado das casas; por consequência, apenas o separava da desejada maçã uma sebe.

Dirigiu-se Gavroche para o jardim, deparou com o beco, conheceu o pomar, certificou-se do fruteiro, examinou a sebe; uma sebe é um obstáculo que se vence com um salto.

Óptima era a hora; declinava o dia, no beco não se via nem um gato. Gavroche, portanto, principiou a escalada, mas de repente parou, porque ouviu falar no jardim, Espreitou por um dos interstícios da sebe.

A dois passos dele, do outro lado da sebe, justamente no sítio onde iria sair pela abertura que projectava abrir, havia uma pedra deitada ao comprido, formando uma espécie de banco, na qual estava sentado o velho, dono do jardim, e diante dele e em pé, a Velha que Gavroche noutra ocasião vira. Como a velha estivesse tartamudeando o que quer que fosse o gaiato pôs-se à escuta, pouco escrupuloso de devassar Vidas alheias.

— Senhor Mabeuf! — dizia a velha.

— Mabeuf! — disse consigo Gavroche. — Que ratão de nome!

Como o velho apostrofado não desse sinal de si, a velha tornou:

— Senhor Mabeuf!

— Que é, tia Plutarco? — Decidiu-se enfim o velho a responder, sem despegar os olhos do chão.

— Tia Plutarco! — murmurou Gavroche. — Outro nome ratão!

— O senhorio não está satisfeito — tornou a tia Plutarco, dirigindo-se ao velho, que não teve remédio senão entabular conversa.

— Porquê?

— Porque se devem três trimestres.

— E daqui a três meses dever-se-lhe-ão quatro!

— Diz que não tarda a pô-lo daqui para fora.

— Pois que ponha!

A mulher da lenha também insiste porque lhe paguem. Diz que não torna a dar mais uma acha fiada.

— Como há-de o senhor passar o Inverno, se não há com que acender o lume?

— Temos o Sol.

— O cortador diz que também não torna a dar carne sem lha pagarem.

— Pouco importa; a carne é pesada e nem por isso me faz bem ao estômago!

— Mas então que se há-de comer?

— Pão.

— O pior é que o padeiro quer que se lhe pague o que se lá deve e diz que sem ir dinheiro não vem pão.

— Está bom.

— Que há-de então comer?

— Temos as maçãs do pomar!

— As maçãs! Lá isso é verdade, mas bem vê que sem dinheiro não se pode arranjar vida.

— Pois eu não o tenho!

A velha retirou-se e o velho ficou só e pôs-se a meditar. Gavroche meditava também. Era quase noite.

O primeiro resultado da meditação de Gavroche foi, em vez de escalar a sebe, acocorar-se em baixo, no lugar onde os ramos deixavam uma clareira.

— Bravo! Uma alcova! — exclamara ele interiormente, ao dar pelo esconderijo em que se acolheu.

Ficava este tão próximo do banco do tio Mabeuf que Gavroche ouvia o sussurro da respiração do octogenário.

Lembrando-se então de que quem dorme come, tratou de ver Se dormia.

Sono de gato era o de Gavroche, que com um olho dormia, com outro estava alerta.

No meio da claridade crepuscular, que ainda iluminava a terra, o beco desenhava uma linha lívida entre duas fileiras de silvedos.

De súbito, dois vultos assomaram no meio daquela faixa esbranquiçada, um adiante e outro atrás, mas a pequena distância.

— Aí vêm dois patuscos — rosnou Gavroche.

O primeiro vulto parecia um velho, alquebrado e pensativo, cujo vestuário era mais do que simples, caminhando vagarosamente em virtude da sua idade, o qual passeava à claridade das estrelas.

O segundo era direito, firme e delgado. Regulava o seu passo pelo passo do primeiro, mas conhecia-se flexibilidade e agilidade na voluntária lentidão com que caminhava. Este vulto apresentava, com o que quer que era de feroz e inquietador, o todo que então se chamava um elegante; o chapéu era de forma moderna, a sobrecasaca preta, bem feita, talvez de boa fazenda e justa ao corpo. Erguia-se-lhe a cabeça com uma espécie de donaire robusto, entrevendo-se por baixo do chapéu, à luz do crepúsculo, um pálido rosto de adolescente, com uma rosa na boca. Este segundo vulto era bem conhecido de Gavroche; era Montparnasse.

Quanto ao outro, o gaiato nada podia dizer senão que era um pobre velho

Gavroche pôs-se logo em observação. Um daqueles dois passeantes necessariamente tinha projectos a respeito do outro Gavroche estava em óptima situação para ver o que dali se seguiria A alcova transformou-se em esconderijo

Montparnasse à caça num tal lugar e a semelhante hora, era coisa ameaçadora Gavroche sentiu as entranhas de gaiato contraírem-se-lhe com dó do velho.

O que havia de fazer? Intervir? Uma fraqueza socorrendo outra Seria coisa para provocar o riso a Montparnasse. Gavroche não diligenciava iludir-se. Demais sabia ele que seria um abrir e fechar de mão para aquele temível malfeitor de dezoito anos dar cabo do velho e dele

Enquanto Gavroche deliberava, teve lugar o ataque, repentino e feroz. Ataque de tigre contra o onagro, ataque da aranha contra a mosca. Montparnasse atirou a rosa fora, acometeu o velho de salto, agarrou-se-lhe ao pescoço e pendurou-se-lhe com tal fúria e inopinada celeridade, que Gavroche a custo pôde reter um grito.

Daí a momentos, jazia um homem daqueles por baixo do outro, rugindo e debatendo-se sufocado sob um joelho de mármore que lhe desconjuntava o peito. Com a diferença que não se tinha dado o caso que Gavroche receava. O que jazia no chão era Montparnasse, o que estava por cima era o velho. Tudo isto passava-se apenas a alguns passos de Gavroche.

O velho recebera o choque e repetira-o, e tão terrivelmente o repetira, que num abrir e fechar de olhos o assaltante e o assaltado tinham trocado os papéis.

— Aquele velhote não é para graças! — disse Gavroche para si.

E não pôde conter-se sem dar palmas. Mas foram palmas perdidas, que nenhum dos dois combatentes ouviu, tão absorvidos e mutuamente ensurdecidos estavam, naquela luta, em que as respirações de ambos se confundiam.

Seguiu-se então um momento de silêncio, em que Montparnasse cessou de debater-se, e Gavroche disse com os seus botões:

— O velho dar-lhe-á cabo da pele?

O velho, que não tinha soltado um grito nem até então pronunciara uma palavra, ergueu-se, e Gavroche ouviu-o dizer a Montparnasse:

— Levanta-te!

Montparnasse levantou-se, porém o velho não o largava. Montparnasse estava na atitude humilhada e furiosa de um lobo que se visse abocado por um cordeiro.

Gavroche olhava e escutava, fazendo esforços por ver melhor, escutando bem. O que se passava estava-o intimamente regalando.

Breve foi recompensado da sua conscienciosa ansiedade de espectador com o seguinte diálogo, a que a obscuridade dava como que um trágico acento. O velho perguntava, Montparnasse respondia.

— Que idade tens?

— Dezanove anos.

— És robusto e tens boa saúde. Porque não trabalhas?

— É coisa de que não gosto!

— Que profissão é a tua?

— Vadio.

— Fala sério. Desejas alguma coisa? Que queres tu ser?

— Ladrão.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual o velho parecia meditar profundamente, conservando-se imóvel, porém sem largar Montparnasse.

De instante a instante, o moço bandido, vigoroso e lesto, tinha sobressaltos de animal apanhado no laço. Dava um puxão, ensaiava um pontapé, torcia-se desesperadamente, forcejando por fugir. O velho, todavia, parecia não dar pelos esforços dele, segurava-lhe ambos os braços com uma só mão, com a soberana indiferença de uma força absoluta.

Durou algum tempo a meditação do velho, até que, por fim, elevou vagarosamente a voz, com os olhos fitos em Montparnasse, e dirigiu-lhe no

meio daquelas trevas em que ambos jaziam, uma espécie de alocução solene, de que Gavroche não perdeu uma só sílaba:

— Filho, entras por preguiça na mais trabalhosa existência. Ah, tu declaras-te vadio! Prepara-te para trabalhar! Já viste uma máquina temível chamada o laminador? É preciso toda a cautela com ela, porque é dissimulada e feroz; se nos agarra pela aba do casaco, leva-nos após si. Assim é a ociosidade. Pára, enquanto ainda é tempo e salva-te! Aliás, estás perdido; não passará muito tempo que não sejas arrebatado pela engrenagem, e depois não esperes mais nada. Ao trabalho, preguiçoso! Deixa o repouso Agarrou-te a mão implacável do trabalho. Não queres ganhar a Vida, ter uma ocupação, cumprir um dever; aborrece-te ser como os outros! Pois não serás como eles. O trabalho é como a lei: quem o repele por aborrecimento tê-lo-á para suplício. Não queres ser operário, hás-de ser escravo. O trabalho solta-nos de um lado apenas, para nos agarrar pelo outro; não queres ser seu amigo, serás seu negro. Ah, não quiseste a honrada fadiga dos homens, vais ter o suor dos condenados! Onde os outros cantam, tu rugirás Verás de longe, debaixo, os outros homens a trabalhar e afigurar-se-te-á que descansam. Hão-de aparecer-te entre resplendores, como os bem-aventurados do paraíso, o lavrador, o ceifeiro, o marinheiro, o ferreiro. Que fulgor na bigorna! Guiar a charrua, atar os molhos, que alegria! A barca balouçando-se livremente, que festa! Enquanto tu, preguiçoso, trabalha, sua, moureja, caminha! Puxa pelo cabresto, já que és besta de carga nas recovas do inferno! Ah! O teu alvo era não fazer nada? Pois não terás uma semana, um dia, uma só hora de folga, uma só hora livre de angústias! Cada minuto que passar te fará estalar os músculos. O que para os outros é pena, para ti será rochedo. As coisas mais simples hão-de tornar-se-te barreiras impossíveis de vencer. A vida será como um monstro em roda de ti. Ir, vir, respirar, outros tantos trabalhos terríveis te hão-de ser. O pulmão parecer-te-á um peso de cem arráteis. Preferir o lugar para andar será para ti resolver um problema. Outro qualquer, em querendo sair, abre a porta, ei-lo fora. Tu, se quiseres sair, hás-de primeiro romper a parede que te encurrala. Que é o que faz qualquer, quando quer sair? Desce pela escada. E tu Rasgarás os lençóis da cama às tiras, farás com eles uma corda, fio por fio, saltarás pela janela, suspender-te-ás nesse fio sobre um abismo, de noite, no meio da tempestade, à chuva e ao vento, e, se a corda for curta, em vez de descer, terás de saltar. Cair ao acaso, de qualquer altura, a um precipício, sobre o que estiver em baixo, sobre nem tu saberás o quê. Ou treparás por alguma chaminé, em risco de te queimares, ou descerás pelo cano de alguma latrina, em risco de te afogares Não te falarei do que passarás a tapar buracos, apôr e tirar pedras vinte vezes por dia, a esconder na enxerga os bocados de cal que

tiveres arrancado. O burguês abre a sua porta com a chave que lhe fez o serralheiro; tu, se quiseres transpor a que te veda a saída, ver-te-ás condenado a fazer prodígios de artifício. Tomarás uma moeda de cobre, que dividirás em duas lâminas, com os instrumentos que primeiro houveres inventado. Isso é contigo. Depois cavarás o interior dessas duas lâminas com todo o cuidado, para não ofender a parte externa, e abrirás em volta uma rosca, de modo que as duas lâminas estreitamente ajustem uma na outra, como um fundo e uma tampa. Feito isto, ninguém adivinhará o que tu tens; para os guardas que continuamente trarão o olho sobre ti, será uma moeda de cobre; para ti será uma caixa. De que te servirá ela? De guardar um bocado de aço. A mola de um relógio de algibeira, que primeiro converterás em serra, fazendo-lhe dentes. Com essa serra, do tamanho de um alfinete e escondida num soldo, é que tu terás de cortar a lingueta da fechadura, a barra do ferrolho, a argola do cadeado, o varão da janela e a grilheta do pé. Feita esta obra-prima, completo este prodígio, executadas estas maravilhas de arte, de destreza, habilidade e paciência, sabes qual será a tua recompensa, se descobrirem que és tu o seu autor? Uma masmorra escura! Aqui tens o teu futuro! Vê que precipícios os da preguiça e os do prazer! Vê que lúgubre resolução a de não querer fazer nada! Viver ocioso da substância social! Ente inútil, quer dizer, prejudicial! Irás assim direito ao fundo da miséria!

Desgraçado do que quiser ser parasita, porque será verme. Ah, não gostas de trabalhar? Só queres comer bem, beber bem, dormir bem! Pois beberás água, comerás pão negro, dormirás sobre uma tábua com um cadeado de ferro apertado aos membros e sentirás de cada vez que acordares a impressão fria do ferro nas carnes quebrarás o cadeado e fugirás, assim é; mas terás de andar de rojo por entre as silvas e os tojos e comer erva como os animais, até tornares a ser apanhado! E então passarás anos e anos num subterrâneo, acorrentado a uma parede, caminhando às apalpadelas, se quiseres ir beber à tua bilha, dando dentadas num terrível bocado de pão negro, que os cães rejeitariam, comendo favas, que os vermes hão-de ter comido primeiro do que tu! Serás um bicho de conta num túmulo! Oh, tem piedade de ti, miserável criança, que não há vinte anos que mamavas, e que de certo ainda tens mãe! Peço-te por quanto há que não desprezes o que eu te digo! Queres andar vestido de fino pano preto, calçar botas de verniz, frisar-te, trazer o cabelo rescendendo perfumes, agradar às mulheres, ser elegante. Serás rapado à escovinha, vestirás uma jaqueta vermelha, o teu calçado serão uns tamancos! Queres andar de anel no dedo; trarás uma manilha ao pescoço! E, se deitares os olhos a alguma mulher, cair-te-á nas costas a corda de um chicote! E entrarás para ali aos vinte anos e aos cinquenta é que sairás! Entrarás moço,

corado, fresco, com os olhos cheios de brilho, com os dentes brancos e a tua bela cabeleira de adolescente, e sairás alquebrado, cheio de rugas, fraco, sem dentes, de cabelos brancos, horrível! Ah, pobre moço, o teu caminho é errado, a vadiagem aconselha-te mal, a vida de ladrão é a mais trabalhosa vida que podes abraçar! Acredita-me, deixa-te de abraçar a vida de vadio, a preguiça é o trabalho mais pesado! Não cuides que o ser maroto é uma coisa fácil. Menos custoso te será ser homem de bem. Agora vai, mas pensa no que eu te disse. É verdade que me querias a bolsa? Toma-a lá!

E, ao dizer isto, o velho largou Montparnasse e passou-lhe a bolsa para a mão. Montparnasse sopesou-a um instante e em seguida meteu-a subtilmente no bolso posterior do casaco, com a mesma maquinal precaução como se a tivera roubado.

Apenas Montparnasse concluiu a sua operação, o velho voltou costas e continuou sossegadamente o seu caminho.

— Pateta! — murmurou Montparnasse.

Quem era aquele homem? O leitor já decerto o adivinhou.

Montparnasse, estupefacto, pôs-se então a olhar para o velho, que ia desaparecendo entre as sombras do crepúsculo. A sua contemplação foi-lhe fatal.

Ao mesmo tempo que o velho se afastava, aproximava-se Gavroche.

O gaiato relanceara os olhos para o banco onde antes estava sentado o tio Mabeuf e certificou-se de que o velho ainda permanecia no mesmo sítio, talvez dormindo. Depois saiu de entre as silvas e principiou a arrastar-se ajudado pela obscuridade, para o lugar onde estava Montparnasse imóvel e de costas voltadas para ele. Apenas chegou ao pé do bandido, sem ser visto nem ouvido, meteu subtilmente a mão no bolso posterior do casaco de fino pano preto, que Montparnasse vestia, pegou na bolsa, tirou-a devagarinho, deitou-se de gatas outra vez e evadiu-se, como uma cobra, por entre as trevas. De nada dera conta Montparnasse, já porque não tinha razão para se precaver, já porque estava meditando, pela primeira vez na sua vida. Apenas Gavroche voltou ao lugar onde estava o tio Mabeuf, atirou a bolsa por cima da sebe e deitou a fugir.

A bolsa caiu aos pés de Mabeuf. Despertado por esta comoção, agachou-se a pegar nela e abriu-a, sem entender o que aquilo significava. Era uma bolsa com duas divisões, uma das quais continha algum dinheiro miúdo e a outra seis napoleões.

Mabeuf, agitado por tão estranho acontecimento, levantou-se, procurou a criada e mostrou-lhe o achado, como pedindo-lhe explicação.

— Foi coisa que caiu do céu! — disse a tia Plutarco, explicando plena e

desassombradamente o fenómeno que o velho não compreendera.

LIVRO QUINTO — O FIM NÃO CONDIZ COM O PRINCÍPIO

I — Atracção entre a solidão e o quartel

A dor de Cosette, tão pungente ainda e tão viva quatro ou cinco meses antes, entrava sem que ela mesmo o suspeitasse, em convalescença. A natureza, a Primavera, a mocidade, o amor que tinha a seu pai, a alegria dos passarinhos e das flores, faziam filtrar a pouco e pouco, dia a dia, gota a gota, naquela alma virgem e novel, o que quer que era semelhante ao esquecimento. O fogo apagara-se ali de todo, ou formavam-se unicamente camadas de cinza? O facto é que quase já não sentia ponto algum dorido.

Um dia, repentinamente, lembrou-se de Mário e exclamou consigo mesma:

— É estranho! Já nem me lembro dele!

Nessa mesma semana, andando a jovem a passear no jardim, avistou, ao passar pela grade, um belo oficial de lanceiros, de espada sobraçada, charuto na boca, bigodes retorcidos, cintura de vespa, farda apurada e lustroso *schapska.* Além disto, tinha cabelos louros, olhos azuis à flor do rosto, cara redonda e bonita, ar insolente e vaidoso; o contrário de Mário em tudo. Cosette viu-o e lembrou-se que devia ser algum oficial do regimento aquartelado na rua de Babilónia.

No dia seguinte tornou a vê-lo passar e tomou sentido na hora.

Desde aí por diante, todos os dias seria acaso? Todos os dias via passar o elegante oficial, que para o leitor não há-de ser desconhecido, porque se chamava Teodulo Gillenormand.

Os camaradas notaram que nunca por ali passava o belo tenente que não aparecesse por entre a decrépita grade que defendia o inculto jardim uma jovem, a quem se não podia negar nome de formosa, e diziam-lhe com acento galhofeiro:

— Ó Teodulo, tu nem sequer reparas na pequena do jardim, que se farta de te mirar, quando passas?

— Nem que eu tivesse tempo de dar atenção a todas as raparigas que olham para mim!

Era naquela mesma ocasião que Mário se submergia vagarosamente no desespero e pensava: «Se pudesse torná-la a ver antes de morrer!» Se os seus desejos, porém, fossem realizados, se ele visse, naquela ocasião, Cosette olhando para um lanceiro, primeiro expiraria de dor, antes de poder pronunciar uma palavra.

E quem seria o responsável? Ninguém.

Mário era desses temperamentos que, uma vez presos da angústia, por ela se deixam assenhorear completamente; Cosette era dos que, apenas

subjugados, sacodem logo o jugo.

Além disto, Cosette achava-se então nessa fase perigosa, nessa época fatal da vida da mulher, em que o coração de uma jovem que vive isolada, se assemelha aos elos da vide enroscando-se à ventura ou no capitel de uma coluna de mármore ou no esteio de uma aramada de taberna. Momento rápido e decisivo, crítico para qualquer órfã, seja pobre ou rica, porque a riqueza não obsta à má escolha; nem as uniões desiguais são privativas das classes inferiores; a verdadeira desigualdade é a das almas; assim como, pois, alguns rapazes obscuros, sem nome, sem nascimento nem fortuna, são capitéis de mármore, que sustentam um templo de generosos sentimentos e nobres ideias, assim muitos homens do mundo, satisfeitos e opulentos, de polimento nos pés e verniz nas palavras, analisados, não exterior, mas interiormente, isto é, na parte reservada à mulher, não são mais do que um estúpido barrote em contacto tenebroso com as paixões violentas, imundas e avinhadas. Esteios de taberna!

Que abrigava a alma de Cosette? Alguma paixão acalmada ou adormecida; algum amor no estado flutuante; o que quer que fosse de límpido e brilhante, a certa profundidade turvo e mais profundamente sombrio. Por baixo, bem por baixo da superfície, em que se reflectia a imagem do belo oficial de lanceiros, estaria alguma recordação? Talvez, bem que Cosette não o soubesse.

Deu-se então um acontecimento singular.

II — Sustos de Cosette

Em meados de Abril, Jean Valjean fez uma viagem, caso que, como é sabido, só de tempos a tempos e com longos intervalos se dava no seu pacífico viver. A sua ausência, nessas ocasiões, não passava de um, ou quando muito de dois dias. Aonde ia ele? Ninguém o sabia, nem mesmo Cosette. Apenas, por ocasião de uma das suas costumadas saídas, a jovem o acompanhara de carruagem até à entrada de um beco, em cuja esquina se lia «Beco da Planchette». Chegados a esse lugar, Jean Valjean apeou-se e Cosette voltou na carruagem para a rua de Babilónia. De ordinário, estas viagens de Jean Valjean só tinham lugar quando em casa havia falta de dinheiro.

Estava, pois, Jean Valjean ausente, e, segundo ele declarara no momento da partida, só daí por três dias voltaria.

Assim, a jovem encontrava-se sozinha; uma noite, na sala, lembrou-se de se sentar no seu piano-órgão para se entreter e pôs-se a cantar o coro de Euryanto «Caçadores perdidos nos bosques», que talvez seja o mais belo trecho de música conhecido. Por fim, deixou descair a cabeça para uma das mãos, fincando o cotovelo no bordo do piano, e ficou pensativa.

Estava Cosette nesta atitude, quando de súbito se lhe afigurou ouvir passos no jardim.

Seu pai não podia ser, porque estava para fora; Toussaint também não, porque estava deitada, visto já passar das dez horas.

Dirigiu-se a uma janela da sala, colou o ouvido à madeira e escutou.

Efectivamente, pareceu-lhe ouvir passos de homem caminhando cautelosamente.

Subiu rapidamente ao seu quarto, que ficava no primeiro andar, abriu um postigo interior da janela e pôs-se a examinar o jardim por entre os vidros. Era lua cheia, fazia um luar como se fosse dia.

Não viu ninguém.

Não contente com o exame por dentro dos vidros, abriu a janela e circunvagou a vista por todos os recantos do jardim. Estava tudo em absoluto sossego e deserta, como de costume, a parte da rua que se avista de casa.

Em vista disto, Cosette capacitou-se que se tinha enganado com o rumor que se lhe afigurara ouvir, tomando como realidade o que não passava de uma alucinação produzida pelo sombrio e maravilhoso coro de Weber, que abre diante do espírito voragens assustadoras, que treme diante do olhar como uma floresta vertiginosa e em que se ouve o estalido dos ramos secos sob os pés dos assustados caçadores, entrevistos à luz do crepúsculo.

A jovem satisfez-se com a explicação e esqueceu completamente o caso.

Cosette, além disso, era de natureza pouco atreita a medos. Girava-lhe nas veias sangue de boémia e de aventureira descalça. Se bem se recordam, Cosette, interiormente animosa e resoluta, tinha mais de cotovia do que de pomba.

No dia seguinte, ao cair da noite, andando a passear no jardim, parecia-lhe ouvir de vez em quando, próximo dela, por entre os confusos pensamentos em que andava embebida, um ruído de passos semelhante ao da noite antecedente. Não obstante, porém, tal circunstância, continuava tranquilamente o seu passeio, sem prestar atenção ao rumor que ouvia, o qual perfeitamente explicava a sós consigo pelo roçar de dois ramos agitados pela viração da noite, explicação plausível, por isso que não via ninguém.

Findo o seu passeio, a jovem saiu de entre as moitas, entre as quais andava como encoberta, e dirigiu-se para casa. Faltava-lhe apenas atravessar um tabuleiro de relva para chegar à varanda, quando, ao clarão da Lua, que se elevava por trás dela, projectando-lhe a sombra no espaço coberto de relva, recuou apavorada. Ao lado da sua, a Lua desenhava distintamente na relva outra sombra, sobremodo medonha, que simulava um homem de pé, com um chapéu redondo na cabeça e colocado junto à orla do arvoredo a pequena

distância de Cosette.

Após um instante de susto, em que ficara sem poder falar, nem gritar, nem chamar, nem mexer-se, nem voltar a cabeça, encheu-se de coragem e voltou resolutamente a cabeça para o lugar onde devia estar o homem, cuja sombra terrível tanto a atemorizara.

Não estava ninguém.

Tornou a olhar para o chão. A sombra tinha desaparecido.

Entrou no arvoredo, procurou por todos os cantos, foi até à grade e não achou coisa alguma.

Sentiu-se realmente gelada. Seria uma alucinação?

O quê! Dois dias seguidos! Uma alucinação passa, mas duas alucinações? O mais inquietador era não ser a sombra decerto um fantasma. Os fantasmas já não usam chapéu redondo.

No dia seguinte, Jean Valjean regressou. Cosette «contou-lhe o que julgara ver e ouvir. Esperava que seu pai a sossegasse e lhe dissesse encolhendo os ombros:

— És uma louquinha!

Jean Valjean tornou-se pensativo.

— Talvez não seja nada — disse ele.

E, separando-se dela sob um pretexto qualquer, dirigiu-se ao jardim e foi visto por Cosette, examinando a grade com muita atenção.

Durante a noite, acordou; daquela vez não se enganava, ouvia distintamente passos muito perto da varanda, mesmo por baixo da janela. Correu ao postigo e abriu-o. Andava com efeito no jardim um homem, com um grosso pau na mão. No momento em que ia para gritar, a Lua iluminou o perfil daquele homem. Era seu pai.

Tornou logo a deitar-se, dizendo:

— Como ele anda inquieto!

Jean Valjean passou aquela noite e as duas que se lhe seguiram no jardim. Cosette viu-o pelo seu postiguinho.

Na terceira noite, a Lua, decrescendo, começava a erguer-se mais tarde; seria uma hora da manhã quando ouviu uma grande risada e a voz de seu pai chamando-a. Saltou abaixo da cama, vestiu um roupão e abriu a janela. Seu pai estava em baixo no tabuleiro de relva.

— Acordei-te para te sossegar — disse ele — olha, ali tens a sombra do chapéu redondo.

E indicou-lhe na relva uma sombra projectada pelo luar, que se assemelhava, com efeito, ao espectro de um homem que tivesse um chapéu redondo. Era a sombra produzida pelo tubo de ferro de uma chaminé, com

capitel, que se elevava acima de um telhado próximo.

Cosette riu-se também; todas as suas lúgubres suposições caíram, e no dia seguinte, almoçando com seu pai, gracejou muito sobre o sinistro jardim frequentado por sombras de tubos de chaminés

Jean Valjean ficou de novo completamente tranquilo; quanto a Cosette, nem mesmo reparou se o tubo da chaminé ficava bem na direcção da sombra que vira, ou julgava ver, e se a Lua se achava no mesmo ponto do céu. Não se interrogou muito sobre a particularidade de um tubo de fogão, que receia ser surpreendido em flagrante delito e que se retira quando lhe olham para a sombra, porque a sombra desaparecera quando Cosette se voltara, e nisto julgara não se enganar. O certo é que a demonstração de Jean Valjean pareceu-lhe completa e que se lhe varreu do sentido a ideia da possibilidade de análogos encontros, quer de dia, quer de noite.

Novo incidente, porém, sobreveio daí adias.

III — Auxílio dos comentários de Toussaint

Por uma tarde daquele mesmo mês de Abril, à hora em que Jean Valjean se achava fora, Cosette desceu ao jardim, e, após ter dado algumas voltas, veio sentar-se num banco de pedra situado junto à grade da entrada e defendido das vistas dos curiosos por um caramanchel, não obstante, da rua se poder chegar ao banco, metendo o braço por entre as grades do portão e os ramos que formavam a latada ou caramanchel.

O sol desaparecera havia já algum tempo. De instante a instante, agitava-se brandamente a ramagem das árvores ao contacto da viração fresca da noite.

Cosette, mergulhada em profunda cogitação, sentia-se gradualmente possuída de uma tristeza indefinida, dessa tristeza invencível, causada pelo declinar do dia, e que bem pode provir quem sabe? de um vago pensamento de além-túmulo, a essa hora em que o anjo dos sepulcros parece elevar-se no ar, apontando para as campas entreabertas. Quem sabe se o anjo que assim pairava entre as sombras da hora crepuscular era Fantine?

Cosette levantou-se, deu vagarosamente um passeio pelo jardim, caminhando por sobre a relva inundada de orvalho, dizendo a si mesma, através da espécie de sonambulismo melancólico em que estava mergulhada:

— A esta hora eram realmente precisos uns tamanquinhos para andar no jardim. Pode apanhar-se uma constipação!

Em seguida voltou ao banco.

Porém, na ocasião em que se preparava para se sentar, reparou numa grande pedra colocada no lugar que ela tinha deixado, e que há um instante com toda a certeza ali não estava.

Pôs-se a contemplá-la, pedindo a si mesma a explicação do que via, quando

de súbito lhe acudiu e sobremodo a assustou a ideia de que aquela pedra não viera ali colocar-se de per si, que alguém. Já a pusera, metendo o braço por entre as grades. Desta feita não havia que duvidar; a pedra ali estava; portanto, o seu susto assentava num motivo real.

Cada vez mais apavorada pelos pensamentos a que dava margem este caso, deitou a fugir sem ter tocado na pedra nem olhar para trás, refugiou-se em casa, fechando precipitadamente a porta do caramanchel com quantos fechos tinha, e depois de a trancar e segurar bem, procurou Toussaint e perguntou-lhe:

— Meu pai já veio?

— Ainda não, menina.[16]

Jean Valjean, homem pensativo e passeante nocturno, muitas vezes só pela noite dentro se recolhia a casa.

— Toussaint — tornou Cosette — você à noite tem sempre o cuidado de olhar que fiquem bem trancadas as janelas que deitam sobre o jardim e que fiquem bem corridos os fechos que encaixam naquelas coisas de ferro?

— Pois tenho, menina, pode estar descansada!

Bem sabia Cosette que nunca essa tarefa esquecia à boa mulher; todavia, não pôde ter-se que não acrescentasse:

— É porque isto por aqui é tão deserto...

— Isso é que é! — atalhou Toussaint. — Pode a gente aqui ser estrangulada sem ter tempo para dizer: «Ai Jesus!» E então logo para maior desgraça, como cá não fica o senhor, somos nós duas sozinhas, sujeitas às vezes a um perigo. Mas escusa de ter medo, menina, que eu às janelas e às portas não lhes deito unais fechos porque os não têm. Nem as portas de uma cadeia ficam mais seguras! Mas duas mulheres sozinhas!, faz estarrecer só semelhante ideia! Imagine a menina: ver a gente entrar-lhe de noite no quarto um bando de homens de má catadura, que, se vêem que uma pessoa faz algum movimento, dizem logo: «Nem um pio!» e principiam a cortar o pescoço à gente! Não é lá por morrer, que enfim, a gente, afinal sempre vem a morrer, ou mais hoje ou mais amanhã mas o horror da gente se ver tocada, de sentir no corpo as mãos destes malvados! E sentir na carne aquelas facas que nem são amoladas nem nada! Meu Deus!

— Toussaint, cale-se com essas coisas e tenha sempre cuidado em olhar que fique tudo bem fechado!

Cosette, apavorada com o melodrama improvisado pela pobre mulher e talvez com a lembrança das aparições da semana antecedente, nem força teve para lhe dizer que fosse olhar a pedra que tinham posto em cismado

banco, com medo de tornar a abrir a porta do caramanchel e entrarem os «homens». Mandou fechar cuidadosamente todas as portas e janelas, fez visitar a casa toda por Toussaint, desde a loja até ao sótão, fechou-se no quarto por dentro, olhou debaixo da cama, e, após tudo isto, deitou-se, mas dormiu mal. Toda a noite lhe pareceu que tinha diante de si a pedra, mas a pedra com as proporções de uma montanha e toda cheia de cavernas.

Ao nascer do Sol, o qual tem a propriedade de nos fazer rir dos nossos terrores nocturnos, e rir com tanta mais vontade quanto maior foi o susto que tivemos. Cosette acordou, e, tomando os seus terrores como simples efeito de um pesadelo, disse entre si:

— Eu que sonhei? É como noutro dia à noite imaginar que tinha ouvido passos e visto gente no jardim, e sai-me a sombra de uma chaminé! Querem ver que eu me vou a fazer medrosa?

E de tal modo se sentiu desoprimida ao aspecto do Sol, que se coava pelas fendas das janelas, purpureando o damasco do cortinado, que todas as imagens negras, inclusive a da pedra, se lhe varreram do pensamento.

— Qual pedra nem meia pedra! Foi sonho meu como o mais! Existia tanto a pedra do banco como o tal homem do chapéu redondo que vi no jardim!

A jovem vestiu-se, desceu ao jardim, correu ao banco, e, ao dar com os olhos na pedra, que, efectivamente, lá estava, sentiu correr-lhe um suor frio pelo corpo.

Momentânea foi, porém, tal impressão. O medo de noite troca-se em curiosidade de dia.

— Não, sempre hei-de ver o que isto é!

E, levantando a pedra, que era bastante volumosa, deparou com um objecto semelhante a uma carta, que tirou para fora.

Era um sobrescrito em branco e aberto, que facilmente se reconhecia conter dentro o que quer que fosse.

A jovem revolveu-o um instante nas mãos, e, por fim, resolveu-se a abri-lo. O que ela sentia já não era medo nem curiosidade, era um princípio de ansiedade. O misterioso sobrescrito encerrava um caderno numerado, contendo em cada página algumas linhas escritas por letra que Cosette achou bonita e sobremodo elegante.

Ávida de saber quem podia ser o autor daquele escrito, procurou um nome e não achou nenhum; procurou uma assinatura e não a encontrou. A quem era aquilo dirigido? Decerto a ela, visto que sobre o banco onde ela devia vir sentar-se é que mão oculta tinha colocado o embrulho. De quem vinha ele? Assenhoreou-se da jovem uma fascinação irresistível, tentou desviar os olhos daquele papel, que segurava nas mãos trémulas, fitou os olhos no céu, na rua,

nas acácias resplendentes de luz, nuns pombos que esvoaçavam sobre um telhado vizinho, depois baixou-os repentinamente para o manuscrito, firmemente resolvida a saber o que ele continha. Eis o que a jovem leu:

IV — Um coração debaixo duma pedra

Redução do Universo a uma só criatura, dilatação de uma só criatura até Deus, eis definido o amor.

***

O amor é a saudação dos anjos aos astros.

***

Como é triste a alma, quando é o amor a causa da sua tristeza!

***

Que vácuo imenso deixa após si o ente que se ausenta e abandona as solidões de que era encanto único! Oh, como é verdade ser o ente amado imenso como Deus! Natural seria mostrar-se Deus invejoso dele, se o Pai de todas as coisas com certeza não houvera feito a criação para a alma e a alma para o amor.

***

Um sorriso basta, entrevisto de longe nos lábios de uma fronte emoldurada num chapelinho de crepe branco, para fazer entrar a alma no palácio dos sonhos.

***

Deus habita em tudo, mas oculto a nossos olhos. As coisas são negras, opacas as criaturas. Amar um ente é torná-lo transparente.

***

Há pensamentos que valem por orações e momentos em que, qualquer que seja a atitude do corpo, a alma está de joelhos.

***

Os amantes separados iludem a ausência por meio de mil coisas quiméricas, que têm, todavia, mais ou menos realidade. Impedem-nos de se verem, roubam-lhes os meios de se escreverem, mas eles acham um sem número de misteriosos modos de correspondência. Enviam-se mutuamente o canto das aves, o perfume das flores, os risos infantis, a luz do Sol, os suspiros do vento, os fulgores das estrelas, a criação inteira. E porque não há-de ser assim, se todas as obras de Deus foram feitas para servir o amor e se ele tem sobeja grandeza para fazer da natureza inteira sua mensageira? Ó primavera, tu és uma carta que eu lhe escrevo.

***

O futuro pertence ainda mais aos corações do que aos espíritos. Amar, é a única coisa capaz de ocupar a eternidade. Ao que não tem fim, o que nunca se

exaure.

***

O amor participa da alma, como ela tem idêntica natureza, como ela é centelha divina, como ela é incorruptível, indivisível, imperecível. É um foco que temos dentro em nós, foco imortal e infinito, que não pode ser limitado nem extinto. Sentimo-lo queimar-nos até à medula dos ossos, vê-lo inundar de seus reflexos a terra e elevar os seus clarões até à amplidão do céu.

***

Ó amor, adorações, voluptuosidade de dois espíritos que se compreendem, de dois corações que se consubstanciam, de dois olhares que se confundem! Quando vos gozarei, ó venturas! Quando nos vereis, ó aves do céu, vagueando enlaçados, mutuamente unidos, no silêncio da solidão! Quando vos gozarei, ó dias fúlgidos e abençoados, vividos do Sol da nossa ventura! Por vezes tenho sonhado que de longe a longe caem do céu algumas partículas do viver dos anjos e vêm ao mundo misturar-se no destino dos homens.

***

Em nada pode Deus aumentar a ventura dos que se amam, a não ser que os opulente com a duração sem fim. Após uma vida de amor, uma eternidade de amor, é um aumento, sem dúvida, mas aumentar em intensidade a felicidade inefável que o amor neste mundo proporciona à alma é impossível, mesmo a Deus. O amor é a plenitude do homem, como Deus é a plenitude do céu.

***

Por dois motivos fitais uma estrela: por ela ser luminosa e por ser impenetrável. Descei, porém, a vista e vereis junto de vós mais suave luz, mais indecifrável mistério — a mulher.

***

Todos nós, quem quer que sejamos, temos os nossos entes respiráveis. Se eles nos faltam, falece-nos o ar, breve sufocamos. Então é certa a morte. Morrer por falta de amor! Oh, que terrível morte! A asfixia da alma!

***

Achado está o segredo da vida de dois entes, se os fundiu e consubstanciou numa angélica e sagrada unidade, o amor. Tornam-se os dois termos de um mesmo destino, as duas asas de um mesmo espírito. Amar é voar!

***

Desde o momento em que vedes aureolada de luz a mulher que passou por vós, estais perdidos, amais. Só vos resta então pensar nela tão fixamente, que ela se veja forçada a pensar em vós.

***

Só Deus pode acabar o que o amor principia.

***

É o amor verdadeiro sensível à angústia de uma luva perdida ou às alegrias de um lenço achado, e só a eternidade lhe basta às suas esperanças e às suas dedicações. É que o amor compõe-se da grandeza infinita e da infinita pequenez.

***

Se sois pedra, sede imã; sensitiva, se sois flor; se sois homem, sede amor.

***

É o amor de sua natureza insaciável. Dai-lhe a felicidade, pede-vos o paraíso; dai-lhe o paraíso, pede-vos o céu.

***

Ó almas que vos amais, sabei procurar e vereis que tudo isso contém o amor em si! Tendes nele a contemplação que vale o céu, e, demais que no céu, a voluptuosidade.

***

— Ela tem vindo ao Luxemburgo?
— Não, senhor.
— A esta igreja é que ela vem ouvir missa, não?
— Já cá não vem.
— Ainda mora aqui?
— Mudou-se.
— Para onde?
— Não disse.

Que triste é ignorarmos a morada da nossa alma!

***

O amor tem criancices, as outras paixões têm pequenezas. Vergonha às paixões que tornam o homem pequeno! Honra à que o faz criança!

***

Estranha coisa, que talvez ignoreis. Desde que me levaram o céu, vivo imerso em profundas trevas!

***

Oh, como eu me dera por contente da minha eternidade, se no mesmo túmulo repousássemos a par, com a minha mão unida a tua, sentindo de espaço a espaço a suave pressão dos teus nos meus dedos!

***

Se o amor vos faz sofrer, amai ainda mais. Morrer de amor é viver!

***

Amai que o amor é o suplício entremeado de uma transfiguração estrelada, agonia em que a alma se abre à amplidão de dulcíssimos êxtases.

***

Ó alegria das aves! Se vos não fora o ninho, como cantaríeis?

***

O amor é uma respiração celeste do ar do paraíso.

***

Corações profundos, espíritos ilustrados, recebei a vida como ela vos vem da mão de Deus — longa provação, preparação ininteligível para um destino que não conheceis e que para o homem começa verdadeiramente no primeiro degrau do interior do túmulo. Então as visões e um confuso entrever do definitivo o definitivo, notai bem. Os vivos vêem o infinito, mas só aos mortos é dado ver o definitivo. Até lá, amai e sofrei, esperai e contemplai. Infeliz o que só tiver amado corpos, formas, aparências, que tudo lhe tirará a morte! Amai as almas, se quereis além do túmulo encontrá-las.

***

Passei uma ocasião por um rapaz, pobre de fortuna, mas opulento de amor. Trazia um chapéu sem pêlo, um casaco desbotado e roto nós cotovelos; através dos sapatos corria-lhe a água, através da alma passavam-lhe os astros.

***

Oh, que sublime coisa o ser amado! Que coisa maior ainda amar! Torna-se heróico o coração à força de paixão! Então não se compõe senão do que é puro, então não se apoia senão no que é elevado e grande. É tão difícil germinar nele um pensamento indigno, como à urtiga aferrar raízes no gelo. A alma alta e serena, inacessível às paixões e às emoções vulgares, domina as nuvens e as sombras deste mundo, as loucuras, as mentiras, os ódios, as vaidades e as misérias, habita a amplidão do céu, e apenas sente os profundos e subterrâneos abalos do destino, como o cimo das montanhas sente as convulsões do terramoto.

***

Se no mundo não houvesse quem amasse, apagar-se-ia o Sol.

V — Cosette depois da carta

À medida que a jovem ia lendo, gradualmente se lhe ia alando o espírito para cogitações estranhas a tudo o que a cercava. No instante em que ela desfitava os olhos da última linha do papel, passava por diante da grade, como era seu costume àquela hora, o belo oficial meneando-se airoso e com ar triunfante, e Cosette achou-o hediondo Depois deste incidente, que levemente a distraiu, voltou à contemplação daquele papel que tinha nas mãos. Era escrito em lindíssima letra, no sentir de Cosette, pela mesma mão, mas com tintas diversas, em partes muito carregadas, em parte esbranquiçadas, como acusando renovação de tinta no tinteiro, e, por consequência, em dias

diferentes. Claro estava, portanto, que aquele manuscrito era a expansão de um pensamento, feita suspiro a suspiro, sem ordem, nem escolha, nem fim, inteiramente ao acaso e irregularmente. Nunca a jovem lera coisa assim. Aquele manuscrito, em que ela ainda via mais luz do que escuridão, fazia-lhe o efeito de um santuário entreaberto. Resplendia-lhe aos olhos e inundava-lhe o coração de uma como luz estranha cada uma daquelas misteriosas linhas. A educação que recebera falara-lhe sempre da alma, mas nunca do amor, como quem falasse do tição e não da chama. Aquele manuscrito de quinze páginas revelava-lhe repentina, mas suavemente, todos os segredos do amor, da dor, do destino, da vida, da eternidade, o princípio e o fim. Era uma como mão que se abria, atirando-lhe de chofre ao coração um punhado de raios. Naquelas poucas linhas que os seus olhos viam, sentia ela uma natureza apaixonada, ardente, generosa, honesta, um desejo santo, uma dor imensa e uma imensa esperança, um coração em afago de ânsias, um êxtase em expansão de delícias. Que era aquele manuscrito? Uma carta. Carta sem direcção, sem nome, nem data, nem assinatura, instante e desinteressada, conjunto enigmático de verdades, mensagem de amor para ser trazida por um anjo e lida por uma virgem, entrevista em regiões que não eram da terra, carta amorosa de um fantasma a uma sombra. Era a mensagem de um ausente que com o coração alanceado, mas o rosto sereno, parecia estar esperando o refúgio da morte, enviando à ausente o segredo do destino, a chave da vida, o amor. Aquelas linhas haviam sido escritas com o pé no túmulo e o dedo no céu. Quase as chamaríeis gotas da alma, caídas uma a uma sobre aquele papel.

Mas de quem viriam aquelas páginas? Que mão as teria escrito?

A hesitação de Cosette não durou um minuto. Um único homem podia ser.

Ele!

De novo se lhe inundou o espírito dos clarões perdidos entre as sombras do olvido; de novo voltaram a ele as miragens apagadas pelo entenebrecer do esquecimento. Experimentava uma alegria inaudita e uma agonia penetrante. Fora ele, ele que lhe escrevera, que condensara naquele papel os eflúvios castos da sua alma apaixonada, que metera o braço por entre aquelas grades e depusera naquele banco o edite em que amealhara as riquezas do seu coração amante! E ele vinha encontrá-la, talvez depois de bem penosos esforços, ao passo que ela nem sequer se lembrava. Nem sequer dele se lembrava?! Porventura o esquecera ela? Oh, não! Nunca! Louca que fora, acreditando um instante que assim tinha sido. Amara-o sempre, sempre o adorara! Escondera-se o fogo e permanecera algum tempo encoberto, mas fora, como ela via, para minar por mais fundo e rebentar agora de novo,

abrasando-a toda. Aquele papel era uma como faísca caída de outra alma para incendiar a sua. E esse novo incêndio sentia-o ela principiar, a cada palavra do manuscrito, que lhe acordava os ecos de uma voz já conhecida.

— Oh, como eu reconheço tudo isto! — dizia ela consigo. — É o mesmo que, antes de ver com os meus olhos aqui, já tinha lido nos dele!

Ao findar pela terceira vez a leitura do manuscrito, passava de novo por diante do portão o tenente Teodulo, batendo os pés nas lajes da rua para tornar mais sensível o tinido das esporas. Não pôde Cosette tanto consigo que não levantasse os olhos, e, ao dar com eles no lanceiro, achou-o desengraçado, parvo, tolo, pretensioso, fátuo, desairoso, impertinente e feio. Entendeu o oficial que devia sorrir-se para ela. Cosette voltou-lhe as costas, envergonhada e indignada. O seu desejo naquele momento fora atirar-lhe com o que quer que fosse à cara.

Em seguida deitou a fugir, entrou em casa e meteu-se no quarto para mais uma vez ler o manuscrito, até o saber de cor, e para se entregar a todas as reflexões, doces reflexões, a que ele lhe deixava vasto campo aberto. Lido e relido o precioso manuscrito, beijou-o e meteu-o no seio.

Não havia que duvidar. Cosette volvera ao profundo amor seráfico. Outra vez se lhe abrira o abismo Éden.

No decurso desse dia, Cosette andou sempre como que aturdida, sem poder coordenar um só pensamento, ligar uma só ideia das que tumultuosamente se lhe amontoavam no cérebro, tão confusas como uma meada emaranhada, formar uma só conjectura. Esperava nos trémulos anseios da sua paixão. O quê? Nem ela o sabia. Coisas vagas, pois não ousava a si mesma prometer-se nada; tudo, pois nada queria recusar-se a si própria. De vez em quando passava-lhe pelo rosto súbita palidez e estremecimentos por todo o corpo. Às vezes afigurava-se-lhe ser apenas o ludíbrio de um sonho, e então era o perguntar-se no silêncio do seu coração pela realidade do que via e o apalpar sob o estofo do vestido o papel bem amado, o apertá-lo contra o coração, até sentir na carne as dobras dele. Se Jean Valjean a visse naquele momento, teria estremecido na presença da alegria luminosa e desconhecida que lhe transbordava das pálpebras.

— Oh, sim! — dizia ela a sós consigo no recôndito das suas alegrias. — É ele! É ele que me envia isto! Foram os anjos, foi o céu que mo restituiu, quando eu o supunha perdido! Perdido, meu Deus! Abençoada intervenção, ó anjos! Abençoado acaso, ó céu!

Ó transfigurações do amor! Ó sonhos cegos de amantes! O acaso celeste, a intervenção dos anjos, fora a bola de pão atirada por um ladrão a outro ladrão da prisão de Carlos Magno para *a* Cova dos Leões por cima dos telhados da

Force.

VI — Os velhos nasceram para sair de casa em ocasiões oportunas

Na tarde desse mesmo dia, Jean Valjean saiu e Cosette principiou a vestir-se. Penteou os cabelos do modo que melhor lhe ficavam, vestiu um vestido, em cujo corpete a costureira, por um inocente descuido, dera uma tesourada de mais, por onde se deixava entrever a raiz do pescoço, o que, como dizem as jovens, o tornava «um pouco indecente». Nada de indecente tinha o vestido, mas era assim mais bonito do que se não tivera aquela indiscreta abertura. Todo este esmero de vestuário e realce de beleza empregara a jovem sem saber porquê.

Era sua tenção sair? Não.

Esperava alguma visita? Não.

Próximo ao anoitecer, desceu ao jardim. Toussaint andava atarefada no tráfego da sua cozinha, que deitava para o pátio das traseiras.

Foi caminhando vagarosamente, desviando a intervalos com a pequenina mão os ramos que por vezes lhe vinham voluptuosos beijar a cândida fronte, até que, por fim, chegou junto do banco, sobre o qual ainda jazia a pedra.

A pedra que uma noite guardara aquele tesouro, de cuja existência a jovem tão longe estava de suspeitar.

Sentou-se e apoiou sobre ela a meiga e alva mão, como que acarinhando-a e agradecendo-lhe.

De súbito, sentiu essa impressão indefinível que ainda sem ver se experimenta, quando por trás de nós se chega alguém.

Cosette voltou a cabeça e ergueu-se.

Era ele.

Estava com a cabeça descoberta. Parecia muito pálido e magro. Apenas se lhe distinguia o seu fato preto. O crepúsculo tornava-lhe lívida a bela fronte e cobria-lhe os olhos de trevas. Sob um véu de incomparável doçura, tinha alguma coisa da morte e da noite. O rosto era-lhe iluminado pela claridade do dia que se extingue e pelo pensamento de uma alma que se vai deste mundo.

Parecia que não era ainda o fantasma, mas que também já não era o homem.

O chapéu atirara-o para entre as ervas, a alguns passos de distância.

Cosette, prestes a desfalecer, não soltou um só grito. Recuava vagamente, porque se sentia atraída. Ele não se movia. Havia um não sei quê de Inefável e triste que a envolvia, sentia-lhe ela o olhar, que não via.

Cosette, recuando, chegou a uma árvore e encostou-se a ela. Se não fosse aquela árvore teria caído. Então ouviu-lhe ela a voz, aquela voz que nunca verdadeiramente ouvira, elevando-se apenas acima do ciciar da folhagem, e

murmurando:

— Perdoe-me o estar aqui. Tenho o coração dilacerado, não podia continuar a viver como vivia, e por isso vim. Leu o que deixei sobre este banco? Não lhe sou de todo desconhecido, não é verdade? Não tenha receio. Há já tanto tempo! Lembra-se do dia em que olhou para mim? Foi no Luxemburgo, ao pé do gladiador. E os dias em que passou pela minha frente? Foi em 16 de Junho e em 2 de Julho; há quase um ano. Depois passou-se muito tempo sem a ver. Perguntei à alugadora de cadeiras se a tinha visto, disse-me que não. Morava na rua de Oeste, no terceiro andar de uma casa nova; bem vê que sei onde morava; segui-a muitas vezes. O que devia eu fazer? Depois desapareceu. Um dia estando a ler os periódicos debaixo das arcadas do Odeon, pareceu-me vê-la passar; corri logo, mas tinha-me enganado. Era apenas uma menina que levava um chapéu como o seu. Quando é noite, venho aqui. Não tenha receio ninguém me vê. Venho olhar de perto para as suas janelas, e ando então muito devagarinho para que não me oiça, porque talvez lhe causasse medo. Uma destas noites estive atrás de si, voltou-se e eu afastei-me. Uma vez ouvia-a, cantar. Senti-me feliz. Sou porventura importuno em querer ouvi-la cantar através das vidraças? Não, isto não pode incomodá-la, não é verdade? Bem o vê, é o meu anjo; consinta que eu venha; creio que vou morrer! Se soubesse! Adoro-a! Perdoe-me, estou a falar-lhe e não sei o que digo; estou, talvez, enfadando-a; diga-me, enfado-a?

— Oh, minha mãe! — disse ela.

E dobrou-se sobre si mesma, como se desfalecesse.

Estava prestes a cair, o rapaz tomou-a nos braços e cingiu-a estreitamente, sem ter consciência do que fazia. Susteve-a cambaleando.

Estava como se tivesse a cabeça cheia de fumo; passavam-lhe relâmpagos entre as pestanas; as ideias desvaneciam-se-lhe; parecia-lhe que desempenhava um acto religioso e que cometia uma profanação. No fim de tudo não sentia o mínimo desejo por aquela mulher encantadora, cujas formas apertava contra o peito. Estava desvairado de amor.

Cosette pegou-lhe numa das mãos e pousou-a sobre o seu coração. Ele sentiu então o papel que ali se achava e balbuciou:

— Então, ama-me?

Cosette respondeu em voz tão baixa que era apenas um sopro e que mal se ouvia:

— Cala-te! Bem o sabes!

E ocultou o rosto cheio de rubor no peito do rapaz, ufano e enlevado.

Deixou-se cair sobre o banco, e ela a seu lado. Já não tinham palavras. As estrelas começavam a cintilar. Como foi que os lábios se encontraram? Como

é que o passarinho canta, que a neve se funde, que a rosa se abre, que Maio se alegra, e que a aurora desponta por trás das árvores negras no trémulo cume das colinas?

Foi unicamente um beijo.

Ambos estremeceram fitando-se reciprocamente no meio das sombras com os olhos resplandecentes.

Não sentiam nem o fresco da noite, nem o frio da pedra, nem a humidade da terra, nem a relva molhada; olhavam-se e tinham o coração cheio de pensamentos.

Sem saberem como, estavam de mãos dadas.

Ela não lhe perguntava, nem se lembrava de semelhante coisa, como e por onde entrara no jardim. Parecia-lhe uma coisa tão simples que ele ali estivesse!

De vez em quando, o joelho de Mário tocava no de Cosette, e ambos estremeciam.

De espaço a espaço, Cosette gaguejava uma palavra. A alma tremia-lhe nos lábios, como uma gota de orvalho na corola duma flor.

À pouco e pouco foram falando. A expansão sucedeu ao silêncio, que é a plenitude. A noite ostentava-se serena e esplêndida por sobre as suas cabeças. Aqueles dois entes, puros como espíritos, contaram reciprocamente tudo; os seus sonhos, enlevos, êxtases, quimeras, esmorecimentos, o modo porque se tinham adorado de longe, como se haviam desejado, e o seu desespero quando tinham deixado de se ver. Confiaram um ao outro, numa intimidade ideal, o que tinham de mais oculto e misterioso. Comunicaram-se, com uma fé cândida em suas ilusões, tudo com que o amor, a juventude e o resto de criancice que ambos tinham, lhes ocupava o pensamento. Aqueles dois corações vazaram-se um no outro; de modo que, passada uma hora, era o rapaz quem tinha a alma da jovem e a jovem quem possuía a alma do rapaz. Penetraram-se, encantaram-se, deslumbraram-se.

Depois de terem acabado, quando já tinham dito tudo, ela pousou a cabeça no ombro do rapaz e perguntou-lhe:

— Como se chama?

— Mário — respondeu ele. — E a menina?

— Eu chamo-me Cosette.

LIVRO SEXTO — O PEQUENO GAVROCHE

I — Travessura do vento

Depois de 1823, enquanto a baiuca de Montfermeil soçobrava e pouco a pouco desaparecia, não na voragem de uma falência, mas no esterquilínio das pequenas dúvidas, dois filhos, ambos varões, vieram aumentar a família Thenardier. Ficavam sendo cinco, portanto; duas raparigas e três rapazes. Era muito.

Dos dois últimos desfizera-se a Thenardier, sendo eles ainda pequenos, com singular felicidade.

Desfizera-se é o termo próprio. Aquela mulher possuía apenas um fragmento de natureza, fenómeno de que ela não é o único exemplo. À semelhança da marechala de Lamothe-Houdancoiurt, a mulher do estalajadeiro era mãe somente enquanto às filhas. Ali findava a sua maternidade, e o seu ódio ao género humano principiava pelos próprios filhos. Deste lado, a maldade daquela mulher era como um rochedo a pique, o seu coração um declive lugubremente escarpado. A Thenardier detestava o mais velho; agora execrava os outros dois. Porquê? Porque sim. O mais terrível dos motivos e a mais indiscutível das respostas: «Porque sim».

— Para que quero eu semelhante ninhada de filhos? — dizia ela.

Expliquemos como os Thenardier tinham chegado a exonerasse dos seus dois últimos filhos e até a tirar proveito deles.

Aquela Magnon, de quem mais atrás falámos, era a mesma que conseguira que o velho Gillenormand lhe pagasse a alimentação das duas crianças que ela tinha. Morava no cais dos Celestinos, à esquina dessa antiga rua do Petit-Musc, que tem feito o possível para desvanecer a má nota que dantes gozava. Lembrados estão por certo da grande epidemia do garrotilho que há trinta e cinco anos devastou Paris nos locais situados junto ao rio, epidemia que a ciência aproveitou para experimentar em larga escala a eficácia das insuflações de pedra-ume, hoje tão utilmente substituídas pela tintura externa de iodo. Nessa epidemia perdeu a Magnon, no mesmo dia, um pela manhã, outro à noite, os dois pequenos, ambos ainda de tenra idade. Foi uma desgraça. Aquelas duas crianças eram preciosas para sua mãe, para quem representavam um valor de oitenta francos mensais Estes oitenta francos eram pagos com a maior pontualidade, em nome de Gillenormand, pelo seu procurador Barge, antigo oficial de justiça, então morador na rua do Rei da Sicília Mortas as crianças, lá se iam os oitenta francos, e por isso a Magnon procurou um expediente. Nesta tenebrosa maçonaria do mal, a que ela pertencia, sabe-se tudo, guarda-se segredo e auxiliam-se os membros uns aos

outros. Magnon precisava de duas crianças; a Thenardier tinha duas, do mesmo sexo e idade. Óptimo arranjo, tanto para uma como para outra. De modo que os pequenos Thenardier ficaram sendo os pequenos Magnon. Esta deixou o cais dos Celestinos e foi morar para a rua de Cloche-Perce. Em Paris, a identidade que liga um indivíduo a si mesmo quebra-se com a mudança de uma rua para outra.

Como não houve denúncia, a autoridade não reclamou e a substituição operou-se com a maior simplicidade imaginável. Thenardier apenas exigiu ,por este trespasse de crianças dez francos por mês, que a Magnon prometeu, e até pagou. É escusado dizer, que, quanto a Gillenormand, este continuou a ser demandado pela costumada mesada. De seis em seis meses vinha ver os pequenos, mas nunca deu pela mudança.

— São mesmo o seu retrato! — dizia-lhe a Magnon.

Thenardier, a quem eram fáceis as metamorfoses, aproveitou o ensejo para se tornar Jondrette. Tanto as duas filhas como Gavroche mal tiveram tempo de reparar que tinham mais dois irmãos. Os que chegam a certo grau de miséria são acometidos por uma espécie de indiferença de espectro, que lhes faz ver os entes como larvas. Os nossos mais próximos parentes tornam-se-nos então muitas vezes apenas umas formas vagas, mal distintas no fundo nebuloso da vida e facilmente propensas à desaparição no invisível.

Na tarde do dia em que a Thenardier fizera a entrega das duas crianças à Magnon, com expressa vontade de que ela fosse perpétua, teve ou fez que teve um escrúpulo. Disse ao marido:

— Valha-me Deus! Isto é deitarmos ao abandono os nossos filhos!

Thenardier tomou um ar magistral e fleumático e cauterizou o escrúpulo de sua mulher com este dito: «Jean Jacques Rousseau ainda fez mais». Do escrúpulo a mulher passou ao receio:

— Mas se a polícia vem a saber e nós temos que padecer por causa deste arranjo? Ora diga-me, senhor Thenardier, é permitido o que nós fizemos?

— É permitido tudo —, respondeu Thenardier. -Ninguém estranhará o caso, quanto mais que, como se trata de crianças pobres, ninguém se dará ao trabalho de fazer averiguações.

A Magnon era uma espécie de elegante do crime, esmerada no vestuário, como todas as elegantes Morava, conjuntamente com uma sábia inglesa afrancesada, numa casa miserável, mobilada com certa afectação. Esta inglesa, naturalizada parisiense, recomendável pelas suas relações com a riqueza e intimamente ligada com as medalhas da biblioteca e os diamantes de *Mademoiselle* Mars, veio depois a tornar-se célebre nos registos judiciais. Tratavam-na por *Mademoiselle Miss.*

Quanto aos dois pequenos cedidos à Magnon mediante os dez francos, não tiveram de que se queixar da mudança. Recomendados pelos oitenta francos, eram esmeradamente tratados como tudo o que é explorado; bem vestidos, bem alimentados, tratados quase como «fidalguinhos», tinham mais que agradecer à mãe mercenária do que à verdadeira. Diante deles, Magnon inculcava ares de senhora e abstinha-se de falar em gíria.

Assim decorreram alguns anos, com grande satisfação de Thenardier, que via seus filhos bem tratados. Uma ocasião disse ele à Magnon, ao entregar-lhe esta os dez francos mensais do ajuste:

— Já vai sendo tempo de «o pai» os mandar educar convenientemente.

De repente as duas pobres crianças, até então favorecidas mesmo pela sua má sorte, viram-se inesperadamente arremessadas no mundo e obrigadas a principiar a vida.

Uma prisão em massa de malfeitores, como a que teve lugar na mansarda dos Jondrette, necessariamente seguida de averiguações e de outras prisões, é um verdadeiro desastre para esta hedionda contra-sociedade oculta que vive por baixo da sociedade pública; um acontecimento deste género traz consigo toda a qualidade de desabamentos neste mundo sombrio. A catástrofe dos Thenardier produziu a da Magnon.

Um dia, pouco tempo depois de a Magnon entregar a Eponina o bilhete relativo à rua Plumet, a polícia assaltou inesperadamente a casa de Magnon, que foi presa, bem como *Mademoiselle Miss* e tudo o mais que a torrente das suspeitas arrastou para dentro da rede. Nessa ocasião, achavam-se os dois pequenos a brincar num pátio que ficava nas traseiras da casa e não viram nada da «razia». Quando tentaram entrar, acharam a porta fechada e a casa vazia. Um remendão que morava numa loja fronteira chamou-os e entregou-lhes um papel que «a mãe» lhes tinha deixado. O papel continha apenas estas palavras: «Senhor Barge, procurador, rua do Rei da Sicília, número 8». E o remendão acrescentou:

— Vocês já aqui não moram. Vão a casa que diz o papel, que fica logo aí adiante, na primeira rua à esquerda. Mostram o papel e vão perguntando para onde é.

As crianças partiram, o mais velho conduzindo o mais novo pela mão e levando na outra o papel que os devia guiar. Como, porém, em virtude do frio que lhe entorpecia os dedos, não pudesse apertar bem o papel, ao voltar a esquina da rua de Cloche-Perce, uma rajada de vento tirou-lho das mãos, e, como era quase noite fechada, não lhe foi possível tornar a dar com ele, e então principiaram ambos a divagar ao acaso pelas ruas.

II — Onde o pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, o Grande

A Primavera em Paris é, muitas vezes, atravessada por um nordeste duro e desabrido, com que se fica, não precisamente gelado, mas crestado; estes nordestes que entristecem os mais belos dias, produzem exactamente o efeito dos sopros de ar frio que entram num quarto bem aquecido, pelas fendas de uma janela ou de uma porta mal fechada. Parece que ficaria mal fechada a porta do Inverno e que é por ela que entra o vento. Na Primavera de 1832, época em que se manifestou a primeira grande epidemia deste século na Europa, foram aqueles nordestes mais desabridos e mais agudos do que nunca. Era uma porta mais glacial ainda do que a do Inverno, que estava entreaberta. Era a porta do sepulcro. Sentia-se naquelas rajadas de vento o sopro da cólera.

Pelo modo de ver meteorológico, aqueles ventos frios tinham a particularidade de não excluir uma forte tensão eléctrica. Naquela quadra houve frequentes tempestades, acompanhadas de grandes trovoadas.

Uma tarde que o nordeste soprava mais agreste, a ponto de parecer que se estava no mês de Janeiro e de fazer com que os burgueses travassem outra vez das suas capas, achava-se Gavroche, tiritando alegremente, como sempre, sob os farrapos que o cobriam, de pé e como que em êxtase, diante da loja de um cabeleireiro próximo ao Orme-Saint-Gervais. Era a sua cobertura um xaile de lã, que apanhara não sabemos onde, e de que fizera um abafo. Parecia estar em atitude de profunda admiração diante de uma boneca de cera, que representava uma noiva, decotada e com a simbólica grinalda de flores de laranjeira na cabeça, volteando por dentro da vidraça e mostrando entre dois candeeiros o seu sorriso a quem passava. Na realidade, porém, o que Gavroche observava era a loja, a ver se poderia «bifar» algum sabonete para ir vender por um soldo a algum «barbeiro» dos arrabaldes. Não poucas vezes era um destes sabonetes o seu almoço. Chamava ele a este género de trabalho, para o qual tinha particular habilidade, «fazer a barba aos barbeiros».

Ao passo que contemplava a boneca e espreitava ensejo de lançar a mão ao sabonete, resmoneava consigo mesmo: «Terça-feira. Não, não é terça-feira. É terça-feira? Decerto é terça-feira. É, é terça-feira».

Nunca se soube a que aludia semelhante monólogo.

Se acaso ele se referia à última vez que tinha jantado, havia, portanto, três dias, pois era sexta naquele dia.

O barbeiro, na sua loja, aquecida por um bom fogão, fazia a barba a um freguês, mas de tempos a tempos lançava um olhar de través àquele inimigo, àquele gaiato descarado, tiritando de frio, que tinha as mãos nos bolsos, mas o espírito claramente fora da bainha.

Estando Gavroche, pois, examinando a boneca, as vidraças e os *Windsor-soaps,* dois rapazinhos de estatura desigual, decentemente vestidos e ainda mais baixos «do que ele, um dos quais inculcava ter sete anos, o outro cinco, levantaram timidamente o fecho e entraram na loja, pedindo o que quer que fosse, talvez alguma esmola, num murmúrio de quem se lastima, que mais parecia um gemido do que uma súplica. Falavam ambos ao mesmo tempo e as suas palavras eram ininteligíveis, porque os soluços embargavam a voz do mais novo e o frio fazia tiritar os dentes do mais velho. O barbeiro voltou-se com ar furibundo, e, sem pousar a navalha, empurrou o mais velho com a mão esquerda e o mais novo com o joelho, pô-los no meio da rua e fechou a porta, dizendo:

— Ora isto! Fazer com que a gente apanhe ar sem necessidade nenhuma!

As duas crianças continuaram o seu caminho, chorando. A este tempo tinha engrossado a névoa e principiava a chover.

Gavroche deitou a correr atrás deles e disse-lhes, apenas os alcançou:

— Vocês que têm, seus fedelhos?

— Não sabemos onde havemos de ir ficar! — respondeu o mais velho.

— É só por isso? — disse Gavroche. — Então pouco é. Por isso não vale a pena chorar. Já viram maiores «mimalhos»!

E tomando por entre a sua superioridade um pouco chocarreira, um acento de autoridade enternecida e de meiga protecção, continuou:

— Venham daí comigo!

— Sim, senhor — disse o mais velho.

E os dois rapazinhos começaram a segui-lo, como seguiriam um arcebispo, já sem chorar, acompanhando-o pela rua de Santo António em direcção à Bastilha.

No caminho, Gavroche voltou-se e deitou um olhar indignado e retrospectivo para a loja do barbeiro:

— Não tem coração aquele escanhoador dos quintos! É mesmo um desalmado! Mestre pescada!

Ao vê-los passar todos três em fileira com Gavroche à frente, uma rapariga desatou a rir estrondosamente. Estas risadas inculcavam falta de respeito.

— Olé, menina Omnibus! — disse Gavroche.

Um instante depois, acrescentou, ao vir-lhe de novo à lembrança o barbeiro:

— Eu chamei-lhe pescada, enganei-me; é uma serpente! Deixa estar, meu escanhoador, que eu hei-de encomendar uma campainha a um serralheiro para ta pôr no rabo!

O barbeiro tornara o gaiato agressivo. Ao saltar uma enxurrada, disse para

uma porteira barbuda e digna de encontrar Fausto no Brocken, a qual estava com a vassoura na mão:

— Então a senhora sai no seu cavalo?

E, ao mesmo tempo que dizia isto, salpicou de lama as botas de verniz de um sujeito que passava.

— Ah, grande maroto! — gritou o sujeito, furioso.

Gavroche deitou o nariz fora do xaile e perguntou:

— De quem se queixa, meu senhor?

— De ti, brejeiro! — exclamou o transeunte.

— Está fechada a repartição — disse Gavroche. Já não recebo queixas!

Ao continuar a subir a rua, avistou num portal uma mendiga de treze ou catorze anos, tiritando e vestida com uma saia tão curta, que quase se lhe viam os joelhos. A rapariguinha principiava a ser demasiado crescida para andar daquela forma. A idade prega destas peças. Torna-se curta a saia, quando a nudez se torna indecente.

— Pobre rapariga! — disse Gavroche. — Nem uma saia, ao menos! Pega lá isto.

E, desenrolando a quente manta de lã que trazia, deitou-a sobre os magros e roxos ombros da mendiga, nos quais o *cache-nez* se tornou xaile.

A rapariga olhou para ele com ar de admiração e recebeu o xaile em silêncio. Chegado a certo grau de miséria, o pobre, no seu pasmo estúpido, nem geme com o mal nem agradece o bem.

Feito isto:

— Brrr! — fez Gavroche, tiritando mais do que S. Martinho, porque esse, ao menos, ficou com metade da sua capa.

Neste momento principiou a cair chuva ainda com mais força, como se as nuvens quisessem punir a boa acção do gaiato.

— Olé, olé, isto que vem a ser! — exclamou Gavroche.

— A coisa vai a mais? Pois se isto assim continua, senhor meu Deus, largo a minha assinatura!

E continuou o seu caminho.

— É o mesmo — tornou ele, deitando um olhar de relance para a mendiga, que se embrulhava cuidadosamente no seu xaile — ali está uma que tem uma famosa casca!

E gritou, fitando a névoa:

— Pára lá isso!

Os dois rapazinhos, para o acompanhar, aligeiravam o passo o mais que podiam.

Ao passar por um desses espessos gradeados que indicam uma padaria,

porque o pão é defendido por grades de ferro como o oiro, Gavroche voltou-se e disse para os pequenos:

— É verdade, ó pequerruchos, vocês jantaram?

— Não, senhor — respondeu o mais velho — nós desde pela manhã que não comemos!

— Então vocês não têm pai nem mãe? — tornou Gavroche majestosamente.

— Perdão, nós temos papá e mamã, mas não sabemos onde eles estão.

— Às vezes vale mais isso do que sabê-lo! — disse Gavroche, que tinha seu tanto ou quanto de filósofo.

— Há duas horas que andamos perdidos — continuou o mais velho — e, por mais que tenhamos procurado pelo chão, a ver se achávamos alguma coisa, não temos achado nada!

— Eu bem sei porquê — disse Gavroche. — É porque os cães comem tudo!

E, após uma pausa, continuou:

— De modo que vocês perderam-se e não sabem o que é feito dos paizinhos. Não lhes devia acontecer isso, porque vocês já não estão nessa idade. Mas, enfim, o remédio agora é gemê-lo e tratar de arranjar abrigo.

Quanto ao mais, não lhes fez perguntas. Não ter domicílio era a coisa mais natural do mundo.

Decorridos alguns instantes, o mais velho dos pequenos exclamou, voltando quase inteiramente à pronta negligência da infância:

— Que pena! Logo nesta ocasião que a mamã nos tinha prometido levar-nos domingo de Ramos à igreja para trazermos buxo bento!

— Ora vejam que desgraça!

— A mamã tornou o mais velho é uma senhora que mora com *Mademoiselle Miss.*

— Sim? Pois fiquemos nisso — replicou Gavroche.

A este tempo tinha o gaiato parado, e havia alguns minutos apalpava e revistava todos os esconderijos do seu maltrapilho vestuário. Por fim, levantou a cabeça com um modo que queria tornar apenas satisfeito, mas, na realidade, triunfante:

— Caluda, seus pequerruchos! Já temos com que cear todos três.

E tirou um soldo de um dos bolsos.

Sem lhes dar tempo de se espantarem, empurrou-os para dentro da loja do padeiro e deitou o soldo para cima do balcão, gritando:

— Rapaz, cinco cêntimos de pão!

O padeiro, que era o próprio dono da padaria, pegou num pão e numa faca e dispôs-se a parti-lo.

— Em três bocados, rapaz! -tornou Gavroche, e acrescentou com dignidade:

— Somos três!

E, vendo que o padeiro, depois de examinar os três convivas, pegara num pão negro, meteu o dedo no nariz, com tão imperiosa aspiração como se sorvesse a pitada do grande Frederico, e atirou ao rosto do padeiro esta indigna apóstrofe:

— Que diabo é isso?

— Ora, que há-de ser! — respondeu o padeiro. — É pão, óptimo pão de segunda qualidade.

— Tem tanto de bom como eu de inglês! — replicou Gavroche, serena e friamente desdenhoso. — Pão branco é que eu quero, rapaz! Dou hoje um banquete!

O padeiro não pôde ter-se que não sorrisse, e, ao mesmo tempo que partia o pão, contemplava-os com um ar de compaixão, que ofendeu a susceptibilidade de Gavroche.

— Olá, ó seu padeiro — disse ele — que diabo está você aí a olhar para nós com essa cara?

Todos três, postos em linha, apenas mediriam uma toesa.

Partido o pão, o padeiro guardou o soldo e Gavroche disse para os companheiros:

— Vamos a *suquir!*

Os rapazinhos olharam para ele estupefactos.

Gavroche pôs-se a rir e acrescentou:

— Ah, é verdade, são muito pequenos, ainda não sabem nada!

E tornou:

— Toca a comer!

Ao mesmo tempo dava a cada um deles um bocado de pão.

E, lembrando-se que o mais velho, que lhe parecia mais digno da sua conversa, merecia alguma animação especial e devia ser desembaraçado de qualquer hesitação em satisfazer o seu apetite, acrescentou, dando-lhe o bocado maior:

— Anda, ferra-me com isso no fole da gaita

Em seguida pegou no bocado mais pequeno e guardou-o para si.

Todos eles, sem exceptuar o próprio Gavroche, estavam com fome. Em lugar de sair, puseram-se a comer sofregamente o pão, mesmo dentro da loja do padeiro, que, como já tinha recebido o dinheiro, os olhava com má cara.

— Vamos para a rua — disse Gavroche.

Saíram e continuaram o seu caminho em direcção à Bastilha.

De espaço a espaço, ao passarem por alguma loja iluminada, o mais pequeno parava para ver as horas num relógio de chumbo que trazia preso ao

pescoço por um cordão.

— Sempre é ser muito palerma! — dizia Gavroche, ao vê-lo naquelas averiguações.

Depois dizia por entre dentes com ar pensativo:

— Eu cá, se tivesse crianças, sempre as havia de trazer mais bem arranjadas do que estas.

Ao comerem o último bocado das suas respectivas rações e ao chegarem à esquina, dessa extensa rua dos Baileis, ao cabo da qual se distingue o estreito e ominoso postigo da Force, disse uma voz:

— Olá! És tu, Gavroche?

— Olha o Montparnasse?! — exclamou o gaiato.

Um homem acabava de se aproximar de Gavroche e este homem era Montparnasse, que, disfarçado com óculos azuis, não deixou de ser reconhecido pelo gaiato.

— Irra! — prosseguiu Gavroche. — Tens uma pele cor de cataplasma de linhaça e uns óculos azuis que nem um médico! Tens estilo, palavra de velho!

— Fala devagar — disse Montparnasse.

E afastou-se rapidamente com Gavroche para fora da esfera de luz proveniente das lojas.

Os dois pequenos seguiram-nos maquinalmente pela mão um do outro. Chegados a um lugar menos frequentado, meteram-se num portal, ao abrigo das vistas curiosas e da chuva e Montparnasse perguntou:

— Sabes onde vou?

— À abadia de Mont-à-Regret *(Ao cadafalso)* — disse Gavroche.

— Trocista!

E Mont-Parnasse prosseguiu:

— Vou falar com o Babei.

— Ah! — disse Gavroche. — Ela chama-se Babet?

— Não é ela, é ele.

— Ah! O Babet.

— Sim, o Babet,

— Julgava-o «estardado» *(Preso).*

— Esteve, mas safou-se — respondeu Montparnasse.

E contou rapidamente ao gaiato como na manhã daquele mesmo dia, tendo sido Babet transferido para o Conciergerie, se evadira, tomando para a esquerda em vez de tomar para a direita no «corredor da instrução».

Gavroche admirou a habilidade.

— Que dentista! — exclamou ele.

Montparnasse acrescentou alguns pormenores sobre a evasão de Babet e

terminou, dizendo:

— Mas ainda não é tudo.

Gavroche, enquanto escutava, apoderara-se de uma bengala que Mont-Parnasse tinha na mão; puxara-lha maquinalmente pela parte superior e logo aparecera a folha de um punhal.

— Oh, c'os diabos! — disse ele, escondendo apressadamente o punhal. — Trouxeste o teu gendarme disfarçado em, burguês?

Montparnasse piscou um olho.

— Mas então vais riscar com os guitas?[17]

— Quem sabe lá? — respondeu Montparnasse. — Sempre é bom ter a gente um alfinete consigo.

Gavroche insistiu:

— O que vais tu fazer esta noite?

Montparnasse tomou novamente a corda grave e disse, mastigando as sílabas:

— Algumas coisas.

E mudando rapidamente de assunto:

— A propósito...

— O quê!

— Uma história dum dia destes. Ora imagina. Encontrei um burguês que me fez presente dum sermão e da sua bolsa. Meti tudo na algibeira e daí a bocado não encontrei nada.

— Achaste só o sermão — disse Gavroche.

— Mas tu onde vais agora? — prosseguiu Montparnasse.

Gavroche indicou-lhe os seus dois protegidos, dizendo-lhe:

— Vou deitar estas crianças.

— Deitá-las onde?

— Em minha casa.

— Onde é a tua casa?

— É em minha casa.

— Tu moras nalguma parte?

— Sim, moro.

— Mas onde moras?

— No elefante — disse Gavroche.

Montparnasse conquanto de natureza pouco susceptível de se admirar, não pôde conter uma exclamação.

— No elefante?!

— Sim, no elefante, que diabo de admiração há nisso?

A profunda observação do gaiato restituiu Montparnasse à sua primitiva serenidade e bom senso, e não só isto, mas até parece que o bandido ficou tendo em melhor conta o alojamento de Gavroche.

— Ai, sim, o elefante; e que tal?

— Óptimo — disse Gavroche. — É um paraíso! Ao menos, não encana o vento como pelos arcos das pontes.

— E como diabo entras?

— Perfeitamente.

— Então por algum buraco? — perguntou Montparnasse.

— Vá lá com a breca, mas nada de dar com a língua nos dentes... Entro por um buraco que ele tem entre as pernas dianteiras, de que os «cabritos»[18] ainda não deram fé.

— E depois trepas? Já entendo.

— Aquilo é um abrir e fechar de olhos, e agarrem-me nas batas!

E, após uma pausa, Gavroche acrescentou:

— Mas cá para os pequenos hei-de arranjar-lhes uma escada.

— Onde diabo foste tu descortinar esta ganilhada? — perguntou Montparnasse, soltando uma risada.

— Estes petizes fez-me presente deles um barbeiro — respondeu Gavroche com simplicidade.

Montparnasse, porém, tornara-se pensativo.

— Diabo! — murmurou ele. — Conheceste-me logo!

E, apenas dissera isto, tirou do bolso dois objectos, que eram simplesmente dois canudos de pena embrulhados em algodão, e introduziu um de cada lado do nariz, o que lho mudava completamente.

— Agora, sim, ninguém te conhece! — atalhou Gavroche.

— Já não pareces tão feio. Para bem, havias de andar sempre assim!

Montparnasse tinha bonita figura, porém, Gavroche tornara-se escarnecedor.

— Agora sério — perguntou Montparnasse — fala a verdade: que tal te pareço?

E, ao dizer isto, o som de voz do bandido era inteiramente diferente. Montparnasse, num abrir e fechar de olhos, transformara-se completamente.

— Estás mesmo um Polichinelo! — exclamou Gavroche.

A este nome, os dois pequenos, que até então nada tinham escutado, tão embevecidos estavam a esgaravatar no nariz, aproximaram-se e puseram-se a olhar para Montparnasse entre alegres e admirados.

Por desgraça, Montparnasse parecia ter coisa que o afligia.

Decorrido um instante, pôs a mão no ombro de Gavroche e disse-lhe, acentuando intencionalmente cada palavra:

— Ora olha o que eu digo, meu digno rapaz; se eu estivesse na praça com o meu dogue, a minha dengue e a minha adaga e te dignasses dizer—me: «Diga, diga», eu indignava-me e só responderia: «Não te digo nada».

Esta frase extravagante produziu um singular efeito no gaiato. Voltou-se este rapidamente, circunvagou os olhos em torno de si, e, ao avistar a poucos passos de distância um agente de polícia, que estava de costas voltadas, deixou escapar um: «Ah, já entendo!», que imediatamente reprimiu. Depois exclamou, apertando a mão a Montparnasse:

— Bem, adeus; recolho-me ao elefante com os petizes. No caso de teres necessidade de mim alguma noite, procura-me lá, que me hás-de encontrar. Moro no sótão. Porteiro é coisa que lá não há. Se fores, pergunta pelo senhor Gavroche.

— Está bem — disse Montparnasse.

E, após isto, separaram-se, dirigindo-se Montparnasse para a Greve e Gavroche para a Bastilha. Mais de uma vez, o pequeno mais novo, que ia pela mão do mais velho, o qual também ia a reboque de Gavroche, voltou a cabeça para trás, para ver afastar-se «Polichinelo».

A frase anfigúrica pela qual Montparnasse advertira Gavroche da presença do agente não encerrava outro talismã além da consonância *dig* cinco ou seis vezes repetida sob formas variadas. Esta sílaba *dig,* não pronunciada isoladamente, mas artisticamente combinada com as palavras de uma frase, quer dizer: «Sentido, que não se pode falar livremente». Além disto, havia na frase de Montparnasse uma beleza literária, que escapou a Gavroche: era *meu dogue, minha dengue, e minha adaga,* locução da gíria do Templo, que significa *meu cão, minha mulher* e *minha navalha,* locução muito vulgar entre os caudas vermelhas do grande século em que Molière escrevia e Callot desenhava.

Há vinte anos, via-se ainda no ângulo sudeste da praça da Bastilha, próximo à estação do Canal, cavada no antigo fosso da prisão-cidadela, um extravagante monumento, hoje inteiramente esquecido dos parisienses, conquanto tal esquecimento seja imerecido, por ser aquele monumento uma recordação do «membro do Instituto, general-em-chefe do exército do Egipto».

Chamamos-lhe monumento, conquanto não fosse mais do que um esboço. Mas este mesmo esboço prodigioso, cadáver grandioso de uma ideia de Napoleão, que duas ou três rajadas de vento sucessivas tinham arrebatado e lançado de cada vez para mais longe de nós, tornara-se histórico e assumira

não sei que de definitivo, que contrastava com o seu aspecto provisório. Era um elefante de quarenta pés de alto, construído de madeira e de alvenaria, sustentando sobre o lombo a sua torre, que se assemelhava a um prédio, outrora pintado de verde por um pintor qualquer, e depois de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Naquele ângulo deserto e descoberto da *praça,* a longa fronte do colosso, a tromba, os dentes, a torre, a enorme garupa, os quatro pés, semelhantes a colunas, projectavam de noite, no céu estrelado, uma sombra surpreendente e terrível. Não se sabia o que aquilo queria dizer: era uma espécie de símbolo da força popular. Era sombrio, enigmático e imenso. Era não sei que poderoso fantasma visível, de pés ao lado do espectro invisível da Bastilha.

Poucos estrangeiros visitavam aquele edifício, e nem um só transeunte olhava para ele. Ia-se arruinando; as porções de caliça que o mau tempo em todos os anos lhe arrancava, deixavam-lhe umas como hediondas chagas. «Os edis» como se diz no dialecto elegante, tinham-se esquecido dele desde 1814. Estava ali no seu canto, triste, doente, prestes a desabar, rodeado de um tapume apodrecido, manchado a todos os instantes pelos cocheiros embriagados; tinha o ventre cheio de fendas; do rabo saía-lhe um barrote, a erva crescia-lhe em torno das pernas; e como o nível da praça se elevava à roda dele, havia trinta anos, pelo movimento vagaroso e contínuo que ergue insensivelmente o solo das grandes cidades, estava numa cova e parecia que a terra ia abatendo debaixo dele. Estava imundo, desprezado, repugnante e soberbo, feio aos olhos dos burgueses, melancólico aos olhos do pensador. Tinha o que quer que era de uma imundície que se vai varrer e de uma majestade que vai ser decapitada.

Como temos dito, à noite mudava de aspecto. A noite é o verdadeiro meio de tudo o que é a sombra. Desde que anoitecia, transfigurava-se o elefante; assumia um todo tranquilo e temível na formidável serenidade das trevas. Pertencendo ao passado, pertencia à noite; a escuridão harmonizava-se com a sua grandeza.

Este monumento rude, membrudo, pesado, áspero, austero, quase disforme, mas inquestionavelmente majestoso e impregnado de uma espécie de gravidade magnífica e selvática, desapareceu, para deixar reinar em paz a espécie de fogão gigante, ornado com o seu tubo, que substituiu a sombria fortaleza de nove torres, pouco mais ou menos como a burguesia substitui o feudalismo. É uma coisa simples que um fogão simbolize uma época, cujo poder é contido numa panela. Esta época há-de passar, vai passando já; começa-se a compreender, que se pode haver força numa caldeira, só num cérebro pode haver poder; noutros termos: o que leva e conduz o mundo, não

são as locomotivas, são as ideias.

Tomai as ideias pelas locomotivas, mas não tomeis o cavalo pelo cavaleiro.

Seja como for e para voltarmos à praça da Bastilha, o arquitecto do elefante conseguira fazer com pedra e cal, uma coisa grande; o arquitecto da chaminé de fogão, conseguira com bronze fazer uma coisa pequena.

A chaminé do fogão que foi baptizada com um nome sonoro e denominada Coluna de Julho, aquele monumento falido de uma revolução abortada, estava ainda em 1832 envolvido numa imensa camisa de madeira, de que pela nossa parte temos pena, e de uma vasta paliçada feita de tábuas, que acabava de isolar o elefante.

Foi para este canto da praça, apenas alumiado pelo reflexo de um lampião distante, que o gaiato conduziu os dois pequenos.

Seja-nos aqui permitida uma interrupção, para recordarmos que estamos em simples realidade, e que há vinte anos tiveram os tribunais correccionais de julgar por vadiagem e deterioração de um monumento público, um rapaz que fora surpreendido deitado no interior do elefante da Bastilha.

Registado este facto, continuemos.

Chegando Gavroche junto do colosso, compreendeu o efeito que o infinitamente grande pode produzir sobre o infinitamente pequeno e disse:

— Nada de ter medo.

Depois entrou por uma abertura do tapume ao recinto do elefante e ajudou os pequenos a penetrar na brecha. As duas crianças, um tanto assustadas, seguiam Gavroche sem dizer palavra, e confiavam-se àquela Providência coberta de farrapos, que lhes dera pão e que lhes prometera um abrigo.

Havia ali, deitada ao longo do tapume, uma escada de mão, que servia durante o dia aos operários de uma obra próxima. Gavroche ergueu-a com singular vigor e aplicou-a a uma das mãos do elefante. No ponto em que a estacada ia terminar descobria-se uma espécie de buraco negro no ventre do colosso

Gavroche mostrou a escada e o buraco negro aos seus hóspedes e disse-lhes:

— Subam e entrem.

Os dois pequenos olharam um para o outro aterrados.

— Vocês têm medo! — exclamou Gavroche.

E acrescentou:

— Ora vejam!

E num abrir e fechar de olhos, abraçando-se ao pé rugoso do elefante, sem se dignar servir da escada, chegou ao buraco. Meteu-se por ele como uma cobra, desapareceu e, passado um momento, os dois pequenos viram aparecer

vagamente, como uma forma esbranquiçada e lívida, o rosto pálido de Gavroche à beira do buraco cheio de trevas.

— Então — gritou ele — subam! Verão como se está bem aqui! Anda, tu! — disse ao mais velho. — Segura-te à minha mão.

Os pequenos empurraram-se um ao outro com o ombro; o gaiato metia-lhes medo e tranquilizava-os ao mesmo tempo; e depois a chuva caía em torrentes. O mais velho arriscou-se. O mais pequeno, vendo subir o irmão, e achando-se só entre as quatro patas daquele enorme bicho, tinha bastante desejo de chorar, mas não se atrevia.

O mais velho ia subindo, a cambalear, os degraus da escada; Gavroche ao mesmo tempo animara-o com exclamações de mestre de armas a seus discípulos, ou de arrieiro às suas mulas:

— Não tenhas medo!

-Assim!

— Vá para diante!

— Põe o pé ali!

— Põe a mão acolá!

— Vá, vá!

E, apenas lhe chegou com a mão, segurou-o de repente com força por um braço e puxou-o para si.

— Pronto! — disse ele.

O pequeno tinha entrado para o buraco.

— Agora — disse Gavroche — espera aqui. Queira dar-se ao incómodo de se sentar.

E saindo do buraco pelo mesmo modo porque entrara, deixou-se escorregar com a agilidade de um acrobata pela perna do elefante, caiu em pé na erva, pegou no pequeno de cinco anos, pô-lo no meio da escada e começou a subir atrás dele, gritando ao mais velho:

— Eu empurro-o e tu puxa-o para ti.

Num momento subiu o pequeno, sendo impelido, puxado, arrastado e encafuado no buraco, antes que tivesse tempo de se reconhecer; e Gavroche entrando atrás dele, empurrou com o pé a escada, que logo caiu em baixo e começou batendo as palmas, gritando ao mesmo tempo:

— Já cá estamos! Viva o general Lafayette!

Passada esta explosão, acrescentou:

— Olá, petizada! Estão em minha casa!

Gavroche estava, com efeito, em sua casa.

Ó utilidade inesperada do que é inútil, caridade das grandes coisas, bondade dos gigantes! Aquele monumento descomunal, que contivera um

pensamento do imperador, tornara-se boceta dum gaiato. A criança fora aceita e abrigada pelo colosso. Os burgueses, que com os seus fatos domingueiros passavam pela frente do elefante da Bastilha, diziam ordinariamente, olhando para ele com ar de desprezo e fitando-o com os seus grandes olhos à flor do rosto:

— Para que serve aquilo?

Aquilo servia para salvar do frio, da geada, da neve e da chuva, para abrigar do vento do Inverno, para livrar do sono na lama que produz a febre e do sono sobre a neve que produz a morte um entezinho sem pai, sem mãe, sem pão, sem asilo. Aquilo servia para recolher o inocente que a sociedade repelia. Aquilo servia para atenuar a falta pública. Era uma toca aberta àquele para quem se fechavam todas as portas. Parecia que o velho mastodonte miserável, invadido pelos vermes e pelo esquecimento, coberto de verrugas, de bolor e de úlceras, cambaleante, carunchoso, abandonado, condenado, espécie de mendigo colossal, pedindo em vão a esmola de uma vista benévola no meio da encruzilhada, tivera dó, ele, daquele outro mendigo, do pobre pigmeu que caminhava sem sapatos nos pés, sem tecto por sobre a cabeça, soprando os dedos enregelados, vestido de farrapos e alimentado do que se deita fora. Eis para que servia o elefante da Bastilha. Aquela ideia de Napoleão, desdenhada pelos homens, fora adoptada por Deus O imperador, para realizar o que meditava, precisaria de pórfiro, de bronze, de ferro, de ouro, de mármore, a Deus bastara aquele velho montão de tábuas, de barrotes e de alvenaria. O que só era ilustre, tornara-se augusto. O imperador tivera um sonho de génio; naquele elefante titânico, armado, prodigioso, erguendo a tromba, sustentando a sua torre e fazendo brotar de todos os lados, em torno de si, alegres e vivificantes águas, queria encarnar o povo. Deus tornara-o uma coisa maior; alojara nele uma criança.

O buraco por onde Gavroche entrara era uma brecha, que mal se via da parte de fora, oculta como estava, já o dissemos, sob o ventre do elefante, e tão estreita que só gatos e crianças poderiam caber por ela.

— Comecemos por dizer ao porteiro que não estamos cá — observou Gavroche

E penetrando na escuridão como quem conhece os cantos à casa, pegou numa tábua e tapou com ela o buraco.

Depois disto, Gavroche tornou a mergulhar na escuridão. Os pequenos ouviram a fungadela do fósforo metido na garrafa fosfórica O fósforo químico não existia ainda; o fuzil Fumado representava naquela época o progresso.

A claridade súbita fez-lhes piscar os olhos. Gavroche acabava de acender uma torcida embebida em resina, das que se chamam rolos. O rolo, que

produzia mais fumo que luz, só muito confusamente deixava ver o interior do elefante.

Os dois hóspedes de Gavroche olharam à roda de si e sentiram alguma coisa semelhante ao que sentiria o indivíduo que fosse encerrado no grande tonel de Heidelberg, ou melhor ainda, o que sentiu Jonas no ventre bíblico da baleia. Viam-se rodeados e envolvidos de todos os lados por um esqueleto gigante. Na parte superior, uma comprida viga parda, donde partiam de distância em distância outras peças arqueadas, figurava a coluna vertebral com as costelas; dali pendiam, quais vísceras, estalactites de gesso; e de uma ou outra costela vastas teias de aranha formavam empoeirados diafragmas. Por um e outro lado, aos cantos, viam-se grandes manchas negras, que pareciam vivas e que mudavam rapidamente de lugar, com um movimento súbito e assustado.

Os fragmentos caídos do lombo do elefante sobre o ventre, tinham-lhe enchido a concavidade, de modo que se podia ali andar como num sobrado.

O mais pequeno chegou-se muito para o irmão e disse-lhe a meia voz:

— É tão escuro!

Estas palavras provocaram uma exclamação de Gavroche.

O ar petrificado dos dois pequenos tornava necessário um repelão.

— O que estão vocês para aí a grunhir? Façam-se agora finos! Queriam talvez umas Tulherias? Vocês são brutos? Se o são, digam-mo! Eu cá aviso-os de que não sou do regimento dos bananas!

No meio do espanto não deixa de ser proveitoso um pouco de arrebatamento. É uma coisa que tranquiliza. Os dois pequenos aproximaram-se mais de Gavroche.

Este, paternalmente enternecido, passou do «grave ao doce» e dirigindo-se ao mais pequeno disse, acentuando a injúria com um certo cambiante acariciador:

— Meu palerma, lá fora é que é escuro. Da banda de fora é que chove, aqui não chove; da banda de fora é que faz frio, aqui não há nem uma migalha de vento; da banda de fora é que há montões de gente, e aqui só estamos nós; lá fora nem ao menos há luar, e aqui há a minha luz, com seiscentas pipas!

Após esta cena, os dois pequenos principiaram a olhar o aposento com menos temor, porém, Gavroche não lhes deu tempo para os vagares da contemplação e acrescentou quase imediatamente:

— Vamos e muito ligeiros!

E empurrou-os para o que, com demasiada liberdade talvez, apelidaremos o fundo da sala, onde ficava a cama do gaiato.

O leito de Gavroche era completo. Isto é, constava de um enxergão e de um

cobertor no meio de uma alcova com cortinado.

O enxergão era uma esteira bastante grossa, o cobertor uma pesada manta de lã escura, muito quente e quase nova Quanto à alcova, eis no que ela consistia:

Três compridas estacas enterradas com segurança na caliça que formava o pavimento, isto é, na barriga do elefante, duas adiante e uma atrás, reunidas na extremidade por meio de uma corda, de maneira a formar um feixe piramidal Assentava nesta armação uma rede de arame, simplesmente posta por cima, porém artisticamente aplicada e segura por ganchos também de arame, de modo que cobria inteiramente as três estacas. Acabava de a segurar na parte inferior uma fiada de pedras volumosas, que não deixavam passar nada por baixo. Esta rede não era mais do que o fragmento de uma dessas grades de metal que costumam tapar a parte dianteira dos viveiros Deste modo, pois, a cama de Gavroche, rodeada pela grade, ficava como que dentro de uma gaiola, assemelhando-se todo aquele aparelho a uma tenda de esquimó.

O cortinado, portanto era a rede de que acabamos de falar

Gavroche afastou as pedras que seguravam a grade por baixo, na parte dianteira, e os dois panos de arame, que fechavam um sobre o outro, imediatamente se abriram.

— Vamos, meus amiguinhos, mãos no chão e toca a entrar!

Ajudou-os a entrar com cautela na gaiola e em seguida entrou ele também, de rastos, achegou as pedras e fechou hermeticamente a abertura.

Um instante depois, jaziam todos três deitados sobre a esteira, pois apesar de pequenos, nenhum deles se poderia pôr de pé dentro da alcova.

— Agora toca a ferrar o luzio, que eu vou suprimir o candelabro! — disse Gavroche, que ainda conservava na mão o rolo aceso.

— Para que é aquilo? — perguntou o mais velho dos dois irmãos a Gavroche, apontando para a grade.

— Isto — disse Gavroche gravemente — é para não deixar entrar as ratazanas! Mas toca a ferrar o luzio.

Como, porém, se julgasse obrigado a acrescentar algumas palavras para instrução das duas crianças, continuou:

— Isto foi uma herança que me veio do Jardim das Plantas e estava lá a tapar as gaiolas dos animais ferozes. Há lá um armazém atacado disto. Basta saltar uma parede, trepar a uma janela, passar por baixo de uma porta e têm-se quantas se queiram!

Ao mesmo tempo que o gaiato falava, embrulhava com uma ponta da manta o mais pequeno, que murmurou:

— É tão bom, tão quentinho!

Gavroche deitou um olhar de satisfação para o cobertor e prosseguiu:

— Isto também é um traste que eu herdei do Jardim das Plantas. Tirei-o aos macacos!

E mostrando ao mais velho a esteira em que estavam deitados, esteira muito espessa e admiravelmente tecida, acrescentou:

— Isto era da girafa.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Os animais tinham tudo isto. Tirei-lhes o que precisava, mas eles não se zangaram. Disse-lhes que era para o elefante.

Tornou a calar-se por um momento e depois continuou:

— Salta-se por cima dos muros e ri-se a gente do governo. Não tem mais nada.

As duas crianças contemplavam com um respeito temeroso e estupefacto aquele ente intrépido e inventivo, vagabundo, isolado, raquítico como eles, que tinha o que quer que era de admirável e de omnipotente, que lhes parecia sobrenatural e cuja fisionomia se compunha de todas as caretas de um velho saltimbanco aliadas ao mais ingénuo e encantador sorriso.

— O senhor então não tem medo dos soldados? — perguntou timidamente o mais velho.

Gavroche limitou-se a responder:

— Não se chamam soldados, chamam-se *guitas.*

Quanto ao mais novo, tinha os olhos desmesuradamente abertos, mas não proferia uma só palavra. Como era ele o que ficava na borda e o mais velho no meio, Gavroche meteu-lhe o cobertor por baixo do corpo, como o teria feito uma mãe, e levantou a esteira, metendo-lhe por baixo uns poucos de farrapos, de modo a formar um travesseiro. Depois voltou-se para o mais velho e exclamou:

— Heim!? Não se está aqui magnificamente?

— É verdade — respondeu o mais velho, contemplando Gavroche com uma expressão de anjo salvo.

Os dois pobres pequenos, que tiritavam com a humidade que lhes trespassava a roupa, principiavam a aquecer.

— Mas porque diabo choravam vocês há bocado?

E indicando o pequeno mais novo ao irmão, continuou:

— Um petiz como esse, não digo que não, mas já taludo como tu, é que não tem jeito; fica assim com ar de bezerro.

— Ora! disse o pequeno. — Pois nós não sabíamos onde havíamos de ir ficar, não tínhamos casa!

— Pacóvio! — replicou Gavroche. — Não se diz casa, diz-se «cote».

— E depois tínhamos medo de andar assim sozinhos de noite.

— Não se diz noite, diz-se «choina».

— Muito obrigado, senhor — retorquiu o pequeno.

— Escuta — tornou Gavroche — é preciso não tornar a chiar por coisa nenhuma. Eu tratarei de vocês. Verão como a gente se diverte. No Verão iremos à Glacière com o Navelt, que é um camarada que eu tenho, tomaremos banhos na *gare* e correremos nus em pêlo, por diante da ponte de Austerlitz: é uma coisa que faz danar as lavadeiras. Gritam e fazem uma tal chiada! Verão como são reinadias! Iremos ver o homem esqueleto, mas que está vivo, nos Campos Elíseos; é magro como um bacalhau o tal freguês. E depois levá-los-ei ao teatro. Hei-de levá-los a ver Frederico Lemaire. Tenho bilhetes, conheço actores, e até já uma vez representei numa peça. Éramos todos assim petizes, corríamos por baixo de um pano a fingir o mar. Deixem estar que hei-de fazer com, que sejam ajustados ao meu teatro. Iremos ver os selvagens. Mas não são selvagens verdadeiros. Têm fatos de meia cor-de-rosa, que fazem pregas, e os cotovelos cheios de passagens, feitas com linha branca Depois iremos à Ópera. Entraremos com os *claqueurs.* A *claque* da Ópera é composta por muito boa gente. Ao boulevard é que eu não vou com a *claque.* Na Ópera, imagina tu, há-os até de vinte soldos, mas são uns toleirões. Chamam-lhes esfregões. Iremos também ver guilhotinar. Mostrar-lhes-ei o carrasco. Mora na rua do Marais; é o senhor Sansão, que tem à porta uma caixa para receber cartas. Verás, há-de a gente divertir-se a cair.

Neste momento, um pingo de cera caiu num dedo de Gavroche e chamou-o às realidades da vida.

— Diabo! — disse ele. — Lá se gasta o rolo todo. Atenção! Eu não posso gastar mais que um soldo cada mês com a iluminação. Quando a gente se deita é para dormir. Não temos tempo para ler os romances do senhor Paulo de Kock. E o pior é que a luz pode passar pelas frestas, e então os guitas só precisarão de ter olhos.

— E depois — observou timidamente o mais velho, que era o que ousava conversar com Gavroche — pode cair algum morrão na palha, e é preciso tomar cuidado em não queimar a casa.

— Não se diz queimar a casa — observou Gavroche — diz-se *frigir as pulgas.*

A tempestade redobrava de fúria. Através dos ribombos do trovão ouvia-se o fragor da chuva, batendo no costado do colosso.

— É chuva até mais não — disse Gavroche. — Gosto de ouvir despejar a garrafa pelas pernas do prédio. O Inverno é um parvalhão, perde a fazenda e o trabalho e não é capaz de nos molhar; por isso é que está tão resmungão o

tal velho aguadeiro.

Esta alusão ao trovão, do qual Gavroche, na sua qualidade de filósofo do século XIX aceitava todas as consequências, foi seguido de um grande relâmpago, tão intenso que o seu clarão chegou a penetrar pelo buraco do ventre do elefante. Quase ao mesmo tempo ribombou o trovão, e muito furiosamente. Os dois pequenos soltaram um grito e levantaram-se com tanta vivacidade, que quase iam deslocando a grade; mas Gavroche voltou para eles o rosto atrevido e aproveitou o estampido do trovão para soltar uma gargalhada.

— Sosseguem, rapazes. Nada de remexer o edifício. Bons trovões. Não é só a pieguice do relâmpago. Bravo, senhor Deus! São quase tão bem feitos como no Ambigu!

Dito isto, restabeleceu a ordem na grade, empurrou brandamente os dois pequenos para a cabeceira da cama, juntou-lhe os joelhos para os estender bem ao comprido e exclamou:

— Uma vez que Deus acende a sua vela, posso eu apagar a minha. Rapazes, é preciso dormir; é muito mau não dormir; faz mal à tosse. Tratem de se enroscar bem na pele! Vou apagar o lampião. Estão prontos?

— Estamos — murmurou o mais velho —, já estou bem. Parece que tenho um travesseiro de penas debaixo da cabeça.

— Não se diz a cabeça — observou Gavroche — diz-se a tola.

Os dois pequenos chegaram-se muito um para o outro.

Gavroche acabou de os aconchegar na esteira, puxando-lhes a manta até as orelhas, depois repetiu pela terceira vez a recomendação, em língua hierática:

— Toca a *sornar!*

E apagou o rolo.

Apenas se apagou a luz, um singular estremecimento começou a abalar a grade, sobre a qual estavam deitadas as três crianças.

Era uma multidão de fricções surdas que produziam um som metálico, como o raspar de dentes ou de unhas no arame da rede; e isto acompanhado por uma grande série de guinchos agudos.

O pequeno de cinco anos, ouvindo aquele motim por cima da cabeça e sentindo-se gelado pelo medo, tocou com o cotovelo em seu irmão mais velho, mas este sornava já, como Gavroche lhe recomendara Então o pequeno, não podendo conter-se com o medo, atreveu-se a chamar Gavroche, mas muito devagarinho, e contendo a respiração:

— Que é? — disse Gavroche, que acabava de fechar os olhos.

— O que é que faz esta bulha?

— São os ratos — respondeu Gavroche.

E tornou a deitar a cabeça na esteira.

Os ratos, com efeito, que pululavam dentro do elefante e que eram aquelas manchas negras e vivas de que há pouco falámos, tinham sido contidos em respeito pela chama do rolo enquanto ela brilhara; mas desde que aquela caverna, que era como a cidade deles, tornara a ficar em escuridão, sentindo ali o cheiro que o excelente narrador Perrault chama de «carne fresca», tinham acometido em turba a tenda de Gavroche, tinham-lhe trepado até ao cimo e mordiam-lhe nas malhas de arame, como se diligenciassem destruir a barreira que se lhes opunha.

O pequeno entretanto não dormia.

— O senhor ouve? — tornou ele.

— Que é? — disse Gavroche.

— O que é que são ratos?

— São ratos.

Esta explicação parece que tranquilizou em parte a amedrontada criança. Já uma ocasião tinha visto ratos brancos e não tivera medo. Contudo elevou novamente a voz:

— O senhor ouve?

— O que é? — tornou Gavroche.

— Porque não tem o senhor um gato?

— Já tive um — respondeu Gavroche — mas eles comeram-no.

A segunda explicação desfez a obra da primeira e o pequenito recomeçou a tremer.

O diálogo entre ele e Gavroche ligou-se pela quarta vez.

— O senhor ouve?

— Que é?

— Mas quem é que foi comido?

— O gato.

— Mas que foi que comeu o gato?

— Os ratos.

— Os ratos?

— Sim, os ratos.

O pequenito consternado por causa daqueles ratos que comiam gatos, prosseguiu:

— Os ratos comerão também a gente?

— Capazes disso são eles.

O terror do pequeno chegara ao seu auge. Gavroche acrescentou:

— Não tenhas medo, que não podem entrar. E depois estou eu aqui. Olha, toma a minha mão. Cala-te e trata de sornar!

Gavroche pegou ao mesmo tempo na mão do pequenito por cima de seu irmão. A criança apertou muito aquela mão contra si e sentiu-se mais sossegado. O ânimo e a força têm destas comunicações misteriosas. O silêncio restabelecera-se em torno deles, o ruído das vozes espantara e afastara os ratos; passados alguns minutos fizeram bem em dar novo ataque: os três rapazes, já adormecidos, não ouviram nada.

As horas da noite passaram. As sombras cobriam a imensa praça da Bastilha, um vento de Inverno que acompanhava a chuva, soprava em rajadas, as patrulhas olhavam para as portas, para as áleas, para os tapumes, para os cantos mais escuros, e, procurando vagabundos nocturnos, passavam silenciosamente por diante do elefante; o monstro, em pé, imóvel, com os olhos no meio das trevas, parecia meditar satisfeito da sua boa acção, de abrigar do céu e dos homens as três pobres crianças adormecidas.

Para se compreender o que vai seguir-se, é necessário lembrar que o corpo da guarda da Bastilha era situado na outra extremidade da praça, e não podia ser visto nem ouvido pela sentinela o que se passava junto do elefante.

Pelo fim da hora que precede imediatamente o despontar do dia, desembocou da rua de Santo António um homem, correndo, atravessou a praça, contornou o grande tapume da coluna de Julho e meteu-se por entre a estacada, até se achar sob o ventre do elefante. Se uma luz qualquer alumiasse aquele homem, ter-se-ia adivinhado, pelo modo como estava encharcado, que passara a noite à chuva. Chegando debaixo do elefante, soltou um grito extravagante, que não pertencia a nenhuma língua humana, e que só um periquito poderia reproduzir. O homem, repetiu duas vezes o tal grito de que a seguinte ortografia dá imperfeitamente uma ideia:

— Kirikikiou!

Ao segundo grito respondeu do ventre do elefante uma voz clara, fresca e alegre:

— Pronto!

Quase imediatamente a tábua que estava tapando o buraco foi afastada e deu passagem a um rapazinho que se deixou escorregar pela mão do elefante e foi cair ao pé do homem. Era Gavroche. O homem era Montparnasse.

Quanto àquele grito *kirikikiou,* era sem dúvida o que o rapaz queria dizer por *procurarás pelo senhor Gavroche.*

Ouvindo-o, acordara sobressaltado, arrastara-se para fora da «alcova», afastando um pouco a rede, que logo tornara a aconchegar cuidadosamente; depois abrira o alçapão e descera.

O homem e a criança reconheceram-se silenciosamente mesmo na escuridão; Montparnasse limitou-se a dizer:

— Precisamos de ti, vem dar-nos uma ajuda.

O gaiato não pediu mais explicações.

— Pronto — tornou ele.

E dirigiram-se ambos para a rua de Santo António, de onde viera Montparnasse, serpenteando rapidamente por entre a comprida fileira de carroças de hortelões, que àquela hora iam para o mercado.

Os hortelões, agachados nas carroças entre a hortaliça e os legumes, meio adormecidos, embrulhados até aos olhos nos seus gabões, por causa da chuva, nem mesmo reparavam nos dois estranhos transeuntes.

III — As peripécias da evasão

Eis o que naquela mesma noite tinha lugar na Force:

Babet, Brujon, Gueulemer e Thenardier tinham combinado entre si um plano de evasão, embora Thenardier jazesse no segredo. Babet evadiu-se nesse mesmo dia, sem esperar pelos companheiros, como sem dúvida se depreendeu da narração de Montparnasse a Gavroche. Montparnasse devia ajudá-los de fora a levar a cabo a difícil empresa.

Brujon passara um mês num cárcere de castigo, e, por conseguinte, tivera o tempo necessário para duas coisas essenciais. Quer dizer, aproveitara o tempo do seu isolamento a tecer uma corda e a delinear um plano. Noutro tempo, esses severos lugares, em que a disciplina da prisão deixava o sentenciado entregue a si mesmo, constavam de quatro paredes de pedra, com abóbada e pavimento de igual natureza, uma maca ou cama de lona, um postigo gradeado, uma porta forrada de folha de ferro, e dava-se a isto o nome de «masmorras». A masmorra, porém, foi julgada em demasia horrível, e esta espécie de cárceres compõe-se agora de uma porta de ferro, um postigo gradeado, uma maca, quatro paredes de pedra com tecto e pavimento igualmente de pedra, e chama-se-lhes «casas de correcção». A hora do meio-dia dificilmente se vê dentro destas casas, cujo inconveniente, apesar de, como se vê, não serem masmorras, é deixar entregues à meditação criaturas que se deveriam fazer trabalhar e não meditar.

Brujon, pois, meditara, e quando saiu da casa de correcção, trazia consigo uma corda. Como, porém, julgassem que da sua permanência na prisão denominada de Carlos Magno se poderiam seguir perigosas consequências, mandaram-no para o Edifício Novo. A primeira coisa que ele ali encontrou foi Gueulemer, a segunda um prego, isto é, em Gueulemer o crime, no prego a liberdade.

Brujon, de quem é tempo de dar uma ideia completa, não obstante a aparente delicadeza da sua compleição e a languidez que inculcava, languidez finamente fingida, era um cortês, inteligente e ladino gatuno, de olhar meigo

e sorriso atroz. Isto provinha de que o olhar era o resultado da vontade, o sorriso a expressão da natureza. Os primeiros estudos do bandido na sua arte tinham tido por alvo os telhados, havendo neste ramo dado valente impulso à indústria dos larápios do chumbo das clarabóias por um processo muito conhecido deles e que nós nos julgamos dispensados de nomear.

Acrescia ainda, para tornar mais oportuno o ensejo de uma tentativa de evasão, andarem exactamente os retalhadores naquela ocasião concertando e reparando parte dos telhados das prisões, de modo que a de S. Bernardo já não se podia dizer isolada da de Carlos Magno e da de S. Luís. Em qualquer delas se viam numerosas pranchas e escadas, ou, por outras palavras, pontes e passadiços para o lado da liberdade.

O ponto fraco da prisão era o Edifício Novo, assim chamado, embora fosse impossível haver coisa mais decrépita e assinalada dos estragos do tempo. O salitre fora carcomendo as paredes a ponto tal, que o governo viu-se na necessidade de mandar forrar de madeira as abóbadas dos dormitórios, porque às vezes despegavam-se de cima as pedras que as formavam e vinham cair sobre os presos que jaziam deitados. Não obstante, porém, o precário estado desta prisão, cometia-se a falta de encarcerar nela os réus de que mais se receava, «os maus de amanhar», como se diz na linguagem das prisões.

Continha o Edifício Novo quatro dormitórios sobrepostos e um apenso denominado a Galeria do Ar Livre. Partia do andar térreo um largo tubo de chaminé, talvez de alguma antiga cozinha dos duques da Force, que, depois de atravessar os quatro andares do edifício e dividir ao meio todos os dormitórios, figurando um como pilar quase chato, ia terminar pela parte superior do telhado.

Gueulemer e Brujon jaziam no mesmo dormitório, no andar inferior, para onde à cautela tinham sido mandados. Quis o acaso que os seus leitos ficassem justamente com a cabeceira encostada ao tubo da chaminé de que agora mesmo acabamos de falar.

Thenardier achava-se exactamente por cima da cabeça deles, no apenso ou dormitório superior, denominado Galeria do Ar Livre.

Quem hoje passar pela rua Culture-Sainte-Catherine, e, transposto o quartel dos bombeiros, parar em frente do portão da casa dos Banhos, avista um terraço cheio de flores e arbustos em caixões, ao fundo do qual se eleva um pequeno pavilhão redondo, de persianas verdes e risonho aspecto, tal como o sonhara Jean Jacques nas horas do seu bucólico devanear. Por cima, pois, desse pavilhão erguia-se, não há ainda dez anos, um muro negro, descomunal, medonho e descarnado, que lhe ficava sobranceiro. Era o muro de circunvalação da Force.

Ao ver-lhe encostado o gracioso pavilhão, dir-se-ia que era Milton escoltado por Berquin.

Não obstante a grande altura do muro, avistava-se dentro um telhado interior, que subia acima do nível da parede. Era o telhado do Edifício Novo, no meio do qual se avistavam quatro trapeiras gradeadas, que eram as janelas da Galeria do Ar Livre. Além disto, via-se mais uma chaminé, que era a que passava pelos dormitórios.

A parte superior do Edifício Novo, apelidada Galeria do Ar Livre, era como que um extenso mercado com barracas, fechado por tríplices grades e por portas chapeadas de ferro e cravejadas de enormes pregos. Entrando pela extremidade norte, ficavam à esquerda os quatro postigos e à direita, em frente dos postigos, quatro gaiolas, bastante espaçosas, mas desviadas umas das outras e separadas por corredores estreitos, até a metade da altura de um homem, de pedra, e o resto até ao telhado de grades de ferro.

Thenardier jazia incomunicável numa destas gaiolas desde a noite do dia 3 de Fevereiro. Nunca se pôde descobrir como nem por conivência de quem ele conseguiu obter e ter oculta uma garrafa desse vinho, segundo se diz, inventado por Desrues. Este vinho, que possui uma virtude narcótica, veio depois a tornar-se célebre, em razão das aplicações que teve entre a quadrilha dos *Adormecedores.*

Há em muitas prisões empregados infiéis, meios carcereiros, meios ladrões, que auxiliam as evasões tentadas pelos presos, recebendo da polícia a paga dos seus infiéis serviços e vendendo aos encarcerados os meios da sua fuga.

Naquela mesma noite, pois, em que Gavroche recolhera os dois rapazinhos vagabundos, Brujon e Gueulemer, sabendo que Babet, que pela manhã se evadira, os esperava na rua, bem como Montparnasse, ergueram-se devagarinho e puseram-se a furar o tubo da chaminé, junto do qual tinham as camas, com o prego que Brujon achara, e como a caliça caía sobre a cama de Brujon, era impossível serem pressentidos no seu trabalho. Além disto, de vez em quando as lufadas de vento, misturadas com o reboar do trovão, abalavam as portas nos gonzos, produzindo dentro da prisão um estrondo, que os auxiliava eficazmente no seu intento. Alguns presos acordaram; porém, demasiadamente bons companheiros para mutuamente se lesarem, fizeram que não viram os dois e tornaram a adormecer. Brujon era lesto, Gueulemer vigoroso. Portanto, antes do guarda, que dormia no quarto gradeado imediato ao dormitório, para onde tinha um postigo, chegar a ouvir o mínimo ruído, estava arrombada a parede, escalada a chaminé, forçada a grade de ferro que fechava o orifício superior do tubo e os temerosos bandidos sobre o telhado, naquela ocasião em extremo escorregadio, por causa da chuva, que cada vez

caía com mais fúria, impelida por violentos tufões de vento.

— Que *xoina* tão *mística* para uma *piranga!*[19] — disse Brujon.

Um abismo de seis pés de largura e oitenta de profundidade os separava do muro de circunvalação, abismo no fundo do qual viam reluzir por entre a escuridão a arma de uma sentinela. Presa uma ponta da corda, que Brujon arranjara na sua masmorra, aos restos das grades que tinham descolado, atiraram a outra ponta por cima do muro de circunvalação, transpuseram o abismo, dando um salto, agarraram-se à aresta do muro, escarrancharam-se nele, deixaram-se escorregar, um depois do outro, pela corda abaixo, saltando para um telhado imediato à casa dos Banhos, puxaram a corda a si, saltaram ao terraço dos Banhos, atravessaram-no, abriram um dos batentes do portão levantando-lhe o fecho onde pendia o cordão que o porteiro puxava sem sair para fora e acharam-se na rua.

Decorridos alguns instantes, juntaram-se a Babet e a Montparnasse, que giravam pelos arredores, não havendo ainda três quartos de hora que eles, no meio das trevas, se tinham posto de pé sobre as camas em que dormiam, com o prego, instrumento da sua liberdade, na mão, e o seu plano na cabeça.

Ao puxarem a corda para si, esta tinha quebrado, ficando um bocado preso à chaminé, em cima do telhado.

Quanto ao mais, a única avaria sofrida fora esfolarem quase completamente a pele das mãos, ao deixarem-se escorregar pela corda abaixo.

Nessa noite, Thenardier, prevenido, sem que nunca se pudesse averiguar de que modo o fosse, em lugar de dormir, como de costume, conservava-se de atalaia.

Por volta da uma hora, apesar da escuríssima *cerração* da noite, da chuva e das lufadas do vendaval, Thenardier viu passar dois vultos no telhado, por diante do postigo ou janela gradeada fronteira à gaiola em que ele jazia Um dos vultos parou ao postigo, detendo-se apenas o tempo de um olhar, e continuou imediatamente o seu caminho Era Brujon, a quem Thenardier para logo conheceu e entendeu, sem haver necessidade de mais amplos esclarecimentos.

Thenardier, considerado como perigoso e réu do crime de cilada nocturna com emprego de meios violentos, era, portanto, guardado à vista por uma sentinela, que passeava diante da prisão dele de arma carregada, sendo rendida por outra de duas em duas horas. Um único lampião alumiava toda a Galeria do Ar Livre. Aos pés tinha o preso duas correntes de ferro, que pesavam cinquenta libras. As quatro horas da tarde entrava todos os dias no

cárcere do bandido um guarda, escoltado por dois mastins (naquela época ainda isto tinha lugar), pousava-lhe ao pé da cama um pão negro de duas libras, uma bilha de água e uma escudela cheia de caldo mal adubado, em cuja superfície se viam nadar algumas raras favas, passava-lhe revista aos ferros, corria, batendo, os varões das grades e ausentava-se, voltando duas vezes durante a noite, sempre escoltado pelos seus dois inseparáveis mastins.

Thenardier obtivera licença de conservar uma espécie de cavilha de ferro, de que se servia para espetar a sua ração de pão numa fenda da parede, a fim de, dizia ele, «o livrar dos ratos». Como o bandido era guardado à vista, ninguém viu inconveniente em conceder-lhe o uso de tal cavilha. Mais tarde, porém, lembraram-se que um guarda tinha dito:

— Era melhor darem-lhe uma cavilha de pau do que consentirem-lhe a de ferro.

As duas horas foi rendida a sentinela, que era um veterano, sendo substituída por um recruta. Instantes depois veio o homem dos cães fazer a costumada visita e ausentou-se sem nada notar, a não ser a pouca idade e «o ar espantadiço» do bisonho soldado.

Passadas duas horas, isto é, às quatro, vindo outra sentinela render o recruta, encontraram-no a dormir, estirado no chão, como uma massa de pedra, à porta da gaiola de Thenardier. Quanto a este, tinha-se evaporado, jazendo no chão os ferros que quebrara para se evadir. No tecto da prisão em que estava encerrado via-se um buraco e no telhado outro. Na cama faltava uma tábua, que ele tinha arrancado, e decerto levado consigo, porque não foi possível dar com ela. Apareceu ainda uma garrafa meia cheia, que continha o resto do vinho narcotizado que servira para adormecer o soldado. A baioneta deste tinha desaparecido.

Quando se deu por tudo isto, supôs-se que Thenardier estaria completamente fora de alcance; a realidade, porém, é que conquanto ele já não estivesse dentro dos muros do Edifício Novo, o perigo em que se achava nem por isso era menor.

Thenardier, chegado ao telhado do Edifício Novo, encontrou o resto da corda de Brujon dependurada nos varões da abertura superior da chaminé, porém como esta parte que ficara era demasiado curta, tornava-se-lhe impossível saltar para o muro de circunvalação, como para se evadir tinham feito Brujon e Gueulemer.

Quando se volta da rua dos Ballets para a do Rei da Sicília, encontram-se quase imediatamente à direita umas ruínas sórdidas. Havia ali no século passado uma casa de que já não resta mais que a parede do fundo, verdadeira parede de pardieiro, que se eleva à altura de um terceiro andar entre os

prédios vizinhos. Estas ruínas reconhecem-se facilmente por duas grandes janelas quadradas que ainda existem; a do centro, mais próxima da empena da direita, está trancada com uma viga carunchosa. Através das janelas distinguia-se noutro tempo uma alta muralha lúgubre, parte da qual fechava o caminho de circunvalação da Force.

O vão que a casa demolida deixou na rua, está quase preenchido por um tapume de tábuas quase podres, e sustentado por cinco pilares de pedra. Dentro deste tapume oculta-se uma barraquinha encostada à parede, que ficou de pé no meio das ruínas. O tapume tem uma porta que há poucos anos ainda se fechava só com uma tranqueta.

Foi ao alto destas ruínas que Thenardier conseguiu chegar pouco depois das três horas da manhã.

Como chegara até ali? Foi o que nunca se pôde explicar nem compreender. Os relâmpagos tinham-no decerto ajudado e constrangido ao mesmo tempo. Ter-se-ia servido das escadas de mão e dos andaimes dos pedreiros para chegar, de telhado em telhado, de recinto em recinto, de compartimento em compartimento, aos edifícios do pátio de Carlos Magno, depois aos do pátio de S. Luís, ao muro de circunvalação e depois ao pardieiro que deita para a rua do Rei da Sicília? Mas neste trajecto havia soluções de continuidade que pareciam torná-lo impossível. Teria atravessado a tábua da barra, como uma ponte, da Galeria para o muro do caminho de circunvalação e arrastar-se-ia de bruços sobre o muro em toda a volta da prisão até ao pardieiro? Mas o muro do caminho de circunvalação da Force desenhava uma linha dentada e desigual, subia e descia, baixava-se para o quartel dos bombeiros, tornava a levantar-se ao pé da casa dos Banhos, era tudo cortado por construções, não tinha a mesma altura do lado da rua Pavée; havia nele por toda a parte, declives e ângulos rectos; e depois as sentinelas deveriam ter visto o sombrio vulto do fugitivo; deste modo ainda o caminho percorrido por Thenardier fica pouco mais ou menos inexplicável. De ambos os lados fuga impossível. Thenardier, iluminado pela medonha sede de liberdade, que faz dos precipícios fossos, que transforma as grades de ferro em caniçado, um coxo em atleta, um gotoso em pássaro, a estupidez em instinto, o instinto em inteligência e a inteligência em génio, teria inventado e improvisado uma terceira maneira? Nunca se soube.

Nem sempre se podem perceber as maravilhas da evasão. O homem que escapa, repetimo-lo, é um inspirado; o misterioso barão da fuga participa da estrela e do relâmpago; o esforço para a liberdade não é menos surpreendente do que o voo para o sublime; e diz-se de um ladrão evadido: como fez ele para escalar aquele telhado? Do mesmo modo que se diz de

Corneille: Onde achou ele que tivesse morrido?

Fosse como fosse, escorrendo suor, encharcado pela chuva, com o fato esfarrapado, as mãos todas feridas, os cotovelos e os joelhos ensanguentados, chegara Thenardier ao que os rapazes, na sua linguagem figurada, chamam o cimo do muro das ruínas, deitara-se sobre ele ao comprido e sentira-lhe faltarem-lhe as forças.

Estava separado da rua por um declive a prumo, da altura de um terceiro andar.

A corda de que poderia dispor era demasiado curta.

E esperava ali, pálido, exausto, já sem resto algum da esperança que tivera, coberto ainda pela noite, mas lembrando-se de que dentro em pouco amanheceria, espantado com a ideia de ouvir dentro de poucos instantes soar as quatro horas no vizinho relógio de S. Paulo, hora em que iam render a sentinela e em que a achariam adormecida sob o tecto furado, vendo com espanto, numa profundidade terrível, à luz dos lampiões, a calçada molhada e negra, aquela calçada tão desejada e medonha, que era a morte e a liberdade.

Perguntava a si mesmo se os seus três cúmplices de evasão tinham sido bem sucedidos, se o tinham esperado, e se iriam socorrê-lo. Aplicava o ouvido À excepção de uma patrulha, não passara ninguém pela rua desde que ele ali se achava. O caminho de quase todos os hortelões de Montreuil, de Charonne, de Vincennes e de Berey, para o mercado, é pela rua de Santo António.

Deram quatro horas. Thenardier estremeceu. Poucos minutos depois rebentou por toda a prisão o confuso rumor que sucede à descoberta de uma evasão. O ranger das portas que se abriam e fechavam, o tumulto no corpo da guarda, as vozes roucas dos chaveiros, o estampido produzido pelas coronhas das armas nas pedras do pátio, tudo chegava aos ouvidos de Thenardier. Pelas janelas de grades dos dormitórios viam-se subir e descer algumas luzes no telhado da Galeria do Ar Livre, um archote andava de um lado para o outro, tinham sido chamados os bombeiros do quartel vizinho e viam-se-lhes os capacetes alumiados pelo archote, agitando-se debaixo das torrentes da chuva de um para outro ponto, ao longo dos telhados. Ao mesmo tempo, Thenardier via do lado da Bastilha um cambiante lívido que ia aclarando lugubremente o ponto mais baixo.

Estava sobre um muro de dez polegadas de grossura, estendido ao comprido, debaixo das torrentes de chuva, com um abismo à direita e outro à esquerda, não podendo fazer o mínimo movimento, preso da vertigem de uma queda possível, e do horror de uma prisão certa, e o seu pensamento, qual badalo de um sino, batia ora numa, ora noutra destas duas ideias:

— Se caio morro, se fico aqui sou preso.

No meio desta aflição avistou de repente na rua, ainda completamente escura, um homem que caminhava muito encostado às paredes, que vinha do lado da rua Pavée e que parou na cova por sobre a qual estava Thenardier como que suspenso. A este homem veio juntar-se outro, que caminhava com as mesmas precauções, depois terceiro, e finalmente quarto. Estes homens depois de todos reunidos, levantaram a tranqueta que fechava a porta do tapume e entraram no recinto em que estava a barraca. Achavam-se precisamente por baixo de Thenardier. Os quatro homens tinham evidentemente escolhido aquele lugar escuso para poderem conversar sem serem vistos por quem passasse pela rua, nem pela sentinela do postigo da Force, que ficava a pequeníssima distância. É preciso também dizer que a chuva conservava a sentinela bloqueada na guarita. Thenardier, não podendo distinguir-lhes os rostos, prestou o ouvido às suas palavras, com a atenção desesperada de um miserável que se sente perdido.

Thenardier viu passar diante dos olhos alguma coisa semelhante a uma esperança: os quatro homens falavam em calão.

O primeiro dizia em voz baixa, mas distintamente:

— Piremo-nos. O que é que nós empatamos *cigol?*[20]

O segundo respondeu:

— É palhim capaz de apagar o aceso do tinhoso. E depois não tarda que passe a gente da fusca; e o fundo que ali está de pasma? Vamos fazer com que nos estardem *icicaille.*[21]

Estas duas palavras *leigo* e *icicaille,* que querem ambas dizer *aqui* e que pertencem, a primeira à gíria das barreiras, e a segunda à do Templo, foram dois raios de luz para Thenardier. No *icigo* reconheceu Brujon, que era ratoneiro das barreiras, e pelo *icicaille.* Babei, que entre todas as suas variadas ocupações, fora adelo do Templo.

A antiga gíria do grande século já se não fala senão no Templo; e mesmo Babet era o único que falava com toda a pureza. Senão fosse o *inicicaille,* Thenardier não o teria conhecido, por isso que tinha mudado completamente a voz.

Entretanto interviera o terceiro:

— Não há por enquanto motivo para nos apressarmos.

— Esperemos um bocado. Quem é que nos diz que ele não precisa de nós?

Por isto, que era linguagem vulgar, logo Thenardier reconheceu Montparnasse, cuja elegância nestes casos consistia em entender todas as gírias e em não falar nenhuma.

Quanto ao quarto conservava-se calado, mas era denunciado pela largura dos ombros. Thenardier não hesitou. Era Gueulemer.

Brujon replicou quase impetuosamente, mas sempre em voz baixa:

— Que estás tu para aí a cantar? O tasqueiro pode lá xalar-se! Não entruja nentes da cantiga. Par bulinar a mimosa, trinchar os respaldes da pildra e avelar uma comprida, para *lazer* bufos nas tapadas, *fazer* mãos macanjas, cortar os metais, esticar a viúva, alapar-se e trocar o beque, é preciso ser tinente! O gebo não pôde raspar-se, não sabe brincar.[22]

Babet acrescentou, sempre no sábio calão clássico que falavam Poulailer e Cartouche, e que está para o calão atrevido, novo, colorido e aventuroso de que usava Brujon, como a língua de Racine para a de André Chenier:

— O seu tasqueiro deixou-se estardar na piresa. É preciso ter unhas e não ser tanso. Deixou-se azoinar por algum fusco, ou por a léria de alguma cabra. Cogia, Montparnasse: intrujas estes bramos no estarim? Viste os quartilhos? Pois está aguentado. Ficará pronto com os seus vinte longos. Eu cá não avelo fageca, não sou carunfa, é corrente; mas não há já que empatar cá no cote, e se não passarmos os canhantes, podem-nos dar pró azar; mas não te escames, anda piar uma barra de cinopla geba.[23]

— Não se abandonam assim os amigos no meio de embaraços resmungou Montparnasse.

— Já cantei — tornou Brujon — o tasqueiro a estas burantas está estardado, não vale lepes! Já não adiçámos mentes; xalemo-nos. Está-me sempre a parecer que coco um guita presente a fisgar-me a bata![24]

Montparnasse já quase não resistia. O facto é que estes quatro homens, com a fidelidade própria dos bandidos em nunca se abandonarem uns aos outros, tinham girado toda a noite pelos arredores da Force, conquanto fosse grande o perigo, com a esperança de verem surgir Thenardier no alto de algum muro. Mas a noite, realmente boa, era um dilúvio que tornava absolutamente desertas todas as ruas, o frio que os enregelava, o fato encharcado, os sapatos rotos, o motim inquietador que acabava de se manifestar na prisão, as horas que iam passando, as patrulhas que se encontravam, a esperança que se ia desvanecendo e que ia sendo substituída pelo medo, era o que os impelia à retirada. O próprio Montparnasse, que era um tanto genro de Thenardier, cedia.

Um momento mais e teriam partido. Thenardier arquejava sobre o muro como os náufragos da *Medusa* na sua jangada, vendo desaparecer no horizonte o navio que tinha avistado.

Não se atrevia a chamá-los; um grito que se ouvisse podia deitar tudo a

perder. Teve uma ideia, a última, um clarão: tirou da algibeira o bocado da corda de Brujon, que ele tinha desatado da chaminé do Edifício Novo e atirou-a para o recinto fechado pelo tapume.

A corda caiu aos pés dos que se achavam em baixo.

— Uma viúva[25] — exclamou Babet.

— A minha tortosa![26] — disse Brujon.

O estalajadeiro está ali volveu Montparnasse.

Olharam todos para cima. Thenardier estendeu um pouco a cabeça

— Depressa! — exclamou Montparnasse. — Tens o outro bocado de corda, Brujon?

— Tenho.

— Ata os dois bocados; nós depois atiramos-lha e ele, prendendo-a ao muro, poderá descer.

Thenardier arriscou-se a levantar a voz:

— Estou gelado.

— Depois te aqueces.

— Já não me posso mexer.

— Deixa-te escorregar, que nós te aparamos.

— Não tenho força nas mãos.

— Prende só a corda ao muro.

— Não poderei.

— É preciso que um de nós trepe — disse Montparnasse.

— Três andares! — exclamou Brujon

Um antigo tubo de pedra e cal, que servira noutro tempo a um fogão que se acendia na barraca, prolongava-se pelo muro e subia quase até ao sítio onde se achava Thenardier. Este condutor, então muito escalavrado e cheio de fendas desmoronou-se depois, mas ainda se conhece o sítio em que esteve.

Era em extremo delgado.

— Podia subir-se por ali — disse Montparnasse.

— Por aquele cano? — exclamou Babet. — Um orgue?[27] Isso não pode ser, era preciso um mion[28].

— Era preciso um môrne[29] — acudiu Brujon.

— Mas onde se há-de ir buscar um mosquito?

— Esperem — disse Montparnasse — eu arranjo isso.

Em seguida entreabriu vagarosamente a porta do tapume, certificou-se de que não passava ninguém pela rua, saiu com precaução, tornou a fechar a porta atrás de si e deitou a correr na direcção da Bastilha.

Passaram-se sete ou oito minutos, que foram oito séculos para Thenardier; Babet, Brujon e Gueulemer, não disseram uma palavra; a porta tornou enfim a abrir-se, e deu entrada a Montparnasse esbaforido, acompanhado de Gavroche. A chuva continuava a conservar a rua de todo deserta.

O pequeno Gavroche entrou no recinto fechado pelo tapume e encarou aqueles rostos de malfeitores com ar tranquilo.

Os cabelos escorriam-lhe água. Gueulemer dirigiu-lhe a palavra.

— Tu és um homem, petiz?

Gavroche encolheu os ombros e respondeu:

— Um petiz como eu é um homem, e homens como vocês são petizes.

— Como o tal miou tem o badalo esticado![30] — exclamou Babet.

— O môme pantinense não é feito de forra palhinada[31] — acrescentou Brujon.

— Que é que querem? — disse Gavroche.

Montparnasse respondeu:

— Que trepes por aquele cano.

— Com esta viúva[32] — disse Babet.

— E que afiances a tortosa[33] — acrescentou Brujon.

— Lá no tope do montante[34] — tornou Babet.

— No valente da ventana[35] — disse Brupon.

— E depois? — perguntou Gavroche.

— Mexe-te! — retorquiu Gueulemer.

O gaiato examinou a corda, o cano, o muro e as janelas, e fez o inexplicável e desdenhoso ruído com os beiços, que significa:

— Mas para quê?

— Para salvares um homem que está lá em cima — disse Montparnasse.

— Não queres? — Perguntou-lhe Brujon.

— Que gajo! — respondeu o rapaz, como se a pergunta lhe parecesse inaudita; e descalçou os sapatos.

Gueulemer pegou em Gavroche por um braço, pô-lo sobre o tecto da barraca, cujas duas tábuas carunchosas pareciam desfazer-se com tão pequeno peso e entregou-lhe a corda que Brujon tinha acrescentado durante a ausência de Montparnasse. O gaiato dirigiu-se em seguida para o cano, onde era fácil entrar por um grande buraco que nele havia junto do telhado. No momento em que ia para subir, Thenardier, que via aproximar-se a salvação e a vida, debruçou-se da borda do muro; os primeiros alvores da manhã branqueavam-lhe já a fronte inundada de suor, as faces lívidas, o nariz afilado

e selvático, a barba grisalha e toda eriçada, de tal modo, que logo foi reconhecido por Gavroche.

— Olha! — disse ele. — É meu pai... Vá lá, isso não tira!

E, pegando na corda com os dentes, começou resolutamente a escalada.

Chegou ao alto do pardieiro, montou-se no muro como num cavalo, e amarrou solidamente a corda a um dos varões transversais da janela.

Passado um momento estava Thenardier ao pé dos companheiros.

Apenas pôs os pés no chão, apenas se viu fora de perigo, já não se sentiu fatigado, nem gelado, nem trémulo; as coisas terríveis de que acabava de sair desvaneceram-se como fumo, toda aquela estranha e feroz inteligência despertou: achou-se em pé e livre, pronto a caminhar para a frente. Eis as primeiras palavras deste homem:

— Agora o que vamos nós comer?

É inútil explicar o sentido desta palavra medonhamente transparente, que significa ao mesmo tempo, matar, ferir e roubar. *Comer,* verdadeiro sentido: *Devorar.*

— Cheguem-se bem — disse Brujon. — Acabemos a coisa com três palavras, e depois separar-nos-emos imediatamente.

— Havia um negócio que parecia bom na rua Plumet, uma rua deserta, uma casa isolada, grades ferrugentas num jardim e mulheres sozinhas.

— E então porque não se fez? — perguntou Thenardier.

— Porque a tua fada[36] Eponina foi ver a coisa — respondeu Babei.

— E trouxe uma bolacha à Magnon — acrescentou Gueulemer. — Não há lá que chafurdar.[37]

— A fada não é tansa[38] — disse Thenardier. — Mas sempre será bom ver.

— Sim, sim — repetiu Brujon — sempre é bom ver.

Entretanto, nenhum daqueles homens parecia lembrar-se de Gavroche, o qual, durante este colóquio, se sentara num dos pilares que sustentavam o tapume; esperou alguns instantes talvez que seu pai se voltasse para ele, depois tornou a calçar os sapatos e disse:

— Está tudo pronto? Já não precisam de mim? Já estão desenrascados; então raspo-me: tenho de ir levantar os meus petizes.

E afastou-se.

Os cinco homens saíram do tapume a um e um.

Depois de Gavroche ter desaparecido na esquina da rua dos Ballets, Babet chamou Thenardier de parte:

— Reparaste naquele rapaz? — perguntou-lhe ele.

— Qual rapaz?

— O que subiu ao muro, o que levou a corda.
— Não reparei muito, não.
— Pois olha, não sei bem, mas parece-me que é teu filho.
— Ora — disse Thenardier — pois tu crês nisso?

LIVRO SÉTIMO — O CALÃO

I — Origem

Pigritia é uma palavra terrível.

Esta palavra gera um mundo, a *pégre;* leia-se: o *roubo;* é um inferno, a *pégrenne,*— leia-se: a *fome.*

Assim, a preguiça é mãe.

Tem um filho, o roubo: e uma filha, a fome.

Mas onde é que nos encontramos agora? No calão.

O que é o calão? É ao mesmo tempo a nação e o idioma; é o roubo sob as suas duas espécies; povo e língua.

Quando há trinta e quatro anos o narrador desta séria e sombria história introduziu no meio de uma obra, escrita com o mesmo fim do que esta [39], um ladrão falando calão, houve pasmo e clamor. «O quê! Pois é possível! O calão! Mas o calão é uma coisa medonha! É a língua das galés, das enxovias, de tudo o que a sociedade tem de mais abominável!» etc., etc.

Nunca compreendemos este género de objecções.

Depois, dois poderosos romancistas, dos quais um é profundo observador do coração humano, e outro intrépido amigo do povo, Balzac e Eugénio Sue, tendo apresentado ladrões falando a sua língua natural, como fizera em 1828 o autor do *Último dia de um condenado,* viram erguer-se as mesmas reclamações. Repetiu-se: «O que nos querem os escritores com este repugnante dialecto? O calão é odioso! O calão faz tremer!»

Sem dúvida. Quem o nega?

Desde quando é tido como erro, quando se trata de sondar uma ferida, um abismo ou uma sociedade, penetrar demasiado, descer até ao fundo? Pensáramos sempre que era isto algumas vezes um acto de coragem, é, pelo menos, uma acção simples e útil, digna da atenção simpática que é merecedor o dever aceito e cumprido. Não explorar, não estudar tudo, parar no meio do caminho, para quê? Parar pertence à sonda e não a quem a lança.

Com efeito, ir procurar nos baixios da ordem social, Já onde acaba a terra e começa o lodo, esquadrinhar nessas vagas espessas, prosseguir sempre, agarrar e lançar, ainda palpitante, para a rua, este idioma abjecto, que trazido assim para a luz goteja lama; este vocabulário peçonhento, de que cada palavra parece corcova imunda de um monstro da vasa e das trevas não é tarefa atraente ou fácil.

Não há nada mais lúgubre do que contemplar assim a nu, à luz do pensamento, o terrível e irregular movimento do calão. Parece ser realmente uma espécie de horrível animal só feito para a noite e que acaba de ser

arrancado da sua sentina. Julga-se ver medonha escuridão, viva e eriçada, que estremece, se move, se agita, torna a pedir as trevas, ameaça e olha. Uma palavra assemelha-se a uma garra, outra a um olho baço e sanguinário; tal ou qual frase parece mover-se qual pinça de caranguejo. Tudo isto vive da vitalidade hedionda das coisas que foram organizadas na desorganização.

Desde quando, porém, é que o horror exclui o estudo? Desde quando é o médico expulso pela doença? Imagine-se um Naturalista que se recusasse a estudar o escorpião, a centopeia, a tarântula, e que os lançasse de novo nas suas trevas, dizendo: «Que feios são!» O pensador que fugisse do calão, assemelhar-se-ia a um cirurgião que voltasse o rosto vendo uma úlcera. Seria o mesmo que um filólogo hesitando em examinar um facto da língua, um filósofo hesitando em examinar um facto da humanidade. Porque, é necessário dizê-lo aos que o ignoram, o calão é ao mesmo tempo um fenómeno literário e um resultado social. O que é o calão propriamente dito? O calão é alíngua da miséria.

Aqui podem fazer-nos parar; podem generalizar o facto, o que é algumas vezes uma maneira de o atenuar; podem dizer-nos que todas as profissões, todos os misteres, poder-se-ia acrescentar, quase todos os acidentes da hierarquia social, e todas as formas da inteligência têm o seu calão O negociante quando diz: «Montepelier disponível, Marselha boa qualidade»; o cambista: «por estorno, ao par»; o jogador: «estou à paz de pirulo, jogo de porta;» o oficial de diligências das ilhas normandas: «o censor arestando o prédio sujeito ao censo, não tem direito ao fruto durante o sequestro da herança do censuário»; o vaudevilista: «alegrar o urso» [40]; o autor: «fiz furor»; o filósofo: «triplicidade fenomenal»; o caçador: «dei um bigode»; o frenólogo: «amatividade, combatividade, secretividade»; o soldado de infantaria: «o meu fagote de sessenta palhetas»; o cavaleiro: «a minha perua»; o mestre de esgrima: «terça, quarta, a fundo»; o impressor: «mordido no primeiro, no segundo tiro»; todos, impressor, mestre de esgrima, cavaleiro, soldado, frenólogo, caçador, filósofo, autor, vaudevilista, oficial de diligências, jogador e cambista, falam calão.

O pintor, quando diz: «o meu rapin»; o tabelião «o meu salta pocinhas»; o cabeleireiro: «o meu caixeiro»; o remendão: «o meu chumeco»; falam calão. Em rigor e se o quiserem absolutamente, todos estes modos de dizer a direita e a esquerda: o marinheiro, «bombordo e estibordo»; o maquinista: «lado do pátio, lado do jardim»; o sacristão: «lado da Epístola, lado do Evangelho»; são calão. Há o calão das delambidas, como houve o calão das preciosas. O palácio de Rambouilet confinava um tanto com o Pátio dos Milagres. Há

também o calão das duquesas, como o provam estas frases escritas num bilhete amoroso por uma senhora muito formosa e de elevada jerarquia, do tempo da Restauração: *«Vous trouverez dans ces potains-là une foultitude de taisons pour que je me libertise»*[41]. As cifras diplomáticas são um calão; a chancelaria pontifícia dizendo 26 em lugar de *Roma, grkztntgzgal* em lugar de remessa; e *abfxustgrnogtkzu tu* XI em vez de «duque de Modena» fala calão. Os médicos da Idade-Média, que para dizerem cenoura, rabanete e rábano, diziam: *opoponach, perfcoschinum, repfitalmus, dracatholicum angele rum, postmegorum,* falavam calão; o fabricante de açúcar que diz: «mascavado, caixa, refinado» sendo muito honesto industrial, fala calão. Certa escola de crítica, que existia há uns vinte anos e que dizia: «Metade de Shakespeare é trocadilho», falava calão. O poeta e o artista, que com profundo juízo qualificariam o senhor de Montmorency «de burguês» se não entendesse de versos e de estátuas, falariam calão. O académico clássico que chama «Flora» às flores, «Poznana» aos frutos, «Neptuno» ao mar, «fogos» ao amor, «atractivos» à *beleza,* «um corcel» a um cavalo, «a rosa de Belona» ao laço branco ou tricolor, e «triângulo de Marte» ao chapéu armado, fala calão. A álgebra, a medicina, a botânica têm o seu calão. A língua que se emprega a bordo, admirável língua do mar, tão completa e pitoresca, que falaram Jean Bart, Duquesne, Sufren e Duperré, que se casa com o assobiar das ondas revoltas, com o eco do porta-voz, com o embate dos machados de abordagem e com o balanço do navio, a brisa, o furacão, o troar da artilharia, é um calão heróico e brilhante, que está para o feroz calão da «pégre» como o leão para o chacal.

Sem dúvida. Mas, por mais que possam dizer, este modo de compreender a palavra calão é de uma tal extensão que nem toda a gente admitirá. Quanto a nós, conservamos nesta palavra a sua velha acepção, precisa, circunscrita e determinada, e restringimos o calão ao calão. O verdadeiro calão, o calão por excelência, se é possível juntar estas duas palavras, o imemorável calão que era um reino, não é outra coisa, repetimo-lo, senão a língua disforme, inquieta, sonsa, traidora, venenosa, cruel, vesga, vil, profunda e fatal da miséria. Na extremidade de todos os rebaixamentos e de todos os infortúnios, existe uma última miséria que se revolta e que se decide a lutar com o conjunto dos factos felizes e dos direitos reinantes: luta medonha, em que, ora astuciosa, ora violenta, ao mesmo tempo raquítica e feroz, ataca a ordem social com picadas de alfinete pelo vício, e com pancadas de maça pelo crime. Para as necessidades desta luta inventou a miséria uma língua de combate, que é o calão.

Fazer sobrenadar e suster à superfície do esquecimento, à superfície do abismo, ainda que não seja senão um fragmento de uma língua qualquer que o homem falou e que se perderia; isto é, um dos elementos, bons ou maus, de que a civilização se compõe, ou com que tem relação, é ampliar os dados da observação social, é servir a própria civilização. Este serviço prestou o Plauto, tendo ou não tendo essa intenção, fazendo falar o fenício a dois soldados cartagineses; este serviço foi prestado por Molière, fazendo falar o levantino e toda a espécie de dialectos a tantos dos seus personagens. Aqui reanimam-se as objecções: o fenício, optimamente! O levantino, não há que dizer! Mesmo os dialectos, passe São línguas que pertenceram a nações ou a províncias; mas o calão! De que serve conservar o calão? Para que se há-de fazer «sobrenadar» o calão?

A isto só responderemos uma palavra.

Decerto; se a língua que falou uma nação ou uma província é digna de interesse, há uma coisa mais digna ainda de atenção e de estudo, é a língua que falou uma miséria.

É a língua que tem falado em França, por exemplo, há quatro séculos, não somente uma miséria, mas a miséria, toda a miséria humana possível.

E depois, insistimos nisto: estudar as deformidades e as enfermidades sociais e apontá-las para serem curadas, não é um trabalho em que seja permitida a escolha.

O historiador dos costumes e das ideias não tem uma missão menos austera do que o historiador dos acontecimentos. Este tem a superfície da civilização, as lutas das coroas, o nascimento dos príncipes, os casamentos dos reis, as batalhas, as assembleias, os grandes homens públicos, as revoluções à luz do dia, tudo o que é exterior; o outro historiador tem o interior, o fundo, o povo que trabalha, que sofre e que espera, a mulher acabrunhada, a criança que agoniza, as guerras surdas de homem contra homem, as ferocidades obscuras, os preconceitos, as iniquidades consentidas, as reacções subterrâneas da lei, as evoluções secretas das almas, os estremecimentos indistintos das multidões, os famintos, os descalços, os nus, os deserdados, os órfãos, os desgraçados e os infames, todas as larvas que divagam na escuridão. É preciso que ele desça, com o coração cheio ao mesmo tempo de caridade e de severidade, como um irmão e como um juiz, até às casas-matas impenetráveis, onde se arrastam em confusão os que sangram e os que ferem, os que choram e os que maldizem, os que jejuam e os que devoram, os que suportam o mal e os que o fazem. Estes historiadores dos corações e das almas terão acaso deveres menores do que os historiadores dos factos exteriores?

Julgarão que Alighieri tenha menos coisas para dizer do que Maquiavel? A parte inferior da civilização, por ser mais profunda e mais sombria, será menos importante do que a superior? Tem-se acaso perfeito conhecimento da montanha, quando se desconhece a caverna?

Digamo-lo, contudo, de passagem; de algumas palavras do que percebe poder-se-á inferir entre as duas classes de historiadores uma separação acentuada, que não existe no nosso espírito. Ninguém é bom historiador da vida potente, visível, brilhante e pública dos povos, se não é ao mesmo tempo, numa certa proporção, historiador da sua vida profunda e oculta; e ninguém é bom historiador do íntimo, se não sabe ser, todas as vezes que é necessário, historiador do que é externo. A história dos costumes e das ideias penetra a história dos acontecimentos e reciprocamente. São duas ordens diferentes de factos, que se correspondem, que se encadeiam sempre e se geram muitas vezes. Todas as linhas que a Providência traça na superfície duma nação, tem as suas paralelas sombrias mas distintas, no fundo, e todas as convulsões do fundo causam agitações na superfície.

Estando a verdadeira história ligada a tudo, deve o verdadeiro historiador ligar-se a tudo. O homem não é um círculo com um só centro, é uma elipse com dois focos. Os factos constituem uns, as ideias o outro.

O calão não é senão um guarda-roupa, onde a língua, tendo alguma má acção a praticar, se disfarça.

Reveste-se ali de palavras-máscaras e de metáforas-farrapos.

Deste modo torna-se horrível.

Custa a conhecê-la. É realmente a língua francesa, a grande língua humana? Ei-la pronta a entrar em cena, a dar ao crime a réplica, e própria para todos os empregos do repertório do mal. Não anda, manqueja; manqueja na muleta do Pátio dos Milagres, muleta que facilmente se metamorfoseia em maça; chama-se madraçaria; foi caracterizada por todos os espectros que a ajudaram a vestir; arrasta-se e ergue-se com a dupla andadura do réptil. É então apta para todos os papéis, é feita vesga pelo falsário, esverdeada pelo envenenador, mascarada com a fuligem do incendiário; e o assassino dá-lhe o seu vermelho.

Quando se escuta, do lado da gente honesta, à porta da sociedade, surpreende-se o diálogo dos que estão de fora Distinguem-se perguntas e respostas. Ouve-se sem se compreender um murmúrio hediondo, soando quase como a voz humana, mas mais vizinha do uivo do que da palavra. É o calão. Os termos são disformes e impregnados de não sei que bestialidade fantástica. Julga-se ouvir hidras a falar.

É o ininteligível no tenebroso. É uma coisa que range e segreda,

completando o crepúsculo com o enigma. Há escuridão na desgraça, mas mais escuridão ainda no crime. Estas duas escuridões amalgamadas compõem o calão. Obscuridade na atmosfera, obscuridade nos actos, obscuridade nas vozes. Espantosa língua-sapo que vai, vem, salta, arrasta-se, baba-se, move-se monstruosamente no meio do imenso nevoeiro pardo, feito de chuva, de noite, de fome, de vício, de mentira, de injustiça e de nudez, de asfixia e de Inverno; completo meio-dia dos miseráveis.

Tenhamos compaixão dos castigados. Ai de mim!, quem somos nós mesmos? Quem sou eu, eu que estou falando? Quem sois vós que me escutais? Donde vimos nós? Há toda a certeza de que não tenhamos feito algumas coisas antes de nascermos?

A terra não deixa de assemelhar-se a uma prisão. Quem sabe se o homem não foi já castigado pela justiça divina?

Observai a vida de perto. É feita de tal modo, que por toda a parte se sente nela a punição.

Sois o que se chama um feliz? Pois bem, estais triste todos os dias. Cada dia tem o seu grande desgosto, ou o seu pequeno cuidado. Ontem tremíeis por uma saúde que vos é cara, hoje receais pela vossa; amanhã será uma inquietação pecuniária, depois de amanhã a diatribe dum caluniador, e no imediato a desventura de um amigo; depois o bom ou o mau tempo, depois alguma coisa quebrada ou pendida, depois um prazer que a consciência e a coluna vertebral vos repreendem; doutra vez os andamentos dos negócios públicos. Sem contar as penas do coração. E assim por diante. Dissipa-se uma nuvem, forma-se outra. Em cem dias apenas um de plena alegria e de pleno sol. E sois do pequeno número que tem a felicidade! Quanto aos outros homens, têm sobre si a noite estagnante.

Os espíritos reflectidos curam pouco da locução: felizes e infelizes. Neste mundo, evidentemente vestíbulo de outro, não há felizes.

A verdadeira divisão humana éesta: luminoso e tenebroso.

Diminuir o número de tenebrosos, aumentar o dos luminosos, eis o fim. Eis porque gritamos: Ensino! Ciência! Ensinar a ler, é acender lume; toda a sílaba soletrada lança faíscas.

No entanto, quem diz luz não diz necessariamente alegria. Sofre-se na luz; o excesso queima. A chama é inimiga da asa. Arder sem cessar de voar, é onde está o prodígio do génio.

Mas tendo todos os conhecimentos, mesmo amando, sofrereis sempre. O dia nasce lacrimoso. Os luminosos choram, ainda que não seja senão a sorte dos tenebrosos.

II — Raízes

O calão é a língua dos tenebrosos.

O pensamento é agitado nas suas sombrias profundidades, a filosofia social é instigada às suas meditações, as mais pungentes na presença deste enigmático dialecto, ao mesmo tempo manchado e revoltado. É ali que há castigo visível. Todas as sílabas são marcadas. As palavras da língua vulgar aparecem ali como enrugadas e encoscoradas pelo ferro candente do carrasco. Algumas parecem ainda fumegantes. Tal ou tal frase produz-nos o efeito do ombro marcado de um ladrão inopinadamente despido. A ideia quase recusa deixar-se exprimir por aqueles substantivos justificados. A metáfora é por vezes tão insolente e atrevida que se tem a impressão de que já usou golilha.

Afinal, a despeito de tudo isto, e mesmo por causa de tudo isto, tem este estranho dialecto direito a um compartimento no grande armário imparcial, onde há lugar tanto para a moeda de cobre oxidada, como para a medalha de ouro, e que se chama literatura. O calão, quer consintam quer não, tem a sua sintaxe e a sua poesia. É uma língua. Se pela deformidade de certos vocábulos se reconhece que foi mascarada por Mandrin, pelo esplendor de certas metonímias, sente-se que foi falada por Villon.

Este verso tão esquisito e tão célebre:

Mais où sont les neiges d'antan?

é um verso de calão. Antan — *ante annum* — é um termo do calão de Tunes que significava o *ano passado* e mais extensivamente *noutro tempo.* Podia ainda ler-se, há trinta e cinco anos, na época da partida da grande corrente de 1827, num dos calabouços de Bicêtre, esta máxima, gravada com um prego na parede, por um rei de Tunes condenado às galés: *Les dabs d'antan trimaient siempre pour la pierre du Coësre;* o que quer dizer: «Os reis de outro tempo iam sempre sagrar-se». No pensamento daquele rei, a sagração era a galé.

A palavra *décarade* que exprime a partida a galope de pesado veículo, é atribuída a Villon, de quem é digna. Esta palavra, que atira com os quatro pés, resume numa onomatopeia magistral todo o admirável verso de La Fontaine:

Six forts chevaux tiraient un coche.

Segundo o modo de ver puramente literário, poucos estudos seriam mais curiosos e mais fecundos do que o do calão. É uma língua, uma espécie de excrescência valetudinária, um enxerto fraco que produziu uma vegetação, um parasita que tem as suas raízes no velho tronco gaulês, e cuja folhagem sinistra trepa por todo um lado do idioma. Isto é o que poderia chamar-se primeiro aspecto, o aspecto vulgar do calão Mas para os que estudam a língua como deve ser estudada, isto é, como os geólogos estudam a terra; aparece o calão como um verdadeiro aluvião. Segundo a escavação é mais ou menos

profunda, encontra-se no calão, abaixo do velho francês popular, o provençal, o espanhol, o italiano, o levantino, essa língua dos portos do Mediterrâneo, o inglês e o alemão, o romano nas suas três variantes, latim-francês, latim-italiano, latim-romano, o latim, e finalmente o basco e o celta Formação extravagante e profunda Edifício subterrâneo edificado em comum por todos os míseros. Cada raça maldita concorreu com a sua camada, cada sofrimento deixou cair a sua pedra, cada coração deu o seu calhau. Uma multidão de almas más, baixas ou irritadas, que atravessaram a vida e foram desaparecer na eternidade, estão ali quase inteiras e de certo modo visíveis ainda, sob a forma de um termo monstruoso.

Quer-se espanhol? Pulula no velho calão gótico. Eis *boffette,* bofetada, que vem de *bofeton; vantane,* janela (mais tarde *vanterne),* que vem de *ventana; gat,* que vem de *gato; acite,* que vem de *aceyte.* Quer-se italiano? Eis *spade,* que vem de *espada; carvel,* barco, que vem de *caravella.* Quer-se inglês? Eis *bichot,* bispo que vem de *bishope; raille,* espião, que vem de *rascal, rascalion,* tratante; *pilcker,* estojo, que vem de *pilcher,* bainha. Quer-se alemão? Eis *caleur,* rapaz*, kellner; hers,* o amo, *herzog,* duque. Quer-se latim? Eis *frangir,* quebrar, *frangere; affurer,* roubar, *fur; cadène,* cadeia, *catena.* Há ali uma palavra que aparece em todas as línguas do continente com uma espécie de poder e de autoridade misteriosa, é a palavra *magnus;* a Escócia faz dela o seu *mac, que* designa o chefe de clã, Mac-Farlane, Mac-Callummore; o calão faz daquela palavra o *meck* e mais tarde o *meg,* o grande Farlane, o grande Callumtnore*;* isto é, o Deus. Quer-se basco? Eis *gahisto,* odiabo, que vem de *gaïztoa,* mau; *sorgabon,* boa noite, que vem de *gabon,* boa noite. Quer-se celta? Eis *blavin,* lenço de assoar, que vem de *blavet,* água nascente; *ménesse,* mulher (em mau sentido), que vem de *meinec,* cheio de pedras; *barant,* enxurrada; de *baranton,* fonte; *goffeur,* serralheiro, de *goff,* forjador; a *guédouze,* amorte, que vem de *guenn-du,* branca-negra. Quer-se enfim, história?

O calão chama aos escudos *malteses,* recordação da moeda que tinha curso nas galés de Malta.

Além das origens filosóficas que acabam de ser indicadas, tem o calão outras raízes mais naturais ainda e que saem, para assim dizer, do próprio espírito do homem.

Em primeiro lugar a criação directa das palavras. É onde está o mistério das línguas. Pintar, por meio de palavras que têm, não se sabe como nem porquê, figuras. É isto o fundo primitivo de toda a linguagem humana, é aquilo a que se poderia chamar seu alicerce. No calão pululam as palavras deste género, palavras imediatas, criadas, completas não se sabe onde nem por

quem, sem etimologia, sem analogias, sem derivados; palavras solitárias, bárbaras, algumas vezes hediondas, que têm singular poder de expressão e que vivem. O carrasco, o *taule;* a floresta, o *sabri;* o medo, a fuga, *taf;* o lacaio, o *larbin;* o general, o prefeito, o ministro, *pharos;* o diabo, o *rabouin.* Não há nada mais estranho do que estas palavras que mascaram e que mostram.

Alguns destes termos, o *rabouin,* por exemplo, são ao mesmo tempo grotescos e terríveis, e produzem o efeito da careta dum ciclope.

Em segundo lugar, a metáfora. O característico duma língua que pretende dizer tudo e tudo ocultar, é a abundância de figuras, A metáfora é um enigma onde se refugia o ladrão, que trama um dos seus feitos, o preso que combina uma evasão. Nenhum idioma é mais metafórico do que o calão *devisser le coco,* torcer o pescoço; *tortiller,* comer; ser *gerbé,* ser julgado; um *rato,* um ladrão de pão; *lansquine,* chove, velha figura surpreendente que, de certo modo, tem consigo a sua data, que assimila as compridas linhas obliquas da chuva aos piques bastos e inclinados dos soldados e que resume numa só palavra a metonímia popular: *chovem espetos.* Por vezes, à medida que o calão passa da primeira para a segunda época, passam as palavras do estado selvático e primitivo ao sentido metafórico. O diabo deixe de ser o *rabouin,* e torna-se o *boulanger,* aquele que mete no forno. É mais espirituoso, mas não tão grande; qualquer coisa como Racine depois de Corneille, como Eurípides depois de Ésquilo. Certas frases de calão que participam das duas épocas e têm ao mesmo tempo o carácter bárbaro e o carácter metafórico, assemelham-se a fantasmagorias. *Les sorgueurs vont sollicer des gails à la lune* (os ratoneiros vão roubar cavalos de noite). Isto passa diante do espírito como um bando de espectros. Não se sabe o que se vê.

Em terceiro lugar, o expediente. O calão vive sobre a língua. Usa dela segundo a sua fantasia, recorre a ela ao acaso, e limita-se muitas vezes, quando surge a necessidade, a desnaturá-la sumária e grosseiramente Por vezes com as palavras usuais assim desfiguradas e envolvidas com palavras de calão puro, compõe locuções pitorescas em que se sente a mistura de dois elementos procedentes, a criação directa e a metáfora: *Le cab jaspine, je marronne que la roulotte de Pantin trime dans le sabri;* o cão ladra, supondo que a diligência de Paris vai passando pelo bosque. *Le dab est sinve, la dabuge est merloussière, la fée est bative;* o burguês é estúpido, a burguesa é astuta, a filha é bonita. A maior parte das vezes, a fim de desorientar os que possam escutar, limita-se o calão a juntar indistintamente a todas as palavras da língua uma espécie de cauda ignóbil, uma terminação em *aille,* em *orgue,* em *iergue,* ou em *uche.* Assim: *Vousiergue trouvaille bonorgue ce gigotmuche?* Achais bom este pitéu? Frase dirigida por Cartouche a um guarda, a fim de

saber se lhe convinha a soma oferecida para evasão.

A terminação em *mar* foi acrescentada muito recentemente.

O calão, sendo o idioma da corrupção, depressa se corrompe. Além disto, como diligencia sempre esconder-se apenas se sente compreendido, transforma-se. Ali, ao contrário de qualquer outra vegetação, tudo morre com o mais pequeno raio de sol. Assim, o calão vai-se decompondo e recompondo sem cessar; trabalho obscuro e rápido que não pára nunca. Percorre mais caminho em dez anos do que a língua em dez séculos. Por este modo o *larton,* o pão torna-se o *lartif;* o *gail,* o cavalo, torna-se o *gaye;* a *fertanche,* a palha, torna-se a *fertille;* os *fiques,* aroupa, os *frusques; a chique,* a igreja, o *egrugeoir;* o *colabre,* o pescoço, torna-se o *colas.* O diabo passa de *gahisto a rabouin,* depois o *boulanger;* o padre é o *ratichon,* depois o *javali;* opunhal é o *vinte e dois,* depois, o *surin,* depois o *lingre;* os empregados da polícia são os *railles,* depois os *roussins,* depois os *rousses,* os *vendilhões de corda,* os *coqueurs,* e finalmente, os *cognes;* o carrasco é o *taule,* depois *Charlot,* depois o *atigeur* e o *becquillard.*

No século XVII um duelo era *dar tabaco;* no século XIX é *mescar a goela.* Entre estes dois extremos têm passado vinte locuções diferentes. Cartouche falaria hebreu para Lacenaire. Todas as palavras desta língua estão em perpétua fuga como os homens que a falam.

Contudo, de tempos a tempos, e por causa deste próprio movimento, reaparece o antigo calão e torna-se novo. O templo conserva o calão do século XVII; Bicêtre, quando era prisão, conservava o de Tunes. Ouvia-se ali a terminação em *anche,* dos velhos tunantes. *Boyauches tu* (bebes tu)? *Il croyanche* (ele crê). Mas o movimento perpétuo não deixa de ser a lei.

Se o filósofo consegue fitar um momento, para a observar, esta língua que se apavora sem cessar, cai em dolorosas mas úteis meditações. Nenhum estado é mais eficaz e mais fecundo em documentos. Não há uma metáfora, ou uma etimologia do calão que não contenha uma lição. Entre tais homens, bater quer dizer fingir, finge-se uma doença; a astúcia é a sua força.

Para eles a ideia do homem não se separa da ideia da sombra. A noite chama-se a *sorgue,* o homem, o *orgue.* O homem é um derivado da noite.

Habituaram-se a considerar a sociedade como uma atmosfera que os mata, como uma força fatal, e falam da liberdade como falariam da saúde. Um homem preso é *um doente;* um homem condenado é *um morto.*

O que há de mais terrível para o prisioneiro dentro das quatro paredes de pedra em que se acha enterrado é uma espécie de castidade glacial; por isso chama *castus* ao cárcere. Neste lugar fúnebre, é sempre sob o seu aspecto mais risonho que *aparece a* vida exterior; o preso tem ferros nos pés. Julgais

talvez que ele pensa em que é com pés que anda? Não, pensa em que é com pés que dança; assim consiga ele serrar os ferros, e a sua primeira ideia será que já pode dançar, e chama à serra *bastringue* (dança de tasca). Um *nome é* um centro; profunda comparação. O bandido tem duas cabeças, uma que raciocina as suas acções e o conduz durante a vida, outra que tem nos ombros no dia da sua morte; chama à cabeça que o aconselha ao crime *sorbonne, e* à que o expia *tronche.* Quando um homem já não tem senão farrapos sobre o corpo e vícios no coração, quando tem chegado à dupla degradação material e moral que caracteriza nas suas acepções a palavra *gueux* (miserável ou tratante), está apto para o crime; é como uma faca bem afiada; tem dois gumes, a penúria e a maldade; assim o calão não diz o *gueux diz* um *réguisé,* (duplamente preparado). O que é a galé? Um braseiro de condenação eterna.

O forçado chama-se *fagot* (feixe de lenha). Enfim, que nome dão os malfeitores à prisão? O de *colégio.* Desta palavra pode sair completo um sistema penitenciário.

Querem saber onde nasceu a maior parte das cantigas de galé, os estribilhos chamados no vocabulário especial, *lirlonfa?* Escutem isto:

Havia no Châtelet de Paris um grande e comprido subterrâneo. Este subterrâneo ficava oito pés abaixo do nível do Sena. Não tinha janelas nem frestas; a única abertura era a porta; os homens podiam ali entrar, o ar não. Este subterrâneo tinha por tecto uma abóbada de cantaria e por pavimento dez polegadas de lama. Fora lajeado, mas o contínuo ressudar das águas desunira e deslocara completamente as lágeas. A oito pés acima do solo uma comprida e sólida trave atravessa o subterrâneo de lado a lado; desta trave pendem, a distâncias regulares, cadeados com três pés de comprimento e na extremidade de cada cadeado uma golilha.

Era neste subterrâneo que encerravam os condenados às galés até ao dia em que partiam para Toulon. Empurravam-nos para debaixo daquela viga onde cada um era esperado pela sua ferragem oscilante nas trevas. As correntes, braços pendidos e as golilhas, mãos abertas, agarravam aqueles míseros pelo pescoço. Prendiam-nos deste modo e deixavam-nos ali. A corrente era demasiado curta para que pudessem deitar-se Permaneciam imóveis naquele subterrâneo, naquela escuridão, debaixo da viga, quase enforcados, obrigados a esforços inauditos para chegarem ao pão ou à bilha da água, com os pés metidos na lama, os excrementos correndo-lhes pelas pernas, esquartejados pela fadiga, dobrando-se pelos quadris e pelos joelhos, pendurando-se pelas mãos às correntes para assim repousarem, não podendo dormir senão em pé, e sendo acordados a cada instante pelo afogamento da golilha; alguns não tornavam a acordar. Para comer traziam com o calcanhar

pela perna acima, até lhe chegarem com a mão, o pão que lhes atiravam para a lama. Quanto tempo permaneciam assim? Um, dois, algumas vezes seis meses; houve um que esteve um ano. Era a antecâmara das galés. Era-se metido ali por haver roubado uma lebre ao orei.

Neste sepulcro, agonizavam; e o que pode fazer-se num inferno, cantavam. Porque, onde já não há esperança, resta o canto. Nas águas de Malta, quando se aproximava uma galé, ouvia-se primeiro o canto dos treinadores do que a bulha dos remos.

O pobre caçador furtivo Survincent que atravessara a prisão subterrânea do Châtelet, dizia: «As rimas é que me amparam». Inutilidade da poesia. Para que serve a ritma? Foi naquele subterrâneo que nasceram todas as cantigas de calão. É do cárcere do Grand Châtelet de Paris que vem o melancólico estribilho da galé de Montgomery:

Timaloumisaine timoulamison.

A maior parte destas canções é lúgubre; algumas são alegres; há uma que é terna:

Icicaille est le théâtre
Du petit dardant.[42]

Por mais que façam não será nunca aniquilado o eterno resto do coração do homem, o amor.

No imundo das acções sombrias, todos guardam segredo. O segredo é a coisa que pertence a todos. O segredo, para tais miseráveis, é a unidade que serve de base à união. Divulgar o segredo é arrancar a cada membro desta comunidade feroz alguma parte de si mesmo. Denunciar, na enérgica língua de calão, chamava-se: *comer o bocado;* como se o denunciante puxasse para si uma porção da substância de todos e se nutrisse com um bocado de carne de cada um.

O que é levar uma bofetada? *É ver trinta e seis velas (chandelles).* Então intervém o calão e diz: *Chandelle, camoufle.* Partindo daqui dá a linguagem usual por sinónimo à bofetada, *camoufle.* Assim, por uma espécie de penetração de baixo para cima, com a ajuda da metáfora, trajectória incalculável, sobe o calão da caverna à academia; e Poulailler dizendo: *acendo a minha camoufle,* faz com que Voltaire escreva: *Langleviel La Beaumelle merece cem camouflets.*

Uma escavação no calão é a descoberta a cada passo. Estudar e aprofundar este estranho idioma, conduz ao misterioso ponto de intersecção da sociedade regular com a sociedade maldita.

O ladrão tem também a sua *chair à cânon,* amatéria roubável, vós, eu, quem quer que passe; o *pantre.* («Pan», todo o mundo).

O calão é o verbo tornado forçado.

Que o princípio pensador do homem possa ser recalcado tão baixo, que possa ser ali arrastado e amarrado pelas obscuras tiranias da fatalidade, que possa ser preso a não sei que argolas naquele precipício, é o que consterna.

Oh, pobre pensar dos miseráveis!

Pois quê! Não virá ninguém socorrer a alma humana numa tal sombra? Será o seu destino esperar ali para sempre o espírito, o libertador, o imenso cavaleiro dos pégasos e dos hipogrifos, o combatente cor da aurora, que desce do azul vago entre duas asas, o radiante paladino do futuro? Chamará ela sempre debalde em seu auxílio a lança de luz do ideal? Estará condenada a ouvir aproximar-se espantosamente na espessura do pego o Mal, e a entrever, cada vez mais perto de si, sob a água hedionda, essa cabeça draconiana, essa guela vomitando escuma, e a ondulação de garras e de ascorosas corcovas? Terá de permanecer ali, sem um clarão, sem esperança, exposta a essa aproximação formidável, vagamente farejada pelo monstro, trémula, desgrenhada, estorcendo os braços, para sempre agrilhoada ao rochedo da noite, sombria Andrómeda branca e nua no meio das trevas!

III — Calão que chora e calão que ri

Como se vê, todo o calão, tanto o de há quatrocentos anos como o de hoje, é penetrado pelo sombrio espírito simbólico quê dá a todas as palavras ora um aspecto queixoso, ora um ar ameaçador. Sente-se nele a velha tristeza feroz daqueles vadios do Pátio dos Milagres, que jogavam com baralhos de cartas que lhes eram privativos, e dos quais nos foram conservados alguns. O oito de paus, por exemplo, representava uma grande árvore com oito enormes folhas de trevo, espécie de personificação fantástica da floresta. Ao pé desta árvore via-se uma fogueira em que três lebres assavam um caçador no espeto, e pela parte de trás, noutro lume, uma caldeira fumegante da qual saía a cabeça do cão. Nada mais lúgubre do que estas represálias, em pintura, num baralho de cartas, na presença das fogueiras de tisnar os contrabandistas e da caldeira de cozer os moedeiros falsos. As diversas formas que o pensamento assumia no reino do calão, mesmo a cantiga, o motejo e a ameaça, apresentavam todas este carácter impotente e acabrunhado. Todas as cantigas das quais foram conservadas algumas melodias, eram tão humildes e lamentosas que provocavam as lágrimas. O *pègre* chama-se *pobre pègre,* e é sempre a lebre que se oculta, o rato que foge, o pássaro que voa. Reclama apenas; limita-se a suspirar; um dos seus gemidos chegou até nós: *Je n'entrave que le dail comment meck, le daron des orgues, peut atiger ses mômes et ses momignards et les locher criblant sans être atigé lui-même.*[43] O miserável,

todas as vezes que tem tempo de pensar, faz-se pequeno perante a lei e mesquinho perante a sociedade; deita-se de bruços, suplica, volta-se para o lado da piedade; vê-se que conhece o seu erro.

Pelos meados do século passado operou-se uma mudança. As cantigas de prisões, os estribilhos de ladrões, assumiram, para assim dizer, um gesto insolente e jovial. O queixoso *maluré,* foi substituído por *larifla.* Acha-se, no século XVIII, em quase todas as canções das galés e das enxovias uma alegria diabólica e enigmática. Ouve-se ali o estribilho estridente e saltitante, que se diria iluminado por um clarão fosfórico; e que parece lançado na floresta por um fogo fátuo tocando pífaro:

Mirlababi, surlababo,
Mirliton ribon ribette,
Surlababi, mirlababo,
Mirliton ribon ribo.

Isto cantava-se degolando um homem num subterrâneo ou no meio de um bosque.

Sintoma sério. No século XVIII dissipa-se a antiga melancolia destas classes tristes. Riem-se. Escarnecem o grande *meg* e o grande *dab.* A Luís XV, rei de França, chamavam *marquês de Pantin.* Ei-los quase alegres. Destes miseráveis destaca-se uma espécie de luz ligeira como se a consciência já lhes não pesasse. Estas lamentáveis tribos da sombra, não têm já somente a audácia desesperada das acções, têm a audácia desleixada do espírito. Indício este de que perdem o sentimento da sua criminalidade e que pressentem até no seio dos pensadores e dos sonhadores, não sei que apoios que se desconhecem a si mesmos. Indício de que o roubo e a pilhagem começam a infiltrar-se até às doutrinas e sofismas, de modo que perdem um tanto da sua fealdade e tornam feiíssimos doutrinas e sofismas. Indício, enfim, se não surge uma diversão, de algum parto prodigioso e próximo.

Detenhamo-nos por um momento. Quem acusamos nós aqui? É o século XVIII? É a sua filosofia? Não, decerto. A obra do século XVIII é sã e boa. O enciclopedistas, tendo à sua frente Diderot; os fisiocratas, Turgot; os filósofos, Voltaire; os utopistas, Rousseau, são quatro legiões sagradas. O imenso passo da humanidade para a luz, é-lhes devido São estas as quatro vanguardas do género humano marchando para os quatro pontos cardeais do progresso. Diderot para o belo, Turgot para o útil, Voltaire para o verdadeiro, Rousseau para o justo. Mas ao lado e abaixo dos filósofos havia os sofistas, vegetação venenosa misturada com o crescimento salubre, cicuta na floresta virgem. Enquanto o carrasco queimava na escada principal do palácio da justiça os grandes livros libertadores do século, alguns escritores, esquecidos hoje, publicavam, com privilégio do rei, não sei que escritos estranhamente

desorganizadores, avidamente lidos pelos miseráveis. Algumas destas publicações, extravagante pormenor, patrocinadas por um príncipe, acham-se na «Biblioteca secreta» Estes factos, profundos mais ignorados, não eram percebidos na superfície. Por vezes é a própria obscuridade de um facto que constitui o seu perigo É obscuro porque é subterrâneo De todos os escritores, quem talvez aprofundou nas turbas a galeria mais insalubre foi Restif de la Bretonhe.

Este trabalho natural de toda a Europa, fez maior devastação na Alemanha do que em qualquer outra parte. Na Alemanha, durante um certo período, resumido por Schiller, no seu famoso drama Os *bandidos,* o roubo e a pilhagem erigiam-se em protesto contra a propriedade e o trabalho, imitavam certas ideias elementares, capciosas e falsas, justas na aparência, absurdas na realidade; envolvidas nestas ideias, desapareciam de certo modo nelas, tomavam um nome abstracto e passavam ao estado de teoria; e deste modo circulavam nas multidões laboriosas, sofredoras e honestas, às escondidas mesmo das massas que aceitavam. Um facto destes é sempre grave. O sofrimento gera a cólera; e enquanto as classes prósperas se cegam ou adormecem, o que é sempre fechar os olhos, o ódio das classes infelizes acende o seu facho nalgum espírito enfadado ou mal constituído, que sonha a um canto e começa a examinar a sociedade. É terrível coisa o exame passado pelo ódio!

Daí vem o infortúnio dos tempos, essas pavorosas comoções que se chamavam outrora *jacqueries,* ao pé das quais as agitações puramente políticas são brinquedos de criança, e que não são já a luta do oprimido contra o opressor, mas da privação contra o bem-estar. Então tudo desaba.

As *jacqueries* são os terramotos do povo.

É a este perigo, iminente talvez na Europa pelos fins do século XVIII, que vem cortar o passo à revolução francesa, esse imenso acto de probidade.

A revolução francesa, que não é senão o ideal armado com o gládio, ergueu-se, e, com o mesmo movimento inesperado, fechou a porta do mal e abriu a porta do bem Desembaraçou a questão, promulgou a verdade, expulsou o miasma, tornou saudável o século, coroou o povo.

Pode dizer-se que criou o homem segunda vez, dando-lhe segunda alma o direito.

O século XIX herda e aproveita-se da sua obra, e hoje a catástrofe social que há pouco indicámos, é de todo impossível. Quem a denuncia é cego! Quem a teme é néscio! A revolução é a vacina da *jacquerie.*

Graças à revolução, estão mudadas as condições sociais. As doenças feudais e monárquicas já não estão no nosso sangue. Na nossa constituição já não há

Idade Média. Já não estamos nos tempos em que as medonhas agitações internas irrompiam, em que se sentia debaixo dos pés a corrida obscura de um ruído surdo, em que aparecia à superfície da civilização não sei que levantamento de galerias de toupeiras, em que o Sol se fendia, em que a parte superior das cavernas se abria e em que de repente se viam sair da terra cabeças monstruosas.

O senso revolucionário é um senso moral. O sentimento do direito, desenvolvido, desenvolve o sentimento do dever. A lei de todos é a liberdade que termina onde começa a liberdade de outro, segundo a admirável definição de Robespierre. Desde 89 todo o povo se dilata no indivíduo sublimado; não há nele pobre que, sentido o seu direito, não tenha a sua porção de luz; o faminto sente em si a honestidade da França; a dignidade do cidadão é uma armadura interior; quem é livre é escrupuloso; quem vota reina. Daqui a incorruptibilidade; daqui o aborto das cobiças insalubres, daqui os olhos heroicamente baixos na presença das tentações. A salubridade revolucionária é tal, que num dia libertador, num H de Julho, num 10 de Agosto, já não há populaça. O primeiro grito das multidões iluminadas e que se engrandecem é: morram os ladrões! O progresso é honrado. Por quem foram escoltados em 1848 os caixões que continham as riquezas das Tulherias? Pelos trapeiros do arrabalde de Santo António. O andrajo estava de guarda ao tesouro. A virtude tornou brilhantes aqueles esfarrapados. Havia ali, naqueles carros, naquelas caixas mal fechadas, algumas entreabertas, entre aqueles cem estojos deslumbrantes, a velha coroa da Franca, do Regente, toda de diamantes, sobrepujada pelo carbúnculo da realeza, que valia trinta milhões. E os pés descalços guardavam esta coroa.

Assim, pois, já não havia jacquerie. Sinto-me contristado pelo desgosto dos hábeis. Era o velho medo que produzia o seu último efeito e que não poderá tornai a ser empregado na política. A mola real do espectro está partida. Agora toda a gente a conhece. O espantalho já não espanta. Os que passam tomam familiaridades com o manequim, os estercorários pousam nele, os burgueses riem-se-lhe em cima.

IV — Os dois deveres: velar e esperar

Sendo assim, está dissipado todo o perigo social? Não, decerto. Nada de *jacquerie.* A sociedade pode sossegar por este lado; o sangue não tornará a subir-lhe à cabeça; mas deve dar-lhe atenção ao modo porque respira. A apoplexia já não é para temer, mas a tísica existe. A tísica social chama-se miséria.

Morre-se minado do mesmo modo que fulminado.

Não deixemos de o repetir: cuidar antes de tudo das multidões deserdadas

e dolorosas, aliviá-las, arejá-las, esclarecê-las, amá-las, alargar-lhes magnificamente os horizontes, prodigalizar-lhes a educação sob todas as formas, oferecer-lhes o exemplo do trabalho nunca o exemplo da ociosidade, diminuir o peso do fardo individual, aumentando a noção do fim universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, criar vastos campos de actividade pública e popular, ter como Briarea cem braços para estender para todos os lados aos aflitos e aos fracos, empregar o poder colectivo no grande dever de abrir oficinas para todos os braços, escolas para todas as aptidões e laboratórios para todas as inteligências, aumentar o salário, diminuir a fadiga, balancear o *deve* e *haver,* isto é, proporcionar o gozo ao esforço e a saciedade à necessidade, numa palavra, desembaraçar o aparelho social em proveito dos que sofrem e dos que ignoram; maior claridade e maior comodidade, não o esqueçam as almas simpáticas, é o que constitui a primeira das obrigações fraternais; é, saibam-no os corações egoístas, a primeira das necessidades políticas.

E, digamo-lo, isto tudo não é mais que um começo. A verdadeira questão: o trabalho não pode ser uma lei sem ser um direito.

Não insistimos mais, não é este o lugar próprio.

Se a natureza se chama providência, a sociedade deve chamar-se previdência.

O desenvolvimento intelectual e moral não é menos indispensável do que o melhoramento material. Saber é um viático, pensar é de primeira necessidade; a verdade é tanto alimento como o pão. Uma razão, em jejum de ciência e de saber emagrece. Lastimemos, do mesmo modo que os estômagos, os espíritos que não comem. Se há alguma coisa mais pungente do que um corpo agonizante por falta de pão, é uma alma morrendo à fome de luz.

O progresso pende todo para o lado da solução. Um dia ficar-se-á estupefacto. Elevando-se o género humano, as camadas profundas sairão naturalmente da zona de aflição. O desaparecimento da miséria operar-se-á por uma simples elevação de nível.

Será um erro duvidar desta solução abençoada.

O passado, com efeito, é demasiadamente forte na hora em que estamos. Restabelece-se. Esta rejuvenescência de um cadáver é surpreendente. Ei-lo que marcha e que avança. Parece vencedor; é um defunto, mas conquistador. Vem com a sua legião, as superstições, a sua espada, o despotismo: com a sua bandeira, a ignorância, tem ganho dez batalhas. Avança, ameaça, ri-se, está às nossas portas. Quanto a nós não desesperamos. Vendamos o campo em que acampa Aníbal.

Nós que cremos o que podemos temer?

As ideias não são mais susceptíveis de recuar do que os rios.

Mas pensem bem os que não querem nada do futuro. Dizendo não ao progresso, não é o futuro o que eles condenam, mas a si mesmos. Adquirem por suas mãos uma doença sombria; inoculam-se o passado. Não há senão um modo de recusar o Amanhã, é morrer.

Ora, quanto a mortes, a do corpo o mais tarde possível, a da alma, nunca; é isto o que nós queremos.

Sim, o enigma será decifrado, a esfinge falará, o problema será resolvido. Sim, o povo esboçado pelo século XIX. Quem o duvidar é idiota! O parto do futuro, o próximo nascimento do bem-estar universal, é um fenómeno divinamente fatal.

Os factos humanos são regidos por imenso avançar do todo, que os conduzem, sem excepção de um só, num tempo dado, ao estado lógico, isto é, ao equilíbrio, à equidade. Da humanidade resulta uma força composta de terra e de céu, que a governa; esta força é uma produtora de milagres; os desfechos maravilhosos não são mais difíceis do que as peripécias extraordinárias. Ajudada com a ciência que vem do homem e com o acontecimento que vem de um outro, espantasse pouco das contradições na disposição dos problemas que ao vulgo parecem impossibilidades. Esta força não é menos hábil em fazer brotar uma solução da aproximação das ideias, do que da aproximação dos factos, e tudo pode esperar-se da parte desta misteriosa potência do progresso, que um dia confronta o Oriente com o Ocidente no fundo de um sepulcro e faz dialogar *os* imãs com Bonaparte no interior da grande pirâmide.

Entretanto, nada de descanso, nada de hesitação, nada de tempo de espera na grandiosa marcha dos espíritos para a frente.

A filosofia social é essencialmente a ciência da paz. Tem por fim e deve ter como resultado, a dissolução das cóleras pelo estudo dos antagonismos.

Examina, investiga e analisa; depois recompõe.

Dirige-se pelo caminho da redução, suprimindo de tudo o ódio.

Tem-se visto mais de uma vez uma sociedade despenhada no abismo pelo vento desencadeado sobre os homens; a história está cheia de naufrágios de povos e de impérios; num dia passa o tufão, o desconhecido, e leva consigo costumes, leis e religião; é tudo arrebatado. As civilizações da Índia, da Chaldea, da Pérsia, da Assíria e do Egipto, desapareceram todas umas após outras. Porquê? Ignoramo-lo. Quais são as causas destes desastres? Não o sabemos. Aquelas sociedades poderiam ter sido salvas? Foi delas a culpa? Obstinaram-se nalgum vicio fatal que as perdeu? Que porção de suicídio houve naquelas mortes terríveis de uma nação e de uma raça? Perguntas sem

resposta. A sombra cobre as civilizações condenadas. Submergiram-se, porque faziam água; é o mais que podemos dizer, e é com uma espécie de assombro que vemos, no fundo do mar que se chama passado, por trás dos séculos vagas colossais, soçobrar os imensos navios, Babilónia, Nínive, Társea, Tebas e Roma, sob o medonho sopro que sai de todas as bocas das trevas. Mas trevas ali, claridade aqui. Ignoramos as doenças das civilizações antigas, conhecemos as enfermidades da nossa. Temos por sobre toda ela o direito de luz; contemplamos as suas belezas e pomos em perfeita nudez as suas deformidades. Onde ela tem o mal, sondamos; e uma vez reconhecido o sofrimento, o estudo da causa conduz à descoberta do remédio.

A nossa civilização, obra de vinte séculos, é ao mesmo tempo o monstro e seu prodígio deles; vale a pena de ser salva. Sê-lo-á. Confortá-la é já muito; esclarecê-la, *é* ainda alguma coisa. Os trabalhos da filosofia moderna devem todos convergir para este fim. O pensador hoje tem um grande dever auscultar a civilização.

Repetimo-lo: esta auscultação anima; e é pela insistência na animação que queremos terminar estas poucas páginas, entreacto austero de um drama doloroso. Sob a mortalidade social sente-se a imortalidade humana. O globo, por ter num e noutro ponto as suas chagas, as crateras e as suas impigens, os sulfatados, por efeito de um vulcão que rebenta e lança a sua lava, não morre. Doenças de povo não matam o homem.

E não obstante, quem segue a clínica social encolhe por instantes os ombros. Os mais fortes, os mais compassivos, os mais lógicos, têm as suas horas de desânimo.

O futuro chegará? Parece que se pode quase fazer esta pergunta, quando se vêem tantas sombras terríveis. Sombras face a face dos egoístas e dos miseráveis. Nos egoístas, os preconceitos, as trevas da educação rica, o apetite crescendo pelo inebriamento, uma atordoação de prosperidade que ensurdece, o receio de sofrer que, em alguns chega até à aversão pelos que sofrem, um contentamento implacável, o eu tão inchado que fecha a alma; nos miseráveis, a cobiça, a inveja, a raiva de ver os outros gozar, os profundos abalos da besta humana para as saciedades, os corações cheios de nevoeiro, a tristeza, a fatalidade, a ignorância impura e simples.

Deve continuar-se a erguer os olhos para o céu?

O ponto luminoso que ali se distingue é acaso dos que se apagam? O ideal é medonho, visto assim, perdido nas profundidades, pequeno, isolado, imperceptível, brilhante, mas rodeado de todas as grandes ameaças negras, monstruosamente amontoadas em torno dele; todavia não está em maior perigo do que uma estrela nas goelas das nuvens.

LIVRO OITAVO — ENCANTOS E AMARGURAS

I — Luz plena

O leitor compreendeu, decerto, que Eponina, tendo reconhecido através da grade a habitação da casa da rua Plumet, aonde a Magnon a mandara, começara por afastar dela os bandidos, depois conduzira ali Mário, e que este ao cabo de muitos dias de êxtase diante daquela grade, arrastado pela força que impele o ferro para o imã e o apaixonado para as pedras de que é feita a casa de sua amada, acabara por entrar no jardim de Cosette como Romeu no de Julieta. Isto mesmo fora-lhe mais fácil do que Romeu; Romeu era obrigado a escalar um muro e Mário só teve de entortar um dos varões da decrépita grade, que vacilava em seu alvéolo enferrujado ao modo dos dentes da gente velha.

Mário era delgado, portanto passou facilmente pela estreita abertura. Como nunca passava ninguém pela rua e, como além disso, Mário nunca entrava no jardim senão de noite, não corria o risco de ser visto.

A partir do momento abençoado e santo em que um beijo desposara aquelas duas almas, Mário voltou ali todas as noites. Se Cosette, num tal momento da sua vida, tivesse caído no amor de um homem pouco escrupuloso e libertino, estava perdida; por que existem naturezas generosas que se entregam, e Cosette era uma delas. Uma das magnanimidades da mulher consiste em ceder. O amor, na altura em que é absoluto, participa de não sei que celeste cegueira do pudor. Mas que perigos correis, oh, nobres almas! Muitas vezes dais-nos o coração e nós tomamos-vos o corpo! Ficais com o coração, e, estremecendo, olhais para ele na sombra. O amor não tem meio termo: ou perde ou salva. O destino humano está todo neste dilema.

Não há fatalidade que estabeleça mais inexoravelmente o problema da perdição ou salvação como o amor. O amor é a vida, se não é a morte. Berço, mas também cova. O mesmo sentimento diz sim e não no coração humano. De todas as coisas feitas por Deus, é o coração humano a que destaca maior porção de luz e maior escuridão!

Quis Deus que o amor que Cosette encontrou fosse um dos amores que salvam.

Enquanto durou o mês de Maio daquele ano de 1832, encontraram-se todas as noites no pobre jardim selvático, sob aquela moita cada vez mais odorífera e mais espessa, dois entes compostos de todas as castidades e de todas as inocências, trasbordando todas as felicidades, mais vizinhos dos arcanjos que dos homens, puros, honestos, inebriados, brilhantes, que resplandeciam um para o outro nas trevas.

Cosette julgava ver uma auréola em Mário, e Mário julgava ver um resplendor em Cosette. Tocavam-se, contemplavam-se, apertavam-se reciprocamente as mãos, estreitavam-se um contra o outro; mas havia entre eles uma distância que nunca transpunham. Não porque a respeitassem; ignoravam-na. Mário sentia uma barreira, a pureza de Cosette; esta sentia um apoio, a lealdade de Mário. O primeiro beijo fora também o último. Depois, não fora Mário além de tocar com os lábios a mão, ou o lencinho do pescoço, ou um anel dos cabelos de Cosette.

Cosette era para ele um perfume e não uma mulher.

Respirava-a. Ela não recusava nada, ele nada pedia.

Cosette era feliz e Mário sentia-se satisfeito. Viviam no arrebatador estado a que poderia chamar-se deslumbramento de uma alma por outra alma. Era o inefável e primeiro abrasamento de duas virgindades no ideal. Dois entes encontrando-se na Jungfrau. Naquela hora em que a voluptuosidade se cala absolutamente sob a omnipotência do êxtase, Mário, o puro e seráfico Mário, seria mais capaz de entrar em casa de uma mulher pública do que de erguer o vestido de Cosette até à altura do tornozelo.

Uma vez ao luar, Cosette curvou-se para apanhar um objecto que lhe caíra; com este movimento abrira-se-lhe um pouco o peito do vestido e deixou ver o começo do seio; Mário afastou os olhos.

Que se passava entre aqueles dois entes? Nada. Adoravam-se.

À noite, quando estavam juntos, parecia-lhes aquele jardim um lugar vivo e sagrado. Todas as flores se abriam em torno deles e lhes enviavam incensos; eles abriam as almas e espalhavam-nas pelas flores. A vegetação lasciva e vigorosa estremecia cheia de seiva e de transporte em torno daqueles inocentes, e eles diziam palavras de amor que faziam estremecer as árvores.

Que palavras eram estas? Eram sopros. Nada mais. Bastavam estes sopros para perturbar e abalar aquela natureza. Mágico poder que dificilmente se compreenderia, se acaso se lessem num livro aquelas conversações próprias para serem arrebatadas e dissipadas como fumo pelo vento sobre a folhagem. Tirai aos murmúrios de dois amantes a melodia que sai da alma e que os acompanha como uma lira, o que resta não é mais do que uma sombra; dizeis então: O quê! Pois é apenas isto! Decerto; são criancices, repetições, risos por nada, inutilidades, Frioleiras, quanto há no mundo de mais sublime e de mais profundo! As únicas coisas que valem a pena serem ditas e escutadas!

O homem que não ouviu nunca estas bagatelas, estas pobrezas, o homem que nunca as pronunciou, é um imbecil e um mau homem.

Cosette dizia a Mário:

— Queres saber?...

(Em tudo isto, e através de tão celeste virgindade, sem que fosse possível mais a um do que a outro dizer como, tratavam-se por tu).

— Queres saber? Chamo-me Eufrásia.

— Eufrásia? Não é tal, chamas-te Cosette.

— Ora! Cosette é um nome muito feio que me deram quando eu era pequenina, mas o meu verdadeiro nome é Eufrásia. Não gostas do nome de Eufrásia?

— Gosto... Mas Cosette não é um nome feio.

— Gostas mais dele do que de Eufrásia?

Eu... gosto, sim.

— Então também eu gosto mais. É bem bonito Cosette. Chama-me Cosette.

E o sorriso com que acompanhava as suas palavras, fazia deste diálogo um idílio dum bosque que fosse situado no céu.

Noutra ocasião, ela fitou-o e exclamou:

— O senhor é interessante, bonito, tem muita inteligência, é muito mais instruído do que eu, mas desafio-o com esta palavra: Amo-te!

E Mário, em pleno firmamento, julgava ouvir uma estrofe recitada por uma estrela.

Outras vezes era ela que lhe batia com o dedo na face para ele não tossir e lhe dizia:

— O senhor faz favor de estar calado? Em minha casa não é permitido tossir sem minha licença. Não é bonito tossir, para dar cuidados à gente! Quero que tenhas saúde, porque, se não a tens, que será de mim? Que queres tu que eu faça?

Isto era tudo simplesmente divino.

Uma vez, Mário disse a Cosette:

— Durante certo tempo acreditei que te chamavas Úrsula.

Foi isto uma coisa que a fez rir durante todo o tempo que naquela noite estiveram juntos.

No meio de outra destas tagarelices, sucedeu-lhe exclamar:

— Um dia no Luxemburgo tive vontade de acabar de destruir um inválido!

Mas calou-se de repente e não se adiantou mais. Teria de falar na liga de Cosette e isso ser-lhe-ia impossível. Havia nisto uma aproximação desconhecida, a carne, diante da qual recuava com uma espécie de susto sagrado aquele imenso amor inocente.

Mário não fazia outra ideia da vida com Cosette senão aquela; ir todas as noites à rua Plumet, afastar o velho e condescendente varão da grade do presidente, sentar-se ao lado dela naquele banco, ver através do arvoredo a cintilação da noite em seu começo, fazer coabitar a prega do joelho da sua

calça, com a roda do vestido de Cosette, acariciar-lhe a unha do dedo polegar, tratá-la por tu e respirar um depois do outro a mesma flor, sempre, indefinidamente. Durante este tempo passavam-lhe nuvens por sobre a cabeça. De cada vez que o vento sopra leva mais sonhos do homem do que de nuvens do céu.

E não se diga que este amor quase severo fosse absolutamente destituído de galantaria, Não. Dirigir cumprimentos àquela que se ama, é a primeira maneira de fazer carícias, é uma semi-audácia ensaiando-se. O cumprimento é uma espécie de beijo através do céu. A voluptuosidade sente-se nele não obstante ocultar-se. O coração em presença da voluptuosidade recua, para amar melhor. As carícias de Mário, todas saturadas de quimeras, eram para assim dizer, da cor do céu.

Os passarinhos que voando nas alturas passam pelo lado dos anjos devem ouvir daquelas palavras. Não obstante, aliava-se a elas a vida, ahumanidade, toda a quantidade de positivo de que Mário era capaz. Era o que se dizia na gruta, prelúdio do que se dirá na alcova; uma expansão lírica, a estrofe e o soneto confundidos, as graciosas hipérboles do arrulho, todos os requintes da adoração compondo um ramalhete e exalando subtil perfume, um inefável chilrear de coração para coração.

— Como és linda! — murmurou Mário. — Não me atrevo a olhar para ti. É por isso que te contemplo. És uma graça. Não sei o que tenho. Quando a ponta do teu pé se mostra fora da roda do vestido, transformo-me. E depois, que brilho encantado quando o teu pensamento se entreabre! Raciocinas pasmosamente. Há momentos em que me parece que és um sonho. Fala, quero escutar-te, quero admirar-te! Ó Cosette, como isto é estranho e encantador! Estou de todo louco! És adorável! Olha, estudo-te os pés com o microscópio e a alma com o telescópio.

E Cosette respondia:

— Amo-te tanto mais quanto é o tempo que decorreu desde esta manhã.

Tanto perguntas como respostas acomodavam-se como podia neste diálogo, caindo sempre de acordo, sobre o amor, como os bonecos de sabugo sobre o chumbo que lhes serve de base.

Cosette era toda ingenuidade, simplicidade, transparência, alvura, candura, luz. Poder-se-ia dizer de Cosette que era clara. Produzia em quem a via a sensação que produz o mês de Abril, e o despontar da aurora. Em seus olhos havia orvalho. Cosette era uma condensação de luz matutina em forma de mulher.

Era uma coisa simples que Mário adorando-a a admirasse. Mas a verdade era que aquela criança, recentemente saída do convento, se expressava com

delicada penetração, e dizia por momentos toda a espécie de palavras verdadeiras e justas. A sua loquacidade era conversação. Não se iludia sobre coisa alguma, via tudo com justeza. A mulher sente e fala com o terno instinto do coração, que é uma infalibilidade. Ninguém como uma mulher, sabe dizer coisas ao mesmo tempo suaves e profundas. Doçura e profundidade; eis a mulher, eis o céu.

Em tão plena felicidade, chegavam-lhes de vez em quando as lágrimas aos olhos. Um animalzinho de Deus esmagado, uma pena caída dum ninho, um ramo de pilriteiro quebrado, apiedava-os; e o seu êxtase, docemente afogado em melancolia, parecia não ter nada de melhor a desejar do que chorar. O mais soberano sintoma do amor é um enternecimento às vezes quase insuportável.

E, a par disto todas estas contradições são no cruzar de relâmpagos do amor riam-se com a maior facilidade, com uma liberdade arrebatadora e tão familiarmente, que por vezes tinham o ar de dois rapazes.

Contudo, mesmo a ocultas dos corações ébrios de castidade, está sempre presente a natureza, que nunca se esquece. Acha-se presente com o seu fim brutal e sublime; e qualquer que seja a inocência das almas, sente-se, ainda na mais pudica entrevista, o ambiente que separa um par de amantes de um par de amigos.

Idolatravam-se.

O permanente e o imutável subsistem. Ama-se, sorriem-se os lábios, entrelaçam-se os dedos das mãos, troca-se o tratamento de tu, e nada disto embaraça a eternidade.

Ocultam-se dois amantes no crepúsculo, no invisível, como os passarinhos, como as rosas; fascinam-se reciprocamente na sombra, com o coração nos olhos, murmuram, segredam, e durante este tempo é o infinito preenchido com imensas oscilações de astros.

II — Atordoamento da felicidade completa

Viviam vagamente assombrados de ventura. Não davam pelo cólera que dizimava Paris precisamente naquele mês. Tinham feito reciprocamente o maior número de confidências que lhes fora possível, mas todas juntas não tinham ido além dos seus nomes.

Mário dissera a Cosette que era órfão, que se chamava Mário Pontmercy, que era advogado, que seu pai fora coronel, que tinha sido um herói, e que ele, Mário, estava mal com seu avô, que era rico. Chegara também a dizer-lhe que era barão; mas isso não fizera o mínimo efeito em Cosette.

— Mário, barão? Não tinha percebido. Não sabia o que aquela palavra queria dizer. Mário era Mário.

Ela pela sua parte dissera-lhe que fora educada no convento do Petit-Picpus, que sua mãe morrera como a dele, que seu pai se chamava Fauchelevent, que era muito bondoso, que dava muito aos pobres, mas que também era pobre, e que se privava de tudo, não a privando a ela de nada.

Extravagante coisa: na espécie de sinfonia em que Mário vivia desde que falava a Cosette, o passado, mesmo o mais recente, tornara-se para ele de tal modo confuso e longínquo, que se sentiu completamente satisfeito com o que lhe contou Cosette. Nem mesmo se lembrou de lhe falar da aventura nocturna do casebre dos Thenardier, da queimadura, da estranha atitude e singular fuga de seu pai.

Mário esquecera-se momentaneamente de tudo isto; nem mesmo sabia à noite o que fizera de manhã, nem onde almoçara, nem quem lhe falara, tinha cânticos nos ouvidos, que o tornavam, surdo a qualquer outro pensamento; só existia quando estava ao pé de Cosette. Então, como estava no céu, era coisa simples que se esquecesse da terra. Suportavam ambos languidamente o peso indefinível das voluptuosidades imateriais. É assim que vivem os sonâmbulos que se chamam namorados.

Ah! Quem não tem experimentado estas coisas? Porque há-de haver uma hora em que se sai deste azul, e porque se há-de continuar a viver?

O amor substitui quase o pensar. O amor é um ardente esquecimento do resto. Exigi, pois, lógica à paixão. Há tanto encadeamento lógico absoluto no coração humano, como figura de geometria perfeita na mecânica celeste.

Para Cosette e Mário nada mais existia do que Mário e Cosette.

O universo em torno deles caíra numa cova. Viviam num minuto de oiro. Para eles não havia nada antes nem depois. Mário mal se lembrava de que Cosette tinha um pai. No seu cérebro fora tudo apagado pelo deslumbramento.

De que falavam aqueles amantes? Já o vimos: das flores, das andorinhas, ido ocaso do Sol, do nascer da Lua, de todas as coisas importantes. Tinham-se dito tudo, excepto tudo O tudo dos namorados é nada. Mas o pai, as realidades, a pocilga, os ladrões, aquela aventura, para que pensar em semelhantes coisas? Havia certeza de que tivesse existido aquele pesadelo? Sendo dois, adoravam-se; era o que havia. Qualquer outra coisa não existia. É provável que este desaparecimento no inferno por detrás de nós seja inerente à aproximação do paraíso.

Viram-se acaso os demónios? Existem eles porventura?

Tremeu-se? Sofreu-se? Já se não sabe nada. Acima de tudo está uma nuvem de rosas.

Assim viviam, pois, aqueles dois entes, com toda a inverosimilhança que

reside na natureza: nem no nadir nem no zénite, entre o homem e o serafim, acima do lodo, abaixo do éter, na nuvem; o menos possível carne e osso; alma e êxtase desde os pés até à cabeça; já demasiadamente sublimados para caminharem na terra, ainda muito carregados de humanidade para desaparecerem no azul, em suspensão, como os átomos que esperam o precipitado; aparentemente fora do destino; desconhecendo o carril chamado ontem, hoje e amanhã; maravilhados, embasbacados, flutuantes; por momentos assaz leves para a fuga no infinito, quase prestes para o voo eterno.

Dormiam acordados neste acalentar. Ó esplêndida letargia da realidade opressa pelo ideal

Algumas vezes, conquanto Cosette fosse muito linda, fechava Mário os olhos diante dela. Fechar os olhos é o melhor meio de olhar para a alma.

Mário e Cosette não perguntavam um ao outro aonde tudo aquilo os conduziria. Olhavam-se como tendo já chegado. É uma estranha pretensão dos homens quererem que o amor conduza a alguma parte.

III — Princípio de sombra

Jean Valjean não suspeitava de coisa nenhuma.

Cosette, um tanto menos melancólica do que Mário, mostrava-se alegre, o que era bastante para Jean Valjean estar satisfeito. Os pensamentos que se agitavam no cérebro de Cosette, as suas ternas preocupações, a imagem de Mário que lhe preenchia a alma, não diminuíam nunca a incomparável pureza da sua bela fronte casta e risonha.

Estava na idade em que a virgem conduz o seu amor como o anjo a açucena. Jean Valjean estava, pois, tranquilo. E depois, quando os dois amantes se entendem, correm as coisas maravilhosamente, e a terceira pessoa, qualquer que seja, que possa perturbar o seu amor, é mantida em perfeita cegueira por um pequeno número de precauções, sempre as mesmas em todos os namorados. Assim, nunca Cosette fazia objecções a Jean Valjean. Queria passear? Sim, meu querido pai. Queria ficar em casa? Magnificamente. Queria passar o serão junto dela? Mostrava-se encantada. Como Jean Valjean se recolhia para o seu quarto às dez horas, nessas noites não ia Mário ao jardim senão passada aquela hora, quando, da rua, ouvia Cosette abrir a porta da varanda. É escusado dizer que durante o dia nunca Mário era encontrado. Jean Valjean nem mesmo pensava que Mário existia. Só uma manhã é que sucedeu ele dizer a Cosette:

— Como tens as costas sujas de cal!

Mário, na véspera, à noite, e no meio de um transporte, fizera com que Cosette se roçasse pelo muro.

A velha Toussaint, que se deitava muito cedo e que só tratava de dormir

depois de feita a sua obrigação, ignorava tudo do mesmo modo que Jean Valjean.

Mário nunca punha os pés dentro de casa. Quando estava com Cosette ocultavam-se ambos num recanto junto da varanda, a fim de não os poderem ver nem ouvir na rua, e sentavam-se ali, limitando-se muitas vezes, por única conversação, a apertarem-se as mãos vinte vezes por minuto, olhando para o arvoredo. Em tais ocasiões poderia ribombar um trovão a trinta passos deles, que o não teriam ouvido, tanto a meditação de um se absorvia e mergulhava na meditação do outro.

Purezas límpidas. Horas todas alvas; quase todas semelhantes. Este género de amores é uma colecção de folhas de lírio e de penas de pomba.

Entre eles e a rua mediava o jardim.

Mário, de cada vez que entrava ou saía, punha cuidadosamente no seu lugar o varão da grade, de modo que ali não se pudesse notar a mínima alteração.

Retirava-se habitualmente *à* meia-noite e voltava para casa de Courfeyrac. Este dizia a Bahorel:

— Que te parece? Mário já não vai para casa senão à uma hora da noite.

Bahorel respondia:

— Então, que queres? Um seminarista contém sempre uma bomba.

Courfeyrac cruzava de vez em quando os braços, assumia um ar sério, e dizia a Mário:

— Mancebo! O senhor vai-se tornando libertino Courfeyrac, homem prático, não tomava à boa parte o reflexo de um paraíso invisível sobre Mário; estava pouco habituado às paixões inéditas, impacientava-se e instava por vezes com Mário para que entrasse no positivo.

Numa manhã disparou-lhe esta admoestação:

— Meu amigo, está-me parecendo que te vejo situado na Lua, reino do sonho, província da ilusão, capital Bola de Sabão. Vamos, mostra-te bom rapaz: como se chama ela? Mas não havia nada que fizesse falar Mário. Mais facilmente lhe arrancariam as unhas do que uma das três sílabas sagradas de que se compunha o nome inefável de *Cosette.* O amor verdadeiro é luminoso como a aurora e silencioso como o túmulo. Para Courfeyrac não havia senão uma mudança em Mário: a sua taciturnidade resplandecente.

Durante aquele doce mês de Maio, conheceram Mário e Cosette estas imensas venturas.

Arrufaram-se e trataram-se por senhor, para melhor se tratarem por tu logo em seguida.

Falaram por muito tempo e com os mais minuciosos pormenores, de

pessoas que de modo nenhum os interessavam: mais uma prova de que na encantadora ópera a que se chama amor, o libreto pouca importância tem.

Para Mário, ouvir Cosette falar de modas:

Para Cosette, ouvir Mário falar de política:

Ouvirem, joelho com joelho, rodar as carruagens pela rua de Babilónia:

Contemplarem o mesmo planeta no espaço, ou o mesmo insecto luzente na relva:

Estarem ambos calados: maior doçura do que falando:

Etc., etc.

Entretanto aproximavam-se diversas complicações.

Uma noite encaminhava-se Mário para a entrevista pelo boulevard dos Inválidos; ordinariamente caminhava com os olhos baixos; quando ia voltar a esquina da rua Plumet, ouviu dizer muito perto de si:

— Boa noite, senhor Mário.

Ergueu os olhos e viu Eponina.

Este encontro produziu-lhe efeito singular. Não tornara a pensar uma só vez naquela rapariga desde o dia em que ela o conduzira à rua Plumet; e não tendo tornado a vê-la, saíra-lhe completamente do espírito. Não tinha senão motivos para lhe ser completamente reconhecido, devia-lhe a felicidade de que gozava: portanto era-lhe desagradável encontrá-la.

É um erro acreditar-se que a paixão, quando feliz e pura, conduz o homem ao estado de perfeição; contudo, já o dissemos, simplesmente a um estado de esquecimento. O homem nesta situação esquece-se de ser mau, mas esquece-se também de ser bom. O reconhecimento, o dever, as recordações essenciais e importunas desvanecem-se. Em qualquer outro tempo teria Mário sido diferente para com Eponina. Absorvido por Cosette, nem mesmo percebera muito claramente que aquela Eponina se chamava Eponina Thenardier, e que tinha um nome, pelo qual, alguns meses antes, tão ardentemente se teria devotado.

Mostrámos Mário tal qual era; seu próprio pai lhe ia desaparecendo um tanto na alma, sob o esplendor do seu amor.

Respondeu, portanto, embaraçado à rapariga:

— Ah! É você, Eponina?

— Porque é que o senhor me trata por você? Fiz-lhe algum mal?

— Não — respondeu ele.

Decerto, não tinha dela a mínima queixa. Pelo contrário. O que sentia era que não poderia ter dito doutro modo: depois de tratar Cosette por tu, não poderia dar a Eponina o mesmo tratamento. Como ele ficasse calado, Eponina prosseguiu:

— Ora diga-me...

E calou-se. Parecia que as palavras faltavam àquela criatura, dantes tão desleixada e atrevida. Quis sorrir-se, mas não pôde.

— E então!... — prosseguiu ela.

Depois tornou ainda a calar-se e baixou os olhos.

— Boa noite, senhor Mário —, disse ela inesperadamente; e afastou-se.

IV — Um cão de improviso

No dia seguinte, era o dia 3 de Junho, 3 de Junho de 1832, data que devemos indicar em virtude dos graves acontecimentos que por essa ocasião estavam suspensos sobre os horizontes de Paris, como nuvens prenhes de electricidade; no dia seguinte, ao anoitecer, seguia Mário o mesmo caminho que no dia antecedente e interiormente agitado pelos mesmos deslumbrantes pensamentos, quando, por entre as árvores do boulevard, avistou Eponina dirigindo-se para ele. Dois dias a fio, era de mais! Voltou-lhe as costas, portanto, com a maior presteza, deixou o boulevard e mudou de caminho, dirigindo-se para a rua Plumet, pela rua do Senhor.

Deu isto lugar a que Eponina o seguisse até à rua Plumet, coisa que ela até então ainda não tinha feito. Até ali, limitava-se apenas a vê-lo passar pelo boulevard, sem tentar, sequer, sair-lhe ao encontro. Só na véspera fizera isso e tentara falar com ele.

Eponina seguiu-o sem ele dar fé, viu-o deslocar o varão da grade e introduzir-se no jardim.

— Hum! — disse ela. — Ele entra lá em casa!

E, como quisesse examinar a grade, aproximou-se, correu um por um todos os varões, e facilmente deu com o que Mário deslocara e tornara a unir.

— Pois não, pequerrucha! — murmurou ela a meia voz com acento lúgubre.

E sentou-se na soleira da grade junto do varão que Mário desviava para entrar, como se quisesse guardá-la. Era justamente no ponto em que a grade vinha unir à parede vizinha, de modo que no recanto escuro, formado por esta junção, o vulto de Eponina desaparecia inteiramente. Assim esteve mais de uma hora dominada pelos seus pensamentos sem respirar nem bulir consigo.

Pela volta das dez horas, um dos dois ou três transeuntes da rua Plumet, que era um pobre velho, a quem o ver-se assim a desoras naquele sítio deserto e de má nota lhe dava incrível ligeireza nas trôpegas pernas, ao chegar ao ponto de junção da grade com a parede, ouviu as seguintes palavras pronunciadas por uma voz surda e ameaçadora:

— Já me não admira que ele venha todas as noites!

O solitário passeante circunvagou a vista em torno de si, porém como não visse ninguém, não teve ânimo de olhar para o ângulo escuro e apertou o

passo, seguindo apressado o seu caminho.

Razão de sobra tinha ele, por certo, para assim fazer, pois não eram decorridos muitos instantes, quando na rua Plumet entraram seis homens, que alguém, ao vê-los desfilar separados e a alguma distância uns dos outros, ao longo das paredes, tomaria pelos vultos escuros dos soldados de uma patrulha.

O primeiro que chegou junto da grade parou e esperou os outros, porém daí a um segundo estavam todos seis reunidos e principiaram então a conversar em voz baixa.

— É aqui! — disse um deles.

— Há algum cão no jardim? — perguntou o outro.

— Não sei. Na dúvida trouxe uma bolinha para se lhe dar a morfilar[44].

— Trazes inastique para frangir a ventana?[45]

— Trago.

— A grade é velha disse um quinto, que tinha voz de ventríloquo.

— Tanto melhor — disse o segundo que falara — não cribelará com a bastringue[46] e não custará a fauicher[47].

O sexto, que não abrira ainda a boca, começou a apalpar a grade, como fizera Eponina uma hora antes, empolgando sucessivamente todos os varões e abanando-os com precaução. Deste modo chegou ao que Mário arrancara. Quando ia para o segurar, caiu-lhe sobre o braço uma mão que saiu da sombra, sentiu-se ao mesmo tempo empurrado pelo meio do peito, e ouviu uma voz rouquenha gritar-lhe:

— Há aqui um cão.

E, acto contínuo, viu de pé diante de si uma rapariga muito pálida.

O homem sentiu a comoção produzida sempre pelo que é inesperado e os cabelos eriçaram-se-lhe medonhamente. Não há nada tão formidável para a vista como a inquietação dos animais ferozes: o seu susto é assustador.

— Quem é essa marafona?

— É sua filha.

Era, com efeito, Eponina, que falava a Thenardier.

Ante a aparição de Eponina, os outros cinco, isto é, Claquesous, Gueulemer, Babet, Montparnasse e Brujon, tinham-se aproximado sem bulha, sem precipitação, sem proferirem uma palavra, com o vagar sinistro e próprio daqueles homens da noite.

Distinguiam-se-lhes nas mãos não sei que hediondos objectos. Gueulemer empunhava um pequeno pé de cabra, dos que usam ordinariamente os ratoneiros.

— Que diabo estás tu fazendo? Que nos queres? Endoideceste? — exclamou

Thenardier gritando, quanto é possível gritar falando baixo. — Porque vens tu impedir-nos de trabalhar?

Eponina desatou a rir e Saltou-lhe ao pescoço.

— Eu estou aqui, meu paizinho, porque estou aqui. Então já não é permitido sentar-se a gente nas pedras? Vossemecê é que não devia aqui estar. O que vem aqui fazer, uma vez que é bolacha. Já o tinha dito à Magnon. Olhem que perdem o tempo. Mas, abrace-me, meu paizinho! Há que tempos que o não via! Está então fora!

Thenardier diligenciou soltar-se dos braços de Eponina e resmungou:

— Está bem, já me abraçaste. Estou fora, porque não estou dentro... Agora vai-te embora!

Mas Eponina não o largava e redobrava de carícias.

— Mas como foi que arranjou a coisa, meu paizinho? Sempre é preciso ser muito fino para se poder sair dali. Conte-me como isso foi... E a mãe? Onde está minha mãe? Dê-me notícias da mamã!

Thenardier respondeu:

— Está boa, não sei, deixa-me; já te disse que te vás.

— Mas eu é que não me quero ir — disse Eponina com uma inflexão cheia de mimo —, mandar-me assim embora, depois de o não ter visto há quatro meses e de não ter tido tempo senão de o abraçar!

E tornou a deitar-lhe os braços ao pescoço..

— Diabo! Isto é estúpido!

— Despachemo-nos! — disse Gueulemer. — Podem passar os coques.

A voz do ventríloquo murmurou este dístico:

Nous n'sommes pas le jour de l'an,
A bécoter papa maman.

Eponina voltou-se para os cinco ladrões.

— Olha! É o senhor Brujon. Boa noite, senhor Babet. Boa noite, senhor Claquesous. Não me conhece, senhor Gueulemer? Como vai isso, Montparnasse?

— Sim, todos te conhecem! — disse Thenardier. — Mas põe-te de largo e deixa-nos.

— É hora das raposas e não das frangas — disse Montparnasse.

Bem vês que temos que *goupiner icigo*[48] — acrescentou Babet.

Eponina pegou na mão de Montparnasse.

— Toma cuidado! — disse ele. — Olha que te cortas; tenho um lingre[49] aberto.

— Mas, Montparnasse — respondeu Eponina com meiguice —, é preciso ter confiança nas pessoas. Olha que eu sou talvez filha de meu pai. Senhor Babet,

senhor Gueulemer, eu é quefui encarregada de esclarecer o negócio.

É para notar que Eponina não falava calão. Desde que conhecia Mário, tornara-se-lhe impossível tão medonha língua.

Apertou na sua pequena mão ossuda e fraca qual mão de esqueleto, osgrossos e rudes dedos de Gueulemer e continuou:

— Bem sabem que não sou tola. Ordinariamente acreditam-me. Já lhes tenho prestado serviços nas ocasiões. Já tomei todas as informações: digo-lhes que se irão expor inutilmente. Juro-lhes que não têm que fazer nesta casa.

— Aqui há só mulheres — disse Gueulemer.

— Não há; já se mudaram.

— Mas há luzes! — retorquiu Babet.

E mostrou a Eponina, através do arvoredo, uma luz que andava de um para outro lado, no sótão do pavilhão. Era a Toussaint que se não deitara para estender uma porção de roupa.

Eponina tentou um último esforço.

— Pois sim! — disse ela. — É gente muito pobre. É uma barraca onde não há um soldo.

— Vai-te para o diabo! — gritou Thenardier. — Depois de termos voltado a casa de baixo para cima te diremos o que ela tem dentro, se são *bailes, ronds ou broques*[50].

E empurrou-a para poder passar.

— Montparnasse, o senhor que é tão bom rapaz, peço-lhe eu, não entre!

— Toma cuidado, olha que te cortas! — replicou Montparnasse.

Thenardier continuou no tom decisivo que lhe era próprio:

— Safa-te, safa-te! Deixa os homens tratar dos seus negócios.

Eponina largou a mão de Montparnasse, em que tinha tornado a pegar, e disse:

— Vocês querem entrar nesta casa?

— Se nos deres licença! — disse o ventríloquo em tom de zombaria.

Então, Eponina encostou-se à grade, voltou-se para os seis ladrões, armados até aos dentes e aos quais a noite dava um aspecto de demónios, e disse com voz firme e baixa:

— Mas eu, que não a dou, não quero que entrem.

Os ladrões pararam estupefactos. O ventríloquo pôs termo ao seu riso motejador e ela continuou:

— Meus amigos, escutem isto! Agora falo eu. Se entram no jardim, se tocam na grade, grito, bato a todas as portas, acordo toda a gente, chamo a patrulha e faço com que sejam todos filados.

— É capaz de o fazer — disse Thenardier em voz baixa a Brujon, que era o ventríloquo.

A rapariga abanou a cabeça e acrescentou:

— Principiando por meu pai.

Thenardier aproximou-se.

— Não se chegue tanto! — disse ela.

Thenardier recuou e resmungou por entre os dentes:

— Mas porque diabo faz ela isto? — E acrescentou: — Cadela!

Eponina pôs-se a rir de um modo terrível.

— Como querem entrar, não hão-de entrar. Eu não sou filha de cão, porque sou filha de lobo. Vocês são homens e eu sou mulher, mas não me metem medo. Digo-lhes que não hão-de entrar nesta casa, porque eu não quero que entrem. Se por desgraça se chegam, ladro Já lhes disse, o cão sou eu. Importo-me pouco com vocês. Vão ao vosso caminho, que já me estão aborrecendo! Vão lá aonde quiserem, mas aqui proíbo-lhes que venham! Vocês às facadas e eu às chineladas, vamos a ver quem vence!

E, medonha, deu um passo para os ladrões e pôs-se a rir:

— Já cantei! Não tenho medo. No Verão hei-de ter fome e no Inverno hei-de ter frio. Que estúpidos são estes homens em acreditarem que metem medo a uma rapariga! Medo! Porquê? Ah, sim! É porque vocês têm todos empadas de amantes que se escondem debaixo da cama, quando lhes ouvem engrossar as vozes! Eu cá é que não tenho medo de ninguém! — E, fitando seu pai, acrescentou: — Nem mesmo de você, meu pai. — Depois prosseguiu fitando os ladrões com as suas pupilas de espectro: — Que me importa a mim que amanhã me encontrem estendida no meio da rua Plumet, morta às facadas por meu pai, ou que dentro de um ano me achem nas redes de Saint-Cloud, ou na ilha dos Cisnes no meio dos farrapos podres e dos cães afogados!

Aqui viu-se obrigada a interromper-se: foi atacada por terrível tosse seca; a respiração saía-lhe do peito acanhado e débil como um estertor.

Em seguida continuou:

— A mim basta-me gritar; vocês são seis e eu sou toda a gente!

Thenardier deu um passo para ela.

— Não se chegue! — gritou a rapariga.

Thenardier parou e disse-lhe com suavidade:

— Pois sim, não me chegarei, mas não fales tão alto. Queres impedir-nos de trabalhar, minha filha? Bem sabes que não há remédio senão ganhar a vida! Já não és amiga de teu pai?

— Ora, nada de lérias! — disse Eponina.

— Contudo, a gente há-de comer. A barriga não tem fiador...

— Que me importa! Estalem para aí!

E dito isto, sentou-se no sopé da grade, cantarolando:

Mon bras si dodu.
Ma jambe bien faite
Et le temps perdu.

Tinha a face encostada à mão e o cotovelo fincado no joelho, balançando o pé com ar de indiferença. Pelos buracos do vestido viam-se as magras clavículas. O lampião próximo iluminava-lhe o vulto. Não se poderia imaginar atitude mais resoluta nem mais surpreendente.

Os seis escarpas, interditos e confusos, vendo-se assim ludibriados por uma rapariga, afastaram-se para o lado onde não dava a luz do lampião e formaram conselho, erguendo os ombros, humilhados e ferozes.

A rapariga entretanto olhava para eles com ar sereno e severo.

— Ela tem alguma coisa — disse Babet. — Tem por força uma razão... Estará enamorada do cão? É uma pena que isto falhe. Duas mulheres e um velho que dorme no quarto do pátio traseiro! O velho deve ser mesmo um guinai *(Um Judeu).* A empresa parece-me de truz.

— Pois então entrem vocês — disse Montparnasse — façam a coisa, que eu ficarei com a rapariga; e se ela chiar...

E fez luzir com o reflexo do lampião a navalha que tinha na mão, oculta na manga.

Thenardier não dizia coisa nenhuma; parecia estar por tudo.

Brujon, que passava por entendido e que tinha sido o autor daquela tentativa de assalto, ainda não tinha falado e parecia pensativo. Era tido entre os bandidos por homem destemido, a ponto de, por mera bazófia, se abalançar uma vez a roubar um posto da guarda. Além disto fazia versos e canções, o que lhe dava grande autoridade.

— Não dizes nada, Brujon? — perguntou-lhe Babet.

Brujon conservou-se ainda um instante silencioso, depois meneou a cabeça de modos variados, e decidiu-se enfim a erguer a voz:

— Olhem: esta manhã vi dois pardais à briga; agora esbarro com uma mulher a gritar. Isto é mau. Vamo-nos embora.

E afastaram-se.

Montparnasse murmurou:

— É a mesma coisa: mas se quisessem, daria eu a *unhada.*

Babet não respondeu:

— Eu não; não toco numa dama.

A esquina da rua pararam e trocaram, em voz surda este diálogo enigmático:

— Onde devemos de ir ficar esta noite?

— Debaixo de Pantin.[51]

— Tens a chave da grade, Thenardier?

— Tenho.

Eponina, que não os perdia de vista, viu-os seguir pelo caminho por onde tinham vindo. Levantou-se e foi-se arrastando de gatas atrás deles, sempre encostada aos muros e casas. Seguiu-os assim até ao boulevard. Ali viu os seis homens separarem-se e internarem-se na escuridão, com a qual pareciam confundir-se.

V — Coisas da noite

Depois dos ladrões se afastarem, a rua Plumet voltou ao seu tranquilo aspecto nocturno.

O que acabava de ocorrer naquela rua não teria causado admiração numa floresta. Os bosques, as charnecas, os maninhos, os ramos asperamente entrelaçados, o mato, existem de um modo sombrio; o irregular movimento selvático entrevê ali as súbitas aparições do invisível; o que está abaixo do homem distingue através do nevoeiro o que está além dele, e as coisas que nós, viventes, ignoramos, confrontam-se na escuridão. A natureza hirsuta e bravia assusta-se em certas aproximações, onde crê pressentir o natural. As forças da sombra conhecem-se e têm entre si misteriosos equilíbrios. Os dentes e as garras temem o que não pode ser agarrado. A bestialidade bebedora de sangue, os vorazes apetites esfaimados em busca de presa, os instintos armados de unhas e mandíbulas que têm por origem e fim o ventre, observam e farejam com inquietação o impossível lineamento do espectro girando sob um sudário, de pé e envolto no seu vago manto arrepiador e que lhe parece viver de uma vida morta e terrível. Estas brutalidades, que não são mais do que matéria, receiam confusamente ter de se haver com a imensa obscuridade condensada de um ser desconhecido. Uma figura negra intersectando a passagem faz parar de repente o animal feroz. O que sai do cemitério intimida e desorienta o que sai do antro; o que é feroz teme o que é sinistro; os lobos encontrando um fantasma recuam.

VI — Mário torna-se positivo, a ponto de dizer a Cosette onde mora

Enquanto aquela espécie de cadela com figura humana guardava a grade, e os seis ladrões abandonavam o terreno na presença de uma rapariga, estava Mário junto de Cosette.

Nunca o céu estivera mais estrelado e mais encantador, as árvores mais ciciantes, mais penetrante o aroma das plantas: nunca os passarinhos tinham adormecido sob a folhagem com ruído mais suave; nunca o conjunto das

harmonias da serenidade universal correspondera melhor às melodias interiores do amor; nunca Mário se sentira mais fascinado, mais feliz, mais extasiado.

Mas achara Cosette triste. Cosette chorara. Tinha os olhos vermelhos. Era a primeira nuvem naquele admirável sonho.

— Que tens tu? — tinham sido as palavras de Mário.

— Ora...

Depois sentara-se no banco junto da varanda, e enquanto ele, todo trémulo, tomava lugar a seu lado, prosseguiu:

— Disse-me meu pai esta manhã que me aprontasse, que precisava tratar de uns negócios, e por isso talvez tivéssemos de partir.

Mário estremeceu dos pés à cabeça.

Quando se está no fim da vida, morrer quer dizer partir; quando se está no começo, partir quer dizer morrer.

Havia seis semanas que Mário, pouco a pouco, vagarosa e gradualmente, se apossara de Cosette. Possessão toda ideal, mas profunda. Como já explicámos, no primeiro amor toma-se a alma antes do corpo, mais tarde toma-se o corpo muito antes da alma; algumas vezes não se toma absolutamente a alma: os Faublas e os Proudhome acrescentam: «Porque já a não há»; mas o sarcasmo é por felicidade uma blasfémia.

Mário, pois, possuía Cosette, como se podem possuir os espíritos, mas envolvia-a completamente com a alma e apoderava-se dela ciosamente, com incrível convicção. Possuía-lhe o sorriso, o hálito, o perfume, o profundo fulgor dos olhos azuis, o aveludado da pele, quando lhe tocava a mão, o gracioso sinal que a jovem tinha no pescoço e todos os seus pensamentos. Haviam convencionado não dormir nunca sem sonhar um com o outro, e o caso é que tinham cumprido a promessa. Possuía, portanto, todos os sonhos de Cosette. Punha-se-lhe de contínuo a fitar, quando às vezes não chegava quase a beijar com o hálito, os cabelos menos crescidos da parte posterior da cabeça e dizia consigo que nem um só daqueles cabelos deixava de lhe pertencer a ele, Mário. Contemplava e adorava todas as partes do seu trajo, o laço de fita, as luvas, os punhos, as botinhas, como objectos sagrados, cujo dono ele era. Pensava em como era ele o senhor daqueles lindos pentes de tartaruga que ela trazia na cabeça, e chegava até a dizer a si próprio surdo e confuso balbuciar da voluptuosidade que tenta mostrar-se que não havia um fio no seu vestido, uma malha nas meias, uma prega no colete, que não fosse dele. Ao lado de Cosette, Mário sentia-se ao pé do seu bem, do seu tudo, do seu déspota e do seu escravo. Parecia que tinham de tal forma confundido mutuamente as almas, que, se quisessem outra vez separá-las, lhes seria

impossível reconhecê-las.

— A minha é esta.

— Qual é! Essa é que é a minha.

— Olha que te enganas. Não vês que sou eu?

— Cuidas que és tu, mas sou eu.

Mário era uma como parte de Cosette e Cosette uma como parte de Mário. Mário sentia Cosette a viver nele. Para o rapaz, possuir Cosette ou respirar eram coisas pouco distintas. Foi no meio desta fé, desta embriaguez, desta posse virginal, singular e completa, desta soberania, que as palavras «talvez tenhamos de partir», de repente caíram e que a voz da realidade lhe gritou de chofre: «Cosette não é tua!»

Só então é que Mário acordou. Havia seis semanas que ele vivia alheado, porém a palavra «partir» fê-lo voltar a si e entrar na mais pungente das realidades.

Não achou uma única palavra para responder.

Cosette, porém, reparou que ele tinha a mão muito fria e perguntou-lhe também por sua vez:

— Que tens?

— Não percebi o que me disseste! — respondeu em voz tão baixa, que Cosette mal o ouviu.

A jovem tornou:

— Meu pai disse-me esta manhã que preparasse tudo o que era necessário, que me havia de dar a roupa dele para eu meter na mala, porque se via na necessidade de fazer uma viagem, que havíamos de partir brevemente, que tratasse de arranjar uma mala grande para mim e uma pequena para ele, e, finalmente, que tivesse tudo isto pronto dentro de uma semana, porque talvez fôssemos a Inglaterra.

— Isso é monstruoso! — exclamou Mário.

O certo é que, naquela hora, o espírito de Mário não achava nenhum abuso de poder, nenhuma violência, nenhum nefando atentado dos mais abomináveis tiranos, nenhuma acção de Busiris, de Tibério ou de Henrique VIII, igualavam em ferocidade o senhor Fauchelevent levando sua filha para Inglaterra, porque tinha negócios a tratar.

— Quando partirás? — perguntou Mário em voz fraca.

— Ele não disse quando seria.

— E quando voltarás?

— Também o não disse.

Mário levantou-se e disse friamente:

— Vai, Cosette?

Cosette voltou para ele os lindos olhos cheios de angústia e respondeu com um certo tom desvairado:

— Para onde?

— Para Inglaterra.

— Porque não me tratas por tu?

— Pergunto-lhe se vai...

— O que queres tu que faça? — disse ela juntando as mãos.

— Logo, vai?

— Se meu pai vai também?

Cosette pegou na mão de Mário e apertou-lha sem responder.

— Bem — disse Mário. — Então irei eu para outra parte.

Cosette sentiu mais o sentido destas palavras do que o compreendeu Tornou-se de tal modo pálida, que o rosto pareceu destacar-se na escuridão e balbuciou:

— O que é que queres dizer?

Mário encarou-a, levantou depois os olhos para o céu e respondeu:

— Nada.

Quando baixou os olhos viu Cosette sorrindo-se para ele. O sorriso de uma mulher que se ama é um clarão que se vê no meio da noite

— Que imbecis que nós somos! Tenho uma ideia, Mário

— O que é?

— Se eu partir, parte também! Dir-te-ei onde estou. Vai ter comigo!

Mário era então um homem completamente acordado. Tinha de novo caído na realidade. Ouvindo o que Cosette lhe disse, exclamou:

— Partir também! Estás louca! Para isso é preciso dinheiro e eu não o tenho Ir a Inglaterra? Mas se eu já devo não sei quanto, mais de dez luíses, a Courfeyrac, um dos meus amigos, que tu não conheces! Tenho um chapéu velho que não vale três francos, uma casaca quase sem botões, a minha camisa está toda despedaçada, tenho os cotovelos rotos e as botas despalmilhadas, há seis semanas que não tenho pensado em nada disto, e não to tinha dito Sou um miserável, Cosette Não me vês senão de noite e dás-me o teu amor; se me visses de dia dar-me-ias um soldo! Ir a Inglaterra! Nem tenho com que pagar o passaporte!

E arrojou-se contra uma árvore que ali estava próxima, com os dois braços acima da cabeça, a fronte encostada à cortiça do tronco, não sentindo nem o pau que lhe arranhava a pele, nem a febre que lhe martelava as fontes, imóvel, próximo a cair Como a estátua do Desespero.

Esteve assim muito tempo Ficaria eternidades naquela espécie de abismo. Por fim, voltou-se e ouviu atrás de si um ligeiro ruído sufocado, suave e triste.

Era Cosette soluçando.

Havia mais de duas horas que chorava ao lado de Mário pensativo.

Mário dirigiu-se a ela, ajoelhou e, prostrando-se vagarosamente, pegou-lhe na ponta do pé que lhe saía para fora da roda do vestido e beijou-lho.

Ela, silenciosa, não o interrompeu. Há momentos em que a mulher aceita, qual deusa sombria e resignada, a religião do amor.

— Não chores! — disse-lhe ele.

Cosette murmurou:

— Choro porque me vou talvez embora e tu não podes ir!

— Amas-me? — tornou Mário.

Cosette respondeu-lhe, soluçando, essa palavra do paraíso que não é talvez nunca tão encantadora como através das lágrimas:

— Adoro-te!

Ele então prosseguiu num tom de voz que era uma inexplicável carícia:

— Não chores. Olha, faze o que te peço; não chores mais!

— E tu amas-me? — perguntou ela.

— Cosette — tornou ele, pegando-lhe na mão — nunca dei a minha palavra de honra a ninguém, porque me causa medo: sinto meu pai ao lado dela. Pois bem, dou-te a minha palavra de honra mais sagrada, que se tu fores, morro.

Estas palavras foram pronunciadas com um acento de melancolia tão solene e tranquilo, que Cosette estremeceu. Sentiu o frio produzido pela passagem de uma coisa sombria e verdadeira. O grande sobressalto que experimentou fê-la cessar de chorar.

— Agora, escuta disse ele não me esperes amanhã.

— Porquê?

— Não me esperes senão depois de amanhã.

— Mas porquê?

— Verás.

— Um dia sem te ver! É impossível.

— Sacrifiquemos um dia para termos talvez toda a vida.

E Mário acrescentou em voz baixa e aparte:

— É um homem que não altera por coisa alguma os seus hábitos; não recebe ninguém senão à noite.

— De que homem falas tu? — perguntou Cosette.

— Eu não disse nada

— Mas que esperança é a tua?

— Espera até depois de amanhã.

— Queres que seja assim?

— Sim, Cosette

Ela então tomou-lhe a cabeça entre as mãos, pondo-se nos bicos dos pés, para lhe poder chegar, e diligenciou ler-lhe nos olhos a sua esperança.

— É verdade — tornou Mário — convém que saibas onde moro: ninguém sabe o que pode suceder: moro em casa do tal meu amigo chamado Courfeyrac, na rua dos Vidraceiros, número 16.

Em seguida, metendo a mão no bolso, tirou um canivete e, abrindo-o, escreveu na parede: Rua dos Vidraceiros, número 16.

Cosette, entretanto, continuara a fitar-lhe os olhos, procurando neles a revelação do segredo que o rapaz ocultava.

— Diz-me o teu pensamento, Mário, porque tu tens um pensamento. Diz-me o que é, para que eu passe bem a noite!

— O meu pensamento é que é impossível que Deus queira separar-nos. Espera-me depois de amanhã.

— O que hei-de eu fazer até lá? — disse Cosette. — Tu andas pela rua de um para outro lado! Como são felizes os homens! Eu ficarei sozinha! Como vou estar triste! O que farás tu amanhã à noite, dize?

— Irei tentar uma coisa.

— Então suplicarei a Deus e pensarei em ti daqui até lá, para que obtenhas o resultado que desejas. Não te farei mais perguntas porque o não queres; és o meu senhor. Passarei o serão de amanhã cantando aquela música de «Euryanto», de que tu gostas e que uma noite vieste escutar por fora da janela. Mas depois de amanhã hás-de vir cedo. Esperar-te-ei às nove horas em ponto, previno-te. Que coisa tão triste que são os dias grandes! Repara bem, quando derem nove horas estarei no jardim.

— E eu também.

E sem que o dissessem, movidos pelo pensamento, arrastados pelas correntes eléctricas que põem dois amantes em contínua comunicação, ambos ébrios de voluptuosidade até mesmo na dor, caíram nos braços um do outro, sem repararem que os seus lábios se tinham unido, enquanto os olhos erguidos, trasbordando de êxtase e arrasados de lágrimas, contemplavam as estrelas.

Quando Mário saiu estava a rua deserta. Foi na ocasião em que Eponina seguiu os malfeitores até ao boulevard.

Enquanto Mário pensava, com a cabeça encostada à árvore, atravessara-lhe o espírito uma ideia, que ele próprio julgava insensata e impossível. Adoptara uma resolução violenta.

VII — Um coração jovem em presença de um coração velho

Por este tempo, Gillenormand, de quem há muito nos não ocupamos, orçava pelos seus noventa e um, senão mais, e continuava a viver com sua

filha na rua das Mulheres do Calvário, número 6, na velha casa que era propriamente dele. Como os leitores estarão lembrados, Gillenormand era um desses velhos de outros tempos, que esperam a morte com robustez, que não vergam ao peso dos anos nem se deixam alquebrar pelo influxo dos pesares.

Apesar disso, porém, havia algum tempo que a filha, ao ver que ele já não batia nas criadas nem martelava com a bengala à porta com a mesma força, quando Biscainho se demorava a ir abrir-lha, dizia:

— Meu pai está acabado!

A revolução de Julho apenas o tinha exasperado por espaço de seis meses. Uma ocasião pegara no *Monitor* e vira com serenidade este cadeado de palavras:

«O senhor Humblo-Conté, par de França».

O caso é que o bom velho ia desaparecendo. Não que ele se mostrasse alquebrado ou rendido, porque isso era tão incompatível com a sua natureza física como com a sua natureza moral, mas interiormente sentia-se desfalecer. Havia quatro anos que esperava por Mário, sempre com a convicção de que o libertinozinho lhe bateria à porta mais dia menos dia; agora chegava a dizer consigo, em certas horas tristes, que por pouco que Mário se demorasse... Não era a morte o que se lhe tornava insuportável; a ideia de que nunca tornaria a ver Mário, era uma ideia que jamais lhe entrara um instante no cérebro até então: agora começava a aparecer-lhe, e gelava-o. A ausência, como sucede sempre nos sentimentos naturais e verdadeiros, não fizera senão aumentar o amor do avô ao neto ingrato, que se fora por semelhante modo. É nas noites de Dezembro com dez graus de frio, que se pensa mais no Sol. O senhor Gillenormand era, ou julgava ser, sobretudo, incapaz de dar um passo, ele, avô, para seu neto; seria mais fácil estalar, dizia ele. Não se achava culpado, mas não pensava em Mário senão com profunda ternura e o mudo desespero do homem velho, que vai entrando nas trevas.

Começava a perder os dentes e isso aumentava-lhe ainda a tristeza.

O senhor Gillenormand, sem contudo o confessar a si mesmo, porque ficaria por isso furioso e envergonhado, não quisera nunca a uma amante como queria a Mário.

Mandara colocar no seu quarto, em frente da cama, para ser a primeira coisa que visse apenas acordasse, um antigo retrato da sua outra filha, que já não existia, a senhora de Pontmercy, retrato do tempo em que ela tinha dezoito anos. Olhava sem cessar para ele. Um dia sucedeu-lhe dizer, contemplando-o:

— Parece-se muito.

— Com minha irmã? — disse *Mademoiselle* Gillenormand.

— Decerto.

O velho acrescentou:

— E com ele também.

Uma ocasião em que o senhor Gillenormand estava sentado com os joelhos unidos e os olhos quase fechados, numa atitude de grande abatimento, arriscou-se sua filha a dizer-lhe:

— Ainda está muito zangado com ele, meu pai?

E calou-se; não se atreveu a adiantar-se mais.

— Com quem? — perguntou ele.

— Com o pobre Mário.

O senhor Gillenormand ergueu a cabeça, apoiou o punho emagrecido e encarquilhado na mesa, e gritou com a sua voz mais irritada e vibrante:

— Pois não! Pobre Mário! Um brejeiro, um velhaco, um rapaz vaidoso e ingrato, sem coração, sem alma, um orgulhoso, um mau indivíduo!

E voltou-se para o lado oposto, para que a filha lhe não visse as lágrimas que tinha nos olhos.

Três dias depois rompeu o silêncio em que estivera mergulhado quatro horas, para dizer à filha, à queima-roupa:

— Já tive a honra de dizer à senhora Gillenormand que não me tornasse a falar de semelhante coisa!

A filha renunciou, portanto, a qualquer tentativa mais, e inferiu do que via e ouvia este profundo diagnóstico:

Não há que duvidar. Meu pai, depois que minha irmã fez aquela asneira, nunca lhe ficou com grande afecto, e está claro que também não pode ver Mário.

«Depois que fez aquela asneira» queria dizer, depois que casou com o coronel.

Apesar disso, porém, e como é fácil de supor, todas as diligências dela para substituir Mário pelo seu favorito oficial de lanceiros tinham sido infrutíferas. Gillenormand não estivera pelo *qui pro quo.* Vácuos do coração nem tudo os enche. Pela sua parte, Teodulo não desgostaria de ficar com a herança, mas repugnava-lhe o mister que teria de desempenhar. O velho não gostava do lanceiro e o lanceiro não estava para aturar o velho.

Teodulo era jovial, mas falador; frívolo, mas vulgar; amigo de divertir-se, porém pouco escrupuloso na escolha dos seus passatempos; tinha amantes, é verdade, e falava muito delas, também é verdade, mas era sempre em mau sentido. Todas as suas qualidades tinham algum defeito. Gillenormand já estava farto de lhe ouvir contar não sei que conquistas que ele tinha feito na rua de Babilónia, nas proximidades do seu quartel. Além disto, Teodulo,

quando lhe parecia, vinha de farda e com o seu laço tricolor, o que o tornava meramente impossível. Gillenormand dissera, por último, a sua filha:

— Já estou farto de Teodulos! Simpatizo pouco com militares em tempo de paz! Recebe-o tu, se quiseres. Quanto a mim, não estou para o aturar. Não sei se gosto mais dos espadachins do que desses senhores, que andam simplesmente a arrastar as espadas pelas ruas! Para bem dizer, o tinir das espadas numa batalha é menos miserável, assim mesmo, do que a bulha que esses senhores fazem a arrastá-las pelo chão. Além disso, bambolear-se como um tranca-ruas e andar espartilhado como um maricas é ser duas vezes ridículo! Um verdadeiro homem evita sempre estes extremos. Nem traga-mouros nem alfenim. Guarda o teu Teodulo lá para ti!

Por mais que sua filha lhe dissesse: «Mas bem vê que é seu sobrinho», a verdade era que Gillenormand antes queria, ser avô até às pontas dos cabelos do que tio.

Em verdade, Teodulo não fizera mais do que dar ao velho, que não era falho de penetração nem de espírito, ensejo de comparar, e o resultado desta comparação fora fazê-lo mais desejar Mário.

Uma tarde, no dia 4 de Junho, o que não obstava a que Gillenormand não estivesse com uma bela fogueira diante de si, achava-se ele só naquele seu quarto forrado, depois de ter despedido a filha, que fora trabalhar na sua costura para a sala próxima. Gillenormand estava com os pés apoiados nas travessas do fogão, quase escondido no meio do seu biombo de Coromandel, encostado a uma mesa, sobre a qual ardiam duas velas sob um pára-luz verde, meio enterrado na sua poltrona e com um livro na mão, que não lia. A extravagância do seu trajo daria azo a que pelas ruas o seguissem, se sua filha, quando ele saía, não tivesse *o* cuidado de o cobrir com uma ampla capa, que lhe evitava os dissabores por que passaria sem ela. Em casa, Gillenormand nunca andava de robe, a não ser para se levantar ou para se deitar.

— É uma das coisas que nos faz parecer velhos — dizia ele.

Gillenormand pensava em Mário amorosa e amargamente, e, segundo o costume, o azedume era o que predominava. A sua azedada ternura acabava sempre por ferver e converter-se em indignação. Gillenormand tinha chegado ao estado em que se toma, por último, uma resolução definitiva, ainda que seja a que nos dilacera. Estava quase a afirmar consigo que era escusado esperar, porque Mário, a não ter voltado, também já não voltaria, e portanto, que devia tirar daí o sentido. Apesar, porém, da diligência que fazia para o conseguir, não lhe era possível, porque o seu afecto de pai podia mais do que ele.

— Pois quê! Ele não voltará? — dizia consigo; e era este o seu doloroso

estribilho.

Após isto, pendeu a cabeça para o peito e fitou nas brasas do fogão o seu olhar lastimoso e irritado.

No mais profundo silêncio da sua abstracção, entrou o antigo criado Biscainho e perguntou:

— O senhor pode receber o senhor Mário?

O velho ergueu-se num salto da cadeira, lívido e semelhante a um cadáver que pusessem em contacto com os condutores de uma pilha. O sangue refluíra-lhe todo ao coração.

— Mário... quê? — balbuciou ele.

— Isso não sei — respondeu Biscainho, intimidado e enleado pelos modos de seu amo — porque não fui eu que lhe falei. A Nicete é que me veio dizer que estava ali um senhor, que viesse eu dizer que era o senhor Mário.

O senhor Gillenormand balbuciou em voz baixa:

— Manda entrar.

E conservou-se na mesma atitude, com a cabeça trémula e os olhos fitos na porta, a qual pouco depois tornou a abrir-se. Em seguida entrou um mancebo. Era Mário:

Mário parou logo no limiar, como esperando que o mandassem entrar.

Escondido, como ficava, na penumbra das luzes, o seu vestuário quase miserável não podia ser notado pelo velho. Não se lhe distinguia mais que o rosto, sereno e grave, porém estranhamente triste.

O senhor Gillenormand, como que materializado pelo pasmo e alegria, conservou-se alguns instantes sem ver outra coisa além de um clarão, como quando se tem uma aparição. Estava prestes a desfalecer; via Mário através de um deslumbramento. Era ele! Era, com efeito, Mário!

Finalmente! Ao cabo de quatro anos! Abrangeu-o, para assim dizer, todo inteiro, com um só olhar. Achou-o interessante, nobre, distinto, crescido, homem feito, com uma atitude conveniente, com um aspecto encantador. Teve vontade de abrir os braços, de o chamar, de se precipitar para ele; as entranhas fundiam-se-lhe em arrebatamento, as palavras afectuosas dilatavam-no e transbordavam-lhe do peito. Enfim, toda aquela ternura se patenteou e lhe chegou aos lábios, e, pelo contraste que era a essência da sua organização, produziu uma aspereza.

Disse-lhe desabridamente:

— O que vem fazer aqui?

Mário respondeu embaraçado:

— Senhor...

O senhor Gillenormand quisera que Mário se lhe lançasse nos braços.

Sentiu-se descontente de Mário e de si mesmo. Conheceu ser desabrido e Mário frio. Era para o excelente velho insuportável e irritante ansiedade o sentir-se tão terno e tão choroso no íntimo, e não poder ser exteriormente senão áspero. O azedume tornou a dominá-lo e por isso interrompeu-o num tom enfadado:

— Então para que veio?

Isto significava: «Se não veio para me abraçar?»

Mário encarou seu avô, a quem a palidez dera um rosto de mármore.

— Senhor...

O velho prosseguiu com voz severa:

— Vem pedir-me perdão? Já reconheceu as suas faltas?

Julgou que assim meteria Mário a caminho, e que o «pequeno» de certo quebraria. Mário estremeceu: exigiam-lhe que renegasse seu pai; baixou os olhos e respondeu:

— Não, senhor.

— Nesse caso — exclamou impetuosamente o velho, com uma dor pungente e repassada de cólera — que me quer?

Mário juntou as mãos, deu mais um passo e disse com voz fraca e trémula:

— Tenha dó de mim!

Estas palavras comoveram o senhor Gillenormand; ditas mais cedo tê-lo-iam enternecido, mas tinham vindo demasiado tarde. O avô ergueu-se e apoiou-se na bengala com ambas as mãos; tinha os lábios brancos, a fronte vacilava-lhe, mas dominava Mário curvado com a sua elevada estatura.

— Compadecer-me de si, senhor! Um adolescente pedir a um velho de noventa anos que se compadeça dele? Quem entra na vida a quem sai dela! Quem frequenta os teatros, os bailes, os cafés, os bilhares; quem tem talento e galanteia as mulheres com felicidade; quem tem uma bela figura a quem, na força do Verão, se põe sentado ao fogão! Pedir compaixão quem possui todas as verdadeiras riquezas deste mundo a quem só tem todas as pobrezas da velhice, os achaques e o isolamento! Pedir compaixão quem tem os seus trinta e dois dentes, um bom estômago, o olhar penetrante, quem tem força, apetite, saúde, alegria, uma mata de cabelos pretos, a quem já nem brancos os tem! A quem já não tem dentes, nem o vigor nas pernas, que tinha outrora, nem cabeça para reter coisa nenhuma; a quem sem cessar confunde a rua de Charlot com a rua de Chaume e a rua de Chaume com a rua de Saint-Cloud; a quem chega a este ponto! Quem tem diante de si um futuro brilhante a quem não vê em roda de si senão trevas! Implorar compaixão quem, isso está sabido, tem uma mulher que o ama, a quem não é amado por ninguém neste mundo! E vir pedir-lhe a sua compaixão! Realmente! Molière não se lembrou

de uma coisa assim! Se os senhores advogados costumam gracejar deste modo, dou-lhe os meus sinceros parabéns, porque na verdade, o caso tem graça!

E o octogenário continuou com inflexão de voz irada e grave:

— É verdade, mas então que me quer?

— Senhor — respondeu Mário — sei que a minha presença lhe desagrada, porém eu venho simplesmente fazer-lhe um pedido, e, em seguida, retirar-me-ei.

— Com que tolo eu estou metido! disse o velho.

— Quem é que lhe diz que se vá embora?

Estas palavras, que Gillenormand acabava de proferir, eram a tradução de outras, mais afáveis, que ele não deixava sair do fundo do coração: «Pede-me perdão, Mário, anda! Dá-me um abraço!»

Gillenormand sentia que dentro de poucos instantes o rapaz se iria embora, que o seu mau acolhimento, longe de o atrair, ainda mais o repelia, que a sua dureza não lhe podia conciliar as boas graças; dizia tudo isto consigo mesmo e a sua dor com isso aumentava, e como a sua dor se convertia imediatamente em cólera, a sua dureza cada vez subia mais de ponto. Gillenormand queria que Mário entendesse, e como Mário não entendia, involuntariamente dava azo a que o pobre velho se tornasse furioso Este continuou:

— Como! Pois abandonou seu avô, saiu de minha casa para ir lá para onde lhe pareceu, encheu sua tia de desgostos, viveu na «estroinice» o tempo que quis, saindo quando queria, entrando quando queria, divertindo-se e levando vida de vadio, sem nunca dar sinal de si, contraiu as dívidas que lhe pareceu, sem ao menos me mandar dizer que as pagasse eu, fez-se estróina como os outros, andou lá por onde quis, e, ao cabo de quatro anos, procura-me a porta e não tem outra coisa que me dizer senão isso?

Este modo violento de impelir o rapaz para uma expansão afectuosa, longe de produzir o efeito que o velho desejava, apenas fez com que Mário se conservasse em silêncio. Gillenormand cruzou então os braços, gesto que a ele lhe dava um aspecto sobremodo imperioso, e apostrofou amargamente o rapaz do modo seguinte:

— Acabemos com isto! Vem pedir-me alguma coisa, diga? Se vem, fale, e não estejamos aqui a perder tempo!

— Senhor — disse Mário com o olhar de um homem que se sente a ponto de resvalar num precipício — eu venho aqui pedir-lhe se me dá licença de casar.

Em vez de responder, Gillenormand tocou a campainha e, apenas Biscainho entreabriu a porta, gritou-lhe:

— Diga a minha filha que venha cá.

Daí a um segundo, tornou a abrir-se a porta e a filha de Gillenormand não entrou, mas mostrou-se; Mário conservava-se de pé, mudo, com os braços pendentes e aspecto de réu, enquanto seu avô passeava pelo quarto de um lado para o outro. Apenas deu pela presença de sua filha, voltou-se para ela e disse-lhe:

— Não é nada. É o senhor Mário que vem saber se pode casar! Mais nada. Dê-lhe os parabéns e pode retirar-se!

O tom rouco e sacudido com que ele proferia estas palavras davam claramente a conhecer a raiva que lhe refervia no peito A filha de Gillenormand fitou seu sobrinho com ar assustado, sem dar grandes mostras de que o tinha conhecido, nem soltar a menor palavra ou fazer o menor gesto, e desapareceu ao sopro de seu pai, como um feto nas asas de um furacão.

A este tempo, Gillenormand tinha voltado para junto do fogão e continuava, encostado à pedra:

— Quer casar? Aos vinte e um anos! Depressa arranjou o negócio! Visto isso só lhe falta uma formalidade, pedir uma licença! Faça favor de se sentar, senhor. Com que então agora há-de estar satisfeito! Como sabe, houve uma revolução, depois que deixei de ter a honra de o ver, e os jacobinos levaram a melhor. Ou o senhor deixou de ser republicano desde que está barão? Provavelmente acumula. Faz um molho do republicanismo para misturar com o baronato. Também é dos condecorados de Julho? Tomou parte na tomada do Louvre? Aqui logo na rua de Santo António, defronte da rua das Nonaidières, fica uma casa que tem no terceiro andar uma bala incrustada na parede com esta inscrição: «28 de Julho de 1830». Recomendo-lhe que a vá ver, porque merece a pena, pela linda vista que faz! Oh, lá os seus amigos fazem coisas muito bonitas! É verdade, porque não mandam eles fazer um chafariz na praça do senhor duque de Berry? Com que então está resolvido a casar? E com quem, se a pergunta não é indiscreta?

Chegado a este ponto, fez uma pausa, e sem dar tempo a que Mário respondesse, acrescentou com arrebatamento:

— É verdade, e a sua profissão? O senhor tem um belo modo de vida! Quanto lhe rende o seu mister de advogado?

— Nada! — respondeu Mário com uma espécie de firmeza e de resolução quase ferozes.

— Nada? Então vive unicamente com as mil e duzentas libras que eu lhe dou?

Mário não respondeu e Gillenormand continuou:

— Ah, já entendo! A noiva é rica?

— Tanto como eu.
— Como? Pois não tem dote?
— Não, senhor.
— Nem esperanças de vir a ter alguma coisa?
— Creio que não.
— Essa não está má! E o pai? Que qualidade de homem é?
— Não sei.
— Então como se chama ela?
— Eufrásia Fauchelevent.
— Fauce quê?
— Fauchelevent.
— Pitt! — fez o velho com modo desdenhoso.
— Senhor! — exclamou Mário. Porém, Gillenormand prosseguiu como que falando consigo mesmo:
— Sim, senhor, acho-lhe graça! Vinte e um anos, uma mulher sem dote e mil e duzentas libras por ano. Há-de ser bonito ver a senhora baronesa de Pontmercy a comprar cinco réis de salsa a uma hortaliceira!
— Senhor — tornou Mário no desvairamento de quem vê esvaecer-se-lhe a derradeira esperança. — Peço-lhe por quanto há, suplico-lhe de mãos postas e de joelhos que me permita desposá-la!
O velho soltou uma estridente e lúgubre gargalhada, e exclamou num frouxo de riso, interrompido a cada instante por outro de tosse:
— Ah! Ah! Ah! O senhor disse com os seus botões: «Enfim, visto não querer a desgraça que eu tenha ainda vinte e cinco anos, não há remédio senão ir ter com o velhote e pedir-lhe por bons modos que me deixe fazer esta tolice. Chegar-me-ei ao pé dele e dir-lhe-ei: «Eu venho aqui pedir-lhe uma coisa, senão nem cá aparecia. Quero que você, velho cretino, me deixe casar com a menina fulana, filha do senhor sicrano. Verdade é que eu só tenho de meu o dia e a noite, e ela a camisa que traz no corpo. Mas isso não faz ao caso. Deu-me para aqui. Tenho vontade de lançar ao rio a minha carreira, o meu futuro, a minha mocidade, e vida; desejo dar um mergulho na miséria com uma mulher unida comigo!» E, apesar de ser uma tolice rematada, o velho fóssil não terá dúvida em dizer que sim, que case lá com a menina Pousselevent, Coupelevent... ou como se chama ela... Pois está enganado, senhor. Não consinto, não consinto!
— Meu pai.
— Não consinto!...
Ao ver o acento com que o velho pronunciava este «não consinto», Mário perdeu toda a esperança e atravessou lentamente o quarto, de cabeça

curvada e cambaleando, mais com ar de um moribundo do que de um homem que se retira. Ao ver que o rapaz se retirava, que já sobre ele se ia fechar a porta, Gillenormand, que o não perdia de vista, por um desses rápidos movimentos peculiares aos velhos impetuosos, encaminhou-se para a porta, agarrou em Mário pela gola do casaco, arrastou-o para dentro do quarto e exclamou, atirando-o para uma cadeira:

— Conte-me já isso!

Esta tremenda revolução causara-a aquela simples frase «meu pai», que Mário deixara escapar.

O rapaz encarou-o com olhar desvairado. O cambiante rosto de Gillenormand não exprimia, mais do que uma agreste, mas inefável bondade. Tinha sucedido à severidade de há pouco uma quase meiguice.

— Vamos, seu pateta; ponha-me isso em pratos limpos. Conte lá a história dos seus namoricos! Estes rapazes de agora sempre são muito toleirões!

— Meu pai... — tornou Mário.

A estas palavras, o rosto de velho como que se iluminou de um inexprimível clarão.

— Isso, isso, assim! Chama-me pai e verás!

Os modos rudes de Gillenormand pareciam agora tão cheios de bondade, tão meigos, tão francos, tão paternais, que Mário, nesta súbita passagem do desalento para a esperança, ficou como que desfalecido e embriagado. Gillenormand contemplava-o cheio de pasmo, porque só agora que o rapaz estava sentado junto à mesa, onde ardiam as duas velas, é que notava o triste estado do seu vestuário.

— Pois então, meu pai... — disse Mário.

— Nada — atalhou Gillenormand — agora vejo que, realmente, estás num estado miserável! Eu, se te visse numa estrada com semelhante trajo, tomava-te por um ladrão!

Foi a uma gaveta, tirou uma bolsa e disse, pousando-a em cima da mesa:

— Aqui tens cem luíses para comprares um chapéu.

— Oh, meu pai, meu bom pai! — prosseguiu Mário. — Não imagina como eu a amo! Eu não sei como isto foi. Vi-a pela primeira vez no Luxemburgo, onde ela costumava ir passear. Ao princípio, nem para ela olhava, mas depois, sem saber como, principiei a amá-la. Foi a minha desgraça! Agora falo com ela todos os dias, lá na casa onde mora, e sem o pai saber; eu entro pelo jardim e ela vem ter comigo. Mas veja que desgraça! Disse-lhe o pai que se aprontasse, porque dentro de poucos dias partiriam para Inglaterra. Apenas eu soube semelhante coisa, disse comigo: «Vou procurar meu avô e contar-lhe tudo, porque eu, se não caso com ela, endoideço, morro de pesar!» Ora aqui

tem tudo como é. Creio que não omiti nada. Ela mora na rua Plumet, numa casa que tem um jardim tapado por uma grade. Fica mesmo nas proximidades dos Inválidos.

Gillenormand sentara-se junto de Mário, com gesto radiante e saboreando uma farta pitada, ao mesmo tempo que saboreava o som da voz do rapaz. À palavra rua Plumet, o velho interrompeu a sua aspiração e exclamou, deixando cair o resto da pitada sobre os joelhos:

— Rua Plumet? Tu disseste na rua Plumet? Ora deixa ver... Nessa rua não fica um quartel? Fica, fica, não há dúvida. Teu primo Teodulo, aquele lanceiro, o oficial, tem-me falado nisso. Ora vejam, um namorico! É isso, é; rua Plumet, chamada dantes rua Blomet. Agora me lembro. Eu já ouvi falar nessa pequena da rua Plumet. Ora, ora! Num jardim! Alguma Pamela. Não tens mau gosto! Aqui para nós, suponho que o pateta do lanceiro também por lá andou a fazer-lhe o seu bocado de namoro. Não sei a que termos isso chegou Mas, enfim, não quer dizer nada. Quanto mais, é um toleirão que se gaba do que não faz, e por isso é preciso estar com a pedra no sapato. Olha, Mário, realmente parece-me bem que um rapaz como tu se apaixone por uma rapariga. É próprio da idade em que estás. Antes te quero assim do que jacobino. Estimo mais que te enamorasses de uma pequena, de vinte pequenas, com mil pipas!, do que do senhor Robespierre! Pela minha parte, declaro que em matéria de *sansculotte* não engraço senão com as mulheres. Ora adeus! As raparigas bonitas são sempre as raparigas bonitas; a isto não há que objectar. Mas tornando à pequena. Com que então, falando às escondidas do papá? Isso é da regra. Eu disso também já posso contar. Não foi uma nem duas! Sabes tu como essas coisas correm? Não se toma o caso a sério nem se precipita a gente no trágico; gozar e andar. Vai-se a casa do avô, que sempre lá tem a um canto algumas amarelas, e diz-se-lhe: «Meu avó, passa-se isto» E ele responde: «Pois sim, sim, eu também já fui rapaz, bem sei por onde isso corre. Rapazes são rapazes e o que querem é passar o seu tempo. Pega lá duzentas pistolas e diverte-te. Teus netos far-te-ão o mesmo e tu responder-lhes-ás como eu. Vai, vai, e goza enquanto é tempo». Vês como se arranjam estas coisas? Lá casar isso nem por sombras! É uma coisa escusada, não sei se percebes?...

Mário, que se achava petrificado e em estado de não poder articular uma só palavra, acenou com a cabeça que não, e o velho desatou a rir, piscando-lhe o olho e batendo-lhe com a mão no joelho.

Depois fitou-o com ar misterioso, mas alegre, e exclamou, encolhendo os ombros com gesto da maior meiguice:

— Pateta, quero dizer que faças dela tua amante!

Mário empalideceu. De quanto o velho tinha dito não compreendera uma

só palavra Toda aquela algaravia de rua Blomet, de Pamela, de quartel e lanceiro passara-lhe por diante como uma fantasmagoria. Nada daquilo podia referir-se a Cosette, que era um lírio. O velho divagava, porém esta divagação terminava por uma frase que Mário compreendera e que era uma mortal injúria para Cosette. Aquela frase «que faças dela tua amante!» penetrou como uma espada no coração do rapaz.

Levantou-se portanto, pegou no chapéu, que jazia no chão, e encaminhou-se para a porta, com passo firme e seguro. Ao transpor o limiar, voltou-se, cortejou o avô com uma inclinação profunda, levantou a cabeça com gesto decidido e exclamou:

— Há cinco anos ultrajou meu pai, senhor; hoje ultraja minha mulher. Já não lhe peço mais nada. Adeus!

Gillenormand, estúpido de pasmo, abriu a boca, estendeu os braços, tentou erguer-se, porém antes dele ter tempo de proferir uma palavra, aporta fechou-se e Mário desapareceu.

Decorridos alguns instantes, durante os quais o pobre velho se conservou imóvel e como fulminado, sem poder falar nem respirar, como se uma mão de ferro lhe apertasse a garganta, levantou-se, por fim, da cadeira, correu para a porta com a velocidade que lhe permitiam os seus noventa e um anos, abriu-a e gritou:

— Acudam! Acudam!

Aos gritos de Gillenormand acudiu sua filha, em seguida os criados, e ele continuou em tom lastimoso e quase sufocado:

— Corram atrás dele, agarrem-no! Que mal lhe fiz eu? Ele está doido! Lá vai! Meu Deus! Meu Deus! Desta vez vai e não torna a voltar! E dirigiu-se à janela que deitava sobre a rua, abriu-a com as trémulas mãos e começou a gritar, meio debruçado sobre o peitoril, enquanto Biscainho e Nicolette o seguravam.

— Mário! Mário! Mário!

Porém, Mário já o não podia ouvir, porque a este tempo dobrava a esquina da rua de S. Luís.

O contristado octogenário apertou então por duas ou três vezes com gesto de angústia a cabeça entre as mãos, recuou, cambaleando, até junto de uma cadeira, e deixou-se, por fim, cair nela, sem pulso nem voz, sem poder suster as lágrimas, com a cabeça pendente, os lábios trémulos, o gesto estúpido, os olhos embaciados e o coração enlutado, como se um véu negro lho cobrisse.

LIVRO NONO — QUE DESTINO É O SEU?

I — Jean Valjean

Quer fosse por prudência, quer por desejo de se concentrar todo em si, quer, finalmente, em virtude de uma dessas insensíveis mudanças de hábitos, que pouco a pouco se introduzem em todas as existências, Jean Valjean, por esta época, só muito raras vezes se resolvia a sair com Cosette. As quatro horas do mesmo dia em que Mário foi a casa de seu avô, achava-se ele só, sentado na base de um dos taludes mais solitários do Campo de Marte, vestido com a sua jaqueta de operário e umas calças de fazenda escura, tendo na cabeça o seu boné de comprida viseira, que lhe escondia quase todo o rosto. Os seus temores e apreensões a respeito de Cosette tinham passado; o que durante algum tempo o assustara e perturbara tinha-se dissipado; porém havia uma ou duas semanas que o torturavam ansiedades de outra natureza.

Um dia, andando a passear no boulevard, avistara Thenardier; graças ao disfarce, Thenardier não o conhecera; porém, daí por diante, Jean Valjean tornou-o a ver muitas vezes e actualmente tinha a certeza de que ele girava pelas imediações da sua casa da rua Plumet. Esta circunstância bastara para o fazer tomar uma resolução decisiva. Em Thenardier resumiam-se todas as espécies de perigos. Além disto, Paris principiava de se alvoroçar, e destas perturbações políticas resultava o inconveniente, em verdade gravíssimo para quem tinha a ocultar algum facto da sua vida, de que a polícia se tinha tornado em extremo desassossegada e sombria, podendo portanto acontecer que ela, procurando um homem como Pepin ou Morey, descobrisse outro homem como Jean Valjean. Por conseguinte, Jean Valjean resolvera sair de Paris e até de França, e passar a Inglaterra. Prevenira Cosette da sua resolução e queria partir antes de oito dias. Naquela tarde, sentara-se no talude do Campo de Marte e pusera-se a perpassar pelo espírito todas estas coisas: Thenardier, a polícia, a viagem e a dificuldade de conseguir um passaporte.

Todos estes pensamentos, portanto, o tornavam sobremodo cuidadoso.

Acrescia ainda, para maior desassossego dele, um facto inexplicável e recente, de que ele ainda estava muito impressionado. Na manhã daquele dia, tendo-se levantado muito cedo e andando a passear no jardim, antes de Cosette abrir as janelas do seu quarto, dera de chofre com os olhos nesta linha gravada na parede, talvez com algum prego:

«Rua dos Vidraceiros, número 16».

Isto parecia recentíssimo. Os traços, destacando-se vivamente do fundo escuro da parede, inculcavam estar de fresco, e junto desta via-se uma moita

de urtigas recentemente calcadas e cobertas do pó fino da cal que caíra ao abrir das letras. Evidentemente, aquilo tinha sido escrito naquela noite. Mas que era? Um aviso para ele? Um sinal para alguém? Em todo o caso, era evidente que o jardim fora violado, penetrando nele quem quer que fosse. Vieram-lhe então à lembrança os estranhos incidentes que já por duas ou três vezes tinham derramado o susto em casa, entrou daí em conjecturas e para logo resolveu não falar no caso a Cosette para a não assustar.

No meio destas preocupações, conheceu que alguém acabava de parar por trás dele, pela sombra que um vulto produzira no espaço alumiado pelo Sol. Ia, portanto, a voltar-se -e a erguer os olhos para o cimo do talude, quando sobre os joelhos lhe caiu um papel dobrado em quatro como se alguém o tivera deixado cair por cima dele. Pegou no papel, abriu-o e leu estas palavras, escritas a lápis em letra garrafal:

MUDE DE CASA

Jean Valjean ergueu-se com presteza, porém já não viu ninguém sobre o talude; circunvagou a vista em torno e deu com os olhos numa espécie de criatura, com mais corpo do que uma criança e menos do que um homem, vestida com uma blusa escura e umas calças de veludilho russo, saltando o parapeito e desaparecendo no fosso do campo de Marte.

Após isto, Jean Valjean recolheu-se imediatamente a casa, ainda mais pensativo do que dela saíra.

II — Mário

Mário saíra desorientado de casa de Gillenormand, tinha ali entrado com uma esperança pequeníssima; saíra com um desespero imenso.

No fim de tudo os que têm observado os recessos do coração devem compreendê-lo o lanceiro, o oficial, o papalvo, o primo Teodulo, não lhe tinham deixado a mínima sombra no espírito. Nem a mais leve. O poeta dramático poderia pela aparência esperar algumas complicações daquela revelação feita à queima-roupa pelo avô. Mas o que o drama podia nisso ganhar perdia-o a verdade. Mário estava na idade em que não se acredita nada do que respeita ao mal. As suspeitas não são mais do que as rugas. A mocidade não as tem. O que transtorna Otelo, resvala em Cândido. Suspeitar de Cosette!

Há uma multidão de crimes que Mário teria cometido mais facilmente.

Começou a andar pelas ruas ao acaso recurso dos que sofrem. Não pensou em coisa nenhuma de que pudesse recordar-se.

Às duas horas da manhã recolheu-se a casa de Courfeyrac e deitou-se inteiramente vestido sobre o seu colchão. Ia já alto o sol quando adormeceu, mas com o medonho sono pesado que deixa as ideias agitarem-se no cérebro.

Quando acordou viu em pé no meio do quarto e prontos para sair, Courfeyrac, Enjolras, Feuilly e Combeferre.

— Não vens ao enterro do general Lamarque? — perguntou-lhe Courfeyrac.

Pareceu a Mário que Courfeyrac lhe falara em chinês.

Saiu pouco depois deles. Meteu na algibeira as pistolas que Javert lhe confiara na ocasião da aventura no dia 3 de Fevereiro e que tinham ficado em suas mãos. As pistolas estavam ainda carregadas. Seria difícil dizer que pensamento obscuro tinha ele no espírito levando-as consigo.

Divagou durante todo o dia sem saber por onde; de vez em quando chovia, mas ele nem dava por isso; comprou num padeiro, para jantar, um pequeno pão, meteu-o na algibeira e esqueceu-se dele. Parece que tomou também um banho no Sena, sem ter a consciência do que fazia. Há momentos em que o cérebro parece conter uma fornalha. Mário estava num destes momentos. Já não tinha esperança nem temia nada; dera aquele passo na véspera. Esperava a noite com uma impaciência febril; não tinha senão uma ideia clara; era que às nove horas veria Cosette. Esta última felicidade era por então todo o seu futuro; depois a sombra. De vez em quando, caminhando pelos boulevards mais desertos, parecia-lhe ouvir desusados rumores na cidade. Deitava a cabeça fora da sua abstracção e dizia: «Estarão combatendo?»

Pouco depois de anoitecer, às nove horas em ponto, como prometera a Cosette, estava na rua Plumet. Quando se aproximou da grade, esqueceu-se de tudo. Havia quarenta e oito horas que não via Cosette; ia tornar a vê-la; todos os outros pensamentos se desvaneceram; e não sentiu mais do que a inaudita e profunda alegria Os minutos em que se vive séculos têm de soberano e de admirável que no momento em que passam preenchem inteiramente o coração.

Mário tirou o varão da grade e precipitou-se no jardim. Cosette não estava lá. Ergueu os olhos e viu que as janelas estavam fechadas por dentro e por fora. Percorreu o jardim todo em volta; o jardim estava deserto. Então voltou ao pé da casa, e insensato de amor, embriagado, assustado, exasperado pela dor e pela inquietação, como um dono de casa que entra para ela a má hora, bateu nas janelas. Bateu, tornou a bater, com o risco de ver abrir-se a janela e aparecer-lhe de frente o pai, perguntando-lhe o que queria.

Mas isto nada era a par do que ele entrevia. Depois de ter batido, ergueu a voz e chamou Cosette.

— Cosette!

Ninguém no jardim; na casa ninguém. Mário fitou os olhos desesperados naquela casa lúgubre, tão negra, tão silenciosa, mais vasta do que um túmulo, e olhou para o banco de pedra onde passara tão adoráveis horas ao lado de

Cosette. Então sentou-se nos degraus da varanda com o coração cheio de doçura e de resolução, abençoou o seu amor no fundo do pensamento e disse consigo, que uma vez que Cosette partira, só lhe restava morrer.

De repente ouviu uma voz que parecia vir da rua e que gritava através das árvores:

— Senhor Mário!

— Que é?! — disse ele, erguendo-se.

— Está aí, senhor Mário?

— Estou.

— Os seus amigos esperam-no na barricada da rua da Chanvrerie — tornou a mesma voz.

Esta voz não lhe era de todo desconhecida. Assemelhava-se à voz rouquenha e áspera de Eponina.

Mário correu à grade, afastou o varão móvel, deitou a cabeça de fora, e viu alguém que lhe pareceu um rapaz desaparecer, correndo, por entre as sombras da noite.

III — O senhor Mabeuf

A bolsa de Jean Valjean tinha sido inútil para o senhor Mabeuf. O infeliz velho, com a sua veneranda austeridade infantil, resolvera não aceitar o presente das estrelas, porque, no seu entender, era inadmissível que um astro se convertesse em luíses de ouro. Ignorando, portanto, que o inesperado auxílio caído das nuvens vinha de Gavroche, fora entregar a bolsa ao comissário de polícia do bairro, como objecto perdido, para ser restituído a quem mostrasse que de direito lhe pertencia. Escusado é dizer que ninguém apareceu a reclamar, e que, portanto, a bolsa ficou realmente perdida, pois nem socorreu o pobre velho nem voltou às mãos do seu dono.

As circunstâncias críticas em que veio dar com ele aquele inútil socorro cada vez se agravaram mais.

O resultado das experiências sobre o anil não tinha sido mais satisfatório no Jardim das Plantas do que o fora no seu quintal de Austerlitz. No ano antecedente, devia as soldadas à velha que o servia; actualmente, como se viu, devia o aluguer da casa em que habitava. Ao cabo de treze meses de espera baldada, o Monte de Piedade vendera-lhe as chapas da sua «Flora», que foram *talvez* -empregar-se nas caçarolas de algum caldeireiro. Deste modo, impossibilitado até de completar os exemplares trancados que ainda possuía da sua obra, resolvera vendê-los, o que fez a um livreiro alfarrabista, que lhe deu por eles uma diminuta quantia, em virtude de considerar tudo como papel de embrulhos. Da obra, portanto, em que consumira parte da sua vida, nada lhe restava já. Quando viu que o pequeno produto desta venda se lhe ia

também exaurindo, como todos os outros recursos de que tinha lançado mão, renunciou à cultura do seu jardim, deixando crescer nele as ervas à sua vontade. Quanto aos dois ovos e ao bocado de carne que de tempos a tempos costumava comer, a esses já há muito que ele tinha renunciado. O seu jantar, actualmente, consistia num bocado de pão e algumas batatas. Levado de degrau em degrau pelo braço da miséria, vira-se obrigado a vender, primeiro os poucos móveis que já lhe restavam, em seguida todas as peças de bragal e roupa de cama, que tinha em duplicado, e afinal, os ervários e as estampas. Restavam-lhe porém ainda os seus livros mais preciosos, alguns dos quais eram, realmente, raríssimos, tais como os *Quadros Históricos da Bíblia,* edição de 1560, a *Concordância das Bíblias,* de Pedro de Bessa, *As Margaritas da Margarita,* de Jean de Haya, com uma dedicatória à rainha de Navarra, o livro do *Cargo e dignidade do embaixador,* por Villiers Hotman, um *Florilegium rabbinicum,* de 1644, um Tibullo de 1567, com esta esplêndida inscrição *Venefiis, in ozdibus Manuiianis;* finalmente, um Diogenes Laercio, impresso em Leão em 1644, no qual se encontravam as célebres variantes do manuscrito 411, século XIII, pertencente ao Vaticano, e as dos dois manuscritos de Veneza, 393 e 394, tão proveitosamente consultados por Henrique Mestienne, e todas as passagens, em dialecto dórico, que se não encontram senão no célebre manuscrito do século XII, pertencente à biblioteca de Nápoles.

No quarto do senhor Mabeuf nunca se acendia lume.

Antes de anoitecer, deitava-se para não gastar luz. Quando ele saía, os vizinhos fugiam de se encontrar com ele, e tanto à descautela, que para o pobre velho não era desconhecido o empenho que todos punham em evitá-lo. A miséria traz consigo este achaque, que não é, ainda assim, privativo de todas as misérias. A miséria de uma criança interessa alguma mãe. A miséria de um rapaz interessa a uma rapariga, a miséria de um velho a ninguém interessa. É de todas as penúrias a mais erma de simpatias. Apesar de tudo isso, porém, Mabeuf não tinha perdido inteiramente a sua infantil serenidade. Os olhos animavam-se-lhe de um tal ou qual clarão, quando os fitava nos seus livros, e até pareciam sorrir, quando o livro em que os fixava era o seu Diógenes Laércio, que era um exemplar único. Além dos objectos de mais absoluta precisão, o único dos móveis que conservava era o seu armário envidraçado.

Um dia, a tia Plutarco disse-lhe:

— Ó senhor Mabeuf, eu não tenho com que fazer as despesas para o jantar.

O que ela denominava jantar era um pão e quatro ou cinco batatas.

— Então nem fiado? — perguntou, como hesitando, o pobre velho.

— Bem sabe que já ninguém nos quer fiar.

O senhor Mabeuf dirigiu-se ao armário, repositório sagrado dos seus mais preciosos haveres, abriu-o, pôs-se a contemplar detidamente, uns após outros, todos os livros da sua biblioteca, com o gesto com que um pai que se visse forçado a dizimar seus filhos, antes de escolher, os correria primeiro com a vista demoradamente, até que, por fim, pegou repentinamente num, meteu-o debaixo do braço e saiu. Daí a duas horas, voltou, sem nada debaixo do braço, deitou trinta soldos acima da mesa e disse:

— Aqui está para o jantar.

Desde então, a serena fronte do velho cobriu-se de um véu sombrio, que a tia Plutarco nunca mais viu esvaecer-se para voltar à primitiva limpidez.

Ao outro dia e no seguinte, e em todos os mais que se foram sucedendo, repetia-se igual cena. Mabeuf saía com um livro e entrava com uma moeda de prata. Os livreiros, como conheciam que o pobre velho vendia por precisão, compravam-lhe por vinte soldos o que lhe tinha custado vinte francos, às vezes nas lojas dos mesmos a quem agora vendia. Volume a volume ia, contudo, passando a novo possuidor toda a livraria do bom velho. Às vezes dizia ele:

— É o mesmo; eu estou com oitenta anos... — como se por isto quisesse exprimir não sei que secreta esperança de ver terminar seus dias antes de ver nas mãos dos livreiros o último volume da sua biblioteca.

De dia para dia aumentava a sua tristeza. Uma ocasião, porém, esta cessou para dar lugar a uma inesperada alegria. Mabeuf saiu com um Roberto Esitienne, que vendeu por trinta e cinco soldos no cais de Malaquias, e voltou com um Aldo, que comprara por quarenta na rua de Grés.

— Fiquei a dever cinco soldos! — disse ele, transbordando de prazer, à pobre velha que o servia.

Nesse dia não jantou.

Mabeuf era membro da Sociedade de Horticultura e a crítica posição em que se via era conhecida dos seus colegas.

Uma ocasião, o presidente da citada sociedade procurou-o, prometendo-lhe interceder por ele para com o ministro do comércio e agricultura, e, efectivamente, cumpriu a sua promessa.

— Como! — exclamou o ministro. — Pois é possível! Um sábio ancião! Um botânico! Um homem inofensivo! Na verdade, é credor da minha atenção!

No dia seguinte, Mabeuf foi convidado para jantar em casa do ministro. Mostrou a carta de convite à tia Plutarco, trémulo de alegria, e exclamou:

— Estamos salvos!

No dia marcado apresentou-se em casa do ministro, notando, porém, que os agaloados criados mostravam certo ar de admiração ao aspecto da sua desbotada gravata, do seu casacão pouco moderno e dos seus sapatos

engraxados com saliva. Ninguém lhe falou, nem mesmo o ministro, porém não se deu por despedido e esperou. Às dez horas da noite passou a mulher do ministro, formosa dama, decotada, de quem o pobre velho não ousou aproximar-se, e perguntou a um dos criados:

— Quem é aquele velhito que ali está?

A meia-noite, cansado de esperar, recolheu-se a casa, a pé, debaixo de água e em extremo contristado. À ida fora de sege, porém tivera de vender para a pagar um Elzevir, que era ainda um dos ornamentos da sua quase exausta biblioteca.

À noite, antes de se deitar, Mabeuf lia sempre algumas páginas do seu Diógenes Laércio. Era um hábito que contraíra e de que nem as suas privações lhe davam vontade de desfazer-se.

Bastante versado na língua grega, estava, portanto, apto para apreciar todas as minuciosidades do texto que possuía, e, actualmente, também era esse o seu único passatempo. Assim decorreram algumas semanas. De repente, a pobre velha que o servia adoeceu. Há ainda coisa mais triste do que não ter com que comprar pão ao padeiro: é não possuir meios para pagar os remédios ao boticário. Uma ocasião, à noite, veio o médico e receitou uma beberagem em extremo cara. Como se isto não bastasse, a moléstia agravava-se e o estado da doente estava reclamando a assistência de uma enfermeira. Mabeuf dirigiu-se à sua biblioteca, abriu-a, e a biblioteca estava vazia.

O derradeiro volume tinha seguido o caminho dos outros. Restava-lhe pura e simplesmente o apreciável e apreciado Diógenes Laércio.

Era no dia 4 de Junho de 1832. Meteu o exemplar único debaixo do braço e saiu. Dirigiu-se à porta de S. Jacques e voltou para casa com cem francos no bolso. Encaminhou-se ao quarto da velha enferma, pousou o rolo dos cem francos em cima do velador e recolheu-se ao seu quarto, sem proferir uma palavra.

Ao outro dia, apenas amanheceu, ergueu-se, foi-se sentar para o jardim no pião derrubado, que arvorara em banco, e aí o poderia ver quem espreitasse por cima da sebe, toda a manhã, imóvel, com a cabeçapendida para o peito, os olhos vagamente fixos nos descurados alegretes e em tal estado de abstracção, que nem da chuva, que de espaço a espaço caía, parecia dar fé.

Pelo meio da tarde principiaram a ouvir-se extraordinários sussurros para o lado de Paris. Pareciam tiros de espingarda e gritos clamorosos de uma multidão em desordem.

O pobre velho levantou a cabeça e perguntou a um hortelão que ia a passar:

— Que barulho é aquele?

O hortelão parou, com a sua enxada às costas, e respondeu no mais fleumático tom de voz:

— É o povo em desordem.

— Como? O povo em desordem?

— Sim, senhor. Já não faltam tiros nem espadeiradas!

— E porque é?

— Quem sabe lá! — respondeu o hortelão.

— Para que lado é? — tornou o senhor Mabeuf.

— Para a banda do Arsenal.

Mabeuf recolheu-se a casa, pegou no chapéu, procurou maquinalmente um livro para o meter debaixo do braço, porém, como o não achasse, exclamou:

— Ai, é verdade! — e saiu com ar desvairado.

LIVRO DÉCIMO — O DIA 5 DE JUNHO DE 1832

I — A superfície da questão

De que se compõe uma revolta? De tudo e de nada. De uma electricidade lentamente desenvolvida, de uma chama subitamente produzida, de uma força vacilante, de uma rajada que passa. Esta rajada, porém, encontra no seu caminho cabeças que falam, cérebros que meditam, almas que sofrem, paixões que queimam, misérias que rugem, e leva-as consigo.

Para onde?

Ao acaso. De encontro ao Estado, de encontro às leis, de encontro ao bem-estar e à insolência dos outros. Convicções irritadas, entusiasmos exasperados, indignações agitadas, compressão dos instintos de guerra, exaltação de valor entre os mancebos, cegueiras generosas; a curiosidade, o gosto das inovações, o desejo de coisas extraordinárias, o sentimento que nos leva a ler com prazer o cartaz de um novo espectáculo e a ouvir gostosos no teatro o apito do maquinista para as transmutações cénicas; os ódios vagos, os rancores, os desapontamentos, as vaidades que se julgam vítimas de uma bancarrota do destino; a falta de meios, os sonhos ocos, as ambições difíceis de saciar, os que esperam que o desabamento lhes abra uma saída; finalmente, mais em baixo, a multidão, essa lama que se incendeia; eis os elementos da revolta.

As coisas maiores e as mais pequenas; os entes que giram por fora de tudo, à espera de ensejo, boémios, gente sem ocupação, vagabundos das encruzilhadas, os que à noite dormem num deserto povoado de casas, sem mais tecto que as nuvens frias que passam pelo espaço, os que pedem cada dia o pão, de que se hão-de alimentar, ao acaso e não ao trabalho, os aventureiros da miséria e do nada, os braços nus, os pés descalços, tudo isto pertence à revolta.

Todo o que abriga no peito um oculto sentimento de rebelião contra qualquer facto do Estado, da vida ou da sorte, confina com a revolta, e, apenas esta rebenta, principia a agitar-se e a sentir-se impelido pelo turbilhão.

A revolta é uma espécie de tromba da atmosfera social, que repentinamente se forma, mediante certas condições de temperatura, e que, no seu redemoinhar, sobe, corre, detona, arranca, arrasa, esmaga, derruba, arrastando consigo as grandes naturezas e as que o não são, o homem forte e o espírito fraco, o tronco de árvore e o fragmento de palha.

Desgraçado tanto do que é arrebatado como do que lhe sofre o choque, porque ambos ficam esmagados.

Não sei que extraordinário poder ela comunica àqueles que absorve. Enche o primeiro que topa da força dos acontecimentos; de tudo faz projécteis. De

um seixo faz uma bala, de um carrejão um general.

A darmos crédito a certos oráculos da política hipócrita, as revoltas, com relação ao poder, não deixam de ser mais ou menos proveitosas. Para assim o afirmar fundam-se neste sistema: As revoltas consolidam um governo, todas as vezes que o não derrubam.

Servem de prova para o exército; concentram a burguesia; distendam os músculos da polícia; servem, enfim, para verificar a força da ossada social. É uma ginástica e quase uma higiene. Quase sempre o poder passa melhor depois de um tumulto, como acontece ao homem depois de uma fricção.

Há trinta anos, as revoltas eram ainda consideradas sob outros pontos de vista.

Há uma teoria universal que serve para, tudo e que a si mesma se proclama o «bom-senso»; Filinto contra Alcestes, mediação oferecida entre a verdade e a falsidade; explicação, advertência, atenuação com ressaibo de sobranceria, que, por ser entremeada de censura e desculpa, passa por sabedoria, e, de ordinário, não é mais do que pedantismo. Isto, porém, deu origem a uma escola política, a que se pôs o nome de partido moderado, isto é, partido da água morna, porque fica entre a água fria e a água quente. Esta escola, apesar da sua falsa profundidade, toda superficial, que disseca os efeitos sem remontar às causas, repreende do alto de uma meia ciência, as agitações da praça pública.

Segundo esta escola: «As revoltas que complicaram o facto de 1830 tiraram a este grande acontecimento parte da sua pureza. A revolução de Julho tinha sido uma bela rajada de vento popular, repentinamente seguida do mais belo céu azul. As revoltas fizeram reaparecer o céu nebuloso. Fizeram degenerar em disputa aquela revolução em começo tão notável pela unanimidade. Na revolução de Julho, como em todo o progresso de repelão, houvera fracturas secretas; a revolta tornou-as sensíveis. Puderam dizer: Eis aqui isto que está quebrado. Depois da revolução de Julho não se sentiu senão a alforria; depois das revoltas sentiu-se a catástrofe.

«Toda a revolta fecha as lojas, deprime os fundos, consterna a praça; suspende o comércio, paralisa os negócios, precipita as quebras; o numerário desaparece, as fortunas particulares inquietam-se, o crédito público é abalado, a indústria perde o equilíbrio, os capitais recuam, o trabalho falta, o medo é geral; tudo isto se repercute em todas as cidades. Daqui os pegos. Calculou-se que o primeiro dia de revolta custou à França vinte milhões, o segundo quarenta, e o terceiro sessenta. Uma revolta de três dias custa cento e vinte milhões, isto é, atendendo-se só ao resultado financeiro é equivalente a um desastre, naufrágio ou batalha perdida, que aniquilasse uma esquadra de

sessenta naus de linha.

«Historicamente, não há dúvida que as revoltas tiveram sua beleza; a guerra das ruas não é menos grandiosa nem menos patética do que a guerra das moitas; numa reside a alma das florestas, na outra o coração das cidades; uma tem Jean Chouam, a outra tem Joana. As revoltas iluminaram de vermelho, mas esplendidamente, todas as saliências mais originais do carácter parisiense, a generosidade, a dedicação, a alegria tempestuosa, os estudantes provando a aliança da bravura com a inteligência, a guarda nacional inabalável, os acampamentos dos legistas, as fortalezas de gaiatos, o desprezo da morte nos que passavam Escolas e legiões embatiam-se.

«No fim de tudo, entre os combatentes não havia senão a diferença da idade; é a mesma raça; são os mesmos homens estóicos que morrem aos vinte anos pelas suas ideias, e aos quarenta pelas suas famílias. O exército, sempre triste nas guerras civis, opunha a prudência à audácia. As revoltas, ao passo que manifestaram a intrepidez popular, educaram a coragem burguesa

«Muito bem Mas vale tudo isto o sangue derramado? E ao sangue derramado juntai o futuro sombreado, o progresso comprometido, a inquietação entre os melhores, os liberais honestos e desesperados, o absolutismo estrangeiro satisfeito por ver a revolução ferida por si mesma, os vencidos de 1830 triunfando e dizendo: Bem o tínhamos dito! Juntai Paris, talvez engrandecido, mas a França inquestionavelmente deprimida. Juntai, porque é necessário dizer tudo, as carnificinas que desonravam, muitas vezes a vitória da ordem tornada feroz sobre a liberdade enlouquecida.

Em conclusão as revoltas foram funestas».

Assim fala esta quase sabedoria com que a burguesia, esse quase povo, se contenta de tão boa vontade.

Quanto a nós repelimos a palavra revoltas demasiadamente elástica, e por consequência demasiadamente cómoda. Entre os movimentos populares fazemos distinção. Não queremos saber se uma revolta custa tanto como uma batalha? Em primeiro lugar, porque razão uma batalha? Aqui surge a questão A guerra é porventura menos flagelo do que a revolta calamidade? E depois, as revoltas são todas calamidades?

E quando mesmo o 14 de Julho custasse cento e vinte milhões? A colocação de Filipe V em Espanha custou à França dois mil milhões. Mesmo por igual preço preferíamos o 14 de Julho. Demais, repelimos estes algarismos, que parecem razões e que não passam de palavras Dada uma revolta examinamo-la em si mesma. Em tudo o que diz a objecção doutrinária que acabámos de expor, não se trata senão do efeito; nós procuramos a causa.

Resumamos.

II — O âmago da questão

Há revolta e há insurreição; são duas cóleras: uma contêm o agravo, a outra o direito. Nos estados democráticos, únicos baseados na justiça, sucede algumas vezes a fracção usurpar; então ergue-se o todo, e a necessária reivindicação do seu direito pode levá-lo até pegar em armas. Em todas as questões que dimanam da soberania colectiva, a guerra do todo contra a fracção é insurreição; segundo as Tulherias contêm o rei ou a Convenção, assim elas são justas ou injustamente atacadas. A mesma boca de fogo assestada contra a multidão é um erro em 10 de Agosto, e deixa de o ser em 14 *vendémaire*. Aparência semelhante, fundo diferente: os suíços defendem o que é falso, Bonaparte o que é verdadeiro. O que foi feito pelo sufrágio universal, em sua liberdade e soberania, não pode ser desfeito pela rua. Do mesmo modo as coisas de pura civilização: o instinto das massas, ontem perspicaz, pode estar turvo amanhã. A mesma fúria é legítima contra Terray e absurda contra Turgot. A destruição de máquinas, o roubo de armazéns, as rupturas de carris, a demolição de docas, os falsos caminhos seguidos pelas multidões, as recusas de justiça do povo ao progresso. Ramus assassinado pelos estudantes, Rousseau expulso da Suíça às pedradas, é a revolta. Israel contra Moisés, Atenas contra Phocion, Roma contra Scipião, é a revolta; Paris contra a Bastilha, é a insurreição.

Os soldados contra Alexandre, os marinheiros contra Cristóvão Colombo, é a mesma revolta; revolta ímpia; porquê? Porque Alexandre fez para a Ásia com a espada, o que Cristóvão Colombo fez para a América com a bússola; Alexandre, como Colombo, acha um mundo. Estes presentes de mundos à civilização são tais argumentos de luz, que toda a resistência que se lhe oponha é culpada. Algumas vezes o povo falta à fidelidade a si mesmo. A multidão é traidora ao povo. Há, por exemplo, nada mais estranho do que o longo e extravagante protesto de falsos Saulniers, legítima revolta crónica, que, no momento decisivo, no dia da salvação, quando soa a hora da vitória popular, desposa o trono, transforma-se em *chouanneie,* e de insurreição contra, se faz revolta a favor! Sombrias obras-primas de ignorância! O falso Saulnier escapa às forcas reais, e, com. um resto de corda ao pescoço, arvora o laço branco. Morto nas Gabelas dá à luz. Viva o rei. Matadores de S. Bartolomeu, degoladores de Setembro, carniceiros de Avinhão, assassinos de Coligny, assassinos da senhora de Lamballe, assassinos de Bruno, Miquelets, Verdets, Cadenettes, companheiros de Jehu, cavaleiros do Brassard, eis o que é a revolta. A Vendeia é uma grande revolta católica. O ruído do direito em movimento reconhece-se e nem sempre sai da agitação das massas perturbadas; há nele raivas loucas, há sinos rachados; os toques de rebate não

têm todos o som de bronze.

A agitação das paixões é diferente da sacudidela do progresso. Erguei-vos, mas para vos tornardes grandes. Mostrai-me para que lado ides. Não há insurreição senão para a frente. Qualquer outro levantamento é mau, todo o passo dado violentamente para traz é revolta; recuar, é uma via de facto contar a humanidade. A insurreição é o acesso de furor da verdade; as pedras de calçada que a insurreição revolve lançam a faísca do direito. Essas ruas não deixam à revolta senão a sua lama Danton contra Luís XVI, é a insurreição; Hebert contra Danton é a revolta.

Procede daqui a insurreição, em dados casos, pode ser, como disse Lafayette, o mais santo dos deveres, a revolta pode ser o mais fatal dos atentados.

Há nisto também alguma diferença na intensidade do calórico; a insurreição é muitas vezes vulcão, a revolta fogo de palha.

A revolta, já o dissemos, reside por vezes no poder.

Polignac é um revoltoso; Camilo Desmoulins é um governante.

A insurreição é, por vezes, a ressurreição.

Sendo a solução de tudo pelo sufrágio universal um facto absolutamente moderno, e sendo toda a história anterior a este facto, há quatro mil anos, preenchida com o direito violado e com o sofrimento dos povos, cada uma das suas épocas traz consigo o protesto que lhe é possível Sob o domínio dos Césares não havia insurreição, mas havia Juvenal.

O *facit indignatto* substitui os Grachos.

Sob os Césares há o desterrado de Syene, mas há também o homem dos *Annaes.*

Não falamos do imenso desterrado de Patmos, que também abate o mundo real com um protesto em nome do mundo ideal, faz da visão uma sátira enorme, e lança sobre Roma-Nínive, sobre Roma-Babilónia, sobre Roma-Sodoma, a flamejante reverberação do Apocalipse.

Jean sobre o seu rochedo é a esfinge sobre o seu pedestal, pode não ser compreendida; é um judeu; a sua fala é hebraica; mas o homem que escreve os *Annaes* é um latino; digamos melhor, é um romano.

Como os Neros reinam de uma maneira escura, devem ser pintados pelo mesmo modo. O trabalho do buril só por si, seria frouxo; é necessário vazar nos entalhes uma prosa concentrada que morda.

Os déspotas produzem de certo modo os pensadores. Palavra encadeada, é palavra terrível.

O escritor duplica e triplica o seu estilo, quando o silêncio é prescrito por um senhor ao povo. Deste silêncio sai uma certa plenitude misteriosa, que

filtra e se coalha em bronze no pensamento. A compressão na história produz a concisão no historiador. A solidez granítica de tal ou tal prosa não é mais do que um amontoamento feito pelo tirano.

A tirania constrange o escritor a restrições de diâmetro, que são aumentos de força. O período ciceroniano, apenas suficiente sobre Verrès, embotar-se-ia sobre Calígula. Quanto menor é a amplidão da frase, maior é a intensidade do golpe. Tácito pensa com toda a força

A honestidade de um grande coração, condensada em justiça e em verdade, fulmina.

É para notar, seja dito de passagem, que Tácito não está historicamente sobreposto a César. Os Tibérios são-lhe reservados César e Tácito são dois fenómenos sucessivos, cujo encontro parece misteriosamente evitado por aquele que, na disposição da cena dos séculos, regula as entradas e as saídas. São grandes César e Tácito; Deus poupa estas duas grandezas, não as fazendo embater uma na outra. O justiceiro, ferindo César, podia ferir demasiadamente e ser injusto. Deus não o quer. As grandes guerras de África e de Espanha, a destruição dos piratas da Sicília, a civilização introduzida na Gália, na Bretanha, na Germania, é tudo glória que cobre o Rubicon. Há uma certa delicadeza da justiça divina, hesitando em largar ao usurpador ilustre o historiador formidável, perdoando Tácito a César e concedendo as circunstâncias atenuantes ao génio.

Inquestionavelmente o despotismo fica despotismo, mesmo sob o déspota de génio. Há nele corrupção sob o domínio dos tiranos ilustres, mas a perda moral é mais hedionda ainda sob os tiranos infames. Em tais reinados nada vela a vergonha e os que produzem exemplos, seja Tácito como Juvenal, esbofeteiam com mais utilidade, em presença do género humano, esta ignomínia sem réplica.

Rama cheira pior sobre Vitellio do que sob Sylla; sob Cláudio e sob Domiciano há ali uma deformidade de baixeza correspondente à fealdade do tirano; a vilania dos escravos é um produto directo do déspota, daquelas consciências corrompidas em que se reflecte o senhor, exala-se um miasma; os poderes públicos são imundos; os corações são pequenos, as consciências são chatas, as almas são percevejos; assim é sob o domínio de Caracalla, de Commodo e de Heliogabalo; enquanto que do senado romano, no tempo de César, não sai senão o cheiro de esterco, próprio do ninho da águia.

Daqui a vinda, em aparência tardia, dos Tácitos e dos Juvenais; é no momento da evidência que aparece o demonstrador.

Mas Juvenal e Tácito, do mesmo modo que Isaías nos tempos Bíblicos, do mesmo modo que Dante na Idade-Média, são o homem; a revolta e a

insurreição são a multidão, que ora labora no erro, ora. tem razão.

Nos casos mais gerais, a revolta sai dum facto material; a insurreição é sempre um fenómeno moral.

A revolta é Mazaniello; a insurreição é Spartacus.

A insurreição confina com o espírito, a revolta com o estômago; Gaster irrita-se; mas Gaster, decerto, nem sempre está em erro. Nas questões de fome, a revolta, Buzançais, por exemplo, tem um ponto de partida verdadeiro, patético e justo Todavia fica sempre revolta. Porquê? Porque tendo razão no fundo andou errada na forma. Feroz, como quando tendo direito, violenta, conquanto forte, feriu ao acaso; caminhou como o ofegante cego, esmagando tudo; deixou atrás de si os cadáveres dos velhos, das mulheres e das crianças; derramou, sem saber porquê, o sangue dos inofensivos e dos inocentes Nutrir o povo é um excelente fim, assassiná-lo é um péssimo meio.

Todos os protestos armados, ainda os mais legítimos, ainda o 10 de Agosto, ainda o 14 de Julho, começam com a mesma perturbação. Antes que o direito se desembarace há o tumulto e escuma. No princípio a insurreição é revolta, do mesmo modo que o rio é torrente Ordinariamente termina no oceano a Revolução. Todavia, a insurreição, algumas vezes, vinda das altas montanhas que dominam o horizonte moral, a justiça, a sabedoria, a razão, o direito, formada da mais pura neve do ideal, depois de aturada queda de rocha em rocha, depois de ter reflectido o céu em sua transparência, depois de ter engrossado com cem afluentes na majestosa marcha do triunfo, perde-se de repente em qualquer barranco burguês, como o Reno num charco.

Tudo isto é do passado; o futuro é diferente. O sufrágio universal tem isto de admirável; dissolve a revolta em seu princípio e desarma a insurreição dando-lhe o voto. O desaparecimento das guerras, da guerra das ruas como da guerra das fronteiras, tal é o inevitável progresso. Seja hoje o que for, a paz é Amanhã.

No fim de tudo, a insurreição ou revolta, o burguês propriamente dito, conhece pouco o que as diferença, não sabe em que a primeira difere da segunda. Para ele tudo é sedição, rebelião pura e simples, revolta do cão de fila contra seu dono, ensaio de mordedura, que é preciso punir com a corrente e a casinhola, uivo, latido, até ao dia em que a cabeça do cão, avolumada de repente, se esboça vagamente na sombra qual fronte de leão.

Então o burguês grita:

— Viva o povo!

Dada esta explicação, o que é para a história o movimento de Junho de 1832? É uma revolta ou uma insurreição?

É uma insurreição.

Poderá suceder-nos, ao meter em cena este acontecimento terrível, dizermos, por vezes, a revolta, mas será somente para qualificar os factos superficiais; a distinção entre a forma revolta e o fundo insurreição manter-se-á sempre.

O movimento de 1832 na sua rápida expulsão e na sua lúgubre extinção teve tanto de grandeza, que aqueles mesmos que não vêm ali senão uma revolta, não falam dele, sem respeito. Para eles é como um lesto de 1830. As imaginações agitadas, dizem eles, não se acalmam num dia. Uma revolução não se corta a prumo. Apresenta sempre e necessariamente algumas ondulações antes de voltar ao estado de quietação, como uma montanha tornando a descer para a planície. Não há Alpes sem Jura, nem Pireneus sem Astúrias.

A crise patética da história contemporânea, que a memória dos parisienses denomina *época das revoltas,* é inquestionavelmente uma hora característica entre as horas tempestuosas deste século.

Mais uma palavra antes de entrarmos na narração.

Os factos que vão ser apresentados pertencem à realidade dramática e viva que a história algumas vezes despreza, por falta de tempo e de espaço. É todavia nela, insistimos nisto, que está a vida, a palpitação, o estremecimento humano. Os pormenores, julgamos tê-los já dito, são, para assim dizer, a folhagem dos grandes acontecimentos que se perdem nos longes da história.

A época chamada das *revoltas* abunda em minúcias deste género. Os processos judiciais, por outras razões que não são as da história, não revelaram nem talvez aprofundaram tudo. Vamos pois apresentar à luz, entre as particularidades conhecidas e publicadas, coisas que não foram sabidas, factos sobre que passou o esquecimento de uns e a morte de outros. A maior parte dos actores destas cenas gigantescas desapareceu; no dia seguinte todos se calavam; mas o que vamos contar, podemos dizer:

— Vimo-lo!

Mudaremos alguns nomes, porque a história conta e não denuncia; mas pintaremos coisas verdadeiras. Nas condições do livro que escrevemos, não mostraremos senão um lado e um episódio, decerto o menos conhecido, dos dias 5 e 6 de Junho de 1832; mas faremos de certo modo com que o leitor entreveja, por baixo do sombrio véu que vamos erguer, o vulto real daquela medonha aventura pública.

III — Um enterro: ocasião de renascer

Paris, na Primavera de 1832, conquanto houvesse três meses que o cólera lhe tinha gelado todos os espíritos e lançado em seu contínuo movimento uma espécie de taciturna pacificação estava havia muito preparada para uma

comoção. Como já temos dito, a grande cidade assemelha-se a uma peça de artilharia; quando está carregada, basta que de qualquer parte caia uma faísca para que ela se dispare. Em Junho de 1832 a faísca foi a morte do general Lamarque.

Lamarque era um homem de nomeada e de acção. Houvera tido sucessivamente, no tempo do império e no da restauração, as duas bravuras necessárias às duas épocas: a dos campos da batalha e a da tribuna. Era eloquente como fora valente; na sua palavra adivinhava-se a espada. Como Foy, seu antecessor, depois de ter mantido a altura da autoridade, mantinha a altura da liberdade. Tomava assento entre a esquerda e a extrema esquerda, era querido do povo porque aceitava as probabilidades do futuro e da multidão, porque servira bem o imperador. Era como os condes Gerard e Drouet, um dos marechais *in petto* de Napoleão. Os tratados de 1815 indignavam-no como uma ofensa pessoal. Odiava Wellington com um ódio directo, que agradava à multidão; e durante dezassete anos, apenas atento aos acontecimentos intermediários, conservara majestosamente a tristeza de Waterloo. Agonizante, na sua última hora, estreitara ao coração uma espada que lhe tinham oferecido os oficiais dos Cem Dias. Napoleão morrera pronunciando a palavra «exército», Lamarque pronunciando a palavra «pátria».

A sua morte, por todos esperada, era receada pelo povo como uma perda, temida pelo governo como uma ocasião. A sua morte foi um luto, e o luto, como tudo o que é amargo, pode transformar-se em revolta. Foi, efectivamente, o que aconteceu.

Na véspera e na manhã do dia 5 de Junho, dia marcado para o enterro de Lamarque, o bairro de Santo António, por onde o préstito devia passar, tomou um aspecto temeroso, inchando-se de rumores aquela tumultuosa rede de ruas. Cada qual armava-se com o que mais à mão encontrava. Os marceneiros travavam dos barriletes «para arrombar as portas». Um deles, de um instrumento de sapateiro fizera um punhal, aguçando-o e adaptando-o para este fim. Outro, dominado pela febre «de atacar», dormia vestido havia três noites.

Um carpinteiro chamado Lombier encontrava um companheiro que lhe perguntava:

— Onde vais tu?

— Ora! Ver se arranjo armas.

— E onde vais buscá-las?

— Vou à loja buscar o compasso.

— Mas para que é isso?

— Eu sei lá — dizia por último Lombier.

Um tal Jacqueline, homem expedito, acercava-se dos operários que iam a passar, levava-os a uma taberna, pagava-lhes dez soldos de vinho e dizia-lhes:

— Tens em que trabalhar?

— Não.

— Pois vai a casa de Filspierre, entre a barreira de Montreuil e a de Charonne, e acharás obra.

O que se achava em casa de Filspierre eram cartuchos e armas. Certos chefes «faziam de correio», isto é, andavam de casa em casa, reunindo a sua gente. Nos armazéns de Barthélemy, ao pé da barreira do Trono e de Capei, no Petit-Chapeau, os bebedores agrupavam-se com ar misterioso e diziam uns para os outros:

— Onde trazes a tua pistola?

— Debaixo da blusa.

— E tu?

— Por baixo da camisa.

Na rua Traversière, em frente da loja de Roland, e no pátio da Casa-Queimada, diante da loja de ferragens de Bernier, viam-se grupos cochichando, tornando-se entre eles muito saliente, pelo seu ardor, um certo Mavot, que nunca parava mais de uma semana em qualquer oficina, porque os mestres mandavam-no embora, «por não estarem para disputar com ele todos os dias». Este Mavot foi morto ao outro dia na barricada da rua de Ménilmontant. Prevot, que tinha igualmente de sucumbir na luta, secundava Mavot, e a esta pergunta:

— Que fim é o teu?

Respondia:

— A insurreição.

À esquina da rua de Bercy, via-se um grupo de operários, à espera de um certo Lemarin, agente revolucionário encarregado do bairro de S. Marcos. As senhas, as palavras de ordem trocavam-se quase publicamente.

A 5 de Junho, pois, por um dia entremeado de chuva e de sol, desfilou pelas ruas de Paris o préstito fúnebre do general Lamarque, com a pompa militar oficial, à cautela mais reforçada do que era costume. Escoltavam o féretro dois batalhões de linha, de armas em funeral e tambores cobertos de luto, dez mil guardas nacionais, de sabre ao lado, e as suas respectivas baterias de artilharia. O coche que conduzia o caixão era puxado por mancebos. Seguiam logo atrás os oficiais dos Inválidos, com ramos de loureiro na mão. Após estes seguia uma multidão sem número, agitada, estranha, os seccionários dos Amigos do Povo, a Faculdade de Direito, a de Medicina, os refugiados de todas

as nações, bandeiras espanholas, italianas, alemãs, polacas, bandeiras tricolores horizontais, bandeiras de quantas castas havia, rapazes agitando ramos verdes, pedreiros e carpinteiros, impressores com os seus barretes de papel, caminhando a dois a dois, três a três, dando gritos, quase todos brandindo paus, alguns com espadas, desordenadamente, porém com uma só alma, ora turba, ora coluna. Aqui, viam-se diversos pelotões escolhendo chefes; além, via-se um homem armado com um par de pistolas, passando abertamente revista a outros, cujas fileiras se abriam diante dele. Nas alas laterais dos boulevards, nos ramos das árvores, nas varandas, nas janelas, sobre os telhados, ninguém via senão cabeças, e nos olhos de todos, homens, mulheres, crianças, notava-se a ansiedade. Passava uma multidão armada, outra olhava assustada.

Quanto ao governo, observava, porém observava com a mão no punho da espada. Na praça de Luís XV, viam-se em ordem de marcha, com as cartucheiras cheias e as armas carregadas, quatro esquadrões de carabineiros, montados e de clarins na frente; no Bairro Latino e no Jardim das Plantas, a guarda municipal; no mercado dos vinhos, um esquadrão de dragões; na Greve, metade do 12 de linha e a outra metade na Bastilha; nos Celestinos, o 6 de dragões e o pátio do Louvre atulhado de artilharia. O resto das tropas achava-se em armas nos quartéis, sem contar os regimentos dos arredores de Paris. O poder, portanto, que se receava, tinha suspensos sobre a multidão ameaçadora vinte e quatro mil soldados, dentro da cidade, e trinta mil nos arrabaldes.

Por entre os que compunham o préstito circulavam diversos boatos. Falava-se de manejos legitimistas; falava-se do duque de Reichstadt, que Deus destinava à morte naquele mesmo momento em que a multidão o designava para o império. Anunciava um personagem, sem se dar a conhecer, que à hora marcada dois contramestres subornados abririam ao povo as portas de uma fábrica de armas. A expressão predominante nas frontes descobertas da maior parte dos assistentes era a de um entusiasmo misturado de desalento. Aqui e além, no meio daquela multidão dominada por tantas emoções, violentas, mas nobres, viam-se verdadeiros rostos de malfeitores -e bocas ignóbeis, que pareciam estar dizendo: «Roubemos!» Há certas agitações que revolvem o fundo dos pântanos, fazendo subir à superfície nuvens de lodo. Fenómeno é este a que as polícias «bem organizadas» não costumam ser estranhas.

Desfilou o préstito da casa mortuária e principiou a caminhar pelos boulevards em direcção à Bastilha, com febril lentidão. De espaço a espaço, sobrevinha uma bátega de chuva, a que a multidão era totalmente indiferente. Diversos incidentes assinalaram a passagem do cortejo fúnebre, tais como a

volta que o féretro deu em roda da coluna Vendôme, algumas pedradas atiradas ao duque de Fitz James, por aparecer a uma janela de chapéu na cabeça; o galo gaulês arrancado a uma bandeira popular e arrastado pela lama; um agente de polícia ferido com uma cutilada, junto à porta de S. Martinho; um oficial do 12 de linha dizendo em voz alta: «Eu sou republicano», a intervenção da escola politécnica depois de ter transgredido as ordens que recebera de não sair, os gritos de: «Viva a Escola Politécnica! Viva a república!» Na Bastilha, juntaram-se ao préstito as cerradas fileiras de curiosos que desciam do lado do bairro de Santo António e principiou então a alvoroçar-se a multidão numa efervescência terrível.

Nessa ocasião, houve quem ouvisse estar um homem dizendo para outro:

— Vês acolá aquele de barba ruiva? Pois é o que há-de dar sinal de atirar.

Parece que este mesmo barba ruiva se achou depois noutra revolta, com o mesmo mister que desempenhou naquela. Queremos falar da revolta Quénisset.

O coche passou a Bastilha, seguiu pelo canal, atravessou a ponte e chegou, finalmente, à esplanada da ponte de Austerlitz, onde parou. Vista de um lugar elevado, a multidão, naquele momento, oferecia o aspecto de um cometa, cuja cabeça estivesse na esplanada e a cauda, desenrolada sobre o cais Bourdon, cobrisse a Bastilha e se prolongasse pelo boulevard até à porta de S. Martinho. A multidão formou um círculo em volta do coche e emudeceu. Lafayette levantou então a voz e disse adeus a Lamarque. Foi um instante tocante e augusto em que todas as cabeças se descobriram e todos os corações pulsavam comovidos. De repente, apareceu no meio do grupo um homem a cavalo, vestido de preto, com uma bandeira vermelha na mão, outros dizem que com uma lança coroada por um barrete vermelho. Lafayette voltou a cabeça, Excelmans deixou o préstito

Esta bandeira vermelha suscitou uma tempestade e nela desapareceu Desde o boulevard Bourdon até à ponte de Austerlitz, a multidão foi agitada por um desses clamorosos rumores que parecem vagas. «Lamarque para o Panteon!» «Lafayette para o palácio municipal!» Foram os dois gritos maravilhosos que reboaram pelo espaço

Alguns rapazes correram então para o coche, no meio das aclamações da multidão, e principiaram a puxá-lo pela ponte de Austerlitz, enquanto outros conduziam Lafayette numa sege pelo cais de Morland.

No meio da multidão que rodeava e aclamava Lafayette, notava-se, e era por muitos apontado, um alemão, chamado Ludwig Snyder, que veio a morrer de avançada idade, depois de ter feito a guerra de 1776 e combatido em Trenton às ordens de Washington e em Brandywne, sob o comando de

Lafayette.

Ao mesmo tempo, a cavalaria municipal, que se achava na margem esquerda, principiava a agitar-se com o intuito de tomar a passagem da ponte, e na margem direita os dragões desfilavam dos Celestinos e estendiam-se ao longo do cais de Morland. Apenas o povo, que trazia no meio de si Lafayette, os avistou, principiou a gritar: «Aí vêm os dragões! Aí vêm os dragões! Aí vêm os dragões!» Estes avançavam, a passo, em silêncio, com as pistolas nos coldres, os sabres embainhados, as clavinas nos arções, com gesto de sombria expectativa

A duzentos passos da ponte do canal, fizeram alto. A sege que conduzia Lafayette encaminhou-se para o lado onde eles estavam, os dragões abriram filas, deixaram-na passar e tornaram-se a unir, apenas o veículo passou. Nessa ocasião, dragões e povo estavam tão próximos, que se tocavam uns aos outros. As mulheres deitavam a fugir, aterradas.

Que foi o que se passou naquele fatal instante? Ninguém o saberá dizer. É o momento tenebroso da junção de duas nuvens. Contam uns que para o lado do Arsenal se ouvira um clarim tocando a carregar, outros que um rapaz dera uma punhalada num soldado de dragões. O certo é que se dispararam subitamente três tiros, um dos quais matou o chefe de esquadrão Cholet, outro uma velha mouca da rua de Contrescarpe, na ocasião em que fechava a sua janela, e outro queimou uma dragona a um oficial.

Apenas uma mulher gritou:

— Começaram cedo de mais! — viu-se vir imediatamente do lado oposto ao cais de Morland um esquadrão de dragões, que tinha ficado em quartéis, a galope e de sabre em punho, pela rua de Bassonpierre e boulevard Bourdon, trazendo tudo diante de si.

Então foi o desencadear-se a tempestade. Chovem as pedradas, rebenta a fuzilaria; muitos atiram-se da ribanceira abaixo e passam o pequeno braço do Sena, hoje entulhado; eriçam-se de combatentes os armazéns da ilha Louviers, espécie de cidadela preparada para aquele fim; arrancam-se estacas, disparam-se pistolas, principia-se uma barricada; os rapazes que puxavam o coche funerário, apertados pela multidão, arrastam-no com presteza pela ponte de Austerlitz, carregando a guarda municipal; acodem os carabineiros, os dragões acutilam, a multidão dispersa-se em todas as direcções; ressoa um sussurro de guerra pelas ruas de Paris, grita-se:

— Às armas!

Os amotinados correm, atropelam-se, fogem, resistem; enfim, a cólera ateia a revolta do mesmo modo que o vento ateia o fogo.

IV — As efervescências de outrora

Não há nada mais extraordinário do que a primeira confusão de uma revolta. Rebenta tudo simultaneamente em toda a parte. Era uma coisa prevista? Era. Estava preparada? Não. De onde sai semelhante coisa? Das ruas. De onde cai? Das nuvens. Aqui, a insurreição toma o carácter de uma conspiração; além, o de uma improvisação. O primeiro que aparece apodera-se de uma corrente da multidão e leva-a para onde lhe apraz.

Começo medonho, entremeado de certa alegria terrível. Aos clamores, pelos quais principia a revolta, fecham-se as lojas, desaparecem os mostradores; em seguida começam por ouvir-se tiros isolados; cada qual foge para o seu lado; ouvem-se bater coronhadas de armas pelas portas e no interior das casas os risos das criadas, dizendo:

— Temos desordem no caso, estamos bem aviadas!

Daí a menos de um quarto de hora, eis o que se passava em Paris, em vinte pontos diferentes ao mesmo tempo:

Na rua de Santa Cruz da Bretonnerie, uns vinte rapazes de barbas e cabelos compridos entravam por uma casa de pasto dentro e um momento depois tornavam a sair, trazendo arvorada uma bandeira tricolor horizontal coberta de fumo, precedidos por três homens, um armado com um sabre, outro com uma espingarda e o terceiro com um chuço.

Na rua das Nonaindières, via-se um burguês obeso, bem trajado, de voz sonora, calvo, fronte espaçosa, barba preta, bigode cerdoso, oferecendo publicamente cartuchos a quem passava.

Na rua de S. Pedro de Montmartre, viam-se uns poucos de homens, de mangas arregaçadas, agitando uma bandeira preta em que se liam estas palavras: «República ou morte».

Na rua dos Jeúneurs, do Quadrante, de Montorgueuil, de Mandar, viam-se agitando bandeiras, nas quais se lia, em letras douradas, a palavra «secção», seguida de um número. Uma dessas bandeiras era vermelha e azul com uma imperceptível risca branca no meio

No boulevard de S. Martinho, assaltava-se uma fábrica de armas e três oficinas de armeiros, a primeira na rua de Beaubourg, a segunda na rua de Miguel-le-Comte, a terceira na rua do Templo. Dentro em poucos minutos, as mil mãos da multidão travavam de duzentas e trinta espingardas, quase todas de dois canos, de sessenta e quatro sabres e de oitenta e três pistolas. Para que ficasse maior número de pessoas armado, uns guardavam as espingardas e outros ficavam com as baionetas.

Defronte do cais da Greve, via-se uma multidão de rapazes, armados de mosquetes, instalando-se em casa de umas mulheres para daí fazerem fogo. Um deles trazia um mosquete de rodas. Batiam, entravam e punham-se a

fazer cartuchos. Uma dessas mulheres disse depois:

— Eu nem sabia o que eram cartuchos Meu marido foi que mo disse.

Na rua das Vieilles-Haudrieítes, um grupo arrombava a porta de uma loja de curiosidades, e apossava-se dos yatagans e armas turcas com que nela deparara.

Na rua da Pérola, jazia o cadáver de um pedreiro, morto com um tiro de espingarda.

Além disto, na margem direita, na esquerda, no cais, nos boulevards, no Bairro Latino, nos Mercados, viam-se homens arquejando, operários, estudantes, seccionários, lendo proclamações e gritando às armas, quebrando os lampiões, tirando os cavalos às carruagens, descalçando as ruas, arrombando as portas das casas, arrancando as árvores, dando buscas no interior das habitações, rolando pipas, amontoando pedras, tábuas, cadeiras, mesas, trancas, construindo barricadas.

Se algum burguês passava, obrigavam-no a ajudá-los. Entravam pelas casas dentro, forçavam as mulheres a apresentar-lhes os sabres de seus maridos ausentes e saíam, deixando na parede escrito a giz:

«Ficam entregues as armas».

Alguns assinavam «com os seus nomes», recibos de espingardas e sabres, e diziam:

— Mande buscá-las amanhã a casa do *maire*.

Pelas ruas desarmavam as sentinelas isoladas e os guardas nacionais que encontravam em caminho para a sua municipalidade. Aos oficiais arrancavam-lhes as dragonas.

Na rua do cemitério de S. Nicolau, um da guarda nacional viu-se tãc perseguido por uma turba armada de paus e floretes, que teve de se refugiar numa casa, o que a muito custo conseguiu, da qual só à noite pôde sair, e disfarçado.

Na rua de S. Jacques, viam-se enxames de estudantes saindo em tropel de suas casas, encaminhando-se pela rua de S. Jacinto para o café do Progresso ou para o dos Sete Bilhares, na rua dos Mathurins. Nesses sítios, viam-se alguns rapazes distribuindo armas de cima dos piões Na rua de Transnonain, alguns insurgentes roubavam um armazém de madeiras para as barricadas. Num único sítio faziam resistência os habitantes; era às esquinas das ruas de Saint-Avroye e de Simon-le-Franc, onde eles próprios destruíam a barricada Num único ponto sucumbiam os insurgentes: era na rua do Templo, onde eles abandonavam uma barricada, depois de haver feito fogo sobre um destacamento da guarda nacional, e fugiam pela rua da Cordoaria. Nessa barricada o destacamento encontrou uma bandeira vermelha, um maço de

cartuchos e trezentas balas de pistola. Os guardas nacionais rasgaram a bandeira e levaram os bocados espetados nas pontas das baionetas

Tudo isto, que nós aqui relatamos lenta e sucessivamente, tinha lugar, ao mesmo tempo, em todos os pontos da cidade, no meio de um tumulto imenso, à semelhança de um sem número de relâmpagos acompanhados de um só trovão

Em menos de uma hora, só no bairro dos Mercados levantaram-se do chão vinte e sete barricadas. No centro ficava a célebre casa número 50, que foi a fortaleza de Joana e de seus cento e seis companheiros, e que, flanqueada de uma parte por uma barricada, em Saint-Merry, e da outra por uma barricada, na sua Maubuée, dominava três ruas, a dos Areis, a de S. Martinho e a de Aubry-leBoucher, com a qual defrontava.

Na rua de Montorgueuil e na de Geoffroy-Langevin, Viam-se mais duas barricadas; a primeira prolongava-se em ângulo recto para a Grande Trouandetrie, a segunda para a rua de Saint-Avoy. Sem contar inumeráveis barricadas em mais vinte lugares de Paris, no Marais, na montanha de Santa Genoveva; uma na rua de Menilinontant, onde se via um portão arrancado dos gonzos; outra junto à ponte do Hotel-Dieu, formada de uma carruagem deitada por terra, a trezentos passos da prefeitura de polícia.

Na barricada da rua dos Menestréis, andava um homem bem trajado distribuindo dinheiro aos trabalhadores. Na barricada da rua Grenéta, apareceu um cavaleiro e entregou ao que inculcava ser o chefe da barricada um embrulho, que parecia de dinheiro.

— Aqui tem —, disse ele —, para pagar as despesas, o vinho, etc..

Aqui, via-se um rapaz, de cabelos louros, correndo de barricada em barricada, a levar palavras de ordem. Mais além, via-se outro de sabre desembainhado e com um boné azul de polícia na cabeça distribuindo sentinelas. No interior, isto é, para cá das barricadas, as casas de pasto e os quartos dos porteiros eram transformados em postos de guarda Em suma, a revolta procedia com a mais sábia táctica militar. As ruas, estreitas, sinuosas, desiguais, cheias de ângulos e de voltas, não podiam ser melhor escolhidas, principalmente as das imediações dos Mercados, rede de ruas mais emaranhada que uma floresta. Dizia-se que a Sociedade dos Amigos do Povo fora a que tomara a seu cargo dirigir a insurreição no bairro de Saint-Avoy. Na rua do Ponceau, encontrou-se um homem morto. Revistaram-no e acharam-lhe uma planta de Paris.

O que, realmente, tinha tomado a direcção da revolta era uma como impetuosidade inaudita que andava na atmosfera. A insurreição, num instante, levantara com uma das mãos as barricadas, enquanto com a outra tinha

sufocado quase todos os postos da guarda. Semelhantes a um rastilho de pólvora, os insurgentes, em menos de três horas, tinham invadido e ocupado, na margem direita, o Arsenal, a *mairie* da Praça Real, a fábrica das armas Popincourt, a Galiote, o Château d'Eau, todas as ruas das imediações dos Mercados; na margem esquerda, o quartel dos Veteranos, Santa Pelagia, a praça Maubert, o paiol dos Dois Moinhos e todas as barreiras. Às cinco horas da tarde, estavam senhores da Bastilha, da Lingerie e de Blancs-Manteaux: os seus postos avançados chegavam quase até à praça das Vitórias, ameaçando o Banco, o quartel dos Petits-Pères e a casa do Correio. A terça parte de Paris pertencia à revolta.

Em todos os pontos a luta travava-se gigantescamente: dos desarmamentos, das visitas domiciliárias, das rápidas invasões das oficinas dos armeiros resultava que o combate, principiando às pedradas, continuava a tiros de espingarda.

Por volta das seis horas da tarde, a passagem do Salmão tornava-se um campo de batalha. Numa extremidade achavam-se os revoltosos, na outra a tropa, disparando tiros de um lado para o outro. Um observador, um sonhador, o autor deste livro, foi ver o vulcão de perto e achou-se metido entre os dois fogos, sem ter outra coisa que o escudasse das balas além das saliências das meias colunas que separam as lojas, conservando-se nesta arriscada situação perto de meia hora.

Ao mesmo tempo, soava o toque a reunir, vestiam-se e armavam-se à pressa os guardas nacionais, saíam das *mairies* as legiões, dos quartéis os regimentos. Defronte da passagem da Ancora era apunhalado um tambor. Outro, na rua do Cisne, era assaltado por uns trinta rapazes que lhe esmigalharam o tambor, tirando-lhe o sabre. Na rua do Celeiro de S. Lázaro, era assassinado outro. Na rua de Miguel-le-Comte, caíram mortos três oficiais, uns após os outros. Muitos guardas nacionais chegavam à rua dos Lombardos e voltavam para trás feridos.

Em frente de Cour-Batave, um destacamento de guardas nacionais encontrava uma bandeira vermelha com esta inscrição: «Revolução republicana número 127».

Realmente, aquilo era uma revolução?

Os revoltosos tinham transformado o centro de Paris numa como cidadela inextrincável, tortuosa e colossal.

Era aquele o foco; a questão resumia-se toda ali.

Quanto ao resto, eram tudo simples escaramuças. O que provava que a questão se resolveria toda ali era que o combate, naquele ponto, ainda não tinha principiado. Em alguns regimentos, os soldados estavam indecisos, o que

aumentava a temerosa obscuridade da crise, ao lembrarem-se da ovação popular com que em Julho de 1830 fora acolhida a neutralidade do 53 de linha. Comandavam as tropas, naquela ocasião, dois homens intrépidos e experimentados nas grandes guerras, o marechal Lobau e o general Bugeaud, às ordens do primeiro. Aqui e além, viam-se numerosas patrulhas compostas de batalhões de tropa de linha, fechados por companhias inteiras de guardas nacionais, reconhecendo as ruas insurgidas, precedidos de um comissário de polícia de banda. Pela sua parte, os insurgentes distribuíam vedetas pelas esquinas das encruzilhadas e mandavam patrulhas com toda a ousadia para a parte exterior das barricadas. De ambos os lados, estavam os adversários em observação. O governo, apesar de ter à sua disposição um exército, hesitava; era quase noite e principiava a ouvir-se o sino de Saint-Merry, tocando a rebate. O marechal Soult, ministro da guerra naquela época, que tinha assistido à batalha de Austerlitz, olhava para tudo aquilo com gesto sombrio.

Estes marinheiros velhos, afeitos à manobra correcta, e que só se deixam guiar pela táctica, que é a bússola das batalhas, em presença dessa imensa escuma chamada cólera pública, ficam completamente desorientados. O vento das revoluções torna a manobra difícil.

Dos arrabaldes corriam também alguns destacamentos de guardas nacionais, apressadamente e em desordem. Em S. Diniz via-se um batalhão do 12 de linha, avançando a marche-marche; de Courbevoie chegava o 14; no Carroussel, tomavam posição as baterias da Escola Militar; pelo lado de Vincennes, vinham entrando algumas peças.

As Tulherias principiavam a ficar desertas, porém, Luís Filipe, conservava-se na maior serenidade.

V — Originalidade de Paris

Como noutra parte dissemos, Paris tinha visto mais de uma insurreição dentro do espaço de dois anos. Ordinariamente, fora dos locais da insurreição não há coisa mais estranhamente serena do que a fisionomia de Paris neste dias revoltos Paris depressa se habitua a tudo.

— É apenas uma revolta! — dizem os parisienses, e por tão pouca coisa não se incomodam nem abandonam os numerosos negócios com que se vêem assoberbados.

Só cidades colossais como Paris podem oferecer espectáculos assim Só recintos imensos como o dele podem conter, ao mesmo tempo, a guerra civil e uma não sei que estranha tranquilidade. De ordinário, quando principia uma insurreição, o lojista, ao ouvir os tambores, os clarins, o toque a generala, limita-se a dizer:

— Parece que anda rusga acolá para a rua de S. Martinho.

Ou:

— Para o lado do bairro de Santo António.

Muitas vezes, mesmo, acrescenta com indiferença:

— Ele é para aí para esses sítios.

Passado tempo, quando se ouve distintamente o lúgubre estrondear do tiroteio entre o povo e a tropa, diz o lojista:

— A coisa pega! Bravo! O negócio agora sempre vai a mais!

Um instante depois, se a revolta se aproxima e dobra de fúria, o lojista fecha precipitadamente as portas da sua loja, enfia rapidamente o uniforme, quer dizer, põe a bom recato as suas mercadorias, e arrisca a sua própria pessoa.

Rebenta um tiroteio em cada encruzilhada, em cada beco, em cada esquina; tomam-se, perdem-se, tornam-se a tomar as barricadas; corre o sangue, crivam-se de metralha as fachadas dos prédios, entram as balas pelas casas e matam quem nelas encontram; atulham-se as calçadas de cadáveres, e, no meio de tudo isto, apenas a alguns passos de toda esta efervescência de uma revolta, ouve-se o choque das bolas de marfim dentro das salas dos cafés.

Abrem-se as portas dos teatros; os actores representam, os curiosos conversam e riem a dois passos daquelas ruas, onde tudo é tumulto e guerra. As seges passam, os transeuntes vão jantar onde lhes faz conta, às vezes, mesmo aos lugares onde anda travado o combate. Em 1831, os combatentes - de uma rua interromperam o tiroteio para deixar passar um acompanhamento nupcial.

Por ocasião da insurreição de 12 de Maio de 1839, via-se andar na rua de S. Martinho, da barricada para a tropa e desta para aquela, um velho aleijado, puxando um carro de mão, do meio do qual saía um pau com um farrapo tricolor na ponta. Continha o carro algumas garrafas cheias não sabemos de que líquido, as quais ele andava imparcialmente oferecendo ora à anarquia, ora ao governo.

Não há mais singular espectáculo; é este o característico das revoltas de Paris e em nenhuma outra capital se dão cenas iguais. Para isso seriam necessárias duas coisas: a grandeza de Paris e o seu humor folgazão. Seria mister a cidade de Napoleão e a de Voltaire.

Desta feita, porém, isto é, por ocasião da revolta de 5 de Junho de 1832, a grande cidade sentiu o que quer que fosse maior do que ela. Teve medo. Viram-se, por toda a parte, portas, janelas e postigos fechados em pleno dia, ainda nos lugares mais remotos e «alheios à revolta». Os animosos armaram-se, os poltrões esconderam-se. O transeunte indiferente ou preocupado desapareceu. Muitas ruas viam-se completamente desertas, como às quatro

horas da madrugada. Corriam de boca em boca boatos assustadores, espalhavam-se notícias fatais. Que «eles» estavam senhores do Banco; que só no claustro de Saint -Merry estavam seiscentos, entrincheirados na igreja; que a tropa de linha não estava segura; que Armand Cairel tinha ido falar com o marechal Clausel e que o marechal tinha dito: «Arranjem primeiro um regimento»; que Lafayette se achava doente, porém que assim mesmo lhes dissera: «Estou às suas ordens e segui-las-ei para toda a parte onde houver lugar para uma cadeira»; que era necessário estar de vigia, porque de noite não faltariam ladrões nos lugares mais desertos de Paris (nisto reconhecia-se a imaginação da polícia, essa Ana de Radcliffe adjunta do governo); que na rua de Aubry-le-Boucher se tinha estabelecido uma bateria; que Lobeau e Bugeaud tinham estado em conferência, e que pela meia-noite ou de madrugada, o mais tardar, marchariam quatro colunas, ao mesmo tempo, sobre o centro da revolta, a primeira pelo lado da Bastilha, a segunda pela porta de S. Martinho, a terceira pelo lado da Greve, a quarta pelo dos Mercados; que, provavelmente, as tropas evacuariam Paris, Retirando-se para o Campo de Marte; que não se sabia o que viria a acontecer ou não, mas que, em todo o caso, desta vez o negócio era sério».

Por outro lado, as hesitações do marechal Soult davam azo a numerosas apreensões.

— Porque razão não atacava ele já?

O certo é que o experimentado guerreiro andava profundamente preocupado, como se, leão amestrado, através daquelas sombras, pressentisse pelo faro um monstro desconhecido.

Chegou a noite, porém desta vez os teatros não se abriram; circulavam as patrulhas com gesto irritado; revistavam-se os transeuntes, prendiam-se os que se tornavam suspeitos. Às oito horas, já o número das pessoas presas subia a mais de oitocentas, de modo que se achava atulhada a prefeitura de polícia, a Conciergerie e a Force. Na Conciergerie, especialmente, o comprido subterrâneo denominado rua de Paris estava juncado de molhos de palha, sobre os quais jazia um montão de prisioneiros, a quem Lagrange, o homem de Lyon, arengava calorosamente. Quando eles revolviam toda aquela palha ao mesmo tempo, produzia-se um sussurro semelhante ao de uma forte pancada de água. Além destes, via-se ainda um sem número de presos deitados nos pátios ao relento e quase uns por cima dos outros. Em todos os rostos se via pintada a ansiedade e o temor dos acontecimentos que poderiam sobrevir no dia seguinte.

Nas casas, cada qual tratava de se entrincheirar o melhor que podia, e as mulheres que tinham seus filhos ou maridos fora, cheias de inquietação,

exclamando a cada momento:

— Valha-nos Deus! E ele ainda sem vir para casa!

Pelas ruas já não transitava uma só carruagem; apenas de espaço a espaço, porém com grandes intervalos, se ouvia o rodar de alguma lá ao longe. Os mais animosos vinham às portas escutar os rumores, os gritos, os tumultos, o surdo e indistinto rumorejar, que ora diziam ser a cavalaria, ora os carros do trem a galope, os clarins, os tambores, o tiroteio, e, sobretudo, o lamentoso som dos sinos de Saint-Merry, tocando a rebate, entremeado do estrondear da artilharia. A cada momento, assomavam às esquinas homens desconhecidos, que gritavam:

— Fechem as portas! — e tornavam a desaparecer, ficando cada qual a cumprir o melhor que podia a recomendação por eles feita.

Se tinham tempo de falar, perguntavam uns para os outros:

— Em que virá a parar isto?

De instante a instante, à medida que ia sobrevindo a noite, assim Paris se ia colorindo, cada vez mais lugubremente, do temeroso e coruscante fulgor da revolta.

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO — O ÁTOMO CONFRATERNIZANDO COM O FURACÃO

I — Alguns esclarecimentos sobre a origem da poesia de Gavroche. Influência de um académico sobre essa poesia

O refluxo produzido pela insurreição, quando rebentando do choque entre o povo e a tropa, em frente do Arsenal, determinou um movimento retrógrado na multidão que seguia o coche, e que, para assim dizer, como que pesava, em toda a extensão dos boulevards, sobre a cabeça do préstito, foi terrível. Agitou-se a turba em confusão, romperam-se as fileiras, dispersaram, debandaram, deitaram todos a correr, uns soltando gritos de ataque, outros levando nos rostos a palidez do medo. Num abrir e fechar de olhos, dividiu-se o grande rio que cobria os boulevards, transbordando para um outro lado, e espalhando-se em torrentes impetuosas por duzentas ruas ao mesmo tempo, como uma larga represa a que tivessem repentinamente soltado todos os diques Nessa ocasião, um rapaz esfarrapado que vinha descendo pela rua Menilmontant, trazendo na mão um ramo de codeço florido que havia colhido junto a Beleville, ao avistar no mostrador de uma loja de adelo uma pistola usada, atirou fora o ramo de codeço que trazia na mão e exclamou, pegando na pistola e deitando a fugir:

— Ó tia coisa! A pistola cá vai!

Dois minutos depois, era o gaiato encontrado por uma onda de assustados burgueses, que vinham, fugindo pelas ruas Atnelot e Basse. O gaiato brandia alegremente a pistola que roubara na loja de adelo e ia cantando estes versos:

De noite ninguém vê nada,
Mas de dia vê-se bem
Por qualquer escrito falso
O burguês sente desdém
Da virtude segue o estudo
Tu! Tu! Tu! Chapéu bicudo.

Era Gavroche de caminho para a campanha.

Ao chegar ao boulevard, deu fé que a pistola não tinha gatilho.

Quem era o autor daquela copla, que lhe servia de regular a marcha, e de todas as mais canções que ele, em se lhe oferecendo ensejo, costumava cantar? Ignoramo-lo. Quem sabe? Talvez fosse ele mesmo. Quanto mais, Gavroche sabia toda a colecção de cantigas em voga e punha-lhes de sua casa o seu próprio chilrear. Diabrete e gaiato, formava um «pot-pourri» das vozes da natureza e das vozes de Paris, combinando o reportório das aves com o reportório das oficinas. Mantinha relações com estudantes de pintura, tribo contígua à sua, e temos alguns dados para afirmar que estivera três meses numa tipografia, aprendendo o ofício de impressor. Uma ocasião, fizera um

recado ao senhor Baour Lormlan, membro da academia. Por consequência, Gavroche era um gaiato literato.

Mal imaginava porém Gavroche que aqueles dois rapazinhos, a quem ele, na invernosa noite em que os encontrou, oferecera a hospitalidade do seu elefante, fazendo para com eles o papel de Providência, eram seus próprios irmãos. De modo que, na mesma noite, tinha socorrido seu pai e seus irmãos. Gavroche, apenas se despediu dos bandidos, voltara apressadamente ao elefante, ajudou-os a sair o melhor que pôde de dentro da gaiola em que todos tinham pernoitado, repartiu com, eles do almoço, que o seu génio inventivo conseguiu descobrir, e despedira-os, confiando-os a essa boa mãe, a rua, que quase o tinha criado a ele. Ao dizer-lhes adeus, recomendou-lhes que à noite fossem ter ao mesmo sítio, entremeando esta recomendação com o seguinte discurso:

— Amados petizes, participo-lhes que me esgueiro, por outra, que me piro, ou, como dizem os marinheiros, que me vou fazer de vela! Se não encontrarem o paizinho nem a mãezinha, venham à noite aqui ter. Terão cama e mesa grátis!

Os dois rapazinhos, porém, ou porque tivessem sido presos por vadios ou roubados por algum saltimbanco, ou, simplesmente, se houvessem perdido no imenso labirinto das ruas de Paris, o certo é que não tornaram a aparecer no sítio que lhes aprazara o gaiato. Os baixios do actual mundo social andam cheios destes rastos perdidos. Tinham decorrido três meses depois daquela noite e Gavroche não os tornara a ver. Não poucas vezes, no decurso desse tempo, Gavroche exclamara, coçando a cabeça:

— Que diabo será feito, a estas horas, dos meus dois pequerruchos?

Gavroche, pois, caminhava alegremente com a sua pistola na mão. Ao chegar à rua da Ponte das Couves, reparou que não havia em toda ela mais do que uma loja aberta, e, coisa digna de reflexão, que essa loja era a loja de um pasteleiro. Era uma ocasião providencial de comer ainda um bocado de pudim de batatas, antes de ir experimentar os desconhecidos azares da guerra. Gavroche parou, apalpou-se, procurou, revistou todos os bolsos, não encontrou nada e principiou a gritar:

— Estou roubado!

Realmente, é duro ver falhar o último recurso.

O gaiato, contudo, não deixou por isso de continuar o seu caminho.

Dali a dois minutos, achava-se na rua de S. Luís. Ao atravessar a rua do Parque Real, sentiu necessidade de se desforrar do impossível pudim de batatas, e principiou, com imensa voluptuosidade sua, a rasgar em pleno dia os cartazes afixados nas esquinas.

Mais adiante, ao ver passar um grupo de sujeitos com cara de saúde, e que a ele se lhe afiguraram ser proprietários, encolheu os ombros e atirou à aventura para o ar esta golfada de bílis filosófica:

— Estes senhores rendeiros regalam-se de bons bocados! Olhem que caraças eles têm! Parece mesmo que lhes está a sair a gordura pela pele fora! Perguntem-lhes o que fazem ao dinheiro, a ver se eles sabem! Comem-no, os malditos! Ainda eles comam tanto, que a barriga lhes estoure como uma castanha!

II — Gavroche em marcha

Gesticular com uma pistola sem gatilho, no meio de uma rua, é um meio tão eficaz de entusiasmo, que Gavroche cada vez redobrava mais o seu, gritando por entre os pedaços da *Marselhesa* que ia cantando:

— Corre tudo às mil maravilhas! O pior é uma dor que aqui tenho na pata esquerda, com licença de quem está presente! Mas isso é o mesmo, cidadãos! Vamos a eles, que são uns cães! A respeito de cães, caluda, que me pode ouvir algum espião Um espião é um cão. Exactamente o que falta à minha pistola Com mil diabos! Uma pistola sem gatilho é um podengo sem nariz! Avante, meus amigos, a panela já ferve, toca a escumá-la! Quem for de pêlos, para diante com a cara! Os homens conhecem-se nas ocasiões. Aqui estou eu que vou dar a vida pela pátria, deixando a minha amante ao Deus dará, sem uma côdea para roer! É o mesmo! Viva a pândega! A eles, rapazes! Estou farto de despotismo!...

Neste instante, o cavalo de um lanceiro da guarda nacional que vinha passando caiu, e Gavroche, ao ver o cavaleiro entalado entre o cavalo e as pedras, pousou a pistola no chão, ajudou a levantar o homem, ajudou a erguer o cavalo, pegou outra vez na pistola e seguiu o seu caminho.

Na rua de Torigny era tudo silêncio e solidão. Esta apatia, peculiar ao Marais, contrastava com o imenso rumor que o rodeava À porta de uma casa viam-se quatro «senhoras vizinhas» conversando. A Escócia possui os seus trios de feiticeiras, masParis possui quartetos de senhoras vizinhas, e o «hás-de ser rei» seria tão lugubremente dito a Bonaparte na encruzilhada de Baudoyer como a Macbeth na charneca de Armuyr. Quase seria o mesmo coaxar de rãs.

As matronas de que falamos ocupavam-se, exclusivamente, dos negócios que lhes diziam respeito. Eram três porteiras e uma trapeira, com o seu gancho e cabaz.

Vistas assim de pé, pareciam quatro estátuas representando as quatro fases da velhice a caducidade, a decrepidez, a ruína e a tristeza.

O aspecto da trapeira inculcava humildade. Naquela sociedade ao ar livre, a trapeira corteja, a porteira protege, porque depende dela que o monte do

cisco amontoado ao canto da porta seja mais ou menos abundante, segundo for vontade sua. Pode haver bondade na vassoura.

A trapeira, portanto, que era uma criatura grata, sorria-se e que sorriso! para as três porteiras e conversavam todas quatro em coisas como as que seguem:

— É verdade, e o seu gato ainda é ruim como dantes?

— Bem sabe que os gatos são naturalmente inimigos dos cães; por isso, esses é que se queixam.

— E a gente também.

— E mais as pulgas dos gatos não saltam para a gente.

— Isso não faz ao caso. Todavia, os cães são levados da breca. Lembra-me haver um ano tanta abundância deles, que até os botaram às folhas Era quando havia nas Tulherias uns carneiros muito grandes que puxavam o carrinho do rei de Roma. Lembram-se do rei de Roma?

— Eu gostava muito mas era do duque de Bordéus.

— Eu conheci Luís XVII. Muito gostava eu dele!

— Está a carne pela hora da morte, tia Patagon!

— Ai, nem me fale nisso, que só a gente lembrar-se de semelhante coisa faz tremer! Dá a gente uma mão cheia de dinheiro e ainda por cima é mal servida! E ele custa tanto a ganhar!

— É verdade, isso é que custa! — disse a trapeira, intervindo na conversa. — Vai fraco tempo para o negócio. O lixo agora não presta, porque ninguém já deita nada fora. Comem tudo!

— Ainda as há que têm menos do que vossemecê, senhora Vargoulême.

— Lá isso é verdade — respondeu a trapeira com deferência. — Ao menos eu, ou bom ou mau, sempre tenho o meu modo de vida.

Seguiu-se uma pausa, após a qual a trapeira, cedendo a essa necessidade de expansão que é o fundo da natureza humana, acrescentou:

— Pela manhã, assim que me recolho a casa, despejo o meu cesto e começo a arrumar o que acerto de trazer dentro dele. Tudo são montinhos no meu quarto. Os farrapos deito-os a um cesto e os que são de linho arrumo-os num armário, os traços deito-os numa panela, os farrapos de lã meto-os na cómoda, os bocados de papel ponho-os ao canto da janela, o que ainda pode servir para comer vai para um alguidar, os pedaços de vidro em cima do fogão, os chinelos atrás da porta e os ossos debaixo da cama.

Apenas a trapeira acabara de proferir a última palavra, uma voz exclamou por trás das quatro mulheres:

— Ah, suas velhas! Que diabo estão vocês aí a falar em política?

Era Gavroche, que, ao avistar as velhas entretidas no seu colóquio, parara e

pusera-se a escutar.

Como era de supor, a abrupta interpelação do gaiato foi acolhida pelas quatro velhas com uma saraivada de iradas imprecações.

— Querem vocês ver o espantalho pequeno, o Senhor me perdoe?

— Ele que traz ali nos cotos, salvo seja? É uma pistola?.

— Tu que tens que cheirar aqui, grandíssimo velhaco?

— Esta canalha não descansa enquanto não deitar abaixo o governo!

Gavroche, em extremo desdenhoso para com as iras das quatro mulheres, limitou-se, por única represália, a levantar a ponta do nariz com a extremidade do dedo polegar, abrindo, ao mesmo tempo, o resto da mão.

— Fora, malcriado!— gritou a trapeira.

A que dava pelo nome de tia Patagon bateu as mãos uma na outra, com ar de escândalo, e exclamou:

— Não tem que ver! Está o mundo perdido! Vocês conhecem aquele barbicha ali da esquina? Pois até agora via-o passar sempre pela manhã com uma serigaita pelo braço; hoje vi-o passar dando o braço a uma arma! Disse-me a tia Bacheux que houvera a semana passada uma revolução em... em... ora que não mie lembra... Onde há a vitela! Em Pontoise. E senão vejam, aquele pelintra pequeno, o Senhor me perdoe, ali com uma pistola na mão! Creio que nos Celestinos está tudo atacado de peças. Ora como querem que haja paz com uns mafarricos assim, que não fazem senão causar sustos à gente e meter-nos a todos em trabalhos! E dizermos agora, quando tudo principiava a estar em sossego, depois de tantos barulhos que tem havido! Fortes malditos! Deram cabo daquela santa rainha, que eu vi por meus olhos passar para a guilhotina, e ainda andam com mais coisas, tudo para fazer encarecer o rapé! Já é pouca vergonha! Mas deixa, meu cara estanhada, que também me hei-de regalar de te ver guilhotinar!

— Cala-te lá, centopeia! — disse Gavroche. — Assoa primeiro o promontório, se queres falar!

E, dito isto, continuou o seu caminho.

Ao chegar à rua da Calçada, a trapeira acudiu-lhe à lembrança e teve consigo este solilóquio:

— Fazes mal em insultar os (revolucionários, tia carroça do lixo. Eu, se aqui vou com esta pistola, é para teu bem. É para achares pelas ruas mais coisas que ainda possam servir para comer!.

De repente, porém, ouviu bulha atrás de si e voltou-se. Era a porteira Patagon, que o tinha seguido e lhe gritava de longe, mostrando-lhe o punho cerrado:

— Bem mostras que és enjeitado, pedaço de tratante!

— Sabe que mais, minha avó? — exclamou Gavroche.

— Vá pregar a outra freguesia, que eu não estou para a aturar!

Pouco depois, ao passar defronte do palácio Lamoignon, soltou este brado de guerra:

— A caminho para a batalha!

E, subitamente acometido de um acesso de melancolia, acrescentou com um ar de lástima, que parecia querer enternecer a pistola:

— Que pena! Haver pôr aí tanto cão e tu não teres um!

Em seguida, encaminhou-se para o Olmo de S. Gervásio.

III — Justa indignação de um cabeleireiro

O digno cabeleireiro que expulsara os dois pequenos, aos quais Gavroche franqueara o intestino paternal do elefante, estava naquele momento na sua loja, ocupado em barbear um velho soldado legionário, que servira no tempo do império. Entretanto conversavam. O barbeiro tinha provavelmente falado ao veterano da revolta, depois falaram no general Lamarque e do imperador. Daqui resultara um diálogo de barbeiro e de soldado, que se fosse ouvido por Proudhomme seria enriquecido com arabescos e intitulado: *Diálogo da navalha de barba e do sabre.*

— Que tal montava a cavalo o imperador? — dizia o barbeiro.

— Mal. Não sabia cair; por isso não caía nunca.

— Tinha bons cavalos? Devia ter bons cavalos o imperador.

— No dia em que ele me condecorou, reparei-lhe bem para a cavalgadura. Era uma égua de corridas, toda branca. Tinha as orelhas muito afastadas uma da outra, era muito selada, tinha uma cabeça muito fina, com uma estrela preta na testa, o pescoço muito comprido, os jarretes fortemente articulados, os ilhais salientes, as espáduas oblíquas e forte movimento de garupa. Tinha pouco mais de quinze palmos de altura.

— Bonito cavalo! — disse o barbeiro.

Era o cavalo de Sua Majestade.

O barbeiro conhecendo que era conveniente um movimento de silêncio depois destas palavras, conformou-se com a conveniência e depois continuou:

— O imperador não foi ferido senão uma vez, não é verdade?

O velho soldado respondeu com o acento tranquilo e soberano do homem que presenciou o facto:

— No calcanhar. Foi em Ratisbonne. Nunca o vi tão bem vestido como naquele dia. Estava mesmo um palmito.

— O senhor é que deve ter sido ferido muitas vezes?

— Eu! — retorquiu o soldado. — Nem por isso. Em Marengo levei duas cutiladas na nuca, uma bala no braço direito em Austerlitz, outra na nádega

esquerda em Jena, em Friedland uma baionetada aqui em Moscovo sete ou oito lançadas em diferentes partes, em Lutzen fiquei com um dedo esmigalhado pelo caco de uma granada... Ah! E depois em Waterloo um biscainho numa coxa; e nada mais.

— Como é para invejar! — exclamou o barbeiro num tom pindárico. — A morte no campo da batalha! Eu, palavra de honra, em vez de espichar na cama de uma doença, vagarosamente, e um bocadinho cada dia rodeado de garrafadas e coberto de cataplasmas, antes queria levar com uma bala de artilharia.

— O senhor não é difícil de contentar — disse o soldado.

Tinha apenas o soldado proferido estas palavras, quando um estampido imenso pareceu abalar toda a loja. Era um vidro do mostrador que fora naquele mesmo instante partido violentamente.

O barbeiro tornou-se lívido.

— Valha-me Deus! Ali está uma!

— Uma quê?

— Uma bala de artilharia.

— Aqui a tem — disse o soldado.

E apanhou um objecto que rodava pelo chão. Era um calhau.

O barbeiro correu à vidraça partida e ainda viu Gavroche fugindo a sete pés para o mercado de S. Jean. O gaiato sentindo os dois pequenitos a pesar-lhe no coração e passando pela loja do barbeiro, não pôde resistir ao desejo de o cumprimentar, o que fez atirando-lhe uma pedra aos vidros.

— Ora vejam lá isto! — bramiu o barbeiro, que de branco se tornara azul. — É mesmo o mal pelo mal! O que é que fizeram àquele maroto, não me dirão?

IV — A criança admirada do velho

No mercado de S Jean, porém, cujo posto da guarda já tinha sido desarmado, Gavroche operara a sua junção com um bando capitaneado por Enjolras, Courfeyrac, Combeferre e Feuilly, todos armados ou quase armados Engrossavam o grupo Bahorel e Jean Prouvaire, que se lhes tinham vindo juntar ao caminho. Enjolras levava uma espingarda de caça de dois canos, Combeferre uma espingarda de guarda nacional com o número da legião a que pertencia, e duas pistolas à cinta, as quais se lhe entreviam pela abertura que deixava o casaco desabotoado; Jean Prouvaire uma clavina velha de cavalaria, Bahorel um bacamarte, Courfeyrac uma bengala de estoque, a qual ia brandindo numa das mãos. Feuilly marchava na frente de sabre desembainhado em punho e gritando:

— Viva a Polónia!

Os guerreiros mancebos vinham do cais Morland, sem gravatas, nem chapéus, esbaforidos, ensopados em água, fuzilando relâmpagos no olhar Gavroche uniu-se a eles serenamente e perguntou:

— Para onde é a ida?

— Anda daí também — disse Courfeyrac.

Atrás de Feuilly marchava, ou antes, saltava Bahorel, espécie de peixe nas águas da revolta. Levava um colete vermelho e ia proferindo dessas palavras incendiárias que fazem estremecer tudo. À vista do colete, um homem que ia a passar gritou, tremendo de susto:

— Aí temos os vermelhos!

— Quais vermelhos nem meios vermelhos — replicou Bahorel — O seu medo causa riso, burguês! Eu não tenho medo de uma papoila nem tremo à vista de um capelo encarnado! Olhe, burguês, deixemos o medo do vermelho aos animais cornígeros!

E exclamou logo em seguida, ao avistar numa esquina a mais pacífica folha de papel que podia haver, uma pastoral do arcebispo de Paris, em virtude da qual autorizava o uso de ovos às suas «ovelhas»:

— Ovelhas! É o mesmo que chamar-nos tolos por boas palavras!

E, ao dizer isto, arrancou a pastoral. Este acto de coragem conquistou-lhe as boas graças de Gavroche. Desde esse instante, o gaiato pôs-se a estudar Bahorel.

— Bahorel, tu nisso fazes mal — observou-lhe Enjolras. — Nós não temos nada com os papéis que estão pelas esquinas, por isso devias deixar a pastoral do arcebispo em sossego. Guarda a tua provisão de cólera, não a desbarates tão inutilmente. O fazer fogo é nas fileiras, seja com alma, seja com a espingarda.

— Cada qual para o que nasceu! — retrucou Bahorel.

— Causou-me um não sei quê cá por dentro este aranzel de bispo, porque eu quero comer ovos sem lhe darem licença. Tu és um vulcão debaixo de uma crusta de neve, eu não sou assim, gosto de me divertir. Quanto mais, isto não é malbaratar coisa nenhuma, é para me exercitar. Se rasguei esta pastoral, *Hercle!,* foi para criar ânimo.

Impressionado por aquela palavra, Gavroche, que buscava todas as ocasiões de se instruir, e que se sentia atraído para aquele destruidor de cartazes, perguntou-lhe:

— Que diabo quer dizer *Hercle?*

— Quer dizer santo nome de cão, em. latim! — respondeu Bahorel.

E, ao avistar a uma janela um rapaz pálido e de barba preta, que acudira a vê-los passar, e que de certo era também algum amigo do ABC, gritou-lhe de

baixo:

— Olé! Cartuchos com força. Para *bellum.*

— Belo homem! Já sei — disse Gavroche, que já entendia o latim.

Acompanhava já os rapazes um préstito tumultuoso, composto de estudantes, artistas, jovens filiados na Cougourde de Aix, operários, moços de fretes, uns armados de paus ou baionetas, outros com pistolas metidas por entre as calças, como Combeferre. Marchava no meio do bando um homem, que parecia de idade bastante avançada, sem qualquer arma, e que, apesar do seu ar distraído, fazia diligência por não ficar atrás.

— Quem é este? — exclamou Gavroche, apontando o ancião a Courfeyrac

— É um velho.

Era Mabeuf.

V — O velho

Digamos o que se tinha passado.

Na ocasião em que os dragões principiaram, a avançar, Enjolras e os seus amigos achavam-se no boulevard Bourdon, próximo aos celeiros. Enjolras, Courfeyrac e Combeferre tinham sido dos que haviam deitado pela rua Bassonpierre, gritando: «Às barricadas!» Chegados à rua Lesdiguières, encontraram-se com um velho que vinha em direcção oposta. O que mais lhes atraiu as atenções foi ver o pobre homem caminhando aos ziguezagues, como embriagado. Além disto, apesar de ter chovido toda a manhã e chover ainda naquela ocasião com toda a força, trazia o chapéu na mão. Courfeyrac conheceu logo que era Mabeuf, porque tinha muitas vezes acompanhado Mário até junto da porta dele. Conhecedor, pois, dos pacíficos e mais do que tímidos costumes do velho tesoureiro alfarrabista, e espantado de o ver no meio daquele tumulto a dois passos das cargas da cavalaria, quase no meio de um tiroteio, sem chapéu e à chuva, passeando sossegadamente entre as balas, chegou-se a ele, e então trocou-se o seguinte diálogo entre o revoltoso de vinte e cinco anos e o octogenário:

— Ó senhor Mabeuf! É melhor recolher-se a casa.

— Porquê?

— Porque vamos ter barulho.

— Isso é bom.

— Não hão-de faltar tiros nem cutiladas.

— Isso é bom.

— E até descargas de artilharia.

— Isso é bom. E para onde vão os senhores?

— Deitar o governo a terra.

— Isso é bom.

E principiara a segui-los. Desde aquele momento, porém, não tornara a pronunciar uma palavra. O seu andar tornara-se subitamente firme, de modo que, tendo-lhe alguns operários oferecido o braço, ele acenou com a cabeça que não. Caminhava quase na primeira fileira da coluna, apresentando ao mesmo tempo o movimento de um homem que anda e o rosto de um homem que dorme.

— Que danado de velho! — murmuravam os estudantes.

Corria entre os do bando o boato de que era um antigo convencional, um velho regicida.

O ajuntamento já em extremo numeroso, tomara pela rua dos Vidraceiros. Na frente marchava Gavroche, cantando com toda a força que podia, o que lhe dava ares de uma corneta, os seguintes versos:

Ai, que noite tão bonita,
Tão bonita de luar
Ai, que noite tão serena
Para andar a passear!
Tou, tou, tou,
P'rã *Chateau.*
Eu sem pão, sem pau, sem pedra,
Vou daqui a *Pontevedra.*
Numa fresca madrugada,
Vi dois pardais sentados
A comer e a beber vinho.
Como dois homens casados.
Zi, zi, zi,
Pra Passy.
Eu sem pão, sem pau, sem pedra,
Vou daqui a Pontevedra.
Mais além vi dois lobinhos.
Fartos já de bons bocados,
E três tigres numa gruta,
Rindo muito descansados.
Don, don, don,
Pra Mendon.
Eu sem pão, sem pau, sem pedra,
Vou daqui a Pontevedra.
Ai, que noite tão bonita.
Tão amena de luar;
Ai, que noite tão serena!
Quem não quer vir passear?
Tim, tim, tim,
P'ra Pantin.
Eu sem pão, sem pau, sem pedra,
Vou daqui a Pontevedra.

E assim caminhavam em direcção a Saint-Merry.

VI — Recrutas

O bando engrossava de instante a instante. Nas alturas da rua das Billetes,

reuniu-se-lhes um homem, de meia idade, que nenhum deles conhecia, mas que, pela sua elevada estatura, aspecto rude e ousado, chamou a atenção de Enjolras, Courfeyrac e Combeferre Gavroche, entretido a cantar, a assobiar, a produzir variados sons com a boca, a bater com a coronha da sua pistola sem fechos nas portadas das lojas, nem dele deu fé.

Como o ajuntamento se encaminhava pela rua dos Vidraceiros, onde ficava a casa de Courfeyrac, este julgou a propósito separar-se do bando para subir ao seu quarto buscar o que quer que fosse e exclamou:

— Não deixa de fazer conta. Uma vez que passam pela minha porta, deixem-me ir buscar a bolsa, que me esqueceu, e um chapéu, que o outro... foi-se!

E saindo apressadamente do ajuntamento, foi direito a casa, subiu ao seu quarto, pegou na bolsa e num chapéu velho, e foi igualmente buscar uma espécie de caixa ou baú que jazia enterrado debaixo da roupa suja a um canto. Na ocasião, porém, em que a toda a pressa descia as escadas, a porteira gritou-lhe:

— Senhor de Courfeyrac!

— Como se chama, senhora porteira? — replicou Courfeyrac.

A porteira olhou-o com gesto de estúpido assombro e depois exclamou:

— Ora, o senhor sabe perfeitamente que sou a tia Veuvain!

— Muito bem; pois fique sabendo que, se me torna a tratar por senhor de Courfeyrac, tratá-la-ei por tia de Veuvain. Agora diga lá. Que temos? Que há de novo?

— Está ali uma pessoa que lhe quer falar.

— Quem é?

— Não sei.

— Onde está?

— No meu quarto.

— Ó diabo! — disse Courfeyrac.

— E há mais de uma hora que o espera! — tornou a porteira.

Ao mesmo tempo saiu do cubículo da porteira uma espécie de operário, muito moço, magro, pálido, de pequena estatura, muito sardento, vestido com uma blusa esburacada, umas calças de belbutina remendadas, e que apresentava mais depressa o aspecto de uma rapariga vestida de rapaz do que o de um homem; saiu do cubículo, dirigiu-se a Courfeyrac, e disse-lhe com uma voz que nem por sombras era a de uma mulher:

— Tem a bondade de me dizer se sabe do senhor Mário?

— Não sei.

— Não voltará hoje para casa?

— Não sei.

E Courfeyrac acrescentou:

— Eu é que não volto.

O rapaz fitou nele os olhos e perguntou-lhe:

— Porquê?

— Porque sim.

— Para onde vai o senhor?

— Que tens tu com isso?

— Quer que lhe leve a sua mala?

— Vou para as barricadas.

— Quer que vá com o senhor?

— Se queres vir! — respondeu Courfeyrac. — A rua é de todos.

E deitou a correr para ir juntar-se aos seus amigos.

Quando se lhes tornou a incorporar deu o cofre a um deles para que o levasse. Só passado um quarto de hora reparou que o rapazito os seguia com efeito.

Um ajudante não vai precisamente aonde quer. Já explicámos que é impelido por uma rajada de vento. Assim passou além de Saint-Merry e achou-se, sem saber como, na rua de S. Diniz.

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO — CORINTO

I — História de Corinto desde a sua fundação

Mal imaginam os parisienses de hoje que, ao entrar na rua de Rambuteau, pelo lado dos Mercados, avistam à direita, em frente da rua de Mondétour, uma loja de cesteiro, que tem por tabuleta um cesto figurando o imperador, sobre o qual se lê a inscrição:

NAPOLEÃO É TODO FEITO DE VIME

Nem mesmo lhes passarão pela ideia as cenas terríveis que aquele local, há apenas trinta anos, presenciou.

Era aquele o local da rua de Ghanvrerie, ou Chanverrene, como se lê nos documentos antigos Igualmente era situada nesse sítio a célebre casa de pasto denominada de Corinto.

Todos se lembram do que se disse acerca da barricada levantada naquele local, eclipsada, porém, pela de Saint-Merry É, pois, sobre essa célebre barricada da rua de Chanvrerie, hoje sumida entre profundas sombras, que nós vamos derramar alguma luz Seja-nos lícito ainda recorrer, para clareza da nossa narração, ao meio simples de que já nos servimos com relação a Waterloo. As pessoas que quiserem representar de um modo bastante exacto os grupos de casas que nessa época se elevavam junto da ponta de Santo Eustáquio, no ângulo nordeste dos Mercados de Paris, onde hoje fica *a* embocadura da rua de Rambuteau, não têm mais do que imaginar um N, cujas hastes verticais figurarão a rua da Grande Truanderie e a da Chanvrerie, e a transversal a rua da Pequena Truanderie. Imagine-se mais este N cortado pela antiga rua Mondétour, numa extensão que abarcava as três hastes e formando com todas elas tortuosíssimos ângulos. Resultava daqui ser suficiente o labiríntico cruzamento daquelas quatro ruas para, num espaço de cem toesas quadradas, compreendido entre os Mercados e a rua de S. Diniz de uma parte, e as ruas do Cisne e dos Pregadores da outra, formar sete ilhotas de casas extravagantemente construídas, de diferentes proporções, situadas de esguelha e como que ao acaso, e separadas apenas, à semelhança dos bancos de uma pedreira, por estreitas fendas.

Estreitas fendas, dissemos nós, e cremos que não podemos dar ideia mais exacta do que eram aquelas vielas escuras, apertadas, angulosas e orladas de casarões de oito andares. Era tal a decrepitude destes casarões, que na rua da Chanvrerie e da Pequena Truanderie as fronteiras eram escoradas, na sua maior parte, por vigas ou barrotes, que atravessavam de um para outro lado da rua. Esta era tão estreita e as enxurradas em ocasiões de chuva dilatavam-se por tal modo para fora do seu leito, que quem passava necessariamente se molhava, seguindo ao longo daquelas fileiras de lojas escuras como

subterrâneos e por entre grandes frades de pedra com aros de ferro, enormes montes de lixo e portas de pátios guarnecidas de disformes grades, que atestavam a sua longa idade.

A palavra Mondétour não pode pintar melhor as sinuosidades daquele dédalo. Mais adiante ficava uma rua, a *rua Pirueta,* que vinha desembocar na rua de Mondétour, cujo nome ainda melhor as exprimia.

Era impossível a todo o que, ao sair da rua de S. Diniz, se embrenhasse na da Chanvrerie, deixar de notar que esta se ia gradualmente estreitando diante dele à medida que fosse avançando, como se tivesse entrado num comprido funil. Ao fim da rua, que era sobremodo curta, encontrava-se a passagem tomada do lado dos mercados por uma elevada fileira de casas, de modo que qualquer se julgaria metido num beco sem saída, se logo de um e de outro lado não avistasse dois cortes negros, por onde podia escapar-se. Era a rua de Mondétour, que ia desembocar por um dos lados à rua dos Pregadores, e pelo outro à rua do Cisne e da Pequena Truanderie. No fundo desta espécie de beco sem saída, à esquina da entreaberta da direita, notava-se uma casa menos elevada do que as outras, a qual formava uma espécie de cabo sobre a rua.

Era nessa casa, apenas de dois andares, que, havia trezentos anos, se achava alegremente estabelecida uma casa de pasto ilustre. Era uma mansão de prazer, cujo jovial sussurro contrastava com a natural melancolia daquele mesmo local, a que o velho Teófilo se referiu nesses seus dois versos:

Ali balouça o esqueleto horrível
De um amante infeliz que se enforcou.

O local, porém, era tão afreguesado, que os donos da casa de pasto iam transmitindo o seu mister de pais a filhos.

No tempo de Mathurin Regnier, denominava-se aquela casa de pasto «O Vaso da Roseira», e como eram moda os enigmas, tinha por divisa um poste pintado de cor-de-rosa. No século passado, o digno Natoire, um dos mestres de fantasia, hoje desprezados pela escola metódica, movido de um sentimento de gratidão pela lembrança das muitas vezes que se embriagara naquela casa de pasto, à mesma mesa onde Regnier costumava saciar a sua paixão gastronómica, pintara um cacho de uvas de Corinto no poste cor-de-rosa. Desvairado de alegria, o dono do estabelecimento resolveu mudar a antiga divisa, mandando para isso escrever em letras doiradas, por cima do cacho de uvas, as palavras: «Casa de pasto das uvas de Corinto». Desde então o estabelecimento ficou sendo conhecido pelo nome de Corinto. Não há coisa mais congruente com a índole dos bêbados do que as elipses. Pouco a pouco, o cognome de «Vaso da Roseira» foi sendo destronado pela nova denominação de Corinto, de modo que o último proprietário pertencente à dinastia,

ignorando já completamente a tradição, tinha mandado pintar o poste de azul.

Uma sala no rés-do-chão, onde ficava o mostrador, outra no primeiro andar, onde se achava o bilhar, uma escada de madeira, em espiral, que rompia o tecto, mesas cobertas de copos de vinho, paredes defumadas, velas acesas ainda que fosse dia claro, eis no que consistia a casa de pasto. Descia-se para a adega por uma escada de alçapão, que havia na sala inferior. No andar superior ficavam os aposentos dos Hucheloup, donos do estabelecimento.

Subia-se para eles por uma escada extremamente íngreme, para a qual dava entrada uma porta falsa, situada na sala grande do primeiro andar. Junto ao telhado ficavam dois sótãos reservados para quartos, ou antes, ninhos das criadas. Ficava a cozinha na parte posterior da loja.

Hucheloup, o proprietário da casa de pasto nascera talvez químico, mas o caso é que se achava cozinheiro; em sua casa não se bebia só, comia-se também, isto é, o seu estabelecimento era loja de bebidas e um bocado de casa de pasto. Hucheloup inventara um apetitoso manjar que só em casa dele se comia e que consistia em carpas recheadas, ou, como ele as denominava, «carpas gordas». Comia-se isto à luz de uma vela de sebo ou de um candeeiro do tempo de Luís XVI em mesas cobertas de oleado, em guisa de toalha. Vinham de longe os armadores, atraídos pelo sabor do convidativo acepipe. Um dia, Hucheloup tirou-se de seus cuidados, e julgando a propósito advertir os transeuntes da sua «especialidade», pegou num pincel, molhado em tinta preta feita de pós de sapatos, e como tinha uma ortografia própria, do mesmo modo que possuía uma culinária toda sua, improvisou na parede esta notável inscrição:

CARPES HO GRAS

As chuvas e os gelos de um Inverno tinham tido a fantasia de apagar o S que terminava a primeira palavra e o G que começava a terceira e ficara isto:

CARPE HO RAS

Com a ajuda do tempo e da chuva, tornara-se em profundo conselho um humilde anúncio gastronómico.

Deste modo sucedera que o tio Hucheloup, não sabendo francês soubera latim, fizera sair da cozinha a filosofia, e querendo unicamente suplantar Careine, igualara Horácio. O mais frisante era que o título assim, queria dizer também:

— Entra na minha taberna.

Nada disto existe hoje. O dédalo Mondétour extirpado e largamente aberto já em 1847, provavelmente já não existe hoje; a rua da Chanvrerie e Corinto desapareceram sob a calçada da rua Rambuteau.

Como já dissemos, Corinto era um dos pontos de reunião de Courfeyrac e dos seus amigos. Corinto fora descoberto por Grantaire, o qual ali entrara por causa de *Carpe horas,* e voltara por causa das *Carpes-au-gras.*

Ali comia-se, bebia-se, gritava-se, gastava-se pouco, pagava-se mal, ou mesmo não se pagava, e era sempre bem aparecido. O tio Hucheloup era um bom homem.

Hucheloup, bom homem, como acabamos de dizer, era um baiuqueiro de bigode, variedade muito divertida.

Estava sempre mal encarado, *parecia* querer intimidar os fregueses, resmungava com as pessoas que lhe entravam em casa, e mostrava-se sempre mais disposto a disputar com elas do que a servir-lhes a sopa. Todavia, sustentava o dito: eram sempre bem aparecidas. Esta extravagância dera-lhe voga ao estabelecimento e conduzia-lhe sempre rapaziada, que dizia sempre entre si:

— Vamos ouvir rosnaro tio Hucheloup.

Noutro tempo fora mestre de esgrima. De repente desatava a rir. Voz grossa, pobre diabo. Tinha um fundo cómico com uma aparência trágica; o que ele desejava era assustar, pouco mais ou menos como as caixas de rapé que têm a forma de uma pistola. A detonação faz espirrar.

Tinha por Consorte a tia Hucheloup, que era um ente barbudo, em extremo feio.

O tio Hucheloup morreu por volta de 1830 e com ele desapareceu o segredo das *carpes-au-gras*. A sua viúva pouco consolável, continuou com a taberna; mas a cozinha degenerou e tornou-se execrável, e o vinho que fora sempre mau, tornou-se horrível. Não obstante, Courfeyrac e *os* seus amigos continuaram a frequentar o estabelecimento — por caridade — dizia Bossuet.

A tia Hucheloup era esbaforida e disforme com recordações campestres. Tirava-lhes a insipidez com a pronúncia. Tinha um modo particular de dizer as coisas, que temperava as suas reminiscências aldeãs.

A sala do primeiro andar do «restaurante» era uma casa grande e comprida atulhada de bancos, de cadeiras, de mochos, de mesas e de um bilhar velho e coxo. Subia-se para ali pela escada em espiral que terminava a um canto da sala, numa abertura quadrada, semelhante à escotilha de um navio.

Esta casa, que além da luz de um candeeiro aceso de dia e de noite, só recebia a claridade que lhe entrava por uma janela, tinha o ar de um sótão. Os móveis de quatro pés comportavam-se todos como se tivessem três. As paredes, caiadas, não tinham por ornato senão este quarteto, em honra da tia Hucheloup, escrito a carvão numa delas:

A dez passos espanta, a dois assusta,
Tal é de seu nariz o bom tamanho.
Não será maravilha se algum dia
Outro dilúvio houver, porém de ranho.

A tia Hucheloup, muito bem descrita pelo quarteto, passava desde manhã até à noite por diante dele com a mais perfeita tranquilidade. Duas criadas chamadas Matelote e Gibelotte, às quais nunca se conhecera outros nomes, ajudavam a tia Hucheloup a pôr sobre as mesas os canjirões de vinho e as variadas chanfanas que eram servidas aos famintos em tigelas de barro. Matelote, grossa, roliça, ruiva e berradora, antiga sultana favorita do defunto Hucheloup, era mais feia do que qualquer monstro mitológico; contudo, como é bem que a criada se conserve sempre atrás da ama, era menos feia do que a tia Hucheloup. Gibelotte, alta, delicada, clara, mas de uma alvura linfática, os olhos quase fechados, as pálpebras descidas, sempre exausta e acabrunhada, padecendo do que se poderia chamar cansaço crónico, sendo a primeira que se levantava e a última que se deitava, servia toda a gente, incluindo a outra criada, silenciosa e com agrado, sorrindo sob a fadiga com uma espécie de vago sorriso adormecido.

Antes de Se entrar na sala do «restaurante» lia-se por cima da porta este verso, escrito a giz por Courfeyrac:

Regala-te, se podes; come, se tens ânimo.

II — Alegrias preliminares

Laigle de Meaux, como é sabido, preferia a habitação de Joly a qualquer outra residência. Laigle de Meaux era como os pássaros, aos quais qualquer ramo de árvore serve de morada. Os dois amigos, pois, viviam juntos, comiam juntos, dormiam juntos; tudo entre ambos era comum, mesmo Musicheta, até certo ponto. Eram o que os frades capuchinhos denominam bini. Na manhã do dia 5 de Junho foram almoçar ambos a Corinto. Joly tinha o nariz entupido, porquanto tinha sido acometido de um forte defluxo, que Laigle de Meaux principiava a partilhar. Laigle trajava um casaco desbotado; Joly, porém, ia apuradamente vestido.

Eram quase nove horas da manhã, quando os dois amigos transpuseram o limiar da porta do célebre restaurante e subiram ao primeiro andar, onde foram recebidos por Matelote e Gibelotte.

— Fiambre, queijo e ostras — disse Laigle, e procuraram assento junto a uma das mesas.

A sala estava completamente deserta. Eram os dois amigos os únicos convivas do estabelecimento.

Gibelotte, reconhecendo Joly e Laigle, pôs logo na mesa uma garrafa de vinho.

Quando estavam saboreando as primeiras ostras, viram aparecer uma cabeça na escotilha da escada e ouviram uma voz, dizendo:

— Ia passando, mas fui atacado na rua por um cheiro de queijo de Brie tão delicioso, que não pude resistir à tentação.

Era Grantaire, que logo pegou num mocho e se chegou para a mesa.

Gibelotte, vendo Grantaire, trouxe mais duas garrafas de vinho.

Ficaram sendo três.

— Fazes então tenção de despejar essas duas garrafas? — perguntou Laigle a Grantaire.

Grantaire respondeu:

— Engenhosos são todos, mas ingénuo és só tu. Duas garrafas de vinho nunca causaram espanto a homem nenhum.

Os outros tinham começado por comer, Grantaire começou por beber. Meia garrafa foi rapidamente despejada.

— Tens algum buraco no estômago? — tornou Laigle.

— Também tu tens um, mas é no cotovelo — disse Grantaire.

E depois de ter despejado o copo, acrescentou:

— Laigle das orações fúnebres, tens uma casaca muito velha!

— É por isso que me dou muito bem com ela. Acomoda-se a todas as minhas rugas, não me incomoda em coisa nenhuma, ajeita-se às minhas disformidades, é condescendente com todos os meus movimentos; não a sinto senão porque me aquece. O fato velho é como os velhos amigos.

— Isso é que não tem dúvida! — exclamou Joly, intervindo no diálogo. — Um casaco velho é um abrigo velho.

— Especialmente na boca dum homem que tenha o nariz entupido! — respondeu Grantaire.

— Vens do boulevard, Grantaire? — perguntou Laigle.

— Não.

— Eu e o Joly vimos há pouco passar a frente do cortejo.

— É um espectáculo baravilhoso! — disse Joly, trocando os mm em bb, por causa do seu defluxo.

— Que tranquila é esta rua! — exclamou Laigle. — Quem suspeitaria aqui do tumulto que vai por Paris? Como se conhece ter sido isto por aqui cheio de conventos noutro tempo! Du Breuil e Sauval dão a lista deles, assim como o abade Leboeuf. Não havia outra coisa em todo este sítio; frades calçados, descalços, tonsurados, barbadinhos, pardos, pretos, brancos, franciscanos, mínimos, capuchos, carmelitas, agostinhos maiores, agostinhos menores, velhos agostinhos... enfim, era um nunca acabar!

— Não falemos em frades — disse Grantaire — é uma coisa que faz

comichão.

E em seguida exclamou:

— Puf! Engoli agora uma ostra que não prestava para nada! Aí está a hipocondria outra vez de volta comigo. As ostras estão podres e as criadas feias como não sei que diga! Meus amigos, eu odeio a espécie humana! Passei agora pela rua Richelieu e olhei com náusea para a enorme livraria pública. Aquele monte de cascas de ostras chamado biblioteca tira-me mesmo a vontade de pensar. O que ali vai de papel, de tinta, de garatujas! Escreveu-se tudo aquilo! E, não obstante isto, qual foi o maroto que disse que o homem era um bípede sem penas? Ainda para mais, encontro-me com uma linda rapariga do meu conhecimento, bela como a Primavera, digna de se chamar Floreai, extasiada, transportada, jubilosa, alegre, louca de prazer, a miserável, porque um torpe banqueiro, com a cara cheia de buracos de bexigas, se dignou ontem fazer-lhe fosquinhas! A mulher é assim. Tanto ameiga o merceeiro como o narciso perfumado! São como as gatas, que tanto caçam ratos como pássaros! Ainda não há dois meses que ela vivia honestamente, numa água-furtada, de pregar ilhoses em espartilhos; vocês sabem como isto se chama? Vivia da costura, que é o caso; dormia numa barra de pinho, trabalhava sempre com um vaso de flores ao pé de si, vivia satisfeita. Agora aí a têm banqueira! Operou-se esta noite essa transformação e hoje pela manhã encontrei a vítima muito alegre da sua vida! O que é pouca vergonha é que a brejeira tão bonita era ontem como hoje. Não se lhe conhecia o tratante do banqueiro na cara! As rosas têm de mais ou de menos que as mulheres conhecer-se-lhe o rasto das lagartas. Santo Deus! A moral é coisa que neste mundo não existe! Senão, sirva de prova o mirto, símbolo de amor, o loureiro, símbolo da guerra, a oliveira, essa coisa tão estúpida, símbolo da paz, a macieira, que por um triz não esganava Adão com a pevide, e a figueira, a avó das saias. Quanto ao direito, querem vocês saber o que é o direito? Os Gauleses cobiçam Clusa, Roma protege-a e pergunta-lhes que mal lhes fez Clusa. Brenno responde: «O mesmo que vos fez Alba, o mesmo que vos fez Fidena, que vos fizeram os Equos, os Volscos e os Sabinos. Eram vossos vizinhos. Os Clusenses estão para nós na mesma razão. Entendemos a vizinhança como vós. Vós roubastes Alba, nós tomamos Clusa». Roma disse: «Pois não haveis de tomar Clusa». Mas foi Brenno e tomou Roma. E depois gritou: *«Vae victis».* Aqui tendes. O direito é isto. Ah, o que por esse mundo não vai de aves de rapina! Quase tudo são águias! Tantas, que tenho medo delas!

O rapaz estendeu o copo a Joly, que lho encheu, e prosseguiu, depois de o despejar, quase sem se interromper com este copo de vinho, de que ninguém deu fé, nem ele mesmo:

— Brenno, tomando Roma, é uma águia; o banqueiro, tomando a costureira, é uma águia. Tanta vergonha se dá num como noutro. Portanto, não acreditemos em nada. A única realidade é — beber. Seja qual for a vossa opinião, ou sejais pelo galo gaulês como o cantão de Uri ou pelo galo godo como o cantão de Claris, isso pouco importa, o caso é beber! É verdade, vocês falaram-me há bocado no boulevard, no préstito, etc. Com que então temos mais outra revolução? Realmente, é para espantar esta indigência de meios da parte de Deus. Não sei que diabo é isto, que é preciso que ele esteja a todo o instante a untar os eixos dos acontecimentos! Porque isto não anda; porque as dobradiças estão perras... Já, já uma revolução! Deus já há-de andar com as mãos pretas de estar sempre a lubrificar a máquina! Eu, no lugar dele, não estava lá com meias medidas nem me punha com vagares a concertar o casco para a humanidade fazer a sua viagem; levava o género humano de um encontrão só, urdia os acontecimentos malha por malha, sem quebrar o fio, e não me punha com composturas, com expedientes provisórios, nem admitia repertório extraordinário. Isso que vocês chamam progresso é tocado por dois motores, os homens e os acontecimentos. Porém, triste coisa! De tempos a tempos, torna-se necessário o excepcional. Nem os homens nem os acontecimentos se dão às vezes por satisfeitos com a companhia ordinária, e então é necessário que entre os homens apareçam génios, e entre os acontecimentos se dêem revoluções. São de lei os grandes desastres, e tanto que nem a ordem social os pode dispensar. Para bem dizer, à vista das aparições dos cometas, quase estou em acreditar que até mesmo o céu tem necessidade de actores para as suas representações. No momento em que a gente menos o espera, zás! pega Deus num meteoro, espeta-me com ele na parede do firmamento, e ali aparece uma estrela esquisita, sublinhada por uma enorme cauda, que faz morrer César. Bruto dá-lhe uma punhalada, Deus uma cometada. Não lhes digo nada; anda a gente muito descansada da sua vida, zás!, uma aurora boreal, uma revolução, um grande homem; 93 em grandes letras, Napoleão de sentinela, o cometa de 1811 no cimo do cartaz. Ai, meu belo cartaz azul, todo marchetado de inesperados fulgores! Bum! Bum!, espectáculo extraordinário. Levantai a cabeça, papalvos. É tudo desgrenhado, tanto o astro como o drama. Deus das alturas, é de mais, e não é bastante. Estes recursos, tirados da excepção, parecem magnificência e são pobreza. Meus amigos, a Providência acha-se reduzido a lançar mão de expedientes. Uma revolução! Isso que prova? Que Deus se vê em apuros. Dá um golpe de Estado, por que há solução de continuidade entre o presente e o futuro, e porque ele apesar de ser Deus, não pode chegar a unir as duas pontas. Na verdade, esta circunstância acaba de me confirmar nas minhas

conjecturas sobre a situação de fortuna de Jeová, e a julgar por tantas pobrezas que já vão lá em cima e cá em baixo, à vista de tanta mesquinhez e penúria, de tanta inópia e falta de meios, assim na terra como no céu, desde a ave que não tem um grão de painço até eu que não tenho cem mil libras de renda, à vista do destino humano, que está bastante roçado, e até do destino real, que mostra o fio haja vista ao príncipe de Conde enforcado à face do Inverno, que não é mais do que um rasgão no zénite por onde sopra o vento, a julgar pelo sem-número de remendos que se vêem em tudo, mesmo na púrpura toda nova da manhã no alto das colinas, a julgar pelas gotas do orvalho, que são outras tantas pérolas falsas, a julgar pela geada, que é um diamante fingido, a julgar pela humanidade descosida e pelos acontecimentos já batidos, à vista de tantas manchas no Sol, de tantos buracos na Lua, à vista de tanta miséria em tudo, desconfio que Deus não está lá muito rico. Há aparência, é verdade, mas conhece-se a pobreza que se esconde. Ele dá uma revolução, como o negociante, cujo cofre se acha vazio, dá um baile. Ninguém julgue dos deuses pelas aparências. Entrevejo por baixo das douraduras do céu um universo pobre. A criação ressente-se de bancarrota. É por isso que não estou satisfeito. Ora vejam vocês; estamos a 5 de Junho e é quase noite escura; desde pela manhã que estou à espera do dia, e ele não acaba de chegar nem, estou capaz de apostar, chegará hoje. É uma falta de pontualidade, própria de caixeiro que não anda bem pago. É como lhes digo. Anda tudo fora do eixo, não há uma só coisa que diga com outra, acha-se tudo empenado. Sabem vocês que mais? Passo-me para a oposição. Anda tudo como Deus é servido; está um universo bom para dar cabo da paciência à gente. É como com os filhos; os que os desejam, não os têm, os que os não desejam, vêem-se cobertos deles. Em suma: tenho a paciência ralada, que é o que vos sei dizer. Ainda para maior zanga, aqui está Laigle de Meaux que nem ele sabe o ferro que me mete com a sua calva. Humilha-me só a lembrança de que sou da mesma idade que este joelho, porque tu hás-de saber, meu caro Laigle das elegias sagradas, a tua calva, e a calva de todos os calvos, parece um joelho. Contudo, seja dito em abono da verdade, eu critico, mas não insulto. O universo é aquilo que é. Se falo, é sem má intenção e só para descargo da minha consciência. Recebei, Padre Eterno, os protestos da minha distinta consideração. Oh, por todos os santos do Olimpo e por todos os deuses do Paraíso, eu não nasci para parisiense, quero dizer, para andar sempre, como um volante entre duas baquetas, do grupo dos tafues para o grupo dos trocistas! Eu nasci para turco, para estar um dia inteiro a ver executar por sílfides orientais as delicadas danças egípcias, lúbricas como os sonhos de um homem casto; eu nasci para camponês beaucense, ou para fidalgo veneziano,

rodeado de damas gentis, ou principezinho alemão, contribuindo com metade de um soldado para a confederação germânica, e ocupando as minhas horas de ócio a enxugar os coturnos na minha sebe, isto é, na minha fronteira! Eis os destinos para que eu nasci! Turco, disse eu, e não me desdigo. Não sei porque razão quase sempre se toma a palavra turco em mau sentido; Maomé tem coisas boas; respeito ao inventor dos serralhos de houris e dos paraísos de odaliscas! Não insultemos o maometismo, a única religião que tem por ornamento um galinheiro. A vista disto beberei mais. A terra é uma tolice chapada. E, segundo parece, esses patetas vão bater-se uns contra os outros, esmurrarem as ventas, fazerem-se em postas, no pino do Verão, no mês de Junho, quando, em lugar disso, podiam ir com uma ninfa a reboque pelo braço, aspirar ao campo a imensa chávena de chá dos trigos ceifados. Realmente, ninguém vê senão tolices! Vi há bocado em casa de um adeleiro uma lanterna velha e quebrada, que me sugere uma reflexão. Julgo que já é tempo de esclarecer o género humano. Mas aí vem outra vez a tristeza tomar posse de mim! Vejam o que faz engolir a gente uma ostra e uma revolução à sobreposse! Aí estou eu lúgubre! Oh, velho mundo, velho mundo! És o vaso torpe da desmoralização, da privação, da prostituição, da ambição, da inaptidão!

E Grantaire, após este ímpeto de eloquência, teve um ímpeto de tosse, merecido!

— A propósito de revolução — disse Joly — creio que sempre é certo o Mário estar enamorado.

— Sabe-se por quem? — perguntou Laigle.

— Não.

— Não?!

— Já te disse que não.

— Os amores de Mário! — exclamou Grantaire. — Estou a vê-los daqui. Mário é um nevoeiro que achou talvez uma nebulosa. Mário é de raça poética. Quem diz poeta, diz doido. *«Thymbroeus Apollo».* Mário e a sua Maria, ou a sua Mariette, ou a sua Marion; não devem ser feios os tais amores. Eu percebo bem a coisa: são tudo êxtases em que o beijo é completamente esquecido. São castos na terra, mas desposam-se no infinito. São duas almas que têm sentidos. Dormem juntas no meio das estrelas.

Grantaire ia a encetar a sua segunda garrafa e talvez a sua segunda arenga, quando surgiu da abertura quadrada da escada um novo ente. Era um rapazito de menos de dez anos, esfarrapado, amarelo, com a boca em forma de focinho, olho vivo, cabelos muito crescidos, todo encharcado pela chuva, e com ar satisfeito.

O rapazito, escolhendo sem hesitar entre os três, conquanto não conhecesse evidentemente nenhum, dirigiu-se a Laigle de Meaux.

— O senhor é que é o senhor Bossuet? — perguntou ele.

— Sou — respondeu Laigle — que me queres?

— Eu lhe digo. No boulevard, um sujeito loiro disse-me: Conheces a tia Hucheloup? Conheço, disse eu, na rua da Chanvrerie, a viúva do velho. Ele então continuou: Vai lá, procura o senhor Bossuet e diz-lhe da minha parte A. B. C. Isto é troça, não é verdade?

E deu-me dez soldos.

— Joly, empresta cá dez soldos — disse Laigle, e voltando-se para Grantaire, acrescentou: — Grantaire, empresta-me dez soldos.

E, juntando os vinte soldos, deu-os ao rapazito.

— Muito obrigado — disse ele.

— Como te chamas? — perguntou-lhe Laigle.

— Chamo-me Navet, sou amigo de Gavroche.

— Fica connosco — disse Laigle.

— Almoça com a gente — acrescentou Grantaire.

— Não posso — retorquiu o pequeno — sou do cortejo; eu é que grito abaixo Polignac.

E, recuando muito um dos pés, que é o mais respeitoso dos cumprimentos possíveis, foi-se embora.

Depois do rapaz sair, Grantaire tomou a palavra.

— Aquilo é o gaiato puro. Há muitas variedades no género. O gaiato escrivão chama-se salta-pocinhas, o gaiato cozinheiro chama-se bicho, o gaiato padeiro chama-se moço, o gaiato lacaio chama-se groom, o gaiato marinheiro chama-se pirralho, o gaiato soldado chama-se dançante, o gaiato negociante chama-se paquete, o gaiato cortesão chama-se moço fidalgo, o gaiato rei chama-se delfim e o gaiato deus chama-se menino.

Entretanto, Laigle, que estava meditando, disse a meia voz:

— A. B. C., quer dizer: Enterro de Lamarque.

— O sujeito loiro — observou Grantaire — foi o Enjolras, que te mandou avisar.

— Vamos? — disse Bossuet.

— Está a chover — disse Joly. — Eu jurei ir ao fogo e não à água. Não quero constipar-me.

— Eu fico aqui — retorquiu Grantaire. — Prefiro um almoço a um coche de enterro.

— Em conclusão — tornou Laigle — não vamos. Mas, toca a beber. E depois, pode-se faltar ao enterro sem faltar à revolta.

— A revolta não! — exclamou Joly.

Laigle esfregou as mãos:

-Vai ser retocada a revolução de 1830. Precisa-o bem; está apertada nas cavas, prende os movimentos do povo.

— Para mim é quase indiferente a sua revolução — disse Grantaire. — Não aborreço este governo. É a coroa equilibrada pelo barrete de algodão. É um ceptro terminado em chapéu de chuva. Com efeito, hoje não me tinha lembrado disto — com este tempo poderá Luís Filipe tirar proveito dos dois extremos da sua realeza, estender o extremo do ceptro contra o povo e abrir o extremo chapéu de chuva contra o céu.

A casa escurecera; a claridade acabava de ser suprimida por espessas nuvens. Não estava uma só pessoa na taberna nem na rua; toda a gente tinha ido «ver os acontecimentos».

— É meio-dia ou meia-noite? — gritou Bossuet. — Não se vê nada, Gibelotte, luz!

Grantaire, triste, bebia.

— Enjolras despreza-me — murmurou ele. — Enjolras disse consigo. — Joly está doente e Grantaire bêbado, e, portanto, mandou o recado a Bossuet. Se ele viesse buscar-me, segui-lo-ia. O mal é para ele! Não vou ao enterro.

Adoptada esta resolução, Bossuet, Joly e Grantaire, não se moveram da taberna. Às duas horas da tarde estava a mesa a que se tinham sentado coberta de garrafas vazias. Estavam também ali duas velas acesas, uma metida numa palmatória de latão perfeitamente verde, a outra no gargalo de uma garrafa rachada. Grantaire arrastara Joly e Bossuet para o vinho, Bossuet e Joly tinham reconduzido Grantaire para a alegria.

Quanto a Grantaire, depois do meio-dia ultrapassara o vinho, medíocre fonte de sonhos. O vinho, para os bêbados sérios, não tem senão um êxito de estima. Na ebriedade há a magia preta e a magia branca. Grantaire era um aventuroso bebedor de sonhos. A negrura dá uma embriaguez temível, entreaberta diante dele, em vez de o fazer parar, atraía-o. Deixara de parte as garrafas e lançara mão da caneca. A medida é o abismo. Não tendo ali à mão ópio, nem haxixe, e querendo preencher o cérebro de crepúsculo, recorrera à medonha mistura de aguardente, de cerveja e de absinto, que produz tão terríveis letargos. É dos três vapores, cerveja, aguardente, absinto, que se compõe o chumbo da alma. São três trevas; a borboleta celeste afoga-se nelas; e formam-se ali, num fumo membranoso vagamente condensado em asa de morcego, três fúrias mudas; o Pesadelo, a Noite, a Morte, esvoaçando por sobre psiché adormecida.

Grantaire não chegara ainda a esta fase lúgubre, estava muito longe dela. A

sua alegria era prodigiosa; Bossuet e Joly correspondiam-lhes tocando os copos.

Grantaire juntava à acentuação excêntrica das palavras e das ideias a divagação do gesto; apoiava com dignidade o punho esquerdo no joelho, fazendo esquadria com o braço, e, com a gravata desatada, a cavalo num banco, com o copo cheio na mão direita, dirigia à alentada Matelote estas palavras solenes:

— Abram-se as portas do palácio! Sejam todos da academia francesa para terem o direito de abraçar a senhora Hucheloup! Bebamos!

E voltando-se para a tia Hucheloup, acrescentou:

— Mulher antiga e consagrada pelo uso, aproxima-te, deixa-me contemplar-te!

Joly gritou:

— Matelote e Gibelotte, não dêem mais vinho a Grantaire, que dá cabo de um dinheiro louco. Desde esta manhã que tem devorado em prodigalidades desatinadas dois francos e noventa e cinco cêntimos!

Grantaire continuou:

— Quem foi que despendurou as estrelas sem minha licença, para vir pô-las sobre a mesa à maneira de luzes?

Bossuet, muito embriagado, conservara a sua tranquilidade. Sentara-se no parapeito da janela, que estava aberta, deixando molhar as costas pela chuva e contemplando os dois amigos.

De repente ouviu atrás de si um grande tumulto, passos precipitados e gritos de: «Às armas!» Voltou-se e viu passar na rua de S. Diniz, no extremo da rua da Chanvrerie, Enjolras de carabina na mão, Gavroche com a sua pistola, Feuilly com o seu sabre, Courfeyrac com a sua espada, Jean Prouvaire, Combeferre e Bahorel com as suas espingardas, e enfim, todo o ajuntamento armado e tempestuoso que os seguia.

A rua de Chanvrerie, desde a taberna até ao seu extremo, não era mais comprida do que o alcance duma clavina. Bossuet improvisou com as mãos um porta-voz e gritou:

— Courfeyrac! Courfeyrac!

Courfeyrac ouviu o chamamento, deu alguns passos para a rua de Chanvrerie e gritou um: «Que queres tu?» que se cruzou com um: «Aonde vais tu?»

— Fazer uma barricada — respondeu Courfeyrac.

— Vem fazê-la aqui que é um bom sítio; vem fazê-la aqui!

— Tens razão, Laigle de Meaux! — disse Courfeyrac.

E a um aceno seu a multidão precipitou-se pela rua de Chanvrerie.

III — Em que Grantaire principia a escurecer

Efectivamente, o sítio indicado por Bossuet não podia ser melhor. A rua à entrada era larga e estreita no fundo, em forma de funil, por causa da casa em que se achava estabelecida a locanda da viúva Hucheloup; a rua de Mondétour, fácil de obstruir de um e de outro lado, e, finalmente, dava-se a circunstância de ser impossível qualquer ataque, a não ser pela rua de S, Diniz, isto é, de frente e a descoberto.

Bossuet tinha tido, bêbado, o olhar de Aníbal em jejum.

Com a irrupção do bando ficou a rua em completo susto. Não se tornou a ver nem mais um transeunte. Em menos de um segundo, lojas, portas, janelas, persianas, postigos, trapeiras, grades, fechou-se tudo de alto a baixo, em toda a extensão da rua e circunvizinhanças. Uma velha, aterrada com a ideia das balas, pusera fora da janela um colchão pendurado numa vara de enxugar roupa. Só a casa da locanda tinha ficado aberta, pela simples razão de que o bando havia entrado por ela dentro.

— Ai, Jesus Senhor! Ai, meu Deus! — suspirava a pobre viúva Hucheloup.

Bossuet tinha descido a encontrar-se com Courfeyrac.

Joly acorrera à janela e gritava para baixo:

— Courfeyrac, fazes mal em andar sem guarda-chuva. Olha que te arriscas a constipar-te!

Dentro de poucos minutos, porém, os revoltosos tinham arrancado vinte varões à grade da taberna e descalçado mais de dez toesas de rua; Gavroche e Bahorel tinham-se apoderado e estendido por terra uma carroça de um fabricante de cal, de nome Anceau, a qual conduzia três barricas cheias de cal, que colocaram por baixo das pedras arrancadas à calçada e amontoadas em pilhas; Enjolras tinha levantado o alçapão da adega, de onde tirara todas as vasilhas vazias da viúva Hucheloup para colocar ao lado das barricas de cal; Feuilly, com os seus dedos afeitos a iluminar as delicadas lâminas dos leques, tinha guarnecido as barricas e o carro com dois grossos montes de pedras, pedras arranjadas como o mais, sem se saber onde nem como. Sobre as vasilhas assentavam algumas vigas, que serviam de escoras a uma casa próxima, de onde tinham sido arrancadas pelos revoltosos. Quando Bossuet e Courfeyrac se voltaram, metade da rua achava-se já obstruída por uma trincheira da altura de um homem. Não há coisa mais diligente do que o braço popular para construir aquilo que se constrói demolindo.

Matelote e Gibelotte tinham-se juntado aos trabalhadores. Gibelotte levava para a barricada cestos de entulho. A sua canseira ajudava a construção. Servia pedras como teria servido vinho, com o todo de quem andava a dormir.

No momento de maior fervor, passou na extremidade da rua um omnibus

puxado a dois cavalos brancos.

Bossuet saltou a barricada em começo, deitou a correr para o fim da rua, fez parar o cocheiro, descer os viajantes, dando a mão «às senhoras», despediu o condutor e voltou, conduzindo carro e cavalos pelas rédeas.

— Por diante de Corinto não passam omnibus! — exclamou ele. — *Non licet omnibus adite Corinihum.*

Daí por um instante, os cavalos vagavam à solta pela rua de Mondétour e o omnibus, jazia deitado de lado à entrada da rua, concorrendo para a sua completa obstrução.

A viúva Hucheloup tinha-se refugiado no primeiro andar, espavorida do belicoso aspecto de todos aqueles homens.

Seus olhos desvairados olhavam sem ver; a voz ficava-lhe presa na garganta, como se o susto lha tomara.

— É o fim do mundo! — murmurava ela.

Joly depunha um beijo no gordo, vermelho e enrugado pescoço da viúva Hucheloup e dizia a Grantaire:

— Meu caro, eu sempre considerei o pescoço de uma mulher como uma coisa infinitamente delicada!

Grantaire, porém, atingia as mais altas regiões do ditirambo. Ao dar por Matelote, que tinha subido ao primeiro andar, agarrara-a pela cintura e dizia da janela, soltando grandes gargalhadas:

— Matelote é feia? Matelote é a fealdade ideal! É uma quimera. Querem saber o segredo do seu nascimento? Ei-lo: — Um dia um pigmalião gótico, que fazia carrancas para catedrais, enamorou-se de uma delas, da mais horrível; pediu ao amor que a animasse e saiu daqui Matelote. Ora olhai, cidadãos! Tem os cabelos cor de cromato de chumbo, como a amante de Ticiano, e é uma boa rapariga. Afianço-vos que se há-de bater bem! Toda a boa rapariga encerra em si um herói! Quanto à tia Hucheloup, é uma valorosa velha. Vejam que bigodes ela tem! Herdou-os do marido. É uma granadeira! Vocês verão como ela também se há-de bater! Bastam elas ambas para porem medo a todo o termo!... Camaradas! Havemos de derrubar o governo, tão certo como existirem quinze ácidos intermediários entre o ácido margarico e o ácido fórmico; que, afinal de contas, isso para mim é completamente indiferente. Senhores, meu pai detestou-me sempre, porque eu nunca pude meter dente nas matemáticas. Eu cá não compreendo senão o amor e a liberdade! Sou Grantaire, o bom rapaz! Como nunca tive dinheiro nunca me acostumei a ele, e, por conseguinte, nunca me faltou; porém, se eu fosse rico, não tornava a haver pobres, haviam de ver! Oh, se os bons corações fossem os que tivessem boas burras, outro galo cantaria e as coisas haviam de marchar por outro

trilho! Ora imaginem Jesus Cristo, com a fortuna de Rothschild! Que bem ele não faria! Dá-me um abraço, Matelote! És voluptuosa e tímida! Tens umas faces que atraem beijos de irmã e lábios que estão pedindo beijos de amante!

— Cala-te, pipa! — disse Courfeyrac.

— Sou capitão e mestre dos jogos florais.

Enjolras, que se encontrava de pé em cima da encetada barricada, de espingarda na mão, levantou o belo e austero rosto e fitou Grantaire, Enjolras, como sabem, participava do espartano e do puritano. Com Leónidas teria morrido nas Termópilas, com Cromwell teria ajudado a queimar Drogheda.

— Grantaire! — gritou ele. — Vai cozer a bebedeira para outro sítio! Aqui é o lugar da embriaguez, mas não da bebedice! Não desonres a barricada!

Estas irritadas palavras produziram um efeito singular sobre Grantaire. Dir-se-ia que lhe tinham atirado um copo de água fria à cara. Como que lhe passou de repente a embriaguez. Sentou-se, encostou-se a uma mesa junto da janela, fitou Enjolras com inexprimível meiguice e disse-lhe:

— Então deixa-me aqui dormir.

— Ora, vai dormir para outro sítio! -gritou Enjolras.

Grantaire, porém, tornou a fitar no rapaz o seu olhar embaciado e cheio de ternura e respondeu:

— Deixa-me dormir aqui até morrer!

Enjolras fitou-o com olhar desdenhoso e retorquiu:

— Olha, Grantaire, és incapaz de crer, de pensar, de viver e de morrer!

— Tu verás! — replicou Grantaire com grave inflexão de voz.

Balbuciou ainda mais algumas palavras ininteligíveis pendeu em seguida a cabeça pesadamente para cima da mesa e daí a um instante — costumado efeito do segundo período da embriaguez, para o qual Enjolras rude e, inesperadamente o impelira — tinha adormecido profundamente,

IV — Tentativa de consolação à viúva Hucheloup

Bahorel, extasiado em presença da barricada, exclamou:

— Está a rua decorada! Como isto sabe bem!

Courfeyrac, ao passo que quase demolia a taberna, diligenciava consolar a viúva taberneira.

— Ó tia Hucheloup, não se queixava há dias de que a tinham intimado para pagar uma multa, porque a Gibelotte sacudira um tapete à janela?

— É verdade, senhor Courfeyrac. Valha-me Deus! Também me leva essa mesa para o seu horror? E não só pelo tapete como por um vaso de flores que caiu da água-furtada para a rua extorquiu-me o governo cem francos de multa. Veja se não é desaforo!

— Pois é disso que nós vamos vingá-la, tia Hucheloup.

A tia Hucheloup, naquela reparação que lhe faziam, não parecia compreender muito bem o seu benefício.

Estava satisfeita ao modo daquela mulher árabe, que tendo levado do marido uma bofetada, se foi queixar a seu pai, clamando por vingança e dizendo: «Pai, deves a meu marido afronta por afronta!» O pai perguntou-lhe: «Em que face te deu ele a bofetada?» «Na face esquerda». O pai deu-lhe uma bofetada na direita, dizendo-lhe: «Aí tens. Vai dizer a teu marido que esbofeteou minha filha, mas que eu lhe esbofeteei a mulher».

A chuva cessara. Tinham chegado recrutas. Alguns operários haviam trazido debaixo das blusas um barril de pólvora, um cesto contendo garrafas de vitríolo, dois ou três archotes do carnaval, e uma canastra cheia de tigelinhas de iluminação, «que tinham ficado dos anos do rei».

O festejo deste ano estava muito recente; fora no primeiro de Maio. Dizia-se que aquelas munições eram mandadas por um confeiteiro do arrabalde de Santo António, chamado Pépin. Quebraram o único lampião da rua da Chanvrerie, o da rua de S. Diniz e todos os outros das ruas circunvizinhas da de Mondétour, do Cisne, dos Pregadores, da Grande e da Pequena Truanderie.

Enjolras, Combeferre e Courfeyrac dirigiam tudo. Então construíram-se ao mesmo tempo duas barricadas; apoiando-se ambas na casa de Corinto e formando esquadria; a de maiores dimensões fechava a rua da Chanvrerie, a outra fechava a rua Mondétour do lado da rua do Cisne. Esta última barricada, em extremo acanhada, era apenas construída de pipas e pedras da calçada. Havia nela uns cinquenta trabalhadores, dos quais trinta estavam armados com espingardas, porque, de caminho, tinham feito um empréstimo em globo numa loja de armeiro.

Não havia nada mais extravagante nem mais variegado do que aquele bando. Um estava de quinzena, com sabre de cavalaria e duas pistolas de sela, outro em mangas de camisa, de chapéu redondo e um polvorinho pendente ao lado, outro tinha uma couraça feita de nove folhas de papelão e estava armado com uma sovela de seleiro. Havia também um que gritava: «Exterminemos até ao último e morramos na ponta das nossas baionetas!» O que assim gritava nem baioneta tinha! Outro apresentava em cima da sobrecasaca umas correias e uma patrona da guarda nacional e na capa da patrona lia-se este dístico feito com lã vermelha: «Ordem pública».

Muitas espingardas com os números de diversas legiões, poucos chapéus, nenhuma gravata, grande número de braços nus, bastantes chuços. Juntai a isto todas as idades, toda a espécie de fisionomias, rapazitos magros e lívidos, trabalhadores do porto tisnados pelo Sol. Todos se apressavam e ao passo que mutuamente se ajudavam, falavam sobre as probabilidades possíveis: — que

seriam socorridos pelas três horas da manhã — que contavam com um regimento e que Paris se sublevaria. Conversação terrível em que se divisava uma espécie de cordial jovialidade. Teriam sido todos julgados irmãos e não sabiam os nomes uns dos outros. Os grandes perigos tem isto de bom: patenteiam a fraternidade dos desconhecidos.

Na cozinha tinham acendido um lume, no qual fundiam num molde de balas, canecos colheres e quanto havia de estanho na taberna. Através de tudo isto iam bebendo. Os fulminantes e as balas estavam sobre as mesas no meio dos copos de vinho. Na sala do bilhar, a tia Hucheloup, Matelote e Gibelotte, diversamente modificadas pelo terror, uma embrutecida, outra esbaforida e a outra meia acordada, rasgavam trapos de linho e faziam fios; junto delas estavam três insurgentes, de grandes barbas, que também desfiavam trapos com dedos que pareciam habituados àquele mister e que as faziam tremer de susto.

O homem de elevada estatura que Courfeyrac, Combeferre e Enjolras tinham notado, no momento em que se juntara ao grupo à esquina da rua dos Billetes, estava trabalhando na barricada mais pequena, onde se tornava muito útil. Quanto ao rapaz que esperava por Courfeyrac em sua casa e lhe perguntara por Mário, desaparecera pouco mais ou menos no momento em que fora voltado o omnibus.

Gavroche, radiante e parecendo voar, encarregara-se dos preparativos. Corria de um para outro lado, subia, descia, tornava a subir, gritava, parecia lançar faíscas. Parecia estar ali para dar ânimo a todos. Tinha algum, motor o gaiato? Tinha: a sua miséria. Tinha asas? Decerto: a sua alegria; Gavroche era um turbilhão. Viam-no sem cessar, ouviam-no sempre. Como estava em toda a parte ao mesmo tempo, enchia o ar. Era uma espécie de ubiquidade quase irritante; com ele não havia paragem possível.

A enorme barricada sentia-o na garupa. Repreendia os ociosos, excitava os preguiçosos, reanimava os fatigados, impacientava os pensativos, dava alegria a uns, a fadiga a outros, encolerizava o resto, punha todos em movimento, picava um estudante e mordia um operário; tomava posição, parava, afastava-se depois, voava acima do tumulto e do esforço, saltava destes para aqueles, murmurava, zumbia e inquietava todo o aparelho, qual mosca do imenso coche revolucionário.

O movimento perpétuo residia em seus pequenos braços e o clamor infindo em seus pequenos pulmões.

— Vá, vamos a isto! Mais pedras! Mais pipas! Onde as há para se irem buscar? Venha um cesto de entulho para tapar este buraco. Está muito pequena a barricada. É preciso que cresça. Arrumem-lhe tudo que acharem.

Deitem a casa abaixo. Uma barricada é o chá da tia Gibou. Olhem, aqui está muito à mão uma porta de vidraça!

Isto fez exclamar, cheios de pasmo, os trabalhadores:

— Uma porta de vidraça? O que queres tu que se faça de uma porta de vidraça, tubérculo?

— Tubérculos são vocês! — retorquiu Gavroche. — Uma porta de vidraça numa barricada é uma coisa excelente; não impede que seja atacada, mas incomoda os que a quiserem tomar. Vocês nunca saltaram um muro coberto de fundos de garrafas, para irem palmar maçãs? Uma porta de vidraça corta os calos aos guardas nacionais, quando queiram subir à barricada. Com a fortuna, o vidro é traidor! Vocês, amigos, sabem pouco disto e têm a imaginação pouco desenfreada!

No fim de tudo estava furioso contra a sua pistola sem cão e corria sem cessar, de um a outro, gritando:

— Quero uma espingarda! Dêem-me uma espingarda! Porque me não dão uma espingarda?

— Uma espingarda para ti?! — disse Combeferre.

— Ora essa! — replicou Gavroche. — Porque não? Então não tive uma em 1830, quando se disputou com Carlos X?

Enjolras encolheu os ombros.

— Quando as houver para todos os homens., então se darão às crianças.

Gavroche voltou-se atrevidamente para ele e respondeu-lhe:

— Se fores morto primeiro do que eu, tirar-te-ei a tua.

— Garoto! — disse Enjolras.

— Fedelho! — replicou Gavroche.

Um elegante, transviado do bom caminho e que estava pasmado no fim da rua, operou uma diversão a este incidente.

Gavroche gritou-lhe:

— Eh! Venha para o pé da gente! Então não se faz nada por esta velha pátria?

O elegante fugiu.

V — Preparativos

Os periódicos daquele tempo dizendo que a barricada da rua da Chanvrerie, «construção quase inexpugnável!», como eles lhes chamavam, chegava à altura de um primeiro andar, enganaram-se. O facto é que a sua altura média não era superior a seis ou sete pés. Estava construída de modo que os combatentes podiam à vontade, ou abrigar-se atrás dela, ou dominá-la, e mesmo subir-lhe ao cimo por meio de uma quádrupla fileira de pedras, como degraus pela parte de dentro. Exteriormente a barricada, composta de pedras

de calçada, de pipas seguras por vigas e tábuas, que encaixavam nas rodas da carroça de cal e do omnibus tombado, apresentava o aspecto de um obstáculo eriçado e inextricável. Entre a parede das casas e a extremidade da barricada mais afastada da taberna, tinham deixado uma abertura suficiente para passar um homem, de modo que era possível uma sortida. Na lança do ónibus erguida ao alto sobre a barricada flutuava, segura com cordas, uma bandeira vermelha.

A barricada pequena da rua Mondétour, oculta por detrás da casa da taberna, não se via. As duas barricadas reunidas formavam um verdadeiro reduto. Enjolras e Courfeyrac tinham julgado útil não entrincheirar a outra secção da rua Mondétour, que abre, pela rua dos Pregadores, uma saída para os Mercados, querendo, sem dúvida, conservar possível comunicação com o exterior, receando pouco serem atacados pela perigosa e difícil rua dos Pregadores.

Deste modo, o interior da barricada em que a taberna formava um ângulo saliente com a saída livre, que constituía o que Folard, no seu estilo estratégico, teria chamado um desfiladeiro, e tomando também em linha de conta a exígua abertura que dava saída para a rua de Chanvrerie, apresentava o aspecto de um quadrilátero irregular, fechado por todos os lados. Entre o grande parapeito e as casas que formavam o fundo da rua, havia um intervalo de uns vinte passos, de sorte que podia dizer-se estar a barricada encostada àquelas casas todas habitadas, mas completamente fechadas de alto a baixo.

Este trabalho foi feito sem impedimento em menos de uma hora, sem que aquele punhado de homens atrevidos visse surgir uma barretina nem uma baioneta. Os raros burgueses que se arriscavam ainda naquele momento da revolta a passar pela rua de S. Diniz, olhavam para a rua da Chanvrerie, viam a barricada e dobravam o passo.

Concluídas as duas barricadas e arvorada a bandeira, trouxeram para fora da taberna uma mesa; Courfeyrac saltou para cima dela.

Enjolras foi buscar a caixa quadrada e Courfeyrac abriu-a. A caixa estava cheia de cartuchos. Quando apareceram os cartuchos houve um estremecimento entre os mais bravos e um momento de silêncio.

Courfeyrac distribuiu-os, sorrindo.

Cada um recebeu trinta cartuchos. Muitos tinham pólvora e puseram-se a fazer mais, com as balas que estavam fundindo. Quanto ao barril de pólvora estava sobre uma mesa à parte e ficou de reserva.

O toque da chamada que percorria Paris, não cessava, mas acabara por não ser mais do que um ruído monótono, a que eles não davam atenção. Este ruído ora se afastava, ora se aproximava com lúgubres ondulações.

Todos carregaram ao mesmo tempo as espingardas e as clavinas sem precipitação e com solene gravidade. Enjolras foi postar três sentinelas fora das barricadas, uma na rua da Chanvrerie, a segunda na rua dos Pregadores e a terceira à esquina da Pequena Truanderie.

Depois de construídas as barricadas, distribuídos os postes, carregadas as armas, postadas as vedetas, isolados no meio daquelas temíveis ruas por onde já não passava ninguém, cercados por aquelas casas mudas e como mortas, onde não palpitava o mínimo movimento, envolvidos pelas primeiras sombras do crepúsculo, no meio daquela obscuridade e silêncio em que se sentia avançar o que quer que era, e que tinha não sei que de trágico e de aterrados, sós, armados, resolutos e tranquilos, esperavam.

VI — Enquanto esperavam

Que fizeram eles naquelas horas de espera?

É indispensável que o digamos, porque tudo pertence à história.

Enquanto os homens faziam cartuchos e as mulheres fios, enquanto as vedetas velavam, de armas no braço, pela barricada, enquanto Enjolras incapaz de ser distraído, velava pelas vedetas, reuniram-se Combeferre, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Feuilly, Bossuet, Joly, Bahorel e ainda outros, como nos dias tranquilos das suas palestras de estudantes e num canto da taberna transformada em casa mata, a dois passos do reduto que tinham levantado com as carabinas carregadas e escorvadas, apoiadas nas costas das cadeiras, todos aqueles belos rapazes, tão próximos de uma hora suprema, começaram a recitar versos de amor.

Versos que aqui reproduzimos:

Diz filha, ainda te lembras
Desses tempos descuidados,
Quando eram só nossos sonhos
Sermos amantes e amados?
Juntando aos meus os teus anjos
Ninguém quarenta fizera;
No próprio Inverno sombrio
Nos sorria a Primavera.
Bom tempo era então; bom tempo!...
Vivia a França em banquete.
Certo dia no teu cinto.
Piquei-me num alfinete.
Eras o enlevo de todos;
Se ias ao Prado jantar.
Quantas vezes vi as rosas
De pura inveja corar!...
E então diziam: «Reparem,
Que aroma, que formosura;
Hão-de pender-lhe dos ombros
Asas de esplêndida alvura».

Íamos sós: quem nos via
Punha-se a olhar de soslaio:
Era o doce mês de Abril
Casado com o mês de Maio.
O nosso refúgio humilde
Todo era amor e alegria;
Mal a boca eu descerrava
Tua alma me respondia.
Tivemos junto à Sorbonne,
Tanto idílio de inocência!...
Não se imolava a ternura
Sobre as aras da ciência.
Quando, a perna recurvando,
Teu braço airoso a cingia;
Eu sob o tecto da casa,
Uma estrela a brilhar via,
Li Platão, mas esqueceu-me;
Porém, se esses dedos teus
Uma florinha me davam...
Cria logo no bom Deus.
Que amizade aquela nossa,
E como o tempo desliza...
As vezes via-te ao espelho,
A sorrir... só em camisa.
Como hei-de esquecer-me agora
Dessa quadra de luzeiros,
Quando o amor como avezinha,
Chilreava dias inteiros!
Um vaso, jardim nos era.
Cobria um pano a vidraça;
Em qualquer taça eu bebia
Mas tu em chinesa taça,
E umas desgraças pequenas,
O mantelete a esgarçar,
A efígie de Shakespeare
Vendida para cear...
Beijava-te os braços nédios,
Depois as mãos pequeninas.
Um Dante in-fólio era a mesa
De centos de gelosias.
Quando, no canto em que vivo,
Teus lábios senti nos meus,
Tu saíste em desalinho,
Eu fiquei pensando em Deus,
Dessas auroras perdidas!,
Só resta o vago lembrar.
Oh, como os nossos suspiros
Se hão-de na sombra encontrar!

A hora, o local, as recordações da mocidade, algumas estrelas que começavam a brilhar no céu, o repouso fúnebre daquelas ruas desertas e a iminência da inexorável aventura que se preparava, davam um encanto

patético àqueles versos murmurados a meia voz no crepúsculo por Jean Prouvaire que, como dissemos, era um suave poeta.

Entretanto tinham acendido uma lanterna na barricada pequena, e na grande um daqueles archotes de cera, como os que no dia do entrudo se vêm nas carruagens carregadas de máscaras, que se dirigem para a Courtille. Estes archotes, como se viu, vinham do arrabalde de Santo António.

O archote fora colocado dentro de uma espécie de caixa feita de pedras, fechada por três lados, para o abrigar do vento, e disposto de modo que toda a luz reflectia na bandeira. A rua e a barricada ficavam mergulhadas na escuridão e não se via coisa alguma além da bandeira vermelha, formidavelmente iluminada por uma enorme lanterna de furta-fogo.

Aquela luz juntava ao escarlate da bandeira não sei que terrível púrpura.

VII — O homem recrutado na rua dos Billetes

Tinha já anoitecido e contudo não sobrevinha coisa alguma. Só se ouviam rumores confusos e por instantes alguns tiroteios, mas raro, pouco sustentado e longínquo. Aquela dilação, que tanto se prolongava, era sinal que o governo aproveitava o tempo e reunia as suas forças. Aqueles cinquenta homens esperavam sessenta mil.

Enjolras sentiu-se dominado pela impaciência que se apodera das almas fortes no limiar dos acontecimentos terríveis. De repente foi em busca de Gavroche, que se tinha ido pôr a fazer cartuchos, na casa baixa, à claridade duvidosa de duas velas, colocadas à cautela sobre o balcão, por causa da pólvora que estava espalhada pelas mesas. Aquelas duas velas não davam o mínimo reflexo para a rua. Os insurgentes além disso tinham tido todo o cuidado de não acender luz nos andares superiores.

Gavroche naquele momento estava muito preocupado, mas não precisamente com os seus cartuchos. O homem da rua dos Billetes, acabara de entrar na loja e sentara-se à mesa que estava no ponto mais escuro. Tinha-lhe cabido uma espingarda, de munição, de modelo grande, que conservara entalada nas pernas.

Gavroche até àquele momento, distraído por cem coisas «divertidas», nem mesmo vira o homem. Quando entrou na loja, Gavroche seguiu-o maquinalmente com a vista, admirando-lhe a espingarda e depois, de repente, quando o homem se sentou, o gaiato levantou-se. Os que tivessem espreitado o homem, tê-lo-iam visto observar todos os pormenores da barricada e todos os insurgentes com singular atenção; mas desde que entrara na loja da taberna, parecera recolher-se em si mesmo, dando mostras de não ver nada do que se passava. O gaiato aproximou-se do pensativo personagem e começou a girar à roda dele nos bicos dos pés, como quando se receia acordar

alguém que esteja dormindo. Então em seu rosto infantil, ao mesmo tempo tão descarado e sério, tão estouvado e profundo, tão jovial e pungente, todos esses indescritíveis movimentos que significam: «Ora esta!» «Não pode ser!» «Tenho poeira nos olhos!» «Estou sonhando!» «Pois será?...» «Nada, não é!» «Mas é!» «Não é, não é!», etc., etc.

Gavroche balouçava-se sobre os calcanhares, fechava os punhos dentro da algibeira, movia o pescoço como um pássaro e estendia em desmedida beiçola toda a sagacidade do seu lábio inferior. Estava estupefacto, incerto, incrédulo, convencido, deslumbrado. Apresentava a fisionomia do chefe de eunucos no mercado de escravas, descobrindo-se uma Vénus entre estafermos e o ar de um amador de quadros reconhecendo um Rafael num montão de pinturas insignificantes. Tudo nele se achava em exercício; o instinto que fareja e a inteligência que combina. Era evidente que estava sucedendo grande coisa a Gavroche.

Foi no momento em que estava mais profundamente preocupado, que Enjolras chegou junto dele.

— Tu és pequeno — disse Enjolras — por isso não te verão. Sai das barricadas, percorre essas ruas, sempre encostado às casas e vem contar-me o que vires ou o que ouvires.

Gavroche endireitou-se quanto pôde.

— Então já os pequenos servem para alguma coisa! Uma fortuna! Vou fazer o que me disse! Entretanto, fie-se nos pequenos e desconfie dos grandes...

E Gavroche levantando a cabeça e baixando a voz, acrescentou, designando o homem da rua dos Billetes:

— O senhor vê aquele grande que ali está?

— Vejo.

— É um agente da polícia.

— Estás bem certo disso?

— Ainda não há quinze dias que me tirou pelas orelhas da cornija da ponte Real, onde eu estava tomando ar.

Enjolras afastou-se rapidamente do gaiato e murmurou algumas palavras quase em segredo a um trabalhador do mercado dos vinhos, que ali se encontrava. O trabalhador saiu da loja e tornou a entrar quase imediatamente acompanhado por mais três. Os quatro homens, quatro carregadores de largos ombros, foram-se colocar, sem fazer coisa alguma que pudesse atrair-lhe a atenção, atrás da mesa a que se achava encostado o homem da rua dos Billetes. Estavam evidentemente prontos para se lançarem a ele.

Enjolras aproximou-se então do homem e perguntou-lhe:

— Quem é o senhor?

O homem ouvindo esta pergunta inopinada sobressaltou-se.

Mergulhou a vista até ao fundo das pupilas cândidas de Enjolras e pareceu ir ali abraçar-lhe o pensamento. Sorriu-se com um sorriso que continha tudo que pode haver no mundo de mais desdenhoso, enérgico e resoluto e respondeu com grave altivez:

— Já vejo o que é... Pois bem, não nego!

— Você é espião?

— Sou agente de autoridade.

— Como se chama?

— Javert.

Enjolras fez um sinal aos quatro homens. Num abrir e fechar de olhos, antes que Javert houvesse podido voltar-se, foi agarrado pelo pescoço, lançado por terra, amarrado e apalpado.

Acharam-lhe um bilhetinho circular colocado entre dois vidros, tendo de um lado as armas da França com esta legenda: Vigilância e actividade, e do outro esta menção: JAVERT, inspector de polícia; cinquenta e dois anos de idade; e por baixo a assinatura de Gisquet, então prefeito de polícia.

Além disto, tinha consigo um relógio e uma bolsa com algumas moedas de ouro. Foi-lhe deixada a posse do relógio e da bolsa. Por trás do relógio, no fundo do bolso, foi ainda encontrado um papelinho dobrado em quatro, que Enjolras logo desdobrou e onde leu estas linhas, escritas pelo próprio punho do prefeito da polícia:

«Apenas o inspector Javert tenha desempenhado a sua missão política, assegurar-se-á, por uma vigilância especial, se é verdade aparecerem malfeitores na encosta da margem direita do Sena, junto da ponte de lena.»

Terminada esta investigação, levantaram Javert, prenderam-lhe os braços atrás das costas e amarraram-no no meio da loja àquele célebre poste, que noutro tempo dera o seu nome à taberna.

Gavroche que presenciara toda esta cena, aprovando-a com um silencioso movimento de cabeça, aproximou-se de Javert e disse-lhe:

— Foi o rato que apanhou o gato.

Isto fora tão rapidamente feito, que já estava tudo concluído quando notaram que Javert não soltara um grito, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Combeferre e os mais que estavam na rua, avistando Javert amarrado, correram todos para verem de que se tratava.

Javert, encostado ao poste e tão enleado de cordas que não podia fazer o mínimo movimento, ergueu a cabeça com a intrépida serenidade do homem que nunca mentiu.

— É um espião — disse Enjolras. E voltando-se para Javert: — Dois minutos

antes de tomada a barricada será fuzilado.

Javert replicou no tom mais imperioso:

— Porque não há-de ser já?

— Porque precisamos poupar a pólvora.

— Então acabem isto com uma facada.

— Espião — disse o belo Enjolras — nós somos juízes e não assassinos.

Em seguida chamou Gavroche,

— Não fazes o que te disse?

— Vou já! — gritou Gavroche.

E, parando um instante antes de partir, acrescentou:

— É verdade, não me dá a espingarda? Deixo-lhe o músico, mas quero O fagote.

O gaiato fez uma continência militar e saiu alegremente pela abertura da grande barricada.

VIII — Muitos pontos de interrogação a respeito de um certo Le Cabuc, que não se chamava talvez assim

A pintura trágica que empreendemos não ficaria completa, se o leitor não apreciasse em seu relevo exacto e real, os grandes momentos de parto social e de nascimento revolucionário, em que há convulsão de envolta com o esforço, se omitíssemos no esboço aqui traçado, um incidente cheio de horror épico e feroz, que sobreveio logo após a partida de Gavroche.

Os ajuntamentos, como é sabido, tornam-se uma espécie de bolas de neve e aglomeram rolando um montão de homens tumultuosos. Estes homens não perguntam uns aos outros de onde vêm. Entre os indivíduos que se tinham juntado ao grupo conduzido por Enjolras, Combeferre e Courfeyrac, havia um homem com um jaquetão de moço de fretes, coçado nos ombros, que gesticulava, vociferava e tinha a fisionomia de uma espécie de bêbado selvagem. Este homem, chamado ou alcunhado Le Cabuc, e de todo desconhecido dos que pretendiam conhecê-lo, muito embriagado ou fingindo que o estava, sentara-se com alguns outros a uma mesa que tinha puxado para fora da taberna. Este tal Cabuc, ao passo que instava os que lhe faziam companhia, para que bebessem, parecia observar com ar de reflexão o grande prédio que ficava ao fundo da barricada, cujos cinco andares dominavam toda a rua e faziam frente para a de S. Diniz.

De repente, ele exclamou:

— Sabem uma coisa, camaradas? Daquela casa é que devemos fazer fogo. Em nós estando naquelas janelas, os diabos me levem se há alguém capaz de entrar na rua!

— Sim, mas a casa está fechada — disse um dos bebedores.

— Batamos.

— Não nos abrirão.

— Arrombamos a porta.

Cabuc corre à porta, que tinha uma forte argola de ferro, e bate.

A porta não se abre. Bate segunda vez. Ninguém responde. Terceira vez. O mesmo silêncio.

— Está aqui alguém? — grita Cabuc.

Não se ouve o mínimo rumor.

Então deita a mão a uma espingarda e começa às coronhadas à porta. Era uma velha porta cintada de ferro, baixa, estreita, sólida, toda de carvalho, e forrada por dentro com uma folha de ferro; verdadeiro postigo de uma bastilha.

Todavia, é de crer que os habitantes tivessem por fim ouvido, porque se viu enfim aparecer luz numa fresta quadrada, no terceiro andar e pouco depois mostrar-se nela uma vela e o rosto beato e assustado de um velho, que era porteiro do prédio.

O homem que estava batendo interrompeu-se.

— O que querem os senhores? — perguntou o porteiro,

— Abre! — ordenou Cabuc.

— Ó senhores, isso não pode ser!

— Já te disse que abras!

— É impossível, senhores!

Cabuc meteu a espingarda à cara e fez pontaria ao porteiro, mas como estava em baixo e a noite era muito escura, não foi visto por ele.

— Queres abrir ou não queres?

— Não, senhores!

— Dizes que não?

— Digo que não, meu ami...

O porteiro não terminou a palavra. Disparado o tiro entrara-lhe a bala por baixo do queixo e saíra-lhe pela nuca, depois de lhe ter atravessado a jugular. O velho caiu sobre si mesmo sem soltar um suspiro. A vela caiu e apagou-se e não se viu mais do que uma cabeça imóvel pousada sobre o parapeito da fresta e um pouco de fumo esbranquiçado que se elevava acima do telhado.

— Aí tens! — disse Cabuc, deixando cair no chão a coronha da espingarda.

Mal tinha pronunciado estas palavras sentiu pousar-lhe no ombro uma mão com o peso de uma garra de águia, e ouviu uma voz que lhe dizia:

— Ajoelha!

O assassino voltou-se e viu diante de si o rosto alvo e frio de Enjolras, que tinha na mão uma pistola.

Ouvindo a detonação acudira logo.

Com a mão esquerda agarrara no pescoço, na blusa, na camisa e no suspensório de Cabuc.

— Ajoelha! — repetiu-lhe ele.

E o débil mancebo de vinte anos, dobrou como um junco o mariola membrudo e robusto, obrigando-o a ajoelhar na lama.

Cabuc tentou resistir, mas pareceu-lhe que tinha sido agarrado por um pulso sobrenatural.

Enjolras, pálido, com o pescoço nu, os cabelos despenteados e o seu rosto feminino! apresentava naquele momento certo aspecto da antiga Themis. As ventas dilatadas e os olhos baixos, davam-lhe ao implacável perfil grego a expressão de cólera e da castidade, que segundo o modo de ver do antigo mundo, convinha à justiça.

Toda a gente da barricada correra para o mesmo ponto, dispuseram-se em círculo a certa distância, conhecendo que era impossível pronunciar uma palavra em face do que iam presenciar.

Cabuc, subjugado, já não tentava resistir e tremia como varas verdes. Enjolras largou-o e puxou pelo relógio.

— Recolhe-te em ti — disse-lhe ele — e pede perdão a Deus. Tens um minuto.

— Perdão! — balbuciou o assassino. Depois curvou a cabeça e balbuciou alguns juramentos inarticulados.

Enjolras não afastou os olhos do relógio; deixou passar um minuto e meteu-o em seguida no bolso. Feito isto, deitou a mão aos cabelos de Cabuc, que se lhe enovelava nos joelhos e apoiou-lhe no ouvido a boca da pistola. Muitos daqueles homens intrépidos, que tinham entrado com a maior tranquilidade na mais medonha das aventuras, voltaram a cabeça.

Ouviu-se a detonação, o assassino caiu, batendo com a fronte na calçada e Enjolras endireitou-se, lançando à roda de si um olhar de severa convicção.

Depois deu com o pé no cadáver, dizendo:

— Deitem isto fora.

Três homens ergueram o corpo do miserável, que se agitava com as últimas convulsões maquinais da vida extinta e lançaram-no por cima da barricada pequena, para a rua Mondétour.

Enjolras ficara pensativo. Sob a sua terrível serenidade, espalhavam-se vagarosamente não sei que grandiosas trevas. De repente ergueu a voz. Tudo ficou silencioso.

— Cidadãos — disse Enjolras — o que esse homem fez é medonho, o que eu fiz é horrível. Matei-o; porque matou. Tive que o fazer porque é necessário

manter a disciplina dentro da insurreição; o assassínio aqui é maior crime do que em qualquer outra parte; estamos sob as vistas da revolução, somos os sacerdotes da república, somos as hóstias do dever, é necessário que não possam caluniar o nosso combate. Julguei e condenei à morte esse homem. Quanto a mim, constrangido de fazer o que fiz, mas aborrecendo-o, julguei-me também e dentro em pouco verão ao que me condenei.

Os que estavam escutando estremeceram.

— Participaremos da tua sorte! — exclamou Combeferre.

— Pois seja — tornou Enjolras. — Ainda uma palavra. Punindo esse homem, obedeci à necessidade, mas a necessidade é um monstro do velho mundo; a necessidade chama-se Fatalidade. Ora, a lei do progresso é que os monstros desapareçam diante dos anjos e que a Fatalidade se desvaneça em presença da Fraternidade. Não haverá no futuro trevas nem raios, nem a ignorância feroz, nem o talião sanguinário. Como deixará de haver Satanás, não haverá Miguel. No futuro ninguém matará o seu semelhante, a terra resplandecerá, o género humano amará. Chegará o dia, cidadãos, em que tudo será amor, luz, alegria e vida; há-de chegar e é para que chegue que nós vamos morrer!

Enjolras calou-se. Os seus lábios de virgem cerraram-se: depois permaneceu por algum tempo de pé no lugar em que derramara o sangue, numa imobilidade de mármore. O seu olhar fito fazia que todos falassem baixo em torno dele.

Jean Prouvaire e Combeferre apertaram-se silenciosamente as mãos e encostados um ao outro ao ângulo da barricada, contemplavam com assombro em que havia compaixão, o grave mancebo algoz e sacerdote, de luz como o cristal, mas também de rocha.

Sem nos reservarmos para mais tarde, diremos já que, no fim da acção, quando os cadáveres foram recolhidos e apalpados, para serem em seguida enterrados, foi achada em Cabuc uma nomeação de agente de polícia. O autor deste livro teve em suas mãos, em 1848, o relatório especial que foi apresentado sobre este assunto ao prefeito de polícia em 1832.

Acrescentamos que, dando-se crédito a uma tradição de polícia, estranha, mas provavelmente bem fundada, Le Cabuc era Claquesous. Este malfeitor não deixou O mínimo rasto do seu desaparecimento: pareceu ter-se amalgamado com o invisível. A sua vida compusera-se de trevas; o seu fim foi a noite.

Ainda o grupo insurgente estava todo sob a impressão do trágico processo, tão rapidamente instaurado e tão depressa terminado, quando Courfeyrac tornou a ver na barricada o rapaz que, de manhã procurara Mário em sua casa.

Este rapaz, que tinha um ar atrevido e desleixado, tornara, à noite, a juntar-se aos insurgentes.

LIVRO DÉCIMO TERCEIRO — MÁRIO ENTRA NA SOMBRA

I — Da rua Plumet ao bairro de S. Diniz

Aquela voz que através do crepúsculo chamara Mário para a barricada da rua da Chanvrerie, produzira-lhe o efeito da voz do destino. Queria morrer e a ocasião proporcionava-se-lhe: batia à porta do sepulcro e uma mão no meio da sombra oferecia-lhe a chave. As lúgubres abertas que se apresentam no meio das trevas, diante do desespero, são tentadoras. Mário afastou o varão que tantas vezes o deixara passar, saiu do jardim e disse:

— Vamos!

Enlouquecido pela dor, não sentindo já coisa alguma firme nem sólida no cérebro, incapaz de aceitar o menor favor da sorte, depois daqueles dois meses passados nos arroubamentos da juventude e do amor, acabrunhado ao mesmo tempo por todos os sonhos acordados do desespero, não tinha mais do que um desejo: chegar ao fim.

Começou pois a caminhar apressadamente. Sucedia achar-se armado, por isso que tinha consigo as pistolas de Javert.

O rapaz que julgara ver, desaparecera por uma das ruas próximas.

Mário que saíra da rua Plumet pelo boulevard, atravessou a Esplanada e a ponte dos Inválidos, os Campos Elísios, a praça de Luís XV e chegou à rua de Rivoli. Ali conservavam-se as lojas abertas, o gás iluminava as arcadas, as casas de modas estavam cheias de senhoras fazendo compras, o café Laiter cheio de gente tomando gelados, e na Pastelaria Inglesa davam-se do mesmo modo grande consumo aos bolos, O que havia unicamente de notável eram as carruagens de posta que saíam a galope do Hotel dos Príncipes e do Hotel Maurice.

Mário encaminhou-se para a rua de Santo Honorato, pela passagem Delorme. Ali estavam as lojas fechadas, os lojistas conversavam diante das suas portas entreabertas, os transeuntes circulavam, os lampiões estavam acesos, e a partir do primeiro andar, em todas as janelas se via luz, como sucedia ordinariamente. Na praça do Palais-Royal estacionava uma força de cavalaria.

Mário seguiu pela rua de Santo Honorato. À medida que se afastava do Palais-Royal, via menos janelas iluminadas; as lojas estavam completamente fechadas, não se via ninguém a conversar a uma ou a outra porta, a rua tornara-se sombria e ao mesmo tempo espessa multidão. Por que a gente que então passava ia em turba. Não se ouvia falar ninguém naquele ajuntamento, não obstante sair dele surdo e profundo» zumbido.

Próximo do chafariz da Árvore Seca, viam-se alguns ajuntamentos, grupos

imóveis e sombrios, que se mantinham entre os que iam e os que vinham, quais pedras no meio da água corrente.

À entrada da rua dos Prouvaires já a multidão não caminhava. Era um rochedo resistente, maciço, sólido, compacto, quase impenetrável, de gente amontoada falando em voz baixa. Quase se não via ali uma sobrecasaca ou chapéu redondo. Blusas e barretes, cabeças eriçadas e terrosas. Esta multidão ondulava confusamente no meio do nevoeiro nocturno. O seu segredar tinha o acento rouco de um bramido. Conquanto não andassem ouvia-se o bater dos pés na lama. Além desta espessura de povo, na rua do Roule, na dos Prouvaires e no prolongamento da de Santo Honorato, não havia uma única janela em que brilhasse luz. Viam-se internar pelas ruas as fileiras solitárias e decrescentes dos lampiões. Os lampiões daquele tempo assemelhavam-se a grandes estrelas vermelhas penduradas em cordas e projectavam na rua uma sombra que tinha a forma de uma grande aranha. Estas ruas não estavam desertas. Distinguiam-se nelas sarilhos de armas, baionetas movendo-se e tropa em expectativa. Nenhum curioso ultrapassava aquele limite. Ali cessava a circulação. Ali terminava a multidão e começava o exército.

Mário «queria», com vontade do homem que já não espera coisa nenhuma. Tinham-no chamado era preciso que fosse. Achou meio de atravessar a multidão, o espaço ocupado pelas tropas; ocultou-se às patrulhas e evitou as sentinelas. Fez um rodeio, chegou à rua Bêthisy e dirigiu-se para os Mercados. A esquina da rua dos Bourdonnais já não havia lampiões.

Depois de ter passado a zona da multidão, ultrapassara a raia das tropas e achou-se num lugar desconhecido e medonho. Nem um transeunte, nem um soldado, nem uma luz; ninguém. A solidão, o silêncio, a noite; não sei que frio que entorpecia. Entrar numa rua era entrar num subterrâneo.

Mário continuou a avançar.

Deu alguns passos. Junto dele passou alguém correndo; era homem ou mulher? Uma ou mais pessoas? Não o teria podido dizer. O que quer que era passara e desaparecera.

De círculo em círculo chegou a uma rua que julgou ser a da Poterie: e a meio desta rua tropeçou num objecto indistinto. Estendeu as mãos. Era, uma carroça tombada; com os pés reconheceu que havia ali poças de água e muitas pedras, umas dispersas, outras amontoadas. Estava numa barricada apenas esboçada e abandonada logo em seguida. Trepou pelas pedras e achou-se do outro lado da projectada trincheira. Caminhava muito chegado aos poiais e guiando-se pelas paredes das casas. Pouco adiante da barricada afigurou-se-lhe ver um objecto esbranquiçado.

Aproximou-se, e então o que se lhe apresentara de um modo vago tomou

forma. Eram dois cavalos brancos: os cavalos do omnibus apreendido por Bossuet, que tinham divagado ao acaso de rua em rua durante todo o dia, acabando por parar ali, com a paciência prostrada dos animais, que não compreendem melhor as acções do homem do que o homem as acções da Providência.

Mário não fez caso dos cavalos. Quando ele chegava a uma rua que lhe pareceu ser a do Contrato Social, ouviu um tiro de espingarda disparado não soube donde, e cuja bala atravessando a escuridão ao acaso, sibilou muito perto dele e foi furar uma bacia de latão, que estava pendurada à porta de um barbeiro. Em 1846 via-se ainda na rua do Contrato Social, à esquina dos pilares dos Mercados, aquela bacia de latão furada.

Mas aquilo foi ainda um indício de vida. A partir daquele momento não encontrou mais coisa nenhuma. Este itinerário assemelhava-se todo a uma descida por negros degraus.

Mário nem por isso deixou de ir avante, como se, no meio da escuridão que o rodeava, entrevisse, enfim, o termo infalível das suas angústias.

II — Paris de noite

O ente que naquele momento tivesse pairado sobre Paris com as asas do morcego ou da coruja, teria sob a vista um triste espectáculo.

Todo o velho sítio dos Mercados, que é como uma cidade na cidade, atravessado pelas ruas de S. Diniz e de S. Martinho, onde se cruzam mil becos e de que os insurgentes tinham feito o seu reduto e sua praça de armas, ter-se-ia afigurado um enorme buraco sombrio feito no centro de Paris. Ali a vista caía num abismo.

Graças aos lampiões quebrados, graças às janelas fechadas, cessara todo o brilho, toda a vida, todo o rumor, todo o movimento. A invisível polícia da revolta velava por toda a parte e mantinha a ordem, isto é, a noite. Mergulhar o pequeno número numa vasta escuridão, multiplicar cada combatente pelas possibilidades contidas por esta escuridão, é a táctica necessária da insurreição.

Ao anoitecer toda a janela em que aparecera uma luz recebera uma bala. A luz apagava-se, e algumas vezes ficava morto o habitante. Assim, coisa alguma se movia. Nas casas não havia mais do que susto, luto e pasmo; nas ruas uma espécie de terror sagrado. Nem mesmo se distinguiam as grandes fileiras de janelas, os muitos andares, a desigualdade dos telhados e das chaminés, os reflexos vagos que luzem na rua molhada e lamacenta. Os olhos que de alto tivessem olhado para aquele montão de sombra teriam entrevisto talvez num ou noutro ponto, de distância, em distância, umas claridades indistintas tornando salientes linhas interrompidas e extravagantes vultos de construções

singulares, coisas semelhantes a clarões divagando por entre ruínas; era onde estavam as barricadas. O resto era um lago de escuridão, nebuloso, pesado, fúnebre, acima do qual se erguiam sombras imóveis e lúgubres, a terra de S. Jacques, a igreja de S. Merry e mais dois ou três dos grandes edifícios de que o homem faz gigantes e a noite fantasmas.

Em torno de todo aquele labirinto deserto e inquietador, nos lugares em que a circulação parisiense não estava abolida, onde brilhavam alguns raros lampiões, teria o observador aéreo podido distinguir a cintilação metálica dos sabres e das baionetas, o rodar surdo da artilharia, os movimentos dos batalhões silenciosos, engrossando de minuto a minuto; cinto formidável, que vagarosamente se apertava e fechava em torno da revolta.

O bairro cercado não era mais do que uma espécie de monstruosa caverna; tudo ali parecia adormecido ou imóvel, e como se acabava de ver, nenhuma das ruas onde se podia penetrar apresentava nada além da sombra.

Sombra feroz, cheia de ciladas, de embates desconhecidos e temíveis onde era medonho penetrar e espantoso permanecer, onde os que entravam estremeciam diante dos que estavam prestes a chegar. Combatentes invisíveis entrincheirados a cada esquina da rua, emboscados do sepulcro ocultos nas espessuras da noite. Estava tudo acabado. Já não havia a esperar outra claridade que não fosse o relâmpago das espingardas, nem outro encontro além da aparição inopinada e rápida da morte. Onde? Como? Quando? Não se sabia: mas era certo e inevitável.

Ali, naquele lugar designado para a luta, iam aproximar-se às apalpadelas o governo e a insurreição, a guarda nacional e as sociedades populares, a burguesia e a revolta. Tanto para um como para outros a necessidade era a mesma. Saírem dali mortos ou vencedores, era o único fim possível. Situação de tal modo extrema, obscuridade de tal modo poderosa, que os mais tímidos sentiam-se ali resolutos e os mais destemidos aterrados.

Quanto ao mais, de ambos os lados a mesma fúria, o mesmo encarniçamento, a mesma determinação. Para uns, avançar era morrer, e ninguém pensava em fugir. Era necessário que ao amanhecer tudo estivesse concluído, que o triunfo estivesse num ou no outro lado, que a insurreição fosse uma revolução ou uma escaramuça.

O governo compreendia-o tão bem como os partidos; percebia-o o mais insignificante burguês. Daqui um pensamento aflitivo que se casava com a impenetrável sombra daquele bairro onde tudo se ia decidir; daqui um aumento de ansiedade em volta daquele silêncio, donde ia sair uma catástrofe. Não se ouvia senão um ruído aflitivo como um estertor, ameaçador como uma maldição: era o toque de rebate em S. Merry. Não havia nada mais

gélido do que o clamor daquele sino desorientado e desesperado, lamentando-se no meio das trevas.

Como não poucas vezes sucede, parecia que a natureza se tinha posto de acordo com o que os homens iam fazer. Coisa nenhuma discordava das funestas harmonias daquele conjunto. As estrelas haviam-se sumido, o horizonte cobria-se de grossas nuvens, que abarcavam nas suas melancólicas dobras toda a amplidão do espaço. Aquele céu escuro por cima daquelas ruas mortas era uma como imensa mortalha estendida por sobre um túmulo imenso.

Ao mesmo tempo, porém, que naquele local, já testemunha de tantos outros sucessos revolucionários, se preparava mais uma batalha política; ao mesmo tempo que a mocidade, as associações secretas, as escolas e a classe média se aparelhavam para um temeroso recontro, as primeiras em nome das teorias, as últimas em nome do interesse, recontro em que mutuamente desejavam estreitar-se e derrubar-se; ao mesmo tempo que cada qual apressava e ansiava a hora extrema e decisiva da crise, em que deviam sucumbir ou vencer, longe daquela estância fatal, na mais profunda das insondáveis cavidades de Paris, do Paris decrépito e miserável, encoberto sob o esplendor do Paris feliz e opulento, ouvia-se o rumorejar surdo da sombria voz do povo, aparelhando-se também para a luta suprema.

Voz temerosa e santa, que participa do rugido do animal e da palavra de Deus, voz que amedronta os fracos e adverte os sábios, voz que, ao mesmo tempo, parece elevar-se da terra, como o bramido do leão, e descer do céu, como o ribombo do trovão.

III — Últimas extremidades

A este tempo, Mário havia chegado aos Mercados.

Neste ponto, jazia tudo ainda mais silencioso, escuro e imóvel do que nas ruas circunvizinhas. Dir-se-ia que da terra tinha surgido gélida a paz do túmulo para se espalhar pelo espaço.

No meio, porém, deste fundo escuro, avistava-se um clarão avermelhado, que fazia destacar os elevados telhados das casas que fechavam a rua da Chanvrerie, pelo lado de Santo Eustáquio. Era o reflexo do archote que ardia na barricada construída junto à casa de pasto de Corinto. Guiado por aquele clarão, Mário chegara até ao mercado das Acelgas, de onde já entrevia a escura entrada da rua dos Pregadores, pela qual tomou, sem ser pressentido pela vedeta dos insurgentes que estacionava na extremidade oposta, de ouvido atento aos rumores que pudessem elevar-se das trevas. Mário, ao sentir-se tão próximo do que ia procurar, caminhava em bicos de pés, como se receasse que algum imprevisto obstáculo lhe surgisse da terra, despertado pelo rumor

dos seus passos. Chegado assim junto à esquina da pequena secção da viela de Mondétour, que era, como os leitores hão-de estar lembrados, a única comunicação com o exterior, deixada livre por Enjolras, Mário, antes de dobrar a última casa à esquerda, estendeu o pescoço e olhou.

Um pouco além do ângulo escuro da travessa e da rua da Chanvrerie que projectava uma grande sombra, em que ele próprio estava mergulhado, avistou certa claridade que dava nos montões de pedras, viu parte da taberna, e por trás uma lanterna pestanejando numa espécie de muralha informe e homens sentados com espingardas sobre os joelhos.

Tudo isto estava a dez toesas dele. Era o interior da barricada. As casas que orlavam a rua do lado direito, ocultavam-lhe o resto da taberna, a grande barricada e a bandeira. Mário não tinha que dar senão um passo.

O infeliz mancebo sentou-se então num poial, cruzou os braços e pensou em seu pai. Pensou naquele heróico coronel Pontmercy, que fora tão bravo soldado, que guardara com a república a fronteira da França e tocara com o imperador a fronteira da Ásia, que tinha visto Génova, Alexandria, Milão, Turim, Madrid, Viena, Dresden, Berlim, Moscovo; que deixara em todos os campos de vitória da Europa gotas daquele mesmo sangue, que ele, Mário, tinha nas veias, que encanecera antes da idade própria, no meio da disciplina e do comando, que vivera com o cinturão afivelado, as dragonas caindo-lhe para o peito, o laço enegrecido pela pólvora, a fronte enrugada pela barretina, sob a barraca, no acampamento, nas ambulâncias, e que no fim de vinte anos voltara das grandes guerras, com a face acutilada, o rosto risonho, simples, tranquilo, admirável, puro como uma criança, tendo feito tudo em pró da França e nada contra ela.

Disse consigo que lhe tinha chegado também o seu dia, que a sua hora havia enfim soado, que depois de seu pai, ia pela sua vez, ser bravo, intrépido, destemido, correr ao encontro das balas, oferecer o peito às baionetas, derramar o seu sangue, procurar a morte; que ia também fazer a guerra e entrar no campo de batalha, que esse campo de batalha era a rua, e a guerra que ia fazer a guerra civil.

Viu a guerra civil aberta como um; abismo adiante de si e viu que se ia precipitar nele. Então estremeceu.

Lembrou-se da espada de seu pai, que seu avô vendera a um adelo, venda que ele tão dolorosamente lastimara. Disse consigo que aquela valente e casta espada fizera bem em fugir-lhe e em desaparecer irritada nas trevas; que se ela assim tinha fugido, fora por ser inteligente e por que previra o futuro, fora porque pressentira a revolta, a guerra das enxurradas, a guerra das ruas, os tiros pelos respiradouros dos subterrâneos, os golpes dados e recebidos pelas

costas; fora porque vindo de Marengo e de Friedland não queria ir para a rua da Chanvrerie; porque depois do que fizera com o pai, não queria assim proceder com o filho! Disse consigo que se tivesse aquela espada, se tendo-a achado à cabeceira de seu pai falecido, ousasse pegar-lhe e trazê-la para aquele combate nocturno entre franceses numa encruzilhada, queimar-se-lhe-ia indubitavelmente as mãos e mostrar-se-lhe-ia flamejante como a espada do anjo! Concluiu que era felicidade não a possuir, ter ela desaparecido, que assim devia ser, que era uma coisa justa, que fora seu avô o verdadeiro guarda de honra de seu pai, e que era preferível que a espada do coronel fosse apregoada em leilão, vendida ao adelo lançada nos ferros velhos, a que sangrasse naquele dia o flanco da pátria.

Depois desatou a chorar amargamente.

Era uma coisa horrível. Mas o que havia de fazer? Viver sem Cosette não podia. Uma vez que ela tinha partido, era indispensável que ele morresse. Não lhe tinha dado a sua palavra de honra de que morreria Cosette partira sabendo isto; logo agradava-lhe a sua morte. E depois, era evidente que ela já não o amava por isso que assim o tinha deixado, sem o advertir, sem uma palavra, sem uma carta, conhecendo-lhe a morada. Para que continuaria a viver? Quando não fosse por outras considerações, não o deveria demover a de ter ido até ali para recuar? Ter-se aproximado do perigo... fugir dele? Ter ido olhar para a barricada e esquivar-se todo trémulo e dizendo: com efeito, basta-me o que eu vi, é suficiente, é a guerra civil; portanto, retiro-me! Abandonar os seus amigos que o esperavam, que precisavam talvez dele, que eram um punhado de homens contra um exército? Faltar a tudo ao mesmo tempo, à amizade, à sua palavra? Dar à sua fraqueza o pretexto do patriotismo? Mas isso era impossível; e se o fantasma de seu pai estivesse ali, na sombra, e o visse recuar, bater-lhe-ia com a espada de prancha e gritar-lhe-ia: «Para a frente, cobarde!»

Preso do vaivém dos seus pensamentos, Mário curvara a cabeça.

De repente ergueu-a. Acabava de se lhe operar no espírito uma espécie de esplêndida rectificação. Há uma dilatação de pensamento, que é própria das vizinhanças do túmulo; estar próximo da morte faz ver a verdade. Visão da acção na qual se sentia talvez prestes a entrar, apareceu-lhe, não já lamentável, mas soberba. A guerra da rua transfigurou-se-lhe subitamente, por não sei que trabalho íntimo da alma, aos olhos do pensamento. Todos os tumultuosos pontos de interrogação do seu sonho acordado se lhe apresentaram novamente em turba, mas sem o perturbar. Não deixou nenhum sem resposta.

Vejamos; porque se indignaria seu pai? Não há porventura casos em que a

insurreição sobe à dignidade de dever? O que haveria pois de humilhante para o filho do coronel Pontmercy no combate que ia travar-se? Já não é Montmirail nem Champaubert, é outra coisa. Não se trata já de um território sagrado, mas de uma ideia santa. A pátria lastima-se, pois seja; mas a humanidade aplaude. E no fim de tudo, é realmente verdade que a pátria se lastima? A França sangra, mas a liberdade sorri; e a França, em presença do sorriso, da liberdade, esquece-se da sua ferida. E depois, vendo as coisas de mais alto ainda, o que poderiam dizer da guerra civil?

Guerra civil? Que quer isto dizer? Há alguma guerra estrangeira? Porventura não são todas as guerras entre irmãos? A guerra não se qualifica senão pelo seu fim. Não há guerra estrangeira nem guerra civil; não há senão a guerra injusta e guerra justa. Até ao dia em que se conclua a grande concordata humana, a guerra, pelo menos a que é o esforço do futuro, que se apressa contra o passado que se demora, pode ser necessária. O que é que têm a repreender a esta espécie de guerra? A guerra não se torna vergonhosa e a espada não se torna punhal senão quando assassina o direito, o progresso, a razão, a verdade. Então guerra estrangeira ou civil, é iníqua; chama-se crime. Fora desta coisa santa, a justiça; com que direito uma forma de guerra desprezará a outra? Com que direito poderá a espada de Washington renegar o chuço de Camillo Desmoulins? Qual tem maior vulto, Leónidas contra o estrangeiro, ou Timoléon contra o tirano? Um é o defensor, o outro o libertador. Manchar-se-á, sem se ter em vista o fim, todo o emprego de armas no interior da cidade? Então apontem com infâmia Brutus, Arnould de Blankénheim, Coligny. Guerra de valados? Guerra de ruas? Porque não? Era a guerra de Ambiorix, de Artevelde, de Marnix, de Agneessens. Mas Ambiorix lutava contra Roma, Artevelde contra a França, Marnix contra a Espanha, Agneessens contra a Áustria; todos contra o estrangeiro.

Pois bem, a monarquia é o estrangeiro; a opressão é o estrangeiro; o direito divino é O estrangeiro. O despotismo viola a fronteira divina, como a invasão viola a fronteira geográfica. Expulsar o tirano ou expulsar o inglês, é, em ambos os casos, retomar o território. Chega uma hora em que já não basta protestar; depois da filosofia é necessária a acção; a viva força completa o que foi esboçado pela ideia: Prometeu acorrentado começa, Aristogiton acaba; a Enciclopédia esclarece as almas, o 10 de Agosto electriza-as. Depois de Esquilo, Thrasybulio, depois de Diderot, Danton. As multidões tendem a acatar o senhor. A sua massa depõe a apatia. Uma multidão totaliza-se facilmente em obediência. É necessário mover, impelir, tratar asperamente os homens com o próprio benefício da sua alforria, ferir-lhe os olhos com a verdade, lançar-lhes a luz em punhados terríveis. É preciso que sejam eles mesmos um

tanto fulminados pela sua própria salvação; este deslumbramento desperta-os. Daqui a necessidade dos toques a rebate e das guerras. É necessário que os grandes combatentes se ergam; iluminem as nações pela audácia e sacudam a triste humanidade que se acha coberta de sombra pelo direito divino, pela glória cesariana, pela força, pelo fanatismo, pelo poder irresponsável e pelas majestades absolutas; turba estupidamente ocupada em contemplar no seu esplendor crepuscular, esses sombrios triunfos da noite. Abaixo o tirano! Mas o quê? De quem falais vós! Chamais tirano a Luís Filipe? Não; tanto como a Luís XVI. São ambos o que a história costuma denominar bons reis; mas os princípios não se retalham, a lógica do verdadeiro é rectilínea, a falta de condescendência é o característico da verdade; nada, pois, de concessão, toda a usurpação ao homem deve ser reprimida; há direito divino em Luís XVI, há o porque Bourbon em Luís Filipe; ambos representam, numa certa proporção, a confiscação do direito, e para repelir a usurpação universal é preciso combatê-los; é preciso, porque é sempre a França quem começa. Quando o senhor cai em França, cai em toda a parte. Em suma, restabelecer a verdade social, restituir à liberdade o seu trono, o povo ao povo, o homem à soberania, tornar a pôr a púrpura na cabeça da França, restaurar em toda a sua plenitude a razão e a equidade, suprimir todo o germe de antagonismo, restituindo cada um a si mesmo, aniquilar o obstáculo que a realeza apresenta à imensa concórdia universal, nivelar o género humano com o direito; que causa pode ser mais justa, que guerra mais grandiosa? Estas guerras constroem a paz. Há uma enorme fortaleza de prejuízos, de privilégios, de superstições, de mentiras, de exacções, de abusos, de violências, de iniquidades, de trevas, que estão ainda de pé sobre o mundo, com as suas torres de ódio. É necessário demoli-la. É urgente fazer desabar essa massa monstruosa. Vencer em Austerlitz é grandioso; tomar a Bastilha é imenso.

Não há ninguém que o não tenha experimentado por si mesmo: a alma — e é esta a maravilha da sua unidade mesclada de ubiquidade — tem a estranha aptidão de raciocinar quase friamente, nas extremidades mais violentas; e sucede muitas vezes que a paixão desola e ó profundo desespero, na própria aflição dos seus mais negros monólogos, tratam diversos assuntos e discutem teses. A lógica participa da convulsão, e o fio do silogismo flutua, sem se quebrar, na lúgubre tempestade do pensamento: Era esta a situação do espírito de Mário.

Enquanto assim pensava, opresso, mas resoluto, hesitando todavia, e em suma, tremendo diante do que ia fazer, deixava divagar a vista pelo interior da barricada.

Os insurgentes conversavam ali a meia voz, sem se moverem, e sentia-se

em torno deles o quase silêncio, que marca a última fase da expectativa. Por cima deles, numa fresta de um terceiro andar, distinguia Mário uma espécie de espectador ou de testemunha que lhe parecia singularmente atenta. Era o porteiro morto por Le Cabuc. Debaixo, com o reflexo do archote abrigado pelas pedras, divisava-se vagamente aquela cabeça. Não havia nada mais estranho, à claridade sombria e inerte do archote, do que aquele rosto lívido, imóvel, espantado, com os cabelos eriçados, os olhos abertos e fitos e a boca escancarada, debruçado para a rua numa atitude de curiosidade.

Dir-se-ia que o morto espreitava os que iam morrer.

Da fresta até à altura do primeiro andar, onde terminava, descia pela parede, em fios avermelhados, um grande rasto de sangue que correra daquela cabeça.

LIVRO DÉCIMO QUARTO — A GRANDEZA DO DESESPERO

I — A bandeira vermelha arriada

Acabavam de soar dez horas em Saint-Merry e nenhum movimento exterior que viesse perturbar os insurgentes se tinha dado ainda. Junto da abertura da barricada grande, onde se tinham ido: colocar de clavinas aperradas, viam-se Enjolras e Combeferre, mudos, atentos, parecendo quererem escutar ainda o mais confuso e afastado rumor de passos.

De súbito, do meio do profundo e lúgubre silêncio que os rodeava, elevou-se uma voz, clara, forte e alegre, que parecia vir da rua de S. Diniz, e principiou a cantar distintamente, na música da antiga canção popular Ao Luar, a seguinte poesia, terminada por uma espécie de grito semelhante ao canto do galo:

Vêm-me as lágrimas aos olhos,
Meu caro amigo Bugeaud,
Empresta-me os teus gendarmes,
Quero falar com eles só
Eis que de capote azul,
De galinha no shakó,
Aí vem o termo todo!
Kiri-co-cocorocó!

Os dois amigos ouvindo isto apertaram-se reciprocamente as mãos.

— É Gavroche — disse Enjolras.

O silêncio da rua deserta foi perturbado por uma corrida precipitada e viu-se um ente mais ágil do que um *clown* trepar pelo omnibus e saltar para o meio da barricada.

Era Gavroche, esbaforido, que dizia:

— A minha espingarda! Eles aí vêm!

Nisto, um estremecimento eléctrico percorreu toda a barricada e ouviu-se o movimento das mãos em busca das espingardas.

— Queres a minha carabina? — perguntou Enjolras ao gaiato.

— Quero a espingarda grande — respondeu Gavroche.

E pegou na espingarda de Javert.

Duas sentinelas, retirando, entraram na barricada quase ao mesmo tempo que Gavroche. Era a do extremo da rua e a da Pequena Truanderie. A vedeta do beco dos Pregadores conservava-se no seu posto, o que indicava não vir nada do lado das Pontes e dos Mercados.

A rua da Chanvrerie, de que apenas se viam algumas pedras com o reflexo da luz que se projectava na bandeira, oferecia aos insurgentes o aspecto de um grande pórtico negro, vagamente aberto no meio de espesso fumo.

Cada um correra logo ao posto de combate.

Quarenta e três insurgentes, entre os quais se contavam Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Bahorel e Gavroche, estavam de

joelhos na grande barricada, apenas com as cabeças acima do parapeito, os canos das espingardas e clavinas assestadas sobre as pedras como em seteiras, atentos, mudos e prontos para fazerem fogo.

Seis, comandados por Feuilly, tinham-se postado de armas à cara nas janelas dos dois andares, de Corinto.

Passaram ainda alguns minutos, depois ouviu-se do lado de Saint-Leu um ruído de passos cadentes, pesados, e numerosos. Este ruído em começo fraco, depois mais acentuado, depois pesado e sonoro, aproximava-se vagarosamente, sem cessar, sem interrupção, com tranquila e terrível continuidade. Não se ouvia mais nada. Era ao mesmo tempo o silêncio e o ruído da estátua do Comendador; mas aquele passo de pedra tinha não sei quê de enorme e de múltiplo, que despertava ao mesmo tempo a ideia de uma multidão e de um espectro. Parecia ouvir-se marchar a medonha estátua Legião. Aquele passo aproximou-se; aproximou-se mais e parou. Parecia ouvir-se, no fim da rua, a respiração de muitos homens. Contudo, não se via coisa alguma; somente se distinguia ao fundo, naquela espessa escuridão, uma multidão de fios metálicos, finos como agulhas e quase imperceptíveis, que se agitavam semelhantes aos indescritíveis tecidos fosfóricos que se entrevêem no momento de adormecer, sob as pálpebras cerradas, nos primeiros fumos do sono. Eram as baionetas e os canos das espingardas, confusamente iluminados pela reverberação longínqua do archote.

Houve ainda uma pausa como se ambos os lados esperassem. De repente, do fundo daquela sombra, uma voz, tanto mais sinistra, quando se não via pessoa alguma, e porque parecia sair da própria escuridão que falava, gritou:

— Quem vive?

Ao mesmo tempo ouviu-se o estalido das espingardas, que eram metidas à cara.

Enjolras respondeu num tom vibrante e altivo:

— Revolução francesa.

— Fogo! — disse a voz.

A rua foi instantaneamente iluminada por um relâmpago vermelho, como se houvesse aberto e imediatamente fechado a boca de uma fornalha.

Medonha detonação rebentou sobre a barricada.

A bandeira vermelha caiu. A descarga fora tão violenta e tão cerrada que lhe cortou a haste; isto é, o extremo da lança do ónibus. Algumas balas depois de baterem nas paredes das casas voltaram de ricochete para dentro da barricada e feriram muitos homens.

A impressão produzida por esta primeira descarga foi de regelar. O ataque era rude e de natureza tal, que devia fazer pensar os mais ousados. Era

evidente que tinham pela frente, pelo menos, um regimento inteiro.

— Camaradas! — gritou Courfeyrac. — Não desperdicemos pólvora. Esperemos para lhes retorquir que se aproximem mais.

— Antes de tudo — disse Enjolras — ergamos a bandeira!

E levantou do chão a bandeira, que lhe tinha caído aos pés.

Da parte de fora ouvia-se o tinir das varetas nas espingardas; a tropa tornava a carregar as armas.

Enjolras prosseguiu:

— Quem é que tem valor aqui? Quem torna a arvorar a bandeira sobre a barricada?

Ninguém respondeu. Subir ao alto da barricada no momento em que ela estava, sem dúvida, sob nova pontaria, era simplesmente a morte. O mais bravo hesitou em se condenar. O próprio Enjolras sentiu um estremecimento e repetiu:

— Ninguém se apresenta?

II — A bandeira vermelha novamente hasteada

Desde que os insurgentes tinham chegado a Corinto e começado a construir a barricada, ninguém dera mais atenção ao tio Mabeuf. Todavia, o senhor Mabeuf não deixara o bando. Entrara para a taberna e fora sentar-se por trás do balcão. Ali tinha-se, para assim dizer, suprimido a si mesmo. Parecia já não ouvir nem ver, Courfeyrac e outros tinham-se chegado a ele por duas ou três vezes, advertindo-o do perigo, e convidando-o a que se retirasse, sem que ele mostrasse ouvi-los.

Quando não falavam com ele movia os lábios como se estivesse respondendo a alguém; apenas lhe dirigiam a palavra, tornavam-se-lhes imóveis os lábios e os olhos deixavam de parecer vivos.

Algumas horas antes de ser atacada a barricada tomara ele uma atitude que não deixara ainda: os dois punhos sobre os joelhos e a cabeça pendida para a frente como se olhasse para um abismo. Não houvera nada que o fizesse mudar de posição: parecia até mesmo que nem o seu espírito estava na barricada. Quando cada um fora tomar o seu lugar de combate, não ficara na loja da taberna senão Javert, amarrado ao poste, um insurgente de sabre nu, de guarda a ele, e O senhor Mabeuf.

No momento do ataque, quando houvera a detonação, Mabeuf sentira-se alcançado pelo abalo físico que ela geralmente produzira e, como acordando, levantara-se de repente, atravessara a loja, de modo que quando Enjolras repetiu o seu apelo: «Não se apresenta ninguém,?», vira aparecer o velho no limiar da taberna.

A sua presença produziu certa comoção nos grupos e muitas vozes

disseram:

— É o votante! O convencional! É o representante do povo!

É de crer que ele os não ouviu.

Mabeuf foi direito a Enjolras — os insurgentes afastaram-se diante dele com um certo temor religioso arrancou a bandeira a Enjolras, que ficou petrificado, e então sem que ninguém ousasse cortar-lhe o passo, nem ajudá-lo o velho de oitenta anos, com a cabeça trémula e o pé firme, começou a subir vagarosamente a escada de pedras praticada na barricada. Era isto tão sombrio e tão grandioso, que todos em volta gritaram: «Chapéus na mão!» A cada degrau que subia, tornava-se mais medonho; os cabelos brancos, a face decrépita, a elevada fronte calva e enrugada, os olhos encovados, a boca aberta e como pasmada, o seu velho braço sustentando a bandeira vermelha, surgindo da sombra e aparecendo cada vez mais à claridade sanguinolenta do archote; todos julgavam ver sair da terra o espectro de 93, empunhando a bandeira do terror.

Quando subiu o último degrau, quando aquele fantasma trémulo e terrível, de pé sobre aquele montão de entulho, na presença de mil e duzentas espingardas invisíveis, se ergueu em face da morte e como se fosse mais forte do que ela, toda a barricada assumiu nas trevas um vulto sobre-humano e colossal.

Houve um silêncio dos que só se observam em volta dos prodígios.

No meio deste silêncio, o velho agitou a bandeira vermelha e gritou:

— Viva a Revolução! Viva a República, a Igualdade, a Fraternidade e a Morte.

Ouviu-se então na barricada um murmúrio ininteligível e rápido, semelhante ao de um sacerdote apressado, desejando chegar ao fim de uma oração. Era provavelmente o comissário de polícia fazendo as intimações legais no outro extremo da rua.

Depois, a mesma voz estridente que tinha perguntado quem vive?, gritou:

— Retirai-vos!

O senhor Mabeuf, pálido, desorientado, as pupilas iluminadas com as lúgubres chamas do desvairo, ergueu a bandeira acima da cabeça e repetiu:

— Viva a república!

— Fogo! — disse a voz,

A esta ordem, segunda descarga, espessa como a primeira, foi dada sobre a barricada.

O velho ajoelhou, tornou a erguer-se, largou a bandeira e caiu para trás na calçada, como uma prancha, estendido e com os braços em cruz.

Debaixo dele surgiu um rio de sangue. O seu velho rosto lívido e triste,

parecia olhar para o céu.

Os insurgentes sentiram-se dominados por uma das comoções tão superiores ao homem, que até fazem com que se esqueça da sua defesa e aproximaram-se do cadáver, com um espanto respeitoso.

— Que homens são estes regicidas! — disse Enjolras.

Courfeyrac aproximou-se dele e disse-lhe ao ouvido:

— Isto é só para ti, não quero diminuir o entusiasmo: este homem estava muito longe de ser um regicida. Conhecia-o, chamava-se Mabeuf; mas não sei o que ele tinha hoje. Foi destemido o pobre diabo!

— Pobre diabo, mas coração de Brutus! — respondeu Enjolras.

E depois erguendo a voz:

— Cidadãos! Eis o exemplo que os velhos dão aos moços. Nós hesitámos e ele expôs-se! Nós recuámos e ele avançou! Eis o que os que tremem de velhice ensinam aos que tremem de medo. Este velho é augusto perante a pátria. Teve longa vida e magnífica morte! Agora recolhamos o cadáver, defenda cada um este velho morto, como defenderia seu pai vivo, e torne a sua presença aqui inexpugnável a barricada!

Estas palavras foram seguidas de um murmúrio de adesão sombriamente enérgico.

Enjolras curvou-se, levantou a cabeça do velho, e, feroz, beijou-o na fronte; depois, abrindo-lhe os braços e movendo-o com a mais terna precaução, como se temesse molestá-lo, despiu-lhe a casaca e disse, mostrando aos circunstantes os buracos ensanguentados:

— É esta agora a nossa bandeira.

III — De como Gavroche teria feito melhor aceitando a carabina de Enjolras

Acto contínuo, o tio Mabeuf foi coberto com um grande xaile preto da viúva Hucheloup. Seis homens fizeram das espingardas uma padiola, sobre as quais foi posto o cadáver, e assim o levaram, de cabeças descobertas, vagarosa e solenemente, para cima da maior mesa que havia na loja.

Aqueles homens, todos entregues à coisa grave e sagrada que estavam fazendo, já nem pensavam na perigosa situação em que se achavam.

Quando o cadáver passou próximo a Javert, como sempre impassível, Enjolras disse ao espião:

— Tu, logo!

Durante este tempo, Gavroche, o único que não deixara o seu posto e que ficara em observação, julgou ver alguns homens que se aproximavam da barricada, com pés de ladrão. De repente gritou:

— Atenção!

A este brado, Courfeyrac, Enjolras, Jean Prouvaire, Combeferre, Joly, Bahorel e Bossuet, saíram todos tumultuosamente da taberna. Era tarde; via-se já ondular no cimo da barricada grande espessura de baionetas. Alguns guardas municipais, de grande estatura, penetravam já na barricada, uns subindo pelo ónibus, os outros pela abertura de comunicação, levando diante de si o gaiato, que recuava mas não fugia.

O momento era crítico. Era o primeiro e temível minuto da inundação, quando o rio se ergue ao nível da levada, e que a água começa a infiltrar-se pelas fendas do dique. Mais um segundo e estaria tomada a barricada.

Bahorel arremessou-se sobre o primeiro guarda municipal que ia entrando e matou-o com um tiro de clavina à queima-roupa; o segundo matou Bahorel com uma baionetada. Outro tinha já lançado por terra Courfeyrac, que gritava: «A mim!» O mais alto de todos, espécie de colosso, corria sobre Gavroche de baioneta calada.

O gaiato ergueu com os pequenos braços a enorme espingarda de Javert, fez resolutamente a pontaria ao gigante e desfechou. A arma não fez fogo. Javert não a tinha carregado. O soldado soltou uma gargalhada e ergueu a baioneta sobre o rapazito.

Antes, porém, que a baioneta tocasse em Gavroche, a espingarda caiu das mãos do guarda municipal, o qual, ferido por uma bala na fronte, tombou para trás. O outro guarda que assaltara Courfeyrac caía igualmente, ferido por outra bala, recebida em cheio no peito.

Era Mário que acabava de entrar na barricada.

IV — O barril de pólvora

Mário, ainda oculto pelo cotovelo da rua Mondétour, assistira, à primeira fase do combate irresoluto e trémulo. Contudo não pudera resistir por muito tempo à vertigem misteriosa e soberana que poderia denominar-se atracção do abismo. Diante da iminência do perigo, diante da morte do senhor Mabeuf, fúnebre enigma, em presença de Bahorel morto, de Courfeyrac pedindo auxílio, dos seus amigos a socorrer ou a vingar, toda a hesitação se lhe desvanecera, e precipitara-se na refrega com as duas pistolas em punho. Com o primeiro salvara Gavroche, com o segundo libertara Courfeyrac.

Ao estampido dos tiros, aos gritos dos guardas feridos, tinham os assaltantes trepado ao parapeito, em cuja crista se viam aparecer em mais de meio corpo e em turba, guardas municipais, soldados de linha e guardas nacionais do termo, todos de espingardas na mão. Já cobriam mais de dois terços da trincheira, mas não saltavam para o recinto e pareciam indecisos temendo alguma cilada. Olhavam para o escuro interior da barricada como se olhassem para um antro de leões. O clarão do archote não iluminava senão as

baionetas, as felpudas barretinas e a parte superior dos rostos inquietos e irritados.

Mário estava desarmado, por que lançara para longe de si as pistolas descarregadas, mas tinha lobrigado o barril de pólvora dentro da loja, ao pé da porta. No momento em que se voltava de lado, olhando para aquele sítio, um dos soldados apontou-lhe a espingarda, fazendo menção de disparar. Nesse instante, uma mão tapou a boca da arma. Era a do jovem operário de calças de belbutina. O soldado desfechou, a bala atravessou a mão, talvez mesmo o operário, porque este caiu, mas não alcançou Mário. Tudo isto no meio de espesso fumo, mais entrevisto que visto. Mas em momentos como estes as coisas que se vêem vacilam e precipitam-se, e a vista não se demora - em coisa alguma. Sente-se o indivíduo obscuramente impelido para maior sombra ainda; é tudo nevoeiro.

Os insurgentes, surpresos, mas não atemorizados, tinham-se reunido. Enjolras gritara:

— Esperem! Não atirem ao acaso!

No primeiro momento de confusão podiam com efeito ferir-se uns aos outros. A maior parte subira para a janela do primeiro andar e para as águas-furtadas, donde dominavam os assaltantes. Os mais resolutos com Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire e Combeferre, tinham-se atrevidamente encostado às casas do fundo, a descoberto, e fazendo frente às fileiras de soldados que coroavam a barricada.

Tudo isto se executou sem precipitação, com a estranha e ameaçadora gravidade que procede as lutas. De ambos os lados se apontaram as armas à queima-roupa; estavam tão próximos uns dos outros, que poderiam ouvir-se falando sem esforço. Quando chegaram ao momento em que a centelha está prestes a despedir-se, viu-se um oficial de gola bordada e grandes dragonas, erguer a espada e dizer:

— Apontar!

— Fogo! — disse Enjolras.

As duas descargas partiram ao mesmo tempo e tudo ficou envolto em fumo.

Fumo acre e sufocante em que se arrastavam com gemidos fracos e surdos os moribundos e os feridos.

Quando o fumo se dissipou, viram-se de ambos os lados os combatentes, desbaratados, mas. nos mesmos lugares, e carregando as armas em silêncio.

De repente, ouviu-se uma voz estrondosa gritando:

— Retirem-se ou faço ir pelo ar a barricada!

Todos se voltaram para o lado donde vinha a voz.

Mário entrara na loja e pegara no barril de pólvora; depois, aproveitando-se do fumo e da espécie de nevoeiro que enchera o recinto entrincheirado, correu encostado à barricada até ao ponto em que estava a espécie de caixa de pedras que abrigava o archote.

Tirar dali o archote e pôr no seu lugar o barril de pólvora, impelir as pedras para cima do barril, que logo se abriu com uma espécie de terrível obediência, fora tudo executado por Mário no tempo de se baixar e de se tornar a endireitar; e então, todos, guardas nacionais e municipais, oficiais e soldados, como que encolhidos no outro extremo da barricada, encararam-no cheios de pasmo, de sobre as pedras, com o archote na mão, o altivo rosto iluminado! por uma resolução fatal, inclinando a chama do archote para o terrível montão onde se distinguia o barril de pólvora arrombado, e soltando este grito aterrador:

— Retirem-se, ou faço ir pelos ares a barricada!

Mário sobre aquela barricada depois do octogenário, era a visão da revolução nova depois da aparição da velha revolução.

— Ir pelo ar a barricada! — disse o sargento. — E tu também!

Mário respondeu:

— E eu também!

E aproximou o facho do barril de pólvora.

Mas não havia já ninguém na trincheira. Os assaltantes, abandonando os seus mortos e feridos, refluindo em confusão e desordem para o extremo da rua, ali se perderam novamente na escuridão. Foi um salve-se quem puder!

A barricada estava desembaraçada.

V — Fim dos versos de Jean Prouvaire

Todos rodeavam Mário. Courfeyrac deitou-se-lhe ao pescoço.

— Eis-te enfim!

— Que felicidade — exclamou Courfeyrac.

— Chegaste a tempo! — disse Bossuet.

— Se não fosses tu já estava morto! — tornou Courfeyrac.

— Se não fosse o senhor, também eu já estava estripado! — acrescentou Gavroche.

Mário perguntou:

— Onde está o chefe?

— O chefe és tu! — disse Enjolras.

Mário tivera durante todo o dia uma fornalha no cérebro, agora era um turbilhão que residia nele e que lhe parecia arrebatá-lo.

Afigurava-se-lhe estar já a imensa distância da vida. Os seus dois breves e luminosos meses de júbilo e de amor terminado de um modo abrupto naquele

medonho precipício. Cosette perdida para ele, aquela barricada, o senhor Mabeuf fazendo-se matar pela república, ele próprio chefe de insurgentes, eram tudo coisas que por momentos lhe pareceu monstruoso pesadelo. Era obrigado a empregar um esforço de espírito para se recordar de que tudo que o rodeava era com efeito realidade. Mário tinha ainda vivido pouco para saber que não há nada tão iminente como o impossível e que o que deve sempre prever-se é o imprevisto.

Mário assistia ao seu próprio drama como a uma peça que se não compreende.

Naquela perturbação em que tinha o pensamento não reconhecera Javert que, amarrado ao seu poste, não fizera o mínimo movimento durante o ataque da barricada, e que viu agitar-se em torno de si a revolta com a resignação de um mártir e a majestade de um juiz.

Mário nem mesmo deu por ele.

Entretanto, os assaltantes não continuavam a agressão; ouviam-se andar e agitar-se no fim da rua, mas não se internavam nela, ou fosse porque esperassem ordens, ou porque aguardassem reforço antes de se precipitarem novamente contra o inexpugnável reduto. Os insurgentes haviam postado sentinelas; e alguns que eram estudantes de medicina tinham começado a curar os feridos.

Tinham tirado as mesas da taberna para a rua; à excepção das duas reservadas para os fios e cartuchos e da outra em que jazia o tio Mabeuf, tinham-nas juntado à barricada e substituído na loja pelos colchões das camas da tia Hucheloup e das criadas. Nestes colchões tinham deitado os feridos. Quanto às três pobres criaturas que habitavam Corinto, não se sabia o que fora feito delas. Afinal foram encontradas escondidas na cave — como advogados — disse Bossuet. E acrescentou:

— Mulheres, que peste!

Neste momento, pungente comoção cobriu de sombra a alegria da barricada desembaraçada.

Fizeram uma chamada. Faltava um dos insurgentes.

E qual era? Um dos dois valentes, Jean Prouvaire. Procuraram-no entre os feridos, não o encontraram; procuraram-no entre os mortos, também ali não estava. Era evidente que ficara prisioneiro.

— Apanharam-nos o nosso amigo — disse Combeferre a Enjolras — mas nós possuímos o seu agente. Tens interesse na morte do espião?

— Decerto — respondeu Enjolras — mas muito menos que na vida de Jean Prouvaire.

Tudo isto se passava dentro da taberna, ao pé do poste de Javert.

— Neste caso — tornou Combeferre — vou atar um lenço na minha bengala e vou como parlamentário oferecer-lhes a troca de prisioneiros.

— Escuta — disse Enjolras, pondo a mão no braço de Combeferre.

Ouviu-se então no fim da rua um muito significativo tinir de armas e uma voz gritar com energia:

— Viva a França! Viva o futuro!

Era a voz de Prouvaire.

Logo em seguida viu-se um relâmpago acompanhado de uma detonação.

Depois tudo tornou a ficar silencioso.

— Mataram-no! — exclamou Combeferre.

Enjolras olhou para Javert e disse-lhe:

— Acabas de ser fuzilado pelos teus amigos.

VI — A agonia da morte após a agonia da vida

Uma singularidade deste género de guerra é que o ataque das barricadas é esperado quase sempre de frente, e que em geral os assaltantes se abstêm de cercar as posições, ou porque temam emboscadas, ou porque receiam aventurar-se em ruas tortuosas. Toda a atenção dos insurgentes se dirigia para o lado da grande barricada, que era evidente o ponto sempre ameaçado, e onde infalivelmente devia recomeçar a luta. Todavia, Mário lembrando-se da barricada pequena, foi observá-la. Estava deserta e era apenas guardada pela lanterna que estremecia entre as pedras. O mais, isto é, o beco Mondétour e as ramificações da rua da Pequena Truanderie e do Cisne, estavam profundamente tranquilas.

Quando Mário, depois de feita a sua inspecção, se retirava, ouviu que chamavam pelo seu nome muito devagarinho.

— Senhor Mário...

O rapaz estremeceu, porque reconheceu a voz que duas horas antes o chamara, através da grade da rua Plumet.

A diferença era que aquela voz já não parecia mais que um sopro.

Olhou à roda de si e não viu ninguém.

Mário julgou que se havia enganado e que aquilo não fora mais do que uma alucinação, acrescentada pelo seu espírito às realidades extraordinárias que o rodeavam. Deu portanto um passo, para se afastar da barricada.

— Senhor Mário! — repetiu a voz.

Desta vez não podia duvidar, ouvira distintamente; tornou a olhar, mas não viu nada.

— Aos seus pés... — disse a voz.

Então Mário curvou-se e viu, no meio da sombra, um vulto que se dirigia para ele. O que quer que era arrastava-se pela rua: era aquilo o que lhe

falara.

A lanterna permitiu-lhe distinguir uma blusa, umas calças, de belbutina todas rasgadas, uns pés descalços e uma coisa escura que se assemelhava a um charco de sangue. Mário entreviu um rosto lívido, que se erguia para ele e que lhe dizia:

— Não: me conhece?

— Não.

— Sou a Eponina,

Mário curvou-se rapidamente. Era com efeito a desgraçada criança. Estava vestida de homem.

— Como é que se encontra neste lugar? O que está fazendo aqui?

— Esperando a morte — disse ela.

Há palavras e incidentes que despertam os entes mais opressos. Mário exclamou, como que sobressaltado:

— Está ferida! Espere, vou levá-la para a loja! Vai Já ser tratada! É muito grave o ferimento? Como é que devo pegar-lhe para lhe não fazer mal? Em que sítio é a ferida? Valha-me Deus! Acudam! Mas o que vem fazer aqui?

E, ao mesmo tempo que dizia isto, tentava passar-lhe o braço por baixo do corpo para a levantar.

Ao fazer, porém, este movimento, tocou-lhe na mão e a infeliz soltou um pequeno grito.

— Magoei-a? — perguntou-lhe Mário.

— Um pouco.

— Mas só lhe toquei na mão.

A rapariga ergueu a mão e Mário pôde ver-lhe no centro, um buraco negro.

— O que é que tem na mão? — perguntou ele.

— Foi furada!

— Furada?

— Sim.

— Com quê?

— Com: uma bala.

— Mas como?

— Não viu uma espingarda que um soldado lhe apontava?

— Vi, assim como pôr-lhe não sei quem a mão adiante.

— Era eu.

Mário estremeceu.

— Que loucura! Pobre criança! Mas ainda bem que é só isso, não há perigo, deixe-me levá-la para uma cama. Vai já ser tratada, não se morre de uma mão furada.

Eponina murmurou:

— A bala atravessou-me a mão; mas saiu-me pelas costas. É inútil tirar-me daqui. Vou dizer-lhe como é que me pode tratar melhor do que um cirurgião. Sente-se ao pé de mim nesta pedra.

Mário obedeceu; a infeliz descansou-lhe a cabeça nos joelhos e disse sem olhar para ele:

— Como isto -é bom! Como se está bem assim! Até que enfim! Já não sofro.

Depois ficou por um momento silenciosa; por fim voltou com muito custo o rosto, e olhou para Mário.

— Não sabe, senhor Mário? Ralava-me a paciência vê-lo -ir àquele jardim; era uma tolice, porque eu é que lhe tinha ensinado a casa; e depois sempre tinha de me convencer de que um rapaz como o senhor....

Interrompeu-se, e ultrapassando as sombrias transições que lhe estavam sem dúvida no espírito, continuou com um sorriso despedaçado:

— Achava-me feia, não é assim?

E prosseguiu:

— O senhor está perdido! Agora já ninguém sairá da barricada. Vê? E fui eu quem o conduziu aqui! Tenho toda a certeza de que há-de morrer. Todavia, quando vi que lhe apontavam uma espingarda, tapei-lhe o cano com a mão. Que tolice! Mas eu queria morrer antes do senhor. Quando recebi esta bala, arrastei-me até aqui, ninguém me viu nem me levantaram. Estava à sua espera e dizia comigo: Pois ele não virá? Se soubesse como eu mordia a blusa com a força das dores! Agora sinto-me boa. Lembra-se daquele dia em que entrei no seu quarto e em que estive a mirar-me no seu espelho? No dia em que o encontrei no boulevard? Como os passarinhos cantavam! Não há ainda muito tempo. O senhor tinha-me dado cem soldos e eu disse-lhe: Não quero o seu dinheiro. Apanhou ao menos o dinheiro? O senhor não é rico. Não me lembrei de lhe dizer que o apanhasse. Estava um sol tão bonito! Lembra-se de tudo isto, senhor Mário? Oh, que felicidade a minha! Toda a gente vai morrer.

Eponina tinha um ar insensato, grave e pungente.

A blusa rasgada deixava-lhe o peito nu. Enquanto falava apoiava a mão furada no peito, onde havia outro buraco, do qual saía de vez em quando uma golfada de sangue, qual jacto de vinho de um batoque aberto.

Mário contemplava tão desventurada criatura com profunda -compaixão.

— Ai, Jesus! — disse ela. — Aí vem outra vez, ai que eu morro!

E pegando na blusa, mordeu-a; as pernas inteiriçaram-se convulsivamente sobre a calçada.

Neste momento retiniu na barricada a voz de frangão de Gavroche. O gaiato subira para cima de uma mesa para carregar a espingarda, e, enquanto

o fazia cantava alegremente a canção, então tão popular:

Mal peseta, Lafayette.
O gendarme repete:
Fujamos! Fujamos! Fujamos, já, já!

Eponina ergueu-se um pouco, aplicou o ouvido e murmurou:

— É ele.

E voltando-se para Mário:

— Meu irmão esta ali. É preciso que me não veja.

Ralharia comigo.

— Seu irmão? — perguntou Mário, que pensava, no mais amargo e doloroso do coração, nos deveres que seu pai lhe legara para com os Thenardier. Quem é seu irmão?

— O pequeno.

— O que está cantando?

— Sim.

Mário fez um movimento.

— Não se vá! — disse ela. — Já não levará muito tempo!

Eponina estava quase sentada, mas a voz era muito baixa e entrecortada de soluços. De vez em quando era interrompida pelo estertor e aproximava quanto podia o seu rosto do de Mário. Em seguida acrescentou com estranha expressão:

— Oiça, não quero pregar-lhe uma peça. Tenho na minha algibeira uma carta para o senhor, desde ontem. Tinham-me dito que a deitasse no correio, mas eu guardei-a; não queria que lhe fosse parar à mão. Mas o senhor talvez me quisesse mal, por causa disto, quando daqui a pouco nos víssemos. A gente torna a ver-se, não é verdade? Tome a sua carta.

Em seguida pegou convulsivamente na mão de Mário com a sua, despedaçada, mas -parecendo não sentir já a dor e levou-a ao bolso da blusa. Mário sentiu com efeito ali um papel.

— Tire-a — disse ela.

Mário tirou a carta.

Eponina fez um sinal de satisfação e de assentimento.

— Agora, pelo meu trabalho, prometa-me...

E calou-se.

— O quê? — perguntou Mário.

— Prometa!

— Prometo.

— Prometa que me dará um beijo na testa depois de eu estar morta, porque o hei-de sentir!

Tornou a deixar cair a cabeça sobre os joelhos de Mário e os olhos fecharam-se-lhe. O mancebo julgou que aquela pobre alma já tinha partido. Eponina conservava-se imóvel. De repente, no instante em que Mário a julgava para sempre adormecida, abriu vagarosamente os olhos, em que aparecia a sombria profundidade da morte e disse-lhe num tom cuja suavidade parecia vir já do outro mundo:

— Se quer que lhe diga, senhor Mário, eu julgo que estava um bocado apaixonada pelo senhor!

E, ao proferir estas palavras, tentou ainda sorrir-se e expirou.

VII — Gavroche profundo calculista de distâncias

Mário cumpriu a sua promessa. Apenas a infeliz expirou, depôs-lhe um beijo na fronte lívida, orvalhada ainda do suor da morte. Não era uma infidelidade a Cosette; era um melancólico e suave adeus a uma alma desditosa.

Ao pegar na carta que Eponina lhe dera, Mário não pôde esquivar-se a um íntimo estremecimento. Parecia-lhe que aquela carta encerrava algum grande acontecimento, e por isso estava impaciente por lê-la. É assim o coração do homem; ainda a infeliz rapariga mal tinha fechado os olhos, já Mário não se lembrava senão de abrir aquele papel. Depôs, portanto, o cadáver no chão com -todo o cuidado e retirou-se. Dizia-lhe não sei que voz desconhecida que não podia ler aquela carta em presença daquele cadáver.

Entrou na loja e aproximou o papel de uma luz. Era um bilhetinho dobrado e fechado com o esmero elegante particular às mulheres. O sobrescrito inculcava ter sido feito por mão feminina e era assim concebido:

«Senhor Mário Pontmercy, em casa do senhor Courfeyrac, rua dos Vidraceiros, número 16».

Mário rompeu o sobrescrito e leu:

«Meu querido. Infelizmente, meu pai quer que partamos já. Esta noite estaremos na rua do Homem Armado, número 7, e dentro de oito dias em Londres. Cosette — 4 de Junho».

A tal ponto chegava a inocência destes amores, que Mário ainda não conhecia a letra de Cosette.

O que se tinha passado em poucas palavras se pode referir. Eponina fizera tudo. Após a noite de 3 de Junho, dois projectos concebera: frustrar os planos de seu pai e dos outros bandidos, a respeito da casa da rua Plumet e separar Mário de Cosette. Firme nesta resolução, trocou os seus andrajos com O primeiro galhofeiro gaiato que encontrou, disposto a vestir-se de mulher, enquanto Eponina se disfarçava de homem. Fora ela que no Campo de Marte dera a Jean Valjean aquele expressivo aviso «mude de casa». Jean Valjean,

efectivamente, apenas se recolhera a casa, dissera a Cosette:

— Esta noite iremos ficar à rua do Homem Armado e para a semana que vem havemos de estar em Londres. Toussaint há-de acompanhar-nos.

Cosette, aterrada por tão inesperado golpe, escrevera à pressa duas linhas a Mário. Porém, como deitar a carta ao correio, se ela nunca saía só, e Toussaint, maravilhada de semelhante incumbência, iria imediatamente mostrar a carta ao senhor Fauchelevent? No meio desta angústia, Cosette avistara Eponina por entre a grade, a qual, disfarçada com trajos de homem, não saía um só instante de ao pé do jardim. A jovem chamara, pois, «o moço operário» e dissera-lhe, entregando-lhe cinco francos e a carta:

— Leva esta carta já ao seu destino.

Eponina metera a carta na algibeira. No outro dia, 5 de Junho, fora a casa de Courfeyrac, perguntara por Mário, não para lhe entregar a carta, mas, coisa que todas as almas apaixonadas compreenderão, «para ver». Ali esperara Mário ou, pelo menos, Courfeyrac ainda para ver. Quando Courfeyrac lhe dissera: «Vamos para as barricadas», tivera uma ideia. Arrojar-se àquela morte, como se teria arrojado a qualquer outra e impelir para ela Mário. Tinha seguido Courfeyrac, assegurara-se bem do lugar em que construíam a barricada e, tendo toda a certeza de que Mário, que não recebera o menor aviso e a quem interceptara a carta, iria à noite à entrevista do costume, fora à rua Plumet, esperara ali Mário e enviara-lhe, em nome dos seus amigos, aquele apelo, que devia, pensava ela, conduzi-lo à barricada. Eponina contara com o desespero de Mário não encontrando Cosette, e não se enganara. Depois voltara à rua da Chanvrerie. Há pouco se viu o que ali fez. Morrera com a alegria trágica dos corações ciosos, que arrastam o ente amado na sua morte e que dizem:

— Ninguém o possuirá!

Mário cobriu de beijos a carta de Cosette. Amava-o realmente! Teve, por um instante, a ideia de que não devia morrer. Depois disse consigo:

— Mas ela parte. Seu pai leva-a para a Inglaterra e meu avô opõe-se ao casamento. Não se mudou coisa alguma na fatalidade.

Então lembrou-se de que lhe restavam dois deveres a cumprir: enviar a Cosette um supremo adeus e salvar da catástrofe que se estava preparando aquele pobre rapazito, irmão de Eponina e filho de Thenardier.

Tinha consigo uma carteira; a mesma que contivera o caderninho onde escrevera tantos pensamentos de amor para Cosette. Arrancou-lhe uma folha e escreveu nela, a lápis, estas linhas:

«O nosso casamento é impossível. Pedi a meu avô o seu consentimento e ele negou-mo; eu, como tu, não tenho fortuna. Corri a tua casa e não te

encontrei; sabes a palavra que te dei; cumpro-a: morro. Amo-te. Quando leres Isto estará a minha alma a teu lado e rrír-se-á para ti.»

Não tendo nada com que fechar esta carta, limitou-se a dobrar o papel em quatro e a pôr-lhe este sobrescrito:

«Para a menina Cosette Fauchelevent na rua do Homem Armado, número 7.»

Depois de dobrar a carta, ficou por um momento pensativo, tornou a pegar na carteira, abriu-a e escreveu com o mesmo lápis na primeira página estas linhas:

«Chamo-me Mário Pontmercy. Levem o meu cadáver a casa do meu avô, o senhor Gillenormand, na rua das Mulheres do Calvário, número 6, no Marais.»

Guardou em seguida a carteira no bolso do casaco e chamou Gavroche. O gaiato ouvindo a voz de Mário, correu logo com a alegria e a dedicação no rosto.

— Queres fazer alguma coisa em meu serviço?

— Tudo — disse Gavroche. — Com a fortuna! Se não fosse o senhor já eu tinha baldeado.

— Vês bem esta carta?

— Vejo, sim, senhor.

— Guarda-a. Sai já da barricada (Gavroche inquieto, começou a coçar atrás da orelha), e amanhã de manhã levá-la-ás ao seu destino, à menina Cosette, a casa do senhor Fauchelevent, na rua do Homem Armado, número 7.

O heróico rapazito respondeu:

— Pois sim! Mas durante esse tempo tomarão a barricada, e eu não estarei nela.

— A barricada já não será atacada senão ao amanhecer; segundo todas as aparências não será tomada antes do meio-dia.

A nova espera que os assaltantes davam, à barricada, ia-se com efeito prolongando. Era uma das intermitências frequentes nos combates nocturnos, que são sempre seguidos de duplo encarniçamento.

— E se eu for levar a sua carta amanhã de manhã?

— Será muito tarde. A barricada será provavelmente cercada e então não poderás sair. Vai sem demora.

Gavroche não teve que replicar; ficou imóvel, indeciso, e coçando novamente atrás da orelha. De repente, com um daqueles movimentos de pássaro que lhe eram naturais, pegou na carta.

— Bem... — disse ele — e deitou a correr pela rua Mondétour.

Gavroche tivera uma ideia que o determinara, mas que não expressara, com medo de que Mário lhe fizesse alguma objecção. A ideia fora esta:

— É apenas meia-noite: a rua do Homem Armado não é longe, portanto vou levar a carta e ainda volto a tempo.

LIVRO DÉCIMO QUINTO — A RUA DO HOMEM AMADO

I — Indiscrição de um espelho

O que são as comoções duma cidade a par das revoltas da alma? O homem é uma profundidade maior ainda que o povo. Naquele mesmo momento, em que se passava quanto acabamos de ver, estava Jean Valjean preso de medonha agitação interior. Tinham-se aberto novamente nele todos os abismos. Estremecia também como Paris, no limiar de uma revolução formidável e obscura. Para isto tinham bastado apenas algumas horas. O destino e a consciência tinham-se-lhe coberto inopinadamente de sombras. Podia dizer-se a seu respeito, como a respeito de Paris: estão face a face os dois princípios. O anjo cândido e o anjo negro vão lutar corpo a corpo sobre a ponte do abismo.

Qual deles precipitará o outro? Quem vencerá? Na véspera daquele mesmo dia 5 de Junho fora Jean Valjean, acompanhado de Cosette e de Toussaint, estabelecer-se na rua do Homem Armado, onde o esperava uma peripécia.

Cosette não tinha saído da rua Plumet sem intentar resistir. Fora a primeira vez, desde que existiam em companhia um do outro, que a vontade de Cosette e a vontade de Jean Valjean se tinham mostrado distintas e se haviam senão embatido, pelo menos achado em contradição. Tinha havido objecção de um lado e Inflexibilidade do outro. O inopinado conselho para que se mudasse, dado por um desconhecido a Jean Valjean, assustara-o a ponto de o tornar despótico. Julgava-se descoberto e perseguido. Cosette tivera de ceder.

Tinham chegado ambos à rua do Homem Armado sem abrirem a boca, sem proferirem uma só palavra, absorto cada um na sua preocupação pessoal; Jean Valjean tão inquieto que não reparava na tristeza de Cosette, Cosette tão triste que não via a inquietação de Jean Valjean.

Jean Valjean levara também Toussaint, coisa que nunca fizera nas precedentes ausências. Entrevia que não voltaria talvez à rua Plumet, e por isso não podia deixar ali Toussaint, nem comunicar-lhe o seu segredo. E depois tinha-a por dedicada e segura. Da criada para o amo a traição começa pela curiosidade. Ora, Toussaint, como se fora predestinada para criada de Jean Valjean, não era curiosa através do seu gaguejar, e falando como os camponeses de Barneville, dizia:

— Eu cá sou assim. Faço a minha obrigação e não me meto com a vida de ninguém.

Naquela saída da rua Plumet, que fora quase uma fuga, Jean Valjean não levara consigo senão a cheirosa caixinha baptizada por Cosette com o nome de inseparáveis. Para conduzir malas seriam necessários moços, e os moços

são testemunhas. Jean Valjean mandou esperar uma carruagem à porta que deitava para a rua da Babilónia e, chegada a ocasião, meteram-se todos nela e partiram.

Foi com muita dificuldade que Toussaint obteve licença para fazer uma trouxa de alguma roupa, Cosette não levara senão a sua papeleirazinha (espécie de pasta com mata-borrão).

Jean Valjean, para aumentar a solidão e a sombra desta desaparição, preparara tudo de modo que não saísse da rua Plumet senão ao anoitecer, o que dera tempo a Cosette de escrever o seu bilhete a Mário.

Quando chegaram à rua do Homem Armado, era noite fechada e trataram logo de se deitar, o que fizeram no maior silêncio.

A habitação da rua do Homem Armado era situada num pátio traseiro, num segundo andar, e constava de dois quartos de cama, de uma casa de jantar, que dava para uma cozinha -e de um vão, onde havia uma cama, que foi destinada a Toussaint. A casa de jantar servia ao mesmo tempo de sala e de separação dos dois quartos de cama. Tudo estava convenientemente mobilado. O homem tranquiliza-se quase tão loucamente como se inquieta; é assim a natureza humana. Apenas Jean Valjean se achou na rua do Homem Armado, sentiu diminuir a aflição que o oprimia, até que gradualmente se dissipou.

Há locais que são calmantes e que actuam no espírito de certo modo mecânico. Rua obscura, habitantes pacíficos. Jean Valjean sentindo não sei que contágio de tranquilidade naquele beco do antigo Paris, tão estreito, que era vedado aos trens por uma prancha assente transversalmente em dois postes, mudo e surdo no meio da cidade amotinada, crepuscular de dia claro e, para assim dizer, incapaz de comoções entre as suas duas fileiras de altos prédios centenários, sempre calados como verdadeiros velhos. Há naquela rua um como esquecimento estagnado.

Ali respirou Jean Valjean. Por que meio o descobririam num tal lugar?

O seu primeiro cuidado foi colocar a inseparável junto de si.

Dizem que a noite é boa conselheira, porém, pode-se afirmar que ela não só aconselha, mas tranquiliza. No dia seguinte pela manhã, Jean Valjean ergueu-se quase de aspecto jovial. Achou lindíssima a sala de jantar que não podia ser mais feia, mobilada com uma mesa redonda, velha, um bufete baixo, sobre o qual se via um espelho inclinado, uma poltrona carunchosa e algumas cadeiras, sobre as quais jaziam as trouxas de Toussaint. Por uma abertura destas trouxas entrevia-se o uniforme de guarda nacional de Jean Valjean.

Quanto a Cosette, ordenou a Toussaint que lhe levasse um caldo ao quarto

e não apareceu senão de tarde.

Por volta das cinco horas, Toussaint, até então atarefada nos arranjos da nova morada, pôs na mesa uma galinha assada, a que Cosette, por deferência para com seu pai, mal deitara os olhos.

Terminada a simples refeição Cosette pretextou uma violenta dor de cabeça e retirou-se ao seu quarto, dando as boas noites a seu pai. Jean Valjean comera uma asa de galinha, com muito apetite, e debruçara-se depois sobre a mesa, parecendo quase restituído à sua primitiva serenidade. Durante a sóbria refeição, por duas ou três vezes lhe parecera ouvir a algaraviada da criada, falando-lhe de «barulhos» na cidade, porém absorto numa infinidade de combinações interiores, não fizera reparo no que a velha tinha dito, ou, para melhor dizer, nem a tinha ouvido.

Decorridos assim alguns instantes, levantou-se e principiou a passear da janela para a porta e da porta para a janela, cada vez mais desassombrado.

Com o desassombro voltara-lhe ao pensamento a ideia de Cosette, sua única preocupação. Não porque lhe desse cuidado aquela dor de cabeça, crise nervosa sem consequência, arrufo de mulher jovem, nuvem de um momento, que dentro de um ou dois dias completamente desapareceria, mas vinha-lhe à lembrança o futuro, e, como de ordinário, a ideia do futuro tornava-se-lhe suave. No fim de tudo, que obstáculo havia para que a vida feliz continuasse o seu curso? Em certas horas tudo parece impossível, noutras tudo parece fácil; Jean Valjean achava-se numa dessas boas horas. De ordinário sucedem às más, como o dia à noite, em virtude dessa lei de sucessão e de contraste que constitui o fundo da natureza, e que os espíritos superficiais denominam antítese. Nesta pacífica rua, em que se havia refugiado, Jean Valjean desembaraçava-se de tudo o que há pouco o perturbava. Por isso mesmo que tinha visto sempre trevas, é que principiava a entrever um fragmento de céu. Sair da rua Plumet sem complicação nem incidente era já um bom passo dado. Talvez a prudência aconselhasse uma mudança de terra, para Londres, por exemplo, ainda que não fosse senão por alguns meses. E porque não! Tanto valia estar em França como em Inglaterra, uma vez que tivesse Cosette a seu lado. Cosette era a sua pátria; era-lhe bastante a jovem para que ele se julgasse completamente feliz.

A lembrança de que ele não bastaria a torná-la feliz, lembrança que, noutro tempo, o torturava a ponto de lhe causar febre e tirar o sono, essa nem ao espírito se lhe apresentava. Estava no colapso de todas as suas dores passadas em pleno optimismo. O ver Cosette sempre ao pé de si fazia-lhe parecer que ela lhe pertencia, efeito óptico que toda a gente experimenta.

Deste modo, portanto, planeava a sós consigo, com todas as facilidades

imagináveis, a sua partida para Inglaterra em companhia de Cosette, parecendo-lhe, no seu devanear, ver reconstruído o edifício da sua ventura, onde nem ele bem o sabia.

Ao tempo que assim passeava de uma para outra parte, embebido em toda a espécie de pensamentos agradáveis, o seu olhar fixou-se, de repente, num estranho objecto.

Em frente de si, no espelho inclinado sobre o bufete, acabava de avistar as linhas que em seguida reproduzimos:

«Meu querido. Infelizmente, meu pai quer que partamos já. Esta noite estaremos na rua do Homem Armado, número 7, e dentro de oito dias em Londres. Cosette — 4 de Junho».

Jean Valjean parou estupefacto.

Cosette, quando chegara, pusera a pasta sobre o bufete diante do espelho e, entregue à sua dolorosa aflição, esquecera-se de a levar dali, sem ao menos reparar em que a deixara aberta, e aberta precisamente na página sobre a qual tinha enxugado as linhas que escrevera e de que encarregara o rapazito que passara pela rua Plumet. A escrita tinha passado toda para o mata-borrão.

O espelho reflectia a escrita.

Resultara o que em geometria se chama imagem, simétrica; de tal modo que a letra, que no mata-borrão se achava invertida, apresentava-se no espelho no seu sentido natural; e Jean Valjean tinha diante dos olhos a carta que Cosette escrevera na véspera a Mário.

Era uma coisa simples e fulminante.

Jean Valjean aproximou-se mais do espelho. Releu aquelas linhas, mas não as acreditou. Produziram-lhe um efeito como se lhe aparecessem no clarão de um sonho. Não passava de uma alucinação. Era impossível. Não podia ser!

A pouco e pouco foi-se-lhe tornando a percepção mais precisa e determinada; olhou para a pasta de Cosette e teve então o sentimento da realidade. Pegou no mata-borrão, onde a inclinação das letras produzia as mais extravagantes garatujas, e não viu nelas sentido algum. Então disse consigo:

— Mas isto não significa nada.

E respirou com toda a força dos pulmões, inexplicavelmente aliviado. Quem há que não tenha experimentado destas alegrias estúpidas em momentos horríveis? A alma não se rende ao desespero senão depois de ter esgotado todas as ilusões.

Conservava o mata-borrão na mão e contemplava-o, estupidamente satisfeito, e quase disposto a rir-se da alucinação que o lograra. De repente tornou a olhar para o espelho e de novo se lhe deparou a mesma visão.

Aquelas linhas desenhavam-se no vidro com inexorável nitidez. Desta vez não era uma miragem, a reincidência de uma visão é realidade, era a escrita posta a direito pelo espelho. Compreendeu tudo.

Jean Valjean cambaleou, deixou cair da mão o mata-borrão e sentou-se na velha poltrona que estava ao lado do bufete, com a cabeça curvada, as pupilas vítreas e desorientadas. Viu então ser evidente que a luz do mundo se eclipsara para sempre e que Cosette escrevera aquilo a alguém. Então ouviu a alma, novamente terrível, soltar nas trevas um rugido surdo. Vede se sois capaz de tirar ao leão o cão que ele tem na jaula!

Extravagante e triste coisa: naquele momento ainda Mário não tinha recebido a carta de Cosette; o acaso, como traidor, mostrara-a a Jean Valjean antes de a entregar a Mário.

Até àquele dia nunca Jean Valjean fora vencido pela provação. Tinha sido submetido a medonhas experiências; a fortuna não lhe poupara violências; a ferocidade da sorte, armada com todas as vindictas e com todos os desprezos sociais, tomara-o por alvo e encarniçara-se contra ele. Não recusara nem vergara em presença de coisa alguma.

Aceitara, sempre que fora preciso, todas as extremidades; tinha sacrificado a sua inviolabilidade de homem reconquistada, entregando a sua liberdade, arriscado a cabeça, perdido e sofrido tudo, e mostrara-se sempre desinteressado e estóico, a ponto tal que, por momentos, o poderiam julgar ausente de si mesmo como um mártir.

A sua consciência, aguerrida em todos os assaltos possíveis da adversidade, podia parecer para sempre inexpugnável. Pois bem, se alguém lhe houvesse penetrado no foro íntimo seria obrigado a registar a sua fraqueza naquele momento.

É que de todos os tratos que sofrera na prolongada tortura que o destino lhe aplicara, aquele era o mais temível. Nunca fora agarrado por semelhante tenaz.

Sentiu a agitação misteriosa de todas as sensibilidades; sentiu a beliscadura da febre desconhecida. Ah! A provação suprema, digamos melhor a provação única, é a perda do ente amado!

O pobre velho Jean Valjean não amava decerto senão como um pai; mas já o fizemos notar: nesta paternidade tinha a própria viuvez da sua vida introduzido todos os amores; amava Cosette como uma filha, amava-a como sua irmã; e, como não tivera nunca amante nem esposa, como a natureza é um credor que não aceita protesto algum, também esse sentimento menos fácil de perder do que qualquer outro, se achava aliado aos demais, angélico, divino, menos como um sentimento do que como um instinto, menos como

instinto do que como uma inclinação, imperceptível e invisível, mas real; e o amor propriamente dito estava na sua ternura enorme por Cosette como o veio de oiro na montanha, tenebrosa e virgem.

Recorde-se esta situação do coração, que já indicámos. Entre eles não é possível consórcio algum; nem mesmo O das almas; todavia é certo que os seus destinos se tinham desposado. A excepção de Cosette, isto é, à excepção de uma infância, nunca Jean Valjean, em toda a sua longa vida, conhecera nada do que pode amar-se. As paixões e os amores que se sucedem não tinham produzido nele os sucessivos verdes, verde desmaiado e verde sombrio, que se notam nas folhas que passaram o Inverno e nos velhos que passaram os cinquenta anos. Em suma — mais de uma vez temos insistido nesse ponto. Toda aquela efusão interior, todo aquele conjunto, cuja resultante era uma elevada virtude, terminavam por fazer de Jean Valjean um pai Para Cosette. Pai extraordinário, forjado do avô, do filho, do irmão e do marido, que residiam em Jean Valjean; pai em que chegava a haver mãe, pai que amava Cosette, que a adorava, e para quem aquela criança era a luz, a habitação, a família, a pátria, o paraíso.

Assim, quando viu que tudo decididamente acabara, que ela lhe escapava, que lhe escorregava das mãos, que se ocultava, que era um fluído; quando viu diante de si esta evidência esmagadora: — um outro é o alvo do seu coração, um outro constitui a aspiração da sua vida; há um querido, eu sou apenas o pai, já não existo.

Quando não pôde duvidar, quando disse consigo «Vai deixar-me», a dor que experimentou ultrapassou os limites do possível. Ter feito tudo o que tinha feito para chegar a semelhante resultado, e, no fim de tudo não ser nada! Então, como há pouco dissemos, houve nele um estremecimento de revolta. Sentiu até à raiz dos cabelos o imenso despertar do egoísmo; o eu uivou no abismo daquele homem.

Há desmoronamentos interiores. A penetração de uma convicção desesperada no homem, não se opera sem que se afastem e rompam certos elementos profundos, que são por vezes, o próprio homem. A dor quando atinge este grau, é um salve-se quem puder de todas as forças da consciência. São estas crises fatais Poucos de entre nós saem delas semelhantes a si mesmos e firmes no dever. Quando o limite do sofrimento se tem ultrapassado abala-se até a virtude mais imperturbável. Jean Valjean levantou do chão o mata-borrão convenceu-se novamente e ficou curvado e como que petrificado, olhando para as irrecusáveis linhas, com olhar fito; e formou-se nele uma tal nuvem, que poderia julgar-se ter-lhe desabado todo o íntimo da alma.

Examinou a revelação através do engrossamento do sonho, com uma tranquilidade aparente e medonha; pois que é uma coisa medonha e temível a tranquilidade do homem, quando chega à frieza da estátua.

Mediu o passo espantoso que o seu destino tinha dado, sem que ele o suspeitasse, recordou-se dos receios do Verão anterior, tão loucamente dissipados; reconheceu o precipício, era sempre o mesmo; a diferença consistia em já não estar, ele, Jean Valjean, à beira, mas sim no fundo.

Inaudita e pungente circunstância: caíra nele sem que o percebesse. Toda a luz da sua vida para ali tinha ido e ele acreditando ver sempre o Sol!

O seu instinto não hesitou. Aproximou certas circunstâncias, certas datas, o rubor e a palidez de Cosette em dadas ocasiões, e disse consigo: «É ele». O dom de adivinhar do desespero, é uma espécie de arco misterioso que não erra nunca o tiro. Logo à primeira conjuntura alcançara Mário. Não sabia o nome, mas achou rapidamente o homem. Avistou distintamente, no fundo da implacável evocação das recordações, o desconhecido passeante do Luxemburgo, aquele miserável namorador, aquele bargante de romances, aquele imbecil e cobarde; porque é uma cobardia mostrar olhos ternos às raparigas que estão ao lado dos seus pais, que as amam.

Depois de bem convencido de que tinha achado o herói, ele, Jean Valjean, o homem regenerado, que tanto tinha trabalhado para a sua alma, o homem que empregara todos os esforços para resolver a vida toda, toda a miséria e toda a desventura em amor, olhou para dentro de si mesmo e viu um espectro, o ódio. As grandes dores contêm prostrações. Tiram o ânimo. O homem em que elas entram sente sair de dentro de si o que quer que é. Uma tal visita na mocidade é lúgubre; mais tarde, é sinistra.

Ah! Quando o sangue ferve, quando os cabelos são pretos, quando a cabeça se ostenta firme sobre o corpo como a chama sobre o facho, quando o rolo do destino apresenta quase toda a sua espessura, quando o coração, cheio de um amor cobiçável, tem ainda palpitações que podem ser correspondidas, quando temos diante de nós o tempo de reparar tudo, todas as mulheres, todos os sorrisos, todo o futuro e todo o horizonte, quando a força da vida está completa, se então é uma coisa medonha a desesperança, o que não é ela na velhice quando os anos se precipitam cada vez mais polidos, na hora crepuscular em que se começa a ver as estrelas do interior do túmulo!

Enquanto Jean Valjean assim pensava, entrou Toussaint.

Jean Valjean levantou-se e perguntou:

— De que lado é, sabe?

Toussaint, estupefacta, só pôde responder-lhe:

— Ora esta!

— Não me disse há pouco que havia combate? tornou
Jean Valjean.

— Há, sim, senhor — respondeu Toussaint — lá para os lados de Saint-Merry.

Há certos movimentos maquinais que provêm, sem que demos por isso, do nosso pensamento mais profundo. Foi decerto, por um impulso deste género e de que apenas tinha a consciência, que Jean Valjean se achou na rua ao cabo de cinco minutos.

Estava com a cabeça descoberta, sentado no degrau da porta, parecendo escutar.

Tinha já anoitecido.

II — O gaiato inimigo das luzes

Quanto tempo esteve Jean Valjean naquela posição? Quais foram os fluxos e refluxos da sua trágica meditação? Ergueu-se? Permaneceu curvado? Ter-se-ia curvado até quebrar? Poder-se-ia ainda endireitar e tomar pé nalgum ponto sólido da sua consciência? Provavelmente nem ele próprio poderia dizê-lo.

A rua estava deserta. Alguns burgueses que se recolhiam rapidamente para suas casas mal deram por ele. Nos tempos de perigo cada um vela por si... O limpa-candeeiros foi, como era costume, acender o lampião; situado precisamente defronte da porta número 7 e seguiu o seu destino. Jean Valjean, se alguém, naquela ocasião, o observasse, não parecia um homem vivo. Estava sentado no degrau da porta, imóvel como uma larva de gelo. O desespero contém certa congelação. Ao longe ouvia-se o toque de rebate e vagos rumores tumultuosos.

No meio de todas aquelas convulsões do sino casadas com a revolta, deu o relógio de S. Paulo onze horas, gravemente e sem se apressar; porque o toque de rebate é o homem; a hora é Deus. O passar da hora não produziu efeito algum em Jean Valjean, que não se moveu. Contudo, quase ao mesmo tempo, ressoou no espaço uma inesperada detonação do lado dos Mercados, que foi logo seguida por segunda, mais violenta ainda; fora, provavelmente, o ataque da barricada da rua da Chanvrerie, que há pouco vimos repelido por Mário. Jean Valjean ouvindo aquela dupla descarga, cuja fúria parecia aumentar com o pasmo produzido pela noite, estremeceu; ergueu-se, voltando-se para o lado donde viera O ruído; depois tornou a deixar-se cair sobre o poial, cruzou os braços e a cabeça tornou vagarosamente a pender-lhe para o peito.

E continuou o tenebroso diálogo consigo mesmo.

De repente ergueu os olhos; vinha alguém pela rua; ouviu passos perto de si, olhou, e à luz do lampião, do lado da rua que conduz aos Arquivos, viu um rosto lívido, jovem e alegre.

Gavroche acabava de chegar à rua do Homem Armado.

Gavroche olhava para cima e parecia procurar alguma coisa. Via perfeitamente Jean' Valjean, mas não o dava a conhecer.

O gaiato, depois de ter olhado para cima, olhou para baixo; punha-se nos bicos dos pés e apalpava as portas e as janelas das lojas, que estavam todas fechadas e aferrolhadas. Depois de ter examinado cinco ou seis portas, todas fortificadas, encolheu os ombros e entrou em matéria consigo mesmo, nestes termos:

— C'os diabos!

Depois continuou a olhar para o ar.

Jean Valjean, que um momento antes, na situação de alma em que se achava, não teria falado nem mesmo olhado para pessoa alguma, sentiu-se irresistivelmente impelido a dirigir a palavra àquela criança.

— O que tens tu, pequeno?

— Tenho fome — respondeu Gavroche prontamente.

E acrescentou:

— Pequeno é você também.

Jean Valjean meteu a mão no bolso e tirou uma moeda de cinco francos.

Mas Gavroche, que era uma espécie: de borboleta e que passava rapidamente de um para outro gesto, acabara de apanhar uma pedra. Descobrira um lampião.

— Olha! — disse ele. — Ainda por aqui há disto. Vocês não estão na ordem, meus amigos. Isto é desordem. Abaixo com ele.

E atirou a pedra ao lampião, cujo vidro caiu em pedaços, com um tal estampido, que uns burgueses escondidos por trás das cortinas da casa fronteira, exclamaram:

— Estamos em 93!

O candeeiro oscilou violentamente e apagou-se. A rua ficou repentinamente escura.

— É assim mesmo, sua rua velha: ponha o seu barrete de dormir.

E voltando-se para Jean Valjean:

— Como é que vocês chamam àquele monumento muito grande que está lá no fim da rua? São os Arquivos, não é verdade? Aquelas colunas é que eram místicas para uma barricada.

Jean Valjean aproximou-se de Gavroche.

— Pobre criança — disse ele a meia voz, como se falasse consigo mesmo — tem fome.

E meteu-lhe na mão a moeda de cem soldos.

Gavroche levantou O nariz, espantado pela grandeza da dádiva; mirou-a no

meio da sombra e ficou deslumbrado pela alvura de tão grande soldo. Não conhecia as moedas de cinco francos senão por ouvir dizer, a sua reputação era-lhe muito agradável, por isso ficou encantado por ver uma e disse consigo: «Contemplemos o tigre». Olhou alguns instantes para o dinheiro, extasiado; depois voltou-se para Jean Valjean e disse majestosamente, querendo restituir-lhe a moeda de cinco francos.

— Burguês, quero antes quebrar os candeeiros. Guarde a sua fera. A mim ninguém me corrompe. Este bicho tem cinco garras, mas não me arranha.

— Não tens mãe? — perguntou Jean Valjean.

— Talvez tanto como você.

— Pois então guarda esse dinheiro para tua mãe — tornou Jean Valjean.

Gavroche sentiu-se comovido. Depois acabara de reparar que o homem estava com a cabeça descoberta, e isso inspirava-lhe confiança.

— Mas então não é para me impedir que eu quebre os lampiões?

— Quebra tudo o que tu quiseres.

— Isso é que é ser homem às direitas — disse Gavroche.

E meteu num dos bolsos a moeda de cinco francos.

Sentindo em seguida aumentar-se-lhe a confiança, acrescentou:

— O senhor é daqui da rua?

— Sou, porquê?

— Sabe dizer-me onde é o número 7?

— O número 7, para quê?

O rapaz calou-se, receou ter falado de mais; e metendo energicamente os dedos pelos cabelos, limitou-se a responder:

— Ora aí está!

De repente foi Jean Valjean acometido por uma ideia. A aflição tem às vezes lucidez.

— Tu é que me trazes a carta que eu espero? — disse ele ao gaiato.

— O senhor? — retorquiu Gavroche. — O senhor não é mulher.

— A carta não é para a menina Cosette?

— Cosette? — murmurou Gavroche, — Sim, parece-me que é um nome assim arrevesado.

— Pois sou eu quem lhe hei-de entregar a carta. Dá-ma.

— Então há-de saber que foi da barricada que aqui me mandaram?

— Sei muito bem — respondeu Jean Valjean imperturbavelmente.

Gavroche mergulhou a mão noutra algibeira e tirou dela um papel dobrado em quatro.

Em seguida fez uma continência militar.

— Respeito para com o despacho — disse ele vem do governo provisório.

Gavroche conservava o papel levantado acima da cabeça.

— Não pense que é alguma carta de amores. É para uma mulher, mas é do povo. Nós cá batemo-nos, mas respeitamos o sexo: Não somos como a sociedade fina, onde há leões que fingem de camelos.

— Dá cá.

— A falar a verdade -continuou Gavroche — o senhor parece ser bom homem.

— Dá cá depressa.

— Aqui tem.

E entregou o papel a Jean' Valjean.

— É a Saint-Merry que deve ser levada a resposta? — tornou Jean Valjean.

— Aí fazia você um bolo dos que vulgarmente denominam brtochel.[52] Esta carta vem da barricada da rua da Chanvrerie, para onde volto já. Boas noites, cidadão.

Gavroche depois disto foi-se ou, para melhor dizer, continuou para o sítio: donde viera, o seu voo de pássaro fugido da gaiola. Mergulhou na escuridão, como se nela se fizesse um buraco, com a rapidez rígida de um projéctil; a rua do Homem Armado tornou a ficar silenciosa e solitária; aquela estranha criança, que participava da sombra e do sonho, internara-se no nevoeiro daquelas fileiras de casas escuras, perdendo-se nele, qual fumo no meio das trevas; e podê-lo-iam julgar dissipado e extinto, se alguns minutos depois da sua desaparição, a estrondosa quebradela de vidros e o esplêndido ruído de um lampião caindo na rua, não tivessem acordado novamente os burgueses indignados.

Era Gavroche passando pela rua do Chaume.

III — Enquanto Cosette e Toussaint dormiam

Jean Valjean entrou para casa com a carta de Mário na mão.

Subiu a escada às apalpadelas, satisfeito com as trevas, qual mocho de posse da sua presa, abriu e fechou brandamente a porta, escutou, viu que, segundo as aparências, tanto Cosette como Toussaint, estavam dormindo, acendeu a luz, com mão trémula, como o ladrão que se introduz furtivamente numa casa, sentou-se à mesa, abriu o papel e leu-o.

No meio das comoções violentas, não se lê, aniquila-se, para assim dizer, o papel que se tem na mão, oprime-se como uma vítima prostrada, amarrota-se e cravam-se-lhe as unhas com cólera, ou com alegria; corre-se ao fim, salta-se ao princípio; a atenção é febril; compreende-se em globo, pelo menos, o essencial; abrange-se um ponto, e todo o resto desaparece. No bilhete de Mário a Cosette não viu Jean Valjean senão o seguinte:

«...Quando leres isto, estará a minha alma a teu lado...»

Em presença destas palavras teve um deslumbramento horrível; ficou por um momento como que esmagado pela mudança de comoção que sentia operar-se em si, e olhava para o bilhete de Mário com uma espécie de espanto de ebriedade; tinha diante dos olhos um grande esplendor: a morte do ente odiado.

Jean Valjean soltou um medonho grito de alegria íntima. Assim, estava tudo acabado. O desfecho apresentava-se mais depressa do que poderia esperar-se.

O ente que entulhava o seu íntimo desaparecia. Iluminava-se por si mesmo, livremente, de boa vontade, sem que ele, Jean Valjean, tivesse concorrido para isso; «aquele homem» ia desaparecer sem que ele fosse o culpado. Talvez até já estivesse morto. Aqui a febre dos cálculos. Não, não morreu ainda. A carta foi visivelmente escrita para ser lida de manhã; depois daquelas duas descargas que se tinham ouvido entre as onze e a meia-noite não houve mais nada; a barricada não será atacada senão ao amanhecer; mas é o mesmo, desde que «este homem» se acha envolvido em tal guerra, está perdido; está seguro pela engrenagem.

Jean Valjean sentiu-se liberto. Ia, pois, tornar a achar-se só com Cosette. A concorrência cessava: recomeçava o futuro. Só lhe restava guardar aquela carta na algibeira. Cosette não saberia nunca o que fora feito «daquele homem»: Não há mais do que deixar consumar os factos:

— Este homem não pode escapar. Se não está morto ainda, tem a certeza de que morrerá! Que felicidade!

Depois de dizer tudo isto consigo mesmo, ficou sombrio. Em seguida tornou a descer e acordou o porteiro.

Passado pouco mais ou menos uma hora, Jean Valjean saiu de casa completamente fardado e armado como guarda nacional. O porteiro obtivera facilmente na vizinhança com que completar o seu equipamento.

Transposto o limiar da porta, em que, pouco antes, estivera sentado, encaminhou-se para o lado dos Mercados com a sua espingarda carregada e a patrona cheia de cartuchos.

IV — Excesso de zelo de Gavroche

Entretanto acabava de suceder uma aventura a Gavroche.

O gaiato depois de ter conscienciosamente apedrejado o lampião da rua do Chaume, chegou à rua das Vieilles-Haudriettes, e não vendo ali nem um gato, achou excelente a ocasião para entoar todas as canções de que era capaz.

A sua velocidade em vez de diminuir com o canto, acelerava-se. Caminhando sempre, foi semeando ao longo das casas adormecidas ou aterradas uma canção muito em voga.

Gavroche, cantando, prodigalizava grande soma de mímica. O gesto é o ponto de apoio do estribilho. O seu rosto, inesgotável repertório de máscaras, produzia as caretas mais convulsivas e fantásticas, que possam conceber-se. Infelizmente indo só, e sendo noite, não era visto nem visível. Neste mundo há muitas riquezas perdidas.

De repente parou.

— Interrompamos a romanza — disse ele.

A sua pupila felina acabava de descobrir no vão de uma porta o que em pintura se chama um «todo», isto é, um ente e uma coisa; a coisa era um carrinho de mão, o ente um aldeão do Auvergne, que estava dormindo sobre ele.

Os varais do carrinho descansavam no chão e a cabeça do aldeão estava apoiada no extremo do carro, tendo o corpo estendido naquele plano inclinado e os pés tocando no chão.

Gavroche, com a experiência das coisas deste mundo, reconheceu logo um bêbado.

— Aqui está — disse Gavroche — para que servem as noites de Verão. O auvergnez dorme dentro do seu carro. Toma-se o carro para a república e deixa-se o auvergnez para a monarquia.

O espírito do gaiato acabava de ser iluminado pela seguinte ideia:

«Este carro faria um maravilhoso arranjo para a nossa barricada».

O auvergnez ressonava com estrondo.

Gavroche puxou brandamente o carro pela parte de trás e o auvergnez pela frente, isto é, pelos pés, e passado um minuto estava o auvergnez, imperturbável, repousando de bruços nas pedras da rua.

Gavroche, habituado a ter de se haver por todos os lados com o imprevisto, tinha sempre tudo consigo.

Vasculhou as algibeiras e tirou um bocado de papel e um pedaço de lápis vermelho, bifado a algum carpinteiro e escreveu:

REPÚBLICA FRANCESA
Foi recebido o teu carro.

E assinou:

Gavroche.

Feito isto meteu-o no bolso do colete de belbutina do auvergnez, que continuava a ressonar, empunhou as duas varas do carro e partiu na direcção dos Mercados, impelindo-o diante de si, a galope, e produzindo um motim gloriosamente triunfal.

Isto tornava-se perigoso. Na Imprensa real havia um posto de guarda, Gavroche não se lembrava de semelhante coisa. Aquele posto estava ocupado

por guardas nacionais do termo. A força começava a sentir-se inquieta e as cabeças começavam a erguer-se sobre a tarimba. Dois candeeiros quebrados sucessivamente, aquela canção cantada em alto berreiro, era demasiado para ruas tão medrosas, que logo ao pôr-do-sol têm; sono e que apagam as luzes tão cedo.

Havia uma hora que o gaiato fazia naquele lugar pacífico a bulha de um mosquito dentro de uma garrafa.

O sargento da guarda aplicava o ouvido e esperava.

Era um homem prudente.

O rodar desesperado do carro fez transbordar a medida da expectativa possível e determinou o sargento a tentar um reconhecimento.

— É algum bando deles —, disse o sargento consigo.

Era evidente que a hidra da anarquia saíra da sua prisão e que se andava agitando por aqueles sítios.

E o sargento arriscou-se a sair da casa da guarda nos bicos dos pés.

Gavroche, continuando a impelir o carrinho, achou-se de repente, quando ia a desembocar da rua das Vieilles-Haudrietíes, em frente de uma farda, de uma barretina, de um penacho e de uma espingarda.

Pela segunda vez estacou.

— Olha! — disse o gaiato. — É ela! Senhora ordem pública, estimo que tenha passado muito bem.

Os espantos de Gavroche eram pouco duradouros e desfaziam-se rapidamente.

— Aonde vais tu, vadio? — gritou o sargento.

— Cidadão — disse Gavroche — eu ainda lhe não chamei burguês. Porque me insulta?

— Aonde vais, velhaco?

— O senhor talvez fosse ainda ontem um homem inteligente — tornou Gavroche — mas hoje está infeliz.

— Pergunto-te aonde vais, tratante?

— Isso é que é falar — respondeu Gavroche. — Realmente ninguém dirá a Sua idade, O senhor devia vender os seus cabelos a cem francos cada um; apurava quinhentos francos.

— Aonde vais? Aonde vais, ladrão?

Gavroche continuou:

— Isso são palavras feias. A primeira vez que lhe derem de mamar é preciso que lhe limpe melhor a boca.

O sargento cruzou a baioneta.

— Dizes-me aonde vais, ou não dizes, miserável!

— Meu general — disse Gavroche — vou chamar um médico para minha esposa, que está de parto.

— Às armas! — gritou o sargento.

Salvarem-se pelo meio que os perdeu, é em que consiste a obra-prima dos homens fortes e resolutos: num abrir e fechar de olhos, Gavroche mediu toda a situação. O carrinho é que o tinha comprometido, era ele que devia protegê-lo.

No momento em que o sargento arremetia com Gavroche, fazia o garoto rodar furiosamente sobre ele o carro transformado em projéctil, e arremessado com toda a força possível; o sargento, levando a pancada no ventre caiu para trás no meio da lama, enquanto a espingarda se lhe disparava para o ar.

Ao grito do sargento tinham os soldados saído em confusão da casa da guarda; o tiro isolado determinou uma descarga geral ao acaso, depois da qual tornaram a carregar as armas e recomeçaram.

Esta fuzilaria à cabra-cega, durou um quarto de hora, e matou alguns vidros de diferentes janelas.

Entretanto, Gavroche, que tinha voltado para trás a sete pés, parou, depois de ter passado cinco ou seis ruas e sentou-se arquejante, no marco da esquina dos Enfants-Rouges.

Em seguida aplicou o ouvido.

Depois de ter descansado por alguns instantes, voltou-se para o lado de onde se ouviam os tiros, ergueu a mão esquerda à altura do nariz e lançou-a três vezes para a frente, batendo ao mesmo tempo e outras tantas vezes com a mão direita na nuca, gesto soberano, no qual a gaiatada parisiense condensou a ironia francesa, que é evidentemente eficaz, por isso que já dura há meio século.

Esta alegria foi perturbada por uma reflexão amarga.

— Sim — disse ele —, abundo em alegria, mas estou perdendo o meu tempo; agora tenho de fazer um rodeio. Contanto que não chegue tarde à barricada.

Acto contínuo prosseguiu na sua corrida.

— É verdade, em que ponto estava eu? — disse ele, mesmo correndo.

E continuou a cantar a sua canção, percorrendo rapidamente diferentes ruas, e parecendo fazer diminuir a escuridão.

As operações militares da guarda não foram inúteis. Foi conquistado o carrinho e aprisionado o bêbado. Um foi posto em depósito, o outro, mais tarde, um tanto perseguido como cúmplice. O ministério público de então provou nesta circunstância o seu zelo infatigável pela defesa da sociedade.

A aventura de Gavroche, que faz parte da tradição do bairro do Templo, é uma das recordações mais terríveis dos velhos burgueses do Marais, e é intitulada em sua memória: Ataque nocturno à guarda da imprensa real.

QUINTA PARTE — JEAN VALJEAN

LIVRO PRIMEIRO — A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

I — O Charybdes do arrabalde de Santo António e o Scylla do arrabalde do Templo

As duas mais memoráveis barricadas que podem ser mencionadas pelo observador das doenças sociais, não pertencem ao período em que está incluída a acção deste livro. Estas duas barricadas, ambas símbolos, sob dois aspectos diferentes, de uma situação temível, surgiram do chão, por ocasião da fatal insurreição de Junho de 1848, a maior guerra das ruas que a história tem visto.

Sucede algumas vezes, mesmo contra a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mesmo contra o voto universal, mesmo contra o governo de todos por todos, que do fundo das suas aflições, do seu desânimo, de suas febres, privações, miasmas, ignorâncias e trevas, a grande desesperada, a ínfima plebe, protesta, e a populaça dá batalha ao povo.

Lúgubres combates estes, em que os miseráveis atacam o direito comum, em que a oclocracia se insurge contra o demos, pois que essa demência encerra sempre maior ou menor porção de direito, pois que esse duelo participa do suicídio, e essas palavras miseráveis, ralé, oclocracia, gentalha, empregadas como injúrias, mais provam, infelizmente, os erros dos que dominam do que os daqueles que sofrem, mais os dos privilegiados do que os dos deserdados.

Pelo que nos toca, nunca proferimos uma só dessas palavras sem nos sentirmos tomados de dor e de respeito, porque quando a filosofia sonda os factos por elas designados, a par de muitas misérias, encontra não poucas grandezas. Atenas era uma oclocracia; os miseráveis fizeram a Holanda; a plebe salvou Roma por mais de uma vez; a gentalha seguia Jesus Cristo.

Não há homem pensador que não: se tenha detido, por vezes, a contemplar as magnificências das ínfimas regiões.

Era de certo a essa gentalha, a todos esses pobres, a todos esses vagabundos, a todos esses miseráveis, de entre os quais saíram os apóstolos e os mártires, que S. Jerónimo se referia, quando misteriosamente dizia: *«Fex itrbis, lex vorbis».*

As exasperações da multidão que sofre e se vê torturada, as suas insensatas violências contra os princípios que lhe constituem a vida, as suas vias de facto contra o direito, são golpes de Estado populares, e por isso devem ser reprimidos. Nessas ocasiões, o homem probo mostra a sua dedicação à multidão, combatendo-a. Combate-a, mas como ele a acha digna de desculpa, ao mesmo tempo que se lhe opõe! Como ele a venera, ao mesmo tempo que

lhe resiste! Dá-se então um desses raros casos em que, apesar de se fazer o que se deve, se sente uma espécie de desanimação, um como movimento interior que despersuade de ir mais avante; persiste-se porque é necessário, mas a consciência entristece-se depois de satisfeita e o coração como que se confrange com o cumprimento do dever.

Junho de 1848, digamo-lo já, foi um facto excepcional e quase impossível de classificar na filosofia da história. Nada do que acabamos de dizer tem aplicação a essa extraordinária revolta, em que se sente a santa ansiedade do trabalho reclamando os seus direitos. Foi necessário, era mesmo dever combatê-la, porque ela atacava a república. No fundo, porém, que foi Junho de 1848? Uma revolta do povo contra si mesmo.

Não se dá digressão, uma vez que não se perca de vista o assunto; portanto, seja-me lícito ocupar, por um momento, a atenção do leitor com as duas barricadas, absolutamente únicas, de que acima falamos, e que caracterizaram essa insurreição.

Uma pejava a entrada do arrabalde de Santo António, a outra defendia as avenidas do arrabalde do Templo. Jamais olvidarão essas duas medonhas e primorosas obras da guerra civil os que, sob o límpido céu de Junho, assistiram à sua construção.

A barricada do arrabalde de Santo António era monstruosa; tinha a altura de uma casa de três andares e setecentos pés de largura. Obstruía, com toda a sua extensão, a ampla embocadura do arrabalde, isto é, três ruas; desigual, cheia de montículos, de excrescências; de covas, rasgadas por uma imensa abertura, reforçada por alguns aterros que formavam uns como bastiões, com seus ângulos reentrantes e salientes, solidamente travada nos dois grandes promontórios de casas do arrabalde, surgia como um dique de ciclopes no fundo do temeroso local, que presenciou as cenas de 14 de Julho. Dezanove barricadas se elevavam por trás daquela barricada mãe no interior das ruas que se seguiam. Bastava olhar para ela para se conhecer que o sofrimento agonizante do arrabalde era chegado ao extremo momento em que uma miséria vai produzir uma catástrofe. De que era construída a barricada? Do entulho de três prédios de seis andares, para esse fim demolidos, diziam uns. Do prodígio de todas as cóleras, diziam outros. O seu aspecto era o de todas as construções do ódio: a Ruína. Podia dizer-se: «Quem construiu isto?» e do mesmo modo se podia dizer: «Quem destruiu isto?» Era o improviso da efervescência. Olé! Venha essa porta! Essa grade! Esse coberto! Esse fogareiro quebrado! Essa panela velha! Dai tudo! Lançai tudo! Puxai, rolai, cavai, desmantelai, arrancai, demoli tudo! Era a colaboração da lájea da rua, da viga, do varão de ferro, do caco, do caixilho quebrado, da cadeira arrombada,

do talo de couve, do trapo, de andrajo e da maldição! Era uma grande coisa e uma coisa pequena. Era o abismo parodiado na praça pelo tumulto. A massa a par com o átomo; o lanço de parede demolido e o alguidar quebrado; uma confraternidade temerosa de toda a espécie de destroços, a que não faltava nem o rochedo de Sisipho nem a telha de Job. Em suma, uma coisa terrível. Era a acrópole dos andrajos. Acidentavam os taludes vários carros deitados de lado, entre os quais figurava uma enorme carroça, que, com o eixo voltado para o ar, semelhava um gilvaz no meio daquela desordenada frontaria; um *omnibus*, guindado entre risos para Q cimo daquele confuso acervo, como se os arquitectos daquela selvajaria quisessem misturar o jocoso com o terrível, oferecia a lança desaparelhada a não sei que aéreos cavalos. Aquele acervo gigantesco, aluvião da revolta, apresentava-se ao espírito como um Ossa sobre o Pelion de todas as revoluções; 93 sobre 89, o 9 Termidor sobre o 10 de Agosto, o 18 brumário sobre o 21 de Janeiro, venaimacio sobre prairial, 1848 sobre 1830. O local era apropriado e a barricada digna de aparecer no próprio sítio de onde tinha desaparecido a Bastilha. Se o Oceano fizesse diques, seria daquele modo que os construiria. Aquela informe aglomeração de tão diversos objectos como que deixava transparecer a fúria da vaga. Que vaga? A multidão. Dir-se-ia que estava ali o tumulto petrificado. Parecia ouvir-se zumbir por cima daquela barricada, como se achassem ali no seu cortiço as enormes e escuras abelhas do progresso violento. Era uma mata? Era uma bacanal? Era uma fortaleza? Parecia uma coisa construída pelas asas da vertigem. Era um reduto quase cloaca, um monturo quase olímpico. Viam-se, em desesperada desordem, frechais de telhados, pedaços de trapeiras com o seu papel pintado, caixilhos de janelas com todos os seus vidros cobertos de entulho, à espera da artilharia, fogões, armários, mesas, bancos, uma aglomeração raivosa dessas mil coisas indigentes, de que nem o mendigo faz caso, e que contêm, ao mesmo tempo, o furor e o nada. Dir-se-ia o andrajo de um povo, andrajo de pau, de ferro, de bronze, de pedra, que o arrabalde atirara para ali com uma colossal vassourada, convertendo a sua miséria em barricada. Cepos, correntes deslocadas, madeiramentos com formas de forcas, rodas horizontais saindo de entre o entulho, amalgamavam com aquele edifício da anarquia o sombrio aspecto dos antigos suplícios sofridos pelo povo.

A barricada de Santo António tudo convertia em armas; saía dali tudo o que a guerra civil pode atirar à cabeça da sociedade; não era combate, era paroxismo; as clavinas que defendiam aquele reduto, entre as quais havia alguns bacamartes, eram carregadas com pedacinhos de louça, ossos, botões e até roldanas de veladores, projécteis perigosos, por causa do cobre. Era uma barricada impetuosa, que elevava aos ares um clamor inexprimível; em certas

ocasiões, cobria-se de multidão e de tempestade para provocar o exército; coroava-a uma chusma de cabeças flamejantes; enchia-a um redemoinhar tumultuoso; tinha uma crista eriçada de espingardas, de sabres, paus, chuços, machados, baionetas, entre as quais se desfraldava ao vento uma bandeira vermelha; ouviam-se os gritos de comando, as canções de ataque, os rufos do tambor, os soluços das mulheres e as risadas tenebrosas dos famintos. Era uma coisa descomunal e animada, da qual, como do lombo de um animal eléctrico, saía um faiscar de raio, O espírito da revolução cobria com a sua nuvem aquele cume, onde rugia a voz do povo, que parece a voz de Deus; estranha majestade se desenvolvia daquele titânico cesto de entulho. Era um monturo e era o Sinai.

Como acima dissemos, aquela barricada atacava, em nome da revolução. O quê? Aquela barricada, o acaso, a desordem, o desvairamento, o equívoco, o incógnito, tinha na sua frente a assembleia constituinte, a soberania do povo, o sufrágio universal, a nação, a república; era a Carmagnole desafiando a Marselhesa.

Desafio insensato, mas heróico, pois é certo que aquele velho arrabalde é um herói.

O arrabalde e o seu reduto auxiliavam-se mutuamente. O arrabalde prestava os ombros ao reduto e este debruçava-se sobre eles. A vasta barricada oferecia o aspecto de um rochedo, de encontro ao qual ia quebrar-se a estratégia dos generais da África. Suas cavernas, suas excrescências, suas verrugas e sinuosidades eram uns como trejeitos que ela fazia, rindo ironicamente sob o fumo. Era uma massa informe, em que se sumia a metralha, em que as bombas se enterravam e desapareciam, em que só as balas conseguiam abrir brecha: de que serve bombardear o caos? E os regimentos, acostumados às mais ferozes visões da guerra contemplavam com olhar desassossegado aquela espécie de reduto-fera, pelo eriçamento javali, montanha pela enormidade.

Se a um quarto de légua dali, isto é, da esquina da rua Velha do Templo, que desemboca no boulevard, próximo ao Chateau-d'Eau, se estendesse ousadamente o pescoço fora da ponta formada pela frente do armazém Dallemagne, avistar-se-ia ao longe, adiante do canal, na rua que costeia a ladeira de Belleville, no ponto culminante da serra, uma parede singular ao nível dos segundos andares das casas, espécie de linha de união entre os prédios da direita e os da esquerda, como se a rua tivesse por si mesmo dobrado a sua parede mais alta para repentinamente se fechar. Este muro era construído com as lájeas da rua. Era direito, correcto, frio, perpendicular, nivelado, esquadrado, alinhado e aprumado. Faltava-lhe decerto o cimento,

mas, como em certos muros romanos, esta circunstância não perturbava a sua rígida arquitectura. Adivinhava-se-lhe a profundidade pela altura. A cimalha era matematicamente paralela à base. De espaço a espaço, distinguiam-se-lhe na alvacenta superfície seteiras quase invisíveis, que pareciam fios negros, situados a distância igual uns dos outros. A rua via-se deserta em toda a sua extensão, as portas e as janelas todas fechadas. No fundo elevava-se aquela trincheira, que fazia da rua um beco sem saída; muro imóvel e sossegado, em que se não via ninguém nem se ouvia coisa alguma: o mínimo grito, o mínimo rumor, o mínimo sopro. Um sepulcro.

Inundava de luz aquela coisa terrível o deslumbrante Sol de Junho. Era a barricada do arrabalde do Templo.

Ao dar com os olhos nela, era impossível, ainda aos mais intrépidos, não ficarem pensativos diante daquela misteriosa aparição. Era uma coisa ajustada, encaixilhada, rectilínea, simétrica e fúnebre. Revelava ciência e trevas. Conhecia-se que o chefe daquela barricada ou era um geómetra ou um espectro. Olhava-se para aquilo e falava-se em voz baixa.

De tempos a tempos, se alguém, soldado, oficial ou representante do povo, se aventurava a atravessar a solitária calçada, ouvia-se um assobio agudo e fraco, e o viandante caía ferido ou morto, ou, se escapava, via-se cravar em alguma janela, na caliça de uma parede ou na fenda de duas pedras uma bala, algumas vezes de biscainho, porquanto os homens da barricada tinham arranjado duas peçazinhas de artilharia de dois pedaços de tubos de gás, tapados numa extremidade com estopa e tijolo. Não se gastava inutilmente a pólvora, porque quase todos os tiros se empregavam. Aqui e além, viam-se pela rua alguns cadáveres e charcos de sangue. Lembro-me de ter visto, nessa ocasião, uma borboleta branca esvoaçando pelo sítio da barricada. O Verão não abdica.

Nos arredores, os sótãos estavam atulhados de feridos.

Quem passava sentia-se alvo da oculta pontaria feita por invisíveis entes em toda a extensão da rua.

Agrupados por trás da volta, que faz a ponte do canal à entrada do arrabalde do Templo, os soldados da coluna de ataque observavam, graves e silenciosos, aquele lúgubre reduto, imóvel e impassível, do meio do qual saía a morte. Alguns chegavam até ao meio do lombo formado pela ponte, porém de rojo e com o maior cuidado para não serem vistos.

Admirava e estremecia o valente coronel Monteynard a vista daquela barricada.

— Que construção! — dizia ele a um representante. — Nem uma só pedra desalinhada! Parece porcelana!

Neste momento, a cruz que trazia ao peito foi-lhe quebrada por uma bala e ele caiu.

— Cobardes! — diziam alguns. — Porque se não mostram? Para que se escondem? Atrevam-se a aparecer! Não são capazes!

A barricada do arrabalde do Templo, defendida por oitenta homens e atacada por dez mil, resistiu por espaço de três dias. No quarto, fizeram como em Zaatcha e em Constantina, entraram pelas casas dentro, subiram aos telhados e a barricada foi tomada. Nem um só dos oitenta cobardes pensou em fugir; todos morreram nela, à excepção do chefe, Barthélemy, de quem em breve nos vamos ocupar.

A barricada do arrabalde de Santo António era o tumulto dos trovões; a barricada do Templo era o silêncio. Havia entre os dois redutos a diferença que vai do terrível ao sinistro. Uma parecia uma goela, outra uma máscara.

Admitindo que a gigantesca e tenebrosa insurreição de Junho era composta de uma cólera e de um enigma, sentia-se na primeira barricada o dragão e por trás da segunda a esfinge.

Estas duas fortalezas haviam sido construídas por dois homens, chamados um, Cournet, outro; Barthélemy Cournet presidira à construção da barricada de Santo António; Barthélemy à da barricada do Templo. Cada uma delas era a imagem do homem que presidira à sua construção.

Cournet era um homem de estatura elevada, ombros largos, rosto corado, pulso de ferro, coração intrépido, alma leal, olhar sincero, mas terrível. Ousado, enérgico, irascível, tempestuoso; o mais cordial dos homens, o mais temeroso dos combatentes. A guerra, a luta, a refrega, eram o seu meio respirável e a sua mais jovial distracção. Fora em tempo oficial de marinha, e pelos seus gestos e voz conhecia-se que saía do Oceano e que vinha da tempestade, continuando o furacão na batalha. A não ser o génio, havia em Cournet alguma coisa de Danton, como a não ser a divindade, havia em Danton alguma coisa de Hércules.

Barthélemy, magro, de aspecto doentio, pálido, taciturno, era uma espécie de gaiato trágico, que, recebendo uma ocasião, uma bofetada de um empregado civil, esperou-o e matou-o, pelo que foi condenado às galés, tendo dezassete anos de idade. Depois saiu e fez aquela barricada.

Mais tarde — coisa fatal! — achando-se ambos proscritos em Londres, Barthélemy — matou Cournet. Foi um fúnebre duelo. Passado algum tempo, apanhado pela engrenagem de uma dessas misteriosas aventuras em que anda de envolta a paixão, catástrofe em que a justiça francesa vê circunstâncias atenuantes e em que a justiça inglesa não vê senão a morte, Barthélemy foi enforcado.

Tal é a sombria construção da sociedade, que, por efeito da miséria material, por efeito da obscuridade moral, aquele desventurado ente que continha uma inteligência, firme com certeza e talvez grande, principiou em França pelas galés e acabou em Inglaterra pela forca. Dada a ocasião, Barthélemy arvorava uma só bandeira — a preta.

II — Que se há-de fazer no abismo senão conversar?

Eram decorridos dezasseis anos passados na subterrânea educação da revolta, de que Junho de 1848 sabia muito mais do que Junho de 1832. Assim, pois a barricada da rua da Chanvrerie era apenas um esboço e um embrião, comparada com as duas barricadas colossos que acabamos de esboçar, mas para a época era terrível.

Os insurgentes, vigiados por Enjolras, porquanto Mário já não olhava para nada, tinham aproveitado a noite. A barricada havia sido não só reparada, mas ampliada, elevando-a mais dois pés acima do primitivo nível. Muitos varões e ferros cravados nas pedras pareciam lanças enristadas. A frente constava de toda a espécie de entulho, trazido de todas as partes e ali amontoado.

O reduto fora inteligentemente reconstruído; por dentro muralha, por fora sarça.

Fora reparada a escada de pedras soltas que permitia subir ao cume da trincheira, como a um muro de cidadela.

Arrumara-se a barricada, desobstruíra-se a loja, arvorara-se a cozinha em ambulância, concluíra-se o curativo dos feridos, recolhera-se a pólvora espalhada pelo chão e por cima das mesas, fundiram-se balas, fabricaram-se cartuchos, fizeram-se fios, distribuíram-se as armas sem dono, limpara-se o interior do reduto apanharam-se os destroços, procuraram-se os cadáveres.

Os mortos foram depositados em montão na viela de Mondetour, onde, por muito tempo, se viu uma mancha avermelhada no sítio em que estiveram os cadáveres. Entre os mortos havia quatro guardas nacionais do termo, cujos uniformes Enjolras mandou pôr à parte.

Enjolras aconselhara duas horas de sono, e um conselho de Enjolras era uma ordem. Contudo, apenas três ou quatro resolveram segui-lo. Feuilly empregou essas duas horas na gravura desta inscrição na parede fronteira à taberna:

VIVAM OS POVOS!

Estas três palavras, abertas a prego, liam-se ainda naquela parede, em 1848.

As três mulheres tinham aproveitado a folga da noite para desaparecer de vez, o que fazia respirar os insurgentes mais à vontade.

Tinham achado meio de se refugiarem em alguma casa próxima.

A maior parte dos feridos podiam e queriam ainda combater.

Na cozinha, transformada em hospital de sangue, jaziam deitados em colchões e feixes de palha cinco homens, dois dos quais eram guardas municipais; foram estes os primeiros a quem os insurgentes dispensaram os seus cuidados.

Na loja só ficara o tio Mabeuf coberto com o xaile preto e Javert amarrado ao poste.

— Aqui é a casa dos mortos — disse Enjolras.

No interior desta casa, apenas alumiada por uma única vela, lá ao fundo, ficava a mesa mortuária por trás do poste como uma travessa horizontal, de sorte que de Javert em pé e de Mabeuf deitado resultava uma grande cruz vaga.

A lança do omnibus, conquanto quebrada pelas balas, era ainda bastante grande para se lhe poder içar uma bandeira.

Enjolras, que possuía as qualidades de um chefe, executando sempre o que dizia, pendurou no resto da lança o casaco furado e ensanguentado do velho morto.

Era impossível a menor refeição. Não havia ali nem pão nem carne. Os cinquenta homens da barricada achavam-se ali havia dezasseis horas, tendo, durante esse tempo, acabado as parcas provisões da casa de pasto. Chegada a ocasião, toda a barricada que resiste se torna inevitavelmente em jangada de Medusa. Foi necessário, resignarem-se à fome. Estava-se nas primeiras horas desse dia esparciata de 6 de Junho, em que, na barricada de Saint-Merry, Jeanne, rodeado de insurgentes que pediam pão, a todos os combatentes que gritavam: «Queremos comer!» ele respondia: «Para quê? São três horas, às quatro estaremos todos mortos!»

Como, pois, já não havia que comer, Enjolras proibiu que alguém bebesse vinho, permitindo apenas a aguardente, que foi distribuída em rações.

Na adega foram encontradas umas quinze garrafas, hermeticamente lacradas, que Enjolras e Combeferre examinaram. Quando; Combeferre subiu, disse:

— Isto são bens antigos do tio Hucheloup, que principiou por droguista.

— Deve ser verdadeiro vinho — atalhou Bossuet. Ainda bem que Grantaire dorme, quando não havia de custar a salvar-lhe das garras todas essas garrafas!

Enjolras, apesar dos murmúrios, pôs o seu veto sobre as quinze garrafas, e para que ninguém lhes tocasse, como se fossem coisa sagrada, mandou-as pôr em cima da mesa em que jazia o tio Mabeuf.

Pelas duas horas depois da meia-noite, houve uma chamada e verificou-se

serem ainda trinta e sete os insurgentes.

Principiava a despontar o dia. Acabavam de apagar o archote, que tornara a ser colocado no seu alvéolo de pedras. O interior da barricada, espécie de pequeno pátio feito na rua, jazia imerso em trevas e assemelhava-se, através do vago horror crepuscular, ao convés de um navio abandonado. Os combatentes pareciam vultos negros movendo-se de um para outro lado. Por cima deste temeroso ninho de sombras, desenhavam-se lividamente os andares das casas silenciosas, no alto das quais principiavam a distinguir-se as chaminés, tingidas de uma cor lívida. O céu apresentava esse cambiante indeciso e cheio de encanto, que tanto se pode dizer branco como azul. Os pássaros começavam a esvoaçar, soltando gritos alegres. A casa alta que formava o fundo da barricada, como ficava voltada para o Oriente, reflectia no telhado um clarão cor-de-rosa. No postigo do terceiro andar via-se ainda a cabeça pendida do homem morto por Le Cabuc, com os grisalhos cabelos agitados pela viração da manhã.

— Estou satisfeitíssimo por ver o archote apagado — dizia Courfeyrac a Feuilly. — Já estava farto de ver aquele archote açoitado pelo vento. Parecia que estava com medo! A luz dos archotes é como a prudência dos cobardes: alumia mal, porque treme.

O alvorecer do dia desperta os espíritos do mesmo modo que as aves; por isso, todos conversavam.

Joly, ao ver um gato em cima de um telhado, pôs-se a fazer filosofia.

— Que é o gato? — exclamava ele. — É um correctivo. Deus fez o rato, porém depois arrependeu-se e disse: «Ora, fiz uma asneira!» E fez o gato. O gato é a errata do rato. O gato e o rato são a prova revista e correcta da criação.

Combeferre, rodeado de estudantes e operários, falava dos mortos, de Jean Prouvaire, Bahorel, Mabeuf, e até de Le Cabuc e da tristeza severa de Enjolras.

— Harmodio e Aristogiton — dizia ele — Bruto, Chéréas, Stephano, Cromwell, Carlota Corday e Sand, todos tiveram, depois do golpe o seu momento de angústia. O nosso coração é tão vacilante, a vida humana um tal mistério, que ainda num assassínio cívico, num assassínio libertador, se os há, o remorso de ter ferido um homem excede o prazer de ter sido útil ao género humano.

E, apenas um instante depois disto, Combeferre, por uma transição suscitada pelos versos de Jean Prouvaire, com essa volubilidade de assuntos peculiar aos que conversam, fazia o paralelo dos tradutores das Geórgias, comparando Raux com Cournaud, Cournaud com Delille, apontando algumas

passagens traduzidas por Malfilâtre, especialmente os prodígios da morte de César, palavra que fazia voltar o assunto da conversa outra vez para Bruto.

— César — dizia Combeferre — caiu porque devia cair, Cícero foi severo com César, mas não sem razão. A severidade de Cícero não era a diabrite. Quando Zoilo insulta Homero, quando Mevio insulta Virgílio quando Vise insulta Molière, quando Pope insulta Shakespeare, quando Freron insulta Voltaire, isto não é mais do que a execução de uma antiga lei de inveja e ódio; os génios atraem a injúria, os grandes homens são sempre mais ou menos mordidos. Porém, Zoil e Cícero são duas entidades diversas. Cícero é um justiceiro pelo pensamento, do mesmo modo que Bruto é um justiceiro pela espada. Pela parte que me pertence, censuro este modo de fazer justiça pela espada porém a antiguidade admitia-o. César, violador do Rubicon, conferindo, como senhor supremo, as dignidades que procediam do povo, não se levantando à entrada do senado, fazia, como diz Eutrópio, coisa de rei e quase de tirano, *regia ac pesrfe tyrannica.* Era um grande homem, feliz ou infelizmente; a lição é mal elevada. Comovem-me menos as vinte e três feridas que ele recebeu do que o escarro na fronte de Jesus Cristo César é apunhalado pelos senadores; Cristo é esbofeteado pelos lacaios. Pelo excesso do ultraje, conhece-se o Deus.

Bossuet, ao alto de um monte de pedras, de onde dominava o grupo dos que conversavam, exclamava, ao mesmo tempo, agitando a clavina que tinha na mão:

— Ó Cydatheneo, ó Myrrhino, ó Probalyntho, graças da Aeantide! Ah, quem me dera pronunciar os versos de Homero como um grego de Laurio ou de Edaptéon!

III — Luz e sombra

Enjolras tinha saído em reconhecimento pela viela de Mondétour, cosendo-se com a parede das casas para não ser pressentido.

Os insurgentes — devemos confessá-lo — estavam cheios de esperança. O modo como haviam repelido o ataque nocturno fazia-lhes quase ligar pouca importância ao ataque que deveria ter lugar de madrugada.

Os insurgentes, pois, esperavam e sorriam, certos do seu bom resultado, como o estavam da causa, por cujo respeito opunham o peito às balas. Além disto, era evidente que não tardariam a ser socorridos, socorro com que firmemente contavam. Em virtude dessa facilidade de profecia triunfal, que é uma das forças do francês combatendo, eles dividiam em três fases infalíveis o dia que não tardaria a principiar: às seis horas, aderiria ao movimento dos insurgentes um regimento de antemão apalavrado; ao meio-dia, rebentaria a insurreição em toda a cidade; ao pôr-do-sol teria lugar a revolução.

A este tempo ouvia-se ainda o sino de Saint-Merry, que desde a véspera se não tinha calado um instante, tocando a rebate, o que provava que a outra barricada, a grande, a de Jeanne, continuava a resistir.

Todas estas esperanças se transmitiam de um a outro grupo, com certo ar de mistério galhofeiro, mas terrível, que se assemelhava ao zunido de uma colmeia em guerra.

Passado algum tempo, tornou a ver-se Enjolras, de volta da sua sombria digressão de águia por entre a escuridão exterior. Quedou-se um instante, escutando toda aquela alegria, de braços cruzados e com uma mão na boca, e em seguida exclamou, fresco e rosado no meio da crescente claridade da madrugada:

— A tropa de Paris está toda em armas. A terça parte pesa sobre a barricada em que estamos. Já não falo na guarda nacional. Acabo agora mesmo de avistar as barretinas do 5.º de linha e os estandartes da sexta legião. Dentro de uma hora seremos atacados. Quanto ao povo estava ontem em efervescência, porém hoje não se mexe. Não há que esperar, não podemos contar com ninguém, nem com povo nem com tropa! Estamos abandonados!

Estas palavras, caídas sobre o zunido dos grupos, produziram neles o mesmo efeito que produz num enxame a primeira gota de água da tempestade. Emudeceram todos. Seguiu-se àquelas palavras um instante de inexprimível silêncio, durante o qual se teria ouvido o esvoaçar da morte.

Esse instante, porém, durou pouco.

Do fundo mais obscuro dos grupos elevou-se uma voz e disse para Enjolras:

— Embora! Elevemos a barricada a vinte pés de altura e morramos todos nela! Cidadãos, façamos o protesto dos cadáveres. Mostremos que, se o ovo abandona os republicanos, os republicanos não abandonam o povo!

Estas palavras tiveram a virtude de desligar da penosa nuvem das ansiedades individuais o pensamento de todos, sendo acolhidas por uma entusiástica aclamação.

Nunca se soube o nome do homem que assim falou; foi talvez algum ignorado operário, algum desconhecido, algum esquecido, algum viandante herói, esse grande anónimo sempre aliado às crises humanas e aos génesis sociais, que, na ocasião oportuna, profere de um modo supremo a frase decisiva, sumindo-se nas trevas, depois de ter representado um instante, à luz de um relâmpago, o povo e Deus.

Esta resolução inexorável andava por tal modo espalhada na atmosfera do dia 6 de Junho de 1832, que, quase à mesma hora, levantavam os insurgentes da barricada de Saint-Merry o seguinte brado, que foi consignado no processo e depois se tornou histórico:

— Quer venha alguém socorrer-nos, quer não venha, é o mesmo! Resistamos até ao derradeiro!

Como se vê, as duas barricadas comunicavam-se, Se bem que materialmente isoladas.

IV — Cinco de menos, um de mais

Apenas o desconhecido, que decretara «o protesto dos cadáveres», acabou de falar, dando a fórmula da alma comum, saiu de todas as bocas um brado de terrível satisfação, fúnebre pelo sentido e triunfal pela entoação:

— Viva a morte! Morramos aqui todos!

— Todos para quê? — disse Enjolras.

— Todos, todos!

Enjolras prosseguiu:

— A posição da barricada não pode ser melhor. Trinta homens bastam para a defender. Por consequência, para que sacrificar quarenta?

— Porque nenhum de nós daqui quer sair! — replicaram eles.

— Cidadãos! — exclamou Enjolras com voz em que se notava certo tremor quase irritado. — Não é a república tão rica, que possa despender homens inutilmente. A vanglória é um desperdício. Se o dever de alguns é retirar-se, devem cumpri-lo, como cumpririam qualquer outro.

Enjolras, o homem-princípio, dominava os seus correligionários por essa espécie de omnipotência que dá o absoluto; porém, não obstante essa omnipotência, houve murmúrios.

Chefe, porém, no rigor da palavra, Enjolras, ao ver que os insurgentes, longe de obedecer, murmuravam, insistiu, prosseguindo com altivez:

— Os que receiam ser só trinta declarem-no!

A este dito de Enjolras cresceram os murmúrios.

— E, quanto mais — atalhou uma voz que se elevou do meio de um grupo quem é que pode sair, estando a barricada cercada, como está? Dizê-lo pouco custa!

— Do lado dos Mercados não está cercada a barricada — replicou Enjolras. — Acha-se livre a viela de Mondétour; portanto, indo-se pela rua dos Pregadores, pode chegar-se até ao mercado dos Inocentes sem dificuldade.

— Sim — tornou outra voz do meio de um grupo — para a gente aí chegar e ser agarrada por algum piquete de tropa de linha ou de guardas nacionais, que, ao verem passar um homem de blusa e boné, perguntar-lhe-ão: «De onde vens? Serás tu dos da barricada? Deixa ver as mãos! Cheiram a pólvora. Fuzilemo-lo!»

Enjolras, em vez de responder, tocou no ombro de Combeferre e entraram ambos para dentro da loja.

Um instante depois, tornaram a sair. Enjolras trazia nas mãos os quatro uniformes que mandara guardar; Combeferre seguia-o, trazendo as correias, e as barretinas.

— Fardados com isto — disse Enjolras — podem confundir-se com os da guarda nacional e escapar. Aqui está para quatro.

E atirou ao chão os quatro uniformes.

O estóico auditório, porém, ficou imóvel.

Combeferre tomou a palavra:

— Vamos — disse ele — é necessário ter alguma piedade. Sabem de quem aqui se trata? Trata-se das mulheres. Vejamos. Têm vocês ou não têm mulheres? Não têm filhos? Não têm mães, que com o pé embalam o berço de uma criança e se vêm rodeadas de um magote delas? Levante o braço aquele de entre vós que ainda não viu o seio de uma mãe. Ah, querem morrer? Também eu; porém eu, que vos estou falando, não quero sentir à roda de mim fantasmas de mulheres torcendo os braços! Morrei, embora, se assim o quereis, mas não causeis a morte! Suicídios como o que aqui não tardará a ter lugar são sublimes, mas o suicídio que envolve o próximo toma o nome de assassínio! Lembrai-vos das cabecinhas louras e dos cabelos brancos! Escutai o que me disse há pouco Enjolras: ao passar pela esquina da rua do Cisne, disse-me ele que avistara luz na janela de um quinto andar e nos vidros a trémula sombra de uma cabeça de mulher velha, que parecia ter esperado toda a noite. Talvez seja a mãe de algum de vós! Pois bem, retire-se esse e apresse-se em ir dizer à pobre mulher: «Aqui me tem, minha mãe!» Pode ir descansado, porque tudo se fará como se ele aqui estivesse. Quando o nosso trabalho é o amparo dos nossos, não temos direito a sacrificar-nos. Semelhante proceder seria o mesmo que desertar da família! E os que têm filhos? Os que têm irmãos?! Pois não pensais nisso? Quereis morrer; está muito bem, morrei; mas amanhã? Raparigas sem pão é uma terrível coisa! O homem mendiga, a mulher vende-se! Oh, meu Deus, pois esses entes tão graciosos e tão meigos, que andam tão honestamente vestidos, que enchem a casa de castidade, que cantam e tagarelam, que são uma espécie de perfume animado, que provam a existência dos anjos no céu pela pureza das virgens na terra, essa Joana, essa Lise, essa Mimi, essas adoráveis e honestas criaturas que fazem a vossa felicidade e o vosso orgulho, deixareis que elas sintam a fome! Quereis que vos diga? Existe um mercado de carne humana, e não será, por certo, com as vossas mãos de espectros que as impedireis de entrar nele. Lembrai-vos da rua por onde transitam inúmeros passeantes, das lojas, em frente das quais passam mulheres decotadas e descalças. Também já foram puras essas mulheres! Lembrem-se de suas irmãs aqueles que as têm. A

miséria, a prostituição, a cadeia, o hospital, eis onde vão cair essas delicadas jovens, essas frágeis maravilhas de pudor, de beleza e graça, mais frescas que os lilases no mês de Maio! Ah, desejastes morrer; muito bem. Quisestes subtrair o povo à realeza e entregastes vossas filhas à polícia! Amigos, por quem sois, não vos recuseis a ser compassivos para com as mulheres, as desventuradas mulheres, que estão pouco afeitas a ver-se lembradas! Dizem que as mulheres não receberam a educação dos homens, não as deixam ler, não as deixam pensar, não as deixam ocupar-se da política: também as impedireis de ir ao depósito reconhecer os vossos cadáveres? Vamos; é necessário que os que têm família sejam bons rapazes, se despeçam de nós e vão embora, deixando o mais por nossa conta. Bem sei que é preciso coragem para isso, que é difícil; porém quanto mais difícil for, mais meritório será. Dir-me-eis: «Tenho uma arma, estou na barricada, e, por conseguinte, não me vou embora». Isto é bom de dizer. Lembrai-vos, meus amigos, que há um amanhã, que não alvorecerá para vós, mas alvorecerá para as vossas famílias, escuro e cheio de sofrimentos. Sabeis o que vem a acontecer à galante criancinha robusta, sadia, corada, tagarela, galhofeira, que se vê abandonada? Falar-vos-ei de uma que, uma ocasião, vi. Morrera-lhe o pai. Tomaram conta dela, por caridade, uns pobres, que nem para si tinham pão. Era de Inverno, mas ela, apesar disso e de andar sempre morta com fome, nunca chorava. Viam-na chegar ao pé do fogão, em que nunca se acendia lume, e que era feito, como sabeis, de barro; a criança arrancava-lhe com os tenros dedinhos alguns pedaços e comia-os. Tinha a respiração rouca, as faces lívidas, as pernas trémulas, o ventre inchado. Nunca proferia a menor palavra. Se alguém lhe falava, não respondia. Transportaram-na para o hospício de Necker, onde eu era interno, e lá morreu. Agora, se entre vós há pais que façam consistir a sua felicidade em sair a passear com seus filhinhos pela mão, imagine cada qual que este filho é o seu. Ainda me lembro; quando o puseram em cima da mesa da aula de anatomia, as costelas formavam umas saliências por baixo da pele, como as sepulturas por baixo da erva de um cemitério. Feita a autópsia, encontrou-se-lhe uma espécie de lama no estômago e os dentes cheios de cinza! À vista disto, metamos a mão na consciência e aconselhemo-nos com o coração. As estatísticas provam que a mortalidade das crianças abandonadas é de cinquenta e cinco por cento. Repito, trata-se das mulheres, das mães, das jovens, das crianças. Porventura, fala alguém de vós? Bem sabemos quem vós sois; por Deus! bem sabemos que sois todos uns bravos; bem sabemos que todos tendes na alma a alegria e a glória de dar a vida pela grande causa; bem sabemos que vos sentis eleitos para morrer útil e magnificamente, e que cada um de vós tem parte no triunfo! Ainda bem! Porém não sois sós no

mundo. Há outros entes em quem deveis pensar. Não queirais ser egoístas!

Todos curvaram a cabeça com aspecto sombrio.

Estranhas contradições do coração humano nestes sublimes momentos! Combeferre, que falava daquele modo, não era órfão. Lembrava-se do que deviam sofrer as mães dos outros e olvidava a sua. Queria morrer sem reflectir que também era «egoísta!»

Mário, em jejum, febril, perdendo sucessivamente todas as esperanças, encalhado na dor, o mais sombrio dos naufrágios, saturado de emoções violentas e sentindo adivinhar-se o fim, cada vez mais se embrenhava nesse torpor visionário que precede sempre a hora fatal voluntariamente aceita.

Um fisiologista teria podido estudar nele os crescentes sintomas da absorção febril conhecida e classificada pela ciência, a qual é para o sofrimento, o que a voluptuosidade é para o prazer. O desespero tem também o seu êxtase. Mário chegara a este ponto e assistia a tudo parecendo estar de fora; como dissemos, as coisas que ocorriam na sua presença pareciam-lhe longínquas; avistava o todo, mas não distinguia os pormenores. Via os movimentos de uns e outros como através de chamas; ouvia-lhes as vozes como vindas do fundo de um abismo.

Entretanto, o episódio que acabamos de ver, comoveu-o. Houve naquela cena uma ponta que o picou e que o fez acordar. Não tinha senão uma ideia, morrer, e não queria distrair-se dela; mas pensou no meio do seu fúnebre sonambulismo, que perdendo-se não lhe era defeso salvar alguém.

— Enjolras e Combeferre têm razão — disse ele, erguendo a voz — nada de sacrifícios inúteis. Junto a minha voz às suas; é necessário não haver demora. O que Combeferre vos disse é decisivo. Há entre vós quem tenha família, mãe, irmãos, esposa e filhos. Esses, que saiam das fileiras.

Ninguém se moveu.

— Os homens casados e os que sustentam família, fora das fileiras! — repetiu Mário.

A sua autoridade era grande. Enjolras era chefe da barricada, mas Mário era o seu salvador.

— Ordeno-o! — gritou Enjolras.

— Suplico-lhe! — disse Mário.

Então aqueles homens heróicos, abalados pelas palavras de Combeferre, assustados pela ordem de Enjolras, comovidos pela súplica de Mário, começaram a denunciar-se uns aos outros.

— É verdade, é — dizia um rapaz a um homem já feito — tu és pai de família, vai-te embora.

— Vai tu antes, que sustentas duas irmãs.

E começava a patentear-se uma luta inaudita. Era a quem maior esforço empregaria para não ser posto fora da porta do túmulo.

— Despachemo-nos — disse Courfeyrac — daqui a um quarto de hora já será tarde.

— Cidadãos — prosseguiu Enjolras — aqui está a república, reina o sufrágio universal. Designem por si mesmos os que devem retirar-se.

Obedeceram. Passados cinco minutos estavam cinco unanimemente designados e saíam das fileiras.

— São cinco! — exclamou Mário.

Não havia senão quatro fardamentos,

— Nesse caso — disseram os cinco a uma voz é preciso que fique um.

E cada qual começou a achar nos outros razões para não deverem ficar.

Recomeçou a generosa disputa.

— Tu tens uma mulher extremosa.

— Tu tens tua mãe já muito velha.

— Tu já não tens pai nem mãe, o que será dos teus três irmãos, que são tão pequenos?

— Tu és pai de cinco filhos.

— Tu tens direito de viver; aos dezassete anos é muito cedo.

Estas grandes barricadas revolucionárias eram centros de heroísmo. O inverosímil ali tornava-se simples.

Aqueles homens não causavam admiração uns aos outros.

— Decidam depressa! — repetia Courfeyrac.

Dois diferentes grupos gritavam a Mário:

— Designe o senhor quem deve ficar.

— Sim, sim, escolha — disseram os cinco — obedeceremos.

Mário já não acreditava na possibilidade de sentir uma comoção. Contudo, em presença da ideia de escolher um homem para morrer, todo o sangue lhe refluiu ao coração. Teria empalidecido, se isso lhe fosse possível.

Dirigiu-se para os cinco, que o olhavam sorrindo-se, e cada um, com os olhos iluminados por essa grande chama que se avista nas Termópilas, lhe gritavam:

— Eu, eu, eu!

E Mário, estupidamente, contou-os; continuavam a ser cinco!

Depois baixou a vista para os quatro fardamentos.

Neste momento, um quinto fardamento caiu, como que do céu, sobre os outros quatro.

O quinto homem estava salvo.

Mário abriu os olhos e logo se lhe deparou o senhor Fauchelevent.

Jean Valjean acabava de entrar na barricada.

Ou porque se houvesse informado, ou por instinto, ou por acaso, fora pela rua Mondétour. Graças ao seu uniforme de guarda nacional, passara sem dificuldade.

A vedeta postada pelos insurgentes na rua Mondétour não dera sinal de alarme, por causa de um só guarda nacional. Deixara-o internar-se na rua, dizendo:

— É provavelmente um reforço, e quando menos um prisioneiro.

A ocasião era demasiadamente grave para que a sentinela pudesse distrair-se do seu dever e do seu posto de observação.

No momento em que Jean Valjean entrara no reduto, ninguém dera por ele, porque todas as vistas estavam fitas nos cinco escolhidos e nas cinco fardas. Jean Valjean vira e ouvira tudo e, silenciosamente, despira a farda e lançara-a para o lugar em que estavam as outras.

A sensação foi indescritível.

— Quem é aquele homem? — perguntou Bossuet.

— É um homem que salva os outros — respondeu Combeferre.

Mário acrescentou com voz grave:

— Conheço-o.

Esta fiança satisfez todos.

Enjolras voltou-se para Jean Valjean e exclamou:

— Cidadão, seja bem-vindo!

E acrescentou:

— Sabe que não tardaremos todos a morrer?

Jean Valjean, sem responder, ajudou o insurgente a quem salvara, a vestir a sua farda.

V — O horizonte que se avista do alto de uma barricada

A situação de todos, naquela hora fatal e naquele lugar inexorável, tinha como resultante e como auge a suprema melancolia de Enjolras.

Enjolras era a plenitude da revolução, sem, todavia, deixar de ser incompleto, até o ponto que o pode ser o absoluto; participava demasiado de Saint Just e de Anacharsis Clootz menos que o suficiente: o seu espírito, porém, no meio da sociedade dos Amigos do ABC, viera, por último, a sofrer uma magnetização das ideias de Combeferre; havia algum tempo que ele saía das estreitas formas do dogma e abraçava as dilatações do progresso, até, por último, chegar a aceitar, como evolução definitiva e magnífica, a transformação da grande república francesa em imensa república humana. Pelo que respeita aos meios imediatos, dada uma situação violenta, queria que os meios também fossem violentos; era a sua opinião invariável, opinião pela

qual se vê que o mancebo pertencia à épica e terrível escola resumida pela única palavra: «Noventa e três».

Achava-se Enjolras de pé, no alto da barricada, com um dos cotovelos apoiado no cano da sua clavina. Meditava. De espaço a espaço estremecia, como ao contacto de algum desconhecido sopro. As mansões da morte produzem destes efeitos de tripeça. Ao ver-lhe os olhos cheios da intuição íntima, dir-se-ia que saíam deles uns como fogos abafados. De repente, o mancebo levantou a cabeça, deitando para trás os louros cabelos, como o anjo na sombria quadriga formada de estrelas ou leão que eriça a juba em flamejar de auréola, e exclamou:

— Cidadãos! Acaso imaginais o que há-de vir a ser o futuro? Eu vo-lo digo. Serão as ruas das cidades inundadas de luz, os ramos verdes nos limiares das portas, as nações irmãs, os homens justos, os velhos abençoando as crianças, o passado amando o presente, os pensadores em completa liberdade, os crentes em plena igualdade, o céu como religião. Deus sacerdote directo, a consciência humana transformada em altar, o termo dos ódios, a fraternidade entre a oficina e a escola, por penalidade e recompensa a notoriedade, para todos o trabalho, para todos o direito, a paz sobre todos, o termo das guerras, o fim das violências, a felicidade das mães; eis o que será o futuro! O primeiro passo é subjugar a matéria, o segundo realizar o ideal. Reflecti no que o progresso já tem feito. Noutro tempo, as primeiras raças humanas viam com terror passar por diante de si a hidra soprando sobre as águas, o dragão vomitando chamas, o grifo, que era o monstro do ar, voando com asas de águia e garras de tigre; animais terríveis, superiores ao homem. O homem, porém, armou os seus laços, os sagrados laços da inteligência, e conseguiu, afinal, apanhar neles os monstros. A hidra já a subjugámos, e chama-se vapor; já subjugámos o dragão, que se chama locomotiva; e estamos em vésperas de subjugar o grifo, que já temos seguro, e que se chama balão. No dia em que terminar esta obra prometeana e em que o homem tiver definitivamente ligada à sua vontade a tríplice Quimera antiga, a hidra, o dragão e o grifo, ficará senhor da água, do fogo e do ar, e será para o resto da criação animada o que, outrora, eram para ele os antigos deuses. Ânimo e avante! Cidadãos! Para onde vamos? Que destino é o nosso? A ciência feita governo, a força das coisas tornada única força pública, a lei natural com a sua sanção e a sua penalidade em si mesma, e promulgando-se pela evidência; um alvorecer de verdade correspondente ao alvorecer do dia. O nosso destino é a união dos povos; a unidade do homem. Basta de ficções e de parasitas. A realidade governada pela verdade, eis o alvo. A civilização terá o seu tribunal no cume da Europa, e mais tarde, no centro dos continentes, num grande parlamento

formado pela inteligência. Já não é caso novo. Os anfictiões tinham duas sessões por ano, uma em Delfos, sede dos deuses, outra nas Termópilas, sede dos heróis. A Europa terá também os seus anfictiões; tê-los-á o globo; é a França que traz no seio este futuro sublime. Eis qual é a gestação do século XIX. O que a Grécia apenas esboçou é digno de ser concluído pela França. Escuta-me tu, Feuilly, valoroso operário, homem do povo, homem dos povos! Venero-te! Sim, tu vês claramente os tempos por vir; sim, tu tens razão. Não tinhas pai nem mãe, mas adoptaste por mãe a humanidade, por pai o direito, e por eles vais morrer aqui, isto é, triunfar. Cidadãos, aconteça hoje o que acontecer, ou sejamos derrotados ou fiquemos vencedores, é uma revolução que vamos fazer! Assim como os incêndios alumiam uma cidade inteira, as revoluções alumiam todo o género humano. Que revolução faremos? Ainda agora o disse — a revolução da verdade. Politicamente falando, não há mais do que um princípio — a soberania do homem sobre si mesmo. Essa soberania de mim e sobre mim chama-se Liberdade. Onde duas ou mais destas soberanias se associam principia o Estado. Nesta associação, porém, não se dá abdicação de qualidade nenhuma. Cada soberania concede certa quantidade de si mesma para for mar o direito comum, quantidade que não é maior para uns do que para os outros. Esta identidade de concessão que cada um faz a todos chama-se Igualdade. O direito comum não é mais do que a protecção de todos dividida pelo direito de cada um. Esta protecção de todos sobre cada um chama-se Fraternidade. O ponto de intersecção de todas estas soberanias que se agregam chama-se Sociedade, Ora, sendo essa intersecção uma junção, por consequência esse ponto é um nó. Daqui vem o que nós chamamos laço social. Dizem alguns «contrato social», o que vem a ser o mesmo, visto que a palavra contrato é etimologicamente formada com a ideia de laço. Vejamos agora O que é a igualdade, pois se a liberdade é o cume, a igualdade é a base. A igualdade, cidadãos, não é o nivelamento de toda a vegetação; uma sociedade de grandes cânulas de erva e pequenos carvalhos; um tecido de invejas; é, civilmente, a admissão de todas as aptidões; politicamente, o mesmo peso para todos os votos. A igualdade tem um órgão; a instrução gratuita e obrigatória. Principie-se pelo direito ao alfabeto, seja a lei a escola primária imposta a todos, a escola secundária oferecida a todos. Da escola idêntica sai a sociedade igual. Sim, instrução! Luz e mais luz! Tudo vem da luz e para ela volta! Cidadãos, o século XIX é grande, mas o século XX será venturoso, porque então não haverá nada parecido com a história antiga; não haverá a temer, como hoje, uma conquista, uma invasão, uma usurpação, uma rivalidade de nações à mão armada, uma interrupção de civilização dependente de um casamento de reis, um nascimento nas tiranias hereditárias, uma partilha de

povos por meio de um congresso, um desmembramento por desabamento de dinastia, um combate entre duas religiões encontrando-se de frente, como dois bodes da sombra na ponte do infinito; não haverá a temer a fome, a especulação, a prostituição resultante da miséria, a miséria resultante da falta de trabalho, o cadafalso, a espada, as batalhas e todos os latrocínios do acaso na floresta dos acontecimentos. Quase se pode dizer que para então não haverá acontecimentos. Serão felizes todos. O género humano cumprirá a sua lei, como o globo cumpre a sua; restabelecer-se-á a harmonia entre a alma e o astro; a alma gravitará em roda da verdade como o astro em volta da luz. Amigos, a hora em que estamos e em que vos falo é uma hora sombria, mas é por este preço que se compra o futuro. Uma revolução é um direito de portagem que se paga. Oh, a humanidade há-de ser libertada, exaltada, consolada! Afirmamos-lho nós nesta barricada. De onde se soltará o grito de amor, a não ser do alto do sacrifício? Ó meus irmãos, é este o lugar de junção dos que pensam e dos que padecem; esta barricada não é feita nem, de pedras, nem de traves, nem de ferro; é feita de dois montões — um de ideias e outro de dores — nos quais a miséria se choca com o ideal e o dia abraça a noite, dizendo-lhe: «Eu vou morrer contigo e tu vais renascer comigo». Do abraço de todas as angústias resulta a fé. Os sofrimentos vêm aqui trazer a sua agonia e as ideias a sua imortalidade. Essa agonia e essa imortalidade não tardarão a confundir-se para formar a nossa morte. Irmãos, quem aqui morre, morre na irradiação do futuro, e o túmulo em que vamos entrar é inundado pelos clarões de uma aurora plena!

Chegado aqui, Enjolras calou-se, ou antes, interrompeu-se, porque ficou bulindo com os lábios em silêncio, como se continuasse falando consigo mesmo, o que fez com que os insurgentes o contemplassem atentos para ainda o ouvirem. Não houve aplausos, porém por muito tempo ficaram uns com outros segredando. A palavra é um sopro; por isso o rumorejar das inteligências é um como rumorejar de folhas.

VI — Mário desvairado, Javert, lacónico

Vejamos o que se passava no espírito de Mário.

Recordemo-nos da situação da sua alma. Como há pouco ainda fizemos ver, aos olhos dele era tudo mera visão. No seu estado, era-lhe impossível qualquer exacta apreciação do que via. Mário, repetimos, achava-se sob a sombra das grandes e tenebrosas asas que se abrem sobre os agonizantes. Sentia-se entrado no túmulo, parecia-lhe que já se achava do outro lado da parede, que já não via os rostos dos vivos senão com os olhos de um morto.

Como é que Fauchelevent ali se achava? Que motivo o trouxera? Que vinha ali fazer? Mário nem uma só destas perguntas dirigiu a si mesmo. É que a

nossa desesperação tem a particularidade de envolver os outros tão completamente como a nós mesmos, e por isso Mário achava lógico que todos quisessem morrer.

Pensando, porém, em Cosette, sentiu apertar-se-lhe o coração.

No fim de tudo, o senhor Fauchelevent não lhe falou, não olhou para ele, e até mostrou não o ouvir, quando ele elevou a voz para dizer:

— Conheço-o.

Quanto a Mário, sentia-se aliviado por aquela atitude do senhor Fauchelevent; e, se pudesse empregar-se uma tal palavra para semelhantes impressões, diríamos, agradava-lhe. Tinha sempre sentido a mais absoluta impossibilidade de dirigir a palavra àquele homem enigmático, que era para ele, ao mesmo tempo equívoco e majestoso. Além disto, havia muito tempo que o não via, o que para a natureza tímida e reservada de Mário aumentava ainda a impossibilidade.

Os cinco homens designados saíram da barricada pelo beco Mondétour, perfeitamente semelhantes a guardas nacionais. Um deles ia chorando. Antes de partirem abraçaram os que ficavam.

Depois de se retirarem os cinco homens reenviados para a vida, lembrou-se Enjolras do condenado à morte, e entrou na loja da taberna. Javert, amarrado ao poste, estava meditando.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou-lhe Enjolras.

Javert respondeu:

— Quando me matam?

— Espera. Por enquanto precisamos de todos os nossos cartuchos.

— Então dê-me de beber — disse Javert.

Enjolras apresentou-lhe pessoalmente um copo de água; e como Javert estava amarrado, ajudou-o a beber.

— Nada mais? — tornou Enjolras.

— Estou mal neste poste — respondeu Javert. Foram pouco compassivos em me deixarem passar a noite aqui. Amarrem-me como quiserem, mas deitem-me sobre uma mesa, como o outro.

E com a cabeça designou o cadáver de Mabeuf.

Havia, como devem lembrar-se, no fundo da casa, uma grande mesa sobre a qual tinham fundido balas e feito cartuchos. Como os cartuchos estavam todos feitos e a pólvora toda empregada, achava-se desocupada a mesa.

Por ordem de Enjolras foi Javert desamarrado do poste por quatro insurgentes. Enquanto o desamarravam, conservava-lhe um quinto a ponta da baioneta apoiada no peito. Deixaram-lhe as mãos presas atrás das costas, ataram-lhes nos pés uma corda delgada mas forte, que lhe permitia dar

passos de quinze polegadas como os dos que sobem para o cadafalso, e fizeram-no caminhar até à mesa do fundo da casa, onde o estenderam, estreitamente ligado pelo meio do corpo.

Para maior segurança, por meio de uma corda presa ao pescoço, ampliaram o sistema de ligaduras que lhe tornava impossível toda a espécie de evasão, com o laço, denominado nas prisões *gamarra,* que parte da nuca, se bifurca sobre o estômago e vem prender as mãos depois de ter passado por baixo das pernas.

Enquanto estavam amarrando Javert, apareceu no limiar da porta um homem, que o observava com singular atenção. A sombra produzida por este homem fez voltar a cabeça a Javert, o qual, erguendo os olhos, reconheceu Jean Valjean. Javert nem sequer estremeceu, baixou altivamente a vista e limitou-se a dizer:

— É uma coisa simples.

VII — Agrava-se a situação

O dia caminhava rapidamente. Mas nem uma janela se abria, nem uma porta se descerrava; era a aurora, mas não o despertar. A extremidade da rua da Chanvrerie oposta à barricada fora evacuada pelas tropas, como já dissemos; parecia desimpedida e aberta aos transeuntes com sinistra tranquilidade. A rua de S. Diniz estava muda como a Avenida das Esfinges em Tebas. Não se via vivalma nas encruzilhadas aclaradas pelo reflexo do Sol. Não há nada tão lúgubre como a claridade das ruas desertas.

Não se via coisa alguma, mas ouvia-se. Em certa distância havia um movimento misterioso. Era evidente que se aproximava o instante crítico. Como na véspera à noite, recolheram as vedetas, mas desta vez todas.

A barricada estava mais forte do que na ocasião do primeiro ataque. Depois da partida dos cinco, tinham-na alteado ainda mais.

Enjolras, seguindo a opinião da vedeta que observava a região dos Mercados, e com medo de uma surpresa pela retaguarda, tomou uma resolução grave. Fez com que se fizesse uma barricada na estreita garganta do beco Mondétour, desimpedida até então. Para isso descalçou-se mais uma porção de rua. Deste modo, a barricada, murada sobre três ruas, na frente a da Chanvrerie, na esquerda as do Cisne e da Pequena Truanderie, e na direita o beco Mondétour, estava verdadeiramente quase inexpugnável; é verdade que também ali se estava fatalmente encerrado. Tinha três frentes, mas nem uma única saída. Fortaleza, mas também ratoeira, dizia Courfeyrac, rindo.

Enjolras fez amontoar na frente da porta da taberna um punhado de pedras, «arrancadas de mais», dizia Bossuet.

O silêncio era naquela ocasião tão profundo do lado de onde devia vir o

ataque, que Enjolras fez com que cada um ocupasse imediatamente o seu posto de combate.

Neste momento foi distribuída a todos uma ração de aguardente.

Não há nada mais curioso do que uma barricada que se prepara para um assalto. Cada um escolhe um lugar, como no teatro. Escoram-se, encostam-se e empurram-se. Alguns há que improvisam logo um assento de pedras. Depara-se um ângulo de muro que incomoda, todos se afastam; descobre-se um redente que pode proteger, todos se abrigam nele. Os canhotos são precisos, ocupam os lugares incómodos aos outros. Muitos dispõem-se para combater sentados. Querem estar com comodidade para matar e comodamente para morrer. Na funesta guerra de Junho de 1848, um insurgente que tinha uma pontaria temível, e que se estava batendo num terraço sobre um telhado, mandara ir para ali uma cadeira à Voltaire; um tiro de metralha ali mesmo o foi apanhar.

Apenas o chefe dá a voz de «chega a postos», cessam todos os movimentos desordenados, nada mais de incertezas de uns para outros, nem de conversações, nem de apartes, nem de grupos separados; tudo o que estia nos espíritos converge e se muda na expectativa do assaltante. Uma barricada antes do perigo é o caos; no perigo é a própria disciplina. O perigo produz a ordem.

Desde que Enjolras pegou na sua carabina e se postou junto de uma espécie de seteira, que reservara para si, todos se calaram. Ao longo das pedras retiniu confusamente uma série de estalidos secos.

Era o emperrar das espingardas.

Quanto ao mais as atitudes apresentavam-se mais altivas e mais confiantes do que nunca; o excesso de sacrifício é um fortalecimento; já não tinham esperança, mas tinham desespero. O desespero é a última arma, que dá algumas vezes a vitória, disse-o Virgílio. Os recursos supremos saem das resoluções extremas. Embarcar na morte é muitas vezes o meio de escapar ao naufrágio; e a tampa do ataúde transforma-se em tábua de salvação.

Como na noite da véspera, todas as atenções estavam voltadas, e poder-se-ia quase dizer, apoiadas, no extremo da rua, agora iluminada e visível.

A expectativa não foi muito demorada. O movimento recomeçou distintamente do lado de Saint-Leu, mas não se assemelhava ao do primeiro ataque. Um ruído de correntes, o balouçar inquietador de uma massa, o tinir de bronze ressaltando na calçada, uma espécie de motim solene, anunciaram a aproximação de sinistra ferramenta. Houve um estremecimento nas entranhas daquelas velhas ruas pacíficas, abertas e construídas para a circulação fecunda dos interesses e das ideias, e não feitas para o monstruoso

rodar das rodas de guerra.

A fixidez dos olhos de todos os combatentes no extremo da rua, tornou-se feroz.

Apareceu uma peça de artilharia.

Os artilheiros empurravam a peça, desengatada do armão; dois sustinham a carreta, quatro iam às rodas, os mais seguiam o caixão. O morrão aceso via-se fumegar.

— Fogo! — gritou Enjolras.

Toda a barricada fez fogo, uma nuvem de fumo cobriu e fez desaparecer a peça e os artilheiros; passados alguns segundos dissipou-se o fumo e tornou a aparecer a boca de fogo e os homens; os serventes da peça acabaram de a fazer rodar para a frente da barricada, vagarosa e correctamente, sem se apressarem.

Nem um só fora alcançado pela descarga. Em seguida o chefe da peça, pesando sobre a culatra para elevar o tiro, começou a pontaria com a gravidade de um astrónomo, assestando um óculo.

— Bravo, artilheiro! — gritou Bossuet.

E toda a barricada deu palmas.

Um instante depois, via-se no meio da rua, assestada contra o reduto dos insurgentes, a temerosa boca de uma peça de artilharia.

— Olhem a patusca! — disse Courfeyrac. — Agora o caso é sério! Até aqui eram só piparotes, mas agora esperem-lhe pela volta! O exército estende para nós a sua grande pata, A fuzilaria arranha, mas a artilharia segura!

— É uma peça de bronze de calibre oito e do novo modelo — acrescentou Combeferre. — Nesta qualidade de peças, por pouco que se exceda a proporção de dez partes de estanho por cem de cobre, ficam arriscadas a rebentar, porque o excesso de estanho torna-as brandas, do que resulta ficarem com cavidades ao ouvido. Para obviar a este perigo e poder forçar a carga, talvez fosse necessário recorrer ao processo do século XIV, que consistia em cingir exteriormente a peça com uma série de arcos os anéis de aço sem soldadura, desde a culatra até ao munhão. Entretanto, remedeia-se como é possível esse defeito, indagando onde são as cavidades do ouvido por meio da raspadeira. Há, porém, outro meio mais profícuo de chegar ao mesmo fim: é a estrela móvel de Gribeauval.

— No século XVI — atalhou Bossuet — as peças eram raiadas.

— Eram — respondeu Combeferre, — Essa circunstância aumenta a força balística, mas diminui a justeza da pontaria. No tiro para pequena distância, a trajectória não tem todo o vigor que seria para desejar, exagera-se a parábola, o caminho do projéctil não é suficientemente rectilíneo para poder

ferir os objectos intermediários, o que é uma necessidade no combate, necessidade que aumenta com a proximidade do inimigo e a precipitação do tiro. Esta falta de tensão na curva do projéctil, que se dá nas peças raiadas do século XIV, era devida à fraqueza da carga; necessidade reclamada pelas exigências da balística, tais como, por exemplo, a conservação das carretas. Em suma, a peça de artilharia é uma espécie de déspota, que não pode quanto quer; a força é uma grande fraqueza. Uma bala de artilharia não anda mais que seiscentas léguas por hora, enquanto que a luz vence setenta mil léguas por segundo. Tal é a superioridade de Jesus Cristo sobre Napoleão.

— Tornemos a carregar! — disse Enjolras,

De que modo se comportaria o revestimento da barricada sob o impulso das balas? Abriria brecha? Eis qual era a questão.

Enquanto de um lado os insurgentes carregavam de novo as armas, carregavam os artilheiros do outro lado a peça.

Profunda ansiedade se via pintada nos rostos dos insurgentes.

No mesmo instante, os artilheiros chegaram. O morrão à peça, ao que se seguiu uma tremenda detonação.

— Presente! — exclamou uma voz em tom galhofeiro.

Era Gavroche, caindo na barricada ao mesmo tempo que a bala.

Vinha do lado da rua do Cisne e havia saltado ligeiramente por cima da barricada acessória, que fazia frente para o dédalo da Pequena Truanderie.

Gavroche produziu mais efeito na barricada do que a bala, que se foi sumir num monte de entulho, quebrando apenas uma roda ao ónibus e fazendo algum destroço no carro que fora apreendido ao fabricante de cal Anceau.

À vista disto, toda a barricada desatou a rir e Bossuet exclamou:

— Pois não, senhores artilheiros, continuem!

VIII — Os artilheiros fazem-se tomar a sério

Mal os insurgentes viram entrar Gavroche, rodearam-no logo, porém o gaiato nem tempo: teve para contar coisa nenhuma, porquanto Mário o levou imediatamente consigo, sem poder dominar o tremor que lhe causara a presença do gaiato.

— Que vens tu cá dizer? — disse-lhe ele.

— Ora essa! — respondeu a criança. — E o senhor?

E, ao dizer isto, fitou Mário com o seu olhar de épico desgarre. Parecia que os seus olhos se dilatavam com a luz que continham.

Mário prosseguiu em tom severo:

— Quem te mandou voltar? Levar-me-ias tu, ao menos, a carta ao seu destino?

A respeito da carta, Gavroche sentia a consciência a guilhotinada de um tal

ou qual remorso. A sua pressa de voltar para a barricada fizera com que ele mais se desfizesse dela do que a entregasse. Via-se, pois, obrigado a concordar consigo mesmo que andara um tanto levianamente, entregando-a àquele desconhecido, cujo rosto nem sequer pudera distinguir bem. Verdade é que o homem estava em cabelo, mas não bastava isso. Finalmente, quanto a este ponto, Gavroche censurava-se a si próprio no seu foro íntimo e estava com receio das repreensões de Mário. Para sair deste estado, pois, adoptou o expediente mais simples: mentiu abominavelmente.

— Cidadão, entreguei a carta ao porteiro, porque a senhora já estava a dormir. Disse-me que lhe seria entregue apenas ela acordasse,

Mário tivera em vista dois fins, mandando aquela carta a Cosette: despedir-se dela e salvar Gavroche, porém teve de se contentar apenas com a satisfação de metade dos seus desejos.

O incidente da carta fez-lhe vir ao espírito a presença de Fauchelevent na barricada, e a tal ponto o impressionou esta coincidência, que perguntou a Gavroche, apontando-lhe o pai de Cosette:

— Conheces aquele homem?

— Não, senhor — respondeu Gavroche,

Efectivamente, como ainda agora acabamos de dar a entender, Jean Valjean era completamente desconhecido para o gaiato, por isso que este só o vira de noite.

A resposta de Gavroche fez dissipar as confusas e pouco sensatas conjecturas que a presença do senhor Fauchelevent naquele local tinha suscitado no espírito de Mário.

Que motivo tinha ele para estranhar a sua presença ali, se não sabia quais eram as suas opiniões? Não podia dar-se o caso que o senhor Fauchelevent fosse também republicano? Decerto. Nessa hipótese, então, que coisa mais natural do que acudir ele ali, onde se achavam tantos outros que professavam as mesmas ideias?

Ao mesmo tempo que Mário se entregava a todas estas cogitações, correra o gaiato à outra extremidade da barricada, onde reclamava em altos gritos a sua espingarda, que, por ordem de Enjolras, lhe foi imediatamente entregue.

Após isto, Gavroche participou aos seus «camaradas», como ele os apelidava, que se achava cercada a barricada, tendo ele próprio experimentado não pequenas dificuldades para penetrar até junto deles. Por qualquer dos lados se achava tomada a passagem. Na pequena Truanderie, achava-se um batalhão de linha, com as armas ensarilhadas e em observação para a rua do Cisne; do lado oposto, estava a rua dos Pregadores ocupada pela guarda municipal. A frente era tomada pelo corpo do exército.

Dada esta informação, Gavroche acrescentou:

— Agora mando eu que se lhes dê uma coça mestra!

Ao mesmo tempo, continuava Enjolras na sua seteira, observando atentamente os movimentos dos assaltantes, que, pouco satisfeitos decerto com o resultado do seu tiro de peça, não haviam dado outro.

Na retaguarda da peça, na extremidade da rua, viam-se os soldados de uma companhia de infantaria, que ali tinha ido postar-se, descalçando a rua e construindo uma trincheira baixa, fronteira à barricada, espécie de espalda que não tinha mais de dezoito polegadas de altura. Do lado esquerdo da improvisada trincheira, avistava-se a vanguarda de um batalhão do termo, que ocupava a rua de S. Diniz.

Sempre atento no seu posto de observação, Enjolras julgou ouvir o estrondo que se produz ao tirar dos caixões as granadas e viu, ao mesmo tempo, que o chefe da peça lhe mudava a pontaria, inclinando-a levemente para a esquerda.

Em seguida viu os artilheiros a carregar a peça.

Concluída a operação, pegou mesmo o chefe da peça no morrão e chegou-lho ao ouvido.

— Abaixem-se e encostem-se à parede — gritou Enjolras — e os que estiverem junto da barricada, de joelhos!

A esta voz, os insurgentes que se achavam junto da porta da casa de pasto, para onde tinham ido à chegada de Gavroche, abandonando o seu posto de combatente, precipitaram-se de tropel para a barricada, porém, antes que a ordem de Enjolras fosse executada, disparou-se a peça com o horroroso estampido de um tiro de metralha, que, efectivamente, era.

O tiro fora dirigido contra a abertura do reduto, de onde viera em ricochete de encontro à parede, matando dois homens e ferindo três.

Este acontecimento, pelo qual se via que, se as coisas continuassem assim, o estado da barricada tornar-se-ia precário, suscitou geral consternação, manifestada por um surdo rumor.

— Tratemos, ao menos, de obstar a segundo tiro — disse Enjolras.

E, ao dizer isto, baixou a clavina para fazer pontaria ao chefe, que, naquela oca-sião, se achava curvado sobre a culatra da peça, tratando de a assestar definitivamente.

O chefe de peça era um belo sargento de artilharia, ainda novo, cabelos louros, rosto meigo, ar inteligente, particular a essa arma predestinada e terrível, que, à força de se aperfeiçoar no horror, há-de acabar por matar a guerra.

Combeferre, em pé ao lado de Enjolras, contemplava-o e dizia:

— Que pena! Hediondas carnificinas as nossas! Ainda bem que, quando deixar de haver reis, deixará também de haver guerra! Enjolras, tu estás a fazer pontaria àquele sargento sem o fitar. Olha que bela presença, que intrépido aspecto, vê-se que pensa; estes rapazes de artilharia ,são todos muito instruídos. Terra pai, mãe, família; talvez ame; não inculca ter mais de vinte e cinco anos, se é que os tem; podia ser teu irmão!

— É-o! — disse Enjolras.

— Concordo, e meu também — replicou Combeferre.

— Portanto, não o matemos.

— Deixa-me. Assim o querem, assim o tenham!

E uma lágrima deslizou lentamente pelo rosto de mármore de Enjolras.

Ao mesmo tempo, puxou pelo gatilho da clavina e o tiro partiu. O artilheiro deu duas voltas sobre si mesmo, estendendo os braços para diante e levantando a cabeça como para tomar fôlego, e, após isto, caiu de lado sobre a peça e ficou sem movimento. Saiu-lhe do meio das costas um jorro de sangue. Estava morto. A bala tinha-lhe atravessado o peito de lado a lado.

Enquanto dali o tiravam e o faziam substituir por outro, ganhavam os insurgentes, com efeito, alguns minutos.

IX — Emprego da habilidade de caçador furtivo e daquela pontaria certeira que influi na sentença de 1796

Na barricada, cada qual oferecia o seu alvitre. Os tiros de peça não tardariam a repetir-se, e com semelhante metralha bastaria um quarto de hora, para dar cabo da barricada. Era, portanto, absolutamente necessário cuidar de remediar, por algum modo, tão grande inconveniente.

— Tragam para ali um colchão! — disse Enjolras em tom imperativo.

— Todos os que havia estão ocupados pelos feridos — disse Combeferre.

Até àquele instante, Jean Valjean conservara-se sempre à esquina da casa de pasto, com a espingarda entre os joelhos, sem tomar parte em nada do que se passava nem parecer ouvir os combatentes, que em volta dele diziam:

— Aqui está uma espingarda que não faz nada!

Ao ouvir a ordem dada por Enjolras, levantou-se.

Como devem estar lembrados, quando à rua da Chanvrerie chegou o bando, uma velha, com medo das balas, pusera um enxergão à janela. Esta janela, que era a de uma água-furtada, deitava para o telhado de uma casa de seis andares, situada a pequena distância fora da barricada. O colchão pela parte inferior apoiava-se em duas varas de estender roupa e estava seguro em cima por duas cordas, que de longe pareciam dois barbantes, presas a dois pregos metidos nas ombreiras da água-furtada. As duas cordas, que de baixo se viam distintamente, pareciam dois cabelos.

— Quem me empresta uma clavina de dois canos? — disse Jean Valjean.

Enjolras, que acabava de carregar a sua, ofereceu-lha.

Jean Valjean meteu a arma à cara, fazendo pontaria à trapeira e desfechou.

Uma das duas cordas que segurava o colchão ficou logo cortada e este pendente apenas por um fio.

Jean Valjean disparou segundo tiro. A outra corda bateu na vidraça da água-furtada, e o colchão, escorregando por entre os dois paus, veio cair à rua.

A barricada aplaudiu e aclamou a uma voz:

— Já temos colchão!

— Pois sim, — disse Combeferre — mas quem o há-de ir buscar?

Efectivamente, o colchão tinha caído fora da barricada, entre os sitiados e os sitiantes. Ora havia alguns instantes que os soldados, exasperados com a morte do sargento de artilharia, se tinham deitado de bruços por trás da pequena trincheira por eles improvisada e daí faziam fogo para a barricada, suprindo o forçado silêncio da peça, que duraria enquanto não se organizasse o seu serviço. Os insurgentes, pouco inclinados a desperdiçar munições, que podiam empregar melhor, não respondiam a esta mosquetaria. Este tiroteio não causava dano à barricada, porém na rua cruzavam-se as balas de um modo terrível.

Jean Valjean saiu pela abertura, entrou na rua, por baixo de um chuveiro de balas, encaminhou-se para onde estava o colchão, pegou nele, pô-lo às costas e voltou para a barricada, onde ele mesmo O colocou na abertura, encostando-o à parede de modo que os artilheiros o não vissem.

Feito isto, esperaram outro tiro de metralha, que não levou muito tempo.

A peça vomitou rugindo o seu pacote de estilhaços, que, desta feita, não produziu ricochete, porque se amorteceu no colchão. Estava obtido o previsto efeito e preservada a barricada dos estragos da metralha.

— Cidadão — disse Enjolras, dirigindo-se a Jean Valjean — os meus agradecimentos em nome da república!

Bossuet admirava e ria, exclamando:

— É uma imoralidade que um simples colchão tenha tanto poder. Vitória do que cede sobre o que fulmina. Mas é o mesmo; glória ao colchão que anula a peça da artilharia!

X — Aurora

Naquela mesma ocasião, acordava Cosette.

O seu quarto era pouco espaçoso, mas asseado e retirado do bulício das ruas, recebendo a luz do lado do nascente por uma ampla janela, que deitava para as traseiras da casa.

Cosette nada sabia do que se passava em Paris, pela simples razão de que, quando Toussaint, no dia antecedente, dissera para Jean Valjean que lhe parecia haver barulho na cidade, já a jovem se tinha recolhido ao seu quarto.

Cosette dormiu poucas horas, mas bem. Tivera sonhos agradáveis, para o que talvez não pouco concorresse a deslumbrante alvura do seu leito. Entre as visões esplêndidas do seu dormir, aparecera-lhe uma, que a jovem tomou por Mário. Quando acordou, dava-lhe o sol nos olhos, o que, a princípio, lhe pareceu uma como continuação dos seus sonhos.

O seu primeiro pensamento, após o despertar, foi risonho e consolador. Do mesmo modo que Jean Valjean algumas horas antes, Cosette estava passando por essa fase de reacção em que o espírito obstinadamente se recusa a familiarizar-se com a ideia da desventura. Esperava com afinco; o quê, nem ela, se lho perguntásseis. Vo-lo saberia dizer. Em seguida, porém, sentiu confranger-se-lhe o coração, ao lembrar-se que havia três dias já que não tornara a ver Mário. A isto objectava ela própria com novas razões de esperança. Em virtude da sua carta, Mário devia estar informado da sua actual morada, e seria confiar pouco na inteligência do mancebo supor que ele não acharia modo de penetrar até junto dela. E isto naquela mesma manhã, ou, quando menos, em todo o decurso do dia. E convencida de que Mário, efectivamente, Viria, e viria muito cedo, a jovem levantou-se — a fim de estar pronta para o receber — iludida, porém, quanto à hora, que julgava mais matutina do que, realmente, era.

Ela julgava-se na impossibilidade de viver sem Mário, e por isso parecia-lhe esta razão bastante para que o rapaz viesse. A isto não havia a opor objecção admissível, por ser verdade incontestável. Bem bastavam aqueles três dias que ela estivera sem ver Mário. Passar três dias sem ver Mário, Deus do céu! Esta monstruosidade até aos próprios olhos dele repugnaria! Ainda bem que era passada a hora da provação, dessa travessura dolorosa com que algum génio malfazejo a quisera flagelar. Mário ia voltar, portador de boas novas.

Assim é a mocidade. Chora agora e logo enxuga o pranto. Parece-lhe inútil a dor, e por isso recusa submeter-se-lhe. A juventude é o sorriso do porvir ante um desconhecido, que é ele próprio. A felicidade é o seu elemento; a esperança, para assim dizer, a sua respiração.

No meio de tudo isto, porém, não era possível a Cosette recordar-se do que Mário lhe dissera relativamente à sua ausência, que apenas devia durar um dia, nem tão-pouco da explicação que dela lhe havia dado. Todos terão notado com que presteza e artifício uma moeda, que, acaso deixamos cair ao chão, corre a esconder-se e procura refugiar-se onde não torne a dar com ela. Assim é com certas ideias; acantoam-se-nos em qualquer desconhecido recanto do

cérebro e disse; por mais que forceje a memória, não é para ela tornar achar-lhe o rasto. São como se nunca tivessem existido. Cosette, ludibriada por uma destas travessuras de reminiscência, agastava-se ao ver a inutilidade dos seus esforços, e, por fim, a si própria se recriminava e lançava em rosto, como grave culpa, ter olvidado o que Mário lhe dissera.

Em seguida levantou-se e principiou as suas duas quotidianas abluções — a da alma, que consistia em orar; a do corpo, que consistia em lavar-se.

Rigorosamente falando, pode um autor devassar uma alcova nupcial, mas nunca a alcova de uma virgem. Mal o ousará o verso; a prosa, porém, deve abster-se.

O quarto de uma virgem é como que o arcano de uma flor ainda por desabrochar, um floco alvo numa plaga escura, a célula íntima de um lírio por abrir, que as vistas do homem não devem devassar, enquanto a não penetrarem os raios do sol. Deve ser sagrada a mulher em botão. Aquela cama que inocentemente se descobre; aquela adorável seminudez, que até de si mesma tem medo; aquele alvo pé que se refugia no bordado carpim; aquele seio que se vela em presença de um espelho, como se o espelho fosse um olho aberto sobre os mistérios desse seio; aquela camisa rapidamente achegada para os ombros, ao estalido de um móvel, ao rumor de uma sege na rua; aquele aconchego de cordões, de fitas, de colchetes; aqueles estremecimentos de frio e pudor; aquele susto contínuo ao menor movimento; aquela agitação quase volátil onde não há nada a temer; aquelas sucessivas fases de vestuário, aprazíveis como as da aurora — coisas impróprias para contar, se é que indicá-las simplesmente já não é demais.

A vista do homem deve ser mais religiosa ainda diante do erguer de uma jovem do que do despontar de uma estrela. A possibilidade de alcançar deve tornar-se em respeito. A penugem do pêssego, a cinza da ameixa, o cristal radiado da neve, a asa da borboleta polvilhada de penas, são tudo coisas grosseiras a par da castidade que nem sabe que é casta. A jovem não é mais do que a aparência de um sonho, não é ainda uma estátua. A sua alcova oculta-se na parte sombria do ideal. O indiscreto toque do olhar maltrata esta vaga penumbra.. Ali, contemplar, é profanar.

Não mostraremos, pois, nada da suave confusão do despertar de Cosette.

Diz um conto do Oriente que Deus fizera branca a rosa, mas que tendo Adão olhado para ela no momento em que se entreabria, tivera a flor: vergonha e se tornara rosa. Nós somos dos que se sentem interditos em presença das jovens e das flores, por julgá-las veneráveis.

Cosette vestiu-se muito depressa e penteou-se, o que era muito simples naquele tempo, em que as senhoras não alteavam as tranças por meio de

almofadinhas e rolos, e não usavam crinolinas nos cabelos. Em seguida abriu a janela e olhou para todos os lados, esperando descobrir algum ponto da rua, alguma esquina de prédio, um canto da calçada, e poder ali espreitar a chegada de Mário. Mas não se via coisa alguma do exterior. O pátio traseiro era quase rodeado por muros muito altos, deixando-se de um lado avistar alguns quintais, que Cosette declarou hediondos; foi a primeira vez na sua vida que achou feias as flores. A menor porção da regueira de uma encruzilhada interessá-la-ia muito mais. Por fim, tomou a resolução de olhar para o céu, como se julgasse que Mário poderia vir também dali.

Subitamente os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Não era Isto volubilidade; mas a sua situação compunha-se de esperanças, cortadas por esmorecimento. Sentiu confusamente o que quer que era horrível. As coisas passam, com efeito, no: ar. Disse consigo que não «estava certa de coisa alguma, e que deixarem-se de se ver era perderem-se; então a ideia de que Mário lhe poderia vir do céu pareceu-lhe já não encantadora, mas lúgubre.

Instantes depois, por uma dessas transformações particulares a esta espécie de nuvens, voltaram-lhe ao espírito as fugidas esperanças, que se lhe traduziam exteriormente por uma espécie de sorriso inconsciente, mas crente em Deus.

No resto da casa, os outros moradores estavam ainda todos recolhidos. Não se via uma única janela aberta nem se ouvia o menor rumor que indicasse achar-se mais alguém de pé. Estava tudo num silêncio absoluto, que se estendia desde o último andar até ao quarto do porteiro, que se conservava ainda fechado. Ao ver que a própria Toussaint se não havia ainda levantado, Cosette naturalmente supôs que também seu pai se achava ainda recolhido.

No meio das alternativas por que estava passando, a jovem acusava seu pai e como que mentalmente lhe atribuía a causa da sua desgraça. Necessário fora que Cosette tivesse sofrido muito e ainda sofresse para dar guarida a tais ideias. Felizmente que contava com Mário, porque era de todo o ponto impossível o eclipse de semelhante luz. De espaço a espaço, ao ouvir, ao longe, uns como surdos abalos, dizia consigo:

— É singular principiarem hoje tão cedo a bater com as portas!

O que ela tomava por um estrondo de abrir e fechar de portas eram os tiros de peça com que a tropa procurava forçar a barricada da rua da Chanvrerie.

Logo por baixo da janela do quarto de Cosette, na antiga e enegrecida cornija, havia um ninho de andorinhas, que formava uma saliência para fora da cornija, de modo que de cima se podia descobrir o interior daquele diminuto paraíso. Naquela ocasião, achava-se no ninho a mãe, cobrindo os filhinhos com as asas, estendidas em forma de leque, e o pai volitava em

torno, ia e vinha, trazendo-lhes no bico sustento e beijos.

A este espectáculo, dourado pelos clarões do Sol nascente, a esta cena em que a sublime lei Multiplicar se apresentava graciosa e augusta, Cosette debruçou-se como que maquinalmente, os cabelos inundados pelos reflexos do Sol, a alma absorta em quimeras, interiormente iluminada pelo amor, exteriormente pela aurora, e, quase sem ousar a si mesma confessar que, ao mesmo tempo que tinha os olhos naquele ninho, tinha o pensamento em Mário, deixou-se ficar em contemplação diante daqueles passarinhos, daquela família, daquele macho e fêmea, daquela mãe e seus filhinhos, na profunda perturbação de espírito que a vista de um ninho produz numa virgem.

XI — Pontaria certeira que não mata ninguém

A este tempo, continuava na barricada o fogo dos assaltantes. Alternava-se a mosquetaria com a artilharia, porém, em verdade, com pouco sucesso. O único destroço produzido pelo fogo dos inimigos era o que sofria a parte superior da casa de pasto, para o lado da frente, onde a janela do primeiro andar e as águas-furtadas, debaixo de um chuveiro de balas e biscainhos, se iam gradualmente desmoronando, de modo que os combatentes, que ocupavam estes dois postos, houveram por bem retirar-se. Táctica é essa sempre seguida no ataque de todas as barricadas: — Oprimir os insurgentes debaixo de um fogo contínuo, de modo a fazer-lhes esgotar as munições, se eles caem no erro de responder com igual tiroteio. Conhecido, pelo afrouxar deste, que lhes vão escasseando as munições, dá-se então o assalto.

Enjolras, porém, que conhecia o laço, ordenara que a barricada se conservasse silenciosa.

A cada descarga, cuja detonação se ouvia, dava Gavroche um estalido com a língua, como indício de profundo desprezo, e dizia:

— Muito bem; rasguem mais pano, que temos cá precisão de fios!

Courfeyrac exprobrava à metralha o seu diminuto efeito e dizia para a peça:

— A modo que te vais tornando difusa, pobre pateta!

Este silêncio da parte do reduto principiava, sem dúvida, a dar cuidado aos sitiantes e a fazer-lhes temer algum inesperado incidente. Era natural, portanto, que eles, convencidos da necessidade de saber o que realmente se passava por trás daquela muralha, que recebia impassível os abalos sucessivos de tão repetidas descargas, tratassem de, por qualquer modo, o levar a cabo. Assim foi, porque, de súbito, os insurgentes avistaram no telhado de uma casa próxima, um capacete brilhando ao reflexo do Sol. Era um bombeiro encostado a uma chaminé, de onde, olhando a prumo para a barricada, observava tudo o que nela se passava.

— Ali está uma sentinela realmente incómoda — disse Enjolras.

Jean Valjean, que tinha restituído a clavina ao mancebo, mas que conservava ainda a sua espingarda, ajustou-a, sem proferir uma palavra, contra o bombeiro, e um instante depois caía o capacete com estrondo no meio da rua, e o soldado fugia a toda a pressa, espavorido pelo risco que correra.

O seu lugar foi logo ocupado por segundo observador. Este era um oficial. Jean Valjean, que tornara a carregar a espingarda, fez nova pontaria ao segundo curioso e mandou a barretina do oficial juntar-se à do soldado.. O oficial não insistiu; e retirou-se apressadamente. Desta vez foi compreendido o aviso. Não tomou a aparecer ninguém sobre o telhado; renunciaram a espionar a barricada.

— Porque não matou o homem? — perguntou Bossuet a Jean Valjean.

Jean Valjean não lhe respondeu.

Bossuet murmurou ao ouvido de Combeferre:

— Não respondeu à minha pergunta.

— É um homem que exerce a bondade a tiro — retorquiu Combeferre.

XII — A desordem partidária da ordem

Os que têm conservado alguma lembrança desta época já afastada, sabem que a guarda nacional do termo era valente contra as insurreições. Nas jornadas de Julho de 1832 foi singularmente intrépida e encarniçada.

Tal ou tal taberneiro de Pantin, das Vertus ou da Cunetite, a quem a revolta deixava deserto O «estabelecimento», tornava-se leonino vendo a sua sala de dança abandonada, e fazia-se matar para salvar a ordem representada pela baiuca. Os interesses, naquele tempo burguês e heróico, em presença das ideias que tinham os seus cavaleiros, tinham também os seus paladinos. O prosaísmo do móvel não diminuía coisa alguma à bravura do movimento. O decrescimento de uma pilha de escudos fazia com que os baiuqueiros - cantassem a Marselhesa. Derramavam liricamente o seu sangue a pró do balcão e defendiam com entusiasmo lacedemónio a loja, imenso diminutivo da pátria.

No fundo de tudo isto, digamo-lo, não havia nada que não fosse da maior seriedade. Eram os elementos sociais que entravam em luta, esperando o dia em que entrarão em equilíbrio.

Outro característico daquele tempo era a anarquia ligada ao governamentalismo (nome bárbaro do partido correcto). Era-se pela ordem com indisciplina. O tambor rufava inopinadamente por ordem de tal ou tal coronel da guarda nacional, fazendo chamadas de capricho; tal ou tal capitão entrava em fogo por inspirações; tal ou tal guarda nacional batia-se «pela

ideia» e por sua própria conta. Nos momentos de crise, nas «jornadas», tomava cada um conselho, menos dos seus chefes do que dos seus instintos. Havia no exército da ordem verdadeiros guerreiros, uns de espada, como Fannicot, outros de pena, como Henrique Fonfréde.

A Civilização, infelizmente representada naquela época mais por uma agressão de interesses do que por um grupo de princípios, estava ou julgava estar em perigo, e soltava o grito de alarme; cada um se tornava por si mesmo centro, defendia-a, socorria-a e protegia-a, colocando-se-lhe na frente, e o primeiro que disso se lembrava tomava sobre si o encargo de salvar a sociedade.

O zelo chegava às vezes até ao extermínio. Tal ou tal pelotão de guardas nacionais constituía-se por sua autoridade privada conselho de guerra, e julgava e executava em cinco minutos um insurgente prisioneiro. Fora um destes improvisos que produzira a morte de Jean Prouvaire. Feroz lei de Lynch, que nenhum partido tem direito de repreender aos outros, porque é aplicada pela república na América do mesmo modo que pela monarquia na Europa. Esta lei de Lynch não era isenta de enganos.

Num dia de revolta, um moço poeta chamado Paulo-Aimé-Garnier, foi perseguido na Praça Real, à ponta de baioneta, e só pôde escapar-se refugiando-se no vão do portão número 6. Gritavam atrás dele:

— Aqui está ainda um sansimonlano!

E diligenciavam matá-lo.

Ora, Garnier levava debaixo do braço um volume das memórias do duque de Saint-Simon. Um, guarda nacional tinha lobrigado, no livro o nome de Saint-Simon, e gritara: «Morra!»

No dia 6 de Junho de 1832, uma companhia de guarda nacional do termo, comandada pelo capitão Fannicot, de quem há pouco falámos, fez-se dizimar, por simples fantasia, na rua da Chanvrerie, O facto, por mais singular que pareça, foi registado pelo processo judicial instaurado logo em seguida à insurreição de 1832.

O capitão Fannicot, burguês impaciente e destemido, espécie de *condotiére* da ordem, um daqueles que há pouco caracterizámos, governamentalista fanático e Indomável, não podia resistir à tentação de fazer fogo antes da hora, e à ambição de tomar a barricada só por si, isto é, com a sua companhia. Exasperado pela aparição sucessiva da bandeira vermelha e da casaca velha, que ele tomou por bandeira preta, censurava em voz alta os generais e os chefes dos corpos, que se achavam em conselho, e que não julgando chegado o momento decisivo do ataque, deixavam, segundo a expressão célebre de um deles, «coser a insurreição no seu próprio suco».

Quanto a ele, achava a barricada madura, e como o que está maduro deve cair, tentou.

Os homens a quem comandava eram resolutos como ele; «furiosos», disse uma testemunha. A sua companhia, a mesma que fuzilara o poeta Jean Prouvaire, era a primeira do batalhão postado na esquina da rua. No momento em que menos se esperava, arrojou o capitão os seus homens contra a barricada. Este movimento executado com mais boa vontade do que estratégia, custou caro à companhia Fannicot. Antes que ela tivesse chegado a dois terços da rua, foi recebida por uma descarga geral da barricada. Quatro dos mais audazes, que corriam na frente, foram fulminados à queima-roupa, mesmo ao pé do reduto, e a corajosa turba de guardas nacionais, gente extremamente valorosa, mas que não tinha a tenacidade militar, teve de retirar, depois de alguma hesitação, deixando na rua quinze cadáveres.

O instante de hesitação deu aos insurgentes tempo para tornarem a carregar as armas, e uma segunda descarga assaz mortífera, alcançou a companhia antes que ela pudesse chegar à esquina da rua, que lhe servia de abrigo. Por um momento achou-se entre dois fogos e suportou o tiro da peça que estava em bateria, e que, não tendo recebido ordem contrária, continuara a fazer fogo.

Este ataque, mais furioso do que sério, irritou Enjolras.

— Imbecil! — disse ele. — Faz com que lhe matem os soldados e gasta-nos as munições para nada!

Enjolras falava como verdadeiro general de revolta.

A insurreição e a repressão não lutam com armas iguais.

A insurreição, prontamente exausta, não tem senão um certo número de tiros de que pode dispor e certo número de combatentes a arriscar. Uma patrona vazia, um homem morto, não podem ser substituídos. A repressão tendo o exército, não conta os homens, e tendo Vincennes, não conta os tiros. A repressão tem tantos regimentos, como homens a barricada, e tantos arsenais como a barricada cartucheiras. Assim, estas lutas são de um contra cem e terminam sempre pela aniquilação das barricadas; salvo quando a revolução surgindo inopinadamente, venha lançar na balança o seu flamejante gládio de arcanjo. Isto sucede. Então tudo se ergue, as pedras entram em ebulição, os redutos populares pululam. Paris, estremece soberanamente, o *quid divinum* desprende-se, pairam na atmosfera um 10 de Agosto e um 29 de Julho, aparece uma prodigiosa luz, a goela escancarada da força recua e o exército, feroz leão, vê diante de si, de pé e tranquila, a profetiza que se chama França.

XIII — Clarões efémeros

Nos caos de sentimentos e paixões que defendem uma barricada há de tudo: há denodo, juventude, pundonor, entusiasmo, ideal, convicção, contumácia de jogador, intermitências de esperança.

Uma dessas intermitências, um desses vagos estremecimentos de esperança, perpassou de súbito, e no momento em que menos se esperava, pela barricada da rua da Chanvrerie.

— Escutem — disse repentinamente Enjolras, sempre firme no seu posto de observação — parece-me que Paris sempre acordou!

Efectivamente, na manhã do dia 6 de Junho, a insurreição, no decurso de uma ou duas horas, experimentou uma tal ou qual recrudescência. A obstinação dos sinos de Saint-Merry reanimou algumas veleidades. Nas ruas da Pereira e dos Gravilliers, chegaram a começar-se barricadas, que não passaram dos fundamentos. Próximo à porta de S. Martinho, investiu sozinho e a peito descoberto com um esquadrão de cavalaria um rapaz armado com uma clavina. Chegou ao meio do boulevard, pôs um joelho em terra, apontou a arma em direcção ao comandante do esquadrão, disparou e continuou o seu caminho, depois de o matar, dizendo:

— Sempre é um de menos, de quem já não temos que temer!

Finda, porém, a sua tarefa, carregou sobre ele a cavalaria e acutilou-o. Na rua de S. Diniz, houve uma mulher que se pôs a fazer fogo sobre a guarda municipal, entrincheirada por trás de uma gelosia, cujas tábuas estremeciam a cada tiro que a mulher descarregava sobre os soldados. Na rua da Cossonerie, foi preso um rapaz de catorze anos, por se lhe encontrarem os bolsos cheios de cartuchos. Chegaram-se a atacar algumas casas de guarda. À entrada da rua de Bertin-Poirée, rompeu, de súbito, entre o povo e um regimento de couraceiros, comandado pelo general Cavaignac de Baragne, um vivíssimo tiroteio. Na rua de Planche-Mibray, os moradores atiravam de cima dos telhados sobre a tropa cacos e utensílios caseiros, o que é mau sinal; quando contaram o caso ao general Soult, o antigo tenente de Napoleão tornou-se pensativo, recordando-se, sem dúvida, do dito de Suchet em Saragoça:

— As velhas já nos despejam penicos pela cabeça? Então perdidos estamos!

Estes sintomas gerais, que se manifestavam na mesma ocasião em que o governo supunha localizada a revolta, esta febre raivosa predominando outra vez os populares, estas faíscas redemoinhando por sobre essas profundas massas de combustível denominadas arrabaldes de Paris, todo este conjunto principiou a pôr em sobressalto os chefes militares, que cuidaram de apagar quanto antes estes princípios de incêndio, reservando para depois de abafadas estas faíscas o ataque às barricadas de Maubuée, Chanvrerie e Saint-Merry, a

fim de que, não tendo a ocupar-se senão com elas, pudessem melhor cortar pela raiz este tenaz rebento da insurreição. Para isto, diversos piquetes foram destacados para as ruas em efervescência, desimpedindo as grandes, sondando as pequenas, de um e de outro lado, ora cautelosamente e a passo, ora a marche-marche, arrombando as portas das casas de onde se tinham disparado tiros, ao mesmo tempo que a cavalaria, por meio de adequadas manobras, fazia dispersar dos boulevards os grupos que os enchiam. Não tanto a mãos lavadas, porém, foi levada a efeito esta repressão, que não se desse, por essa ocasião, o rumor e tumultuoso sussurro próprio destes recontros entre o povo e a tropa. Era esse o sussurro que Enjolras ouvia nos intervalos em que se calava o estrondo do tiroteio contra a barricada. Além disto, tinha visto passar no extremo da rua alguns feridos conduzidos em macas; o que o havia feito dizer para Courfeyrac:

— Alguém, sem sermos nós, os pôs naquele estado!

Pouco tempo, porém, durou este clarão de esperança, que se extinguiu tão rapidamente como tinha nascido. Em menos de meia hora, desvaneceram-se todos aqueles rumores, tão aprazíveis aos ouvidos dos insurgentes. Foi um como relâmpago sem raio, um como cair de novo sobre os insurgentes essa espécie de chapa de chumbo, sob que a indiferença do povo encerra os obstinados abandonados.

Abortou o movimento geral, que parecia ter-se gerado, de modo que tanto a atenção do ministro da guerra como a estratégia dos generais podiam agora concentrar-se nas três ou quatro barricadas, que continuavam a oferecer resistência.

Ia alto o sol.

Um dos insurgentes chegou ao pé de Enjolras e disse-lhe:

— Nós temos fome! Queria que me dissesse se, realmente, havemos de aqui morrer sem tornar a comer!

Enjolras fez com a cabeça um aceno afirmativo, sem desencostar o braço de cima do parapeito da barricada nem desfitar os olhos da entrada da rua.

XIV — Onde se terá ocasião de saber o nome da amante de Enjolras

Sentado numa pedra ao lado de Enjolras, via-se Courfeyrac, que continuava a dirigir chufas à peça assestada no meio da rua. Cada vez que por diante dele passava, com medonho estampido, essa sombria nuvem de projécteis chamada metralha, o rapaz ria e acolhia-a com alguma baforada irónica.

— Para que te esfalfas, velha rabugenta? Realmente, tenho dó de ti! Não era melhor estares calada? Isso não é trovejar, é tossir!

E todos riam à volta dele.

Courfeyrac e Bossuet, cuja inabalável jovialidade aumentava com o perigo,

faziam como Madame Scarron: em vez de comer, galhofavam, e já que não havia vinho, queriam que todos estivessem alegres.

— Estou admirado com Enjolras — dizia Bossuet. Maravilha-me aquela sua temeridade impassível. Enjolras anda quase sempre triste, decerto por viver sozinho, e queixa-se da sua grandeza, porque O força à viuvez. Nós cá nesse ponto, ao menos, somos mais felizes do que ele; todos temos maior ou menor número de amantes, que nos fazem doidos, quero dizer, que nos tornam bravos. Quem ama como tigre não é muito que se bata como leão. É uma maneira de nos vingarmos dos tormentos com que às senhoras nossas grispttes apraz flagelar-nos. Rolando quis morrer, mesmo de propósito, só para meter ferro a Angélica; todos os nossos heroísmos provêm das mulheres. Um homem sem mulher é como uma pistola sem gatilho; a mulher é que faz disparar o homem. E, contudo, Enjolras não tem mulher. Achou meio de ser intrépido sem viver enamorado. É, realmente, a coisa mais singular que tenho visto: poder um homem ser frio como gelo e audaz como o fogo!

Enjolras parecia nada ouvir; porém, se perto dele se achasse alguém naquela ocasião, ouvir-lhe-ia por entre dentes:

— Pátria!

Continuava Bossuet ainda a rir, quando Courfeyrac exclamou:

— Novidade no caso!

E acrescentou logo em seguida, imitando a voz de um porteiro anunciando alguém:

— Sou a Peça de Oito!

Efectivamente, um novo personagem acabava de entrar em cena.

Era uma segunda boca de fogo, que os artilheiros, por uma rápida manobra, assestaram junto da primeira.

Assim se preparava o desenlace.

Instantes depois, principiaram as duas peças em fogo activo e continuado contra o reduto, fronteiras ao qual se achavam, auxiliadas pelo vivíssimo tiroteio dos guardas nacionais e mais tropa de linha.

A pequena distância daquele local, ouvia-se igualmente um estrondo de artilharia. É que, ao mesmo tempo que duas peças batiam obstinadamente o reduto da rua da Chanvrerie, outras duas bocas de fogo, uma assestada na rua de S. Diniz, outra na de Aubry-le-Boucher, faziam chover as balas sobre a barricada de Saint-Merry, correspondendo-se mutuamente todas quatro em lúgubre eco, como se fossem cães de guerra enviando-se reciprocamente seus uivos.

Das duas peças, que agora batiam a barricada da rua da Chanvrerie, uma era carregada com bala, a outra arremessava golfadas de metralha.

A pontaria da primeira fora calculada e disposta de modo que as balas, batendo no bordo da aresta superior do parapeito, iam abrindo brecha por cima e, ao mesmo tempo, arremessando sobre os insurgentes as lascas das pedras, à feição de estilhaços de metralha.

Tinha por fim este sistema de pontaria afugentar os combatentes do cimo da barricada e obrigá-los a refugiar-se no interior, para melhor darem o assalto.

Expulsos que fossem os insurgentes daquela posição pelas balas, bem como das janelas, por meio da metralha, ficariam as colunas de ataque em condições de poder invadir a rua, sem risco de serem incomodadas pelo fogo dos insurgentes nem mesmo talvez pressentidas, e escalar repentinamente o reduto, como no dia antecedente, senão é que até tomá-lo de surpresa.

— É absolutamente indispensável diminuir o incómodo que nos estão causando aquelas duas peças disse Enjolras portanto — acrescentou ele, elevando a voz fogo sobre os artilheiros!

Todos, naquela ocasião, se achavam prontos para atirar. Assim, pois, a barricada, há tanto tempo silenciosa, deu uma descarga atroadora e desesperada, a que se sucederam mais sete ou oito, com uma espécie de raiva misturada de prazer, que encheram a rua de espesso fumo. Ao cabo de alguns instantes, puderam, finalmente, os insurgentes descobrir confusamente, por entre aquela espécie de nevoeiro listrado de fogo, duas terças partes dos artilheiros estendidos ao pé das rodas das peças, ao lado das quais os que não haviam sucumbido continuavam a servi-las com severa serenidade, porém menos assíduos nas descargas.

— O negócio vai bem! — disse Bossuet. — É um sucesso!

Enjolras, porém, abanou a cabeça e respondeu:

— Estás enganado. Se as coisas continuam assim por mais um quarto de hora, não ficam dez cartuchos na barricada!

Parece que Gavroche ouviu esta resposta.

XV — Gavroche fora da barricada

Por entre o chuveiro das balas, Courfeyrac avistou, de súbito, um vulto pela parte exterior da barricada, porém não longe dela.

Era Gavroche, que saíra pela abertura, depois de ter ido buscar um cesto à casa de pasto, para dentro do qual estava sossegadamente deitando as cartucheiras repletas, pertencentes aos guardas nacionais que tinham sido mortos junto ao reduto.

— Que estás tu aí a fazer? — perguntou-lhe Courfeyrac.

— Estou a encher o meu cesto, cidadão! — replicou

Gavroche, levantando desempenadamente a cabeça.

— Ó rapaz, pois tu não vês a metralha?

— Está bem! Está a chover. E depois? — respondeu Gavroche.

— Volta para aqui! — ordenou-lhe Courfeyrac em tom imperativo.

— Vou já — disse o gaiato.

E de um salto embrenhou-se pela rua.

Como devem estar lembrados, a companhia de Fannicot, na sua retirada, deixara atrás de si um rasto de cadáveres.

Uns vinte mortos jaziam aqui e ali, pelo chão, em toda a extensão da rua. Vinte patronas para Gavroche. Uma provisão de cartuchos para a barricada.

O fumo que enchia a rua parecia um nevoeiro. Os que têm visto alguma nuvem caída numa garganta no meio de duas rochas alcantiladas poderão imaginar o que era aquele fumo, cerrado e como que condensado entre duas escuras linhas de altas casas, subindo lentamente e renovando-se sem cessar, do que resultava uma escuridão gradual, que encobria mesmo a luz do Sol, e que não deixava verem-se mutuamente os combatentes de uma extremidade da rua à outra.

Este escurecimento, provavelmente desejado e calculado pelos chefes que deviam dirigir o ataque da barricada, foi útil a Gavroche.

Encoberto por este véu de fumo e favorecido pela sua pequena estatura, pôde o gaiato meter-se pela rua dentro até uma distância considerável, sem ser visto, esvaziando a salvo umas sete ou oito patronas que primeiro encontrou.

Caminhava de gatas, correndo às vezes, com o cesto seguro nos dentes, torcendo-se, ondulando, serpenteando de um cadáver para outro, esvaziando uma cartucheira ou uma patrona, como um macaco abre uma noz.

Na barricada, da qual ainda se não achava muito desviado, ninguém ousava gritar-lhe que se recolhesse, com receio de atrair a atenção sobre ele.

Ao deparar com um polvorinho, em forma de frasco, no cadáver de um cabo da guarda nacional, disse:

— Para matar a sede!

E meteu-o no bolso.

Avançando sempre, chegou, por último, ao ponto em que o nevoeiro produzido pelas descargas se tornava transparente.

De modo que os atiradores da tropa de linha que jaziam, de bruços por trás da improvisada trincheira, bem como os da guarda nacional postada à esquina da rua, apontaram de súbito uns aos outros um vulto movendo-se no meio do fumo.

No momento em que Gavroche mais entretido se achava a esvaziar a patrona de um sargento estendido junto de uma porta, uma bala bateu no

cadáver.

— Arreda! — exclamou Gavroche. — Assim matam-me os mortos!

Uma segunda bala fez faiscar uma pedra ao lado: dele. Seguiu-se terceira, que lhe tombou o cesto.

Gavroche olhou e viu que as balas vinham dos guardas nacionais.

Ergueu-se de ímpeto, os cabelos soltos ao vento, as mãos nas ilhargas, os olhos fitos nos guardas nacionais, que continuavam a fazer fogo sobre ele e principiou a cantar:

Se há gente feia em Nanterre,
A culpa é só de Voltaire;
Se há asnos em Palaiseau,
A culpa é só de Rousseau.

Depois pegou no cesto, deitou para dentro dele, sem deixar um só, os cartuchos que tinham caído por fora, e avançando sempre para a frente, isto é, para o lado de onde partiam os tiros, principiou a esvaziar outra patrona. Quarta bala passou por ele, sem lhe acertar, e o gaiato continuou a cantar:

A culpa é só de Voltaire,
De eu não ter tabelião;
A culpa é só de Rousseau,
De eu não ser um passarão.

Uma quinta bala veio, mas não conseguiu mais do que tirar dele terceira copla:

A culpa é só de Voltaire,
Se eu do prazer sou amigo;
A culpa é só de Rousseau
Não ser eu mais que um mendigo.

Assim continuaram as coisas por mais algum tempo.

Era horrível e belo o espectáculo, vendo Gavroche zombando daquele chuveiro de balas, parecendo até que lhe agradava imenso aquele lance. Era o pardal dando bicadas nos caçadores.

A cada descarga replicava com uma copla. Estavam todas as espingardas apontadas para ele e nenhum tiro lhe acertava. Os guardas nacionais e os soldados riam-se, ao fazer-lhe pontaria. O gaiato deitava-se, levantava-se, metia-se no vão de alguma porta, saltava, desaparecia, tornava a aparecer, escondia-se, fugia, voltava, respondia à metralha fazendo trejeitos, e, no entanto, ia recolhendo os cartuchos, esvaziando as patronas e enchendo o cesto. Os insurgentes seguiam-no com a vista, na maior ansiedade.

A barricada tremia, ele cantava. Não era uma criança, não era um homem: era um gaiato-fada. Dir-se-ia o invulnerável anão do combate.

As balas corriam atrás dele, porém ele era mais veloz do que elas. Parecia jogar não sei que medonho jogo das escondidas com a morte; de cada vez que a cara desnarigada do espectro aparecia, o gaiato dava-lhe um piparote.

Uma bala, porém, mais certeira ou mais traiçoeira do que as outras, alcançou, por último, a fantástica criatura. Gavroche oscilou e caiu. Da barricada partiu um grito geral. O pigmeu, porém, tinha qualquer coisa de Anteu; para o gaiato tocar a calçada é como para o gigante tocar o chão; Gavroche apenas caíra para mais depressa se levantar; levantou-se, pois, isto é, sentou-se no meio da rua, e, ao passo que o sangue lhe escorria em fio pelo rosto, levantou os braços, olhando para a parte de onde tinha partido o tiro que o ferira, e pôs-se a cantar:

A culpa é só de Voltaire,
Se agora dei trambolhão;
A culpa é só de Rousseau
Se dei co nariz no...

Não concluiu a copla. Segunda bala do mesmo atirador o atingiu. Desta feita, caiu com o rosto para diante e não se tornou a mover. Aquela pequenina grande alma acabava de se evolar.

XVI — De como o irmão se torna pai

Naquele mesmo momento achavam-se no jardim, de Luxemburgo — porque a vista do drama deve estar em toda a parte — dois pequeninos dando a mão um ao outro. Um poderia ter sete anos, o outro cinco. Como estavam molhados pela chuva, caminhavam pelas áleas do lado do Sol; o mais velho conduzia o mais moço; estavam muito pálidos e cobertos de farrapos; tinham o ar de pássaros bravios. O mais pequeno dizia:

— Tenho muita fome!

O mais velho, já um tanto protector, conduzia seu irmão com a mão esquerda e levava na direita uma chibata.

Entraram sós no jardim. O jardim estava deserto; a polícia mandara fechar as portas por causa da insurreição.

As tropas que lá tinham estacionado haviam já saído, pelas necessidades do combate.

Como estavam ali aquelas crianças? Tinham-se talvez evadido de alguma casa de guarda, cuja porta apanhassem entreaberta; ou talvez nas proximidades, na barreira do Inferno, ou na esplanada do Observatório, ou na encruzilhada vizinha dominada pelo frontão, onde se lê: *invenemnt parvalum pannis involutum.* Houvesse alguma barraca de saltimbancos de onde tivessem fugido. Teriam na véspera iludido a vigilância dos guardas do jardim à hora de se fecharem as portas e passado a noite nalguma daquelas guaritas em que se lêem os periódicos? O facto é que andavam errantes e que pareciam livres. Andar errante e parecer livre, é estar perdido.

Os pobres pequenos estavam, com efeito, perdidos.

Aquelas crianças eram as mesmas que tanta pena tinham causado a

Gavroche e de que o leitor se deve lembrar. Filhos de Thenardier, alugados à Magnon, atribuídos ao senhor Gillenormand, e por fim folhas caídas de todos aqueles ramos sem raízes e roladas no pó pelo vento.

O fato muito asseado no tempo de Magnon e que lhe servia de prospecto para com o senhor Gillenormand, tornara-se farrapos.

Aquelas criaturinhas pertenciam agora à estatística das «Crianças Abandonadas» que a polícia regista, apanha, perde e torna achar nas ruas de Paris.

Era necessária a perturbação de um tal dia para que os dois infelizes pequenos se achassem naquele jardim. Se os guardas houvessem lobrigado semelhantes farrapos tê-los-iam expulsado. As crianças pobres não entram nos jardins públicos; contudo, dever-se-ia pensar que, como crianças, têm direito às flores.

Aquelas achavam-se ali, graças às grades fechadas.

Estavam em contravenção, haviam penetrado no jardim e tinham-se deixado ficar. As portas fechadas não dão folga aos guardas, a vigilância deve continuar, mas enfraquece e repousa; os guardas, mais ocupados do exterior do que do interior, não olhavam pelo jardim, e por isso não tinham visto os dois delinquentes.

Na véspera, assim como de manhã, chovera. Mas em Junho não se faz caso da chuva. Uma hora após o aguaceiro a custo se reconhece que em tão belo dia tem chovido. A terra no Verão enxuga tão depressa como as faces duma criança.

Na época do solstício, é a luz do meio-dia, por assim dizer, agarradora. Apodera-se de tudo. Aplica-se e sobrepõe-se à terra com uma espécie de sucção. O Sol parece que tem sede. Um aguaceiro é um copo de água; a chuva é bebida apenas cai. De manhã tudo gotejava, de tarde está tudo coberto de pó.

Não há nada mais admirável do que uma verdura lavada pela chuva e enxuta pelo Sol; é a frescura quente. Os jardins e os campos tendo água nas raízes e Sol nas flores, tornam-se caçoulas de incensos e brotam de si ao mesmo tempo todos os perfumes. Tudo ri, canta e se oferece. Sente-se a mais doce embriaguez.

A Primavera é um paraíso provisório: o Sol ajuda o homem a ter paciência.

Há no mundo entes que não pedem mais; viventes que julgam bastante ter o céu azul, sonhadores absortos pelo prodígio, bebendo na idolatria da natureza a indiferença do bem e do mal, contempladores do cosmos, radiantemente distraídos do homem, que não compreendem que alguém se ocupe da fome destes, da sede daqueles, da nudez do pobre no Inverno da

curvatura linfática de uma espinhazita dorsal, da enxerga, da trapeira, do cárcere, nem dos andrajos das raparigas que tremem de frio, quando podem sonhar acordados à sombra do arvoredo; espíritos pacíficos e terríveis, implacavelmente satisfeitos. Estranha coisa, basta-lhes o infinito. A grande necessidade do homem, o finito, que admite a união, ignoram-no eles. No finito, que admite o progresso, o trabalho sublime, nem pensam. O indefinido que nasce da combinação humana e divina, do infinito e finito, escapa-lhes à apreciação. Sorriem-se, contanto que estejam face a face com a imensidade. Nunca a alegria, sempre o êxtase. Abismarem-se, é a sua vida. A história da humanidade, para eles, não é mais do que um plano parcelar; o Tudo não existe nela, o verdadeiro Tudo fica-lhe de fora; para que se hão-de ocupar do pormenor chamado homem? O homem sofre, é possível, mas olhai como Aldebaran se ergue! A mãe já não tem leite, o recém-nascido morre; não sei, mas vede esta rosácea maravilhosa, que faz um escudo do alburno do abeto, examinado ao microscópio! Comparai isto à mais bela renda de Malines. Pensadores tais esquecem-se de amar. O Zodíaco domina-os a ponto de os impedir que vejam a criança chorando. Deus eclipsa-lhes a alma. Constituem uma família de espíritos ao mesmo tempo grandes e pequenos. Horácio e Goethe pertenciam-lhe, La Fontaine talvez; magníficos egoístas do infinito, espectadores tranquilos da dor, que não vêem Nero se faz bom tempo, aos quais o Sol oculta a fogueira, que veriam guilhotinar, diligenciando descobrir no cadafalso um efeito de luz, que não ouvem o gemido nem o soluço, nem o toque de rebate, para quem tudo vai bem porque há o mês de Maio, que enquanto tiverem acima da cabeça nuvens de púrpura e de ouro se declaram satisfeitos, e que estão decididos a ser felizes até se haver exaurido o brilho dos astros e o canto das aves.

São estes os radiantes tenebrosos. Não suspeitam que são dignos de lástima. Decerto que o são. Quem não chora não vê. É forçoso admirá-los e lastimá-los, como se admiraria e lastimaria um ente, ao mesmo tempo escuridão e luz, sem olhos sob as sobrancelhas e com um astro no meio da fronte.

A indiferença destes pensadores é, segundo alguns, uma filosofia superior. Pois seja, mas nesta superioridade há enfermidade. Pode-se ser imortal e coxo; sirva de exemplo Vulcano. Pode-se ser mais do que homem e menos do que homem. O incompleto imenso está na natureza. Quem sabe se o Sol não é cego?

Mas então, em que deve haver confiança? *Solem Quis dicere falsum audeat*. Pois também certos génios, certos Altíssimos humanos, certos homens astros, poderão enganar-se? O que está tão elevado, no cume, no zénite, o que

envia tanta luz à terra, verá pouco, verá mal, não verá coisa alguma? Não é isto para desesperar? Não. Mas o que há pois acima do Sol? Deus.

O Luxemburgo, no dia 6 de Junho de 1832, pelas onze horas da manhã, solitário e despovoado, estava encantador. Os canteiros e os alegretes enviavam-se reciprocamente no meio da luz bálsamos e seduções. Os ramos, loucos com o Sol do meio-dia, pareciam querer abraçar-se. Havia nos sicómoros uma matinada de toutinegras, os passarinhos triunfavam, os piscos trepavam pelos troncos dos castanheiros dando pequeninas bicadas nos buraquinhos da cortiça. As latadas aceitavam a realeza legítima do lírio; o mais augusto dos perfumes é o que sai da alvura. Respirava-se o aroma apimentado dos cravos. As velhas gralhas de Maria de Médicis brincavam amorosamente nas árvores mais altas. O Sol dourava, purpurizava e acendia as túlipas, que não são mais do que todas as variantes da chama, tornadas flores. À roda dos maços de túlipas volteavam as abelhas, faíscas destas flores chamas. Tudo era graça e alegria, incluindo a última chuva; esta reincidência de que os lírios e as madressilvas deviam aproveitar-se não tinham nada que inquietasse. As andorinhas faziam a encantadora ameaça de voarem baixo. Quem ali estava respirava felicidade, a vida era aromática, toda aquela natureza exalava candura, socorro, assistência, paternidade, carícias e aurora. Os pensamentos que caíam do céu eram macios como a mãozinha de criança que se beija.

As estátuas sob as árvores, nuas e brancas, mantos de sombra rasgados pela luz; aquelas deusas estavam todas esfarrapadas pelo Sol; pendiam-lhe raios de todos os lados. Em torno do grande lago estava a terra já de todo seca. Soprava o vento suficiente para levantar num e noutro ponto redemoinhos de pó. Algumas folhas amarelas, que ali tinham ficado no último Outono, perseguiam-se alegremente e pareciam brincar.

A abundância de luz tinha o que quer que era de tranquilizador. Vida, seiva, calor e eflúvios, trasbordavam; sentia-se sob a criação a enormidade da sua origem; em todos aqueles sopros saturados de amor naquele vaivém de reverberação e de reflexos, naquela prodigiosa profusão de raios, no indefinido correr de outro fluído, sentia-se a prodigalidade do; que é inesgotável; e por trás de tanto esplendor, como por trás de um véu de chamas, entrevia-se Deus, o milionário de estrelas.

Graças à areia, não havia ali uma só mancha de lama; graças à chuva não havia um grão de pó. Os ramalhetes acabavam de se lavar; os veludos, os cetins, os vernizes e os ouros que saem da terra sob a forma de flores estavam todos irrepreensíveis. Aquela magnificência era asseada. O grande silêncio da natureza feliz preenchia o jardim. Silêncio celeste compatível com mil

músicas, arrulhos de ninhos, zumbidos de enxames, palpitações do vento. Toda a harmonia da estação os ostentava em gracioso conjunto; as entradas e saídas da Primavera efectuavam-se na devida ordem; terminavam os lilases, começavam os jasmins; algumas flores demoravam-se; a guarda avançada das borboletas, vermelhas de Junho fraternizava com a retaguarda das borboletas brancas de Maio. Os plátanos mudavam de pele. A brisa cavava ondulações na enormidade magnífica dos castanheiros.

Era esplêndido. Um veterano do quartel vizinho olhava para tudo aquilo através das grades, e dizia:

— Aí está a Primavera de grande uniforme e de armas apresentadas!

A natureza toda almoçava; a criação estava à mesa; era a hora; a grande toalha azul estava estendida no céu, e a grande toalha verde sobre a terra; o Sol iluminava o *giorno.* Deus servia a refeição universal. Cada ente tinha o seu pasto ou a sua ceva. O pombo bravo achava a semente do linho, o tentilhão o milho moído, o pintassilgo, achava o painço, o pintarroxo vermezinhos, a abelha achava flores, a mosca infusórios, os engole-ventos achavam moscas. Comiam-se um tanto uns aos outros, o que representa o mistério do mal misturado com o bem, mas nem um só animalzinho tinha o estômago vazio,

Os dois pequenitos abandonados tinham chegado junto do grande lago, e um tanto perturbados por toda aquela luz, diligenciavam ocultar-se, instinto do pobre diante da magnificência, ainda que impessoal; e conservavam-se atrás da barraquinha dos cisnes.

De vez em quando, quando o vento soprava, ouviam, confusamente, aqui e além, certos gritos, certo rumor, espécie de estertores tumultuosos, que eram tiros de canhão. Por cima dos telhados do lado dos Mercados via-se fumo. Um sino, que parecia chamar, tocava muito ao longe.

Os dois pequenitos mostravam não dar por aqueles ruídos. O mais pequeno repetia, de vez em quando a meia voz:

— Tenho fome!

Quase ao mesmo tempo que as duas crianças, aproximara-se do lago outro par. Era um velho de cinquenta, anos, levando pela mão uma criança de seis anos. Sem dúvida pai e filho... A criança tinha na mão um grande bolo.

Naquela época, certas casas confinantes com o jardim pela rua de Madame e pela do Inferno, tinham uma chave do Luxemburgo, da qual gozavam os locatários, quando o jardim estava fechado ao público; tolerância que mais tarde foi suprimida. Aquele pai e aquele filho tinham saído decerto, duma das tais casas.

Os rapazinhos vendo aproximar aquele «senhor» esconderam-se ainda mais.

«O senhor» era um burguês; talvez o mesmo que Mário, um dia, através da sua febre de amor tinha ouvido ao pé daquele mesmo lago, aconselhando seu filho «a que evitasse os excessos». Tinha um ar afável e altivo, e uma boca que, não se fechando nunca, sorria sempre. Este sorriso mecânico, produzido por excesso de queixada e por defeito de pele, mostrava mais depressa os dentes do que a alma. O pequeno, com o seu bolo dentado, mas que não acabava de comer, parecia contrariado. A criança estava vestida com o uniforme da guarda nacional, por causa da revolta e o pai deixara-se ficar com o fato de burguês, por causa da prudência.

Pai e filho tinham parado junto do lago onde giravam os dois cisnes. O burguês dedicava aos cisnes uma admiração especial. Talvez isto se desse, por muito se parecer com eles no modo de andar.

Naquele momento os cisnes nadavam, o que constitui a sua principal habilidade e mostravam-se soberbos.

Se os dois pequenitos pobres tivessem escutado e tivessem idade de as poder compreender, ouviriam as palavras de um homem sério. O pai dizia ao filho:

— O sábio vive contente com pouco. Põe os olhos em mim, meu filho. Não gosto de fausto. Nunca me vêem coberto de ouro nem de pedrarias; deixo esse falso esplendor para as almas mal organizadas.

Aqui, os gritos profundos que vinham do lado dos Mercados, redobravam de intensidade, acompanhados por mais violento toque do sino.

— O que é aquilo? — perguntou o pequeno.

O pai respondeu:

— São saturnais.

De repente deu pelos dois pequenos, imóveis, atrás da casinha dos cisnes,

— Ali está o princípio disse ele.

E depois de um momento de silêncio, acrescentou:

— A anarquia já está no jardim.

Entretanto, o filho deu uma dentada no bolo, deitou fora o bocado que lhe arrancou e começou a chorar.

— Porque choras tu? — perguntou o pai.

— Já não tenho vontade — disse o pequeno.

O sorriso do pai acentuou-se mais.

— Um bolo come-se mesmo sem vontade.

— Mas não gosto dele, está duro.

— Não queres mais?

— Não.

O pai indicou-lhe os cisnes,

— Dá-os a esses palmípedes.

O pequeno hesitou. Não ter já vontade de comer um bolo não é razão para o dar.

O pai prosseguiu:

— Sê humano. É preciso ter dó dos animais.

E, tirando o bolo da mão ao filho, atirou-o para a água.

Os cisnes estavam longe, no centro do lago, entretidos com alguma presa. Não tinham visto nem o burguês nem o bolo.

O burguês, vendo o risco em que estava o bolo de se perder e inquieto por tão inútil naufrágio, entregou-se a uma agitação telegráfica, que acabou por atrair a atenção dos cisnes.

Os palmípedes avistaram um objecto boiando, viraram de bordo, como verdadeiros navios, e dirigiram-se vagarosamente para o bolo, com a majestade beatífica que convém a animais brancos.

— Os cisnes compreendem os sinais — disse o burguês, satisfeito por ter tido uma ideia boa.

Neste momento o tumulto longínquo da cidade teve ainda súbita recrudescência. Desta vez foi uma coisa sinistra. Há rajadas de vento que falam mais distintamente do que outras. A que soprou naquele momento trouxe nitidamente rufos de tambor, clamores, descargas cerradas e lúgubres réplicas de toques de rebate e de tiros de artilharia. Isto coincidiu com a passagem de uma nuvem, negra que ocultou repentinamente o Sol.

Os cisnes não tinham ainda chegado ao bolo.

— Voltamos para casa — disse o pai — estão atacando as Tulherias.

Tornou a pegar na mão de seu filho e prosseguiu:

— Das Tulherias ao Luxemburgo não há senão a distância que separa a realeza do pariato, não é longe. Não tarda que chovam balas.

Depois olhou para a nuvem.

— A chuva também não tarda em cair; o céu tomou parte nisto, o amo mais novo está condenado. Vamos para casa depressa.

— Queria ver os cisnes comer o bolo — disse o pequeno.

O pai respondeu:

— Seria uma imprudência, menino.

E arrastou atrás de si aquela tenra vergôntea da burguesia.

O pequeno, com saudades dos cisnes, foi sempre olhando para trás, até que numa curva do jardim deixou de ver o lago.

Entretanto, e ao mesmo tempo que os cisnes, tinham-se os dois pequenitos vagabundos aproximado do bolo, o mais crescido olhava para o burguês que se afastava.

O pai e o filho entraram no labirinto de áleas que conduz ao maciço de arvoredo, do lado da rua de Madame.

O pequeno mais velho apenas os perdeu de vista, deitou-se rapidamente de bruços sobre o rebordo convexo do lago e, segurando-se com a mão esquerda, debruçado sobre a água, quase a cair, estendeu com a mão direita a sua chibatinha para o bolo. Os cisnes vendo o inimigo, apressaram-se, fazendo um movimento que foi útil à pesca da pobre criança; a água refluiu diante dos cisnes, e com uma das suas ondulações concêntricas, impeliu suavemente o bolo para a chibata do pequenito. A chibata tocou o bolo quando os cisnes estavam já prestes a chegar-lhe. O pequeno puxou para si o bolo, espantou os cisnes, empolgou a presa e levantou-se. O bolo estava molhado, mas eles tinham fome e sede. O mais velho, dividindo o bolo em duas partes desiguais, ficou com a mais pequena para si e deu a maior ao irmão, dizendo:

— Aí tens, toca a rufar, ferra com esta bucha na mala.

XVII — «Mortuus pater filium moritorum expectat»

Mário saíra apressadamente da barricada, seguido por Combeferre. Porém, já era tarde. Gavroche estava morto. Combeferre trouxe o cesto dos cartuchos, Mário o corpo da infeliz criança.

«Oh! O que o pai do desditoso gaiato fizera por seu pai», pensava Mário, «ele o fazia agora ao filho de Thenardier»; porém, Thenardier salvara seu pai, enquanto ele apenas conduzia o cadáver do filho do estalajadeiro.

Ao voltar para o reduto com Gavroche nos braços, Mário trazia, como o infeliz gaiato, o rosto a escorrer em sangue.

Provinha isto de que, na ocasião em que se agachara a pegar no corpo de Gavroche, acertara-lhe uma bala na cabeça, ferindo-o apenas ligeiramente, tão ligeiramente, que nem a sentira.

Courfeyrac tirou o lenço do pescoço e atou-lho na cabeça. Apenas entrados na barricada, dirigiram-se à casa de pasto e aí colocaram o corpo de Gavroche em cima da mesa onde jazia Mabeuf, cobrindo-os a ambos com o xaile preto, suficientemente amplo para que o pudessem fazer.

Combeferre distribuiu os cartuchos contidos no cesto que trouxera, vindo, em virtude deste auxílio, a ficar cada insurgente com munições para quinze tiros.

Jean Valjean continuava imóvel na soleira da porta em que se sentara. Quando Combeferre lhe entregou os quinze cartuchos que lhe tocavam, abanou a cabeça.

— Aquele homem é esquisito a mais não poder ser! — disse Combeferre em voz baixa para Enjolras — Julgo que está resolvido a não combater nesta barricada, onde todos combatem!

— O que não obsta a que ele a defenda! — respondeu Enjolras.

— O heroísmo tem seus originais — tornou Combeferre.

E Courfeyrac, que ouviu isto, acrescentou:

— É um segundo Mabeuf, porém noutro género.

Uma coisa devemos observar. O fogo dirigido contra a barricada pouco ou nada perturbava o seu interior. Os que nunca se viram no meio do turbilhão desta espécie de guerras não podem formar a mais leve ideia dos singulares momentos de tranquilidade observados nestas convulsões. Entrecruzam-se, conversam, gracejam, passeiam abstraídos do fim que ali os retém. Uma pessoa do nosso conhecimento ouviu, uma ocasião, dizer a um combatente, no meio da metralha:

— Estamos aqui como se nos achássemos em roda de uma mesa almoçando com uns poucos de amigos!

O reduto da rua da Chanvrerie, repetimos, parecia interiormente pacífico. Todas as peripécias e fases tinham sido ou iam ser terminadas. A posição dos insurgentes de crítica tornara-se temerosa e de temerosa ia, provavelmente, tornar-se desesperada. À medida que a situação se anoveava, um clarão heróico cada vez mais purpureava a barricada. Enjolras dominava agravemente, na atitude de um jovem esparciata dedicando a espada desembainhada ao sombrio génio Epídotos.

Combeferre ocupava-se no curativo dos feridos, de avental atado à cintura; Bossuet e Feuilly faziam cartuchos com pólvora do polvorinho achado por: Gavroche no cadáver do cabo da guarda nacional e Bossuet dizia para Feuilly:

— Estamos por instantes a fazer-nos de vela para outro planeta!

Courfeyrac colocava e acomodava em cima do monte de pedras que reservara para si, ao lado de Enjolras, a sua bengala de estoque, a espingarda, duas pistolas de arção e outra de algibeira, com o esmero de uma jovem que põe em ordem um aparador. Jean Valjean contemplava silencioso a parede que lhe ficava fronteira. Um operário atava à cabeça com um barbante um grande chapéu de palha da tia Hucheloup «para se preservar do ardor do sol», dizia ele. Os jovens da Cougourde de Aix conversavam alegremente uns com os outros, como se quisessem aproveitar a última ocasião, de se falarem na sua algaravia natal.

Joly examinava a língua num espelho da viúva Hucheloup, que tirara do prego em que se achava pendurado.

Alguns combatentes, tendo deparado com algumas côdeas de pão, já bolorentas, dentro de uma gaveta, comiam-nas avidamente. Mário andava desassossegado com a ideia do que seu pai lhe ia dizer.

XVIII — O abutre convertido em presa

Insistimos sobre um facto, psicológico particular às barricadas. Nada do que caracteriza esta maravilhosa guerra das ruas deve ser omitido.

Por maior que seja a singular tranquilidade interior de que acabamos de falar, a barricada, para os que dentro dela se acham, nem por isso deixa de ser uma visão.

A guerra civil tem o que quer que seja de apocalíptico; é um conjunto de clarões terríveis acompanhados de toda a espécie de névoas do incógnito. As revoluções são esfinges, e quem se vê no meio de uma barricada julga-se ludibrio de um sonho.

O que em tais lugares se sente já o deixámos dito a propósito de Mário., porém agora vamos a ver as suas consequências, que são mais e menos do que a vida. Quem uma vez sai de uma barricada não se recorda já do que nela viu. Levamos o nosso denodo ao extremo do furor e ignoramo-lo. Vimo-nos rodeados de ideias combatendo sob formas humanas; vimo-nos inundados da luz do futuro; vimos cadáveres estendidos no chão e fantasmas de pé. As horas eram colossais e pareciam as da eternidade. Vivemos na morte. Vimos deslizar sombras. Que seria? Vimos mãos manchadas de sangue; sentíamos um ensurdecimento terrível, reinava também um silêncio medonho; havia bocas abertas que gritavam, e outras também abertas, que se conservavam silenciosas; era tudo fumo e talvez trevas. Julgamos ter tocado a transudação sinistra das profundezas desconhecidas; olhamos e vemos um não sei quê vermelho nas unhas. De mais nada nos recordamos.

Voltemos à rua da Chanvrerie.

Num intervalo entre duas descargas, ouviu-se, de repente, ao longe, um sino dando horas.

— É meio-dia — disse Combeferre.

Ainda bem não tinham soado as doze badaladas, Enjolras alçou-se em pé e bradou do alto da barricada em voz clamorosa:

— Levem pedras para casa. Guarneçam o parapeito da janela e as águas-furtadas. Metade dos homens às espingardas, a outra metade às pedras. Não há um minuto a perder.

Na extremidade da rua acabava de aparecer em ordem de batalha um pelotão de sapadores bombeiros, de machados ao ombro.

Não podia ser senão uma testa de coluna. Evidentemente da coluna de ataque, por isso que os sapadores bombeiros encarregados de demolir a barricada, deviam preceder os soldados encarregados de a escalar. Chegava-se evidentemente ao momento a que o senhor de Clermont-Tonerre em 1822, chamava decisivo.

A ordem de Enjolras foi executada com a correcta presteza própria dos

navios e das barricadas, únicos lugares de combate de onde é impossível a evasão.

Em menos de um minuto os dois terços de pedras que Enjolras fizera amontoar à porta de Corinto foram levadas para o primeiro andar e para o sótão, e antes que houvesse passado um segundo minuto estavam todas aquelas pedras colocadas artisticamente umas sobre as outras, murando a janela do primeiro andar e das águas-furtadas até meia altura, Alguns intervalos cuidadosamente conservados por Feuilly, principal construtor, podiam deixar passar os canos das espingardas. Este armamento das janelas pôde fazer-se com tanta facilidade, porque cessara a metralha. As duas peças tinham passado a atirar à bala, ao centro da barricada, a fim de lhe fazer uma aberta, e, se fosse possível, uma brecha para o assalto.

Depois de colocadas convenientemente as pedras destinadas a sustentar a defesa suprema, mandou Enjolras levar para o primeiro andar da taberna as garrafas que pusera sobre a mesa em que estava deitado o senhor Mabeuf.

— Quem beberá isto? — perguntou-lhe Bossuet.

— Eles — respondeu Enjolras.

Em seguida fortificaram a janela da loja e puseram ao alcance da mão as barras de ferro, que serviam para de noite trancar interiormente a porta da taberna,

A fortaleza estava completa. A barricada era a trincheira, a taberna o reduto.

Com as pedras que restavam, taparam a abertura que servia de porta à barricada.

Como os defensores de uma barricada são sempre obrigados a poupar as munições, e como os assaltantes o sabem, executam estes todos os seus preparos com uma espécie de irritante sossego, expondo-se antes de tempo ao fogo, mais na aparência do que na realidade, e adaptando-se todas as comodidades. Os aprestes do ataque fazem-se sempre com certo vagar metódico; depois do que cai o raio.

Este vagar permitiu que Enjolras revisse e aperfeiçoasse tudo,. Tinha a convicção de que tais homens deviam morrer, portanto queria que a sua morte fosse uma obra-prima.

— Nós somos os dois chefes — disse ele a Mário. — Eu vou dar as últimas ordens no interior, tu conserva-te fora e observa.

Mário colocou-se em observação no alto da barricada. Enjolras mandou pregar a porta da cozinha, que, como devem lembrar-se, era o hospital.

— Nada de salpicar os feridos — disse ele.

Em seguida deu as últimas ordens na loja da taberna, com voz breve, mas

profundamente tranquila; Feuilly escutava e respondia em nome de todos.

— No primeiro andar tenham os machados prontos para cortar a escada; têm-nos?

— Temos — disse Feuilly.

— Quantos?

— Dois machados e um malho.

— Bem. Nós somos ainda vinte e seis combatentes.

— Quantas espingardas temos?

— Trinta e quatro.

— Oito de mais. Tenham essas espingardas carregadas com as outras e ao alcance da mão. A cintura os sabres e as pistolas. Na barricada vinte homens; os seis restantes emboscados nas águas-furtadas e na janela do primeiro andar, para fazerem fogo sobre os assaltantes através das seteiras que se deixaram entre as pedras. É necessário que não haja aqui um único trabalhador inútil. Daqui a pouco, apenas o tambor tocar à carga, precipitem-se os vinte de baixo sobre a barricada. Os que chegarem ali primeiro são os que ficarão mais bem colocados.

Adoptadas estas disposições, voltou-se para Javert e disse-lhe:

— Não me esqueço de ti.

E, pondo sobre a mesa uma pistola, acrescentou:

— O último que sair dará um tiro neste homem.

— Aqui? — perguntou uma voz.

— Não, não misturemos este cadáver com os nossos.

A barricada pequena da rua Mondétour pode saltar-se, tem apenas quatro pés de altura. O homem está bem amarrado, levem-no para lá e executem-no então, Havia ali alguém, que naquele momento estava mais impassível do que Enjolras; era Javert.

Nisto apareceu Jean Valjean, que estava envolvido no grupo dos insurgentes.

Saiu dele e disse a Enjolras:

— O senhor é que é o comandante?

— Sou.

— Há pouco dirigiu-me um agradecimento?

— Em nome da república. A barricada tem dois salvadores:

Mário Pontmercy e o senhor.

— Parece-lhe que mereço uma recompensa?

— Sem dúvida.

— Então tenho a pedir uma.

— Qual é?

— Ser eu quem abra o crânio a este homem.

Javert levantou a cabeça, viu Jean Valjean, fez um movimento imperceptível e disse:

— É justo.

Quanto a Enjolras, que se pusera a carregar a sua carabina, olhou à roda de si.

— Não há reclamação?

E voltando-se para Jean Valjean:

— Apodere-se do espião.

Jean Valjean, tomou posse, com efeito, de Javert, sentando-se na extremidade da mesa. Pegou na pistola e um pequeno estalido anunciou que a tinha armado.

Quase ao mesmo tempo ouviu-se um toque de corneta.

— Às armas! — gritou Mário do alto da barricada.

Javert pôs-se a rir com aquele riso surdo que lhe era próprio e fitando os insurgentes, disse-lhes:

— Não têm mais saúde do que eu.

— Tudo fora! — gritou Enjolras.

Os insurgentes correram em tumulto e, saindo da loja, receberam nas costas estas palavras de Javert:

— Até logo!

XIX — Vingança de Jean Valjean

Jean Valjean apenas se achou a sós com o prisioneiro, desatou a corda que o prendia pelo meio do corpo, e cujo nó fora dado por baixo da mesa. Depois disto fez-lhe sinal para que se levantasse.

Javert obedeceu, com o indefinível sorriso em que se condensa a supremacia da autoridade manietada.

Jean Valjean pegou em Javert pela corda, como quem seguraria uma besta de carga pelo cabresto e, puxando-o atrás de si, saiu da casa de pasto, lentamente, visto que Javert não podia dar grandes passos por ter as pernas presas.

Jean Valjean levava a pistola na mão.

Atravessaram deste modo o trapézio interior da barricada. Os insurgentes todos atentos ao ataque iminente, voltaram-lhe as costas.

Somente Mário, colocado na extremidade esquerda da barricada, os viu passar. Aquele grupo do paciente e do algoz, iluminou-se-lhe com todo o clarão sepulcral que tinha na alma,

Jean Valjean fez Javert subir, com algum custo mas sem o largar um instante, a pequena barricada do beco Mondétour.

Depois de saltarem a trincheira acharam-se sós no beco. Ali já ninguém os via. O cotovelo formado pelas casas ocultava-os aos insurgentes. A alguns passos estava o horrível montão de cadáveres tirados da barricada.

Distinguiam-se no montão dos mortos uma face lívida, uns cabelos soltos, uma mão furada, e um seio de mulher meio nu. Era Eponina.

Javert olhou de revés para a morta, e, profundamente sossegado, disse a meia voz:

— Parece-me que conheço aquela rapariga.

Depois voltou-se para Jean Valjean.

Jean Valjean meteu a pistola debaixo do braço e fitou em Javert um olhar que não precisava de palavras para dizer:

— Javert, sou eu.

Javert respondeu:

— Desforra-te.

Jean Valjean tirou do bolso uma navalha e abriu-a.

— Uma navalha! — exclamou Javert. — Tens razão. É o que te convém.

Jean Valjean cortou-lhe a corda que tinha ao pescoço, depois as que lhe: prendiam os punhos, em seguida baixou-se e cortou-lhe a que lhe atava os pés e, endireitando-se, disse-lhe:

— Estás livre,

Javert não se admirava facilmente. Contudo, apesar de estar senhor de si, não pôde subtrair-se a uma comoção.

Ficou imóvel e de boca aberta.

Jean Valjean prosseguiu:

— Eu não creio que possa sair daqui. Todavia, se por acaso sair, moro na rua do Homem Armado, número 7, sob o nome de Fauchelevent.

Javert teve uma contracção de tigre, que lhe entreabriu um canto da boca e murmurou por entre dentes:

— Toma cuidado.

— Pode ir.

Javert continuou:

— Tu disseste, Fauchelevent, rua do Homem Armado?

— Número 7.

Javert repetiu a meia voz:

— Número 7.

Tornou a abotoar a sobrecasaca, restituiu aos ombros a inflexibilidade militar, cruzou os braços, sustentando a barba numa das mãos, e começou a caminhar na direcção dos Mercados. Jean Valjean seguiu-o com a vista. Javert depois de dar alguns passos voltou-se para trás e gritou a Jean Valjean:

— O senhor está-me desgostando. Mate-me antes.

Javert nem reparava que já não; tratava Jean Valjean por tu.

— Vá-se embora — disse Jean Valjean.

Javert afastou-se vagarosamente. Passado um momento voltou a esquina da rua dos Pregadores.

Jean Valjean, apenas Javert desapareceu, disparou a pistola para o ar. Depois entrou na barricada e disse:

— Pronto.

Entretanto, eis o que ocorrera:

Mário, mais ocupado com o exterior do que com o interior, não tinha até então; dado muita atenção ao espião quase oculto na escura loja.

Quando o viu à claridade do dia, atravessando a barricada para ir morrer, reconheceu-o e sentiu entrar-lhe no espírito súbita recordação. Recordou-se do inspector da rua de Pontoise e das duas pistolas que lhe tinha dado; e de que ele, Mário, se servira na barricada; e não somente se lhe recordou da fisionomia, mas também do nome.

Todavia, esta recordação era nebulosa e embaraçada como todas as suas ideias. Não foi uma afirmativa que apresentou a si mesmo, foi uma pergunta que se dirigiu:

— Não foi este o inspector de polícia que me disse chamar-se Javert?

Talvez fosse ainda tempo de intervir a favor: daquele homem. Mas em primeiro lugar precisava saber se era, com efeito, Javert.

Mário chamou Enjolras, que acabava de se postar no outro extremo da barricada:

— Enjolras!

— O que é?

— Como se chama aquele homem?

— Qual homem?

— O agente de polícia. Sabes o seu nome!

— Sei. Foi ele que mo disse.

— Então como se chama?

— Javert.

Mário endireitou-se.

Neste momento ouviu-se um tiro de pistola.

Jean Valjean tornou a aparecer, e gritou:

— Pronto.

Mário sentiu apertar-se-lhe o coração

XX — Os mortos têm razão e os vivos também

A agonia da barricada ia começar.

Tudo concorria para a majestade trágica daquele momento supremo: mil estrondos misteriosos na atmosfera, a respiração das massas armadas postas em Movimento nas ruas que se não viam, o galope intermitente da cavalaria, o pesado rodar da artilharia avançando, as descargas de pelotão e os tiros de peça cruzando-se no dédalo de: Paris, o fumo da batalha, elevando-se dourada acima dos telhados, não sei que gritos longínquos vagamente terríveis, por toda a parte relâmpagos de ameaça, o toque de rebate de Saint-Merry, que então se assemelha a soluços, a suavidade da estação o! esplendor do firmamento cheio de sol e de nuvens, a beleza do dia e o espantoso silêncio das casas.

Porque desde a véspera que as duas fileiras de casas da rua da Chanvrerie se tinham transformado em muralhas; muralhas impraticáveis. Portas, janelas, postigos, tudo fechado.

Naqueles tempos tão diferentes destes em que estamos, quando chegava a hora em que o povo queria pôr termo a uma situação que durara demasiadamente, quando queria acabar com uma carta outorgada ou com um país legal, quando a cólera universal se achava difundida na atmosfera, quando a cidade consentia que lhe descalçassem as ruas, quando a insurreição fazia sorrir a burguesia, segredando-lhe ao ouvido a palavra de ordem, então o habitante, por assim dizer penetrado da revolta, era o auxiliar do combatente, e a casa fraternizava com a fortaleza improvisada que se apoiava nela. Quando a situação não estava madura, quando a insurreição não era decididamente consentida, quando a massa negava o movimento, má sorte era a dos combatentes, a cidade transformava-se num deserto à roda da revolta, as almas gelavam-se, os asilos muravam-se e a rua tornava-se desfiladeiro para ajudar o exército a tomar a barricada.

Por surpresa não se faz caminhar um povo mais depressa do que ele quer. Desgraçado do que intenta forçar-lhe a mão! Um povo não deixa que façam dele o que quiserem. Então: abandona a insurreição a si mesma. Os insurgentes tornaram-se empestados. Uma casa é uma escarpa, uma porta uma recusa, uma fachada é um muro. Este muro vê, ouve e não o quer dar a conhecer. Poderia entreabrir-se e salvar-vos. Que sombrias são as casas fechadas. Parecem moitas e estão vivas. A vida ali está como suspensa, mas persiste. Ninguém sai delas à vinte e quatro horas; mas ninguém ali falta. No interior dessa rocha andam de um para outro lado, deitam-se, levantam-se; estão reunidas as famílias, come-se, bebe-se, tem-se medo, terrível coisa! O medo desculpa essa inospitalidade temível; e junta-se-lhe o pasmo como circunstância atenuante. Algumas vezes, já se tem visto, o medo; torna-se paixão o susto; pode tornar-se em fúria, como a prudência em raiva; daqui a

frase profunda: «Os danados dos moderados». Há crepitações de espanto supremo de onde sai, como uma fumaça lúgubre, a cólera.

— O que quer essa gente? Nunca está contente. Comprometem os homens pacíficos. Parece que não estão ainda fartos de revoluções! O que vieram aqui fazer? Avenham-se como puderem. Tanto pior para eles. A culpa é sua. Não têm senão: o que merecem. Não temos nada com tudo isto. Aí fica a nossa pobre rua toda crivada de balas. E um bando de vagabundos. Cuidado não abram a porta.

E a casa toma o aspecto; de um túmulo. O insurgente agoniza diante dessa porta; vê aproximarem-se-lhe a metralha e os sabres nus; se grita, sabe que o ouvem, mas que lhe não acudirão; há ali paredes que poderiam protegê-lo, homens que poderiam salvá-lo; e essas paredes têm ouvidos de carne, e esses homens têm entranhas de pedra.

Quem se há-de acusar?

Ninguém, e todos.

Os tempos incompletos em que vivemos.

É sempre por sua conta e risco que a utopia se transforma em insurreição, que de protesto filosófico se torna em protesto armado, e de Minerva se torna Palas. A utopia que se impacienta e se faz revolta sobre o que a espera, quase sempre chega demasiadamente cedo. Então resigna-se e aceita estoicamente, em vez do triunfo a catástrofe. Serve sem se queixar e até desculpando-os, aqueles que o renegam, e a sua magnanimidade consiste em consentir o abandono. É indomável contra o obstáculo e meiga para com a ingratidão.

Mas, no fim de tudo, há ingratidão?

Sim, em relação ao género humano.

Não, em relação ao indivíduo.

O progresso: é o modo de ser do homem. A vida geral do género humano chama-se Progresso; o passo colectivo do género humano chama-se Progresso. O progresso caminha; faz a grande viagem humana e terrestre para o celeste e o divino, tem os seus pontos de alto onde reúne o bando que se deixou ficar atrás; tem as suas estações onde meditar, em presença de qualquer Chama esplêndida, desvendada de repente no seu horizonte; tem as suas noites em que dorme; e é uma das pungentes aflições do pensador ver a sombra por de sobre a alma humana, apalpar nas trevas, sem poder despertá-lo, o progresso adormecido.

— Deus está talvez morto — dizia um dia Gerard de Nerval a quem escreve estas linhas, confundindo o progresso com Deus e tomando a interrupção do movimento pela morte do Ente.

Quem desespera não tem razão. O progresso acorda infalivelmente, e, em

suma, poder-se-ia dizer que caminha, mesmo dormindo porque cresce. Quando se torna a encarar de pé, vê-se que está mais alto. Estar sempre pacífico não é mais próprio do progresso do que do rio; não lhe oponhais diques; não lhe lanceis rochedos; o obstáculo faz espumar a água e ferver a humanidade. Daqui as perturbações; mas depois delas reconhece-se que há caminho adiantado. Até que a ordem, que não é senão a paz universal, seja estabelecida, até que reinem a harmonia e a unidade, terá o progresso de pôr ponto alto às revoluções.

O que é pois, o progresso? Acabámos de o dizer. É a vida permanente dos povos.

Ora, sucede algumas vezes, que a vida momentânea dos indivíduos opõe resistência à vida eterna do género humano.

Confessemo-lo sem amargor, o indivíduo tem o seu interesse distinto, e pode sem prevaricação fazer estipirações a favor desse interesse e defendê-lo; o presente tem a sua qualidade desculpável de egoísmo; a vida momentânea tem o seu direito e não é obrigada a sacrificar-se incessantemente ao futuro. A geração, que tem actualmente a sua vez de passagem na terra, não é forçada a resumi-la a favor das gerações, no fim de tudo suas iguais, que terão essa vez mais tarde.

— Existo —, murmura esse alguém que se chama Todos. — Sou moço e estou enamorado, sou velho e quero descansar, sou pai de família, trabalho, prospero, faço negócios vantajosos, tenho casas para alugar, emprestei dinheiro ao Estado, sou feliz, tenho mulher e filhos, amo, tudo isto, desejo viver, deixai-me tranquilo.

Daqui, em certos momentos, profunda frieza nas magnânimas avançadas do género humano.

No fim de tudo é necessário convir que a utopia, fazendo a guerra, sai da sua esfera radiante. Ela, a verdade de amanhã, pede emprestado à mentira de ontem o seu meio, a batalha. Ela, o futuro, procede como o passado. Ela, a ideia pura, toma-se via de facto. Deslustra o seu heroísmo com uma violência pela qual deve com justiça responder; violência de ocasião e de apuro, contrária aos princípios, e de que é fatalmente punida.

A utopia insurreição, combate com o velho código militar em punho; espingardeia os espiões, executa os traidores, suprime entes vivos e lança-os nas trevas desconhecidas. Coisa assaz grave: serve-se da morte.

Parece que a utopia não tem já fé no seu esplendor na sua força incorruptível. Fere com o gládio. Ora, o gládio simples não existe. Todas as espadas têm dois gumes; quem fere com um fere-se com o outro.

Depois de enunciarmos esta reserva, e com toda a severidade, não nos é

possível deixar de admirar, tenham ou não bom êxito, os gloriosos combatentes pelo futuro, os proclamadores da utopia. Ainda quando os esforços abortam, são veneráveis, e é talvez na derrota que se mostram mais majestosos. A vitória, quando é ganha segundo o progresso, merece o aplauso dos povos; mas uma derrota heróica merece o seu enternecimento. Uma é magnífica, a outra é sublime. Para nós, que preferimos o martírio ao bom êxito, John Brown é superior a Washington, e Pisacane a Garibaldi.

É necessário que alguém seja pelos vencidos.

Somos injustos para com esses grandes ensaiadores do futuro, que não conseguem o seu fim.

Acusam os revolucionários de semear o susto. Toda a barricada parece atentado. Incriminam-lhes as teorias, suspeitam-lhes dos fins, temem-lhes as segundas tenções, denunciam-lhes a consciência. Repreendem-nos por construírem e amontoarem contra o facto social reinante um acervo de misérias, de iniquidades, de dores, de vexames, de desesperos e de arrancarem das profundidades penedos de trevas, para nelas se fortificarem e combaterem. Gritam-lhes: «Vós descalçais o inferno!» Mas eles poderiam responder: «É por isso que a nossa barricada é feita de boas intenções».

O melhor, indubitavelmente, é a solução pacífica.

Em suma, concordamos: quando se vê atirar uma pedra, teme-se o levar com ela; é uma boa vontade com que a sociedade se inquieta. Mas depende da sociedade salvar-se a si mesma; é para a sua própria vontade que apelamos. Não é necessário remédio algum violento. Estudar o mal amigavelmente, conhecê-lo e depois curá-lo. É para isto que a convidamos.

Seja como for, ainda caídos, principalmente caídos, são augustos os homens que em todos os pontos do universo, com os olhos fitos na França, lutam em prol da grande obra, escudados com a lógica inflexível do ideal; dão desinteressadamente a vida pelo progresso; cumprem a vontade da Providência; desempenham um acto religioso.

À hora dada, com tanto desinteresse como o de um actor aceitando a deixa, obedecendo ao contra-regra divino, entram no túmulo.

Neste combate sem esperança, nesta desaparição estóica, aceitam, para o conduzirem às suas supremas e esplêndidas consequências universais, o magnífico movimento humano, irresistivelmente começado em 14 de Julho de 1789; esses soldados são sacerdotes. A revolução francesa é um gesto de Deus.

No fim de tudo — convém juntar esta distinção às distinções já indicadas noutro capítulo — há insurreições aceitas que se chamam revoluções; há revoluções rejeitadas que se chamam revoltas. Uma insurreição rebentando é uma ideia fazendo o seu exame perante o povo.

Se o povo deixa cair a sua esfera preta, a ideia é fruto seco; a insurreição é temeridade.

Entrar em guerra a qualquer aprazamento e sempre que a utopia o deseja, não é coisa que esteja nas mãos dos povos. As nações não têm a todo o momento o temperamento dos heróis e dos mártires.

São positivas. *A priori,* a insurreição repugna-lhes; em primeiro lugar, porque muitas vezes resulta dela uma catástrofe, depois, porque tem sempre por ponto de partida uma abstracção.

Porque — e isto é belo — é sempre pelo ideal, que se dedicam os que se dedicam. Uma insurreição é um entusiasmo. O entusiasmo pode encolerizar-se; daqui os armamentos. Mas, toda a insurreição cuja pontaria se dirige a um governo ou a um sistema, mira a mais alto. Assim, por exemplo insistimos nisto — o que os chefes da insurreição de 1832 combatiam, e particularmente os jovens entusiastas da rua da Chanvrerie, não era precisamente Luís Filipe. A maior parte, falando francamente, fazia justiça às boas qualidades daquele rei médio entre a monarquia e a revolução; nenhum o odiava. Mas atacavam o ramo mais novo do direito divino em Luís Filipe, como tinham atacado o ramo mais velho em Carlos X; e o que eles queriam derrubar, derrubando a realeza em França, era a usurpação do homem sobre o homem: e do privilégio sobre o direito em todo o universo. Paris sem rei dá em resultado o mundo sem déspota. Era deste modo que eles raciocinavam. O seu fim estava, decerto longe, era talvez vago e recuava diante do esforço, mas era grande.

Isto é assim. E há quem se sacrifique por estas visões, que para os sacrificados são quase sempre ilusões, mas ilusões às quais, em suma, se alia toda a certeza humana. O insurgente poetiza e doira a insurreição. Lançam-se nestas coisas trágicas, embriagando-se com o que, vão fazer. Quem sabe? Talvez se saiam bem. É pequeno o seu número; têm contra si um exército inteiro; mas defendem o direito, a lei natural, a soberania de cada um sobre si mesmo, que não tem abdicação possível, a justiça, a verdade; e, sendo preciso, morrem, como os trezentos espartanos. Não pensam em D. Quixote, mas sim em Leónidas, Vão para a frente e, uma vez travada a luta, já não recuam, precipitam-se furiosamente, tendo por esperança uma vitória inaudita, a revolução completa, o progresso posto em liberdade, o engrandecimento do género» humano, a libertação universal; e supondo o pior, as Termópilas.

Estes passos de armas a favor do progresso são muitas vezes malogrados, acabámos de dizer porquê. A turba é rebelde ao enlevo dos paladinos. As pesadas massas, as multidões, frágeis por causa do seu próprio peso, temem as aventuras; e no ideal há aventura.

Depois — não esqueça isto — os interesses persistem tão pouco amigos do

ideal como do sentimental. Algumas vezes o estômago paralisa o coração,

A grandeza e a beleza da França consistem em ter ela menor barriga do que os outros povos; aperta facilmente os rins com a corda. É a primeira que desperta, a última que adormece. Vai sempre na frente. É investigadora.

Isto provém dela ser artista.

O ideal não é mais que um ponto culminante da lógica, assim como o belo é o cume do verdadeiro. Os povos artistas são também os povos consequentes. Amar a beleza, é ver a luz. É por isto que o facho da Europa, quer dizer, da civilização, foi sustentado, primeiro pela Grécia, que o passou à Itália, e esta à França.

Divinos povos batedores! *Vitae Lampada tradunt.*

Admirável coisa! A poesia de um povo é o elemento do seu progresso. A quantidade de civilização mede-se pela quantidade de imaginação; mas o povo civilizador deve conservar-se varonil. Corinto, sim; Sibaris, não. Quem se efemina degenera. É preciso não ser diletante nem virtuoso; mas é necessário ser artista. Em matéria de civilização, é necessário não refinar, mas sublimar. Com esta condição dá-se ao género humano o molde do ideal.

O ideal moderno tem o seu tipo na arte, e o seu meio na consciência. É com a ciência que se há-de realizar a visão augusta dos poetas: o belo social. Reconstruir-se-á o Éden com o A+B. No ponto a que a civilização tem chegado, o exacto é um elemento necessário do esplêndido, e o sentimento artístico é não somente servido, mas completo pelo órgão científico; o sonho deve calcular. A arte, que é a conquistadora, deve ter por ponto de apoio a ciência que é a caminhante. Deve atender-se à solidez do meio de transporte. O espírito moderno é o génio da Grécia, tendo por veículo o génio da Índia; Alexandre sobre o elefante.

As raças petrificadas do dogma, ou desmoralizadas pelo medo, são impróprias para condutoras da civilização. A genuflexão perante o ídolo ou perante o dinheiro disseca o mundo que caminha e a vontade que avança. A absorção hierática ou mercantil diminui o brilho de um povo, baixa-lhe o horizonte, baixando-lhe o nível, retira-lhe a inteligência, ao mesmo tempo divina e humana, do fim universal, que produz as nações missionárias. Babilónia e Cartago não têm ideal. Atenas e Roma conservam, ainda através de toda a espessura nocturna dos séculos, auréolas de civilização.

A França tem a mesma qualidade de povo que a Grécia e a Itália. É ateniense pelo belo e romana pelo grandioso. Além disto é bondosa. Sente-se mais frequentes vezes do que qualquer outro povo, disposta para a dedicação e sacrifício. Só o que tem, é que esta disposição desvanece-se-lhe com a mesma facilidade com que lhe surge, É onde está o grande perigo para os que

correm, quando ela apenas quer caminhar. A França tem suas recaídas de materialismo, e, em certos momentos, as ideias que obstruem tão sublime cérebro não têm nada que recorde a grandeza francesa, e são das dimensões de um Missuri ou de uma Carolina do Sul, o que se lhe há-de fazer? A giganta finge de anã; a imensa França tem as suas fantasias de pequenez. Eis o que é.

A isto não há que dizer. Os povos têm, como os astros, o direito de eclipse. Tudo vai bem, contanto que a luz volte e que o eclipse não degenere em noite. Aurora e ressurreição são sinónimos. A reaparição da luz é idêntica à persistência do céu.

Registemos estes factos com serenidade. A morte na barricada, ou o túmulo no desterro, são, para a dedicação, casos aceitáveis. O verdadeiro nome da dedicação é desinteresse. Deixem-se abandonar os abandonados, desterrar os desterrados, e limitemo-nos a suplicar aos grandes povos, que quando recuem não recuem demasiadamente. É preciso que sobre pretexto de regresso à razão, se não avance demasiadamente na descida.

A matéria existe, o momento existe, os interesses existem, o estômago existe; mas é preciso que o estômago não seja a única sabedoria. A vida momentânea tem o seu direito, admitimo-lo, mas a vida permanente também tem o seu. Ah, estar em cima, não impede de cair! Vê-se isto na história mais do que para desejar.

Uma nação é ilustre; saboreia o ideal, depois morde o lobo e acha-lhe bom sabor; se lhe perguntam porque razão abandona Sócrates por Falstaf responde: Porque gosto dos homens de Estado.

Uma palavra ainda antes de voltar à refrega.

Uma batalha como a que estamos descrevendo, não é senão uma convulsão para o ideal. O progresso pesado e doentio tem trágicas epilepsias. A doença do progresso, a guerra civil, tivemos nós de a encontrar em nosso caminho. É essa uma das fases fatais, ao mesmo tempo acto e entreacto do drama, cujo eixo é um réprobo social e cujo verdadeiro título é: *O Progresso.*

O Progresso!

Este grito que nos soltamos repetidas: vezes é todo o nosso pensamento, e, no ponto a que chegámos deste drama, tendo a ideia que ele contém mais de uma provação porque passar, nos é talvez permitido, se não erguer o véu que a oculta, pelo menos deixá-la transparecer claramente.

O livro» que o leitor tem neste momento diante dos olhos, é, do princípio até ao fim, no todo e nos pormenores, quaisquer que sejam as intermitências, as excepções ou desfalecimentos, o caminhar do mal para o bem, do injusto para o justo, do falso para o verdadeiro, da noite para o dia, do apetite para a consciência, da podridão para a vida, da bestialidade para o raciocínio, do

inferno para o céu, do nada para Deus. Ponto de partida: matéria; ponto de chegada: a alma. No começo, hidra; no fim, anjo.

XXI — Os heróis

De repente ouviu-se o tambor rufando à carga.

O ataque foi a tempestade. Na véspera a barricada atacada silenciosamente como por uma jibóia. Mas depois, à luz do dia, era de todo impossível a surpresa; além disso, tinha-se desmascarado a viva força, a artilharia começava a rugir. o exército precipitou-se sobre a barricada. A fúria tornara-se habilidade.

Uma potente coluna de infantaria de linha, cortada em intervalos iguais pela guarda nacional e municipal a pé e apoiada em massas compactas, que se sentiam sem se verem, desembocou da rua a passo de carga, com o tambor rufando, a corneta soando, de baionetas cruzadas, com os sapadores na frente, imperturbável sob os projécteis, e caiu sobre a barricada com o peso de um aríete contra uma muralha.

A muralha resistiu.

Os insurgentes fizeram fogo impetuosamente. O reduto ante a escalada mostrou uma crina de relâmpagos; o assalto foi tão desesperado, que a barricada esteve por um instante inundada de assaltantes; mas sacudiu os soldados como o leão os cães, e não se cobriu de assaltantes senão como o rochedo de espuma, para tornar a aparecer após um instante, escarpada, negra e formidável.

A coluna, forçada a recuar, permaneceu cerrada na rua, a descoberto, mas terrível, e replicando ao reduto com medonhas descargas. Quem tenha presenciado um fogo de vistas, deve recordar-se do feixe formado por um cruzamento de raios, a que chamam ramalhete. Imagine-se esse ramalhete, não vertical, mas horizontal, levando uma bala, um quarto, ou um biscainho na ponta de cada um dos seus jactos de fogo, e debulhando a morte dos seus cachos de trovões. Por baixo estava a barricada.

A resolução era igual de ambos os lados. A bravura ali era quase bárbara e aliava-se uma espécie de ferocidade heróica, que começava pelo sacrifício próprio. Era a época em que um guarda nacional se batia como um zuavo. A tropa queria acabar com aquilo; a insurreição queria lutar. A aceitação da agonia em plena mocidade e em plena saúde, transforma a intrepidez em frenesi. Cada um naquela refrega tinha o engrandecimento da hora suprema. A rua juncou-se de cadáveres.

A barricada conservava numa das suas extremidades Enjolras, e na outra Mário.. Enjolras, que tinha toda a barricada no cérebro, preservava-se e abrigava-se, três soldados caíram sucessivamente sob a seteira sem ao menos

o terem visto; Mário combatia a peito descoberto. Fazia-se ponto de mira. Tinha mais de meio corpo fora da crista do reduto. Não é possível haver pródigo mais violento do que o cavalo que toma o freio nos dentes; não há homem mais medonho na acção do que um sonhador. Mário estava formidável e pensativo. Conservava-se no meio da batalha como no meio de um sonho. Dir-se-ia ser um fantasma disparando uma espingarda.

Os cartuchos dos sitiados iam-se-lhes acabando; os sarcasmos não. No turbilhão do sepulcro em que estavam, riam-se.

Courfeyrac estava com a cabeça descoberta.

— Que fizeste do chapéu? — perguntou-lhe Bossuet.

Courfeyrac respondeu:

— Acabaram por mo tirar da cabeça a tiros de peça.

Ou então diziam coisas altivas.

— É impossível compreenderem-se estes homens! — exclamava amargamente Feuilly (e citava-lhes os nomes, nomes conhecidos, até célebres, e alguns do antigo exército).

— Que tinham prometido juntar-se-nos, jurado ajudar-nos e empenhado nisso a sua honra, que são nossos generais e que nos abandonam!

E Combeferre limitava-se a responder-lhe com grave sorriso:

— Há gente que observa as regras da honra como se observam as estrelas, de muito longe.

O interior da barricada estava de tal modo semeado de papéis e cartuchos, que parecia ter ali caído neve.

Os assaltantes tinham por si o número, os insurgentes a posição. Estavam no alto de uma muralha e fulminavam à queima-roupa os soldados estrebuchando sobre os mortos e os feridos e embaraçados pela escarpa. Aquela pela escarpa. Aquela barricada, construída como estava e admiravelmente amparada pela parte de dentro., era com efeito uma das posições em que um punhado de homens contém uma legião. Contudo, a coluna de ataque aumentando sempre sob a chuva de balas, aproximava-se inexoravelmente, mas então a pouco e pouco, passo a passo, com firmeza; o exército apertava a barricada como a vara de um lagar.

Os assaltos tornavam-se sucessivos. O horror ia aumentando.

Então travou-se sobre aquele montão de pedras, naquela rua de Chanvrerie, uma luta digna de uma muralha de Tróia. Aqueles homens, macilentos, rotos, exaustos, que não comiam havia vinte e quatro horas, que não tinham dormido, que só podiam atirar mais alguns tiros, que apalpavam as algibeiras vazias de cartuchos, quase todos feridos, com a cabeça ou com o braço envolto num trapo enegrecido, tendo no fato buracos por onde corria

sangue, apenas armados com más espingardas e Velhos sabres ferrugentos, tornavam-se Titãs. A barricada foi dez vezes investida, assaltada e escalada, mas nunca tomada.

Para se fazer ideia de uma tal luta, dever-se-ia imaginar que tinha pegado o fogo num montão de coragens terríveis e que se presenciava o incêndio.

Não era combate, era o interior de uma fornalha; as bocas ali respiravam chamas, os rostos eram extraordinários. A forma humana parecia então impossível, os combatentes flamejavam, e era monstruoso ver agitar no meio do fumo vermelho aquelas salamandras da refrega. Renunciamos à pintura das sucessivas e simultâneas cenas daquela grandiosa matança. Só a epopeia tem o direito de encher doze mil versos com uma batalha.

Ter-se-ia dito ser o inferno do bramanismo, o mais temível dos dezassete abismos, a que o Veda chama Floresta das Espadas.

Batiam-se corpo a corpo, passo a passo, à cutilada, a soco de longe, de perto, de alto, de baixo por toda a parte, do telhado do prédio, das janelas da taberna e das frestas da cave para onde alguns tinham descido. Eram um contra sessenta. A fachada de Corinto, meio demolida, estava hedionda. A janela, picada pela metralha, perdera vidros e caixilhos e não era mais do que um buraco informe, tumultuosamente tapada com pedras de calçada. Bossuet, Feuilly, Courfeyrac e Joly foram mortos; Combeferre, atravessado por três baionetadas no momento em que levantava um soldado ferido, só teve tempo de olhar para o céu e expirar.

Mário não cessava de combater um instante, porém achava-se tão crivado de feridas, principalmente na cabeça, que ao ver-lhe o sangue que abundantemente lhe escorria pelo rosto, dir-se-ia que um lenço vermelho lho cobria.

Só Enjolras era o único intacto. Quando não tinha arma, estendia a mão para um ou outro lado, e algum dos insurgentes lhe passava uma. De quatro espadas, com que havia combatido, mais uma do que as de Francisco I em Marignan, apenas lhe restava um fragmento da quarta.

Homero diz: «Diomedes degola Axilo, filho de Teutrânia, que habitava na feliz Arisba; Euríalo, filho de Mecisteu, extermina Dresos e Ofeltes, Esepo e esse Pédaso que a náiade Abarbaria concebeu, do irrepreensível Bucolionte; Ulisses prostra por terra Pydito de Percose, Antiloquo, Ablero; Polipetes, Astíalo, Polydamante, Otos de Cilene; e Teucro, Aretonte. Meganthios morre aos golpes da lança de Eurypikx Againemnon, rei dos heróis, deita por terra Eslatos, nascido na escarpada cidade banhada pelo sonoro rio Satnois».

Nos nossos antigos poemas de Gestes, Esplandiano ataca com um bisegre de fogo o marquês gigante Swantiboro, o qual se defende apedrejando o

cavaleiro com as torres que arranca do solo Em algumas paredes antigas, vêem-se pinturas a fresco, representando os dois duques de Bretanha e Bourbon, armados, cheios de timbres e brasões de guerra, a cavalo e em atitude de se investirem, de acha de armas em punho, máscaras de ferro no rosto, grevas e guantes, um ajaezado de arminho, o outro vestido de azul; Bretanha com o seu leão entre as duas pontas da sua coroa, Bourbon com um capacete em forma de monstruosa flor de lis com viseira. Para parecer sublime, porém, não é preciso trazer como Yvon o morrião ducal, empunhar como Esplandiano uma chama viva, ou como Fileu, pai de Polydamante, ter trazido de Ephyro uma excelente armadura, presente do rei dos homens Eupheto; basta dar a vida por qualquer convicção ou lealdade. Vedes aquele galucho, ainda ontem aldeão de Beauce ou Limousin, girando, de baioneta ao lado, em volta das criadas que vão passear os meninos ao Luxemburgo? Vedes aquele estudante pálido, inclinado sobre uma peça anatómica ou sobre um livro, louro adolescente que faz a barba com a tesoura das unhas, vede-los? Pegai neles, insuflai-lhes o sentimento do dever, colocai-os em frente um do outro no largo de Boucherat ou no beco de Planche-Mibray, e que um combata pela sua bandeira, outro pelo seu ideal, de modo que ambos imaginem que combatem pela pátria; vereis como a luta se torna colossal; vereis como a sombra produzida por esse galucho e esse aprendiz de cirurgia no grande campo épico em que a humanidade luta, igualará a sombra projectada por Megaryonte, rei da Lícia, cheia de tigres, arcando peito a peito com o imenso Ajax, igual aos deuses.

XXII — Palmo a palmo

Mortos todos os outros chefes, à excepção de Mário e de Enjolras que se achavam nas duas extremidades da barricada, o centro, que durante tanto tempo havia sido defendido por Courfeyrac, Joly, Bossuet, Feuilly e Combeferre, principiou a bater em retirada. O fogo» das peças, posto não abrisse brecha bastante para a tomada do reduto, tinha-lhe, contudo, feito um grande rombo no meio, de modo que neste sítio, a parede da barricada acabara por aluir-se ao impulso das balas, formando, por último, os destroços, tanto da parte interna como da parte externa da barricada, duas espécies de taludes, dos quais o segundo, isto é, o da parte exterior, oferecia aos assaltantes um plano inclinado.

Por aí tentaram estes últimos um supremo assalto, mais bem sucedido que os outros. A massa, eriçada de baioneta e a passo acelerado, chegou irresistível, e a espessa vanguarda da coluna de ataque apareceu por entre o nevoeiro de fumo no alto do talude. Desta feita, o assalto era decisivo. O grupo dos insurgentes que defendia o centro recuou tumultuosamente.

Então despertou em alguns o sombrio amor à vida. Ao verem apontada contra eles aquela floresta de espingardas muitos perderam o desejo de morrer. É este o momento em que o instinto da conservação solta rugidos e em que no homem reaparece a besta.

Os insurgentes achavam-se situados junto à elevada casa de seis andares, que formava o fundo da barricada. Esta casa podia ser a salvação, porém achava-se trancada como que murada, desde o primeiro até ao último andar. Antes que a tropa de linha penetrasse no interior do reduto, podia, com a rapidez do relâmpago, abrir-se e fechar-se uma porta, que, assim aberta e fechada de repente, seria a vida para aqueles, infelizes. Por trás daquela casa, havia ruas, a possibilidade da fuga, o espaço. Principiaram, pois, a bater às portas com as coronhas das armas e com os pés, gritando, chamando, suplicando de mãos erguidas. Ninguém, porém, a veio abrir. Apenas do postigo do terceiro andar continuava a contemplá-los a cabeça móvel do porteiro assassinado por Le Cabuc.

Porém, Enjolras, Mário e mais sete ou oito que se lhes haviam agregado, postaram-se na frente deles, protegendo-os. Enjolras gritou aos soldados:

— Não avancem!

E, como um oficial não obedecesse, fez-lhe pontaria e matou-o.

Achava-se agora no pequeno pátio interior do reduto, encostado à casa de pasto, de espada numa mão e clavina na outra, guardando a porta aberta e rechaçando os assaltantes. Gritou para os desesperados:

— A única porta aberta é esta!

E, cobrindo-os com o seu corpo, afrontando só um batalhão inteiro, mandou-os passar por trás de si, o que eles fizeram, precipitadamente. Enjolras, executando com a clavina, de que agora se servia como de uma bengala, o que os jogadores de pau chamam vira-octas, baixou as baionetas que o cercavam e entrou na retaguarda dos outros, dando-se então uma luta horrível entre os soldados, que queriam entrar, e os insurgentes, que forcejavam por fechar a porta. Afinal, foi esta fechada com tal violência, que, ao bater na ombreira, apanhou os cinco dedos de um soldado, cortando-lhos e deixando-lhos apertados entre a madeira e a pedra.

Mário ficou da parte de fora. Um tiro de espingarda acabava de quebrar-lhe a clavícula, em virtude do que se sentiu desfazer e quase prestes a cair. Neste momento, com os olhos já fechados, sentiu o contacto de uma robusta mão, que o agarrava, e o desmaio, no qual perdeu o acordo, deixou-lhe apenas tempo para este pensamento, unido à suprema lembrança de Cosette: «Estou prisioneiro, vou ser fuzilado!»

Enjolras, não vendo Mário entre os que se tinham refugiado na casa de

pasto, teve a mesma lembrança. Aqueles homens, porém, achavam-se nesse instante em que cada qual só tem tempo para pensar na sua própria morte. Enjolras deitou a tranca à porta, correu-lhe os ferrolhos e deu duas voltas à fechadura e ao cadeado, ao mesmo tempo que da parte de fora batiam furiosamente, os soldados com as coronhas das armas, os sapadores com os machados. Os assaltantes tinham-se juntado à porta da loja. Era o ataque da casa de pasto que agora ia começar.

Cumpre dizer, os soldados estavam furiosos.

Além da morte do sargento de artilharia, que os irritara, outra circunstância mais terrível se dava, e vinha a ser que, poucas horas antes do ataque, alguém espalhara entre eles que os insurgentes mutilavam os prisioneiros, como o testemunhava o cadáver de um soldado sem cabeça que se achava na loja da casa de pasto.

Esta qualidade de rumor fatal é o acompanhamento das guerras civis, e foi um falso boato desta natureza que depois veio a causar a catástrofe da rua Transnonain.

Trancada a porta, Enjolras disse para os outros:

— Vendamos caro a vida!

Em seguida aproximou-se da mesa em que jaziam Mabeuf e Gavroche, e onde, por baixo do xaile preto, se viam dois vultos estendidos e inteiriçados, um maior outro mais pequeno, e de modo que os dois rostos se desenhavam vagamente sob as frias dobras do sudário. Debaixo do xaile saía uma mão lívida, que pendia para o chão. Era a do velho.

Enjolras inclinou-se e beijou aquela veneranda mão, como no dia antecedente lhe beijara a fronte.

Eram aqueles dois beijos os únicos que ele, em toda a sua vida, tinha dado.

Resumamos. A barricada lutara como uma porta de Tebas; a casa de pasto lutou com uma casa de Saragoça. Estas resistências costumam ser agrestes. Não se concede quartel. Não há parlamentado possível, Resignam-se todos a morrer, contanto que matem. Quando Suchet diz:

— Capitulai!

Palafox responde:

— Até aqui a guerra a tiros de peça, agora a guerra a facadas!

Nada faltou no assalto da casa de pasto, nem as pedras arremessadas de cima do telhado e das janelas sobre os assaltantes, de modo a exasperarem os soldados, esmagando-os horrorosamente, nem os tiros dados pelas frestas da adega e das águas-furtadas, nem o furor do ataque, nem o desespero da defesa, nem, finalmente, quando a porta cedeu, as demências frenéticas do extermínio. Os assaltantes, ao precipitarem-se pela casa de pasto dentro,

tropeçando nas almofadas da porta arrombada e atirada ao chão, não depararam com um único combatente. A escada de caracol, cortada a golpes de machado, jazia no meio da loja; alguns feridos acabavam de expirar; os que não haviam morrido achavam-se no primeiro andar, de onde, pela abertura do tecto, que fora a entrada da escada, rebentou um tiroteio terrível. Eram os últimos cartuchos. Apenas os gastaram, quando àqueles temíveis agonizantes escasseou de todo a pólvora e as balas, cada qual pegou em duas garrafas das que Enjolras tinha reservado, e com essas massas Horrivelmente frágeis se postaram na abertura do tecto fazendo, frente aos assaltantes. As garrafas continham água-forte.

Apresentamos em toda a sua nudez estas coisas sombrias da carnificina. Num assalto, de tudo se faz armas. O fogo de artifício não desonrou Arquimedes nem o pez a ferver deslustrou Bayard. Toda a guerra é um horror em que se não repara na escolha dos meios. O fogo dos assaltantes, bem que feito de baixo para cima, e por isso menos comodamente, era terrivelmente mortífero. O rebordo da abertura do tecto não tardou, a cobrir-se de cabeças mortas, das quais escorriam compridos fios vermelhos e fumegantes. O estrondo era inexprimível; um fumo cerrado e ardente quase cobria de trevas o combate. Faltam-nos as palavras para descrever semelhante grau de horror. Já não eram homens os que sustentavam aquela luta, agora infernal. Já não eram gigantes contra colossos. Aquilo tinha mais de Milton e de Dante que de Homero. Era um ataque de demónios e uma resistência de espectros!

Era o heroísmo monstro.

XXIII — Orestes em jejum e Pílades embriagado

Finalmente, trepando aos ombros uns dos outros, servindo-se do esqueleto da escada, trepando pelas paredes, agarrando-se ao tecto, acutilando mesmo à beira do alçapão os últimos que ainda resistiam, uns vinte assaltantes, soldados, guardas nacionais, guardas municipais, desordenadamente, a maior parte desfigurados pelos ferimentos que tinham recebido, naquela terrível ascensão, os olhos cobertos de sangue, furiosos, selvagens, penetraram na sala do primeiro andar, onde apenas restava de pé um único homem: Enjolras. Sem cartuchos, sem espada, apenas conservava na mão o cano da sua clavina, cuja coronha havia partido na cabeça dos que entravam. Interpusera o bilhar entre ele e os assaltantes e encostou-se ao canto da sala, onde com olhar altivo, de cabeça erguida, com aquele fragmento de arma na mão, conseguia conservar os assaltantes em respeito, de modo que nenhum ousava acercar-se-lhe.

— Aquele é o chefe! — gritaram os soldados. — Foi o que matou o artilheiro! Uma vez que ele escolheu o lugar fuzilemo-lo ali mesmo!

— Fuzilem! — disse Enjolras.

E, lançando fora o cano da clavina, cruzou os braços e apresentou o peito.

O heróico desprezo da morte abala sempre os homens. Tão depressa Enjolras cruzou os braços, oferecendo o peito às balas, assim cessou na sala o indefinível rumor da luta, pacificando-se subitamente aquele caos numa espécie de solenidade sepulcral. Parecia que a ameaçadora majestade de Enjolras, desarmado e imóvel, pesava sobre aquele tumulto, e que só com a autoridade do seu olhar tranquilo aquele rapaz, o único que nem levemente tinha sido ferido, soberbo, coberto de sangue que tinha feito derramar, de agradável aspecto, indiferente como um invulnerável, obrigava aquele sinistro bando a matá-lo com a sua beleza, a que, naquela ocasião, acrescia a altivez, era um como resplendor, e como se fosse tão inacessível à fadiga como aos golpes, conservava-se corado como se nada fosse. Era a ele decerto que aludia a testemunha que perante o conselho de guerra dizia:

— Um dos insurgentes chamava-se Apolo, segundo ouvi dizer.

Um guarda nacional, que já lhe tinha feito a pontaria, baixou a arma, dizendo:

— Parece-me que vou fuzilar uma flor!

No canto oposto onde se encontrava Enjolras, formaram-se doze homens em pelotão e principiaram a preparar silenciosamente as espingardas.

Em seguida, um sargento gritou:

— Apontar!

— Esperem! — atalhou do lado um oficial.

E acrescentou, dirigindo-se para Enjolras:

— Quer que lhe vendem os olhos?

— Não!

— Foi realmente o senhor quem matou o sargento de artilharia?

— Fui!

Grantaire havia alguns instantes que tinha acordado.

Grantaire, como o leitor há-de estar lembrado, dormia, desde o dia antecedente, na sala do primeiro andar, sentado numa cadeira e debruçado sobre uma mesa.

O rapaz era a realização completa da antiga metáfora bebedeira de morte. O hediondo filtro, composto de cerveja, aguardente e absinto, lançara-o em letargia. Como a mesa sobre que adormecera era pequena, e por isso não servia para a barricada, deixaram-lha. Sempre na mesma posição, com o peito fincado na mesa, a cabeça apoiada nos braços, rodeado de copos, garrafas e canjirões, Grantaire dormia o pesado sono do urso transido de frio ou da sanguessuga saciada. Nada conseguira despertá-lo; nem o estrondo da mosquetaria, nem o dos tiros de peças, nem a metralha, que entrava pela

janela da sala em que ele se achava, nem o prodigioso sussurro do assalto. Apenas, de espaço a espaço, respondia ao canhão com um ronco. Parecia achar-se ali à espera que alguma bala viesse poupar-lhe o trabalho de acordar. Em volta dele vários cadáveres jaziam, e, à primeira vista, nada o distinguia dos que dormiam o profundo sono da morte.

O que faz acordar um bêbado não é o estrondo, é o silêncio. Tem-se observado esta singularidade por mais de uma vez. A queda de tudo em volta dele aumentava o aniquilamento de Grantaire; o desabamento servia a embalá-lo. A espécie de pausa que fez o tumulto diante de Enjolras foi um abalo para aquele pesado sono, à semelhança do que produz em nós uma carruagem que roda a galope e de repente pára, fazendo-nos acordar, se tínhamos adormecido. Grantaire ergueu a cabeça sobressaltado, estendeu os braços, esfregou os olhos, olhou, bocejou e compreendeu.

O termo da embriaguez assemelha-se ao rasgar de um véu. O bêbado vê um globo e de um só lance de olhos, tudo o que ela lhe ocultava. Volta-lhe de súbito a memória, e conquanto nada saiba do que durante vinte e quatro horas se tem passado, mal abre os olhos, acha-se ao facto de tudo. Tornam-lhe as ideias com instantânea lucidez e o escurecimento da embriaguez, espécie de nuvem de pó que lhe cerrava o cérebro, dissipa-se para dar lugar à clara e límpida intuição das realidades.

Metido a um canto e como que escondido por trás do bilhar, os soldados, com os olhos fitos, não tinham sequer dado por Grantaire, e O sargento preparava-se para repetir a ordem de apontar, quando de súbito, ouviram este grito, entoado por uma voz forte que ao lado deles se elevou:

— Viva a república! Esperem lá por mim!

E, ao dizer isto, levantou-se.

O clarão imenso de todo aquele combate a que ele não havia assistido revelou-se no olhar fulgurante do transfigurado bêbado.

Repetiu:

— Viva a república!

Atravessou a sala com passo firme e foi postar-se defronte das espingardas, ao lado de Enjolras.

— Escusam de matar um por cada vez! — disse ele.

E, voltando-se serenamente para Enjolras, disse-lhe:

— Dás licença?

Enjolras apertou-lhe a mão, sorrindo.

Ainda o rapaz não tinha acabado de sorrir, rebentou a descarga.

Enjolras, trespassado por oito balas, ficou como que pregado à parede, de pé e apenas com a cabeça curvada.

Grantaire caiu fulminado a seus pés.

Instantes depois, os soldados desalojavam do alto da casa, onde se tinham refugiado, os últimos insurgentes, fazendo fogo por entre uma grade de madeira que havia nas águas-furtadas. Neste combate, travado na parte superior da casa, muitos corpos, alguns dos quais ainda vivos, foram arremessados pela janela. Dois soldados de caçadores, que tentavam levantar o ónibus, foram mortos por dois tiros disparados da água-furtada, de onde um homem de blusa, momentos antes, tinha sido precipitado, com uma baionetada na barriga e agonizava no meio da rua. Um soldado e um insurgente, agarrados um ao outro, resvalavam pelo telhado abaixo e caíam ambos na rua, estreitamente ligados num abraço feroz.

Na adega, outra luta semelhante tinha lugar. Gritos, tiros, um rumor horroroso, a que se seguiu o silêncio.

A barricada estava tomada.

Os soldados principiaram a dar busca em todas as casas das imediações e a perseguir os fugitivos.

XXIV — Prisioneiro

Mário estava, na realidade, prisioneiro. Prisioneiro de Jean Valjean.

A mão que o agarrara por trás, no momento em que ele ia a cair, e cujo contacto havia sentido ao desmaiar, era a de Jean Valjean.

Jean Valjean não tomara parte no combate, a não ser a de se expor a ser morto. A não ser ele, ninguém, naquela suprema agonia, teria tido o cuidado dos feridos. Graças a ele, presente como uma providência a todos os lugares onde se consumava aquela grande carnificina, os que caíam eram levantados, transportados para a loja e aí tratados. Nos intervalos livres da sua tarefa, ocupava-se a reparar a barricada. Nada, porém, que pudesse parecer-se com um tiro, com um ataque, ou mesmo com uma defesa pessoal saiu de suas mãos. Calava-se e socorria. De resto, apenas tinha algumas arranhaduras. As balas haviam-no respeitado.

Se o suicídio fazia parte das suas cogitações, quando viera para aquele sepulcro, mal sucedido havia sido. Porém nós duvidamos que ele sequer se tivesse lembrado desse irreligioso acto, o suicídio.

Jean Valjean parecia não dar por Mário com o espesso fumo do combate; a verdade, porém, é que não despegava os olhos dele. Mal o rapaz caíra ferido, Jean Valjean saltou com a agilidade de um tigre, arremessou-se para ele como para uma presa e levou-o.

Nessa ocasião, o turbilhão do ataque estava tão violentamente concentrado em Enjolras e na porta da casa de pasto, que ninguém viu Jean Valjean, levando nos braços Mário desfalecido, atravessar o chão descalçado da

barricada e desaparecer por trás da volta formada pela casa de pasto.

Como o leitor estará lembrado, a casa de pasto formava uma espécie de cabo na rua, que não só resguardava das balas e da metralha, mas também dos olhares, alguns pés quadrados de terreno. Há, assim, às vezes, num incêndio, um quarto isento das chamas, e nos mares mais tempestuosos, aquém de um promontório ou de uma cordilheira de fragas, um cantinho tranquilo. Fora nessa espécie de recanto do trapézio interior da barricada que Eponina tivera a sua agonia.

Chegado ali, Jean Valjean pousou Mário cautelosamente no chão, encostou-se à parede e circunvagou a vista em torno de si.

A situação era assustadora.

Por enquanto, durante dois ou três minutos talvez, aquele lanço de parede era um abrigo. Mas, depois, como escapar à terrível carnificina? Jean Valjean recordava a angústia em que, oito anos antes, se achara na rua de Polonceau e o modo porque conseguira escapar-lhe; mas, se então fora difícil, hoje era impossível. Diante de si tinha aquela silenciosa e inexorável casa de seis andares, que apenas parecia habitada pelo homem morto, que se via debruçado a uma das janelas; à direita tinha, é verdade, a pouco elevada barricada da Pequena Truanderie, que fácil era de saltar, porém por cima dela avistava-se uma fileira de baionetas. Era a tropa de linha, postada em observação do outro lado da barricada. Era evidente que transpor a barricada era ir expor-se a um fogo de pelotão e que toda a cabeça que se arriscasse a mostrar-se por cima do pequeno parapeito serviria de alvo a sessenta tiros de espingarda. À esquerda ficava o campo do combate.

Era a morte por trás da volta da parede.

Que fazer?

Só um pássaro conseguiria pôr-se dali a salvo.

E era necessário decidir-se quanto antes, descobrir um expediente, tomar uma resolução. Apenas a alguns passos dele, travava-se a luta; felizmente, todos se encarniçavam num ponto único — a porta da casa de pasto; porém, se um soldado, um só, se lembrasse de costear a casa ou atacá-la de flanco, tudo ficaria perdido.

Jean Valjean olhou para a casa fronteira, olhou para a barricada, que lhe ficava à ilharga, e, por último, fitou os olhos no chão com a violência da extremidade suprema, desvairado e como se tivesse por fim trespassar o solo com o olhar.

À força de olhar, um não sei quê vagamente visível em tal agonia se desenhou e tomou formas a seus pés, como se com o olhar tivera o poder de fazer aparecer a coisa desejada. Jean Valjean acabava de avistar, a poucos

passos de distância, na base da barricada pequena, tão inexoravelmente guardada e vigiada pela parte de fora, por baixo de um monte de pedras que, em parte, a escondia, uma grade de ferro, colocada ao nível do solo. Esta grade, formada de grandes varões transversais, tinha quase dois pés quadrados. O caixilho de pedras a que estava segura havia sido arrancado, de modo que a grade estava meia despregada. Através dos varões entrevia-se uma escura abertura, quase semelhante ao cano de uma chaminé ou à abóbada de uma cisterna. Jean Valjean correu para a grade, com o espírito iluminado pelo clarão da sua antiga ciência das evasões. Desviar as pedras, levantar a grade, pôr aos ombros o corpo de Mário, inerte como um cadáver, descer com este fardo às costas, segurando-se com os cotovelos e os joelhos, para aquela espécie de poço, felizmente pouco profundo, deixar cair por cima de si o pesado alçapão de ferro, sobre o qual tornaram a rolar as pedras arrancadas, tomar pé numa superfície lajeada, a três metros abaixo do solo, tudo isto foi executado por Jean Valjean como no meio de um delírio, isto é, com força de gigante e agilidade de tigre; todos estes movimentos tiveram lugar apenas no curto espaço de alguns minutos.

Jean Valjean achou-se, com Mário sempre desmaiado, numa espécie de comprido corredor subterrâneo, onde tudo era silêncio absoluto, paz profunda e completa escuridão.

A impressão que ele, outrora, experimentara ao cair da rua no convento, renovou-se-lhe então. Com a diferença, porém, de que então era para salvar Cosette e agora era para salvar Mário.

Naquela ocasião, mal ouvia por cima de si, como um vago murmúrio, o temeroso tumulto da casa de pasto, que a tropa acabava de tomar de assalto.

LIVRO SEGUNDO — O INTESTINO DE LEVIATHAN

I — A terra empobrecida pelo mar

Paris lança anualmente vinte e cinco milhões à água. Não é metáfora. Como e por que modo? De dia e de noite. Com que fim? Sem fim nenhum. Com que pensamento? Sem em tal pensar. Para quê? Para nada,. Por meio de que órgão? Por meio do seu intestino. Qual é o seu intestino? São os seus canos de esgoto.

Vinte e cinco milhões é ainda a mais moderada das cifras aproximativas apresentadas pelas avaliações da ciência especial.

A ciência, depois de ter por muito tempo andado às apalpadelas, sabe hoje que o mais fecundante e eficaz adubo é o excremento humano. Antes de nós, digamo-lo para nossa vergonha, já os chins o sabiam. Não há um só aldeão chinês — diz Eckeberg — que, ao voltar da cidade, não traga pendurados das pontas do seu bambu dois baldes cheios do que nós chamamos imundícies. Actualmente, a terra na China é ainda tão nova como no tempo de Abraão, e isto é devido ao excremento humano. O trigo chinês produz cento e vinte por um.

Não há guano comparável ao excremento de uma capital.

Uma grande cidade é o mais rico dos esterquilínios.

Empregar a cidade em fertilizar o campo seria uma óptima empresa. Se o nosso ouro é esterco, em compensação o nosso esterco é ouro, Que se faz deste ouro-esterco? Atira-se ao abismo.

Gastam-se somas consideráveis para mandar ao pólo austral flotilhas de navios com o fim de recolherem o excremento dos pinguins e outros pássaros, e deita-se ao mar o incalculável elemento de opulência, de que tão fácil fora tirar proveito. Todo o excremento humano e animal, perdido pelo mundo, se fosse lançado à terra, em vez de ser lançado à água, bastaria para a alimentar.

Esses montes de lixo que se vêem pelas ruas, essas carroças de lama que de noite se ouvem rodar, essas sujas pipas da limpeza pública, esses fétidos escoamentos de lama subterrânea que a calçada nos encobre, sabeis o que são? É o prado coberto de flores, a erva verdejante, o serpão, o rosmaninho e a salva; é a caça, o gado. O alegre mugido dos bois ao recolher do pasto; é o feno odorífero, é o trigo dourado, é o pão da vossa mesa, é o sangue quente das vossas veias, é a saúde, a alegria, a vida. Assim o quer essa misteriosa criação, que é transformação na terra e transfiguração no céu.

Passai isto pelo grande cadinho, vereis sair dele a vossa abundância. A nutrição. A nutrição das plantas produz o sustento dos homens.

Podeis, porém, desaproveitar essa riqueza, se vos aprouver, e até chamar-me ridículo, ainda por cima. Será a prova mais plena da vossa ignorância.

Está calculado pela estatística que só a França lança ao Atlântico, pela boca dos seus rios, quinhentos milhões.

Notem bem: com estes quinhentos milhões pagar-se-ia a quarta parte das despesas do orçamento. Porém a habilidade do homem é tanta, que ele antes quer deixar perder esses quinhentos milhões, que a água sorve. É a própria substância do povo que leva aos rios e ao Oceano, aqui gota a gota; acolá em ondas, o miserável vómito dos nossos canos e o vómito gigantesco dos nossos rios. Cada golfada das nossas cloacas custa-nos mil francos. O que dá dois resultados: a terra empobrecida e a água empestada. A fome a sair do campo e do rio a doença.

É notório, por exemplo, como o Tamisa, actualmente, está envenenando Londres.

Pelo que diz respeito a Paris, não: vai longe a época em que tiveram de mudar a maior parte das embocaduras dos canos para diante da última ponte.

Um duplo aparelho tubular, munido de válvulas e êmbolos, aspirante e premente, um sistema de drenagem elementar, simples como o pulmão do homem, e que já satisfatoriamente funciona em muitas comunas de Inglaterra, bastaria para trazer às nossas cidades a água pura dos campos e enviar para estes a água fertilizadora das cidades, de modo que este fácil vaivém, o mais simples que se pode imaginar, reteria em nosso poder os quinhentos milhões que deitamos fora. Para outras coisas, porém, se voltam as atenções.

O processo actual é mau, pretendendo ser bom. É boa a intenção, porém triste o resultado, julga-se purificar a cidade e debilita-se a população; um cano de despejo é um engano. Quando a drenagem, com a sua dupla função de restituir o que recebe, tiver por toda a parte substituído o esgoto, simples lavagem, que só debilita, então, combinado isto com os dados de uma nova economia social, o produto da terra será o décuplo do actual e o problema da miséria será singularmente atenuado. Juntai-lhe a supressão do parasitismo e tê-lo-eis resolvido.

Entretanto, a riqueza pública deita-se ao rio, em virtude desse mau sistema actualmente seguido; que só parece ter por fim a ruína da Europa.

Quanto à França, acabamos de dizer o que ela perde. Como Paris, porém, contém a vigésima quinta parte da total população de França e o guano parisiense é o mais fecundante de todos, ainda ficamos aquém da verdade, avaliando em vinte e cinco milhões a parte da perda que pertence a Paris nos quinhentos milhões que a França anualmente deita fora. Estes vinte e cinco

milhões, empregados em socorros e conforto, duplicariam o esplendor de Paris. A cidade gasta-os em cloacas. De modo que se pode dizer que a grande prodigalidade de Paris, a sua maravilhosa festa, a sua loucura Beaujon, a sua orgia, o seu ouro espalhado às mãos cheias, o seu fausto, o seu luxo, a sua magnificência, são os seus canos.

Assim é que, na cegueira de uma má economia política, se deita fora e se deixa ir pela água abaixo precipitar-se na voragem, a prosperidade: geral. Convinha que houvesse redes de Saint-Cloud para a fortuna pública.

Economicamente, o facto pode resumir-se assim: Paris. É um cesto roto.

Paris, a cidade modelo, protótipo das capitais bem organizadas, de que cada povo procura ter uma cópia, metrópole do ideal, pátria augusta da iniciativa, do impulso e da tentativa, centro e lugar dos espíritos, cidade-nação, colmeia do futuro, composto maravilhoso de Babilónia e Corinto; Paris, que é tudo isto, no ponto de vista que acabamos de assinalar, faria encolher os ombros a qualquer camponês de Fo-Kian. Imitai Paris e ficareis arruinados.

No fim de tudo, Paris, principalmente no que toca a este imemorial e insensato desperdício, é um simples imitador.

Estas pasmosas inépcias não são novas; não é uma insensatez de agora. Já os antigos faziam o mesmo. «As cloacas de Roma, diz Liebig, absorveram toda a prosperidade do camponês romano. Arruinada a campanha de Roma pela cloaca romana, Roma exauriu a Itália, e depois que dentro da sua cloaca deitou a Itália, lançou-lhe a Sicília, depois a Sardenha, em seguida a África». Os canos de Roma tragaram o mundo, porque à cidade e ao Universo; *urbi et orbi,* ofereciam a sua voragem.

Cidade eterna, cloaca insondável.

Nestas coisas, assim como em outras, Roma dá o exemplo.

E Paris segue o exemplo com toda a estupidez própria das cidades inteligentes.

Para as necessidades da operação sobre a qual acabamos de explicar-nos, Paris tem por baixo de si outro Paris: um Paris de canos, com suas ruas, encruzilhadas, praças, largos, becos, artérias e circulação, que é a lama com a forma humana de menos.

Pois não devemos lisonjear, nem mesmo a um grande povo; onde há tudo, há ignomínia ao lado da sublimidade; e se Paris contém Atenas, a cidade da luz; Tiro, a cidade da opulência; Esparta, a cidade da virtude; Nínive, a cidade das maravilhas, também contem Lucteci, a cidade da lama.

Além disto, o selo da sua opulência consiste nisso, e a titânica sentina de Paris é a realização, entre os monumentos, desse estranho ideal realizado na humanidade por alguns homens, tais como Maquiavel, Bacon e Mirabeau; o

grandioso objecto.

O subsolo de Paris, se o olhar pudesse penetrar-lhe a superfície, apresentaria o aspecto de uma madrepérola colossal. Uma esponja não tem mais buracos e sinuosidades do que o torrão de terra de seis léguas de circunferência, sobre que repousa a antiga e grande cidade. Sem falar nas catacumbas, que são um subterrâneo à parte, sem falar na inextricável rede de tubos de gás, sem contar o vasto sistema tubular da distribuição de água nativa, que vai ter a todos os chafarizes, os canais de despejo só por si formam de um e de outro lado do rio uma prodigiosa rede tenebrosa; labirinto cujo único fio é o seu declive.

Ali aparece, no meio das húmidas exalações que dele se levantam, o rato, que parece ser o produto do parto de Paris.

II — História antiga dos canos

Imagine-se Paris levantado com uma tampa, e a rede subterrânea dos canos, vista de cima do espaço, desenhará nas duas margens uma espécie de grande ramo enxertado no rio. Na margem direita, o cano-mestre será o trono desse ramo, os canos secundários os ramos e as bifurcações destes os ramúsculos.

Esta figura é apenas sumária e incompleta, visto que o ângulo recto, que é o vulgar neste género de ramificações subterrâneas, é extremamente raro na vegetação.

Formar-se-á uma ideia mais aproximada deste singular plano geométrico, supondo que vê estendido sobre um fundo de trevas algum extravagante alfabeto oriental, emaranhado como uma ramada, e cujas letras disformes se prendessem umas às outras em aparente desordem e como ao acaso, ora pelos seus ângulos, ora pelas suas extremidades.

Na Idade-Média, as sentinas e os canos representavam um importante papel no Baixo Império e no antigo Oriente. Deles nascia: a peste, neles morriam os déspotas. As multidões contemplavam quase com temor religioso esses leitos de podridão, monstruosos berços da morte. A cova dos vermes de Benarés não é menos vertiginosa do que a Cova dos Leões de Babilónia. Theglath-Phalasar, no dizer dos livros rabínicos, jurava pela sentina de Nínive. Era dos canos de Munster que Jean de Leyde fazia sair a sua falsa Lua e é do; poço-cloaca de Kekscheb que o seu menacma oriental, Mokanna, o profeta velado do Khorassan, fazia sair O seu falso Sol.

A história dos homens reflecte-se na história das cloacas. As gemónias eram uma como narração de Roma.

Os canos de Paris foram, em tempos remotos, uma coisa terrível. Foram sepulcro e foram asilo. O crime, a inteligência, o protesto social, a liberdade

de consciência, o pensamento, o roubo, tudo quanto as leis humanas perseguem ou têm perseguido, têm feito desse subterrâneo um esconderijo; no século XIV os maceiros, no século XV os gatunos, no século XVI os huguenotes, no século XVII os iluminados de Morin, no século XVIII o fogueiros. Há cem anos saía dali a punhalada nocturna e ali se escondia o ladrão que se via em perigo; o bosque tinha a caverna, Paris tinha a cloaca. A Truanderie, essa picareria gaulesa, aceitava a cloaca como sucursal da Corte dos Milagres, e de noite, astuta e feroz, recolhia-se ao vomitório Maubuée como a uma alcova.

É natural que os que tinham por oficina quotidiana o beco de Vide-Gousef ou a rua de Coupe-Gorge tivessem por domicílio nocturno o cano do Caminho Verde ou a vala de Hurepoix. Daí uma série de recordações. Fantasmas de toda a espécie frequentam aqueles compridos e solitários corredores; por toda a parte a putrefacção e o miasma; aqui ou ali algum suspiráculo por onde Villon, do lado de dentro, conversa com Rabelais, da parte de fora.

Os canos, no antigo Paris, eram o ponto de reunião de todos os esgotamentos e de todas as tentativas; um lugar em que a economia política vê um despejo., a filosofia social num resíduo.

O esgoto é a consciência da cidade. Tudo para ela converge e aí se confronta. Naquele lugar lívido, há trevas, mas já não há segredo. Cada objecto tem a sua forma verdadeira, ou, pelo menos, a sua forma definitiva. O monturo tem a seu favor o não ser mentiroso. A ingenuidade refugiou-se ali. Ali se encontra a máscara de Basílio., mas vê-se-lhe o papelão, e os atilhos, o interior e o exterior, e é acentuada por uma lama honesta. Fica-lhe ao pé o nariz postiço de Scapin. Todas as sujidades da civilização, uma vez fora de serviço, caem nesta cova da verdade, onde vem ter o imenso despenho social. Aí se abismam, porém, sem se ocultarem. Esta confusão é uma confissão. Ali se acabam as falsas aparências, os disfarces, a imundície tira: a camisa, nudez completa, termo das ilusões e das miragens, mais nada do que aquilo que realmente existe, fazendo a sinistra figura daquilo que acaba,. Realidade e desaparição. Ali um fundo de garrafa acusa a embriaguez, a asa de um cesto descobre a domesticidade; ali o caroço de maçã, que teve opiniões literárias, torna-se o caroço de maçã; a efígie da moeda de cobre reveste-se francamente de verdete; o escarro de Caifaz encontra o vómito de Falstaff; o luís de ouro que sai da casa de jogo bate no: prego, de que pende o fragmento de corda do suicida; um feto lívido rola envolto nas lantejoulas, que no findo Carnaval dançaram nos bailes da Ópera, uma gorra que julgou homens se acha ao lado de um objecto podre, que foi a saia de Margoton; tudo isto é mais do que fraternidade, é tratamento de tu, O que era arrebique mudou-se

em farruscas. O último véu é arrancado Um encanamento é um cínico. Diz tudo.

Esta sinceridade da imundície tem de bom O repousar a alma. Quem passar o tempo a sofrer na terra o espectáculo dos ares imperiosos que toma a razão de estado. O juramento, a sabedoria política, a justiça humana, as probidades profissionais, as austeridades de situação, as togas incorruptíveis, sente-se aliviado ao entrar num encanamento e ver nele a lama que lhe convém.

Isto, ao mesmo tempo, ensina, Como mais acima dissemos, a história passa pela cloaca. Os S. Bartolomeus ali se infiltram gota a gota por entre as pedras. Os grandes assassínios públicos, as carnificinas políticas e religiosas atravessam este subterrâneo da civilização e ali lançam os seus cadáveres. Para o olhar do pensador, todos os assassínios históricos ali se acham na penumbra hedionda, de joelhos, com um bocado do seu sudário como avental, passando lugubremente a esponja sobre a sua obra. Ali se acha Luís XI com Tristão, Francisco I, com Duprat, Carlos IX com sua mãe, Richelieu com Luís XIII e Louvoir, Letellier, Hebert e Maillard, raspando as pedras e procurando fazer desaparecer os vestígios das suas acções. Ouve-se debaixo daquelas abóbadas o sussurro que fazem aqueles espectros com as suas vassouras. Respira-se ali o fétido enorme das catástrofes sociais. Vêem-se aos cantos reflexos avermelhados. Corre ali uma água em que se lavaram, mãos ensanguentadas.

O observador social deve entrar nestas trevas, pois fazem parte do seu laboratório. A filosofia é o microscópio do pensamento. Tudo lhe quer fugir, mas nada lhe escapa. É inútil tergiversar. Que lado de nós mesmos mostramos tergiversando? O lado vergonha. A filosofia persegue com o seu olhar probo O mal e não o deixa fugir para o nada. No esvaecimento das coisas que desaparecem, na diminuição das que se perdem de vista, ela reconhece tudo. Reconstrói a púrpura por meio do farrapo e a mulher por meio de um fragmento de vestido. Com a cloaca refaz a cidade, com o lixo os costumes.

Ao ver o caco, daí conclui se foi ânfora, se foi jarro. Reconhece por uma unhada impressa num pergaminho, a diferença que separa a judiaria da Judengasse da do ghetto, Encontra no que resta o que já existiu, o bem, o mal, o falso, o verdadeiro, a mancha de sangue do palácio, o borrão de tinta da caverna, o pingo de sebo do lupanar, as provações, as tentações bem acolhidas, as orgias vomitadas, a dobra feita pelos caracteres ao aviltarem-se, o vestígio da prostituição nas almas que a sua própria grosseria predispunha para ela e nas vestes dos moços de fretes de Roma o sinal da cotovelada de Messalina.

III — Bruneseau

Na Idade-Média, os canos de Paris eram legendários. No século XVI, tentou Henrique II uma sondagem, que abortou. Há menos de cem anos, segundo atesta Mercier, a cloaca da grande capital achava-se completamente abandonada e entregue a si mesma.

Tal era o antigo Paris, presa dos tumultos, das indecisões e dúvidas. Por muito tempo jazeu na maior estupidez. Mais tarde, 89 mostrou como as cidades recuperam a inteligência. Porém, no bom tempo antigo, a inteligência da capital não era grande; não sabia curar dos seus negócios, nem moral nem materialmente, e tanta inaptidão tinha para varrer o lixo como os abusos. Tudo eram obstáculos e questões. Os canos, por exemplo, eram refractários a qualquer itinerário. Tão difícil era a qualquer orientar-se no encanamento como entender-se na cidade: em cima O ininteligível, em baixo o inextricável; por baixo da confusão das línguas ficava; a confusão dos subterrâneos; era Dédalo— sustentando Babel.

Às vezes, os canos de Paris entravam a trasbordar, como se aquele desprezado Nilo subitamente se encolerizasse, causando, coisa vergonhosa, inundações de lixo. Se aquele estômago da civilização digeria mal, a cloaca refluía à garganta da cidade e Paris tinha o ressaibo da sua lama. Estas semelhanças da cloaca com o remorso tinham sua conveniência; eram avisos, avisos, porém, em extremo mal acolhidos; a cidade indignava-se que o seu lixo tivesse tanta audácia e não admitia que ele voltasse.

Expelia-o melhor.

A inundação de 1802, é uma das recordações actuais dos parisienses octogenários. A lama espalhou-se em cruz pela praça das Vitórias, onde está a estátua de Luís XIV; entrou na rua de Santo Honorato pelos dois boeiros dos Campos Elíseos, na rua de S. Florentine pelo cano de S, Florentine, na rua de Pierre-à-Poisson pelo cano da Sonnerie, na rua de Popincourt pelo cano do Caminho Verde, na da Roquette pelo cano da rua de Lappe; cobriu as pedras do centro dos Campos Elíseos até uma altura de trinta e cinco centímetros; e ao sul, pelo vomitório do Sena, fazendo a sua função em sentido inverso, penetrou na rua Mazarina, na do Escaldado e na do Marais, onde parou numa extensão de novecentos metros; justamente a alguns passos da casa onde morara Racine, respeitando no século XVII o poeta mais do que o rei. Atingiu a sua maior altura na rua de S. Pedro, onde se elevou três pés acima das lajes da bica, e a sua máxima extensão na rua de S. Sabino, onde se dilatou por uma superfície de duzentos e trinta e oito metros.

No princípio deste século, os canos de Paris eram ainda um lugar misterioso. A lama nunca poderá gozar de bons créditos; mas, no caso sujeito, a má nota tocava as raias do terror. Paris apenas confusamente sabia que

tinha por baixo de si um subterrâneo terrível. Falava-se dele como desse monstruoso charco de Tebas, onde se criavam centopeias de quinze pés de comprimento e que poderia servir de banheira a Behemoth. As grandes botas dos limpadores não se aventuravam nunca a passar além de certos lugares conhecidos. Ainda não ia longe o tempo em que as carroças do lixo, de cima das quais Saint-Foix fraternizava com o marquês de Créqui, se despejavam simplesmente dentro dos canos. Quanto à limpeza deles, confiava-se esse encargo aos aguaceiros, que mais serviam a obstruí-los do que a limpá-los. Roma deixava ainda alguma poesia à sua cloaca, chamando-lhe gemónias; Paris insultava a sua, chamando-lhe «buraco-percevejo». Ciência e superstição, ambas se davam as mãos para o horror. O «buraco-percevejo» repugnava igualmente à higiene e à lenda. O Papão nascera debaixo da fétida abóbada do cano Mouffetard; os cadáveres dos Marmousets tinham sido lançados ao cano da Barlillerie; Fagon atribuíra a terrível febre maligna de 1685 à grande abertura do cano do Marais, que permaneceu assim até 1833, na rua de Luís, quase defronte do escritório do Mensageiro Galante. A boca do esgoto da rua da Mortallerie foi célebre pelas pestes que causou; com a sua grade de ferro, com bicos semelhantes a uma fieira de dentes, ela era nessa rua fatal como uma goela de dragão soprando o inferno sobre os homens. A imaginação popular adubava a sombria cova parisiense de onde saía aquela horrenda mistura sem fim. A cloaca de Paris não tinha fundo Era o báratro. A polícia nem sequer se lembrava de explorar aquelas leprosas regiões. Tentar esse incógnito, lançar a sonda nessas trevas, ir à descoberta por aquele abismo, quem o ousaria? Era uma coisa medonha. Alguém, porém, se apresentou e a cloaca teve o seu Cristóvão Colombo. Um dia, em 1805, por ocasião de uma dessas raras aparições do imperador em Paris, o ministro do interior, um tal Decrès ou Crétet, foi apresentar-se-lhe logo de manhã. Ouvia-se no Carroussel o arrastar das espadas de todos esses soldados extraordinários da grande república e do grande império; a porta de Napoleão estava atravancada de heróis; homens do Reno, de Escaut, de Adige e do Nilo; companheiros de Joubert, de Desaix, de Marceau, de Hoche, de Kléber; aeróstatas de Fleurus, granadeiros de Mayence, pontoneiros de Genes, hussards das Pirâmides, artilheiros de Junot, couraceiros que haviam tomado de assalto Zuyderzée; uns haviam seguido Bonaparte sobre a ponte de Lodi; outros haviam acompanhado Murat na trincheira de Mantua, outros haviam antecedido Lannes no caminho cavado de Montebello. Todo o exército de então estava ali, na corte das Tulherias, representado por uma esquadra ou por um pelotão e guardava Napoleão no repouso; era a época esplêndida em que o grande exército tinha atrás de si Marengo e diante dele Austerlitz.

«Senhor», disse o ministro do interior a Napoleão, «vi ontem o homem mais intrépido do nosso império».

— Quem é esse homem e que fez ele? — perguntou bruscamente o imperador.

— Quer ver uma coisa, senhor?

— O quê?»

— Examinar os canos de esgoto de Paris.

Este homem existia e chamava-se Bruneseau.

IV — Pormenores ignorados

A visita efectuou-se. Foi uma temível campanha; uma batalha nocturna contra a peste e contra a asfixia, ao mesmo tempo foi uma viagem de descobertas. Um dos que sobreviveram a esta exploração, operário inteligente, muito jovem então, contava, há poucos anos ainda, os pormenores que Bruneseau julgou dever omitir no seu relatório ao prefeito da polícia, como indignos do estilo administrativo.

Os meios desinfectantes eram naquela época em extremo rudimentares. Apenas Bruneseau passou além das primeiras articulações da rede subterrânea, logo oito dos vinte trabalhadores se recusaram a avançar mais. A operação era complicada; a visita trazia consigo a necessidade de limpeza; era preciso, pois, limpar, e não haver demora; notar as entradas de água, contar as grades e as bocas, separar as ramificações, indicar as correntes nos pontos de divisão, reconhecer as respectivas circunscrições de diferentes bacias, sondar os canos pequenos enxertados no cano principal, medir a altura e a largura de cada corredor, tanto no ponto em que começavam as abóbadas como na base, determinar enfim as ordenadas do nivelamento ao direito de cada entrada de água, quer no cano, quer no solo da rua. Avançava-se com dificuldade. Não era raro que as escadas de mão mergulhassem em três pés de lodo. As lanternas agonizavam no meio dos miasmas. De quando em quando reconduziam um trabalhador desfalecido. Em certos pontos era um precipício. O solo apresentava depressões, o lajedo tinha-se aberto, o cano transformado em sorvedouro; não se achava ponto algum sólido; um dos homens desaparecera repentinamente; foi grande o trabalho para o tirar do pego. Por conselho de Fourcroy acendiam de distância em distância, nos sítios suficientemente beneficiados, grandes fogachos de estopa embebida em alcatrão. As paredes :estavam, em partes, cobertas de disformes excrescências fungosas, que pareciam tumores; a própria pedra parecia doente naquele meio irrespirável.

Brunezeau, na sua exploração, caminhou das elevações para os lugares mais baixos. No ponto de divisão dos dois condutores de água do Grand-

Hurleur, decifrou numa pedra saliente a data de 1550; esta pedra indicava o limite onde parara Philibert Delorme, encarregado por Henrique II de visitar a canalização de Paris. Aquela pedra era, no cano, a marca do século XVI; Bruneseau tornou a achar a mão de obra do século» XVII no cano de Ponceau, e no da rua Velha do Templo, abobadados entre 1600 e 1650; e a do século XVIII na secção oeste do canal colector, guarnecido e abobadado em 1740. Estas duas abóbadas, sobretudo a menos antiga, a de 1740, estavam mais gretadas e mais decrépitas do que a alvenaria do cano de cintura, a qual datava de 1412, época em que o regato de água viva de Menilmontant foi elevado à dignidade de cano real de Paris, adiantamento análogo ao do camponês que se tornasse primeiro criado particular do rei; uma coisa como Gros-Jean transformado em Lebel.

Julgou-se reconhecer, num e noutro ponto especialmente por baixo do palácio da Justiça, alvéolos de antigos cárceres praticados no próprio cano. *In paces* hediondos.

Numa destas células pendia uma golilha de ferro. Foram todas muradas. Houve achados extraordinários; entre outros o esqueleto de um orangotango fugido do Jardim das Plantas em 1800, fuga provavelmente conexa com a famosa e incontestável aparição do diabo da rua dos Bernardos, no último» ano do século passado. O pobre mono acabara por se afogar no cano.

No comprido corredor que termina no Arche-Marion causou a admiração dos conhecedores uma alcofa de trapeiro, perfeitamente conservada. Por toda a parte, o lodo que os trabalhadores tinham conseguido remover intrepidamente, abundava em objectos de valor, ouro, prata, pedras preciosas e dinheiro.

Se um gigante tivesse filtrado aquela cloaca acharia no seu filtro a riqueza dos séculos. No ponto em que se dividem os dois ramos da rua do Templo e da de Saint-Avoye, deparou-se uma singular medalha huguenote, de cobre, tendo de um lado um porco com chapéu de cardeal e do outro um lobo de tiara na cabeça.

O encontro mais surpreendente foi à entrada do cano geral. Esta entrada fora noutro tempo fechada por uma grade da qual só restavam os gonzos. De um destes gonzos pendia uma espécie de farrapo informe e sujo que, sem dúvida preso ali na sua passagem, flutuava no meio da sombra, e acabara por se desfiar. Bruneseau aproximou a lanterna e examinou o farrapo. Era bretanha finíssima; e num dos cantos menos consumido do que o resto, distinguia-se uma coroa heráldica bordada por cima das sete letras: LAUBESP. A coroa era de marquês e as sete letras significavam LAUBESPINE. Reconheceram que o que tinham diante dos olhos era um bocado da mortalha

de Marat. Marat, na sua mocidade, tivera uns amores. Foi quando fez parte da casa do conde de Artois, na qualidade de médico dos escudeiros. Daqueles amores, historicamente comprovados, com uma senhora de elevada jerarquia, tinha-lhe restado aquele lençol. Pela sua morte, como foi o único lençol fino que lhe acharam em casa, amortalharam-no nele. O trágico amigo do povo fora embrulhado para o túmulo, por umas mulheres velhas, no lençol que participara da sua voluptuosidade. Bruneseau passou adiante. Deixou o farrapo onde estava; não o destruiu. Seria desprezo ou respeito; Marat merecia ambas as coisas. E depois, o destino estava ali demasiadamente impresso para que não houvesse hesitação em tocar-lhe. Além disso, é necessário deixar as coisas do sepulcro no lugar que elas escolhem. Em suma, era uma estranha relíquia. Dormira nela uma marquesa: Marat ali apodrecera; e tinha atravessado o Panteon para chegar aos ratos do cano. Aquele farrapo de alcova, de que Walteau teria noutro tempo alegremente desenhado todas as pregas, acabara por ser digno do olhar fito de Dante.

A visita total da canalização dos despejos de Paris durou sete anos, de 1805 a 1812. Bruneseau, ao passo que se ia adiantando; ia determinando, dirigindo e fazendo executar consideráveis trabalhos; em 1808 baixava O nível do cano de Ponceau; e criando por toda a parte novas linhas, levava o cano, em 1809, da rua de S. Diniz até à fonte dos Inocentes, em 1810, por baixo das ruas de Froidmanteau e da Salpêtrière, em 1811, por baixo da rua Nova dos Petits Pères, do Mail, da Echarpe, por baixo da Praça Real, e em 1812 por baixo da rua da Paz e a calçada de Antin. Ao mesmo tempo fazia desinfectar e melhorar toda a canalização. No segundo ano agregara Bruneseau a si seu genro Nargaud.

Foi assim que no princípio deste século, a velha sociedade cuidou do seu segundo fundo e cuidou da «toilette» dos seus canos de despejo. Sempre limpou alguma coisa.

Tortuoso, fendido, deslajeado, cortado por charcos, cheio de extravagantes cotovelos, subindo e descendo sem lógica, fétido, selvagem, feroz, submerso em escuridão, com cicatrizes nas lájeas, gilvazes nas paredes, espantoso, tal era, visto retrospectivamente, o antigo cano de despejo em Paris. Ramificações em todos os sentidos, encruzamento de fossos, pés de pato, estrelas como nas sapas, fundos de saco, abóbadas salitrosas, barrancos infectos, ressudamento herpético nas paredes, os tectos gotejando, e trevas; coisa alguma igualava o horror desta velha cripta ulcerosa, aparelho digestivo de Babilónia, antro, fosso, pego cheio de ruas, escavação titânica, onde o espírito julga ver girar, através da sombra, na imundície que foi esplendor, a enorme toupeira chamada passado.

Isto, repetimos, era outro tempo.

V — Progresso actual

Hoje o esgoto é limpo, severo, direito. e correcto. Realiza quase o ideal do que em Inglaterra se entende pela palavra «respeitável». É decente, pardacento e alinhado; poder-se-ia quase dizer, esticado com alfinetes. Assemelha-se a um merceeiro feito ministro de estado. Na cloaca de hoje vê-se quase claro; a imundície porta-se decentemente. À primeira vista tomar-se-ia por um dos corredores subterrâneos tão comuns noutro tempo e tão úteis naquelas fugas dos monarcas e dos príncipes; naquele bom tempo «em que o povo amava os seus reis». A cloaca actual tem beleza; ali reina o estilo puro, o clássico alexandrino rectilíneo que, expulso da poesia, parece ter-se refugiado na arquitectura, patenteia-se em todas as pedras da comprida abóbada tenebrosa e esbranquiçada; cada saída é uma arcada; a rua de Rivoli é modelo até na cloaca. No fim de tudo, se a linha geométrica está em alguma parte no seu lugar é, decerto, no fosso estercorário de uma grande cidade. Ali tudo deve estar subordinado ao caminho mais curto. O cano de despejo tem assumido hoje certo aspecto oficial. As próprias informações da polícia de que ele é por vezes objecto, já lhe não faltam ao respeito. As palavras que o caracterizam na linguagem administrativa são elevadas e dignas. Ao que chamavam tripa, chamam galeria; ao que chamavam buraco, chamam olho. Vilon não reconheceria já a sua habitação acidental. Esta rede de subterrâneos continua a ter a sua imemorial população de roedores, mais pululante do que nunca; de tempos a tempos, um rato já pelado, arrisca-se a mostrar a cabeça à janela do cano, e examina os parisienses; mas os mesmos ratos se domesticam, satisfeitos como estão, com o seu palácio subterrâneo. A cloaca já não tem nada da sua ferocidade primitiva. A chuva que sujava os canos de outro tempo lava os canos de hoje. Contudo, não vos fieis nisso. Os miasmas habitam ainda neles. São mais hipócritas do que irrepreensíveis. A prefeitura de polícia e O conselho de saúde debalde se têm afadigado. A despeito de todos os aperfeiçoamentos na salubridade exalam um cheiro vago e suspeito como Tartufo depois da confissão.

É necessário convir que, como afinal a limpeza é um serviço que a cloaca presta à civilização e como por este modo de ver, a consciência de Tartufo é um progresso sobre a pocilga de Augias, é fora de dúvida que a cloaca de Paris tem melhorado.

É mais do que o progresso; uma transmutação. Entre a cloaca antiga e a cloaca actual há uma revolução.

Quem fez essa revolução?

Um homem de quem toda a gente se esqueceu e que nós nomeámos —

Bruneseau.

VI — Progresso futuro

A construção da cloaca de Paris não foi pequena tarefa. Nela trabalharam os dez séculos últimos sem conseguir terminá-la, como não conseguiram terminar Paris. A cloaca, efectivamente, recebe todas as repercussões do aumento de Paris. É uma espécie de pólipo terrestre, tenebroso e dotado de mil antenas, que cresce em baixo, ao mesmo tempo que a cidade cresce em cima. Todas as vezes que a cidade abre uma rua, a cloaca estende um braço, A antiga monarquia apenas construíra, vinte e três mil e trezentos metros de encanamento; eis quantos Paris contava no 1.º de Janeiro de 1806. Dessa época, de que logo tornaremos a falar, por diante, a obra foi proveitosa e energicamente continuada; Napoleão construiu (são curiosos estes números) quatro mil e oitocentos e quatro metros; Luís XVIII cinco mil e setecentos e nove; Carlos X dez mil e oitocentos e trinta e seis; Luís Filipe oitenta e nove mil e vinte; a república de 1848 vinte e três mil trezentos e oitenta e um; o regime actual setenta mil e quinhentos, ao todo, na actualidade, duzentos e vinte e seis mil e dez; sessenta léguas de canos; entranhas enormes de Paris. Ramificação obscura sempre crescente; construção ignorada e imensa»

Como se vê, o dédalo subterrâneo de Paris é hoje mais do décuplo do que era no princípio deste século. É impossível imaginar todos os esforços e perseverança que foi necessário empregar para levar este encanamento ao ponto de perfeição» relativa em que actualmente se acha. Só a muito custo conseguira o prebostado monárquico, e nos dez últimos anos do século XVIII, a *mairie* revolucionária, abrir as cinco léguas de canos, que antes de 1806 existiam,. Embaraços de toda a espécie dificultavam esta operação, uns particulares à natureza do solo, outros inerentes aos próprios preconceitos da população laboriosa de Paris. Paris acha-se edificado sobre um terreno estranhamente rebelde ao alvião, à enxada, à picareta, ao manuseamento humano. É impossível haver coisa mais difícil de abrir e penetrar do que essa formação geológica, à qual se sobrepõe a maravilhosa formação histórica, chamada Paris; desde que, debaixo de qualquer forma, o trabalho entra e se aventura nessa camada de aluviões, abundam as resistências subterrâneas. Não se encontram senão argilas líquidas, águas nativas, rochas duras, e essa qualidade de lodo mole e profundo, que a ciência denomina mostarda.

A picareta avança a custo «em camadas calcárias, alternadas com filetes de greda, extremamente delgados, e com camadas chistosas, que se apresentam em folhas incrustadas de cascas de ostras, coevas dos oceanos pré-adamitas. Às vezes, rebenta repentinamente uma corrente de água de cima de uma abóbada em princípio e deita-a por terra, alagando, ao mesmo tempo, os

trabalhadores; outras vezes, é uma torrente de mame que rebenta, precipitando-se com a fúria de uma catarata e quebrando como vidro as mais grossas vigas do escoramento.

Ainda não há muito que na Villette, quando foi necessário fazer passar o canomestre por baixo do canal de S. Martinho, sem o escoar nem interromper a navegação, a água, penetrando por uma fenda que se abriu no leito do canal, irrompeu tão abundantemente pela galeria subterrânea, que as bombas de esgoto foram insuficientes a dar-lhe vazão. Foi necessário um mergulhador ir tapar a fenda, que era à entrada da bacia grande, o que não custou pouco. Noutros sítios, próximos ao Sena, e mesmo afastados dele, como, por exemplo, em Belleville, Grande Rue e Passage Lunier, encontram-se areais sem fundo, em que se pode internar e desaparecer um homem. Ajuntai a isto a asfixia pelos miasmas, o perigo dos desabamentos e repentinos aluimentos. Ajuntai o tifo de que os trabalhadores lentamente se vão impregnando. É dos nossos dias o facto seguinte: depois de ter aberto a galeria de Clichy com baqueta para receber um cano-mestre de água do Ourcq, trabalho executado a dez metros abaixo do solo; depois de ter, por entre desabamentos, por meio de escavações, muitas vezes pútridas, e de escoramentos, abobadado a Bievre desde o boulevard do Hospital até ao Sena; depois de ter, para livrar Paris das águas torrenciais de Montmartre e dar vazão ao pântano fluvial de nove hectares que se estendia junto da barreira dos Mártires; depois de ter, dizemos, construído a linha de canos que vai da barreira Branca até ao caminho de Aubervilliers dentro de quatro meses, de dia e de noite, a uma profundidade de onze metros; depois de ter, coisa que ainda se não havia visto, feito subterraneamente um cano na, rua de Barre-du-Bec, seis metros abaixo do solo; o director Monnot morreu. Depois de ter abobadado» três mil metros de encanamento em todos os pontos da cidade, desde a rua Traversiere-Saint-Antoine até à de Lourcine; depois de ter, pela ramificação da Arbalete, dado vazão às inundações fluviais do largo de Censier-Mouffettard; depois de ter construído O cano de S. Jorge, sobre rocha e argamassa, em areias fluidas; depois de ter, dirigido o temível abaixamento da grade de junção de Nossa Senhora de Nazaré, o engenheiro Duleau morreu. Para estes actos de bravura não há boletim, apesar da sua utilidade, que é maior, por certo, do que a da carnificina dos campos de batalha.

Em 1832, os canos de Paris achavam-se muito longe de ser o que hoje são. Bruneseau dera o impulso, mas, era necessário que viesse a cólera para determinar a vasta reconstrução que depois teve lugar. Parecerá incrível, por exemplo, que em 1821, parte do cano-mestre, chamado Canal Grande, como em Veneza, se conservasse ainda por entulhar na rua de Gourdes. Só em, 1823

é que a cidade de Paris encontrou no bolso os duzentos e sessenta e seis mil e oitenta francos e seis cêntimos, necessários para cobrir aquela imundície. Os três poços absorventes do Combate, da Cunnette e de Saint Mande, com os seus escoadouros, aparelhos e canos depuratórios, datam apenas de 1836. O encanamento de Paris foi reconstruído, e, como já dissemos, cresceu dez vezes mais há um quarto de século a esta parte.

Há trinta anos, na época da insurreição de 5 a 6 de Junho de 1832, quase existia ainda em muitos sítios o antigo sistema de canos. Um grande número de ruas, hoje abauladas, eram então calçadas em plano inclinado para o centro. Viam-se com muita frequência, no ponto declive onde terminavam as vertentes de uma rua ou de um largo, grandes grades quadradas, formadas por grossos varões, cujo ferro luzia à força de ser polido pelos pés da multidão, sítios escorregadios e perigosos para as carruagens, cujos cavalos as grades faziam cair.

Em 1832, ainda a antiga cloaca gótica mostrava cinicamente as suas goelas num sem-número de ruas, tais como na da Estrela, S. Luís, Templo, velha do Templo, Nossa Senhora de Nazaré, Folie-Mirecourt, cais das Flores, rua do Petit-Musc, Normandia, Pont-aux-Bichees, arrabalde de S. Martinho, a de Nossa Senhora das Vitórias, arrabalde de Montmartre, rua Grange-Batelière, Campos Elíseos, rua Jacob, rua do Tournon. Eram enormes aberturas de pedra, em forma de abóbada, às vezes cercadas de pilares e sempre monumentalmente descaradas.

Em 1806, a extensão do encanamento de Paris era quase a mesma que abrangia em Maio de 1663, isto é, cinco mil trezentos e vinte e oito toesas. No 1.º de Janeiro de 1832, depois dos aumentos feitos por Bruneseau, a extensão do encanamento era de quarenta mil e trezentos metros. Desde 1806 a 1831, foram construídos anualmente, termo médio, setecentos e cinquenta metros; desde então por diante, construíram-se cada ano oito e mesmo dez mil metros de galerias, formadas de pequenas pedras cimentadas com cal hidráulica e alicerçadas sobre argamassa. A duzentos francos cada metro, representam, portanto, quarenta e oito milhões as sessenta léguas do actual encanamento de Paris.

Além do progresso económico de que no princípio fizemos menção, graves problemas de higiene pública se acham ligados a esta imensa questão do encanamento de Paris.

Paris está entre duas camadas — uma de água, outra de ar. A primeira, que jaz a uma grande profundidade subterrânea, mas que já foi explorada por duas perfurações, é fornecida pela camada de grés verde, situada entre a greda e o calcário jurássico; nesta camada, que pode ser representada por um

disco de vinte e cinco léguas de raio, filtram-se um sem-número de rios e regatos; num copo de água do poço de Grenelle bebemos o Sena, o Marne, o Yonne, o Oise, o Aisne, o Cher, o Vienne e o Loire. A camada de água é salubre; primeiro vem do céu, depois da terra; a camada de ar é morbífica, porque vem do encanamento... Todos os miasmas da cloaca se misturam com a respiração da cidade; daí o seu mau hálito. O ar tomado por cima de uma esterqueira está provado cientificamente — é mais puro do que o ar que se respira por cima de Paris. Tempo virá, porém, em que, com o auxílio do progresso e de mais perfeitos aparelhos, em que, com o aumento dos conhecimentos, se empregará a camada de água a purificar a camada de ar — queremos dizer a lavar o encanamento. Sabe-se que, por lavagem do encanamento, entendemos restituição da lama à terra; devolvimento do lixo ao solo e do adubo aos campos. Bastará este simples facto para, em benefício de toda a comunidade social, produzir a diminuição da miséria e o aumento da saúde. No momento em que falamos, a irradiação das doenças de Paris estende-se a cinquenta léguas em volta do Louvre, tomando como centro desta roda pestífera.

Pode-se afirmar que a cloaca é, há dez séculos, a doença de Paris, É o vício que ela tem no sangue. A este respeito nunca o instinto popular se enganou. O mister dos trabalhadores de canos era, noutro tempo, tão perigoso e quase tão repugnante ao povo como o de esfolador de animais, por tanto tempo votado ao horror e abandonado ao algoz.. Só por meio de elevada paga se decidia algum pedreiro a entranhar-se nessa fétida sapa, em que a escada do limpador hesitava antes de descer; dizia-se proverbialmente: «Descer ao encanamento é entrar na sepultura»; e, como já dissemos, lendas medonhas de toda a natureza cobriam de terror esse cano colossal; sentina temerosa que guarda em si tanto os vestígios das revoluções do globo como os das revoluções dos homens, e em que se encontram vestígios de todos os cataclismos, desde a concha diluviária até ao trapo de Marat.

LIVRO TERCEIRO — A LAMA, MAS TAMBÉM A ALMA

I — A cloaca e as suas maravilhas

Jean Valjean achava-se, pois, no cano de despejo de Paris.

Outra semelhança de Paris com o mar. Como no Oceano, o mergulhador pode nele desaparecer. A transição era inaudita. Jean Valjean saíra da cidade mesmo no meio dela e, num abrir e fechar de olhos, no tempo de levantar e de baixar. Uma tampa, passara da luz do dia para a completa escuridão, do meio-dia para a meia-noite, do túmulo para o silêncio, do turbilhão dos trovões para a estagnação do túmulo; e por uma peripécia muito mais prodigiosa ainda do que a da rua de Polonceau, do extremo» perigo para a segurança absoluta.

A súbita queda numa vala; a desaparição no subterrâneo de Paris; deixar aquela rua, onde a morte espreitava por toda a parte, por essa espécie de sepulcro onde residia a vida, foi uma singular transição para Jean Valjean, que ficou alguns segundos como que atordoado, aplicando o ouvido com ar estupefacto. A armadilha da salvação abrira-se-lhe subitamente debaixo dos pés. A bondade celeste como que o apanhara à falsa fé. Adoráveis ciladas da Providência!

O pior, porém, era que o ferido não fazia o mínimo movimento e Jean Valjean não sabia se o que levava às costas era um morto ou um vivo.

A sua primeira sensação foi a cegueira. Repentinamente deixou de ver. Pareceu-lhe que num minuto ensurdecera. Não ouvia já coisa alguma. A frenética tempestade de homicídio que se desencadeava alguns pés acima dele não lhe chegava, como já dissemos, aos ouvidos, graças à espessura de terra que o separava dela, senão muito confusamente, e como um rumor saído de uma profundidade. Conhecia que era sólido o que tinha debaixo dos pés; nada mais, mas era o que bastava. Estendeu um braço, depois o outro, tocou de ambos os lados a parede e reconheceu que o corredor era estreito; escorregou e reconheceu que a laje estava molhada. Adiantou com precaução um pé, temendo que se lhe deparasse um buraco, um poço ou um precipício, e convenceu-se de que o lajedo se prolongava. O conhecimento do lugar em que se achava foi-lhe dado por uma baforada fétida.

Passados alguns minutos já não estava cego. Pelo respiradouro por onde tinha descido penetrava uma porção de luz, que o ajudou a recuperar a vista no meio da vala em que se achava. Começou a distinguir alguma coisa. O corredor onde se enterrara — nenhuma outra palavra exprime melhor a situação — era fechada pela parte de trás. Era um dos fundos de saco que a linguagem especial denomina ramais. Na frente tinha outro muro; um muro

de trevas. A luz do respiradouro extinguia-se a dez ou doze passos do sítio onde se encontrava Jean Valjean, e deixava apenas uma claridade lívida em alguns metros da parede húmida do cano. Para além a opacidade era maciça; penetrar nela parecia horrível; a entrada ali assemelhava-se a uma submersão. Contudo, podia-se penetrar naquela muralha de nevoeiro, e assim era preciso. Era necessário até não haver demora. Jean Valjean lembrou-se de que aquela grade, descoberta por ele debaixo das pedras, podia-o ser também pelos soldados, e que tudo dependia de um tal acaso. Podiam também descer ao cano e revistá-lo. Não havia um minuto a perder. Depusera Mário no chão, tornou a apanhá-lo — é ainda este o verdadeiro termo — tornou a pô-lo às costas e meteu-se ao caminho. Entrou resolutamente naquela escuridão.

A realidade é que estavam menos salvos do que Jean Valjean supunha. Eram esperados por perigos doutro género e não menores. Depois do turbilhão fulgurante do combate, a caverna dos maternas e dos enganos; depois do caos, a cloaca. Jean Valjean caíra de um dos círculos do inferno para outro.

Quando já tinha dado uns cinquenta passos teve de parar e resolver a dúvida que se lhe oferecia. O corredor terminava noutro Cano, no qual desembocava transversalmente. Aí ofereciam-se dois caminhos. Qual deles seguir? Deveria tomar à direita ou à esquerda? Como orientar-se naquele escuro labirinto? Este labirinto, como já noutra parte notámos, tem um fio: é o seu declive. Seguir o declive é ir ter ao rio.

Jean Valjean compreendeu-o imediatamente.

Disse consigo que, provavelmente, se achava no cano dos Mercados; que, se tomasse à esquerda, chegaria em menos de um quarto de hora a alguma embocadura do Sena entre Pont-au-Change e a Ponte Nova, isto é, achar-se-ia em pleno: dia no sítio mais povoado de Paris. Talvez fosse ter ao respiradouro de algum largo. Pasmo entre os transeuntes ao verem surgir-lhe debaixo dos pés dois homens cobertos de sangue. Os agentes da polícia acudiriam, o posto de guarda mais próximo pôr-se-ia em armas. Seria agarrado logo ao sair do cano. Antes entranhar-se naquele dédalo, embrenhar-se naquela escuridão e entregar o resultado nas mãos da Providência.

Dito isto, subiu o declive e tomou à direita.

Apenas dobrou a Volta da galeria, o longínquo clarão do respiradouro desapareceu completamente, caindo sobre ele um véu de trevas, no meio das quais lhe era impossível ver coisa alguma. Nem por isso, todavia, deixou de prosseguir, com a maior rapidez que podia, levando Mário às costas com os braços passados em roda do pescoço e os pés pendentes. Com uma das mãos segurava-lhe os braços e com a outra apalpava a parede. O rosto do rapaz

como que se colava ao dele, em virtude do sangue que lho cobria. Do corpo de Mário corria um líquido tépido, que trespassava a roupa do «seu salvador. Entretanto, o calor húmido que se exalava da boca do ferido, e que Jean Valjean sentia num dos ouvidos, indicava que ainda respirava, e, por consequência, vivia. O corredor por onde Jean Valjean agora caminhava era menos estreito do que o primeiro. Todavia, Jean Valjean avançava com grande dificuldade. As águas da chuva do dia antecedente continuavam ainda a correr, formando uma pequena enxurrada pelo centro do cano, de modo que ele via-se na necessidade de se cozer com a parede para não molhar os pés. Assim caminhava por entre aquelas trevas, semelhante a um fantasma, às apalpadelas no meio do invisível e subterraneamente perdido nas sinuosidades da escuridão.

Pouco a pouco, porém, ou porque alguns respiradouros longínquos derramassem alguma claridade flutuante no meio daquela opaca cerração ou porque os seus olhos já Estivessem afeitos à escuridão, o caso é que principiou a distinguir confusamente, ora a parede, unido à qual caminhava, ora a abóbada, por baixo da qual passava. As pupilas dilatam-se na escuridão, na qual, por último, chegam a ver claramente, do mesmo modo que a alma se dilata no infortúnio, no qual vem, por último, a descobrir Deus.

Difícil, porém, era o orientar-se no meio daquele labirinto.

O traçado dos canos repercute, para assim dizer, o traçado das ruas que lhe fica sobreposto. Havia então em Paris duas mil e duzentas ruas. Por aqui se poderá formar ideia do que seria essa floresta de ramos tenebrosos, chamada encanamento. O sistema de canos existente naquela época, pegados uns aos outros, apresentaria uma extensão de onze léguas. Já dissemos que a rede actual, graças à extrema actividade destes últimos trinta anos, não tem menos de sessenta léguas.

Jean Valjean principiou por enganar-se.

Supôs que estava por baixo da rua de S. Diniz, e oxalá que assim tivesse sido. Ficava por baixo da rua de S. Diniz um antigo cano de pedra, que data de Luís XIII, e que vai ter direito ao cano-mestre chamado Cano Grande, tendo apenas uma volta do lado direito, na altura da antiga Corte dos Milagres, e uma única ramificação, o cano de S. Martinho, cujos quatro braços se cortam em forma de cruz. O cano, porém, da Pequena Truanderie, cuja entrada ficava próxima da casa de pasto de Corinto, nunca, em tempo algum, comunicou com o subterrâneo da rua de S. Diniz; desemboca no cano de Montmartre, exactamente onde Jean Valjean se achava. Neste ponto, as ocasiões de se perder ainda eram em maior número, por isso o cano de Montmartre era, naquele tempo, um dos mais enlabirintados de toda a rede. Felizmente, Jean

Valjean já tinha passado o cano dos Mercados, cujo plano geométrico figura um sem número de mastaréus entrecruzados, porém tinha para diante de se ver em mais de uma colisão: e de encontrar mais de uma esquina de rua — pois aquilo são ruas oferecendo-se-lhe como pontos de interrogação; em primeiro lugar, à esquerda, o grande cano da Platrière, espécie de capacete chinês, estendendo e emaranhando o, seu caos de TT e ZZ por baixo da casa dc Correio e da rotunda do Mercado do trigo até ao Sena, onde termina em Y; segundo, à direita, o corredor curvo da rua do Quadrante com os seus três dentes, que são outros tantos becos sem saída; terceiro, à esquerda, a ramificação do Mail, complicada, quase à entrada, por uma espécie de bifurcação, e indo, de ziguezague em ziguezague, desembocar na grande cripta-úlcera do Louvre, contada e ramificada em todos os sentidos; finalmente, à direita, o corredor sem saída da rua dos Jejuadores, sem contar diversos cotovelos aqui e além, antes de chegar ao cano-mestre, o único que o podia conduzir a alguma saída remota, e, por consequência segura. Se Jean Valjean tivesse alguma noção de quanto aqui indicamos, depressa conheceria, apalpando simplesmente a parede, que se não achava na galeria subterrânea da rua de S. Diniz. Em vez da antiga pedra de cantaria, em vez da antiga arquitectura, altiva e régia até naquilo, com leito e fiadas certas de granito e argamassa feita da melhor cal, a qual custava a oitocentas libras a toesa, conheceria, ao tocá-la, a barateza contemporânea, o expediente económico, a alvenaria cimentada com argamassa hidráulica sobre camadas de betume, que custa duzentos francos o metro, sistema burguês chamado de «materiais miúdos».

Assim caminhava Jean Valjean, ansioso, mas sereno, sem ver nada, sem nada saber, confiando-se ao; acaso, isto é, entregando-se à Providência.

À medida, porém, que ia avançando, sentia-se tomado de certo horror e com o espírito penetrado da escuridão que o envolvia, como se caminhasse por entre um enigma. Ó aqueduto da cloaca é temível, com o seu vertiginoso cruzamento de ramificações. É uma coisa lúgubre achar-se qualquer naquele País de trevas.

Jean Valjean via-se na necessidade de achar c quase de inventar o seu caminho, sem o ver. Naquela mansão desconhecida, cada passo que ele aventurava podia ser o último. Como sairia ele dali? Depararia com alguma saída? Encontrá-la-ia a tempo? Conseguiria abrir e penetrar aquela colossal esponja subterrânea de alvéolos de pedra? Encontraria algum inesperado nó de escuridão? Chegaria ao inextrincável e ao inacessível? Veria morrer Mário, em virtude da hemorragia, e ele morreria de fome? Acabariam por perder-se ambos e tornarem-se dois esqueletos em algum canto daquela escuridão? Não

o sabia. Fazia todas estas perguntas a si mesmo, e não sabia que responder-lhes. O intestino de Paris é um precipício. Jean Valjean achava-se, como o profeta, dentro da barriga do monstro.

Um inesperado acontecimento o veio surpreender. No momento em que menos o pensava e sem ter cessado de caminhar em linha recta, conheceu que não subia; a água da enxurrada batia-lhe nos calcanhares, em lugar de lhe passar pelas pontas dos pés. Por consequência, o cano descia. Que queria isto dizer? Dar-se-ia o caso que ele estivesse por momentos a desembocar no Sena? O perigo em que se ia meter era grande, mas o de recuar ainda maior. À vista disto, continuou a avançar.

Não era, porém, ao Sena que ia ter. A proeminência que o solo de Paris apresenta na margem direita escoa uma das suas vertentes no Sena e a outra no cano-mestre. O cume desta proeminência, que determina a divisão das águas, desenha uma linha em extremo caprichosa. O ponto culminante, que é o lugar em que se separam as enxurradas, fica, no cano de Saint-Avoye, diante da rua de Miguel Lê Comte, no do Louvre, próximo aos boulevards, e no de Montmartre, próximo aos mercados. Era a esse ponto culminante que Jean Valjean tinha chegado. Dirigia-se ele, pois, para o cano-mestre e achava-se em bom caminho, porém não tinha disso o menor conhecimento.

Todas as vezes que encontrava alguma ramificação apalpava-lhe as esquinas, e se via que a abertura que se lhe apresentava era mais estreita do que o corredor em que se achava, não entrava nela e continuava o seu caminho, julgando, e com razão, que todo o caminho mais estreito devia ir ter a algum pequeno cano sem saída, que só serviria para mais o afastar do seu alvo, isto é, da saída. Evitou assim o laço quádruplo que lhe preparavam, no meio das trevas, os quatro dédalos que acabamos de enumerar.

Em certa ocasião, conheceu que saía debaixo da parte de Paris, petrificada pela revolta, onde as barricadas tinham feito cessar a circulação, e que entrava para debaixo da parte de Paris viva e normal, porquanto ouviu, de súbito, por cima, um como ribombo de trovão, longínquo, mas contínuo. Era o rodar das seges.

Havia meia hora quase, segundo o seu cálculo, que ele caminhava, sem se lembrar sequer de descansar, mudando apenas a mão com que agarrava Mário. Cada vez era mais profunda a escuridão, mas esse mesmo aumento de trevas, o tranquilizava.

De súbito, viu que a sua própria sombra se desenhava num pequeno e mal distinto clarão avermelhado, que vagamente purpureava o pavimento e a abóbada do cano em que se achava, reflectindo-se de um lado e de outro sobre as paredes viscosas do corredor.

A esta vista voltou-se estupefacto.

Pelo lado de trás, na parte do corredor para diante do qual acabava de passar, a distância que lhe pareceu imensa, refulgia, fendendo com a sua luz a espessa escuridão, uma espécie de horrível astro, que parecia contemplá-lo.

Era a sombria estrela da polícia, surgindo na cloaca.

Para lá desta estrela, oito ou dez vultos negros, direitos, indistintos, terríveis, se agitavam confusamente.

II — Explicação

Por ocasião da revolta de Junho., ordenara a autoridade que se efectuasse uma busca geral no encanamento de Paris, por se lembrar que talvez algum dos vencidos tivesse procurado esse refúgio.

Em virtude disto, ao mesmo tempo que o general Bugeaud, no dia 6, corria o Paris público, o prefeito Gisquet pesquisava o Paris oculto; dupla operação conexa, que exigia uma dupla estratégia da parte da força pública, em cima representada pela tropa, em baixo pela polícia. Três pelotões de agentes e trabalhadores se entranharam em exploração pelo encanamento de Paris, o primeiro na margem direita, o segundo na margem esquerda, o terceiro na Cite.

Os agentes procediam àquela busca armados de clavina, cacetes, espadas e punhais.

O clarão que acabava de impressionar Jean Valjean era o da lanterna da ronda da margem direita, a qual tinha findado o seu exame quanto à galeria curva e aos três becos que ficam por baixo da rua Quadrante. Na ocasião em que ela examinava, ao clarão da sua lanterna, todos os recantos desses becos, chegara Jean Valjean à entrada da galeria, porém vendo que esta era mais estreita do que o corredor principal, deixou-a e passou adiante.

Ao saírem da galeria do Quadrante, afigurou-se aos homens da polícia ouvir rumor de passos na direcção do cano-mestre.

Eram, efectivamente, os passos de Jean Valjean.

O sargento que comandava a ronda elevou a lanterna e puseram-se todos a olhar, por entre a cerração, para o lado de onde tinha vindo o rumor.

Foi este, para Jean Valjean, um indefinível instante.

Felizmente, se ele via bem a lanterna, a lanterna a ele via-o mal. Ela era a luz, ele a escuridão, afastado e confundido, como se achava, nas espessas trevas daquele lugar. Contudo, parou e cozeu-se o mais que pôde com a parede.

Verdadeiramente, porém, nem ele sabia o que aquilo era. A falta de sono e de alimento, as emoções, porque tinha passado, haviam-no igualmente reduzido ao estado de visionário. Via um clarão, em roda do qual se moviam

umas larvas. Mas o que isso significava não sabia ele.

Como é natural, apenas Jean Valjean parou, cessou também o rumor de passos, que os agentes de polícia tinham suposto ouvir.

Como, porém, escutassem e nada ouvissem, olhassem e não vissem coisa alguma, entraram em deliberação.

Havia então, naquele ponto do cano de Montmartre, uma espécie de largo chamado de «serviço», que depois foi suprimido, por causa do pequeno lago interior que as águas das chuvas, em ocasião de Inverno, ali formavam.

Foi nesse largo que os agentes de polícia se reuniram a conferenciar.

Jean Valjean viu formar uma espécie de círculo àquelas larvas, viu chegarem-se umas às outras aquelas cabeças de cães de fila e entrarem a cochichar.

O resultado do conciliábulo dos cães de fila foi dizerem-se mutuamente que se tinham enganado, quanto ao rumor que haviam julgado ouvir; que se não achava ninguém dentro do cano; que era escusado embrenharem-se no cano-mestre, porque seria tempo perdido, mas que deviam dirigir-se imediatamente para o lado de Saintterry, pois se havia a desencovar alguma «caça», era decerto para esse lado.

Em virtude desta deliberação, o sargento mandou obliquar à esquerda, para o lado da vertente do Sena.

Se, em vez disto, se lembrassem de se dividir em dois grupos, tomando cada qual uma direcção oposta, Jean Valjean seria preso infalivelmente, É provável, porém, que as instruções da prefeitura, prevendo algum caso de combate e alguma multidão de insurgentes, proibissem à ronda que se fraccionasse. Assim, pois, por este ou outro motivo, o caso é que os agentes continuaram o seu caminho, deixando Jean Valjean em sossego. De todo aquele movimento, o extenuado salvador de Mário apenas percebeu o eclipse da lanterna, que desapareceu subitamente.

Antes, porém, de se retirar, e para descargo da consciência da polícia, o sargento disparou a sua clavina na direcção do sítio onde se achava Jean Valjean e que eles tinham resolvido abandonar. A detonação retumbou de eco em eco, pela extensão da cripta, como um burburinho daquele titânico intestino. Um bocado de caliça que se despegou de cima e veio cair no meio da água que escorria pelo cano, fazendo-a saltar para os lados, deu-lhe a conhecer que a bala tinha batido na abóbada, por cima da sua cabeça.

Durante algum tempo, ainda se ouviu um rumor de passos cadenciados e lentos, cada vez mais confusos, à medida que se iam afastando; o grupo dos vultos negros desapareceu; viu-se oscilar, flutuar e depois sumir-se completamente o clarão de uma luz, que desenhava na abóbada um arco

avermelhado sucessivamente menor; tornou-se de novo profundo o silêncio e completa a escuridão, e Jean Valjean, não ousando ainda mover-se, permaneceu por muito tempo encostado à parede, com o ouvido atento, as pupilas dilatadas, contemplando inconsciente o desaparecimento daquela patrulha de fantasmas.

III — O homem perseguido

A polícia daquele tempo — justiça lhe seja feita nem ainda nas mais graves conjunturas públicas deixava de desempenhar com toda a imperturbabilidade os seus deveres de limpeza e vigilância. No seu entender, uma revolta não podia ser mais do que mero pretexto para deixar os malfeitores à larga e descurar a sociedade, por se achar o governo em perigo. Assim, pois, o serviço ordinário efectuava-se conjuntamente com o extraordinário, sem que o segundo perturbasse o andamento do primeiro. Não obstante a simultaneidade de algum incalculável acontecimento político em princípio, não obstante a pressão da possibilidade de uma revolução, um agente de polícia dava do mesmo modo «caça» aos ladrões, sem se deixar distrair pela insurreição nem pela barricada.

Era exactamente uma coisa semelhante a isto o que ocorria na tarde do dia 6 de Junho, na ribanceira da margem esquerda do Sena, logo adiante da ponte dos Inválidos. Hoje a ribanceira já não existe e o aspecto desse local mudou.

Por essa ribanceira viam-se caminhar dois homens, que, conquanto separados por alguma distância, pareciam observar-se um ao outro e mutuamente evitar-se. O que caminhava adiante procurava afastar-se, o que o seguia a alguma distância forcejava por não perdê-lo de vista.

Era uma espécie de partida de xadrez, jogada de longe e em silêncio.

Nenhum deles mostrava ter pressa, antes caminhavam vagarosamente, como se cada um deles receasse fazer apertar demais o passo ao seu parceiro.

Dir-se-ia uma fera seguindo a sua presa, sem dar a conhecer que o fazia de propósito.

A presa, porém, era matreira e sabia como haver-se com a fera. Era o mastim no encalço da fuinha.

Assim, se julgaria decerto, ao ver tão bem guardadas as proporções entre perseguido e perseguidor. O que procurava escapar-se era magro e de débil aspecto; o perseguidor, de avantajada corpulência, tinha um aspecto rude e não parecia bom de vergar. Em virtude disto, o primeiro, por isso mesmo que reconhecia a superioridade do outro, evitava-o, mas evitava-o de um modo em que transluzia a mais concentrada raiva. Se a alguém fosse dado observá-lo, ver-lhe-ia nos olhos a sombria hostilidade da fuga, a expressão ameaçadora do temor.

A margem do rio jazia completamente solitária. Não se via um único transeunte, nem dentro das embarcações amarradas ao longo da ribanceira se divisava algum barqueiro ou carrejão.

Só do cais fronteiro seria possível ver distintamente aqueles dois homens.

Examinados desse ponto, o que ia na frente apresentaria o aspecto de um ente eriçado, olhando desconfiado em torno de si e tiritando de frio debaixo da esfarrapada blusa que o cobria; e o outro, o aspecto de um homem clássico e oficial, com o seu casacão de empregado do Estado abotoado até cima. Sem dúvida que o leitor os conheceria, se os visse mais perto.

Que fim tinha o segundo em vista?!

Proporcionar decerto ao primeiro mais agasalhado vestuário.

Quando algum homem, vestido pelo Estado, vai no encalço de outro homem coberto de andrajos, é porque também quer facilitar-lhe o ensejo dele receber igual graça do Estado. O ponto está simplesmente na cor.

O trajo azul é uma glória; o encarnado uma coisa desagradável. Também existe uma púrpura que simboliza abjecção.

Era decerto ao dissabor de se ver obrigado a envergar semelhante púrpura que o primeiro se desejava esquivar.

Se o outro assim o deixava ir livremente seguindo o seu caminho, sem procurar ainda deitar-lhe a mão era, como evidentemente parecia, porque esperava vê-lo chegar a algum sítio onde tivesse lugar o seu encontro, de antemão aprazado, com outros da mesma laia, a que ele pudesse deitar a mão. Chama-se a esta delicada operação dar «caça».

Esta conjectura é tanto mais provável, por isso que o homem do casacão abotoado, vendo passar pelo cais um fiacre sem ninguém dentro, fez sinal ao cocheiro para que parasse; este, que percebeu o sinal e conheceu decerto com quem tratava, mudou de direcção e principiou a seguir vagarosamente os dois homens de cima do cais. Nenhum destes movimentos, porém, foi percebido pelo homem da blusa esfarrapada que ia adiante

O carro seguia ao longo das árvores dos Campos Elísios, por cima de cujo parapeito se via perpassar o busto do cocheiro, de chicote em punho.

Entre as instruções secretas da polícia há uma que contém o seguinte artigo: «Ter sempre à mão uma carruagem de aluguer para qualquer eventualidade».

Ao passo que cada um daqueles homens executava a sua estratégia com a maior perícia, aproximavam-se ambos mais e mais de uma rampa que descia do cais para a ribanceira, por onde os cocheiros das seges que transitavam na estrada de Passy traziam os cavalos a beber ao rio. Esta rampa, submissa aos caprichos da simetria, veio, mais tarde, a ser suprimida. Morrem os cavalos à

sede, mas a vista acha em que se recrear.

Natural era que o homem da blusa subisse por essa rampa, tentando evadir-se pelos Campos Elíseos, local coberto de árvores, é verdade, mas, em compensação, muito frequentado pelos agentes de polícia, em quem o outro encontraria fácil auxílio, se o da blusa, como parecia, para ali se dirigisse.

Com grande surpresa, porém, do homem do casacão abotoado, o da blusa, em vez de tomar pela rampa, continuou a seguir pela ribanceira ao longo do cais.

A sua posição, portanto, tornava-se visivelmente crítica.

A não ser o de lançar-se ao Sena, que outro fim poderia ele ter em vista?

Pois que não tomava pela ladeira, nenhum outro meio lhe restava de subir para o cais; nem rampa nem escadas. Longe disso. Pouco adiante do sítio onde o homem da blusa se achava, a direito da ponte de Iena, o rio formava um cotovelo, onde a ribanceira, cada vez mais estreita, acaba, por último, em ponta aguda, sumindo-se por baixo de água. Chegando aí, como estava bem de ver, o homem achar-se-ia bloqueado, inevitavelmente, por todos os lados; à direita, pelo muro do cais, cortado a prumo; à esquerda e pela frente, pelo rio; finalmente, da retaguarda, pelo homem que o seguia.

Verdade é que, ao fim da ribanceira, se achava um monte de entulho de seis ou sete pés de altura, proveniente de não sabemos que demolição. Mas que importava isso? Pois o homem esperaria, porventura, achar um esconderijo seguro, ocultando-se por trás daquele monte de entulho, em roda do qual bastaria que o outro desse uma volta para logo dar com ele? O expediente seria, realmente, pueril. Tão pueril, que nem decerto lhe passava pela ideia. A inocência dos ladrões não chegaria a semelhante ponto.

Chegado junto do monte de entulho, o qual formava à beira de água uma espécie de eminência que se prolongava com um promontório até ao muro do cais, o homem da frente transpôs o outeirinho de caliça, por trás do qual desapareceu aos olhos do que o seguia.

Este, que assim como não via, também não era visto, aproveitou o ensejo para pôr termo à dissimulação com que até então procedera e principiou a caminhar apressadamente. Por consequência, dentro de poucos instantes achava-se ao pé do promontório de entulho, que transpôs sem perda de tempo. Chegado aí, parou estupefacto. O homem em cuja caça ia, havia desaparecido.

Total eclipse do homem da blusa.

Do monte de entulho para diante, apenas havia uns trinta passos mais de ribanceira. Ao fim dos trinta passos, a ribanceira mergulhava no rio o qual vinha bater de encontro ao muro do cais.

Ora o fugitivo não podia ter-se lançado ao Sena nem escalado o muro sem ser visto pelo que o seguia; por conseguinte, que era feito dele?

Incapaz de resolver tal enigma, o homem do casacão abotoado avançou até ao fim da ribanceira, onde se deteve um momento pensativo, fechando e abrindo convulsivamente os punhos e circunvagando a vista por todos os objectos em redor, com perscrutadora atenção. De súbito, interrompeu-se a si próprio, batendo na testa, como se tivesse achado o fio do enigma, cuja decifração baldadamente procurava. No sítio em que findava a terra e principiava a água, acabava de avistar uma grade de ferro, larga e baixa, em forma de arco e reforçada por uma seguríssima fechadura e três descomunais dobradiças. Por baixo desta grade, espécie de porta aberta na base do cais, e que tanto deitava para o rio como para a ribanceira, corria um rego de água suja, que desaguava no Sena.

Pela parte de dentro dos grossos e enferrujados varões que formavam a grade, avistava-se apenas uma espécie de corredor abobadado e escuro.

O homem cruzou os braços e deitou um olhar de repreensão para a grade.

Como o olhar, porém, não bastasse, tentou abri-la; abanou-a, mas ela resistiu solidamente. Posto se não tivesse ouvido o menor ruído, coisa singular numa grade tão cheia de ferrugem, de supor era que tinha sido aberta; mas o que era indubitável é que havia sido fechada outra vez, o que indicava que aquele a quem ela acabava de dar passagem, possuía não uma gazua, mas uma chave.

Tão evidente se afigurou esta hipótese ao espírito do homem que forcejava por abrir a grade, que lhe fez bradar num tom de indignação:

— Isto é de mais! Uma chave do governo!...

E, serenando-se imediatamente, continuou, exprimindo a infinidade de ideias que lhe acudiam ao cérebro, pela seguinte cadeia de exclamações admirativas, proferidas com acento quase irónico:

— Ora! Ora! Ora!

Dito isto, foi postar-se à espreita por trás do monte de entulho, com a raiva paciente do mastim!, à espera não sei se de ver sair o homem que entrara, se de ver entrar mais alguns.

Quanto ao carro, que regulava pelos dele todos os seus movimentos, parara junto do parapeito, e o cocheiro, prevendo considerável demora, encaixou o focinho dos seus cavalos no saco de aveia molhada em baixo; saco tão conhecido dos parisienses, por isso que às vezes o governo — seja dito em parêntesis — lhes dá de comer nele.

Ao mesmo tempo, os raros transeuntes da ponte de Iena, antes de completamente se afastarem, voltavam-se e punham-se a contemplar por

alguns momentos aqueles dois vultos imóveis, que faziam parte da paisagem: o homem na ribanceira, o carro no cais.

IV — Também ele carrega com a sua cruz

Jean Valjean pusera-se de novo a caminho, porém cada vez eram maiores as dificuldades que lhe surgiam diante, porque nem sempre o nível das abóbadas dos canos é o mesmo. A sua altura média regula por cinco pés e seis polegadas, mas conquanto fosse calculada para a estatura de um homem, Jean Valjean via-se obrigado a agachar—se para obstar a que Mário batesse com a cabeça na abóbada. A cada instante se via na necessidade de se curvar e tornar-se a endireitar, sem, porém, nunca deixar de apalpar a parede. Infelizmente, quer para as mãos, quer para os pés, eram pouco seguros os pontos de apoio que encontrava, por causa da humidade das pedras e da viscosidade do pavimento do cano. Por consequência, a cada passo escorregava ou vacilava no meio do sujo canal subterrâneo. Os reflexos intermitentes dos respiradouros apenas apareceriam de longe em longe, e tão descorados, que mais pareciam provir da Lua que do Sol; tudo o mais eram trevas, miasmas, sombras, cerração escura. Pela fome, e especialmente pela sede, ele se sentia pungido o desditoso, e ali tinha água; mas água que, como no mar, ele via e não podia beber. Apesar da força de que era dotado, que era extrema, como se sabe, e que nem com a idade tinha diminuído, graças ao seu casto e sóbrio viver, Jean Valjean começava a sentir-se enfraquecer, e, à medida que mais se sentia presa do cansaço, mais se lhe aumentava o peso do fardo que conduzia. Mário, cadáver, talvez apesar do extremo cuidado com que Jean Valjean lhe procurava deixar O peito desoprimido para que tomasse livremente a respiração, pesava como pesam todos os corpos inertes. Ao firmar os pés no chão, os ratos cruzavam-se em tal quantidade pelo pavimento do cano; que ele sentia-os roçarem-lhe pelas pernas, chegando um, a mordê-lo; espavorido talvez do inaudito encontro. De espaço a espaço; porém, batia-lhe no rosto, coada pelas grades dos respiradouros, uma lufada de ar fresco, que o reanimava.

Seriam três horas da tarde, pouco mais ou menos, quando ele chegou ao Cano Grande.

No primeiro relance, ficou maravilhado daquele súbito alargamento, ao ver-se de chofre no meio de uma ampla galeria, a cujas paredes não chegava ao mesmo tempo com ambos os braços estendidos e debaixo de uma abóbada em que não tocava com a cabeça. Esta circunstância, porém, facilmente se explica, sabendo-se que o Cano Grande tem sete pés de altura sobre oito de largo.

No sítio onde o cano de Montmartre vem desaguar ao Cano Grande, há

uma encruzilhada formada por mais duas galerias subterrâneas, a da rua da Provença e a do Matadouro, que também ali desaguam. Outro qualquer, ao ver-se entre aqueles quatro caminhos, teria ficado indeciso; Jean Valjean não hesitou, tomando pelo mais largo; isto é, pelo principal. Neste ponto, porém, a mesma dúvida do princípio se oferecia: devia subir ou descer? Jean Valjean viu que a situação urgia, e que, portanto, lhe cumpria chegar ao Sena a todo o transe, ou, por outras palavras, descer. Foi o que fez, tomando, sem: hesitação, à esquerda.

Foi o que lhe valeu, pois seria erro supor que o Cano Grande tem duas saídas, uma para o lado de Bercy, outra para o de Passy, e que e, como à primeira vista pareceria, a circunvalação subterrânea da margem direita de Paris. O Cano Grande, que não é outra coisa mais — repetimos — do que o antigo ribeiro de Menilmontant, termina em cima num outro cano sem saída, isto é, no seu antigo ponto de partida, na base da colina de Menilmontant, onde tinha a sua origem, e não tem comunicação directa com a ramificação que recebe as águas de Paris, de Popincouit para baixo, e que vai desaguar no Sena pelo cano de Amelote, logo acima da antiga ilha de Louviers. Esta ramificação, que é o complemento do cano principal, fica separada dele, por baixo da própria rua de Menilmontant, por uma grossa parede, que marca o ponto de divisão das águas de um lado e do outro. Por conseguinte, se Jean Valjean tivesse subido a galeria, chegaria, após mil obstáculos, extenuado de fadiga, mais morto do que vivo, a uma parede, e então ficaria perdido.

Em vez de subir, porém, descera, guiado apenas pelo instinto, que não o enganou. Nisso consistia, efectivamente, a possibilidade de se ver a salvo daquele medonho labirinto, pelo meio do qual caminhava e de que nada sabia. Se alguém, naquela hora, lhe perguntasse onde se achava, Jean Valjean apenas responderia: «Nas trevas!» Guiado, pois, unicamente pelo seu instinto, o generoso salvador de Mário deixou à direita os dois corredores que se bifurcam em forma de garra por baixo da rua Laffite e da de S. Jorge, bem como a outra bifurcação da calçada de Antin.

Chegado pouco adiante de um afluente, que cremos seria a ramificação da Madalena, Jean Valjean parou, arquejante de cansaço, justamente num sítio do cano que um respiradouro bastante largo, talvez o da rua de Anjou, iluminava quase completamente, e poisou Mário na banqueta do cano com a cautelosa solicitude que qualquer usaria para com um irmão ferido.

Ao clarão projectado pelo respiradouro para dentro do subterrâneo, o ensanguentado rosto de Mário desenhou-se como no fundo de um túmulo. Os olhos fechados, os cabelos empastados de sangue, colados às fontes, como pincéis molhados em tinta vermelha e depois secos, as mãos pendentes e sem

movimento, os membros frios, os lábios manchados de sangue coagulado, eis o aspecto que oferecia o rapaz. Uma grande pasta de sangue cobria-lhe o laço da gravata; a camisa pegara-se-lhe às feridas; o pano do casaco roçava-lhe igualmente nelas e devia avivar-lhe o sofrimento, se ele estivesse em estado de sentir.

Jean Valjean desviou-lhe a roupa com as pontas dos dedos e pôs-lhe a mão no coração, que ainda pulsava. Em seguida, rasgou um bocado da própria camisa, ligou-lhe as feridas o melhor que pôde e obstou assim à continuação da hemorragia; feito isto, inclinou-se para o jovem que continuava desmaiado e fitou-o com um olhar de inexprimível ódio.

Ao tratar os ferimentos de Mário, Jean Valjean encontrara-lhe nos bolsos dois objectos — o bocado de pão que ele no dia antecedente tinha metido no bolso do casaco e a carteira. Comeu o. pão e abriu a carteira. Apenas terminara esta operação, deparou logo com o bilhete com as seguintes linhas, escritas por Mário, e que o leitor decerto ainda não esqueceu:

«Chamo-me Mário Pontmercy. Peço que levem o meu cadáver a casa de meu avô, o senhor Gillenormand, morador na rua das Mulheres do Calvário, número 6, ao Marais.»

Jean Valjean leu estas quatro linhas ao clarão do respiradouro .e ficou um momento como que profundamente absorto, repetindo a meia voz:

— Rua das Mulheres do Calvário, número 6, senhor Gillenormand.

Em seguida, tornou a meter a carteira no bolso, de Mário e, restaurado de forças com o bocado de pão que tinha comido, tornou a pegar nele às Costas, encostou-lhe cuidadosamente a cabeça ao seu ombro direito e continuou a descer O cano.

O Cano Grande, que segue o *thalweg* do vale de Menilmontant, tem perto de duas léguas de comprimento e é pavimentado de pedra em grande parte da sua extensão.

Uma coisa, porém, cumpre notar.

O facho das ruas de Paris, com que aos olhos do leitor alumiamos a marcha subterrânea de Jean Valjean, não o tinha este. Indício nenhum lhe dizia que zona da cidade ele atravessava nem que porção de caminho tinha vencido. Apenas o descoramento das réstias de luz que de espaço a espaço encontrava lhe indicava que o Sol ia fugindo das ruas e não tardaria a esconder-se; e como o rodar dos carros, que ouvia por cima, cada vez mais indistinto, viesse, por último, a cessar completamente, concluiu daqui que já não se achava por baixo do centro de Paris, mas sim que se avizinhava de algum solitário lugar das imediações dos boulevards exteriores ou dos últimos cais.

Onde há menos casas e menos ruas, os canos também têm: menos

respiradouros.

Apesar da Crescente escuridão que por todos os lados o envolvia, nem por isso desistiu de avançar sempre, embora às apalpadelas e rodeado de trevas.

Chegado a certo ponto, esta escuridão tornou-se repentinamente terrível.

V — Existe na areia como na mulher certa finura pérfida

Jean Valjean conheceu que ia a meter-se em água e que o que tinha sob os pés já não era pedra, mas lodo.

Em certas costas da Bretanha ou da Escócia, sucede às vezes que um homem, viajante ou pescador, caminhando na baixa-mar pela praia, longe de terra, de súbito dá conta que há muitos minutos experimenta certa prisão ao andar. O solo parece pez, em que se lhe agarram os sapatos, como se já não fosse areia, mas visco, o que os seus pés pisam. Afigura-se-lhe completamente enxuta a areia, mas a cada passo que ele dá, a cova que seus pés descreveram no chão enche-se de água. Nenhuma mudança, apesar disso, descobre a vista; a imensa plaga continua lisa e tranquila, toda a areia tem o mesmo aspecto, nenhuma diversidade se nota entre a terra firme e a que já o não é; diante do viandante continua a saltar do mesmo modo a alegre nuvem dos pulgões marinhos. O homem segue o seu caminho, vai andando sempre, tomando para o lado da terra e procurando aproximar-se da costa, sem que, porém, o menor temor o sobressalte. Temor de quê? Todavia, sente o que quer que seja, como se os pés se lhe tornassem mais pesados a cada passo que dá. De repente, enterra-se. Enterra-se duas ou três polegadas. Decididamente, não vai pelo bom caminho; pára a orientar-se. De súbito, olha para o chão. Os pés desapareceram-lhe debaixo de uma camada de areia. Tira-os, tenta retroceder, volta atrás, enterra-se ainda mais. Ao ver-se enterrado em areia até ao tornozelo, faz um esforço para tomar à esquerda, enterra-se até meio da perna; faz outro esforço, firmando-se para o outro lado, enterra-se até ao joelho. Então conhece, possuído de indizível terror, que se acha no meio de um areal movediço, em que ao homem é tão impossível andar como ao peixe nadar. Atira fora o que traz às costas, se traz alguma coisa, alija tudo o que o sobrecarrega, como o navio surpreendido pela tempestade, mas nada lhe vale, que a areia passa-lhe já acima do joelho.

Então chama e agita o chapéu ou o lenço, e, ao mesmo tempo, a areia mais e mais o submerge; se a praia se acha deserta, se ele está muito distante de terra, se o banco de areia goza de má nota, se não há heróis nos arredores, disse; o infeliz ali ficará submerso, condenado a essa horrorosa morte, demorada, infalível, inevitável, impossível de ser apressada ou espaçada, morte que dura horas, que parece não ter termo, que nos colhe de pé, livre e cheio de saúde, morte que nos puxa pelos pés, e a cada esforço que tentamos,

a cada grito que elevamos, nos arrasta agora um pouco, logo mais, que parece punir-nos da nossa resistência, confrangendo-nos gradualmente, que lentamente obriga o homem a entranhar-se pela terra, sem o estorvar de contemplar o horizonte que vai deixar, o horizonte, as árvores, os campos esmaltados de verde, os tectos de colmo dispersos pela amplidão da planície, sobre os quais se elevam espirais de fumo, que se ramificam, se estendem e se dissipam no ar; sem vos estorvar de contemplar as velas dos navios ondulando além no mar, e as aves que esvoaçavam se cantam por cima de Vós, indiferentes à imaginável angústia que lentamente vos absorve a vitalidade; sem vos estorvar de contemplar o Sol e o céu, sorrisos de Deus para as flores, esplendores de clarões em que se perdem e se ofuscam as trevas da vossa agonia.

Sabeis o que é morrer assim, privado de auxílio, tocando com os pés na morte e os braços na vida, respirando o ar, isto é, a vida; sentindo a pressão da areia molhada, isto é, a morte? Sabeis o que isto é? É a maré do sepulcro subindo das entranhas da terra a submergir aquele homem que está vivo:. cada minuto é um coveiro inexorável. O infeliz tenta sentar-se, firmar-se nas mãos, desprender-se por qualquer modo, e cada movimento que faz no seu exasperado contorcer-se mais o enterra; ora se arranca à voragem, ora cai nela; tenta erguer-se, o abismo abre as fauces, mas logo as cerra com mais frenesi, como se quisesse deixá-lo livre por um instante, a cada esforço que ele faz, para mais ao largo o abocar na sua goela medonha. Ele ruge, implora, brada, contorce-se desesperado. Inútil esforço, baldado estrebuchar! Vede-o como se enterra em areia até ao ventre; vede-o como já esta lhe chega ao peito; livre da boca da voragem, resta-lhe aquilo que vedes — o busto! Ouvi-lhe as vozes sem conforto com que o desgraçado impele os ecos da praia; vede como ergue as mãos, como se expande em gemidos desesperados, cravando as unhas na areia, traidor apoio, que lhe foge com o seu auxílio, tentando agarrar-se ao que não tem consistência, fincando-se nos cotovelos para se tirar desse pego movediço, «soluçando freneticamente; e a areia sempre a subir, subindo sem descanso, de contínuo, pouco a pouco, mas incessantemente. Ei-la que lhe cobre os ombros, ei-la que lhe chega ao pescoço; eis que já apenas o rosto é a única parte visível de todo ele. Gritava; encheu-se-lhe de areia a boca, emudeceu. Os olhos, vêem ainda, a areia fecha-lhos. Silêncio, depois trevas. Que resta ainda? Vedes-lhe um fragmento de testa. Lá desapareceu agora. Uma madeixa de cabelos redemoinhando na areia, ao sopro de uma lufada do mar. Lá se sumiu também. Esperai. Lá se agitou o que quer que fosse. É o derradeiro estertor? É isso e mais. Uma mão, que irrompe do chão, se move no ar e desaparece para sempre.

Ó sinistra desaparição humana!

Eis como, nessas terríveis plagas, têm lugar estas medonhas catástrofes, em que às vezes acontece ficar sepultado cavalo e cavaleiro, e outras não só o carro, mas quem o dirige. É um naufrágio sem ser na água. É a terra afogando o homem. A terra, impregnada de água, convertendo-se em armadilha. É a terra apresentando-se como planície e tragando como vaga. Traição em que o abismo abunda.

Esta fúnebre aventura, ainda hoje possível em certas praias de mar, era-o igualmente, há trinta anos no encanamento de Paris.

Antes dos importantes trabalhos principiados em 1833, era o encanamento de Paris sujeito a repentinos desabamentos.

Infiltrava-se a água em certos terrenos subjacentes, mormente se eram friáveis, e o pavimento do cano, quer fosse (revestido de pedra, como no sistema antigo, quer formado de cal hidráulica, como nas galerias actuais, desnivelava-se, uma vez que não achasse ponto de apoio. Em pavimentos deste género, um desvio de nível é uma fenda, é a ruína certa. Abria-se o pavimento dentro de «certa área, e a esta: abertura, hiato de um abismo de lama, chamava-se na linguagem especial «algara subterrânea». Que é uma algara? A areia movediça da beira-mar encontrada, de repente, debaixo da terra; o areal do monte de S. Miguel num cano. O solo parece uma substância em fusão; todas as suas moléculas se acham em suspensão num meio inconsistente; não é terra, mas também não é água. Não se pode imaginar coisa mais temerosa. Se predomina a água, é rápida a morte, porque a submersão é instantânea; ,se predomina a terra, é lenta a morte, porque há enterramento.

Quem há aí capaz de avaliar o horror de semelhante morte? Se o enterramento é horroroso numa praia de mar, que não será numa cloaca?

Em vez do ar livre, da luz do dia, daquele horizonte claro, daqueles majestosos sussurros, daquelas nuvens livres de que chove a vida, daquelas barcas avistadas ao longe, daquela esperança que toma todas as formas, da possibilidade de passar alguém, da possibilidade de ser socorrido até o último instante, em vez de tudo isto, a surdez, a cegueira, uma abóbada escura, o interior de um túmulo pronto e acabado, a morte na lama debaixo de uma tampa! A sufocação lenta por meio da imundície, um caixão de pedra em que a asfixia estende as garras no meio do lodo e vos aperta a garganta; o fétido de envolta com a agonia; o lodo em vez da areia; o hidrogénio sulfurado em vez do furacão; o lixo em vez do Oceano, e clamar, e ranger os dentes, e estorcer-se, e debater-se e agonizar com: a cidade enorme, que o ignora, por cima da cabeça! Inexprimível horror — o de tal morte!

A morte compensa às vezes a sua atrocidade por uma certa dignidade terrível.

No naufrágio, na fogueira, podemos ser grandes; é possível uma atitude majestosa, quer no meio das chamas, quer no meio da espuma; transfiguram-nos em qualquer dessas conjunturas. Mas, no caso que indicamos, não. Nesse caso, a morte é asquerosa, É humilhante expirar. As supremas visões que flutuam diante de nossos olhos são abjectas. Lama é sinónimo de vergonha. É mesquinho, feio e infame. Morrer afogado num tonel de Malvasia, como Clarence, passa; no lixo de um cano, como Escottbleau, é horrível. Debater-se ali dentro é medonho; ao mesmo tempo que agonizamos, chafurdamos. São trevas demais para se chamar àquilo inferno, e demasiada lama para se lhe dar apenas o nome de tremedal, de modo que o moribundo não sabe se vai transformar-se em espectro, se em sapo.

Em qualquer parte é sinistro o sepulcro, aqui é disforme.

A profundidade das algaras variava, bem como a sua extensão e densidade, segundo a melhor ou pior qualidade das camadas inferiores do solo. Algumas algaras tinham três e quatro pés de profundidade, outras oito ou dez, e algumas havia a que não se achava fundo. Nuns sítios a lama era quase sólida, noutros quase líquida. Na algara Lunière gastaria qualquer homem um dia a desaparecer, ao passo que teria sido devorado em cinco minutos pelo atoleiro Phelippeaux. A lama é mais ou menos consistente, segundo a sua maior ou menor densidade. Salva-se Uma criança onde se perde um homem. A primeira coisa essencial para qualquer se salvar é despojar-se de tudo quanto seja objecto de peso. A primeira coisa que um limpador punha em prática, apenas sentia fugir-lhe o solo debaixo dos pés, era atirar fora o saco da ferramenta, o cesto ou o caixão.

Diversas eram as causas das algaras; friabilidade do solo, algum aluimento em profundidade fora do alcance do homem; os fortes aguaceiros do Verão; as chuvas continuadas do Inverno; os chuviscos aturados. As vezes o peso das casas circunjacentes sobre um terreno marnoso ou arenoso apertava as abóbadas das galerias subterrâneas e as fazia sair do nível, se é que muitas vezes não saltava o pavimento fora do seu lugar, comprimido pela enorme massa dos prédios vizinhos. Assim foi que, com o peso do Panteon, há um século, ficou completamente destruída parte dos subterrâneos da montanha de Santa Genoveva. Quando qualquer cano abatia com a pressão das casas, o estrago, em certas ocasiões, traduzia-se no pavimento da rua por um desnivelamento entre as pedras, que se estendia, serpenteando, em toda a extensão da abóbada arruinada, e, nesse caso, como o mal era visível, o remédio podia ser pronto. Acontecia, porém, muitas vezes que o estrago

interno não se dava a demonstrar por indício algum externo. Nesse caso, ai dos limpadores, porque, entrando desprevenidos no cano aluído, podiam perder-se nele. Os antigos registos fazem menção de alguns limpadores que, deste modo, ficaram sepultados nas algaras. Entre muitos nomes que nesses documentos figuram, encontramos o do limpador que morreu em virtude do aluimento do cano da rua de Careine-Prenant, um tal Braz Poutrain, irmão de Nicolau Poutrain, o último coveiro do cemitério chamado Carneiro dos Inocentes, em 1758, época em que este cemitério deixou de existir.

Nos mesmos documentos deparamos com o nome do jovem e elegante visconde de Escoubleau, de quem acima falamos, um dos heróis do terço de Lérida, onde o assalto foi dado com rebecas na frente e vestindo os assaltantes meias de seda. Escoubleau, surpreendido, uma noite, em casa de sua prima, a duquesa de Sourdis, afogou-se num atoleiro do cano Beautreillis, onde se tinha refugiado para escapar ao duque. Quando, lhe contaram a morte do visconde, Madame de Sourdis pediu o seu frasco e esqueceu-se de chorar à força de respirar sais.

Em caso análogo não há amor que resista; a cloaca extingue-o.

Hero recusa lavar o cadáver de Leandro; Tysbe põe a mão no nariz ao avistar Pyraimo e exclama:

— Puf!

VI — O sorvedouro

Jean Valjean achava-se na presença de uma das depressões de terreno de que acabámos de falar.

Aquele género de desabamentos era então frequente no subsolo dos Campos Elíseos, dificilmente apropriado nos trabalhos hidráulicos e pouco conservador das construções subterrâneas, em razão da: sua excessiva fluidez. Esta fluidez ultrapassa a inconsistência das próprias areias do bairro de S. Jorge, que só se deixaram vencer por um alicerce de argamassa e das camadas argilosas infectadas de gás, do bairro dos Mártires, tão líquidas, que não pôde ser praticada a passagem sobre a galeria dos Mártires, senão por meio de um tubo fundido. Quando, em 1836, foi demolido, por baixo do arrabalde de Santo Honorato, para ser reconstruído, o antigo cano de cantaria, onde vemos neste momento internado Jean Valjean, a areia movediça, que é o subsolo dos Campos Elíseos até ao Sena, servia de obstáculo, a ponto de fazer com que a operação; durasse perto de seis meses, provocando altos queixumes dos moradores marginais, principalmente dos que tinham palácios e trens. Os trabalhos foram mais do que difíceis, foram perigosos. Verdade é que naquela época houve quatro meses e meio de chuvas e três cheias no Sena.

O charco que Jean Valjean encontrou tinha por causa a grande enxurrada da véspera. Uma depressão da calçada, mal sustida, pela areia subjacente, fizera empoçar as águas da chuva. Operando-se a infiltração seguira-se o desmoronamento. O escoadouro, deslocado, enterrava-se no lodo. Em que extensão? Era impossível dizê-lo. A escuridão ali era mais densa do que em qualquer outro ponto. Era um buraco de lama numa caverna de trevas.

Jean Valjean sentiu faltar-lhe o terreno debaixo dos pés. Entrou naquele lodaçal. Era água na superfície, e no fundo era lodo! Contudo, necessitava passar. Voltar para trás era impossível. Mário estava agonizante, Jean Valjean exausto. Além disto para onde poderia ir? Jean Valjean prosseguiu no seu caminho. Depois o charco pareceu-lhe pouco profundo ao dar os primeiros passos. Mas, à medida que ia avançando, sentia mergulhar mais os pés. Em pouco tempo chegava-lhe o lodo até meio da perna e água acima dos joelhos. Caminhava, erguendo Mário o mais que podia, com ambos os braços, acima da água. O lodo chegava-lhe já às curvas das pernas e a água à cintura. Já não podia recuar. A cada passo mergulhava mais e mais.

Aquele lodo, bastante denso para o peso dum homem, não podia evidentemente suportar o de dois.

Mário e Jean Valjean teriam tido probabilidade de se tirarem dali, mas cada um de *per si.*

Jean Valjean continuou a avançar, sustentando sempre o moribundo, que era. Já talvez um cadáver.

A água já lhe dava por baixo dos braços; sentia-se soçobrar; só com muito custo podia mover-se na profundidade de lodo em que se achava. A densidade, que era o sustentáculo, era também o obstáculo. Continuava a erguer Mário quanto possível; e com inaudito dispêndio de forças, ia indo para a frente, mas submergindo-se cada vez mais. Já não tinha fora de água senão a cabeça e os braços, elevando Mário. Nas velhas pinturas que representam o dilúvio, há uma mãe que diligencia assim salvar seu filho.

Como continuava a sentir-se ir para baixo, inclinou a cabeça para trás, com o fim de afastar a boca da água e poder respirar; quem o tivesse visto naquela escuridão julgaria estar vendo uma máscara flutuante na sombra: acima de si distinguia vagamente a cabeça pendente e o rosto lívido de Mário; fez um esforço desesperado e lançou o pé para a frente; o pé topou com um objecto sólido: um ponto de apoio. Era tempo.

Endireitou-se, inteiriçou-se, e como que lançou raízes com uma espécie de fúria, naquele ponto de apoio, o que lhe produziu o efeito do primeiro degrau duma escada para a vida.

Aquele ponto de apoio achado no lodo e no momento supremo, era o

começo de outra vertente do escoadouro, que cedera sem se destruir e se curvara debaixo de água — como uma tábua e numa só peça. Os empedramentos bem feitos formam abóbada e apresentam destas firmezas,

Aquele fragmento do escoadouro, em parte submergido, mas sólido, era uma verdadeira rampa, e uma vez sobre ele estava-se salvo. Jean Valjean subiu por aquele plano inclinado e chegou ao outro lado do charco.

Ao sair da água bateu numa pedra, que o fez ajoelhar. Achou que era justo e permaneceu assim algum tempo, com a alma entregue a não sei que palavra dirigida a Deus.

Tornou a erguer-se, trémulo, gelado, infecto, curvado sobre o peso do moribundo, que ia, para assim dizer, arrastando, todo ele escorrendo lama, mas com a alma iluminada por estranha luz.

VII — Às vezes naufraga-se onde se julga desembarcar

Ainda mais uma vez Jean Valjean se pôs a caminho. No fim de tudo, se não tinha deixado a vida no sorvedouro, parecia-lhe ter deixado nela a força. Aquele supremo esforço exaurira-o de todo. O seu cansaço então era tal, que de três em três ou de quatro em quatro passos via-se obrigado a tomar o fôlego, encostando-se à parede. Duma vez teve de se sentar na banqueta para mudar Mário de posição: julgou que ficaria ali. Mas se o seu vigor estava morto, não o estava a sua energia. Tornou portanto a erguer-se.

Começou a andar desesperadamente quase com pressa, deu deste modo uns cem passos, e de repente esbarrou com a parede. Chegara a um cotovelo do cano; e como ia com a cabeça baixa, foi mesmo direito à esquina; levantou os olhos, e na extremidade do subterrâneo, na sua frente lá muito longe, avistou luz. Desta vez não era a luz terrível; era a boa luz, a luz alva. Era o dia.

Jean Valjean avistava já a saída.

Uma alma condenada que do meio da fornalha avistasse inopinadamente a saída da *gehena*, experimentaria o que Jean Valjean experimentou. Voaria desorientadamente com os cotos das asas queimadas para a porta radiante. Jean Valjean deixou de sentir a fadiga e o peso de Mário, tornou a achar as suas pernas de aço, e passou a caminhar de modo que mais parecia correr. À medida que se aproximava, desenhava-se a saída mais distintamente. Era o Arco mais baixo que a abóbada, que ia baixando gradualmente, menos largo que a galeria e que estreitava na mesma proporção que a abóbada se baixava. O túnel terminava como o interior de um funil; contracção viciosa, imitada dos postigos das prisões, lógica numa cadeia, desarrazoada num cano, e que depois foi corrigida.

Jean Valjean chegou à saída.

Ali, parou.

Era, com efeito, a saída, mas não era possível sair.

O arco era fechado com uma fortíssima grade, e esta, segundo todas as aparências, girava raras vezes em seus gonzos oxidados, estava presa à ombreira de pedra por uma espessa fechadura, que vermelha de ferrugem, parecia um enorme tijolo. Via-se o buraco da chave e a enorme lingueta profundamente embutida no seu encaixe de ferro. A fechadura estava visivelmente fechada com dupla volta. Era uma daquelas fechaduras de Bastilhas, em que o velho Pans se mostrava pródigo.

Para além da grade, o ar livre, o rio, o dia, a encosta estreitíssima, mas suficiente para passar. Ao longe do cais, Paris, pego onde é tão fácil a qualquer ocultar-se, o amplo horizonte, a liberdade. Distinguia-se à direita olhando para baixo, a ponte de Iena, e à esquerda, olhando para cima, a dos Inválidos; o lugar, esperando a noite, era propício para a fuga. Era um dos pontos mais solitários de Paris; a encosta fronteira ao Gros-Caillou. Por entre os varões da grade entravam e saíam as moscas.

Seriam oito horas da tarde. Ia anoitecendo.

Jean Valjean pôs Mário no chão, encostado à parede e no sítio enxuto do escoadouro, em seguida foi direito à grade e deitou ambas as mãos aos varões; a sacudidela foi frenética, mas o abalo foi nulo.

A grade nem se moveu.

Jean Valjean experimentou os varões cada um por sua vez, esperando poder arrancar o menos sólido e fazer dele alavanca para levantar a porta ou quebrar a fechadura. Nenhum dos varões deu de si. Os dentes de um tigre não são mais sólidos em seus alvéolos. Nada de alavanca; nada de recurso possível. O obstáculo era invencível. Não havia meio de abrir a porta. Deveria acabar ali? O que faria? Que resolução deveria adoptar? Retroceder, recomeçar o medonho trajecto que já havia percorrido? Não se sentia com forças para isso. Depois, como atravessaria de novo aquele charco, não haveria aquela ronda da polícia, à qual, decerto, não escaparia duas vezes? Além disto, para onde iria? Que direcção deveria tomar? Seguir pelo declive, não era obter o fim. Chegaria a outra saída e achá-la-ia obstruída com uma rolha ou com uma grade. Todas as saídas estavam indubitavelmente fechadas do mesmo modo.

Não conseguira senão evadir-se para uma prisão.

Estava tudo acabado, fora inútil tudo quanto Jean Valjean fizera. O desalento terminava no aborto.

Estavam ambos presos na sombria e imensa teia da morte, e Jean Valjean sentia correr pelos seus negros fios, estremecendo no meio das trevas, a espantosa aranha.

Voltou as costas para a grade e sentou-se, ou melhor, caiu prostrado junto

de Mário, que continuava imóvel, e curvou a cabeça sobre os joelhos.

Não achar uma saída! Era a última gota da angústia!

Em quem pensava ele, no meio daquela incomensurável tortura?

Nem em si mesmo nem em Mário. Pensava em Cosette!

VIII — A aba do casaco rasgada

No meio da sua prostração, sentiu pousar-se-lhe uma mão no ombro e ouviu uma voz, dizendo-lhe em tom baixo:

— Repartamos.

Gente no meio daquelas trevas?

Jean Valjean supôs que sonhava, porque nada se assemelha tanto ao sonho como a angústia.

Não tinha ouvido passos.

Seria possível?

Levantou os olhos.

Diante dele achava-se um homem.

Este homem trajava uma blusa, estava descalço e tinha os sapatos na mão esquerda; decerto tirara-os para chegar até junto de Jean Valjean, sem ser pressentido.

Jean Valjean não hesitou um instante.

Apesar do imprevisto daquele encontro, conheceu logo quem tinha diante de si.

Aquele homem era Thenardier.

Posto que acordado, por assim dizer em sobressalto, Jean Valjean, afeito aos choques repentinos e aos golpes inesperados, que é necessário aparar logo, readquiriu imediatamente toda a sua presença de espírito. Além de que, a situação não podia piorar, porque a angústia, chegada a certo grau, não pode ir mais avante, de modo que nem o próprio Thenardier podia aumentar o negrume daquela escuridão.

Seguiu-se uma pausa.

Thenardier levou a mão direita à testa como para ver melhor, depois franziu as sobrancelhas, piscando os olhos, o que, com uma leve contracção de lábios, caracteriza a atenção sagaz de um homem que procurava reconhecer outro. Não pôde, porém, consegui-lo. Jean Valjean, como já dissemos, estava com as costas voltadas para a luz, e, além disso, achava-se por tal modo desfigurado com a lama e o sangue que o cobriam, que fora impossível reconhecê-lo, mesmo à claridade do dia. Pelo contrário, iluminado em cheio pela luz da grade, claridade de subterrâneo, é verdade, lívida, sim, mas precisa na sua lividez, Thenardier foi imediatamente reconhecido por Jean Valjean. Essa desigualdade de condições era bastante para assegurar a Jean

Valjean uma tal ou qual vantagem, no; misterioso duelo que se ia travar entre as duas situações e os dois homens.

O encontro tinha lugar entre Jean Valjean velado e Thenardier desmascarado.

Jean Valjean viu logo que Thenardier não o reconhecera.

Contemplaram-se ambos um momento, no meio daquela penumbra, como se previamente se quisessem medir.

Thenardier foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— E agora para saíres?

Jean Valjean não respondeu.

Thenardier continuou:

— Forçar a grade é impossível. Todavia, o que tu queres é sair.

— É exacto! — disse Jean Valjean.

— Nesse caso, repartamos.

— Que queres tu dizer com isso?

— Mataste o homem, fizeste muito bem! E eu tenho a chave.

Ao dizer isto, Thenardier apontava para Mário.

— Apesar de te não conhecer — prosseguiu ele — quero ajudar-te. Não podes deixar de ser um dos nossos.

Jean Valjean começou a entender. Thenardier tomava-o por um assassino.

O antigo estalajadeiro tornou:

— Escuta, camarada. Tu, com certeza, não matavas esse homem sem ver primeiro o que ele trazia nos bolsos. Dá-me metade que eu abro-te a porta.

E, mostrando parte de uma chave que trazia escondida por baixo da esburacada blusa, acrescentou:

— Queres ver com que te posso tirar desses assados? Olha.

Jean Valjean «ficou estúpido» — a frase é do velho Corneille — a ponto de duvidar que fosse real o que estava vendo. Era a Providência, sob um aspecto de horror; era o bom anjo surgindo da terra, sob a forma de Thenardier.

O estalajadeiro meteu a mão ao bolso da blusa, tirou uma corda e entregou-a a Jean Valjean.

— Toma — disse ele — ainda por cima te dou uma corda.

— Uma corda para quê?

— Também hás-de precisar de uma pedra, mas essa achá-la-ás lá fora, num monte de entulho que lá está.

— E para que quero eu a pedra?

— Pateta! Então não te é preciso uma corda e uma pedra para deitar o gajo ao rio, de modo que ele não fique a boiar na água?

Jean Valjean pegou na corda. Não há ninguém que não tenha destas

anuências maquinais.

Thenardier fez estalar os dedos, como se de súbito lhe tivesse acudido uma ideia, e exclamou:

— É verdade, camarada, como arranjaste tu para sair do atoleiro? Eu não me atrevi a meter-me nele. Puf! Não cheiras nada bem!

E, após uma pausa, acrescentou:

— Estou a fazer-te perguntas a que tu tens razão para não responder. Aprendi a ser confiado com certo juiz do meu conhecimento. E, demais, não dizendo a gente nada, não se arrisca a falar alto de mais. É o mesmo; por eu te não ver a cara nem te saber o nome, não cuides que não sei quem és nem: o que queres. Assim; eu soubera outras coisas! Deste um, piparote cá no amigo e agora o que desejas é metê-lo seja onde for, no rio, por exemplo, que é o grande encobre-asneiras! Vou tirar-te de assados. Eu cá dou o cavaco por ajudar a livrar um bom rapaz de entaladelas!

Ao mesmo tempo que fingia aprovar o silêncio de Jean Valjean, o empenho de Thenardier era, sem dúvida, obrigá-lo a falar. Deitou-lhe a mão ao ombro, a fim de poder vê-lo de perfil, e exclamou, sem contudo, altear mais a voz:

— A propósito do atoleiro, sempre te direi que és bruto como uma casa! Porque não deixaste lá o homem?

Jean Valjean não respondeu.

Thenardier continuou, puxando até ao nó da garganta o trapo que lhe servia de gravata, gesto que completa o ar grave de um homem sério:

— Para te falar a verdade, talvez fizesses bem. Os trabalhadores que amanhã hão-de vir tapar o buraco, com certeza encontrariam o gajo no meio da lama, e talvez, fio por fio, viessem a dar-te na pista e agarrar-te. Passou gente pelo cano. Quem foi? Por onde saiu? Viu-o alguém sair? A polícia é muito matreira! O cano é traiçoeiro e não põe reparo em denunciar um homem. Um achado desta natureza é uma raridade, que chama logo a atenção, porque poucos se servem dos canos para os seus negócios, ao passo que do rio todos se utilizam. O rio é a verdadeira cova. Ao cabo de um mês, encontra-se um homem nas redes de Saint-Cloud. E que tem lá isso? Quem matou esse homem? Paris. E a justiça não dá nem um passo! Fizeste bem!

Quanto mais Thenardier falava, mais Jean Valjean se conservava silencioso.

Thenardier tornou a pôr-lhe a mão no ombro.

— Agora concluamos o negócio. Repartamos. Viste a chave, mostra-me também o dinheiro.

Thenardier apresentava-se com ar desvairado, feroz, astuto, um tanto ameaçador, porém afável.

Dava-se uma estranha circunstância: os modos de Thenardier não pareciam

naturais; conhecia-se que tinha o que quer que fosse que o inquietava e posto não afectasse ar misterioso, falava em voz baixa; de tempos a tempos, punha o dedo na boca e murmurava:

— Chut!

Difícil, porém, seria adivinhar o motivo de tudo isto, porquanto ali só estavam eles. Jean Valjean lembrou-se de que talvez por ali perto estivessem mais alguns bandidos, com quem Thenardier não desejava muito repartir o que pudesse colher.

Thenardier continuou:

— Acabemos com isto. Quanto tinha o gajo nas ajambras?

Jean Valjean levou as mãos aos bolsos. Como estareis lembrados era costume seu trazer sempre consigo algum dinheiro. A sombria vida de expediente a que estava condenado assim lho tornava necessário. Desta feita, porém, foi apanhado desprevenido. No dia antecedente, à noite, ao vestir o seu uniforme de guarda nacional, tão lugubremente absorto se achava, que lhe esqueceu meter no bolso a carteira. Apenas trazia consigo alguns trocos no bolso do colete. Virou-o, todo cheio de lama, e pôs em cima da banqueta do cano um luís em ouro, duas moedas de cinco francos e cinco ou seis soldos.

Thenardier estendeu o beiço com uma torção de pescoço significativa.

— Por pouco te deste ao trabalho de lhe dar cabo da pele! — disse ele.

E, dizendo isto, principiou a apalpar com toda a familiaridade os bolsos de Jean Valjean e os de Mário. Jean Valjean, preocupado, acima de tudo, com a ideia de voltar a ser reconhecido, deixava-o

Ao apalpar Mário, Thenardier, com a destreza de um prestidigitador, achou meio de lhe rasgar uma aba do casaco, sem Jean Valjean dar fé e escondê-la debaixo da blusa, lembrando-se talvez de que aquele bocado de pano poderia, um dia, servir-lhe para descobrir o homem assassinado e o assassino. Contudo, não encontrou nada mais além dos trinta francos.

— Não há dúvida — disse ele — não vos encontrei mais nada.

E esquecendo a sua frase: repartamos, deitou a mão a tudo. A vista dos soldos, hesitou um pouco; porém, afinal, depois de reflectir, deitou-lhe também a mão, murmurando;

— Não importa! Sempre é estardar um gajo por bem pouco!

Em seguida, tirou novamente a chave debaixo da blusa.

— Agora, amigo, toca a sair. Isto aqui é como na feira, paga-se ao sair! Pagaste, portanto, podes sair.

E soltou uma gargalhada.

Quanto a nós, é duvidoso que Thenardier, prestando a um desconhecido o auxílio daquela chave e fazendo-o sair por aquela porta, tivesse a intenção

pura e desinteressada de salvar um assassino.

Thenardier ajudou Jean Valjean a pegar outra vez em Mário, depois dirigiu-se para a grade, em bicos de pés, acenando a Jean Valjean que o seguisse, espreitou para fora, pôs um dedo na bota e deteve-se alguns segundos, como que suspenso. Terminada a sua inspecção, meteu a chave na fechadura. A lingueta correu e a porta girou, sem estalido nem rangido, de qualidade alguma. Era visível que a grade e os gonzos, cuidadosamente azeitados, se abriam, mais vezes do que parecia. Aquele silêncio era sinistro; sentiam-se nele as entradas e saídas furtivas dos homens nocturnos e os passos cautelosos do crime. Evidentemente, o cano era cúmplice de alguma misteriosa quadrilha. Aquela grade taciturna era alguma receptadora.

Thenardier entreabriu a porta apenas o necessário para dar passagem a Jean Valjean, tornou a fechar a grade, com duas voltas, e meteu-se outra vez pelo meio da escuridão, sem fazer maior ruído que um sopro.

Parecia um tigre, caminhando pé ante pé. Daí por um instante, aquela hedionda Providência achava-se de novo submersa no invisível.

Jean Valjean achou-se da parte de fora.

IX — Onde Mário passa por morto aos olhos de quem não é fácil de enganar

Apenas se viu fora da grade, Jean Valjean deitou Mário na ribanceira.

Até que, finalmente, se via livre dos miasmas, da escuridão, do horror, e inundado de ar salubre, puro, vivaz, alegre, livremente respirável. Tudo em torno dele respirava silêncio, mas o silêncio aprazível do Sol, escondendo-se num horizonte límpido. Era a hora do crepúsculo.; aproximava-se a noite, a grande libertadora, a amiga de todos os que têm precisão de um manto de trevas para sair de uma angústia. O céu parecia sorrir-lhe serenamente. O rio vinha tocar-lhe os pés com o sussurro de um beijo. Ouvia-se o diálogo aéreo dos ninhos, despedindo-se nos olmos dos Campos Elíseos. Algumas estrelas, incrustadas no azul descorado do zénites e apenas visíveis aos olhos do pensador, cintilavam trémulas e quase imperceptíveis na imensidade do espaço. A tarde desenrolava por cima da cabeça de Jean Valjean todas as doçuras do infinito.

Era a hora indecisa e aprazível que não diz sim nem não. Havia já bastante escuridão para se não distinguir qualquer pessoa a alguma distância e ainda suficiente claridade para a podei reconhecer de perto.

Jean Valjean sentiu-se, durante alguns segundos, dominado por toda esta serenidade augusta e acariciadora; há destes momentos de esquecimento, em que o sofrimento renuncia a torturar o infeliz; eclipsa-se tudo no pensamento; a paz cobre o pensador com um véu de trevas, e, sob o crepúsculo, que

resplandece e à imitação do céu que se ilumina, a alma cobre-se de estrelas.

Jean Valjean não pôde deixar de contemplar a vasta escuridão clara que lhe ficava por cima; pensativo, tomava no majestoso silêncio do céu eterno um banho de êxtase e oração. Em seguida, por um movimento rápido, como se lhe voltasse a consciência do dever, curvou-se para Mário, e tomando uma pouca de água no côncavo da mão, deitou-lhe algumas gotas no rosto. As pálpebras do rapaz continuaram fechadas, porém a sua boca entreaberta respirava.

Ia Jean Valjean a meter outra vez a mão no rio, quando, de repente, experimentou essa espécie de sobressalto que nos acomete, quando, sem vermos, sentimos alguém por trás de nós.

Já noutra parte indicámos esta impressão, que toda a gente conhece.

Voltou-se.

Alguém, efectivamente, como há pouco, se achava por trás dele.

Era um homem de elevada estatura, vestindo um comprido casacão, e que, de braços cruzados, com uma grossa bengala de castão de chumbo na mão direita, contemplava o quase cadáver de Mário, meio agachado.

Parecia uma aparição, visto àquela indecisa claridade do fim do dia. Um homem simples ter-lhe-ia medo por causa do crepúsculo; um homem reflectido por causa da grossa bengala que ele empunhava. Jean Valjean reconheceu Javert.

Por certo que o leitor adivinhou que o perseguidor de Thenardier não era outro senão Javert.

Logo após a sua inesperada saída da barricada, Javert dirigira-se à prefeitura de polícia, teve uma breve audiência com o prefeito, a quem verbalmente fez o seu relatório, e saiu para dar cumprimento a uma incumbência de serviço, que consistia em vigiar a ribanceira da margem direita, junto aos Campos Elíseos, a qual havia certo tempo preocupava a atenção da polícia.

Chegado aí, encontrara Thenardier e seguira-o.

Fácil é de compreender que o serviço da abertura da grade, tão obsequiosamente prestado a Jean Valjean, fora uma habilidade de Thenardier, que, pressentindo ainda a presença de Javert por aqueles sítios, por essa espécie de faro de homem espiado., que nunca engana, entendeu que devia lançar um osso ao mastim para com ele se entreter. Um assassino! Que mina! Seria uma dessas fortunas que nunca se desprezam. Thenardier, fazendo sair Jean Valjean, dava uma presa à polícia, fazia-lhe largar a pista dele, conseguia ficar esquecido por uma aventura maior, recompensava Javert pelo tempo que o fizera esperar, o que sempre lisonjeia um espião, ganhava trinta francos e tinha toda a esperança de escapar, graças a semelhante diversão.

Jean Valjean passara de um escolho a outro.

Estes dois encontros, seguidos sem intermédio um após outro, eram horríveis.

Javert não reconheceu Jean Valjean, porque este, como já dissemos, não parecia o mesmo. Sem descruzar os braços e apenas apertando a bengala na mão com um movimento imperceptível, Javert disse em voz rápida, mas serena:

— Quem é você?

— Sou eu.

— Você quem?

— Jean Valjean.

Javert meteu a bengala entre os dentes, curvou o corpo, pousou as robustas mãos nos ombros de Jean Valjean, apertando-lhos como em dois tornos, examinou-o e reconheceu-o. Os seus rostos quase se tocavam.

O olhar de Javert era terrível.

Jean Valjean deixou-se apertar por Javert, como um leão que não resistisse às garras de um lince.

— Inspector Javert — disse ele — está senhor de mim! Já desde pela manhã que eu me considerava como seu prisioneiro. Não lhe disse onde morava para lhe fugir. Aqui me tem, porém Peço-lhe uma coisa.

Javert como que o não ouvia, tão distraído se achava a contemplá-lo. O seu queixo franzido: levantava-lhe os lábios até junto do nariz, sinal de feroz cogitação. Finalmente, largou Jean Valjean, endireitou-se como se fosse formado de uma peça inteiriça, abarcou na mão a bengala e proferiu, ou antes, murmurou, como num sonho, a seguinte pergunta:

— Que faz aqui? Quem é este homem?

O espião continuava a não tratar Jean Valjean por tu.

Jean Valjean respondeu e o som da sua voz pareceu despertar Javert:

— Justamente a respeito dele é que eu queria falar-lhe. Disponha de mim como lhe aprouver, mas ajude-me primeiro a conduzi-lo a casa dele. Não lhe peço outra coisa!

O rosto de Javert contraiu-se, como lhe sucedia todas as vezes que mostravam julgá-lo capaz de uma concessão. Contudo não disse que não.

Em seguida, baixou-se outra vez, molhou em água o lenço que tirara do bolso e correu-o pelo ensanguentado rosto de Mário.

— Este homem estava na barricada — disse ele a meia voz e como falando consigo mesmo. — É o tal a quem chamavam Mário.

Espião de primeira qualidade, que tudo observara, tudo escutara e tudo tomara nota, apesar de se julgar prestes a morrer; que até no meio da agonia

espiara, e debruçado no primeiro degrau do sepulcro tomara apontamentos.

Travou da mão de Mário e tomou-lhe o pulso.

— É um ferido — disse Jean Valjean.

— É um morto — respondeu Javert.

— Por enquanto não — tornou Jean Valjean.

— Então trouxe-o da barricada até aqui? — atalhou Javert.

Era necessário que a sua preocupação fosse muito grande para não insistir naquele singular meio de salvação pelo encanamento, nem ao menos reparar no silêncio de Jean Valjean depois da sua pergunta.

Pelo que respeita a este, parecia que um único pensamento o dominava. Por isso tornou:

— Mora no Marais, na rua das Mulheres do Calvário, em casa de seu avô... Já me não lembra o nome.

E, mal acabara de proferir estas palavras, meteu a mão num dos bolsos do casaco de Mário, tirou a carteira, abriu-a na página em que o rapaz escrevera a lápis a sua última recomendação e entregou-a a Javert.

Havia no ar bastante claridade flutuante para se poder ler. Além disso, os olhos de Javert possuíam a fosforescência felina das aves nocturnas. Por consequência, decifrou facilmente as poucas linhas escritas por Mário, e murmurou:

— Gillenormand, rua das Mulheres do Calvário, número 6.

Depois gritou:

— Cocheiro!

O cocheiro que Javert intimara em silêncio para o seguir esperava a pouca distância as ordens do espião.

Javert meteu no bolso a carteira de Mário.

Instantes depois, o carro descia pela rampa de que acima falámos e chegava junto do grupo formado pelos três.

Mário foi posto no assento do fundo e Javert sentou-se com Jean Valjean no da frente.

Fechada a portinhola, o carro afastou-se rapidamente, subindo pelos cais em direcção à Bastilha.

Saíram dos cais e entraram nas ruas. O cocheiro parecia apenas um vulto negro fustigando os magros cavalos. Dentro do carro era completo o silêncio. Mário, imóvel, encostado ao fundo, com a cabeça pendida para o peito, os braços caídos, as pernas inteiriçadas, parecia esperar apenas que o metessem em algum caixão; Jean Valjean parecia feito de sombra e Javert de pedra; e naquele carro cheio de escuridão, cujo interior, cada vez que ele passava por algum lampião, aparecia lividamente iluminado, como por um clarão

intermitente, o acaso reunia e parecia confrontar lugubremente as três imobilidades trágicas — o cadáver, o espectro e a estátua.

X — Regresso do filho pródigo

A cada balanço do carro, uma gota de sangue caía dos cabelos de Mário.

Era noite fechada quando o carro chegou à casa número 6 da rua das Mulheres do Calvário.

Javert, que foi o primeiro a apear-se, certificou-se com um relance de olhos do número da casa, e deitando a mão a um pesado martelo de ferro, adornado, segundo a antiga moda, com um bode e um sátiro em acção de se investirem, deu com ele uma forte pancada. Uma das meias portas abriu-se, e Javert, empurrando-a, deu com os olhos no porteiro, que acudira, ainda meio Adormecido, com uma vela na mão.

Em casa já todos se achavam deitados.

É esse o costume no Marais, principalmente em dias de tumulto. Este excelente e antigo bairro, quando a revolução o assusta, procura o refúgio do sono, como as crianças, quando ouvem o papão, metem rapidamente a cabeça entre os lençóis.

Ao mesmo tempo Jean Valjean, ajudado pelo cocheiro, tirava Mário para fora do carro, pegando-lhe um por baixo dos braços e outro pelas pernas.

Na ocasião em que isto fazia, Jean Valjean meteu a mão por baixo da roupa do rapaz, que se achava toda esburacada, apalpou-lhe o peito e viu que o coração ainda batia. Batia ainda com mais força, como se os balanços do carro lhe tivessem produzido uma reacção.

Javert dirigiu-se ao porteiro no tom que convém a uma autoridade que fala com o porteiro de um faccioso.

— Aqui é que mora um tal Gillenormand?

— Sim, senhor. Que deseja?

— Entregar o filho.

— O filho? — disse o porteiro, estupidamente admirado.

— Que vem morto.

Jean Valjean, que seguia atrás de Javert, e para quem o porteiro, ao vê-lo todo roto e sujo, olhava com certo horror, acenou-lhe com a cabeça que não.

O porteiro, porém, não deu mostras de ter percebido nem as palavras de Javert nem o sinal de Jean Valjean.

Javert continuou:

— Foi-se meter na barricada, agora ali o têm!

— Na barricada?! — exclamou o porteiro.

— Morreu porque quis! Mas vá acordar o pai.

O porteiro continuava imóvel.

— Então? Vamos! — tornou Javert.

E acrescentou:

— Amanhã haverá aqui um enterro.

Para Javert, os incidentes habituais dos caminhos públicos estavam classificados por ordem, de categoria, o que é o princípio da previdência e da vigilância, e cada eventualidade tinha o seu compartimento; os factos possíveis achavam-se, de algum modo, em gavetas, de onde saíam, chegada a ocasião, em quantidades variáveis; havia na rua barulho, tumulto, carnaval e enterro.

O porteiro limitou-se a acordar Biscainho.

Biscainho acordou Nicolette e esta acordou a tia Gillenormand.

Quanto ao avô, deixaram-no continuar a dormir, lembrando-se que a todo o momento era tempo de lhe dar a saber o que se passava.

Transportaram Mário para o primeiro andar, sem que ninguém mais de casa o pressentisse, e deitaram-no num velho canapé na antessala de Gillenormand. Enquanto Biscainho saía a procurar um médico e Nicolette tirava panos de linho de dentro dois armários, Jean Valjean sentiu que Javert lhe punha a mão no ombro.

Compreendeu e saiu imediatamente, seguido por Javert.

O porteiro viu-os partir, como os vira chegar, no meio de uma sonolência apavorada.

Meteram-no no carro e o cocheiro subiu para o seu lugar.

— Inspector Javert — disse Jean Valjean — conceda-me outro favor.

— Qual? — perguntou Javert com aspereza.

— Deixe-me chegar a casa só por um instante. Depois faça de mim o que quiser!

Javert deteve-se alguns instantes silencioso, com a cabeça pendida para o peito, e, por fim, exclamou, baixando a vidraça da frente:

— Cocheiro, para a rua do Homem Armado, número 7.

XI — Abalo no absoluto

Em todo o resto do caminho não tornaram a trocar uma só palavra entre si. Que tinha Jean Valjean em vista?

Acabar o que tinha principiado; avisar Cosette, dizer-lhe onde estava Mário, dar-lhe talvez mais algum esclarecimento útil, tomar, se lhe fosse possível, certas disposições supremas.

Quanto ao que pessoalmente lhe dizia respeito, nada mais tinha a fazer; Javert prendera-o, ele não lhe resistia.

Na sua situação, outro qualquer talvez se lembrasse da corda que lhe dera Thenardier e das grades do primeiro cárcere em que fosse metido. Ele, porém, não.

Desde a época do seu encontro com o bispo, Jean Valjean sentia uma profunda hesitação religiosa em presença de qualquer atentado, ainda mesmo contra si.

O suicídio, pois, essa misteriosa violência contra o incógnito, a qual, até certo ponto, pode encerrar a morte da alma, tornava-se impossível a Jean Valjean.

A entrada da rua do Homem Armado, o carro parou, por ser a rua tão estreita, que os carros não podiam passar.

Javert e Jean Valjean apearam-se.

O cocheiro representou humildemente ao «senhor inspector» que o veludo de Utrecht, de que era forrado o seu carro, estava todo sujo de sangue do homem assassinado e da lama do assassino. Era isto o que ele supunha, pelo que vira. Acrescentou que se lhe devia uma indemnização, e, ao mesmo tempo, tirando do bolso um pequeno caderno, rogou ao senhor inspector que tivesse a bondade de lhe passar um «atestadozinho em como prestara o auxílio do seu carro para aquela diligência».

Javert repeliu o caderno que o cocheiro lhe apresentava e disse:

— Quanto se te deve por tudo?

— Sete horas e um quarto — respondeu o cocheiro — e o veludo estava ainda em folha. Oitenta francos, senhor inspector.

Javert tirou do bolso quatro napoleões e despediu o carro.

Jean Valjean supôs que a intenção de Javert era conduzi-lo a pé ao posto de Blancs-Manteaux ou ao dos Arquivos, que ficam próximos.

Entraram na rua, que se achava deserta, como de costume. Jean Valjean ia adiante. Chegaram ao número 7.

Bateu Jean Valjean. A porta abriu-se.

— Está bem — disse Javert. — Suba.

E acrescentou com estranha expressão e como se fizesse um esforço para assim falar:

— Eu espero-o aqui.

Jean Valjean fitou os olhos em Javert.

Este modo de proceder estava pouco em harmonia com os hábitos do espião. Não podia, porém, maravilhar-se muito de que Javert depositasse agora nele uma espécie de confiança altiva, a confiança do gato que concede ao rato uma liberdade Circunscrita ao comprimento das garras, visto que Jean Valjean estava resolvido a entregar-se e a findar por uma vez. Abriu a porta, entrou, gritou ao porteiro, que já estava deitado, e que, mesmo da cama, puxara pelo cordão:

— Sou eu!

E subiu a escada.

Chegado ao primeiro andar, parou. Todas as vias dolorosas têm estações. A janela do patamar, que era de peitoril, achava-se aberta. Como em muitas casas antigas a escada recebia luz por esta janela, a qual deitava para a rua. Exactamente defronte, ficava um lampião, que derramava alguma claridade sobre os degraus, o que era uma economia de luzes.

Jean Valjean, ou com o fim de tomar ar ou maquinalmente, deitou a cabeça fora da janela e olhou para a rua. Como era pouco extensa, o lampião iluminava-a de uma extremidade à outra. Jean Valjean teve um deslumbramento de pasmo, ao vê-la completamente deserta.

Javert tinha-se ausentado.

XII — O avô

Biscainho e o porteiro haviam transportado Mário para o salão, onde continuava imóvel no canapé em que o tinham deitado, ao chegar. Acudira o médico, que havia sido chamado, e a tia Gillenormand levantara-se.

Ela andava de um lado para outro, aferrada, de mãos juntas e incapaz de fazer mais nada do que dizer:

— Deus de misericórdia! Parece uma coisa impossível!...

E acrescentava às vezes:

— Não tardaremos a nadar todos em sangue!

Passados os primeiros momentos de horror, o seu espírito abriu-se a certa filosofia da situação, que se traduziu por esta exclamação:

— Aí está no que tudo veio a parar! — sem, todavia, acrescentar o «bem o dizia eu», que é de uso em ocasiões análogas.

Por ordem do médico, foi colocada uma cama de lona junto do canapé.

O médico examinou Mário, e depois de se ter certificado de que o pulso persistia, de que o ferido não tinha no peito nenhuma ferida muito profunda e que o sangue dos cantos da boca provinha das fossas nasais, fê-lo deitar ao comprido na cama, sem travesseiro, com a cabeça no mesmo plano que o corpo, e até um pouco mais baixa, descoberto até à cintura para facilitar a respiração.

Ao ver que tratavam de despir Mário, a filha de Gillenormand retirou-se e recolheu-se ao quarto a rezar as suas contas.

O tronco estava isento de lesão interna; uma bala, amortecida pela carteira, resvalara ao longo das costelas, fazendo um medonho rasgão, pouco profundo, e, por consequência, sem perigo. A extensa marcha subterrânea acabara de deslocar a clavícula quebrada, agravando, deste modo, o ferimento. Os braços estavam cheios de cutiladas. Nenhum golpe lhe desfigurava o rosto, porém a cabeça tinha-a cheia deles. Que se seguiria

destas feridas na cabeça? Seriam apenas na pele ou teriam penetrado o crânio? Ainda era cedo para o saber. Um sintoma grave é que os ferimentos na cabeça tinham causado o desmaio e nem sempre despertam os que caem nesses desmaios. Além disto, a hemorragia tinha extenuado o ferido. Da cintura para baixo, o corpo não sofrera nada, protegido, como se achara, pela barricada.

Biscainho e Nicolette rasgavam pano e preparavam ligaduras; Nicolette cosia-as, Biscainho enrolava-as.

A míngua de fios, o médico estancara o sangue provisoriamente com chumaços de algodão.

Ao lado da cama ardiam três velas sobre uma mesa, na qual se via aberto o estojo cirúrgico.

O médico lavou o rosto e os cabelos de Mário com água fria.

Era tal a quantidade de sangue coagulado, que um balde de água ficou vermelho no mesmo instante.

O porteiro alumiava, com uma vela que tinha na mão, todas as operações do tratamento.

O médico parecia tristemente preocupado.

De espaço a espaço fazia com a cabeça um aceno negativo, como se respondesse a alguma pergunta que a si mesmo dirigisse.

Mau sinal para o doente estes diálogos de um médico consigo mesmo.

No momento em que o clínico enxugava o rosto do ferido e lhe tocava ao de leve com o dedo as pálpebras, que ele continuava a ter fechadas, abriu-se uma porta no fundo da sala e deu passagem a um vulto esguio e pálido. Era o avô.

Havia dois dias que os tumultos em extremo agitavam, indignavam e preocupavam Gillenormand. Não pudera dormir na noite precedente e todo o dia estivera a arder em febre. À noite, deitara-se muito cedo, recomendando que fechassem bem todas as portas, e adormeceu profundamente de extenuado que se encontrava.

Os velhos têm o sono leve. O quarto de Gillenormand ficava contíguo à sala, de modo que, apesar das maiores precauções, acordara com o motim que não foi possível deixar de fazer. Admirado de ver luz por entre as fendas da porta, saltara abaixo da cama e dirigira-se para ela às apalpadelas.

Parado no limiar, com uma das mãos no trinco da porta entreaberta, a cabeça trémula um pouco inclinada para diante, coberto com um estreito roupão branco, direito e sem pregas, como uma mortalha, parecia, com o seu ar espantado, um fantasma olhando para o túmulo.

Ao avistar na cama aquele rapaz coberto de sangue, com o rosto branco como cera, os olhos fechados, a boca aberta, os lábios roxos, nu até à cintura,

crivado de feridas, imóvel, no meio de uma luz vivíssima, Gillenormand sentiu, desde a cabeça até aos pés, o estremecimento de que podem ser capazes membros ossificados; os olhos, cuja córnea a idade lhe amarelecera, cobriram-se-lhe de um fulgor vítreo; o seu rosto tomou instantaneamente a cor plúmbea de uma cabeça de esqueleto; os braços caíram-lhe desfalecidos, como se lhes quebrasse a mola que os sustentava, e o seu pasmo traduziu-se pelo afastamento dos dedos de suas trémulas mãos; os joelhos curvaram-se-lhe, deixando ver pela abertura as pobres pernas nuas, eriçadas de cabelos brancos, e murmurou:

— Mário!

— Senhor — disse Biscainho — acabam agora mesmo de o trazer. Foi-se meter na barricada e...

— Morreu! — exclamou o velho com voz terrível. Ah, facínora!

Uma espécie de transfiguração sepulcral se operou então naquele velho, restituindo-lhe o vigor de um rapaz.

— Senhor — disse ele — visto ser o médico, diga-me uma coisa antes de mais nada. Ele está morto, não é assim?

O médico, profundamente angustiado, permaneceu silencioso.

Gillenormand tornou, torcendo as mãos e soltando uma medonha gargalhada:

— Morreu! Morreu!... Era tal o ódio que me tinha, que quis ir morrer numa barricada! Foi contra mim que ele fez isto! Ah, sanguinário! Em que estado ele me volta a casa! Miséria das misérias! Morto!

Em seguida, chegou-se a uma janela, abriu-a de par em par, como se receasse abafar, e, em pé diante da escuridão, principiou a falar para baixo, por entre as trevas da noite:

— Tratante! Aparecer-me aqui neste estado! Cheio de cutiladas, degolado, exterminado, retalhado, feito em postas! Já se viu uma coisa assim?! Ele bem: sabia que eu o esperava, que lhe tinha mandado preparar o quarto e posto à cabeceira da minha cama o seu retrato, tirado quando ele era pequeno! Bem sabia que, se não voltasse, era porque não queria, porque eu há muitos anos o esperava e passava as noites ao fogão com as mãos sobre os joelhos, sem saber o que havia de fazer, como um pateta! Bem sabias isto; bem sabias que não tinhas mais do que voltar e dizer: «Sou eu!» e que serias o dono da casa e que farias de mim. O que bem te parecesse! Bem o sabias, mas disseste lá contigo: É um realista, não quero nada com ele!» E foste Meter-te nas barricadas e procurar a morte por maldade! Só para te vingares do que eu te disse a respeito do senhor duque de Berry! Oh, isto é infame! Deite-se lá uma pessoa e durma descansadamente para acordar e vê-lo naquele estado,

morto!...

O médico, que principiava a inquietar-se por dois lados, desamparou Mário por um instante, e dirigindo-se para Gillenormand, travou-lhe do braço.

O ancião voltou-se, fitou-o com os olhos descomunalmente abertos e purpureados de sangue, e disse-lhe serenamente:

— Obrigado, senhor! Não tenha receio, eu sei ser homem; vi morrer Luís XVI, sei arrostar os revezes! Uma ideia, porém, que eu não posso tolerar, é a de que a causa de todo o mal são os vossos jornais. Haveis de ter escrevinhadores, faladores, advogados, oradores, tribunas, discussões, progresso, luzes, direitos de homem, liberdade de imprensa, para nos trazerdes a casa os filhos neste estado! Ah, Mário! Isto é abominável! Morto! Morrer primeiro do que eu! Uma barricada! Ah, facínora!... Doutor, mora por aqui perto, não? Oh, eu bem o conheço! Vejo da minha janela passar o seu carro. Ora escute. Engana-se se cuida que estou agastado. Agastar-se a gente contra um cadáver é uma estupidez! Eu criei esse rapaz. Já eu era velho e ele ainda era criança. Brincava nas Tulherias com um sachozinho e um carrinho, e, para os guardas não lhe ralharem, eu ia tapando com uma bengala os buracos que ele ia fazendo com o sacho. Um dia gritou: «Abaixo Luís XVIII!» e ninguém mais soube dele. Não tive culpa nenhuma. Era corado e louro. A mãe tinha-lhe morrido. Tem notado que todas as crianças são louras? Porque será? É filho de um desses salteadores do Loire, mas os filhos não têm culpa nos crimes dos pais. Ainda me lembro de quando ele era pequenino! Muito lhe custava a pronunciar os dd. Tinha um modo de falar tão doce e tão pouco claro, que parecia um pássaro! Lembro-me que, uma vez, diante do Hércules Farnesio, Rodearam-no umas poucas de pessoas para o ver e admirar, tão lindo era! Tinha uma cabeça como as que se vêem nas pinturas. Eu engrossava a voz e metia-lhe medo com a bengala, mas ele bem sabia que era a rir! De manhã, quando entrava no meu quarto, ralhava-lhe, mas vê-lo a ele era como se visse o Sol! A gente não pode resistir a estes pequerruchos! Agarram-se, prendem-se, nunca mais nos largam! O que é facto é que não havia pequerrucho mais lindo. Agora que me diz dos senhores Lafayettes e Benjamins Constants, dos senhores Tirecuirs de Corcelles, que mo puseram neste estado? Oh, isto não se pode sofrer!...

Acercou-se de Mário, que continuava lívido e imóvel, e para junto do qual voltara o médico, e principiou de novo a torcer os braços, agitando os pálidos lábios quase maquinalmente e proferindo, ou antes, gemendo palavras quase indistintas, que mal se ouviam:

— Ah, desalmado! Clubista! Celerado! Setembrista!

Surdas exprobrações de um agonizante contra um cadáver.

Pouco a pouco, como é necessário que as erupções interiores achem por onde dilatar-se, voltou-lhe o encadeamento das palavras, mas parecia que já não tinha força para as pronunciar. A sua voz tinha-se tornado a tal ponto surda e débil, que parecia vir do outro lado de um abismo.

— Mas é o mesmo; também, não tardarei a morrer! E não haver em Paris uma desavergonhada que quisesse fazer a ventura deste maroto?! Um patife, que, em lugar de se divertir e levar boa vida, foi bater-se e aparar as balas, como um pedaço de asno! E por quem e para quê? Pela república! Em vez de ir dançar para a Chaumière, como devem fazer todos os rapazes! De que lhe servia então ter vinte anos? A república, asneira chapada! Pobres mães, aí está para que dais o ser a filhos bonitos! Lá vai, morreu! Serão dois enterros que terão de sair pela mesma porta! Deixaste pôr-te nesse estado pelos belos olhos do general Lamarque! Que te tinha feito o general Lamarque? Um mata-mouros, um falador eterno! Matar-se por um morto! Se isto não é de fazer endoidecer! Se isto tem algum jeito! Aos vinte anos! E nem ao menos olhar para trás a ver o que deixava! Agora têm os pobres velhos de morrerem sozinhos!... Enfim, eu já esperava por isto mesmo; morrerei também! Não sou eu tão novo! Tenho cem anos, cem mil anos; há muito que devia ter morrido! Mas agora é certo! Graças a Deus, até que finalmente! Para que estão a fazê-lo respirar amoníaco e toda essa fera unida de drogas? É tempo perdido, senhor doutor das dúzias! Ainda lhe acudia a tempo! Morto está ele e bem morto! Basta que o diga eu, que também estou morto! Não esteve lá com meias medidas! Oh, o tempo de agora é infame, infame, infame;! Aí está o meu juízo a respeito de vós, das vossas ideias, sistemas, oráculos, doutores, escrevinhadores, filósofos de borra e de todas as revoluções que há sessenta anos sobressaltam os bandos de corvos das Tolherias! E, uma vez que não tiveste piedade comigo, deixando-te morrer dessa maneira, também eu não hei-de chorar-te a morte. Ouves, assassino?

Neste momento, Mário abriu vagarosamente as pálpebras, e o seu olhar, ainda embaciado pelo pasmo letárgico, fitou-se em Gillenormand.

— Mário! — bradou o ancião. — Mário! Meu Mariozinho! Meu filho! Meu querido filho! Abres os olhos, olhas para mim; ainda estás vivo! Deus to; pague!

E caiu desfalecido.

LIVRO QUARTO — JAVERT DESVAIRADO

I — Reflexões de Javert

Javert retirara-se vagarosamente da rua do Homem Armado, com a cabeça inclinada, pela primeira vez na sua vida, e, pela primeira vez na sua vida igualmente, com as mãos atrás das costas.

Até àquele dia, Javert apenas imitara de Napoleão a primeira das suas duas atitudes, expressiva de resolução — os braços cruzados sobre o peito; a das mãos atrás das costas, expressiva de incerteza, essa era-lhe desconhecida. Agora, porém, operara-se nele uma mudança: toda a sua pessoa, lenta e sombria, inculcava ansiedade,

Embrenhou-se nas ruas silenciosas.

Contudo, seguia uma direcção.

Tomou o caminho mais curto para o Sena, em direcção aos cais dos Olmos, costeou-os, passou a Greve e parou a pequena distância do posto da praça do Chatelet, à esquina da ponte de Nossa Senhora, onde o Sena forma, entre a ponte de Nossa Senhora e o Pot-au-Change de um lado e entre o cais da Megisserie e o das Flores do outro, uma espécie de lago quadrado, atravessado por uma torrente. Este ponto do Sena é temido dos navegantes.

Nada mais perigoso do que aquela torrente, naquela época apertada e embravecida pelas estacas do moinho da ponte, hoje demolido. As duas pontes, tão próximas uma à outra, aumentam o perigo; a água corre com medonha velocidade por baixo dos arcos, acumulando-se em cachões terríveis, que vão bater de encontro aos pilares das pontes, como se tentassem arrancá-los com grossas cordas líquidas. Quem ali cai nunca mais torna a aparecer e os melhores nadadores ali se afogam.

Javert firmou os cotovelos no parapeito, apoiou o queixo entre as mãos, afagando convulsivamente as espessas suíças e embrenhou-se em profunda cogitação.

Uma novidade, uma revolução, uma catástrofe, acabava de se dar nele; por isso era necessário que se examinasse.

Javert sofria dolorosamente.

Havia duas horas que ele perdera a sua habitual serenidade. Estava perturbado; aquele cérebro, tão límpido no meio da sua cegueira, havia perdido a sua transparência; tornara-se um como cristal embaciado. Javert sentia na sua consciência a transgressão de um dever e não podia dissuadi-lo a si próprio. Quando tão inopinadamente se encontrara com Jean Valjean na ribanceira do Sena, experimentara um sentimento semelhante ao do lobo que torna a apoderar-se da presa e ao do cão que depara de novo com o dono.

Via abertos diante de si dois caminhos, ambos direitos, mas eram dois, e esta vista amedrontava-o, porque ele nunca na sua vida conhecera senão uma linha recta.

E, angústia pungente!, estes dois caminhos eram opostos! Qualquer destas duas linhas rectas excluía a outra.

Qual delas era a verdadeira?

A sua situação era inexprimível.

Dever a vida a um malfeitor; aceitar esta dívida e pegá-la; achar-se, mau grado seu, ao nível de um reincidente e pagar-lhe serviço por serviço; consentir que ele lhe dissesse: «Vai-te embora!» e dizer-lhe a seu turno: «Estás livre!» Sacrificar a motivos pessoais o dever, essa obrigação geral, e sentir nesses motivos pessoais alguma coisa de geral e talvez até de superior; trair a sociedade para permanecer fiel à consciência; eis o que o aterrava — a realização de todos estes absurdos, a ideia de os ver acumulados sobre a sua cabeça.

Uma coisa o maravilhava, e vinha a ser que Jean Valjean o tivesse poupado; outra coisa o petrificava, e vinha a ser que ele, Javert, tivesse poupado Jean Valjean.

Que aberração era esta?

Quanto mais o indagava, menos o sabia.

Que fazer agora?

Entregar Jean Valjean, era mau; deixar Jean Valjean livre, mau era.

No primeiro caso, o homem da autoridade descia abaixo do homem das galés; no segundo, subia um forçado acima da lei e calcava-a aos pés.

Em ambos os casos resultava desonra para Javert.

Qualquer que fosse a resolução por ele tomada, tinha de se rebaixar. O destino tem certas extremidades que deitam a prumo sobre o impossível e para além das quais a vida é um precipício.

Javert achava-se numa dessas extremidades.

Uma das coisas que mais o torturavam era ver-se constrangido, a reflectir, ao que a própria violência de todas as emoções contraditórias que sentia o obrigava.

Reflectir, para ele era uma coisa desacostumada e singularmente dolorosa.

Há sempre na reflexão uma certa quantidade de rebelião íntima, com que ele se irritava.

A reflexão sobre qualquer objecto estranho ao circunscrito círculo das suas funções era sempre para ele uma coisa escusada e molesta, mas a reflexão sobre o que naquele dia tinha passado era uma tortura.

Após semelhantes abalos, porém, era-lhe forçoso meter a mão na

consciência e sujeitar-se a um rigoroso exame consigo mesmo.

O que ele acabava de praticar fazia-o estremecer. Contra todos os regulamentos da polícia, contra toda a organização social e judiciária, contra o código inteiro, houvera Por bem soltar um homem que devia prender, porque assim lhe convinha; sacrificar aos seus os negócios públicos não era abuso inqualificável? De cada vez que reflectia sobre o nefando acto que cometera estremecia desde a cabeça até aos pés. Que resolução deveria ser a sua? Restava-lhe apenas um recurso: voltar a toda a pressa à rua do Homem Armado e dar voz de prisão a Jean Valjean. Era evidente que era isto o que ele devia fazer, mas não podia.

Um obstáculo indefinível lhe obstruía esse caminho.

Um obstáculo? De que qualidade? Pois no mundo existe mais alguma coisa além dos tribunais, das sentenças executórias, da polícia e da autoridade?

Javert sentia-se estranhamente agitado.

Um criminoso das galés sagrado! Um forçado inacessível à justiça! e isto por causa de Javert!

Pois não era de fazer horror a ideia de que Javert e Jean Valjean, o executor da lei e o criminoso, chegassem ao ponto de calcar a lei, de lhe serem superiores?

Pois haviam de dar-se monstruosidades desta natureza e a impunidade seria o único resultado?

Ficar livre Jean Valjean, como se fosse superior a toda a ordem social, e ele a continuar a comer o pão do governo!

As suas cogitações gradualmente :se tornavam terríveis.

No meio de tudo isto, pudera também acusar-se do modo como procedera relativamente ao insurgente que fizera transportar para a rua das Mulheres do Calvário, mas nem tal coisa lhe lembrava.

A falta maior fazia esquecer a menor.

Além disso, o insurgente era, evidentemente, um homem morto, e, legalmente, a morte obsta a qualquer procedimento da justiça.

Jean Valjean, esse é que era o seu pesadelo.

Jean Valjean desvairava-o.

Em presença desse homem, caíam por terra todos os axiomas que tinham sido a norma da sua vida até então.

Torturava-o a lembrança da generosidade de Jean Valjean para com ele.

Outros factos de que ele se recordava, e que, noutro tempo, apodara de mentiras e de loucuras, agora voltavam-lhe como realidade.

Por trás de Jean Valjean aparecia Madelaine, e as duas figuras sobrepunham-se de modo que não formavam senão uma só, que era

veneranda.

Javert via-se a braços com um sentimento horrível — o da admiração por um forçado.

Pois era possível sentir-se tomado de respeito diante de um criminoso das galés?

Este sentimento apavorava-o e não podia esquivar-se-lhe.

Por mais que forcejasse, via-se constrangido a confessar no seu foro íntimo a sublimidade de semelhante miserável.

Odiosa coisa!

Um malfeitor benfazejo, um forçado compadecido, meigo, prestável, clemente, tomando o bem pelo mal, perdoando a quem o odiava, preferindo a compaixão à vingança, preferindo até perder-se a perder um inimigo, salvando quem o tinha hostilizado, ajoelhado no cume da virtude, com mais de anjo do que de homem; Javert via-se forçado a confessar que semelhante monstro existia!

Isso não podia durar assim.

É certo que ele não se rendera sem resistência àquele monstro, àquele anjo infame, àquele herói hediondo, que quase lhe causava tanta indignação como pasmo.

Inúmeras Vezes, quando se achara cara a cara com Jean Valjean dentro do carro, o tigre legal rugira interiormente.

Inúmeras vezes lhe veio a tentação de se arremessar sobre Jean Valjean e devorá-lo, queremos dizer, prendê-lo.

Em verdade, nada mais simples. Bastaria gritar ao primeiro posto, diante do qual passasse:

— Aqui vai um reincidente fugido das galés!

Bastaria chamar os gendarmes e dizer-lhes:

— Este homem pertence-lhes!

E continuar o seu caminho, deixando-lhes entregue aquele condenado, sem se importar nem querer saber de mais nada.

Este homem é um prisioneiro da lei; a lei fará dele o que lhe aprouver.

Haveria coisa mais justa?

Javert tinha reflectido sobre tudo isto: quisera fazer mais alguma coisa, prender o homem, e então, como agora, não pudera; e de cada vez que levantara convulsivamente a mão para a deitar a Jean Valjean, tornara a deixá-la cair, como se um peso enorme lha sujeitasse, e ouvira no fundo do seu pensamento uma voz, uma estranha voz que lhe bradasse:

— Está bem. Entrega o teu salvador. Depois manda vir a bacia de Pôncio Pilatos e lava as garras!

Em seguida, volvia a reflectir sobre si mesmo, e, ao confrontar-se com Jean Valjean, sentia-se rebaixado.

Ser seu benfeitor um forçado!

Mas também para que não se deixara matar às mãos de semelhante homem? Naquela barricada, o seu dever era morrer, e devia tê-lo posto em execução. Chamar os outros insurgentes contra Jean Valjean, fazer-se fuzilar à força, eis o que ele deveria ter feito.

A sua suprema angústia era a desaparição da certeza. Sentia-se desarreigado. Já não tinha na mão senão um fragmento do código. Experimentava escrúpulos de natureza desconhecida; dava-se nele uma revolução sentimental, inteiramente distinta da afirmativa legal, única norma do seu proceder até àquela data. Não era bastante permanecer na antiga honestidade. Surgia uma ordem completa de factos inesperados que o subjugava. Despontava-lhe na alma um mundo inteiramente novo; o benefício aceito e retribuído, a dedicação, a misericórdia, a indulgência, as violências feitas pela piedade à austeridade, a distinção de pessoas, o termo da condenação; definitiva, a possibilidade de uma lágrima nos olhos da lei, uma certa justiça segundo Deus, caminhando em sentido inverso da justiça segundo os homens. Javert avistava no meio das trevas o medonho despontar de um sol moral desconhecido, que o horrorizava e deslumbrava. Mocho constrangido a olhares de águia.

Convencia-se de que, efectivamente, havia excepções, que a autoridade podia ser confundida, que a regra podia estacar perante um facto, que nem tudo ajustava no texto do código, como num molde, que havia casos imprevistos a que era forçoso obedecer, que a virtude de um forçado podia armar laços à virtude de um funcionário, que o monstruoso podia tornar-se divino, que o destino tinha destas ciladas, e não podia esquivar-se à angustiosa lembrança de que ele mesmo fora vítima de uma surpresa.

Via-se na necessidade de confessar que a bondade existia. Aquele forçado tinha sido bom. E até ele, maravilhosa coisa!, acabava de dar uma prova de bondade. Por conseguinte, é porque se ia a depravar.

Achava-se cobarde. Tinha horror a si mesmo.

Para Javert, o ideal não era ser humano, nem grande nem sublime; era ser irrepreensível.

Ora ele acabava de se mostrar digno de censura.

Como chegara ele a isso? Como se tinha passado tudo isto?

Nem ele próprio o soubera dizer. Apertava as mãos na cabeça, mas, apesar dos seus esforços, não conseguia achar explicação.

Fora sempre decerto intenção sua entregar Jean Valjean à lei, de que este

era cativo e Javert escravo. Nem pelo pensamento lhe passara, enquanto o tivera em seu poder, soltá-lo. Fizera-o, para assim dizer, sem consciência do que fazia.

Mil dúvidas se lhe suscitavam no espírito. Interrogava-se e as respostas que a si mesmo dava aterravam-no.

Perguntava, ele:

«Esse forçado, esse desesperado que persegui incessantemente e que me teve debaixo dos pés, podendo então vingar-se, que o devia mesmo fazer, não só por ódio como para sua segurança, que fez ele em me poupar a vida? O seu dever? Não. Mais do que isso. E eu em lhe perdoar o que fiz? O meu dever? Não. Mais do que isso. Pois há alguma coisa superior ao dever?»

A esta lembrança, Javert estremecia; a sua balança deslocava-se; uma das conchas descia até ao abismo, a outra subia até ao Céu, e Javert não se assustava menos com a que subia do que com a que descia.

Sem ser de modo nenhum o que chamamos voltairiano, filósofo ou incrédulo, pelo contrário respeitoso por instinto para com a igreja estabelecida, não a conhecia senão como um fragmento augusto do todo social; a ordem era o seu dogma, e bastava-lhe; desde que era empregado pusera sempre na polícia quase toda a sua religião, sendo espião — empregamos aqui as palavras sem a menor ironia e na sua mais séria acepção — sendo espião como qualquer seria padre. Tinha um superior: o senhor Gisquet; até àquele dia, nunca pensara nesse outro superior—Deus.

Esse novo chefe apresentava-se-lhe inesperadamente e incomodava-o.

Desorientava-o esta inesperada presença; não sabia qual devia ser o seu procedimento para com este superior, ele que não ignorava que o subordinado é obrigado a curvar-se sempre, que não deve nem desobedecer, nem censurar, nem discutir, e que, defrontado com U superior que o espante, o único recurso do inferior é demitir-se.

Mas como conseguir dar a sua demissão a Deus?

Como quer que fosse, o seu pensamento constante era que ele acabava de cometer uma medonha infracção. Acabava de dar alta a um criminoso fugido das galés. Acabava de soltar um forçado. Acabava de roubar às leis um homem que lhes pertencia. Fizera isto. Não se conhecia. Desconfiava de si mesmo. Até as razões da sua acção lhe escapavam, apenas sentia a vertigem. Tinha vivido, até então, dessa fé cega que produz a probidade tenebrosa. Essa fé abandonava-o, essa probidade desamparava-o. Dissipava-se quanto ele acreditara e via-se perseguido inexoravelmente por verdades que ele não queria reconhecer. Era necessário agora ser outro homem. Javert sofria as singulares dores de uma consciência subitamente operada da catarata. Via o

que lhe repugnava ver. Sentia-se vazio, inútil, deslocado da sua vida passada, destituído, dissolvido. A autoridade morrera nele. Já não tinha razão de ser.

Terrível situação! Estar a tal ponto impressionado!

Ser o granito e duvidar! Ser a estátua do castigo fundida de um jacto no molde da lei, e, de súbito, dar fé de um não sei quê absurdo e indócil por baixo do peito de bronze, que quase parecia um coração! Chegar a ponto de pagar o bem com o bem, posto que, até então, reputasse aquele bem como o mal! Ser cão de guarda e não morder! Ser gelo e não derreter! Ser tenaz e tornar-se mão! Sentir abrirem-se-lhe de repente os dedos! Largar a presa! Coisa medonha!

O homem não sabendo já o seu caminho e recuando!

Ser obrigado a confessar que a infalibilidade não é infalível, que pode haver erro no dogma, que um código não prevê tudo, que a sociedade não é perfeita, que a autoridade é complicada ide hesitação, que pode dar-se um abalo no imutável, que os juízes são homens, que a lei pode enganar-se, que os tribunais podem errar! Ver uma fenda na imensa vidraça azul do firmamento!

O que se passava em Javert era o Fampoux de uma consciência rectilínea, o extravio de uma alma, o esmagamento de uma probidade irresistivelmente lançada em linha recta e despedaçando-se em Deus. De certo era singular que o fogueiro da ordem, o maquinista da autoridade, montado no cego cavalo de ferro de via rígida, pudesse ser prostrado por um relâmpago! Que o incomunicável, o directo, o geométrico, o passivo, o perfeito, pudesse falhar!

Deus sempre no interior do homem, e ele, a verdadeira consciência, refractário à falsa; proibição à faísca de apagar-se; ordem ao raio de se recordar do Sol; intimação à alma para reconhecer o verdadeiro absoluto, quando confrontado com o absoluto fictício; a humanidade imperdível; o coração humano inadmissível; acaso Javert compreendia este esplêndido fenómeno, o mais belo talvez de nossos prodígios íntimos? Acaso Javert o penetrava? Acaso o conhecia? Por certo que não. Porém, sob a pressão deste incompreensível incontestável, sentia entreabrir-se-lhe o crânio.

Javert era mais a vítima que o transfigurado deste prodígio. Sofria-o, desesperado. Em tudo isto não via mais do que uma imensa dificuldade de existir. Parecia-lhe que sentia a respiração para sempre opressa.

Ter por cima da cabeça o incógnito era coisa a que não estava acostumado.

Até então, tudo o que vira por cima de si afigurara-se-lhe uma como superfície clara, simples, límpida, em que não havia nada de ignorado, nem de obscuro nada que não fosse definido, coordenado, ligado, preciso, exacto, circunscrito, limitado, fechado, tudo previsto; a autoridade era uma coisa plana, sem abismo, sem fragosidade. Javert nunca vira o incógnito senão nas

regiões subjacentes. O irregular, o inesperado, a abertura desordenada do caos, a possibilidade de uma queda num precipício, tudo isto era privativo das regiões inferiores, dos rebeldes, deus maus, dos miseráveis.

Javert agora recuava assustado ante essa assombrosa aparição: um abismo nas alturas.

Como? Pois a sua confusão era tão completa? Como? Pois a abertura da couraça da sociedade podia ser descoberta por um miserável magnânimo? Como? Pois um honesto servidor da lei podia ver-se, de repente, entre dois crimes — o de deixar fugir um homem; e o de prendê-lo?

Nem tudo, pois, era certo nas prescrições do Estado aos funcionários.

Podia haver muros erguidos ante o dever.

Como? tudo isso era real? Era verdade que um antigo facínora, curvado ao peso das condenações, podia erguer-se e vir a ter razão? Pois era isto crível? Havia, porventura, casos em que a lei devesse retirar-se diante do crime transfigurado, balbuciando desculpas?

Havia.

Javert não podia fugir à realidade. Não podia negá-lo, porque tomava parte nisso.

Assim, pois, e na exageração da angústia e na ilusão de óptica da consternação, tudo quanto houvera podido restringir e corrigir a sua impressão, esvaecia-se, e a sociedade, e o género humano e o Universo se resumiam agora, a seus olhos, em um vulto simples e terrível; assim, pois, a penalidade, a coisa julgada, a força devida à legislação, os arrestos dos tribunais soberanos, a magistratura, o governo, a repressão, a sabedoria oficial, a infalibilidade legal, o princípio de autoridade, todos os dogmas em que se baseiam a segurança política e civil, a soberania, a justiça, a lógica derivando-se do código, o absoluto social, a verdade pública, tudo isto ruína, destroços, caos; ele próprio, Javert, o vigia da ordem, a incorruptibilidade ao serviço: da polícia, a providência, mastim da sociedade, vencido e posta fora de combate, e em cima de toda esta ruína um homem em pé com a carapuça verde na cabeça e a auréola na fronte; eis a que estado de confusão tinha chegado; eis a terrível visão que tinha na alma.

Isto era intolerável.

Estado violento, a mais não poder ser, de que só tinha dois modos de livrar-se. Um, ir resolutamente prender Jean Valjean e restituir ao cárcere o homem das galés. O outro...

Javert deixou o parapeito, e, desta feita, de cabeça erguida, dirigiu-se com passo firme para o posto indicado por um lampião a uma das esquinas da praça do Chatelet.

Chegado aí, viu, por entre os vidros, um agente de polícia e entrou. Estes homens reconhecem-se até pelo modo de abrir a porta de um: corpo de guarda. Javert disse como se chamava, mostrou o seu diploma ao empregado e sentou-se a uma mesa, em cima da qual ardia uma vela, e se via conjuntamente uma pena, um tinteiro de chumbo e um sortimento de papel para os autos eventuais e partes das rondas nocturnas.

Javert tomou uma folha de papel, pegou na pena e principiou a escrever.

Eis o que ele escreveu:

ALGUMAS OBSERVAÇÕES EM BEM DO SERVIÇO

Primeiro — Rogo ao senhor prefeito que tenha a bondade de atender-me.

Segundo — Os presos, quando voltam do interrogatório, tiram os sapatos e ficam com os pés descalços nas lajes, enquanto os revistam,. Muitos são acometidos de tosse ao recolher-se à prisão, do que provém um aumento de despesa com a enfermaria.

Terceiro — O sistema de dar caça é bom, mudando-se os agentes de distância em distância, porém seria melhor que, nas ocasiões importantes, dois agentes, pelo menos, nunca se perdessem de vista, porquanto se, por qualquer causa, um deles deixasse de cumprir o seu dever, o outro o vigiaria e emendaria a falta do primeiro.

Quarto — Não atino com a razão por que é proibido aos presos das Madelonnettes ter cadeiras, ainda mesmo pagando-as.

Quinto — Nas Madelonnettes, o postigo da taberna só tem dois varões de ferro; de modo que a taberneira pode estender a mão aos presos.

Sexto — As presas, chamadas ladras, quando chamam as outras presas ao parlatório, pagam dois soldos de multa por gritarem o nome da presa em voz alta. É um roubo.

Sétimo — Por um fio corrido, paga de multa o prisioneiro, na oficina de tecelagem, dez soldos; é um abuso do empreiteiro, pois que a teia não. é menos má.

Oitavo — É inconveniente que as pessoas que vão visitar alguém na Force tenham de atravessar o pátio das crianças para entrar no locutório de Santa Maria Egipcíaca.

Nono — É certo que tenho todos os dias, no gabinete da prefeitura, ouvido aos gendarmes recontar o — que escutaram no interrogatório dos condenados feito pelos magistrados; um gendarme deve ser sagrado, não pode repetir aquilo que ouviu no gabinete da instrução porque isso é muito grave.

Décimo — A senhora Henry é uma honrada mulher a sua taberna está sempre com limpeza; mas não é conveniente que se ache à testa dum tal estabelecimento uma mulher. É uma coisa indigna da Conciergerie de uma grande civilização.

Javert escreveu estas linhas com a maior serenidade e com a sua melhor letra, não omitindo uma vírgula e fazendo ranger a pena no papel. Por baixo da última linha escreveu:

JAVERT, Inspector de 1.ª classe.
Casa da Guarda da praça do Chatelet.
7 de Junho de 1832, à uma hora da noite.

Javert enxugou o papel, dobrou-o em forma de carta, escreveu no reverso *Nota para a administração,* deixou-o sobre a mesa e saiu.

Atravessou diagonalmente a praça do Chatelet, chegou ao cais, dirigindo-se com precisão automática para o ponto que, um quarto de hora antes, deixara, e encostou-se outra vez ao parapeito.

Era completa a escuridão. Era o momento sepulcral que vem após a meia-

noite. Uma abóbada de nuvens encobria as estrelas. O céu não apresentava mais do que uma profundeza sinistra. Nas casas da Cite não se via uma só luz; não passava um único transeunte; todas as ruas e cais que dali se avistavam estavam desertos; a igreja de Nossa Senhora e as torres do tribunal de justiça pareciam fantasmas.

O lugar em que Javert se achava ficava justamente por cima da corrente do Sena, a prumo sobre essa medonha espiral de turbilhões, que se enrosca e desenrosca como um parafuso sem fim.

Javert estendeu a cabeça e olhou. Era tudo escuridão. Ouvia-se apenas o referver dos cachões, mas não se via o rio. De espaço a espaço, no meio daquelas trevas, aparecia um clarão, serpejando vagamente, porque a água tem o poder de, no meio da maior escuridão, tirar luz não sabemos de onde e transformá-la em serpente.

Esta luz desaparecia e tudo voltava à primitiva negrura. Parecia achar-se ali aberta a imensidade. O que ali estava não era água, era voragem. Não se via nada, mas sentia-se a frialdade hostil da água e o cheiro das pedras molhadas. Um hálito feroz se elevara daquele abismo. A crescente do rio mais adivinhada do que avistada, o trágico murmúrio da água, a lúgubre enormidade dos arcos da ponte, tudo isto inspirava horror.

Javert permaneceu alguns minutos imóvel, olhando para aquela abertura de trevas, contemplando o invisível com uma fixidez que parecia atenção. A água rumorejava. De súbito, tirou o chapéu e pousou-o em cima do parapeito.

Um momento depois, um vulto alto e negro, que alguém de longe tomaria por um fantasma, apareceu de pé em cima do muro do cais, debruçou-se para o Sena, ergueu-se e caiu direito no meio das trevas.

Ouviu-se um marulho surdo e só a escuridão; «soube as convulsões daquele vulto, que desapareceu debaixo de água.

LIVRO QUINTO — O AVÔ E O NETO

I — Onde se torna a ver a árvore da chapa de zinco

Pouco tempo depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, deu-se um facto na vida de Boulatruelle que o deixou vivamente impressionado,

Boulatruelle — aquele cantoneiro de Montfermeil de quem numa das precedentes partes deste livro se fez ligeira menção — era, como o leitor estará lembrado, um homem dado a diversos e obscuros misteres, empregando o seu tempo ora a britar pedra, ora a assaltar os viajantes na estrada.

Cantoneiro e ladrão, o seu sonho constante eram os tesouros que ele supunha enterrados na floresta de Montfermeil.

Esperava vir ainda a dar com algum, escondido entre as raízes da alguma árvore, porém enquanto não chegava à realização das suas esperanças, ia apalpando as algibeiras do viajante.

Contudo, tornara-se momentaneamente prudente.

Acabara de escapar por um fio. Como se sabe, fora apanhado, junto com os outros ladrões, na pocilga de Jondrette. Utilidade de um vício: salvara-o a embriaguez.

Nunca foi possível saber-se ao certo se ele ali se achava como ladrão, se como roubado. Uma ordem baseada no seu estado de comprovada embriaguez, na noite da cilada pusera-o em liberdade. Tornara a apanhar-se senhor de si. Voltara para a estrada de Gagnay a Lagny, para sob a vigilância administrativa, empedrar a estrada por conta do Estado, cabisbaixo, pensativo, um tanto frio para com o roubo, que o ia desgraçando, mas voltando-se cada vez mais ternamente para o vinho que o salvara.

Eis qual foi a comoção que ele experimentou, pouco depois do regresso à sua cabana de cantoneiro:

Dirigindo-se Boulatruelle uma manhã, segundo o costume, para o seu trabalho, ou talvez para alguma espera, pouco antes de amanhecer, avistou por entre a ramaria um homem, que mal se via pelas costas, mas cujo aspecto, segundo lhe parecia, lhe não era absolutamente desconhecido.

Boulatruelle, conquanto bêbado consumado, tinha memória correcta e lúcida, arma de defesa indispensável para quem quer que ande em luta com a ordem legal.

— Onde diabo vi eu já este homem? — perguntava a si mesmo.

Mas não pôde achar como resposta senão que se parecia com alguém de quem confusamente se lembrava.

Boulatruelle, apesar disto, afora a identidade que não conseguiu

estabelecer, começou a fazer cálculos e aproximações. O tal homem não era daqueles sítios; chegara ali havia pouco, e evidentemente, a pé. Aquelas horas não passava veículo nenhum por Montfermeil. E caminhara toda a noite.

Donde vinha? Não era, decerto, de muito longe, por isso que não levava alforge nem trouxa. Vinha, sem dúvida, de Paris.

Mas porque se achava naquela mata? De mais a mais a semelhante hora? O que andaria por ali fazendo?

Boulatruelle lembrou-se do tesouro.

A força de investigar na memória, recordou-se de ter tido já, muitos anos antes, igual suspeita acerca de um homem, que podia ser, talvez, aquele mesmo.

Enquanto assim meditava, curvara a cabeça sob o peso da própria meditação; coisa natural, mas pouco hábil, Quando tornou a erguê-la já não viu ninguém.

O homem desaparecera na mata e no crepúsculo.

— Com os diabos! — disse Boulatruelle —, hei-de encontrá-lo. Hei-de descobrir a freguesia do tal freguês. Este passeante de Patron-Minette tem o seu porque; hei-de sabê-lo. Não há na minha mata segredo em que eu não tome parte.

Em seguida pegou no alvião, cujas pontas eram em extremo agudas.

— Tenho aqui com que apalpar a terra e um homem.

E como se fora atando um fio a outro fio, dirigindo os passos o melhor possível, segundo o itinerário que o homem devia ter seguido, pôs-se a caminho através da mata.

Depois de ter dado uma centena de passos, começou a ser ajudado pelo dia, que ia já despontando. As pegadas na areia por um e outro lado, as ervas pisadas, as estevas acamadas, os raminhos dobrados, endireitando-se com gracioso vagar, como os braços de formosa mulher espreguiçando-se no momento de despertar, indicaram-lhe uma espécie de pista. Seguiu esta pista, mas logo depois perdeu-a. Entretanto ia passando o tempo. Internou-se na mata e chegou a uma iminência.

Um caçador matutino que ia passando ao longe, por um carreirinho, assobiando a cançoneta de Guillery, suscitou-lhe a ideia de trepar a uma árvore. Ainda que já velho era ágil. Havia naquele sítio uma faia muito alta, digna de Tityro e de Boulatruelle, o qual trepou por ela até à maior altura que pôde.

A ideia foi boa.

Explorando a solidão do lado em que a mata é completamente bravia e feroz, Boulatruelle avistou de repente o homem.

Apenas o avistou logo o perdeu de vista.

O homem entrou, ou antes, deixou-se escorregar por uma clareira muito afastada e mascarada por grandes árvores, mas que Boulatruelle conhecia muito bem por ali ter estado junto de um grande montão de pedras, ao pé de um castanheiro doente e tratado com uma chapa de zinco pregada mesmo na cortiça. Esta clareira era a que noutro tempo se dominara terra Blaru. O montão de pedras, destinado não se sabia para que fim, e que ali estava havia trinta anos, existe talvez ainda hoje. Não há nada que seja igual à longevidade de um montão de pedras como um tapume de tábuas. Qualquer das coisas é provisória. Que razão para durar!

Boulatruelle, com a rapidez da alegria, desceu, ou antes, atirou consigo da árvore abaixo.

Estava descoberto o covil, só faltava agarrar o animal.

O famoso tesouro sonhado estava provavelmente ali.

Não era contudo empresa de pouca monta o chegar à tal clareira. Pelos caminhos batidos, que descrevem ziguezagues, era preciso um bom quarto de hora. Em linha recta, pelo mato, que é ali singularmente espesso, espinhoso e agressivo, era precisa avantajada meia hora.

Foi o que Boulatruelle fez muito mal em não compreender. Acreditou na linha recta; respeitável ilusão de óptica, mas que ocasiona a perda de muitos homens.

A mata, apesar de extremamente eriçada, parecera-lhe o melhor caminho.

— Nada, vamos pela rua de Rivoli dos Lobos — disse ele.

Boulatruelle, acostumado a andar de través, cometeu desta vez o erro de andar direito.

Teve de se haver com os azevinhos, com as urtigas, com os pilriteiros, com as roseiras bravas, com os cardos e com toda a espécie de raízes em extremo irascíveis.

Ficou portanto suficientemente arranhado.

Na base do outeiro deparou-se-lhe um pântano, que teve de atravessar.

Chegou enfim à clareira Blaru, mas no fim de quarenta minutos, escorrendo suor, encharcado, esbaforido, arranhado e feroz.

Na clareira não estava vivalma.

Boulatruelle foi logo direito ao montão de pedras, estava no mesmo lugar.

Não o tinham mudado.

Quanto ao homem, porém, não foi capaz de o descobrir. Sumira-se. Por onde? Para que lado? Porque azinhaga? Impossível era adivinhá-lo.

Para cúmulo de angústia, entre a árvore que tinha a chapa de zinco e o monte de pedras, avistou Boulatruelle uma pouca de terra movida ide fresco,

uma pá esquecida ou abandonada e uma cova.

A cova estava vazia.

— Ladrão! — bradou ele, levantando para o ar os punhos cerrados.

II — Onde Mário após a guerra civil, se prepara para a guerra doméstica

Durante muito tempo, Mário nem se podia dizer vivo nem morto. Por espaço de algumas semanas, lutou com uma febre acompanhada de delírios e de gravíssimos sintomas cerebrais, produzidos antes pelas comoções das feridas do que por elas próprias.

Durante noites inteiras, repetia sem cessar o nome de Cosette na lúgubre loquacidade da febre e com a sombria pertinácia da agonia. A profundidade de algumas das feridas tornavam-se perigosíssimas, por isso que podia recolher-se a supuração, dando assim origem à morte do enfermo, sob certas influências atmosféricas; a cada mudança de tempo, à menor tempestade, o médico assustava-se.

— Deve haver, sobretudo, o maior cuidado em evitar ao enfermo qualquer abalo — repetia ele.

O curativo era complicado e difícil, por isso que, naquela época, ainda não estava em uso o encerado como meio de fixar os aparelhos e panos. Nicolette desfez em fios um lençol «que cobria o tecto de uma casa», dizia ela. A força de lavatórios com dissoluções de cloreto e nitrato de prata, conseguiram evitar a gangrena. Enquanto Mário esteve em perigo, Gillenormand não lhe desamparou a cabeceira do leito, apesar do seu estado, que não era menos perigoso do que o do neto.

Todos os dias — e algumas ocasiões duas vezes ao dia — vinha saber do ferido um sujeito de cabelos brancos e bem trajado — tais eram os sinais dados pelo porteiro — que se ia embora, deixando sempre um grande pacote de fios para curativo do enfermo.

Finalmente, a 7 de Setembro, quatro meses depois da dolorosa noite em que o trouxeram moribundo para casa de seu avô, o médico declarou que estava salvo. Principiou então a convalescença.

Mário, porém, ainda teve de passar mais de dois meses sentado numa cadeira de braços, em virtude dos estragos causados pela fractura da clavícula. Dá-se sempre este caso de uma última ferida que não quer fechar, eternizando os curativos com grande tédio do enfermo.

Esta longa doença, porém, e a demorada convalescença que se lhe seguiu, salvaram-no das mãos dos esbirros. Em França, não há cólera, mesmo pública, que não morra de inanição aos seis meses. As revoltas, no estado em que se acha a sociedade, são por tal modo devidas a todos que, depois delas, vem

sempre a necessidade de fechar os olhos.

Acrescentaremos que o inqualificável édito do prefeito Gisquet, em que se ordenava aos médicos que denunciassem os feridos, indignou tanto a opinião pública, e não só esta, mas o próprio rei, que os feridos foram protegidos por esta indignação, e, à excepção dos que tinham sido apanhados com as armas na mão, os conselhos de guerra não ousaram inquietar mais ninguém.

Desta maneira, pois, Mário nada teve a sofrer por este lado.

Gillenormand, depois de ter passado por toda a espécie de angústias, experimentou toda a qualidade de êxtases.

Foi necessário empregar os maiores esforços para o dissuadir de passar as noites velando o ferido; mandou ir para junto da cama de Mário, a sua cadeira de braços; exigiu que a filha empregasse o pano mais fino que houvesse em casa nas compressas e ligaduras.

A filha, porém, como pessoa experiente e boa dona de casa, conseguiu poupar o pano fino, fazendo crer ao ancião que era obedecido.

Gillenormand não permitiu que lhe explicassem a superioridade do linho grosso sobre a cambraia para fazer fios nem do linho velho sobre o linho novo.

Era ele que assistia a todos os curativos, de que a filha pudicamente se ausentava,

Quando o médico cortava a carne podre com uma tesoura, dizia:

— Ai! Ai!

Era, realmente, uma cena tocante vê-lo apresentar ao ferido uma chávena de tisana com o seu brando tremor senil.

Estava sempre a fazer perguntas ao médico, sem reparar que às vezes perguntava aquilo a que já tinha recebido resposta.

No dia em que o médico lhe anunciou que Mário estava livre de perigo, o pobre velho cuidou endoidecer.

Deu três luíses de gratificação ao porteiro, e à noite, ao recolher-se para o quarto, dançou uma gavota, tocando castanholas com os dedos, e cantou a: seguinte canção:

Em um ninho de pastora
Da Fougére encantadora
Vive a linda Joaninha,
Como vive a andorinha
Quando brinca pela praia.
Eu adoro a curta saia
Que ela traz arregaçada
Na cintura delicada;
O avental, a branca touca.
Que a cabeça me traz louca.
Eu sinto na alma um prurido
Que... Ah! Se eu fora Cupido

E d'amor tivera a aljava,
Duas setas nesse peito
Com certeza te enterrava!
Depois
Na ermida,
Os dois
Ó querida...
Trá, lá, lá, lá, rã, lá, lá.

Em seguida, pôs-se de joelhos em cima de uma cadeira, e Biscainho, que o espreitava pela abertura da porta, supôs que ele Se achava a rezar.

Até então, Gillenormand nunca acreditara em Deus.

A cada nova fase que o rapaz ia experimentando nas suas melhoras, sempre crescentes, o pobre velho saía fora de si, praticando um sem número de acções maquinais cheias de alegria, subindo e descendo as escadas sem saber porquê.

Um dia mandou um ramo a uma vizinha, realmente bonita, que ficou maravilhada de semelhante presente.

Tentava agarrar Nicolette para a sentar nos joelhos.

Chamava a Mário senhor barão e às vezes punha-se a gritar:

— Viva a República!

A cada instante perguntava ao médico:

— Já não há perigo nenhum, pois não?

Olhava para Mário com ternura de avô, e, enquanto ele comia, não cessava de o contemplar com afectuosa expressão. Não queria saber de nada, andava fora de si; Mário é que era o senhor da casa, a alegria fazia-o abdicar, era o neto de seu neto.

O júbilo que experimentava tornava-o a mais veneranda das crianças.

Temeroso de fatigar ou importunar o convalescente, ia pôr-se por trás dele para lhe sorrir.

Andava contente, fora de si, parecia ter remoçado.

Os cabelos brancos acrescentavam-lhe uma serena majestade à luz alegre que se lhe reflectia no rosto.

Quando às rugas se junta a graça, a velhice parece circundada de uma auréola.

Pelo que diz respeito a Mário, a sua ideia fixa, no meio dos seus padecimentos, era Cosette.

Desde que o abandonara a febre e o delírio, não tornara a pronunciar este nome, de modo que poderia crer-se que já se não lembrava dele. Mas ele não o proferia, justamente porque era esse o seu constante pensamento.

Mário não sabia o que era feito de Cosette; as cenas da rua de Chanvrerie apenas confusamente lhe vinham à memória; Eponina, Gavroche, Mabeuf, os

Thenardier, todos os seus amigos confundidos; lugubremente no fundo da barricada, eram; outras tantas sombras quase indistintas flutuando-lhe no espírito; a singular aparição de Fauchelevent no meio daquela sanguinolenta aventura parecia-lhe um enigma no meio de uma tempestade; não compreendia nada da sua própria vida, não sabia como nem por quem tinha sido salvo, e nenhum dos que o rodeavam lho podia tão-pouco declarar; o mais que tinham sabido dizer-lhe era que havia sido transportado de noite num carro para a rua das Mulheres do Calvário; passado, presente, futuro, tudo isto se lhe apresentava sob as formas nevoentas de uma ideia vaga; porém, no meio deste nevoeiro, havia um ponto imóvel, um lineamento claro e límpido, um como vulto de granito, uma resolução, uma vontade — saber onde estava Cosette.

Para ele a ideia da vida confundia-se com a ideia de Cosette; havia decretado no seu coração que não aceitaria uma sem outra, e estava inabalavelmente resolvido a exigir de quem quer que fosse que O quisesse constranger a viver, de Seu avô, da sorte, do inferno, a restituição do seu perdido Éden.

Obstáculos bem sabia ele. que os havia de encontrar.

Cumpre fazer um reparo: a ternura e solicitude de seu avô para com ele pouca impressão lhe tinham causado. Primeiro porque não estava ao facto de tudo o que ele tinha praticado durante a sua longa enfermidade; segundo porque, no meio das suas cogitações de doente, talvez ainda febris, desconfiava destas carícias, como de uma coisa estranha e nova que tinha por fim captar-lhe a benevolência. Por isso não se deixava levar por elas, de modo que o pobre velho gastava sem proveito os seus sorrisos.

Estava Mário capacitado de que tudo aquilo duraria simplesmente enquanto ele não falasse nem opusesse resistência ao que lhe faziam, mas que, quando se tratasse de Cosette, mudariam as coisas de figura, assumindo então seu avô a atitude que lhe era particular. Então recomeçaria a luta; recrudescência das questões de família, confrontação de posição, toda a espécie de sarcasmos e abjecções; Fauchelevent, Coupelevent, a fortuna, a pobreza, a miséria, a pedra ao pescoço, o futuro. Resistência violenta, conclusão recusa.

Mário, porém, não desanimava.

Além disto, à medida que se ia restabelecendo, reapareciam as antigas ofensas, reabriam-se as cicatrizadas úlceras da sua memória, ocorria-lhe de novo a lembrança do passado, colocava-se outra vez entre ele e Gillenormand o coronel Pontmercy, era para ele firme convicção que nenhuma bondade sincera tinha a esperar de quem fora tão cruelmente injusto para com seu pai.

E com a saúde voltava-lhe uma espécie de rispidez contra seu avô, que o pobre ancião pacientemente sofria.

Gillenormand, embora o não declarasse, reparava que Mário, desde que voltara a si, não tornara mais a tratá-lo por pai. Verdade é que não dizia «senhor», mas achava meio de se não expressar de um modo nem de outro, dando às frases diferente disposição.

Segundo todas as probabilidades, pois, aproximava-se uma crise.

Como quase sempre sucede, Mário antes de dar batalha campal, tentou uma simples escaramuça.

Chama-se a isto reconhecer o terreno.

Um dia, Gillenormand, a propósito de um jornal de que casualmente lançara mão, fez algumas alusões à Convenção e soltou um epifonema realista contra Danton, Saint-Just e Robespierre.

— Os homens de 93 eram gigantes! — disse Mário com severidade.

O velho calou-se e não tornou a pronunciar palavra sobre tal assunto em todo aquele dia.

Mário, que tinha sempre presente no espírito a inflexibilidade de seu avô nos seus primeiros anos, viu neste silêncio uma profunda concentração de cólera, de que agourou uma luta porfiada, e aumentou no recôndito do seu pensamento os preparativos para o combate.

Resolveu que, no caso de uma recusa, arrancaria os aparelhos das feridas, deslocaria a clavícula, poria em carne viva as chagas que ainda lhe restavam e recusaria tomar qualquer alimento.

As suas feridas eram as suas munições. Ter Cosette ou morrer.

Firme nesta resolução, aguardou o ensejo oportuno com a dissimulada paciência dos doentes.

O ensejo não se fez esperar.

III — Mário ataca

Um dia, Gillenormand, andando sua filha ocupada a arrumar os frascos e garrafas que jaziam sobre a cómoda, inclinou-se para Mário e disse-lhe com a maior afabilidade:

— Olha, meu Mariozinho, eu, no teu lugar, comeria agora carne, em vez de peixe. Um linguado frito é uma excelente coisa no princípio de uma convalescença, mas para fazer arribar um doente não há como uma costeleta!

Mário, que já se achava quase de posse do seu primitivo vigor, fez um esforço para se sentar na cama, pousou os punhos trémulos na dobra do lençol, fitou seu avô com gesto terrível e disse:

— Faz-me isso lembrar que tenho uma coisa para lhe dizer!

— Que é?

— Quero casar!

— Disso já eu estava à espera! — exclamou o ancião, soltando uma gargalhada.

— Como, estava à espera?

— Disso estava eu à espera, repito! Descansa, que terás a tua rapariga!

Mário sentiu um estremecimento de pasmo por todo o corpo.

Gillenormand continuou:

— Afianço-te que terás a tua bela pequena, que, por sinal, vem aí todos os dias perguntar por ti, sob a forma de um velho.. Desde que estás doente, a pobre rapariga passa o tempo a chorar e a fazer fios! Procedi a algumas averiguações e soube que ela morava rua do Homem Armado, número 7. Com que então queres a moça? Pois sim, sim, tê-la-ás! É para que vejas. Tinhas lá delineado o teu plano e dito com os teus botões: «Não quero saber de meias medidas. Vou dizer desempenadamente as coisas àquele pai velho, àquela múmia da Regência e do Directório, àquele taful das guerras velhas, que também tem culpas no cartório, e por isso há-de lembrar-se do tempo em que arrastava a asa às Cosettes do seu conhecimento! Vamos a ver. Batalha! Nada de papas na língua!» Muito bem. Ofereço-te uma costeleta e tu respondes-me: «A propósito, quero casar-me!» Não pode haver transição mais natural! Ora esta! Cuidavas talvez que me punha a fazer fino contigo? Não sabes que sou um fracalhão? Que dizes a isto? Faço-te ir às do cabo, hem? Não contavas achar teu avô ainda mais tolo do que tu?! Agora lá se vai a diatribe que me tinhas preparado, senhor advogado! É de fazer dar por paus e por pedras, não é? O mesmo, ira-te para aí à tua vontade. Faço o que tu queres, estou por tudo, pateta! Atende-me. Tenho andado a informar-me; não cuides que só tu tens lume no olho; a pequena é bonita, bem comportada; aquilo do lanceiro é peta, fez rumas de fios, é uma jóia, adora-te; se tu morresses, morríamos todos: três; o caixão dela iria logo atrás do meu! Quando te vi melhorar lembrei-me pespegaste com ela à cabeceira da cama, mas só nos romances é que se vêem, as raparigas velando os bonitos feridos que lhes deram no goto. Não era coisa que se fizesse. Que diria tua tia? A maior parte do tempo passava-lo tu, meu toleirão, no estado em que vieste ao mundo! Pergunta a Nicolette, que te não desamparava um instante, se era possível estar uma mulher ao pé de ti! E o médico? Que não havia de dizer o médico? Uma pequena bonita não cura a febre! Enfim, o que lá vai, lá vai; não falemos mais nisso, está dito, resolvido e assentado, casa! Aqui tens como eu sou feroz! Queres saber tudo? Como via que não gostavas de mim, disse comigo: «Que diabo hei-de eu fazer para este pedaço de asno gostar de mim?» Lembrei-me então de Cosette e disse: «Vou dar-lha. Deste modo ou há-de ganhar-me

amizade ou há-de dizer as razões porque embirra comigo». E que tal? Cuidavas que me ia pôr a vociferar, a fazer espalhafato, a ameaçar com a bengala toda esta aurora? Enganaste-te redondamente! Cosette? Pois sim. Amor? Porque não? Estou por tudo! Tenha a bondade de se casar. Sê feliz, meu querido filho!

Dito isto, o ancião desatou a soluçar.

E, tomando a cabeça de Mário entre as mãos, apertou-a contra o peito e puseram-se ambos a chorar.

É esta uma das formas da suprema ventura.

— Meu pai! — exclamou Mário.

— Oh! Visto isso, és meu amigo? — disse o velho.

Seguiu-se um momento inefável, durante o qual nem um nem outro podiam falar, sufocados pelo prazer.

Por fim, o ancião balbuciou:

— Ora até que, afinal, desembuchou, dizendo-me: «Meu pai!»

Mário desenvencilhou-se dos braços de Gillenormand e disse-lhe com brandura:

— Uma vez que eu agora já estou bom, parece-me que a poderia ver!

— Disso estava eu também à espera! Hás-de vê-la amanhã

— Meu pai!

— Que é?

— Porque não há-de ser hoje?

— Pois seja hoje. Não vou contra isso. Já hoje me chamaste três vezes «teu pai», e, portanto, estou pronto a fazer-te a vontade. Eu vou tratar disso. Fica descansado, que a hás-de ver. Eu já esperava por isso, como te disse. São coisas que já foram postas em versos! E como no final do *jovem Doente,* de André Chénier, de André Chénier que foi estrangulado pelos celer... pelos gigantes de 93!

Gillenormand supôs descobrir um leve franzir de sobrancelhas em Mário, que na verdade, devemos dizê-lo, já não o escutava, enlevado, como se achava, numa espécie de êxtase e pensando mais em Cosette do que em 1793.

O ancião, amedrontado por ter tão desastradamente trazido a lume o nome de André Chénier, atalhou logo em seguida:

— Estrangulado não, não disse bem. É certo que os grandes génios revolucionários, cujo bondoso carácter ninguém pode Contestar nem a sua heroicidade, achavam que André Chénier os incomodava alguma coisa, e por isso tomaram a resolução de o guilho... quero dizer, esses grandes homens, a sete thermidor, no interesse da salvação pública, rogaram a André Chénier houvesse por bem deixar-se...

Chegado a esta frase, Gillenormand engasgou e não pôde continuar; não podendo terminá-la nem retratá-la, enquanto sua filha compunha o travesseiro a Mário, abalado por tão profunda emoção, saiu o mais precipitadamente que lho permitia a idade pelo quarto fora, e vermelho, esbaforido, escumando, com olhar desvairado, esbarrou-se com o honrado Biscainho, que se achava na sala imediata, limpando umas botas, e agarrando-o pelo cachaço, gritou-lhe aos ouvidos com gesto furibundo:

— Com um milhão de diabos! Assassinaram-no, aqueles marotos!

— A quem, senhor?

-A André Chénier!,

— Sim, senhor! — disse Biscainho atrapalhado.

IV — Onde Mademoiselle Gillenormand achou que os embrulhos de Fauchelevent nada tinham de inconvenientes

Cosette e Mário tornaram a ver-se.

Renunciamos à descrição de semelhante entrevista. Há coisas que se não devem tentar pintar, como, por exemplo, o Sol.

Quando ela entrou, achava-se reunida no quarto de Mário toda a família, sem exceptuar Biscainho e Nicolette.

Ao vê-la assomar ao limiar, dir-se-ia que a circundava uma auréola.

Justamente nessa ocasião, o avô de Mário ia assoar-se, porém, ao dar com os olhos nela, estacou e pôs-se a contemplá-la com o nariz metido no lenço

— Não pode ser mais linda! — exclamou ele.

E, dizendo isto, assoou-se com estrondo.

Cosette estava embriagada, transportada, amedrontada, louca de prazer. O júbilo que experimentava quase a enchia de susto. Ora corava, ora empalidecia, desejosa de se lançar nos braços de Mário, mas não ousando fazê-lo, envergonhada de amar diante :de tanta gente.

Ninguém sabe ser compassivo com os amantes felizes; todos se deixam ficar ao pé deles, quando, o seu maior desejo seria acharem-se a sós, porque a nossa presença lhes é completamente desnecessária.

Logo atrás de Cosette, entrara um sujeito de cabelos brancos, grave, mas risonho. O seu sorriso tinha um não sei quê de vago e doloroso.

Era o «senhor Fauchelevent»; era Jean Valjean.

Vinha «muito bem trajado», como dissera o porteiro, com o fato novo todo preto e gravata branca.

Longe e bem longe estava o porteiro de reconhecer neste asseado burguês, que parecia um tabelião, o medonho condutor de cadáveres, que lhe surgira à porta, na noite do dia 7 de Junho, roto, cheio de lama, hediondo, medonho, com o rosto coberto de lodo e sangue, amparando Mário desfalecido; contudo,

o seu faro de porteiro despertou.

Quando Fauchelevent entrou com Cosette, não pôde deixar de dizer a sua mulher com ar confidencial:

— Não sei que cisma é a minha de que já vi esta cara!

Chegado ao quarto de Mário, Fauchelevent deixou-se ficar no limiar da porta. Trazia debaixo do braço um pacote semelhante a um volume em oitavo, embrulhado num papel, cuja cor esverdeada o fazia parecer manchado de bolor.

— Este homem anda sempre com livros debaixo do braço! — disse em voz baixa para Nicolette a filha de Gillenormand, que não gostava de livros.

— E então que tem isso? — acudiu ao mesmo tom Gillenormand, que tinha ouvido o que ela dissera à criada. — É porque é um sábio. Porventura tem ele culpa disso? Boulard, que eu conheci muito bem, nunca saía de casa sem um livro, e também andava sempre com um alfarrábio unido ao coração.

E acrescentou em voz alta, fazendo uma cortesia:

— Senhor Tranchelevent...

Gillenormand não o fez de propósito, porém é certo que a falta de cuidado com os nomes próprios era nele uma maneira aristocrática.

— Senhor Tranchelevent, tenho a honra de pedir-lhe a mão de sua filha para meu neto, o senhor barão Mário Pontmercy.

«O senhor Tranchelevent» inclinou-se.

— Está dito! — acudiu ele.

E, voltando-se para Mário e Cosette, com os braços levantados, como quem abençoa, exclamou:

— Podem adorar-se!

Os jovens não esperaram que lho dissessem outra vez. Era para ver como eles se apressaram a aproveitar-se daquela permissão, principiando a falar em voz baixa. Mário debruçado na sua cadeira de braços Cosette em pé junto dele.

— Ora, meu Deus! — murmurava Cosette. — Pois é possível?! Tornar a ver-te! Ires meter-te em semelhante perigo! Mas porquê? É horrível! Tenho passado os quatro meses mais cruéis da minha vida! Oh, que mal te tinha feito para te ires arriscar nessa batalha, sem piedade nenhuma para comigo! Perdoo-vos, com a condição de que não tornareis a fazer outra. Há um bocado, quando nos mandaram recado para virmos, cuidei ainda de morrer, mas era com alegria! Eu andava tão triste! Devo estar horrenda, porque nem quis demorar-me um instante a vestir-me. Muito se hão-de rir os teus parentes, vendo-me este colarinho todo amarrotado! Então não dizes nada? Queres que só eu fale? Nós ainda estamos na rua do Homem Armado. E como estás dc

ombro? Disseram-me que lhe cabia uma mão dentro. E que te cortavam a carne à tesoura! Oh, faz-me estremecer só a lembrança do que tu passaste! Eu não fazia senão chorar! Não sei como tiveste ânimo para sofrer tanto! Teu avô é que parece uma bela criatura. Deixa-te estar, mas não te debruces assim, olha que te podes magoar! Como sou feliz! Acabaram-se as desgraças! Parece que ando doida! Trazia na ideia um horror de coisas para dizer-te e esqueceu-me tudo. Ainda me amas? Olha, moramos na rua do Homem Armado. A casa nem tem jardim. Sabes em que eu passava o tempo? A fazer fios! Vê, meu senhor? Por sua causa enchi os dedos de calos!

— Anjo! — dizia Mário.

«Anjo» é a única palavra que jamais envelhece. Nenhuma outra resistiria ao repetido uso que dela fazem os amantes.

Em seguida, repararam que não estavam sós e calaram-se, limitando-se apenas a apertarem-se mutuamente as mãos.

Gillenormand voltou-se para os circunstantes e exclamou:

— Falem alto, senhores! Façam bulha nos bastidores! Diabo! Haja troça, senão estes pequenos não podem tagarelar à vontade!

E, aproximando-se de Mário e de Cosette, disse-lhes em voz baixa:

— Nada de cerimónias. Tratem-se por tu!

A tia Gillenormand assistia pasmada a esta irrupção de luz no seu interior envelhecido. O seu assombro, porém, nada tinha de agressivo; não era de modo nenhum o olhar escandalizado e invejoso de uma coruja contemplando dois pombos; era o olhar idiota de uma pobre inocente de cinquenta e sete anos; era a velhice contemplando o triunfo do amor!

— Eu bem te dizia, minha filha, que te havia de vir a acontecer isto! — dizia-lhe seu pai.

E, após um momento de silêncio, acrescentou:

— Contempla a ventura dos outros!

Depois voltou-se para Cosette e continuou:

— Que linda é! Que linda é! Parece um quadro de Greuze! Anda tu, meu brejeiro, que, se eu fosse mais novo, havíamos de ver com as espadas em punho a quem ela havia de pertencer! A menina não imagina como eu lhe quero! Também: não admira; a minha obrigação é essa. Oh, que linda boda aqui vai haver! A nossa freguesia é S. Diniz do Santíssimo Sacramento, mas eu hei-de arranjar licença para o casamento ser em S. Paulo. Sempre é outra qualidade de igreja, mais bonita e airosa do que a outra. Ou ela não fora edificada pelos jesuítas! Fica defronte do chafariz do cardeal Birague. Em Namur é que se encontra a obra-prima de arquitectura jesuíta. Depois de recebidos, devem lá ir, que não perdem o tempo. Olhe, menina, eu sou da sua

opinião, quero que as raparigas casem, não nasceram para outra coisa. Há uma tal Santa Catarina que eu gostaria de ver sempre destoucada. Ficar solteira é bonito, mas é frio. A Bíblia diz: «Multiplicai-vos». Para salvar o povo é bom que, haja uma Joana d'Arc, mas para fazer povo a mãe Gigogne. Por consequência, casem, meninas. Se querem que lhes diga a verdade, eu não sei porque uma menina há-de ficar solteira. Bem sei que essas tais têm uma capela separada na igreja, e, além disto, a confraria da Virgem; ora adeus! Mas isto vale, porventura, um marido, rapaz bonito, e, ao cabo de um ano, um pequerrucho louro mamando sofregamente, com grandes refegos de gordura nas coxas e que está sempre a meter no seio da mãe as mãozinhas da cor da aurora?! Oh, isto sempre é melhor do que assistir a umas vésperas de círio na mão e cantar: Turns ebúrnea!

Gillenormand fez uma pirueta sobre os seus calcanhares de noventa anos e continuou a falar, como uma mola que novamente se solta.

Com que então, bela Alcippe, sempre é certo
que o dia da tua boda já vem perto?

— É verdade!

— Que é, meu pai?

— Tu não tinhas um amigo íntimo?

— Sim, senhor. Courfeyrac.

— Que é feito dele?

— Morreu!

— Isso foi bom.

Dizendo isto, sentou-se ao pé dos dois jovens, obrigou Cosette a fazer o mesmo e continuou, tomando entre as suas enrugadas mãos as dos dois jovens:

— Esta feiticeira Cosette é uma obra-prima! Tem ar de criança e de grande fidalga! Nasceu marquesa e vai ser só baronesa! Olhem que pestanas! Meus filhos, tomem bem sentido no que lhes diz este velhote. Vocês estão no Verdadeiro caminho. Amem-se até mais não poderem, até endoidecer! O amor é a tolice dos homens e o espírito: de Deus. Adorem-se! Mas — acrescentou ele, de súbito, com expressão de tristeza — agora me lembro! Mais de metade dos meus haveres são em rendas vitalícias; enquanto eu for vivo, não tem dúvida, mas depois da minha morte, daqui a vinte anos, ah, meus pobres filhos, nada tereis! Que será das suas mãozinhas brancas, senhora baronesa?

Neste instante, ouviu-se uma voz grave e serena que dizia:

— Eufrásia Fauchelevent possui seiscentos mil francos!

Era Jean Valjean que falava.

De pé e imóvel junto à porta, não tinha ainda proferido a menor palavra nem a sua presença parecia ter sido notada por aquelas venturosas criaturas.

— Quem é essa senhora Eufrásia? — perguntou Gillenormand, admirado.

— Sou eu! — respondeu Cosette.

— Seiscentos mil francos! — repetiu o velho.

— Menos uns catorze ou quinze mil francos — disse Jean Valjean.

E pousou sobre uma mesa o embrulho, que a filha de Gillenormand tinha tomado por um livro.

Jean Valjean abriu-o por sua própria mão: era um maço de notas do Banco, quinhentas de mil francos e cento e sessenta e oito de quinhentos. Ao todo quinhentos e oitenta e quatro mil francos.

— Ora isto é que é um bom livro! — disse Gillenormand.

— Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! — murmurou a filha.

— Com isto conseguem-se bastantes coisas, não é assim, minha filha? — exclamou o ancião. — Ora vejam como o diabo deste Mário foi descortinar uma noiva milionária, lá não sei onde! E digam mal dos namoricos dos rapazes, de um estudante que depara com uma estudante de seiscentos mil francos!

— Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! — repetia a meia voz a filha de Gillenormand. — Quinhentos e oitenta e quatro! Pouca diferença vai para seiscentos mil!

Quanto a Mário e a Cosette, entretidos, neste momento, a olharem-se, quase não prestaram atenção ao incidente que acabava de ter lugar.

V — Como uma floresta pode ser mais segura depositária de dinheiro do que um tabelião

Já sem dúvida se compreendeu, sem que seja necessário mais ampla explicação, que Jean Valjean, depois do processo Champmathieu, pudera, graças à sua primeira evasão, que poucos dias de liberdade; lhe proporcionou, vir a Paris e tirar a tempo de casa de Laffite a soma por ele ganha em Montreuil-sur-mer com o suposto nome de Madelaine, e que, temendo tornar a ser preso, o que, efectivamente, lhe veio a acontecer pouco depois enterrara a dita soma no lugar da floresta de Montfermeil, denominado Campo Blaru.

Como o total desta soma, que montava a seiscentos e trinta mil francos, era todo em notas do Banco, fácil lhe fora acondicioná-lo numa caixa, que encerrou dentro de um cofre de carvalho, cheio de aparas de castanheiro, para preservá-la da humidade.

Este mesmo cofre servira-lhe para guardar o seu outro tesouro, que, como se sabe, eram os castiçais do bispo, os quais ele, na ocasião da sua evasão de Montreuil-sur-mer, levara consigo.

O homem que Boulatruelle avistara da primeira vez era Jean Valjean. Em seguida a esta, Jean Valjean voltou mais vezes à clareira Blaru, o que fazia quando tinha precisão de dinheiro. Daqui provinham as diversas ausências de que já falámos.

Tinha uma enxada escondida no mato, num esconderijo só dele conhecido.

Ao ver Mário em convalescença, julgou que era chegada a hora em que aquele dinheiro podia ser útil e fora buscá-lo; foi ele, pois, o homem que Boulatruelle viu no bosque, porém desta vez de manhã e não de tarde. Boulatruelle ficou herdeiro do alvião.

A soma real eram quinhentos e oitenta e quatro mil e quinhentos francos. Jean Valjean guardou para si os quinhentos francos.

— Depois veremos — disse ele consigo.

A diferença entre esta soma e a de seiscentos e trinta mil francos tirada de casa de Laffite representava a despesa de dez anos, isto é, desde 1823 a 1833. Os cinco anos passados no convento apenas tinham custado cinco mil francos.

Chegado a casa, Jean Valjean pusera os dois castiçais de prata na pedra do fogão, onde Toussaint os via luzir com grande admiração.

Quanto a Javert, sabia Jean Valjean que estava livre dele. Ouvira dizer e depois verificara no «Monitor» que entre a Pont-au-Ghange e a Ponte Nova tinha aparecido o cadáver de um inspector de polícia chamado Javert, e que, a julgar por um escrito que esse homem, aliás irrepreensível e muito estimado de seus superiores, tinha deixado, parecia que um acesso de loucura o tinha impelido ao suicídio.

— Em verdade — disse Jean Valjean — também assim o acredito. A não ser por loucura, não sei explicar como ele me deixasse, depois de estar senhor de mim.

VI — Como os dois velhos, cada um a seu modo, empregam toda a sua diligência em tornar Cosette feliz

Principiaram os preparativos para o casamento.

Foi consultado o médico e este respondeu que poderia ter lugar em Fevereiro.

Estava-se em Dezembro. Assim decorreram algumas semanas de perfeita ventura,

O menos feliz não era Gillenormand. O pobre velho ficava às vezes horas inteiras em contemplação diante de Cosette.

— Que perfeição de rapariga! — exclamava ele, extasiado. — Que gesto tão afável, tão cheio de bondade! Tenho dito e não admito réplica: é a jovem mais bonita que meus olhos têm visto! Lá para diante, será um ramalhete de virtudes, perfumadas de violeta! Oh, parece uma das três Graças! Com uma

criança assim não pode a gente deixar de nutrir nobres sentimentos! Olha, Mário, és barão, estás rico, sê também bom rapaz; peço-te que deixes de andar a arengar pelos tribunais!

Cosette e Mário tinham passado repentinamente do sepulcro para o paraíso.

— A transição, de rápida que foi, deixá-los-ia atordoados, se os não tivesse extasiado.

— Tu sabes como isto foi? — dizia Mário para Cosette.

— Não — respondia Cosette — mas afigura-se-me que Deus nos contempla.

Jean Valjean desfez, aplanou, destruiu todos os obstáculos, conciliou todas as dificuldades, tornou tudo fácil. Apressava a realização da ventura de Cosette com tanto afã e, na aparência, com tanta alegria como a própria Cosette.

Como havia sido maire, soube resolver um problema difícil, cujo segredo só ele sabia: o estado civil de Cosette.

Declarar francamente a origem da jovem — quem sabe? — talvez fosse um obstáculo ao casamento.

Resolveu livrá-la destas dificuldades, arranjando-lhe uma família de mortos, meio seguro de não ver surgir reclamação alguma.

Cosette era o único membro de uma família extinta, e não sua filha, mas filha de um outro Fauchelevent.

Procedeu-se a informações no convento da Adoração Perpétua, da rua das Postas, onde tinham estado na qualidade de jardineiros dois irmãos de apelido Fauchelevent.

Recorreram àquele convento e ali abundaram as melhores e mais respeitáveis informações; as excelentes religiosas, pouco aptas e pouco inclinadas a sondar as questões de paternidade, e não vendo em semelhante coisa menor sombra de malícia, não tinham nunca sabido ao certo qual dos dois Fauchelevent era pai de Cosette.

Disseram tudo que se queria, e disseram-no com zelo.

Disto tudo lavrou-se um auto. Cosette tornou-se, perante a lei, Eufrásia Fauchelevent, e foi declarada órfã de pai e mãe. Jean Valjean dispôs as coisas de modo que fosse, sobre o nome de Fauchelevent, designado tutor de Cosette, com o senhor Gillenormand como subtutor.

Quanto aos quinhentos e oitenta e quatro mil francos provinham do legado deixado a Cosette por uma pessoa já falecida e que desejara ficar desconhecida.

O legado primitivo fora de quinhentos e noventa e quatro mil francos, mas dez mil haviam sido despendidos na educação da menina Eufrásia, dos quais

cinco mil tinham sido pagos ao convento.

Este legado, depositado nas mãos de um terceiro, devia ser entregue a Cosette quando chegasse à sua maioridade, ou quando se casasse.

Todo este conjunto de coisas, era, como se vê, muito aceitável, sobretudo com o apêndice de mais de meio milhão.

Havia decerto nele algumas singularidades, mas ninguém as via. Um dos interessados tinha os olhos vendados pelo amor, os outros pelos seiscentos mil francos.

Cosette soube que não era filha daquele velho a quem por tanto tempo chamara pai e que lhe não era mais do que um parente; o seu verdadeiro pai era outro Fauchelevent.

Esta descoberta, noutra qualquer ocasião, tê-la-ia desconsolado. Mas na inefável quadra em que se achava, não foi mais do que uma sombra, um ligeiro escurecimento; e era tão grande a sua alegria que em breve se lhe desvaneceu a ténue nuvem.

Tinha Mário, que lhe faltava?

À chegada do mancebo desaparecia o ancião; a vida é assim.

E depois, havia muitos anos que Cosette estava habituada a ver-se rodeada de enigmas. O ente cuja infância foi misteriosa, acha-se sempre pronto para certas renúncias.

Todavia continuou a chamar pai a Jean Valjean.

Cosette sentia-se entusiasmada pelo avô Gillenormand, que a sobrecarregava de madrigais e de presentes.

Enquanto Jean Valjean dispunha para Cosette uma situação normal na sociedade e a posse de uma situação inexpugnável, velava o senhor Gillenormand pelo enxoval. Nada o divertia tanto como ser magnífico.

Tinha dado a Cosette um vestido de rendas de linho de Binche, que pertencera a sua avó.

— Estas modas estão renascendo — dizia ele — as antiqualhas estão fazendo furor, e as jovens da minha velhice estão-se vestindo como as velhas da minha infância.

Quem pagava estas generosidades eram as suas respeitáveis cómodas abauladas, de que já não havia memória que tivessem sido abertas.

— Confessemos estas velhas — dizia ele — vejamos o que têm no abdómen.

Violava ruidosamente as barrigudas gavetas cheias de vestuário. Cetins, damascos, cassas pintadas, vestidos de seda de Tours, cor de logo, lenços da Índia bordados de oiro, mas de um oiro que podia lavar-se, bordados de Génova e de Alençon, jóias de antiga ourivesaria, bocetas de marfim, lavrado representando batalhas em ponto microscópico, vestidos, fitas, prodigalizava

tudo a Cosette.

A jovem maravilhada, transportada de amor por Mário e cheia de gratidão para com Gillenormand, sonhava uma ventura sem limites, vestida de veludo e de cetim. Afigurava-se-lhe ver os serafins pondo-lhe na cabeça a sua grinalda de noiva. Parecia-lhe que voava para o céu, sustentada por asas de renda de Malines

A embriaguez dos dois jovens, como já dissemos, só podia ser igualada pela alegria louca de Gillenormand.

Era um delírio completo naquela casa.

Não se passava um dia sem que o bom velho oferecesse algum brinde a Cosette. Era um estendal esplêndido em torno da jovem.

Gillenormand às vezes punha-se a discorrer sobre os seus presentes.

— O amor é uma excelente coisa — dizia ele — mas desacompanhado destas bugigangas não presta para nada! O inútil torna a felicidade completa. Se a limitais ao necessário, adeus ventura! Quantas mais superfluidades melhor. Um palácio é o seu coração. O seu coração e o Louvre. O seu coração e os lagos de Versalhes. Dai-me a minha pastora, mais vede se arranjais a fazer-ma duquesa. Dai-me Philis coroada de boninas, mas assegurai-lhe cem mil libras de renda. Abri-me uma bucólica sem fim num peristilo de mármore. Aceito a bucólica e também o prodígio de mármore e ouro. A felicidade desacompanhada é como o pão seco. Come-se, mas não se janta. Quero o supérfluo, o inútil, o extravagante, o demasiado, O que não serve de nada. Lembra-me ter visto na catedral de Estrasburgo um relógio da altura de uma casa de três andares, que dava horas, que fazia favor de dar horas, mas que parecia não ter nascido para semelhante fim, e que, depois de dar meio-dia, ou meia-noite — meio-dia, a hora do Sol meia-noite, a hora do amor — ou, finalmente, qualquer hora mostrava a Lua e as estrelas, a terra e o mar, os pássaros e os peixes, Phebo e Phebe, e uma trapalhada de coisas, que saíam de um nicho, como os doze apóstolos, o imperador Carlos V, Eponina e Sabino, e uma chusma de homenzinhos dourados tocando trombeta, para remate da coisa! Já não falo na imensidade de repiques com que a todo o instante se punha a atroar os ouvidos à gente quando menos se esperava. Porventura um reles relógio, que só marca as horas e mais nada, tem lá comparação com este? Eu cá sou da opinião do enorme relógio de Estrasburgo, que prefiro aos reloginhos de cuco da Floresta Negra.

Gillenormand levava a barra ainda mais além, principalmente em se tratando da boda, sobre a qual ele falava, misturando com os seus ditirambos todos os enxovais do século XVIII.

— Vocês não sabem nada da arte das festas! Já não há quem seja capaz de

fazer um dia de alegria, Este século XIX não vale um ceitil! Não sabe o que é magnificência, grandeza, opulência. Em tudo mostra a sua sovinice! O vosso terceiro estado é insípido, incolor, inodoro e informe. O sonho das vossas burguesas que se estabelecem, como elas dizem, é um lindo camarim, forrado e mobilado de novo, sabe Deus como. Aí vai! Deixem passar! É o senhor Grigou casado com a senhora Grippesou. Sumptuosidade e esplendor. Um luís de ouro pregado numa tocha! Aí está O que é esta época! Oh, desde 1787 que eu profetizei que estava tudo perdido, quando vi vir a Longchamps, numa sege, que parecia uma capoeira, o duque de Rohan, príncipe de Leão, duque de Chabot, duque de Montbazon, marquês de Soubise, visconde de Thouars, par de França. O resultado aí o têm! Hoje em dia todos negoceiam, todos jogam na Bolsa, todos ganham dinheiro e não passam da cepa torta! Só põem esmero em andar lavadinhos, ensaboados, barbeados, penteados, embanhados, frisados, perfumados, escovados, polidos como um seixo, asseadinhos e lépidos, tudo isto por fora, que por dentro, Deus me perdoe!, trazem cada camada de esterco na alma, que fariam deitar a fugir qualquer lapónio que se assoa aos dedos! Outorgo ao tempo de agora a divisa: «Asseio porco». Não me leves isto a mal, Mário; deixa-me falar; eu não digo mal do povo, antes, como vês, quero-lhe muito; o meu fim — é, por conseguinte, não te zangues — é pura e simplesmente dar uma tunda na burguesia. Eu sou burguês, mas amigos, amigos, negócios à parte; primeiro está a verdade. À vista disto, declaro alto e bom som, que hoje em dia todo o mundo se casa, mas ninguém se sabe casar! Oh, dantes é que era! Tenho saudades da galanteria dos antigos costumes. Tenho saudades de tudo! Daquela elegância cavalheiresca, daquelas maneiras corteses, daquele luxo festivo que todos ostentavam, a música fazendo parte da boda, sinfonia em cima, tamborinagem em baixo, danças, rostos alegres em volta da mesa, madrigais alambicados, canções, fogos de artifício, risadas, fitas, laços, o diabo a quatro e trinta por uma linha! Tenho saudades da liga da noiva. A liga da noiva é prima da cinta de Vénus. Qual foi a causa da guerra de Tróia? Ora é muito boa! A liga de Helena. Qual é a causa de todas as guerras? Porque é que Diodemó o divino despedaça na cabeça de Merioneu aquele grande capacete de bronze de dez pontas? Porque é que Aquiles e Heitor se trespassam às lançadas? Porque Helena deixou que Paris lhe roubasse a liga. A liga de Cosette daria assunto a Homero para outra Ilíada, em que figuraria um velho tagarela como eu, a que ele daria o nome de Nestor. No tempo que já lá vai, com bem pena minha, os meus amigos sabiam como corriam estas coisas de casamentos. Em seguida ao casamento, um regabofe. Apenas Cujacio saía, entrava Gamache. Como, assim não havia de ser, se o estômago é um animal agradável que não abdica os seus direitos e

também quer ter a sua boda? Ceava-se regaladamente e cada qual tinha a seu lado uma bela, moderadamente decotada. Aquilo é que eram tempos! A mocidade era um ramalhete; não havia um mancebo que não terminasse por um ramo de lilases ou por um festão de rosas; até os guerreiros eram pastores; e se, por acaso, havia algum capitão de dragões, lá arranjava a chamar-se Florian. Havia interesse em ser bonito. Todos se cobriam de bordados e arrebiques. Os burgueses pareciam flores, os marqueses cofres de pedrarias. Não se usavam presilhas nem botas. Andávamos com uns palmitos, o que não obstava a que se puxasse pela espada quando era preciso. O beija-flor tem bico e unhas. Era o tempo das Índias falantes. Um dos característicos desse século era a delicadeza, o outro, a magnificência, e, Deus me perdoe, a gente divertia-se. Hoje tudo é seriedade. O burguês é avarento, a burguesa beata. Que século tão desgraçado o actual! Se hoje em dia se apresentassem as Graças, seriam corridas por crime de lesa-honestidade! A que tempo chegámos, que até as belezas se ocultam, como se foram fealdades! Desde a revolução para cá, começou tudo a andar de calça, inclusive as dançarinas; uma bailarina deve ser grave; as danças deste tempo são doutrinárias. Todos querem tomar ares majestosos. O seu gosto é andar aprumados na gravata inflexível. O ideal do galopim de vinte anos que se casa é parecer-se com o senhor Royer-Collard. E quereis saber o que conseguem com a sua majestade? Tornar-se ridículos. Olhai, a alegria não consiste só no prazer, consiste também na grandeza. Mas amai jovialmente, com mil diabos! Casai, se quiserdes casar, com a febre e o atordoamento, com o estrondo e o alarido do prazer! Quereis portar-vos com gravidade na igreja? Concedido. Mas, apenas termine a missa, viva Deus!, deixai girar um sonho em torno da desposada! Um casamento deve ser real e quimérico; deve principiar na catedral de Reims e findar no pagode de Chanteloup. Eu não posso ver casamentos à capucha! Valha-vos um dardo! Pois nem ao menos por um dia quereis subir ao; Olimpo! Tornai-vos deuses! Para que haveis de ficar mesquinhos, podendo transformar-vos em silfos, brincos, risos, argiráspides! Meus amigos, um noivo deve tornar-se um príncipe Aldobrandini. Aproveitai este instante, único na vossa vida, para subirdes ao empíreo com os cisnes e as águias, embora no dia seguinte tenhais de tornar a cair na burguesia das rãs. Não sejais económicos com o Himeneu nem lhe cerceeis os esplendores; não regateeis no dia da vossa maior satisfação. A boda não tem nada com o viver doméstico. Oh, se as coisas corressem à medida da minha fantasia, havíeis de ver o bonito; até as árvores ressoariam como instrumentos! O meu programa era este: azul e prata, Assistiram à festa as divindades agrestes; convocaria as dríades e as nereidas. As núpcias de Anfitrite, uma nuvem cor-de-rosa, ninfas nuas, um

académico oferecendo quadras à deusa, um carro puxado por monstros marinhos.

Tristão trotava adiante e com seu búzio
Tão gratos sons desferia, que assombravam!

Eis aqui o programa de festa, ou eu, com um milhão de diabos, não sei onde tenho o nariz!

Enquanto Gillenormand, em plena efusão lírica, se dilatava nestas considerações, Mário e Cosette embriagavam-se, olhando-se livremente.

A tia Gillenormand contemplava tudo isto com a sua imperturbável placidez ordinária. Havia cinco ou seis meses que ela passava por sucessivos abalos; a volta de Mário, o estado em que ele chegara, o perigo que correra, a sua convalescença, a sua reconciliação com o avô, querendo casar com uma pobre, casando depois com uma milionária, tudo isto a deixara profundamente impressionada. A sua última surpresa foram os seiscentos mil francos. Depois disto, voltara à sua primitiva indiferença. Ia regularmente à missa, rezava as suas contas, lia o seu eucológio, sentava-se a um canto a murmurar Ave-Marias, enquanto Mário e Cosette, que ela entrevia vagamente como duas sombras, murmuravam um ao outro os seus *I love you.* Ela, porém, é que era a sombra.

Há um certo estado de ascetismo inerte, em que a alma, neutralizada pelo torpor, estranha a tudo o que diz respeito à vida, não sente, à excepção dos tremores de terra e das catástrofes, nenhuma das impressões humanas, seja aprazível ou desagradável.

— Esta devoção — dizia Gillenormand a sua filha — é um como defluxo moral. Para ti não tem cheiro a vida, nem bom nem mau!

Os seiscentos mil francos, porém, tinham posto termo às suas indecisões. Seu pai fazia já por costume tão pouco caso dela, que não a consultara nem lhe pedira o seu consentimento para o casamento de Mário.

Déspota transformado em escravo, obedecera logo, segundo o seu costume, ao primeiro movimento satisfazer Mário. Quanto à tia, nem sequer lhe lembrara que ela existia e que devia ser consultada, procedimento que ela, apesar dos seus hábitos, não pôde levar a bem.

Realmente agastada no seu foro íntimo, mas exteriormente impassível, dissera consigo:

— Meu pai resolveu a questão do casamento sem me consultar; eu resolverei a questão da herança sem o consultar a ele!

Ela era rica, efectivamente, e seu pai não o era. Por conseguinte, reservara a sua decisão a este respeito.

Se o casamento fosse pobre, pobre o deixaria, provavelmente.

— Mal do senhor meu sobrinho! Casou com uma pobretona, seja pobretão!

O meio milhão de Cosette, porém, agradou à tia e mudou a situação interior com relação aos noivos.

Seiscentos mil francos é uma soma digna de respeito, e era evidente que o seu dever era deixar a sua fortuna àqueles jovens, visto que não precisavam dela.

Combinou-se que o jovem par ficaria em casa do avô. O senhor Gillenormand quis absolutamente ceder-lhe o seu quarto, que era de todos o melhor.

— Remoçarei com isso! — declarava ele. — É um projecto antigo! Sempre tive tenção de fazer do meu quarto uma câmara nupcial.

Em vista desta resolução, mandou mobilar o quarto com um sem número de galantes antiqualhas e forrá-lo de uma fazenda que ele tinha em peça, e que julgava ser veludo de Utrecht.

— Era desta fazenda — dizia ele — o cortinado da cama da duquesa de Anville em Roche-Guyon.

Sobre a pedra do fogão pôs uma figura de Saxe, coberta apenas por um cendal.

A biblioteca de Gillenormand foi arvorada em gabinete de advogado, de que Mário carecia, visto que os estatutos exigiam que todo o advogado tivesse o seu gabinete.

VII — Efeitos de sonho no meio da ventura

Desde esse dia em diante, Cosette e Mário continuaram a ver-se todos os dias.

— Ora vejam como as coisas andam direitas! — dizia a filha de Gillenormand. — A noiva é que vem a casa do noivo fazer-lhe a corte!

A convalescença de Mário, porém, assim o tornara necessário, e o que a princípio fora necessidade, convertera-se, por fim, em hábito. Mário e Fauchelevent viam-se, mas não trocavam entre si a menor palavra, como se assim o tivessem convencionado. Cosette não podia vir sem ser acompanhada por Fauchelevent. Para Mário, Fauchelevent era a condição de Cosette, e por isso resignava-se. Às vezes discutiam sobre matérias políticas, debaixo do ponto de vista do melhoramento geral da sorte de todos, porém nessas discussões pouco mais chegavam a dizer-se do que «sim» ou «não».

Uma ocasião, falando-se do ensino, que Mário queria gratuito e obrigatório, multiplicado sob todas as formas, prodigalizado a todos, como o sol e o ar, numa palavra, respirável ao povo todo, acharam-se de acordo e quase conversaram.

Por essa ocasião, notou Mário que Fauchelevent se exprimia bem e até com

certa elevação de linguagem. Contudo, faltava-lhe o quer que fosse. Fauchelevent tinha mais e menos alguma coisa do que um homem de boa sociedade.

Interiormente e no fundo do seu pensamento, Mário fazia a si próprio mil perguntas acerca daquele senhor Fauchelevent, que para com ele era simplesmente benévolo e frio. Às vezes como que duvidava das suas próprias reminiscências. Tinha na memória uma cova, um ponto negro, um abismo cavado por quatro meses de agonia; abismo em que se havia sumido uma infinidade de coisas, chegando a perguntar a si mesmo se, realmente, tinha visto na barricada Fauchelevent, aquele homem de aspecto tão grave e sereno.

Não era este, porém, o único torpor que as aparições e as desaparições do passado lhe tinham causado no espírito. Não se julgue que Mário se achava livre de todas essas importunações da memória que nos forçam, mesmo felizes, mesmo satisfeitos, a olhar melancolicamente para trás. A cabeça que se não volta para os horizontes sumidos não contém pensamento nem amor.

Às vezes, Mário apoiava a cabeça nas mãos e o passado atravessava-lhe tumultuoso o crepúsculo que ele tinha no cérebro. Via cair Mabeuf, ouvia cantar Gavroche, sentia nos lábios a gelidez da fronte de Eponina; via surgir e depois sumir-se Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Combeferre, Bossuet, Grantaire, todos os seus amigos.

Todos estes entes queridos, dolorosos, valentes, formosos ou trágicos, seriam sonhos ou teriam, com efeito, existido?

O fumo da revolta arrastara tudo consigo. Os sonhos destas febres são grandes como elas.

Interrogava-se, apalpava-se; acometia-o a vertigem de todas estas realidades desvanecidas.

Mas então onde estavam eles todos?

Realmente haviam morrido? Pois todos se tinham sumido nas trevas, só ele não? Pois todos tinham desaparecido como por trás de um pano de teatro?

Sim.

A vida tem destas cortinas que descem, e Deus passa ao acto seguinte.

E ele próprio, seria, realmente, o mesmo homem?

Ele, o pobre, estava rico; ele, o abandonado, tinha uma família; ele, o desesperado, estava em vésperas de desposar Cosette.

Parecia-lhe que tinha atravessado um: túmulo, em que entrara negro e de que saíra branco, tendo ficado dentro dele os que o haviam acompanhado.

Às vezes estes entes do passado apresentavam-se-lhe todos, volteavam em roda dele e enchiam-no de tristeza; o seu pensamento refugiava-se então em

Cosette e ele recobrava a sua primitiva serenidade, mas só esta felicidade era capaz de afugentar semelhante catástrofe.

Fauchelevent quase pertencia ao número desses entes desaparecidos.

Mário hesitava em acreditar que o Fauchelevent da barricada fosse aquele Fauchelevent em carne e osso tão gravemente sentado ao lado: de Cosette.

O primeiro não podia deixar de ser um dos muitos pesadelos que o acometeram nas suas horas de delírio.

Como, porém, os seus génios pareciam totalmente diversos, era impossível a Mário dirigir a menor pergunta a Fauchelevent. Nem sequer se lembrou de o fazer.

Já noutra parte deixámos apontada esta particularidade característica.

É mais frequente do que se julga o caso de dois homens que têm um segredo comum, e que por uma espécie de tácito acordo, não trocam entre si a menor palavra a tal respeito.

Uma ocasião, porém, Mário tentou uma experiência. Fez convergir a conversa sobre a rua de Chanvrerie, e voltando-se para Fauchelevent, disse-lhe:

— Conhece perfeitamente essa rua?

— Que rua?

— A rua da Chanvrerie?

— Não tenho ideia nenhuma do nome dessa rua! — respondeu Fauchelevent, no tom mais natural do mundo.

A resposta, que se referia ao nome da rua e não à própria rua, pareceu a Mário mais concludente do que na realidade era.

— Decididamente — disse ele consigo —, tenho estado a sonhar. Tive uma alucinação! Era alguém que se parecia com ele. Fauchelevent nunca esteve na barricada!

VIII — Dois homens impossíveis de descobrir

Apesar da sua grande ventura, Mário não sentia o espírito totalmente isento de outras preocupações.

Enquanto não chegava o dia do casamento, cujos preparativos prosseguiam, o rapaz mandou proceder a escrupulosas averiguações retrospectivas.

Multiplicadas razões de gratidão a isso o moviam; devia-a por seu pai, devia-a por si mesmo.

Merecia-lha Thenardier, merecia-lha o desconhecido que o transportara da barricada para casa de seu avô.

Mário empregava toda a sua diligência em descobrir esses dois homens, não querendo esquecê-los exactamente quando ia casar, isto é, ser feliz, receoso de que estas dívidas do dever não pagas viessem a turvar-lhe a

existência, tão luminosa agora. Era-lhe impossível deixar em aberto estas dívidas atrasadas, e por isso não queria entrar no futuro sem levar quitação do passado.

Embora Thenardier fosse um celerado, nem por isso deixava de ter sido o salvador do coronel Pontmercy. Para todos seria um facínora, menos para Mário.

E Mário, ignorando a verdadeira cena do campo de batalha de Waterloo, não sabia por isso de uma particularidade — que seu pai se achara para com Thenardier na estranha situação de lhe dever a vida, mas não lhe ser devedor de reconhecimento.

Nenhum dos diversos agentes que Mário empregou para esse fim conseguiu saber onde parava Thenardier. Quanto a este, pareciam perdidas todas as esperanças de o encontrar. A mulher morrera na prisão antes de concluído o processo. Os únicos membros vivos desse lastimoso grupo, Thenardier e sua filha Azelma, tinham-se de novo sumido nas trevas. Sobre eles se fechara silenciosamente o abismo do incógnito social. Nem ao menos se avistava na superfície aquele tremor, aqueles sombrios círculos concêntricos, que denunciam ter caído naquele ponto um objecto e poder-se deitar ali a sonda.

Tendo morrido a Thenardier, estando Boulatruelle fora de cena, havendo Claquesous desaparecido, e tendo fugido da prisão os principais réus, o processo instaurado por ocasião da cilada do casarão Gorbeau quase havia abortado. O negócio ficara sobremodo obscuro. O tribunal criminal teve de contentar-se com os dois réus de menos importância, Panohaud, por outra, Printanier ou Bigrenaille, e Demi-Liard, por outra, Deux Milliards, que foram contraditoriamente condenados a dez anos de galés. Aos seus cúmplices evadidos e contumazes foi imposta a pena de trabalhos forçados por toda a vida. Thenardier, como chefe da quadrilha, foi também julgado à revelia e condenado à morte.

A única coisa que se sabia a respeito de Thenardier era esta condenação, reflectindo o seu sinistro clarão sobre esse nome perdido, como uma tocha junto de um esquife.

É evidente que esta condenação, fazendo que Thenardier se ocultasse ainda mais com receio de ser agarrado, tornava dobradamente espessas as trevas em que ele já se achava envolto.

Quanto ao outro, ao desconhecido salvador de Mário, as averiguações foram ao princípio coroadas de bom êxito, porém em seguida o resultado foi nulo. Conseguiu-se descobrir o carro em que Mário tinha sido transportado à rua das Mulheres do Calvário na noite do dia 6 de Junho. O cocheiro declarou que, nesse dia, estivera «estacionado», por ordem de um agente de polícia,

desde as três horas da tarde até à noite, no cais dos Campos Elíseos, por cima do; desaguadouro do Cano Grande; que, por volta das nove horas, se abrira a grade que deita para a ribanceira, dando saída a um homem que conduzia às costas outro, na aparência morto; que o agente, que se achava de observação naquele sítio, prendera o homem vivo e se apoderara do morto; que, por ordem do mesmo agente, ele, cocheiro, recebera no seu carro «aquela turbamulta»; que se dirigiram primeiro para a rua das Mulheres do Calvário, onde deixaram o homem morto, o qual era o senhor Mário, pois muito bem o conhecia, conquanto «agora» estivesse vivo; que em seguida o agente e o outro homem se tinham metido outra vez no carro, e que ele chicoteara os cavalos e se pusera de novo a caminho, até que, a poucos passos dos Arquivos, o mandaram parar, e, aí desceram ambos e o mandaram: embora, depois de lhe pagar; que não sabia mais nada, senão que, nessa noite, fazia um escuro de meter medo.

Mário, conforme noutra parte já dissemos, de nada se lembrava. Recordava-se apenas de ter sentido o contacto de uma robusta mão. agarrando-o por trás, no momento em que ia a cair no meio da barricada; desde esse instante, não tornara a ter conhecimento de nada, senão quando recobrara os sentidos em casa de seu avô.

Debalde se perdia em conjecturas.

Não podia duvidar da sua própria identidade.

Porém como era que, tendo ele caído ferido na barricada da rua da Chanvrerie, foi encontrado pelo agente de polícia na ribanceira do Sena, próximo à Ponte dos Inválidos? Alguém o transportara daquele sítio para os Campos Elíseos. Mas como? Pelo encanamento. Maravilhosa dedicação.

E quem fora esse alguém?

Eis o homem que Mário procurava.

A respeito desse homem, que fora o seu salvador, nada era possível encontrar; nem, o menor vestígio nem o mais pequeno indício.

Posto que se visse na necessidade de proceder com a maior cautela, Mário levou as suas indagações até à prefeitura de polícia, onde as informações que lhe deram nem o mais leve esclarecimento lhe proporcionaram.

A prefeitura ainda sabia menos a esse respeito do que o cocheiro do carro. Não se recebera ali parte de nenhuma prisão efectuada no dia 5 de Junho, junto ao Cano Grande; não se conhecia participação de nenhum agente sobre semelhante facto, que na prefeitura era considerado como uma fábula, cuja invenção era atribuída ao cocheiro. Um cocheiro é capaz de tudo, mesmo de imaginação, se se trata de fazer jus a alguma boa gorjeta. O facto, contudo, era certo, e tão certo, que Mário não podia duvidar dele, sem duvidar da sua

própria identidade.

Tudo, neste singular enigma, era inexplicável.

Que caminho teria levado aquele misterioso homem que o cocheiro vira sair da grade do Cano Grande, conduzindo às costas Mário desfalecido, esse homem a quem o agente de polícia, ali postado de vigia, prendera em flagrante delito de salvação de um insurgente? Que caminho teria levado o próprio agente? Porque motivo se teria calado? O homem sempre conseguiria, enfim, evadir-se-lhe? Teria subornado o agente? Porque motivo não dava esse homem o menor rumor de si a Mário, que lhe devia tudo? Não era menos para admirar o seu desinteresse do que a sua dedicação. Porque motivo se não dava esse homem a conhecer? Por ser superior à recompensa? Mas ninguém o é ao reconhecimento. Teria, acaso, morrido? Que homem seria? Como seriam as suas feições? Ninguém o podia dizer.

O cocheiro respondia:

— Nessa noite fazia um escuro de meter medo.

Biscainho e -Nicolette, no meio do seu susto, apenas tinham feito reparo no seu jovem amo todo ensanguentado. Só o porteiro, que alumiara com a sua vela a trágica chegada de Mário, reparara no homem de que se tratava, e eis os sinais que ele dava:

— Só olhar para semelhante figura metia medo!

Na esperança de que algum dia lhe poderia ser útil para o fim que tinha em vista, Mário mandou conservar a roupa ensanguentada que trazia vestida, quando o conduziram a casa de seu avô. Ao examinar o casaco, reparou que uma das abas se achava extravagantemente -rasgada. Faltava-lhe um bocado.

Uma noite, estando Mário a falar em presença de Cosette e de Jean Valjean de toda esta singular aventura, do sem número de informações a que havia procedido e da inutilidade dos seus esforços, reparou no rosto do «senhor Fauchelevent» e a sua frieza impacientou-o, a ponto que exclamou com uma vivacidade que quase tinha o tremor da cólera:

— Repito, esse homem, quem quer que seja, foi sublime! Sabe o que ele fez, senhor? Interveio como o arcanjo! Arremessou-se ao meio do combate, tirou-me dele, levou-me pelo encanamento, conduziu-me aqui, finalmente, pôs-me a salvo! Para isso teve de andar mais de légua e meia por medonhas galerias subterrâneas, curvado, vergado, pelo meio das trevas, por baixo dos canos; mais de légua e meia, senhor, com um cadáver às costas! E com que fim? Com o único fim de salvar esse cadáver! E esse cadáver era eu! Esse homem disse consigo: «Aqui existe talvez ainda um clarão de vida; vou arriscar a minha existência por esta miserável centelha!» E arriscou-a, não uma vez, mas vinte, porque cada passo que dava era um perigo que lhe surgia diante! A

prova é que, ao sair do cano, foi preso. Sabe, senhor, que esse homem praticou isto tudo sem o mais leve vislumbre de esperança de uma recompensa? Que era eu? Um insurgente. Que era eu? Um vencido! Oh, se os seiscentos mil francos de Cosette fossem meus!...

— Pois de quem são senão seus? — atalhou Jean Valjean.

— Pois bem — retrucou Mário — dá-los-ia para saber onde parava esse homem!

Jean Valjean conservou-se silencioso.

LIVRO SEXTO — A NOITE FOI PASSADA EM CLARO

I — O dia 16 de Fevereiro de 1833

A noite de 16 para 17 de Fevereiro de 1833 foi uma noite abençoada. Teve por cima da sua escuridão o céu aberto.

Foi a noite de núpcias de Mário com Cosette.

O dia havia sido delicioso.

Não fora, é Verdade, a festa azul delineada por Gillenormand; uma cena como as dos contos de fadas, animada por uma multidão de querubins e cupidos, volteando por cima da cabeça dos noivos, um casamento digno de figurar num quadro para pôr por cima de uma porta; mas fora um suave e risonho espectáculo.

A moda do casamento em 1833 não era como a de hoje. A França ainda não tinha adoptado da Inglaterra a suprema delicadeza do marido arrebatar a noiva, deitar a fugir com ela, apenas transposto o limiar da igreja, esconder-se com vergonha da própria ventura e combinar os modos de um bancarroteiro com os arroubos do cântico dos cânticos.

Não era ainda compreendido o que há de casto, delicado e decente em levar o seu paraíso aos solavancos dentro de uma sege de aluguer, entremear o seu mistério com estalos de chicote, em tomar por leito nupcial uma cama de estalagem, em deixar após si, na alcova banal paga a tanto por noite, a mais sagrada das recordações da vida, confundida com os galanteios trocados entre o cocheiro de diligência e a criada de estalagem.

Na actual metade do século XIX, já não basta o maire, com a sua faixa, o padre e a sua estola, a lei e Deus; é necessário ;que sejam completados pelo postilhão de Longjumeau; jaqueta azul de canhões vermelhos e botões de guizos, calções de pele verde, pragas contra os cavalos normandos de cauda atada, galões falsos, chapéu de oleado, cabelos empoados, grande chicote e batas até ao meio da perna.

A França não leva ainda a elegância a ponto de, como a *nobility* inglesa, fazer chover sobre a sege de posta que conduz os noivos uma saraivada de sapatos e chinelos velhos, em memória de Churchill, depois Marlborough ou Malforouk, acometido no dia do seu casamento por uma cólera de tia que bons resultados lhe trouxe. Verdade, verdade, os chinelos velhos ainda não fazem parte das nossas solenidades nupciais, mas uma vez que o bom gosto continue a difundir-se, certo estamos de que também entre nós pegará a moda.

Em 1833, que ainda não vai há cem anos, não se usavam os casamentos a galope, hoje tanto em voga.

Julgava-se, nessa época — «forte extravagância! Que o casamento é uma festa íntima e. social, que um banquete patriarcal em nada faz desmerecer uma solenidade doméstica, que a alegria, ainda que excessiva, uma vez que seja honesta nenhum mal faz à ventura, e que, finalmente, é venerando e conveniente que a fusão dos dois destinos de que há-de sair a família tenha princípio em casa, e, que o casal tenha desde esse momento por testemunha a câmara nupcial.

Impudentes, que levavam o seu arrojo a ponto de se casarem em casa!

O casamento, pois, teve lugar em casa de Gillenormand, segundo essa moda, hoje caduca.

Por mais natural e ordinário que seja um casamento, há sempre suas complicações na publicação dos banhos, no lavrar das escrituras, nos requisitos civis e eclesiásticos. Por conseguinte, o casamento dos dois jovens deitou a 16 de Fevereiro.

Ora sucedeu — apontamos esta particularidade simplesmente como prova da nossa exactidão — sucedeu, dizíamos, que o dia 16 de Fevereiro caiu numa terça-feira de entrudo. Deu isto lugar a hesitações e. escrúpulos, principalmente da parte da tia Gillenormand.

— Dia de entrudo! — exclamou o avô. — Melhor! Como diz o rifão:

Mariage un mardi gras
N'aura point d'enfants ingrats.[53]

— Nada de demoras. Deixemo-nos disso! Seja no dia 16. Ou tu queres que seja mais adiante, Mário?

— De modo nenhum! — respondeu o noivo.

— Nesse caso, mãos à obra! — exclamou o ancião.

O casamento, efectuou-se, pois, no dia 16, não obstante a alegria pública. Nesse dia chovia, porém, o céu tem sempre um cantinho azul à disposição da felicidade, o qual os noivos são capazes de ver, ainda quando o resto da criação se ache debaixo de um guarda-chuva.

Na véspera, Jean Valjean entregara a Mário, em presença de Gillenormand, os quinhentos e oitenta mil francos.

Como Toussaint agora se tornava inútil a Jean Valjean, Cosette ficou com ela, promovendo-a logo ao posto de sua criada grave.

Quanto a Jean Valjean, preparou-se-lhe e mobilou-se-lhe um quarto, em casa de Gillenormand, e tão irresistivelmente lhe pediu a filha que o viesse habitar que ele quase prometeu.

Poucos dias, porém, antes do dia aprazado para o casamento, acontecera-lhe um desastre: esmagara o dedo polegar da mão direita. Conquanto o ferimento não fosse grave, não consentiu que ninguém lho tratasse ou visse,

nem mesmo Cosette, todavia teve de pôr o braço ao peito e ficou impossibilitado de assinar o quer que fosse, por não poder fazer uso daquela mão. Assinara, portanto, em lugar dele, Gillenormand, como subtutor de Cosette.

Não conduziremos o leitor à *mairie* nem à igreja, onde ninguém acompanha dois namorados. O costume é voltar as costas ao drama apenas ele põe ao peito um ramo de noivo. Limitar-nos-emos a apontar um incidente ignorado dos que compunham o préstito nupcial, que teve lugar no trânsito da rua das Mulheres do Calvário para a igreja de S. Paulo, onde foi celebrada a cerimónia religiosa: do casamento.

Como, nessa época, se andasse consertando a extremidade norte da rua de S. Luís, achava-se obstruída a passagem desde a rua do Parque Real. Por consequência, as carruagens do préstito nupcial não podiam dirigir-se directamente para S. Paulo; tinham de mudar de itinerário o mais simples seria tornear o boulevard.

A isto, porém, objectou um dos convidados que, como era dia de entrudo, devia estar o boulevard atulhado de carruagens.

— Porquê? — perguntou Gillenormand.

— Por causa das máscaras.

— Às mil maravilhas! — disse o velho. — Vamos pelo boulevard. Estes jovens casam-se; vão entrar no sério da vida. Devem, portanto, preparar-se, vendo uma mascarada!

Em virtude desta resolução, principiou o préstito a desfilar pelo boulevard. Na primeira berlinda ia Cosette, Gillenormand, sua filha e Jean Valjean. Seguia-se outra berlinda conduzindo Mário, ainda separado da noiva, segundo o uso.

Apenas o préstito desembocou da rua das Mulheres do Calvário, confundiu-se na imensa procissão de carruagens, que se estendiam, formando uma espécie de cadeia contínua, desde a Madalena até à Bastilha e desta até à Madalena.

No boulevard ninguém via senão magotes de máscaras. Apesar dos aguaceiros, que, com pequenos intervalos, se sucediam, os burlescos actores daquela cena de tumulto não esfriavam do seu ardor. No bom-humor desse Inverno de 1833, Paris disfarçara-se em Veneza. Esses espectáculos já hoje se não vêem. Como tudo o que existe é carnaval, já não há carnaval.

Tanto as janelas como os passeios laterais do boulevard estavam cheios de curiosos. Sobre os terraços que coroam os peristilos dos teatros via-se igualmente uma multidão de espectadores. Além das máscaras, gozava-se também o espectáculo daquela numerosa variedade de carros, caminhando

ordenadamente, rigorosamente unidos uns aos outros, em conformidade dos regulamentos policiais e como que seguindo por trilhos de ferro. Quem se acha dentro de Um desses veículos é, ao mesmo tempo, espectador e espectáculo. Ao longo dos passeios do boulevard, estendia-se um cordão de agentes de polícia, ali postados com o fim de vigiar aquelas duas intermináveis fileiras paralelas movendo-se em sentido contrário, atentos a que nada embaraçasse a oposta corrente destes dois rios de carros, dos quais um subia para a calçada de Antin, o outro para o arrabalde de Santo António. Pelo meio da rua entrecruzavam-se livremente os trens dourados dos embaixadores e pares de França. Gozavam do mesmo privilégio alguns préstitos folgazões e magníficos, especialmente o do Boi Gordo. No meio desta alegria de Paris, ouvia-se a Inglaterra fazendo estalar O seu chicote; era a sege de posta de tarde Seymouir, apodada por uma alcunha popular, passando com grande estrondo.

Na dupla fileira, ao longo da qual os guardas municipais galopavam como cães de pastor, honestos trens de família, pejados de tias e avós, deixavam ver pelas portinholas gentis grupos de crianças mascaradas, interessantes criaturinhas, capacitadas de que faziam parte oficial do regozijo público, compenetradas da dignidade da sua bufoneria, que desempenhavam com gravidade de funcionários.

De quando em quando, sobrevinha algum embaraço no meio daquela procissão de veículos; uma das fileiras laterais parava até se desatar o nó e em seguida punha-se tudo de novo a caminho, tendo bastado o embaraço de uma só carruagem para paralisar toda a linha.

As carruagens que compunham o préstito nupcial achavam-se no meio do cordão que se dirigia para a Bastilha, ao longo do lado direito do boulevard. Chegados à altura da rua de Pont-aux-Ghoux, os carros que formavam este cordão pararam um instante e a fila que seguia para a Madalena parou igualmente. Nesse ponto do segundo cordão via-se um carro de máscaras.

Estes carros, ou, para melhor dizer, estas carradas de máscaras, são muito conhecidas dos parisienses. Se faltassem no dia de entrudo ou quarta-feira da velha, causariam estranheza e toda a gente diria: «Aqui anda grande novidade! Provavelmente, temos mudança ministerial!» Magotes de Cassandras, Arlequins e Colombinas, solavancados por cima dos viandantes; toda a espécie de grotescos possíveis, desde o turco até ao selvagem; Hércules pelo braço de marquesas; regateiras que fariam tapar os ouvidos a Rabelais, como, antigamente, as ménades faziam baixar os olhos a Aristófanes; cabeleiras de estopa, calças de malha cor de carne, chapéus oleados, óculos de charlatão, tricórnios de Junot coroados por uma inquieta borboleta; gritos

contra os que andam a pé, mãos nas ilhargas, atitudes despejadas, ombros nus rostos Mascarados, desfaçamentos escancarados; um caos de desavergonhadas guiado por um cocheiro coroado de flores; eis o que é esta instituição.

A Grécia precisava do carro de Thespis, a França necessita do fiacre de Vádê.

Tudo é susceptível de paródia, até a própria paródia. A saturnal, esgar da beleza antiga, vem, de exageração em exageração, terminar no entrudo, e a bacanal, outrora coroada de pâmpanos, inundada pela luz do sol, mostrando seios de mármore, numa seminudez divina, hoje, abrandada debaixo dos trapos molhados do: norte, veio, por último, a denominar-se mascarada.

A tradição dos carros de máscaras remonta aos mais antigos tempos da monarquia. Nas contas de Luís XI vêem-se abonados ao bailio do palácio «vinte soldos torneses para três coches de máscaras nas praças». Actualmente, estes ruidosos magotes de criaturas, fazem-se, de ordinário, transportar em alguma sege velha pesada, e tumultuosamente sentados no tejadilho., dentro, na traseira, na lança, em toda :a parte onde podem segurar-se. São vinte numa carruagem que apenas pode conter seis. Em qualquer lugar improvisam um assento. Até nas lanternas se empoleiram. De pé, sentados, deitados com as pernas encolhidas, com dais penduradas, de toda a maneira. As mulheres sentam-se nos joelhos dos homens. Vêem-se de longe, por cima de uma multidão imensa de cabeças, aquelas pirâmides humanas, extravagantemente conformadas. Estes carros são umas como montanhas de alegria no meio do geral tumulto, montanhas de onde manam Coílé, Panard e Piron, opulentos de gíria, de onde se vomita sobre o povo o catecismo das praças. Vedes o ar de conquista daquele Carro, que a carga que leva faz parecer desmesuradamente grande? Precede-o a Vozearia, segue-o o Tumulto. Os que vão nele vociferam, gritam, cantam, rugem, contorcem-se nos transportes do prazer; ruge a alegria, flameja o sarcasmo, brilha purpurina a jovialidade; é a farsa levada em apoteose por dois sendeiros; é o Carro do triunfo do Riso.

Riso demasiado cínico para ser franco. E, com efeito, esse riso é suspeito. Esse riso tem uma missão. Tem a seu cargo provar o carnaval aos parisienses.

Estes carros da escória social, misteriosamente tenebrosos, fazem meditar o filósofo. Dentro desse carro vai o governo. Palpa-se neles, para assim dizer, a afinidade misteriosa que existe entre os homens públicos e as mulheres públicas.

Triste coisa, na verdade, que um edifício de torpezas possa servir de abrigo ao prazer, que se engode um povo sobrepondo a ignomínia por cima do opróbrio, que a espionagem, servindo de cariátide à prostituição, divirta as

turbas afrontando-as, que a multidão, goste de ver passar sobre as quatro rodas de um carro esse monstruoso montão vivo, ouropel-andrajo, meio luz, meio lixo, que ladra e canta, que se aplauda esta glória formada de vergonhas de toda a espécie, que não haja verdadeira festa para a multidão, onde a polícia não passeie pelo meio ideia esta espécie de hidras de alegria de vinte cabeças. Mas que remédio?

Estes carros de lama enfeitada de fitas e adornada de flores são insultados e amnistiados pelo riso público. O riso de todos é cúmplice da degradação universal. Certas festas impuras desagregam o povo e tornam-no ralé. E a ralé é como os tiranos; quer histriões. O rei tem Roquelaure, o povo tem Palhaço. Paris é a grande cidade louca todas as vezes que não é a grande cidade sublime. Em Paris o carnaval faz parte da política. Paris, Confessemos a verdade, não desgosta de ver a infâmia representando a comédia. Não exige de seus senhores quando os tem — senão uma coisa: que lhe mascarem a lama. Roma tinha a mesma propensão,.

Gostava de Nero, porque Nero era um *dèbardeur* tirânico.

Como íamos dizendo, quisera o acaso, que do lado esquerdo do boulevard parasse um desses disformes magotes de homens e mulheres mascarados, aglomerados numa descomunal carruagem, ao mesmo tempo que do lado direito paravam as seges do préstito nupcial, vindo o carro das máscaras a ficar justamente defronte da carruagem que conduzia a noiva.

— Ó rapazes — disse um máscara — vocês não querem ver um casamento?

— É um casamento falso — respondeu o outro.

— O verdadeiro somos nós!

E, após isto, não podendo dirigir alguma chufa aos noivos, por se acharem a demasiada distância e temerem a intervenção da polícia, puseram-se a olhar para a outra parte.

Ao cabo de um instante, o carro dos máscaras teve que ver-se em terríveis apertos; a multidão principiou a apupá-los, que é o seu modo habitual de acariciar os máscaras, e os dois que acabavam de falar tiveram de fazer frente àquela imensa turba, arremessando-lhe todos os projécteis do repertório dos Mercados, com que, todavia, não conseguiam dominar o desconforme alarido do povo. Foi um medonho combate de metáforas entre os mascarados e a multidão.

Ao mesmo tempo, outros dois máscaras da mesma carruagem, um espanhol com um nariz descomunal, ar de jarreta e imensos: bigodes pretos, e uma regateira magra e ainda jovem, tinham avistado também o préstito nupcial, e enquanto os seus companheiros e os transeuntes se insultavam, principiaram a conversar em voz pouco elevada.

O sussurro das suas vozes perdia-se no meio do tumulto que os cercava. Como o carro era descoberto, a chuva alagara-o completamente; o vento de Fevereiro não é quente. Ao mesmo tempo que respondia ao espanhol, a regateira ria-se, tiritava e tossia,.

Eis o diálogo:

— Olha,

— Que é, meu pai?

— Vês, aquele velhote?

— Que velhote?

— Aquele que está na primeira carruagem do lado direito.

— O que tem o braço ao peito embrulhado num lenço preto?

— Sim.

— E então?

— Eu conheço aquele figurão, por mais que me digam!

— Ah!

— Que me atravessem uma espinha no estreito e nunca mais torne a «piar sagrado»[54], na minha vida, se eu não conheço aquela borra-botas que ali está!

— Hoje todos são borra-botas, porque estão as ruas cheias de lama.

— Debruçando-te, podes ver a noiva?

— Não,

— E o noivo?

— Naquela carruagem não vem noivo nenhum.

— Ora adeus!

— Só se o noivo é o outro velhote.

— Debruça-te bem a ver se sempre lobrigas a noiva.

— Não posso.

— Paciência! O que sei dizer é que eu conheço o figurão que traz o braço ao peito.

— Não me dirás de que te serve conhecê-lo?

— Quem sabe? Às vezes...

— Pois cá para mim, os velhos dão-me pouco cuidado!

— Pois eu conheço-o.

— Então conheça-o para aí à vontade!

— Como diabo veio ele parar aqui?

— Ora, como nós!

— De onde virá o acompanhamento?

— Eu sei lá!

— Escuta!
— Que é?
— Tu podias fazer uma coisa.
— Que coisa?
— Apear-te e ir atrás daquele acompanhamento.
— Para quê?
— Para saber onde vai e quem são os noivos. Anda depressa, filha. A quem tem boas pernas não custa isso nada.
— Não posso sair do carro.
— Porquê?
— Porque estou ajustada.
— Diabo!
— Devo o meu dia de peixeira à prefeitura.
— É verdade.,
— Bem sabes que tão depressa puser pé fora do carro, no mesmo instante serei filada pelo primeiro agente que me lobrigar.
— Bem sei isso.
— Hoje pertenço ao governo.
— É o mesmo. O que é certo é que o diabo do velho dá-me que cismar!
— A ti, ao menos, todos os velhos te dão que cismar. Pois olha que tu também, já não és nenhuma criança!
— Ele está na primeira carruagem...
— Então que tem lá isso?
— Na carruagem da noiva...
— E daí?
— Por conseguinte é o pai!
— E eu que tenho a ver que ele seja o pai ou a mãe?
— Digo-te que é o pai!
— Forte cisma! Há-de ser por força aquele!
— Escuta.
— Que é?
— Tu bem sabes que eu não posso sair senão mascarado. Estar aqui é como se estivesse escondido, porque ninguém me conhece. Porém amanhã acabam-se as máscaras, porque é quarta-feira de cinza, e eu arrisco-me a ser fisgado se me não recolho na toca, enquanto tu podes andar por onde bem te parecer.
— Isso agora mais devagar!
— Sempre estás mais na tua liberdade do que eu.
— Pois sim; e daí?
— Quero que saibas para onde se encaminha aquele acompanhamento.

— Para onde se encaminha?
— Sim.
— Isso sei eu, sem ser preciso ir atrás dele.
— Então para onde?
— Para o Quadrante Azul.
— Ora adeus! Para o Quadrante Azul não se vai por aqui.
— Nesse caso, então, vai para a Rajpée.
— Decerto que ele para alguma parte vai, olha a grande novidade!
— Está no seu direito; pode ir para onde quiser.
— Deixa-te de asneiras! O que eu pretendo é que me saibas quem são os noivos e onde moram, e que figura faz o velhote em tudo isto.
— Está servido! Meu pai sempre tem lembranças mais ratonas! Não que ele, realmente, é mesmo muito fácil saber, passados oito dias, quem eram os noivos que se viram passar um dia de entrudo pelas ruas de Paris. Isso tem lá pés nem cabeça? É querer achar uma agulha num palheiro!
— Não importa, sempre será bom tentar. Ouves, Azelma?
Os dois cordões continuaram de ambos os lados do boulevard o seu movimento em sentido inverso e o carro dos máscaras perdeu de vista a carruagem da noiva.

II — Jean Valjean continua de braço ao peito

A quem é concedido ver a realização dos seus sonhos?
Há decerto eleições no céu para isso; todos nós, sem o saber, somos candidatos a esta eleição, em que os anjos são os votantes. Cosette e Mário tinham ficado eleitos.
Quer em casa do marre, quer na igreja, Cosette estivera deslumbrante e comovente. Fora Toussaint quem a vestira, ajudada por Nicolette.
Por cima de uma saia de tafetá branco trazia o seu vestido de tenda de Binche; na cabeça um véu de renda de Inglaterra, por cima de uma grinalda de flores de laranjeira; ao pescoço um colar de pérolas finas. Tudo isto era branco, mas o quase divino clarão que se lhe irradiava da fronte ofuscava a alvura do seu trajo. Era uma candura inefável dilatando-se e transfigurando-se em claridade. Dir-se-ia uma virgem prestes a converter-se em deusa!
Os magníficos cabelos de Mário estavam lustrosos e perfumados; sob a espessura dos anéis que eles formavam, entreviam-se, num e noutro ponto, umas linhas descoradas, que eram as cicatrizes das feridas recebidas na barricada.
Cosette era conduzida por Gillenormand, que, soberba, de cabeça levantada, amalgamando, como nunca, no seu trajo e nas suas maneiras, todas as elegâncias do tempo de Barras, se prestara a substituir Jean Valjean,

que, em virtude do seu ferimento, não podia dar o braço à noiva.

Seguia-os atrás Jean Valjean, vestido de preto e todo risonho.

— Senhor Fauchelevent — dizia-lhe o ancião — este dia é dos que ficam eternamente gravados na memória. Eu cá voto pelo fim das aflições e dos pesares. Para bem não devia tornar a haver tristeza em parte nenhuma! Fica por mim decretada a alegria de hoje para todo o sempre e privado dos seus direitos o mal, com a sua comitiva de sofrimentos. Realmente, é uma vergonha para o firmamento que haja homens desditosos! A capital e sede governamental de todas as misérias humanas é o inferno, por outra, as Tulherias do diabo! Não querem ver que também eu me ponho agora a encambar-lhes palavrões demagógicos? Eu cá não quero tornar a saber de opiniões políticas; o meu único desejo era que todos fossem ricos, quero dizer, venturosos!

Quando, concluídas todas as cerimónias, depois de terem pronunciado todos os sins possíveis perante o maire e perante o padre, de terem assinado; todos os registos civis e eclesiásticos, de terem trocado os anéis, de terem ajoelhado nos degraus do altar-mor e recebido a bênção nupcial, chegaram pelo braço um do outro, admirados e invejados de todos, Mário vestido de preto, Cosette de branco, precedidos pelo agaloado porteiro, que com o coto da sua alabarda, fazia ressoar as lajes marmóreas do templo, por entre duas alas de maravilhados espectadores, ao pórtico da igreja, aberto de par em par, e se meteram de novo na carruagem que os conduzira, por se achar concluída a cerimónia, a jovem não podia capacitar-se da realidade do que via. Fitava Mário, fitava a multidão; fitava o céu; parecia que temia despertar daquele sonho. O seu ar de espanto e receio. Contribuía para tornar ainda mais encantadora a expressão do seu meigo rosto. No regresso para casa, mudaram-se os lugares.

Mário entrou para a primeira carruagem, onde se sentou ao lado de Cosette. Nos assentos da frente iam, o senhor Gillenormand e Jean Valjean.

A filha de Gillenormand recuara um plano e ia na segunda carruagem,

— Meus filhos — dizia para os felizes noivos o transportado ancião a contar de hoje por diante, sois o senhor barão e a senhora baronesa, com trinta mil francos de renda!

E Cosette, inclinando-se para Mário, segredou-lhe ao ouvido estas angélicas expressões:

— Agora é que é verdade, chamo-me Mário. Sou a senhora Tua.

Aquelas duas meigas criaturas resplandeciam. Achavam-se no irrevogável e único instante, no deslumbrante ponto de intersecção de toda a juventude e alegria. Eram a realização dos versos de Jean Prouvaire; a idade de ambos

reunida não perfazia quarenta anos. Era o casamento sublimado. Pareciam dois lírios. Não se olhavam, contemplavam-se. Cosette via Mário como que cingido de uma auréola; a Mário afigurava-se-lhe ver Cosette como que sobre um altar. E, por cima do altar, e no meio da auréola, indefinível, as duas apoteoses, ao fundo, de um modo indefinível, oculta por uma nuvem aos olhos de Cosette, cercada de um resplendor aos olhos de Mário, havia a causa ideal, a causa real, a entrevista do beijo e do sonho e do leito nupcial.

Todos os tormentos que eles haviam suportado, se lhes convertiam agora em embriaguez. Afigurava-se-lhes que os pesares, as insónias, as lágrimas, as angústias, os temores, as aflições, transformados em esplendores e carícias, tornavam ainda mais aprazível o inefável instante que perto vinha, e ;que as tristezas eram como que outras tantas servas que se ocupavam em adornar a alegria. Que bela coisa o ter sofrido! Ter sofrido para depois vermos a nossa desdita servindo de auréola à nossa ventura, para vermos a demorada agonia do nosso amor coroado por uma ascensão!

Ambas aquelas almas juvenis se sentiam igualmente arroubadas, arroubamento com que, em Mário, se entremisturava uma espécie de celeste voluptuosidade e de pudor em Cosette.

Diziam com um ar de mistério um para o outro:

— Havemos de voltar ao nosso jardinzinho da rua de Plumet!

Mário ia quase oculto pela ampla roda do vestido de Cosette.

Um dia destes é uma inefável mistura de cogitação e certeza, de posse e suposição, que nos deixa ainda tempo para adivinhar. Nesse dia temos ocasião de avaliar o que é pensar na meia-noite ao meio-dia. Aqueles dois corações extravasavam sobre a multidão que passava o prazer do seu delicioso anseio.

Na rua de Santo António, logo ao sair de S. Paulo, os transeuntes paravam e punham-se a contemplar, admirados, a deslumbrante noiva, sobre a cabeça da qual o rodar da sege fazia tremer as flores de laranjeira que formavam a grinalda.

Chegado à rua das Mulheres do Calvário, subiu Mário a par de Cosette, com ar triunfante e radiante de alegria, aquela mesma escada por onde, algum tempo antes, tinha sido conduzido moribundo, ambos cobertos pelas bênçãos dos pobres, que, aglomerados à porta, repartiam entre si o dinheiro que dos ditosos noivos tinham recebido. Não se viam por toda a parte senão flores. A casa não estava menos perfumada do que a igreja; após o incenso, as rosas. No meio do seu enlevo, afigurava-se aos dois jovens ouvir um coro de vozes no infinito; tinham Deus no coração; parecia-lhes o destino um firmamento, afigurava-se-lhes ver por cima de si os clarões de uma aurora. De súbito, ouviram-se horas num relógio. Mário olhou para o gentil braço nu de

Cosette e para a rosada superfície que se lhe entrevia vagamente através das rendas do vestido, e Cosette, ao dar pelo olhar de Mário, corou até às meninas dos olhos.

De entre o grande número de antigos amigos da família Gillenormand que haviam sido convidados, nem um só parecia querer desamparar o seu posto ao lado de Cosette. Todos a rodeavam, todos à porfia queriam ter o prazer de chamar-lhe senhora baronesa.

De Chartres, onde se achava destacado naquela ocasião, viera assistir ao casamento de seu primo Pontmercy, o oficial Teodulo Gillenormand, actualmente Capitão. Cosette não o reconheceu.

Pelo que diz respeito ao garboso lanceiro, habituado a ser objecto dos olhares e requebros de muitas mulheres, a ideia de umas conquistas fazia-lhe perder a lembrança das outras, e por conseguinte também não reconheceu a jovem.

— Bem me parecia a mim que a tal história do lanceiro não tinha pés nem cabeça! — dizia o velho Gillenormand com os seus botões, ao ver que os dois jovens não davam a menor mostra de se conhecerem ou terem visto.

Nunca a filha de Fantine se mostrara tão afável para com Jean Valjean. Cosette e Gillenormand pareciam ser os mais satisfeitos de toda a família. Ao mesmo tempo que o ancião deixava extravasar a sua alegria em máximas e aforismos, exalava ela o seu amor e bondade à semelhança de um perfume. A ventura gosta de ver toda a gente venturosa.

Na sua conversação com Jean Valjean, a formosa noiva achava meio de empregar todas as inflexões de voz que se servia, quando era pequenina, e acariciá-lo, sorrindo-se-lhe.

No regresso do templo, depois de concluída a cerimónia, foi servido um banquete aos convidados em casa de Gillenormand.

Uma iluminação brilhante é sempre o acompanhamento forçado de um grande júbilo. Os felizes não gostam de trevas. Não se querem ver cobertos de véu escuro. Noite sim, trevas não. Se não têm Sol, arranjam-no. A sala de jantar, pois, em que foi servido o banquete aos convidados no dia das núpcias de Cosette era um facho de coisas alegres. Do centro do tecto, por cima da alva e cintilante mesa, pendia um lustre de Veneza, por entre cujas luzes fulgurava, um sem número de pássaros de cores variegadas, verdes, roxos, azuis, vermelhos, empoleirados nas hastes dos lustres; em volta destas placas, pelas paredes, serpentinas de três e cinco lumes; espelhos, cristais, vidros, porcelana, loiça de barro, objectos de prata e ouro, tudo resplandecente e espargindo alegria. Os espaços entre os candelabros estavam preenchidos por vistosos ramalhetes, de modo que onde não havia luz, havia flores.

Na sala imediata três rabecas e uma flauta tocavam, em surdina, quartetos de Haydn.

Jean Valjean sentara-se no salão junto da porta, de modo que o batente desta quase o encobria.

Momentos antes de irem para a mesa, Cosette aproximou-se dele e fez-lhe travessamente uma grande mesura, levantando com as mãos a ampla roda do seu vestido de noiva, e perguntou-lhe, acompanhando as suas palavras com um volver de olhos graciosamente travesso:

— Então, meu pai, está satisfeito?

— Estou! — respondeu Jean Valjean.

— Então ria-se!

Jean Valjean pôs-se a rir.

Daí a um instante, Biscainho veio anunciar que o jantar estava na mesa.

Os convidados levantaram-se e dirigiram-se, precedidos por Gillenormand, que dava o braço a Cosette, para a sala de jantar, onde cada qual se sentou à mesa no lugar que lhe foi designado.

À direita e à esquerda da noiva, viam-se duas amplas poltronas: a primeira era destinada a Gillenormand, a segunda a Jean Valjean.

Gillenormand sentou-se,

A outra poltrona ficou por ocupar.

Todos procuravam com a vista «o senhor Fauchelevent».

Não estava na sala.

— Sabes onde está o senhor Fauchelevent? — disse Gillenormand, dirigindo-se a Biscainho.

— Sei, sim, senhor! — respondeu Biscainho. — O senhor Fauchelevent recomendou-me que dissesse a V. S.ª que, como se achava incomodado da mão, não podia assistir ao jantar, pelo que pedia desculpa ao senhor barão, e à senhora baronesa. Acaba de sair agora mesmo, dizendo que amanhã pela manhã voltaria.

O vácuo causado por aquela poltrona fez por um instante esfriar o prazer do banquete nupcial. Se, porém, faltava Fauchelevent, achava-se presente Gillenormand, cuja alegria o fazia valer por dois. Declarou ele que, visto achar-se incomodado, acertadamente andara o senhor Fauchelevent em querer recolher-se «cedo, porém que, no seu entender, aquilo não passava de «uma arranhadura», que não merecia importância. Foi suficiente esta declaração para que todos recuperassem o primitivo humor jovial. E, ainda quando não fora ela, que sensação pode causar um ponto escuro no meio de semelhante resplendor de alegria? Cosette e Mário achavam-se num desses abençoados momentos de egoísmo em que as nossas faculdades só se tornam

aptas para apreciar a ventura. A isto acresceu ainda outra circunstância, uma lembrança de Gillenormand tendente a disfarçar, senão totalmente preencher, o vácuo causado pela ausência de Jean Valjean.

— Isto não tem jeito! Esta poltrona não há-de ficar vazia. Vem tu para aqui, Mário. O teu lugar era ao pé de tua tia, mas ela dá licença que venhas ocupar este. Aqui tens esta cadeira de braços. É uma coisa não só legal, mas até bonita. Fortunate, ao lado de Fortunata!

As palavras do ancião foram saudadas com aplausos gerais por todos os convidados. Mário foi ocupar ao lado de Cosette o lugar de Jean Valjean; e as coisas acomodaram-se de tal modo, que Cosette, em princípio triste pela ausência de Jean Valjean, acabou por estimá-la.

Desde que Mário era o substituto., não teria Cosette saudades, nem mesmo de Deus. Apenas Mário se sentou, pôs-lhe Cosette sobre o pé o seu pezinho calçado de cetim branco.

Ocupada a poltrona, foi esquecido o senhor Fauchelevent, e não se sentiu falta de coisa nenhuma. Cinco minutos depois era geral o riso em toda a mesa, de um a outro extremo, com todo o desenfado do esquecimento.

À sobremesa, o senhor Gillenormand, em pé, tendo na mão uma taça de champanhe, só meia, para que a tremura dos seus noventa e dois anos lha não fizesse entornar, fez o brinde aos noivos.

— Não hão-de escapar a dois sermões! — exclamou ele. — De manhã tiveram o do cura, vão ter de tarde o do avô. Oiçam o conselho que lhes dou: Adorem-se. Eu não faço montões de palavras; vou direito ao fim sem rodeios; saibam: ser felizes. Além das tolinhas não há outros sábios na criação:. Moderai os vossos prazeres, dizem os filósofos; largai-lhes as rédeas, digo eu. Apaixonem-se endiabradamente, danadamente. Os filósofos desvairam; desejava obrigá-los a engolir a sua filosofia. Podem porventura ser demasiados neste mundo os perfumes e os botões de rosa abertos, demasiados os rouxinóis cantando, demasiadas as folhas verdes, demasiada a aurora na vida? Pode alguém amar de mais? Podem duas criaturas agradar de mais uma à outra? Acautela-te, Estela, és demasiadamente linda! Acautela-te, Nemorin, repara que tens beleza de mais! Não está má estupidez! Pode alguém encantar-se de mais estar vivo e ser feliz em demasia? Moderai os vossos prazeres! Esperem por essa! Abaixo os filósofos! A sabedoria é o regozijo. Regozijemo-nos. Nós somos felizes porque somos bons, ou somos bons porque somos felizes? O Sancy chama-se Sancy por ter pertencido a Harlay de Sancy, ou porque pesa cento e seis quilates? Isso é que eu não: sei; a vida está cheia destes problemas; o que é importante é ter o Sancy ,e a felicidade. Sejamos felizes sem chicanar. Obedeçamos cegamente ao Sol. O

que é o Sol? É o amor. Quem diz amor, diz mulher. Ah, a mulher, sim, que é uma omnipotência! Perguntem a este demagogo Mário se não é escravo desta tiranazinha Cosette; e por sua vontade cobarde! A mulher! Não há Robespierre que resista ao império da mulher; a mulher reina, e eu não sou realista senão desta realeza. O que é Adão? É O reino da Eva. Para ela não há 89. Houve o ceptro real sobrepujado por uma flor de lis, houve o ceptro de Carlos Magno, que era de ferro, havia o de Luís o Grande, que era de oiro; a revolução torceu-as entre os dedos, como se fossem palhinhas; acabou-se, partiram-se, estão por terra, já não há ceptros; mas se são capazes, façam revoluções contra esse lencinho bordado reacendendo *patchouli!* Desejava vê-los nessa empresa. E porque é sólido o tal lencinho? Por ser um bocado de pano. Ah, os senhores são o século dezanove? Pois sim, senhores e daí? Nós éramos o século dezoito, e tão pedaços de asno éramos nós como sois vós! Estes meus senhores de agora cuidam: que, por terem mudado o nome a meia dúzia de coisas, causaram uma revolução total no Universo. Desenganem-se do que eu lhes digo: as mulheres hão-de sempre ser amadas! Dêem-lhes as voltas que quiserem, tanto faz andar como não andar, daqui não há que sair, não há que livrar-se a gente de semelhantes diabretes, que são as nossas delícias, os nossos anjos! Repito, o amor, a mulher, o beijo; deste círculo não há que livrar-se ninguém, e, cá pela parte que me pertence, tornara-me eu pilhar dentro dele outra vez! Já viram despontar no horizonte, dominando tudo o que se estende por baixo dela, mirando-se no espelho das ondas, como uma mulher, a estrela Vénus, a grande namoradeira do abismo, a Celimene do Oceano, esse «ide Alceste? Pois aí têm; tanto faz ele mugir como não mugir; em assomando Vénus, não tem remédio senão mostrar-se risonho, quer queira, quer não queira. E o monstro submete-se! Assim somos todos nós também. Ira, tempestade, raios, escuma pelo ar; entra em cena uma mulher, desponta uma estrela; acabou tudo, não se ouve mais tugir nem mugir! Há seis meses andava Mário jogando a tapona com a tropa; hoje casa. Fez o que devia. Sim, Mário, sim, Cosette; tendes razão. Amai-vos, adorai-vos, consagrai todos os momentos da vossa existência ao amor, fazei-nos comer de inveja por não podermos fazer o mesmo; idolatrai-vos! Deitai os biquinhos a todos os fragmentos de felicidade que há pelo mundo e formai com eles o vosso ninho de prazeres. Ora então! Grande maravilha amar a gente e ser amada, quando é nova! Não vades cuidar vós que fostes os inventores disto! Aqui estou eu que também já sonhei, já cismei, já suspirei; que também já tive uma alma-luar. O amor é uma criança de seis mil anos, que por isso pode usar de compridas barbas brancas. Matusalém ao pé de Cupido é um fedelho. Há sessenta séculos que o homem e a mulher vencem todos os obstáculos, amando-se

mutuamente. O diabo, que é fino, entrou a odiar o homem, porém o homem, que ainda é mais fino entrou a amar a mulher. Deste modo o homem tem conseguido obter maior soma de bens do que a dos males que o diabo lhe tem causado! Este ardil data desde o tempo do paraíso terrestre. A invenção é velha, meus amigos, porém O que tem é que está sempre no mesmo ser. É aproveitar dela. Sede Daphne e Chloé, enquanto não sois Philemon e Baucis. Havei-vos de modo que, quando estiverdes um ao lado do outro, não vos falte nada; que Cosette seja o Sol para Mário e Mário o Universo para Cosette. Seja, Cosette, o sorriso de vosso marido o bom tempo; sejam, Mário, as lágrimas de vossa mulher a chuva. E oxalá nunca em vossa casa chova! Saiu-vos a sorte grande na lotaria, o amor no casamento; agora guardem-na bem, Ponham-na a bom recato, não a gastem mal gasta; adorem-se e o mais não lhes dê cuidado! Acreditem o que lhes eu digo. Falo-vos pela boca do bom-senso, e o bom-senso não mente. Sede um para o outro uma religião. Cada qual tem o seu modo de adorar a Deus, mas com a breca! O melhor modo de um homem amar a Deus é adorar sua mulher! Amo-te! O meu catecismo é este. Quem ama é ortodoxo. A praga de Henrique IV põe a santidade entre a comezaina e bebedice: *Ventre-saint-gris.* Eu não sou da religião desta praga, porque se não faz nela menção da mulher! Segundo me dizem, estou velho, mas não imaginam como eu me sinto com forças para ser novo! O meu regalo era ir pelos bosques ouvir as sanfoninhas dos pastores! Embriaga-me a vista destas duas formosas crianças, hoje tão satisfeitas! Se achasse com quem, afianço-lhes que também me casava! É impossível de acreditar que Deus nos criasse, senão para isto; idolatrarmo-nos, arrulharmos, requebrarmo-nos, sermos pombos, sermos galos, passar o tempo desde pela manhã até à noite a beijocarmos o nosso amor, mirarmo-nos nele, orgulharmo-nos, passar o tempo alegre e regaladamente; aqui está o que deve ser a vida. Aqui está, com vossa licença, o nosso modo de pensar, quando éramos novos! Oh, tempo, tempo! Então é que havia mocetonas de encher o olho e de fazer andar a gente com a cabeça à roda! Porem algumas acharam-se enganadas comigo. Esperavam: vencer-me e ficaram vencidas! Por -consequência, amem-se. Se não fosse o amor, não sei, realmente, para que servia a Primavera! Eu, pela minha parte, pedia a Deus que pegasse outra vez em todas essas belezas e que as guardasse; que pegasse nas flores, nos passarinhos, nas raparigas bonitas e que as tornasse a meter no caixão de onde as tirou. Meus filhos, recebei a bênção do pobre velho!

A noite passou-se divertida, alegre e deleitosa.

A jovialidade sem igual do loquaz ancião foi como que o lamiré pelo qual todos trataram de afinar a sua alegria, correspondendo assim dignamente à

cordialidade do octogenário. Dançou-se alguma coisa, riu-se muito; foi uma boda patusca, a que podia assistir o pobre velho; doutro tempo, se é que ele se não achava representado na pessoa de Gillenormand.

Ao tumulto seguiu-se o silêncio.

Os noivos desapareceram, e, mal soou a meia-noite, a casa de Gillenormand transformou-se num templo.

Não prossigamos. No limiar de uma noite de núpcias vê-se sempre um anjo de pé, risonho e com um dedo poisado nos lábios.

Perante o Santuário onde tem lugar a celebração do amor, a alma pára e contempla.

Por cima dessas casas deve decerto elevar-se uma coroa de fogo. O prazer que encerram dentro em si deve escapar por entre as pedras das paredes, transformado em claridade, pairando Vagamente no meio das trevas. É impossível que do seio desta sagrada e fatal festa se não remonte ao infinito um clarão celeste. O amor é o cadinho sublime em que se efectua a fusão do homem e da mulher, fusão de que resulta o ser triplo, final, a trindade humana. Este nascimento de duas almas numa só deve deixar impressionadas as trevas. O amante é sacerdote; a virgem assusta-se no meio do seu transporte. Uma parcela deste prazer eleva-se até Deus. Onde há verdadeiro casamento, isto é, onde há amor, há ideal. Um leito nupcial é um trato de luz no meio das trevas. Se fosse dado aos olhos do corpo devassar as temerosas e aprazíveis visões da vida superior, é provável que se descobrissem as formas da noite, os desconhecidos alados, os azuis viandantes do invisível, multidão de cabeças sombrias inclinando-se por sobre a casa luminosa, satisfeitos, abençoando, apontando uns aos outros a virgem esposa, graciosamente amedrontada e com os rostos divinos animados de um reflexo da felicidade humana. Se, nessa hora suprema, os esposos, deslumbrados de voluptuosidade e julgando-se a sós, aplicassem o ouvido, ouviriam dentro do quarto um confuso sussurro de asas. A ventura perfeita traz consigo a solidariedade dos anjos.

Aquela escura alcovazinha tem por tecto todo o céu.

Quando duas bocas, sagradas pelo amor, se juntam para criar, é impossível que por cima desse beijo inefável não sinta um como calafrio de prazer o mistério imenso das estrelas.

São estas as verdadeiras felicidades. Não há outras alegrias. O amor é o único êxtase. Tudo o mais chora.

Amar ou ser amado é o bastante. Não queirais mais nada depois. É esta a única pérola que se pode encontrar nos misteriosos seios da vida.

O amor é uma consumação.

III — A inseparável

Que fora feito de Jean Valjean?

Logo após a cena trocada entre ele e Cosette, que tão graciosamente o intimara para que se risse, Jean Valjean vendo que ninguém fazia reparo nele, levantara-se e encaminhara-se para a antessala, onde seis meses antes, entrara coberto de lama, e de sangue, quando trouxera o neto ao avô. As paredes estavam ornadas de flores e verdes; os músicos achavam-se sentados no mesmo canapé onde Mário havia sido deitado.

Biscainho andava de casaca preta, calção, meia e luva branca, colocando coroas de rosas em volta de cada prato que era levado para a mesa. Jean Valjean apontou-lhe para o braço, que trazia ao peito, encarregou-o de explicar a sua ausência e retirou-se.

Apenas saiu, postou-se por baixo das janelas resplandecentes da sala de jantar, as quais deitavam para a rua, e ali permaneceu durante alguns instantes, de pé e imóvel no meio da escuridão, aplicando o ouvido ao festivo sussurro do interior. Ouvia a ruidosa e imperiosa voz de Gillenormand, as rabecas, o tinido da loiça, as risadas, distinguindo, no meio de todo este festival rumor, a jovial e harmoniosa voz de Cosette.

Por fim, deixou a rua das Mulheres do Calvário e encaminhou-se para a do Homem Armado. Em lugar, porém, de tornar pelo caminho mais curto, deitou pelas ruas de S. Luís, Culture-Saint-Catherine e Blancs-Manteaux.

Era um tanto mais longe, porém, era o caminho que, há três meses, desde que acompanhava Cosette para casa de Gillenormand, seguia sempre da rua do Homem Armado para a das Mulheres do Calvário, a fim de se livrar das lamas da rua Velha do Templo, quase sempre obstruída em parte, .e por ambos os motivos de difícil trânsito.

Este caminho, por onde Cosette havia passado, excluía para ele outro qualquer itinerário.

Chegado Jean Valjean a casa, acendeu a luz ,e subiu.

Estava tudo deserto. Nem a própria Toussaint ali se achava. Os seus passos ressoavam pelas salas com maior estrondo do que até ali. Estavam abertos todos os armários. Entrou no quarto: de Cosette. A cama jazia sem lençóis. Aos pés do colchão, em que Cosette não tornaria a dormir, via-se o travesseiro de riscado, sem a fronha de folhos, colocado sobre os cobertores dobrados.

Todos os objectozinhos femininos a que Cosette ligava algum apreço levara-os consigo: ficaram apenas os móveis e as paredes.

A cama de Toussaint jazia igualmente desguarnecida. Só uma das camas estava feita, parecendo achar-se como que à espera de alguém: era a de Jean Valjean.

O infeliz principiou então a correr as paredes com os olhos, a fechar as portas de alguns armários e a andar dum quarto para outro.

Por fim, achou-se outra vez no seu e pousou a vela sobre a mesa. A este tempo, Jean Valjean tinha tirado o braço que trazia ao peito do lenço em que se achava envolto e servia-se da mão direita, como se nada tivesse nela.

Ao aproximar-se da cama, o seu olhar, ou por acaso ou intencionalmente, fitou-se no bauzinho que o acompanhava sempre, no «inseparável», de que Cosette dizia que tinha ciúmes. No dia 4 de Junho, logo que chegou à rua do Homem Armado, pusera-o em cima de um velador, à cabeceira da cama.

Dirigiu-se ao velador, tirou uma chave do bolso, abriu o baú e principiou a revistar a roupa que Cosette, havia dez anos, trouxera vestida, quando ele a fora buscar a Montfermeil; primeiro tirou o vestidinho preto» depois o lenço, também preto, em seguida os sapatos de criança, que ainda naquela ocasião lhe serviriam, em seguida a casaquinha de fustão, a saia de ponto de meia, o aventalzinho com suas algibeiras e as meias de lã, que não tinham mais comprimento do que a mão de Jean Valjean e em que se via ainda graciosamente impressa a forma de uma perninha. Todos estes objectos de vestuário eram de cor escura e fora ele que lhos levara a Montfermeil. À medida que os ia tirando para fora do baú, ia-os colocando em cima da cama. Olhava para aquilo e meditava. Vinha-lhe à lembrança o que se passara na sua ida a Montfermeil. Fora no Inverno, num frigidíssimo mês de Dezembro. A pobre criancinha andava descalça, quase nua, tiritando com frio. Vira-a assim e fizera-a largar os andrajos com que andava coberta para Vestir aquela roupa de luto. Como a mãe da infeliz criança se não regozijaria no seu túmulo, vendo sua filha vestida de luto por ela, e mais ainda de a ver resguardada do frio e bem agasalhada?! Vinha-lhe à lembrança aquela floresta de Montfermeil que atravessaram, ambos, Cosette e ele; lembrava-lhe ainda o tempo que fazia; as árvores estavam despojadas de folhas, os bosques de pássaros, o céu coberto de nuvens; e, todavia, tudo lhe parecera belo! Estendeu a roupa em cima da cama, o lenço ao pé da saia, as meias junto dos sapatos, a casaquinha ao lado do vestido e pôs-se a contemplá-los alternativamente. E vinham-lhe à lembrança mil coisas. Tinha ela apenas aquela altura, trazia a boneca nos braços, tinha metido o seu luís de ouro no bolso do avental, ria, caminhavam ambos pela mão um do outro, naquele tempo ela só o tinha a ele no mundo!

Então pendeu a cabeça, povoada de cabelos brancos, para cima da cama, escondeu o rosto entre a roupa de Cosette, confrangeu-se-lhe de dor o estóico coração, e se alguém, naquela ocasião, fosse a passar pela escada, ouviria os angustiados soluços do desditoso.

IV — Combate sem fim

A velha e formidável luta de que já temos diversas fases, recomeçou de novo em Jean Valjean.

Jacob não lutou com o anjo senão uma noite. Ah, quantas vezes temos visto Jean Valjean estreitado nas trevas pela própria consciência, lutando desorientadamente contra ela! Inaudita luta! Em certos momentos é o pé que escorrega, noutros é o solo que abate. Quantas vezes tinha ele sido acabrunhado por aquela consciência furiosa pelo bem! Quantas vezes a verdade inexorável lhe tinha posto! O joelho sobre o peito? Quantas vezes, prostrado pela luz, tinha ele pedido graça! Quantas vezes a luz implacável, acesa nele pelo bispo, o tinha alumiado, à força, quando ele desejava estar cego! Quantas vezes se ergueu no combate, preso ao rochedo, ancorado ao sofisma, arrastado pela poeira, ora suplantando a consciência, ora derrubado por ela! Quantas Vezes após um equívoco, após um raciocínio traidor e especioso do egoísmo, ouvira a consciência irritada, gritar-lhe ao ouvido: Miserável! Quantas vezes tinha o seu pensamento refractário arfado convulsivamente sob a evidência do dever! Resistência a Deus, suores fúnebres. Quantas feridas secretas, que só ele sentia sangrar! Que de arranhaduras em sua lamentável existência! Quantas vezes se tinha ele erguido, ensanguentado, dorido, despedaçado, esclarecido, com o desespero no coração: e a serenidade na alma; e vencido, se sentira vencedor! E a sua consciência, depois de o ter deslocado, atazanado, feito em pedaços, de pé acima dele, temível, luminosa e tranquila, dizia-lhe: «Agora, fica-te em paz!»

Mas que lúgubre paz ao sair de tão sombria luta!

Assim, com a consciência jamais se levou a melhor.

Contudo, naquela noite, conheceu Jean Valjean que combatia pela última vez.

Era pungente o ponto que se lhe apresentava. As predestinações nem todas são rectas; não se desenvolvem em avenida rectilínea diante do predestinado; tem *in paces,* cotovelos inopinados e encruzilhadas inquietadoras, oferecendo diferentes caminhos. Jean Valjean, naquele momento, fazia alto na mais perigosa destas encruzilhadas. Tinha chegado ao supremo entroncamento do bem e do mal. Tinha diante dos olhos esta tenebrosa intersecção. Ainda por agora, como já lhe sucedera noutras peripécias dolorosas, eram duas as veredas que se lhe apresentavam, uma tentadora, outra medonha. Por qual das duas tomaria?

A que assustava era-lhe aconselhada pelo misterioso dedo indicador, que todos nós distinguimos, sempre que fitamos a sombra.

Por mais uma vez ainda, tinha Jean Valjean de escolher entre o porto terrível e a emboscada risonha.

Será realmente verdade que a alma se possa curar e a sorte não? Que medonha coisa! Um destino incurável!

O ponto que se apresentava era o seguinte:

De que modo se comportaria Jean Valjean com a felicidade de Cosette e de Mário? Essa felicidade fora ele quem a quisera, quem a realizara; fora ele próprio quem a cravara nas entranhas; depois, contemplando-a, podia sentir a espécie de satisfação que experimentaria um armeiro, reconhecendo a marca da sua fábrica numa faca, ao arrancá-la fumegante do peito. Cosette tinha Mário, Mário possuía Cosette. Tinham tudo, incluindo a riqueza; e tudo era obra dele.

Mas o que faria ele, Jean Valjean, daquela felicidade, que existia, que era real? Impor-se-lhe-ia? Tratá-la-ia como propriedade sua? Cosette pertencia sem dúvida a outro; mas ele, Jean Valjean, conservaria de Cosette tudo o que podia conservar? Ficaria sendo a espécie de pai entrevisto, mas respeitado, que fora até então? Introduzir-se-ia tranquilamente na casa de Cosette? Juntaria, sem proferir uma palavra, o seu passado àquele futuro? Apresentar-se-ia ali, como tendo direito de O fazer, e iria sentar-se, velado, àquele luminoso lar? Tomaria ele, sorrindo-lhes, em suas mãos trágicas, as mãos daqueles inocentes? Descansaria no pacífico varandim do fogão da sala do senhor Gillenormand os pés, que arrastavam após si a sombra infamante da lei? Participaria ele das venturas de Cosette e de Mário? Tornaria mais densa a escuridão na fronte própria e a nuvem na deles? Juntaria, como terceiro, a sua catástrofe àquelas duas felicidades? Continuaria a conservar-se calado? Numa palavra, seria ele ao lado daqueles dois entes felizes, o sinistro mudo do destino?

É necessário estar habituado à fatalidade e às suas contradições para ousar erguer os olhos, quando certas perguntas se nos apresentam com a sua horrível nudez.

Por trás de tão severo ponto de interrogação estão o bem e o mal.

— Que vais fazer? — pergunta a esfinge.

Jean Valjean tinha o hábito da provação. Fitou a esfinge.

Examinou o implacável problema por todas as suas faces.

Cosette, existência encantadora, era a jangada daquele náufrago. Que deveria fazer? Agarrar-se a ela com todas as suas forças, ou largá-la?

Agarrando-se a ela, saía do desastre, subia ao céu, deixava escorrer do vestuário e dos cabelos a água amarga, estava salvo, vivia.

Largava-a?

Então, o abismo.

Era assim que estava dolorosamente em conselho com o seu pensamento;

ou, para melhor dizer, combatendo: arremessando-se furioso, dentro de si mesmo, ora contra a sua vontade, ora contra a sua convicção.

Foi uma felicidade para Jean Valjean o ter podido chorar. As lágrimas esclareceram-no, talvez. Todavia, o começo foi terrível. Desencadeou-se-lhe no íntimo uma tempestade mais furiosa do que aquela que o arrastara a Arras. O passado apresentava-se-lhe em face do presente e fazia-o comparar e soluçar. Uma vez aberto o dique das lágrimas, o desesperado contorceu-se.

Sentia-se manietado.

Ah! Neste enfurecido pugilato travado entre O nosso egoísmo e o nosso dever, quando assim recuamos, palmo a palmo, ante o nosso incomutável ideal, desvairados, encarniçados, exasperados com a derrota, disputando o terreno, esperançados na possibilidade de uma fugida, procurando uma aberta, quem imagina o horror da Súbita e sinistra resistência da parede, de encontro à qual vamos bater com as costas?

Sentimo-nos embargados pela sanha sagrada!

Que contrariedade! O invisível mostrando-se inexorável! É pois certo que com a consciência não há tréguas. Toma a tua resolução, Bruto; resolve, Catão. A consciência é Deus, e, por consequência, insondável. Nesse poço lançamos o trabalho de toda a nossa vida, a nossa fortuna, riqueza, triunfo, liberdade e pátria; nele lançamos o nosso bem-estar, o nosso repouso, a nossa alegria. Mais! Mais! Mais! Despejai o vaso! Que a uma fique vazia! Enfim, temos de lhe lançar também o coração!

Há não sabemos, em que parte da cerração dos antigos infernos um tonel semelhante.

Não será digno de desculpa que a resolução final seja uma recusa? Acaso o inesgotável pode ter direitos?

Porventura, as correntes sem fim não são superiores à força humana? Quem há aí, pois, que ousasse a coimar Sisypho e Jean Valjean por dizerem: «Basta?!»

A obediência da matéria é limitada pelo atrito; pois não haverá também, um limite para a obediência da alma? Se é impossível o moto-contínuo, acaso pode alguém exigir o sacrifício contínuo?

O primeiro passo nada custa; a dificuldade está no derradeiro. Que era o processo Champmathieu em comparação com o casamento de Cosette e das suas consequências? Que é isto: voltar para as galés, comparado com isto: voltar ao nada?

Como és sombrio, ó primeiro degrau a descer! Como és tenebroso, ó segundo degrau!

Como, deixar de voltar a cabeça desta vez?

O martírio é uma sublimação, sublimação corrosiva. É uma tortura santificante. No primeiro instante, podemos obedecer-lhe, sentarmo-nos no trono de ferro em brasa, cingir a fronte da coroa de ferro em brasa, travar do globo de ferro em brasa, empunhar o ceptro de ferro em brasa; porém resta ainda revestirmo-nos do manto de chamas, e então não há um; momento em que a carne miserável se rebela e em que se abdica o suplício?

Jean Valjean sentiu-se, enfim, na serenidade da desolação.

Pesou, meditou, considerou as alternativas da misteriosa balança de luz e trevas.

Impor a sua própria ignomínia, àqueles dois jovens tão venturosos, ou consumar de per si só a, obra da sua irremediável perdição. De uma parte o sacrifício de Cosette, da outra o seu próprio.

Qual das «soluções abraçou? Que determinação tomou? Que resposta foi a que ele, a sós consigo, deu definitivamente ao incorruptível interrogatório da fatalidade? Que porta se decidiu ele a abrir? Que lado da sua vida resolveu ele a fechar e condenar? Por qual optou, de entre as insondáveis voragens que o rodeavam? Que extremidade aceitou? Para qual desses abismos acenou com a cabeça?

As suas vertiginosas cogitações duraram toda a noite.

Assim ficou até pela manhã, na mesma atitude, debruçado sobre a cama, angustiado pela enormidade «da sorte, quem sabe mesmo se por ela dilacerado, com os punhos convulsivamente cerrados, os braços estendidos em cruz, como um crucificado despregado que houvesse caído de bruços no chão. Assim permaneceu doze horas, as doze horas de uma longa noite de Inverno, transido de frio, sem mover a cabeça nem proferir a menor palavra, imóvel como um cadáver, enquanto que o seu pensamento ora se rojava pelo chão, como uma hidra, ora desferia em voo para o espaço, como uma águia. Ao vê-lo assim sem movimento, dir-se-ia morto; porém, ao ver como ele, de súbito, estremecia convulsivamente e se punha a beijar sofregamente os vestidos de Cosette, conhecia-se que vivia.

Quem o havia de ver, se Jean Valjean se achava inteiramente a sós?

Via-o o olho oculto que do meio das trevas está sempre aberto sobre nós!

LIVRO SÉTIMO — A DERRADEIRA GOTA DO CÁLICE

I — O sétimo círculo e o oitavo céu

São solitários os dias que se seguem ao de qualquer casamento. Respeitam todos o recolhimento dos felizes noivos, em parte porque precisam de dormir até mais tarde. Só algum tempo depois é que recomeça o tumulto das visitas e felicitações.

Pouco passava do meio-dia, quando, na manhã do dia 17 de Fevereiro, Biscainho, que de toalha e espanador debaixo do braço se ocupava a «arrumar» a antessala, ouviu bater ao de leve na porta e não tocar a campainha, procedimento discreto em tal dia. Abriu então a porta e deu com os olhos em Fauchelevent, que imediatamente mandou entrar para a sala, cuja desordenada confusão a fazia parecer o campo de batalha das alegrias da véspera.

— Queira desculpar — observou Biscainho — acordamos muito tarde.

— Seu amo já está levantado? — perguntou Jean Valjean.

— O senhor está melhor do seu braço? — volveu Biscainho.

— Estou. O seu amo já está levantado?

— Qual? O velho ou o novo?

— O senhor Pontmercy.

— O senhor barão? — disse Biscainho com certa relutância.

Quem é barão, é-o sobretudo para os seus criados, para os quais reverte certa parte de uma tal honra; os criados têm o que um filósofo chamaria salpicos do título, :e isto lisonjeia-os. Mário, seja dito de passagem, republicano militante, como o tinha provado, achava-se barão a seu pesar. Sobre este título tinha-se operado uma revoluçãozinha na família; depois dela era o senhor Gillenormand quem mais valor lhe dava e Mário o que menos importância lhe ligava. Mas o coronel Pontmercy tinha escrito: «Meu filho usará o meu título». Mário obedecia. E depois Cosette, em quem começava a manifestar-se a mulher, estava encantada por ser baronesa.

— O senhor barão? — repetiu Biscainho. — Vou ver. Dir-lhe-ei que o procura o senhor Fauchelevent.

— Não, não lhe diga que sou eu. Diga-lhe que está aqui uma pessoa que deseja falar-lhe em particular, mas não lhe diga o nome.

— Ah! — fez Biscainho.

— Quero fazer-lhe uma surpresa.

— Ah! — tornou Biscainho, dirigindo-se a si mesmo este segundo ah!, como explicação, do primeiro.

E saiu.

Jean Valjean ficou só.

A sala, como já dissemos, estava em completa desordem. Parecia que, aplicando-se o ouvido, se poderia ainda ouvir o vago rumor do noivado. No sobrado via-se espalhada toda a sorte de flores caídas das grinaldas e penteados. As velas queimadas até quase ao fim, juntavam aos cristais do lustre estalactites de cera. Nem um só móvel se conservava no seu lugar. Num dos cantos estavam três ou quatro poltronas, muito chegadas umas às outras, formando círculo, e parecendo continuar ainda uma conversação. O conjunto daquela desordem era risonho». Há ainda certa graça nos restos de uma festa. Tudo aquilo foi feliz. Sobre aquelas cadeiras desarrumadas, entre aquelas flores murchas, sobre aquelas velas apagadas, pensou-se em alegria. O sol sucedia ao lustre, entrava triunfalmente na sala.

Passaram-se alguns minutos. Jean Valjean estava imóvel no mesmo lugar em que Biscainho o, deixara. A sua palidez era extrema. Os olhos tinha-os de tal modo encovados e sumidos por efeito da insónia, sobre a órbita, que quase se lhe não viam. A sua casaca preta mostrava as rugas do fato que se não despiu durante a noite. Os cotovelos estavam esbranquiçados, com o cotão que O linho deixa no pano que por ele roça. Jean Valjean olhava para o chão», fitando o desenho da janela feito pelo Sol.

Sentindo leve rumor à porta, ergueu os olhos.

Mário entrou na sala de cabeça erguida, o sorriso nos lábios, com o rosto iluminado de um estranho clarão, a fronte radiante, o olhar risonho, apesar também de não ter dormido.

— Ah, é o pai! —exclamou ele, vendo: Jean Valjean.

— E aquele imbecil do Biscainho com ar tão misterioso! Mas veio muito cedo, é apenas meia hora depois do meio-dia. Cosette está a dormir.

O tratamento de pai, dirigida por Mário» a Fauchelevent queria dizer «felicidade suprema». Como é sabido, nunca entre eles deixara de dar-se certa frieza e quase constrangimento; uma barreira de gelo, que nenhum deles tinha chegado a transpor ou derreter.

Naquela ocasião, porém, a embriaguez do prazer em Mário chegava a ponto que a barreira de gelo» desfazia-se e Fauchelevent ficava sendo: igualmente para ele o que era para Cosette, um pai.

Após uma curta pausa, Mário prosseguiu, acudindo-lhe as palavras com profusão aos lábios, como é próprio destes paroxismos da alegria:

— Que prazer tenho em vê-lo! Se soubesse que falta nos fez ontem! Como está a sua mão? Melhor, não é assim?

E satisfeito com a excelente resposta que dera a si mesmo, continuou:

— Falámos ambos muito a seu respeito. Cosette é muito sua amiga. Não se

esque-ça de que tem aqui o seu quarto. Já não queremos saber da rua do Homem Armado; mas não queremos saber dela absolutamente. Como tinha o senhor podido ir morar numa rua como aquela, insalubre, feia, com uma barreira num; dos extremos, e onde se sente sempre frio; uma rua onde se não pode entrar? O senhor há-de vir morar connosco e há-de ser de hoje em diante, ou terá de se haver com a Cosette. Previno-o de que está disposto a fazer de nós tudo quanto quiser. Já viu o «seu quarto, bem sabe que é ao pé do nosso; e que dá para o jardim; mandou-se consertar o desarranjo que tinha na fechadura, a cama está feita, está tudo pronto, não tem mais a «fazer do que entrar para ele. Pôs-lhe ao pé da cama uma grande e antiga poltrona de veludo muito bonito, à qual disse: estende-lhe os braços. Todas as Primaveras aparece um rouxinol nas acácias que lhe ficam mesmo defronte das janelas. Ouvi-lo-á daqui a dois meses. Terá à sua esquerda o ninho da avezinha e à direita o nosso. De noite ouviremos cantar o rouxinol, de dia ouviremos falar Cosette. O seu quarto fica exactamente virado ao sul. Mande os seus livros, a viagem do capitão Cook e a de Vancouver, enfim, todas as suas coisas, que Cosette lhas arrumará. Até já deixei um lugar de honra reservado para um bauzinho, a que, segundo julgo, liga grande apreço. Saiba que conquistou meu avô e que muito lhe agrada. Viveremos todos juntos. Como sabe jogar o whist, poderá proporcionar a meu avô o maior de todos os prazeres. O senhor é quem há-de ir passear com Cosette nos dias em que eu tiver de ir ao tribunal, e dar-lhe-á o braço, como dantes fazia no Luxemburgo. Estamos absolutamente decididos a ser muito felizes. E saiba, meu pai, que há-de fazer parte da nossa felicidade. É verdade, hoje almoça connosco?

— Tenho uma coisa a dizer-lhe, senhor Pontmercy. Eu sou um ex-forçado.

O limite dos sons agudos perceptíveis pode ser tão completamente ultrapassado para o espírito, como para o ouvido. Estas palavras: eu sou um ex-forçado, saídas da boca de Fauchelevent e entrando no ouvido de Mário, excediam as raias do possível.

Mário não ouviu. Pareceu-lhe que alguma coisa acabava de lhe ser dita por aquele homem, porém não percebeu o quê. Ficou boquiaberto.

Reparou então que o homem que tinha diante de si era medonho.

Alheado de contínuo na sua embriaguez, nunca, até então, notara a palidez terrível que se lhe divisava no rosto.

Jean Valjean desatou o lenço preto em que sustinha o braço que trazia ao peito, desenrolou a ligadura em que tinha a mão embrulhada, descobrindo o dedo polegar e disse, mostrando-o a Mário:

— Como vê, eu não tenho nada na mão!

Mário deitou-lhe os olhos para o dedo polegar.

— Nem tive nunca! — acrescentou Jean Valjean.

Efectivamente, o dedo não apresentava vestígio algum de ferida.

— Convinha, porém — prosseguiu ele —, que eu não assistisse ao casamento e dele me ausentei o mais que pude. Fingi que me tinha ferido para não me tornar réu de uma falsificação nem introduzir nulidade nos papéis do casamento, livrando-me, por este modo, de os assinar!

— Que quer dizer tudo isso? — tartamudeou Mário.

— Quer dizer que eu estive nas galés! — respondeu Jean Valjean.

— Oh, isto é de fazer enlouquecer!... — exclamou Mário com gesto apavorado.

— Senhor Pontmercy — continuou Jean Valjean —, eu estive dezanove anos nas galés por ladrão. Depois fui condenado por toda a vida, por crime de reincidência. Presentemente, sou um forçado fugido!

Por mais que Mário tentasse recuar ante a realidade, recusar o facto, resistir à evidência, teve, enfim, de se lhe render. Principiou a compreender, e compreendeu de mais, como sempre sucede em tais casos. Um medonho clarão íntimo lhe causou um estremecimento em todo o corpo; uma: ideia que o fez estremecer, lhe perpassou pelo espírito. Entreviu no seu próprio futuro um destino abjecto.

— Diga tudo! Diga tudo! — bradou ele. — O senhor é o pai de Cosette?

E, ao mesmo tempo que proferiu estas palavras, deu dois passos para trás com gesto de indizível horror.

Jean Valjean, porém, elevou a cabeça com tão majestosa atitude, que dir-se-ia que com a fronte tocava o tecto.

— Sobre esse ponto deve acreditar-me, embora em juízo não seja admitido o juramento de um homem como eu!

E, após uma pausa, acrescentou com uma espécie de soberana e sepulcral autoridade, articulando e acentuando vagarosamente as sílabas:

— Há-de acreditar-me. Eu o pai de Cosette?! Perante Deus, não! Senhor barão Pontmercy, eu ,sou um pobre aldeão de Faverolles, que ganhava a sua: vida a podar vides. O meu nome não é Fauchelevent, é Jean Valjean. Esteja descansado que eu não tenho parentesco nenhum com Cosette.

— Quem mo prova? — balbuciou Mário.

— Eu, pois que o digo!

Mário fitou aquele homem e viu-o lúgubre e sereno.

De semelhante serenidade era impossível sair uma mentira. O que, é glacial é sincero. Parecia entrever-se a verdade no meio daquela gelidez tumular.

— Acredito-o! — disse Mário.

Jean Valjean inclinou a cabeça, como em sinal de ter ouvido e em seguida prosseguiu:

— Pergunta-me o que sou a Cosette? Um estranho! Há dez anos nem sequer sabia que ela existia. Tenho-lhe amor, isso é verdade! A gente, depois de velho, afeiçoa-se com facilidade a qualquer criança com quem convive desde pequenina. Queremos a todas as criancinhas com amor de avô! Creio que o senhor não estranhará se eu lhe disser que também, tenho uma coisa parecida com um coração! Cosette era órfã. Não tinha pai nem mãe! Aqui tem a razão porque eu me afeiçoei a ela. Uma criança é uma criaturinha tão frágil, que qualquer estranho, ainda que seja um homem como eu, se pode tornar seu protector. Cumpri esse dever para com Cosette. Não sei se ao pouco que fiz em favor dela se pode, realmente, dar o nome de uma boa acção; se, com efeito, o é, posso-lhe afiançar que a pratiquei! Registe esta circunstância atenuante. Hoje, Cosette deixa-me; os nossos caminhos separam-se. De ora em diante, nenhum serviço já lhe posso prestar. Mudou de Providência! É a mulher do senhor barão de Pontmercy e ganhou com a mudança, que foi para melhor. Quanto aos seiscentos mil francos, não me diz o senhor nada, mas eu vou ao encontro do seu pensamento: é um depósito. Como estava este depósito nas minhas mãos? Que importa isso? Restituo o depósito, não há mais nada a perguntar-me. Completo a restituição dizendo o meu verdadeiro nome. Isto diz-me ainda respeito: interesso-me em que saiba quem sou.

E Jean Valjean encarou Mário fixamente.

Tudo o que Mário estava sentindo era tumultuoso e incoerente. Certas rajadas do vento do: destino produzem, destas vagas em nossa alma.

Todos temos tido momentos de perturbação, nos quais tudo em nós se dispersa; dizemos as primeiras coisas que nos vem à boca, e que nem sempre são precisamente as que necessitaríamos dizer. Há revelações súbitas, que não se podem suportar e que embriagam como um vinho funesto.

Mário estava estupefacto com; a nova situação que se lhe apresentava, a ponto de falar àquele homem quase como alguém que lhe tivesse levado a mal tal confissão.

— Mas, enfim — exclamou ele — para que me diz isso? O que é que o obriga a semelhante coisa? O senhor podia guardar consigo mesmo o seu segredo. O senhor não está denunciado, nem é perseguido. Tem por força uma razão para fazer voluntariamente uma tal revelação. Conclua. Há nisto outra coisa qualquer. A que propósito faz esta confissão? Porque motivo?

— Porque motivo? — respondeu Jean Valjean com voz tão baixa e surda, que se diria falar mais consigo do que com Mário. — Com efeito, porque motivo vem este homem dizer: eu sou um forçado? Pois bem, sim, o motivo é

extraordinário. É por honradez. Olhe, a desgraça está num fio que eu tenho no coração, e que me conserva preso. É sobretudo quando caminhamos para a velhice, que mais seguros se vão tornando estes fios. Vai-se desfazendo a vida inteira em torno de nós e eles resistem. Se eu pudesse arrancar este fio, quebrá-lo, desatar o nó ou cortá-lo, indo para bem longe, salvo estava, era só partir; metia-me numa diligência da rua de Bauloy, deixava-os gozar em paz a sua ventura e ia-me embora! Tentei, porém, arrancá-lo, quebrá-lo, e foi debalde; por mais que puxei, não o consegui; resistiu, não me era possível arrancá-lo, sem com ele arrancar o coração! Então disse: «Não posso viver senão aqui; portanto, fico!» Porém o senhor tem razão; eu sempre fui muito pateta! Porque não fiquei eu e me calei? O senhor oferece-me um quarto em sua casa, a senhora Pontmercy quer-me muito; diz à poltrona: «Estende-lhe os braços»; seu avô está morto por me ver ao pé de si, simpatiza comigo; viveremos todos juntos, comeremos em comum, eu sairei a passear com Cosette... com a senhora Pontmercy — perdão, é o hábito! pelo braço; o mesmo tecto nos abrigará a todos; teremos todos a mesma mesa, o mesmo lar, o mesmo fogão no Inverno, o mesmo passeio no Verão; isto é a alegria, é a felicidade, é tudo! Viveremos em família. Em família!...

A esta palavra, o rosto de Jean Valjean cobriu-se de uma nuvem sombria. Cruzou os braços, fitou os olhos no soalho, como se nele quisesse cavar um abismo com a vista, e, de repente, exclamou com estranha e ruidosa entoação de voz:

— Em família! Não;! Eu não pertenço a família nenhuma! Não pertençc nem à sua nem à dos homens! Sou de mais nas casas onde vive qualquer família em sossego! Há-as, mas não para mim! Sou um desgraçado, um estranho para todas; elas! Quase chego a duvidar se tive pai e mãe! Essa menina casou, acabou tudo. Vi-a feliz, em companhia do homem a quem ela ama, em companhia de um ancião que lhe há-de querer como pai, e então disse para mim mesmo: «Tu não: entres! Deixa a sós esses dois anjos, deixa-os no meio da sua ventura!» Eu podia mentir, é verdade, enganá-los a todos, ficar sendo o senhor Fauchelevent, como até aqui. Enquanto foi para bem dela, não hesitei em mentir, porém agora seria para meu bem, e, portanto, não o devo fazer! Bastava calar-me, é verdade, e tudo continuaria como até agora! Pergunta-me o senhor o que me obriga a falar? Uma coisa esquisita — a minha consciência! E, todavia, nada mais fácil do que calar-me! Levei a noite inteira a querer-me persuadir a mim mesmo de que assim era; quer saber tudo? Tem razão! O que acabo de contar-lhe é tão extraordinário, que tem direito a isso, é o que lhe digo, passei toda a noite em discussão comigo mesmo, a forcejar por convencer-me, fiz o que pude para isso, acredite que

fiz! Porém não fui capaz de conseguir duas coisas — quebrar o fio que aqui me tem preso, manietado, chumbado, nem; fazer calar uma voz misteriosa que me fala, quando estou a sós! Aqui está a razão: porque eu aqui venho confessar-lhe tudo. Tudo ou quase tudo. Apenas lhe poderia dizer mais algumas coisas que me dizem respeito somente a mim, e por isso comigo ficam. O essencial disse-lho. Peguei no meu mistério e trouxe-lho. Agora já sabe o meu segredo. Não me custou pouco semelhante resolução! Toda a noite levei a debater-me! Olhe, não cuide que eu não fiz todos os esforços para me escusar de a tomar, tentando convencer-me de que se não tratava do processo Champmathieu, de que não causava prejuízo a ninguém em ocultar o meu nome, que o nome de Fauchelevent me havia sido dado por ele mesmo em reconhecimento de um serviço que eu lhe prestara, e que, portanto, podia usá-lo, e que viveria feliz no quarto que me oferecem em sua casa, que não daria trabalho a ninguém, deixando-me estar sempre no meu cantinho, que, ao passo que o senhor possuiria Cosette, a mim bastar-me-ia a lembrança de viver na mesma casa com ela! Cada qual gozaria a sua ventura proporcionada. Tudo se arranjava, uma vez que eu continuasse a ser o senhor Fauchelevent. Tudo, menos a minha alma! Tudo em volta de mim seria alegria, porém O fundo da minha alma continuaria sombrio! Não basta viver venturoso, é necessário viver satisfeito. Continuaria, deste modo, a ser o senhor Fauchelevent, a ocultar o meu verdadeiro rosto; deste modo, seria um enigma no meio das expansões desta família, só veria trevas onde todos os mais viam luz; introduziria sorrateiramente as galés no seio da sua família; sentar-me-ia à sua mesa sempre com a lembrança de que, se soubesse quem eu era, me expulsaria de sua casa; deixar-me-ia servir por criados que, se o soubessem, diriam,: «Que horror!» Tocá-los-ia com o meu cotovelo, contacto que o senhor tinha razão para evitar; ter-lhe-ia roubado apertos de mão! Haveria, em: sua casa uma partilha de respeito entre cãs venerandas e cãs manchadas; nas horas mais íntimas, quando todos os corações se julgassem abertos plenamente uns para os outros, quando todos quatro nos achássemos reunidos, seu avô, o senhor, sua mulher e eu, haveria no meio deste grupo, um desconhecido! Viveria no seio da sua família, sendo o meu único cuidado não desviar a tampa do meu terrível poço! Deste método, eu, que sou um morto, juntar-me-ia aos senhores, que têm vida. Condenaria essa jovem à minha perpétua ignomínia! O senhor, Cosette e eu seríamos três cabeças cobertas pela mesma carapuça verde! Isto, realmente, não o faz estremecer?! Sou agora o mais infeliz dos homens, então seria o maior malvado! E este crime cometê-lo-ia todos os dias! E todos os dias traria afivelada no rosto esta máscara negra! E todos os dias as faria tomar parte na minha ignomínia! A

vós, meus queridos e inocentes filhos! Não custa nada a calar-se a gente! É uma coisa fácil guardar silêncio? Não, não é fácil! Há um silêncio que mente. E a minha mentira, a minha fraude, a minha indignidade, a minha ignomínia, a minha traição, o meu crime, teria de o beber gota a gota, de o cuspir fora e torná-lo a beber; acabaria à meia-noite para recomeçar ao meio-dia, e os meus bons dias mentiriam, e as minhas boas noites mentiriam, e dormiria acompanhado da minha mentira e comeria a minha mentira de envolta com o meu pão e fitaria Cosette, e responderia ao sorriso do anjo com o sorriso do condenado, e seria um abominável embusteiro! Com que fim? Para ser feliz! Para ser feliz, eu! Acaso eu tenho direito a ser feliz? Eu sou um homem morto, senhor!...

Jean Valjean calou-se. Mário escutava. Tais encadeamentos de ideias e de angústias não podem ser interrompidos.

Após esta pausa, Jean Valjean prosseguiu outra vez, em voz baixa; porém, desta feita, a sua entoação, não era surda, era sinistra:

— Pergunta-me porque me não calo eu se ninguém me persegue, diz o senhor, nem tenta denunciar-me ou prender-me. Engana-se! Perseguem-me, denunciam-me, prendem-me! Quem? Eu mesmo! Eu é que embaraço o caminho a mim mesmo, me arrasto e me empurro, me prendo e me executo, e quem a si mesmo prende escusa de tentar fugir, que o não consegue!

E, agarrando na lapela do próprio casaco e puxando-a para onde estava Mário, continuou:

— Vê esta mão? Não lhe parece que este casaco está aqui bem seguro? Pois a consciência ainda aperta com mais força! Quem quer viver feliz, senhor, não deve escutar a voz do dever, porque, se a escuta, essa voz torna-se implacável! Parece que nos quer castigar de a escutarmos; oh, não! Recompensa-nos, porque nos arremessa a um inferno, onde ao nosso lado como que sentimos Deus! Apenas rasgamos as entranhas, ficamos em paz connosco mesmos!

E acrescentou com inexprimível acento:

— Senhor Pontmercy, conquanto lhe pareça absurdo, eu sou um homem de bem! Quanto mais me avilto a seus olhos, mais me elevo aos meus! É a segunda vez que isto me acontece, porém não me custou então O que hoje me custa, então não foi nada! Repito, eu sou um homem de bem! Deixaria de o ser, se o senhor, por culpa minha, continuasse a estimar-me; porém, sou-o ainda, por isso que o senhor me despreza! É destino meu, destino fatal, que, como não possa gozar senão de consideração roubada, semelhante consideração humilha-me e angustia-me interiormente, de modo que, para que eu a meus olhos seja digno de respeito, é necessário: que aos olhos dos outros só mereça desprezo! Nesse caso, elevo-me! Sou um forçado que

obedece à sua consciência! Bem sei que parecem duas coisas incompatíveis. Mas que quer que lhe faça? A verdade é esta. Não faço mais do que cumprir os compromissos que contraí para comigo; mesmo! Há compromissos que nos atam de pés e mãos, há acasos que nos levam de rastos ao cumprimento do dever! Veja, senhor Pontmercy, o que vai de singularidade na minha vida!

Jean Valjean fez nova pausa, engolindo a saliva com esforço, como se as suas palavras tivessem um ressaibo amargo, e depois prosseguiu:

— Quem se vê coberto por semelhante nódoa de ignomínia não tem direito de fazer que os outros dela participem sem o saberem, nem de lhes comunicar a mesma peste, nem de os arrastar à falsa fé para o mesmo precipício, nem de os fazer envergar a véstia do forçado, nem de ensombrar sorrateiramente com as trevas da miséria própria o resplendor da felicidade alheia. É hediondo chegarmo-nos ao pé dos que estão sãos para os tocarmos traiçoeiramente com a nossa úlcera invisível! Pouco importa que Fauchelevent me cedesse voluntariamente o seu nome; eu não tenho direito de o usar; ele podia dar-mo, eu não posso aceitar-lho! Um nome é um «eu». Como o senhor vê, eu não sou inteiramente destituído de instrução; apesar de ser um simples aldeão, tenho lido alguma coisa, e, bem vê que me exprimo menos mal. Fui mestre de mim mesmo, e por isso sei entrar no conhecimento das coisas. Subtrair um nome para encobrir com ele o que realmente somos é uma infâmia! Roubar letras do alfabeto ou roubar um relógio ou uma bolsa, tudo é roubar! Ser uma assinatura falsa em carne e osso, uma chave falsa animada, introduzir-se em casa da gente de bem, forçando-lhe a fechadura, não olhar nunca para ninguém direito, sempre de través, ser infame no interior de mim mesmo, não, não, não, mil vezes não! Antes sofrer, sangrar, chorar, dilacerar as próprias carnes com as unhas, passar as noites a contorcer-me desesperadamente, rasgar as entranhas e a alma! Aqui tem a razão porque lhe vim contar tudo. Espontaneamente, como o senhor disse!

E, depois de fazer um esforço para respirar, proferiu, por «último, as seguintes palavras:

— Uma ocasião, roubei um pão para viver; hoje para viver não quero roubar um nome!

— Para viver! — atalhou Mário. — O senhor não tem necessidade desse nome para viver!

— Oh, eu bem sei o que digo! — respondeu Jean Valjean, abanando repetidas vezes a cabeça vagarosamente.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual nem um nem outro quebraram o seu mútuo silêncio, abismados em profunda cogitação. Mário sentara-se junto de uma mesa, com um dos dedos dobrado apoiado no canto da boca.

Jean Valjean passeava de um lado para o outro. Ao passar por diante de um espelho que havia na sala, parou e ficou imóvel. De súbito, olhou para o espelho, sem ver nele o reflexo da sua imagem, e disse, como respondendo a um íntimo raciocínio:

— Ao passo que agora sinto-me aliviado!

E continuou o seu passeio até ao extremo da sala. Ao voltar-se, reparou que Mário estava a observar o modo como ele andava, e disse-lhe então com inexprimível inflexão de voz:

— Arrasto alguma coisa a perna. Agora já sabe porquê!

E acrescentou, voltando-se de todo para Mário:

— Ora agora faça de conta que nada lhe dizia, que continuava sendo, como até aqui, o senhor Fauchelevent, que Vinha ocupar o meu lugar no meio da sua família, que dormia no meu quarto, que todos os dias pela manhã me apresentava a almoçar com as minhas chinelas nos pés, que à noite íamos todos três ao teatro, que eu acompanhava a senhora Pontmercy para as Tulherias e para a Praça Real, que vivíamos na melhor união, que o senhor me supunha seu igual, e que, um dia, achando-nos todos reunidos, conversando e rindo, se ouvia, de repente, uma voz gritando: «Jean Valjean!» e eis que a temerosa mão da polícia, surgindo das trevas, me arrancava inesperadamente a minha máscara!...

E, após nova pausa, durante a qual Mário se levantou, como sacudido por um calafrio, Jean Valjean continuou:

— Que diz o senhor a isto?

O silêncio de Mário valia por uma resposta,

— Já vê — continuou Jean Valjean — que tenho razão para não ficar calado.. Depois disto, resta-me dizer-lhe que desejo que seja feliz, que viva contente no meio do esplendor que o cerca e satisfaça-se com isso! Não lhe dê cuidado saber como um pobre condenado se houve para dilacerar o peito a si mesmo e cumprir o seu dever! O senhor tem diante de si o homem mais digno de lástima!

Mário atravessou vagarosamente a sala, acercou-se de Jean Valjean e estendeu-lhe a mão. Ao travar-lhe, porém, da mão, que Jean Valjean não lhe apresentou, mas que lhe abandonou sem resistência, pareceu-lhe que apertava um pedaço de mármore.

— Meu avô tem alguns amigos — disse-lhe Mário portanto, não desespere de alcançar ainda o seu perdão!

— É escusado! — respondeu Jean Valjean. — Todos me supõem morto, e por isso não precisa de mais nada. Os mortos não estão debaixo das vistas da polícia! Deixam-nos comer os vermes sossegadamente! A morte, equivale ao

perdão!

E, desenvencilhando da de Mário a mão que o rapaz lhe apertava, acrescentou com uma espécie de inexorável dignidade:

— Demais, o amigo a que recorro é o cumprimento do meu dever; nem eu necessito de outro perdão além do da minha consciência!

Neste instante entreabriu-se de mansinho a porta que ficava no fundo da sala, dando passagem à cabeça de Cosette, a quem mal se divisava o suave rosto. Com os cabelos em gracioso desalinho, as pálpebras ainda inchadas de dormir, fez o movimento de um passarinho que deita a cabeça fora do ninho, fitou primeiro seu marido, depois Jean Valjean, e gritou-lhes com um sorriso que parecia o súbito e gracioso desabrochar de uma rosa:

— Apostemos que estão aí a parolar sobre política, em vez de virem fazer-me companhia? Forte gosto!

Àquela voz harmoniosa, Jean Valjean estremeceu.

— Cosette...— balbuciou Mário.

E calou-se.

Dir-se-iam dois criminosos colhidos de repente em flagrante delito.

Cosette continuava a olhar para ambos com a mesma expressão de felicidade no rosto.

Dir-se-ia ao vê-la, que se lhe reflectia nos olhos a imagem do paraíso.

— Escusam de negar, que eu apanhei-os em flagrante delito! Eu bem ouvi, há um instante mesmo, estar meu pai a dizer: «A consciência... Cumprir o meu dever...» Isto que é senão política? Não quero! Desde amanhã em diante não consinto que aqui se torne a falar mais sobre política. Fique entendido!

— Estás enganada, Cosette — respondeu Mário. Nós estávamos a falar em negócios. Estávamos a falar do melhor modo de empregar os teus seiscentos mil francos.

— Não estavam tal! — acudiu Cosette. — Esperem que eu lá vou; ou não me querem lá?

E, abrindo resolutamente a porta, entrou na sala.

O seu vestuário consistia num largo roupão branco cheio de pregas, com grandes mangas, que lhe chegavam dos ombros até aos pés. Vêem-se nos céus dourados dos antigos quadros góticos anjos assim embrulhados nesses graciosos sacos.

Cosette olhou-se a um grande espelho, que a reflectia desde os pés até à cabeça, e em seguida exclamou num assomo de inefável êxtase:

— Era uma vez um rei e uma rainha. Oh, sempre estou mais contente!...

E acrescentou, fazendo uma cortesia a Mário e outra a Jean Valjean:

— Esperem. Vou sentar-me aqui numa cadeira ao pé dos senhores,

enquanto não vamos almoçar, que não tarda meia hora. Podem dizer o que quiser, que eu bem sei que os homens precisam de falar, e por isso não farei travessuras!

Mário travou-lhe do braço e disse-lhe com indefinível expressão de amor:

— Queremos falar sobre negócios.

— É verdade — respondeu Cosette — olha, abri a janela do meu quarto e sabes o que vi no jardim? Uma nuvem de pardais, que fugiram espavoridos apenas eu me pus de cá a bater-lhes as palmas. Fiz bem?

— Já te disse que queríamos falar sobre Um negócio; por isso vai, minha querida; deixa-nos sós um instante. Olha, é sobre algarismos e tu aborrecias-te se ficasses aqui a ouvir essas coisas

— Que bonita gravata puseste esta manhã, Mário!

O senhor está muito elegante. Não, não me há-de aborrecer.

— Asseguro que te aborrecerás!

— Não aborreço, porque és tu e meu pai. Não os entenderei, mas estudarei. A gente, uma vez que ouça as vozes das pessoas a quem tem afeição, não precisa de entender as palavras que elas dizem. Eu não quero mais nada do que estar aqui também. Por consequência, fico!

— Tu és a minha querida Cosette, mas olha que isso não pode ser!

— Não pode ser?!

— Não!

— Está bem! — replicou Cosette. — Pois também não saberão as novidades que eu tinha para contar-lhes! Fazia tenção de lhes dizer que o avô ainda se não levantou, que tua tia foi à missa, que a chaminé do quarto de meu pai está cheia de fuligem, e por isso enche o quarto de fumo, que Nicolette mandou chamar o limpa-chaminés, que Toussaint e Nicolette já andavam às bulhas, que Nicolette arremeda Toussaint a gaguejar! Fazia tenção de lhes dizer tudo isso, e assim não sabem nada! Ah, não pode ser?! Pois deixa estar; quando me chegar a minha vez, também eu hei-de dizer: «Não pode ser, meu senhor!» E quem perderá mais? Ó Mário, peço-te que me deixes ficar aqui convosco!

— Juro-te que temos necessidade de falar em particular.

— E então eu, porventura, sou alguém?

Jean Valjean não proferia a menor palavra.

Cosette voltou-se para ele e disse-lhe:

— Antes de mais nada, meu pai, quero que me dê um abraço! Que está aí a fazer sem dizer nada, em vez de tomar o meu partido? Já viram um pai assim? Bem vê como eu fui infeliz com o meu casamento! Meu marido bate-me! Vamos, abrace-me já!

Jean Valjean acercou-se de Cosette, que disse, voltando-se para Mário:

— Olha, a ti faço-te uma careta!

E, após isto, apresentou a fronte a Jean Valjean.

Jean Valjean deu um passo para ela. Cosette recuou.

— Está tão pálido, meu pai! Que tem? Está pior da mão?

— A mão já está boa! — respondeu Jean Valjean.

— Então passou mal a noite?

— Não.

— Está triste?

— Não.

— Nesse caso, dê-me um abraço. Se não tem incómodo nenhum, se passou bem a noite, se anda satisfeito, não lhe ralho!

E tornou a apresentar a fronte.

Jean Valjean depôs um beijo nessa fronte, em que se reflectia um como clarão celeste, e Cosette prosseguiu:

— Sorria-se!

Jean Valjean obedeceu, porém o seu sorriso parecia o de um espectro.

— Agora defenda-me contra meu marido!

— Cosette... — atalhou Mário do lado.

— Zangue-se muito, meu pai! Diga-lhe que devo ficar! Porque não podem conversar na minha presença? Então eu sou alguma tola? Olhem que coisa tão extraordinária. O grande negócio! Depositar dinheiro num Banco! Sempre é um segredo! Os homens, ao menos, de qualquer coisa fazem uma bicha de sete cabeças! Pois quero ficar, que eu hoje estou muito bonita! Ora olha para mim, Mário!

E, ao mesmo tempo que dizia isto, Cosette fitou Mário com um adorável encolher de ombros e um gracioso gesto de amuo.

Uma como faísca eléctrica se produziu então entre aquelas duas criaturas, e, esquecidos da presença de Jean

Valjean, caíram irresistivelmente nos braços um do outro.

— Amo-te! — disse Mário.

— Adoro-te! — exclamou Cosette.

E, compondo uma prega do roupão com um gesto de triunfo, disse:

— Agora sempre fico!

— Isso não! — respondeu Mário em tom suplicativo. — Não, porque temos um negócio a tratar em particular!

— Nem assim?

— Asseguro-te, Cosette, que não pode ser! — replicou Mário, assumindo um tom grave:

— Ah, o senhor fala-me desse modo? Pois está bem! Vou-me embora! E

então meu pai não podia defender-me? Senhor meu marido, senhor meu papá, são uns tiranos! Vou dizê-lo ao avô. Estão enganados, se cuidam que faço tenção de tornar aqui a aparecer a expor-me às suas humilhações! Não tenho esse génio! Eu cá os espero! Até logo. Contem que os senhores é que se hão-de aborrecer por eu cá não estar! Vou-me embora, mas verão!

E saiu.

Passados dois segundos, a porta tornou a entreabrir-se, mostrou novamente o fresco e rosado rosto entre os dois batentes e gritou-lhes:

— Estou furiosa!

E, após isto, fechou-se de novo a porta e aqueles dois homens voltaram à sombria atitude em que se achavam, quando Cosette os interrompeu.

A aparição da jovem naquela sala fora como que um raio de sol perdido que, sem o suspeitar, houvesse, de súbito, atravessado a escuridão.

Mário foi certificar-se se a porta estaria bem fechada e em seguida murmurou:

— Pobre Cosette! Quando ela vier a saber...

A estas palavras, Jean Valjean sentiu um calafrio por todo o corpo e exclamou, fitando em Mário o seu olhar alucinado:

— Cosette, oh, sim, é verdade, o senhor decerto lhe vai contar tudo isto! É justo! Eu é que nem de tal coisa me tinha lembrado! Olhe, senhor, a gente tem força para umas coisas, mas carece dela para outras! Senhor, Peço-lhe, suplico-lhe por quanto há, que me dê a sua palavra mais sagrada de que não lhe dirá nada do que acabo de confessar-lhe! Não basta que só o senhor o saiba? Disse-o espontaneamente, sem ninguém a isso me obrigar; di-lo-ia a todo o mundo, a todos que me quisessem ouvir, porque isso para mim era o mesmo! Mas a ela, a ela que não sabe o que isto é, não lho diga, que a vai encher de horror! Um forçado, oh, não, não! Teria de explicar-lhe, dizer-lhe: «É um homem que esteve nas galés!» Ela, um dia, viu passar uma leva de forçados. Oh, meu Deus!

E caiu desfalecido numa poltrona, escondendo o rosto entre as mãos. Não se lhe ouvia um soluço, mas conhecia-se-lhe pelo estremecimento dos ombros que o desditoso chorava. Lágrimas silenciosas, lágrimas terríveis.

Os soluços sufocam.

Jean Valjean, trémulo, como se uma convulsão terrível o acometera, recostou-se no espaldar da cadeira, como para tomar a respiração, pendendo os braços com expressão de desalento e mostrando aos olhos de Mário o rosto inundado de lágrimas, e o jovem ouviu-o murmurar em voz tão baixa, que parecia sair do fundo de um abismo incomensurável:

— Oh, desejava morrer!

— Esteja descansado — disse-lhe Mário — que o seu segredo não passará da minha boca!

E, menos comovido talvez do que era de esperar, porém obrigado, havia uma hora, a familiarizar-se com tão inesperado como terrível acontecimento, ao ver um forçado sobrepondo-se gradualmente a Fauchelevent, ali mesmo à sua vista, dominado, pouco a pouco, por esta lúgubre realidade e levado pelo império da situação a reconhecer a distância que acabava de se interpor entre ele e aquele homem, acrescentou:

— Não posso deixar de lhe dizer uma palavra a respeito do depósito de que o senhor tão fiel e honrada entrega fez. É uma acção de probidade que merece uma recompensa! Nada mais justo! Fixe o senhor mesmo a soma e ser-lhe-á pontualmente entregue. Não receie pedir demasiado!

— Obrigado, senhor — respondeu Jean Valjean com modo afável.

E quedou-se um momento pensativo, correndo maquinalmente a ponta do dedo indicador sobre a unha do polegar.

Depois disse, elevando a voz:

— Está quase tudo terminado. Resta-me apenas uma coisa...

— Que coisa vem a ser essa?

Após um momento de suprema hesitação, Jean Valjean disse finalmente, ou antes, balbuciou, com a respiração e a voz quase tomada:

— Agora, que já sabe tudo, acha o senhor que é o dono da casa, que não devo tornar a ver Cosette?

— Eu entendo que era melhor — respondeu Mário friamente.

— Pois então não a tornarei a ver! — murmurou Jean Valjean.

E dirigiu-se para a porta.

Chegado aí, deitou a mão ao fecho, que prontamente cedeu, entreabriu a porta apenas o necessário para poder sair, porém em lugar de o fazer, quedou-se um momento imóvel, depois tornou a fechar a porta e voltou-se para Mário. O seu rosto já não estava pálido, estava lívido. Não se lhe viam já lágrimas nos olhos, mas um como lúgubre clarão. A voz tornara-se-lhe estranhamente serena.

— Enfim, senhor barão, se mo permitir voltarei a vê-la. Asseguro-lhe que o desejo muito. Se eu não tivesse interesse em ver Cosette não lhe teria feito a confissão que lhe fiz, teria partido para longe; mas, querendo ficar onde está Cosette e continuar a vê-la, tive de lhe dizer honradamente tudo. O senhor acompanha o meu raciocínio, não é verdade? É uma coisa que se compreende o que acabei de lhe dizer. O que quer o senhor? Tive-a junto de mim durante nove anos. Morámos primeiro naquele casebre do boulevard, depois no convento, e em seguida próximo do Luxemburgo. Foi ali que o senhor a viu

pela primeira vez; deve lembrar-se do seu chapéu de pelúcia branca. Estivemos no bairro dos Inválidos, onde havia um jardim com grade, na rua Plumet. O meu quarto era num pátio das traseiras, de onde ouvia o piano dela. Aqui está a minha vida. Não nos separávamos nunca; e isto durante nove anos e alguns meses. Eu era como se fora seu pai, e ela era minha filha. Não sei se compreende isto, senhor Pontmercy; mas ir-me agora embora, não tornar a vê-la nem a falar-lhe, não ter mais nada, seria uma coisa difícil. Se o senhor não o achasse inconveniente, viria de tempos a tempos ver Cosette. Viria poucas vezes, não me demoraria muito. O senhor mandaria que me recebessem no vestíbulo; entraria pela porta das traseiras, por onde entram os criados; mas isso talvez causasse admiração. Parece-me que é melhor entrar pela porta por onde entra toda a gente. Com toda a verdade, desejava ver Cosette ainda algumas vezes; as vezes que o senhor quisesse. Coloque-se no meu lugar, não tenho mais nada. E depois, é necessário cautela: não voltar eu aqui deve causar mau efeito, todos acharão isso singular. O que posso fazer é vir no fim da tarde, quando começar a anoitecer.

— Poderá vir todas as tardes, Cosette esperá-lo-á.

— O senhor tem muito bom coração — disse Jean Valjean.

Mário cumprimentou Jean Valjean; a felicidade acompanhou até à porta o desespero; os dois homens separaram-se.

II — Escuridão que pode encerrar uma revelação

Mário estava transtornado.

A espécie de repugnância que sempre lhe inspirara o homem junto de quem via Cosette, acabava de lhe ser explicada. Vira sempre naquele personagem um não sei quê de enigmático, de que o seu instinto o advertia.

Este enigma era a mais hedionda das vergonhas, a galé.

Aquele senhor Fauchelevent era o forçado Jean Valjean.

Achar-se inopinadamente um tal segredo no meio da felicidade, assemelha-se à descoberta de um escorpião num ninho de rolas.

A felicidade de Mário e de Cosette ficaria condenada a uma tal vizinhança? Era porventura um facto realizado? A aceitação daquele homem fazia parte do casamento consumado? Não havia, a semelhante respeito, mais nada a fazer?

Mário desposara também o forçado?

Embora se esteja coroado de luz e de alegria, embora se saboreie a grande hora purpurina da vida, o amor feliz, semelhantes repelões obrigariam a estremecer o próprio arcanjo no seu êxtase, o próprio semideus na sua glória.

Como sucede sempre neste género de mutações à vista, Mário perguntou a si mesmo se não tinha de que se acusar. Faltara-lhe o dom de adivinhar? Faltara-lhe prudência? Tinha-se atordoado voluntariamente?

Um tanto, talvez.

Tinha-se arriscado sem a suficiente precaução para esclarecer os contornos, àquela aventura, que terminara pelo seu casamento com Cosette?

Examinava — é sempre por uma série sucessiva de exames sobre nós mesmos, que a vida, a pouco e pouco, nos corrige — examinava, dizíamos, o lado quimérico e visionário da sua natureza, espécie de nuvem interior, natural em muitas organizações, e que nos paroxismos da paixão e da dor se dilata, pela alteração da temperatura da alma, e invade o homem todo inteiro, a ponto de não produzir nele senão uma consciência imersa em nevoeiro. Temos indicado mais duma vez este elemento característico da individualidade de Mário. Recordava-se de que na embriaguez do seu amor, na rua Plumet, no decorrer daquelas seis ou sete semanas extáticas, nem de leve falara a Cosette daquele drama do covil Gorbeau, onde a vítima tomara tão estranha resolução de silêncio durante a luta, evadindo-se depois. Como fora que não tinha falado a Cosette em tal assunto? Contudo era uma coisa tão recente e medonha! Como fora que nem sequer lhe nomeara os Thenardier, e, particularmente, no dia em que encontrara Eponina! Achava quase difícil explicar o seu silêncio de então. Entretanto notava-o agora. Recordava-se do seu atordoamento, da sua embriaguez por Cosette, do amor absorvendo tudo, daquele enlevo de um pelo outro no ideal, e talvez também, como sendo a quantidade imperceptível de razão aliada a esse estado violento e encantador da alma, de vago e surdo instinto de ocultar e abolir na memória aquela temível aventura de que temia o contacto, em que não queria desempenhar o menor papel, à qual fugia, e de que não podia ser narrador nem testemunha, sem que fosse acusador. Além disto, aquelas poucas semanas tinham sido um relâmpago; não houvera tempo para nada senão para se amarem. Enfim, bem considerado, bem pesado, e examinado tudo, quando mesmo tivesse contado a Cosette a cilada do pardieiro Gorbeau, quando mesmo lhe tivesse falado nos Thenardier, quaisquer que fossem as consequências, quando tivesse descoberto que Jean Valjean era um forçado, teria isto tudo produzido nele ou em Cosette alguma mudança? Teria ele recuado? Tê-la-ia adorado menos? Teria deixado de a desposar? Não. Não tinha nada a lastimar, nada de que se arrepender. Tudo fora pelo melhor.

Há com certeza um Deus para os ébrios a que chamam namorados.

Cego, seguira Mário o caminho que seguiria tendo vista. O amor vendara-lhe os olhos para o conduzir; mas aonde?

Ao paraíso.

Esse paraíso porém estava sombreado por uma vizinhança infernal.

A antiga repugnância de Mário por aquele homem, por aquele

Fauchelevent tornado Jean Valjean, achava-se agora envolta de horror.

Neste horror, digamo-lo, havia alguma compaixão e até mesmo certa surpresa.

Aquele ladrão, ladrão reincidente, restituíra um depósito. E que depósito! Seiscentos mil francos. Só ele tinha o segredo de tal depósito; podia guardar tudo, e entregou tudo.

Além disto revelara voluntariamente a sua situação.

Não havia nada que a isso o obrigasse. Sabia-se quem era, por ele mesmo. Naquela confissão aceitara mais do que a humilhação, aceitara o perigo. Para um condenado, uma máscara não é uma máscara, é um abrigo. Tinha renunciado a esse abrigo. Um nome suposto é a segurança; rejeitara esse nome. Podia, sendo forçado, ocultar-se para sempre no seio duma família honesta; resistira a essa tentação. E porque motivo? Por escrúpulo de consciência. Explicara-o ele próprio com o atento da realidade. Em suma, fosse o que fosse, aquele Jean Valjean era incontestavelmente uma consciência que despertava. Havia ali não sei que misteriosa reabilitação começada; e segundo todas as aparências, havia já muito tempo que o escrúpulo se apoderara daquele homem. Semelhantes acessos do justo e do bem, não são próprios das naturezas vulgares. O despertar da consciência denota grandeza de alma.

Jean Valjean era sincero. Esta sinceridade, visível, palpável, irrefragável, mesmo até evidente pela dor que lhe causava, tornava inúteis quaisquer informações, e dava autoridade a tudo que aquele homem dissera.

Aqui dava-se para Mário estranha inversão de situações. O que era que se destacava do senhor Fauchelevent? A desconfiança. O que se destacava de Jean Valjean? A confiança.

No misterioso balanço a que Mário, no meio das suas cogitações, procedia, com relação a esse Jean Valjean, examinava o activo e passivo, e tentava conseguir o equilíbrio entre um e Outro.

Tudo isto, porém, parecia achar-se na mais tempestuosa confusão.

Mário, esforçando-se por adquirir uma ideia clara acerca de semelhante homem, e perseguindo Jean Valjean, para assim dizer, no fundo do seu pensamento, perdia-o de vista e tornava a encontrá-lo no meio de uma névoa fatal.

Quanto à honrada restituição do depósito, à probidade da revelação, bem estava. Era uma como claridade no meio da névoa, porém esta depois tornava a fechar-se escura, como dantes.

Apesar da confusão das suas reminiscências, Mário entrevia nelas uma escuridão inexplicável.

Que significava aquela aventura passada no miserável albergue de Jondrette? Porque motivo se tinha aquele homem evadido à chegada da polícia, em vez de se queixar?

A isto achava Mário a resposta. Porque esse homem era um criminoso reincidente, um forçado fugido das galés.

Outra pergunta:

— Que fora aquele homem fazer à barricada?

Mário não podia deixar de fazer a si mesmo esta pergunta, agora que à memória lhe acudia distintamente essa recordação, reaparecendo-lhe no meio dessas emoções como a tinta simpática que é exposta ao fogo.

Esse homem estivera na barricada, conquanto não combatesse. Que fora ele lá fazer? A esta pergunta respondia o espectro de Javert, surgindo das trevas em que estava envolto. Naquela ocasião, a memória de Mário reproduzia-lhe perfeitamente a fúnebre visão de Jean Valjean, puxando para fora da barricada Javert atado de pés e mãos, e ele ouvia ainda por trás da esquina da viela de Mondétour o estrondo horrível daquele tiro de pistola. Era verosímil que o espião e o forçado mutuamente se odiavam. Incomodavam-se um ao outro. Jean Valjean, portanto, tinha ido à barricada com o intuito de se vingar, por isso que, provavelmente, sabia que Javert ali se achava prisioneiro, porém chegara tarde. A vendetta corsa acha-se derramada entre algumas das classes inferiores da sociedade, para as quais tem força de lei; é tão natural entre elas, que a não estranham as almas quase convertidas para o bem; e de tal modo são conformados aqueles corações, que um criminoso em caminho da sua reabilitação chega a ter escrúpulos em relação ao roubo e a não os ter com relação à vingança. Jean Valjean matara Javert. Ao menos, era o que parecia, segundo todas as probabilidades.

A derradeira pergunta, finalmente, era a seguinte, que oprimia Mário como uma tenaz, mas a que ele não conseguia encontrar resposta:

Que série de acontecimentos tinha dado lugar à prolongada convivência de Cosette com Jean Valjean? Que sombrio capricho fora o da Providência, pondo aquela jovem em contacto com semelhante homem? Pois também no céu há correntes como as que na terra prendem os criminosos aos pares, e gostará Deus de acorrentar juntos o anjo e o demónio? Pois o crime e a inocência podem ser camaradas de rancho nas misteriosas galés da miséria? Pois nesse desfilar de condenados chamado destino humano podem passar a par duas frontes, uma cândida, outra medonha, uma inundada dos divinos clarões da alvorada, outra para sempre ungida pelo lívido clarão de um relâmpago eterno? Quem seria que determinara tão inexplicável associação? De que modo, em virtude de que prodígio, fora possível estabelecer-se uma existência

comum entre aquela celeste jovem e aquele velho condenado? Quem havia conseguido ligar o cordeiro ao lobo, e — coisa ainda mais extraordinária! — ligar o lobo ao cordeiro?

Pois, no caso presente, o lobo amava ao cordeiro, o ente feroz adorava o ente frágil, durante o espaço de nove anos, o monstro fora o amparo do anjo. A infância e a adolescência de Cosette, os seus primeiros passos no mundo, o seu virginal crescimento para a vida e para a luz, tudo isto fora abrigado pela abjecta dedicação daquele homem. Neste ponto, as perguntas ramificavam-se, para assim dizer, num sem número de enigmas, abriam-se abismos sobre abismos, e Mário não podia debruçar-se sobre a voragem em que via sumir-se-lhe Jean Valjean, sem se sentir acometido de uma vertigem, tentando, por consequência, inutilmente devassar o mistério daquele homem-precipício.

Os símbolos genésicos são eternos: no estado actual da sociedade humana, há e haverá sempre dois homens, um superior, outro inferior, enquanto uma luz mais intensa não vier operar nela uma mudança; o que existe para o bem chama-se Abel, o que existe para o mal chama-se Caim.

Que vinha a ser esse terno Caim? Que vinha a ser aquele ladrão religiosamente absorto na adoração de uma virgem, desvelando-a, educando-a, preservando-a, dignificando-a e circundando-a de pureza, ele, criatura impura? Que cloaca vinha a ser aquele que venerara aquela pureza, a ponto de não lhe deixar uma mancha. Que qualidade de homem era esse Jean Valjean, que tomara sobre si a educação de Cosette? Que vinha a ser esse vulto de trevas, cujo cuidado todo era preservar da menor sombra, da menor nuvem, o despontar de um astro?

Nisso consistia o segredo de Jean Valjean, se é que o seu segredo não era também o de Deus.

Ante este duplo segredo, Mário recuava, Um tranquilizava-o, para assim o dizer, a respeito do outro. Naquela aventura manifestava-se tão visível a presença de Deus como a de Jean Valjean. Deus tem seus instrumentos e lança mão do utensílio que mais lhe apraz, sem que tenha por isso de dar contas ao homem nem de fazer-lhe saber os seus desígnios. Cosette era, até certo ponto, um artefacto saído das mãos de Jean Valjean. Fora ele, para assim dizer, o lapidário daquela alma. Isto é que não admitia dúvida nenhuma. Não admitiria; e então que tinha isso? Se o artista era horrível, a obra era admirável. Deus produz os seus milagres da maneira que lhe apraz. Produziu aquela jovem graciosa e empregou Jean Valjean para o ajudar. Aprouve-lhe tomar esse singular colaborador. Por isto temos algumas contas a pedir-lhe? Pois será acaso a primeira vez que o estético ajuda a Primavera na produção da rosa?

Mário respondia deste modo a si mesmo e tentava convencer-se de que as suas respostas não admitiam réplica. Tivera desejo de interrogar Jean Valjean e sentira que lhe minguavam as forças para o fazer. Adorava Cosette, possuía Cosette, Cosette era pura como o sol: que lhe importava o mais? Que esclarecimento lhe faltava?

Cosette era uma luz e a luz precisa de ser esclarecida.

Tinha tudo, que mais queria? Que mais podia desejar? Não era bastante tudo?

Os negócios pessoais de Jean Valjean, com esses nada tinha. O esgalho a que Mário se apegava ao debruçar-se sobre o abismo de trevas em que desaparecia o vulto desse homem era esta solene declaração do Miserável: «Não sou nada a Cosette. Há dez anos nem sequer sabia que ela existia».

Jean Valjean, portanto, era apenas um estranho, como ele próprio dissera. Um estranho que passou, deteve-se e seguiu avante. Fosse ele quem quer que fosse, o seu papel findara. Agora a Mário é que tocava ser a Providência de Cosette, que Viera buscar ao espaço o seu igual, o seu amante, o seu esposo, o seu varão celeste. Remontara-se ao ar, e, ao partir da terra, transfigurada e alada, deixava vazia após si a sua medonha crisálida — Jean Valjean.

Qualquer que fosse a série de ideias que Mário passasse em revista, a lembrança de Jean Valjean nunca lhe voltava ao espírito inteiramente desacompanhada de um sentimento de horror. Horror talvez sagrado, pois que, Mário entrevia um *quid divinum* naquele homem. Por mais que ele fizesse, porém, por mais que procurasse fazer valer as circunstâncias atenuantes, via-se sempre apertado pelo círculo de ferro desta conclusão: é um forçado, quer dizer, uma criatura que nem lugar tem na escala social, por isso que fica abaixo do último degrau. Após o último dos homens, segue-se o forçado. O forçado já não pode, para assim dizer, ser equiparado aos vivos. A lei destitui-o da maior porção de humanidade que pode tirar a um homem.

Apesar dos seus sentimentos democráticos, Mário, com relação a questões penais, seguia ainda o sistema inexorável, nutrindo a respeito daqueles sobre quem recai a acção da lei as mesmas ideias que ela. O jovem, devemos declará-lo, não tinha ainda tocado a meta de todos os progressos. Ainda não sabia descriminar entre o que é escrito pelo homem ,e o que é escrito por Deus, entre a lei e o direito. Ainda não havia examinado e ponderado o direito que o homem se arroga de dispor do irrevogável e do irremediável. Não lhe causava indignação a palavra vindicta. Afigurava-se-lhe uma coisa natural que certas infracções da lei escrita fossem seguidas de penas eternas e aceitava como meio de civilização o inferno social.

Eis aqui qual o estado em que ainda se achava, a não se dar caso que

viessem algum dia a sair dele, como o fazia esperar a bondade da sua índole essencialmente propensa a abraçar gostosamente qualquer ideia de progresso.

Já se vê que, dominado por estas ideias, Jean Valjean afigurava-se-lhe uma criatura disforme e repelente. Era o réprobo, o forçado.

Esta palavra soava-lhe aos ouvidos como a trombeta do juízo final, e o seu último gesto, depois de largo espaço haver contemplado Jean Valjean, era voltar a cabeça para o lado. *Vade retro.*

Mário, é necessário reconhecer e ainda insistir nisto, apesar de interrogar Jean Valjean, a ponto deste lhe dizer: «O senhor quer saber tudo», não lhe tinha contudo dirigido duas ou três perguntas decisivas, Não fora porque se lhe não apresentassem ao espírito, mas porque tivera medo.

O covil dos Jondrette? A barricada? Javert? Quem sabe onde parariam as revelações? Jean Valjean não parecia homem que recuasse; e quem sabe se Mário, depois de o ter impelido, não desejaria fazê-lo parar?

Em certas conjunturas supremas, não nos tem sucedido a todos, depois de feita uma pergunta, taparmos os ouvidos para não ouvirmos a resposta?

É sobretudo quando se ama, que se têm destas cobardias.

Não é prudente interrogar a todo o transe as situações sinistras, sobretudo quando a eles está fatalmente ligado o lado indissolúvel da nossa vida. Das explicações desesperadas de Jean Valjean, podia brotar alguma espantosa luz; e quem sabe se essa hedionda claridade não teria chegado até Cosette? Quem sabe se ficaria uma espécie de clarão infernal na fronte daquele anjo!

O salpico de um relâmpago é ainda raio.

A fatalidade tem destas solidariedades, onde a própria inocência fica impregnada de crime pela sombria lei dos reflexos colorantes. Os vultos mais puros podem conservar para sempre a reverberação de uma vizinhança horrível. Mário, com razão ou sem ela, tinha medo. Já sabia demais. Desejava antes atordoar-se do que esclarecer-se. Desorientado, arrebatava Cosette nos braços, fechando os olhos sobre Jean Valjean.

Um tal homem era a noite: noite vivente e terrível.

Como poderia ousar sondar-lhe o futuro? É espantoso o interrogar a sombra. Quem sabe o que ele responderá; a aurora poderá ficar enegrecida para sempre.

Numa tal disposição de espírito, era para Mário pungente perplexidade pensar em que aquele homem teria de então em diante o mínimo contacto com Cosette. Então quase se repreendia de não ter feito aquelas perguntas temíveis, diante das quais recuara e de onde teria podido sair uma decisão implacável e definitiva. Achava-se demasiadamente dócil, digamos o termo,

demasiadamente fraco. Esta fraqueza tinha-o arrastado a uma concessão imprudente. Deixara-se comover; fizera muito mal. Deveria ter, pura e simplesmente, repelido Jean Valjean. Jean Valjean era o quinhão do fogo, deveria tê-lo apartado e desembaraçado a sua casa de semelhante homem.

Sentia-se indisposto contra si mesmo, contra a impetuosidade do turbilhão de sensações que o tinham ensurdecido, cegado. Estava descontente de si mesmo.

O que deveria então fazer?

As visitas de Jean Valjean repugnavam-lhe profundamente. Para que iria aquele homem a sua casa? O que tinha ali que fazer? Neste ponto diligenciava atordoar-se; não queria cavar, não queria aprofundar, não queria sondar-se a si próprio.

Tinha prometido Jean Valjean tinha a sua promessa; ainda com um forçado, sobretudo com um forçado, deve cumprir-se a palavra dada. Contudo, o seu primeiro dever era para com Cosette.

Em suma, sentia-se agitado por uma repulsão, que dominava tudo.

Mário revolvia no espírito todo este conjunto de ideias, passando sucessivamente de uma a outra, e agitado por todas. Daqui profunda perturbação. Não lhe foi fácil ocultar esta perturbação a Cosette; mas o amor é um talento e Mário conseguiu.

No fim de tudo, sem intenção, aparente, fez algumas perguntas a Cosette, que, cândida como uma pomba, não suspeitou coisa nenhuma; falava-lhe da sua infância e da sua mocidade, e cada vez ficava mais convencido de que tudo o que um homem pode ser de bom, de paternal e de respeitável, tinha-o sido para Cosette aquele forçado. Tudo o que Mário tinha entrevisto e suposto era real. A sinistra urtiga amara e protegera o lírio.

LIVRO OITAVO — O DECRESCIMENTO CREPUSCULAR

I — A sala de baixo

No dia seguinte, ao anoitecer, Jean Valjean batia à porta da casa onde morava Gillenormand, na rua das Mulheres do Calvário e era recebido por Biscainho, que se achava no portal e prontamente acudira a abrir.

Semelhante prontidão e a circunstância de se achar tão a propósito próximo da porta quase fazia desconfiar que para isso tinha recebido ordem, o que não pode ser motivo para espanto, pois não é raro dizer-se a um criado: «Esteja à espreita a ver quando chega o senhor Fulano».

— O senhor barão recomendou-me que lhe perguntasse se queria subir ou ficar mesmo aqui em baixo — disse Biscainho para Jean Valjean, sem esperar que ele se lhe dirigisse.

— Eu fico mesmo aqui em baixo! — respondeu Jean Valjean.

A vista desta resposta, Biscainho abriu a porta da sala, que ficava logo à entrada e acrescentou com o mesmo modo respeitoso com que tinha recebido o suposto Fauchelevent.

— Vou prevenir a senhora.

Biscainho saiu e ele entrou.

A sala em que Jean Valjean acabava de entrar era uma loja abobadada e húmida, ladrilhada de tijolo e apenas alumiada por uma janela gradeada de ferro, que deitava para a rua.

Esta sala, que, em caso de necessidade, podia servir de adega, não era das que a vassoura, a escova e o espanador trazem em contínuo sobressalto. Ali o pó jazia em sossego, as aranhas viviam livres da menor perseguição. Bastava ver a larga e negra teia, semeada de moscas mortas, com que uma delas forrara um dos caixilhos da janela, para se conhecer que ninguém naquela casa tinha a crueldade de as ir perturbar no exercício das suas habilidades.

A mobília, que era pouco espaçosa e sobremodo baixa, consistia num monte de garrafas arrumadas a um canto. As paredes, pintadas de ocre amarelo, achavam-se em parte escalavradas e em osso; Na extremidade oposta à entrada, via-se um fogão com guarnições de madeira pintada de preto e prateleira estreita. O fogão estava aceso, o que indicava que a resposta de Jean Valjean: «Eu fico mesmo aqui em baixo» já era esperada.

De cada lado do fogão achava-se uma cadeira de braços. No espaço que ia de uma à outra, via-se estendido, em guisa de tapete, um estrado Velho já com mais traças do que lã.

A única luz desta sala era o reflexo que se projectava do fogão e a claridade crepuscular que se coava por entre os varões da janela gradeada. Apenas

entrou, Jean Valjean atirou-se com expressão de desalento para uma das cadeiras.

O pobre homem sentia-se desfalecido. Havia uns poucos dias que não comia nem dormia.

Biscainho voltou a pôr um castiçal aceso sobre a prateleira do fogão e retirou-se, sem que Jean Valjean, que, com a cabeça pendida para o peito, parecia mergulhado em completa abstracção, desse por ele nem pelo que tinha vindo fazer.

De súbito, levantou-se da cadeira, como que sobressaltado e voltou-se para trás.

Era Cosette, Cosette que ele não vira, mas que sentira entrar.

Voltou-se e quedou-se em muda contemplação diante da jovem, naquela ocasião como que iluminada por um maior realce de beleza. O que ele, porém, tão profundamente parecia observar naquele olhar não era a beleza, mas a alma.

— Sempre tem cada coisa, meu pai! Sabia que era muito singular, mas esta é que eu não esperava! Que ideia! Mário disse-me que foi seu desejo de que eu o recebesse aqui.

— Disse a verdade!

— A espera dessa resposta estava eu! Bem. Previno-o já de que vamos ter uma zanga muito grande! Principiemos pelo princípio. Meu pai, faz favor de me beijar?!

E a jovem apresentou a face a Jean Valjean.

Este, porém, conservou-se imóvel.

— Ah! Então? Muito bem. É porque se sente culpado! É o mesmo, perdoo-lhe! Jesus Cristo disse: «Oferecei a outra face». Aqui a tem!

E apresentou a outra face.

Jean Valjean ficou na mesma imobilidade. Dir-se-ia que tinha os pés pregados no chão.

— O caso torna-se sério! — continuou Cosette. Que lhe fiz eu? Declaro-lhe que estou de mal consigo! Não faço as pazes senão me prometer que janta hoje connosco!

— Já jantei!

— Não jantou tal! Hei-de fazer queixa ao senhor Gillenormand para ele lhe ralhar! Os avós têm obrigação de repreender os pais! Vamos. Venha daí comigo lá para cima. Já!

— Não posso..

A resposta de Jean Valjean encheu de espanto Cosette, que, em vez de dar ordens, principiou a fazer perguntas..

— Porque não pode? E logo foi escolher, para eu lhe aceitar a visita, a sala mais feia que tem a casa, uma espelunca que mete medo!

— Bem sabes tu... — deixou escapar Jean Valjean.

E, atalhando-se logo, prosseguiu:

— Bem sabe a senhora que eu sempre tive as minhas esquisitices!

— Sabe a senhora?! Outra novidade! — exclamou Cosette, batendo com as suas mãozinhas uma na outra.

— Que quer dizer isso?

Jean Valjean fitou-a com esse sorriso pungente a que às vezes recorria e respondeu:

— Assim o quis, assim o tem! Hoje é uma senhora casada; portanto, o tratamento que lhe pertence é este!

— Mas não para si, meu pai.

— Não torne a chamar-me pai.

— Como?

— Chame-me senhor Jean; ou simplesmente Jean, se quiser...

— Já não é meu pai, é o senhor Jean, e eu já não sou Cosette! Mas o que significa isto? Temos revoluções? O que foi que sucedeu? Olhe bem para mim. E não quer viver connosco! Não fez caso do Quarto que se lhe destinou. Que lhe fiz eu? Fiz-lhe algum mal? Sucedeu-lhe aqui alguma coisa?

— Não, não sucedeu nada.

— E, noutra parte?

— Não houve a menor alteração; está tudo como estava.

— Mas porque muda de nome?

— Também a senhora fez igual mudança.

E sorrindo-se ainda com o mesmo sorriso, acrescentou:

— Assim como em vez de Cosette é a senhora Pontmercy, assim eu posso ser o senhor Jean.

— Não percebo. Nada disso tem senso comum. Hei-de pedir licença a meu marido para lhe chamar senhor Jean. Espero que não consinta. Não imagina como me mortifica. Pode ter caprichos; mas sem afligir a sua Cosette. É muito mal feito. Quem é tão bom não tem direito de ser mau.

Jean Valjean não respondeu.

Cosette pegou-lhe vivamente nas mãos, e com um movimento irresistível, elevando-lhas até à altura do rosto, apertou-lhas convulsivamente contra o pescoço, por baixo da barba, o que é profundo gesto de ternura.

— Não seja mau! — disse ela.

E prosseguiu:

— Olhe, pai não ser mau, há-de vir viver connosco; nós aqui, temos

passarinhos; como tinha na rua Plumet; há-de sair daquele buraco da rua do Homem Armado, não nos há-de dar charadas a adivinhar, há-de ser como toda a gente, jantar e almoçar connosco e ser meu pai.

Jean Valjean desembaraçou as mãos das de Cosette.

— A senhora já não precisa de pai, tem marido.

Cosette mostrou-se enfadada.

— Já não preciso de pai! Ora, realmente, não sei o que se há-de dizer a semelhantes coisas!

— Se a Toussaint aqui estivesse — tornou Jean Valjean, como uma pessoa que busca apoio na opinião de outrem, diligenciando agarrar-se a todos os ramos seria a primeira em convir que sempre tive destas particularidades. Não há nisto novidade. Sempre fui amigo do meu cantinho escuro.

— Mas isto aqui é tão soturno e tão frio! Senhor Jean! Olhem que lembrança! Está terrível! Desde já lhe declaro que não quero que me trate por senhora!

— Quando há pouco vinha para cá — respondeu Jean Valjean — vi no armazém de um marceneiro da rua de S. Luís um lindo móvel. Se eu fosse uma mulher bonita, não ficava sem ele. Era um toucador da última moda, creio que desta madeira a que chamam pau-rosa, todo cheio de embutidos, com um grande espelho, com gavetas... em suma, um objecto lindo

— Hu! Bicho feio! — respondeu-lhe Cosette.

E com supremo encanto, cerrando os dentes e afastando os lábios, soprou contra Jean Valjean. Era uma Graça, copiando uma gata.

— Estou furiosa! — continuou ela. — Desde ontem todos me têm feito desesperar. Sinto-me enraivecida e não entendo nada disto. Meu pai não me defende de Mário, Mário não me apoia contra meu pai; vejo-me de todo só. Preparo um quarto muito bem preparado, não pus nele Deus porque não pude, e o meu inquilino faz bancarrota e deixa-me ficar com o quarto nas mãos. Encomendo à Nicolette, um bom jantarinho: adeus, minha senhora; não quero o seu jantar. E no fim de tudo isto quer o meu pai que lhe chame senhor Jean e que lhe receba a visita numa Velha, medonha e feia sala bolorenta, cujas paredes parecem ter barbas, onde há, pelo que respeita a cristais, garrafas vazias, e por cortinas teias de aranha! Meu pai tem Singularidades, concedo, desse seu género, mas às pessoas que se casam concedem-se sempre tréguas, Não devia continuar imediatamente a ser singular. Deixe estar que se há-de achar bem contente na rua abominável rua do Homem Armado! Senti-me ali bem desesperada, eu! Mas diga-me, o que é que tem contra mim? Olhe que me está afligindo!

E, assumindo súbita seriedade, fitou Jean Valjean e acrescentou:

— Quer-me mal por ser feliz?

A ingenuidade, sem que o suspeite, é às vezes muito penetrante. Esta pergunta, simples para Cosette, era profunda para Jean Valjean. Cosette queria arranhar e despedaçava.

Jean Valjean empalideceu, e depois de ter permanecido um instante sem responder, murmurou, com inexprimível acento e como que falando consigo mesmo:

— A sua felicidade era o alvo da minha vida. Agora pode Deus marcar a hora. És feliz, Cosette, terminei a minha obra.

— Ah, tratou-me por tu! — exclamou Cosette.

E lançou-se-lhe ao pescoço.

Jean Valjean, desorientado, estreitou-a extremosamente ao coração. Quase lhe pareceu que tomava novamente posse dela.

— Obrigado, meu pai!

Aquele entusiasmo devia tornar-se pungente para Jean Valjean: por isso desembaraçou-se suavemente dos braços de Cosette e pegou no chapéu.

— Então? — disse Cosette.

Jean Valjean respondeu:

— Retiro-me, minha senhora, estão-me esperando.

E do limiar da porta acrescentou:

— Tratei-a por tu, mas diga a seu marido que não tornará a suceder. Perdoem-me.

E saiu, deixando Cosette estupefacta com tão enigmática despedida.

II — Retirada gradual

No dia seguinte, voltou Jean Valjean à mesma hora.

Cosette não lhe fez perguntas, já não se mostrou admirada, nem se queixou de sentir frio nem o convidou a subir, evitando tratá-lo por pai, mas fugindo de chamar-lhe senhor Jean, deixando que ele não lhe desse o tratamento de tu e a tratasse por senhora. Apenas dava mostras de uma diminuição de alegria, que seria tristeza, se ela fosse susceptível de entristecer-se.

É natural que a jovem tivesse tido com Mário uma dessas conversações em que o homem amado diz o que quer, não explicando nada e satisfazendo a mulher amada. A curiosidade dos amantes não vai muito além do seu amor.

A sala em que Jean Valjean quisera ser recebido sofrera uma pequena revolução e apresentava-se agora em estado de mais algum apuro. Biscainho fizera desaparecer as garrafas. Nicolette arvorara-se em exterminadora das aranhas.

Nos dias que se seguiram, Jean Valjean continuou a repetir as suas visitas à mesma hora, vindo todos os dias, porque não se sentia com ânimo de deixar

de tomar as palavras de Mário inteiramente ao pé da letra.

Mário fazia sempre por não estar em casa à hora em que Jean Valjean chegava.

A família acostumou-se às novas singularidades do senhor Fauchelevent, para o que não pouco contribuiu Toussaint, repetindo a cada instante:

— Isto já não é de agora. O senhor foi sempre assim.

O avô promulgou o seguinte decreto:

— É um extravagante!

E, desde então, acabou-se tudo.

Na realidade, aos noventa anos já não há afeição possível; é tudo justaposição; um estranho é uma individualidade molesta, os hábitos antigos têm todos os lugares tomados.

À vista disto, Gillenormand não somente não sentiu, mas até estimou ver-se livre do tal senhor Fauchelevent, Tranchelevent ou lá o que era.

— Não há nada mais comum do que estes originais — acrescentou ele — fazem toda a espécie de extravagâncias; e a respeito de motivo, nada de novo. O marquês de Canaples ainda era pior. Comprou um palácio para viver nas águas-furtadas! São esquisitices que certa gente tem. Deixá-los lá!

Vê-se daqui que ninguém entrevia o sinistro interior daquele homem.

E quem, na verdade, poderia adivinhar semelhante coisa?

Há destes pântanos na Índia; a água parece extraordinária, inexplicável, trémula, sem, contudo, correr vento, agitada onde devia estar serena. Vê-se na superfície aquela efervescência sem causa; não se divisa a hidra que se arrasta no fundo.

Assim também há muitos homens que têm um monstro secreto, um mal que eles alimentam, um dragão que os dilacera, uma angústia que habita as suas trevas. Mas vemo-los passar e repassar, e parece-nos que nada os distingue dos outros homens. Porque ninguém sabe que aquele infeliz tem dentro de si mesmo uma horrorosa dor parasita, que vive dentro dele, e com os seus mil dentes o lacera e mata. Porque ninguém sabe que esse homem é um abismo. Apresenta-se sereno, mas é profundo. De espaço a espaço, produz-se na superfície certa agitação para nós inteiramente incompreensível. Forma-se uma misteriosa ruga, que desaparece em seguida para tornar ainda a aparecer; vem à superfície uma bolha de ar e rebenta. É uma coisa de pouca monta e é terrível. É a respiração do monstro oculto.

Certos hábitos singulares, chegar quando os outros se retiram, esconder-se quando os outros se mostram, proceder sempre, para assim dizer, como quem se receia de si mesmo, procurar os passeios mais escusos, preferir a rua deserta, não tomar parte em conversação nenhuma, evitar os ajuntamentos e

as festas, parecer abastado e viver pobremente, trazer, apesar de rico, a chave do seu quarto no bolso e ter a vela no sótão do porteiro, entrar pela porta escusa, subir pela escada oculta, todas estas singularidades destituídas de valor, rugas, bolhas de ar, efervescência fugitiva na superfície provêm muitas vezes de um fundo medonho.

Assim decorreram algumas semanas.

Um novo sistema de vida gradualmente foi operando a sua influência sobre Cosette; as relações originadas pelo casamento, as visitas, os cuidados domésticos, os divertimentos, enfim, esses negócios importantes, tudo isto devia actuar poderosamente sobre o espírito da jovem.

Os divertimentos de Cosette eram pouco dispendiosos; consistiam num só — estar com Mário. Sair com ele, ficar com ele em casa, tal era a grande ocupação da sua vida.

Era para eles um prazer sempre novo saírem de braço dado, à face do sol, pelo meio das ruas, sem se esconderem, à vista de toda a gente, sozinhos.

No meio de tudo isto, porém, sofreu Cosette uma contrariedade.

Toussaint não pôde dar-se com Nicolette, por isso que a liga de duas velhas é sempre impossível, e despediu-se.

Gillenormand passava bem; Mário ocupava-se a advogar, de quando em quando, alguma causa; a tia Gillenormand passava na companhia do jovem casal a vida lateral, com que se dava por satisfeita.

Quanto a Jean Valjean, continuava a vir todos os dias.

O desaparecimento daquele «tu» de outrora, a sua substituição pelo tratamento de senhora, a transformação daquele inefável nome de pai em senhor Jean, tudo isto acabara por transfigurar Jean Valjean aos olhos de Cosette.

Assim, pois, o infeliz conseguia o bom sucesso da diligência que ele próprio empregara para desligá-la de si. A jovem cada vez dava mostras de maior jovialidade, e de menos afecto.

Todavia, era certo que ela ainda lhe consagrava grande afeição, e ele próprio o reconhecia.

Uma ocasião, ela disse-lhe abruptamente:

— O senhor era meu pai e já não é meu pai, era meu tio e já não é meu tio, era senhor Fauchelevent, agora é Jean. Afinal de contas, quem é? Confesso-lhe que não gosto nada destas coisas! Se não fosse saber o bondoso coração que possui, tinha-lhe medo!

Jean Valjean continuava a morar na rua do Homem Armado, porque não podia resolver-se a afastar-se do Ideal habitado por Cosette.

A princípio, demorava-se apenas alguns minutos com a jovem e retirava-se

logo.

Pouco a pouco, porém, foi-se acostumando a prolongar as suas visitas. Dir-se-ia que queria aproveitar-se da autorização dos dias, que também iam crescendo, vinha mais cedo e retirava-se mais tarde.

Um dia, Cosette, no decorrer da conversação, inadvertidamente proferiu a frase «meu pai». Ao ouvi-la, o enrugado e sombrio rosto de Jean Valjean iluminou-se de um súbito clarão de alegria, após o qual imediatamente atalhou:

— Jean é o meu nome!

— Ah, é verdade! Senhor Jean! — respondeu ela, soltando uma risada.

— Assim mesmo! — tornou ele.

E voltou o rosto para que Cosette o não visse limpar as lágrimas que lhe tinham acudido de repente aos olhos.

III — Recordações do jardim da rua Plumet

Foi a última vez. Após esse derradeiro clarão, tornou-se completa a extinção. Desapareceu de todo a menor mostra de familiaridade, nunca mais se repetiu o beijo que assinalava O princípio de cada entrevista, nunca mais soou a seus ouvidos a frase tão profundamente afectuosa: «Meu pai!» com que, até então, se dera por amplamente recompensado do seu amor à graciosa jovem.

O infeliz via-se, por sua própria cumplicidade a rogos seus, sucessivamente esbulhado dos bens que constituíam a sua ventura, e, para cúmulo de infortúnio, o desditoso, depois de ter perdido Cosette de todo num dia, via-se agora reduzido a perdê-la de novo aos: poucos.

A nossa vista chega, por fim, a habituar-se a uma quase escuridão. Em suma, como tivesse todos os dias uma aparição de Cosette, era quanto lhe bastava. Toda a sua vida se concentrava nesse instante. Sentava-se ao pé dela, e ora a contemplava em silêncio, ora se lhe punha a falar do tempo passado da sua infância, da sua vida no convento, das suas amiguinhas de então.

Uma tarde, num dos primeiros dias de Abril, já quente, mas ainda fresco; o sol ostentava-se em todo o seu esplendor, os jardins que se estendiam em frente das janelas do quarto de Mário e Cosette como que principiavam a despertar, as roseiras começavam a desabrochar, os goivos a atapetar as enegrecidas paredes, as bocas de lobo encarnadas a rebentar por entre as fendas das pedras, a relva começava a matizar-se graciosamente de margaridas e botões de ouro, as borboletas brancas tentavam, já o seu vertiginoso voo, o vento, esse menestrel do eterno festim de núpcias, ensaiava nas árvores as primeiras notas dessa grande sinfonia de aurora chamada Primavera nessa tarde, Mário disse a Cosette:

— Nós tínhamos falado, em ir ao nosso jardim da rua Plumet; vamos lá hoje. Não devemos ser ingratos.

E voaram, como duas andorinhas na Primavera.

Para eles aquele jardim da rua Plumet era uma espécie de aurora. Já tinham após si na vida o quer que fosse como a Primavera do seu amor. O prazo do arrendamento ainda não tinha expirado, e, por consequência, a casa Pertencia ainda a Cosette.

Visitaram, pois, aquele jardim e aquela casa, e ao acharem-se nela esqueceram-se de tudo o mais.

De tarde, à hora do costume, chegou Jean Valjean a rua das Mulheres do Calvário.

— A senhora saiu com o senhor e ainda não voltaram disse-lhe Biscainho.

Jean Valjean sentou-se silenciosamente e esperou uma hora, durante a qual Cosette não chegou.

Decorrida ela, pendeu a cabeça para o peito e retirou-se.

Cosette ficara tão agradavelmente impressionada com o seu passeio «ao nosso jardim», como ela dizia e tão jubilosa por ter «vivido um dia no seu passado», que no seguinte, não falou em outra coisa, e nem pela lembrança lhe passou que nesse dia não tinha estado com Jean Valjean.

— Como foram lá? — perguntou-lhe à jovem.

— A pé.

— E Como voltaram?

— Num carro.

Havia algum tempo que Jean Valjean notava a economia com que passava o jovem casal, e esta circunstância afligia-o. A economia de Mário era severa, e para Jean Valjean tinha esta frase o sentido absoluto.

As suas apreensões fizeram, por fim, com que ele aventurasse uma pergunta.

— Porque não têm carro próprio? Um bonito *coupé* custar-lhes-ia apenas quinhentos francos por mês, despesa com que muito bem podem, porque são ricos.

— Não sei — respondeu Cosette.

— É como com a Toussaint — prosseguiu Jean Valjean.

— Ela despediu-se e assim se deixaram ficar. Porque não tomaram outra criada?

— Basta-nos Nicolette.

— Mas bem vê que a senhora necessita de uma criada grave.

— Então eu não tenho Mário?

— Deviam ter uma casa sua, criados seus, carro, camarote de assinatura.

Nada disto demanda despesas com que não possam. Porque não desfrutam a riqueza que têm? O ser rico não estorva de ser feliz, antes serve para aumentar a felicidade.

A tudo isto nada respondeu Cosette.

As visitas de Jean Valjean, em lugar de se tornarem mais abreviadas, cada vez se prolongavam mais.

Quando é o coração que resvala, nada nos sustém na ladeira.

Quando Jean Valjean queria prolongar a sua visita, fazendo esquecer a hora da retirada, punha-se a tecer os maiores elogios a Mário; dizia que o achava um belo rapaz, nobre, corajoso, eloquente, dotado de suma inteligência e bondade. Cosette encarecia. Jean Valjean recomeçava.

Era um nunca acabar. Mário era uma palavra inesgotável; eram cinco letras que valiam por muitos volumes.

Por meio deste estratagema, conseguia Jean Valjean Demorar-se largo espaço na companhia da jovem.

Ver Cosette, estar junto dela, olvidando tudo o mais, era-lhe tão suave consolação! Era o bálsamo das feridas que o arpão do infortúnio lhe tinha aberto no coração!

Não poucas vezes sucedia vir Biscainho dizer, primeira e segunda vez:

— O senhor Gillenormand manda lembrar à senhora baronesa que está o jantar na mesa.

Nos dias em que isto acontecia, recolhia-se Jean Valjean a casa profundamente melancólico. Dar-se-ia o caso que a comparação da crisálida imagem imaginada por Mário fosse exacta? Dar-se-ia o caso que Jean Valjean fosse, efectivamente, uma crisálida pertinaz que não cessasse as suas visitas à borboleta que produzira?

Uma tarde, Jean Valjean demorou-se ainda mais do que o costume. Ao outro dia, reparou que o fogão estava apagado.

— O fogão está apagado! — disse ele consigo.

E atalhou logo, dando a si mesmo a seguinte explicação:

— Nada mais natural. Estamos em Abril A força do frio já passou!

— Santo Deus! Que frio aqui está! — exclamou Cosette, apenas entrou.

— Eu nem por isso acho! — respondeu Jean Valjean.

— Então foi o senhor quem disse a Biscainho para não acender o fogão?

— Fui. Não tardamos a estar em Maio.

— Isso que tem? O costume é acender os fogões até Junho. E neste subterrâneo, ainda que haja lume todo o ano, não é nada de mais.

— Entendi que era escusado.

— Esquisitices suas! — exclamou Cosette.

No dia seguinte estava aceso o fogão, mas as duas Cadeiras achavam-se do outro lado da sala, junto à porta.

— Que vem a ser isto? —, disse consigo Jean Valjean.

Foi buscar as cadeiras e tornou a pô-las no seu costumado lugar ao pé do fogão.

Animado pela lembrança daquele fogão outra vez aceso, prolongou a conversação ainda até mais tarde do que costumava.

Na ocasião em que ia a pôr-se de pé para se retirar, Cosette disse-lhe:

— Ontem meu marido saiu-se-me com uma coisa muito esquisita.

— Então que foi?

— Disse-me: «Olha, Cosette, nós temos trinta mil francos de renda. Vinte e sete que são teus e três que me dá meu avô». Eu respondi: «É isso, são trinta». Ele tornou: «Sentes-te com coragem para viver com os três mil?» Eu respondi: «Pois não sinto! Até sem nada, uma vez que seja contigo!» E depois perguntei-lhe: «Porque é que me dizes isso?» Ele respondeu-me: «É para saber!»

Jean Valjean não achou resposta para dar a semelhante revelação. Cosette decerto esperava ouvir alguma explicação da boca dele, porém Jean Valjean escutou-a em sombrio silêncio.

Quando voltou para a rua do Homem Armado, ia tão profundamente abstracto, que se enganou na porta, entrando para a escada vizinha, em vez de entrar para a sua. Só depois de ter já subido quase dois lanços de escada, deu pelo engano e tornou a descer.

Perdia-se-lhe o espírito em conjecturas. Estava provado que Mário nutria desconfianças a respeito da origem dos seiscentos mil francos que constituíam o dote de Cosette, que temia que eles procedessem de alguma fonte menos pura, quem sabe mesmo se talvez tivesse descoberto que esse dinheiro provinha de Jean Valjean.

Estava claro que Mário hesitava em utilizar-se dessa fortuna suspeita, em usar dela como sua, preferindo viver pobre, conjuntamente com Cosette, a utilizar-se de uma riqueza cuja origem não parecia a melhor. Além disto, Jean Valjean começava a nutrir a vaga desconfiança de que era repelido.

No dia seguinte, ao entrar na sala, costumado lugar das suas entrevistas com Cosette, experimentou como um abalo. As poltronas tinham desaparecido. Nem mesmo uma simples cadeira havia em toda a sala.

— Ora esta! — exclamou Cosette mal chegou. — Não há cadeiras! Onde estão as poltronas?

— Levaram-nas! — respondeu Jean Valjean.

— Ora isto não se atura!

— Fui eu que disse a Biscainho que as tirasse! — tartamudeou Jean Valjean.

— E porquê?
— Porque faço tenção de me demorar apenas alguns minutos!
— Demorar-se pouco não é motivo para ficarmos de pé.
— Creio que Biscainho precisava das poltronas lá em cima.
— Para quê?
— Porque decerto a senhora tem hoje visitas.
— Isso não, porque nós não esperamos ninguém.
Jean Valjean, que não sabia que mais havia de dizer, calou-se.
Cosette encolheu os ombros e prosseguiu:
— Mandar tirar as cadeiras! Noutro dia foi o fogão. Também mandou que o não acendessem. Hoje manda tirar as cadeiras! Sempre é muito excêntrico!
— Adeus! — murmurou Jean Valjean.
Não disse: «Adeus, Cosette», mas também não teve ânimo para dizer: «Adeus, minha senhora».
Saiu acabrunhado.
Desta feita, compreendera.
No dia seguinte, não veio.
Cosette só à noite fez reparo nisso.
— É verdade — disse ela — o senhor Jean não veio hoje!
Sentiu um leve acesso de tristeza, porém mal deu por ele, porque um beijo de Mário a distraiu.
Ao outro dia, também não veio Jean Valjean.
Cosette, que nem semelhante coisa notou, passou as horas do serão e dormiu a noite como de costume, e só ao acordar se lembrou da falta de Jean Valjean.
Como assim não havia de ser, se ela se sentia tão venturosa?
Mandou imediatamente Nicolette a casa do senhor Jean saber se ele estava doente e perguntar a razão porque não tinha vindo na véspera.
Nicolette voltou com a resposta do senhor Jean.
Mandava ele dizer que não estava doente, que não viera por ter muito que fazer, mas que brevemente viria, logo que os seus afazeres lho permitissem. Além disso, que estava em vésperas de partir para uma pequena digressão, pois como a senhora havia estar lembrada, ele costumava fazer estas digressões de tempos a tempos. Em vista disto, que não estivessem com cuidado, que tirassem o sentido dele, porque não havia motivo para se inquietarem.
Nicolette dera o recado ao senhor Jean, repetindo-lhe as próprias palavras de sua ama: — que a senhora «mandava perguntar «porque razão o Senhor Jean não fora lá na Véspera».

— Há dois dias que lá não vou! — respondera Jean Valjean com modo afável.

A observação, porém, passou despercebida à criada, e, por conseguinte, não chegou ao conhecimento de Cosette.

IV — A atracção e a extinção

Durante os últimos meses da Primavera e os primeiros do Verão de 1833, notavam os raros transeuntes do Marais, os lojistas, os ociosos encostados às ombreiras das portas, um velho asseadamente vestido de preto, que todos os dias à mesma hora, ao anoitecer, desembocava da rua do Homem Armado, do lado da de Santa Cruz da Bretonnerie, atravessava a de Blancs-Manteaux, seguia pela rua Culture-Sainte-Catherine, e, chegado à rua da Escarpa, dobrava à esquerda e entrava na rua de S. Luís.

Apenas chegava a este ponto, principiava a caminhar vagarosamente, com a cabeça estendida para diante, sem ver nem ouvir nada, com os olhos imutavelmente fixos sempre no mesmo ponto, como se nele visse o fulgurar de uma estrela, e que era nem mais nem menos do que a esquina da rua das Mulheres do Calvário.

À medida que se aproximava desse ponto, inundavam-se-lhe os olhos de um mais intenso clarão, iluminavam-se-lhe as pupilas de uma espécie de alegria semelhante a uma aurora íntima, viam-se-lhe agitar imperceptivelmente os lábios, como se falasse com alguém que não visse, divisava-se-lhe neles um vago sorriso, parecia fascinado e comovido, e avançava o mais vagarosamente que lhe era possível. Dir-se-ia, ao vê-lo, que, ao mesmo tempo que desejava chegar, temia o instante em que o tivesse feito.

Quando entre ele e aquela rua, que parecia atraí-lo, se interpunham apenas algumas casas, afrouxava de tal modo o passo, que às vezes parecia ter de todo parado.

O movimento trémulo da cabeça e a fixidez do seu olhar faziam lembrar a agulha procurando o pólo.

Por mais, porém, que prolongasse o instante da chegada, forçoso era chegar; entrava no princípio da rua das Mulheres do Calvário; então parava, como que indeciso se iria mais avante, deitava a Cabeça por trás da esquina com uma espécie de melancólica timidez e alongava a vista pela rua.

Nesses momentos, o seu olhar angustiado como que exprimia o desalento do impossível e se iluminava do reflexo de um paraíso vedado. Em seguida uma lágrima, que pouco a pouco se lhe fora formando ao canto dos olhos, não podendo já suster-se por causa do seu peso, deslizava-se-lhe pelo rosto e entrava-lhe às vezes na boca, sentindo-lhe ele então o sabor amargo.

Assim permanecia alguns minutos, imóvel, como se fora de pedra; depois

voltava pelo mesmo caminho e no mesmo passo, e, à medida que se afastava, os seus olhos perdiam o brilho e se entenebreciam com um véu de tristeza.

Pouco a pouco, este velho deixou de chegar até à esquina da rua das Mulheres do Calvário; parava a meio do caminho, na rua de S. Luís, ora mais próximo, ora mais retirado do fim da rua. Um dia, não passou adiante da esquina da rua Culture-Sainte-Catherine e pôs-se a olhar de longe para a das Mulheres do Calvário. Depois abanou silenciosamente a cabeça da direita para a esquerda, como se a si mesmo recusasse alguma coisa, e voltou para trás.

Daí a pouco, nem à rua de S. Luís já chegava. Caminhava até à rua Pavêe; chegado aí, abanava a cabeça e retrocedia; em seguida não passava da dos Três Pavilhões; por último, já não ia senão até à rua de Blancs-Manteaux. Dir-se-ia uma pêndula a que não se dá corda, encurtando gradualmente o balanço das suas oscilações até de todo parar.

Esse velho todos os dias saía de casa sempre a mesma hora, empreendia o mesmo trajecto, e, sem nunca o dar por findo, encurtava-o, todavia, constantemente, sem talvez dar por isso.

A expressão do seu rosto denunciava apenas esta única ideia:

— Que vou lá fazer?

Em seus olhos amortecidos já não resplandecia o menor clarão; aquela lágrima que se formava ao canto dos olhos secara-se; no seu olhar não havia pranto, mas havia tristeza. A cabeça trazia-a sempre estendida para diante; às vezes bulia com os lábios; as rugas de seu descarnado pescoço metiam compaixão. Algumas vezes acontecia estar a chover e ele continuava o seu caminho com o guarda-chuva debaixo do braço, em vez de o abrir.

— É um pobre idiota! — diziam, compadecidos, algumas boas mulheres da vizinhança.

Os rapazes seguiam-no, fazendo galhofa!

LIVRO NONO — NOITE ESCURÍSSIMA, BRILHANTE AURORA

I — Compaixão para os desgraçados, mas indulgência para os felizes

Terrível coisa a felicidade! Nada mais nos lembra, tudo para nós consiste no gozo dela! Apenas alcançado o falso fim da vida — a ventura — logo nos esquece o verdadeiro — o dever!

Injustos seríamos, porém, se acusássemos Mário.

Mário, já o explicámos, antes do seu casamento não tinha dirigido perguntas ao senhor Fauchelevent, e depois dele, receava fazê-las a Jean Valjean. Contudo, arrependera-se de ter deixado escapar a promessa que lhe fizera, exprobrando-se amargamente de ter feito semelhante concessão ao desespero, no que andara mal. Limitara-se a afastar Jean Valjean, pouco a pouco, de sua casa e a tornar cada vez menos sensível a sua imagem no espírito de Cosette. Interpusera-se sempre, para assim dizer, entre Cosette e Jean Valjean, convencido de que, por este meio, chegaria a tornar-lho indiferente e até a fazer-lho esquecer.

Era mais do que esquecimento, era eclipse.

Mário julgava necessário e justo o que fazia. Parecia-lhe que tinha para afastar Jean Valjean, sem dureza, mas também sem fraqueza, razões Sérias, que já se apreciaram e ainda outras que mais tarde se apreciarão. Tendo-lhe o acaso, proporcionado ensejo de tratar com um antigo caixeiro da casa Laffite, por causa de uma questão de que fora advogado, veio a obter, sem os procurar, misteriosos esclarecimentos, que não pudera, todavia, esmiuçar, já para não trair o segredo que, sob palavra de o não revelar, lhe fora confiado, já para não comprometer a arriscada posição de Jean Valjean. Naquela ocasião, era sua convicção que tinha a cumprir um grande dever: a restituição dos seiscentos mil francos do dote de Cosette a alguém, que procurava descobrir, procedendo nesse empenho com a maior circunspecção que o caso demandava.

Quanto a Cosette, a inocente jovem não sabia de nenhum destes segredos, mas também seria injustiça condená-la.

Entre ela e Mário estabelecera-se uma espécie de magnetismo irresistível, que a forçava a fazer instintiva e quase maquinalmente quanto ele queria. Conhecia que era vontade de Mário que ela assim procedesse para com «o senhor Jean», e, portanto, resignava-se. Seu marido entendera que não lhe devia dizer coisa nenhuma; ela sofria a influência vaga, mas evidente, de suas tácitas intenções e obedecia-lhe cegamente. A sua obediência, neste ponto, consistia em não se lembrar que Mário esquecia. Para chegar, porém, a este resultado, não empregava o mínimo esforço. Sem ela mesma poder dizer

porquê nem haver neste facto motivo para acusá-la, a alma da jovem consubstanciava-se a tal ponto com a de seu marido, que aquilo que se entenebrecia no pensamento de Mário obscurecia-se no dela.

Cumpre, porém, não avançar temeridades; na parte que diz respeito a Jean Valjean, este esquecimento e escuridão eram meramente superficiais. O que ela experimentava era mais embriaguez do que olvido. No fundo, consagrava entranhado afecto aquele a quem por tanto tempo dera o nome de pai. Porém ainda maior era o afecto que consagrava a seu marido. Por isso era que a balança do seu coração faltava ao peso. Como assim não havia de ser, se quase toda estava pendida para um lado?

Às vezes, Cosette trazia à conversa Jean Valjean e mostrava-se admirada de o não ver aparecer. Quando tal caso se dava, acudia logo Mário, tranquilizando-a:

— Creio que está fora da terra. Não estás certa de ele dizer que tinha de fazer uma digressão?

— É verdade — dizia Cosette a sós consigo.

E acrescentava ainda mentalmente:

— Efectivamente, ele costumava fazer destas desaparições, mas nunca as prolongava por tanto tempo.

Por duas ou três vezes mandou Nicolette à rua do Homem Armado perguntar se o senhor Jean já tinha recolhido da sua digressão. De ambas mandou Jean Valjean, por intermédio do porteiro, responder que não.

Depois disto, Cosette não tornara a mandar saber notícias dele.

A sua única necessidade na terra era Mário.

Devemos ainda acrescentar, relativamente aos dois esposos, que Mário e Cosette também estiveram algum tempo ausentes de Paris. Tinham ido a Vernon, onde Mário quisera que Cosette o acompanhasse para lhe mostrar o túmulo de seu pai.

Assim fora Mário subtraindo a jovem, pouco a pouco, a Jean Valjean, sem que ela pensasse em fazer a menor resistência.

Para bem dizer, aquilo a que, com demasiada severidade em certos casos, se dá o nome de ingratidão dos filhos, nem sempre é uma coisa tão digna de censura como o fazem. Chamam-lhe ingratidão da natureza. A natureza, como já dissemos, «olha para diante». Divide as criaturas animadas em entes que chegam e entes que partem. Os que partem têm a frente voltada para a sombra, os que chegam têm-na voltada para a luz. Daqui um afastamento, que, pelo que pertence aos velhos, é fatal, e, pelo que diz respeito aos jovens, é involuntário. Esse afastamento, a princípio insensível, vai gradualmente aumentando, como uma bifurcação qualquer de dois ramos. Como ninguém

ignora, estes desviam-se do tronco, sem, contudo, dele se desprenderem. Nisso não têm eles culpa. A mocidade caminha para a mansão da alegria, dos esplendores, das festas, dos amores. A velhice caminha para o seu fim. Não chegam a perder-se de vista, mas deixam de se conservar unidos. Os jovens sentem o resfriamento da vida, os velhos o do túmulo.

Porque razão havemos nós de acusar a mocidade?

II — Derradeiro bruxulear da lâmpada

Um dia, Jean Valjean desceu a escada, transpôs o limiar da porta, sentou-se na soleira, naquela mesma pedra onde Gavroche, na noite de 5 para 6 de Junho, o viera encontrar absorto em profunda cogitação, e, decorridos apenas alguns minutos, tornou a subir.

Foi a derradeira oscilação da pêndula.

No dia seguinte, não saiu de casa. No outro, não saiu da cama.

À hora costumada, entrou-lhe no quarto a porteira que era também cozinheira. Cozinheira de um frugal repasto, que quase sempre consistia numas couves ou em algumas batatas, guisadas com toucinho. Ao ver o prato de barro escuro em que, no dia antecedente, lhe trouxera uma das habituais iguarias, a boa mulher exclamou com gesto de admirada e, ao mesmo tempo, compadecida:

— Olhem que senhor este, que não comeu nada ontem!

— Qual não comi! — respondeu Jean Valjean.

— Como é que comeu, se o prato ainda está conforme eu o trouxe?

— Ora vá ao cântaro da água. Não tem nem gota!

— Isso o mais que prova é que bebeu, mas não que comesse!

— Então que quer? — respondeu Jean Valjean. — Se eu não tenho fome senão de água!

— Isso chama-se sede, e, quando, ao mesmo tempo, se não come, chama-se a isso febre.

— Pois amanhã comerei!

— Ou para o ano que vem! Ora sempre tem cada coisa!... Porque não há-de ser hoje? Isso tem lá jeito algum dizer que amanhã comerá? Nem sequer provar estas batatinhas que lhe arranjei e que estavam tão boas!

— Prometo-lhe comê-las, que mais quer? — disse Jean Valjean com voz afectuosa, travando da mão da pobre velha.

— Não estou nada satisfeita consigo! — respondeu a porteira.

Esta boa mulher era a única criatura humana com quem Jean Valjean falava.

Em Paris há ruas por onde ninguém passa e casas aonde ninguém vai. Jean Valjean morava numa dessas ruas e em uma dessas casas. No tempo em que

ele ainda saía, comprara a um caldeireiro, por diminuta quantia, um crucifixo pequeno de cobre, que pendurara num prego, fronteiro à cama. É um patíbulo que não deixa de ser conveniente ter-se sempre ao alcance da vista.

Assim decorreu uma semana, sem que Jean Valjean desse um só passo no quarto. Deixava-se ficar sempre na cama.

Um dia, a porteira disse para o marido:

— O velhito lá de cima já se não levanta nem come... Não sei, mas aquilo não vai longe!... É paixão que se lhe meteu, pobre homem! A mim ninguém me tira da cabeça que a filha fez mau arranjo com o tal casamento!

A isto replicou o porteiro com o tom da soberania marital:

— Se é rico, que mande chamar um médico. Se o não é, que passe sem ele! Mas, se não mandar chamar algum, não escapa!

— E se o mandar chamar?

— Também não dou nada por ele! — retrucou o porteiro.

A mulher pôs-se a arrancar com uma faca velha a erva que crescia por entre as pedras do que ela chamava sua calçada, e, ao mesmo tempo que se ocupava neste serviço, ia dizendo por entre dentes, falando a sós consigo:

— É uma pena! Um velho tão asseado!

Nisto, avistou ao fundo da rua um médico da vizinhança, que ia a passar, e resolveu pedir-lhe para que subisse a ver o velho.

— Mora no segundo andar — disse-lhe ela. — Não tem mais do que empurrar a porta e entrar, porque, como o pobre homem já se não levanta da cama, tem-na sempre apenas cerrada.

O médico subiu, esteve com Jean Valjean, fez-lhe o seu interrogatório! e tornou a descer.

— Então, senhor doutor, que lhe parece o doente? — perguntou-lhe a porteira, quando ele descia o último degrau.

— Não está nada bom.

— Então que tem?

— Tudo e nada. Segundo parece, aquele homem perdeu alguma pessoa a quem queria muito, o que também é moléstia, e moléstia que mata.

— Que lhe disse ele?

— Que não tinha nada.

— Não volta, senhor doutor?

— Voltarei — respondeu o médico. — Mas será necessário que venha mais alguém.

III — Uma pena pesada para quem levantou o carro de Fauchelevent

Uma tarde, vendo Jean Valjean que só a muito custo pudera levantar-se, firmando-se no cotovelo, tomou a si mesmo o pulso e não o sentiu, notou que

a respiração se lhe tornava difícil, chegando às vezes a parar-lhe de todo, e reconheceu que tinha chegado a um extremo grau de fraqueza que nunca atingira. Dominado então, ao que parece, por alguma suprema preocupação, fez um esforço para se sentar na cama e principiou a vestir-se.

O vestuário por ele preferido, agora que já não saía, era o seu antigo trajo de operário.

Por umas poucas de vezes, porém, teve de parar no meio do seu intento, que para ele não era tão fácil que só o esforço de enfiar as mangas da jaqueta lhe não fizesse escorrer o suor pela testa abaixo. Logo em seguida ao casamento de Cosette, Jean Valjean arvorara a sala de entrada em seu quarto de dormir para não habitar o interior daquele aposento deserto, o que o forçaria a ver todos os dias, na passagem para o seu primitivo quarto, lugares para ele de angustiosa recordação.

Apenas concluída a difícil tarefa de se vestir, Jean Valjean abriu o baú, seu inseparável companheiro, e tirou para fora a roupa de Cosette, que estendeu sobre a cama. Em seguida, tirou de uma gaveta duas velas de cera, meteu-as nos castiçais do bispo, que onde quer que chegava costumava pôr logo em cima da pedra do fogão, e acendeu-as, posto que fosse ainda dia claro, por isso que se estava no Verão.

Dir-se-ia, ao ver aquelas duas velas acesas à hora do dia, que se achava decerto ali em exposição algum corpo, à espera que, noite fechada, o conduzissem para a igreja.

Cada passo que o infeliz dava de um para outro móvel extenuava-o por tal modo, que se via obrigado a sentar-se.

Não era o cansaço ordinário que exaure as forças para as renovar; era a vida extinta esvaindo-se em esforços aflitivos que extenuam e não mais se repetem.

Uma das cadeiras em que se tinha deixado cair estava colocada diante do espelho, tão fatal para ele, tão providencial para Mário onde tinha sido invertida no mata-borrão a escrita de Cosette. Viu-se no espelho e não se reconheceu. Contava oitenta anos; antes do casamento de Mário ter-se-lhe-iam apenas suposto cinquenta: aquele ano valera por trinta. O que se lhe via na fronte não era a ruga da idade, era a marca misteriosa da morte.

Sentia-se ali o raspar da implacável unha. As faces descaíam-lhe, a pele do rosto tinha uma cor que fazia julgar haver já por baixo dela terra; os dois cantos da boca pendiam como na máscara que os antigos esculturam sobre os túmulos; fitava o vácuo com certo ar de repreensão; parecia um dos grandes entes trágicos, que têm de que queixar-se de alguém.

Estava nesta situação, última fase do abatimento, em que a dor já não

circula; em, que está, para assim dizer, coagulada, e em que há sobre a alma uma como sensação de desespero.

Tinha anoitecido.

Jean Valjean arrastou penosamente uma mesa e a velha poltrona para junto do fogão, e pôs sobre a mesa uma pena, tinteiro e papel.

Feito isto, desmaiou. Quando voltou a si sentiu sede.

Não podendo levantar a bilha da água, inclinou-a com dificuldade para a boca e bebeu um golo.

Depois voltou-se para a cama; e mesmo sentado, porque não podia ter-se em pé, contemplou o vestidinho preto e todos os outros objectos queridos.

Contemplações como estas duram horas, que parecem minutos. De repente teve um estremecimento, sentiu-se esfriar; encostou-se à mesa, alumiada pelos castiçais do bispo .e pegou na pena.

Como a pena e a tinta havia muito não serviam, a pena tinha o bico recurvado, o tinteiro estava seco; teve portanto de levantar-se e de deitar uns pingos de água no tinteiro, o que não pôde fazer sem descansar duas ou três vezes, e viu-se obrigado a escrever com as costas da pena. De vez em quando limpava a testa.

A mão tremia-lhe; contudo escreveu muito vagarosamente as seguintes linhas:

Eu te abençoo, Cosette, nesta extrema hora a que sou chegado! Junta, porém, com a minha bênção, quero dar-te a explicação de alguns pormenores que tu ignoras. Teu marido teve razão para me fazer ver que devia ser estranho à vossa ventura; todavia, há algum erro tolo que ele supôs, mas teve razão. Devo confessar que é um excelente rapaz. Ama-o sempre muito, depois que eu cessar de existir, e a ele Peço-lhe igualmente que ame sempre a minha querida filha! Cosette, quando leres este papel que deixo aqui para te ser entregue, já eu não existirei! Eis o que quero dizer-te; vou apresentar algarismos, se a memória nesta hora ainda me ajudar. Peço-te que atendas bem; esses seiscentos mil francos que constituem o dote que levaste a teu marido são muito meus. Eu te vou explicar como.

O azeviche branco vem da Noruega, o preto da Inglaterra e os avelórios escuros da Alemanha. O azeviche é mais leve, mais precioso e mais caro, mas pôde ser imitado entre nós, como o é na Alemanha. Para isto é necessário uma bigorna do tamanho de duas polegadas quadradas e uma lâmpada de álcool para derreter a solda. A solda que dantes se fazia com resina e pós de sapatos, vindo a ficar por quatro francos cada arrátel, imaginei fazê-la de goma laca e terebintina. Deste modo, vinha a custar apenas trinta soldos e ficava muito melhor. As fivelas fazem-se com um vidro roxo e unem-se por meio desta solda sobre uma armaçãozinha de ferro envernizado, O vidro deve ser roxo para os objectos de ferro e preto para os de ouro. A Espanha consome grande quantidade destes artigos. É o país do azeviche...

Chegado a este ponto, o infeliz interrompeu-se, deixou cair a pena da mão, soltou um desses soluços angustiados que às vezes lhe rebentavam como que do fundo do coração, encostou a cabeça entre as mãos e pôs-se a meditar.

— Oh! — exclamava ele a sós consigo gritos angustiosos, só ouvidos de

Deus. — Acabou-se tudo! Nunca mais a tornarei a ver! Foi um sorriso que passou por mim! E deixar o mundo, separar-me dela para sempre, sem, ao menos, a tornar a ver!... Oh, meu Deus! Deixai que a veja um minuto, um instante, que lhe ouça a voz, que lhe toque o vestido; deixai-me fitar os olhos nela, nesse anjo, e depois a morte! Morrer nada é, o que é horrível é morrer sem a ver! Dar-me-ia um último sorriso, dir-me-ia uma última palavra! Isto fazia mal a alguém? Mas não! Acabou-se tudo, nunca mais a verei! Meu Deus! Meu Deus! Ver-me só neste extremo lance, morrer sem tornar a vê-la!

Neste momento, bateram à porta.

IV — Tinta que, em vez de escurecer, aclara

Naquele mesmo dia, ou para melhor dizer, naquela mesma tarde, levantara-se Mário da mesa e acabara de recolher ao seu gabinete para estudar um processo, quando Biscainho lhe entregou uma carta, dizendo-lhe:

— Está lá fora a pessoa que a escreveu.

Cosette tomara o braço do avô e fora dar um passeio pelo jardim.

Uma carta pode, como um homem, ter mau aspecto.

Papel grosso e dobras mal feitas; missivas tais, basta que se vejam para que desagradem. A carta que Biscainho entregara era deste género.

Mário recebeu-a. Cheirava a tabaco. Não há nada que desperte uma recordação como um cheiro. Mário reconheceu o cheiro do tabaco. Examinou o sobrescrito.

Lia-se nele: *Ao senhor barão Pontmercy. Em sua casa.*

O tabaco reconhecido, fez-lhe reconhecer a letra. Poderia dizer-se que o espanto causa relâmpagos. Mário sentiu-se como iluminado por um destes relâmpagos.

O olfacto, o misterioso despertador da memória, acabava de fazer reviver nele um mundo inteiro. Era, com efeito, aquele papel, a maneira de o dobrar, a tinta amarela; era inquestionavelmente a letra conhecida, e sobretudo o mesmo cheiro de tabaco. Tinha diante de si a pocilga de Jondrette.

Assim — estranha cabeçada do acaso! — uma das duas pistas que tanto diligenciara achar, aquela pela qual ainda recentemente fizera tantos esforços e que julgara perdida para sempre, apresentava-se-lhe voluntariamente.

Abriu com ansiedade a carta e leu:

Senhor barão

Se o Ente Supremo me tivesse dado talentos, teria podido ser o barão Thenard, membro do Instituto (Academia das Ciências), mas não o sou. Tenho apenas o mesmo nome que ele, e muito feliz serei se esta recordação me recomendar à excelência das suas bondades. O benefício com que me honrar será recíproco. Possuo um segredo concernente a um indivíduo que lhe está ligado. Desejando ter a honra de lhe ser útil, tenho este segredo à sua disposição. Dar-lhe-ei o meio simples de expulsar da sua honrada família este indivíduo que não tem direito de fazer parte dela, sendo a senhora

baronesa, como é, de alto nascimento e jerarquia. O santuário da virtude não poderia coabitar por mais tempo com o crime, sem abdicar.

Espero na antecâmara as ordens do senhor barão.

Com todo o respeito,

Thenard

Esta assinatura não era falsa. Era apenas abreviada.

No fim de tudo o anfiguri e a ortografia completavam a revelação. O atestado de origem estava completo. Não era possível a mínima dúvida.

A sensação que Mário experimentou foi profunda.

Depois do movimento de surpresa, seguiu-se-lhe outro de satisfação. Se achasse também o outro homem, aquele que o tinha salvo, a ele, Mário, não teria mais nada a desejar.

Abriu uma gaveta da secretária, tirou dela algumas notas do Banco, meteu-as no bolso, tornou a fechar a secretária e tocou a Campainha. Biscainho entreabriu a porta.

— Mande entrar — disse Mário.,

Biscainho anunciou:

— O senhor Thenard.

Entrou um homem.

Nova surpresa para Mário.

O homem que se apresentou era-lhe de todo desconhecido.

Este homem, já velho, tinha volumoso nariz, o queixo metido na gravata, óculos verdes de quatro vidros, e os cabelos alisados na testa tocando quase as sobrancelhas como as cabeleiras dos cocheiros ingleses do *high-life.* Os cabelos eram grisalhos. Estava todo vestido de preto, com fato muito usado, mas limpo. Do bolso do colete pendia-lhe uma colecção de berloques, fazendo ali supor a existência dum relógio. Na mão tinha um velho chapéu. Caminhava curvado, e esta curvatura aumenta ainda com a profundidade dos cumprimentos.

O que à primeira vista se notava era que a casaca daquele personagem, demasiadamente larga, apesar de abotoada com muito cuidado, não parecia feita para ele.

Aqui torna-se necessária certa digressão.

Havia naquela época em Paris, numa velha e repelente casa da rua Beautreillis, próximo do Arsenal, um engenhoso judeu, que tinha por profissão transformar qualquer tratante em homem de bem. Não por muito tempo, o que seria assaz incomodativo para o tratante. A mutação era feita à vista, por um dia ou dois, à razão de trinta soldos por dia, com fato simulando O mais possível o aspecto honesto de toda a gente. Este alugador de fatos era denominado o Troca os ratoneiros e vagabundos parisienses, como lhe não

conheciam outro nome, tinham-lhe dado este. O seu guarda-roupa era completo. Os farrapos com que Carregava os fregueses eram quase aceitáveis. Havia nisto especialidades e categorias; «em cada prego do armazém, pendia, usada e já no fio uma condição social; aqui o trajo do magistrado, ali o do sacerdote, mais além o do banqueiro, num canto o do militar, no outro o do literato, mais longe o do esta: dista, etc. Aquela Criatura era o guarda-roupa do imenso drama que a ladroagem desempenhava em Paris. O seu covil era o bastidor donde saía o roubo e onde se recolhia a patifaria. Qualquer gatuno esfarrapado chegava àquele guarda-roupa, dava trinta soldos e escolhia, segundo o papel que intentava representar naquele dia, o fato que lhe convinha; e quando descia a escada, já parecia alguém. No dia seguinte era o fato fielmente restituído, e o Troca, que confiava tudo aos ladrões, não era nunca roubado. Estes fatos tinham um inconveniente: «não ficavam bem», não eram feitos para aqueles que os vestiam; nuns ficavam colados, noutros flutuavam, e não se ajustavam em ninguém. Todo o tratante que ultrapassava a média humana para mais ou para menos, achava-se mal acomodado nos fatos do Troca. Era preciso não ser muito magro nem muito gordo. O Troca só previra os homens de corpulência ordinária. Tomara a medida à espécie na pessoa do primeiro larápio que lhe aparecera, nem gordo nem magro, nem alto nem baixo. Daqui as adaptações, muitas vezes difíceis, de que os fregueses do Troca se saíam como podiam. O mal era para as excepções! O fato de estadista, por exemplo, preto de alto a baixo, e por consequência apresentável, teria ficado muito largo a Pitt, muito apertado a Casitekicala. O Vestuário de homem de Estado era designado do modo seguinte, no Catálogo do Troca; copiámos fielmente: «Casaca preta, calça de lã preta, colete de seda, botas e roupa branca». À margem lia-se: Ex-embaixador, e uma nota que igualmente transcrevemos: «Numa caixa separada uma cabeleira convenientemente frisada, óculos verdes, berloques e «dois canudinhos de pena, enrolados em algodão». Tudo isto pertence ao estadista ex-embaixador. Este fato, se assim se pode dizer, estava todo ele extenuado; as costuras mostravam-se esbranquiçadas, num dos cotovelos esboçava-se vagamente uma casa; além disto faltava na casaca um botão dos do peito; mas isto não valia nada, porque a mão do homem de Estado, devendo estar sempre metida no peito da casaca sobre o coração; era incumbida de ocultar a ausência do botão.

Se Mário fosse familiar com as instituições ocultas de Paris, teria desde logo reconhecido no corpo da visita que Biscainho acabava de lhe apresentar no gabinete, o fato do homem de Estado, pertencente ao Troca.

A desilusão de Mário vendo entrar um homem diferente do que esperava,

tornou-se desfavorável para o recém-chegado. Examinou-o desde os pés à cabeça, enquanto o personagem se inclinava desmedidamente, e perguntou-lhe num tom breve:

— O que deseja o senhor?

O homem respondeu com um rictos amável de que o sorriso acariciador de um crocodilo daria alguma ideia.

— Parece-me impossível que não tenha já tido a honra de encontrar em sociedade o senhor barão. Parece-me tê-lo particularmente visto, há já alguns anos, em casa da senhora princesa Bagratiom e nas salas de sua senhoria o visconde Dombray, par de França.

É sempre boa táctica na tratantice o mostrar conhecer-se alguém que se não conhece.

Mário conservava-se atento ao falar daquele homem. Seguia-lhe o acento e o gesto, mas o seu assombro crescia cada vez mais; a pronúncia era nasal e absolutamente diferente da que esperava ouvir. Estava de todo desnorteado.

— Não conheço a princesa Bragration, nem o senhor Dombray — disse ele. — Nunca pus os pés na casa de um nem de outra.

A resposta era enfadada. O personagem, gracioso apesar disso, insistiu;

— Então foi talvez em casa de Chateaubriand, que eu vi o senhor barão! Conheço muito bem Chateaubriand, é muito amável. Quantas vezes me diz ele: Então, meu caro amigo Thenard... não toma um cálice de vinho na minha companhia?

A fisionomia de Mário tornava-se cada vez mais severa.

— Não tive nunca a honra de ser recebido em casa do senhor de Chateaubriand. Mas, abreviemos: o que deseja o senhor?

O homem, ouvindo voz mais áspera, cumprimentou mais profundamente:

— Digne-se ouvir-me, senhor barão. Há na América, num território do lado do Panamá, uma aldeia chamada Ioya. Cada aldeia consta de uma só habitação. É uma grande casa quadrada, de três andares, feita de tijolos cosidos ao sol; cada lado do quadrado tem quinhentos pés, cada andar recua doze sobre o andar inferior, de modo que lhe deixa na frente um terraço, que circunda o edifício; no centro um pátio interior onde estão provisões e munições, em vez de janelas, seteiras, em vez de portas, escadas de mão; escadas de mão para subir do solo ao primeiro terraço, do primeiro ao segundo, do segundo ao terceiro, escada de mão para descer para o pátio interior, e em vez de portas nos diferentes quartos, alçapões; de noite fecham-se os alçapões, recolhem-se as escadas e assestam-se bacamartes e clavinas nas seteiras; não resta o mínimo meio de entrar; habitação, de dia, cidadela de noite, e oitocentos habitantes; tal é a aldeia. Para quê tantas precauções?

Porque o país é perigoso; é infestado de antropófagos. Como há então quem queira habitar semelhante terra? Porque é uma terra Afortunada, abundante em minas de oiro.

— Mas, a que propósito vem tudo isso? — interrompeu Mário, que do assombro ia passando à impaciência.

— Ao que lhe vou dizer, senhor barão. Eu sou um antigo diplomata fatigado. A velha civilização deixou-me em péssimo estado. Quero tentar o trato dos selvagens.

— E então?

— Senhor barão, o egoísmo é a lei do mundo. A camponesa proletária que trabalha em terras alheias, volta a cabeça apenas sente o rodar da diligência na estrada; mas aquela que trabalha nas terras que são suas não olha Para trás. O cão do pobre ladra atrás do rico, o cão do rico ladra atrás do pobre. Cada um por si. O interesse é o alvo de todos os homens. O oiro, eis o imã que os atrai.

— Mas então? Acabe.

— Desejava ir estabelecer-me em Ioya. Somos três; eu, minha mulher e uma menina; uma menina de extrema beleza. A viagem é longa e cara. Preciso algum dinheiro.

— Mas em que pode interessar-me isso? — perguntou Mário.

O desconhecido estendeu o pescoço fora da gravata, gesto próprio do abutre, e replicou redobrando o sorriso:

— O senhor barão não leu a minha carta?

Isto era quase verdade. O facto era que Mário não dera atenção ao conteúdo da epístola. Lera mais a letra do que a carta. Mal se recordava do que ela dizia. Houvera um momento em que se lhe despertava nova suspeita. Tinha reparado neste pormenor: minha mulher e uma menina, e fitou no desconhecido um olhar penetrante. O juiz de um processo não teria olhado melhor. Quase que o espreitava. Contudo limitou-se a responder:

— Queira explicar-se.

O desconhecido meteu ambas as mãos nos bolsos, ergueu a cabeça, sem endireitar a espinha dorsal, mas perscrutando pela sua parte Mário através dos vidros verdes dos óculos.

— Pois seja assim, senhor barão. Eu me explico. Tenho um segredo para lhe vender.

— Um segredo?

— Um segredo.

— Que me diz respeito?

— Um tanto.

— Que segredo é?

Mário, ao passo que escutava o homem, examinava-o cada vez mais atentamente.

— Começo gratuitamente — disse o desconhecido. — Verá que inspiro interesse.

— Pois vamos, fale...

— O senhor barão tem em sua casa um ladrão e assassino.

Mário estremeceu.

— Em minha casa, não — disse ele.

O desconhecido, imperturbável, limpou o chapéu com a manga da casaca e prosseguiu:

— Assassino e ladrão. Note, senhor barão, que não falo aqui de laudos antigos, atrasados, caducos, que podem ser apagadas pela prescrição perante a lei e pelo arrependimento perante Deus. Falo de factos da actualidade, ignorados ainda pela justiça. Eu continuo. Este homem introduziu-se na sua confiança e quase na sua família, sob um nome suposto. Vou dizer-lho e dizer-lho de graça.

— Queira dizer...

— Chama-se Jean Valjean.

— Bem sei.

— Vou dizer-lhe, igualmente de graça, quem é.

— Diga.

— É um ex-forçado.

— Já sei.

— Sabe-o desde que eu tive a honra de lho dizer.

— Não. Já o sabia.

O tom frio de Mário a sua dupla resposta, já sei, o seu laconismo refractário ao diálogo, agitaram no desconhecido uma Cólera surda. Às escondidas de Mário dardejou-lhe um olhar furioso, mas imediatamente extinto. Por mais rápido que fosse aquele olhar, era dos que se reconhecem sempre, quando já se Viram uma vez, não escapou a Mário. Certo flamejar portanto só pode provir de certas almas; a pupila, que é um suspiro do pensamento, abrasa-se; os óculos não ocultam nada: ocultai o infame com uma vidraça.

O desconhecido continuou, sorrindo:

— Não tomo a liberdade de desmentir o senhor barão. Ainda assim, deve conhecer que estou bem informado. Agora o que tenho a dizer-lhe só por mim é conhecido. É o que diz respeito à fortuna da senhora baronesa. É um segredo extraordinário, para vender. Ofereço-o ao senhor barão em primeiro lugar.

Vendo-o barato, vinte mil francos.

— Sei esse segredo, como sei os outros.

O desconhecido personagem sentia a necessidade de baixar um tanto o preço.

— Senhor barão, dê-me dez mil francos e falarei.

— Repito-lhe que não tem nada a revelar-me. Sei o que quer dizer-me.

Os olhos do homem despediram novo relâmpago.

— É contudo necessário que eu jante hoje! — exclamou ele. — É Um segredo extraordinário, repito-lho. Vou dizer-lho, senhor barão. Dê-me vinte francos.

Mário encarou-o fixamente.

— Eu sei o seu segredo extraordinário do mesmo modo que sei o nome de Jean Valjean e o seu.

— O meu nome?

— Sim, o seu nome.

— Não é difícil, Senhor barão. Tive a honra de me assinar na carta que lhe dirigi. Thennard.

— Dier.

— O quê?

— Thenardier.

— Quem?

O porco-espinho no meio do perigo, eriça-se; o escaravelho finge-se morto, a velha guarda formava-se em quadrado; o homem a quem Mário se dirigia, riu-se.

Em seguida sacudiu com um piparote da manga da casaca um átomo de poeira.

Mário prosseguiu:

— O senhor é também o operário Jondrette, o actor Fabantou, o pateta Geniflot, o espanhol D. Alvarez e a mulher Belizard.

— A mulher?...

— Teve uma taberna em Montfermeil.

— Uma taberna! Nunca!

— Repito-lhe que se chama Thenardier.

— Nego.

— E que é um vagabundo. Aí tem!

E Mário, tirando do bolso uma nota de Banco, atirou-lha ao rosto.

— Obrigado, senhor barão! Perdão, quinhentos francos

E o homem, transtornado, pegara na nota e fazia profundos cumprimentos, examinando-a.

— Quinhentos francos! — repetiu ele, boquiaberto. E murmurou a meia voz: — Uma cunhada verdadeira!

Depois, inopinadamente:

— Pois bem, seja assim! — exclamou ele. — Ponhamo-nos à vontade.

E com a ligeireza dum macaco, deitando para trás a cabeleira, tirando os óculos, arrancando do nariz empalmado os dois canudos de pena de que há pouco se falou e que já se Viram noutro lugar deste livro, tirou do rosto pelo mesmo modo que se tira o chapéu.

Os olhos iluminaram-se-lhe, a fronte desigual e como escabrosa, mais elevada nuns pontos que noutros, hediondamente enrugada, desembaraçou-se, o nariz tornou-se agudo como um bico; o perfil feroz e sagaz do homem de rapina reapareceu francamente.

— O senhor barão é infalível — disse ele, com uma voz clara, de onde desaparecera todo o som nasal sou, com efeito, Thenardier.

E endireitou as costas até ali corcovadas.

Thenardier, porque era, com efeito, ele, estava estranhamente surpreendido; perturbado se pudesse perturbar-se.

Fora ali levar o espanto, e era ele que se sentia espantado. Esta humilhação era-lhe paga por quinhentos francos, e, sucedesse o que sucedesse, foi-os aceitando: Mas nem por isso se sentia menos absorto.

Era a primeira vez que via aquele barão Pontmercy, e, apesar do seu disfarce, era conhecido por ele, e conhecido minuciosamente. E não somente aquele barão estava ao facto da sua vida, mas também da de Jean Valjean. Quem era aquele rapaz quase imberbe, tão glacial e tão generoso, que sabia o nome das pessoas, mas todos os nomes, que lhes abria a bolsa, que tratava os patifes como juiz, e lhes pagava como um parvo?

Thenardier, como deve lembrar-se, conquanto houvesse sido vizinho de Mário, não o vira nunca, o que é muito frequente em Paris; noutro tempo ouvira vagamente suas filhas falar dum rapaz muito pobre chamado Mário, que morava no mesmo prédio, e escrevera-lhe sem o conhecer, a carta que já se conhece; mas não havia no seu espírito a possibilidade da mínima aproximação entre aquele Mário e o barão Pontmercy.

Apesar de tudo, por intermédio da sua filha Azelma, a quem lançara na pista dos noivos no dia 16 de Fevereiro, pelas suas próprias investigações, chegara a saber muitas coisas, e do fundo das suas trevas conseguira apanhar mais dum fio misterioso. A força de indústria, ou, pelo menos, à força de induções, descobrira, ou adivinhara quem era o homem que certo dia encontrara à saída do cano real. Do homem chegara facilmente ao nome. Sabia que a baronesa de Pontmercy era Cosette; mas por este lado tencionava

ser discreto.

Quem era Cosette?

Nem ele próprio o sabia. Tinha suas suspeitas de uma bastardia; a história de Fantine sempre lhe parecera um tanto arrevesada; mas para que falaria em semelhante coisa? Para fazer com que pagassem mais caro o seu silêncio?

Tinha, ou julgava ter, coisa melhor para vender. E segundo todas as aparências, fazer chegar sem prova ao conhecimento do barão Pontmercy, a revelação Sua esposa é bastarda, não obteria em resultado senão atrair a bota do marido aos rins do revelador.

No entender de Thenardier, ainda a sua conversa com Mário não tinha começado. Teria devido recuar, modificar a sua estratégia, abandonar a posição, mudar de frente; mas nada do essencial fora ainda arriscado e já sentia no bolso quinhentos francos.

Além disto, tinha o que quer que era de decisivo a dizer, até mesmo contra aquele barão Pontmercy, tão bem informado e tão bem armado; sentia-se forte.

Para os homens da têmpera de Thenardier toda a espécie de diálogo é um duelo. Naquele que ia travar-se, qual era a situação? Thenardier não sabia com quem falava, mas sabia do que falava. Passou rapidamente esta revista interior às suas forças, e depois de ter dito: Eu sou Thenardier, esperou.

Mário ficara pensativo. Estava, enfim, de posse de Thenardier: tinha na sua presença o homem que tanto desejara achar. Podia, finalmente, honrar a recomendação do coronel Pontmercy. Sentia-se humilhado de que um tal herói devesse alguma coisa àquele bandido, e que a letra de câmbio sacada do fundo da sepultura por seu pai sobre ele, Mário, estivesse até então protestada. Parecia-lhe também, na situação complexa em que se achava para com Thenardier, que tinha ocasião de vingar convenientemente o coronel da infelicidade de ter sido salvo por semelhante tratante. Fosse como fosse, sentia-se satisfeito. Ia enfim libertar daquele credor indigno a sombra do coronel; parecia-lhe que ia soltar da prisão por dívidas a memória de seu pai.

A parte deste dever, havia ainda outro: esclarecer, se fosse possível, a origem da fortuna de Cosette. A ocasião parecia apresentar-se. Thenardier sabia, decerto, alguma coisa àquele respeito. Podia portanto ser de alguma utilidade ver o fundo daquele homem. Foi por onde começou.

Thenardier fizera desaparecer a cunhada verdadeira na algibeira, e olhava para Mário com suavidade quase terna.

Foi Mário quem rompeu o silêncio:

— Já lhe disse o seu nome. Agora, quer que lhe diga também o seu segredo, aquele que vinha dizer-me? Eu também estou informado; verá que sei mais

que o senhor, Jean Valjean, é, como disse, assassino e ladrão; ladrão porque roubou um rico industrial, chamado Madelaine, a quem causou a ruína; assassino porque matou o agente de polícia Javert.

— Não o entendo, senhor barão — disse Thenardier.

— Far-me-ei entender. Escute. Houve em 1822, num dos concelhos de Pas-de-Calais, um homem que, parece, tivera noutro tempo suas contendas com a justiça, e que, sob o nome de Madelaine, se havia erguido e reabilitado. Este homem honrara-se, em toda a extensão da palavra, um justo. Com uma indústria, o fabrico de vidrilhos pretos, fizera a fortuna de uma cidade inteira. Quanto à sua riqueza pessoal, juntara-a também, mas secundariamente e, de certo modo, por acaso. Madelaine era o pai e o benfeitor dos pobres; fundava hospitais, abria escolas, visitava os enfermos, dotava jovens, amparava viúvas e adoptava órfãos; era como o tutor da sua localidade. Como tivesse rejeitado uma condecoração, nomearam-no maire. Havia um forçado liberto, que sabia o segredo de uma pena em que Madelaine incorrera noutro tempo; denunciou-o, fê-lo prender, aproveitou-se desta prisão para vir a Paris fazer-se embolsar pelo banqueiro Laffite. Obtive estas informações do próprio guarda-livros por meio de uma assinatura falsa, de uma soma superior a meio milhão, que pertencia a Madelaine. Este forçado que roubou Madelaine é Jean Valjean. Quanto ao outro facto, não tem o senhor nada a dizer-me. Jean Valjean matou o agente Javert com um tiro de pistola. Eu, que lhe estou falando, estava presente.

Thenardier lançou a Mário o olhar soberano de um homem já vencido, que torna a lançar a mão à vitória, e que acaba de ganhar novamente num minuto todo o terreno que perdera. Mas o sorriso reapareceu imediatamente; o inferior em face do superior não deve triunfar senão acariciando; Thenardier limitou-se a dizer a Mário:

— Senhor barão, erramos o caminho.

E sublinhou esta última frase, fazendo dar ao feixe de berloques uma volta muito expressiva.

— O quê! — tornou Mário. — Contesta o que acabo de dizer? São factos.

— São quimeras; a confiança com que o senhor barão me honra impõe-me o dever de lho dizer. Antes de tudo, a verdade e a justiça. Não gosto de ouvir acusar os outros injustamente. Senhor barão, Jean Valjean nem roubou Madelaine, nem matou Javert.

— Essa não é má! Mas, como assim?

— Por duas razões.

— Quais são? Diga.

— Eis a primeira: não roubou Madelaine, atendendo que Jean Valjean é o

próprio Madelaine.

— Que está dizendo?

— Eis a segunda: não assassinou Javert, atendendo que foi este último quem se matou a si mesmo.

— Que me diz!

— Que Javert se suicidou.

— Prove, prove! — gritou Mário, fora de si.

Thenardier repetiu a frase, metendo-a à maneira de um alexandrino antigo.

— O agente da polícia Javert, foi encontrado afogado debaixo de um banco da Pont-au-Change.

— Mas prove-o.

Thenardier tirou do bolso do lado um pedaço de papel pardo, dobrado como uma pasta, e que parecia conter diferentes papéis de diversos formatos.

— Também tenho o meu registo — disse ele calmamente.

E acrescentou:

— Senhor barão, em seu interesse, intentei conhecer a fundo Jean Valjean. Digo que ele e Madelaine são o mesmo homem, que Javert não teve outro assassino além de si mesmo, e que, quando falo deste modo, é porque tenho as provas do que digo. Não provas manuscritas, a letra de mão é suspeita, e é condescendente, mas provas impressas.

Thenardier, ao passo que falava, extraía da sua pasta dois números de periódicos amarelados, amarrotados e saturados de tabaco. Um destes periódicos, roto em todas as dobras e desfazendo-se em farrapos quadrados, parecia muito mais velho que o outro.

— Dois factos, duas provas — disse Thenardier, e ofereceu a Mário os dois periódicos.

Estes dois jornais são já conhecidos do leitor. Um, o mais antigo, era um número da Bandeira Branca, de 35 de Julho de 1823, que estabelecia a identidade de Madelaine e de Jean Valjean. O outro, um Monitor de 15 de Junho de 1832, comprovando o suicídio de Javert, e acrescentando que por uma declaração vocal feita ao prefeito pelo mesmo Javert, aprisionado na barricada da rua da Chanvrerie, tinha ele devido a vida à magnanimidade de um insurgente, o qual, tendo-o na boca da sua pistola, em vez de a desfechar sobre ele atirara para o ar.

Mário leu.

Aquilo era evidente; data carta, prova irrefragável; aqueles dois periódicos não tinham sido impressos expressamente para apoiar as asserções de Thenardier; a nota publicada pelo Monitor era comunicada oficialmente pela prefeitura de polícia. Não podia duvidar.

As informações do guarda-livros eram falsas; ele próprio se havia enganado. Jean Valjean engrandecia-se inopinadamente, saía da nuvem.

Mário não pôde conter um grito de alegria.

— Logo, aquele desventurado é um homem admirável! Toda essa fortuna lhe pertence! E Madelaine, a providência de uma província inteira! É Jean Valjean, o salvador de Javert! É um herói! É um santo!

— Nem é santo nem herói — disse Thenardier. — É um assassino e ladrão.

E acrescentou no tom de um homem que começa a sentir-se com certa autoridade:

— Tranquilizemo-nos.

Estas duas palavras, ladrão e assassino, que Mário julgava apagadas e que lhe tornavam a aparecer, caíram sobre ele como um duche de gelo.

— Outra vez! — disse ele.

— Repare! — retorquiu Thenardier. — Jean Valjean não roubou Madelaine, mas é um ladrão! Não matou Javert, mas é um assassino.

— Refere-se — tornou Mário — ao miserável roubo de há quarenta anos, expiado, segundo os seus próprios periódicos, por uma vida inteira de arrependimento, de abnegação e de virtude?

— Eu digo, assassino e ladrão, senhor barão; e repito que de factos recentes. O que tenho a revelar-lhe é absolutamente desconhecido. É matéria inédita. Talvez nela possa achar a origem da riqueza habilmente oferecida por Jean Valjean à senhora baronesa. Digo habilmente, por que, por uma dádiva deste género introduzir-se um homem numa honrada casa, de que gozaria o bem-estar, e, ao mesmo tempo, ocultar o seu crime, gozar o seu roubo, encobrir o seu nome e criar para si uma família, não era coisa para desprezar.

— Eu podia aqui interrompê-lo — observou Mário mas continue.

— Senhor barão, vou dizer-lhe tudo, deixando a recompensa à sua generosidade. Este segredo vale oiro em pó. Dir-me-á: porque não te dirigiste a Jean Valjean? Por uma razão muito simples: sei que se desapossou em seu favor, e acho a combinação engenhosa, mas não tem um soldo, mostrar-me-ia as mãos vazias; e uma vez que preciso de algum dinheiro para empreender a minha viagem a Ioya prefiro o senhor barão, visto que possui tudo e ele nada. Estou um tanto cansado, permita-me que me sente.

Mário sentou-se e fez-lhe um sinal para que o imitasse.

Thenardier refastelou-se numa cadeira estofada, tornou a pegar nos dois periódicos, meteu-os novamente dentro da improvisada carteira de papel pardo e murmurou, raspando com a unha do indicador a margem da Bandeira Branca.

— Este custou-me a obter.

Feito isto, cruzou as pernas e recostou-se, na atitude própria das pessoas seguras do que dizem; depois entrou em matéria, gravemente, e demorando muito as palavras:

— Senhor barão, em 6 de Junho de 1832, há quase um ano, no dia da revolta, achava-se um homem no cano real de Paris, do lado em que ele desemboca para o rio, entre a Ponte dos Inválidos e a Ponte de Iena.

Mário aproximou inesperadamente a sua cadeira da de Thenardier. Este notou o movimento e continuou com a pausa de um orador, senhor do seu interlocutor, e que sente sob as suas palavras a palpitação do adversário.

— Esse homem, obrigado a ocultar-se, por causa de razões, no fim de contas estranhas à polícia, adoptara por domicílio o cano de despejo, do qual possuía a chave. Era, repito, o dia 6 de Junho, e poderiam ser umas seis horas da tarde. O homem sentiu rumor no cano. Em extremo surpreso agachou-se e espreitou. Ouviu passos; alguém caminhava na sombra, do lado em que ele estava. Extraordinária coisa! Além dele estava ali outro homem. A grade da boca do cano não ficava longe, um raio de luz que por ela penetrava permitiu-lhe reconhecer o recém-chegado e ver que conduzia às costas o que quer que era que o obrigava a caminhar todo curvado. O homem que assim lhe aparecia era um ex-forçado; o objecto que conduzia às costas um cadáver. Deste modo era evidente o flagrante delito de assassínio. Quanto a haver roubo era naturalíssimo: não se mata um homem gratuitamente. O forçado ia lançar o cadáver ao rio. Uma circunstância que deve notar-se é que o forçado, que vinha pelo cano desde longe, antes de chegar à grade que dava para a praia, tinha necessariamente encontrado um sorvedouro espantoso, onde parece que teria podido deixar o cadáver, mas logo no outro dia os cloaqueiros trabalhando para o esgoto do sorvedouro, teriam ali achado o defunto; e o assassino não queria ter de contar com isso. Preferira atravessar o charco com o fardo; os seus esforços deviam ter sido medonhos; é impossível arriscar mais completamente a vida; nem eu posso compreender como saiu dali vivo!

Mário aproximou mais a cadeira. Thenardier aproveitou este movimento para respirar mais desafogadamente.

Depois prosseguiu:

— Um cano de despejo não é o Campo de Marte. Ali, incluindo o espaço, há falta de tudo. Quando Por ele andam dois homens é indispensável que se encontrem. Foi o que sucedeu. O domiciliado e o passeante viram-se obrigados a cumprimentar-se, contra vontade de ambos. O passeante disse então ao domiciliado: — Bem vês o que trago às costas, preciso sair; tens a chave, dá-ma. O ex-forçado era um homem de temível força; não havia que

recusar-lhe. Contudo, o que tinha a Chave parlamentou, unicamente para ganhar tempo. Examinou o morto, mas não pôde ver senão que era moço, bem vestido, com aspecto de pessoa rica, e todo desfigurado pelo sangue. Sem que deixasse de falar, teve meio de rasgar e arrancar, pela parte detrás, sem que o assassino desse por isso, um bocado do casaco do assassinado. Bem compreende que era uma peça de corpo de delito, um meio de tornar a achar a pista do acontecimento e de provar o crime no tribunal. Meteu a prova no bolso, depois do que abriu a grade, deu saída ao homem com o embaraço que levava às costas, tornou a fechar a grade e fugiu, desejando pouco ver-se ainda em cima, envolvido em semelhante aventura, e sobretudo, não querendo achar-se presente quando o assassino lançasse o assassinado ao rio. Agora, decerto percebe. O homem que levava o cadáver, era Jean Valjean, o que tinha a chave da grade está na sua presença: e o bocado da aba do casaco...

Thenardier terminou a frase tirando do bolso e levantando, à altura dos olhos, seguro pelos dois dedos polegares e pelos dois indicadores, um farrapo de pano preto todo desfiado e coberto de nódoas sombrias.

Mário levantara-se, pálido, mal respirando, com o olhar fito no bocado de pano; e sem pronunciar uma só palavra, sem desviar os olhos do farrapo, recuava para a parede, com a mão direita estendida atrás de si, procurando às apalpadelas uma chave que estava na fechadura de um armário ao lado do fogão. A mão achou, por fim, a chave, abriu o armário e meteu nele o braço; e tudo sem olhar, sem que a sua pupila assustada deixasse de fitar o farrapo que Thenardier lhe apresentara.

Entretanto, Thenardier continuava:

— Senhor barão, tenho as mais fortes razões para acreditar que o mancebo assassinado era um opulento estrangeiro atraído por Jean Valjean a uma cilada e que tinha consigo uma soma enorme.

— O mancebo era eu; aí está o casaco! — gritou Mário. E lançou para o sobrado um velho casaco preto, todo ensanguentado.

Depois, arrancando o farrapo das mãos de Thenardier, curvou-se sobre o casaco, e ajustou sobre a aba rasgada o desfiado farrapo, que se adaptava nela exactamente, completando-a.

Thenardier estava petrificado e disse consigo:

— Parece-me que daqui estamos arrumados.

Mário endireitou-se, fremente, desesperado, resplandecente.

Meteu a mão no bolso, tornou a tirá-la e dirigiu-se furioso para Thenardier, apresentando-lhe, e quase apoiando-lhe no rosto, a mão cheia de notas de quinhentos e de mil francos.

— O senhor é um infame, um mentiroso! É um caluniador, um celerado! Vinha acusar esse homem e justificou-o: intentava perdê-lo e só conseguiu glorificá-lo!

O senhor é que é ladrão e assassino; Foi visto por mim, senhor Thenardier Jondrette, no covil do boulevard do Hospital. Sei de mais a seu respeito para o poder mandar para as galés e para mais longe ainda, se quisesse. O senhor é um malvado repugnante. Aí tem, guarde!

E atirou-lhe com uma nota de mil francos.

— Ah! Jondrette Thenardier, vil tratante! Sirva-lhe isto de lição, senhor corretor de segredos, negociante de mistérios, investigador das trevas, miserável! Guarde mais esses mil francos e saia daqui! É Waterloo quem o protege.

— Waterloo! — resmungou Thenardier, guardando a nota de mil francos.

— Sim, assassino! Em Waterloo salvou a vida a um coronel...

— A um general — disse Thenardier, erguendo a cabeça.

— A um coronel! — repetiu Mário, encolerizado — Por ser general não daria nem mais um ceitil. E vem aqui praticar infâmias! Digo-lhe que tem cometido toda a espécie de crimes. Vá-se embora, desapareça! Seja apenas feliz, é quanto lhe desejo. Grande monstro! Tome mais três mil francos; guarde-os. Há-de partir imediatamente para a América com a sua filha, porque sua mulher já não existe, abominável impostor! Fique certo de que hei-de vigiar a sua partida, e nesse momento contar-lhe-ei vinte mil francos. Vá fazer com que o enforquem, mas longe daqui!

— Senhor barão — respondeu Thenardier, curvando-se quase até ao chão — o meu reconhecimento será eterno.

E Thenardier saiu sem perceber nada de tudo aquilo, estupefacto e encantado por aquela doce esmagação de sacos de oiro e por aquela brilhante trovoada de notas do Banco, que lhe caíra sobre a cabeça.

Estava fulminado, mas também contente, e experimentaria o maior desgosto se tivesse pára-raios para semelhante trovoada.

Acabemos já com este homem. Dois dias após os acontecimentos que acabamos de narrar, partiu, por diligências de Mário, para a América, com um nome suposto, levando consigo sua filha Azelma e uma letra de vinte mil francos sobre Nova Iorque. A miséria moral de Thenardier, burguês malogrado, era irremediável; foi na América o que era na Europa. O contacto de um homem mau basta muitas vezes para denegrir uma boa acção e fazer sair dela uma coisa má.

Thenardier, com o dinheiro de Mário, fez-se negreiro.

Mal Thenardier saiu, correu Mário ao jardim, onde Cosette andava ainda

passeando:

— Cosette! Cosette! Vamos, vamos depressa, não nos demoremos. Biscainho, vai já buscar um fiacre. Vamos, Cosette. Oh, meu Deus! Foi ele quem me salvou a vida! Põe já um abafo, não percamos um minuto.

Cosette julgou-o louco e obedeceu.

Mário quase não podia respirar, punha a mão sobre o coração, como para lhe comprimir as palpitações, andava a passos largos de um para outro lado, e beijava Cosette a todo o momento.

— Ah! Cosette, sou um grande desgraçado! — dizia ele.

Mário estava atónito. Começava a entrever naquele Jean Valjean não sabia que elevado e sombrio vulto.

Aparecia-lhe uma virtude inaudita, suprema, suave, humilde na sua imensidade. O forçado transfigurava-se em Cristo. Mário sentiu o deslumbramento deste prodígio; não sabia ao certo o que via, mas não podia duvidar que era grandioso. Num momento apareceu à porta um fiacre. Mário precipitou-se com Cosette para dentro dele.

— Cocheiro — disse ele — rua do Homem Armado, número 7.

O fiacre partiu.

— Que felicidade! — disse Cosette. — Vamos à rua do Homem Armado! Não me atrevi a falar-te nisso. Vamos visitar o senhor Jean.

— Teu pai, Cosette, teu pai mais do que nunca! Estou adivinhando tudo. Disseste-me que não recebeste a carta que eu te mandara pelo Gavroche: foi decerto parar-lhe às mãos, Cosette, e fez com que ele fosse à barricada para me salvar; mas como tem a necessidade de ser um anjo, mesmo de passagem, salvou outros, salvou Javert. Arrancou-me daquele abismo para me dar a ti, e conduziu-me às costas pelo medonho esgoto. Sou um monstruoso ingrato. Depois de ter sido a tua Providência, Cosette, foi-o também para mim. Imagina que havia ali um espantoso sorvedouro onde poderia afogar-se cem vezes, afogar-se em lama, e atravessou-o comigo! Eu tinha perdido os sentidos; não via nem ouvia nada, não podia saber coisa alguma da minha própria aventura. Vamos buscá-lo, trazê-lo connosco, queira ou não queira; não se há-de tornar a separar de nós; assim ele esteja em casa, assim nós o encontremos! Passarei o resto da minha vida a venerá-lo. Sim, deve ser isto, não te parece, Cosette? Foi a ele que Gavroche entregou a carta; bem compreendes, deste modo tudo se explica.

Cosette não compreendia uma única palavra.

— Deve ser assim, deve... — disse-lhe ela.

Entretanto, o fiacre continuava a andar para a rua do Homem Armado.

V — Noite, após a qual sucede o dia

Jean Valjean ouvindo bater na porta, voltou-se.

— Entre — disse com voz fraquíssima.

A porta abriu-se, e logo apareceram Cosette e Mário.

Cosette precipitou-se dentro do quarto.

Mário ficou à entrada da porta, em pé, encostado à ombreira.

— Cosette! — disse Jean Valjean; e ergueu-se com os braços abertos e trémulos, desmaiado, lívido, sinistro, com incrível alegria nos olhos.

Cosette, sufocada pela comoção, precipitou-se sobre o peito de Jean Valjean.

— Meu pai! — exclamou ela.

Jean Valjean, transtornado, balbuciava:

— Cosette! Ela! A senhora! És tu! Oh, meu Deus!

E estreitado pelos braços de Cosette, exclamou:

— És tu, estás aqui! Logo, perdoas-me!

Mário, baixando as pálpebras para impedir as lágrimas de cair, deu um passo e murmurou com os lábios convulsivamente contraídos para abafar os soluços:

— Meu pai!

— O senhor! Também o senhor me perdoa! — disse Jean Valjean.

Mário não pôde achar uma palavra para dizer: Jean Valjean acrescentou:

— Muito obrigado!

Cosette tirou o abafo e o chapéu e lançou-os sobre a cama.

— Está-me incomodando isto — disse ela.

E, sentando-se nos joelhos do ancião, afastou-lhe os cabelos brancos com um movimento adorável e beijou-o na fronte.

Jean Valjean, desvairado, não se opunha a estas carícias.

Cosette, que só muito confusamente compreendia a situação, redobrava de carinho, como se quisesse pagar a dívida de Mário. Jean Valjean balbuciou:

— Como se é estúpido! Então não acreditava eu que não tornaria a vê-la?! Imagine, senhor Pontmercy, que no momento em que os senhores entraram tinha eu dito comigo: Acabou-se tudo. Ali está o seu vestidinho: sou um desgraçado, não torno a ver Cosette: era o que eu dizia quando vinham subindo a escada. Estava idiota! Não contava com Deus! Pensas que te abandonam, pateta! disse Nosso Senhor: não, não há-de ser assim. Ora vamos, é um pobre velho que precisa de um anjo. E o anjo vem, e o triste torna a ver a sua Cosette, a sua Cosettesinha! Ah, sentia-me muito desgraçado!

Esteve um momento sem poder falar e depois prosseguiu:

— Eu tinha verdadeira necessidade de ver Cosette, por um bocadinho, de tempos a tempos. O coração parece que precisa dum osso para roer.

Entretanto bem conhecia que era demais, e forcejava por me convencer; não precisam de ti, deixa-te estar no teu canto, ninguém tem direito de se tornar eterno, dizia eu sem cessar. Mas, louvado seja Deus! Tornei a vê-la! Sabes, Cosette. Teu marido é um moço perfeito. Que bonito Colarinho bordado que trazes; gosto bem desse desenho. Aposto que foi escolhido por teu marido? Deixe-me tratá-la por tu, senhor Pontmercy, não será por muito tempo.

— Que maldade o deixar-nos de semelhante modo! Aonde é que foi? Por que se demorou tanto tempo? Dantes as suas viagens não duravam mais de três ou quatro dias. Todas as vezes que mandei a Nicolette saber notícias suas, respondiam-lhe que estava ausente. Quando foi que voltou? Porque não nos deu parte da sua chegada? Sempre está muito mudado! Que pai tão mau! Esteve doente -e nós sem o sabermos! Olha, Mário, como ele tem a mão fria!

— Ei-lo, enfim! Sempre me perdoa, senhor Pontmercy! — repetiu Jean Valjean.

A estas palavras, que Jean Valjean acabava de dizer pela segunda vez, tudo o que oprimia o coração de Mário achou saída, e como que detonou:

— Ouves, Cosette! A pedir-me perdão! E sabes tu o que ele me fez? Salvou-me a vida. Ainda fez mais: deu-me a ti. E depois de tudo isto, Cosette, o que fez ele de si mesmo? Sacrificou-se. Eis o que foi este homem! E é a mim, o ingrato, o esquecido, a mim o desapiedado, o culpado, é a mim que ele diz: Obrigado! Seria demasiadamente pouco o passar o resto da minha vida a seus pés. A barricada, o cano de despejo, a fornalha e a cloaca, tudo ele atravessou por mim e por ti, Cosette; conduziu-me através de todas as marés que ele afastava de mim, e que aceitava para si. Todas as voragens, todas as virtudes, todos os heroísmos, todas as santidades, possui-as ele! Este homem, Cosette, é um anjo!

— Caluda! — disse muito baixinho Jean Valjean — Para que havia de dizer tudo isso?

— Mas o senhor — exclamou Mário, com uma cólera em que havia veneração. — Porque o não disse? É também sua a culpa. Salva-nos a vida, para depois se ocultar! Faz ainda mais: como pretexto de se desmascarar, calunia-se. Foi muito mal feito!

— Não disse senão a verdade — respondeu Jean Valjean.

— Não — tornou Mário — a verdade, é a verdade inteira, e o senhor não a expôs. Era o senhor Madelaine, porque o não disse? Tinha salvo a Vida a Javert; do mesmo modo, porque o não disse? Devo-lhe a vida; porque o ocultou?

— Porque pensava como o senhor; achava-me toda a razão. Era preciso que me afastasse; e se o senhor soubesse a história do cano, ter-me-ia feito ficar

junto de si; portanto devia calar-me. Falando constrangeria tudo.

— Constranger o quê, a quem? — tornou Mário. Julga acaso que ficará aqui? Nós vimos buscá-lo. Meu Deus! Quando penso em que só por acaso soube tudo isto! Há-de ir connosco. O senhor faz parte de nós mesmos; é tanto pai de Cosette como meu. Não passará nem mais um dia nesta medonha casa. Não pense que estará amanhã aqui.

— Amanhã — disse Jean Valjean — não estarei aqui, mas não estarei em sua casa.

— O que é que diz? — replicou Mário. — Ora essa! Não lhe permitimos mais viagens, não tornará a Separar-se de nós; pertence-nos, não o deixamos mais.

— Desta vez é tudo pelo melhor — acrescentou Cosette — temos lá em baixo uma carruagem. Vou raptá-lo, e, se for preciso, emprego a força.

E rindo, fez a acção de erguer o velho nos braços.

— Em nossa casa ainda não deixou de haver o seu quarto — prosseguiu ela. -— Não faz ideia de como agora está bonito o jardim! As azáleas dão-se tão bem nele! As ruas estão todas cobertas de areia da praia, de sorte que se vêem por todos os lados muitas conchinhas roxas. Há-de comer dos meus morangos, que são regados por mim. E nada mais de senhora, nem de senhor Jean; estamos em república, toda a gente se trata por tu; não é assim, Mário? Alterou-se o programa. Se soubesse, meu pai! Passei por um grande desgosto: havia no jardim um pintarroxo que tinha feito o ninho num buraco da parede; pois foi comido por um horrendo gato. Meu pobre pintarroxinho, que deitava a cabeça de fora da sua janela para olhar para mim! Chorei muito, por causa disto; a minha vontade foi matar o gato! Mas agora já ninguém chora mais; toda a gente se ri, todos são felizes. Meu pai vai já daqui connosco. Como o avô ficará contente! Olhe que há-de ter também o seu canteirinho no jardim para cultivar, e veremos se é capaz de ter melhores morangos do que eu. Hei-de fazer tudo o que quiser: mas olhe que também me há-de obedecer.

Jean Valjean escutava-a sem a ouvir, ouvia-lhe mais a música da voz do que o sentido das palavras; uma volumosa lágrima, das que são sombrias pérolas da alma, ia-se-lhe vagarosamente formando no canto do olho.

— A prova de que Deus é bom — murmurou ele é que a vejo aqui.

— Meu pai! — disse Cosette.

Jean Valjean continuou:

— É realmente verdade que seria encantador o vivermos juntos. Têm as suas árvores cheias de passarinhos. Passearia com Cosette. Ver-se, falar-se a gente, chamar-se no jardim, é muito doce! Todos se vêem uns aos outros desde pela manhã. Cultivaríamos cada um o nosso cantinho de terra. Ela dar-

me-ia dos seus morangos e eu colheria para ela as minhas rosas. Seria encantador. Mas...

Interrompeu-se e disse brandamente:

— É pena!

A lágrima não se desprendeu, tornou a recolher-se, e Jean Valjean substituiu-a por um sorriso.

Cosette juntou nas suas, ambas as mãos do ancião.

— Valha-me Deus! — disse ela. — As suas mãos estão cada vez mais frias. Sente alguma coisa? Está doente?

— Eu? Não! — respondeu Jean Valjean. — Estou bom. Mas...

E calou-se.

— Mas, o quê?

— Morro daqui a pouco.

Cosette e Mário estremeceram,.

— Morrer? — exclamou Mário.

— Sim, mas isso não vale nada — disse Jean Valjean.

Tomou a respiração, sorriu-se e continuou:

— Estavas falando comigo, Cosette; fala, fala, continua.

O teu pintarroxinho morreu... Fala, deixa-me ouvir a tua voz.

Mário, petrificado, olhava para o velho.

Cosette soltou um grito despedaçador.

— Meu pai! Há-de viver, meu pai! Quero por força que viva!

Jean Valjean ergueu para ela os olhos com adoração.

— Sim, sim, proíbe-me que morra. Quem sabe? Talvez obedeça. Quando chegaram estava eu a morrer. A vossa chegada fez-me demorar: pareceu-me que renascia.

— Está ainda cheio de força e de vida! — exclamou Mário. — Então julga que se morre deste modo? Tem tido desgostos, mas não tornará a tê-los. Sou eu que lhe peço perdão, e de joelhos! Há-de viver e viver connosco, por muito tempo. Tornámos a possuí-lo. Doravante não teremos ambos senão um único pensamento: a sua felicidade!

— Bem vê — tornou Cosette debulhada em lágrimas — como o Mário diz que não há-de morrer.

Jean Valjean continuou a sorrir-se.

— O tornar-me a possuir, senhor Pontmercy, faria com que eu deixasse de ser o que sou? Não. Deus pensou como o senhor e como eu, e não muda de opinião: é útil que me vá. A morte acomoda tudo. Deus sabe melhor que nós o que nos convém. Que Sejam muito felizes, que o senhor Pontmercy possua Cosette, que a mocidade despose a manhã, que em torno de si, meus filhos,

tenham lilases e rouxinóis, que a vida lhes seja verdejante prado inundado de sol, que todos os encantos do céu lhes preencham a alma; e agora, eu que já não sirvo para nada, que morra; não tem dúvida que tudo isto assim deve ser. Ora, pois, sejamos razoáveis; já não há aqui possibilidade de mais nada; sinto tudo completamente acabado! Há uma hora, tive um desmaio. E depois, esta noite bebi toda a água que estava naquela bilha. Como é bondoso o teu marido, Cosette! Estás melhor com ele do que comigo.

Nisto, sentiu-se rumor à porta. Era o médico que entrava.

— Boa tarde e adeus, doutor — disse Jean Valjean. — Já aqui estão os meus pobres filhos.

Mário aproximou-se do médico e dirigiu-lhe uma única palavra:

— Doutor?...

Mas na maneira de a pronunciar havia uma pergunta completa.

O médico respondeu à pergunta com expressivo olhar.

— Por as coisas nos desagradarem — disse Jean Valjean — não devemos ser injustos para com Deus.

Seguiu-se um momento de silêncio. Todos os peitos se sentiam opressos.

Jean Valjean voltou-se para Cosette e pôs-se a contemplá-la como se o quisesse fazer para toda a eternidade.

Na profundidade da sombra a que já tinha descido, era-lhe ainda possível o êxtase olhando para Cosette. A reverberação daquele meigo rosto iluminava-lhe as pálidas faces. O Sepulcro pode ter também o seu deslumbramento.

O médico tomou-lhe o pulso.

— Eram os senhores o que lhe faltava! — murmurou ele, olhando para Cosette e para Mário.

E, inclinando-se para o ouvido de Mário, acrescentou muito baixinho:

— É tarde demais.

Jean Valjean, quase sem cessar de olhar para Cosette, observou Mário e o médico com a maior serenidade, e ouviram-lhe sair dos lábios estas palavras articuladas:

— Morrer é nada: não viver é que é medonho.

De repente levantou-se.

Estes regressos de força são por vezes o próprio indício da agonia.

Dirigiu-se com passos firmes para a parede, afastou Mário e o médico, que queriam ajudá-lo, dependurou o crucifixo de cobre que ali estava pendurado, tornou a ir sentar-se com toda a liberdade de movimentos próprios da mais perfeita saúde, e disse em voz alta, pondo o crucifixo sobre a mesa:

— Eis aqui o grande mártir!

Depois comprimiu-se-lhe o peito, sentiu uma tontura como se fora

acometido pela embriaguez do túmulo, e as duas mãos, apoiadas nos joelhos, começaram a raspar com as unhas o pano das calças.

Cosette Sustinha-lhe os ombros e, sufocada pelos soluços, diligenciava dirigir-lhe a palavra, sem o poder conseguir. Percebiam-se-lhe entre os sons misturados com a lúgubre saliva que acompanha as lágrimas, palavras como estas:

— Meu pai! Não nos deixe. Pois é possível que só o tornássemos a achar para o perder?!

Poder-se-ia dizer que a agonia serpenteia; adianta-se, recua, avança para o sepulcro e volta-se para a vida.

A acção de morrer é executada como que às apalpadelas.

Jean Valjean, depois desta meia síncope, recobrou o ânimo, sacudiu a cabeça como para expelir dela as trevas, e tornou-se quase plenamente lúcido. Pegou numa das mãos de Cosette e beijou-a.

— Tornou a si, doutor, tornou a si! — exclamou Mário.

— Têm ambos muito bom coração — disse Jean Valjean.

— Vou dizer-lhes o que tanto me mortificou. O meu desgosto, senhor Pontmercy, proveio do senhor não querer tocar naquele dinheiro, que é muito de sua mulher. Vou explicar-lhes Como o obtive; e é por isso mesmo que me dá tão grande contentamento o vê-los. O azeviche preto vem de Inglaterra, o claro da Noruega. Acharão tudo isto no papel que além está. Para os braceletes inventei eu os fios encadeados, em substituição dos que eram soldados, E mais bonito, melhor, mais barato. Já pode calcular quanto dinheiro é fácil ganhar por este modo. A riqueza de Cosette pertence-lhe. Conto-lhe estes pormenores para sossego do seu espírito.

A porteira subira a escada e fora espreitar pela porta entreaberta. O médico mandou-a retirar, mas não pôde evitar que a pobre mulher, antes de descer, gritasse, cheia de zelo, ao moribundo:

— Quer um padre?

— Já tenho um. — respondeu Jean Valjean.

E com o dedo pareceu designar um ponto acima de si, onde se diria que estava vendo alguém.

Era provável que o bispo assistisse, com efeito, àquela agonia.

Cosette, brandamente, colocou-lhe um travesseiro sobre os rins. Jean Valjean prosseguiu:

— Senhor Pontmercy, conjuro-o para que não tenha receio. Os seiscentos mil francos pertencem de direito a Cosette. Teria perdido toda a minha vida, se os não gozassem! Tínhamos chegado a obter a perfeição naquele género de fabrico. Os nossos produtos rivalizavam com os que vinham de Berlim. Por

exemplo, não pode competir-se com a missanga preta da Alemanha, Uma grossa, que contém mil e duzentas contas bem acabadas, custa apenas três francos.

Quando está para morrer um ente que nos é caro, o olhar parece agarrar-se a ele e querer detê-lo. Ambos mudos de aflição, não sabendo que dizer à morte, trémulos e sem esperança, conservaram-se diante dele, Cosette apertando a mão a Mário.

Jean Valjean declinava de instante para instante.

Baixava, aproximava-se do horizonte Sombrio. A respiração tornara-se-lhe intermitente, entrecortada pelo estertor.

Custava-lhe a mover o antebraço, os pés haviam perdido todo o movimento; e ao passo que a fraqueza dos membros e o desfalecimento do corpo crescia, toda a majestade da alma se lhe patenteava e desenvolvia na fronte. A luz do mundo desconhecido era-lhe já visível.

O seu rosto empalidecia e sorria ao mesmo tempo.

A vida já ali não estava, era outra coisa em seu lugar.

O alento diminuía, a vista aumentava. Era um cadáver em que se sentiam asas.

Fez sinal a Cosette e depois a Mário para que se aproximassem — era evidentemente o último minuto da última hora — e começou a falar-lhes com voz tão fraca que parecia vir de longe, e que faria supor, desde então, a existência de muralha entre ele e aqueles a quem se dirigia.

— Aproximem-se, aproximem-se ambos, quero-lhes muito. Oh, como é bom morrer! Tu também me queres muito, minha Cosette? Eu bem sabia que nunca deixaras de ter amizade ao teu pobre velho. Fizeste bem em me teres posto esta almofada debaixo dos rins! Hás-de chorar por mim, não é verdade? Não muito. Não quero que tenhas desgostos profundos. Devem divertir-se muito, meus filhos. Esqueci-me de lhes dizer que nas fivelas sem bico, se ganhava mais que em todos os outros objectos. Cada grosa, doze dúzias, saía por dez francos e vendia-se por sessenta. Era realmente um bom comércio. Não devem causar-lhe espanto os seiscentos mil francos, senhor Pontmercy. É dinheiro honrado. Podem gastá-los sem escrúpulos. Deverão ter uma carruagem, de tempos a tempos um camarote nos teatros, bonitos vestidos de baile, minha Cosette; dar bons jantares aos seus amigos, serem muito felizes. Ainda agora estava escrevendo a Cosette, que há-de aí achar a minha carta. É a ela que eu deixo os dois castiçais que estão sobre o fogão. São de prata, mas para mim, são eles de oiro, são de diamantes; transformam em círios as velas que se lhes põem. Não sei se aquele que mos deu estará satisfeito comigo, lá em cima. Fiz quanto pude. Meus filhos, não se esqueçam nunca de que sou um

pobre: far-me-ão enterrar no canto de terra mais obscuro, onde só porão uma pedra, para designar o sítio. É esta a minha vontade; e sobre a pedra nada de nome. Se Cosette ali quiser ir algumas vezes dar-me-á prazer; e o senhor também, senhor Pontmercy. É preciso que lhe confesse que nem sempre lhe fui afeiçoado. Peço-lhe que me perdoe. Agora, ela e o senhor não são para mim mais do que um só. Devo-lhe: muito reconhecimento. Tenho a consciência que faz a felicidade de Cosette. Não faz ideia, senhor Pontmercy, as suas lindas faces coradas eram a minha alegria; quando a via um tanto pálida ficava triste. Na cómoda está uma nota de quinhentos francos. Não lhe toquei, é para os pobres. Olha, Cosette, vês o teu vestidinho, ali em cima da cama? Lembras-te dele? E contudo há apenas dez anos. Como o tempo passa! Fomos muito felizes! Ora, pois, acabou-se tudo. Não chorem, meus filhos, não vou para muito longe; vê-los-ei de lá. Bastar-lhes-á olhar, depois de anoitecer, para me verem sorrir. Cosette, lembras-te de Montfermeil? Estavas na mata, toda cheia de medo; lembras-te de quando te peguei na asa do balde? Foi a primeira vez que eu toquei na tua pobre mãozinha; estava tão fria! Ah, nesse tempo tinha as mãos vermelhas, minha menina, agora tem-nas muito brancas. E a boneca muito grande! Lembras-te? Chamavas-lhe Catarina. Que pena sentias de não a teres levado para o convento! Quantas vezes me fizeste rir, meu anjinho! Quando tinha chovido, deitavas tu palhinhas nos regatos e punhas-te muito admirada a vê-las ir levadas pela água. Num dia dei-te uma raqueta de vime e um volante com penas amarelas, azuis e verdes. Já te não lembras. Foste tão traquina enquanto pequenina! Não fazias senão brincar. Quando tinhas ginjas nunca as deixavas de as pôr nas orelhas à maneira de brincos. Tudo isto já lá vai. As matas por onde um homem passa com sua filha, as árvores que lhe deram abrigo, os conventos onde se Ocultaram, os brinquedos, os singelos risos da infância, é tudo sombra. Tinha chegado a imaginar que tudo isto me pertencia: esta é que foi a minha loucura. Aqueles Thenardier foram muito maus; é preciso perdoar-lhes. Cosette, chegou o momento de te dizer o nome de tua mãe. Chamava-se Fantine. Ajoelha sempre que o pronunciares. Sofreu muito e queria-te ainda mais. Teve de infelicidade tanto quanto tu tens tido de ventura. São partilhas feitas por Deus, que está lá em cima, que nos vê a todos, e que sabe o que faz no meio das suas grandes estrelas. Vou-me, meus filhos. Amem-se sempre muito. Não têm já no mundo outra coisa a fazer senão amarem-se. De vez em quando lembrar-se-ão do pobre velho que aqui morreu. Ó minha Cosette, não fui culpado, vamos, de te não ver sempre durante este último tempo, o que me fazia estalar o coração; ia até à esquina da rua e devia produzir extraordinário efeito à gente que me via passar; andava como louco; uma vez até saí de casa

sem chapéu. Meus filhos, já não estou a Ver muito bem; tinha ainda muitas coisas a dizer, mas é o mesmo. Lembrem-se um pouco de mim. São entes abençoados. Não sei o que tenho, estou vendo luz. Cheguem-se mais. Morro feliz. Deixem-me pôr as mãos sobre as suas queridas cabeças.

Cosette e Mário ajoelharam, desorientados, sufocados pelas lágrimas, cada um sob uma das mãos de Jean Valjean. Aquelas mãos augustas já não se moviam.

Tinha-se encostado para trás; a luz dos dois castiçais iluminavam-no; o seu rosto descorado olhava para o céu e deixava Cosette e Mário cobrir-lhe as mãos de beijos; estava morto.

A noite não tinha estrelas e era profundamente escura.

Sem dúvida, no meio da sombra, estava de pé algum anjo imenso de asas abertas, esperando a alma.

VI — A erva esconde e a chuva apaga

No cemitério do Père-Lachaise, nas proximidades da vala comum, longe do bairro elegante daquela cidade dos sepulcros, longe de todos aqueles túmulos de fantasia, que ostentam em presença da eternidade as hediondas modas da morte, num canto deserto, ao pé de um velho muro, debaixo de um grande teixo, revestido de trepadeiras, entre moitas de erva e de musgo, há uma pedra. Esta pedra não está mais isenta que as outras das lepras do tempo, do bolor, de musgo e do excremento dos passarinhos. A água torna-a esverdinhada, o ar enegrece-a.

Não está próxima de nenhum caminho e ninguém vai para o lado dela, porque a erva ali é alta e num momento se molham os pés. Quando há Sol vão ali os lagartos. Em torno há um estremecimento de folhagem.

Na Primavera cantam nas árvores as toutinegras.

Esta pedra está completamente nua,

Não pensaram talhá-la, senão no que era necessário para o túmulo; só tiveram em vista fazê-la bastante comprida e estreita, para que só cobrisse um homem.

Não tem nome nenhum.

Há já bastantes anos, porém, houve quem escrevesse nela a lápis estes quatro versos, que a pouco e pouco se tornaram ilegíveis, pela acção da chuva e da poeira, e que decerto estão hoje de todo apagados:

Dorme. Viveu na terra em luta contra a sorte
Mal seu anjo voou, pediu refúgio à morte
O caso aconteceu por essa lei sombria
Que faz que a noite chegue, apenas foge o dia!

NOTAS

1 — Faça favor de se compor antes de sair.

2 — «Liège» significa cortiça.

3 — «Peau» significa pele.

4 — Este parêntesis é do próprio punho de Jean Valjean.

5 — Formigas brancas.

6 — Assim chamavam aos antigos grilhetas.

7 — «Pibroch» é o canto guerreiro dos escoceses, mas a palavra é aqui empregada pelo autor, indicando o fole do instrumento.

8 — «Uma batalha terminada uma jornada concluída, reparação de medidas mal tomadas a certeza do melhor bom êxito no dia seguinte tudo se perdeu por um momento de terror pânico.» («Napoleon», Dictees de Saint-Helene)

9 — *Três erguidos madeiros se levantam,*
Do que pendem três corpos, e diferentes
São os motivos. Num, que ao lado fica,
É Dismas, noutro Gesmas, e no meio
De ambos, jaz a divina potestade.
Busca Dismas salvar-se; infeliz, Gesmas,
Contra o céu blasfemando, irado ruge.
Deus o que é nosso e a nós p'ra sempre guarde.
Estes versos repete, e preservado
De ladrões, viverás seguramente.

10 — Hospital de doidos.

11 — Calemburgo intraduzível, como quase todos. «Cinq louis» pronuncia-se do mesmo modo que Saint Louis: eis o equívoco.

12 — Asas em francês (*ailles*) tem o mesmo som que a letra L.

13 — Grantaire tem a mesma pronuncia que «Grander, ou «Regrand»; origem e explicação da assinatura.

14 — Aprendiz de pintor.

15 — Mulher.

16 — Já uma vez indicámos a gaguez de Toussaint; seja-nos lícito, portanto, não a tornar a acentuar. Repugna-nos fazer a notação musical de um defeito.

17 — Esgrimir com a polícia.

18 — Beleguins, espiões da polícia.

19 — Que bela noite para uma evasão.

20 — Vamo-nos embora! O que estamos aqui a fazer?

21 — A chuva parece querer apagar o fogo do diabo. Não tarda que passe a gente da polícia e o soldado que ali está de sentinela? Vamos fazer com que nos prendam aqui.

22 — O que estás para aí a dizer! O estalajadeiro não pôde evadir-se. Não sabe nada do ofício. Para fazer em tiras a camisa e rasgar os lençóis da cama para ter uma corda, para fazer buracos nas portas, para fazer chaves falsas, cortar os ferros, deitar para fora a corda, ocultar-se e disfarçar-se, é preciso ser esperto! O velho não pôde fugir, não sabe trabalhar!

23 — O teu estalajadeiro deixou-se prender na fuga! É preciso ser esperto e desembaraçado. Deixou-se iludir por algum espião, ou por as boas palavras de algum denunciante! Escuta, Montparnasse, ouves gritos na prisão? Vistes os archotes? Pois foi apanhado. Ficará quite com os seus vinte anos! Eu não tenho medo, não sou poltrão, todos o sabem, mas já aqui não há que fazer, e se não nos safarmos, pode a coisa sair-nos mal. Não te zangues, vamos todos beber uma garrafa de tinto velho.

24 — Afirmo-te que o estalajadeiro a estas horas está preso, não vale um soldo! Já não vemos aqui nada; vamo-nos embora. Está sempre e parece-me que vejo um polícia pronto a deitar-me a mão!

25 — Uma corda (calão do Templo).

26 — A minha corda! (calão das barreiras).
27 — Um homem.
28 — Um rapaz (calão do Templo).
29 — Um rapaz (calão das barreiras).
30 — Como o tal rapazinho tem a língua comprida!
31 — O rapazinho parisiense não é feito de palha molhada.
32 — Com esta corda.
33 — E que amarres a corda.
34 — No alto do muro.
35 — No varão da janela.
36 — Filha.
37 — Roubar.
38 — A rapariga não é parva.
39 — *O último dia de um condenado.*
40 — Patear a peça.
41 — Achareis nessas bisbilhotices uma quantidade de razões para que eu me liberte.
42 — Frecheiro. Cupido.
43 — Não compreendemos como Deus, o pai dos homens, pode atormentar os seus filhos e os seus netos e ouvi-los, gemer, sem se sentir atormentado.
44 — Comer.
45 — «Partir um vidro» por meio dum emplastro de massa, que apoiado no vidro, lhe segura os fragmentos e evita o ruído.
46 — Não rangerá com a serra.
47 — Cortar.
48 — Trabalhar aqui.
49 — Navalha.
50 — Luíses, escudos ou soldos.
51 — Pantin, Paris.
52 — Em linguagem popular: erro, descuido, falta de habilidade.
53 — O casamento em dia de entrudo não terá filhos ingratos.
54 — Piar sagrado: beber vinho.